UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARTA GOUVEIA DE OLIVEIRA ROVAI

OSASCO 1968:
A GREVE NO FEMININO E NO MASCULINO
Versão Corrigida

V.I

São Paulo

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

OSASCO 1968:
A GREVE NO FEMININO E NO MASCULINO

Versão Corrigida

Marta Gouveia de Oliveira Rovai

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy
De acordo.

V.I

São Paulo

2012

Autorizo a divulgação ou reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

O original desta tese encontra-se disponível na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP, no Programa de Pós-Graduação em História Social.

*Aos meus pais, João e Maria José,
Exemplos de vida e dedicação, luzes do meu caminho.*

*Ao meu esposo, César,
Aos meus filhos, Rafael e Paula,
Amados companheiros de minha jornada.*

*A José Groff e Inácio Gurgel,
Símbolos da memória coletiva.*

Agradecimentos

Ao meu orientador, José Carlos Sebe Bom Meihy, pelo ensinamento, pela acolhida e extrema generosidade.

Aos professores Zilda Márcia Grícoli Iokói e Dante Marcello Claramonte Gallian, pelas orientações e contribuições.

Aos carinhosos amigos do Neho, Archimedes, Eduardo, Fabíola, Gláuber, Juniele, Leandro, Marcel, Marcela, Márcia, Suzana, Vanessa Generoso e Vanessa Rojas, pelos momentos de aprendizado e amizade.

Aos meus amados pais, Maria José e João Evangelista, pelo amparo e amor sempre.

Ao meu querido esposo César, por todo amor e paciência que me dedicou nos momentos de ansiedade.

Ao meu filho Rafael, pelo seu sorriso que alimenta em mim todos os dias a vontade de viver.

À minha pequena Paula, pela fiel e doce companhia dormindo ao meu lado enquanto eu trabalhava.

Aos meus irmãos, Isaac, Clara e Tunico, pela lealdade e companheirismo que sempre nos fizeram irmãos e amigos.

Aos meus queridos alunos, cúmplices de minhas utopias, pelo afeto e confiança.

Às mulheres e aos homens que se dispuseram a contar suas histórias nesse trabalho, por me permitirem testemunhar.

Obrigada!

Resumo

Esta pesquisa teve como proposta escutar, construir de forma dialógica e analisar as narrativas orais de história de vida de trabalhadores, estudantes e donas de casa que tiveram sua trajetória marcada por uma greve realizada durante regime militar, em 1968, na cidade de Osasco. O acontecimento vivenciado por eles teria sido breve devido à repressão, mas seu significado teria ultrapassado o tempo físico e se prolongado no tempo da memória.

Com a redemocratização, na década de 1980, depois do longo silenciamento produzido pelo regime autoritário, as memórias subterrâneas emergiram. Desde 1987, acompanhei a atuação dessa colônia, profundamente marcada por perdas e traumas, e também por projeções políticas e sociais que ainda se delineiam no horizonte futuro. Foi possível perceber nesse espaço identitário, alimentado constantemente pelo grupo, um esforço para romper com estereótipos negativos e lutar contra o esquecimento e certa memória forçada pelo regime autoritário.

O consenso nos discursos masculinos mostrou a construção da memória de expressão oral coletiva, de operários e operários-estudantes que se envolveram na greve e em outros movimentos posteriores de combate à repressão. Os relatos revelaram também constantes negociações, licenças, silenciamentos e limites entre eles.

O silenciamento percebido nas narrativas não foi aquele apenas relativo ao patrocinado pelo regime autoritário, mas também com relação à quase invisibilidade das mulheres na memória oral dos homens.

Nesse sentido, procurei perceber como as relações de gênero se manifestaram na constituição da memória coletiva sobre a greve em Osasco no ano de 1968. Utilizando os pressupostos da história oral testemunhal, busquei atentar para as formas de lembrança, os diferentes significados e os traumas vivenciados por elas e eles em sua condição de gênero, em decorrência da experiência do movimento operário e da repressão da ditadura militar.

Em especial, por meio das narrativas, quis dar visibilidade a uma história das mulheres marcada pelo jogo de gênero, no processo de resistência à ditadura ao lado dos homens.

Palavras-chave: greve em Osasco; ditadura militar; memória; gênero; história oral testemunhal.

Abstract

This research project had as its objective to listen to, build in a dialogic way and analyze the oral narratives of the life history of workers, students and housewives who had their careers marred by a strike held in the city of Osasco in 1968, during the military regime. The event promoted by them had been brief because of the repression, but its meaning exceeded the physical time and prolonged itself in the senses of time and memory.

With democratization in the 1980s, after the long silence caused by the authoritarian regime, groundwater memories emerged. Since 1987, I have accompanied the performance of this colony, deeply marked by losses and traumas, and also by political and social projections that are still outlined in the future horizon. It could be observed in this area of identity, constantly fed by the group, an effort to break negative stereotypes and fight an oversight forced by the authoritarian regime.

The consensus in the male dialogues showed the construction of the collective oral memory of workers, students and workers who were involved in the strikes and other movements subsequent to the fight of repression. The accounts also revealed constant negotiations, licenses, silence and boundaries between them.

The perceived silence seen in the accounts was not just that related to that sponsored by the authoritarian regime, but also with respect to the near invisibility of women in the oral memory of men.

In this sense, I tried to understand how gender relations are expressed in the formation of the collective memory on the 1968 strike in Osasco. Using the assumptions of oral history testimony, I tried to give attention to the forms of memory, the different meanings and the trauma that remained due to the consequences of the labor movement as experienced by each group as defined by their gender.

In particular, through the narratives, I wanted to give visibility to women's history marked by the play of gender in the process of resistance to the dictatorship alongside men.

Key words: strike in Osasco; military dictatorship; memory; gender; oral history testimony.

Iracema

Quando a Dilma foi eleita, senti uma emoção enorme! Lavei a alma!

Era como se eu estivesse lá, desfilando, uma mulher!...

Iracema. Apenas. Mulher sem direito a sobrenome, como ela mesma se apresentou em nossa primeira entrevista.

Iracema. Anagrama de América. Identidade de dominação e de resistência.

A mulher que fala com os olhos, azuis, brilhantes e lacrimejantes, de forma pausada e tonalidade baixa, carrega sem saber, a memória compartilhada e representativa de tantas vidas semelhantes, sua comunidade de destino e afeto. No Brasil e na América Latina. A trajetória dos *chamados* anônimos – anônimos não existem – nas sombras das ditaduras.

Na leitura de seu texto transcrito, quando do nosso último encontro, Iracema argumentou de forma diferente, com as palavras acima. Pediu, com os olhos altivos e firmes, que elas complementassem sua narrativa.

Partilhei o pedido de Iracema para apresentar o tema de meu estudo. Suas colocações são emblemáticas para a compreensão de que o passado, aquilo que entendemos como antes, está inteiramente vivo naquilo que somos e dizemos.

Este é um trabalho sobre memória. Tempo vivo. Texto aberto. Constantemente inacabado, recriado, esgarçado. Memória – ou memórias – sobre a condição de mulher. Também de ser homem, num contexto de opressão, durante a Ditadura Militar brasileira.

As palavras de Iracema nos remetem, num primeiro instante, à singularidade, à suposta pequenez, para depois nos mostrar o quão coletivamente sua memória está entrelaçada não só pelo sofrimento, mas pela potencialidade, pela uchronia e pelo desejo. Sua narrativa é marcada pelo olhar feminino, diante de duas formas de opressão entrecruzadas: o regime autoritário e os homens autoritários.

Filha de camponeses. Cozinheira. Mãe. Irmã de dois trabalhadores-estudantes e grevistas; guerrilheiros presos e torturados; um morto, outro exilado. Iracema conheceu o quase anonimato, a dificuldade financeira, a prisão, a tortura, o exílio, a morte e a perda. Oprimida por ser mulher. Resiliente por ser mulher. Como Antígona, tirou da adversidade sua força, enfrentou o poder, enterrou seu irmão morto. Imagina-se ali, como a presidente Dilma, diante do passado presentificado e inacabado, com dignidade. É, para mim, a síntese deste trabalho.

SUMÁRIO

HISTÓRIA DO PROJETO	11.
1. A CIDADE DE OSASCO NO CENÁRIO NACIONAL	23.
1.1. O mito fundador: a cidade dos italianos	24.
1.2. A cidade dos “operários-estudantes”	28.
1.3. A greve de 1968	37.
2. HISTÓRIA ORAL TESTEMUNHAL: MULHERES E HOMENS DA COLÔNIA OSASQUENSE	43.
2.1. A memória de expressão oral sobre a greve de Osasco em 1968	44.
2.2. Memória subterrânea e invisibilidade feminina	47.
2.3. Gênero: oposição?	52.
2.4. A pesquisa com história oral testemunhal	54.
3. A MEMÓRIA MASCULINA SOBRE A GREVE DE OSASCO	63.
3.1. A memória coletiva	64.
3.2. O Grupo Osasco e a peculiaridade osasquense no cenário nacional	70.
3.3. A Frente Nacional do Trabalho e o papel da Igreja na formação operária osasquense	82.
3.4. A negociação na memória masculina: os marcos coletivos	90.
3.5. A greve de Osasco e seus significados	110.
4. A IDENTIDADE FRATURADA: REPRESSÃO E RESISTÊNCIA APÓS A GREVE	129.
4.1. A repressão sobre a greve	130.
4.2. Osasco: a cidade do crime	137.
4.3. A luta clandestina do Grupo de Osasco	142.
4.4. Osasco: a cidade exemplo	146.
5. MEMÓRIA AFETIVA E PERFORMANCE DE GÊNERO: AS MULHERES NA GREVE DE OSASCO	159.

5.1.	A história oral e a experiência das mulheres na ditadura militar	160.
5.2.	Tecer a liberdade: as Penélopes de Osasco	172.
5.3.	A ignorância ou a invisibilidade feminina	173.
5.4.	Do medo ao jogo de gênero: a luta das mulheres	189.
5.5.	O pessoal tornou-se político e o político pessoal	203.
5.6.	Agir às escuras: outras táticas de resistência	225.
6. AS FERIDAS DA MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE DOR, CORAGEM E AFETO		
6.1.	O trauma e a história oral testemunhal	232.
6.2.	A tortura como desestruturação das subjetividades	241.
6.3.	O testemunho como denúncia	270.
6.4.	Diante da dor do outro: testemunhos da demolição	275.
6.5.	As presenças ausentes	279.
6.6.	Iracema e João: a coragem de Antígona	288.
7. O EXÍLIO E AS LUTAS FEMININAS PELA REDEMOCRATIZAÇÃO		297.
7.1.	Sobre partir...	298.
7.2.	Sobre ficar e sentir-se exilado	310.
7.3.	A reinvenção da política	316.
7.4.	A presença feminina na luta pela Anistia	326.
7.5.	O dever da memória contra a injustiça da Anistia	337.
7.6.	Narradoras e narradores aconselham...	344.
CONSIDERAÇÕES FINAIS		358.
BIBLIOGRAFIA		367.
ANEXOS (V.II)		380.

OSASCO

Arquiteto na madrugada
Aqui uma outra cidade
Sem o alinhô de Brasília
Nem o desalinho barroco
Mas cidade que adormecida
Não ouve meu acalanto
Arquiteto esta cidade
Onde um dia paineiras
Vestiram de rosa as saias
De um Tietê que morreu

Arquiteto esta cidade
Onde foi nossa a rua
Onde no bolso a lua
Deslizou na madrugada
Arquiteto esta cidade
E de guizos calço calçadas
Pra quando por ela andarem
Os pobres e os poetas
Em tudo se escute música

Descerrou nessa cidade
A nuvem de cinza e chumbo
E é sem cal e cimento
Que esta cidade invento
Ali azaléias
Solto pombos e gaivotas
E nela tento encontrar
Entre paralepípedos
Quem sabe um pau-brasil
Quem sabe o amigo morto

Risomar Fasanaro

HISTÓRIA DO PROJETO

Nascer e crescer na cidade de Osasco, nas décadas de 70 e 80, não era tarefa fácil. As imagens construídas pela mídia e pelo discurso do regime militar sobre os habitantes dessa região da Grande São Paulo sempre provocaram certo incômodo, e até mesmo a vergonha de seus habitantes quanto à associação ao crime e a acontecimentos bizarros, como “bebês diabos”, assassinos como Carlos Lamarca e “loiras do banheiro”.

Essas histórias não eram exclusivas de Osasco, mas nos marcavam profundamente. Lembro bem do sentimento de incompreensão e inferioridade que muitas vezes me tomava a alma quando criança ou adolescente, na presença de outros colegas. Envergonhava-me residir num lugar assim, supostamente tão violento, e sempre fui estimulada pelos meus irmãos a dizer que morávamos nas redondezas de São Paulo, nunca no “município da criminalidade”, tema recorrente na mídia¹.

Sentia-me tomada por grande estranhamento: a cidade que eu tanto gostava não era minha. Não pertencia a ela e ela não me pertencia. Havia certa discrepância entre o que desejava e sentia e aquilo que via na imprensa e ouvia nas opiniões de colegas. Vivenciava a interdição imposta pela ditadura militar, assim como sua intervenção no imaginário sobre Osasco e, menina, não sabia traduzi-las, decifrá-las. Quando ingressei na Faculdade de História, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, na década de 80, desgostava das definições sobre o que eu deveria ser e de onde vinha: “a cidade onde Judas perdeu as botas”, “aquela depois do abismo”, “a região da bandidagem”. Era muito difícil estabelecer a ideia de pertencimento à definição construída fora de mim.

Esse sentimento permaneceu quando comecei a ministrar aulas, principalmente nas escolas paulistanas. Parece que havia – e ainda há – certa tensão entre o bairro suburbano que conquistou sua autonomia, Osasco, e seu antigo centro, a cidade de São Paulo, traduzida nas frases desqualificadoras sobre seus habitantes.

Em 1987, trabalhava no colégio Ceneart, quando observei tímida movimentação do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco no sentido de romper com essa situação incômoda². Os operários procuravam tornar pública a história de uma greve ocorrida em

¹ Na década de 1970 era muito comum os jornais, principalmente o conhecido *Notícias Populares*, apresentarem manchetes sobre crimes e acontecimentos grotescos na cidade (como um estupro realizado por um bode). Programas dominicais comandados pelo apresentador Sílvio Santos costumavam fazer chacota dos habitantes de Osasco, intitulada como “a cidade do crime” por um “documentário especial” da televisão.

² Fundado em 1952 com o nome de Grupo Escolar Antonio Raposo Tavares (Geart), o Ceneart (Colégio e Escola Normal Estadual Antonio Raposo Tavares) teve papel importante na formação dos principais

1968, por meio de palestras dirigidas aos alunos³. Lembro bem como fiquei espantada com minha ignorância sobre aquele evento e me encantei ao ouvir aquelas pessoas contando sobre fatos que eu desconhecia e que, aos poucos, iam clareando dúvidas sobre a história da cidade com a qual gostaria de me identificar.

Era exatamente o oposto do que havia escutado até então: “Não somos bandidos. Somos lutadores. Não somos ‘o fim do mundo’ mas, por escolha, aqueles que emanciparam a cidade em relação a São Paulo; aqueles que escolheram deixar de ser periferia”. Falava-se sobre a ditadura militar, a organização dos sindicatos e grêmios, a repressão sofrida pelos estudantes-operários, suas prisões e exílios. O esquecimento a que foram submetidos nos anos de autoritarismo. Dessa forma, nova cidade emergia para mim, num processo de conhecimento e reconhecimento, na qual me espelhava e me sentia à vontade.

Aproximei-me de alguns sindicalistas que discursavam na quadra da escola e ali marquei a primeira entrevista, com o operário José Groff. Nasceu ali meu desejo em pesquisar sobre a greve ocorrida em 1968. Do desejo fiz projeto de monografia, repleto de problemas de acordo com alguns professores da Graduação, que entendiam história oral como algo novo e inconsistente. Encontrei, logo de início, forte resistência por parte deles em aceitar um trabalho que lidasse apenas com a oralidade. “Isso não é história”, afirmavam. Ou então diziam: “Um historiador não deve colocar-se na pesquisa. Ela deve ser objetiva e imparcial”.

Do encantamento com o tema, seguiu-se a frustração. No Mestrado, em 1995, ainda na Pontifícia Universidade Católica, abandonei a ideia de dar prosseguimento à pesquisa com fontes orais. Embora tivesse muita vontade de entrevistar pessoas que tivessem feito parte da organização *Juventude Brasileira* durante o governo Vargas – esse era o meu novo tema – acabei me restringindo aos documentos escritos relacionados com a formação dessa instituição e com o imaginário construído sobre ela pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)⁴.

quadros políticos e também dos operários que conduziram a greve no ano de 1968. Sobre sua história, sugiro a leitura da tese de Doutorado de Sônia Martin, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, *A Escola Secundária e a Cidade: Osasco, anos 1950/1960* (2006).

³ A greve dos operários em Osasco foi uma das poucas ocorridas durante o período militar, além de Contagem (MG), que também aconteceu em 1968, e ABC, em 1978. Ela teve pouca duração, sendo reprimida no mesmo dia em que teve início, 16 de julho. Pouco conhecida pela população osasquense, apresentou dimensões e significados que, no entanto, marcaram a história de vida daqueles que dela participaram de forma direta ou indireta.

⁴ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Caminhos Cruzados: os projetos de organização nacional da Juventude Brasileira durante o Estado Novo (1937/45)*, dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, 1998.

Os encontros e manifestações dos ex-operários e operários continuavam a chamar minha atenção. Acompanhei várias atividades promovidas por eles e pensei em retomar o projeto inicial. Na cidade de Osasco, esse grupo não só ocupou espaços públicos, como também políticos, gradativamente: promoveu debates em sindicatos nos anos 90; apoiou a fundação do Instituto Zequinha Barreto, em 2003; organizou exposições como *1968: memórias de uma história de luta* e a produção da peça de teatro *68+40*, ambos em 2008; participou do curta-metragem *Primeiro de Maio Não é Primeiro de Abril*, de Rui de Souza, em 1990, e do documentário *Osasco é o exemplo: 1968*, de Luís Moura, em 2011⁵. Desde a eleição do prefeito Emídio de Souza, do Partido dos Trabalhadores, alguns participantes da greve passaram pela Secretaria da Cultura ou exerceram cargos que deram cada vez maior visibilidade ao acontecimento.

Toda essa ebulição fez com que eu retomasse as entrevistas em 2005 e continuasse a acompanhar o movimento dos ex-grevistas em favor de uma memória resistente, que procurava – e ainda procura – opor-se ao discurso sobre Osasco e ao silenciamento produzido pelas autoridades do regime militar. Reiniciei minha pesquisa preocupada não exatamente com a greve, porque o que me fascinava era a vivacidade do movimento daquelas pessoas, a preocupação delas em ressignificar a história e recolocar-se nela. Queria entender o sentido do evento para aquela comunidade.

Procurei, então, a mesma pessoa com quem havia falado em 1987: **José Groff**, operário aposentado e membro da Frente Nacional do Trabalho. No ano de 1968, ele era o presidente da comissão de fábrica da Cobrasma e acabou sendo o *ponto zero* de minha pesquisa⁶. Por duas vezes nos encontramos em minha casa, entre 2005 e 2006, e mais uma vez, em 2007, quando ele se dispôs a contar sua história a meus alunos. Bom conversador, com forte sotaque interiorano e tranquilidade ao falar, ele me indicou vários nomes de companheiros com os quais poderia entrar em contato. Falava da greve com orgulho. Antes de morrer, em 2010, quando pedi autorização para publicar sua narrativa, disse-me: “Marta, se lhe dei entrevista, não preciso autorizar. Minha história é para ser contada; ela é do mundo”.

No longo processo de escutas que se alargou nos últimos anos procurei aprender com os relatos desses homens, sobre seus sentimentos, suas expectativas para a

⁵ O Instituto Zequinha Barreto foi fundada em 2003 para homenagear José Campos Barreto. Ele foi estudante-operário em Osasco, militou no grupo armado Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e foi assassinado junto com o capitão Carlos Lamarca em 1971.

⁶ José Carlos Sebe Bom Meihy, definiu o ponto zero como a pessoa que “conheça a história do grupo ou com quem se queria fazer a entrevista central”. Ela seria a “depositária da história grupal ou a referência para histórias de outros parceiros”. (MEIHY, 2005, p.178)

sociedade, e a memória de expressão oral individual e coletiva que mantinha sua identidade de grupo. Diferente da memória escrita, organizada e calculada, a memória de expressão oral é ativa, contínua e está sendo sempre recriada a cada encontro. Foi esta vivacidade que me impulsionou para a pesquisa colaborando para construir minha própria identidade.

Mantive contato, então, com **João Joaquim**, ainda em fevereiro de 2005, ex-operário, atualmente alfabetizador e sindicalista. Sua entrevista aconteceu na companhia de José Groff. Ambos se ouviram, em silêncio, respeitando a narrativa de cada um; mesmo assim, era possível sentir a sintonia entre os dois e observar os acenos com a cabeça e os risos partilhados.

Em março de 2005, recebi em minha casa **Albertino de Souza Oliva**, advogado que trabalhava no Departamento de Pessoal da fábrica Cobrasma e depois passou a atuar no sindicato para os trabalhadores e na Frente Nacional do Trabalho, em São Paulo. Cristão convicto, ele entendeu que o movimento operário foi a possibilidade de sua “conversão para o bem”.

Realizei mais duas entrevistas entre março e abril de 2005, também em minha casa, com dois ex-operários-estudantes e militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) nos anos 60: **Roque Aparecido da Silva e Antonio Roberto Espinosa**. Com o primeiro foram dois encontros, um deles posteriormente em seu gabinete, quando Secretário da Cultura de Osasco, em 2007. Roque foi trocado pelo embaixador da Suíça na onda de sequestros políticos durante a ditadura militar. Sociólogo, ele apresentou narrativa pausada e didática, extrapolando a greve para a luta armada, ambas marcantes em sua vida. Espinosa, estudante, guerrilheiro da VPR e preso político, atualmente filósofo e jornalista, falou em longa conversa, que durou cerca de quatro horas.

Os dois últimos entrevistados foram **José Ibrahim e Inácio Pereira Gurgel**. O primeiro me recebeu em seu escritório quando se candidatava a cargo político em São Paulo, em outubro de 2006. Estudante secundarista e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco na época da greve, ele participou da luta armada pela VPR, junto com Espinosa e Roque Aparecido. Foi preso e exilado e atualmente é consultor de sindicatos. Fumando cigarro enquanto falava, chegou a se emocionar por diversas vezes, principalmente quando se referia a seus pais e a fatos mais delicados de sua vida política. Inácio Gurgel, entrevistado em agosto, era participante da Frente Nacional do Trabalho e das Comunidades Eclesiais de Base, e continuou a atuar nelas até a sua

morte em 2011. Pessoa extremamente sensível fez um dos relatos mais vivos e cativantes. Em sua casa, ao lado de sua esposa Teresinha, construiu sua fala, intercalada de poemas que ele mesmo redigiu para a greve e para seus amigos, sob o olhar de aprovação de sua companheira. Intenso na performance, ensinou-me a respeitar uma grande narrativa.

Mantive contato, também, com **Manuel Dias do Nascimento**, operário chamado pelos narradores como Neto. As circunstâncias não foram favoráveis para que nosso primeiro encontro, ocorrido rapidamente em 2011, rendesse mais frutos, e a entrevista, marcada algumas vezes, não chegou a acontecer de fato, pois numa delas o entrevistado não compareceu e a falta de tempo em sua agenda impediu que outras conversas acontecessem.

Em 2007, tive a oportunidade de participar do curso sobre História Oral, promovido pelo Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO), na Universidade de São Paulo, e me identifiquei com a proposta do grupo. Dois livros me marcaram, nesse momento: *Manual de História Oral* (2005), de José Carlos Sebe B. Meihy e *Memória Coletiva* (2006), de Maurice Halbwachs, pelos quais compreendi melhor os pressupostos do Núcleo e percebi que era viável reconstruir o projeto e trabalhar com histórias de vida, realizando o vínculo entre a produção acadêmica e a história pública. Por meio da memória, seria possível pensar outra cidade e outra história, da qual boa parte dos osasquenses se sentisse parte, e colaborar como educadora para a difusão e a reflexão sobre os efeitos da ditadura sobre seus moradores.

Acredito que as pesquisas não nascem necessariamente a partir das histórias individuais dos pesquisadores. No meu caso, houve claro envolvimento de minha vida pessoal com a história daquelas pessoas, mesmo que não tivéssemos a mesma trajetória – alguns deles permaneceram operários, outros conseguiram estudar e seguir carreira acadêmica; eu me tornei professora e pesquisadora – mas comungamos de sentimentos, entre eles o da busca pelo pertencimento e pela construção de uma memória plural. É certo, também, que nosso diálogo foi desigual enquanto intenção, retórica, posição política e status social; que no processo de pesquisa, teorias e procedimentos acadêmicos nos afastaram. As diferenças de gênero ou geracional também podem ter interferido, mas descobri que o trabalho com narrativas pode ser rico justamente por essas qualidades e abre a possibilidade de se tornar não apenas um estudo acadêmico. Pode fazer parte do debate social numa cidade marcada pela repressão e pelo preconceito.

No início da pesquisa, em alguns relatos masculinos sobre a greve de Osasco, uma passagem me chamou muito a atenção: logo que a paralisação se iniciou, cerca de duzentas operárias de outra fábrica, a Granada (onde eram produzidos fósforos), dirigiu-se à Cobrasma para juntar-se aos homens. Elas chegaram a acompanhar a ocupação do sindicato pelos companheiros, que trataram de desfazer o movimento, “dispensando-as” e mandando-as de volta ao trabalho ou às suas casas.

Essa atitude, lembrada pelos operários em suas narrativas, apontou uma questão nova: haveria uma invisibilidade feminina na memória coletiva da greve?

Novo caminho se abriu na pesquisa e considerei mais um desafio ouvir o que as mulheres – quase imperceptíveis nos discursos dos homens – teriam a dizer sobre os significados da greve em suas trajetórias de vida. Por ter lido outros trabalhos que contemplavam apenas os testemunhos masculinos, optei por encaminhar o estudo para as companheiras, operárias, estudantes e parentes dos operários, e perceber as relações de gênero quanto à memória coletiva do evento osasquense⁷. Desviei, assim, meus sentidos para as vozes femininas e deixei-me seduzir também por suas histórias, que revelaram pessoas lutadoras e astuciosas. De certa forma, reconhecia nelas muito de minha história, como trabalhadora, esposa e mãe.

A primeira mulher com quem mantive contato foi **Teresinha Gurgel**, a esposa de Inácio, com quem tive dois encontros em sua casa, em agosto de 2006 e fevereiro de 2007. Bem humorada e extrovertida, me contou de sua ignorância política inicial, quando o marido foi preso após a greve, e da cumplicidade de ambos na superação de suas dores. Sua narrativa foi marcada claramente pelo orgulho que sentia por seu marido.

Ainda em outubro de 2006 e março de 2007, entrevistei a professora de Língua Portuguesa e poeta **Risomar Fasanaro**, na primeira vez no lugar de seu trabalho e depois em sua casa. Estudante e filha de um militar opositor do regime autoritário, ela não chegou a participar da luta armada, mas manteve forte ligação com os operários que organizaram a greve, ao mesmo tempo em que ministrava aulas para soldados, em uma escola no bairro de Quitaúna, onde se localiza o principal quartel da cidade. Chorou desde o início, nas duas vezes que nos encontramos. Tomou como sua a dor e a vivência

⁷ Sobre a greve de Osasco, pode-se citar os trabalhos de Francisco Weffort (1972), Orlando Miranda (1987), Marcelo Couto (2003) e Cibele S.Rizek (1988), todos eles sob o referencial das histórias orais de vida masculinas e registros escritos.

de seus amigos. Solidária, fez da greve e da resistência política material para seus poemas e trabalhos artísticos, que expõe quando o tema é Osasco.

Fui até a Praia Grande, em janeiro de 2007, entrevistar **Helena Pignatari Werner**, professora de História aposentada pela Pontifícia Universidade de São Paulo e pela escola pública, Ceneart. Apaixonada pelo Método Paulo Freire, fez dele a razão de seu trabalho quando ministrou aulas para analfabetos, além de dar aulas para a maior parte dos entrevistados nos anos 50 e 60, os quais definiu como operários-estudantes.

Maria Santana foi a única mulher a trabalhar na Cobrasma e participar da greve, com quem pude conversar. Tivemos dois encontros, em minha casa em outubro de 2007 e, posteriormente, em sua residência, no início de 2008. Cozinheira da Cobrasma na época e membro da comissão de fábrica, ela apresentou relato fragmentado, repleto de interditos e críticas ao movimento, nem sempre claros. Com forte presença de espírito, fala alta e expressividade, Santana pareceu ser um desvio, a quem boa parte dos colegas fez referência como ressentida e discordante. Dizia que “eles” não falavam a verdade, mas nunca deixou claro o que queria de fato desmentir sobre os homens.

Em 2008, numa das exposições para comemorar os 40 anos da greve, conheci **Iracema dos Santos**, irmã de Roque Aparecido. Resistente quanto a narrar sobre sua história como mulher do campo e cozinheira de uma escola de São Paulo no ano de 1968, e admiradora de seus dois irmãos envolvidos na guerrilha após a greve, considerava que nada tinha a contribuir. Não permitiu, de início, que eu gravasse nosso diálogo, mas no final, revelou trajetória admirável e ousada com relação ao regime militar. Chegamos a conversar, informalmente, em exposições e debates promovidos na cidade Osasco, no ano de 2008 e 2011, e as entrevistas se realizaram em sua casa, em 2008, 2010 e 2011. Quando nos encontramos em sua casa, no final do ano passado, para ler sua narrativa, permaneceu em silêncio, chorando, e me pediu para que não deixasse as pessoas esquecerem sua história.

Ana Maria Gomes, a única dentre as narradoras a se envolver na greve – como operária da fábrica de lâmpadas Osram - e na luta armada – como membro da Vanguarda Popular Revolucionária - foi citada em várias narrativas masculinas. Atualmente professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e feminista convicta, propôs-se a me receber em seu apartamento, em São Paulo, em julho de 2007 e julho de 2008. Seu rosto empático e sua fala bem articulada não conseguiram esconder o peso de suas palavras indignadas com relação a tudo o que viveu depois da repressão aos grevistas: a clandestinidade, a tortura e o exílio.

Além dela, procurei conversar com a advogada **Marília Negrão** e a professora **Maria Aparecida Baccega**, ambas atuantes na organização do movimento estudantil, operário e da guerrilha. Infelizmente, a primeira se comprometeu a retornar a ligação por três vezes, a fim de determinar uma data para nos encontrarmos, mas nunca o fez. A segunda, muito disposta, chegou a se encontrar comigo por duas vezes, em novembro e dezembro de 2011, em sua casa e na Universidade de São Paulo, mas apenas iniciamos a entrevista. Por compromissos assumidos com sua vida acadêmica, a professora Baccega não pode concluir seu relato.

No ano de 2009, **Sônia Miranda**, esposa de Joaquim Miranda, operário da Cobrasma que, segundo ela, não teria condições emocionais de me dar uma entrevista, veio até minha casa para contar sobre sua história de vida e a de seu marido. Grávida, deu a luz à sua filha no dia da greve, por isso tendo a criança recebido o nome de Denise Liberdade.

Em maio de 2010 fui até a cidade de São Francisco de Assis, interior de São Paulo, para ouvir o casal **Albertina** e **João Cândido**. Lá, me receberam com entusiasmo e procuraram relatar juntos os eventos de 1968. Albertina, no entanto, optou por ouvir mais do que falar, autorizando seu marido a dizer por ela, o que tornou difícil reconstruir sua trajetória pessoal. Tentei, ainda, marcar uma conversa com **Zaia**, outra mulher citada nas narrativas por suas companheiras. Esposa de um dos operários e irmã de João Cândido, de início aceitou contar sua história, mas desistiu de conceder a entrevista por considerar-se muito debilitada para falar.

Amira Ibrahim e **Sandra Nogueira**, irmã e sobrinha de José Ibrahim, com quem me encontrei em junho desse mesmo ano, falaram com entusiasmo sobre suas ações nas delegacias, enquanto seu parente e amigos estavam presos e eram torturados. Amira era dona de casa, enquanto Sandra frequentava o colégio. Discursos envolventes e muito emocionados chamaram a atenção para um aspecto da greve e de seus desdobramentos que se tornou caro a esse trabalho: a lógica do afeto. Junto às demais, mostraram como a coragem pode advir da afetividade e do espaço familiar.

Como elas, **Maria Dolores Barreto** e **Abigail Silva**, irmã do operário-estudante e guerrilheiro José Campos Barreto, e esposa do operário João Joaquim, respectivamente, revelaram o quanto os eventos de 1968 afetaram suas vidas e alteraram suas trajetórias. A primeira, que hoje é professora, foi entrevistada em janeiro de 2011, em sua residência. Quando a greve aconteceu, morava no sertão da Bahia e sentiu a violência dos militares que invadiram sua casa, torturaram e mataram seus familiares, à

procura de seu irmão e do capitão Carlos Lamarca. Abigail, com quem conversei em junho do mesmo ano, era dona de casa e estava grávida na época. Sofreu muito com as mudanças em sua vida e teve que mudar diversas vezes de casa para não ver seu marido ser preso após a greve.

Quando apresentei o projeto ao Programa de História Social, da Universidade de São Paulo, em 2007, havia o desejo de realizar um trabalho apenas a partir da memória oral feminina, adentrando o mundo diferenciado e praticamente ignorado nas narrativas masculinas e nos trabalhos historiográficos que trataram da greve de Osasco no ano de 1968. As histórias orais de vida contadas pelas entrevistadas, até hoje ainda pouco exploradas, mostravam a interface mais subjetiva e afetiva do evento. Pensei, então, que a contribuição de meu estudo seria tornar visível a experiência delas para seus companheiros, para a cidade de Osasco e para a Academia, não como complemento e sim como outro viés e particularidade. Principalmente tornar suas histórias visíveis para elas, colaborando para a releitura de suas vidas e sua constante reconstrução como mulheres.

No entanto, mulheres e homens pareciam dialogar e percebi que não era possível isolar ou pensá-los de forma desconectada, pois eles criaram a si mesmos a partir e diante do outro, numa mesma teia de acontecimentos, olhares e perspectivas que se cruzavam. Decidi manter todos como colaboradores⁸. Procurei perceber como as relações de gênero se manifestariam na memória coletiva e como cada narrativa individual poderia se ancorar nas demais⁹. Entendo que as histórias orais de vida e as memórias pessoais são intersubjetivas, se alimentam, se reconhecem, e as diferentes pessoas se autorizam a falar sobre uma experiência narrada antes mesmo da pesquisa, nos espaços de vivência, na família e nos encontros do grupo¹⁰.

No processo de diálogo com as colaboradoras e colaboradores fui constituindo o caminho de construção textual dessa pesquisa. Os temas que emergiram das falas foram

⁸ De acordo com o Manual de História Oral (2005), de José Carlos Sebe B. Meihy, o termo colaborador deve substituir o de depoente ou informante, pois o entrevistado é muito mais do que um fornecedor de informações, mais do que um objeto de pesquisa. O diálogo que se estabelece entre ele e o entrevistador faz parte do processo de comprometimento com a publicização de uma história de vida, pressupondo intervenções de ambas as partes e a responsabilidade ética com a pesquisa. (MEIHY, 2005, p. 124/125)

⁹ Maurice Halbwachs (2006) afirmou que a memória coletiva não deve ser confundida com a memória social. Apesar de serem tratadas como sinônimo, muitas vezes, a memória coletiva não ultrapassa os limites do grupo, pois ela é contínua e viva na consciência do grupo e existe enquanto for significativa para ele.

¹⁰ Utilizei o termo *intersubjetividade* com base na oralista Luísa Passerini (2006), por considerar que as diferentes subjetividades são construídas na coletividade, como resultados contínuos das relações entre as individualidades, ao mesmo tempo em que estas promovem a identidade do grupo. As narrativas orais, segundo ela, têm caráter intersubjetivo, pois a memória pessoal é antes coletiva.

muitos, ricos e diversos. Optei por alguns deles, tendo ciência de que outras discussões ficaram por se realizar e que este trabalho não daria conta de abarcá-las.

No primeiro capítulo, intitulado *A Cidade de Osasco no Cenário Nacional*, procurei apresentar a cidade e seus personagens, a partir de seu nascimento como bairro de São Paulo até sua autonomia em 1962. Abordei a tensão existente entre diferentes imagens que foram construídas em torno dela: fundada por imigrantes, periferia de São Paulo, cidade-trabalho. Como parte desse movimento de disputa pela centralidade histórica da cidade, contextualizei a greve de 1968 e os grevistas.

A história oral testemunhal: homens e mulheres da colônia osasquense compôs o segundo capítulo, no qual procurei apresentar os principais conceitos e procedimentos da pesquisa, como a ideia de memória subterrânea, gênero e história oral testemunhal.

O terceiro capítulo, *A memória masculina sobre a greve de Osasco*, teve como temática a memória de expressão oral coletiva apresentada pelos ex-operários que fizeram parte do Grupo de Osasco e da Frente Nacional do Trabalho. Procurei mostrar os marcos identitários dos colaboradores e como, apesar da construção coletiva, a memória da greve revelou-se permeada por dissidências e negociações quanto aos seus significados.

No quarto capítulo, que recebeu o título de *A identidade fraturada: repressão e resistência*, as lembranças individuais e partilhadas em torno da violência promovida contra a greve foram o centro da discussão. Os relatos abordaram a propaganda desqualificadora produzida pelo regime militar com relação aos habitantes da cidade de Osasco, dentro do contexto de perseguição aos opositores políticos. Os colaboradores revelaram a luta entre a interdição ditatorial e a resistência que se seguiu à greve, por outros caminhos como a guerrilha. Trataram também sobre os sonhos que permaneceram, avaliando perdas e conquistas da greve e da luta mais ampla das quais fizeram parte.

A história das mulheres, parte central dessa pesquisa, foi apresentada pelas narrativas daquelas que vivenciaram a greve de forma direta ou indireta e que permaneceram invisíveis na historiografia. *Memória afetiva e performance de gênero: as mulheres na greve de Osasco* tratou das “Penélopes”, esposas, sobrinhas, irmãs e amigas que agiram em silêncio enquanto os homens eram presos, torturados ou exilados. A entrada em cena pública como mediadoras, num contexto de repressão, colocou-as no centro da história e da memória feminina osasquense. Para atuarem,

jogaram com a condição de gênero, mostrando que a “essência” feminina pode ser uma tática de luta.

No sexto capítulo intitulado *As feridas da memória: experiências de dor, coragem e afeto*, tratei da história oral testemunhal. Os testemunhos sobre as prisões, as torturas e perdas apontaram para o trauma sofrido pela colônia osasquense em decorrência dos embates após a greve de 1968.¹¹ Algumas personagens foram apresentadas como marcos identitários da memória, enquanto representações do martírio que atingiu os operários que optaram pela guerrilha. Mais uma vez, as mulheres entraram em cena transformando seu papel social de “cuidadoras” em ato político, na defesa de seus entes queridos.

Em *O exílio e as lutas femininas pela redemocratização*, o último capítulo, procurei mostrar os efeitos do exílio para aqueles que partiram e para os que ficaram no Brasil, assim como a improvisação feminina no cenário público em defesa de direitos sociais e do retorno dos exilados. As lutas pessoais e políticas se cruzaram na atuação das mulheres, que se posicionaram como sujeitos históricos no contexto de redemocratização. A discussão da Anistia como esquecimento também fez parte de suas narrativas, indicando que o passado está em aberto e que as colaboradoras e colaboradores acreditam ainda no enfrentamento dos traumas como superação necessária e possível.

¹¹ A comunidade de destino expõe o motivo central que identifica pessoas com experiências afins. A comunidade de destino ou afetiva, de que tratam Halbwachs (2006), Eclea Bosi (1986) e Meihy (2010) pode ser marcada por base moral, material ou psicológica. Ainda segundo Meihy, na comunidade de destino poderiam ser traçadas várias colônias.

Os colaboradores de Osasco formaram uma colônia dentro comunidade de destino que sofreu com a ditadura militar. A colônia é recorte mais claro e restrito dentro da comunidade afetiva, tornando mais prática a pesquisa e apresentando subdivisões que podem marcar diferenças políticas, de gênero, classe, etnia etc.

1. A CIDADE DE OSASCO NO CENÁRIO NACIONAL

Osasco juntou tudo isso.
Antonio Roberto Espinosa

1.1. O mito fundador: a cidade dos italianos

O centro da cidade visto a partir da estação de trem.

1962 – ano de sua emancipação - skyscrapercity.com

A Primitiva Vianco começa na Estrada de Itu, em frente ao Cine Estoril, e desce, desce sempre – passa por lojas de ferragens e peças para automóveis, deixa para trás o único clube do lugar, o Floresta, vence algumas casas de armarinhos e tecidos e, no vértice do triângulo, vai espremer-se contra os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, formando o largo da estação. Aí, em ângulo reto com a Primitiva Vianco, nasce a Avenida João Batista, onde ficam o cine Glamour e o colégio novo. E entre as duas, como uma mediatriz, começa a “artéria comercial” da cidade, a Rua Antonio Agu, cujo nome é uma homenagem ao fundador da cidade. A Primitiva Vianco desce; a Antonio Agu e a João Batista sobem, até, cerca de um quilômetro depois, encontrarem a Estrada de Itu. (MIRANDA, 1987, p.12)

Osasco 2012

Este cenário, descrito por Orlando Miranda, em seu livro *Obscuros Heróis de Capricórnio* (1987) foi palco da greve dos metalúrgicos em 1968, na cidade de Osasco. As ruas Primitiva Vianco, Antonio Agu e João Batista, que nasceram conectadas à estação de trem, no final do século XIX, foram gradativamente adquirindo importância e ganhando vida com a instalação de fábricas e a chegada de imigrantes nacionais e estrangeiros no início do século XX. Na década de 1960, foram transformadas em espaços das mais diferentes manifestações políticas e sociais durante a ditadura militar, marcando histórias de vida e experiências que colaboraram na construção de uma identidade e de uma memória coletiva ao mesmo tempo orgulhosa e ressentida.

Até o final do século XIX, as terras que margeavam o rio Tietê e a Estrada de Itu – atual Avenida dos Autonomistas - pertenciam a um rico latifundiário chamado João Pinto. A região conhecida como Quitaúna – convertida em bairro osasquense, onde se situa um dos principais quartéis, o 4º. Batalhão de Infantaria Brasileiro – era um sítio, propriedade do bandeirante Antonio Raposo Tavares e de seus descendentes. Em 1893, parte destas terras foi comprada por um funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, o italiano Antonio Agu, que fornecia tijolo, areia e telha para a empresa. Esta necessitava criar várias estações a fim de melhorar o serviço telegráfico e o transporte nos arredores, estimulando o piemontês a construir uma delas no km 16 da ferrovia, à qual deu o nome de sua cidade natal, Osasco.

O preço baixo dos terrenos ao redor da ferrovia atraiu outros profissionais de diferentes regiões de São Paulo: comerciantes, oleiros, sapateiros, entre outros. Antonio Agu passou a vender parte de sua propriedade a outras famílias de origem italiana, o que permitiu a formação de uma pequena vila. Além de sua olaria, que originou a Cerâmica Industrial de Osasco, outras fábricas começaram a se desenvolver no local, como o Frigorífico Wilson, a fábrica de papel Narciso Sturlini e a Granada, produtora de fósforo.

No início do século XX, o crescimento urbano – ainda modesto – passou a contar com mão de obra vinda de localidades próximas da cidade. A maioria era imigrante e havia participado de uma greve, em 1909, na Vidraria Santa Marina, localizada na Água Branca, em São Paulo. A família Prado, dona da empresa, contratava operários vindos diretamente da França ou da Itália, o que permitiu a organização de laços de solidariedade entre as famílias e o fortalecimento para reivindicar direitos nos locais de trabalho. Os baixos salários, as duras condições oferecidas pela empresa e a inicial organização das ligas dos vidreiros promoveram um

conjunto de mobilizações, dentre elas o boicote quanto à produção de garrafas, que culminou com o confronto trabalhista e a demissão de dezenas de grevistas. Além do desemprego, boa parte deles teve ainda que enfrentar a repressão, tendo suas casas incendiadas, o que os forçou a procurar outros lugares para trabalhar e viver. Escolheram Osasco, um bairro de subúrbio, mais barato e com forte presença italiana.

De acordo com Helena Pignatari Werner, a primeira a escrever sobre a origem dos operários osasquenses, esse grupo foi seduzido para lá por dois motivos: primeiro, porque quando foi demitido da empresa, após a paralisação, pode contar com a solidariedade de seus compatriotas: “Receber os vidreiros para os habitantes de Osasco tornava-se questão de honra; piemontês abrigava piemontês; toscano abrigava toscano, calabrês abrigava calabrês” (WERNER, 1981, p.51)¹². Segundo, esses desempregados traziam na bagagem um sonho alimentado pelo ideal anarquista de formar uma cooperativa, sob a liderança do professor italiano e idealizador do projeto Edmondo Rossoni, preso durante a greve e atingido, mais tarde, pela Lei Adolfo Gordo¹³. O ofício da vidraria já era conhecido por eles e a areia que margeava o rio Tietê em abundância serviria como matéria prima para a criação da fábrica que pertenceria a todos que com ela colaborassem. Para realizar seu ideal, contaram com a ajuda de Antonio Agu, que lhes doou um terreno, assim como vários sindicatos de São Paulo chegaram a lhes enviar dinheiro para começar a construção do prédio, erguido com horas de esforço voluntário dos próprios cooperados.

Para Werner, o fato de a cooperativa ameaçar os interesses de outras empresas de São Paulo, principalmente da Vidraria Santa Marina, de quem se tornaria concorrente, provocou mais uma confrontação de forças entre capital e trabalho. Sem ter como impedir a realização do mutirão, o conselheiro Antonio Prado, proprietário do monopólio de vidro, teria infiltrado como tesoureiro dos anarquistas um advogado de sua confiança, dr. Morroni, que teria enganado os trabalhadores e fugido para a Itália com o dinheiro deles. A “traição” teria acabado com possibilidade de autonomia e

¹² Helena Pignatari Werner realizou trabalho pioneiro com história oral, com relação a Osasco, quando a resistência a ela era grande por parte da Academia. Seu trabalho, *Raízes do Movimento Operário* (1981), tratou da greve de operários anarquistas da Vidraria Santa Marina, em São Paulo, no ano de 1909, e de sua chegada em Osasco, na tentativa de construir uma cooperativa dos vidreiros italianos.

¹³ A lei Adolfo Gordo, assinada em 1907, durante a República Velha, previa uma série de punições para operários imigrantes que participassem de manifestações e greves, dentre elas a deportação ao país de origem. Segundo o historiador Claudio Batalha, só entre 1908 e 1921, foram 556 expulsões de estrangeiros envolvidos com o movimento operário. (BATALHA, 2000).

submetido os operários ao capital. Não impediu, porém, que alguns deles fossem os fundadores de entidades, como o primeiro clube da cidade, conhecido como *Floresta*, ou financiassem festas, criassem o primeiro cinema, as sociedades recreativas e se tornassem parte da elite osasquense, envolvendo-se principalmente com o comércio da cidade. Seus filhos e netos frequentariam colégios em São Paulo ou seriam os primeiros a frequentar o Ginásio Estadual Antonio Raposo Tavares, criado em 1951 e, mais tarde, transformado em Colégio e Escola Estadual Antonio Raposo Tavares (Ceneart). A história de vida da historiadora Helena P. Werner é representativa dessa trajetória: neta de imigrantes italianos e filha do empresário Antonio Pignatari, dono de uma cerâmica e de vários terrenos, ela estudou no Grupo Escolar de Osasco, foi aluna da Universidade de São Paulo e tornou-se professora de História do Ensino Secundário no Ceneart.

O imaginário da “cidade italiana” se configurou na organização urbana do lugar: Antonio Agu e sua filha, Primitiva Vianco, acabaram sendo homenageados pelos compatriotas, tendo seus nomes atribuídos às duas principais ruas do centro, entre a ferrovia e a Avenida dos Autonomistas. A região central, inclusive, é ainda repleta de tributos a italianos que podem ser vistos em pontes, ruas, viadutos e monumentos – João Crudo, Narciso Sturlini, Pedro Fioretti, João Colino, André Rovai, entre outros - oficializando a ocupação primeira, a presença e as marcas da origem imigrante e trabalhadora da cidade, orgulhosa, contra a espoliação e a traição do capital externo e nacional. As nomeações também se referem, em menor número, aos portugueses, árabes e armênios, pertencentes a uma “elite fundadora”, semelhante ao que afirma José de Souza Martins, em seu livro *Subúrbio* (1992), sobre a formação de São Caetano do Sul. Segundo o autor, a condição de extensão produz nos habitantes do subúrbio a necessidade de se criar uma “história dos coadjuvantes”, trazendo-a para o protagonismo. Para isso, uma gama de “iniciadores” tem seu registro, com a intenção de se criar uma “memória fundadora”:

O primeiro nascimento, o primeiro enterro, o fundador, o primeiro alfaiate, a primeira parteira, o primeiro artesão a fazer caixões de defuntos, o dono do primeiro automóvel (em que, porém, esse coadjuvante ocupa o papel de) inaugurador de um era histórica, uma inovação social. Mas, no fundo, inaugurador que inaugura o já inaugurado. (MARTINS, 1992, p.14)

A produção desse protagonismo dá mostras do quanto essa comunidade se apropriou do poder local, procurando afirmar sua peculiaridade com relação a São Paulo

e criar uma administração autônoma, voltada aos seus interesses e necessidades. A luta pela emancipação de Osasco, nos anos 1953, 1959 e 1962, liderada por essa elite, foi exemplo dessa oposição entre o centro e a periferia, esta última rebelando-se para impor sua importância econômica e política, ampliada pela instalação de diversas empresas entre as décadas de 1940 e 1950 na região.

1.2. A cidade dos “operários-estudantes”

O contexto de modernização industrial promovida pelos governos nacionalistas dos presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, durante os anos do populismo, promoveu grande deslocamento de mão de obra vinda das mais diferentes regiões do país para o sudeste. Marcelo Ridenti (1993) afirmou que a sociedade brasileira viveu um dos processos de urbanização mais rápidos da história mundial. Até a década de 1950 haveria um sentido predominantemente rural, e depois a urbanização teria se acelerado nos anos 1960 e 1970. Essa transformação teria criado novos problemas e demandas trabalhistas, políticas, econômicas e sociais.

Osasco, bairro paulistano, atraiu grande número de migrantes para trabalhar nas empresas que se instalavam devido ao barateamento de terrenos e à proximidade com a ferrovia. A descrição que Orlando Miranda apresentou em seu livro *Obscuros Heróis de Capricórnio* (1987) sobre a organização espacial das fábricas colabora para a visualização do cenário industrial a partir de então:

No triângulo incrustado, a cidade; no anel à sua volta, as fábricas. Perto da estrada de Itu ficam a Lonaflex, o Moinho Santista, a Eternit, a Brow Boveri, a Charleroi, o Frigorífico Wilson, a Adamas, a Serraria Morais Pinto, a Osram, a Granada, a White Martins, a Cima, a Rilsan, para citar as maiores. Completando o anel, pelo lado da ferrovia, a SOMA (...), a Hervy. (...) uma delas bem no centro, o Cotonifício Beltramo (...); a outra, respeitando o anel, tem uma entrada às margens da ferrovia, na rua da Estação, mas, por ser muito grande, a maior de todas, projeta-se até a Avenida João Batista, e a atravessa para colocar do outro lado sua associada menor, a Braseixos. É a companhia Brasileira de Material Ferroviário, “Cobrasma”. (MIRANDA, 1987, p.13)

A presença de tantas fábricas em Osasco, segundo Cibele Saliba Rizek (1988), pode ser explicada como parte do processo industrial e modernizante promovido pelo Estado populista, após a Segunda Guerra Mundial, procurando atender a demanda de

produtos e serviços e devido à atração por grandes e baratos terrenos. Empresas como Cobrasma (1944), CimaF (1946), Lonaflex (1951) e Braseixos (1959) modificaram o perfil dos habitantes locais com a exigência por mais trabalhadores, que se deslocavam do Nordeste e do Sul do país, ou do interior do estado de São Paulo, em busca de emprego. Diferente da primeira leva de imigrantes que ocupou a região central de Osasco, entre as ruas Antonio Agu e Primitiva Vianco, os recém-chegados foram morar em locais mais distanciados como Vila dos Remédios, Jardim D'Abril, Km 18 e Presidente Altino nas cidades próximas e ainda mais pobres, como Itapevi, Carapicuíba e Barueri. Os problemas com infra-estrutura, como falta de esgoto, transporte e luz elétrica, eram característicos desses lugares, além de sofrerem com o olhar preconceituoso da elite local.

Hirant Sanazar, descendente da colônia armênia que ocupou o bairro de Presidente Altino e primeiro prefeito de Osasco no ano de 1962, demonstrou com clareza essa diferenciação em um livro, ao descrever cada povo que chegava à cidade:

Em São Paulo predominaram os italianos, embarcados em Gênova, na Lombardia e na Calábria e aqui em Osasco se multiplicaram na área central, e jamais deixaram de colaborar com o seu desenvolvimento, enquanto seus descendentes continuam a obra fundamental dos fundadores da vila. (...) Os espanhóis não se ativeram especificamente a uma profissão, mas são hábeis comerciantes e se integraram com aquele espírito alegre e envolvente. (...) (Os nordestinos) esfalfados pelo desemprego, pela miséria, a doença, com olhares vazios projetados para “o imenso nada”, comendo e bebendo aqui e acolá em condições desumanas e incrivelmente agressivas para sua dignidade. (...) Seu destino? A grande e avassaladora Capital do maior Estado do País e suas cidades-satélites, notadamente Osasco (SANAZAR, 2003, p. 44-65)

O texto tratou de estrangeiros – árabes, portugueses, espanhóis, armênios e italianos como contribuidores/fundadores da cidade, enquanto os nordestinos foram descritos como aqueles que nada puderam oferecer, destituídos de qualquer humanidade. Embora sua presença seja marcante em Osasco até a atualidade, são poucas ainda as referências a eles na arquitetura e nas ruas. Nesse grupo de migrantes, filhos de camponeses e trabalhadores rurais incluía-se a maior parte dos operários que se empregou na Cobrasma, dentre eles o pernambucano Inácio Pereira Gurgel, o baiano José Campos Barreto, o paranaense Roque Aparecido da Silva e os interioranos José Groff, João Cândido, Antonio Roberto Espinosa, José Ibrahim e João Joaquim. A exigência de maior qualificação e especialização dos trabalhadores feita pelas novas

fábricas fez com que alguns deles também procurassem estudar, disputando as poucas vagas escolares existentes e dividissem a mesma sala com os filhos da elite osasquense.

Sônia Regina Martim (2006), que pesquisou sobre a criação da escola secundária em Osasco, destacou a transformação sofrida pelo ensino, a partir da década de 50, com as reformas educacionais e a proliferação de colégios pelo estado de São Paulo. Esse processo, necessário para a expansão e qualificação de algumas indústrias, minimizou a divisão entre uma elite escolarizada e as camadas pobres e analfabetas de trabalhadores. A criação, em 1952, do Ginásio Estadual de Osasco ou Grupo Escolar Antonio Raposo Tavares (mais tarde conhecido como Ceneart), e em 1958, do Ginásio Estadual de Presidente Altino (Gepa), rompeu com o monopólio educacional dos colégios privados, Duque de Caxias e Nossa Senhora da Misericórdia, reduto dos mais abastados.

O curso noturno permitiu se desenvolver o que Francisco Weffort (1972) e Helena Pignatari Werner nomearam “operário-estudante”¹⁴. Ele seria aquele que vivenciou ao mesmo tempo a leitura de clássicos da filosofia e história, o teatro promovido pelos grêmios, além dos embates políticos e experimentou as dificuldades da produção e o enfrentamento com o patrão, na indústria.¹⁵ Ganhou importância, nesse sentido, o método de alfabetização do educador Paulo Freire, praticado por Helena, além das aulas de História, que descreveu como “momento mágico” de descoberta do mundo pelos seus alunos.

A variação de idades, classes e gêneros no mesmo espaço permitiu aprendizagem mútua, embates ideológicos e o confronto entre visões de mundo dadas pelas diferentes classes e gerações de habitantes osasquenses: a primeira, constituída pelos já estabelecidos descendentes de imigrantes italianos, comerciantes e profissionais liberais, conservadores politicamente; e a segunda, por um grupo mais jovem que construiu sua identidade nessa transição entre o espaço fabril e a escola, ocupando espaços públicos e criando formas de negociação de direitos ou enfrentamento que mais tarde resultaram na formação da União dos Estudantes de Osasco e da comissão de fábrica da Cobrasma. Além da oposição emblemática centro/periferia na configuração osasquense, essa tensão na composição política interna deve ser notada, pois ainda permanecem resíduos dela no presente.

¹⁴ Este termo apareceu no texto de Weffort (1972) para designar os descendentes dos operários italianos que formaram o operariado e que estudavam à noite no Ceneart. Outros trabalhos, como o de Rizek (1988) e de Couto (2003), adotaram essa designação.

¹⁵ Martim observou que os alunos organizaram um jornal, o Bacamarte, pelo qual discutiam política, e também possuíam grupos de estudos, atividades recreativas e realizavam leituras como as obras de Machado de Assis, Vitor Hugo, Dostoiévski e Karl Marx. (MARTIM, 2006)

A partir dos anos 60 o crescimento populacional em Osasco foi muito grande, com taxa anual de 10,8% ao ano contra 5,7% no município de São Paulo¹⁶. Tornou-se lugar para o qual as pessoas voltavam para dormir, após trabalharem fora. Mesmo com o desenvolvimento industrial, o número de vagas nas fábricas locais ainda era pequeno e não conseguia absorver a quantidade significativa de migrantes que chegavam, agora não mais estrangeiros e sim famílias que vinham do nordeste e do sul do país, assim como aquelas que fugiam dos altos aluguéis e dos preços exorbitantes das moradias nas regiões centrais.

Osasco desenvolveu-se como periferia de São Paulo até os anos 60 e, apesar de crescer demograficamente, não recebia nenhum investimento, divorciado que era do centro da cidade como “subúrbio-estação”. Cibele Saliba Rizek, em sua dissertação de Mestrado (1988), apontou Osasco como bairro excluído do “mundo civilizado” e burguês, separado dele pela “muralha da distância” quebrada apenas pela existência da ferrovia. O loteamento de terrenos distantes da especulação imobiliária atraiu moradores que dimensionaram suas vidas em torno das estações de trem, em condições precárias, transformando o local em “cidade-dormitório”¹⁷. Questões como a cobrança de impostos sem retorno social, a falta de investimento em setores de saneamento básico e educação e a condição de abandono colocaram em debate a peculiaridade de Osasco com relação às outras regiões e a necessidade de sua emancipação a fim de solucionar as carências específicas de seus habitantes, prejudicados pela priorização do centro por parte do governo paulistano.

(se) por um lado, Osasco é semelhante, na sua constituição e crescimento, aos demais bairros operários e subúrbios industriais de São Paulo, por outro lado, pela ação e experiência concreta dos contingentes de operários que para lá se dirigiram, tornou-se excepcional (porque) a concentração de novas indústrias e bairros vêm acompanhados do Movimento Emancipacionista gerador de um localismo que perdurará até o final dos anos sessenta, sobretudo na luta de seus trabalhadores estudantes (RIZEK, 1988, p.1-2)

¹⁶ Dados extraídos do Plano Urbanístico Básico de Osasco da Prefeitura Municipal, novembro de 1966, p.XIV.

¹⁷ Osasco é considerada ainda uma “cidade-dormitório”, apesar de ter o 4º. PIB do Estado de São Paulo e ser a 14ª. economia do Brasil, segundo dados da própria Prefeitura. As principais indústrias foram embora, enquanto o setor comercial se desenvolveu no centro, principalmente com a construção de cinco *shopping centers*, sem conseguir absorver a mão de obra local, além daquela que vem das cidades ao seu redor. O crescimento demográfico (em torno de 700 mil habitantes) e imobiliário na cidade é grande, mas seus moradores trabalham em regiões vizinhas.

O Plano Diretor de São Paulo, organizado pelo então prefeito Jânio Quadros, no início da década de 50, acentuou ainda mais o caráter excludente do tratamento dado à região, pois previa aumento de impostos sobre residências da população de baixa renda e nenhum benefício urbano ou de infraestrutura. A oposição centro-periferia, caracterizada pelo desejo dos setores mais influentes de exercerem o poder local e pelo descontentamento da população mais pobre quanto ao tratamento dispensado pelos órgãos públicos às suas carências, se manifestou nas três tentativas de campanha pela emancipação de Osasco, em 1953, 1958 e 1962, quando o “sim” finalmente venceu o plebiscito organizado pelos setores mais desenvolvidos economicamente, em conflito com o grande capital que investia na região ou que contava com a mão de obra osasquense em suas empresas localizadas fora da localidade. Para Rizek, o processo de luta pela emancipação da cidade não contou, de início, com o apoio dos trabalhadores, que não viam no acontecimento a possibilidade de alteração relevante em suas condições de trabalho ou participação política. Sua integração ao movimento ocorreu apenas no final da década de 50 e início de 60, quando operários e estudantes passaram a exercer vínculo cada vez mais estreito e passaram a criar espaços específicos de atuação, negociando e diferenciando-se da elite que assumiu os cargos municipais.

A articulação entre os movimentos sindical e estudantil, a política municipal, o clima de ascenso, têm colorações locais interessantes que perpassarão a fábrica e as escolas, forjando novas lideranças, mesclando novos e velhos projetos, preenchendo espaços, produzindo novas continuidades e rupturas. (RIZEK, 1988, p.36)

O ano de 1962 foi significativo nesse sentido, quando alguns eventos sinalizaram diferentes tensões e interesses na sociedade osasquense: a fundação da Frente Nacional do Trabalho (FNT), ligada aos Círculos Operários e guiada pelos *Princípios para a Ação*, do padre Lebrete, a criação da União dos Estudantes de Osasco (UEO) e a formação da comissão de fábrica na Cobrasma. Esses três fatos foram marcos importantes no processo que culminou com a greve dos metalúrgicos em 1968.¹⁸

As Comunidades Eclesiais de Base, fortemente influenciadas pelo Concílio Vaticano II (1962-65), sob os papados de João XXIII e Paulo VI, exerceram papel social e político, principalmente nos bairros mais pobres, em todo o Brasil, durante a década de 60, principalmente. Inspirados pela ideia da militância cristã mais humanizada e

¹⁸ Esses fatos foram referências nos trabalhos de Miranda (1987), Rizek (1988) e Couto (2003).

voltada aos mais necessitados e pelo preceito “Ver, julgar e agir”, a Ação Católica, os Círculos e Juventudes Católicas (JOC, JEC, JUC, e JAC), ligados às Comunidades, cresceram na periferia de São Paulo e nos bairros osasquenses¹⁹. Operários como João Joaquim, Inácio Gurgel, João Cândido e José Groff ingressaram nesses núcleos, levando para as fábricas os debates realizados nas igrejas, sobre a luta pela base e pela negociação constante. Para Jessie J. V. de Sousa, que pesquisou sobre o papel da Igreja nesse momento,

A Igreja desenvolveu, assim, um intenso trabalho organizacional que expressava três movimentos no plano temporal: o primeiro, em que buscou firmar-se como interlocutor, junto ao Estado, dos interesses dos assalariados urbanos e, desta forma, projetar-se como mediador necessário na relação capital trabalho; um segundo que procurou alargar seu próprio poder institucional no seio da sociedade, colocando-se como alternativa ao crescente radicalismo urbano; e, por último, aquele em que pretendeu colocar-se como alternativa ao próprio modelo social ao se autodeterminar a “terceira via”. (SOUSA, s/d, p. 7-8)

Estimulados pela atuação mais social, em localidades com grande concentração de trabalhadores, padres franceses, como Pierre Wauthier e Domingos Barbè, viram nas fábricas de Osasco a oportunidade de evangelizar e se aproximar da realidade dos operários. Empregaram-se na empresa Cobrasma, assistindo de perto e experimentando adversidades e tensões do cotidiano fabril. Conviveram com as famílias e ganharam a confiança das comunidades, que recorreram ao seu apoio quando a ditadura militar passou a perseguir os sindicatos. Como mediadores e protetores conseguiram transitar entre os militantes católicos e a juventude operária-estudantil que começava a ser influenciada por grupos de esquerda.

A Frente Nacional do Trabalho nasceu como fruto desse processo de popularização da Igreja e do trabalho do advogado católico Mário Carvalho de Jesus, que convidou os operários da Cobrasma para participar das reuniões na sede paulistana, e depois fundou, junto com Albertino de Souza Oliva e José Groff, a subsede osasquense. Segundo eles, foi na FNT que teria nascido a ideia de se criar a comissão de

¹⁹ A parcela da Igreja mais popular e comprometida com o social deu origem à Juventude Operária Católica (JOC) e à Juventude Estudantil Católica (JEC). Ainda havia as Juventudes ligadas aos universitários (JUC) e aos camponeses (JAC). Sobre essas organizações dentro da Igreja Católica ver JESUS, Paulo Sérgio. *A cidade de Osasco: a Juventude Operária Católica (JOC), a Ação Católica Operária (ACO), Juventude Universitária Católica (JUC) no movimento operário*. Mestrado, São Paulo: PUC, 2007; MENDES, Lilian Maria Grisólio. *Entre a cruz e o manifesto: dilemas da contemporaneidade no discurso da Juventude Operária Católica do Brasil (1960-1968)*. Mestrado, São Paulo: PUC, 2002.

fábrica, com a finalidade de organizar, pela base, seus companheiros, assumindo a função de mediação tão defendida pela Igreja.

Para Francisco Weffort, em seu texto *Participação e Conflito Social: Contagem e Osasco: 1968* (1972), a comissão de fábrica teria sido conquista da Frente Nacional do Trabalho, principalmente de um de seus fundadores, Albertino de Souza Oliva, ex-chefe do Departamento de Pessoal da empresa Cobrasma, e que fora demitido por aproximar-se dos trabalhadores e não mais persegui-los contrariando ordens da direção da fábrica. O autor afirmou que a comissão teria sido estimulada pela concepção burocrática e racionalizada dos patrões, procurando evitar o enfrentamento com o sindicato e tirando do caminho funcionários mais combativos.

A Comissão (...) foi um acontecimento marginal ao sindicato recém-formado e surgiu, de certo modo, contra ele. Em fins de 1962, alguns operários da FNT tomaram a iniciativa de formar a comissão de dez membros para apresentar suas primeiras reivindicações (adicional de insalubridade para uma seção e medidas de segurança) diretamente à direção da empresa. (...) Por sua parte, o sindicato (...) não deu importância ao assunto, se é que chegou a saber dele. Por outro lado, a direção da empresa, que se encontrava em recomposição recebeu bem a ideia de formação de uma comissão que via como adequado para resolver seus problemas com os operários através de negociações diretas e rápidas. (WEFFORT, 1972, pp.60-61)

No entanto, seus membros não viam a comissão de fábrica como doação e sim conquista do objetivo cristão de humanizar as relações entre capital e trabalho. Paralelamente a esse acontecimento, na escola pública se delineavam as ações dos estudantes-operários, integradas muitas vezes ao movimento de caráter nacional, liderado pela União Nacional dos Estudantes, tratando de temas como a ampliação de vagas nas universidades durante o governo de João Goulart. O Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco também sofria grande influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ainda hegemônico na militância sindical brasileira.

A confluência desses diferentes movimentos teria como marco fundador um evento traumático para os operários e para a cidade: a morte de um metalúrgico num acidente envolvendo uma caldeira, na Cobrasma, ainda em 1962. Significaria para seus companheiros o ponto crucial na tensão trabalhista que já existia na fábrica, em torno de reivindicações contra a insalubridade. O drama do colega que sofreu terrivelmente com as queimaduras por algumas horas e a proibição de ir ao enterro dele, imposta pelos

patrões, uniu os trabalhadores num ato de rebeldia: parar todos os setores de produção por cinco minutos²⁰.

Este evento, central na memória desses operários, católicos ou estudantes, inaugurou novo processo de luta, que culminou com a pressão para reconhecimento da comissão de fábrica²¹. A morte colocava em evidência um problema não apenas interno à empresa, ou específico dos trabalhadores. Deslocava para o centro dos movimentos – cristão, trabalhista e estudantil – a discussão pela vida e pela conquista de direitos. Dava início a uma identidade cidadã, manifestando-se nas mais diversas instâncias públicas, ao mesmo tempo parte da dinâmica nacional, mas mantendo sua peculiaridade, ou seja, o vínculo estreito entre fábrica e escola e o imaginário de autonomia contra qualquer tentativa de subjugação.

Em 1962, ainda, a União dos Estudantes de Osasco (UEO) conquistou a doação por parte da prefeitura de um terreno para sua sede. Até o golpe militar, quando foi extinta, a entidade havia ampliado sua presença nos espaços políticos, denunciando vereadores corruptos, apoiando greves, promovendo passeatas em que operários discursavam e debatiam com os estudantes os direitos trabalhistas, o cenário político mundial, o conservadorismo dos políticos locais e a conduta do Partido Comunista.

O golpe militar de 1964 atingiu duramente esse processo de mobilização no País e na cidade. A intervenção política atingiu os grêmios que foram fechados, em especial o do colégio Ceneart, tendo seu presidente, Gabriel Figueiredo, sido preso. A União dos Estudantes de Osasco (UEO) foi extinta, assim como foi feito com a União Nacional dos Estudantes (UNE), incendiada no Rio de Janeiro. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Conrado Del Papa, ligado ao PCB, foi destituído e detido, enquanto Albertino de Souza Oliva era levado da Frente Nacional do Trabalho por policiais.

Mesmo tendo sofrido intervenção, o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco nunca deixou de ser frequentado pelos associados, que compareciam para conversar, beber e jogar, em número reduzido, mas constante. O interventor indicado pelo governo, Luiz Camargo, procurou manter boa relação com Papa, que retornou ao sindicato e conseguiu realizar assembleias por dissídio salarial no ano de 1964. Na Cobrasma, no

²⁰ Para José Groff, foi tão rápido como “apagar uma lâmpada”, mostrando a solidariedade e organização dos trabalhadores, que surpreenderam os patrões e fizeram com que eles reconhecessem a comissão de fábrica.

²¹ Chamada de *Comissão dos Dez*, seus membros foram eleitos por trabalhadores dos diversos setores de produção da fábrica Cobrasma. Em outras empresas, as comissões continuaram a existir de forma clandestina.

ano de 1965, houve ainda a eleição para compor a comissão de fábrica, tendo sido eleitos José Groff, João Joaquim, João Cândido e Inácio Gurgel, católicos, ao mesmo tempo em que gestava-se o Grupo de Osasco, de traços esquerdizantes, do qual elegeram-se José Ibrahim, como presidente, e Roque Aparecido da Silva, como secretário geral. José Campos Barreto e Roque Aparecido da Silva teriam sido os primeiros a se aproximar de setores armados, entre 1967 e 1968, mantendo contato com a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)²².

Em 1965, os estudantes secundaristas já realizavam reuniões clandestinas para discutir política e, embora a UEO tivesse sido fechada, haviam conseguido organizar outra entidade, o Círculo Estudantil de Osasco (CEO), que promovia atividades nas escolas como teatro, debates e festivais de música, procurando resistir aos desmandos do regime militar. O CEO ainda participou no ano de 1966 de manifestações contra a ditadura militar e, juntamente com os operários, exigiu participação de representantes dos dois grupos na Prefeitura durante as eleições de Antonio Guaçu D. Piteri, em 1966²³. Nesse sentido, os osasquenses procuravam afirmar sua autonomia com relação às orientações nacionais, que defendiam o voto nulo nas eleições daquele ano. Contrariando a avaliação da maioria, os estudantes-operários decidiram pela negociação, chegando a ocupar postos no Gabinete do Prefeito, para quem teriam redigido um documento de apoio, com a condição de que os direitos democráticos fossem garantidos por ele. Roque Aparecido da Silva teria sido escolhido como representante estudantil, mas seu envolvimento com passeatas de protesto à ditadura e apoio aos *vietcongs* na Guerra do Vietnã teriam provocado o fim do acordo com o governo.

O ano de 1967 foi marco de outra conquista da Frente Nacional do Trabalho (FNT) e do Grupo Osasco: a formação e eleição da Chapa Verde, de oposição ao

²² José Campos Barreto, Roque Aparecido da Silva e Antonio Roberto Espinosa eram estudantes da Universidade de São Paulo. Os dois primeiros cursavam Ciências Sociais e o último estudava Filosofia, facilitando a mediação entre grupos de estudantes e intelectuais que se interessavam pelo movimento e os operários osasquenses. Segundo Sérgio Luiz S. de Oliveira (2011), em sua dissertação sobre o Grupo de Osasco, foram atraídos para a cidade grupos como o Partido Comunista Brasileiro, a Política Operária (Polop), a Ação Popular (AP), o Movimento Nacional Revolucionário (MNR) e o grupo autodenominado O., cujo setor mais militarizado deu origem à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Essa última atraiu cerca de sessenta operários osasquenses, cooptados por João Quartim de Moraes. A Política Operária Comunista (POC), dissidência da Polop, também contou com a participação de operários osasquenses, como Joaquim Miranda, ligado a Nilmário Miranda. Sobre o assunto, ver ainda Frederico (1987), Reis Fo. (1990) e Ridenti (1993).

²³ Guaçu Piteri, segundo prefeito da cidade, era ligado ao MDB e governou entre 1967 e 1970, sendo conhecido por sua postura conciliadora. De seu governo participaram Roque Aparecido da Silva, escolhido pelos estudantes, e José Ferreira Batista, eleito pelo movimento sindical. Foi Piteri quem doou também o prédio para que o Círculo Estudantil de Osasco (CEO) se organizasse.

Partido Comunista Brasileira. Aqui as diferenças ideológicas e estratégicas entre cristãos anticomunistas e a “nova esquerda” foram amenizadas para combater os adversários em comum: a ditadura militar e o “Partidão”²⁴. As duas gerações negociaram suas visões de mundo e se fundiram num só grupo. A vitória com 90% dos votos, em pleno estado de exceção, confirmou a habilidade de resistência e a identidade de luta e cidadania, imagem que a memória desses trabalhadores tentou preservar subterraneamente nos anos subsequentes, sob a repressão.

1.3. A greve de 1968

Marcelo Ridenti (1993) afirmou que o ano de 1968 foi marcado pela movimentação da intelectualidade, em especial setores da juventude, influenciada pelos protestos que ocorriam em todo o mundo²⁵. Mais do que espelho, o contexto brasileiro de frustração depois do golpe militar de 1964, que impediu as reformas de base, e a resistência à repressão, deram origem ao período tão significativo e marcado simbolicamente como sinônimo de uma geração²⁶.

Nos países do Leste Europeu, a bandeira do nacionalismo e da democracia fazia parte das revoltas juvenis. No Ocidente, a revolta se dava contra valores tradicionais e geracionais: o progresso, o consumo e o conservadorismo. Na América Latina, as lutas eram marcadas pelo nacionalismo de esquerda contra o Imperialismo e pela defesa da democracia contra os regimes autoritários.

Para ele, o romantismo revolucionário, desejoso em convergir transformação política, econômica, cultural e social na utopia de um futuro melhor, e marca dos principais acontecimentos mundiais, teve sua versão brasileira nas manifestações estudantis e nas greves de Contagem (MG) e Osasco²⁷:

²⁴ A tensão em torno da autoria da comissão de fábrica e da liderança da Chapa Verde, entre a FNT e o Grupo de Osasco ainda permaneceu nas narrativas de seus participantes.

²⁵ O autor falou dos significados de 1968 também no artigo publicado na revista *Mediações*, v. 12, n. 2, Jul/Dez. 2007, p. 78-89.

²⁶ Maria Paula Araújo (2010) concordou com Ridenti quanto ao mito criado em torno do ano de 1968, como ano emblemático e simbólico no campo da cultura e da política. Marcação cronológica traduzida muitas vezes, pela historiografia e pelo senso comum, de forma unitária e homogênea, como o mito da rebeldia juvenil em todo mundo.

²⁷ Ridenti trabalhou com o conceito de Michael Lowy, citado em seu artigo intitulado *Intelectuais e Romantismo Revolucionário. São Paulo em Perspectiva*, vol.15, no.2, São Paulo, Apr./June, 2001. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000200003&script=sci_arttext

A liberação sexual, o desejo de renovação, a fusão entre vida pública e privada, a ânsia de viver o momento, a fruição da vida boêmia, a aposta na ação em detrimento da teoria, os padrões irregulares de trabalho e a relativa pobreza, típicas da juventude de esquerda na época, são características que marcaram os movimentos sociais nos anos 60 em todo o mundo, fazendo lembrar a velha tradição romântica. (RIDENTI, 2001)

Mesmo que essas ideias não tenham sido hegemônicas, pois diferentes conceitos, sentimentos, ações e desejos continuaram a existir – o que Ridenti chamou de “zonas cinzentas” – elas se tornaram fortes referências. Havia a crença de que mudanças radicais poderiam e estavam por acontecer a partir das intervenções que artistas, intelectuais, trabalhadores e estudantes poderiam realizar. Era um momento em que se apostava na possibilidade de alteração de valores e no potencial criativo.

No entanto, o ano de 1968 não deve ser entendido como generalização e omissão de divergências e especificidades das experiências em cada país ou grupo social. Obras como as de Zuenir Ventura, *1968: o ano que não acabou* (1988) e *1968: o que fizemos de nós* (2008) apresentaram os estudantes, artistas e intelectuais como os grandes agentes da história brasileira nesse período tomado pelo “poder jovem” revolucionário. Sem querer negar que ele tenha existido em grande parte dos setores sociais, no mundo e no Brasil, é preciso preservar as diferenças e a multiplicidade de dinâmicas. 1968 foi um ano de disputa por espaços, discursos, valores e objetivos políticos e sociais, nem sempre semelhantes ou concordantes.

Ventura atribuiu pouca importância à greve realizada em Osasco nesse ano, pois pareceu enxergar o potencial criativo na parcela mais intelectualizada da sociedade. Pelo contrário, Marcelo Ridenti destacou a especificidade da cidade, chamada por ele de “a Meca da esquerda”, em meio à formação de grupos armados da chamada “nova esquerda”, como a Polop (Política Operária) e a AP (Ação Popular), sedentos em combater o regime autoritário e traçar caminhos diferentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).²⁸ As manifestações estudantis pela democratização do ensino público, no Brasil, e o processo das greves de Contagem e Osasco seguiram caminhos influenciados e ao mesmo tempo diferenciados quanto às manifestações na Europa, como o *Maio Francês*, ou em outros lugares do mundo, como o *Movimento Hippie* ou pelos direitos civis negros, nos Estados Unidos.

²⁸ A expressão atribuída a Osasco por Ridenti (2007) significou que a cidade teve papel peculiar, junto a Contagem, nos acontecimentos de resistência ao regime, no ano de 1968, e se tornou centro de reuniões com intelectuais, grupos armados e de esquerda e o movimento estudantil.

O livro *Combate nas Trevas* (1987), do historiador Jacob Gorender, também fez referência às greves de Contagem e Osasco, associando-as à orientação e à ação dos setores da esquerda brasileira, mas é preciso que a especificidade da greve osasquense seja compreendida de forma ainda mais profunda. Ela também foi desejo e construção de outro grupo, a Frente Nacional do Trabalho (FNT), organização cristã muitas vezes ignorada pelos trabalhos historiográficos como elemento importante, e que talvez não tivesse como aspecto marcante o romantismo revolucionário de 1968; ou ainda, o entendesse de outra maneira²⁹.

A participação dos operários-estudantes em manifestações contra o regime e a organização de uma passeata em Osasco, simultaneamente a outras que aconteciam pelo país em protesto contra a morte do secundarista Edson Luís, no Rio de Janeiro, fortaleceu no Grupo de Osasco a crença na possibilidade de enfrentamento maior com o governo. Aqueles que pertenciam à FNT, embora não tivessem feito parte dos protestos, viam na possibilidade de organização pelas bases, o crescimento da luta operária dentro da fábrica. Em Minas Gerais, os metalúrgicos criaram o Movimento Intersindical Anti-Arocho (MIA), ao qual os dois grupos osasquenses aderiram, planejando desencadear uma onda de greves que desestabilizaria governo e patrões. A primeira delas, ocorrida na empresa Belgo-Mineira, em Contagem (MG), durante o mês de abril, pegou de surpresa o Estado, que acabou negociando com os grevistas e concedendo aumento salarial.

O conjunto de experiências acumuladas pelos operários-estudantes e católicos de Osasco – a criação da Comissão de fábrica, a Frente Nacional do Trabalho, as atividades do Círculo Estudantil de Osasco e a vitória da Chapa Verde no sindicato – e os problemas relacionados com aumento salarial e direitos trabalhistas deram a eles a certeza de que poderiam organizar uma greve que paralisaria empresas por toda

²⁹ Outras publicações se referiram à greve ocorrida em Osasco no ano de 1968: a *Revista Unidade e Luta*, em 1972, publicou também uma série de entrevistas com exilados, dentre elas uma avaliação sobre a greve escrita em 1968 por José Ibrahim e José Campos Barreto, além de um texto de Antonio Roberto Espinosa. Os livros *Autopsia do Medo: vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury* (2000), de Percival de Souza, e *Lamarca, o capitão da guerrilha* (1987), de Emiliano Oldack, se referiram a Osasco, relacionando a cidade à guerrilha da VPR e à fuga do capitão com as armas do quartel de Quitaúna. Daniel Aarão dos Reis Filho, em *A Revolução faltou ao encontro* (1990), inseriu a luta dos operários ao cenário nacional de resistência à ditadura militar. Marcelo Ridenti também dedicou um capítulo de *O Fantasma da Revolução Brasileira* (1993) ao movimento, destacando o caráter revolucionário dos operários envolvidos na greve. No capítulo *A greve de 1968 em Osasco* (2008), Roque Aparecido da Silva contou sobre o planejamento e efetivação da greve. A dissertação de Sérgio L.S. de Oliveira, pela Universidade de São Paulo, tratou em especial da atuação do Grupo Osasco, *O Grupo de Osasco: movimento estudantil, sindicato e guerrilha* (2011).

Avenida dos Autonomistas (antiga Estrada de Itu que ganhou o novo nome em homenagem aos emancipadores da cidade), estendendo-se a outras regiões, como ABC paulista e Santos.

O sentimento de força foi alimentado ainda mais com o confronto de Primeiro de Maio, na Praça da Sé, quando trabalhadores de várias regiões de São Paulo compareceram para reivindicar seus direitos e foram surpreendidos com a presença do governador Abreu Sodré ao evento. Muitos estavam lá: Roque, Ibrahim, Espinosa, Barreto, Groff, João Cândido, João Joaquim e Inácio Gurgel. Inscritos na luta sindical mais ampla, os operários de Osasco procuraram manter seu diferencial e liderar os acontecimentos: armados de paus, radicalizaram, tomando o palanque e expulsando Sodré. Esse parece ter sido outro marco importante na construção da identidade militante osasquense, preparando-os para o que viria mais tarde, com a realização da greve em julho de 1968.

Diferente de Francisco Weffort (1972), que considerou a greve como movimento espontaneísta e voluntarista, é preciso levar em conta todo o conjunto de forças, ideologias e experiências que contribuíram para pensar as estratégias e a avaliação do contexto feita pelos osasquenses, que decidiram antecipá-la para o mês de julho³⁰.

Iniciada na manhã do dia 16, a paralisação que previa a permanência de todos os grevistas na empresa (de dentro para fora), foi permeada por algumas negociações com os patrões, o “sequestro” dos engenheiros pelos operários e a violência truculenta da força pública, que invadiu a Cobrasma no final da noite, além de outras fábricas, como a Lonaflex e a Braseixos, e o Sindicato dos Metalúrgicos, no bairro Presidente Altino. A cidade, rodeada por quartéis, foi logo tomada por brucutus sendo vários metalúrgicos presos, dentre eles Barreto e Groff. Outros trabalhadores, como Roque Aparecido e João Joaquim, refugiaram-se na igreja matriz de Santo Antonio, buscando proteção dos padres, e foram detidos, posteriormente.

A repressão se abateu sobre a cidade, atingindo também as famílias dos grevistas, que passaram a ter suas casas vigiadas e suas vidas transformadas pelos eventos. Iniciou-se um longo período de privações e escolhas – voluntárias ou não – que acabaram por gerar mais sofrimento e abandono. Groff, João Joaquim, Inácio Gurgel e João Cândido, depois da prisão, retornaram ao emprego, mas sofreram com a demissão,

³⁰ A greve estava prevista, num primeiro momento, para o mês de novembro, quando seria o dissídio da categoria. A decisão por sua antecipação e os efeitos que isso gerou são motivos de discórdia entre seus participantes ainda hoje.

a falta de emprego ou a perseguição. João Cândido deixou a cidade e foi para São Francisco de Assis, com medo da repressão. Roque Aparecido, José Barreto, Espinosa e Ibrahim assumiram definitivamente a luta armada, partindo para a clandestinidade.

A história traumática do movimento operário-estudantil, inaugurado com a morte do metalúrgico na caldeira, continuaria no cárcere com as torturas, a desestruturação familiar, a solidão e o exílio. Mais do que a paralisação e o confronto com o regime militar em 1968, as decorrências existenciais e emocionais na vida dessas pessoas posteriormente transformou o evento tão curto no tempo cronológico, intenso e longo na trajetória de vida, pois seu significado se estendeu a antes e depois dele e apresentou-se como traumático, ferida, individual e coletiva, não curada³¹. Os marcos dignificantes da cidade – a chegada do imigrante; a criação da Cooperativa dos Vidreiros; a morte do operário; a criação da Frente Nacional do Trabalho, da comissão de fábrica e do Círculo Estudantil; o enfrentamento na Praça da Sé e a própria greve – permaneceram como memória de seus protagonistas, mas sob interdição da ditadura militar. O processo de perseguição, de propaganda e embrutecimento do regime produziu a imagem dos opositores políticos como criminosos e antinacionalistas, merecedores das atrocidades a que foram submetidos. Não foi diferente com os militantes de Osasco, transformados e confundidos com terroristas, assassinos e estupradores, e ainda misturados a bizarrices sobre a cidade, como “loiras do banheiro” e “bebês demônios”, criações de jornais sensacionalistas como *Notícias Populares* ou programas de televisão³². Houve um processo de silenciamento e deturpação ofensiva à memória de luta pela conquista de direitos; violência contra a experiência conflituosa vivida.

O silêncio, como afirmou Michael Pollak em seu texto *Memória, Esquecimento e Silêncio*, “longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais (...) esperando a hora da verdade e a redistribuição das cartas políticas e ideológicas.” (1989:6). Foi o que chamou de

³¹ De acordo com Selingmann-Silva, “trauma” deriva de uma raiz indo-européia com dois sentidos: ‘friccionar, triturar, perfurar’; mas também ‘suplantar’, ‘passar através’. Nesta contradição – uma coisa que tritura, perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica (...) (Nestrovski & Selingmann-Silva, 2000, p. 8) A possibilidade de narrar o trauma permite a possibilidade de superá-lo e renascer.

³² Militante é entendido como todo aquele que conforma sua atuação política a preceitos e orientações ditadas por entidades, sejam elas políticas ou religiosas, e que faz de uma “causa” a razão de sua vida. Os cristãos da FNT, os estudantes envolvidos com a política estudantil e os guerrilheiros do Grupo Osasco ou da VPR foram considerados, neste trabalho, como militantes políticos, direcionados pela utopia política ou pela prática do catolicismo social.

“memória subterrânea”, que permanece viva mesmo sob a história oficial e que em momentos de disputa e tensão emerge fazendo-se perceptível e legítima. A redemocratização, a partir dos anos 80, e mais ainda, o momento atual em que se valoriza o testemunho, por meio da criação da Comissão da Verdade, permitiram aflorar a memória orgulhosa, inconformada e ressentida dos trabalhadores de Osasco.

1. HISTÓRIA ORAL TESTEMUNHAL: HOMENS E MULHERES DA COLÔNIA OSASQUENSE

*Eu não aceito quando alguém fala que a história tem mentira,
porque ela é uma coisa tão da alma, ela vem tão de dentro!...*

Teresinha Gurgel

1.1. A memória de expressão oral sobre a greve de Osasco em 1968

A opção pela história oral nesse trabalho teve como preocupação tratar da greve de 1968 não apenas como fato e sim abarcar os significados e marcas para quem vivenciou seus desdobramentos, a memória coletiva subterrânea e sua relação com as dores e interdições provocados pela repressão do regime militar, que acusou e condenou estudantes, operários e seus familiares como criminosos e desordeiros.

Não se tratou da memória escrita, presente em livros como o de Antonio Roberto Espinosa membro do Grupo de Osasco.³³ Ou de Flávio Tavares, jornalista preso durante a ditadura e exilado³⁴. Esta é fruto da análise, da palavra pensada, selecionada, do tempo de reflexão de seus autores. A memória de expressão oral aqui tratada foi considerada fluida e dinâmica, em que presente, passado e futuro confluem ao mesmo tempo. Memória alimentada pela existência da colônia de Osasco que constrói os elementos de sua identidade, aberta aos conflitos, aos desvios e ao diálogo. Tentar entendê-la nesse processo de troca constante, de mediações, consensos e dissensos foi o que me interessou.

Para isso, procurei ouvir dos narradores – trabalhadores e estudantes em 1968 - suas experiências dolorosas, seus marcos traumáticos, desde a morte do companheiro na caldeira da fábrica até a violência promovida pelo regime para reprimir a greve, provocando o enfrentamento maior dado pela guerrilha, com a prisão, a tortura e o exílio que alterou drasticamente suas vidas. A proximidade da própria morte, a desumanização dada pelo sofrimento no cárcere, a possibilidade da perda de algum ente querido, o medo cotidiano de ser vigiado e punido, tudo isso tornou a greve uma metáfora de coragem e renascimento; o início de longo processo de resistência e de feridas abertas. Nesse sentido, os relatos permitiram desenvolver a pesquisa sob o olhar da *história oral testemunhal*, termo criado por José Carlos Sebe Bom Meihy (2010)³⁵. Colocou-se em debate mais do que a produção de fontes orais, valorizando o processo

³³ O livro de Espinosa, *Abraços que Sufocam* (1993) é um conjunto de artigos escritos por ele ao longo de sua vida, analisando as experiências enquanto militante político.

³⁴ Flávio Tavares, em seu livro *Memórias do Esquecimento* (2007), relatou sua militância política e a experiência de ter sido um dos presos trocados pelo embaixador estadunidense Charles Elbrick, em 1969.

³⁵ Para Meihy (2010), a história oral testemunhal trata de processos de perseguições políticas, violência, deslocamentos, exílios, catástrofes, situações vivenciadas por grupos em que os colaboradores tenham se envolvido de forma traumática, como vítima.

terapêutico para aqueles que vivenciaram grandes tragédias e a política pública de reparações.

A greve de Osasco ampliou o horizonte cronológico, enquanto processo produtor de significados, subjetividades, emoções e identidade coletiva. Fez parte da experiência mais complexa, memória ferida e inconformada de uma comunidade de destino ou afetiva: todos aqueles que sofreram com as atrocidades promovidas pelo autoritarismo militar e atuaram em oposição a ele. Ao mesmo tempo, manteve a especificidade local da colônia osasquense, os participantes de movimentos que pensaram, organizaram, viveram ou sentiram os efeitos dela e da repressão sobre ela; aqueles que continuaram a presentificá-la em suas avaliações, seus sonhos, projetos de vida e ressentimentos. De acordo com Meihy, para compreender a colônia como parte da comunidade de destino é preciso perceber os dramas subjetivos que vinculam as pessoas afetadas, suas afinidades afetivas, e que sustentam a memória coletiva.

Em termos de história oral, as afinidades que enlaçam cidadãos que passam a ter destinos comuns são sempre distinguidas pela repercussão dos fatos na vida comunitária. Seja por ter sofrido prisões, terremotos, abalos climáticos, padecido torturas, epidemias, os grupos são identificados na história oral como portadores de “uma comunidade de destino”. (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 52)

Cada qual dos entrevistados, por seus motivos, migrou para a cidade entre as décadas de 50 e 60, vivenciou a vida na periferia e os problemas do trabalho nas fábricas, e transitou entre a escola, a igreja e o mundo fabril, construindo alternativas de luta e de vida. Gente que sentiu o peso econômico e político da ditadura militar sobre suas vidas, planejou e realizou a greve de Osasco em 1968 e sofreu suas pesadas consequências, assim como as decorrências de ser tratado como periferia, no mundo da concentração de riqueza ou da prática excludora.

Diante disso, a primeira hipótese deste trabalho foi levantada sobre a memória traumática dos grevistas: que tensões a memória masculina revelou com relação ao tratamento dado ainda hoje à cidade de Osasco como subúrbio, periferia, “cidade-dormitório”, ou ainda “cidade do crime”; como os narradores construíram a memória da greve e suas decorrências, e a significaram em suas vidas?

Suas narrativas revelaram vocabulário e sentimentos que se configuraram enquanto rebeldia e apontaram para o trauma histórico a ser superado, num movimento coletivo em busca da dignificação de seus feitos, do reconhecimento de dramas em

comum, mesmo quando divergentes em algumas práticas, do orgulho em colocar-se na centralidade dos acontecimentos na década de 1960, e não como apêndices ou coadjuvantes da história nacional. Nesse sentido, a pesquisa procurou mostrar como os narradores trouxeram para o centro da memória os “fertilizantes” de suas ações: a origem anarquista dos vidreiros no início do século, a igreja, os intelectuais comunistas, a escola, a luta armada, a união operário-estudante; e como significaram sua trajetória coletiva contra a ditadura militar.

Isso provocou novo questionamento sobre as possíveis dissonâncias no coro masculino, as disputas que se fizeram presentes nas lembranças, em torno de autorias, lideranças, erros e acertos, com relação aos grupos da Frente Nacional do Trabalho e Osasco; e também levou em conta o silenciamento sofrido pela colônia osasquense, assim como aquele que foi imposto pelos homens às mulheres, quase ausentes em seus discursos sobre a “cidade operária”.

Além da questão de gênero como construção social, e que colocava as redes femininas e masculinas em campos diferentes – não necessariamente opostos – foi possível perceber que havia entre os operários-estudantes/guerrilheiros e operários cristãos constante negociação sobre a memória da década de 1960, a organização e execução da greve em Osasco e os caminhos seguidos a partir da repressão.

Os olhares e interpretações diferenciados – apesar de narrativa muito próxima – permitiram identificar a existência de duas redes: a primeira marcada pela formação religiosa, por terem sido operários e estarem ligados à Frente Nacional do Trabalho (FNT), muitos até hoje, inclusive.³⁶ Foram colaboradores Inácio Pereira Gurgel, José Groff, Albertino de Souza Oliva (o advogado ligado aos operários), João Cândido e João Joaquim. Com exceção do último, que tornou-se professor de Ensino Fundamental, todos se aposentaram como operários. Outros, envolvidos com o movimento operário e estudantil, na década de 60, se definiram como operários-estudantes, mostrando trajetória ligada à fábrica, à militância política e a grupos armados no combate à ditadura: José Ibrahim, Roque Aparecido da Silva e Antonio Roberto Espinosa.

As mulheres, que observei se manifestarem com maior frequência nos encontros promovidos pelo Sindicato ou pela Prefeitura de Osasco, transitaram em redes que ora se assemelharam, ora se diferiram, com relação aos homens e entre si. Foi o caso, por exemplo, de Ana Maria Gomes, operária, estudante e guerrilheira. Intelectual e

³⁶ A rede é a dimensão dentro da colônia que marca as diferenças de gênero, social, política, local, e que permite perceber as convergências e dissonâncias na memória coletiva.

feminista. Militou ao lado dos homens na luta armada, na condição de mulher, como ela bem lembrou. Parte de um grupo feminino mais intelectualizado na década de 60, Ana Maria aproximou sua experiência de outras educadoras, Helena Pignatari Werner e Risomar Fasanaro. As três colaboradoras são atualmente professoras e atuaram durante muito tempo em movimentos políticos e sociais.

Houve ainda, uma quarta rede, maior e muito significativa, composta pelas donas de casa, esposas, irmãs e sobrinhas dos operários, e que sofreram a violência da ditadura militar de forma menos evidente. Viram e sentiram a repressão sobre seus entes queridos, tiveram suas casas invadidas, sua família ameaçada e agiram ambigualmente nos padrões culturais de seu tempo. Amira Ibrahim, Sandra Nogueira, Sônia Miranda, Albertina Cândido, Teresinha Gurgel, Iracema dos Santos e Maria Dolores Barreto. Sua atuação dificilmente reconhecida ou lembrada nos trabalhos historiográficos foi o aspecto em que a pesquisa mais fixou a análise, devido ao seu protagonismo diferenciado.

Maria Santina, a cozinheira que participou da greve e da comissão de fábrica, apresentou trajetória de atuação com os operários e as demais narradoras, na época, discutindo e esclarecendo os encaminhamentos da greve com as mulheres, e devido a isso, aproximei-a da última rede, embora se diferenciasse dela por ser mais politizada na época. Foi a única mulher da comissão da Cobrasma, mas não era operária da produção industrial. Além de Ana Maria Gomes e Santina, não consegui encontrar uma operária da Cobrasma ou de fábricas próximas que tivessem atuado na greve, o que impediu que se formasse uma rede específica de operárias. As entrevistadas transitaram entre a fábrica, a escola, a igreja e a casa, e isto tornou a memória feminina diferente dos homens, ao mesmo tempo em que se alimentou de suas histórias.

1.2. Memória subterrânea e invisibilidade feminina

A história de Osasco, apresentada por trabalhos historiográficos ou pelas narrativas masculinas, pouco ou nada disseram sobre a participação feminina nos episódios relativos à greve ou ao seu impacto sobre suas vidas. Colocando-se no centro da história, por meio de sua organização sindical e estudantil, e pela realização da greve

ou da luta armada, os narradores jogaram para a periferia a atuação de suas companheiras, pouco nomeadas nos acontecimentos aos quais se referiram.

Cada vez que conversava com os entrevistados, perguntava-me se não haveria mulheres nas fábricas ou no movimento estudantil, naquele contexto de greve em Osasco; ou ainda que participassem em instâncias sociais menos evidentes. Desafiava-me a ideia de saber como suas esposas, mães, filhas, sobrinhas e amigas teriam vivenciado a experiência da greve, mesmo que de forma indireta; como teriam suas vidas afetadas pela vida política do País, pelo impacto da repressão. Perguntados sobre isso, eles passaram a citar nomes, fazendo referência à colaboração delas na hora da greve ou nas visitas feitas na prisão e à ignorância feminina que reconheceram ter sido superada com os eventos de 1968. Algumas delas, como Maria Santana e Ana Maria Gomes foram lembradas e reconhecidas por sua atuação na fábrica ou na guerrilha. Houve menções, ainda, às esposas, mães, irmãs e sobrinhas como companheiras de sofrimento. Mesmo assim, considereei que elas tivessem direito à sua própria voz e história e que as referências feitas por eles, na maioria das vezes, tinham sido estimuladas por meu pedido.

As mulheres, afirmou Michelle Perrot (2010), apareceram muitas vezes no processo histórico como “coroadoras” do heroísmo masculino, de certa forma aplaudindo e validando seu sacrifício por uma causa social ou política³⁷. Restritas ao espaço da casa, também foram silenciadas historicamente e acabaram, muitas vezes, assumindo sua invisibilidade. Assim também, na maioria dos relatos feitos pelos grevistas de 1968, reservou-se lugar secundário a elas, o que não significou que as colaboradoras tivessem aceitado essa condição.

Desde os anos 70, trabalhos historiográficos têm tratado sobre a atuação feminina no processo de luta contra a ditadura militar no Brasil, procurando romper com a postura omissa, que colocou nas margens da história a sua experiência. Para longe da vitimização das mulheres ou de sua submissão ao mundo dos homens, pesquisas desenvolvidas nos últimos anos como a de Elizabeth F.X. Ferreira (1996), Ana Maria Colling (1997), Luiz Maklouf Carvalho (1998), e Maria Cláudia Badan (2011), desmontaram a imagem de ociosidade e passividade por parte delas no cenário político. No contexto do regime autoritário, deram destaque principalmente à rebeldia e à

³⁷ Em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história* (2005), Perrot se referiu ao lugar secundário para o qual as mulheres são destinadas pelos homens, sempre colocadas nos bastidores e desqualificadas por atuarem no espaço da casa e da família. Para ela, as mulheres têm grande papel enquanto mediadoras e reservatório da memória familiar.

participação feminina na luta armada, em grupos como a Aliança Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, a tese de Doutorado desenvolvida por Olívia Joffily (2005), ofereceu contribuição mostrando a história de guerrilheiras submetidas à tortura, sua singularidade e coragem perante a violência masculina e militar.

Todos os trabalhos citados trabalharam com a história oral, deixando evidente a lacuna que ainda há de registros escritos sobre a história feminina e a importância da produção de fontes orais para que suas experiências sejam conhecidas.

Apesar do mérito, o que chamou a atenção nesses estudos foi a ausência de reflexões mais profundas em torno das experiências de “mulheres comuns”³⁸. Ou seja, aquelas que não romperam claramente com o código de conduta social, diferente do que fizeram as guerrilheiras, não fazendo nada de excepcional no cenário em que o espaço público e o político teriam destaque como lugar de resistência ao autoritarismo.

Essa constatação levou-me a levantar novos questionamentos, na tentativa de contribuir com a historiografia sobre o período militar e sobre a greve de Osasco: de que memória subterrânea as mulheres osasquenses seriam portadoras, com relação à greve e à experiência que vivenciaram durante aquele período de exceção; quais seriam seus traumas e relações com o mundo masculino e político? Que papéis elas se atribuiriam no contexto da ditadura, ao narrarem suas experiências traumáticas?

As mulheres que entrevistei mostraram admiração pelos homens, mas revelaram também nova postura quanto ao tratamento reservado a elas pela memória masculina. Assim como eles, lembraram com orgulho de conquistas coletivas, sem enxergá-las, na maioria das vezes, de forma opositora e conflituosa. Construíram suas narrativas em conexão com a memória masculina, ao mesmo tempo em que apresentaram discurso próprio e forma de contar e organizar os eventos diferenciadamente, por uma memória sobre a qual as narradoras ainda não estabeleceram um “pacto narrativo”.

As colaboradoras orgulharam-se de sua condição e revelaram artimanhas desconhecidas pelos homens para atingirem seus objetivos e fazerem-se visíveis no âmbito político e masculino. Aplaudiram o heroísmo de seus companheiros e também os humanizaram, apontando, por vezes, suas fragilidades e falhas em seus feitos. Não apresentaram memória cronologicamente marcada como eles, mas forte afetividade, sua

³⁸ Quero me referir, com essa expressão, a todas aquelas que continuaram a lidar com a vida ordinária, cotidiana, da casa e da família, sem terem participado das organizações políticas da época, e das quais a historiografia pouco tem se ocupado por supostamente não realizarem nada de excepcional quanto ao que se esperava do papel feminino.

arma de resistência e subversão, inclusive contra os agressores do regime, duplamente empoderados por sua condição social de gênero e pela autoridade repressora.

Os relatos femininos reorganizaram o discurso sobre a greve, mostrando que mesmo numa história quase exclusivamente dos homens, houve espaço para a atuação das mulheres. Mais ainda: que a afetividade pode ter peso histórico e serviu para politizar a esfera doméstica. A memória coletiva foi marcada por vínculos traumáticos e dramáticos, de mulheres e homens que conviveram em Osasco sob o regime militar, e que se solidarizaram, compartilharam emoções, medos e esperanças. Suas narrativas devem ser entendidas em termos recíprocos e intersubjetivos, como diz Passerini, e não vistos de forma separada, pois se forem ancoradas no biológico, as diferenças de gênero não existem e os sujeitos históricos desaparecem.

As práticas sócio-culturais no passado e ainda no presente constituíram as memórias masculinas e femininas, e nesse sentido a memória é sexuada porque norteadas pela performance atribuída e esperada culturalmente de cada um. A experiência, muito mais rica do que a fisiologia nesse sentido, inscreve-se nos corpos e mentes, forjando a complexidade de padrões que podem ser vivenciados das mais diferentes formas, inclusive sendo estes quebrados, manipulados e distorcidos pelos atores sociais, o que parece ser o caso, em parte, de nossas entrevistadas. O estudo com a colônia de Osasco não buscou essencializar as diferenças de gênero numa grande narrativa sobre “a Mulher” e “o Homem”, mas entendê-los em relação, se formando e se forjando dialeticamente.

As funções restritas às donas de casa, irmãs, mães e esposas sofreram transformações na medida em que, sozinhas ou em conjunto, vivenciaram as ações promotoras da greve, a interferência intelectual e política em suas concepções de vida e seus lares, e as consequências das decisões de “outros”, muitas vezes desconhecidos. De forma voluntária ou pressionada, politizada ou afetiva – ou tudo ao mesmo tempo - elas expandiram sua área de atuação e invadiram certos espaços restritos, nos sindicatos e prisões e também trouxeram para o âmbito do particular as preocupações com problemas mais sociais.

Não haveria sentido, portanto, analisar a memória das mulheres excluindo de sua experiência a história masculina. Elas se construíram juntas, e é assim também a memória compartilhada – com suas especificidades e fronteiras – sobre a greve de Osasco e suas implicações nas trajetórias de vida. Dessa forma, procurei entender como essas relações entre o feminino e o masculino se inscreveram na construção coletiva da

memória sobre a greve de Osasco e as consequências traumáticas em suas vidas. As narrativas de cada gênero caracterizaram-se menos pelo confronto, mais pela solidariedade, pelo destino em comum. Demonstraram continuidades e rupturas em torno de entendimentos e identidades, compartilharam leituras sobre a ditadura militar, a greve, os fracassos e vitórias, sob pontos de vista orientados pela experiência.

Busquei compreender os discursos masculinos como disputas pela centralidade – com relação à história nacional e estadual, assim como a negociação entre as duas redes que organizaram a greve – Frente Nacional do Trabalho e Grupo Osasco - e o caminho narrativo feminino mostrando como a experiência na casa pode colaborar para a leitura diferenciada da resistência contra o regime autoritário, assim como as mulheres colocaram-se como protagonistas de uma história até então apenas masculina, mostrando como elas foram capazes de ocupar a esfera pública e politizar o espaço privado. Das margens da história, elas foram validando suas experiências, por vezes orgulhosas de seus companheiros, por vezes ressentidas.

Os trabalhos que buscaram valorizar a excepcionalidade feminina pela participação na guerrilha tornaram mais visíveis certos segmentos, mas ainda deixaram alguma lacuna ao silenciar sobre as histórias daquelas que não se tornaram militantes³⁹. Contribuíram para entender a escolha, a coragem e o rompimento com as normas de submissão predominantes na década de 60 dessa figura “subversiva”, como nomeou Elizabeth Ferreira⁴⁰. A origem das guerrilheiras, de acordo com a pesquisa, era de classe média, filhas muitas vezes de pais conservadores, que acabaram renegando-as ou de intelectuais a quem deveram sua formação política.

O que me seduziu no diálogo com as mulheres da colônia osasquense foi a possibilidade de falar também daquelas que não optaram ou não foram levadas por nenhuma condição claramente política a tomar esse caminho, mas que também vivenciaram o medo e foram ousadas utilizando outras táticas menos explícitas enquanto subversão. Daí o olhar especial sobre a rede formada pelas donas de casa, companheiras dos operários e/ou guerrilheiros.

Elas se tornaram militantes ou ativistas? Haveria outra forma de agir que não a militância política? As mulheres se relacionaram com as instituições da mesma forma

³⁹ As entrevistadas falaram do ativismo afetivo que passou a se confundir com a política, muito mais moldadas pela necessidade de defender sua família ou seus entes queridos presos e/ou torturados do que por questões doutrinárias.

⁴⁰ O trabalho trata da ação feminina contra a ditadura militar, por meio da luta armada como membros da Ação Libertadora Nacional (ALN) e aborda as relações hierarquizadas de gênero dentro de agrupamentos como esse.

que os homens? Para além da proposta de Joan Scott (1990), que seria analisar a questão de gênero sob o ponto de vista político e público, foi possível recorrer a outras esferas, como o cotidiano e o privado para significar as contribuições femininas e ao mesmo tempo tentar perceber a intimidade na fala masculina, rompendo a visão dualista da opressão versus submissão.

Para apresentar a problemática da centralidade masculina e osasquense por meio da memória e, ao mesmo tempo, o protagonismo feminino em diálogo com os homens, pretendi responder a algumas perguntas: como homens e mulheres, divididos em redes, contaram e significaram a greve de Osasco, realizada em 1968? Como dignificaram as experiências na cidade, por meio das narrativas de vida e quais seriam os traumas narrados nas histórias orais da colônia osasquense? Como as narrativas femininas ajudaram a tecer ou esgarçaram a memória masculina? A fragilidade foi uma identidade de gênero ou um papel que a mulher assumiu para subverter o mundo dos homens? Não sendo o jogo político explícito na história das mulheres, onde situá-lo e como qualificá-lo nas diferentes narrativas?

Ao invés de ratificar que o espaço público é o lugar de ausência feminina, considero que esta pesquisa possa contribuir, por meio das memórias, para refletir sobre o entrelaçamento entre “centro e a periferia” das relações de gênero, sendo o mundo privado o espaço em que astuciosa e silenciosamente se constituíram a antidisciplina e a resistência feminina, procurando ocasiões, brechas e possibilidade, muitas vezes do próprio poder público e masculino, para se revelar tramas, mecanismos e afetos nos quais não só os homens – mas as mulheres, em especial – estiveram e pareceram estar ainda emaranhados, percebendo como os desejos e as afetividades puderam transformar as supostas coadjuvantes em protagonistas da história. Elas não estiveram ausentes, mas invisíveis até certo momento, quando agiram para romper com essa condição.

2.3. Gênero: oposição?

Para pensar sobre as narrativas com relação à greve de Osasco e aos eventos da ditadura militar, procurei compreender a importância de contar e a contribuição que a memória e a história feminina poderiam dar ao já relatado pelos homens. Michelle Perrot afirmou que

escrever uma história das mulheres é um empreendimento relativamente novo e revelador de uma profunda transformação: está vinculado estreitamente à concepção de que as mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos. (...) Também significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível.” (PERROT, 1995: 9).

A história oral, para ela, poderia ser a revanche das mulheres, como portadoras de outras memórias e como porta-vozes do espaço privado, invisível aos homens que, normalmente, permaneceram mudos com relação à infância, à casa, à família, aos filhos. O trabalho e a vida pública voltada para a honra viril teriam atrofiado essa competência e prática e, por isso, a história e a memória deles tenderiam a ter como tema sua vida política e pública em detrimento da vida pessoal.

Optar pela história oral de vida feminina não seria apenas o apelo para integrá-la à masculina, o que poderia significar somente acrescentar materiais sobre gênero sem analisar suas implicações com relação ao protagonismo histórico e à valorização da experiência de quem foi excluído da memória oficializada; mostrar que os eventos realizados pelos operários, estudantes ou guerrilheiros contavam com uma base afetiva familiar, que lhes deu suporte emocional e também político. Para Perrot, os acontecimentos privados devem ser vinculados aos problemas sociais, pois é justamente a confrontação entre eles que permite a possibilidade de modificar o quadro geral da história ou da memória coletiva em seu conjunto.

Assim como Perrot, Joan Scott (1990) defendeu o conceito de gênero como categoria útil à história das mulheres e à própria história, procurando entender as relações entre os papéis sociais e os gêneros entre si, analisando desigualdades e hierarquias sociais e suas decorrências no político. Concordando com ela, penso que a história ou a memória exclusivamente feminina poderia constituir-se num gueto, sem levar em conta as relações de constituição mútua que se dão numa condição não necessariamente de dominação e subordinação, mas também de colaboração, resistências e resiliências.

Quando a multiplicidade de masculinidades e feminilidades acaba encerrada no binarismo “memória de homens versus memória de mulher”, aprisiona-se a análise dos relatos na dicotomia generalizante e pretensamente universal dominadores/dominadas e perde-se de vista a riqueza dos relatos e seus significados. A recusa à visão naturalizada

e binária não é apenas posição teórica, mas política. Se optasse por uma lógica dicotômica opressor/submetida, as várias direções em que o poder foi exercido por elas e eles seriam imperceptíveis. Ao se constituírem pelas narrativas ou pela experiência subjetiva e comunitária, as entrevistadas e os entrevistados também se identificaram a um gênero, ligado à classe social, à origem familiar, ao grupo religioso ou político, a uma determinada geração, revelando antagonismos e consensos que podem alterar os arranjos de memória.

Essas diferenças também apareceram no processo de desenvolvimento do feminismo no Brasil. Trabalhos como de Maria Lygia Quartim de Moraes (1990), Marcelo Ridenti (1993), Cíntia A. Sarti (2004), Célia Regina J. Pinto (2003), Joana Maria Pedro (2007) e Ana Rita Fontenele (2009) trataram desse tema. Eles abordaram os anos 60 e, principalmente a influência do Ano Internacional da Mulher, decretado pela ONU em 1975, com a criação do Movimento Feminino pela Anistia na contestação ao regime militar. Foi consenso entre eles que a maioria das feministas brasileiras tinha como especificidade a ligação com organizações armadas clandestinas, sendo influenciada pelo marxismo e por uma visão mais política do que subjetiva. As ideias relacionadas a questões de gênero – o corpo, a família e a sexualidade – teriam sido aprendidas pelas exiladas, que teriam construído sua militância fora do país e trazido em sua bagagem a influência e a experiência do movimento. Esse processo promoveu o desejo de libertação da mulher, com contestações em todos os níveis, rompendo com estereótipos de mãe, irmã e esposa.

Perguntei-me se esse seria o caso de todas as entrevistadas e se era possível fazer essa generalização sobre o engajamento delas na vida política. Será que, independente e anterior ao surgimento do feminismo, as narradoras não reconheceram a instância do privado tão importante quanto o público e suas ações tão legítimas quanto qualquer militante de esquerda ou de gênero? Foi a partir do feminismo que elas passaram a se ver como seres políticos?

2.4. A pesquisa com história oral testemunhal

A relação dialógica com os colaboradores nem sempre aconteceu de forma tranquila, não só porque eles nem sempre estiveram dispostos a falar e isso acabou por gerar frustrações e processos inacabados – como aconteceu com algumas entrevistas –

mas principalmente devido ao fato de que seus relatos não abordaram apenas a greve enquanto acontecimento cronológico. De alguma forma, homens e mulheres passaram por algum tipo de experiência-limite, que extrapolou a data e o espaço do evento e, portanto, quando se referiam a eles era inevitável contarem sobre a repressão que veio posteriormente. Falaram também da resistência, feminina ou masculina, que se desdobrou a partir dela: o ingresso na luta armada, a prisão, o exílio; a visita às prisões, o enfrentamento das autoridades e a reivindicação da Anistia. Abordaram sobre o sonho que não ficou pra trás, a vontade de dizer sobre suas emoções, perdas, erros e acertos, para perpetuar o sentido e valorizado e transformar o não conhecido em história.

Mais do que a própria paralisação e o confronto com o regime militar, interessou-me as decorrências existenciais e emocionais na vida de pessoas inscritas numa comunidade afetiva cuja identidade está na opressão sofrida, na partilha de sonhos e na resistência à ditadura militar. A memória coletiva foi alimentada pelos indivíduos que viveram intensamente a greve de Osasco, sentiram emoções e tiveram seus caminhos fortemente marcados por esse evento tão curto no tempo cronológico, mas tão intenso e longo na trajetória de vida.

Lidar com lembranças marcadas pela violência física e /ou psicológica implicou em entender interdições, resistências, lágrimas e forte carga emocional. Seria estar preparada para ouvir o testemunho de quem vivenciou ou assistiu a catástrofe pessoal/social acontecer, criando formas de enfrentamento ou negociação. Os testemunhos demonstraram mais do que angústia e resignação diante da violência; fizeram germinar uma forma de expressão que apontou para sua persistência e luta.⁴¹

Durante as entrevistas procurei, então, respeitar os momentos mais difíceis de homens e mulheres, além de suas opções narrativas. Estava diante de narradores-sujeitos, não de objetos, e considerei que cada um deles deveria escolher o que contar e como contar. Foram poucas as perguntas de corte que fiz enquanto conversávamos, pois me preocupei mais em perceber que temas em comum emergiriam das falas: como a memória coletiva estaria entrelaçada pelas memórias individuais.

No início da conversa pedia a cada um para se apresentar e contar sua trajetória até o ano de 1968, assim como relatar sua experiência após a greve de Osasco. Alguns estímulos serviram para compreender melhor a relação das histórias individuais com o

⁴¹ Quero dar a este termo um peso maior do que o relato ou narração. Pensando no que Meihy (2010) e Marcelo Selingmann (2001) definiram como história oral traumática e trauma, respectivamente, o testemunho foi aqui considerado enquanto “tocar na ferida”, a partir do que se presenciou ou se ouviu; envolveu mais comprometimento com “certa verdade” dolorosa.

contexto social e com as outras narrativas, mas foram poucas as intervenções, pois as narrativas eram espontaneamente construídas com fluidez. Para os homens, temas como protagonismo, liderança, coragem, sacrifício e revolução estiveram sempre presentes e valorizados, como fruto de uma grande negociação entre eles. Por isso, tive curiosidade de perguntar-lhes sobre o medo ou sobre sua família, do que muitas vezes eles desviaram. Quando percebi que silenciavam demais sobre as mulheres, questioneei sobre a presença delas.

As colaboradoras, mesmo quando militantes políticas, trouxeram em seus testemunhos a lógica do afeto e suas ações performáticas, revelando o que Luc Capdevilla (2001) nomeou de “jogos de gênero”.⁴² Quando comecei o processo de entrevistas com elas achei que encontraria vítimas e me deparei com pessoas que não se resignaram; fizeram o ordinário tornar-se extraordinário, a partir da suposta fragilidade feminina. O afeto e o amor à vida tornaram-se história nas palavras da maior parte delas, que só na aparência pareceram aceitar sua condição no mundo dos homens. Elas se recolocaram na vida de seus companheiros, ultrapassando-os. Interessei-me por essa postura, procurando entender que papéis assumiram para se inscrever no mundo dos homens e que identidade feminina construíram a partir daí. A fragilidade seria uma identidade que significa ou um papel que se assume como submissão para justamente subverter?

Entrevistados e entrevistadas refizeram os caminhos de acordo com a importância e os significados que atribuíram a eles em suas vidas: mostraram suas convergências e dissonâncias com relação à greve; contaram sobre a especificidade de Osasco diante do cenário nacional; sobre a Igreja e a luta armada; a prisão e a tortura e o exílio; elas buscaram marcar sua presença como mediadoras e protetoras; defensoras dos presos e exilados; lembraram de seus mortos e de como mobilizaram família e vizinhos. Elas deixaram claro que não é possível manter o controle sobre as narrativas, pois ela é fruto, sempre, da negociação e da vontade de criar imagens de acordo com o presente vivido.

Os testemunhos orais são considerados, por muitos historiadores, fontes incompletas ou meras ilustrações de informações escritas, como foi possível observar em trabalhos já produzidos sobre a greve de Osasco. Sabe-se da recepção ainda

⁴² Juego de gênero seria a expressão usada por Luc Capdevilla para se referir ao exagero em certas características consideradas femininas, que ele percebeu na atuação das *Madres da Plaza de Mayo*, na Argentina. Para ele, seriam táticas das mulheres para conseguir atingir objetivos políticos na relação com o poder.

resistente a este tipo de prática por parte da Universidade, espaço privilegiado da competência, moldada por normas e procedimentos metodológicos baseados prioritariamente em documentos escritos. Os relatos de boa parte dos operários - exclusivamente homens - foram utilizados para confirmar ou complementar as informações que os documentos como jornais e atas oficiais já traziam.

Entendo que as narrativas não foram uma forma de ampliar a informação sobre os acontecimentos em Osasco, não ficaram restritas ao tempo cronológico, ao evento explicado, como se “tapasse buracos” ou lacunas que outros documentos ou interpretações não dessem conta. Foram histórias construídas em torno de pessoas, por pessoas. Como disse o historiador Paul Thompson (1992), revelaram uma forma de “lançar a vida para dentro da própria história”, abordando a singularidade de cada narrativa, tecida numa teia de muitas vidas que se cruzaram.

Registrar as experiências de narradores, dar nome aos indivíduos, antes ignorados, figurantes, esquecidos, coadjuvantes, tem como mérito ampliar a pluralidade social, as vozes, os entendimentos sobre o sentir e o experimentar. Sobre o próprio sonho. Permite também explicitar melhor a posição política do pesquisador, a sua própria subjetividade, antes negada nos trabalhos historiográficos. O significado das falas não é entendido com algo fixo nem tradução do real, e sim construção, fruto do processo dialógico, humano, assim como ocorre com outras fontes historiográficas escritas ou iconográficas.

O narrador concebe sua versão como testemunho verdadeiro, pois testemunhar não é apenas relatar o que se vivenciou ou que se viu; é construir discurso factual, emocional e interpretações. O testemunho, afirmou Michael Pollak (1989), vincula-se à construção de uma identidade. Quando se pretende falar de uma experiência, aborda-se a ação na qual os sujeitos se engajaram, participaram, sentiram e que avaliaram e reformularam, muitas vezes coletivamente. Trata-se de ações e sentimentos, e de reflexão sobre eles, com suas múltiplas temporalidades, continuidades, rupturas, consensos e dissensos. Reafirmando a ideia, ressalto a fala de Alessandro Portelli:

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (...) quem concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (...) não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é

interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados.” (PORTELLI, 1996: 60)

As narrativas são processo de recontar contínuo, a luta contra a dissolução e a fragmentação do tempo. No caso das mulheres e dos homens de Osasco, são a batalha individual e coletiva contra o silenciamento imposto pelo regime militar num momento em que a disputa pela memória ganha mais força, com a criação da Comissão da Verdade⁴³. Vive-se um momento de gravidade, de expor as dores e, ao mesmo tempo, o tempo ucrônico do sonho, do futuro, do “se”. Quando ex-operários e estudantes, suas esposas, irmãs, sobrinhas e amigas compartilham a memória em comum, abrem-se fronteiras nas escolhas do que deve ser lembrado e dito, o que se quer deixar conhecer para o grupo de pessoas dispostas a serem ouvintes. A colônia divide o sentimento de que se o possível não aconteceu – a busca pela justiça, pela democracia e pela igualdade - ainda há de se realizar.

O sentido das narrativas sobre a greve de 1968 é vitorioso, mesmo que ela tenha tido final repressor. Lembrá-las lhes dá auto-estima e reforça a identidade relativa ao passado glorioso porque resistente, e ao presente e também ser promissor. Se homens e mulheres foram, naquele momento, perseguidos, presos, ignorados, calados, a ucrônia e o desejo sustentam a esperança e apontam para o futuro. O que não fizeram pode ser feito por eles e por outros. Registrar o desejo, petrificá-lo na escrita, parece ampliar a sua força. O registro, pedra que resiste ao tempo, que não dá conta da memória e dos testemunhos, e que os cristaliza momentaneamente, torna as palavras escritas um presente ao público, àqueles que viverão para além da memória do narrador e também se tornarão testemunhas enquanto ouvintes de uma história que não viveram.

O trabalho com testemunhos traz muitos desafios, pois não é fácil registrar sem perder o conjunto simbólico da expressão: interdições, gestos e olhares. É preciso respeitar o direito ao esquecimento, ao silêncio, com delicadeza. Na relação entre escutador e narrador estabelece-se uma simetria, pelo fato de que não se sabe quase nada sobre o que o outro tem a dizer. Desse encontro nasce a fonte oral vertida em

⁴³ A Comissão da Verdade, nomeada em maio de 2012 pela presidente Dilma Rousseff permite que se toque a ferida traumática da história da Ditadura Militar e é o momento em que muitas memórias subterrâneas emergirão em oposição a outras.

escrita, construída conjuntamente pelo narrador e pelo pesquisador. Descobre-se que o entrevistador é um aprendiz e, como escutador, precisa partilhar a dor do outro, o seu testemunho, e se permitir conhecer. É mais do que a relação fria com um documento escrito. A dor vivida por muitos operários, estudantes e donas de casa, homens e mulheres, decorrentes da repressão à greve e ao ingresso de alguns na luta armada – a perda de parentes, o trauma da tortura, a solidão do exílio – é muito grande para ser narrada sozinha. Narrar não é só reeditar o sofrimento, mas compartilhá-lo, o que significa doar ensinamentos e interpretações a fim de clarear injustiças e responsabilidades. Considero que trabalhar com narrativas seja mais do que uma conversa. É relação de cumplicidade.

O fato dos testemunhos serem frutos diretos da experiência não apresenta o sentido de que sejam mais verdadeiros do que os documentos escritos ou mais legítimos. Para Paul Thompson, a gravação dos relatos é um documento mais fidedigno e completo do que qualquer registro escrito e oficial, e cabe ao historiador “enfrentar esse tipo de testemunho não com uma fé cega, nem com um ceticismo arrogante”, mas com “espírito sensível” para compreender a verdade simbólica dos fatos narrados por “fontes vivas que, exatamente por serem vivas, são capazes, à diferença das pedras com inscrições e pilhas de papel, de trabalhar conosco num processo bidirecional” (1992, p.195-196)

O aspecto da bidirecionalidade entre entrevistador e entrevistado levantado por Thompson desloca a direção da pesquisa, o conceito de objeto e de verdade, pois ela se torna mais humana e dinâmica, sem tornar as narrativas mais ou menos verdadeiras, ou imparciais, do que outros registros. Repletas de subjetividade – e, portanto, parciais – as narrativas da colônia de Osasco, presentificadas pelas expectativas do pesquisador e do narrador devem ser compreendidas em seus significados, sua performance e sua leitura sobre o passado, e não como detentoras da garantia de verdade sobre o que teria sido a greve ou a ditadura no ano de 1968 e suas decorrências. No testemunho, é possível observar o conteúdo da história e o seu sentido para o narrador, sua relação com a comunidade de destino, com a colônia e as redes, e com o tempo presente. Testemunhar sobre esse evento tornou-se “dever de memória”, busca pela tomada do espaço político e simbólico da cidade, valorizando as experiências daqueles que foram silenciados por tantos anos, quase como um ritual terapêutico, capaz de amenizar ou curar os traumas sofridos.

Beatriz Sarlo, ao tratar dos testemunhos de perseguidos políticos na Argentina, em seu livro *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), considerou que não há qualquer equivalência entre o direito de lembrar e a afirmação da lembrança como verdade. Para ela, o trabalho com testemunhos, com as histórias na primeira pessoa, é ingênuo, pois reserva à memória “uma verdade da lembrança”, quando não é possível confiar na ideia de que a narrativa possa preencher o vazio de explicar e compreender a história. Isso poderia dar origem ao “abuso da memória”, procurando valorizar e equivaler os relatos ao papel da história. É preciso deixar claro, no entanto, que a memória e a história não se confundem – embora estejam intimamente conectadas. A primeira não é sistemática e racional; é vida e continuidade. Isso não impede que no momento da análise haja distanciamento para identificar nervuras, resistências, valores, discordâncias e convergências nos relatos orais e que não se possa buscar uma compreensão mais ampla da sociedade em que esses sujeitos estiveram e estão envolvidos.

O que se colocou de diferente no diálogo com esses sujeitos foi uma nova e também válida forma de construir o conhecimento e as fontes históricas. A proposta de uma ciência engajada, que perceba o agir humano no fazer-se histórico, com a pluralidade de práticas, conhecimentos, emoções e percepções. Usar o trabalho com a história oral testemunhal para escutar o que o outro tem a dizer e, se necessário, produzir transformações no presente.

Os entrevistados não foram considerados objetos, nem atores, nem depoentes, fugindo ao tratamento técnico que muitos trabalhos acadêmicos dão aos relatos de vida. Quando fiquei frente a frente com as pessoas que aceitaram expor sua subjetividade, suas perdas e fracassos - como as mulheres presas ou que viram seus esposos serem levados, sentindo-se abandonadas; ou os operários e estudantes que foram torturados e humilhados; ou ainda a dor feminina de “nada saber” e ter que descobrir o mundo para perceber a si mesma – compreendi porque elas não poderiam ser tratadas como simples objetos a serem estudados. No relato, não houve informantes. Tratou-se de colaboradores, como defendeu Meihy (2005), de um trabalho dialógico intenso e comprometido.

Co-labor-ação. Esse foi o sentido da prática em ouvir testemunhos de vida e ficou claro no diálogo com os membros da colônia osasquense: mesmo quando já existiam as perguntas a serem feitas durante as entrevistas, percebi a seleção pelos narradores do que iriam falar; escolhas de quem ou o que deveria ser lembrado: Gurgel

declamou de cabeça um poema feito por ele para a greve; Teresinha cantou durante seu relato; Roque chorou ao falar de seu irmão morto; Ibrahim silenciou quando lembrou sua prisão e tortura; Risomar lamentou ao lembrar de sua amiga desaparecida. Não houve controle sobre seus testemunhos.

Mesmo quando entrevistava mulheres - o que nos aproximou e facilitou o diálogo e as negociações sobre a oralidade vertida em escrita – houve clareza de que não falávamos do mesmo lugar e, portanto, não éramos iguais. A empatia entre nós, o fato de sermos mulheres, ou trabalhadoras, e o compromisso com o objetivo em comum de dar visibilidade à experiência vivenciada, aproximou-nos e colocou-nos em condição de igualdade. Ao mesmo tempo, não estávamos em campo neutro, pois éramos diferentes, carregávamos nossas subjetividades, interesses e expectativas. Como afirmou Portelli “o campo de trabalho é significativo como o encontro de dois sujeitos que se reconhecem entre si como sujeitos, e consequentemente isolados, e tentam construir sua igualdade sobre suas diferenças de maneira a trabalharem juntos” (1997, p.23).

A colaboração na construção da narrativa e do conhecimento não foi dada por uma condição de igualdade entre entrevistados e entrevistadora. A única igualdade foi aquela que nos colocou em posição de mútuo desconhecimento e recíproca tentativa de controle sobre o processo: não vivenciei a memória do outro, ela não estava em mim, pulsando, viva, pois ela pertencia aos narradores. Como ouvinte, pude colaborar e mediar o registro da memória de expressão oral, reconhecendo a autoridade de quem falava para vetar, escolher e censurar partes de seu relato, utilizar os seus próprios termos e renegociá-los na transcrição, parte final do projeto de história oral que se concluiu com a validação do texto pelo narrador.

A transcrição, como definiu Meihy, ultrapassa a transcrição absoluta da oralidade. Dá-lhe vida, sentido, beleza.

O texto produzido por entrevistas de história oral de vida é passível de tratamento literário. Neste sentido, não se trata de entrevista convencional. Aliás é exatamente aí que reside a diferença fundamental. O sofisticado processo chamado de transcrição se faz importante neste caso. E também se recomenda não confundir transcrição com edição no sentido jornalístico. Enquanto transcrição implica ação criativa, reordenação dos fatores dados na entrevista, edição se limita a ação de correção menor. É lógico que transcrição não admite invenção de situações, apenas propõe clareza na exposição. Porque a entrevista em história oral de vida é um meio, a fidelidade linguística torna-se relativa. Interessa realmente a lógica

discursiva, a moral da história, o sentido ontológico da experiência. (MEIHY, 2008, p.147)

O registro escrito é incapaz de ser o duplo da fala, sua “tradução real”. Como Meihy, acredito que o texto escrito jamais poderá dizer fielmente o que o entrevistado quis dizer, porque tantas emoções, gestos e interditos se perdem. Daí a importância do texto recriado, a partir da validação do colaborador, que se vê no relato escrito. As entrevistas são entendidas como força pulsante, história viva e emocionante; e o registro, validado pelos narradores, a luta pelo reconhecimento de suas experiências. Nesse sentido, trabalhar com testemunhos é escolha acadêmica e política, pois entendo, como Paul Thompson e José Carlos Sebe Bom Meihy, que a pesquisa pode se tornar instrumento de mudança, na medida em que abre espaços de diálogo, ampliando o campo de investigação e modificando o olhar sobre os acontecimentos e a própria episteme.

Dessa forma, entendo que esse trabalho possa contribuir para elucidar fatos relativos à greve de 1968 em Osasco, preocupação já presentes em outros trabalhos, mas que o seu maior mérito seja mostrar que a história também se interessa pelo que os indivíduos sentiram, projetaram e pensaram ter feito, construindo a si mesmos pela memória coletiva; como são capazes de ressignificar o passado, dando sentido às suas vidas no presente e contribuindo para que, ao tomar conhecimento de experiências sob o regime autoritário, a sociedade brasileira possa também refletir sobre sua história.

A história oral é democrática, porque escuta e registra os relatos de um grupo que luta para se fazer ouvir, reivindica o direito de lembrar, no cruzamento de tempos. Ao falarem sobre suas vidas, as pessoas que formaram a colônia de Osasco, relegadas ao esquecimento no jogo de forças por algum tempo, buscaram narrar e explicar os caminhos por elas percorridos, e contribuir para o debate que hoje se estabelece no país sobre “o direito à memória e a verdade”. Desejaram, ainda, pela linguagem, indicar soluções e aconselhar.

3. A MEMÓRIA MASCULINA SOBRE A GREVE DE OSASCO

*Osasco foi o período de resistência.
José Ibrahim*

3.1. A memória coletiva

Maurice Halbwachs entendeu a memória coletiva como processo de construção sujeito a mudanças, recriações, flutuações e negociações, a partir de aspectos como a linguagem, a cultura e a experiência do grupo que mantém seus elementos identitários. No caso de Osasco, essa memória se mantém em posição de desafio à história oficializada pela ditadura militar, estimulada cada vez mais pelos debates em torno da abertura de arquivos, da Comissão da Verdade e da valorização de testemunhos daqueles que foram perseguidos e silenciados.

No dia 22 de setembro de 2011, participei de um encontro na cidade em que os prefeitos Emídio de Souza e Litercílio Júnior assinaram acordo de “irmandade” entre Osasco e Brotas de Macaúbas. Esta última é a cidade baiana em que nasceu José Campos Barreto, operário-estudante da Cobrasma, morto na guerrilha com Carlos Lamarca em 1971. Na solenidade, foi apresentado um documentário intitulado *O Massacre de Buriti*, produzido por seu companheiro de fábrica Roque Aparecido da Silva, relativo à perseguição empreendida pelo exército em Buriti Cristalino, município de Brotas, e ao assassinato do militante⁴⁴. Barreto tornou-se uma das marcas identitárias mais significativas da memória coletiva da colônia osasquense: modelo de operário, estudante, guerrilheiro e amigo, presente na greve de 1968 e na luta armada. Inscrevê-lo neste momento na discussão sobre a violência da ditadura militar no Brasil, seria trazer à tona a trajetória da cidade no contexto de luta nacional contra o regime. Lembrar sua história mantém vivos o heroísmo e os traumas sofridos, desafiando a memória histórica imposta e colaborando para desconstruí-la.

Posicionar-se no centro da história foi vontade expressa pelos envolvidos na greve e presentes na exposição do filme, quando Roque Aparecido sugeriu a criação de uma Comissão da Verdade regional, em parceria com Brotas de Macaúbas: “Seriam os dois primeiros municípios do Brasil a colaborar para o êxito pleno da Comissão pela Verdade”. A ideia, aplaudida por todos na ocasião, registrava o compromisso com o dever de lembrar e colocava a imagem da cidade à frente no cenário nacional, na “busca pelos fatos”. Essa ação para manter viva a memória da greve e de seu impacto na

⁴⁴ Sobre o acontecimento acessar o site do Instituto Zequinha Barreto <http://zequinhabarreto.org.br/?p=3686>.

coletividade cumpriu papel importante na luta entre as forças sociais do presente pela leitura e interpretação do passado.

Inscrever o acontecimento de Osasco no cenário nacional seria dar-lhe importância e significado, promovê-lo como evento que merece atenção no calendário rememorativo da história que se quer aprendida e pensada pela sociedade. Michael Pollak (1989, p.3-15) falou da disputa política em torno das datas oficiais na memória nacional, e o quanto as memórias subterrâneas, em momentos de conflitos - como este em torno de abertura de arquivos e divergências de opiniões quanto à validade da Comissão - subvertem o silêncio e transformam as marcações do que deve ser lembrado.

O dia 16 de julho de 1968, por exemplo, seria data simbólica para os entrevistados que conduziram a greve, sinônimo de força, enfrentamento e escolha. Evento que durou pouco, mas que deixou sequelas na alma que duram até hoje. Significado que se reconstruiu continuamente nos discursos, encontros, debates, enfim, na vivência de todos que se sentiram tocados por seus efeitos, que investiram afetivamente na sua organização e na luta contra a repressão que veio a seguir. Como o ano de 1968, a greve tornou-se marco para a comunidade/colônia, que ainda permanece ligada e que a mantém viva como referência de luta.

A memória oral permite mais do que a síntese histórica; ela transborda, viva e intensa, a qualquer esforço de sistematização. Quando se tenta enquadrá-la, ela escorre, correndo o risco de já não ser. Por isso, quando retornei ao tema da greve tratado em outros estudos, dialogando com mulheres e homens que a construíram e vivenciaram, acreditava que haveria sempre a possibilidade de se dizer mais sobre seu significado enquanto experiência partilhada, num presente que se estenderia e se confundiria com o pretérito e a projeção do futuro desejado ou temido. Importavam menos os acontecimentos da greve como fatos ou verdade histórica, em seu sentido mais objetivo e historicista. Interessou-me a forma como seria contada, sua força simbólica, os sentimentos que evocaria, os consensos e os dissensos, enfim, as representações sobre ela.

Os colaboradores buscaram atenção para seus feitos, renderam homenagens às pessoas com as quais partilharam seus sentimentos e expectativas, elaboraram críticas e avaliaram o ônus da experiência. Aconselharam os ouvintes. Para isso, trataram da coletividade, de “nós”. Mesmo quando a fala era pessoal, abordava vivências e sentimentos em comum, lembrados conjuntamente; evocados e discutidos anteriormente em outros espaços e momentos. Quando recordaram, não o fizeram solitariamente,

mesmo que seus companheiros estivessem ausentes fisicamente, pois as referências se ancoravam em fatos vivenciados juntos de forma a dar sentido e legitimação ao que contavam. Complementaram, dialogaram, concordaram, divergiram, desaprovando, pedindo apoio ou comprovação nas lembranças de outros quanto aos nomes, lugares, eventos jocosos ou traumáticos. Mostraram que a memória coletiva se mantém viva e presentificada na articulação, nos acordos e no reconhecimento; nas discordâncias e insinuações. As memórias individuais e coletivas seriam distintas e ao mesmo tempo se exercitariam de forma cruzada, sustentando a noção de que se viveu e se contou junto. Luisa Passerini nomeou essa construção coletiva como intersubjetividade:

Me daba cuenta de que la intersubjetividad era el fundamento, tanto de la interpretación quanto de la creación de la entrevista, ya que la narración y su sentido se generan en contextos de intercambio. La fundación de la memoria de expresión oral reside, precisamente, en el hecho de que la investigación asume un tejido de narraciones preexistentes a la entrevista como expresión de una intersubjetividad (...) (PASSERINI, 2006: 14)

Passerini definiu a memória coletiva como forma de intersubjetividade, quando silêncios, lembranças e esquecimentos individuais apresentam-se como parte do mesmo processo de alternância, de escolhas feitas em conjunto, pela vivência social, principalmente com relação a traumas coletivos em regimes de força. (2006, p.41). A subjetividade seria sempre processo de construção não linear, sempre narração, repleta de transformações, e só poderia ser compreendida pela intersubjetividade, ou seja, pela relação com o outro. As identidades pessoais e coletivas constituem-se em campos de batalha e de constante autorreflexão e colaboração, porque a memória que lhes sustenta seria entendida como interdiscurso, existiria coletivamente antes de seu narrador, em outro lugar, em outras pessoas.

Assim, mesmo quando o que se diz é subjetivo, ele estaria ancorado naquilo que já foi contado, que retorna e sustenta cada tomada de palavra (as experiências que significam e inspiram). Nesse sentido, o ato de narrar sobre a experiência vivenciada nos anos da ditadura militar não seria propriedade particular de cada narrador, pois cada um deles mostraria em seus discursos a necessidade de falar também como parte de uma coletividade. O constantemente dito e rememorado sustentaria a importância de se recordar a greve de Osasco e suas implicações. Sobre isso falou Eni Orlandi, em seu livro *Análise do Discurso* (1999) afirmando que os discursos se originam antes de cada pessoa, se realizam e se materializam em cada enunciador, não como começo nem fim,

justamente porque a memória se expande, além do dizer, e as palavras dialogam com outras⁴⁵:

Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 1999, p. 31).

A tomada de palavra é um ato político. Recordar a greve e a luta que se estendeu contra o regime militar, para os colaboradores osasquenses, foi tomar posição moral, política e identitária. Colocaram-se como a expressão da coletividade, falaram para e com ela. Contaram sua história para se marcarem, posicionarem-se num lugar, tornarem-se visíveis; assumiram posições para “contar junto” e apresentaram no vocabulário a forma como entendem uns aos outros os acontecimentos, diferenciando suas redes de enunciação.

A memória coletiva, nesse sentido, não deve ser entendida com entidade própria, reificada, separada e acima dos narradores. Eles a constroem e são construídos por ela, ativamente, tornando coletivo o desejo e/ou sofrimentos, por seu peso afetivo e ético. As individualidades aparecem nas interpretações e avaliações, sempre em processo de negociação, como desvios e particularidades de pessoas inscritas em rede. Para Halbwachs, a consciência individual registra as influências sociais, os hábitos, os valores e sentimentos, e é ela quem coloca os limites a eles na trajetória de cada um; é um ponto de vista sobre a memória coletiva, espaço de conflitos e negociações. É o que ele chamou de “intuição sensível”. (HALBWACHS, 2006, p.41). A lembrança individual, para ele, é “uma imagem engajada em outras imagens”, a partir das quais é possível recriar e reconstruir a memória.

“a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2006, p. 75-6).

A narrativa pessoal é a orquestração da pluralidade de vozes e experiências, colocadas em evidência por quem conta. No caso de Osasco, a polifonia apresentou-se

⁴⁵ No livro, Eni Orlandi afirmou que a memória é o que sustenta os dizeres dos discursos, tudo que já se disse sobre o assunto tratado. O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma do dizer, é fundamental para se compreender a relação do indivíduo que narra com a ideologia, o posicionamento político com o passado e com o presente.

em duas redes distintas entre os homens: aqueles que em 1968 eram operários cristãos, ligados à Frente Nacional do Trabalho (FNT) – João Joaquim, João Cândido, José Groff e Inácio Pereira Gurgel, além do advogado Albertino de Souza Oliva - e os operários-estudantes do Grupo Osasco, Roque Aparecido da Silva, José Ibrahim e Antonio Roberto Espinosa, vinculados à luta armada. São eles o que Michael Pollak (1989) chamou de “vozes autorizadas”, quando trabalhou com o conceito de “memória enquadrada”. Para o autor, cada comunidade apresenta o “reservatório” da memória, aqueles que podem dizer sobre algum acontecimento, padronizando a forma de contar, ao mesmo tempo em que silenciam outras vozes dissonantes.

Não pretendi usar esse conceito de “enquadramento”, uma vez que a memória é sempre viva e dinâmica e, portanto, impossível de ser enquadrada, mas entendo que os homens da colônia osasquense, apresentaram um “pacto narrativo” para lembrar e dizer sobre a organização dos trabalhadores, os marcos fundadores do movimento na fábrica e no sindicato, a organização da greve e seus desdobramentos políticos; construíram discurso “enrijecido” da greve, fortemente marcado, aceito e legitimado pelas duas redes, mesmo com discordâncias. Eles lembraram já ter contado por diversas vezes a história da greve, em outras oportunidades e para outras pessoas, e foi possível notar nos seus relatos expressos em outros trabalhos e eventos o retorno aos mesmos fatos e pontos de convergência: os acontecimentos que geraram a organização trabalhadora, a elaboração e condução da paralisação, os erros e acertos do movimento.⁴⁶

A memória desses oito trabalhadores recompôs a relação passado/presente, como uma estratégia de sobrevivência emocional importante.⁴⁷ Suas narrativas falaram sobre a relevância de lembrar, enquanto possibilidade de superação de erros e sofrimento, inclusive. É a luta citada por Zygmunt Bauman (2005) pela identidade escolhida, preferida, que se contrapõe àquelas impostas no passado, estigmatizadas e rotuladas:

As guerras pelo reconhecimento, quer travadas individual ou coletivamente, em geral se desenrolam em duas frentes, embora tropas e armas se desloquem entre as linhas de fronteira, dependendo da posição conquistada ou atribuída segundo a hierarquia de poder. Numa das frentes, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das

⁴⁶ As temáticas das narrativas foram semelhantes nos trabalhos de Miranda (1987), Rizek (1988) e Couto (2003) e reaparecem nos encontros, filmes e debates dos quais eles participaram e aqui já citados.

⁴⁷ Antonio Montenegro (1992, p.55-56) nos falou que o tempo cronológico inexistente num processo de universos imbricados, na memória coletiva. Não é tempo de datas exatas, é tempo de experiência, com lógica própria.

identidades antigas, abandonadas e abominadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por “forças inimigas”, são enfrentadas e – caso se vença a batalha – repelidas. (BAUMAN, (2005, p. 45)

Os narradores promoveram pelas palavras a luta contra os estereótipos construídos em torno da cidade de Osasco e que significaram suas vidas de forma negativa nos anos da ditadura militar: pertencentes à “cidade do crime”, terroristas ou subversivos. O momento atual é aquele em que podem manifestar suas lembranças e dizer quem foram e são, ou quem gostariam de ser contra todo tipo de discurso desqualificador. Cada narrativa adquiriu valor em si ao mesmo tempo em que se inscreveu no conjunto da coletividade mediante temáticas afins. Mais do que isso: deu sustentação, auxílio, legitimação e significação ao que se contava, reforçando e revalorizando laços e papéis no processo histórico enquanto indivíduos inscritos numa colônia ligada a uma comunidade afetiva, de destino. Cada um deles – hoje diferenciado daquilo que foi e ainda assim o mesmo - falou de suas motivações, medo e frustrações individuais, sem estar sozinho.

É importante lembrar que diferentes caminhos foram seguidos pelos entrevistados desde a greve: atualmente alguns deles são intelectuais, professores, assumiram cargos públicos, enquanto outros permanecem ligados à Igreja e aposentaram-se como operários. Essa condição diversa também permitiu interpretações marcadas por avaliações e posições políticas conflitantes. Daí os relatos se constituírem no processo dialógico, não apenas comigo, principalmente entre a colônia, buscando referências para suas crenças sociais, muitas delas ainda vivas, ainda utópicas. Halbwachs (2006) afirmou que cada indivíduo se explica na vida comunitária contra toda diluição e fluidez das certezas, e pode-se observar, nesse caso, a constância com que nomes e fatos foram citados em todos os discursos, na dinâmica de rememorar negociada e persistente.

Os relatos singulares não se bastaram, foram insuficientes para narrar a greve e todo o processo que se seguiu a ela: a guerrilha, a prisão, a tortura, o exílio, a continuidade na vida sindical e política. Em cada narrador, a ideia de pertencimento se fortaleceu. O que foi dito não era novo, confundindo o “eu” com o “nós”, apresentando perfil coletivo, posição identitária, “universalidade” entre todos que participaram daquele momento, mesmo que repleto de divergências. Os interditos, esquecimentos e lacunas foram complementados pelas lembranças de companheiros às quais se conferiu

legitimidade. Às vezes nem foi preciso contar porque expressões como “alguém já deve ter dito”, “fulano sabe melhor do que eu”, “você já falou com fulano?” autorizaram e reconheceram em alguém a fala do grupo. As narrativas tiveram conexão, continuidade e coesão tão forte que foi preciso estar atento a qualquer contradição e discordância, nem sempre declarada. A sutileza da divergência se manifestou em meio a histórias de vida tão entrelaçadas que não chegou a interferir na construção do sentimento identitário, no respeito que demonstraram nutrir entre si.

3.2. O Grupo Osasco e a peculiaridade osasquense no cenário nacional

Alguns aspectos foram semelhantes nas histórias de vida das duas redes masculinas: quanto à origem social, a maioria veio do campo (nordeste, sul ou interior de São Paulo) no contexto de industrialização, entre o final dos anos de 1950 e 1960, durante os governos dos presidentes Juscelino Kubitschek ou João Goulart. Pertencentes a famílias de camponeses submetidos a relações de exploração, esses homens têm em comum as dificuldades de sobrevivência, os pais pobres, o desconhecimento da política, a falta de estudo antes de chegarem à cidade de Osasco.

Não houve parentes em suas vidas que tivessem lhes servido como referência intelectual ou modelo de organização e luta. Construíram-se como operários ou estudantes na própria experiência da fábrica, a partir dos entraves com o capital, ou na escola pública que para alguns eles foi fundamental enquanto formação e leitura de mundo, o Ceneart (Colégio e Escola Normal Estadual Antonio Raposo Tavares). Ali entraram em contato com um mundo diferenciado, marca da cidade e da formação específica de parte dos jovens que passaram a conviver com a geração anterior, aprendeu com ela e até mesmo a superou. O entrevistado Antonio Roberto Espinosa falou dessa particularidade osasquense da transição entre a fábrica e a escola:

A diferença entre Osasco e outras cidade, é que aqui o golpe de 64 não tinha ido até as últimas consequências. Entendeu? Não tinha varrido os últimos bolsões de resistência. Em Osasco, diferentemente de outras cidades, era um local mais circunscrito: naquela época, você ia pra Cobrasma e de lá ia pro Ceneart... Isso para quem conseguia chegar no colegial... Nos colégios, que aqui eram coisa recente, estudavam pessoas de várias gerações. Então havia numa mesma sala de aula pessoas de quatorze ou quinze anos, o que era o meu caso e o do Ibrahim, estudando junto com o 2º Sargento do Exército, que já estava perto dos 40 anos de idade. Numa mesma sala de aula! Você

tinha contato com vários tipos de experiência, entrava em contato com novas ideias. Inclusive, ideais socialistas, contrárias ao golpe militar, e a fábrica era um local para onde se levava isso, que podia dar concretude as essas ideias. Neste sentido acho que Osasco se diferenciava de outras cidades e, sobretudo, dentro da Cobrasma, porque era uma empresa metalúrgica, que exigia dos seus funcionários o grau de escolaridade um pouco mais alto, precisava de gente um pouco mais escolarizada e, ao mesmo tempo, procurava economizar! Gente mais escolarizada pagando menos!

A escolaridade de parte dos operários, o encontro entre militares e socialistas, entre velhos e moços na mesma escola tornava viver em Osasco experiência excepcional. A ditadura não teria dado conta de anular a possibilidade de resistência da cidade, que continuava a pulsar nas salas de aula e ao mesmo tempo nas fábricas. No Ceneart, Helena Pignatari Werner lecionou para José Ibrahim, Roque Aparecido, José Campos Barreto e Antonio Roberto Espinosa, que formaram o Grupo Osasco, na década de 60. O nome dela foi referência em suas narrativas – assim como em algumas falas femininas - como figura importante na formação do espírito crítico e no apoio dado ao movimento estudantil.

Em seu relato, a professora apresentou como ponto específico de Osasco as relações entre os operários e estudantes, ao definir a escola como local “mágico” de transformação de toda a geração da década de 60. Definindo-se como uma “burguesa que se proletarizou” no ensino e que foi seduzida pelo Método Paulo Freire, apontou para o encontro entre burgueses e trabalhadores, proporcionado pela educação. A importância do desvendamento de mundo pelo operário por meio do conhecimento que antes era reservado à elite local, e a descoberta da pobreza de seus colegas pela burguesia teriam efeitos positivos sobre ambos. Este seria o aspecto de uma cidade diferenciada e da geração “ousada” capaz de romper com os padrões morais de seus pais e da sociedade conservadora.

O meu trabalho era uma produção. Eu não era uma operária da educação?! Então, estava produzindo! Quando estava tentando informar toda aquela moçada que apareceu ali, uma moçada assim, uma coisa fantástica, espetacular!... Porque como o ginásio apareceu à noite, houve a possibilidade de muita gente estudar. Então, isso é a coisa mais fantástica! A coisa mágica que aconteceu no Ceneart... Quem se matriculou?... Uma parte desses alunos vinha da burguesia: comerciantes, negociantes, e a outra parte era de operários. Operários que vieram estudar à noite. E não só essa mistura aconteceu no Ceneart, como aconteceram coisas muito importantes: pai e filho, mãe e filha na mesma classe; tio e sobrinho... Especialmente as moças, acabavam sempre trazendo alguém, porque não podiam andar sozinhas à noite pela cidade. Uma moça não podia ficar andando assim! Eram outros

tempos, outra moral, uma rigidez muito grande! E o Ceneart vai transformar tudo isso, a transformação vai ser muito grande! (...) E aí começa, realmente, o momento mágico, quando a burguesia e o operariado se encontram! A juventude!... Os pais continuavam com aquele temor, aquele moralismo, aquela coisa toda, mas a juventude começou a ver outra coisa! Da mesma forma que essa burguesia viu a pobreza e a miséria do proletariado, o proletariado vai usufruir as benesses da burguesia, ou seja, acesso a livros, mais livros, mais literatura, a filmes, orientação de filmes, vai conhecer alguns discos importantes da época, vai chegar ao conhecimento de ópera.

A narrativa de Werner tornou relevante a transformação de Osasco com o nascimento de uma nova geração, inovadora, questionadora dos valores tradicionais e em busca do conhecimento libertador. Que escola era aquela em que mulheres conquistaram parte de sua emancipação, desafiando o conservadorismo rigoroso? Em que burgueses e trabalhadores puderam se conhecer e se solidarizar? Ou em que pais e filhos trocavam suas experiências? Antes mesmo da fábrica da Cobrasma, a “mágica”, o rompimento revolucionário dos costumes, aconteceu no Ceneart, o espaço que, em sua memória, sintetizaria o mundo, ou estaria à frente dele historicamente.

A experiência nessa escola permitiu a transformação dela mesma, “a burguesa que se proletarizou” e que passou, então, a se identificar com seus alunos, a perceber esse “encontro que parecia impossível” na história da luta de classes entre os filhos dos capitalistas e os trabalhadores. Ela também se reconheceu como artífice desse processo de mudança, mediadora dessa reunião entre diferentes. Esse olhar foi motivação para que ela produzisse um livro sobre a greve da Santa Marina em 1909 e a cooperativa dos vidreiros em Osasco, procurando articulá-las à experiência de seus alunos, também apresentados como protagonistas de um momento de transformação, na luta entre o trabalho e o capital⁴⁸.

Como historiadora, depois eu me senti na obrigação de procurar as raízes, contar das raízes do movimento em Osasco, contar do movimento de origem italiana e anarquista da Santa Marina, no início do século XX. Minha intenção era que a partir do meu trabalho sobre a greve e a cooperativa da Santa Marina viessem outras pesquisas... Onde estão esses operários, onde estão as fábricas? O que os anarquistas de Osasco contavam? Falta um trabalho sobre Anarquismo em Osasco, não é? (...) E toda essa organização dos operários anarquistas da cooperativa influencia a formação dos trabalhadores nos anos seguintes e dos próprios operários da Cobrasma em 1968.

⁴⁸ WERNER, Helena Pignatari. *Raízes do Movimento Operário*. São Paulo: Cortez, 1981.

A história desses jovens, então, foi confundida com a transformação de Osasco numa cidade emancipada e com o processo de independência de setores da sociedade: a mulher, o jovem, o operário. A relação apontada com o movimento anarquista de 1909 deu ao movimento de 1968 um caráter revolucionário que caberia a historiadores comprometidos estudar. A memória do sujeito histórico e da pesquisadora se fundiram no relato de Helena, num vínculo afetivo e político com os trabalhadores.

A interpretação apresentada por ela para defini-los alimentou as narrativas dos homens, que tomaram a expressão “operário-estudante” para se autodefinirem ou se referirem ao Grupo Osasco em suas narrativas. A essa rede pertenceram Roque Aparecido e Antonio Roberto Espinosa, ambos integrantes da Vanguarda Popular Revolucionária na época. O primeiro era membro da comissão de fábrica da Cobrasma e presidente do Círculo Estudantil de Osasco. Atualmente é sociólogo. O segundo, filósofo e jornalista, havia sido operário e durante a greve já era estudante da Universidade de São Paulo, além de professor secundário. Quando ambos se referiram ao evento da greve, trataram de inscrevê-lo no cenário amplo de enfrentamentos que aconteciam por todo país e pelo mundo, porém deixando clara a especificidade da cidade, a particularidade de sua trajetória, que influenciou sua formação como jovens e deu sentido às suas ações no direcionamento da paralisação em 1968:

A década de 60 foi uma década muito particular na história recente, não só do Brasil, mas me parece que em todo o mundo, na medida em que nos anos 60 houve uma ascensão muito grande dos movimentos sociais, movimentos sindicais e revolucionários. Revolução Cultural na China, passando pelo Maio Francês, pelo Outono Quente na Itália, pelas revoltas da Tchecoslováquia, Polônia... No mundo tanto capitalista quanto socialista... Na América Latina de certa forma ainda houve o impacto da Revolução Cubana, greves gerais no Chile e no Brasil, além da greve de Osasco e Contagem de 68, a Passeata dos Cem mil na Guanabara. Uma experiência de organização que nós tivemos antes da greve muito importante. Sem dúvida, podemos dizer que a greve de Osasco, depois dos anos 30, foi a experiência mais importante que o movimento sindical brasileiro viveu. (Roque Aparecido)

A narrativa de Roque Aparecido acenou para a importância do contexto político nacional e internacional e sua influência sobre a história local. Segundo ele, 1968 não seria apenas Osasco, mas o mundo. As influências de outros movimentos e ideologias, principalmente da esquerda, teriam servido de modelos de organização para os operários-estudantes da região. Porém, o narrador não deixou de ressaltar que a vivência dele e de seus colegas teria sido “a experiência mais importante que o movimento

sindical brasileiro viveu”. Ou seja, mais do que simples consequência ou fruto dos acontecimentos externos, Osasco teria uma trajetória particular e também poderia servir de exemplo para a história da associação e atuação operária. Significou o rompimento com uma trajetória iniciada nos anos 30, provavelmente fazendo referência ao sindicalismo atrelado ao Estado populista, nomeado como “pelego”. Se 1968 representaria um ano revolucionário, a experiência osasquense seria a retomada da prática combativa antes dos anos 1930 e, portanto, transformadora.

Antonio Roberto Espinosa também atrelou os acontecimentos na cidade com as manifestações no restante do país, principalmente comparando a passeata ocorrida na região com o protesto mais conhecido do ano de 1968:

No Rio de Janeiro, com Vladimir Palmeira, houve a Passeata dos Cem Mil! Na cidade de São Paulo, sob a liderança do José Dirceu, ocorreu a passeata de treze mil estudantes! Aqui em Osasco, nós fizemos uma passeata de cinco mil pessoas! Comparativamente ao tamanho da população, acho que foi muito maior do que a de São Paulo, e maior também, não sei em que proporção, do que do Rio de Janeiro! Porque aqui era uma população de cento e quarenta mil pessoas! São Paulo possuía cinco ou seis milhões de habitantes e o Rio de Janeiro idem! Nesta passeata em Osasco não foram só estudantes, havia muitos operários! (Roberto Espinosa)

Nos relatos, a história de Osasco não foi apenas apresentada como parte de um contexto mais amplo. Foi recorte importante do processo histórico, além de proporcionalmente mais significativa. Na comparação numérica, a passeata ocorrida na cidade teria sido maior, além de Espinosa destacar a presença dos operários. Enquanto a Passeata dos Cem Mil ocorria apenas com a participação de estudantes e intelectuais, os trabalhadores osasquenses ocupavam lugar especial no cenário público, mostrando a marca de sua politização e singularidade.

O movimento operário em Osasco não teria sido, portanto, gerado uma greve qualquer. Sua dimensão também foi impactante, no caldo dos demais movimentos nacionais e internacionais de cunho revolucionário: Vietnã, China, Cuba e tantos outros países que conheceram a rebeldia de sua juventude. O rompimento do processo histórico representado por essas revoltas ou guerras – seja com relação ao capitalismo ou ao socialismo – era inspirador para a organização estudantil e operária local. Os narradores, no entanto, chamaram a atenção para o fato de a ação coletiva osasquense significar também uma forma de ruptura ou reconstrução de luta.

O contexto político do país, após o golpe de 1964, e as manifestações estudantis que ocorreram por todo território nacional deram sentido ainda maior ao que realizaram. Osasco foi apresentada por eles como parte de um projeto amplo, político ou religioso, de transformação humana, parte do cenário mundial das revoluções cubana e chinesa, da guerra do Vietnã, dos embates políticos e sociais da Guerra Fria. Estar inscrito nesse processo de mudanças – sejam elas de caráter revolucionário ou reformista – procurou oferecer relevância ao saber do qual seriam portadores e alimentou a crença de que participaram de um momento grandioso.

É preciso realçar, nesse sentido, que foi pela narrativa que a memória coletiva sobre o processo de luta operária pode ser contada. Os colaboradores puderam fazer permutas, enunciar, produzir conhecimento e identidade em torno do imaginário de coragem e escolha no contexto autoritário. A cidade de Osasco foi apresentada por eles como aquela que teve histórico diferenciado, certa síntese nacional: atraiu pessoas de todos os lugares: intelectuais, membros de partidos e agrupamentos armados, que se uniram aos operários. Mesmo a passeata nas ruas, simultaneamente àquelas promovidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, ganhou dimensão importante já que numa população menor do que estas regiões, mais jovens ingressaram nas manifestações, mostrando o grau de consciência dos estudantes osasquenses. Além disso, os dois narradores apresentaram-se como lideranças na dinâmica política, discursando perante as “massas” as palavras de ordem, revolucionárias, uma postura anárquica, própria dos eventos locais e da postura do Grupo de Osasco. Isso teria também sido a causa da força sedutora e atrativa sobre grupos de fora, ligados à esquerda e à Igreja, que passaram a atuar nas fábricas. Esse aspecto diferenciado, anárquico, foi reforçado por Roberto Espinosa para caracterizar a negociação e a não submissão dos estudantes-operários ao que era externo a Osasco.

Final de 1967, começo de 1968, o país se radicalizando, movimentos estudantis e a esquerda querendo ganhar Osasco... A esquerda inteira veio pra Osasco! Todas! AP, trotskistas... Todo mundo querendo nos ganhar, porque aqui tinha movimento operário. Todos eles tinham uma linha para o movimento operário, queriam nos ensinar como fazer e a gente não queria aprender com eles! Todo mundo vinha pra cá pra falar com a gente! A Igreja mandava um monte de padre, os primeiros padres operários, todo mundo de olho na nossa alma e na nossa cabeça, né?

Todos tinham uma posição pro movimento operário e nós não aceitávamos a posição que eles tinham! Se eles tivessem tanta razão assim, se tivessem a linha tão correta, pô, eles já tinham feito muita coisa antes! Não teria havido o golpe, eles teriam resistido ao golpe! Ou, eles teriam feito um movimento próprio!

Nós, do Grupo de Osasco, não éramos um partido, era um monte de gente que não tinha direção, aquele negócio mais ou menos anarquista... (Roberto Espinosa)

Essa referência à “Meca” presente na memória coletiva atribuiu centralidade a Osasco no cenário nacional. O protesto realizado ali contra a morte de Edson Luís, além da organização dos trabalhadores nas fábricas e no sindicato, mostrou o quanto os estudantes e proletários da cidade estavam antenados ao contexto social e político nacional⁴⁹. Roberto Espinosa atribuiu a politização operária também à influência de intelectuais, secundaristas e universitários, que tentaram conduzir ideologicamente a greve.

O caráter autônomo de Osasco foi enfatizado no relato, opondo a ação da “nova geração” que tomou a frente da história à mentalidade da “velha esquerda” e da Igreja católica, mesmo aquela notada pela presença dos padres-operários franceses. Estas últimas foram apresentadas como incapazes de resistir ao golpe militar de 1964 e, portanto, inaptas a ensinar alguma coisa a eles.

A diferença entre Osasco e outras cidades, é que aqui o golpe de 64 não tinha ido até as últimas consequências. Entendeu? Não tinha varrido os últimos bolsões de resistência. Em Osasco, diferentemente de outras cidades, era um local mais circunscrito: naquela época, você ia pra Cobrasma e de lá ia pro Ceneart... Isso para quem conseguia chegar ao colegial... Nos colégios, que aqui eram coisa recente, estudavam pessoas de várias gerações. Então havia numa mesma sala de aula pessoas de quatorze ou quinze anos, o que era o meu caso e o do Ibrahim, estudando junto com o 2º Sargento do Exército, que já estava perto dos 40 anos de idade. Numa mesma sala de aula! Você tinha contato com vários tipos de experiência, entrava em contato com novas ideias. Inclusive, ideais socialistas, ideias contrárias ao golpe militar, e a fábrica era um local para onde se levava isso, que podia dar concretude as essas ideias. (...)

Mesmo operários insatisfeitos com a situação do País acabavam participando das passeatas dos estudantes, porque queriam protestar! Quem tava indo pras ruas eram os estudantes e eles queriam ir junto! Só que esses estudantes que faziam esse movimento a partir do Ceneart, que organizavam grêmio, etc., também trabalhavam na Cobrasma! Também trabalhavam na Cobrasma! Na Cobrasma, também faziam parte da Comissão de Fábrica! (Roberto Espinosa)

⁴⁹ O estudante secundarista Edson Luís morreu assassinado no Calabouço, ligado à UFRJ, em março de 1968, durante o confronto entre policiais e alunos da Universidade, que reivindicavam mais vagas e melhorias nas condições do restaurante. Após a sua morte, houve duas missas na igreja da Candelária, a partir das quais houve novos enfrentamentos com as forças da repressão, além de várias passeatas por todo país, promovidas pelos órgãos estudantis, mesmo na ilegalidade, contra o seu assassinato. (VENTURA, 1988)

O trânsito entre a fábrica e a escola teria criado um sujeito especial, dinâmico e politizado, tornando Osasco o “último bolsão de resistência”. O lugar de trabalho foi apresentado como laboratório das ideias aprendidas na escola e na troca com as diferentes ideologias que se cruzavam na escola. Espinosa falou também da convivência entre as gerações com suas características diversas: os mais velhos, com a experiência da militância de esquerda tradicional, a “velha guarda” ligada ao Partido Comunista Brasileiro; os mais jovens, operários-estudantes, com vigor revolucionário e novas práticas mais combativas.

José Ibrahim, companheiro de Espinosa no Colégio Ceneart e na luta armada ligada à Vanguarda Popular Revolucionária, apresentou relato semelhante ao afirmar que foi fundamental para ele o fato de poder trabalhar durante o dia nas empresas e à noite frequentar as aulas, com professores de Arte, como Emir Macedo, e de História, como Helena Pignatari Werner. Para ele, os movimentos sindical, secundarista e emancipacionista teriam confluído para a peculiaridade da formação operária osasquense.

Osasco sempre foi uma cidade muito politizada, e nesse período acho que contribuiu bastante a campanha da emancipação e o movimento secundarista que surgia com força, porque a maioria dos estudantes secundaristas de Osasco era trabalhadora durante o dia. Era! A maioria era o pessoal que trabalhava de dia como eu, e estudava à noite! Alguns foram para a militância sindical e outros ficaram só na militância estudantil. (...) Então, Osasco tem características bem próprias! Por que não aconteceu isso em outros lugares? Porque que só veio acontecer coisas interessantes do ponto de vista do movimento sindical, praticamente dez anos depois, em São Bernardo? Ali se juntaram outras características que, no caso, juntou em Osasco já em 1968! O período da resistência! São Bernardo começa a surgir no período da abertura. Osasco foi o período da resistência! (José Ibrahim)

A imagem do estudante aliado ao operário, enfatizado pela professora Werner em seu livro e em sua narrativa, foi validada pelo discurso de Ibrahim, acentuando que aqueles que tiveram a oportunidade de estudar como ele formaram grupos políticos nas escolas, tendo acesso a leituras como o *Manifesto Comunista* e *O Capital*, entre outros escritos de Karl Marx. Mais do que indicar a influência do processo de radicalização do movimento estudantil e intelectual, José Ibrahim reforçou o caráter de resistência dos trabalhadores como singular e como exemplo, pioneiro e inspirador de outras formas de luta contra a ditadura. Não teria apenas recebido apoio intelectual, portanto, mas

direcionado a organização de outros setores sociais, “a primeira resposta dos trabalhadores contra a ditadura”.

Espinosa e José Ibrahim procuraram valorizar a luta específica que ajudaram a construir e que se tornou baliza no processo sindical e estudantil brasileiro. Osasco foi “o período da resistência”, que teria marcado o futuro da organização proletária. Antecederia e seria referência, inclusive, para a greve de 1978, no ABC paulista, mais conhecida e explorada pela historiografia⁵⁰.

Roberto Espinosa, ao apontar a importância do acesso ao conhecimento mais politizado nas escolas, considerou que ali teria sido possível debater e rever as linhas do marxismo que, segundo ele, se contrapunham nas diferentes instâncias da sala de aula e da fábrica. Seu relato, em especial, atribuiu aos jovens estudantes como ele, na época, diferencial para que a greve, em julho de 1968, tivesse nascido em Osasco. A militância na fábrica não teria lógica e sentido solitariamente e não seria suficiente para dar conta da conscientização dos trabalhadores, apenas com a organização pela base, proposta pela Frente Nacional do Trabalho. Sua tentativa em explicar qual seria a particularidade de Osasco diante do contexto nacional, apontou para o papel da Igreja e da fábrica, mas pareceu ressaltar com maior importância as novas visões de mundo discutidas na escola.

Osasco tinha uma coisa particular, que um monte de gente tenta explicar: por que só em Osasco e em Contagem, Minas Gerais, aconteceram movimentos populares durante este período? Osasco tinha tudo que as outras cidades tinham: a Ação Católica Operária, os movimentos como a Frente Nacional do Trabalho. Em todos esses lugares havia operários de origem cristã ou comunista, que gostariam de fazer movimentos de massa.

Como em todas as cidades, também havia estudantes de colégio, universitários. A escola era um lugar em que você entrava em contato com idéias novas, novas teorias, uma nova visão de mundo; e a fábrica era um lugar onde se ganhava dinheiro! (Roberto Espinosa)

A organização estudantil e trabalhadora na cidade teria atraído intelectuais e estudantes da Universidade de São Paulo, que passaram a frequentar a casa dos operários, fazendo reuniões políticas, assim como membros da militância armada, à procura de adeptos pela causa da resistência, em diversos níveis. Até mesmo Carlos Marighela, líder da Aliança Libertadora Nacional (ALN), teria feito convite a pessoas,

⁵⁰ O site da instituição Perseu Abramo apresenta extensa bibliografia sobre as greves ocorridas entre 1978 e 1980 nas cidades do ABC paulista: <http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/exposicoes-virtuais/bibliografia>.

como José Ibrahim, para realizar treinamento em Cuba e formar quadros para a guerrilha.⁵¹

Roberto Espinosa, dando ênfase à posição ideológica que assumiu junto com outros estudantes, apresentou-se como aquele que, por cursar Filosofia na Universidade de São Paulo e atuar como professor faria parte dessa vanguarda. Ao mesmo tempo em que mantinha laços com os colegas de Osasco, ministrando cursos de Marxismo para “formar gente, os quadros dentro das fábricas”, contribuía para as manifestações de cunho mais político, como aquela relacionada à morte do estudante Edson Luís, em março de 1968⁵².

A descrição do cenário em que se deram os protestos, relatada por Espinosa e Roque Aparecido, assinalou os confrontos mais acirrados de 1968 e anunciou o clima de tensão e embate que se concretizou pelas armas, mais tarde.

Acontece que o movimento estava num crescendo, se radicalizando no Brasil inteiro, e nós organizamos outra passeata, não só de estudantes, mas também de operários e sindicatos. Não oficialmente, extraoficialmente, mobilizando os operários de São Paulo, a União Estadual dos Estudantes, o Zé Dirceu... Não só a facção do Zé Dirceu, mas também a Dissidência Comunista, da Catarina Meloni, e a Ação Popular. As duas tendências mais fortes do movimento estudantil nacional vieram para Osasco. Então, foi uma grande passeata! E com uma característica especial: na frente, havia uma grande bandeira dos *vietcongs*. (Roque Aparecido)

Os sindicalistas foram tão protagonistas quanto os universitários e os secundaristas, parte do processo revolucionário que atingia todo o país. A presença de grupos que partiram para a luta armada, como a Dissidência Comunista (futuro MR-8) e a Ação Popular, na passeata promovida em Osasco, e o uso de bandeiras relativas à resistência vietnamita na guerra contra os Estados Unidos, foram referências importantes para dizer o quanto se caminhava para o limite do radicalismo político. De certa forma, os narradores pareceram justificar os encaminhamentos que o Grupo de Osasco deu à greve de Osasco, em dissonância com o que seus companheiros católicos da FNT pensavam e queriam.

⁵¹ Denise Rollenberg afirmou que Cuba teria treinado de 2.000 a 3.000 guerrilheiros latino-americanos entre 1962 e 1967 e continuou a fazê-lo até pelo menos 1970. http://www.historia.uff.br/artigos/rollemborg_apoio.pdf.

⁵² De acordo com sua proposta revolucionária, o Grupo de Osasco organizou cursos de teoria marxista, onde se estudava o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels; conceitos retirados de *O Capital*, como Salário Preço e Lucro e Mais Valia; teoria das classes baseado em *O Estado e a Revolução* de Lênin, dentre outros. Estes cursos eram ministrados por estudantes no Sindicato dos Metalúrgicos e na sede do Círculo Estudantil de Osasco.

O cenário descrito por Espinosa procurou dramatizar aquele momento de catarse coletiva⁵³. As falas coletivas, espontâneas e não ensaiadas, foram apresentadas como o auge de uma emoção coletiva, intensa, gerada pela indignação contra o regime e pelo recalque promovido pela repressão. As ações realizadas pelo público foram parte do estímulo dado por eles, os líderes da passeata, demonstrando a força do discurso num contexto de frustrações e traumas.

Ao montar o esquema da passeata em Osasco, houve a decisão de não “queimar” lideranças. Um pequeno número de lideranças falaria. Decidiu-se que falariam duas pessoas: primeiro era o Roque; a outra pessoa era eu. Eu não sei se o Roque falou isso e nós fomos os dois oradores, o tempo inteiro. A passeata subiu pela Rua Primitiva Vianco, na contramão, depois desceu a Rua Antonio Agu e terminou na frente do CEO. Então, em todo esse percurso, todas as vezes que ela parava, falávamos os dois; às vezes falava um, na outra falava o outro. Ninguém mais falou, nem o Barreto falou! Se era pra queimar, que se queimassem menos pessoas, por causa da ditadura. Só vou citar um trecho pra você ver como era, como a gente era uma liderança não convencional... Eu disse: “Eles dizem que isso aqui é uma Casa de Justiça”... Aí, um gaiato, lá do meio da massa dizia assim: “... mas é um chiqueiro!”. Outros começavam a gritar: “É chiqueiro! É chiqueiro!”. Ao invés de fazer o discurso tradicional contra a ditadura, entrei na deles: “É isso mesmo! É um chiqueiro! Isso aqui exala o fedor da ditadura”!! Aí, o Roque acrescentou uma coisa a mais!... Os gaiatos iam interferindo, de sacanagem, de bronca, enfim, e a gente ia falando, quer dizer, era uma coisa interativa!

Eu nem lembro, mas é o negócio: pra um lado, transformava a platéia em coorador, dava uma dinâmica ao movimento, incontável! Porque deixava de haver a distância entre o liderado e quem lidera!

(...) Saíam pra invadir a casa do capitão Campos... Pegar o capitão Campos! Não deixamos, foi um sufoco! O grupo parou, né? E também andaram virando ônibus! Ônibus cheio de gente, no ponto! Viaturas que vinham!... Um negócio altamente radicalizado! Enfim, nessa passeata de Osasco, ao contrário do que aconteceu em São Paulo, muito mais controlada, que tinha uma liderança mais stalinista com o José Dirceu, aqui foi pontilhado de retratos do Che Guevara que na época da ditadura era um dos modelos... Bandeiras do Vietcong! Em plena guerra! Começando a guerra ainda! Estava esquentando a Guerra do Vietnã!... E bandeiras do Vietcong!! (Roberto Espinosa)

O clima no qual Osasco foi sendo inscrito pelos relatos foi de radicalização, aparecendo como lugar privilegiado das “manifestações incontáveis”, expressão de aspirações sociais mais amplas. Roque e Espinosa foram os líderes da fala coletiva, discursando em dupla e em nome do descontentamento, interagindo com a “massa

⁵³ O termo catarse é usado aqui no sentido grego, *catharsis*, como purgação. Não pretendo entrar aqui nos meandros da psicanálise.

pronta para o embate”, aproximando intelectuais e trabalhadores, a teoria política à práxis. Assumiram-se como canalizadores dos anseios daquelas pessoas, num processo “regado” a Che Guevara e Guerra do Vietnã. O “desvio anárquico” quanto ao que acontecia em São Paulo ou no resto do país seria a peculiaridade osasquense protagonizada por eles?

A organização dos grêmios estudantis e a criação do Círculo Estudantil de Osasco (CEO) foram apresentadas pelos colaboradores como canais de debates e reuniões, que marcaram a formação do Grupo de Osasco e o rompimento com a antiga linha do Partido Comunista, procurando um caminho menos submisso às linhas burocráticas, e mais ativo e vanguardista. Daí a aproximação deles com o Movimento Nacional Revolucionário (MNR) ou com o O., que desde 1967 vinha se constituindo como grupo de resistência armada e que se tornou, mais tarde, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), liderada pelo capitão Carlos Lamarca. Desse agrupamento participaram José Ibrahim, Roberto Espinosa, José Campos Barreto, Roque Aparecido, Manuel Dias do Nascimento (o Neto), Osny Gomes e duas mulheres, Marília Negrão e Ana Maria Gomes⁵⁴. A atuação dos osasquenses não foi apontada apenas como consequência direta dos acontecimentos nacionais, mas escolha, fruto do entrelaçamento entre a experiência operária local e as ações de caráter nacional.

Foi no clima revolucionário das ruas, com queima de bandeiras, discursos inflamados às massas (“os gaiatos”) e referências à Guerra do Vietnã e outros eventos revolucionários que se inscreveram os narradores do Grupo de Osasco. Para narrar, inclusive, Espinosa fez referência ao discurso de Roque Aparecido, buscando apoio para a história que contou, memória que não era só sua, que circulou por outros espaços e se manifestou por outras vozes.

A busca pela memória do outro remete ao que Maurice Halbwachs (2006) afirmou sobre o ato de lembrar: não é possível lembrar sozinho. O indivíduo que recorda está sempre inscrito e habitado por grupos de referência, mesmo que esse trabalho seja feito por ele. Roberto Espinosa, por diversas vezes em sua narrativa, evocou a memória de seus companheiros, assim como os demais entrevistados também se reportaram aos fatos presenciados em conjunto, partilhando suas emoções e lembranças. A memória da peculiaridade osasquense e do papel assumido por cada um deles no processo de sua formação foi composta dos diversos fragmentos individuais,

⁵⁴ De acordo com Antonio Roberto Espinosa, a VPR chegou a ter em seus quadros cerca de sessenta operários de Osasco, sendo quinze deles – ele, inclusive – parte da liderança.

que se sustentaram e procuraram nas lembranças partilhadas seu sentido e legitimação. Para Halbwachs, isso faz parte do processo de "reconhecimento e reconstrução" entre a comunidade que lembra. Os entrevistados deixaram clara essa conexão entre as memórias individuais, mas mostraram também que a coletividade pode ser marcada por negociações e discordâncias.

3.3. A Frente Nacional do Trabalho e o papel da Igreja na formação operária osasquense

Como um tecido, a memória coletiva pode se esgarçar, apresentando pequenas dilacerações na sua composição. Os estudos de história oral que abordam a questão da memória e da identidade construídas por um grupo devem demonstrar não só as semelhanças e pontos afetivos, morais ou políticos que os une, mas também a diversidade entre as pessoas que o compõem. Maurice Halbwachs (2006) já havia sublinhado que a memória como fenômeno construído coletivamente estaria sujeita a flutuações, transformações, mudanças constantes. Assim como ela, a identidade construída a partir dela também estaria submetida a alterações, porque viva e constantemente recriada. Nesse sentido, Michael Pollak (1992) afirmou que

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que *a memória e a identidade são valores disputados* em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. (POLLAK, 1992, p.204)

A imagem sobre a cidade de Osasco e o processo de formação dos operários que fizeram a greve em 1968 não foi consensual na memória coletiva; revelou conflitos e discordâncias entre as redes masculinas. Valores diferentes entraram em negociação quando os homens narraram sobre a trajetória da colônia osasquense. A intelectualidade como marca da peculiaridade e o caráter revolucionário do operário-estudante pareceu ser uma posição defendida pelo Grupo Osasco, mas não unânime na coletividade.

Embora a paralisação do dia 16 de julho tenha se tornado símbolo identitário dos entrevistados, a rede de trabalhadores católicos, participantes da Frente Nacional do Trabalho, e que também se colocaram como líderes dela, apresentaram outra leitura sobre a particularidade e a formação política dos trabalhadores. A dinâmica intelectual apontada por Espinosa, por exemplo, não foi evidenciada como prioridade por eles para que a greve pudesse acontecer. José Groff, na época presidente da Comissão de Fábrica, colocou-se também como inaugurador de nova direção na luta dos companheiros:

Eu, Albertino Oliva e o Mário fomos os fundadores da FNT a nível de Brasil. O Mário de Jesus se formou advogado, fez um estágio na França, né? Ele conviveu com o Padre Lebret, era um padre sociólogo, entendeu? Ele colocava essas questões, que era preciso ter uma organização que fosse realmente representativa dos trabalhadores. E, então, nós fundamos a Frente. (José Groff)

Diferente do Grupo de Osasco, que teve como participantes pessoas como José Ibrahim, José Campos Barreto, Roque Aparecido da Silva e Antonio Roberto Espinosa, os cristãos destacaram seu papel como fundadores da nova trajetória de organização, outra transformação política a partir da década de 60, marcada pelo processo de renovação da Igreja Católica. Em Osasco sua influência teria se dado pela vinda dos padres franceses para trabalhar nas fábricas e pela formação das Comunidades Eclesiais de Base, que teriam originado a Ação Operária Católica (ACO) e a Juventude Operária Católica (JOC), das quais esses colaboradores participaram.

Para os membros da FNT Osasco estaria inscrita no contexto internacional e nacional sim, só que dentro da orientação da nova Igreja, que surgia a partir da década de 60, principalmente a partir do II Concílio do Vaticano e da Conferência de Medellín, entre 1962 e 1966. As referências não foram claras a esses eventos, mas os narradores se apresentaram como criadores da organização que entenderia o compromisso da Igreja com o trabalhador e com os pobres de forma mais progressista. As leituras e as orientações que marcaram sua atuação eram mais progressistas do que o clero havia sido até então, isso devido ao pronunciamento que o Papa João XXIII havia feito sobre o papel religioso no mundo. Na América Latina, essa ideia se converteu na Teologia da Libertação, o que não impediu que a Igreja colaborasse na Marcha da Família com Deus pela Liberdade e apoiasse o golpe militar em 1964 no Brasil⁵⁵.

⁵⁵ O livro *Brasil Nunca Mais*, organizado por D. Paulo Evaristo Arns, em 1986, foi um dos primeiros a falar sobre o apoio da cúpula da Igreja ao golpe que derrubou o presidente João Goulart. A campanha

A memória coletiva sobre o caráter de resistência osasquense se manteve sendo alimentada pelas duas redes masculinas, porém os entrevistados da Frente Nacional do Trabalho não vincularam sua ação a qualquer entidade estudantil ou político-partidária. Atribuíram à sua formação um elemento novo, o catolicismo voltado aos mais pobres e à organização dos operários nas fábricas pela base, com a criação da comissão de fábrica. Essa foi a especificidade dada por eles à cidade, diferenciada pela postura de um apostolado mais voltado ao povo, o que colaborou para a conscientização dos trabalhadores nas fábricas.

Ao mesmo tempo em que reconheceram a importância do Grupo de Osasco, formado por seus companheiros estudantes, eles marcaram a diferença de posicionamento quanto à origem e ao significado de suas ações na conscientização do movimento social mais humanizado. Inácio Gurgel, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos na época da greve, atribuiu sua formação aos ensinamentos da Ação Católica:

A consciência disso veio da Ação Católica Operária, das Comunidades Eclesiais de Base. Eu não frequentava os grupos do Roque, do Ibrahim, esses grupos políticos mais ferrenhos. Não frequentava. Nós frequentávamos a turma que veio da França, dos padres operários com as comunidades de base. A minha leitura da época era baseada na ideia: “Princípios para a ação”. Era o meu livro de cabeceira, “Princípios para Ação”, do Lebrete, da França⁵⁶. Inclusive, na Cobrasma, adquirimos um livro desse e mandamos para o nosso engenheiro: “Ó, doutor!”... O livro dizia assim: “O chefe é aquele que respeita o seu funcionário como pessoa de Deus!”. O Lebrete falava isso! Naquela época isso era muito forte! Era muito forte! (Inácio Gurgel)

Inácio Gurgel atribuiu sua formação política ao papel desempenhado pela Igreja, sua participação na Ação Católica e na Juventude Operária Católica (JOC). Os “Princípios para a ação”, do padre Lebrete defendiam uma “economia humana”, em que

anticomunista e a posição contra as Reformas de Base propostas pelo governo contratavam com o comprometimento aos marginalizados defendido pelo Concílio do Vaticano II. (ARNS, 1988, p147)

Sobre a temática da participação da Igreja no apoio ao golpe ver ainda: BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974; CASTRO, Marcos de; 64: *conflito Igreja x Estado*. Petrópolis: Vozes: 1984; CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcos Roberto de. *A marcha, o terço e o livro: o catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 24, nº 47, p. 271-302. jan-jun, 2004; CORDEIRO, Janaína M. *Direitas em Movimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

⁵⁶ Louis-Joseph Lebrete foi um padre que nasceu em Minihic-sur-Rance, na Bretanha. Defensor da “missão libertadora do Evangelho”, suas ideias influenciaram o Concílio Vaticano II (1966), quando a Igreja passou a defender uma ação mais voltada aos pobres e injustiçados. Seus ideais tiveram ampla divulgação em movimentos dentro da Igreja Católica, na América Latina.

trabalhadores deveriam ser mais respeitados, enquanto empresários seriam orientados para intervirem na realidade com maior misericórdia e humanidade. Daí o presente dado pelos trabalhadores ao chefe da Cobrasma, numa posição conciliadora e numa missão de “conversão” do patrão para o “bem”.

A postura mais mediadora e moderada foi diferenciada daquela representada pelo Grupo de Osasco, com os quais a FNT não fazia reuniões. Gurgel procurou pontuar sua diferença com relação aos colegas, sem estabelecer com eles vínculos ideológicos.

Da mesma forma, José Groff, que também pertenceu à Ação Católica e foi um dos fundadores da Frente Nacional do Trabalho em Osasco, enfatizou sua transformação graças à descoberta religiosa de um “Deus mais tolerante”, com o qual se identificou.

Eu tive uma educação religiosa, primeira, onde me mostram um Deus carrasco, um Deus que só queria ver você fazer alguma coisa pra descer o chicote, né? Depois comecei a conviver com o pessoal da Ação Católica Operária, a ACO; com os padres operários Rafael, Wauthier e Barbé; comecei a conviver com o pessoal da Frente Nacional do Trabalho, e o Dr. Mário de Carvalho de Jesus era um dos Fundadores da FNT⁵⁷. Então, ele nos dava toda uma dimensão de como seria a luta das pessoas, respeitando o adversário, não é verdade? Ele dizia que a gente tinha que ser firme o tempo todo, e não valente de vez em quando, né? Eu acho que era isso, um pouco da luta do Dr. Mário, porque às vezes, a pessoa ser valente num momento que tem muita gente em volta dele, agora, firme o tempo todo é um pouco mais difícil. Nós tínhamos essa filosofia de trabalho. E na segunda parte, seria a parte religiosa, não é verdade? Que nós tínhamos muita força fundamentada no Evangelho. Mas era aquele outro Deus companheiro, aquele outro Deus que aceitava nossas fraquezas, e que conhecia também, as nossas pretensões, as nossas virtudes, entendeu? Era outro Deus de quando eu tinha aquela minha religião alienada, entendeu? Quando eu era capaz de matar um comunista e ter cem anos de indulgência, não é verdade? Mas não era nada disso. Então, a gente tem que viver com os diferentes, respeitando o outro lado, mas sempre mantendo o nosso ponto de vista e os nossos objetivos. (José Groff)

A filosofia cristã de “ser firme o tempo todo, e não valente de vez em quando” opôs-se ao caráter revolucionário das narrativas de José Ibrahim, Roque Aparecido e, principalmente, de Roberto Espinosa, sem deixar de reconhecer “os diferentes”, o “outro lado”. A força da Frente Nacional do Trabalho, segundo Groff, viria do Evangelho e não da “valentia circunstancial”, numa crítica à postura do Grupo Osasco.

⁵⁷ Mário Carvalho de Jesus (1919-1995) era um advogado mineiro que participou da Juventude Universitária Católica (JUC), trabalhou como operário na comunidade de Boimendeau, na França, junto à equipe do padre Lebre. Atuou em diversos sindicatos, dentre eles o Sindicato dos Trabalhadores de Perus. Fundou a Frente Nacional do Trabalho (FNT) em 1960 e esteve ligado ao Movimento Justiça e Não-Violência, de 1978 até 1995, ano de seu falecimento.

Seus membros seria defensores da negociação com o “adversário”, o patrão capitalista, que deveria ser seduzido pelo ideal católico de conciliação e não pelo enfrentamento radical oportunista. O adversário poderia ser entendido também, de certa forma, como o próprio Grupo de Osasco, criticado implicitamente pelo colaborador.

A memória de expressão oral dos integrantes da Frente Nacional do Trabalho trouxe também como marco o desvio do grupo com relação à postura intolerante da Igreja, no Brasil; aquela que comandou manifestações e promoveu a constituição de grupos femininos em apoio ao regime, colaborando para as delações de opositores “comunistas e ateus”. Em oposição a ela, Gurgel e Groff apontaram a existência de uma Igreja mais tolerante e humana com a qual se identificaram.

Os padres franceses, como Pierre Wauthier e Domingos Barbé, que se tornaram operários na Cobrasma e em outras fábricas da região, foram modelos de conduta moral e de solidariedade citados por eles, assim como por João Joaquim e João Cândido, por diversas vezes:

Os padres operários também foram muito importantes na nossa vida! Padre Emílio, Pierre Wauthier, Padre Paulo Cherdel...⁵⁸ Tem a rua dele! Domingos Barbé⁵⁹! Padre Rafael, claro! Eles eram operários, porque trabalhavam lá na fábrica com a gente! No princípio, os franceses eram todos operários, mas ninguém sabia que eram padres. Depois, todo mundo descobriu! Foi assim: o Padre Rafael foi para o Uruguai e lá descobriu as Comunidades. Veio para cá. Chegou em Osasco e falou: “Inácio, nós precisamos formar uma comunidade de jovens aqui!”. Foi aí que nós fundamos a CJC, Comunidade de Jovens Cristãos. (Inácio Gurgel)

Os padres operários representavam uma faceta eclesial mais humanizada, preocupados em interferir em espaços antes ignorados pela Igreja. Atuaram de forma a coadunar política e missão religiosa, atraindo os trabalhadores e estudantes para as Comunidades Eclesiais de Base. Como os relatos demonstraram, sua ação mais tolerante e ativa diante do problema da pobreza procurava fazer frente às influências da esquerda marxista, sem confronto. Ao pregarem que todo cristão deveria assumir o

⁵⁸ O padre francês Pierre Wauthier foi citado em diferentes narrativas como referência de apoio aos grevistas e às suas famílias durante a greve em Osasco. Era operário da Cobrasma na época e foi preso junto com os outros grevistas. Acusado de liderar o movimento, foi deportado em 1969.

⁵⁹ O padre operário francês Domingos Barbé atuou em Osasco até a greve de 1968. Em 1978, juntamente com Dom Helder Câmara, D. Paulo Evaristo Arns e outros religiosos fundou o Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência, versão brasileira do *Servicio Paz y Justicia en la America Latina*. Escreveu duas obras em que defendia a não violência e procurava orientar as Comunidades Eclesiais de Base: *A graça e o poder: as comunidades eclesiais de base no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983, e *Fé e ação: catecismo para os cristãos das comunidades de base*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1977.

compromisso com a justiça e aprender a conviver com o capitalismo, uma parte do clero concorria com as posições mais radicais e aceitava dialogar com elas. O preceito católico “ver, julgar e agir”, defendido pelo padre francês Lebreton, foi lembrado pelos colaboradores como inovação e orientação para suas posturas mais contidas, diferenciando-se do Grupo de Osasco.

Mantendo a postura de negociação e atuação pacífica – esta foi a marca que quiseram validar nos relatos sobre a formação dos operários – José Groff e João Cândido, juntamente com o advogado Albertino Oliva, colocaram-se como organizadores da Frente Nacional do Trabalho (FNT), em 1962. A entidade católica seria responsável pelo esclarecimento dos trabalhadores na base e pelo fortalecimento da Comissão dos Dez na Cobrasma, da qual eles faziam parte quando a greve aconteceu, com exceção do último.

A religião permitiu a “conversão” de alguns deles para a luta contra o capital. Dentre eles, José Groff, presidente da Comissão da Cobrasma, voltou-se a uma Igreja mais sensível aos problemas sociais e mais tolerante diante dos comunistas. O advogado Albertino de Souza Oliva também se considerou convertido comparando sua trajetória com a vida do apóstolo São Paulo. O mito de uma Igreja redentora se construiu nos discursos, demonstrando o quanto a participação nas Comunidades de Base teria originado outro tipo de trabalhador em Osasco.

Se a professora Helena Pignatari Werner definiu o momento vivido na década de 1960 como “mágico”, do ponto de vista político - quando proletários e burgueses se encontraram e transformaram a cidade na década de 60 - os narradores ligados à Frente Nacional do Trabalho trataram como graça divina a conversão política e religiosa de seus membros. Principalmente ao se referirem à metamorfose sofrida por Oliva, que teria recusado a defesa da empresa, abandonando a função de chefe do Departamento de Pessoal. Deixou de ser “espião dos patrões” para assumir a advocacia na FNT e nos sindicatos, a favor dos operários. Os colaboradores católicos interpretaram sua transformação como “obra divina”, da mesma forma que teria acontecido com José Groff, e isso seria fundamental para os encaminhamentos dados às reivindicações nas fábricas.

Nesse meio tempo, eu tive a oportunidade de conhecer o João Cândido, e aquilo que o João Cândido falava mais a realidade que eu tava vivendo e, comecei a me questionar, entende? Percebi que eu era um instrumento na mão da Direção da Cobrasma. Eu me senti um sargento, porque era o cara que trabalhava pra reprimir os trabalhadores e fazer com que eles não

tivessem condições de se organizar! Sempre que eu ouvia falar que alguém era liderança e tal, levava ao conhecimento da chefia, e a chefia mandava embora! Então, eles nunca podiam se organizar dentro da empresa porque eu estava lá de antena, né? (...) Bom, essa constatação foi me levando a um conflito interior, entende? (Albertino Oliva)

Albertino Oliva apresentou-se como aquele que foi transformado pela mensagem da Igreja e pela intervenção de seus colegas. De agente da dominação e alienado teria percebido a contradição entre a proposta social das Comunidades Eclesiais e sua prática opressora. Sua opção pela defesa dos trabalhadores seria fruto de um conflito moral e foi lembrada pelos companheiros como exemplo de fé.

O posicionamento contra a exploração não seria apenas influência de modelos políticos revolucionários, como Cuba, Vietnã ou China, mas acima de tudo missão religiosa e ato de conversão humanitária, estimulada por outros operários católicos e pelos padres franceses. Para José Groff, a fé teria peso importante na história de luta operária.

Albertino era chefe da Seção do Pessoal da Cobrasma. Era o que procurava os focos de agitação dentro da fábrica pra depois mandar o pessoal embora. Depois houve uma metamorfose também, né? Ele virou pro lado dos trabalhadores! O pessoal da Cobrasma não entendeu, falou: “Você tá ficando louco, o que você tá fazendo?” Ele falou: “Eu não. Não estou...” Aí, tiraram ele de dentro da Cobrasma, mandaram ele pra São Paulo, depois foi demitido e voltou a trabalhar com a gente e tá com a gente até hoje. Essa foi uma conquista, né? Eu acho que o Albertino, a conversão dele foi importante pra nós, tá firme até hoje. Então, existem coisas que parece que é uma graça, entendeu? Pra mim, que tenho fé, tem o dedo de Deus metido nisso daí, entende? Tem! Porque eu sou uma pessoa de fé, eu acredito, nisso. (José Groff)

O operário João Cândido foi apontado nas narrativas individuais como o responsável por essa conversão; mais antigo e experiente dentro da Cobrasma e católico praticante, ele teria “arrebanhado” seus colegas de trabalho para a Igreja, na busca de construir com eles a consciência da exploração nas fábricas. Teria sido aquele que conduziu os operários para as Comunidades Eclesiais de Base, de caráter mais social. A alusão bíblica a São Paulo também apareceu na narrativa de José Groff, associando a ação de Cândido ao apostolado.

Eu tive a oportunidade de conviver com esse pessoal da Cobrasma, de conviver com os “Cândidos” da vida! Enfim, todo esse grupo de pessoas com quem a gente conviveu é que faz a gente mudar de vida, mudar de postura. Paulo, pra se converter, teve que cair do cavalo, né? E a gente, às

vezes, cai do cavalo várias vezes, e depois acha o caminho certo. Mas acho que não sou eu a única pessoa não! Muitas pessoas foram convertidas, não é verdade? (José Groff)

João Joaquim, diretor da comissão de fábrica da Cobrasma na época e atualmente professor, colocou-se entre os dois grupos, mostrando que era possível a conciliação entre propostas diferentes, voltadas para o mesmo fim. Sua narrativa também foi de descoberta e transmutação, por meio da entrada na Juventude Operária Católica, pelas mãos de João Cândido, e da convivência com o Grupo de Osasco:

Outra coisa bastante marcante na minha vida foi que aquele jovem que queria ser Polícia Rodoviária, aí de repente encontra com um grupo de pessoas que tem uma formação marxista e outro grupo que tem uma formação cristã... Então aí, eu via a luta comum nas pessoas, não via diferença. Demorou pra eu adquirir as informações, um pensamento marxista, leninista, trotskista, ou ter um pensamento cristão, conservador ou progressista. Então ali, durante um bom tempo, eu participava das reuniões de um grupo marxista e participava também das reuniões dos grupos cristãos. E a diferença que eu detectava era de que o grupo marxista tinha certo radicalismo; que, às vezes, eles tinham mais bronca do padre do que do quartel! Eles criticavam tanto a Igreja, o padre, que dava a impressão que a Igreja, ou aquela comunidade, ou aquele padre era mais nocivo do que o patrão, né? E, às vezes, no grupo cristão eu notava que o fato do cara ser marxista, ele era o Satanás!! Agora, você imagina isso na cabeça do jovem João Joaquim com 20 anos, sei lá!

Aí, eu comecei a valorizar a classe operária como um todo. Já que os comunistas são a favor da greve e os cristãos também são, então, eu também sou! Já que os comunistas acham importante tomar o poder pra classe operária e esses cristãos também, então eu também sou! Eu sou comunista e cristão. Sou marxista e frentista, né?! (João Joaquim)

A narrativa do entrevistado marcou dupla conversão, após a descoberta da vida política e religiosa; conhecer as atuações de seus companheiros tornou-se passagem fundamental na constituição de sua consciência e de sua identificação com a classe trabalhadora. Ele também percebeu as posturas intolerantes de ambos os grupos, de Osasco e da Frente Nacional do Trabalho, o que lhe permitiu desenvolver leitura própria sobre eles. Colocando-se como mediador, procurou convergir os ideais cristãos e marxistas para a sua prática, naquilo que considerava importante e semelhante entre eles: a organização da greve associada à tomada de poder. O operário osasquense poderia ter essa ambiguidade como característica, transitando entre mundos e propostas diferentes, mas não opostos ou adversários.

O importante é que em qualquer uma das duas redes – de esquerda ou cristãos - pode-se notar que a memória de expressão oral coletiva sobre Osasco, seria predominantemente masculina e orgulhosa de seus feitos motivados por questões políticas, trabalhistas ou religiosas. Os narradores concordaram quanto à ênfase dada à posição da cidade, antes subúrbio e submissa a São Paulo, depois cada vez mais cobiçada por grupos de fora, porque autônoma e organizada a partir de diversos interesses.

Os entrevistados qualificaram suas ações de tal forma que a greve de Osasco seria decorrência “natural” da conscientização dada pela efervescência de ideias e práticas renovadoras das quais todos eles foram portadores de alguma forma.

3.4. A negociação na memória masculina: os marcos coletivos

A conciliação na memória de expressão oral coletiva de Osasco tornou-se mais clara quando trataram de eventos fundadores da causa em comum entre eles, relativa à organização os trabalhadores. Pollak (1992) afirmou que, como a memória é um fenômeno construído, existem fatos, lugares e personagens que são apresentados como vestígios de acontecimentos herdados pelo grupo. Essas referências reforçam a identidade coletiva e ajudam a construir a imagem de como a coletividade de narradores pretende ser reconhecida e significada. No caso das duas redes estudadas, alguns “acontecimentos vividos pessoalmente” e aqueles “vividos por tabela”, como o nascimento da comissão de fábrica, tornaram-se marcos cronológicos e simbólicos quanto ao enfrentamento da própria ditadura, na década de 60. No lugar de memória herdada, como nomeou Pollak, diria que são fatos partilhados e filtrados pela experiência da coletividade, uma vez que as lembranças não podem ser coisificadas.

Dentre esses fatos em comum, dos quais nem todos participaram mas têm como referência, foram enfatizadas a morte de um operário e a criação (clandestina) da comissão da fábrica, em 1962, a vitória da Chapa Verde nas eleições sindicais e a criação do Movimento Intersindical Anti-Arocho, em 1967, a manifestação operária no Primeiro de Maio e a própria realização da greve, no ano de 1968.

A chamada Comissão dos Dez na Cobrasma nasceu clandestina a partir de um fato, ao qual nem todos estiveram presentes, mas que se tornou ponto inicial, símbolo de união coletiva: a morte de um trabalhador de forma trágica dentro da fábrica, no ano de

1962. Os colaboradores descreveram o acontecimento traumatizante que permaneceu vivo na memória coletiva:

Num determinado dia, em 1962, morreu um rapaz lá dentro da Cobrasma. Ele estava junto ao forno, houve uma reação na hora do forno de aço, né, e essa reação soltou uma labareda que lambeu o sujeito e ele ficou com mais de 60% do corpo dele queimado, e acabou morrendo! (Albertino Oliva)

Na fundição tinha os altos fornos, que fundiam as peças e etc... E tinha as panelas, nós chamávamos de panelas, que tinham aço pra fazer a corridas, fazer a fundição, e era um operário que fazia... Quando ele colocava a alavanca na parte de cima, abria lá embaixo, aí o aço escorria, fundia a peça. Aí quando terminava, substituía o operário por outro, e por outro... Ah! Altamente insalubre!! E, um dia, quando fez aquela corrida de fundição, ficou um operário fazendo limpeza onde colocavam o forno. Aí, o ponteiro, aquele volante que ficava na panela de 10 mil quilos de aço, 12 mil quilos de aço, ele despejou a escória, que era o que eles faziam... E naquele dia a escória caiu em cima de um operário que tava fazendo a limpeza. O operário teve umas três, quattros horas de vida... Isso foi em 1964, 1965... (João Joaquim)

A história do acidente que provocou a reação dos trabalhadores contra a fábrica reforçou a memória coletiva, fazendo cada um sentir-se parte do mesmo destino. O evento que fez nascer a unidade operária, apesar de suas diferenças, foi a morte, fato traumático que mobilizou a todos. Na memória coletiva, os detalhes e a dramatização da morte do operário importaram para saber sobre o significado do acontecimento: a violência e impacto do acidente, o sofrimento nos poucos minutos de vida, o auge da falta de proteção e de direitos coletivos que já se arrastava na fábrica. Em especial, a alta insalubridade, lembrada por João Joaquim, à qual qualquer trabalhador estava sujeito, pondo em risco sua vida.

As datas do acidente indicadas por eles não coincidiram nos relatos, 1962, 1964 ou 1965, mas o sentido da tragédia permaneceu: foi dela que nasceu a paralisação dentro da fábrica e a ideia de tocar o apito como protesto.

Alessandro Portelli (2009), em sua pesquisa sobre a greve na cidade de Terni, na Itália, percebeu algo semelhante: os trabalhadores haviam deslocado a data da morte de um operário, Luigi Trastulli. Morto numa manifestação na década de 1940, contra a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), sua imagem teria sido relacionada pela população a uma greve, em 1953, cujos efeitos teriam sido devastadores. A figura martirizada do jovem, usada fora do tempo histórico, cumpriria a função de uni-los simbolicamente, independente da data exata de seu falecimento.

Portelli chamou a atenção para o fato de que a excepcionalidade dos que morreram passam a concentrar o sentido de todos aqueles que sobreviveram a um fato trágico. Em anos de fábrica, trabalhando oito horas por dia, sujeitos aos riscos de acidente e à falta de leis que os protegessem, os trabalhadores conseguiram evitar sua própria morte. Daí a experiência traumática daquele companheiro inscrever todos na possibilidade de terem sido atingidos, pondo em evidência sua instabilidade e fraqueza.

A data apontada pelos ex-operários cumpriu uma função simbólica, mais do que forneceu a precisão cronológica. A memória, como afirma Portelli, não seria apenas fornecedora de informações nem um depositário passivo de fatos e sim processo ativo de criação de significados, que se renovam a partir do presente. No caso de Osasco, a lembrança do colega morto pelos entrevistados reforçou a necessidade de unidade, devido ao sacrifício e ao trauma sofrido por eles.

Politicamente, aquele momento inaugurou a pressão para que a comissão de fábrica, que já existia de forma clandestina e precária, fosse reconhecida pelos patrões. A resistência operária se iniciou com a paralisação da fábrica em homenagem ao amigo e em protesto contra as condições de trabalho. Esse ato levou ao fortalecimento do grupo que criou a comissão e conquistou sua legalização em 1965. Participantes do Grupo de Osasco ou da Frente Nacional do Trabalho partilharam da mesma história em suas narrativas, demonstrando como desestabilizaram a rotina da fábrica:

Aí, no dia seguinte, na hora do enterro desse companheiro, a empresa paralisou. Não me lembro mais ou menos que hora que parou, mas era fora de horário, né? Então, vamos supor que umas nove e meia da manhã, dez horas, tocou a sirene, e as pessoas falavam: “Ué, ainda não é hora de almoço, porque é que tá tocando?”. E a empresa ficou totalmente paralisada! A peãozada conseguiu fazer com que a “Rádio Peão” funcionasse em todas as seções da empresa. Isso em sinal de protesto pela morte do companheiro, né? (João Joaquim)

A gente fez uma grevezinha de cinco minutos, uma manifestação de solidariedade a um companheiro nosso em função de que ele morreu em um acidente. Aquele tipo de acidente estava sempre acontecendo e a gente já tinha uma pauta contra isso. Fizemos cinco minutos de interdição em homenagem ao falecido, à revelia da firma que não tinha deixado a gente ir ao enterro dele. Foi assim um impacto muito grande pra nós!...(João Cândido)

(...) houve a sugestão pra que a gente parasse a Cobrasma na hora em que o companheiro fosse enterrado, na hora do enterro iria parar a Cobrasma. E o pessoal, lá, se organizou... E exatamente, parece que foi duas horas da tarde ou coisa parecida, o enterro estava saindo da casa do rapaz, alguém foi lá e tocou esse apito que você acabou de ouvir aqui, entende?! E a fábrica parou! (Albertino Oliva)

O toque do apito da Cobrasma, símbolo do trabalho na cidade de Osasco, foi usado por eles fora de hora, para subverter a ordem e a disciplina. O objetivo era demonstrar o impacto da tragédia e a indignação pela constância de acidentes à qual todos estavam sujeitos. Além disso, manifestaram-se contra a insensibilidade dos empresários demonstrada pela proibição quanto ao direito de prestarem solidariedade à família do companheiro, de irem ao seu enterro e de chorarem sua perda.

Ainda utilizado pela fábrica atualmente, seu barulho pode ser ouvido em determinadas horas do dia e ajuda a organizar, inclusive, as tarefas cotidianas para os moradores. Mais do que isso, o apito da Cobrasma tornou-se parte da vida na cidade, característica da “cidade do trabalho”, como Osasco foi nomeada oficialmente. Os narradores deram destaque ao fato de o soar da sirene ter sido transformado em símbolo de resistência. Também início do rompimento da submissão e da fundação de uma ideia: a criação oficial de uma organização pelas bases.

Então, a partir de 1965, a gente começa a trabalhar na idéia de comissão de fábrica, que no começo era clandestina, desde a morte do operário na fornalha, mas não era reconhecida e nós tínhamos que trabalhar nela clandestinamente. (José Ibrahim)

O apito foi também utilizado por eles, no dia 16 de julho de 1968, para paralisar a mesma fábrica e iniciar a greve, tomando o controle do tempo: o símbolo da disciplina tornou-se mecanismo de desobediência. Sinal da entrada e saída de operários serviu naquele momento para lembrá-los do momento da subversão. Quando todos eles entrariam sem trocar o turno e ocupariam os setores da fábrica, inclusive a sala dos engenheiros, para forçar as negociações com os patrões.

Enquanto alguns dos entrevistados estavam falando, coincidentemente, o som da sirene chamou a atenção deles. Pausa!... Olhos e ouvidos atentos... Toque corriqueiro, anunciando determinadas horas do dia para a troca de turno, naquele momento ele provocou emoção, brilho nos olhos, risos e vivacidade.

Fiz uma poesia do que senti nesses vinte e três anos de Cobrasma. Todos os dias, às seis horas da manhã, o que sentia ao ouvir o apito da Cobrasma. Da minha cama eu ouvia! Daqui eu ouvia!.... (Inácio Gurgel)

Cobrasma!... Ouve o apito!... Tá tocando!... (João Joaquim)

O som que paralisou momentaneamente a fala deu mais sentido à história que contavam. Continuou a tocar a alma dos contadores, ativou lembranças com mais intensidade. A memória oral é viva, pulsante, e naquele instante passado e presente se fundiram, na sensibilidade provocada por um barulho, que deixou de simplesmente sê-lo para significar e emocionar.

Emoção que marcou também o relato sobre o nascimento da Comissão dos Dez, a partir da resistência na fábrica. A morte do operário foi transformada em mito de libertação contra a dominação. O mito como palavra que remete à origem a um tempo primordial, “o tempo fabuloso do princípio”, de como algo nasceu e passou a ser e significar. E a poesia, como as enunciadas por Inácio Gurgel em toda sua performance narrativa, mostraram a memória do passado na forma de palavra cantada e ritmada, procurando manter os rastros da luta deles contra o esquecimento. A poesia forneceu caráter épico à formação da comissão, marco de fundação da trajetória operária que culminaria na greve e continuaria nos confrontos depois dela. Sua origem esteve relacionada com a violação do direito, a morte de um mártir; operário do qual ninguém chegou a mencionar o nome; a síntese de todos deles.

Inácio Gurgel, o “operário-poeta”, José Ibrahim e Roque Aparecido, pertencentes a grupos diferentes, convergiram quanto à importância da comissão como mediação na negociação de direitos com o patrão e à sua força simbólica na solidariedade entre as redes. Ela pareceu ter congregado, pela primeira vez, as diferenças entre os setores da indústria e, mais tarde, ter feito parte de comunhão maior, política e nacional, da intelectualidade com o trabalho. Isto a tornou motivo de orgulho coletivo.

E aí, no meio de tudo isso, a Comissão dos Dez... A Comissão dos Dez foi um trabalho de expressão! De libertação da classe operária osasquense, sobretudo, na Cobrasma! Maravilhoso!!... Olha aqui, ó!
“A Comissão dos Dez foi trabalho de expressão!
Refeitório, Prêmio de Insalubridade
E o Prêmio de Produção!
Valei, Nossa Senhora!
Se mandassem alguém embora,
A turma virava ‘o cão’!
Estudantes universitários
Uniram-se aos operários
E a ditadura tremeu!
Muitos, então, foram mortos,
Deram a vida por amor!
Gritaram para o mundo inteiro,

Defendendo os brasileiros
E na luta ficou!
Muitos intelectuais vieram em nossa defesa,
Na coragem da esperança,
Na esperança da certeza!
A Igreja com ação e preces,
Para que a gente tivesse o sagrado pão na mesa! (Inácio Gurgel)

O narrador usou rima, ritmo e sonoridade para render homenagens a todos os que participaram do processo de luta em Osasco. O ponto inaugural foi a comissão, juntando-se a ela universitários, intelectuais e a Igreja. O uso de sua capacidade de declamar tornou ainda mais grandioso o que quis rememorar: o feito “maravilhoso” de “libertação da classe operária osasquense”. Apesar dos dramas e perdas – e ele não esqueceu aqueles que morreram pela causa – suas palavras demonstraram otimismo, sentido vitorioso e conciliador. Além das conquistas trabalhistas que a comissão obteve, sua existência se estendeu no tempo e se inseriu na defesa “de todos os brasileiros”. O narrador fez da experiência coletiva sua poesia engajada e tocante, aclamando com entusiasmo o grande feito histórico.

José Ibrahim, operário da Cobrasma em 1965, também anunciou a Comissão dos Dez em sentido fundador e mobilizador:

Foi um período de bastante luta dentro de Osasco, de bastante mobilização, tanto do movimento secundarista como dos trabalhadores, principalmente, os metalúrgicos. A Cobrasma era a fábrica mais organizada, porque tinha a comissão. A Comissão dos Dez foi um avanço e, diga-se de passagem, a primeira comissão de fábrica existente no país foi a da Cobrasma! (José Ibrahim)

Nas lembranças de Gurgel e José Ibrahim a alusão à Comissão dos Dez ganhou sentido fundante: a primeira comissão de fábrica foi também “trabalho de libertação e mobilização”. A ideia da originalidade dos trabalhadores osasquenses da Cobrasma faz parte da disputa por outra memória entre o próprio movimento operário na atualidade: a quem caberia o pioneirismo da representação legal dentro das empresas⁶⁰?

⁶⁰ Diferentes *sites* na *Internet*, ligados a movimentos sindicais reconhecem como primeira comissão de fábrica do Brasil aquela formada em 1981 pelos trabalhadores da Ford: www.cut.org.br, www.fetecpr.org.br/ato-comemora-30-anos-da-comissao-de-fabrica, www.abcdeluta.org.br, www.redebrasilatual.com.br/revistas/61/trabalho/. O fato sinaliza para uma possível disputa dentro do movimento operário por memórias e silenciamentos quanto aos significados dos movimentos de 1968, em Osasco, e de 1978, no ABC. Não caberia esta discussão neste trabalho, mas poderia ser discussão importante a ser desenvolvida.

O trabalho de Valdemar S. Pedreira Filho sobre as comissões de fábrica no Brasil (1998) afirmou que elas não eram novidades na década de 60. Ele localizou sua existência clandestina desde 1919, em São Paulo, e sua proliferação em várias empresas sob a influência do Partido Comunista a partir de 1948. Sobre seu reconhecimento e legalização, no entanto, concluiu:

(...) em 1965, o grupo de fábrica dos operários da Cobrasma S.A. Indústria e Comércio negociou com a direção da empresa o reconhecimento de sua comissão de fábrica. Pode-se afirmar que esta foi a mais significativa experiência de organização por locais de trabalho vivenciada pelo operariado brasileiro, ao longo das fases mais recentes de sua história. Além de ter sido a primeira do gênero, cujas negociações envolveram patrões e empregados, a aprovação dos seus estatutos foi deliberada em assembleia dos trabalhadores da empresa. (PEDREIRA FILHO, 1998, p.121)

Apesar de haver coincidência entre a versão de Ibrahim e a pesquisa de Pedreira Filho, o embate pela memória da Comissão dos Dez permaneceu. As palavras do ex-operário procuraram legitimar a importância do feito fundador para a história não só do movimento osasquense, mas para os operários em todo Brasil, parecendo dialogar com outras versões.

Osasco foi destacada com suas particularidades para explicar o processo de organização política e trabalhista: a autonomia do sindicato, mesmo depois da intervenção militar em 1964; a participação da Igreja humanista ligada aos operários; as relações com o movimento estudantil; e o caráter inicial e inovador da comissão que permitiu a negociação a partir de dentro da fábrica.

A convergência de movimentos e o rompimento com a tradição sindical fez parte da construção identitária entre as redes, negociada e consentida. Foi a eles que os narradores atribuíram a vitória nas eleições sindicais, no ano de 1967, outro marco da memória coletiva. A conexão e a coerência entre as histórias orais compuseram o sentimento de pertencimento aos acontecimentos vividos pessoalmente ou "por tabela", pela coletividade. (POLLAK, 1989: 2).

Por meio desses feitos experimentados ou filtrados os narradores construíram um “sentido de si, para si e para os outros”; colocaram-se no centro da história, recorrendo a fatos anteriores à sua participação na fábrica da Cobrasma para significar suas vidas: a formação da cooperativa dos vidreiros anarquistas, a morte do operário, a criação da comissão de fábrica, a vitória sindical, o Primeiro de Maio, culminando na

greve de 1968. Eles tornaram valorosa sua experiência como sujeitos pertencentes a uma coletividade que fez acontecer a história, a que os antecedeu e a que foi construída com a sua participação. Inácio Gurgel, mais uma vez, descreveu a conquista como feito grandioso porque coletivo e solidário:

Fizemos uma composição: Chapa Verde. Está aqui nesta cartilha, pode ver, na última página... Na última página tem a Chapa Verde, você vai ver de cara... Quer ver?... Chapa da Oposição, eleições: 14, 15 e 16 de junho de 67. E tinha aqui, uma coisa... Ah! Olha essa parte da cartilha sobre a greve: “Avante companheiros! Chapa Verde. Uma árvore com folhas verdes indica que haverá esperanças de bons frutos!”... Essa era a nossa chamada para os operários. Nisso aqui nós nos unimos: a turma do Roque, a turma do Ibrahim, do Barreto, tantos outros, juntamente com a Frente Nacional do Trabalho, Ação Católica Operária. A Frente Nacional do Trabalho entrou muito forte: o Dr. Mário Carvalho de Jesus, que era do Sindicato de Perus, e Albertino de Souza Oliva, que trabalhava na parte administrativa da Cobrasma. E o Groff, que foi presidente da Comissão dos Dez, na Cobrasma. (...) Isso foi muito grandioso!...

Gurgel deixou claro: “nisso aqui nós nos unimos”. Em torno das eleições sindicais, o Grupo de Osasco e a Frente Nacional formaram uma só composição, tornando a vitória sobre a chapa do Partido Comunista algo grandioso. Juntos com José Ibrahim, Roque e Barreto eles puderam desafiar a vigilância da ditadura e iniciar um novo sindicalismo.

Essa aproximação entre as redes também se manifestou nas palavras de Roque Aparecido, reconhecendo no contato com os companheiros da FNT a possibilidade de canalizar seu espírito já insubmisso:

Quando comecei a trabalhar na Cobrasma, passei a conviver com outras pessoas, os novos companheiros da Frente Nacional do Trabalho, o Groff, o Cândido, isso foi se intensificando. Eles colocavam para nós essa questão contra a ditadura, e a gente sofria na pele! Então, a consciência foi meio que a partir da integração nesse processo e da própria personalidade de não me sujeitar a qualquer imposição. Agora, por que a greve ocorreu em Osasco? O fato da Frente Nacional do Trabalho ter se constituído com setores ligados à Igreja, se tornou sólido aqui em Osasco, mais forte do que em São Paulo, que era uma cidade maior! Uma cidade menor, com uma concentração industrial maior, deu ao movimento em Osasco essa particularidade... Com certeza, a participação do Dr. Albertino de Souza Oliva, ligado à FNT como advogado foi fundamental! E não havia apenas operários semi-analfabetos, mas também um advogado, que conhecia o outro lado, da administração, e toda a realidade operária e da produção, da gestão do trabalho, como se dava naquela época. Esse grupo teve um papel muito importante!(Roque Aparecido)

A Frente Nacional do Trabalho, o papel da Igreja e a atuação de Albertino, como o advogado que conheceu os “dois lados” foram considerados importantes para introduzir pessoas como Roque Aparecido e José Ibrahim no mundo politizado. Houve concessão na memória do Grupo de Osasco para legitimar a ação de colegas que os antecederam, embora eles tivessem seguido caminhos diferentes com o golpe de 1964. As eleições sindicais em 1967 permitiram que eles se reaproximassem em torno de uma causa em comum.

O Sindicato dos Metalúrgicos que até as eleições tinha como presidente Conrado del Papa, ligado ao Partido Comunista, não foi fechado pelo governo com a repressão, mas sofreu intervenção. João Cândido, que foi o primeiro presidente da comissão da Cobrasma, chamou a atenção para o fato de que mesmo com a tentativa de controle estatal sobre os sindicatos, os trabalhadores não se curvaram:

Na época teve a intervenção no sindicato, mas a luta operária estava em nossas mãos, era nosso destino! Tanto que com a intervenção, eles vinham pedir pra gente conversar com os interventores, que eles ajudariam os operários, mas a gente dava o destino que a gente queria ao sindicato. A gente queria descaracterizar a presença deles. A vitória em 1967 era o nosso rumo! (João Cândido)

A autonomia do movimento operário osasquense foi destacada por João Cândido, mesmo sob o domínio ditatorial: “a luta operária estava em nossas mãos”. Para ele, o processo de organização iniciado dentro da Cobrasma teria sentido vitorioso, para além de qualquer interferência. Nesse momento, mais uma vez, a história de Osasco foi apresentada como diferenciada no contexto nacional.

Original seria também a eleição de José Ibrahim como presidente do Sindicato, com apenas dezessete anos. Candidato pela Chapa Verde, ele uniu católicos e revolucionários em torno de seu nome e, em pleno contexto de intervenção, derrotou o candidato do Partido Comunista Brasileiro e a própria vigilância do regime.

Acho que, de certa forma, nós também pegamos eles de surpresa, né? Quando a gente ganhou a eleição no sindicato, que era uma chapa de composição, não era uma chapa totalmente de esquerda, era uma chapa de composição, as pessoas eram conhecidas na cidade, conhecidas também pelos órgãos de repressão... Uma coisa era eu, que eles sabiam que era uma pessoa de esquerda, que estava surgindo no movimento, que virou presidente do sindicato. Tinha outras pessoas que eles achavam que eram pessoas mais moderadas, que eram pessoas que podiam conduzir outro tipo de diálogo, de negociação, sei lá, era uma confusão pra eles também! Porque, senão, se eles tivessem certeza do que ia acontecer, eles tinham matado o mal pela raiz

logo, antes. Não deixava a gente ganhar a eleição, não deixava a gente concorrer. Eles tinham poder pra isso! Era um regime de exceção, eles podiam fazer isso, mas não fizeram. Não fizeram... E nós ganhamos a eleição! (José Ibrahim)

A Chapa Verde conseguiu a vitória nas eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos misturando membros mais moderados da FNT e pessoas que negociavam com a esquerda, como José Ibrahim. Além disso, comissões clandestinas foram criadas em outras fábricas, de forma a conscientizar companheiros, mantendo-se como atuação de vanguarda apenas a Comissão dos Dez na Cobrasma.⁶¹ Ao mesmo tempo, membros da luta armada ou do movimento estudantil atuavam “por fora”, discutindo os meios para a realização da greve⁶². Alguns membros eram preservados, não aparecendo diretamente na comissão ou no sindicato, como era o caso de José Campos Barreto. A formação da Chapa Verde, encabeçada pelo Grupo de Osasco, fazia parte do processo de radicalização política pela qual passava todo o país, e eles assumiram-se como vanguarda dessas manifestações: a chapa eleita representou autonomia e liberdade, modelo de luta para o país, naquele momento e para o futuro. Para os colaboradores, eles deixaram herança para a posteridade, assumindo papel central na história do país.

Essa eleição era a primeira oposição sindical que surgia no país de forma organizada e com condições de ganhar a eleição! E, por outro lado também, o fato da oposição sindical metalúrgica de Osasco ter se fortalecido tanto, dentro dessa perspectiva de comissão de fábrica, de organização pela base, isso inspirou outros setores também a se organizar da mesma forma. Então, esse negócio de Osasco foi muito importante, marcou a resistência dos trabalhadores contra a ditadura militar! Pela liberdade sindical, pela legislação do acordo salarial, contra a Lei Anti-Greve, né? Pelas liberdades sindicais! (José Ibrahim)

A imagem construída pelos discursos tem sentido inaugural, inovador. Primeira comissão de fábrica. Primeira oposição sindical. Liberdade sindical e resistência dos trabalhadores contra a ditadura. No entanto, a autoria e a responsabilidade pela vitória da Chapa Verde nas eleições revelaram a disputa dentro da memória coletiva. Mesmo

⁶¹ De acordo com texto escrito por Antonio Roberto Espinosa, os “comitês de fábrica” eram semelhantes às “comissões” da FNT, das quais diferenciavam-se por seu caráter marxista. Com o golpe, os comitês foram extintos em todas as fábricas, existindo apenas na clandestinidade. A comissão da Cobrasma para ele foi uma concessão dos patrões por não ter caráter comunista, permanecendo durante a ditadura militar. (ESPINOSA. “Dois Relâmpagos na Noite do Arrocho”. In: *A esquerda e o movimento operário – 1964-1984*. São Paulo: Novos Rumos, 1987. pp. 169).

⁶² Havia reuniões com a União Estadual dos Estudantes (UEE), liderada por José Dirceu, em que se pensava sobre a colaboração da entidade na greve e a organização de panfletos. Pessoas como José Campos Barreto negociavam com o capitão Carlos Lamarca a participação da guerrilha no movimento.

quando membros do Grupo de Osasco, como Roque Aparecido e Roberto Espinosa, reconheceram a presença dos companheiros da FNT e sua importância na luta sindical, a vanguarda do processo de organização foi atribuída à nova geração.

É importante destacar que as principais lideranças estavam com vinte, vinte e um, vinte e dois, no máximo com vinte e três anos de idade! Claro, existiu um João Batista Cândido, por exemplo, que teve um papel muito importante! O Groff... Alguns companheiros, que participaram na formação dos sindicatos... Claro, tiveram um papel importante! Agora, a liderança daquele movimento, daquele processo de organização, que deu condução ao período de 66, 67 e 68, foi o Barreto - que talvez tenha sido o maior destaque -, o Ibrahim, que era da presidência do sindicato, e eu. Enfim, algumas pessoas que tinham essa idade. Era quem estava dando a direção. O Manuel Dias do Nascimento, o Neto, a maioria deles, inclusive, operários-estudantes... (Roque Aparecido)

Roque Aparecido reconheceu o papel de seus colegas José Groff e João Cândido enquanto participantes da organização dos trabalhadores e como aqueles que o introduziram no mundo político. Porém, a liderança e condução do movimento a partir de 1966, e principalmente em 1968, foram atribuídas aos operários-estudantes do Grupo Osasco, com os quais ele se identificou⁶³. A distinção entre as atuações da Frente Nacional e o Grupo Osasco – o velho e o novo – ressaltou a dissonância na memória coletiva. Antonio Roberto Espinosa foi ainda mais enfático nessa diferenciação e na valorização de papéis:

Os antigos dirigentes sindicais, os antigos dirigentes operários, que eram comunistas, acabaram sendo cassados ou afastados dos seus cargos ou estavam atemorizados! Isso abriu espaço pra que surgisse uma liderança nova, que poderia ser ocupada pelos operários que pertenciam a Frente Nacional do Trabalho, anticomunistas cristãos! Mas eles também eram pouco experientes. A experiência que tinham de vida sindical era derivada da do Partido Comunista, estavam meio receosos. Então, tinha um espaço vazio. Esse espaço acabou sendo preenchido pelos garotos! E foi aberto pela ditadura. Ela chegou, varreu, tirou as pessoas do caminho. Ficou um espaço vazio que a Frente poderia ter ocupado, mas vacilava e acabou sendo ocupado pelos garotos!...

⁶³ Em 1966, quando o movimento estudantil nacional pregava o voto nulo nas eleições para prefeito, os operários-estudantes de Osasco optaram por negociar a presença de seus representantes no governo de Guaçu Piteri, candidato moderado e simpatizante da esquerda. Roque Aparecido foi escolhido pelos estudantes para participar no gabinete do prefeito, levando suas reivindicações. No entanto, sua participação na criação do Círculo Estudantil de Osasco (CEO), depois que a União dos Estudantes de Osasco (UEO) foi fechada pela ditadura, e nas manifestações de rua, abortaram o projeto. Piteri acabou pedindo que ele se afastasse.

O relato indicou o vazio político deixado pelos “velhos comunistas” e que os operários católicos da Frente Nacional do Trabalho não teriam conseguido preencher, pelo medo ou por sua postura anticomunista. Teriam sido incapazes de convencer ou ganhar as novas gerações, ocupando a vanguarda que lhes cabia historicamente, dentro das fábricas, das escolas e dos sindicatos. Diante desse vazio histórico, os “garotos” do Grupo de Osasco ocuparam seu lugar de vanguarda.

Eu tinha dezenove anos! O Ibrahim tinha dezessete e foi participar da comissão de fábrica da Cobrasma! Aliás, a primeira comissão que ele participou.

O Groff, mais velho, participava dessa comissão. Se não me engano, foi o Presidente. Agora, o Ibrahim, com dezessete anos!... Foi Secretário Geral da comissão. Por quê? Porque ele estava fazendo o Primeiro Científico, tinha um grau de escolaridade, um “domínio da caneta” que os outros não tinham. Por esse motivo.

(...) Então, há uma limpeza de velhos, de direções, e uma juventude surgindo com vontade, com determinação. E que, além disso, dominava as quatro operações aritméticas! Isso é uma diferença enorme!

A imagem do operário-estudante emergiu da fala de Espinosa como figura central do processo de organização fabril e sindical. Para ele, houve mérito e vantagem de quem estudou sobre a experiência do operariado cuja aprendizagem vinha da própria fábrica. A relação que o Grupo de Osasco mantinha com setores do movimento estudantil, inclusive de São Paulo, como a União Estadual dos Estudantes liderada por José Dirceu, permitia outro diálogo, mais político.

Quando ocorreram as eleições, Roque Aparecido e Barreto já negociavam com setores da Vanguarda Popular Revolucionária, assim como José Ibrahim mantinha contato com o Movimento Nacional Revolucionário, embora nenhum deles tivesse assumido ainda a luta armada.⁶⁴ Essa posição ideológica influenciada pelo ideário da revolução teria diferenciado suas ações consideradas mais ousadas se comparadas à apatia de comunistas e cristãos.

(...) Osasco juntou tudo isso: luta de gerações, um movimento estudantil ascendente e o esvaziamento de lideranças. Agora, a gente não se sentia moleque não! A gente se sentia adulto pra caramba! A gente achava que sabia tudo. Nós éramos moleques muito metidos a besta!!

⁶⁴ Roque Aparecido e José Campos Barreto entraram na VPR após o episódio do Primeiro de Maio; José Ibrahim assumiu a luta armada depois da repressão à greve, em julho de 1968. Espinosa passou para o comando da organização no segundo semestre e, em 1969, assumiu a Var-Palmares, fruto de dissidências da VPR e do grupo Colina.

Sentíamos que éramos “Os Revolucionários”! Os velhos é que estavam por fora, que tinham afinado. A nossa missão era transformar o mundo. Era uma geração arrogante!

(...) Isso acabou colocando uma pequena diferença entre a gente, entre nós, porque depois eles continuaram na Prefeitura, e os mais jovens foram pra luta armada. Eles acabaram fazendo uma carreira política, enfim, ligados ao Guaçu, e a gente foi fazer uma carreira nas “câmaras de conversas afáveis” da ditadura, né? (Roberto Espinosa)

“Osasco juntou tudo isso”. Espinosa fez notar o peso da história sobre o Grupo de Osasco, a síntese que eles consideravam representar como revolucionários. Eles teriam sido os portadores da missão que a “velha geração” não conseguiu realizar. A Frente Nacional do Trabalho, apontada como “anticomunistas cristãos” foi desqualificada pela incapacidade de transformar, combater a ditadura ou politizar estudantes e demais operários. Por isso, seus membros teriam sido superados pelos “operários-estudantes”, responsáveis pelo “ano mágico” e mitológico de 1968. A “velha guarda que havia afinado” perdeu seu espaço, e a geração “metida a besta”, como disse Espinosa, aprontava-se para a revolução tomando seu lugar.

As duas redes foram colocadas em tempos e lugares diferentes na história, sendo que os estudantes-operários estariam à frente, liderando, enquanto seus “velhos companheiros” teriam sido ultrapassados pelo ideal revolucionário, mesmo que tivessem colaborado para a organização do movimento operário. Essa imagem reafirmou o imaginário que se construiu sobre 1968 como o ano transformador, subversivo e sobre Osasco como vanguarda.⁶⁵

A diferença que marcou as gerações, segundo Espinosa, teria sido a coragem e a escolha da juventude, “arrogante” porque “revolucionária”⁶⁶. Essa conduta de cada uma das redes teria determinado, mais tarde, o tratamento dado pelo regime a elas. “As câmaras afáveis” da tortura foram o destino do “poder jovem”, de quem enfrentou a história e ocupou o “o espaço vazio” de vanguarda – aqueles que pegaram em armas - enquanto os católicos teriam permanecido no conservadorismo, numa postura considerada moderada e temerosa e, portanto, ineficaz⁶⁷.

⁶⁵ Esta imagem mitificada do ano de 1968 foi criticada pela historiadora Maria Paula Araújo (2010), que considerou que as generalizações em torno dos significados (mágico, revolucionário, inovador, jovem) tornaram-no um “personagem histórico”, perdendo de vista as diversidades locais, políticos e culturais que produziram cada manifestação mundial ou nacional.

⁶⁶ Sua fala ajudou a ratificar a imagem construída sobre a geração de 1968, como confiante em suas ações revolucionárias, trabalhada por Daniel Aarão (1998, p.25-35) e Marcelo Ridenti (2007) ao tratarem da postura da União Nacional dos Estudantes e do movimento armado.

⁶⁷ A expressão poder jovem foi usado pelo jornalista Arthur Poerner, em 1968, quando escreveu livro com o mesmo nome para abordar a história da União Nacional dos Estudantes. O poder jovem seria a

Essas diferenças políticas e de leitura de mundo permaneceram nas narrativas, quando se referiram ao planejamento da greve e seus objetivos. Nesse sentido, os colaboradores revelaram como a memória coletiva pode ser entendida como construção submetida a flutuações, transformações e divergências, ao mesmo tempo em que os marcos identitários continuaram relativamente imutáveis. Mesmo que as falas tenham sido orientadas pelas experiências individuais e pelas redes, alguns elementos, eventos e períodos, permaneceram centrais nas histórias contadas conjuntamente. Alguns se complementaram, significaram e se alimentaram dos diálogos e dos discursos de seus companheiros. A identidade coletiva em torno de ser operário em Osasco na década de 60 foi constante negociação, não essência e sim fruto do processo de seus litígios e acordos. Deixou rastros que permitiram justamente pensar as diferenças de gerações e os posicionamentos ideológicos na memória de expressão oral coletivas osasquense.

Em certo sentido, revolucionários e cristãos foram unânimes: apontar a experiência coletiva como inovadora e rompimento com o processo anterior, seja pela via religiosa ou pela militância mais política. Esse imaginário que a colônia de Osasco construiu sobre si mesma norteou as narrativas quanto à relação dos operários de Osasco com o Movimento Intersindical Anti-Arrocho (MIA), criado em outubro de 1967, com o apoio de vários sindicatos de São Paulo.⁶⁸ Os narradores se colocaram como criadores e líderes desse movimento em Osasco, que depois teve condução divergente das demais entidades. Inácio Gurgel engrandeceu o momento de sua criação dedicando ao MIA uma poesia e narrando sobre o clima de enfrentamento dos trabalhadores com o regime:

Primeiro, houve as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos em 1967. Depois criamos o MIA, Movimento Intersindical Anti-arrocho. Fui preso em Campinas, quando o Ibrahim fretou uns ônibus e nós fomos para lá. Sabe? Fomos para uma assembléia do MIA, e lá eu fiz uma poesia... Acho que lembro ainda de um verso: “As andorinhas foram embora”... Esse era o Movimento Intersindical Anti-arrocho:

“As andorinhas foram embora da sua terra natal
Porque elas já previam um terrível e grande mal
Lei do Fundo Sem Garantia e Arrocho Salarial.”

expressão para traduzir o mito da escolha, o inconformismo e a convicção da geração dos anos 60, imbuída do espírito de renovação e rompimento com o conservadorismo. Grande parcela dessa juventude seria formada pelos estudantes secundaristas e universitários. POERNER, Arthur. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

⁶⁸ O MIA foi criado em outubro de 1967 por cerca de quarenta sindicatos. O objetivo era combater o arrocho salarial, pois os trabalhadores tinham perdido cerca de 30% de seu salário, segundo sua avaliação. Para isso, planejaram cinco manifestações, culminando no Primeiro de Maio de 1968.

Quando terminei essa poesia, a polícia “me fechou”! Eu estava saindo, aí eles “me fecharam”! O Ibrahim entrou no meio, um puxou pelo meu braço, me pôs lá num canto, me cercaram para a polícia não me levar... Isso foi em Campinas, no final de 67.

Gurgel, mais uma vez, transformou em registro escrito a luta coletiva, mas foi na oralidade que mostrou a força de sua expressão, quando declamou emocionado e entusiasmado seu poema. Parecia reviver ali aquele momento de solidariedade entre grupos com posturas diferentes, mas irmanados na mesma luta.

De acordo com os colaboradores, um dos principais objetivos do MIA seria desencadear o processo de mobilização trabalhista que atingiria Osasco, São Paulo, ABC e litoral paulista e culminaria na pressão sobre o dissídio salarial da categoria dos metalúrgicos, previsto para novembro de 1968. Os colaboradores osasquenses apontaram nesse processo possíveis discordâncias quanto ao encaminhamento da luta dado pela organização. Mais uma vez, colocaram-se no desvio e trilharam caminhos diferentes.

No MIA tinha diretoria de alguns sindicatos, oposições sindicais e no MIA Osasco acabou assumindo um papel de vanguarda, acabou assumindo um papel de referência pra todas as oposições sindicais. Então, a palavra de ordem era 35%. Acho que o Roque tem falado bastante sobre isso... Aliás, o Ibrahim tem mais na memória, melhor pra isso do que eu! Mas era todo um movimento que Osasco acabou caindo na “boca do povo”!

Era uma referência para as oposições sindicais que vinham aqui em busca de liderança, de orientação ou, pelo menos, de apoio material, local pra se reunir, pra fazer panfleto, porque era o único lugar em que havia uma chapa de oposição no poder, e Osasco acabou servindo, também de referência pras esquerdas, que tinham sido golpeadas em 1964! Todas as entidades ceifadas, destruídas! (Roberto Espinosa)

Roberto Espinosa atribuiu a Osasco o papel de vanguarda no Movimento Intersindical Antiarrocho e referência à velha esquerda, ultrapassada, conservadora e rendida. Exemplo para novas organizações que buscavam aprender, pois seria o “único lugar em que haveria uma chapa de oposição no poder”. Seus companheiros, José Ibrahim e Roque Aparecido, foram evocados na narrativa para legitimar sua opinião, destacando uma ideia partilhada pelo grupo. A diferenciação entre a “postura pelega” dos trabalhadores que conduziam o MIA e os operários mais combativos de Osasco, segundo os entrevistados, provocou dissidências, que culminaram mais tarde no protesto destes últimos contra a presença do governador Abreu Sodré e do sindicalista

“Joaquinzão” nas comemorações de Primeiro de Maio. A presença deles teria sido motivada por um convite dos “pelegos” de outros sindicatos contra a vontade dos osasquenses, que optaram pelo enfrentamento.

Os relatos sobre a participação no evento de Primeiro de Maio, realizado na Praça da Sé, em 1968, por exemplo, destacaram um dos aspectos que compuseram esse fio condutor afetivo da memória legitimada, ao mesmo tempo coesa e múltipla dos colaboradores. As lembranças dos narradores se enraizaram nos objetos, nos espaços, nos gestos, e isso se fez notar na riqueza de detalhes com que cada um deles teceu os eventos em suas lembranças. O detalhamento era maior quanto mais cada um se aproximava de situações das cenas de enfrentamento, das mudanças significativas na correlação de forças que o acontecimento representou.

A manifestação de Primeiro de Maio foi um desses momentos de comunhão, decisivo para que os operários decidissem pela greve em julho de 1968. As palavras proferidas adquiriram força nas narrativas, como se cada momento vivido na Praça da Sé, naquele ano, fosse feito extraordinário, fruto da união das diferentes redes, com suas intenções, expectativas e sonhos. Os colaboradores, cada qual à sua maneira, deram brilho às suas ações, com falas emocionadas e felizes, num processo de presentificação de sentimentos passados. O testemunho se intensificava, pelo ritmo mais acelerado e empolgado da narrativa, ou pela pausa, expectativa para causar o riso desdenhoso, vitorioso. O sentido de contar não era mais sinônimo apenas de “estar lá”, presenciar o fato, e sim de contagiar-se, partilhar o grande acontecimento, esperando que seus companheiros complementassem e transformassem em seu o feito coletivo.

Houve o Primeiro de Maio na Sé, onde há a primeira manifestação combativa, depois de 64... Tinha aproximadamente dez mil pessoas!... A gente tinha montado um esquema para garantir a tomada do palanque... Então tinha pelo menos duzentos companheiros organizados em pequenos grupos, cada um com um coordenador, coordenando todo o esquema de segurança e de tomada do palanque... Joaquinção e Abreu Sodré, sobem no palanque... Houve um grito só: “Abaixo a Ditadura!”!! E a massa toda foi para cima do palanque e nesse momento houve certos imprevistos... O Sodré acabou tomando uma pedrada na testa! (Roque Aparecido)

Cem mil pessoas... e o Abreu Sodré foi fazer demagogia e saiu de lá escorraçado! (José Groff)

Foi outra grande manifestação, mais de vinte mil pessoas na Praça da Sé, ocupando a Praça, protestando contra a ditadura! Expulsamos o governador e

as autoridades que estavam lá! Eu era o terceiro orador inscrito pra falar, mas não subi no palanque para falar, porque nós íamos derrubar o palanque. Derrubamos o palanque! Fizemos passeata pela cidade no dia 1º de maio, botamos fogo no palanque. Toda uma simbologia contra a ditadura! Naquele momento o palanque significava o palanque da ditadura, né? E nós viramos a mesa!! E aquilo ali desembocou na greve de Osasco! Foi tudo um desencadear de coisas que levou até greve. Então, aquele foi um momento importante de contestação, de resistência à ditadura militar! (José Ibrahim)

Os discursos colocaram em evidência aspectos selecionados e valorizados pela memória coletiva. O grande número de trabalhadores presentes citado e enfatizado por eles em quantidade divergentes, tentou impressionar: “oito mil”, “dez mil”, “vinte mil”, “cem mil pessoas”! O exagero na dramatização procurou envolver o ouvinte: colocar fogo no palanque e tomá-lo das autoridades, “escorraça-las” dali, simbolizaria o enfrentamento à ditadura, o preparo dos espíritos para a greve que aconteceria em julho.

A construção do relato feita pelos membros do Grupo de Osasco e da Frente Nacional do Trabalho ganhou certa unicidade, dissolvendo ali as diferenças políticas. O Primeiro de Maio pareceu ser um dos feitos mais importantes realizados em conjunto, marcando outra “virada” na história do movimento, cartada definitiva para que acreditassem que estavam no caminho certo. Esse feito foi tomado como vitorioso por todos eles e as ações narradas fizeram parte de um pacto coletivo na memória das redes.

Isso aí foi terrível! Isso foi terrível!... Porque o governador Abreu Sodré queria porque queria falar para os operários! E nós mandamos um recado para ele, que nós não queríamos ver a cara dele lá! E o homem foi!! E subiu no palanque... E nós derrubamos o palanque! Tacaram um negócio no Abreu Sodré. Na testa! O sangue desceu!!

Eu não fiz nada disso, porque não tive condições de fazer! Fui é pisoteado pelos outros! Fiquei embaixo! Não sei como não morri! Foi demais!! O Primeiro de Maio foi impressionante!... E depois, pra fugir? Fugir de lá da Praça da Sé?! Foi muito, tudo muito difícil! O tempo fechou! (Inácio Gurgel)

A gente foi pra Praça da Sé. Um palanquinho armado que cheirava à repressão. A coisa não ia ser muito legal. Fomos com a intenção de tomar o palanque e comemorar os trabalhadores. (...) Foi tão fácil tomar o palanque, que na primeira investida que deu, já caiu um pouco de pelego pra cá, um pouco de pelego pra lá... (Cobrasma!... Ouve o apito!... Tá tocando!)... Na primeira investida, o Abreu Sodré se refugiou na igreja, na Catedral da Sé... Histórico! (João Joaquim)

Ocupar o palanque onde estaria o “pelego” Joaquinção e a “*persona non grata*”, Abreu Sodré, então governador de São Paulo, teria sido o grande desafio de enfrentamento entre os trabalhadores e o regime, avanço no *front* simbólico. “Terrível!”.

Inácio Gurgel e João Joaquim destacaram a posição de insubmissão dos operários de Osasco: “E nós mandamos um recado para ele, que nós não queríamos ver a cara dele lá!” e “Fomos com a intenção de tomar o palanque e comemorar os trabalhadores”. Memória orgulhosa e viril marcou a identidade desses homens.

A pedra que atingiu a cabeça do governador, presente ao evento mesmo depois de ter sido avisado para não vir, tornou-se outro fato central dos relatos. Jogada por um anônimo, mas assumida por todo o grupo como ação coletiva de enfrentamento às autoridades presentes, produziu o riso e a animação em todas as performances. O gesto da pedra sendo atirada apareceu em quase todas elas, reconstruído, encenado, quase como reviver a intensidade daquele momento, que levou o governador a se esconder. “Histórico!”.

Assim como o apito da Cobrasma subverteu a disciplina, em 1962, sendo utilizado para paralisar e protestar contra a morte do companheiro na fundição, tomar o espaço em que aqueles que exerciam o poder estariam discursando, seria ganhar território, atacar. Mais do que isso, tomar a palavra, confrontar, calar e rir daqueles que até ali teriam imposto o silêncio a toda a sociedade.

Roberto Espinosa ampliou ainda mais o significado do evento, relacionando-o a um plano comandado pelo capitão Carlos Lamarca e a VPR. Em sua narrativa, revelou uma história que poucos conheceriam ou dariam valor, fornecendo dimensão mais radical ainda ao Primeiro de Maio. Segundo ele, militantes da organização estariam postados no alto dos prédios sob o comando do líder dos guerrilheiros. A ordem seria tomar a Praça da Sé e iniciar o confronto armado se a repressão atingisse os operários durante a manifestação.

O testemunho tratou de uma perspectiva “desconhecida das massas”: os operários de Osasco estariam preparados para a ofensiva contra o regime e seriam, de fato, a vanguarda do movimento operário nacional naquele momento.

O pessoal de Osasco, cheio, em passeata... (...) Todos nós fomos com aqueles cabos envolvidos na cintura, que era uma arma de combate! Se viesse a repressão!... E todo mundo também foi levando cartazes que eram afixados em porretes consideráveis! Também eram armas de então. Osasco chega ali e, cerca!... Então, aquela coisa!... O pessoal começa a gritar: “Osasco é exemplo de luta!”. Bota fogo na passeata, né? Estou desenhando pra você como é que estava, inclusive aquilo que não era visto pela massa, que a massa não sabia, um esquema de proteção armada em cima! Certo? Estava o Abreu Sodré no palco, num palanquinho montado. E a coisa foi esquentando... Quando estava falando, não lembro quem era, se foi o Brandão, se já era o Joaquinzão, aí começou o grito: “Pelego, o pelego,

pelego!”... Quando o Sodré ia falar, foi crescendo na massa, foi crescendo... Aí, chove a primeira pedra, chove a segunda, eles param de falar!... E aí é aquela avalanche na direção do palco!! E, eles saem correndo!! E aí os manifestantes sobem... O palco era da ditadura, né?... (...)

No caminho, foram quebrados alguns bancos. O braço da repressão política, da força pública, que era um negócio chamado Polícia Marítima, que quando ia pra repressão vestia azul, inclusive, em vários pontos do trajeto, eles estavam cercando lá. Só que eles não intervieram! O Abreu Sodré deu ordem pra que eles segurassem. Não por falta de provocação! A passeata parava na frente, jogava pedra, estava chamando pra briga! Eles não vieram!

Na Praça da República, de novo, o discurso mais inflamado foi o do Barreto. Disso aconteceram duas coisas: primeiro, se fortaleceu aquela imagem de Osasco como a capital da resistência. A gente se chamava Osasco de Petrogrado Brasileiro!! Era a sede da revolução. (Roberto Espinosa)

A tomada do palanque pelos operários, em especial os de Osasco, “capital da resistência”, “Petrogrado brasileiro”, estes munidos de fios grossos e porretes, deram o tom da manifestação e indicaram lugar histórico ocupado. O cenário descrito assemelhou-se a campo de guerra, revolução, confirmado pela presença de militantes da VPR em posição de ataque nos prédios da Praça da Sé, na fala de Espinosa.⁶⁹

O mesmo caráter anárquico das passeatas nas ruas de Osasco, relatadas anteriormente por ele, apresentou-se aqui. O clima revolucionário, incontável, o chamamento “para a briga”, a provocação por parte dos trabalhadores, tudo apontou para o espírito de enfrentamento, lembrado também por João Joaquim.

A gente sabia que tá tava sendo filmado, a gente sabia que os tiras estavam junto, nós não nos intimidamos. Descemos a 15 de Novembro, ateamos fogo em umas duas ou três bandeiras americanas, passamos em frente de um quartel de Marines que tinha na Avenida São João, pra cima do correio, eles ainda ameaçaram a gente com as armas, com os cassetetes e tal. A gente passou, talvez, na época, uma sete ou oito mil pessoas, por aí, chegamos na Praça da República, tinha uns “irmãos”, crentes, fazendo umas orações lá. Quando viram chegar toda aquela turma, saíram correndo. Aí nós já colocamos o Guevara na frente, né?

⁶⁹ A participação de membros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) no evento da Praça da Sé foi valorizada por Espinosa, colocando inclusive o Capitão Carlos Lamarca (que fugiu mais tarde com armas do quartel de Quitáuna, em Osasco, entregando-as à guerrilha) como aquele que estaria pronto a iniciar a revolução, se necessário, usando os soldados sob seu comando. Esta versão é ainda motivo de discordância entre os demais narradores, que silenciaram sobre o fato, mas que em encontros promovidos no Sindicato dos Metalúrgicos (em 1998 ou 2008) ou em outras entrevistas concedidas, mas não publicadas (João Cândido chegou a me oferecer cópia de entrevista coletiva realizada por seu filho, em que alguns operários discordaram da opinião de Espinosa), negaram que os acontecimentos do Primeiro de Maio tivessem qualquer condução do grupo armado e que os operários tivessem sido usados por ele.

Chamo atenção aqui para a convergência das histórias sobre o confronto de Primeiro de Maio. Elas se completaram, alimentaram-se, criando o cenário espetacular da liderança osasquense em meio ao movimento operário em geral. As narrativas foram teatralizadas, dramatizadas, quase num encadeamento único. Os trabalhadores de Osasco se apresentaram não como parte da massa, mas como protagonistas; não como conduzidos e sim como lideranças. Eles é que deram o tom à manifestação, com as “armas” e os “gritos de guerra”: “Osasco é exemplo de luta”. Não teriam ido até a Praça da Sé para participar do evento, mas serem o centro dele, diferenciando-se dos demais. Ligados à guerrilha, ao sindicato, à Igreja ou à comissão de fábrica, os entrevistados compuseram narrativa coerente, demonstrando a grande interlocução entre os colaboradores.

Ao contarem sobre o Primeiro de Maio, eles “ditaram” a história, colocando-se como agentes de uma odisseia vitoriosa. Foi possível até imaginar a cena... Dotados de espíritos insubmissos, foram eles os improvisadores das armas que se tornaram bandeiras, os provocadores, os que atiraram a pedra, os que tomaram “facilmente” o palanque, os que discursaram. Não reviveram, mas reconstruíram a história vivenciada coletivamente por meio da linguagem. Ao apoderarem-se das palavras e as significarem pela expressão de satisfação, pela agitação das mãos, pela entonação da voz mais alta, tornaram poderosa e espetacular os fatos lembrados, mobilizaram ouvidos e olhar em sua performance teatral (oral e gestual). Emocionaram.

De forma enfática – ou talvez exagerada - a palavra Osasco foi evocada por eles quase como entidade mitológica, força, concretização da ideia revolucionária. Osasco seria a síntese das diferentes propostas que se irmanam no evento extraordinário e foi incorporada por cada operário naquele momento de desobediência coletiva.

Múltiplos significados foram atribuídos à passagem: o clima para a greve em julho; a união entre estudantes e operários, que depois falariam em discurso pelas ruas do centro de São Paulo; a junção de manifestações religiosas e políticas, com queima de bandeiras, provocações aos militares e a oração. A mistura interessante de símbolos e as ações deram caráter ecumênico ao movimento: cristãos da Frente Nacional com membros do Grupo de Osasco, juntos queimando bandeiras dos Estados Unidos; a junção de Jesus Cristo e Che Guevara num curioso encontro, possível naquela circunstância de comunhão (quase) mística. As expressões que se manifestaram na fala deram legitimidade e visibilidade às ações do passado que se presentificaram pelo gesto encenado, tradutor da alma dos narradores, preocupados em mostrar a grandiosidade

daquele momento. Mão, olhar e alma formaram, nessas narrativas, aquilo que as palavras sozinhas não puderam expressar.

3.5. A greve de Osasco e seus significados

Outros espaços, além da fábrica, do sindicato e da escola apareceram como aglutinadores das especificidades do Grupo Osasco e dos membros da Frente Nacional do Trabalho, fazendo convergir objetivos, solidariedade e negociações entre os então operários e estudantes-operários. O golpe militar implicou em mecanismos da censura. A falta de liberdade para pensar, agir, criticar, manifestar-se, provocou reações entre a classe média mais intelectualizada e artistas que produziram peças de teatro como *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade ou *Roda Viva*, de Chico Buarque.

Os protestos contra o Estado de exceção foram reforçados pelos Centros Populares de Cultura, organizados pelos estudantes, que acreditavam levar a “cultura politizada” aos mais diferentes locais e pessoas. Nesse clima, os narradores, lembraram os vários pontos de encontro em que era possível estabelecer relações de amizade e discutir a situação do País: bares, cinemas e festivais que, até a criação do Ato Institucional 5 (AI-5) em dezembro de 1968, ainda podiam ser preservados em meio a brechas da censura ou mesmo clandestinamente.

A criação do grupo de teatro, na década de 1960, foi uma das formas encontradas por eles para demonstrar o descontentamento social e político e articular suas afinidades – da FNT e do Grupo Osasco – na preparação da greve e na resistência conjunta, em termos revolucionários ou não. Os relatos de Roque Aparecido e Inácio Gurgel, por exemplo, apontaram suas fronteiras: a Igreja e o movimento político-estudantil; simultaneamente acenaram para o reconhecimento e pertencimento coletivo ao recordarem a criação do Grupo Operário de Teatro Amador (GOTA). O teatro foi obra do diálogo e da negociação entre as redes.

Nesse meio tempo, logo que comecei a estudar, alguns colegas e eu fundamos o primeiro grêmio estudantil de Osasco. Começamos a ter várias atividades. Organizamos as duas primeiras olimpíadas estudantis de Osasco, no Clube Floresta. Ao mesmo tempo, eu trabalhava durante o dia na Cobrasma: primeiro no escritório, depois como aprendiz de qualidade. Comecei a ter participação, também, na comissão de fábrica, mas a principal atuação foi na criação de um grupo de teatro entre os operários da Cobrasma. Era o GOTA, Grupo Operário de Teatro Amador. (Roque Aparecido)

Quando toda a luta política começou, nos anos 60, eu era Congregado Mariano! Rezava direto! Até o pessoal lá da fábrica Cobrasma, a turma do Roque Aparecido, do Ibrahim, a turma do Barreto, e outros mais, falavam para mim, mandavam recadinho pelo Roque: “Fala para o Inácio parar com esse negócio de Congregação Mariana, parar de rezar, que isso não dá camisa pra ninguém! Ele precisa ‘entrar de sola’ na luta operária”. Respondia para ele: “Então, tá certo! Vamos entrar!”. O Roque dizia: “Vamos fundar um grupo de teatro aqui dentro, Inácio!”. Eu falava: “Roque, se a gente formar um grupo aqui dentro, será que dá certo, será que está na hora?”. E ele: “Já vem você com o seu medo!”. E eu: “Olha, o Vidigal vai nos mandar embora, rapaz!”. E todos os dias o Roque ia à minha seção: “Como é, Inácio, vamos fundar um grupo?”. Eu já participava do teatro, na igreja Imaculada Conceição, em Osasco, mas comecei mesmo em Pernambuco! Nos folguedos do Nordeste, reisado, guerreiro, xaxado! Dança do xaxado!...

(...) Fundamos um grupo de teatro, o GOTA (Grupo Osasquense de Teatro Amador). Levamos o espetáculo *Oração por uma negra* para dentro da Cobrasma. Encenamos uma peça de Natal que eu fiz! Chamava *Maltrapilho*. E outras peças que não me lembro agora. (Inácio Gurgel)

O sentido inaugural das ações apareceu mais uma vez nas narrativas masculinas: Roque Aparecido destacou o primeiro grêmio, as primeiras olimpíadas, o primeiro grupo de teatro dentro da fábrica. Foi ele quem convenceu Inácio Gurgel a encenar dentro da fábrica e superar o medo dos patrões; e Inácio pode trazer sua experiência anterior nos folguedos e nas Comunidades de Base a serviço também de seus colegas operários e do Grupo de Osasco. Para Gurgel, sua postura como rezador e a posição mais combativa de Roque Aparecido e José Ibrahim seriam válidas como expressão de resistência; não seriam excludentes. A arte seria o território simbólico que lhes permitiria negociar.

A questão política perpassou os espaços da produção cultural e esportiva e a arte foi usada como estratégia para unir e conscientizar, para vencer o temor e politizar a reza. Mais do que representar um canal político, o teatro tornou-se espaço afetivo na vida de muitos narradores: ponto de encontro, vida, integração e, mais tarde, caminho de terapia e superação de suas dores, principalmente para Gurgel.

Este último pontuou a criação do primeiro grupo de teatro do qual participou na igreja, o Corpo Cênico Imaculada Conceição e, em 1968, o Teatro Independente de Osasco, que teria dado origem na década de 1970 ao Grupo Expressão, sua grande terapia para superar as dores. Seu relato também retratou a saudade que tinha dos *trapilhos* utilizados nas encenações, enquanto estava foragido, após a greve, e

o quanto encenar – coisa que ainda fazia no momento da entrevista – significava sentir-se vivo e poder suportar as sequelas de sua prisão.

Para João Joaquim, outro operário, o teatro inaugurou nova fase em sua vida, estimulando sua desinibição e sua integração com a Igreja e a fábrica. As peças exibidas, dentro e fora das empresas nas escolas eram controladas muitas vezes por direções disciplinadoras.⁷⁰ Serviam, no entanto, aos interesses de politização, preparo para o embate armado ou trabalhista e desaguadouro do descontentamento na fábrica e no movimento estudantil, contra a censura imposta pelo regime. Os grupos cênicos, assim como a música, tornaram-se aglutinadores, espaços de resistência para além da escola e do processo de produção, no contexto de tensão política.

Inácio Gurgel recordou, com bom humor e os olhos iluminados, como o grupo teatral alcançou papel marcante fora de Osasco, no enfrentamento ao regime, colocando a arte como caminho de protesto.

Mesmo antes de 16 de julho de 1968... Nós fomos fazer teatro, em Minas Gerais... Essa história de Minas Gerais!... É muito curiosa, muito pitoresca, e ao mesmo tempo, complicada. Essa história... É muito complicada!...

O Rubens Pignatari escreveu um espetáculo parecido com *Morte e Vida Severina*, com aquela conotação... Chamava-se *Rede, seca e fome*. Isso! *Rede, seca e fome*. E nós ensaiamos! Como em Osasco estava pegando fogo, então nós falamos: “Vamos para Minas Gerais e a gente disfarça um pouco!” Não deu outra! Chegamos lá, em Guaxupé, a mulher do Coronel Lipiani tinha ido visitar a cidade. A mulher do Coronel Comandante do Quartel de Quitaúna...

Putá merda! Quando ela soube, quando viu os cartazes na cidade, anunciando que um grupo de teatro de Osasco ia lá, ela falou: “Mas que maravilha! Minha terra é linda! Eu vou assistir a esse espetáculo!”.... Pronto!... Aí, nós entramos, e tinha uma hora em que a gente criticava veementemente a fome, as Forças Armadas... Em cena! Em cena... Teatro lotado!... Nós tínhamos duas sessões nessa noite. Ela bateu o pé, gritou e falou: “Vocês são mentirosos!”. Saiu do teatro... O primeiro telefone que encontrou lá fora, passou a mão e ligou para o quartel de Quitaúna. Não deu outra, né? No outro dia, nós voltamos para Osasco. Chegamos aí em frente à igreja Imaculada... Foi todo mundo preso!!

Os relatos, trançados pela tensão e o bom humor, permitiram imaginar certo espírito de indignação e vontade de transformação que tomava conta de alguns setores da sociedade, seja pela tomada das ruas, das fábricas, dos grêmios ou dos espaços de

⁷⁰ Os grupos de teatro de Osasco eram dirigidos por Ricardo Dias e Rubens Pignatari, chegaram a apresentar as peças Muro de Arrimo, Morte e Vida Severina, O Santo e a Porca e Zumbi, em 97 cidades de São Paulo, entre o final dos anos 1960 e início de 1970. Além disso, outras peças eram feitas pelo Círculo Estudantil de Osasco nas escolas, das quais participaram Ana Maria Gomes, Roque Aparecido e Osny Gomes, e pela Juventude Operária Católica nas igrejas, com apoio dos padres operários.

lazer e cultura. O sentimento também de irreverência revelou estratégias narrativas que tornaram o ato de contar mais leve, manifestando pequenas vitórias e perdas. Delas Inácio Gurgel fez humor e poesia, performance que marcou toda a entrevista, sempre tomado pela emoção. Suas palavras versaram sobre cada marco da greve, cada rede significativa para a colônia - homens católicos ou revolucionários, mulheres donas de casa ou intelectuais - mantendo sempre viva pela oralidade a memória coletiva (sua apresentação era continuamente exigida nos encontros e exposições promovidos pela colônia osasquense depois da reabertura política, e foi com suas poesias que ele foi convidado a concluir a peça de teatro *68+40*, no Teatro Municipal da cidade, em 2008). As mais diferentes manifestações lembradas pelos colaboradores tornaram Osasco parte da imagem mítica do ano de 1968: contestação, renovação, magia.

Ao ouvir suas histórias de vida, percebi a vontade de que elas traduzissem luta, esperteza, criatividade, persistência como estratégia em comum na colônia osasquense, seja pela militância mais radical ou pela arte e religião. Diante deles, algo realmente grandioso nascia de suas palavras e era difícil, como pesquisadora, não se deixar envolver pelos sentimentos partilhados. Da fábrica, da escola, do sindicato, da arte, em diferentes ramificações, o desejo emanava com força.

Mesmo no clima de enfrentamento, algumas brechas mais sutis no endurecimento ditatorial foram desenhadas pelos entrevistados. A música, sempre lembrada, pareceu unir, amenizar a dor e as diferenças de posição política. Inácio Gurgel falou de seu companheiro José Campos Barreto, operário-estudante ligado à VPR, como exímio tocador de violão. Apesar das críticas e das divergências de caminhos, o “rezador” e o “guerrilheiro” se encontravam e se uniam pelo poder da música.

O Barreto era assim: um exímio companheiro. Um violinista de mão cheia! Sabe? Uma doçura de pessoa! Chegava em mim e falava: “Inácio, faz umas músicas. Para de rezar, pô! Faz umas músicas boas!”... Só que tem um detalhe muito importante: quando eu ficava com ele, a gente tocava um pouco. Inclusive tem uma música aqui, que é o *Sol zangado*. O Barreto chegou a acompanhar essa música.

Barreto pareceu ser a síntese deste paradoxo: tantas vezes citado por toda a colônia, ele conseguiu ser o operário, o guerrilheiro e o tocador de violão, sensível. Aquele que se sentava com Inácio, “o rezador medroso”, para cantar, muitas vezes sem que os companheiros do Grupo Osasco soubessem. O violão, a música, pareceram ser o

meio de conciliação entre as redes. Assim também os festivais de música em Osasco e em São Paulo, dos quais participou Gurgel, como compositor, da mesma forma que sua amiga Risomar Fasanaro – uma das colaboradoras - e os diversos saraus realizados nas casas dos narradores, quando as diferenças se amenizavam e a identidade pela mesma causa operária se fortalecia.⁷¹ Todo processo de organização e de diferenciação osasquense ganhou dimensão de obra coletiva, entrelaçando fábrica, sindicato, escola, igreja, teatro, poesia e música. Isto fortaleceu a identidade coletiva que, apesar dos desencontros, foi construída baseada na crença de que todos eles fizeram parte de uma grande História.

Seus relatos, carregados de emoção pela expressão da palavra, apresentaram direcionamento em comum, a estratégia do contar passando pelos mesmos pontos, mesmo quando havia desvios e ênfase em certas lembranças mais pessoais ou de rede. O momento das “mudanças essenciais” (a participação nos diferentes movimentos sociais) destacou as características flutuantes e mutáveis da memória individual ou coletiva, permeadas por eventos relativamente invariáveis e significativos para a identidade. Os entrevistados voltaram várias vezes aos mesmos acontecimentos, mesmo que as perguntas realizadas produzissem certos desvios nas narrativas, porque estes eram imprescindíveis para que se fizessem compreender e se posicionar. Houve, o que Pollak considerou como “enquadramento de memória” e que chamo aqui de “acordo narrativo” por considerar que a memória é sempre viva e flutuante mas constituída de alguns elementos irredutíveis, selecionados, para que o fortalecimento da identidade se realize.

Em certo sentido, determinados aspectos tornaram-se tão fortes que passaram a fazer parte de certa “essência” da memória da colônia osasquense, muito embora outros tantos acontecimentos e interpretações puderam se modificar em função das diferenças entre os interlocutores. O trabalho de fortalecimento da memória - enquadramento, para Pollak (1989) - pode ser analisado em termos de investimento afetivo e até mesmo político para a manutenção do sentimento de pertencimento, de unidade, coerência e continuidade da rememoração dos eventos que significam coletivamente. A troca de informações, os fatos elencados e o sustento que as narrativas deram umas às outras constituíram os sinais de balizamento de existência e de distinção da colônia, e se

⁷¹ Os grupos continuaram ainda a se reunir em saraus realizados em lugares públicos ou nas casas de alguns dos entrevistados, e Inácio Gurgel, até sua morte em 2011, era presença marcante declamando suas poesias sobre a greve de 1968 junto a Risomar Fasanaro, narradora que também fez poesias sobre Osasco.

mantiveram conectados por um núcleo resistente, fio condutor de cada uma das histórias individuais. Reconstrução contínua e avaliação constante, a memória oral dos colaboradores manteve elos entre eventos considerados chaves nas lembranças, e que tornaram as trajetórias narradas cada vez mais consolidadas e ampliadas em seu sentido, compatibilizando, no caso de Osasco, o desejo de revolução do Grupo de Osasco com o apostolado católico voltado para a base, da Frente Nacional do Trabalho.

O ato de testemunhar colocou os indivíduos diante de vários pontos de vistas coabitando sua alma e seu pensamento: aquele que lembraria a partir do hoje; aquele com quem partilharia a experiência e aquele que ouviria sua história. A escolha do tempo e de lugares fez transparecer a identidade construída em torno de eventos em comum. Esse conjunto contribuiu para lembrar e significar, num contexto de diálogo amplo, não monólogo. As lembranças foram articuladas num quadro social em comum e as recordações individuais se sustentaram nas referências coletivas, ao mesmo tempo em que impediram sua tirania, pois a individualidade também atravessou e fez a leitura dessa coletividade.

Zygmunt Bauman (2005) já teria dito que o sentimento de pertencimento a um grupo só ocorre a alguém de fato se ele não for imposto como destino, sem alternativa.⁷² A identidade precisa ser entendida como tarefa a ser realizada muitas vezes sem conta; mais do que destino, ela é escolha que mantém os indivíduos unidos e os distingue como grupo diante de outros. No caso da colônia de Osasco, a greve e a repressão a ela foram eleitas para falar de organização, do medo e da coragem; para atribuir erros e acertos; para avaliar seus efeitos subjetivos e coletivos.

Como prévia do movimento em julho, os narradores apontaram a paralisação, no mês de abril de 1968, organizada pelos trabalhadores em Minas Gerais, quando 10% de aumento salarial teriam sido concedidos pelo governo a eles em resposta à greve na empresa Belgo-Mineira. Este fato teria consolidado a crença num movimento mais político, porém mais ingênuo quanto à reação de patrões e Estado. Como a paralisação de Contagem teria surpreendido os militares, os operários do Grupo de Osasco acreditaram que teriam mais força que seus antecessores, devido ao apoio de intelectuais e estudantes aos operários, juntamente à experiência de enfrentamento ao

⁷² Sobre isso, Zygmunt Bauman afirmou que “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto, como alvo de um esforço, um ‘objetivo’; como coisa que ainda se precisa construir do zero ou escolher alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais (...)”. (BAUMAN, 2005, p.22)

governo nas ruas, a leitura marxista na escola e a orientação política dos grupos armados.

José Ibrahim comparou a organização das duas greves, salientando a particularidade das reivindicações osasquenses com relação a outras manifestações pelo país:

A nossa foi em julho, né?... Mas a diferença entre Contagem e Osasco é que a nossa foi uma greve muito mais politizada, muito mais com reivindicações políticas! Então, a gente queria manter e expandir as comissões de fábrica, a questão da liberdade sindical. A gente dizia que só a greve derrubava o arrocho. Uma série de reivindicações mais políticas... E não era um movimento localizado numa empresa, era um movimento que partiu do sindicato! O sindicato que organizou. E o sindicato se expandiu pra outras empresas e tal, outras fábricas... Então, a nossa visão era parar toda a cidade!... (...) Osasco tinha que ser o estopim!! Osasco ia começar. (José Ibrahim)

As palavras chamaram a atenção para o pioneirismo de Osasco, novamente, na deflagração de uma greve mais politizada, a ser preparada com o intuito de balançar o regime militar. Embora os operários da Belgo-Mineira tivessem alcançado a vitória, conquistando o aumento salarial, seus companheiros osasquenses dariam o tom mais radical ao movimento grevista que deveria se espalhar por todo o Brasil: “Osasco ia ser o estopim; Osasco ia começar”.

Essa escolha só ocorreria porque o Grupo de Osasco, mais politizado do que a Frente Nacional do Trabalho e mais ativo que os comunistas da “velha guarda”, estaria à frente das ações. Esta crença no vanguardismo e a pressão dos colegas nas fábricas para que a greve ocorresse foi o que fez com que ela tivesse acontecido em julho de 1968, quando deveria ter ocorrido em novembro, com o restante da categoria. Sua antecipação foi outro motivo de dissonância entre os colaboradores, com críticas por parte dos operários católicos ao radicalismo do Grupo de Osasco.

A diferença foi marcante nas narrativas e pareceu delinear suas concepções até o momento das entrevistas, quando avaliaram o evento e deixaram transparecer as críticas. Se para Espinosa e Roque Aparecido havia o sentido revolucionário ocupando o espaço vazio ou ocupado precariamente pela FNT, seus colegas da organização católica apontaram para “os desvios” à esquerda como um problema.

A gente já falava em luta armada e já organizava a greve com essa perspectiva também, tanto que a Vanguarda Popular Revolucionária do capitão Lamarca foi um resultado, praticamente, em 68, de um grupo de ex-militares, dirigidos pelo sargento Olavo Pinto, o Grupo de Osasco e alguns mineiros do Colina⁷³. O grupo de Osasco estava no processo de organização da VPR.⁷⁴ (Roque Aparecido)

O motivo principal era reivindicatório. A politização se deu depois. Quer dizer, na hora em que o pessoal do Sindicato, principalmente o Grupo de Osasco entrou na jogada pra desenvolver o trabalho, daí a conotação política se deu, porque foi aí que a coisa ferveu lá no Primeiro de Maio, né? (Albertino Oliva)

Nas falas dos narradores, as opiniões demarcaram suas discordâncias quanto à condução da greve. A memória coletiva que legitimou a luta que empunharam juntos não se traduziu em discurso monolítico quanto à greve, tendo suas fronteiras. Houve reconhecimento de unidade quanto à realização dela, à ideia de caminharem juntos até determinado momento. Para o Grupo de Osasco, ela teria sido estratégica, mecanismo para se atingir a luta armada e fazer a revolução; para os narradores cristãos, ela teria motivos meramente reivindicatórios da base nas fábricas e a politização da luta não foi vista como aspecto positivo por isso. A memória coletiva osasquense valorizou a aliança entre estudantes e trabalhadores? Esta aliança teria colocado ou tirado Osasco do centro da história, de seu rumo? Esta seria e continua sendo um dos embates na memória coletiva desses narradores.

Relatos como os de Albertino Oliva, José Groff e Inácio Gurgel fizeram questão de pontuar sua religiosidade e o caráter moderado dos operários ligados à Igreja. As falas de Roque Aparecido, Roberto Espinosa e José Ibrahim destacaram a ligação com o ideal revolucionário e mais politizado do Grupo de Osasco. Não houve desqualificações entre eles e sim posicionamento discordante e, por vezes, ressentido.

⁷³ O grupo Colina foi uma dissidência da Polop (Política Operária) e nasceu em 1967 a partir das divergências entre seus membros com relação às ações armadas e à necessidade de discussões mais teóricas sobre elas. Sobre a formação do grupo Colina (Comandos de Libertação Nacional) verificar a monografia de LEITE, Isabel Cristina. *COLINA: oposição armada e memórias do regime militar em Belo Horizonte (1967-69)*, Universidade de Ouro Preto, 2006.

⁷⁴ A Vanguarda Popular Revolucionária nasceu em 1966 da fusão de duas organizações armadas, a Polop e o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). A fusão de parte de seus militantes com a Colina deu origem ao grupo VAR-Palmares. Em 1970, a VPR se recompôs e organizou a guerrilha no Vale do Ribeira sob a liderança do capitão Carlos Lamarca e de José Campos Barreto, ambos de Osasco. Sobre esse grupo e outros que atuaram na luta armada há várias análises, dentre elas destacam-se as de Jacob Gorender (1987), Daniel Aarão Reis Filho (1990/1999/2000), Hélio Gaspari (2002), Marcelo Ridenti (2007) e Denise Rollemberg (2003).

Ao Grupo de Osasco nós nunca pertencemos, mas tínhamos um objetivo comum pela frente. Nesse objetivo a gente caminhava junto. Agora o jeito de levar esse trabalho, eles tinham um jeito e nós da FNT tínhamos outro, que era o da não violência ativa, de Gandhi: firme o tempo todo, e não valente de vez em quando. (...) Então, nós deflagramos a greve em 16 de julho de 68, ocupamos a fábrica, né? Passamos o dia todo com a fábrica ocupada. E, havia dois Grupos em Osasco: era o Grupo Frente Nacional do Trabalho e o Grupo Osasco, né? O Grupo Osasco, eles eram mais radicais, eram bastante estudantes, que queriam derrubar o governo, uma série de fatores que nós do Grupo Frente Nacional não queríamos. Nós queríamos reforçar ainda mais a organização dos trabalhadores no seu local de trabalho, dar uma consciência mais forte para o trabalhador. Quer dizer, você dá um passo à frente, na verdade, para que a gente pudesse depois ter outras reivindicações mais fortes. (...)

Só que nós não tínhamos nenhuma reunião com eles, a não ser pela nossa Comissão de Fábrica da Cobrasma, e depois, da deflagração da greve, mas as reuniões com eles mesmos, assim de lazer ou coisa parecida, de descontração, nós nunca tivemos, nunca! Eles se fechavam também, não diziam, não é verdade? E a gente também tinha nossos objetivos e, a nossa maneira de fazer, aquilo que já coloquei, né? (José Groff)

Groff reafirmou a ideia da “firmeza permanente” defendida pelo padre Lebrecht. Apesar da possibilidade de unidade, as referências políticas apontadas se diferiram do Grupo de Osasco: Gandhi no lugar de Che Guevara; a organização e consciência pela base no lugar da ação revolucionária para tomar o poder. A postura da FNT, mais contida e não violenta seria para ele “dar um passo à frente” e não as ações radicais defendidas por seus colegas que, para seu grupo, colocaram tudo a perder.

A negação de qualquer ligação com a ala mais insurgente para além da comissão de fábrica também se tornou relevante em sua apresentação. As reuniões e encontros não seriam partilhados por eles, dando mostras dos limites de convivência e ação.

José Ibrahim buscou apontar para as peculiaridades da militância defendida por ele e por seus companheiros do Grupo de Osasco, divergindo da Frente Nacional. Enquanto eles acreditavam na luta política, aliando organização da base com os sindicatos e a tomada de poder, os católicos procuravam reforçar a negociação direta entre patrões e empregados.

(...) tinha duas posturas: uma era a nossa, que nós chamamos o Grupo de Esquerda lá de Osasco. A inspiração nossa era a organização pela base, né? Que se inspirava nas experiências da Espanha, das Comissões Obreiras da Espanha, que vinha lá de trás, dos Soviéticos, da época da Revolução Russa. Havia uma mistura aí, mas a gente colocava que só a organização no local de trabalho era capaz de mobilizar os trabalhadores na luta contra a Ditadura. E havia o pessoal da Frente Nacional do Trabalho, pessoal que vinha de uma experiência da Democracia Cristã, que via a representação no local de

trabalho como uma forma de disputar o espaço com o sindicato, influenciados pelo Partido Comunista Brasileiro. Então, propunha negociação direta, entre trabalhadores e patrão, no local de trabalho, organizados em comissões de negociação... Eles chamavam de comissão de negociação. E o sindicato não precisava intervir dentro da fábrica, porque havia uma comissão local que se entendia com os patrões.

Nós achávamos que tinha que ter a organização no local de trabalho, mas nós tínhamos outra inspiração ideológica. Uma questão de diferença ideológica. Mas no combate à interventoria, na questão da retomada do sindicato, de colocar o sindicato a serviço dos trabalhadores, sem a intervenção do Estado, aí nós coincidimos! Tínhamos o mesmo ponto comum. Isso que levou a gente a se juntar! Tanto que o que nós chamamos de Grupo de Esquerda de Osasco, que eu era a liderança, no nível dos metalúrgicos, e o pessoal da Frente Nacional do Trabalho, aí representada pelo Albertino, uma série de companheiros lá, nós conseguimos, depois de muita negociação, de muita discussão, fazer uma composição de forças, né? (José Ibrahim)

A organização na base foi apresentada por José Groff e Ibrahim como específica de cada rede, mas coincidente. Isso lhes permitiu a composição de forças. A conscientização dos trabalhadores dentro da fábrica, independente do sindicato, seria o ponto inicial e em comum da luta, que passou a apresentar divergências quando a discussão se referia à tomada de poder. O sindicato, para o Grupo de Osasco, deveria servir para encaminhar os trabalhadores para embate mais amplo, em nível nacional, contra a ditadura militar. A menção aos *soviets* e aos comitês espanhóis reforçou o sentido que comissões, sindicatos e a própria greve deveriam ter.

Para a Frente Nacional do Trabalho, o objetivo da ocupação da Cobrasma iniciado no dia 16 de julho, pela manhã, era provocar a negociação com o patrão, Luís Eulálio Vidigal. Para o Grupo Osasco, ela permitiria a ampliação das ações, parte de um plano elaborado com a ajuda do movimento estudantil, representado pela União Estadual dos Estudantes (UEE), cujo presidente era José Dirceu.

Roberto Espinosa e Roque Aparecido contaram sobre a série de panfletos redigidos dias antes da paralisação, de modo a informar e mobilizar a população a favor da greve e contra a ditadura militar. A redação deles tinha que estar pronta antes do dia, a fim de que o texto pudesse ser rodado em mimeógrafo. Eles precisavam, então, imaginar como teria início a greve, os encaminhamentos, a reação dos patrões e do governo, as atitudes dos companheiros, como factíveis. A população seria informada do movimento a partir do imaginário de uma dupla de estudantes, protagonistas de uma história que, se ainda foi considerada por eles um tanto amadora, ainda teve preservada sua aura revolucionária e mágica.

O panfleto deveria estar falando da greve que estaria acontecendo em Osasco. Ele não poderia sair no segundo dia de paralisação sem falar sobre o que aconteceu no primeiro. Deveria chamar a população à solidariedade. E tinha que ser entregue ao Zé Dirceu três dias antes!... Porque, como iam rodar trezentos mil panfletos no mimeógrafo em duas horas?!

Tudo bem... O Espinosa e eu sentamos, redigimos e começamos: “Ontem, às 8:45, um toque extra da sirene da Cobrasma declarou a ocupação da fábrica e o início da greve. O pessoal saiu em passeata, seção por seção, se reuniu no pátio, e os operários decidiram pela ocupação da fábrica. Ao meio dia, a Barreto Keller parou seus operários, foram em passeata pelas ruas de Osasco até o sindicato. Às duas da tarde, a Lonaflex foi ocupada na troca de turno... ‘Assim, assim, assim’... É greve em Osasco! Solidariedade à greve em Osasco!”. Esse panfleto foi entregue ao Zé Dirceu três dias antes da greve, certo? Olha que situação! Isso até as sete da noite, quando ocorreu a repressão mesmo, a desocupação das fábricas. Ocorreu exatamente como estava nos panfletos! A gente tinha uma organização no interior das fábricas que dava confiança sobre o que estávamos fazendo... Depois, enfrentar o exército já foi mais difícil e não deu para continuar como a gente tinha pensado... Aí as coisas mudaram um pouco de rumo... (Roque Aparecido)

Os panfletos foram parte da faceta grandiosa e romântica da greve. Revelaram a certeza que operários-estudantes tinham em ser detentores dos rumos da greve e da própria história. Como se o processo revolucionário fosse inevitável pelas condições que o cenário mundial apontava por meio dos conflitos em Cuba, na China e no Vietnã. Ou ainda do clima de ebulição nos Estados Unidos e na França.

A autoconfiança em sua liderança fazia com que pudessem confluir o ideal e a utopia à realidade, como se a última pudesse corresponder e ser determinada pelo desejo. A “juventude arrogante”, assim nomeada por Espinosa, tinha confiança na vitória e manifestava isso na elaboração dos panfletos sobre a greve. Antecipava-se à história, como se pudesse controlá-la e determiná-la. No entanto, o imprevisível histórico – a repressão – interrompeu o que era considerado inevitável.

O caráter romantizado foi expresso, inclusive, no formato escolhido por Roque e Espinosa para imaginar o que aconteceria e informar a população.

Você tinha que fazer à parte. Então esses panfletos, essas orientações de esquerda, levavam pra fazer. Na hora de escrever eu escrevia, porque eles não participavam de discussão nenhuma do Sindicato. E eu não era um quadro tradicional de esquerda, não escrevia como os antigos militantes de esquerda do Partidão utilizavam de linguagem mais épica! Os panfletos que a gente escreveu eram panfletos, assim, meio cheirando a romance: a gente buscava o drama, não gostava de palavra de ordem.

Aí, os “negos” levavam e pra eles isso era um absurdo! “Isso aqui não é um panfleto! “Panfleto começa: Companheiros! E acaba assim: O Povo na luta derruba a ditadura e expulsa o Imperialismo!”“. Exclamação!! Nós

detestávamos isso! Nós queríamos comunicar! Eu achava que o romance comunicava melhor! Que a linguagem épica comunicava melhor! Então, sempre começava um romance, assim, contando um caso! “Ontem, na fábrica tal aconteceu tal coisa. São coisas desse tipo que denunciam o regime, não sei o quê, não sei o quê!”. Aí, entendeu? É uma linguagem meio épica... (Roberto Espinosa)

Marcelo Ridenti, em seu livro *A brasilidade revolucionária* (2010) afirmou que a ação da esquerda brasileira fez parte de um imaginário compartilhado que buscava a construção de uma sociedade “nacional-democrática ou socialista, que permitiria realizar as potencialidades de um povo e de uma nação”. Intelectuais compartilhavam a ideia e o sentimento de que estava em curso a revolução brasileira, na qual deveriam engajar-se. Era um tempo em que a utopia de um novo homem e a esperança de um futuro mais justo eram vivenciadas intensamente. Nesse sentido, as passagens lembradas sobre os panfletos foram significativas na memória, pois revelaram a mística revolucionária tão forte que marcou as ações de pessoas como Roque e Espinosa.

A confiança de uma parcela da juventude e da intelectualidade de que pudessem conduzir ou aliar-se ao operário, como havia acontecido no Maio Francês também denotou seu idealismo.⁷⁵ Até mesmo os panfletos redigidos deveriam trazer a marca registrada da atuação do Grupo de Osasco, longe das atribuições dadas pelo Partido Comunista, considerado “coisa do passado”. A escolha osasquense se revelava, enfim, no enfrentamento, no sonho e na ficção, prontos a se tornar realidade pelas palavras dos estudantes.

Na visão de José Groff, João Cândido e João Joaquim, atitudes como essa mostraram que seus companheiros mais radicais viviam num mundo à parte, “fechados” em suas reuniões. Os panfletos e a participação do movimento estudantil na greve, inclusive, foram vistos por eles como nocivos ao movimento, um dos motivos que teriam desviado os trabalhadores de seus objetivos e impedido a negociação com os patrões ou o governo.⁷⁶

⁷⁵ O movimento francês teve sua originalidade na união do movimento estudantil, principalmente secundário e universitário, com a greve de mais de dez milhões trabalhadores (quase dois terços da população francesa), paralisando o país. Os motivos desse evento e a ampliação da contestação juvenil em torno das posturas conservadoras e morais de pais e professores, o confronto de gerações, são temas citados vários em trabalhos como os de Zuenir Ventura (1988), Angelo Quatrocchi (1998), Sérgio Cohn (1999), João Bernardo (2007) e Ferrer (2011).

⁷⁶ “Precisamos nos organizar bem durante a greve. A Ditadura vai nos ameaçar, e vai tentar nos dividir de todos os modos e vai lançar boatos para nos confundir, para desanimar e acabar com a greve, na Cobrasma. A Ditadura vai dizer que a Greve é ilegal. Isso pouco importa, porque a Ditadura que faz a lei, e tudo que é bom para os operários é ilegal para a Ditadura que está a serviço dos patrões imperialistas. O QUE INTERESSA É QUE A NOSSA GREVE É JUSTA, E NINGUÉM VAI NOS METER MEDO.

Agora, no dia que foi deflagrada a greve, foram jogados muitos panfletos por cima do muro, que era desse pessoal mais radical, entendeu? Que queriam uma rede de greve em todo o País, essa coisa toda, na verdade, e nós que tivemos, depois, que responder na Justiça Federal, né? O que aconteceu na greve da Cobrasma, nós achamos que foi um erro, de não ter negociado com a direção logo às dez horas da manhã, poderíamos ter avançado bastante, conseguiríamos, se não fosse 35, 25 ou 30%, a Comissão e fábrica seria reconhecida, não é verdade? Não eram necessários os panfletos. Os estudantes não tinham ideia do que ocorria na fábrica. (José Groff)

A gente tava trabalhando, aí chegavam os estudantes e jogavam os panfletos. Perdia um pouco o sentido da luta. (João Joaquim)

Para Groff e João Joaquim a interferência dos estudantes teria desviado o verdadeiro sentido da greve em Osasco. Isso se deveria ao fato de universitários e secundaristas não terem conhecimento sobre a dinâmica e as necessidades dos operários e terem buscado com a paralisação atingir objetivos mais amplos que a Frente Nacional não desejava. O radicalismo teria sido um erro e atrapalhado todo o processo de negociação possível.

As prisões ocorridas com a invasão da fábrica também poderiam ter sido evitadas, segundo eles. A expressão “e nós que tivemos, depois, que responder na Justiça Federal, né?” fez notar o ressentimento que permaneceu entre as redes.

Para João Cândido, o movimento estudantil teria destruído tudo o que havia sido construído até ali pelo movimento operário.

Ao mesmo tempo, acontecia o movimento estudantil, que queria fazer a revolução a todo custo, achando que iam conseguir fazer a revolução. Os companheiros Zé Ibrahim e o Roque acreditavam nisso aí e começou uma intervenção de fora das nossas raízes, fora do movimento sindical, que atrapalhou, diluiu tudo o que a gente tinha feito até ali. (João Cândido)

A participação e condução dos jovens e intelectuais, tão valorizada pelo Grupo de Osasco, não teve o mesmo valor para os narradores da Frente Nacional, que a viram como excesso, desvio e até mesmo destruição do processo que se construíra até então. Apresentou-se uma memória melindrosa, cindida, desconstruindo o caráter heróico dos estudantes e da revolução. Pelo contrário, foi possível notar uma acusação sutil para o fracasso da greve: a união tão defendida entre trabalhadores e movimento estudantil não

Mas vamos nos organizar e continuar firmes até a vitória de nossa greve.” (“informativo de greve”). Citado no livro de Ari M. M. Couto. *Greve na Cobrasma*. São Paulo: Anna Blume, 2003, p.107.

teria sido exatamente um mérito e sim um problema para o enfrentamento de Osasco com a ditadura militar. Teria lhes custado alguns erros, tais como a emancipação da greve, a desorientação dos operários, a radicalização desnecessária e as prisões.

Os relatos sobre o dia da greve e os acontecimentos que levaram à invasão da Cobrasma pela força pública, durante a noite, mostraram também duas concepções sobre sua validade e significado. A ocupação dos setores das fábricas pelos trabalhadores foi descrita pelas duas redes em processos diferenciados, enfatizando posturas flexíveis ou de embate à ditadura:

Acreditávamos que iam derrubar a ditadura aí. A reivindicação era essa! Os panfletos falavam nisso! Agora, motivação era se não derrubar a ditadura, pelo menos dar uma rasteira!! E porque era mais um desafio! Os operários da Cobrasma tinham mil planos! A Cobrasma era, é ainda hoje, um campo de guerra terrível! A Cobrasma tem alçapões que se levantam; por baixo passava areia, fundição; tinha os altos fornos que os operários conheciam e a repressão não. Havia uns pré-planos de combate pra quando a repressão chegasse, que não teria sido simples pra ela! Só que era preciso de um tempo pra organizar tudo isso! E esse tempo não se teve!... (Roberto Espinosa)

Não que a gente acreditasse que ia derrubar a ditadura com a greve, mas que nós íamos dar uma boa chacoalhada, íamos, né?! Seria um primeiro passo. Nós víamos assim. Quer dizer, não dava para não fazer, não dava para ir empurrando com a barriga, porque nós tínhamos que enfraquecer eles, nós tínhamos que dar a eles exemplo. Tínhamos que animar a moçada! Pensávamos: “Essa moçada tem que brigar, tem que lutar, tem que se organizar! Porque, senão, a ditadura vai continuar se fortalecendo! Então, nós temos que ir pro embate com eles!!”. (José Ibrahim)

A greve foi deflagrada às oito horas da manhã, passamos o dia todo na Cobrasma, né? Respeitamos o patrimônio da Cobrasma, essa é uma verdade, né? Quando deflagrou a greve, as pessoas que estavam trabalhando com maçarico, elas iam lá, desligavam o maçarico, tudo direitinho, pra evitar qualquer coisa, né? A única seção que a gente permitiu que funcionasse até as duas horas da tarde foi a Fundição porque a caldeira já estava cheia e, se parasse lá e incrustasse aquele aço na caldeira, ia ter tudo perdido. Então, eles trabalharam, terminaram aquela fornada, né? E aí eles pararam também. Então, a gente respeitou o patrimônio, não quebramos uma agulha da Cobrasma; respeitamos os mestres que estavam lá, os engenheiros todos, ninguém dirigiu nada, não desligamos os telefones deles, portanto, não havia refém! Diziam que a gente tava fazendo os engenheiros e os chefes de refém, mas eles tinham comunicação com a família na hora que quisessem, né? Respeitamos tudo isso. (José Groff)

As falas, em separado, descreveram dois cenários opostos para a mesma situação, procurando construir interpretações sobre a greve e os trabalhadores quase excludentes. Para os dois primeiros, tratava-se de enfrentamento direto, quase como na guerrilha, num momento em que não era mais possível recuar. A descrição de Espinosa com

relação aos alçapões, fornos e locais desconhecidos pela repressão transformaram a fábrica, como ele mesmo disse, em “campo de guerra”. O mesmo clima de enfrentamento estratégico abordado por ele ao contar sobre o Primeiro de Maio.

O termo “combate”, usado para definir o ambiente da greve, fez parte do seu discurso e de José Ibrahim, parte do vocabulário da guerrilha à qual os dois estavam ligados. A greve seria uma forma de derrubar ou pelo menos “chacoalhar” o regime, num momento irreversível da história. Novamente era preciso dar exemplo e assumir o papel de vanguarda.

Para Groff, ao contrário, tudo se deu dentro da ordem, procurando levar em conta o capital e com os patrões poder negociar, sem radicalismos. A negação de que tivessem sequestrado os engenheiros e ou destruído o patrimônio procurou preservar a imagem de ponderação da Frente Nacional por parte de seus membros. Para isso a lembrança evocada foi a do respeito – “tudo direitinho”, “não quebramos uma agulha”, “não desligamos o telefone” – legitimando a atitude dos grevistas.

Ao tratarem da mesma experiência, os colaboradores partiram de valores e referências contrapostas, mas que ao mesmo tempo conviveram e se alimentaram: Che Guevara e Gandhi; revolução e religião; enfrentamento e negociação; rompimento e transição. Nesse sentido, interessou menos saber como a greve se deu enquanto fato e muito mais como os participantes das redes quiseram que ela fosse lembrada. A imagem que construíram sobre esse evento foi a mesma que os qualificou e indicou os papéis de protagonistas na história. Na primeira, os patrões não cumpriram o combinado, “armaram” contra o plano que o Grupo de Osasco acreditava estar dando certo. Na segunda, apesar da “praça de guerra”, a Frente se manteve firme, sem se envolver com o radicalismo de colegas e da repressão.

A forma como quiseram que o acontecimento fosse recordado incorreu no relato de passagens como o sequestro dos engenheiros pelos operários no dia da ocupação da fábrica e a reação do operário José Campos Barreto ao enfrentar a repressão durante a noite do dia 16.

Diferente de Groff, Inácio Gurgel admitiu que os chefes foram feitos prisioneiros, o que seria uma conquista para os operários. Fez questão, no entanto, de reforçar a preservação deles com “bom tratamento”, sem violência, da mesma forma que os trabalhadores da Frente Nacional do Trabalho procuraram deixar intacto todo o patrimônio da empresa.

O Dr. Alberto Martinez, engenheiro geral da fundição da Cobrasma chegou em mim - já era tarde - e falou: “Inácio, eu estou morrendo de fome, me arranja aí alguma pra comer. Vai lá no refeitório!”(...) Então, eles foram impedidos de sair. Todos! Prendemos todos! Todos! O Dr. Alberto chegou em mim e pediu: “Quero comer alguma coisa.” Fui lá, fiz uma salada de almeirão... De almeirão! Ele comeu e falou: “Inácio, estava muito boa a sua salada! Gostosa demais!”. Comeu ali mesmo, de pé!! (Inácio Gurgel)

A descrição sobre o engenheiro submetido ao operário e que comeu a salada em pé, demonstrou imagem vitoriosa naquele momento. A menção ao almeirão, planta amarga, enfatizou ainda mais o incômodo e a sujeição imposta aos chefes. Tornou a cena cômica e significativa, também forma de resistência pacífica. Em contraposição, a alusão à atitude de José Campos Barreto sinalizou para o clima de tensão e radicalismo do Grupo de Osasco:

Os engenheiros e chefes estavam presos dentro de um cômodo grande que tinha e não podiam sair. Ficava do lado da bomba de gasolina... É a história que muitos contam que os operários queriam tocar fogo na bomba de gasolina... Que o Barreto ameaçava explodir tudo, a caldeira... A turma conta isso! (Inácio Gurgel)

A mesma história contada por Inácio sobre o colega Zequinha foi mencionada pelo Grupo de Osasco, no sentido de construir o mito do jovem de 18 anos, sensível e corajoso, capaz de enfrentar o exército. A memória de expressão oral sobre ele colocou-o como símbolo de luta e mártir, tornando-o elemento identitário unânime para os entrevistados.

Nesse momento, o companheiro Barreto, o principal líder dessa ocupação, fez um discurso pedindo aos soldados: “Você sabe o que é viver com baixos salários, o que é sustentar uma família com baixos salários, o que é viver numa família pobre. E é justamente por isso que estamos aqui, por melhores salários, por uma vida mais digna! Não venham vocês agora querer destruir a gente. Não aceitem a palavra de ordem do comandante para reprimir!”... Não era nenhuma novidade. Ao longo da história, isso já havia acontecido algumas vezes pelo mundo afora. Mas nesse momento, a tropa teve uma vacilação, o comandante ficou ainda mais nervoso e ordenou com todo vigor a ocupação!

Houve um momento em que o Barreto tentou evitar o avanço da tropa – é claro que ele era uma pessoa muito consciente – e ameaçou que se a tropa invadissem, iria colocar fogo num tanque de gasolina, que iria tudo pro ar... Claro que isso jamais aconteceria! O Barreto era uma pessoa muito humana, muito sensível! (Roque Aparecido)

Tinha uma Seção que era de montagem de vagões. Aí o Barreto subiu em cima daquele vagão. Chegou a cavalaria, eles pararam em volta do muro

Barreto subiu encima daquele barril e ficou uma distância de dois três metros dos milico. Os homens armados, com baioneta. Os operários dentro da empresa e o Barreto na frente dos “milico” com megafone na mão, uma sandália, toda arreventada. no pé, ele andava com ela pra lá e pra cá... E foi o discurso mais importante que eu vi na minha vida. Foi dois ou três minutos. Ele falou, atenção soldados! Ele tinha sido militar, né?... Quando ele falou atenção soldados, os soldados, ó, se enfileiraram!! Já foram ficando em posição de sentido, né? Ele falou tão forte!... Ele colocou: “Aqui dentro dessa empresa tem milhares de trabalhadores lutando pra ter pouquinho de salário a mais e pra organizar o restante dos trabalhadores pra lutar contra a ditadura, a qual vocês estão servindo, não por vontade de vocês e que oxalá deve ter pai de vocês aqui dentro, irmão aqui dentro, primos aqui dentro, companheiros aqui. Por que ao invés de perseguir os trabalhadores vocês não rendem os comandantes?... E prenderam o Zequinha!! Outros companheiros devem ter mais detalhe sobre esse fato, que foi importante. (João Joaquim)

O caráter subversivo de sua ação foi enfatizado como heroísmo. A imagem que se formou sobre ele pelas palavras dos colaboradores pode ser entendida como forte, ousada e vigorosa. Zequinha era ex-soldado e, como guerrilheiro, estaria pronto para o combate. Apresentado como corajoso, provocou a admiração dos colegas. Como no imaginário das revoluções, chamou os soldados, homens comuns, com pais e familiares trabalhadores, para unir-se aos oprimidos, conhecedor da disciplina militar e da injustiça.

As narrativas apontaram Barreto quase como inspirado pela História, encarnando-a, assumindo o chamamento revolucionário e a liderança. A greve ultrapassou a dimensão de uma negociação trabalhista para tornar-se enfrentamento político, rompimento. Ao mesmo tempo, a figura do colega seria grandiosa e sensível; nomeado Barretão e Zequinha, duas faces de seu perfil. Como prova de sua escolha política, a ameaça em explodir a fornalha; como mostra de sua humanidade e simplicidade, as sandálias arreventadas. As narrativas, de toda forma, o engrandeceram.

Espinosa, ainda, apresentou seu companheiro de guerrilha como marca da disputa ideológica dentro da fábrica. Incompreendido e desafeto da Frente Nacional do Trabalho seria motivo de falas ressentidas, talvez incapazes de compreender sua importância.

Mas, na primeira noite, a repressão interveio, na Cobrasma. E dentro da fábrica não houve toda aquela preparação que nós pretendíamos, que tava no planejamento. Aí, tem aquelas histórias todas: na frente da Fundação, ali, da Modelação... Do tambor, dos tambores de gasolina... O depósito de gasolina... “Bota fogo, não bota fogo”... Enfim, não preciso falar sobre isso! E os adversários... O pessoal da Frente que não aceitava a liderança dos moleques, como não aceitava a liderança do Ibrahim nem do Barreto dentro da fábrica. Depois, hoje, eles criticam muito o Barreto, aquele negócio de matar os engenheiros, né? Não era! Aquilo era uma pressão! O Barreto

estava na VPR! Aquilo era a linguagem de guerra. Nem tudo que se ameaça se faz... Enfim... (Roberto Espinosa)

Para ele, Barreto não seria aceito pelos conservadores cristãos, que não admitiam a presença dos mais jovens na direção do movimento. A ação de ameaça aos engenheiros teria sido uma estratégia – novamente de guerra – para proteger os companheiros de fábrica e combater a ditadura. Ao mesmo tempo, Espinosa lembrou que tudo poderia ser apenas performance, livrando o amigo do estigma negativo de radical.

As narrativas sobre a greve e sobre o amigo Zequinha mostraram que a memória coletiva tratou de múltiplos discursos e sentidos para os mesmos fatos rememorados. Os narradores demonstraram não serem sujeitos passivos diante dos acontecimentos, meros receptores da memória autorizada e unívoca. Foram capazes de refletir, dar respostas e diferenciar-se dentro da coletividade. A intersubjetividade se manifestou, então, na unidade, e também nas rupturas e discordâncias, nas imagens dissonantes e nas críticas. A inquietude diante do imprevisível que foi a repressão sobre a greve da Cobrasma, da Lonaflex, da Braseixos e do sindicato, movimento que se deu por volta das dez horas da noite do dia 16 de julho de 1968, e a necessidade de encontrar respostas para o desmantelamento tão rápido da greve, fez com que cada rede elegesse motivos para explicar o que aconteceu e atribuir erros e acertos:

No primeiro dia, o plano deu certinho! Às nove horas da manhã tocou a campainha, todo mundo já falou sobre isso, né? Então, eu não preciso contar. Tocou, parou lá, não sei o quê. Deu certinho no primeiro dia. Só que a repressão não fez a parte dela. Ao invés de esperar uma semana, o que nós precisaríamos...

A greve foi preparada clandestinamente, sobretudo, com o apoio nessa vanguarda da fábrica. A gente não tem indícios de que isso tenha sido furado, que houvesse agentes infiltrados ali, levassem a informação, porque a maior parte dos planos pode ser colocada em prática. E nem todos foram colocados em prática, porque a repressão atuou muito mais rapidamente do que estava nos nossos planos. A repressão não seguiu os nossos planos! O problema dos planos sempre é esse! Nem sempre o inimigo faz o que você planejou pra ele!! Ele não cumpre a parte dele! (Roberto Espinosa)

Sinceramente, não esperávamos a repressão que veio! Na minha opinião, a repressão seria, um pouco, como foi feito em Contagem. Lá, não entrevistaram no sindicato num primeiro momento. Pressionaram os trabalhadores, entraram em negociação, negociaram, desativaram a greve. (José Ibrahim)

Os discursos revelaram que a crença na inevitabilidade da vitória não contava com o imprevisto da repressão. A forma como a ditadura agiu e também a descoberta de que eles não controlavam o rumo dos acontecimentos frustrou seus intentos e levou a greve ao seu fim, com a invasão da fábrica e as prisões. Mesmo quando fugiram para as igrejas, com o apoio dos padres operários, outros membros do clero denunciaram a presença deles na Catedral Santo Antonio, o que fez com que as forças militares também entrassem ali. Mais uma vez, acostumados com a convivência com padres como Pierre Wauthier e Domingos Barbé, os trabalhadores não imaginaram que seriam denunciados por outros religiosos. Não conseguiram prever as demais possibilidades da história.

Os colaboradores da Frente Nacional, no entanto, atribuíram os erros aos desvios provocados pela influência estudantil e pela guerrilha. Além disso, João Cândido apontou para o comportamento presunçoso do Grupo de Osasco ao decidir a greve:

Oito pessoas pensaram e decidiram como fazer a greve. Meu Deus, é assim que se faz uma mobilização?! Fiz outra proposta... Estavam todos muito tensos, nervosos... Aqueles caras estavam fora da realidade! Falei: “Por que não repetimos a experiência de cinco minutos, não montamos uma pauta de reivindicações. Por que a gente não faz uma parada de três horas dentro da fábrica e vamos negociar com eles? Os operários queriam negociar. Eles estavam com medo e não sabiam o que viria pela frente. Tenho certeza que os patrões iriam negociar com a gente. A questão era salarial. Foi uma decisão precipitada enfrentar a empresa e a ditadura. (João Cândido)

A Frente Nacional do Trabalho apontou como erro justamente o que os operários-estudantes teriam visto como acerto: a presença da intelectualidade no movimento e a antecipação da greve para o mês de julho. Para Groff, os estudantes não conheciam nada na fábrica; para João Cândido, o isolamento do Grupo de Osasco com relação aos companheiros, numa postura antidemocrática, e a falta de leitura mais ponderada teriam destruído a possibilidade de mobilização para a negociação.

O radicalismo do Grupo de Osasco, antecipando a greve prevista para acontecer em novembro, e as alianças com setores políticos intelectualizados fora da fábrica, teriam impedido a negociação e outros encaminhamentos para a greve? Ou o endurecimento do regime, para além do que tinham imaginado, e a delação, inclusive de um padre, teriam sido os motivos da desmobilização? A memória coletiva como construção social narrativa revelou que cada rede outorgou culpas ou negou razão à outra. A questão sobre o fim do movimento pareceu ser questão ainda não resolvida entre elas.

3. A IDENTIDADE FRATURADA: REPRESSÃO E RESISTÊNCIA APÓS A GREVE

Não há ressurreição sem cruz.
José Groff

4.1 A repressão sobre a greve

A repressão que se abateu sobre Osasco, a partir de julho de 1968, provocou desvio brutal na vida da colônia osasquense; dos operários e também de suas famílias. Os trabalhadores esperavam a negociação, mas a Cobrasma foi invadida pela força pública durante a noite do dia 16 de julho e o exército tomou a cidade por alguns dias, já que os quartéis circundavam a cidade. Outras fábricas, como a Lonaflex foram ocupadas; o Sindicato dos Metalúrgicos, no bairro de Presidente Altino, foi cercado e tomado por soldados, enquanto uma rede de perseguições e prisões se estendeu por todos os cantos, inclusive nas igrejas.

Essa passagem dolorosa nas narrativas revelou momento decisivo na vida dos envolvidos; funcionou como fratura, ferida que marcou corpos e espíritos dos grevistas e de toda a rede afetiva que os circundava. O tratamento dado aos parentes, em busca dos operários, não foi menos violento do que nas indústrias. Uma conexão de arbitrariedades e medo transformou as vidas dos que até então tinham atuado, seja para reivindicar salários, ligados à FNT, ou derrubar a ditadura, como o Grupo de Osasco.

Os narradores contaram sobre como a repressão afetou suas vidas, nos dias que se seguiram à greve, mostrando como tentaram ainda resistir. José Groff, presidente da comissão de fábrica, e José Campos Barreto, que havia enfrentado os soldados, foram presos no momento da invasão da Cobrasma. Os demais conseguiram fugir pelos fundos da fábrica ou pulando a cerca que separava o Sindicato dos Metalúrgicos das casas vizinhas, no bairro de Presidente Altino. O presidente do Sindicato, José Ibrahim, que estava em São Paulo no momento da greve, passou para a clandestinidade, assumindo a militância na Vanguarda Popular Revolucionária, junto com Espinosa. Inácio Gurgel fugiu e, mais tarde foi preso. De sua aventura, lembrou ter escapado com a ajuda de sua aluna, Elza, e da saudade que sentiu de sua família, referências raras nas narrativas masculinas, voltadas mais para a atuação pública e viril da luta política:

A Elza era uma aluna do curso de teatro que me encontrou em frente à igreja Imaculada Conceição e falou: “Corre, Inácio! O que é que você tá fazendo aqui?! Os homem estão te procurando! Passaram ontem, aqui na Igreja, procurando você. Daqui a pouco eles chegam!”. Pensei: “Como é que eu vou fazer? Eles vão me encontrar!”. Aí, nós fomos até o palco da Imaculada. Chegou lá, tinha nosso armário da bugiganga do teatro, né? Tinha um vestido lá... Ela falou: “Veste esse vestido.” E eu: “Mas, vestir esse

vestido?!”. Ela mandou: “Veste o vestido!” Eu coloquei... Tinha uma peruca velha lá. Ela pôs a peruca em mim e falou: “Some!”. Ainda bem que já estava anoitecendo! Subi de vestido e de peruca, e fui embora!! Eu não sei, não lembro, por incrível que pareça, onde foi que coloquei esse vestido nem onde pus essa peruca! Que coisa, meu Deus!! (...) Qual é o outro fato mesmo que me doeu, assim, o coração?... Ah! Era estar sozinho, muitas vezes, no mato ou dormindo na casa dos amigos! E lembrar minha família! Aquilo doía demais!! Doía demais!

Sabe, enquanto eu estava fugindo, naqueles 48 dias, pensei muito na minha família... Conhecendo a Teresinha, tinha certeza de que ela iria, “aos trancos e barrancos”, aguentar tudo! Aguentar tudo e vencer! Isso, essa fé dentro de mim, eu tive. Ela é muito mais forte do que eu. Muito mais forte!

Inácio Gurgel, operário ligado ao teatro e à poesia, lembrou sua fuga fazendo menção ao seu desempenho em se passar por mulher, com a ajuda de sua aluna Elza. As fantasias e trapilhos que substituíram tantas vezes o macacão de fábrica lhe salvaram momentaneamente da prisão. Sua relação de amor com eles por toda vida lhe permitiu conviver com a dor gerada pelo tratamento na prisão, a dificuldade de voltar ao emprego, o trauma da violência sofrida.

No início de sua apresentação, Gurgel apresentou seu nascimento como sua “primeira peça de teatro”. A greve de Osasco foi também espaço de sua encenação pública, assim como aquela que levou à sua “retirada de cena”. Com a repressão, escolheu enfrentar o medo pelos caminhos da criação e se deixou travestir, como numa peça de teatro. A estratégia narrativa durante a entrevista foi performática, assim como foi a própria fuga em 1968. A encenação serviu para ele como defesa e denúncia posteriormente, nos encontros e exposições que rememoraram a greve, quando pode exibir seus poemas e emocionar-se com eles. Sua presença sempre se fez sentir pelas palavras e gestos, em postura de declamação e emoção.

Além dos remédios, que ele dizia ainda tomar enquanto estava concedendo a entrevista, a parafernália do teatro, as palavras e as encenações lhe deram sustentação para suportar o peso de suas angústias. A imagem descrita sobre o homem travestido, apesar de cômica, se misturou a certa angústia ao narrar. Fez parte da dinâmica de seu relato, numa clara opção pela arte como interpretação de sua vida e de resiliência diante do sofrimento, seja no contexto da ditadura como no presente.

Talvez tenha se tornado sua arma de defesa, ao ligar-se ao JUBA e permanecer encenando até seu falecimento em 2011.⁷⁷ As duas mulheres às quais fez referência, a

⁷⁷ O JUBA (Jovens Unidos Buscando o Amor) foi o grupo teatral criado no início dos anos 1970 e que durou até 1980, quando Inácio Gurgel criou o grupo *Semente*, que fez mais de 102 apresentações pelo interior de São Paulo, com a peça *Alma Seca*, do autor Benedito Mariano.

aluna Elza e sua esposa Teresinha, apareceram como guarida e acolhimento, como forças femininas no momento em que ele, homem fragilizado, sentia-se sozinho e perdido. Ao contrário de todo heroísmo masculino, Gurgel deixou transparecer o medo e a insegurança, elementos da subjetividade pouco distintos no imaginário sobre as ações dos homens durante a ditadura militar. As relações de gênero por ele narradas fugiram ao essencialismo, quando atribuiu à sua esposa e à sua aluna a força, enquanto o narrador se fragilizava pelo medo.

Os diferentes mecanismos de fuga foram abordados nas narrativas dos colaboradores para escapar da repressão e das prisões. Enganar as autoridades policiais e militares foi um trunfo das redes que, juntamente, quiseram mostrá-lo, e que reafirmou o caráter épico do enfrentamento à ditadura. As histórias de subterfúgios compartilhadas pelos entrevistados, citadas por um e outro como consentimento e fortalecimento da experiência em comum, tiveram caráter desafiador e ousado. Não trataram apenas da dor, mas do misto da improvisação em meio ao clima de desespero que tiveram que enfrentar.

Depois, veio a repressão... Nós fugimos dos militares! Quando nós pulamos o muro, Quintino me disse: “Inácio, vamos para a Lapa, que eu tenho um amigo lá! A gente dorme na casa dele”. Falei: “E vamos a pé pra lá?”. Ele respondeu: “Não, a gente atravessa pro Piratininga, lá tem um ônibus.” Aí, lembrei: tinha um ônibus que fazia a Linha Piratininga-Lapa. No ônibus, estava cheio de moças e a gente tinha fugido da fábrica, no turno das 22 horas... Todo mundo no ônibus, sorrindo, feliz!... E eu pensando: “Puxa vida! Elas são tão felizes!”. Quando desci na Lapa, foi que percebi que estavam dando risada de mim! Porque quando pulei o muro, minha calça rasgou daqui até aqui! Eu estava nu e não via!! (Inácio Gurgel)

O humor procurou quebrar a tensão das histórias contadas. O riso produziu a reintegração à dignidade, lembrando a sobrevivência ao momento de perseguição. Em meio a tantas possibilidades de violência, narrar sobre as calças rasgadas seria lembrar também do alívio sentido, do fato que pode ser transmutado em aventura jocosa. Como as imagens de Gurgel, outras lembranças se repetiram nas falas masculinas, partes da mesma história de resistência. Uma delas, várias vezes citadas, referiu-se à sorte de João Joaquim, operário que se livrou por duas vezes da prisão. Sua saga fez parte do repertório do grupo como motivo de anedota e acaso. Inácio Gurgel declamou sua poesia para homenagear o feito do colega:

O companheiro João Joaquim correu pra se escapulir
Enganchou-se num arame da cerca que tinha ali,
Deu um grito desesperado
“Não me matem, seus soldados,
Isso aqui está um horror!
Olha que incêndio danado!”
A Polícia olhou de lado
E o negão se mandou!

Aqueles que conseguiram fugir pelos fundos da fábrica, como Roque Aparecido e João Joaquim, lembraram de se reunirem na Igreja Matriz de Santo Antonio, no bairro de Bela Vista, em Osasco. Contaram com a ajuda dos padres operários, como Pierre Wauthier e Domingos Barbé, que procuraram reorganizar o grupo e proteger, no “território sagrado”, os grevistas. Uma denúncia teria levado o cerco aos operários. João Joaquim se escondeu dentro do confessionário achando que estava sozinho. Só depois, então, com a entrada dos policiais, percebeu o silêncio se quebrar e descobriu que muitos tinham tido a mesma idéia que ele. Assistiu aos companheiros sendo presos e foi salvo pelo pequeno recinto religioso, silencioso guardador das faltas, e generoso com os “pequenos e grandes pecados”. Seria preso mais tarde, fora de lá.

A saga de Roque Aparecido também foi representativa das estratégias ousadas, sempre lembrada por ele nos encontros que tivemos, e também por seus companheiros. Grande expectativa, muita gestualidade e risos fizeram parte da encenação para relatar a sua fuga.

Enquanto eu estava andando no pátio, tinha uns pedreiros lá... Eu vi a polícia!... Então, peguei uns tijolos, tentando fazer de conta que era um deles, para não ser preso! Mas o “cacete comeu” e eu fui preso!!
(...) O policial que estava lá na mesa controlando a situação me conhecia, óbvio, e enquanto eu estava conversando com o Pierre Wauthier, ele gritou: “O operário estudante comunista!”. E eu, nem aí... ”Não sou comunista. Só sou operário e estudante, poxa!”. E ele: “É você mesmo, Roque!”. Eu respondi “Opa! Sim, senhor!”. Perguntou: “Qual é o seu nome completo?”. Então, com toda tranquilidade, enfiei a mão no bolso, com a carteira de identidade na mão: “Roque Alves de Souza”. Ele registrou com a recurso de escrever e eu coloquei a identidade de volta no bolso. E fiquei lá... Um tempo depois, fomos todos levados para o Dops.
(...) Leu uma lista de nomes: “Fulano, Siclano, Beltrano, Roque Alves de Souza... Alguém da lista está aí?”. E nós: “Não, não, não”. Ele perguntou: “Qual é o seu nome?”. Respondiam: “Fulano”. Olhou para mim: “Qual é o seu nome?”. Respondi: “Roque Aparecido...”. Ele gritou: “Ah! Você é o Roque. Você tá fodido! Vai passar muito tempo aqui com a gente! O Barreto já está aí. O Ibrahim, a gente vai pegar!”
Eu disse: “Doutor, doutor, calma. Eu não estou entendendo nada! Não sei por que estou aqui. Não sei o que está acontecendo, doutor!”. Ele perguntou: “Qual é o seu nome?”. Respondi: “Roque Aparecido da Silva”. Pediu: “Documento!... Porra, não é que você escapou por pouco?! O Roque Alves

de Souza está aí, vai ficar muito tempo preso!”.... Eu falei: “É, doutor, desculpa, mas não sou eu...”!! E ele: ”Então, nós vamos prender o Ibrahim. O Barreto está aí, o Roque Alves de Souza está aí... Pode ir embora!”... Tá legal... Sai!!

Os colaboradores brincaram com as palavras e as situações imprevistas, quando a criatividade tornou-se aliada, revelando-se instrumento de resistência. A narrativa de Roque Aparecido ganhou ares de épica: tensão, perseguição e astúcia. Como Inácio, tentou fingir outro personagem, enganar os algozes. E conseguiu. Pelo menos momentaneamente.

Lembrar os momentos em que as autoridades foram confundidas, burladas, rir delas, fortaleceu a identidade do grupo, marcado pela possibilidade de insubordinação, de subversão provisória da ordem. De certa forma, recordar o feito seria continuar humilhando e denunciando as injustiças daqueles que tentaram desumanizá-los um dia.

O significado do riso em narrativas como de Roque Aparecido – e são várias entre eles – fez lembrar o “grande massacre de gatos” na França do século XVIII, evento analisado pelo historiador Robert Darnton. A piada repetida provoca a gargalhada e o sentimento de união, de certa vitória – mesmo que só por um instante – diante do opressor. Os operários franceses mataram a gata favorita, *la grise* (a cinzenta), a mando da própria patroa, após terem-na confundido e enganado, imitando gatos para atormentá-la durante a noite. Os trabalhadores de Osasco enfrentaram a opressão de forma sagaz e conseguiram se livrar de seu cerco. Ao contarem esses acontecimentos repetidamente, puderam rir deles e, de certa forma, se vingar contra o autoritarismo, uma vez que funcionaram como pequenas/grandes experiências que permaneceram escondidas por trás da história oficializada, subterrâneas, mas significativas para valorizar a identidade da colônia osasquense.

No entanto, não só de passagens inusitadas a memória de perseguição e fuga se alimentou. Muitos dramas vieram à tona nos relatos. Os operários que acabaram voltando para a fábrica, depois de permanecerem foragidos e escondidos por algumas horas ou dias, não demoraram a descobrir que a paralisação teria um preço alto, para si e para sua família. Os trabalhadores ligados à greve de Osasco passaram a ter suas ações compreendidas como afronta, crime registrado nas carteiras de trabalho e nos olhares sobre aqueles que voltaram ao trabalho. Aqueles que não foram para a clandestinidade e a guerrilha, conheceram outro tipo de isolamento, interpretado também como punição e

destruição de suas vidas. Quem ficou desempregado sofreu com as recusas de trabalho; quem pode retornar, teve sua vida revirada, num clima de desconfiança e insegurança.

Depois que eu fui à Delegacia Regional do Trabalho, o General Moacir Gaia me deu uma bronca! Ele já morreu... Me deu uma bronca e me liberou. Me chamou de “Comunistinha de merda”! General Moacir Gaia... Depois disso, ele falou: “Volta a trabalhar”. Voltei com os meus amigos e eles falaram: “Inácio, você vai voltar?!”. Falei: “Vou ver como é que está!”. Quando cheguei, a minha intimação estava lá! E, se eu saísse de lá, tentasse fugir, era morto! Não era preso. Eu era é morto!

A minha sentença foi trabalhar! Estava preso ali!... Ó, o papel do Dops diz: “Inácio Gurgel esteve presente nesta Delegacia onde foi ouvido”. Sabe como eu interpreto esse “ouvido”? Foi o tapa que eu levei nos ouvidos!! Eu interpreto assim! Foi muito pra minha cabeça, viu? (Inácio Gurgel)

(...) Aí nós tínhamos a famosa “lista negra”, né? Você chegava numa fábrica... Às vezes nem a ficha faziam: “Por ordens superiores nós não vamos fazer a sua ficha”. Você fazia a ficha, passava. Quando viam que era você... (José Groff)

O fato de poder trabalhar não diminuiu a agonia de Inácio Gurgel. Sua sentença foi voltar e permanecer na fábrica sob vigilância. Para Groff, João Joaquim e Joaquim Miranda o castigo foi entrar para a lista de agitadores. Em qualquer caso, representou ficarem marcados, sem escolhas. Todos eles foram presos e depois de soltos permaneceram estigmatizados. A cada ficha preenchida, depois de entrevistas realizadas, vinha a decepção de não serem os escolhidos, devido à marca da greve. A demissão e o estereótipo de subversivos fizeram com que alguns tivessem que mudar de casa ou de cidade, como foi o caso de João Cândido e Joaquim Miranda⁷⁸.

Roberto Espinosa, Roque Aparecido e José Groff, mesmo sob a ameaça e perigo, voltaram à porta das fábricas e atuaram em locais da cidade, procurando manter a paralisação, por meio do que os primeiros chamavam de “grevilha”.

Aí, de novo a repressão!... E, apesar disso, quer dizer, a massa não sabia o que fazer! Algumas pessoas voltavam pro trabalho, outras não... Vinham, chegavam perto. Então, nós bolamos um negócio, no improviso, no sufoco, já que nós éramos guerrilheiros, comunistas, debraístas, né? Que era greve de grevilha! O Guevara falava: “Guerra de guerreiro!”; “Greve de grevilha”! (Roque Aparecido)

⁷⁸ A história de Joaquim Miranda, operário da empresa Braseixos ligado ao Partido Operário Comunista, foi contada por sua esposa, Sônia Miranda.

O que era greve de grevilha? Seria você um dia fazer, por exemplo, um piquete, aí assim, seria necessário! (...) A gente parava, distribuía os panfletos, na véspera, fazia isso... Seria, também, você fazer um movimento numa fábrica, no outro dia, outro... E esse nome “greve de grevilha”... Nós escrevemos um folheto, de análise da greve que tinha sido, sobre os motivos, inclusive, dizendo que ela continuava como greve de grevilha, explicando o que seria. Esse documento foi assinado por duas pessoas. Nós botamos a assinatura, embaixo de duas pessoas que nem podiam ter feito! Era mais uma homenagem a elas! Uma que estava sem contato conosco, que era o Zé Ibrahim! E, a outra que, estava presa na Polícia Federal, estava sendo torturado, naquele momento, inclusive, que era o Barreto! José Campos Barreto... (Roberto Espinosa)

Os relatos de Roque Aparecido e Roberto Espinosa deram o tom do enfrentamento armado à guerra; reforçaram a persistência da greve tal qual guerrilha. Os panfletos voltaram a circular com a análise do movimento, na tentativa de fazê-lo durar, ganhar mais adeptos. Naquele momento, já começavam a se constituir os sacrificados da causa e José Campos Barreto era um deles.

A repressão já havia desmantelado o movimento operário, que se desdobrou em outras ações, dentre elas o compromisso assumido de vez com a guerrilha, por parte do Grupo de Osasco. O envolvimento com a resistência política não acabou aí, nem mesmo por parte daqueles que não aderiram à luta armada e que tentaram viabilizá-la nos espaços comunitários e outros meios sociais. José Groff permaneceu atuando na Frente Nacional do Trabalho, de forma contida, enquanto Inácio Gurgel permaneceu atuando no teatro, ligado às Comunidades de Base, seu mecanismo de superação da dor:

Sabe, a poesia e o teatro para mim são como uma terapia, uma terapia!... Porque, depois da greve, devido à minha situação de saúde, e orientado pelos psicólogos, me afastei um pouquinho. Eu me recolhi! Eu me recolhi... Senti um vazio enorme dentro de mim, parecia que todos os dias eu morria! Cada hora que passava... Sabe? Então, me recolhi, profundamente! Foi o JUBA que me salvou! Jovens Unidos em Busca do Amor... Foi esse grupo que me salvou, que deu força! Eles que salvaram a minha pele! A Igreja e o teatro. (Inácio Gurgel)

A ferida provocada pela greve fez com que seu sentido permanecesse no tempo e fosse presentificado constantemente na memória dos colaboradores. A fala de Gurgel sobre o vazio e o fato de “morrer a cada dia” fez notar o trauma, não apenas individual mas coletivo, que continuou a ser encarado e purgado em cada narrativa.

O rasgo na alma se aprofundou ainda mais, nos porões da ditadura, na tortura e no exílio dos demais envolvidos na greve. A propaganda anticomunista criada pelo

governo e as ações repressivas ainda se tornariam mais truculentas a partir da institucionalização do Ato Institucional no.5.

4.2. Osasco: a cidade do crime

O AI-5, instituído no dia 13 de dezembro de 1968 pelo presidente Artur da Costa e Silva, endureceu ainda mais e deu caráter organizado e permanente à repressão. Cassar mandatos, aposentar, censurar, suspender o *habeas corpus* e decretar o recesso do Congresso passaram a ser papel exclusivo do poder executivo, negando qualquer possibilidade de recurso diante das acusações e prisões.

Não havia segurança dentro das próprias casas, nas escolas e nas fábricas. As ruas e os telefones eram vigiados, e as pessoas suspeitas de subversão ou de colaborarem com a “rede de criminosos” eram seguidas pelos caminhos corriqueiros, sempre com a sensação de que poderiam ser presas a qualquer momento.

Essa ameaça onipresente acabou por disciplinar as pessoas, movidas pelo medo constante de entregar informações involuntariamente. Uma parte do que tinham sido até ali deveria ser suspenso ou ocultado pela clandestinidade, o anonimato de si ou de seus entes queridos. Interesses pessoais, prazeres, relações afetivas, amigos e os encontros de família sofreram um desvio radical, outro direcionamento, mais doloroso. Algo se quebrou e as subjetividades começaram a sofrer os danos traumáticos, em nome do senso de proteção coletiva, de certa identidade de resistência com relação à destituição cotidiana, de forma cada vez mais alucinante.

Sobre a cidade de Osasco, em especial, construiu-se grande propaganda de desarticulação e medo. A greve foi desmantelada rapidamente com as prisões e, a partir do AI-5, houve radicalizações também daqueles que se envolveram nos grupos armados, tendo que lutar não apenas contra as forças físicas da repressão: o imaginário da “cidade do crime” passou a ser também inimigo a combater.

Os entrevistados lembraram a truculenta campanha contra os habitantes da cidade, como forma de combate proporcionada pelo regime contra os trabalhadores, intelectuais e estudantes. Essa marca ainda permaneceu e com seus relatos os colaboradores quiseram apagar ou pelo menos rebatê-la, redimindo o passado violentado pela força física e pela linguagem. Roberto Espinosa e Inácio Gurgel

apontaram para a construção ideológica que insultou a cidade de Osasco e seus habitantes:

Além disso, o efeito do combate ideológico! Combate ideológico! Uns dos jornais mais lidos pelos operários e tal era o *Notícias Populares*, na época, que tinha notícias de crime, mas também, era um dos jornais que tinham as melhores coberturas sindicais! De movimentos operários, na base... Esse jornal, sobretudo, começou a fazer uma campanha sistemática contra Osasco, depreciando a imagem da cidade, fora e dentro, e passou ser linha do NP, toda semana.

Eles falavam de crimes que aconteciam em Osasco. Osasco virou a sede da violência! Além de ter mais crimes mesmo, a região como um todo, que eram atribuídos a Osasco! Também era linha do NP, da Ditadura, durante anos seguidos, colocar matérias inflamantes! Eles pintavam uma imagem que não correspondia à realidade e que fazia parte do combate ideológico! Fazia parte do combate ideológico! Então, até surgiram matérias! Aquele bebê diabo, por exemplo, não saía daqui! E depois surgiu a moça loira... Com algodão no ouvido, que era assombração, invadia as escolas... O estupro, o estupro! Um estuprador que seria m bode!! Um bode preto, em Osasco... E ia!...

Era toda uma campanha ideológica de saneamento ideológico pela direita, que passava primeiro, pelo isolamento de Osasco do resto! Transformar em objeto de riso, inclusive desmoralizando os movimentos! E depois desmoralizando internamente! Desmoralizando internamente como foco de violência. Isso não é uma coisa casual, foi uma política de enfrentamento de ideias, pensamento ideológico e tal. (...) (Robert Espinosa)

Muitos não entenderam a greve! Não entenderam e não entendem porque desconhecem! É, muita gente não ligou não. Sabe? A Teresinha fala o que as pessoas diziam: “São comunistas! É bom que apanhe mesmo!”. É um sentimento de desilusão!... Houve uma despersonalização da Cidade! Houve um aparelho para dizer que Osasco era a “cidade dos terroristas”, “capital do bebê diabo”, “capital do crime”. Era onde tinha a “loira” que aparecia nos banheiros... Osasco virou motivo de chacota! (Inácio Gurgel)

Houve grande ressentimento com relação às imagens construídas sobre a cidade; imagens bizarras que ofenderam a identidade do grupo, sua memória coletiva. De “capital da resistência”, “Petrogrado brasileiro”, Osasco recebeu uma marca única de depreciação. Para os narradores, iniciou-se um trabalho de despersonalização e de isolamento da cidade com relação ao cenário nacional. O exemplo, a vanguarda e o protagonismo foram colocados nos subterrâneos da história, num plano racional de “saneamento ideológico da direita”. O regime militar passava a conceber a memória que deveria ser lembrada e aquela que passaria a ser esquecida.

Os relatos manifestaram a memória machucada, ofendida, procurando desmistificar o absurdo das propagandas pela verdade legitimada do grupo. A

despersonalização de Osasco foi entendida como estratégia do regime para ofender e fazer ruir o que eles construíram. Para fazer calar.

O Estado teria criado clima de vergonha, medo e delação, que jogou parte das pessoas na clandestinidade e reforçou a luta armada. A imagem de cidade, produzida pelas campanhas e pelos jornais tornou-se absoluta, dividindo as explicações entre o bem e o mal⁷⁹. Impôs-se de fora a leitura do que estava acontecendo no país e na cidade, subjugando e tentando convencer pela repetição que havia uma ameaça contra a nação. Foi construído um “outro social”, perigoso, a ser desmoralizado.

A vergonha gerada na população de Osasco, sobre a qual falaram os entrevistados, foi promovida pelos meios de comunicação, na década de 70, com intuito de formar o sentimento de culpa ou o medo devido ao crime político, misturado e confundido com os crimes comuns. Sentir-se culpado sem nem mesmo saber por que, ou ser responsabilizado por atos cometidos por aqueles que pertenciam à mesma cidade, colaborava para produzir o silenciamento da experiência vivida ou assistida em julho de 1968. O incômodo, confundido com a culpa coletiva, deveria contribuir – e contribuiu – para a obstrução de outras versões favoráveis aos operários e às relações com o movimento social e político de resistência que se desenvolveu por todo o país.

As bizarrices citadas nos relatos colaboravam para se avaliar negativamente o comportamento coletivo, promovendo a negação de certa identidade ligada à violência, à subversão. Não se pode esquecer que na década de 70 começava a agir com força o grupo “justiceiro” comandado pelo delegado Fleury, conhecido como “Esquadrão da Morte”. Sua atuação na periferia, assassinando indiscriminadamente todos que considerava perigosos, acentuava ainda mais o clima de terror e de medo, assim como de aversão à imagem que Osasco representava, inscrita na onda difamante contra os grupos armados.

As narrativas, no entanto, demonstraram o inconformismo diante da “arapuca” ideológica armada pelo regime militar para acuá-los e desorganizá-los. As lembranças mencionadas acusaram a ditadura de promover sentimentos – vergonha e culpa – que não fizeram parte de suas trajetórias de vida. Para senti-los os narradores teriam que avaliar sua ação como contrária a um referencial moral considerado correto, um tipo de

⁷⁹ Os fatos do jornal *Notícias Populares*, o programa de televisão da *Rede Globo*, as chacotas no programa *Sílvia Santos*, além de tantas outras piadas ouvidas nas ruas pelos moradores osasquenses foram estratégias de desqualificação criadas nos anos 1970. Maria Lourdes Motter realizou pesquisa mostrando como os jornais *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *Folha da Tarde* abordaram a greve de Osasco e a guerrilha. Sobre isso, sugiro a leitura de seu livro *Ficção e História: imprensa e construção da realidade*. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

patriota ou de cidadão que fosse significativo e que lhes fizesse renegar o que fizeram ou foram. Pelo contrário, os relatos qualificaram o imaginário projetado como artimanha do regime, não se confundindo com o juízo alheio. Ao se referirem aos estereótipos e lendas inventadas contra o que procuraram e sonharam fazer, demonstraram clareza quanto à perversidade da máquina ditatorial.

É importante lembrar que a propaganda contra Osasco foi fruto de um projeto mais amplo, já que a cidade não estava isolada e não era a única a resistir à ditadura. As imagens criminosas eram parte da campanha promovida pelo governo contra a atuação dos “terroristas”, em todo o território.⁸⁰

Por todo país foram espalhados cartazes com as fotos de pessoas procuradas pela polícia. Principalmente com a intensificação dos ataques guerrilheiros na cidade e a organização no campo, os assaltos a banco e atentados contra militares ou torturadores, os membros dos grupos armados passaram a ser tratados como criminosos comuns: assassinos de famílias e ladrões. Folhetos eram distribuídos nas escolas e bairros estimulando a delação. O convite era sempre o mesmo: “proteja sua família”.

Roberto Espinosa, que assumiu o comando da guerrilha, indo da VPR para a Var-Palmares, mostrou os cartazes que comprou e guardou, com os retratos de militantes procurados. A greve de Osasco foi a porta para um envolvimento mais amplo e profundo na luta contra a ditadura. A repressão não intimidou sua vontade de derrubá-la. Com os quadros em mãos, que ele trouxe para a entrevista, passou a falar de cada companheiro – agora da guerrilha – como continuidade de sua trajetória apenas iniciada em 1968.

Sua explicação para cada história de vida contida nas fotografias foi mesclada de melancolia e humor. Para cada nome, a memória de sonho e de dor, ignorada, destruída pela morte ou pelo esquecimento: Marighela, Lamarca, Hilda, Bacuri, José da Nóbrega, Chael, Eremias, Joaquim Câmara, Massafumi, Knapp.... Os cartazes apresentavam imagens carregadas de experiência e emoção; seus objetos biográficos,

⁸⁰ Elio Gaspari (2002) citou os incêndios que atingiram quatro emissoras de televisão, em julho de 1969, dentre elas a Record e a Rede Globo, sobre os quais não houve investigação. O seguro pago, cerca de sete milhões, colaborou para compra de nova aparelhagem para modernizar as emissoras ao mesmo tempo em que justificava a violência sobre os possíveis autores dos “atos terroristas”. Carlos Marighela e o capitão Lamarca constavam entre os mais procurados pela ditadura: acusados como responsáveis pelos assaltos a bancos e os sequestros e por atos violentos como os perpetrados contra as emissoras.

em que se ancoraram relações afetivas significativas; sua história entrelaçada a outros dramas e sentimentos⁸¹.

A memória sobre os militantes da luta armada foi trançado à sua história, confundida e fundida com a deles: “pretendíamos ser a alavanca de libertação”. Um dos poucos sobreviventes do conjunto de fotografias/vidas, Espinosa tornou plural a sua voz. Crítica, ressentimento e chacota ao regime tornaram-se sua resposta, pela linguagem, aos instrumentos da repressão.

Olha! Quando a repressão começou a combater a guerrilha, ela partiu pra um conjunto de armas! Uma das primeiras armas foi tentar qualificar! Chamar os guerrilheiros de terroristas! Como se isso fosse uma ofensa! Como se isso fosse uma ameaça pro povo brasileiro! Ao contrário do que nós próprios pretendíamos, que era ser “alavancas de libertação”!

E, se você pegar a imprensa da época, você vai ver matérias mentirosas! E, que diziam que o Marighela usava o dinheiro de assaltos em benefício próprio... Que o Lamarca, que eles promoveriam bacanais! Enfim! E coisas do tipo! Era a campanha da guerra psicológica! Nessa guerra psicológica, no início de 69, eles passaram a procurar, inclusive creditando uma prática dos Estados Unidos, no Oeste que, era colocar cartazes de procurados!

Bom! Esses quadros eram colocados em todos os lugares: rodoviárias, bares, centros comerciais, lugares de concentração pública... E, isso tava... Enfim! Era uma ferramenta pra procurar! Eu não conheço ninguém que tenha sido reconhecido a partir dessas fotografias. Mesmo porque você pintava o cabelo, deixava crescer o bigode, a barba, disfarçava... As fotos que eles pegavam não sempre eram as mais felizes! A minha, por exemplo, era uma foto de fotografia de carteira de estudante do Ceneart, do terceiro Clássico! E... Enfim! Não sei se dá pra reconhecer!

Espinosa deixou claro o clima de terror promovido pelo regime. Mesmo que nenhum dos procurados tivesse sido preso devido à exposição das fotos, os cartazes funcionavam como marcas do olhar vigilante sobre todos. Era a guerra psicológica não apenas contra o chamado terrorismo – que o narrador não viu como ofensa e sim como orgulho – mas procurando atingir toda a sociedade. Guerra preventiva, estimulada pelo medo e pela delação.

No entanto, a memória que os cartazes ancoraram no momento da narrativa não foi apenas de opressão. A resiliência, a ação pelas margens, silenciosa, também foi apontada por meio deles:

⁸¹ Para Ecléa Bosi objetos biográficos são “aqueles que envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida(...). Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva (...) Eles são incorporados à vida das pessoas, representam experiências vividas, uma aventura afetiva do proprietário (...) Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade.” (BOSI, 2003, p.5)

De qualquer maneira, o povo também brincava com esses cartazes, porque eles ficavam sem esse vidro que tá em cima. Aí, a repressão, quando alguém era morto, a repressão passava e colocava um X em cima! (...) E, andando pelo Brasil, eu viajava muito como dirigente da organização! Eu sempre tava vendo nos aeroportos, rodoviárias, né? E via que eles colocavam em cima o X! Morto: dia tal! Preso: dia tal! E então, aconteciam coisas engraçadas! De vez em quando, neguinho vinha e escrevia embaixo do Lamarca: “Este é “foda”! Ou seja, esse vocês não pegam, né?! E vinha um outro e escrevia... Um negócio que eu achava desagradável, era motivo de brincadeira na Organização, o Lamarca gozava com isso... Por exemplo, vinha na minha foto e escrevia: “Jerry Adriani”!!

A marcação do “x” sobre as fotos procurava criar o clima de constante vigilância. No entanto, a exposição pública permitia que a população silenciosa se manifestasse, apontasse as falhas do regime, risse do autoritarismo e mostrasse que sob a opressão haveria sempre a oportunidade de a discordância e a incerteza emergirem.

4.3 A luta clandestina do Grupo de Osasco

As trajetórias daqueles que seguiram a luta armada, a partir do segundo semestre de 1968 e ainda mais no ano de 1969, se distanciaram dos operários que retornaram à fábrica e ao trabalho nas Comunidades de Base. As lembranças dos participantes do Grupo de Osasco demonstraram o peso dos anos que se seguiram, marcados pelos enfrentamentos mais diretos e violentos entre o regime militar e a guerrilha. Durante a organização da greve, e mais ainda após a repressão que se abateu sobre eles, a Vanguarda Popular Revolucionária já havia “ganhado” cada um dos estudantes: Barreto, José Ibrahim, Espinosa e Roque Aparecido, Ana Maria e seu irmão Osny. A fala de Espinosa, um tanto orgulhosa e irônica, se rendeu, em certo aspecto, à propaganda sobre a cidade e a luta armada:

Quando as pessoas de Osasco começaram a entrar, a organização teve um crescimento rápido! Só de osasquenses, calculo que a média era de 65 quadros! Militantes! Acabaram participando, enfim, das atividades combatentes e tal. E quando se tenta, depois, associar um pouco Osasco com o terrorismo, era uma das poucas coisas que o *Notícias Populares* tinha razão! De fato, Osasco era um dos quadros da guerrilha atuando pela VPR!

A definição da VPR como uma organização com grande número de osasquenses em seus quadros, procurou reafirmar o significado da greve quando de seu planejamento

e organização: ela seria parte do plano revolucionário. Mesmo que tivesse fracassado, a experiência serviu para preparar aqueles que ingressaram nos grupos armados e iniciaram nova etapa na resistência ao regime.

Essa projeção política e utópica não foi partilhada, no entanto, pelos trabalhadores que continuaram ligados à Frente Nacional do Trabalho. Se a guerrilha foi uma opção inevitável e motivo de orgulho para Roberto Espinosa, José Ibrahim e Roque Aparecido, ela foi rejeitada por José Groff, João Joaquim e Inácio Gurgel:

Bom, eu não fui adepto da guerrilha, né? Acho que, concordo... Acho que o Che Guevara foi um mártir, na verdade. Do jeito dele, ele queria a liberdade, queria fazer da Bolívia uma nova Cuba, entendeu? Uma pessoa que era médico, argentino, não é verdade? Foi lá na Bolívia, morreu lá, crivado de bala. É uma maneira, é o jeito dele... José Campos Barreto, por exemplo, não é verdade? Eu respeitava profundamente... Não era o meu ideal, mas a gente respeitava... Ele era a única pessoa que estava armada na Cobrasma. Eu falei: “Mas Zé, porque que você tá armado?”... E ele dizia: “Isso é pra minha defesa.” E eu ia falar, fazer o quê, né?! Eu respeito, mas não sou adepto da guerrilha, não! Eu acho que, sei lá!... Cada um tem o seu jeito de ser, não é verdade? (José Groff)

Quando encontrei com o Zé Ibrahim e o Barreto, depois da greve, eu falei: Barreto você saiu agora! Quantas pessoas vão fazer a revolução?”. Eles disseram: “Não podemos falar, mas não são muitos não!”. Então eu disse: “Vocês acham que dez, quinze, vinte com arma na mão vai conseguir fazer uma revolução?! Então, faz a coisa mais preparada”. Cheguei à conclusão de que era importante a guerrilha, mas era importante o trabalho nas bases. (João Joaquim)

Fui convidado para participar da guerrilha, mas não quis ir, não! Não quis ir, não... Achei que a guerrilha estava aqui mesmo. Respondi para eles: “Maior guerrilha e melhor guerrilha do que lutar e trabalhar por um pedaço de pão, não existe! É a guerrilha do bem!”. Falei para eles... Falei muitas vezes isso para eles! (Inácio Gurgel)

Os três colaboradores demonstraram que a memória coletiva manteve suas fronteiras e a lembrança pessoal não se submeteu inteiramente à coletividade. A admiração de Groff pela coragem de Che Guevara ou Barreto não foi o suficiente para convencê-lo dos ideais do Grupo de Osasco. A cartilha de não violência de Lebrete e os ideais de Gandhi nortearam sua conduta. Seu modelo de heroísmo foi o sacrifício e o martírio religioso e não a escolha das armas.

Defensor de certo capitalismo “cordial”, harmonioso, ou de um socialismo desejado, sem alterações radicais e sem confronto, Groff não apontou a luta de classes como modelo, e sim a negociação “sempre firme”. As reticências de seu relato deixaram

transparecer a crítica aos companheiros que decidiram pela guerrilha, embora procurasse tecer elogios a figuras míticas como Che Guevara. Suas interrupções sinalizaram reflexões já marcadas pela avaliação ainda como membro da Frente Nacional do Trabalho.

A expressão de Gurgel, referindo-se à sua atuação como “a guerrilha do bem”, marcou sua oposição aos colegas que participaram da luta armada. Como afirmou várias vezes, a reza e a luta política seriam válidas, cada qual no seu caminho. Sua guerrilha seria a luta pela justiça, em outros termos, assim como para João Joaquim que continuou a defender a organização dentro da fábrica. Ambos reconheceram que as vitórias alcançadas pela Comissão dos Dez e pelo sindicato deveram-se à luta conjunta entre revolucionários e frentistas, mas a guerrilha teria promovido a divisão entre eles.

José Ibrahim, Espinosa e Roque Aparecido posicionaram-se pela luta armada, força maior e inevitável, histórica, sobre suas vidas.

Na época da greve eu era da MNR, Movimento Nacionalista Revolucionário. Tanto é que quando eu caio na clandestinidade, aí que eu vou pra luta armada, na VPR. Aliás, quase todos! Eu, Espinosa, Roque, o Neto... Todo mundo...

Eu acreditava que a luta armada era o caminho, porque não tinha mais condições... Estavam esgotadas as condições de luta legal, luta democrática, ocupar espaços... Na minha cabeça, o regime vinha encurralando com o Ato 5 e essas coisas... Eu disse: “É o seguinte: tem que ir pro enfrentamento direto com esses caras, porque, né?... Logicamente que hoje a gente revê um monte de coisa, né? Aquilo ali custou a vida de muita gente, né? Mas, naquele momento eu não via outra saída... (José Ibrahim)

Vários companheiros foram presos, a repressão continuou, e não conseguimos mais controlar efetivamente o movimento... Eu já estava clandestino. A partir do momento em que escapei do Dops, com o nome de a Roque Alves de Souza, praticamente entrei para a clandestinamente, porque estava evidente que a polícia estava me procurando. Mas ainda estávamos articulados enquanto grupo de esquerda de Osasco. Havia um grupo dissidente, que era a Polop, junto com ex-sargentos do Colina, na formação da VPR. Eu já estava em contato com eles e não voltei mais para casa. (Roque Aparecido)

A clandestinidade e a guerrilha foram para José Ibrahim e Roque Aparecido o novo e único caminho possível a ser trilhado no combate à ditadura. Os entrevistados forneceram os motivos que os levaram ao ingresso definitivo na luta armada: a continuidade do projeto político ligado à greve, a repressão que aumentava, o fim da possibilidade de negociação, a opção pela clandestinidade tentando evitar a prisão. O

Ato Institucional no.5, imposto em dezembro de 1968, levou-os a intensificarem ainda mais seu envolvimento nos grupos armados, pois a ideia de revolução colocava-se como possibilidade, mesmo que a greve tivesse fracassado. Era preciso ir para o enfrentamento, segundo Ibrahim.

O mergulho na guerrilha foi apresentado como caminho sem volta, sinal do esgotamento da resistência em outros moldes, já que o regime teria fechado todos os canais de diálogo e manifestações. O que para trabalhadores como João Cândido, Groff e Gurgel seria a razão do fracasso na luta dentro da fábrica e o possível desvio da greve, para os que optaram pela clandestinidade, era o inevitável e o irrecusável, pois a política e a força utópica assim determinaram.

Nesse período do segundo semestre de 68, o grupo de Osasco, que estava na clandestinidade, integrou-se de corpo e alma à formação da VPR. (...) É como se você estivesse amaldiçoado! Uma coisa que não tem jeito... Que você se esforça, mas não consegue sair aquele caminho! Era muito difícil mudar na vida! (Roberto Espinosa)

O fio que se desenrolou em torno de suas trajetórias foi orientado pelo ideal revolucionário, responsabilidade coletiva, ultrapassando a vontade subjetiva: “você se esforça e não consegue sair daquele caminho! Era muito difícil mudar de vida!”; “não conseguíamos mais controlar o movimento”. Essa força histórica apresentada pelos narradores justificou, de certa forma, suas ações, que não foram escolhas, mas destinos: “é como se você estivesse amaldiçoado!”. A avaliação de José Ibrahim sobre a validade dessas opções, fruto das reflexões do presente, mostrou a percepção do preço pago por eles: “custou a vida de muita gente”.

O caminho que os entrevistados do Grupo de Osasco percorreram em suas narrativas, desligando-se e religando-se à VPR, Colina e Var-Palmares, deu ideia das ações que participaram⁸². Também revelaram as dissidências que logo foram se formando entre os grupos, motivadas por leituras diferenciadas das estratégias, dos objetivos a seguir, da atuação sobre as massas, do papel das lideranças, e até mesmo das diferenças que nem os militantes conseguiam absorver claramente e que, segundo os colaboradores, só foi possível perceber na prisão ou no exílio, em momentos de isolamento e reflexão.

⁸² Roberto Espinosa falou sobre as dissidências em torno da guerrilha rural e a guerrilha urbana, que acabaram culminando no racha entre os vários grupos: VPR, a Var-Palmares, o Colina, Ação Libertadora Nacional, a ALN do Carlos Marighela. A Var-Palmares teria sido resultado da fusão de alguns membros da VPR e do Colina. Espinosa participou do comando dessa organização.

4.4. Osasco: a cidade exemplo

O fato de a greve ter sido reprimida com a invasão da força pública nas fábricas e no sindicato, e de muitos trabalhadores terem sido presos (em torno de seiscentos), não evitou que a memória dos narradores mantivesse a validade do movimento, principalmente como ensinamento. A greve se manteve viva como representação, lembrança, saudade, partilha e aprendizado.

Quando perguntados sobre a importância de contar sobre suas experiências e sobre o significado de sua luta, a convergência de sentidos ficou mais clara, mostrando que, mesmo com as dissonâncias, a melodia era uma só. As avaliações sobre o passado foram realizadas com os olhos no presente, procurando encontrar nas narrativas o motivo para se orgulhar e se refazer em resposta aos danos da história, que foram grandes: as prisões foram seguidas de demissões, perseguições, preconceito, prisões, tortura e exílio, quando não a morte de colegas. Todo o processo criou o trauma histórico, coletivo, que permaneceu soterrado pela interdição imposta pela ditadura durante anos até a redemocratização. Questionados sobre o medo diante da violência do Estado, o efeito da greve em suas vidas e a validade dela para a coletividade, as respostas variaram individualmente, ao mesmo tempo legitimando a história coletiva.

O fato de terem sido jovens ou de terem sido fundadores de uma nova condução dos trabalhadores na fábrica, de pertencerem à intelectualidade ou a uma nova Igreja voltada aos pobres, tornou comum a ideia de que algo grandioso foi inaugurado por suas ações. Os colaboradores desta pesquisa, tenham pertencido ao Grupo de Osasco ou à Frente Nacional do Trabalho, não se apresentaram, nem se sentiram meros objetos das autoridades e de líderes. Colocaram-se como sujeitos atuantes, quase como escolhidos pela história para realizar suas ações. Isso lhes deu orgulho e lhes alimentou a vida.

O medo, tema em suas narrativas, foi condição para sua coragem e resistência. Sentimento humano que lhes fragilizou e lhes engrandeceu ao mesmo tempo. Parte essencial do processo da greve ou, mais tarde, da luta armada, o sacrifício não poderia ser evitado, devido à confiança que os demais colegas tinham neles, ou à responsabilidade que a própria história lhes conferiu. Enfrentar o medo tornou-se um desafio, seja como fruto da politização ou da fé, para trilhar o “caminho sem volta”:

Olha, coragem a gente tinha, consciência das consequências também a gente tinha, mas você sabe que o ser humano é um pouco medroso, né? E confesso a você que do dia 15 para o dia 16 de julho eu não dormi. Um frio na

barriga, tava lá tranquilo... Mas eu já sabia, gente! Você tá dentro de uma ditadura militar, num regime de exceção, parar uma fábrica!... As consequências viriam! Nós tínhamos consciência disso. Plena consciência disso, mas naquelas alturas não tinha mais como parar! (...)
Então a gente, que é cristão, acha que não há ressurreição sem cruz!
Entende? (José Groff)

A religiosidade de José Groff deu sustentação à sua luta, posicionando-o num processo grandioso de “salvação”, dele mesmo e da sociedade. Sua conversão, tantas vezes lembrada, exigiu dele sacrifício. O medo fez parte do calvário, representado pela organização do movimento operário, o enfrentamento dos patrões e da ditadura e a greve. O drama iniciado pela morte do colega na caldeira, no início dos anos 1960, foi indicativo de uma trajetória de sofrimento, mas também de ressurreição. Se para Roque, Ibrahim e Espinosa, o processo revolucionário seria inevitável, para Groff a dedicação aos trabalhadores e à Igreja também seria. Em ambos os casos, a ideia de redenção, política ou religiosa, ficou evidente.

Depois que começaram a chegar as notícias de quem tinha sido preso, de quem tava sumido... O medo era muito grande! O medo era muito grande... Eu não sabia onde por a cabeça! Tive tanto medo que, uma vez, desculpe a expressão, “caguei nas calças!” Nunca falei isso para a Teresinha! Estou falando agora. Caguei nas calças... De tanto medo que eu tive! Disse aí tudo... Além da grande dor, a grande dor!... A grande dor de a gente SER, da gente LUTAR por um pedaço de pão e um copo de leite pelas crianças! E sofrer toda essa repressão... Essa foi a grande dor!
Agora, medo de desistir? Não tive! Não tive medo de desistir, e sim a vontade de desistir! É! Eu tinha vontade de desistir! Mas não podia! Não podia. Não podia desistir! Era uma questão de honra. E de consciência! Não podia desistir!... (Inácio Gurgel)

Medo e dor, vontade de desistir, sentimentos tão humanos compuseram o heroísmo e mantiveram a grandeza da causa. Lutar pelo pão era questão de honra, era o mesmo que “ser” enquanto dignidade e humanidade. As palavras demonstraram sentimentos tão íntimos, subjetivos, pouco revelados, marcas do trauma coletivo vivido com a repressão. O temor revelado entrelaçou-se à persistência, para expressar a percepção da injustiça, a consciência da desestruturação e ao mesmo tempo da superação diante delas.

Antonio Roberto Espinosa também falou de seu medo, gerado pela desigualdade de forças entre os operários/guerrilheiros e a ditadura militar.

Eu vivia com medo! Vivia com medo! Eu acho que o medo é a coisa mais humana! E, sobretudo, numa relação de tal desigualdade! De assimetria tão profunda! Em que nós éramos o “Dom Quixote” sem o burrico e sem a lança! E, a repressão, aquele “mastodonte”! Claro que dava medo! E... É uma coisa desagradável! O esforço que você pode fazer é pra não se deixar dominar pelo medo! Não deixar que o teu medo te governe! Agora! Alguns dizem que não tem medo, eu tenho! Tô procurando... Gostaria de saber que eles fazem pra não ter medo! Agora! O fato de ter medo não obriga que você tenha um comportamento fingido, ou que você faça coisas que você virá a se envergonhar depois! Isso eu acho que é possível! Apesar de todo o medo, toda a fragilidade, a prepotência, a violência, tem um limite que ela pode não ultrapassar você e, mesmo com medo, você acaba podendo olhar pra trás e contar as coisas sem vergonha! Em algumas situações até com orgulho! Enfim! É isso! (Roberto Espinosa)

Assumir o temor não foi aceitar a condição de submissão ao regime, nem de traição aos companheiros. Não significou envergonhar-se da fragilidade nem do recuo. A exposição dessa condição pela maioria dos entrevistados foi uma concessão que fizeram a uma memória pouco verbalizada pelo mundo masculino. Falar da temeridade significou também apontar a injustiça na relação de forças e o orgulho de se assumir humano. O gênero mostrou-se diverso em atitudes e sentimentos rompendo com a ideia de valores imutáveis, próprios de homens. Os entrevistados também falaram do vazio que sentiram, da frustração não apenas com a derrota, mas com o próprio movimento.

O que aconteceu mexeu muito comigo!... A participação do movimento estudantil na greve foi externa, influenciou negativamente. Eu senti uma espécie de vazio na época, por causa disso, uma perda muito grande! Fiquei com muito medo e muita bronca daquilo tudo, bronca dos companheiros que diziam que eu estava afrouxando quando eles é que estavam radicalizando. Isso tudo me machucou muito, fiquei arrasado. Influenciou muito na minha vida, mudou quase que radicalmente a minha vida!... Saí de Osasco, fui morar em São José dos Campos e estou aqui até hoje. Me isolei... Falar de movimento sindical me dava certa náusea... Demorei para voltar ao movimento, mas aos poucos fui voltando e hoje já estou fazendo tudo de novo aqui! Foi lição aprendida! (João Cândido)

As palavras de João Cândido foram carregadas de mágoa com seus companheiros e a frustração de não terem vencido. Não tratou apenas da repressão do regime, mas das próprias relações construídas no contexto da greve. Destacou seu isolamento, a dificuldade de começar novamente a luta no movimento operário, seu exílio interno.

Memória ressentida, machucada, com relação aos seus colegas, que não souberam ouvi-lo e decidiram pela greve sozinhos, e que depois o deixaram. A

ingratidão feriu tanto ou mais que a prisão. Ele usou o momento de sua narrativa para lembrar o radicalismo que minou a greve, respondendo à acusação de covardia feita por seus colegas. De toda mágoa, no entanto, João Cândido apontou os acontecimentos em Osasco como lição, não como exemplo.

A greve também marcou profundamente a vida de José Ibrahim. Foi a partir dela que ele acabou entrando na luta armada, que lhe levou à prisão, à tortura e ao exílio. Para ele, foi por meio da experiência dolorosa que se tornou quem é hoje.

Passei uns bons tempos perdido, no ar... Fui marcado com isso até hoje... Eu era um menino de Presidente Altino e daí fui pro mundo!... Quando teve aquele movimento eu deixei de ser alguém normal e virei outra coisa e vou carregar essa experiência pra sempre!... É como o Cândido, que foi embora lá pra São José, se esconder num cantinho, e depois caiu na vida sindical de novo. Não tem jeito, não tem como fugir. Eu vou carregar o que eu me tornei pra sempre. (José Ibrahim)

A intersubjetividade construída naquele momento marcou-o para sempre. Como sina, ele tratou a sua trajetória e a de seus colegas: “eu vou me carregar o que me tornei para sempre”. A narrativa o identificou e aos outros como parte de uma força inevitável. Para ele, a greve de Osasco foi mais do que lição. Foi o conhecimento de mundo, saindo de seu bairro de periferia, deixando de ser “alguém normal”. Incorporou-se ao que ele se tornou; não acabou em 1968.

Para João Joaquim, os acontecimentos daquele contexto mudaram o rumo de sua vida. Deixou de ser metalúrgico para virar professor. A experiência de luta, no entanto, permaneceu orientando sua vivência no sindicato. Seu espírito de operário posicionou-se para criticar os seus colegas educadores, aqueles que em teoria deveriam saber seus direitos. O que ele aprendeu, continuou a praticar. O movimento de Osasco foi lição e exemplo.

A ditadura me fez virar professor, outra forma de lutar. Não foi fácil... Só que para ser professor tem que estudar sempre, mas ele não sabe seus direitos. Peão, quando vem faltando alguma coisa no salário, logo ele percebe. Professor não, não sabe seus direitos, é engraçado. Então, me engajei logo na Apeoesp, o sindicato dos professores da escola pública de São Paulo e continuei a luta dos trabalhadores. (João Joaquim)

Ao falar sobre o que se tornaram após os eventos da ditadura, os colaboradores mostraram-se quase que destinados a realizar trabalho social e político diferenciado, transformador. Não houve um passado acabado, pois os significados construídos a partir

dele continuaram presentes naquilo que cada um se tornou. Sobre esse tempo-vivo e presentificado, Alberto Lins Caldas chamou a atenção:

Aquilo que entendemos como passado está sempre inteiro, fragmentado, esgarçado, inexistente, recriado, distorcido, lúcido, múltiplo e vivo naquilo que sentimos e vivemos como presente.(...) O presente é a dimensão humana por excelência, onde/quando projetamos e entrelaçamos vivamente, bem além das naturalizações, a experiência singular, pessoal, grupal e comunitária. (CALDAS, 1999, p.56)

Foi com esse sentimento que os colaboradores se expressaram ao pensar sobre a greve de Osasco, como um passado que não cessou, desdobrado no presente como forma de realizar ainda desejos e sonhos não concluídos, em outras oportunidades e possibilidades. Comparações com a organização sindical e política atual fizeram parte dos discursos das duas redes, para que pudessem se posicionar quanto ao passado e no presente, criticando e aconselhando. As referências à experiência vivida se estenderam às formas atuais de organização, dignificando ainda mais o feito da comunidade osasquense, a validade da luta que não findou, não morreu.

Agora, que Osasco é referência até hoje, é fato! Não se fala muito em luta operária sem falar da greve de Osasco, não... É referência até hoje, entende? Então, não morreu! Não é verdade? Hoje, as centrais sindicais estão aí, se faz greve por televisão, e... Enfim, não sei, eu acho que o sistema sindical brasileiro ainda tem que aprender muito! Eles tão querendo, agora, modificar a Lei Sindical no Brasil, aquela coisa toda, né? Tá tendo resistência, não é verdade? Sindicato de aluguel, gente! Esses sindicatos com quinhentos/seiscentos filiados na categoria só pra receber imposto sindical e visitar uma meia dúzia de pelego lá, te sustentando! Não é por aí, entendeu? Sindicato é você estar lá na base, visitando o povo da base, respeitando, entendeu? A ansiedade daquela base! Não é você jogar de cima pra baixo, mas você junto com os trabalhadores crescer, isso seria sindicato! (José Groff)

Então, a greve foi um marco histórico pra continuação na vida dos trabalhadores! (João Joaquim)

A centralidade histórica de Osasco voltou a ser lembrado por Groff e João Joaquim. O trabalho necessário pela base, o mesmo que a Frente Nacional defendia, foi validado por ele como a saída para os trabalhadores atuais. A referência aos sindicatos rendidos ao sistema, “de aluguel” procuram legitimar aquilo que ele e seus colegas foram e fizeram. Ainda poderiam continuar ensinando, pois sua experiência não morreu. Osasco seria referência para o presente. A greve ainda poderia gerar frutos, inacabada.

Leitura semelhante apresentou Ibrahim, apresentando a organização promovida por eles como sinônimo de liberdade e democracia:

Aquele período foi um período muito especial da situação político brasileira! (...) Afinal de contas, aquilo tem um significado de luta pela liberdade, pela democracia (...)

Então, eu acho que hoje, olhando um pouco essas experiências, nós tínhamos que tirar algumas lições! Na minha opinião, o movimento sindical brasileiro está acomodado, está parado. Entrou numa roda de vício, que eu acho que tem que ser superado. Nós temos muitas coisas, muitas conquistas pela frente. E conquistas que nós já estávamos brigando lá atrás, que não conseguimos ainda. A verdadeira liberdade sindical, o verdadeiro direito de se organizar dentro das empresas. Quer dizer, não se fala mais em comissão de fábrica. Nem em Osasco mesmo se fala mais de comissão de fábrica! Foi uma experiência que nós tivemos lá! Uma experiência importante! Não é? Então, tem uma série de questões aí, que são desafios que continuam na atualidade.

A comissão de fábrica foi evocada para validar a luta osasquense como “a verdadeira liberdade sindical”. As dissidências na memória coletiva aqui se dissolveram. José Ibrahim, assim como Groff e João Joaquim apresentaram suas ações conjuntas como lições históricas, modelo para outros movimentos. A greve de 1968, em seu aspecto positivo e didático foi de cada um deles e de todos juntos.

Osasco foi o período da resistência! Na minha opinião, marcou o que seria o movimento sindical operário depois! Acho que Osasco, com toda a repressão que houve... Muita gente até hoje discute se foi um movimento derrotado ou um movimento vitorioso. Mas de qualquer maneira foi um marco, deu referência ao movimento sindical operário a partir daí! Foi a primeira grande resistência contra a ditadura militar, partindo dos trabalhadores! (José Ibrahim)

O movimento operário em Osasco foi rememorado como lição de luta pela liberdade e pela democracia, mantendo o passado em aberto quanto à possibilidade de realizá-las. A “primeira grande resistência” contra a ditadura, fruto da organização entre os diferentes ainda estaria em aberto. Inclusive a própria condição de fracasso ou derrota ainda não teria se concluído. Se houve um preço a ser pago na vida de cada um, ainda assim ela valeu a pena.

A memória coletiva subterrânea, alimentada oralmente sob a interdição ditatorial e o desconhecimento social, emergiu grandiosa, para combater a propaganda desqualificadora contra ela. Os relatos individuais ou coletivos a sustentaram e a defenderam, na manutenção da identidade escolhida como honra. O sindicalismo, hoje

submisso em plena democracia, “acomodado”, “de aluguel”, deveria aprender com o seu passado, voltar às bases.

Derrotadas ou não, as duas redes convergiram para significar seu feito coletivo como marcante, inspirador, referência. Respeitaram-se num pacto, numa coesão que colaborou para colocar a cidade de Osasco e seus trabalhadores como centro, na luta pela autonomia e pelo reconhecimento. A força simbólica do coletivo foi inegável, mesmo com os ressentimentos, o que os fez e ainda faz dialogar continuamente. O sacrifício foi marca da convergência, do reconhecimento. Todos se reportaram ao grupo moral ou afetivo, de que falou Pollak, para ancorar os eventos escolhidos para a narrativa individual. A ligação a essa comunidade moral tornou-se determinante para a sobrevivência dos indivíduos diante das dificuldades que nasceram da greve e das ações da ditadura contra a colônia osasquense. O sentimento de pertencimento ao grupo lhes permitiu resistir aos elementos destruturantes da perseguição posterior à greve: o desemprego, a clandestinidade, a prisão, a tortura e o exílio, e lhes permitiu ter orgulho daquilo que foram e daquilo que são.

A confiança no ideal coletivo ainda desejado, guardadas as dissonâncias nas motivações, infundiu em cada um a coragem e o espírito de continuidade na luta mais política e na insistência de que o movimento do qual participaram fosse conhecido pela sociedade e não esquecido. O imaginário do projeto da greve, inscrito no mundo político ou religioso mais amplo fez o sacrifício valer a pena: a prisões de Groff, João Cândido, Albertino e Gurgel; as torturas sofridas por Ibrahim, Espinosa e Roque; a morte de Barreto; o exílio. A curta duração da greve foi superada por sua importância, sua repercussão internacional, sua vanguarda.

Essa experiência de Osasco teve uma repercussão não apenas nacional, mas internacional, muito grande! O movimento estudantil nacional mobilizou o mundo em apoio à greve de Osasco. (Roberto Espinosa)

O sindicato com esses meninos fez uma coisa mais importante que foi a greve de 68. Ela ampliou bastante a visão de mundo dos trabalhadores e do mundo, porque não foi só no Brasil que se falou da greve. Na França se falou da greve, na Suíça se falou da greve, na Suécia se falou da greve, tanto que quando houve o sequestro do embaixador norte americano, Charles Elbrick, um dos trocados eram o Ibrahim, presidente do sindicato de Osasco. A greve foi um marco histórico e vai continuar sendo, na vida dos trabalhadores. (João Joaquim)

Houve a concordância de que os narradores fizeram parte da utopia de um mundo melhor, seja pela organização dos trabalhadores pela base, nos debates envolvidos em uma Igreja mais humanizada, no movimento estudantil ou pela luta armada. O mundo todo teria conhecido essa história. Foi esta luta contra a opressão que ajudou a construir o argumento coletivo que os uniu, apesar dos ressentimentos.

Inácio Gurgel, participante ativo da Igreja, apresentou as comunidades eclesiais como espaço para que a resistência ao regime se desse, por meio da conciliação das diferenças. Sua fala procurou legitimar os dois grupos como aliados na mesma luta, a partir de suas leituras de mundo:

A greve foi feita assim ó! Lembra que eu falei das Comunidades Eclesiais de Base? De repente, elas não se tornaram tão eclesiais assim! Tão Igreja! Elas se tornaram Comunidades de Base, tá? Então, acolheu todo mundo! Quem era católico, quem não era! Então, existiam reuniões em vários pontos da cidade, tinha vários núcleos! Um núcleo aqui, outro ali, outro lá... Presidente Altino, Vila Yolanda, Km 18, Divisa de Carapicuíba, Quitaúna... Esses núcleos iam discutindo o movimento. E foi aí que foram surgindo as coisas... O pessoal de lá, do Roque, do Ibrahim, com certeza, faziam isso também! Mas eles convidavam e, a gente, talvez, por medo também, não ia. Mas a gente ia aonde sentia mais segurança: ao CEO, à JOC, à Paróquia, à Frente Nacional do Trabalho. A greve foi resultado dessa união!

Para Zygmunt Bauman, a fraternidade é “símbolo de se tentar o impossível: diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos” (BAUMAN, 2005, p. 16). Foi a fraternidade que lhes permitiu construir sua identidade em meio às diferenças. A possibilidade de compartilhar ainda de uma mesma utopia, que se não teria sido tão clara naquele momento para os dois grupos de colaboradores, pareceu ser compartilhada na atualidade. Os narradores fizeram e continuam a fazer história, e a memória coletiva fez-se redenção da esperança inacabada, de que a justiça ainda seja possível. Como afirma Luísa Passerini, “la utopía se configura como un impulso de la subjetividad que asume una posición decididamente orientada hacia el cambio en el proceso histórico. (PASSERINI, 2003, p.18). Espaço entre fantasia e realidade, a aspiração utópica se converteu em via pela qual foi possível ainda refletir, avaliar e sonhar o futuro.

Essa concepção se aproximou do conceito de história aberta, defendida por Walter Benjamin nas teses *Sobre o conceito de história*, escritas em 1940 (1987). A preocupação em salvar o passado na possibilidade do presente impediria que o primeiro caísse no esquecimento. A importância das narrativas dos colaboradores seria tentar

impedir que as demandas e sonhos pudessem se perder para sempre se não fossem dados a conhecer. Espinosa e José Ibrahim falaram desse sonho inacabado.

Osasco estava em ebulição! Quer dizer, ia além! A gente, quando encarava esses movimentos todos, tudo bem: o uniforme era importante, os 35% de aumento era importante, mas mais importante do que tudo isso, pra gente, era a construção de um mundo novo! Era a construção de um mundo sem desigualdade! Sem a exploração do homem pelo homem! Então, o que a gente fazia tinha isso! “Estamos acabando com a miséria milenar! Com a exploração, com a desigualdade”! Isso que nos animava!

A gente não tinha nada! Achava que não levava mais do que dois anos pra vencer a ditadura! Em dois anos a gente acaba com “esses uniformes”! Isso era uma coisa muito forte! Muito forte! E, quando você subia numa pilastra daquela pra dizer um monte de besteiras, você não estava falando só ali, você já estava na história! Estava falando com o resto do futuro! Ali você já estava cunhando, esculpindo uma nova sociedade! E, essa era a coisa que animava. Esse espírito preside no ano de 68. No ano de 1968. (Roberto Espinosa)

Naquele momento, eles encarnaram a história e anunciaram o futuro. A construção de um mundo novo foi projetada por eles e voltou a se fazer desejo nas palavras dos narradores.

Penso que é necessária uma reflexão, de toda a esquerda no Brasil, uma reflexão do movimento sindical operário, sobre esse desafio que nós temos aí pela frente, porque ainda temos que avançar muito!... Se conquistou, se avançou bastante, mas tem muita coisa que nós temos ainda que continuar brigando, ou seja, a luta não acabou! É isso que eu penso. Refletindo sobre a nossa experiência do passado. Tem muitas coisas importantes que nós fizemos, naquela época, e que acho que estão, na atualidade, desafios pra gente continuar refletindo. É isso! (José Ibrahim)

O discurso de Roberto Espinosa traduziu o sonho daquela geração – não apenas aquela formada pelos jovens revolucionários – que foi mutilada pelo regime militar em seus intentos; assumiu a crença de que a coletividade estava fazendo história, alterando as relações de desigualdade e injustiça. Era algo grandioso, que ultrapassava as individualidades e as preparava para o futuro. José Ibrahim apontou para essa continuidade, o cruzamento entre passado, presente e futuro, num trabalho que apenas começou e que precisa avançar.

Inácio Gurgel, mais uma vez tentando traduzir a experiência em poesia, procurou legitimar a história dos envolvidos na greve como parte da mesma trajetória, feita de diferenças políticas, religiosas, geracionais e de gênero. O evento em Osasco foi criação e é criador das experiências, e os colocou na centralidade da história.

Para mim, esse assunto é a celebração da vida! Tem até essa poesia que falo aqui, que a greve de Osasco é a luta da esperança! A greve de Osasco é um marco do princípio para a ação!

“Chapa Verde, sim senhor!
Pedro Tintino, Tigrão! Batista, Ibrahim, Zé Pedro!
Onde o amor vence o medo na busca do leite e do pão!
Meu amigo, João Candido, presença espetacular!
Pequenino, porém grande, trabalhava sem cessar
Nas Comunidades de Base, para o movimento vingar!
Teresinha, Albertina, Zaia, nunca me saem da lembrança,
Três mulheres corajosas na luta da esperança!
Junto com os padres operários,
Que vieram de pontos vários!
Especialmente da França!” (Inácio Gurgel)

Nos relatos, coragem e vitória compensaram sacrifícios e erros. A guerrilha, a greve, a Igreja, a reza, o sindicato, enfim, apareceram como vias diferentes para a superação do sofrimento e da injustiça. Sobre a força da utopia que une, Jejr Szacki afirmou:

A utopia política coloca o ideal sonhado na esfera das possibilidades humanas, faz dele algo por que se luta. E ainda que a luta seja incapaz de fazê-lo real, ela contribui para a destruição da ordem vigente pela negação da qual toda utopia nasce. (SZACKI, 1972, p.102).

A utopia tornou-se prática na história de vida desses narradores, quase que sacralizando a luta política em suas lembranças, sendo apresentada como possibilidade de mudança naquele momento de opressão e na atualidade. A irreversibilidade da história ficou clara nas narrativas, no passado da greve e, provavelmente, no futuro próximo. Os sonhos em que investiram seus sentimentos e os percalços dolorosos ofereceram a eles os valores pelos quais foi válido se sacrificar. A dor e o sofrimento foram preço pago, previsto e validado pelos narradores:

Foi uma geração que se entregou por inteiro a uma causa, e que era uma causa que tinha como inspiração a liberdade, uma causa libertária, uma causa de justiça, de igualdade, de fraternidade, de carinho. Para realizar esse sonho, não importava que sacrifícios fossem necessários. (Roque Aparecido).

Liberdade, consciência, justiça, solidariedade e orgulho. Essas foram palavras que reforçaram a memória coletiva e a identidade escolhida. O futuro é o passado não concluído, a espera do presente, em que continuam a não se resignar nem querem permanecer congelados diante do processo histórico. Em seus discursos, retomaram suas semelhanças e pontuaram suas diferenças para dizer sobre o que foi perdido e o que há ainda a construir em busca da realização humana. Dividida entre o que deveria ter sido o objetivo e o significado do movimento e o que ainda é possível construir, a colônia osasquense ainda dialoga.

Hoje a gente percebe que o caminho é muito mais cheio de curvas, muito mais longo e implica num trabalho de revolucionar a consciência, transformar consciência, superar uma cultura política de que o pobre não tem direito, depende de favores, o clientelismo dos desfavorecidos. Trabalho de uma consciência de cidadania, de direito à vida digna, aí podemos avançar aqueles sonhos de 67 e 68. O sonho não ficou lá atrás, o sonho acompanhou e vive até hoje; o sonho é o mesmo. Não ficou lá atrás, em nenhum momento! Vem se atualizando, buscando se realizar! (Roque Aparecido)

Então nós éramos parceiros e somos parceiros, nós temos direitos iguais! É um pouco aquele discurso que a gente tinha, né? Do anticapitalismo, não é verdade? É por aí! Acho que o capitalismo, pra mim, não é coisa que resolve, não é verdade? A concentração de renda sempre acontece. Acho que o socialismo é o regime que... Socialismo, não o termo real, entendeu? Aquele também tem concentração, né? Mas um socialismo de igualdade! Não é verdade? Eu acho que o homem, no mundo, ele tem que ser igual! Nós como trabalhadores, os outros como empresários, não é verdade? Agora essa desigualdade social bruta que existe aí, gente! Não dá pra você concordar com isso! Não é verdade? Nosso país tem cinquenta milhões de brasileiros sofrendo com a fome! E gente aí, tendo dinheiro, sei lá de que jeito... (José Groff)

Roque Aparecido e José Groff mantiveram ainda suas referências. O vocabulário revolucionário e a consciência se “atualizaram” no discurso do primeiro; a conciliação e moderação persistiram na fala do segundo. Em ambos, desenhou-se a ideia de justiça como sonho coletivo: “nós somos parceiros”. O uso do termo “nós” na linguagem fez notar o sentido de coletividade que foi preservado na colônia osasquense.

Como afirmou Halbwachs, a memória coletiva é um conjunto de emoções, sentimentos, sempre evocados para manter a identidade viva.⁸³ Existe enquanto o grupo subsiste e deseja que ela permaneça significando suas vidas. Os colaboradores osasquenses querem ainda que o movimento que construíram juntos continue a fazer

⁸³ “A memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 2006: 102).

sentido; querem pertencer a essa história comemorada. A entrega de cada um pela causa que os uniu fez progredir a esperança e não a culpa ligada aos erros. Houve ganhos e eles valeram a pena. Coisas boas, segundo eles, ainda podem nascer da experiência partilhada, apesar e além da dor. Por isso, a greve de Osasco e todas as decorrências dela não devem ser esquecidas. A experiência merece ser celebrada, pois ela mantém o pertencimento a uma história que precisa ser conhecida pelas novas gerações. É memória a ser perpetuada.

Hay un plano en que la relación entre memoria e identidad es casi banal, y sin embargo importante como punto de partida para la reflexión: el núcleo de cualquier identidad individual o grupal está ligado a un sentido de permanencia (de ser uno mismo, de mismidad) a lo largo del tiempo y del espacio. Poder recordar y rememorar algo del propio pasado es lo que sostiene la identidad (Gillis, 1994). La relación es de mutua constitución en la subjetividad, ya que ni las memorias ni la identidad son «cosas» u objetos materiales que se encuentran o pierden. «Las identidades y las memorias no son cosas *sobre* las que pensamos, sino cosas *con* las que pensamos. Como tales, no tienen existencia fuera de nuestra política, nuestras relaciones sociales y nuestras historias. (JELIN, 2001, p.7)

A memória é a possibilidade de se avaliar, romper com o silêncio que paralisa e começar de novo. O sonho da justiça e da igualdade permaneceu para esse grupo que entendeu que a liberdade conquistada pela redemocratização foi fruto de seu sacrifício. Como afirmou Jejir Szacky (1972), mesmo diante do fracasso, o utópico enxerga a possibilidade de começar de novo, do aprendizado, negando o absoluto do tempo e entendendo o desejo como caminho descontínuo e não linear.

Os narradores vivem ainda a utopia de que, ao retomarem o direito à palavra, há muito que dizer: o passado relembrado é espera de futuro, desejo a ser realizado, projetado em suas narrativas. O operário Inácio Gurgel reforçou as falas de seus companheiros sobre continuidade, esperança, herança e busca de um mundo melhor, ainda a conquistar. Ele, que teve como marco a experiência vivenciada em 1968, continuou a celebrá-la por meio de seus versos declamados nos saraus que o grupo retomou com a redemocratização, relembando Barreto e seu violão. Terminou seu relato com beleza e sensibilidade, celebrando a continuidade da vida, marca significativa e identitária da colônia osasquense:

E esse assunto todo virou história. Virando história, virou vida! E não podemos nos esquecer disso! Lembrar a causa das nossas vidas!... Se não fosse tudo isso, talvez, não estivéssemos juntos, aqui, hoje! Para celebrarmos a vida!! (...)

Queria ainda falar uma coisa final. Um recado final. Um recado final! Uma coisinha.... Pode ser simples, mas eu acho bonito!
Eu diria o seguinte... Isso aqui!... Nós fazemos parte desse tempo! Daquele e desse tempo! E, muitas vezes, não damos a devida atenção para o tempo... Muitas vezes perdemos tempo com muita coisa que deixa a desejar e esquecemos de tantas coisas boas, como essa que está acontecendo, hoje! Aqui! Isso aqui é um passo para a eternidade em busca de um mundo melhor, filha!! (Inácio Gurgel)

5 . MEMÓRIA AFETIVA E PERFORMANCE DE GÊNERO: AS MULHERES NA GREVE DE OSASCO

Era coisa do coração!

Amira Ibrahim

5.1. A história oral e a experiência das mulheres na ditadura militar

Segundo a pesquisadora Silvia Salvatici (2005), desde os anos 60 a história oral e a história das mulheres têm convergido em busca de objetivos e princípios em comum: tratar da experiência de grupos que estiveram excluídos dos registros escritos e dos “grandes fatos” e inscrever no relato historiográfico vozes múltiplas e silenciadas até então⁸⁴. Essa opção em atentar para visões desconsideradas pelos historiadores em geral teve grande importância desde aquele momento no sentido de romper com o conceito existente do que deveria ter relevância para a história, permitindo que o cotidiano e a esfera do privado dessem dimensão mais ampla e complexa às relações humanas e trouxessem um aspecto novo a ser observado e considerado: a subjetividade.⁸⁵

A subjetividade teria provocado impacto significativo sobre as pesquisas e metodologias, uma vez que aquilo que era particular, emocional e volátil teria deixado de ser problema e limite para o pesquisador e passaria a representar novo desafio e campo a ser considerado.⁸⁶ A história oral representou, nesse sentido, a oportunidade para as mulheres de entrarem em cena na chamada “grande história”, pois estiveram sempre excluídas dos acontecimentos políticos e públicos, reduzidas à intimidade da vida privada. Invisíveis nos registros escritos, elas foram capazes de dizer por si mesmas por meio de suas narrativas orais e validar suas experiências, recusando-se a permanecer em silêncio e descobrindo-se como participantes do processo histórico.

Uma das maiores contribuições desse encontro entre o feminino e a história oral foi a percepção de que o político fazia parte do cotidiano, rompendo com a divisão binária entre o mundo dos homens (público) e o mundo das mulheres (privado) e

⁸⁴ ‘Em ambas, o estágio inicial foi dominado pela ideia de resgate de uma história oculta. Historiadores orais buscaram inscrever as vozes que faltavam, as dos ‘desfavorecidos’, a fim de criar uma ‘nova história vinda de baixo’, enquanto feministas desejavam demonstrar o papel vital desempenhado por mulheres, no passado e no presente, por meio de uma reconstrução do passado, o que, pela primeira vez, conferiu uma atenção adequada às contribuições femininas.’ (SALVATICI, 2005, p.29)

⁸⁵ A esfera do privado seria, para Michelle Perrot, o espaço do pessoal, do íntimo, da subjetividade e do doméstico. O público seria o espaço da política, do poder e da cidadania. Historicamente a mulher teria sido designada ao primeiro – a casa, a reprodução, o cuidado com a família – enquanto o segundo seria entendido como lugar da ação masculina. No entanto, Perrot afirma que “nem todo público é o político, nem todo público é masculino... nem todo privado é feminino.” (2001, p.180) Ou seja, haveria interfaces e fronteiras entre o masculino e o feminino e os espaços não seriam estanques justamente por serem construções.

⁸⁶ A subjetividade é entendida aqui como o espaço íntimo, das emoções, por meio do qual cada pessoa se relaciona com o mundo social, construindo suas marcas singulares. A subjetividade estaria sempre sendo constituída no processo contínuo e inacabado de agenciamento de práticas e crenças sociais.

promovendo o questionamento sobre o funcionamento de instâncias consideradas especialidades femininas: a organização da família, as perpetuação e transmissão de valores culturais, os afazeres cotidianos, a emoção e os laços afetivos. A expansão de estudos sobre aspectos da vida privada e sua relevância redefiniu o conceito de político, deslocando os poderes das instituições públicas e estatal para dimensões mais íntimas. Para Michelle Perrot (2005), se à mulher não coube o poder institucional, seria possível falar de seus diversos poderes cotidianos e do quanto eles afetariam as relações sociais.

As historiadoras Maria Izilda Matos (2006) e Joana Maria Pedro (2007) destacaram que a história das mulheres, que se desenvolveu nas décadas de 60 e 70 articulou-se ao movimento feminista das chamadas “primeira” e “segunda onda”.⁸⁷ O feminismo seria resultado do processo de transformação econômica e social em todo o mundo, caracterizado pela rápida industrialização, urbanização e pela inserção da mulher no mercado de trabalho.⁸⁸ Teria se organizado a partir de interesses e necessidades de setores mais organizados e intelectualizados da classe média, que buscavam construir nova identidade, com linguagem e dinâmica próprias, contra o patriarcalismo e os códigos de conduta sociais.

No Brasil, esse processo cresceu juntamente com os estudos voltados à história social, cuja preocupação incidia sobre os grupos excluídos da sociedade. Abordagens foram feitas sobre a inter-relação entre o micro e o macrocontexto, enfatizando o cotidiano, os papéis informais, as sutilezas e as emoções, invisíveis num contexto mais globalizante.⁸⁹ O conceito universal de homem até então vigente nas ciências humanas,

⁸⁷ É importante salientar que neste trabalho procurei tratar da História das Mulheres, na perspectiva de Michelle Perrot, como a visibilidade da diferença por um grupo socialmente marcado e definido por valores e condutas que o separam dos homens. Ao mesmo tempo, levei em consideração a concepção de gênero, defendida por Joan Scott, na medida em que ela considerou que a História das Mulheres deveria levar em conta as relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, sem atribuir o essencialismo às suas definições. Ou seja, entendendo-os como não universais e sim múltiplos, frutos de construções culturais sobre seus sexos e suas ações sociais. Complementando seus conceitos, procurei considerar que o gênero pudesse ser também performance, como afirmou Judith Butler, sendo escolha e ritualização de papéis por um grupo, e que não estivesse necessariamente ligado à oposição heterossexual entre homem e mulher.

⁸⁸ O feminismo da “primeira onda”, iniciado na Europa durante a década de 1960, seria marcado pela luta política das mulheres em torno da cidadania, do voto e da participação no cenário público. A “segunda onda” teria como característica principal a discussão em torno do foro mais íntimo, a sexualidade, o amor, o corpo, a liberdade individual e a desigualdade entre homens e mulheres.

⁸⁹ Na Europa e nos Estados Unidos, as décadas de 1970 e 1980 foram fortemente marcadas pela influência marxista e pela história das mulheres relacionada ao mundo do trabalho. No Brasil, uma das primeiras obras a utilizar a categoria mulher foi a da brasileira June Hahner, em 1978, intitulada *A mulher no Brasil*. Foi, entretanto, nos anos 1990 que o estudo das mulheres ganhou mais destaque, com a publicação da coleção *História das mulheres no Ocidente*, impressos na França entre 1991 e 1992. A década de 1990 foi o período em que a categoria gênero passou a ser discutida nos trabalhos historiográficos, tendo destaque o trabalho de Joan Scott (1990). A influência dessas produções

tornou-se múltiplo e mais complexo, abrindo-se espaço para as contribuições da história oral e das mulheres, com suas especificidades e questionamentos das periodizações tradicionais, a ênfase em sua participação nos eventos masculinos e seu papel de mediação entre os espaços privados e públicos, a hierarquização de gênero na sociedade e suas implicações sociais e subjetivas. A história das mulheres levou à discussão em torno dos papéis assumidos pelos gêneros, que passaram a ser debatidos e entendidos enquanto construções culturais, relacionais e políticas. O sexo deixou de ser considerado um atributo natural e passou a fazer parte dos debates sobre comportamento, submissão e dominação feminina.

(...) os estudos de gênero contribuíram para ampliação do objeto de conhecimento histórico, levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si (...) permitindo ver que a própria história das mulheres não é uma linearidade progressiva, tem ir-e-vir, e que suas lutas e resistências também não podem ser vistas apartadas de toda dinâmica de dominação na trama histórica. (MATOS, 1998, p.67-75)

Nesse sentido, Maria Izilda Matos e Joana Maria Pedro lembraram a ambiguidade apontada por Joan Scott (1990) com relação à valorização feminina nos estudos historiográficos, na medida em que muitos pesquisadores transformaram a mulher numa categoria homogênea em oposição aos homens, perdendo de vista seu pluralismo histórico e social, em busca da construção de uma identidade em comum. A diferença passou a ser um problema importante a ser considerado na trama histórica para desconstruir o essencialismo também da mulher. O conceito de gênero proposto por Scott compreenderia, assim, a variabilidade cultural e social das distinções de sexo e a hierarquia de relações de poder, tomando cuidado para não tornar geral e fixo aquilo que seria construído e dinâmico.

No Brasil, muitos trabalhos abordaram a história das mulheres ou de gênero a partir da visibilidade dessas diferenças que ora poderiam se complementar, ora se

estimularam inúmeras pesquisas no Brasil, dentre eles o livro *História das mulheres no Brasil*, em 1997, coordenado por Mary Del Priore. O mesmo ocorreu com *Historia de las mujeres en la Argentina*, em 2000.

confrontar socialmente.⁹⁰ Colocaram em evidência as operárias, prostitutas, donas de casa, por meio dos discursos masculinos e documentos oficiais, e de fontes até então consideradas irrelevantes, como diários e anotações íntimas. Até a década de 1980, porém, poucas pesquisas trataram da condição feminina no contexto da ditadura militar, resultado do silenciamento promovido pelo regime autoritário ao processo de resistência social e à própria visão histórica predominante, incapaz de enxergar nas mulheres a atuação política. O pioneirismo coube ao trabalho de Albertina Oliveira Costa, *Memórias de Mulheres do Exílio*, publicado em 1980, em pleno regime de exceção, utilizando os procedimentos da história oral de vida a partir da experiência de militantes da luta armada, que foram presas, torturadas e exiladas⁹¹.

Com o fim do longo período de autoritarismo no Brasil, o tema sobre a resistência ao regime foi e continua sendo explorado por inúmeros trabalhos, que colocaram em evidência o imaginário de virilidade, combate e coragem, aspectos culturalmente masculinos atribuídos à geração da década de 1960. O movimento estudantil, as greves de Contagem e Osasco e a luta na guerrilha continuaram a ser estudados enfaticamente.⁹² Ganham destaque principalmente diante do apelo da sociedade civil em torno das comissões de parentes dos mortos e desaparecidos, da pressão pela abertura de arquivos e da recente nomeação pela presidente Dilma

⁹⁰ Para citar apenas alguns deles, destaco os trabalhos precursores da socióloga Heleieth Iara Bongiovanni Saffioti, *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* (1969), e da historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, publicado em 1984, o livro *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros, do mesmo ano, de Miriam Moreira Leite, a obra *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*, de Margareth Rago, publicado em 1985, além dos trabalhos de Eni de Mesquita Samara, *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*, e de Magali Engel, *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*, ambos de 1989. Na década de 1990, foram importantes os livros de Elizabeth Souza Lobo, *A classe operária tem dois sexos*, publicado em 1991, de Marina Maluf, *Ruídos da Memória*, publicação de 1995, e *História das mulheres no Brasil*, coordenado por Mary Del Priore, e *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*, organizado por Eni de Mesquita Samara, Rachel Soihet e Maria Izilda Santos de Matos, ambos de 1997.

⁹¹ Os livros *Autoritarismo e participação política da mulher*, de Fanny Tabak, publicado no ano de 1983 e *Breve história do feminismo no Brasil*, de Maria Amélia de Almeida Teles, de 1993, também contribuíram dando destaque à participação das mulheres no cenário da luta pela redemocratização.

⁹² Há extensa bibliografia sobre os assuntos citados, principalmente sobre o ano de 1968. Somente para citar os trabalhos mais clássicos, indico para leitura as obras *1968: a paixão de uma utopia* (1988), de Daniel Aarão, *O Fantasma da Revolução Brasileira* (1994), Marcelo Ridenti, *1968: o ano que não terminou* (1998) e *1968: o que fizemos de nós* (2008), do jornalista Zuenir Ventura. Em especial sobre o movimento estudantil, a guerrilha e o seu caráter combativo, sugiro a leitura de *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida* (1994), de Alfredo Sirkis, *Combate nas Trevas* (1987), de Jacob Gorender, *1968: O Diálogo É a Violência - Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil*, de Maria Ribeiro do Vale (2008) e *1968: eles só queriam mudar o mundo* (2008), de Regina Zappa.

Rousseff de membros para a Comissão da Verdade⁹³. Estes fatos, porém, estiveram sempre relacionados com feitos masculinos: do operário, do estudante, do guerrilheiro. Pouco espaço a historiografia brasileira reservou à experiência feminina nesse processo.

Os caminhos da história oral tornaram mais visíveis experiências subterrâneas das estudantes, militantes da luta armada e exiladas durante a ditadura militar brasileira, nos últimos anos. Longe dos documentos escritos, suas vivências começaram a ser trazidas pelas narrativas orais a serem vertidas em registro, criando fontes historiográficas novas, repletas de subjetividade. Mais importante do que os fatos que pudessem revelar, os relatos acabaram dialogando com a visão padronizada da “grande história masculina”, mostrando fissuras, críticas, discordâncias por meio das palavras das narradoras, tirando-as das sombras ou das margens e trazendo-as para o centro dos acontecimentos.

O caminho inaugurado por Albertina de Oliveira Costa permitiu, pela primeira vez, que ações, sentimentos e sonhos das participantes de diferentes organizações de guerrilha pudessem ser conhecidos, democratizando o conhecimento e as interpretações sobre o passado. Mais do que complementar o que seria também experiência masculina, a história oral de vida dessas mulheres foi o meio pelo qual elas puderam expor e avaliar os conflitos com seus companheiros, a hierarquia de poder entre os gêneros dentro das organizações e o descompasso entre o ideal feminista e a concepção política da esquerda brasileira. Com o estudo em torno da memória, a história oral teria iniciado sua contribuição no alargamento sobre os significados e efeitos da violência perpetrada pela ditadura sobre diferentes setores da sociedade brasileira. Ampliou-se a noção de sujeito histórico, não mais entendido de forma universal, mas humanizado por suas subjetividades e singularidades sexuais, étnicas e sociais.

Outros trabalhos de história oral com mulheres se seguiram ao de Costa, procurando ouvir os relatos daquelas que ousaram pegar em armas e lutar contra o regime. Considerando que as mulheres sempre estiveram à sombra dos acontecimentos, Elisabeth F. Xavier Ferreira entrevistou treze participantes da guerrilha em diferentes agrupamentos, a maioria tendo sido presa e torturada, buscando compreender suas origens, motivações e trajetórias dentro do movimento predominantemente masculino.

⁹³ A Comissão da Verdade foi nomeada pela presidente Dilma Rousseff no dia 10 de maio de 2012 e foi composta por sete integrantes: o advogado José Carlos Dias, o então ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Gilson Dipp, a advogada Rosa Maria Cardoso, o procurador da República Cláudio Fonteles, a psicanalista Maria Rita Kehl, o advogado José Paulo Cavalcanti Filho e o professor Paulo Sérgio Pinheiro.

Apesar de manter o anonimato das entrevistadas em seu livro *Mulheres, militância e memória* (1996), Ferreira tratou das feridas da memória coletiva, antes ignoradas, colaborando para que as narradoras pudessem olhar a si mesmas e para que suas versões pudessem ser partilhadas e reconhecidas.

Para a autora, a escolha política e/ou pessoal dessas mulheres lançou-as dentro do campo bipartido de ação política, engajando-se voluntariamente em uma luta radical de enfrentamento ao governo militar. Insurgiram-se de forma consciente ou não, contra os princípios da hierarquia de gênero de sua cultura, antecipando-se ao movimento feminista pela prática e não pela teoria, além de reconstruírem sua identidade contra os estigmas criados pela memória hegemônica do Estado militar. Ao valorizar as histórias de vida de suas entrevistadas, Ferreira colaborou para desmistificar a luta armada como história masculina e demonstrar as relações de hierarquia ou de solidariedade entre os gêneros.

Ana Maria Colling, em sua obra *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil* (1997), procurou compreender como a repressão criou pelo discurso o conceito de “mulher subversiva” para designar as guerrilheiras. Ao entrevistar seis delas, mostrou como elas viam a si mesmas ao se engajaram nas diversas organizações clandestinas existentes no país. Colling observou que a entrada delas no espaço político, marcado pela diferença de gênero, produziu uma série de desvios quanto à conduta feminina, rompendo com o imaginário de mulheres recatadas.

As narrativas de suas entrevistadas, que foram presas e torturadas, revelaram o quanto para os órgãos da repressão a militante representava subversão, e por isso deveria ser controlada e enquadrada.

Para a repressão, a mulher militante será definida sempre como —puta comunista—. É Simone quem afirma; “eles usam uma expressão que é constante, eles não usam o teu nome, eles usam sempre —puta comunista—”. A imagem da mulher como anjo ou demônio está muito presente. O anjo corporificado em Maria, pura e santa, é a mulher tradicional, a mãe assexuada, restrita ao mundo privado do lar; e o demônio é corporificado em Eva, que levou o primeiro homem ao pecado, portanto desviante e corrompedora, sexuada e sedutora. É neste segundo modelo que se enquadra a militante comunista (COLLING, 1997).

Ao construir a imagem da militante como desvio, a repressão confirmava o seu oposto: a mulher seria incapaz das decisões políticas e não teria vontade própria. Deveria ser tutelada pelo homem. Nos registros das prisões elas eram sempre

apresentadas como esposas, filhas, amantes e irmãs de homens procurados pela polícia. Não estariam na militância, portanto, por questões políticas e sim por romperem com a moral tradicional.

As entrevistadas mostraram o rompimento com o imaginário sobre a mulher, entrando no mundo dos homens, hierarquizado e preconceituoso. Colling afirmou que, ao mesmo tempo, dentro das organizações armadas, parte delas continuou contribuindo para a desigualdade de gênero. Aceitaram e assumiram o discurso masculino de que o lugar de comando no mundo político – mesmo nas organizações de esquerda – seria reservado a eles.

A questão do consentimento é central no funcionamento de um sistema de poder, seja social ou sexual devendo ser objeto de estudo também a dominação masculina também como dominação simbólica, que supõe a adesão das próprias dominadas a categorias e sistemas que estabelecem a sujeição.” (COLLING, 1997, p.4).

A submissão aos valores masculinos se tornou perceptível em práticas e comportamentos de militantes, que se destituíram de valores considerados femininos e fracos, igualando-se aos guerrilheiros – abrindo mão de relações afetivas, por exemplo – para assumirem postos de comando nas organizações. A diferença de gênero, nesse caso, não seria um valor defendido por algumas delas, considerando que para ser respeitada por seus companheiros – até pelos seus torturadores – elas deveriam agir “como homens”.

O livro *Moças de Minas*, de Luiz Manfredini, que abordou a história de vida de cinco militantes da Ação Popular (AP), de Belo Horizonte, publicado em 1989, e a tese de Doutorado de Olívia Rangel Joffily, *Esperança equilibrada. Resistência feminina à ditadura militar no Brasil* (2005), que analisou a memória de onze mulheres ligadas à ALN, à VPR, AP, POC e PCdoB, contribuíram principalmente com os relatos sobre a tortura e o olhar dos perpetradores sobre a condição da guerrilheira, em abordagem semelhante ao trabalho de Colling. Joffily tratou das ações e prisões dessas militantes e, principalmente, do olhar e tratamento dispensado pelo torturador a elas. O fato de serem consideradas como “sexo frágil” não diminuiu, mas intensificou ainda mais a violência

sobre seus corpos, para reprimir a escolha de terem agido “como machos” ao pegarem em armas⁹⁴.

Joffily teve o mérito de acrescentar às suas colaboradoras uma mãe, que não teria pegado em armas, mas teria se envolvido dando guarida à sua filha, ligada à ALN. A autora fez várias menções a mães e parentes que teriam ajudado seus entes queridos, a partir do que ela pode observar em depoimentos em delegacias, documentos oficiais e reportagens de jornais, sugerindo que novas pesquisas pudessem abarcar essa temática.

Um número incontável de mulheres, talvez milhares, participou de forma ainda mais invisível da resistência, apoiando filhos, pais, irmãos, netos e amigos, oferecendo suas casas como “aparelho”, trabalhando na infra-estrutura, cozinhando, lavando e passando, operando como estafetas, doando dinheiro e bens e, sobretudo, oferecendo abrigo e alento aos que viviam na clandestinidade. (JOFFILY, 2005, p.10)

Foi o que fez, em certa medida, Maria Cláudia Badan Ribeiro em sua tese de Doutorado intitulada *Experiência de luta na emancipação feminina: mulheres na ALN* (2011). Ela buscou ir além da militância dentro dos grupos armados, ouvindo não apenas mulheres que atuaram diretamente, mas também aquelas que agiram nas margens e na retaguarda da Ação Libertadora Nacional (ALN), no que ela chamou de “socorro vermelho” (designação dada por uma de suas entrevistadas), oferecendo casas, remédios, informações e documentações falsas aos membros da organização.

Invisíveis para a historiografia que tratou sobre a guerrilha, elas eram recrutadas majoritariamente entre o movimento estudantil e exerciam tarefas fora da organização, expandindo ideais, tentando ganhar adeptos em seus locais de trabalho, preparando expropriações de bancos, repassando informações. Também hospedavam pessoas, escondiam bombas em suas casas, arriscavam-se. Segundo a historiadora,

Não há no Brasil bibliografia específica sobre esse aspecto, de como a luta contra a ditadura utilizou-se da rede legal de militantes e simpatizantes tendo penetração junto à população economicamente ativa. Não temos, portanto, um número para dimensionar quantas e por quanto tempo essas mulheres desempenharam esse papel, considerando-se também que esse trabalho foi realizado sob nome falso e muitas vezes sem registro em carteira. (RIBEIRO, 2011, p.164)

⁹⁴ Pode-se citar o trabalho de Luiz Maklouf Carvalho, *Mulheres que foram à luta armada*, publicado em 1998. Trata-se de um livro-reportagem, baseado em dezenas de entrevistas realizadas pelo autor com mulheres que participaram de diferentes grupos armados.

Este trabalho, em especial, interessou-me pela proximidade das narrativas das apoiadoras da ALN com as mulheres envolvidas na greve de Osasco, principalmente aquelas que eram donas de casa e não participaram diretamente da organização do movimento, seja estudantil, operário ou guerrilheiro.

Em sua dissertação de Mestrado, *Visões das mulheres militantes na luta armada: repressão, imprensa e (auto)biografia* (2011), Júlia Bianchi R. Insuela preocupou-se em mostrar o imaginário construído sobre a participação feminina nos grupos armados, não apenas por meio das narrativas de mulheres, mas principalmente do registro escrito no período militar. Ela demonstrou como os estigmas criados em torno da mulher, pelos órgãos da repressão, acabaram se reproduzindo na imprensa e até mesmo nas autobiografias publicadas posteriormente por elas.

Mais recentemente, uma coletânea de artigos organizada por Joana Maria Pedro, Cristina S. Wolff e Ana Maria Veiga, procurou contribuir para a discussão sobre as diversas formas de resistência feminina contra as ditaduras do Cone Sul.⁹⁵ As diversas pesquisas enfatizaram a presença das mulheres em manifestações políticas pelos mais diferentes canais: a Igreja, a produção teatral e de periódicos, a luta no campo, o feminismo ou as denúncias de desaparecidos. Um artigo em especial, *Mulheres em guarda contra a repressão* (2011, p.233-258), produzido por Ana Rita Fonteneles Duarte, chamou a atenção para o conceito de “performance de gênero” no intuito de demonstrar a ação daquelas que estiveram pouco presentes no espaço público, mas que foram movidas pelo afeto na luta pela Anistia em 1979. Utilizando a comparação entre as *Madres da Plaza de Mayo*, na Argentina, e o Movimento Feminista Pela Anistia (MFPA), no Brasil, durante o final da década de 70, a pesquisadora procurou brevemente enfatizar o olhar sobre uma estratégia “particularmente feminina”. Dentro do que poderia se esperar das relações de gênero numa sociedade tradicional, as mães teriam construído sua força subversiva contra os regimes autoritários: o uso do papel de cuidadora e mãe para fazer exigências políticas.

Os aspectos do desempenho feminino, destacados e analisados por Ribeiro e Duarte se assemelharam muito ao que considero ter sido a ação da maioria das mulheres osasquenses, durante a greve e no embate à ditadura militar. Com exceção de Ana Maria Gomes, militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), as demais entrevistadas

⁹⁵ *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras do Cone Sul*, Santa Catarina:Mulheres, 2011.

atuaram em espaços e tempos diferenciados da luta armada⁹⁶. Não pertenceram ao “socorro vermelho”, a que se referiu Ribeiro em seu trabalho, pois não chegaram a ser recrutadas pelas organizações nem se envolveram num movimento coletivo. Elas se tornaram ainda mais invisíveis, se considerar todas as camadas subterrâneas e silenciadas pela historiografia e pelo reconhecimento social. Sob a repressão e silenciamento ditatorial; sob os discursos masculinos dos operários, estudantes e guerrilheiros; sob as militantes e as apoiadoras dos grupos armados, lá estavam elas: Sandra e Amira Ibrahim; Abigail Silva, Sônia Miranda, Maria Santana, Maria Dolores Barreto, Iracema dos Santos e Teresinha Gurgel. Mesmo Helena Pignatari Werner e Risomar Fasanaro, professoras, estiveram longe de qualquer militância mais acirrada e aberta contra a ditadura militar. No entanto, suas trajetórias estiveram ligadas ao processo da greve de 1968, em Osasco, e à luta silenciosa, subterrânea, sinuosa, desviante e quase imperceptível em oposição ao regime que atingiu suas famílias e a suas vidas.

Muito pouco se falou sobre elas na historiografia e nos relatos de seus companheiros, mas foi de suas ações que emergiu a coragem afetiva que promoveu transformações subjetivas e coletivas. Grande diferencial que procurei registrar, tornando seus nomes mais do que referências ou breves citações para virarem história, registro e reconhecimento. Penso ser essa a contribuição deste trabalho com relação aos demais já produzidos sobre o movimento operário osasquense em 1968: falar de uma história de mulheres em relação aos homens. Não se trata de uma história feminista, porque entendo que suas ações não se constituíram contra eles, e sim com eles. Por meio da história oral procurei entrelaçar suas experiências às vidas dos homens pelas quais lutaram, demonstrando, como propõem Joan Scott (1990) e Michele Perrot (1995), que os gêneros se fizeram juntos, em colaboração ou em conflito, e não devem ser entendidos como sujeitos isolados uns dos outros.⁹⁷

Dentre as produções que trataram sobre o evento em Osasco, foram raras as passagens que falassem da participação feminina e, muito menos ainda, ao papel de mediadoras que as mulheres assumiram quando o Estado perseguiu, prendeu, torturou e exilou seus companheiros. Ari M. M. Couto (2003) comentou brevemente sobre a

⁹⁶Embora Maria Aparecida Baccega tenha participado ativamente na organização da greve e da guerrilha, sua entrevista não foi explorada nesse trabalho, pois esta apenas se iniciou e não foi concluída por questões de agenda.

⁹⁷ Para elas, o estudo de gênero deve ser relacional, levando em conta que homens e mulheres são constituídos conjuntamente, sem essencialismos, a partir de conflitos, solidariedade, submissão, controle e discursos construídos socialmente.

presença das operárias em apoio aos grevistas na Cobrasma e o fato dos trabalhadores apelarem para que elas retornassem às suas casas, devido ao medo que fossem atingidas pela violência da força pública.

As operárias osasquenses deixaram de ser invisíveis ao processo e passaram a conquistar espaços antes restritos aos homens. Apesar da participação delas em movimentos sociais, como das operárias têxteis e das costureiras serem recorrentes à Primeira República, pode-se dizer que as metalúrgicas de Osasco inspiraram, mais tarde, a participação das trabalhadoras nas greves do ABC. (COUTO, 2003, p.115)

Apesar da colocação relevante do autor, a preocupação em dar realmente visibilidade às mulheres não foi contemplada no livro, não indo além da simples constatação da presença delas no sindicato. Não houve ainda, em nenhum trabalho, qualquer estudo mais aprofundado sobre a experiência das operárias ou de qualquer outra atuação feminina paralela, seja na greve, no movimento estudantil ou no âmbito familiar. Elas continuaram invisíveis para a historiografia. Não foi possível saber, pela obra de Couto, ou qualquer outra, que tipo de contribuição ou influência elas exerceram em 1968, muito menos que inspiração promoveram para as greves realizadas no ABC, nos anos de 1970. É certo também que o pequeno destaque dado a elas pelo autor - mérito dele se comparado às outras publicações sobre a greve - esteve relacionado com o fato de serem operárias e tentarem ocupar o espaço público das ruas ou o sindicato dos metalúrgicos. Os espaços fora do sindicato ou da fábrica continuaram sendo ignorados.

Foram raras as tentativas de ampliar o olhar para além dos movimentos organizados social e politicamente durante o regime militar. Pouco se prestou atenção à grandiosidade de “pequenas histórias” daquelas que não pegaram em armas, por medo, desconhecimento ou opção, e que construíram outras formas de resistência, dores e exílios. As pesquisas desenvolvidas por Ferreira, Colling, Joffily, Manfredini e Ribeiro sobre a participação feminina na guerrilha, direta ou indiretamente, contribuíram para a visibilidade das mulheres no espaço político e público, demonstrando sua coragem numa sociedade conservadora e machista, o que lhes custou serem violadas de forma ainda mais cruel por sua condição de gênero e sua posição política, além de seu silenciamento duplo, como “mulheres subversivas”.

Havia uma dívida, porém, a ser considerada por mim neste trabalho: as mulheres que transitaram entre o público e o privado, permanecendo imperceptíveis socialmente,

praticamente desapareceram dos relatos historiográficos, e seria este o momento de contribuir para o rompimento desta condição, por meio da história oral testemunhal.

Além da militante política e da guerrilheira, seria preciso lembrar as ações femininas na casa, na família, entre o espaço do sindicato e do lar, ou ainda no espaço vazio, da incerteza, do isolamento e do exílio, fora e dentro do país. Os testemunhos das colaboradoras falaram desse lugar específico e não notado da mediação e do transitório, procurando descrever e transmitir o que até então havia permanecido nas memórias subterrâneas sob a história oficializada do regime autoritário e a memória masculina e viril da greve, da guerrilha e da luta política. Suas lembranças permaneceram subterrâneas não no sentido dormente e latente, mas na condição do que Luísa Passerini chamou de *fiume carsico* (rios subterrâneos) ou *memória de cochina*, trocada continuamente nos espaços da casa e da família, e cada vez mais, lado a lado, com seus companheiros.⁹⁸

Diferente daquilo que foi valorizado na disputa pelas memórias sobre o período autoritário brasileiro, elas agiram dentro do padrão ético pautado pela solidariedade e não por serem depositárias de orientações políticas que lhes transformariam em militantes, de cunho marxista, maoísta ou debraísta. Sua ação esteve aquém e além das ideologias políticas, e por isso, talvez, tenham sido deixadas de lado.

Para o estudo das relações de gênero na memória da greve de Osasco, o movimento de “sair das sombras” foi considerado. Ele tratou do deslocamento da ideia de centro e periferia na história, pois as narrativas femininas colocaram em evidência aspectos que não foram considerados ainda sobre o evento ocorrido na cidade. Assim como a memória coletiva dos ex-operários e ex-operários-estudantes colocou suas experiências em evidência e na centralidade dos acontecimentos nacionais do ano de 1968, suas companheiras fizeram-se ouvir e ver. Isso permitiu a elas também olharem-se e descobrirem-se como sujeitos históricos da mesma vivência e deslocarem-se para o centro da história. Tratou-se não somente de tornar as mulheres mais visíveis na história da greve e sim mostrar que ela foi resultado das relações de gênero, de solidariedade, conflito, medos e vontades; exercícios de micro-poderes femininos que se alimentaram e se pactuaram aos homens para resistir ao sofrimento⁹⁹.

⁹⁸ Este termo foi usado e explicado pela oralista no curso *Memória e Subjetividade*, ministrado na Universidade de São Paulo, entre os dias 8 e 10 de agosto de 2011. Para ela, expressaria melhor a memória viva e contínua do que o termo “memória subterrânea”, utilizado por Michael Pollak.

⁹⁹ Parti da ideia de Michel Foucault (1997) de que o exercício de poder se estabelece nas mais íntimas instâncias e que ele não se confunde apenas com opressão, e sim também com a capacidade de resistência

5.2. Tecer a liberdade: as Penélopes de Osasco

Conta o mito grego que, enquanto o heróico Ulisses esteve na guerra de Troia, sua mulher, Penélope, assumiu o lugar de governante da cidade, esperando o seu retorno e provocando inquietações e transformações no sistema vigente. Esperou por longo tempo pelo seu retorno, sem saber ao certo se ele estaria morto ou vivo. Em meio a tribulações, esperou fielmente que este voltasse, resistindo a muitas tentações, a abandoná-lo e se casar novamente, a deixar tudo para trás. Reservada no gineceu, Penélope tecia uma mortalha, que desfiava durante a noite, enganando quem considerasse que ela acreditava na derrota ou na morte de seu amado, prova da afetividade, esperança e resistência feminina.

Penélope. Esta foi a figura que se projetou nas mais diversas falas femininas, ao relatarem sua trajetória de vida, a partir da greve de 1968 e da repressão do regime militar. A memória majoritariamente da luta masculina, já conhecida, não levou a conhecer os acontecimentos do espaço privado. O que puderam dizer as mulheres sobre o significado de tecer e desfazer a submissão ao desolamento, à crença na morte, à longa espera? O que disseram elas sobre as lembranças menos políticas e mais afetivas, ou da emoção feita estratégia política?

Partindo do princípio de que a história dos ex-operários e ex-operário-estudantes já foi divulgada e estudada, mas o modo como as pessoas a conhecem é ainda incompleto – e sempre o será - as “Penélopes” de Osasco deram vida às suas próprias histórias, confirmando ou pondo abaixo muito do dito e principalmente do não dito sobre elas e eles. Amplificaram suas vozes, deslocando-se das margens para o centro das narrativas, mesmo que se referissem aos homens, seus companheiros. Não atiraram os diversos “Ulisses” para a periferia das histórias que contam, pois os admiram. Entrelaçaram os acontecimentos vividos por eles às suas experiências, para preencher os espaços vazios, os silêncios, apresentarem-se e mostrarem que nenhuma história se faz de apenas uma voz, mas de quantas quiserem falar.

A figura grega que vi se desenhar diante de mim enquanto ouvia os relatos femininos, contribuiu para desmistificar o ser naturalizado, demarcado e guardado no

e criação. Não é apenas consentimento e submissão; é múltiplo, positivo e produtor de saberes. As ações masculinas e femininas durante a greve e no enfrentamento ao poder disciplinador do Estado foram formas de rearticulação de poderes e não apenas seu depósito sobre o corpo.

espaço privado, que até então pouco tivera a oportunidade para dizer sobre si, mostrar sua versão. As mulheres, assim como Penélope, recriaram-se na pluralidade das vozes, nas diferentes formas de contar, na revelação de suas subjetividades, rompendo com certa unicidade da voz masculina. A intersubjetividade de sua memória recriou significados e lhes permitiu posicionar-se diante dos acontecimentos, em conexão com a odisseia masculina. A “lenda edificante” que transformou os homens em corajosos guerreiros, em torno da greve em Osasco e da luta armada, só pode se construir junto da saga de suas esposas, mães, amigas e irmãs e sobrinhas. Só na aparência elas ficaram tecendo suas mortalhas e submeteram-se ao destino. À noite, o gineceu se transformava. Quando tudo era desconhecimento, sombra e medo, elas ousaram desfiar o tecido...

5.3. A ignorância ou a invisibilidade feminina

Luísa Passerini, em seu livro *A Memória entre Política e Emoção* (2011), afirmou que a construção da identidade – pessoal e coletiva - é relacional, nunca cristalizada ou determinada, seja natural ou socialmente. Passerini preferiu o termo intersubjetividade à identidade para dizer que cada pessoa se constitui na relação com outras, e que as memórias individuais ancoram-se naquilo que já foi dito e vivido socialmente.¹⁰⁰ Nesse sentido, a identidade de homens e mulheres de Osasco se constituiu e se refez pelo fluxo de emotividades e por uma linguagem coletiva que perpassaram seus relatos. Lembraram a história já contada tantas vezes entre eles, na família, nos mais diferentes encontros e práticas coletivas de rememoração. Os testemunhos foram fruto dessas inter-relações, constitutivas da história recordada coletivamente. Ações e decisões tomadas individualmente, de forma conjunta ou em paralelo, confluíram na luta contra a ditadura militar e na intersubjetividade dos entrevistados.

A participação das mulheres em todo o processo iniciado pela deflagração da greve em Osasco, no ano de 1968, foi fundamental para que os homens pudessem realizar suas ações, seja como operários, estudantes e guerrilheiros; seja como presos ou exilados. Para a maioria das entrevistadas a paralisação iniciada na Cobrasma foi o marco fundador de sua experiência individual de transformação, entrelaçada à

¹⁰⁰ Pela perspectiva da intersubjetividade, o conhecimento depende de outras pessoas numa determinada comunidade, das práticas coletivas a partir das quais se constrói uma verdade partilhada pela linguagem. A intersubjetividade cria o senso de comunhão que sustenta a identidade e os laços afetivos, e permite que o grupo possa inferir sobre crenças, representações e sentimentos alheios.

coletividade.¹⁰¹ Se até então, boa parte delas estava apartada da história pública e majoritariamente masculina, passou a ser inscrita naquele momento ao processo de perseguição e resistência contra o regime. Isso se deveu ao fato de elas assistirem seus entes queridos serem presos, torturados e exilados, além de terem sua vida invadida e devastada pela violência do processo histórico.

As narrativas femininas foram marcadas por três formas de apresentação e posicionamento diante da greve de 1968 e da ditadura: o tempo inicial de ignorância diante dos companheiros mais politizados – posição da maioria delas –; o desenvolvimento de uma concepção de justiça “natural”, nascida da sensibilidade feminina, afirmada por Ana Maria Gomes e Risomar Fasanaro; e a politização assumida por Helena Pignatari Werner e Maria Santana (a primeira devido à escola; a segunda a partir da fábrica).

No primeiro momento, Amira Ibrahim, Sônia Miranda, Teresinha Gurgel, Iracema dos Santos e Abigail Silva colocaram-se como alheias aos acontecimentos, logo que chegaram a Osasco. Apontaram para sua dependência com relação aos homens e tendo suas trajetórias determinadas por eles. A apresentação que Iracema fez de si mesma, depois de resistir tantas vezes em falar, foi significativa quanto ao valor atribuído à sua vida com relação aos irmãos, Roque Aparecido e João Domingues¹⁰².

Meu nome é Iracema Maria dos Santos. Nasci no dia dezessete de novembro de 1936, em São Paulo. Não tenho nem o nome do meu pai. Só tenho o nome do meu marido... A minha história é insignificante perto do que os meus irmãos viveram e fizeram. O João, mais novo, foi assassinado pela Ditadura... Cinquenta e sete dias de tortura... O Roque foi preso e depois banido do país. Ele conseguiu terminar os estudos lá fora e foi o primeiro exilado político que voltou dos que foram banidos. Voltou com a cabeça erguida, enfrentando os militares...

(...) De tudo o que houve na greve, não tive participação. Só fui coadjuvante. Com o golpe militar, em 1964, eu não tinha ideia de aonde tudo ia parar. A arrecadação do ouro... A repressão... Aonde aquilo ia parar?! A gente não imaginou... Imagina, era a retaguarda! Entrei pela “porta do fundo”, não era a linha de frente.

¹⁰¹ Se para os homens houve alguns marcos cronológicos que “fundaram” a coletividade e a centralidade de Osasco, como a morte do operário na fundição, a criação da comissão de fábrica da Cobrasma e a vitória nas eleições sindicais de 1967, ficou claro que na memória feminina há um marco, que atravessou suas vidas e estabeleceu o “antes” e o “depois” em suas histórias: a repressão à greve de 1968. Foi nesse momento que, com a perda e perseguição aos seus companheiros, elas tiveram que criar formas de ação para superar o sofrimento e o abandono. Saíram de casa e tomaram o espaço público; politizaram o espaço privado.

¹⁰² João Domingues era o irmão do meio de Roque e Iracema. Não era operário, mas trabalhava como açougueiro. Militou na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e participou do assalto que os grupos armados fizeram ao carro-forte do governador Adhemar de Barros, para expropriação de dinheiro. Preso, foi torturado e assassinado pela ditadura no ano de 1969, aos dezoito anos de idade.

Iracema chamou a atenção para sua invisibilidade. Uma série de ausências a definiram: o fato de não ter sobrenome, sua falta de participação na greve, sua ignorância quanto ao golpe militar. A insignificância e o papel coadjuvante de “entrar pela porta dos fundos” contrastaram com a importância devida aos seus irmãos, estes sim senhores da história. Seu único orgulho, de início, se dava pelo fato de seu irmão ter sido exilado e voltado de “cabeça erguida”, para enfrentar os militares. Suas palavras vincularam a razão e o sentido de sua existência ao sofrimento de seus irmãos. Na medida em que seu relato foi se desenvolvendo, no entanto, ela se engrandeceu e se mostrou orgulhosa. Acabou construindo seu protagonismo, mesmo que ainda atrelado a eles.

A posição secundária nos eventos e a alienação foram traços também das diferentes narrativas, principalmente com relação à organização operária e ao combate contra a ditadura militar. Sônia Miranda falou de sua submissão à família que decidiu migrar do Paraná para São Paulo, além do fato de ser uma pessoa sem ambições até casar-se com Joaquim Miranda e passar a frequentar com ele a Comunidade de Base.

Eu era aquela pessoa sem muita ambição. Comecei a trabalhar cedo e parei de estudar. Não podia estudar à noite, entende? Vim para São Paulo contra a vontade. Era muito provinciana. (Sônia Miranda)

A dependência com relação aos pais ou maridos foram traços das narrativas de Amira, Abigail, Sônia e Teresinha. O fato de terem que parar de estudar, para trabalhar ou se casarem, imprimiu à sua vida ritmo diferenciado dos homens. Para Amira, a vida doméstica privou-a do mundo do trabalho também.

Na época eu não senti de não ter estudado. Hoje sim, eu sinto. Eu via minhas amigas todas trabalhando, não pensava em estudar, não. Mas todas as minhas amigas estudaram, fizeram faculdade. Eu via elas trabalharem, tinha muita vontade de trabalhar! Eu pedia pro meu pai: “Deixa eu trabalhar!”. Minhas irmãs trabalhavam. Eu pedia pro meu pai, e ele dizia não, que eu não ia trabalhar. Que não me faltava nada e ia ajudar a minha mãe. Eu nunca trabalhei na minha vida! E olha que aqui perto tinha lugar para trabalhar. Tinha o frigorífico Wilson, tinha duas oficinas de roupa. Nossa, tinha mais coisas! Mas ele nunca deixou eu trabalhar fora. E eu me conformei. (Amira Ibrahim)

A relação de submissão ao destino imposto pelo pai foi motivo de restrição ao espaço público. Vivendo numa espécie de clausura com relação ao mundo político, pontuou seu conformismo naquele momento, próprio do que poderia esperar de uma mulher. A família, lugar da vida ordinária, cotidiana não lhe permitiu saber sobre o que ocorria.

A gente mesmo não tinha muita participação política. A gente, eu pelo menos, era um pouco desligada... Quando aconteceu a greve na Cobrasma, aí a gente se alertou! Enquanto havia a ditadura, mas não havia ocorrido a greve, eu não percebia nada! Eu via que era tudo muito restrito, mas eu não me assustava. Lembro que a minha família também, a gente não tinha aquela coisa de falar a respeito. (Amira Ibrahim)

Filhas de famílias originadas na zona rural e sem terem acesso ao estudo, a maioria das entrevistadas teve dificuldades em se adaptar às transformações de São Paulo.¹⁰³ Poucas haviam trabalhado ou continuavam a estudar nos anos que antecederam a greve dos operários em 1968, com exceção para as professoras Risomar Fasanaro e Helena Pignatari. Sônia e Teresinha teriam abandonado o emprego – a primeira na Cobrasma, a segunda na Granada – para se casarem. A passagem pelo mundo do trabalho não significou necessariamente canal de formação política para Teresinha, que aos doze anos parou de estudar para se empregar na fábrica de fósforos. Ao falar sobre isso, ela procurou mostrar sua ingenuidade e as dificuldades em sua infância.

Por muitas vezes, os menores eram fiscalizados e, quando vinha a fiscalização para ver se a gente estava num trabalho muito pesado, ou alguma coisa assim, os patrões colocavam a gente num porão da fábrica. Ali, davam lanche pra gente, davam suco... Quando tinha que fazer hora extra, eu ficava muito feliz, porque lá ia ganhar lanche, ganhar suco. O que não havia na minha casa, tinha lá! Não tinha consciência que estava sendo explorada como criança, que aquele suco era uma exploração, que aquele lanche era exploração. Não só eu, mas também as outras meninas ficavam muito felizes de estarem ali, naquele lugar, trabalhando, muitas vezes até tarde, para poder comer esse lanche e tomar esse suco. A gente brincava na rua, à noite. Não havia brinquedos! Eu mesma quantas vezes fui ao Palácio do Governo buscar uma boneca que era a cara do Adhemar de Barros!! Pensa você, uma boneca que é a cara do Adhemar?! Ele fazia boneco com a cara dele!! (Teresinha Gurgel)

¹⁰³ Sônia Miranda e Iracema vieram do Paraná; Maria Santana de Cabralia Paulista; Teresinha veio da cidade de Xavantes, interior de São Paulo; Abigail Silva nasceu em Presidente Prudente; Maria Dolores migrou de Macaúba, Bahia; apenas Amira Ibrahim nasceu em Osasco, no bairro de Presidente Altino.

A fábrica, para Teresinha, representava a possibilidade de ter acesso a coisas que em sua casa não existiam. Filha de pais analfabetos - o pai era vendedor de bananas e a mãe lavadeira do exército - teve que abandonar cedo a escola devido à dificuldade financeira da família. Além da fábrica, ela vendia banana e foi graças a isso que conheceu seu marido, Inácio Gurgel, e se casou com ele. De sua infância guardou as brincadeiras de rua e o fato de ganhar o boneco do governador Adhemar de Barros, o que contou com bastante humor, demonstrando a percepção do absurdo.

Cumprir horas extras era, para ela, era motivo de alegria, pois assim podia ter acesso ao suco e ao lanche que faltavam em sua casa. Mesmo que isso ocorresse trancafiada no porão da fábrica, lugar de seu isolamento do mundo. O casamento ainda menina com Inácio Gurgel também restringiu sua vida ao mundo doméstico. Quando assistiu às reuniões do marido em sua casa ou no sindicato e com a irrupção da greve, em 1968, e mais ainda com a prisão dele, foi que adentrou no mundo político. Só então, segundo ela, formou sua consciência, do espanto e do esforço de entender o que até então não a havia preocupado: a injustiça. Até então, assumiu a função de esposa e mãe, longe da política, quando brigava com Inácio por ele se ausentar tanto da família para ir ao sindicato.

Nos anos 60, eu não tinha nenhuma consciência de nada que estava se passando, porque era dona de casa, daquela: “Amélia, a mulher de verdade!”, que lavava, passava, cozinhava, cuidava dos filhos. O Inácio estava sempre ausente. Então, eu assumia essa parte dentro de casa. (Teresinha Gurgel)

Insignificante. Coadjuvante. Conformada. “Mulher de verdade”. Adjetivos utilizados pelas narradoras para se autodefinirem num determinado momento de suas vidas. Eles revelaram na memória feminina a percepção de sua submissão, no contexto em que aceitavam a separação quanto às funções dos gêneros e ao espaço público e privado. Sua posição no presente, porém, lhes permitiu apontar para aquela condição de forma crítica. Aquilo que narraram sobre si mesmas não corresponderia mais às suas personalidades. O processo da greve transformou suas trajetórias e, por isso, lembrar como iniciaram suas vidas e se posicionavam diante do mundo foi uma constatação importante, para mostrar como haviam crescido. Condições do mundo feminino antes da greve, a ignorância e o estranhamento, seriam marcas superadas. Por isso seria possível, inclusive, zombar delas.

A ideia de sacrifício feminino seria também parte da memória coletiva dessas osasquenses. Embora não tivessem formado ainda uma narrativa coesa e partilhada quando concederam as entrevistas, suas histórias trouxeram passagens, sentimentos e referências complementares e parecidos. Dentre eles, a vinda para Osasco contra o seu desejo. Se para Sônia, a migração de sua família teria sido uma imposição, assim como a decisão do pai sobre o destino de Amira, para Abigail Silva a escolha de sair de sua cidade teria sido tomada pelo marido João Joaquim, após o casamento.

Quando vim para Osasco, não queria vir! Queria ir pra qualquer lugar, menos pra cá. Não gostava daqui, porque achava aqui muito frio! No interior é muito quente... E também aqui era tudo muito diferente... Foi pesado! Essas coisas de sindicato, de reuniões. Só se falava em reuniões, tudo era reuniões, reuniões... (...) Fomos morar na Vila Isabel, tínhamos alugado uma casinha, que tinha só dois cômodos. O banheirinho era pra fora... A gente tinha dificuldades... Naquele tempo meu marido assumia praticamente a família toda. A irmã dele tinha se separado, tinha trazido as crianças pra cá, e ficamos numa casa pequeninha, sem condições... Um fogãozinho só, um armário... Sabe aqueles caixotes? Nós montamos um armário assim... Uma caminha... E foi assim que nós começamos a nossa vida de casado! Tinha poucos móveis.... E ele já participava com esse pessoal conhecido, depois do casamento, no sindicato. (Abigail Silva)

Abigail Silva trançou as dificuldades econômicas iniciais de seu casamento com a infelicidade que sentiu na época de estar numa cidade em que não queria morar: “foi pesado!”. A referência ao frio remeteu não só à condição física de Osasco, mas às práticas do marido, que ela não conseguia entender, de início. Isso a colocava num estado de limitação e incômodo, pelo fato de João estar sempre frequentando reuniões ou trazendo companheiros para sua casa. A tranquilidade da vida no interior de Presidente Prudente teria sido quebrada pela cidade com a qual não se identificava afetivamente e pela agitação sindical.

E a minha vida foi assim... Uma pessoa do interior, que não conhecia muita coisa, que veio pra cá... De repente começou a ver um monte de pessoas diferentes, tantos acontecimentos diferentes, porque pra mim era tudo diferente! Aquele pessoal que ia em casa, só falava em reunião, sabe? Não tinha outro assunto! Tudo era reunião. E a gente ficava meio pros cantos... Só ficava escutando... Apesar de estar participando, não tinha muito assunto. O que eu ia falar?! Minha conversa era com meu marido, olhe lá quando ele vinha pra casa... Ele ficava no sindicato direto! Eles já estavam preparando o acontecimento da greve, que na época da Ditadura foi muito duro pra nós! Muito duro!... (Abigail Silva)

O sentimento de estar à parte do processo não significou a ausência de vontade em se inscrever no mundo político. Abigail, assim como as demais, apontou para uma limitação condicional que deveria ser superada. Não entendia aquela incursão de desconhecidos em sua residência nem a dinâmica da fábrica ou os problemas “próprios dos homens”. Aos poucos as pessoas ganhariam nome e significado e ela se integraria no decurso dos acontecimentos em Osasco.

Algumas das entrevistadas compartilharam desse estranhamento inicial, enquanto donas de casa, mães e esposas, ao assistirem suas vidas serem “invadidas” por intelectuais, políticos e sindicalistas, constantemente. Seu lar - em especial a cozinha - espaço tão íntimo e familiar, foi transformado em lugar de debate em torno de temas exógenos à tranquilidade da família, por gente fora de seu mundo, com a qual não se reconheciam. De acordo com Sônia Miranda, esposa do diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Joaquim Miranda, a sensação que sentiu assemelhava-se ao espanto de Abigail. Seu marido mantinha contato com os grupos armados e com intelectuais da Universidade de São Paulo. Para Sônia, os “professores da USP” chegavam “sem dar sossego”, para discutir política em sua casa. Sem saber quem eram eles de fato, o que faziam e nem mesmo os seus nomes, ela procurava respeitar o que via, em aparente condição de passividade, mesmo que soubessem tudo sobre sua vida e de sua família, e comessem da sua comida. Para ela, que nada entendia, “parecia uma aventura, uma brincadeira!”.

Certo complexo de inferioridade e ressentimento permeou a memória feminina sobre o tempo em que faltavam palavras e argumentos que tornassem as mulheres visíveis. Sentimento ambíguo, acompanhado do orgulho e do ciúme que nutriam por seus maridos, ao desconforto de lidarem com o desconhecido e se sentirem invadidas. As reuniões, tão citadas por elas, causavam admiração pelo fato de seus companheiros estarem envolvidos em algo grandioso e serem “bajulados” por muitas pessoas, mesmo quando elas não entendiam por quê.

Teresinha Gurgel, esposa de Inácio, recordou que seu marido mantinha longas conversas com seus companheiros e também com políticos da região. O fato de ser diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e, principalmente, fazer parte da Frente Nacional do Trabalho, atraía propostas para que ele participasse do governo local, com grupos mais conservadores. Ela contou, emocionada, uma passagem que presenciou quando foi ele foi procurado por representantes do partido ARENA:

Deixa só eu contar um fato que marcou a vida dos meus filhos! É... O Inácio não foi chamado só uma vez para ser vice-prefeito do Rossi para entrar na política.¹⁰⁴ Não foi uma vez! O Inácio foi chamado muitas vezes, muitas vezes! Numa das vezes que me lembro, veio o Achaud Sanazar; veio aquele Adhemar de Barros Filho, grandão! Uma série de políticos... E a gente tinha a nossa casa, com dois cômodos... Dois cômodos! Dois cômodos, lá e aqui, e a gente dividia com uma cortina a casa: as crianças dormiam de um lado, e a gente tinha a cama do outro.

Na cozinha, nós recebemos esse “povo”. Aí, para chamar o Inácio para ser o vice do Achaud Sanazar - ou do Hirant - ficaram falando com o Inácio, para o Inácio aceitar, para o Inácio aceitar, e ele: “Não, não, não, não, não, não e não!... Não! Não quero! Não quero! Não quero!”¹⁰⁵. E os homens apertando... À noite chegando e os homens apertando... Aí chegou uma determinada hora que eles ofereceram dinheiro: “Damos dinheiro pra você dar o ‘sim’ para nós”. Eu nem lembro, não lembro para dizer pra você quem foi que ofertou dinheiro naquela ocasião. Altas horas da noite já! Já estava noite adentro! Aí, o Inácio falou: “Agora que eu não quero!”. Abriu a porta e falou que a porta era a serventia da casa. E tocou os homens daqui de casa! O Silvio, nosso filho, era garoto, e abriu a porta do quarto: “Pai, por que o senhor fez isso? Aí, eu ia ter uma ‘bicicreta’, pai! Se o senhor tivesse aceitado o dinheiro, eu ia ter uma ‘bicicreta’!”. E isso era altas horas da noite, não era hora de criança estar acordada!

O Silvio nunca esquece disso. Nunca! E isso me emociona até hoje!...

A indignação que sentiu diante daqueles homens colocava-a frente a um cenário que ela ainda desconhecia, mas que já a iniciava no mundo bipartido de “corruptores e honestos”. A recusa de seu esposo em ceder àqueles homens foi lembrada como fato marcante em sua vida e familiar. As menções feitas à condição da casa, com dois cômodos, e ao apelo ingênuo do filho por uma bicicleta, evidenciaram a dignidade masculina do operário, esposo e pai. Lembrança que se perpetuou para os filhos, pela história constantemente recontada como exemplo de probidade e integridade.

A relação das colaboradoras com o mundo masculino teve efeitos transformadores em suas vidas. Aos poucos, suas histórias indicaram que as fronteiras entre os espaços públicos – da rua, do poder institucional, dos homens – e privados – da casa, da família e do íntimo – foram sendo diluídas. Eles se interpenetraram, num processo irreversível. A atividade política ou sindical de seus companheiros evidenciava para elas a pequenez feminina. Isso forçou, necessariamente, que procurassem compreender a lógica de tudo o que viam e procurassem se inscrever nos

¹⁰⁴ Francisco Rossi foi prefeito de Osasco por duas vezes, pela ARENA, partido do governo militar. Tinha sido estudante de direito, de caráter conservador politicamente.

¹⁰⁵ Hirant Sanazar, também membro da ARENA, foi o primeiro prefeito de Osasco, após a emancipação, em 1962.

acontecimentos. Para Risomar e Sônia, esse deslocamento inicial para o mundo da política se deveu, em parte, a eles:

Quando me casei, a chapa do sindicato estava se formando. E os companheiros iam à minha casa fazer reunião, escondidos da vizinhança. Nos saraus, o Barreto tocava e todos cantavam. Fazíamos fogueira, pipoca, discutíamos sobre o Vietnã... Embora eu lesse, não sabia onde era o Laos, Shangai, Formosa. Na Guerra do Vietnã, morreu o irmão de um dos padres. E nessa conversa, não sabia a capital da China. O Joaquim ficou muito injuriado. Chegando em casa, falou: “A partir de agora você vai estudar, vou comprar a revista Realidade e o jornal Estado de São Paulo para você se inteirar. Dou o prazo de um ano para ficar em dia com o mundo”. (Sônia Miranda)

Para esse período da história da minha vida, em 68, é fundamental essa pessoa, que era um homem extremamente inteligente. João Canaúba! Cursava Física na USP e comecei a namorá-lo quando estava começando o curso de Magistério no Anhanguera. Então, como ele estudava lá na Maria Antonia, eu ia com ele nas reuniões, aos atos, às passeatas, a tudo. Ele começou a incentivar isso, cada vez mais, emprestou os princípios filosóficos de Politzer, que eu li. Era ligado à Linha Chinesa, aí trazia aqueles livros da Linha Chinesa pra eu ler... Já comecei a me encantar com Guevara, Fidel Castro, essas coisas... (Risomar Fasanaro)

O acesso aos livros e leituras tributados pelas narradoras a eles, no entanto, não seria nada ainda comparado ao que teriam que fazer com a greve de 1968. Cientes desse percurso que as engrandeceu, elas mostraram como se empoderaram a partir dali e até ultrapassaram seus companheiros:

Olha só, eu não sabia muita coisa. Até achei engraçado porque, depois, me instruí tanto que fui viajar pelo mundo todo e ele ficou pra trás!! (Sônia Miranda)

Da década de 60 até a última passeata das “Diretas Já”, acredito não ter perdido um só movimento. Nenhum, nenhum, nenhum! (Risomar Fasanaro)

As falas foram expressões de que assumiram a história e sua própria transformação, resultado do longo processo que se iniciou na ampliação e interação do “mundo de fora” com “o mundo de dentro”. Como afirmou Michelle Perrot (2001), essas esferas não seriam fixas e determinadas, mas construídas historicamente. As colaboradoras mostraram o trânsito que realizaram entre um e outro e como foram afetadas pela política em suas vidas particulares.

Mesmo apresentando-se inicialmente em posição de cumplicidade aos seus companheiros, elas não seriam passivas e nem se deixaram permanecer de forma

invisível. Mostraram onde estavam e como começaram a caminhar em direção a eles e à sua autonomia.

Esse processo vivido por elas vai ao encontro do que disseram Scott (1990) e Perrot (2001) sobre o fato de as relações de gênero serem afetadas pelas condições históricas, jamais fixas ou essencialistas. As entrevistadas transpuseram a condição de isolamento no mundo privado, transformando também os homens.

As trajetórias de vida mostraram que “estar à parte” era uma condição social provisória, não biológica, ultrapassada pela experiência de aproximação entre o espaço privado e o mundo político. A casa tomada pelo debate público rompeu a fronteira que as colocava nas margens e levou à sua inserção. Mais tarde, inversamente, elas levariam o mundo feminino ao espaço público. Como afirmou Michelle Perrot (2005), o exercício de poder não se limitou a uma geografia, e as mulheres avançaram nas fronteiras, astuciosamente usando as armas que lhe deram: sensibilidade e coração.

A inclusão política, gradativa, das mulheres osasquenses se deu por vários meios. Pelas instituições formais, como para Maria Santana, que participou da comissão de fábrica e da Frente Nacional do Trabalho, e Ana Maria Gomes, envolvida no movimento estudantil, sindical e, mais tarde, armado. Pela vivência na própria casa, pela igreja a quem recorreu nos momentos de medo, pela ocupação do espaço proibido das delegacias, mais tarde. Algumas delas consideraram que já traziam em seu íntimo certa sensibilidade para perceber as injustiças. Diferente daquelas que se viam apartadas da política, no início, houve entre as entrevistadas aquelas que acreditaram que essa qualidade é que teria colaborado para sua atuação política, de forma ativa, depois da greve.

Risomar Fasanaro e Sandra Nogueira apontaram a origem de sua sensibilização ainda na tenra idade, na convivência familiar e na vizinhança, mais politizada ou não. Ela teria se desenvolvido pelo vivido, sentido e observado, se delineado muito antes de ingressarem no mundo adulto, atribuindo sua leitura de mundo à infância, aos pais ou à formação religiosa. Elas atribuíram sua preocupação com as pessoas e seu senso de justiça ao contato com a própria vida. A indignação não teria nascido da militância política e sim a antecedeu, alimentou os seres políticos que seriam futuramente, e o que continuaram sendo. De alguma forma, a família também colaborou para a sensibilização delas diante da desigualdade. Para Sandra, a convivência com seu tio José Ibrahim, desde que os dois eram meninos teria desenvolvido nela a curiosidade pela política, já

que ele estava envolvido com pessoas ligadas ao presidente João Goulart e pelo fato dele sempre trazer livros para casa.

Nós crescemos juntos. Sabe, pra mim é como se fosse um irmão mais velho. E ele também era muito agarrado com a minha mãe e com a minha tia Amira. Nós somos muito ligados! (Sandra Nogueira)

José Ibrahim seria modelo e inspiração para Sandra. Sua sensibilidade teria origem afetiva. A admiração por ele, a convivência desde a infância e a observação de sua prática política aguçaram nela o interesse por aquilo que acontecia fora do lar.

(...)Às vezes ele trazia papéis, livros... Mas em casa sempre teve livros. Minha avó lia muito, a gente lia bastante. Muito! Ele trazia, mas escondia... Lembro que era muito curiosa e ficava lendo os livros da minha avó. E lembro muito bem que queria pegar alguns livros dele e ele falava: “Esses livros ainda não são para você. Mais tarde você lê”. (Sandra Nogueira)

Sandra fez questão de mostrar sempre sua estreita relação com seu tio, além de enfatizar o papel de sua avó, pessoa diferenciada, que dava importância aos estudos e teria, mais tarde, defendido a soltura de Ibrahim nos “anos de chumbo”. A afetividade e o conhecimento teriam sido, para ela, fundamentais para a coragem que desenvolveu, forçosamente, para enfrentar autoridades em busca de informações sobre ele, depois de sua prisão.

Para ela, que não tinha clareza política sobre o que significava ter alguma posição de “esquerda”, havia uma noção de solidariedade, originada na observação e convivência com a vizinhança.

Minha noção era de ser de esquerda era uma pessoa que lutava para que não houvesse miséria, para que não houvesse pobre, entendeu? Tinha muita pena de ver pessoas mais humildes, sem condição financeira. Estudava no Colégio Estadual Frei Gaspar e tinha muitas amiguinhas que moravam no cortiço. E tinha muita pena! Tinha muita pena de ver famílias! Embora nós fôssemos pobres, de família operária, a gente tinha uma situação muito boa. (Sandra Nogueira)

Esse sentimento de solidariedade teria sido aguçado pela convivência com seu tio e pelo acontecimento da greve, inserindo-a definitivamente no mundo mais politizado, e exigido dela, junto de sua tia e de sua avó, a criação de mecanismos para lidar com o mundo dos homens.

Risomar Fasanaro, que era professora e participou do movimento estudantil osasquense, encontrou em sua infância em Jaboatão, Pernambuco, e depois, no bairro de Quitaúna, em Osasco, as raízes de sua indignação social.

Nessa época começou a germinar em mim o sentimento das diferenças sociais. Na Vila dos Oficiais, os garotos e as garotas tinham direito a tudo: tinham piscina, tinham campinho de futebol, de vôlei, de basquete, de tudo. No cinema, o local privilegiado era a parte superior, eles ficavam lá. E eu morria de curiosidade de saber o que era entrar numa piscina, o que era jogar basquete, jogar vôlei, nadar, e ir lá pra cima. Aqui no sul é completamente o inverso, né? A parte nobre dos cinemas, pelo menos enquanto havia aqueles grandes cinemas em São Paulo, era na parte térrea. (Risomar Fasanaro)

A percepção do mundo hierarquizado e excludente nos espaços cotidianos, desde menina, a teria preparado para envolver-se nas manifestações de ruas em Osasco e apoiar a greve. A existência de uma ponte que separava o bairro onde morava, marcava a divisão entre o que era permitido e o que era proibido aos ricos e pobres. Seu pai, que era sargento do exército, porém defensor do presidente João Goulart, também seria responsável pelo desenvolvimento do espírito crítico.

A revolta contra a pobreza e a desigualdade, enfatizada por ela, pareceu surgir também do atributo feminino de cuidadora. Isso pareceu ficar mais claro quando Risomar narrou sua “estreia política”, a partir da defesa de um sorveteiro contra a violência policial e a humilhação feita a ele por meninos, o que foi presenciado por ela quando era adolescente.

Quanto eu devia ter uns quatorze anos, passou um sorveteiro bêbado na rua e as crianças, aproveitando disso, pegaram o carrinho dele e começaram a pegar sorvete, a jogar sorvete no chão, a empurrar o homem, a xingar, aquela coisa toda, e é claro que o sorveteiro revidou! Quando ele começou a revidar e a xingar as crianças, veio o pai de uma delas que era um guarda civil, policial, não sei, era uma pessoa de segurança... Foi lá e começou a bater no sorveteiro e eu saí correndo de casa! Foi na frente, exatamente na frente da minha casa! Saí correndo e fui pra lá! Era ainda pequena, tinha uns quatorze anos, sei lá!... Hoje analiso isso, na época não tive consciência... Tinha um morrinho assim, a rua não era asfaltada, tinha um morrinho... Eu subi no morrinho e fiz um tremendo de um discurso!! Era uma sexta-feira da Paixão. Apelei para esses sentimentos cristãos: “São vocês que vão hoje à missa, são vocês que estão sem comer carne hoje!”... Não sei o que estudava no colégio de freira, tinha todo aquele discurso cristão... “Faz uma coisa dessas com um coitado que está bêbado!”... Não sei o que falei. Falei, falei... Nessa hora o homem baixou a cabeça e foi embora e as crianças foram todas embora. O Quilômetro Dezoito todo nessa hora saiu nas portas, aquela gritaria, aquela coisa, foi todo mundo nas portas pra olhar! Acho que essa foi minha grande estreia política e eu tenho um grande orgulho disso!

Por isso que faço questão de contar porque acho que ali marca que tipo de pessoa que eu era, de que lado que eu estava. (Risomar Fasanaro)

Risomar falou desse passado com orgulho, pois marcou o que ela seria no futuro. Sua ação política teria sido motivada espontaneamente por sua compaixão diante do injustiçado, do pobre. A vivência que teve nos anos 60, graças ao seu marido João Carnaúba teria funcionado como canalizadora dessa subjetividade para a atividade pública. Ao contrário de mostrar-se submissa, ela fez questão de evidenciar que já traria em si o gérmen de sua indignação, demonstrando de que lado se encontrava desde o começo.

Para Ana Maria Gomes, a influência de seus pais teria sido fundamental para o aguçamento de sua sensibilidade que, segundo ela, já existia de forma intuitiva. O pai chamava a atenção para os “tubarões”; e a mãe não se conformava com a elitização da Igreja, com a ideia de inferno destinado aos pobres. A família subsidiou a formação de sua personalidade indignada:

Lembro que a minha vida foi marcada por certa revolta contra o destino desde o começo. Então, às vezes, me lembro dessa revolta, e o interessante é que sempre voltada para as mulheres! Recordo que com doze ou treze anos já brigava com um tio, com uma tia, porque não deixavam a filha sair de casa. Sempre tive um espírito meio revoltado, sabe, nunca podia ver uma injustiça sem protestar, nunca! Isso era até em casa, quando meu irmão apanhava, eu corria lá para defendê-lo.

Meus pais achavam que a gente tinha que ter uma educação religiosa. Tinha que ir todo domingo à escola dominical da Igreja Presbiteriana. Mas minha mãe não ia, porque ela achava que tinha muita ostentação, de joia, colares de ouro por parte das damas da Igreja. Achava que era o fim da picada a mulher do pastor! Ele, falando que quem não fosse à igreja ia para o inferno, enquanto a empregada da mulher do pastor ficava fazendo comida, limpando a casa...

Então, quer dizer que a empregada podia ir pro inferno?! (Ana Maria)

Ana Maria, que atualmente apresenta-se como feminista convicta, fez questão de apontar para seu perfil sensível contra a injustiça e pela defesa das mulheres. Seu modo de ver o mundo justificou a militância exercida nos grêmios e no teatro estudantis, junto ao irmão, e na greve de Osasco, de onde partiu para a luta armada.

Nesse momento, cabe destacar o relato de Maria Santana, que conduziu sua trajetória de forma mais desviante e discordante com relação às demais mulheres. Como operária, atribuiu sua formação política à sua experiência como operária em fábricas da capital paulistana, antes de se tornar cozinheira na Cobrasma. Criada pela avó no

interior de São Paulo, pessoa a quem admirava por sua sensibilidade como parteira e benzedeira, ela migrou ainda menina para São Paulo a fim de viver com tios no Bairro do Belém. Sua rebeldia foi apontada por ela nesse momento pelo fato de, sendo católica, nunca ter aceitado a formação protestante de seus parentes. Mais tarde, foi morar num cortiço, onde manteve contato com imigrantes, importantes para sua politização como operária:

Conheci pessoas muito interessantes! E eram militantes! Já naquela época eu participava de greve. Olhava a cavalaria quando os operários entravam em greve... Avisava as pessoas do bairro quando ocorria a morte de um companheiro. As fábricas liberavam, e eles iam de terno e chapéu. Quando olho aquelas fotos antigas, me dá uma saudade!! No Primeiro de Maio, eu morava no Belém, o pessoal saía da Penha! Os operários!...

Comecei cedo a minha luta. Amadureci muito, mas meu lado criança se revelava quando tinha chance! Lembro que trabalhava das cinco a uma da tarde. Chegava às dez da noite. Quando chegava, na rua tava cheio de meninada, brincando de taco, de pular corda... Eu falava assim pra elas: “Enquanto a gente brincar, não chamem meu nome”. E elas não chamavam. Porque se o senhor Ricardo, com quem eu morava, ouvisse, eu tinha que entrar, entende?

Lembro que com treze, quatorze anos, comecei a me privar de fazer coisas que não podia fazer. Eu não podia fazer... Agora, podia sair às quatro e meia pra trabalhar?! Olha a contradição! (Maria Santina)

Santina falou de suas privações quando menina, a perda da infância, vivida no final da noite, depois do trabalho, assim como Teresinha. As caixas onde também era escondida permitiram momentos de prazer, pois era lá que lia livros e conversava com um amigo. A presença dos imigrantes em sua vida, no entanto, foi importante por ela para que percebesse a contradição de sua situação de criança trabalhadora, tendo que encontrar tempo para as brincadeiras de rua, praticadas sorrateiramente.

A experiência na fábrica, convivendo com os embates operários, significou o aprendizado que a levou mais tarde para a Juventude Operária Católica (JOC), a Frente Nacional do Trabalho e a fábrica da Cobrasma, forjando seu espírito independente e crítico com relação aos homens, norteador de seu discurso.

Eles viviam falando com a Albertina¹⁰⁶. Ela ficava doida com eles. E eu dizia: “Esses peões são tudo uns filhos da puta! Acham que são macho só da cintura pra baixo!”. Não é?! Quando um companheiro vinha, eu falava: “Eu quero um homem, só que “daqui pra cima”! Não quero um homem só “da

¹⁰⁶ Maria Santina morou algum tempo com o casal Albertina e João Cândido, principalmente quando trabalhou na Cobrasma. Junto com Albertina, fazia reuniões de conscientização com as mulheres nas igrejas, durante a greve.

cintura pra baixo”. O problema é “daqui pra cima”! Minha avó já me dizia: “O negócio é aqui em cima!”. Você mede a pessoa daqui pra cima. Não mede mais nada!

(...)As pessoas achavam estranho pegar o trem, o ônibus. As pessoas ficavam espantadas de eu pegar o ônibus e o trem. E eu achava muito engraçado! Eu conversava com os companheiros na fábrica, eles me provocavam muito, mandavam beijinho!! Olha, não é feminismo, mas eu acho homem muito... A vida é contraditória e antagônica mesmo! Mas eles eram tão provocadores!

Ao contrário de Teresinha e das demais mulheres, a colaboradora procurou chamar a atenção para o fato de estar à frente de seu tempo, como mulher, andando sozinha para os diferentes lugares e respondendo aos companheiros de fábrica. Fez questão de assumir sua postura irreverente diante do mundo masculino, falando das provocações feitas aos colegas e de seu olhar seletivo e debochado diante deles (“machos só da cintura pra baixo”). Num contexto de conservadorismo moral, procurou enfatizar que não era submissa a eles, não tendo se casado para manter-se livre, independência que se refletiu em sua atuação e questionamento sobre a greve de 1968, discordando de seus colegas e pontuando seus erros na condução da comissão de fábrica.

Em sua narrativa reforçou que os embates ideológicos eram constantes entre ela e os homens, principalmente aqueles ligados ao Grupo Osasco, tomados por postura arrogante. Sobre as reuniões em torno das reivindicações trabalhistas na Cobrasma, Santana fez questão de evidenciar sua coragem para falar contra os patrões e desafiá-los, quando seus colegas queriam que ela se calasse:

Eu falava sobre tudo isso! E os companheiros me chamavam a atenção: “Você não devia ter dito isso, não devia ter dito aquilo”. Mas quem ia dizer?! Tem que dizer!

(...) As pessoas ficavam falando de mim. Nunca me preocupei em falar sobre os outros. Eu dizia: “Quando alguém fala de mim, não fico questionando a pessoa. Quero saber do fato!”. E batia na mesa, intimava! Quase não tinha conflito, porque eles me evitavam muito. (Maria Santana)

Suas críticas mais enfáticas recaíram sobre as atitudes dos companheiros, consideradas como falta de compromisso quanto ao tempo em que deveriam se dedicar a representar os colegas de fábrica:

Então, quando começava a reunião... Imagina uma reunião de comissão de empresa!... Vinha o garçom... Vinha o garçom servindo água, depois vinham servindo o cafezinho, depois começavam a discutir futebol... Uma vez falei

pra eles que não era certo isso... Porque você aprende o que é a exploração no processo de trabalho. E como eu dizia, quando a gente discutia essa relação entre trabalho e capital, se você faz corpo mole com o colega que está trabalhando com você, é um processo de exploração mais filho da puta do que o do seu patrão! Porque é a classe explorando a própria classe! Porque quando o patrão explora é luta DE classe, quando é o trabalhador, é a luta NA classe! E nós estávamos ali tomando café e falando de futebol! (...) Eles ficavam danados comigo! Que eu não devia estar dizendo essas coisas pra eles! (Maria Santana)

O medo dos colegas ao enfrentar os patrões, inclusive durante a greve, foi evidenciado por ela, que se mostrou mais corajosa e consciente que eles. A preocupação em se distanciar da postura de outras mulheres, a quem inclusive ela ajudou a conscientizar por meio de reuniões durante a greve, assim como mostrar-se insubmissa e crítica aos homens, foram marcas que Santana insistiu em deixar, rompendo com o binarismo dos gêneros. Dentro das redes femininas, sua narrativa marcou o desvio mais claro, a dissonância na memória coletiva osasquense.

Além de seu posicionamento como mulher, ela ainda se colocou politicamente contra a participação dos estudantes na greve, desconstruindo o heroísmo da esquerda no movimento que atingiu Osasco em 1968. Sua fala apresentou-se ressentida com relação aos desvios que a militância do Grupo de Osasco provocou no encaminhamento da greve:

Quando é que estudante levanta cedo, faz hora extra, mora lá na puta que o pariu?! Vai de bicicleta ou vai a pé trabalhar?! Você está entendendo?... Alguns estudantes que eram operários eu respeitava... O Barreto... Naquela época, eu tinha o maior respeito do Barreto. Só que ele morreu, né?... Ele foi muito respeitoso! Ele foi muito respeitoso... Com o Barreto você podia conversar a qualquer hora. Ele era completamente diferente dos outros! (...)Os imigrantes já diziam pra tomar conta com os estudantes no Brasil! É verdade! Os estudantes vêm de qualquer lugar. Eles brigam na hora porque eles querem as coisas pra eles. Depois que eles se formam, arrumam um lugar, eles se desviam. Todos esses patrões que estão aí foram estudantes... É isso! (Maria Santana)

A memória individual de Santana, construída a partir das referências e lembranças do grupo, referiu-se a um ponto de vista discordante sobre a memória coletiva, o que significou estar em constante negociação com a coletividade. Ela é exemplo também de como não é possível esperar dos gêneros uma postura naturalizada

e fixa, pois mostrou ser a contradição do que se esperava da mulher na década de 60, fugindo do discurso social que deveria domesticá-la¹⁰⁷.

As entrevistadas, de diferentes formas, traçaram suas trajetórias individuais antevendo e entrelaçando suas experiências ao que viria ser o grande marco divisor de suas vidas, a greve de Osasco e, principalmente a repressão a ela. Foi importante que buscassem em seu passado a origem de seu comprometimento social e político para se colocarem como protagonistas da história, ao lado dos homens.

Cada uma delas se posicionou diante da memória coletiva, procurando dar sua contribuição individual, indicar o momento de sua entrada na história, a partir dos homens ou além deles. Suas diferentes narrativas permitiram que se falasse de uma identidade que se construiu na multiplicidade de vozes e experiências que convergiram no evento da greve, se alimentaram, mas não se tornaram representantes de uma mulher única. A ideia universal do feminino – submissa ao homem e dele dependente, situada do lado de fora do mundo público, alienada – fragmentou-se em muitas imagens e experiências, apresentadas pelas narradoras¹⁰⁸.

Nessa perspectiva, a memória feminina – ou as memórias, para Adriana Piscitelli e Suely Koffes - ressaltou a importância dos homens que foram apresentados por algumas colaboradoras como condutores de suas histórias, mas sem deixar de mostrar os limites dessa condução¹⁰⁹. A partir do momento em que elas passaram a caminhar autonomamente, pela força das circunstâncias, saíram de sua condição de subalternidade e construíram a si mesmas. Elas ressignificaram o cotidiano, a política e a subjetividade.

5.4. Do medo ao jogo de gênero: a luta das mulheres

A reconstituição da história individual e coletiva das mulheres, no contexto da ditadura militar em Osasco, demonstrou o quanto a sua condição de gênero não era um dado natural ou permanente. Até o momento da greve, a maior parte delas tinha assistido, à sua revelia, aos seus maridos protagonizarem reuniões junto de estranhos,

¹⁰⁷ Isso demonstra o que Joan Scott (1990) procurou defender a respeito do conceito de gênero, enquanto construção relacional e discursiva, sem coincidir necessariamente com a ideia de sexo.

¹⁰⁸ A categoria gênero, usada primeiro para analisar as diferenças entre os sexos, foi estendida à questão da “diferença dentro da diferença”. (Scott, 1992:87).

¹⁰⁹ A perspectiva de gênero entendida como multiplicidade de experiências seria o ideal, segundo as autoras, quando se fala de memória de mulheres. Assim como os conceitos de homem e de mulher não seriam universais, não existiria a ideia de uma memória, e sim memórias.

invadindo o espaço da cozinha, antes íntimo e familiar. Ou observava como cúmplices passivas seus irmãos, tios e amigos envolverem-se na organização do sindicato ou da atividade estudantil.

Se havia estranhamento e incômodo até aquele momento, logo que a greve aconteceu e a repressão atingiu os trabalhadores, elas sentiram o impacto e os efeitos daquele processo de forma avassaladora. As prisões de seus companheiros e o desaparecimento deles imediatamente atingiram o cotidiano da família e a segurança que ela poderia representar.

Nesse momento, foi possível perceber o movimento duplo de exclusão e interação que elas trilharam: sua condição de gênero, que as apartava da vida pública, passou a ser o instrumento pelo qual se inscreveram na luta de resistência contra a perseguição e a exclusão políticas promovidas pelo regime. Elas se inscreveram, paradoxalmente, no momento de exceção.

A constatação de que o espaço privado não é a ausência do político modificou a ideia de que tenha havido um centro (masculino) e uma periferia (feminina) nas ações que se construíram a partir do movimento operário em Osasco. Se os homens buscaram colocar-se na centralidade da história, onde localizar as mulheres osasquenses? Para a memória feminina, como se deslocaram do lugar destinado a elas socialmente? Que estratégias foram apresentadas por elas para enfrentar a ditadura e lidar com o trauma? O afeto, apresentado por parte das narradoras como definidor de suas ações, poderia ter transformado a política na luta com e pelos homens?

Em primeiro lugar, é preciso partir da ideia de que suas experiências não foram reflexo ou espelho dos homens com os quais conviveram. Elas foram e são recriações contínuas, reflexão e devolução. Não partiram de uma essência feminina, tiveram algo das demais vivências e com/contra elas se posicionaram. Elas se tornaram aquilo que suas relações intersubjetivas lhes fizeram ser, em constante processo de apropriação e recriação de si mesmas.

De início, a maior parte das entrevistadas viu sua ignorância transformar-se em medo. Logo que a greve aconteceu e a repressão atingiu os trabalhadores, aquelas que estavam fora da fábrica sentiram-se tomadas de surpresa e incompreensão sobre a dimensão dos acontecimentos.

Quando tudo aconteceu, estourou a greve, eu dizia: “Mas meu Deus do Céu! O que está acontecendo no mundo?! (...) Quando estourou a greve, vi que

aquilo ali que era uma coisa grandiosa, mas não entendia muito bem. Quando estourou tudo, essa greve, foi um choque muito grande pra mim: “Mas o que está acontecendo no mundo?!”. (Teresinha Gurgel)

O espanto diante do mundo e a descoberta do processo avassalador marcaram a memória de Teresinha. A repetição da expressão “estourou” e a entonação de amedrontamento em seu discurso deu à greve uma grandiosidade incompreensível e traumática. Sua narrativa mostrou o momento fundante do trauma feminino: a repressão à greve.

Esse evento desestruturante e assustador se revelou também nas demais narrativas. Por mais que elas tivessem assistidos às reuniões sindicais e políticas, a maior parte das colaboradoras disse não estar preparada para o efeito devastador da repressão sobre os operários, seus entes queridos. Seus relatos percorreram as lembranças de surpresa e de medo diante dos acontecimentos que presenciaram e das notícias que chegavam. Quando narraram sobre esse dia, deixaram transparecer toda a emoção que sentiram com relação à monstruosidade da repressão. A violência que se abateu sobre a cidade de Osasco, no dia 16 de julho de 1968 foi o marco fundador de nova trajetória em suas vidas.

Eu lembro o dia da greve, em que os militares estavam vindo para Osasco... Mas eu achava que eles vinham de caminhão, sei lá de que jeito, de carro... E aí peguei a minha sobrinha, com o radinho de pilha, escutando a confusão, e nós pegamos a avenida que dá para a Cobrasma, a pé, e demos de cara com os brucutus. Três brucutus! Sem exagero. Um atrás do outro, que a rua lá é estreita. Eu falei: “Gente, pra onde vai esse tanque de guerra?!”. Disseram: “Estão indo pra Cobrasma! Estão indo pra Cobrasma!”. Eu corri mais do que eles! Corri! Falei: “Vão pegar meu irmão!”. Mas então, meu irmão não estava mais lá. Mas foi um brucutuzão!.. Três!! Dei de cara com eles... Ali nós percebemos o perigo! (Amira Ibrahim)

Lembro que meu pai chegou de manhã, em casa, dia 16 de julho, dia da greve... Lembro bem disso! Parece que ele tinha ido comprar coisas no Mercado Municipal, e meu pai adorava andar a pé. Vinha de lá da Rua São Maurício, pela Rua da Estação, a pé pro mercado. Ele chegou em casa e disse: “Gente, tá um horror o centro de Osasco! O exército está lá, tem tanque de guerra, tem cavalaria! Tá tudo tomado! Os operários da Cobrasma fizeram greve”. Eu gelei! Eu sabia que os meninos trabalhavam na Cobrasma! A gente sabia que eles trabalhavam lá, que eles trabalhavam... (...) Então, a gente ficou muito preocupada... Claro, era o nosso povo que estava em risco! (Risomar Fasanaro)

A perplexidade diante dos acontecimentos e a preocupação com a vida dos operários foram aspectos em comum na memória feminina. As imagens

marcantes dos brucutus e da cidade tomada pela cavalaria, evocadas por Amira e Risomar, mostraram a violência com que o movimento foi tratado e o pensamento imediato que tiveram sobre o perigo que se aproximava. Amira pensou no irmão Ibrahim, Risomar nos amigos com quem ela convivia nos saraus ou nas manifestações estudantis. A expressão “era nosso povo que estava em risco!” revelou a ideia de pertencimento construída não exatamente pela causa política, e sim pela afetividade e crença de que os homens estavam realizando algo justo, em defesa da cidade.

A brutalidade da ação militar foi ainda mais enfatizada pela menção que Risomar fez a eles como “meninos”, mostrando a desigualdade de forças que se estabelecia ali. Seu pai, sargento aposentado do exército, foi quem lhe deu a notícia, alusão importante na narrativa, já que mesmo sendo militar, ele se colocava contra o golpe dado em 1964 e a mentalidade autoritária da instituição¹¹⁰. Justamente aquilo que ele condenava estava se realizando naquele momento, com seus amigos.

Para Amira, o perigo foi percebido ali, diante dos brucutus. Sem imaginar que seu irmão estivesse envolvido com a luta armada, ela temeu pela vida dele, por ser o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Segundo ela, saber que seu irmão tinha postura de esquerda significava algo de bom, como defender os trabalhadores e os pobres, mas não havia imaginado que isso pudesse provocar a perseguição a ele, até presenciar com a sobrinha, Sandra, aquela cena dos tanques nas ruas da cidade. Aquele foi o instante determinante para ela e Sandra na sua reconstituição como mulheres. Ela, em especial, que estivera alheia ao significado do golpe militar de 1964, sentiria com a prisão de seu irmão Ibrahim o rompimento da segurança de sua família e a ameaça sobre seus amigos, uma vez que a possibilidade da violência e da perda deles se revelava iminente. Sua residência seria, depois, vigiada pelos militares – figuras estranhas em sua vida até então - e o “conforto” de nada saber sobre política teve seu fim a partir daquele momento.

Abigail, esposa de João Joaquim, estava grávida quando a greve aconteceu. Depois de ele fugir do sindicato e da igreja, após se esconder no

¹¹⁰ O pai de Risomar era sargento do exército e teria sido partidário do presidente João Goulart. Seria tratado carinhosamente pelos soldados, segundo Risomar, por demonstrar respeito pelos soldados e diferenciar-se quanto à disciplina autoritária defendida pela instituição.

confessionário, voltou para casa. A entrevistada descreveu o encontro que tiveram e o impacto em vê-lo nas condições de fugitivo, demorando para assimilar o significado daquela cena do marido chegando pelo portão e de tudo o que se passava.

Logo que aconteceu a greve de 68, foi muito terrível pra mim! Eu estava com o barrigão do meu filho mais velho, de oito meses!! (...) O João, nesse dia que invadiram o sindicato, tinha saído com uma jaqueta, um casacão, e quando ele chegou em casa o casaco não tinha *um* botão! Até hoje chamam ele de “gato preto”! Ele pulou o muro do sindicato e dizem que na outra casa, embaixo assim tinha uma bananeira. Quando eles invadiram o sindicato na Rua Erasmo Braga, eles pularam o muro... A Cobrasma não teve lugar que não pegassem o pessoal, na Braseixos também. O João não tinha um botão, não sobrou um botão!! Todo sujo, caiu no meio de uma bananeira!! Apareceu em casa e falou: “Tô indo embora, não sei pra onde eu vou!”...

Eu achava que a qualquer hora... Na minha cabeça, do jeito que estavam fazendo, ficava desesperada! Imagine a minha cabeça?! Eu pensava: “Meu Deus do céu! Eu, com uma barriga dessas!”... (...) Eu pensava: “como é que vai ficar? E se eles me levarem?”. Pensava que podia ser presa também! Não sabia nem por quê! (Abigail Silva)

O discurso revelou o sentimento de impotência e o desespero diante do risco de sua prisão, além da perseguição a seu marido, sem saber o que estava acontecendo. Sua narrativa revela toda a fragilidade diante da força da repressão. A descrição que fez sobre a blusa de seu marido João Joaquim, esfarrapada e sem botões, traduziu o clima de violência, desestruturação e imprevisibilidade do processo histórico, para o qual ela não havia sido preparada.

Sem saber do que poderia ser acusada, com um filho a caminho, Abigail sentiu sua vida se desarticular. A cidade da qual ela nunca havia gostado, por ser muito fria, havia se tornado também fonte de seu medo e incertezas. A responsabilidade da maternidade, vivenciada quase sozinha por ela enquanto ele participava das reuniões no sindicato ou em sua cozinha, tinha peso ainda maior.

Situação semelhante foi vivenciada por Sônia, que estava grávida e era esposa de Joaquim Miranda, operário também preso durante a paralisação. A notícia das prisões em Osasco haviam se espalhado pelo país, mas ela deu a luz à sua filha no dia em que a greve tivera início, sem saber o que ocorria¹¹¹. O testemunho dela sobre essa

¹¹¹ Vários jornais, na época, noticiaram a greve de Osasco, tais como a *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Notícias Populares*. As fotos de trabalhadores da Cobrasma com a mão na cabeça, sendo

experiência tratou dos mesmos sentimentos de estarecimento e pavor que Abigail sentiu, com o agravante de que ela não chegou a ver seu marido. Com o nascimento da criança, a maternidade fez-se acompanhar da decepção e abandono. Atordoada pela ausência do marido que não vinha vê-la no hospital, sem entender as razões de seu desaparecimento, Sônia sentiu vergonha das enfermeiras e só depois soube o que havia se passado.

A Albertina tinha ido visitar a turma, havia chorado bastante e não demonstrou nada¹¹². Então, chegou meu irmão, com a *Folha de São Paulo*. Peguei o jornal dele e abri! Na contra-capá, do tamanho da página, estava o Barreto algemado. “Mas, como está tudo bem, Albertina?! Olha aqui!”, gritei. E ela falou: “Não se preocupe, não é nada”. Assim, atenuando a coisa...

No outro dia, a mesma coisa: vieram meu cunhado, minha irmã, minha mãe, meu irmão... E o Joaquim, nada! E eu perguntando onde ele estava... “Não sei”, meu irmão falou, “ele e o Negão estão escondidos¹¹³”. Mas o Negão não foi preso, só o Joaquim.

(...) As enfermeiras perguntavam: “E o pai desse bebê, não vem visitar?”, e eu ficava meio chateada...

Quando tive alta, meu cunhado foi me buscar, porque o pai, eu não sabia onde estava... Quando chegamos na Vila Yara, na Lonaflex, dois soldados do exército, estavam na portaria com fuzil. Mais para frente, ficava uma fábrica de aço, a Resistil, a Charleroy... Havia dois soldados na portaria; mais dois onde eram a Ricavel, a Brow Boveri e a Santista. Pensei comigo: “Meu Deus, o que está acontecendo nessa cidade?!”. E meu cunhado, mudo!... (Sônia Miranda)

O silêncio atordoante de sua família, o medo de que algo terrível estivesse acontecendo ao seu marido e a vergonha como mulher, de ter uma filha sem a presença do pai, provocaram em Sônia emoções dilacerantes diante dos efeitos mais longos e trágicos daquelas reuniões que em muitos dias, como Abigail, acostumara-se a assistir ou participar.

A descrição das fábricas de Osasco ocupadas pelas tropas do exército, assim como fizeram Amira e Risomar, mostrou o cenário sinistro de coibição militar e a sensação de impotência que sentiu. A descoberta do que estava acontecendo apareceu

presos, ou do operário José Campos Barreto sendo algemado estamparam a primeira página de todos eles no dia seguinte à greve.

¹¹² Albertina Cândido, esposa de João Cândido, também preso no dia da greve, atuou ativamente na mobilização das mulheres depois da greve, fazendo reuniões de esclarecimento na igreja e no sindicato. Referência para várias mulheres, ela pouco quis falar de sua participação na entrevista que me concedeu ao lado do marido, em 2008.

¹¹³ “Negão” era o apelido pelo qual era chamado João Joaquim, pelos companheiros de fábrica.

em suas palavras como uma missão dolorosa, quase solitária, que coube a ela protagonizar.

Sua história, como a de outras esposas, apresentou o constrangimento quanto ao destino que lhe foi imposto pela militância política de seu marido. A condição da maternidade e de estar sozinha – vivida por ela em duas condições semelhantes – poderia tê-la fragilizado. Significou, no entanto, seu gradativo empoderamento¹¹⁴. Foi em nome da sobrevivência e da segurança de sua filha que ela teve que buscar o paradeiro de seu marido e suportar as humilhações que viriam pela frente. Ela ainda teve mais três filhas nos anos seguintes, enquanto Joaquim Miranda foi perseguido e preso¹¹⁵. Passagem significativa de sua narrativa foi aquela em que se referiu à escolha do nome da primeira filha, nascida durante a greve de Osasco:

Na segunda-feira seguinte, por volta das vinte horas, o Joaquim finalmente chegou. Eu estava com o bebê na casa da minha mãe. Perguntei por onde tinha andado, e ele me respondeu que estivera preso com os padres operários, Emílio Dion, Antonio Soares e Pierre Wauthier, que sugeriram o nome da menina como Liberdade. Naquele momento fiquei meio chateada... Havia escolhido o nome Denise. Achei certa intromissão. Ainda não tinha maturidade, não entendia aquele apelo. Ficou, então, Denise Liberdade.

A incompreensão por parte dela sobre o sentido do nome Liberdade para sua filha fez com que ela resistisse a aceitá-lo, considerando como imposição de seu marido e dos padres, homens distanciados de sua dor vivida em silêncio. Sônia chamou a atenção para sua falta de maturidade política quanto a entender a dimensão da sugestão, da qual disse se orgulhar. Refletindo sobre seu passado, procurou mostrar quem ela foi até o momento da greve e quem ela se tornou depois dela¹¹⁶. Naquela situação, no

¹¹⁴ Empoderamento – derivado da palavra empowerment que significa dar poder, (...) é o processo pelo qual as mulheres incrementam a capacidade de configurar suas próprias vidas. É uma evolução na conscientização das mulheres sobre si mesmas, sobre sua posição na sociedade.(COLLING, 1997, p.7)

¹¹⁵ Esta não foi a única vez em que Sônia vivenciou o abandono do marido. Quando teve sua segunda filha, em 1970, Joaquim foi preso novamente e, então torturado. Enquanto ela estava no hospital, as mesmas enfermeiras a reconheceram e perguntaram novamente pelo pai. Novamente, o drama de estar sozinha e de temer pela vida do marido foi vivido por ela. Esses momentos foram marcos importantes de sua experiência.

¹¹⁶ No documentário produzido em 2011 pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, *A greve de 1968*, Sônia apareceu acompanhada de Denise Liberdade para comentar o significado do nome de suas filhas. Além da primeira, duas delas tiveram os nomes associadas a mulheres envolvidas em algum movimento de ruptura: Rosa, como homenagem a Rosa Luxemburgo, comunista alemã que liderou a Revolução Espartaquista de 1919, e foi fuzilada por ordem da Social-democracia; e Leila, em alusão a Leila Diniz,

entanto, ela demonstrou sua tristeza, pois aqueles homens eram incapazes de entender sua condição de mãe, tratando sua experiência mais íntima e valiosa como bandeira política.¹¹⁷ Sentindo-se violada pela intromissão deles, como Sônia poderia enxergar o valor daquele nome? O contexto que envolvia o nascimento de sua filha significava o oposto do que o nome pudesse sugerir. Para Sônia, lembrar esse momento foi marcar o início de uma revirada, a tomada de consciência que a tornou a mulher que é hoje.

Essa guinada também foi sofrida por Maria Dolores, irmão de José Campos Barreto. Na época, ela era uma adolescente de treze anos, e morava com seus pais – um agricultor e uma doméstica - e mais cinco irmãos num sítio do município de Brotas de Macaúba, Bahia¹¹⁸. De acordo com ela, sua família teria sido criada “num lugarzinho, assim, com pessoas muito humildes, ignorantes, pessoas que não tiveram oportunidade pra estudar, pra ir pra outros lugares, conhecer o mundo de outra forma...”. Esse quase isolamento com relação ao que ocorria no restante do país foi quebrado com o acesso ao jornal que trazia a foto de Barreto na capa.

Quando nós ficamos sabendo da prisão do Zequinha em Osasco é que a gente ficou sabendo o que estava acontecendo! Inclusive, quando minha mãe soube é que ela ficou muito mal e logo depois desenvolveu o câncer. A gente acha até que isso está relacionado... Porque ela ficou muito mal... A gente não sabia do envolvimento dele... Na verdade, o que minha mãe recebeu foi um telegrama do meu tio – porque ele morava com o meu tio aqui em Osasco – falando que era pro Olderico, meu outro irmão, vir para cá¹¹⁹. Lembro bem desse telegrama do meu tio que falava assim: “Aqui greve. Não mande Olderico agora”. Mandou um jornal, ou uma parte do jornal, que mostrava o Zequinha preso. Aquela foto em que ele está algemado. Lembro a manchete até hoje: “Tudo normal na região do ABC”. Essa era a manchete do jornal. (Maria Dolores Barreto)

A prisão de seu irmão estabeleceu o início do desmantelamento de sua família. A referência ao câncer de sua mãe sinalizou para o efeito devastador desse fato sobre suas vidas, tanto quanto a imagem dos tanques de guerra na cidade de Osasco. O telegrama e a foto, que contrastavam com a manchete lembrada por Maria Dolores,

considerada um dos símbolos do feminismo no Brasil. A escolha dos nomes ocorreu num contexto de consciência política

¹¹⁷ Abigail também lembrou que o nome de seu primeiro filho, Plínio Marcos, teria sido escolha de seu marido João Joaquim. A alusão chamou a atenção para o envolvimento político de João, revelando sua ascensão sobre a vontade feminina.

¹¹⁸ Foi de lá que seu irmão migrou para Osasco, tendo trabalhado na Cobrasma, servido o exército no quartel de Quitaúna e estudado no colégio Ceneart, depois de tentar ser seminarista em Guaranhuns, Pernambuco. Preso no dia da greve – fato retratado pela foto sendo algemado – permaneceu noventa e oito dias sendo torturado. Depois de solto, voltou a militar na VPR até sua morte na guerrilha, em 1971.

¹¹⁹ Olderico acabou sendo preso e torturado, no momento em que a polícia invadiu sua moradia procurando por Zequinha; outro irmão, Otoniel, morreu durante a ação do exército.

representaram a descoberta de um mundo desconhecido: “a gente não sabia do envolvimento dele”.

Cuidadora de seus irmãos, principalmente depois da morte da mãe logo depois da prisão de Zequinha, Maria Dolores atribuiu seu amadurecimento rápido aos afazeres domésticos que teve que assumir e às tragédias de sua família (“minha adolescência morreu quando eu tinha quatorze anos”). A conexão entre a prisão de seu irmão e a morte de sua mãe, além dos fatos violentos que atingiram seus dois outros irmãos e o pai, também preso e torturado para entregar o filho, transformou sua vida, exigindo que ela se integrasse aos eventos de forma dolorosa.

Foi a partir daquela foto tirada no momento da repressão à greve que ela ficou sabendo que seu irmão era alguém de esquerda, o que para ela passou a significar “uma pessoa que (...) lutava em favor dos pobres”. Ela deixou de ser a “menina que havia estudado só até a quarta série” e passou a desenvolver “aquele espírito, assim, de querer estar junto, sabe, pra poder lutar junto. queria estar junto... Aquela coisa...”.

As narrativas individuais trataram da memória coletiva de perdas, medo e transformações. Até a greve, as mulheres haviam caminhado com os operários, em ritmos diferentes. Eles, como pessoas politizadas e organizadas, agindo no sindicato, na fábrica, na escola, na Frente Nacional do Trabalho, na guerrilha; elas, como esposas, irmãs, sobrinhas e amigas, em sua vida restrita à atividade doméstica ou à igreja, sem entender ainda a dinâmica do mundo público¹²⁰. Quando muito, como cúmplices das ações masculinas, assistiram a encontros, foram a reuniões de mulheres no sindicato para entender melhor o papel de retaguarda que lhes caberia quando a paralisação comesse.

Se o evento fundador do trauma e da organização dos trabalhadores osasquenses foi a morte de um colega na caldeira na Cobrasma, as prisões e desaparecimentos dos homens marcaram o nascimento do trauma feminino e de seu empoderamento. Junto com ele, a ruptura com um tempo anterior, mais lento e ordinário. Até aquele momento homens e mulheres caminharam juntos, tendo eles à frente como coordenadores de suas vidas; a repressão sobre eles aniquilou suas formas de organização e impulsionou-as para o centro da história. Elas estavam sós e isso exigiu delas ações que as fizessem sair

¹²⁰ Cabe dizer que mulheres como Teresinha Gurgel e Sônia Miranda já participavam da Ação Operária Católica e apontaram a Igreja popular também como responsável pelo desenvolvimento de uma consciência mais “humana”. Os padres-operários como Rafael e Pierre Wauthier – este último preso e deportado depois de ser acusado de liderar a greve – foram menções constantes por terem dado apoio às famílias quando se iniciaram as prisões.

do lar para as ruas, e que trouxessem da rua outra dinâmica para o espaço doméstico. Como afirmou Teresinha Gurgel, eram “viúvas de marido vivo”, e isso mudou radicalmente a trajetória que tinham seguido até então.

Eu esperava ele morto! Era viúva de marido vivo, na ocasião. Era uma viúva de marido vivo! Sem ter comida, sem ter salário! Eu não sabia de nada. Eu não sabia, porque eu estava sempre contra o Inácio estar indo muito, ficar muito no sindicato! Então, eu não estava interessada! Sabia que ele estava no sindicato. Quando a greve estourou de uma vez, que a notícia correu, que a cavalaria entrou na Cobrasma, aí me perguntei: “Cadê o meu marido?! Onde? Desapareceu! Sumiu!” Né? E dali só depois de 48 dias que fiquei sabendo! Aí, eu acompanhei todo o desenrolar da greve, com as duas crianças...

O Inácio desapareceu, não voltou pra casa! Não voltou. (...) Com as notícias que corriam, eu não esperava que ele chegasse com vida!

O cuidado com os entes queridos - principalmente com as crianças - função social estabelecida para o gênero feminino, não foi abandonado, e sim acentuado com a ausência dos homens; acrescido de novos componentes e preocupações. A cena delas com os filhos pela mão, correndo pela vizinhança, seja para se esconder ou para pedir ajuda, se repetiu em diversos relatos. Teresinha, Sônia Miranda e Abigail, no início da perseguição aos seus maridos, vivenciaram um período de semiclandestinidadade, trocando de abrigo constantemente; resguardaram a família, foram trabalhar para conseguir o sustento, ao mesmo tempo em que saíram em busca deles. Transformaram-se em mediadoras, assumindo a interface entre o espaço privado e o público.

A rede de vigilância instalada pelo Estado autoritário converteu suas vidas numa experiência nova que forçou a sua própria reinvenção. Outros fatores contribuíram ainda mais para que estendessem suas ações para fora do lar: a incompreensão, por parte da família e da comunidade sobre o que ocorria com seus companheiros e sobre o sofrimento pelo qual elas passavam. Teresinha Gurgel falou da posição de seu pai ao pedir ajuda a ele, o que a deixou ainda mais perdida e sozinha:

Lembro que fui na casa do meu pai e disse: “Pai, o Inácio era do sindicato, e ele sumiu! Dá pro senhor dormir lá em casa, porque eu tenho muito medo de dormir sozinha com as crianças!”. Ele respondeu: “Cadê o seu marido?”. Eu disse: “O meu marido está fugido da polícia, pai! A polícia está querendo pegar todos os sindicalistas!”. Ele me perguntou: “O que ele fez?”. Falei: “Não fez nada, pai! Não fez nada! Estava lutando por um pedaço de pão a mais pros filhos dos operários!”. Aí, meu pai respondeu: “Ah! Esse caboclo fez alguma coisa! Porque se tá correndo da polícia, boa coisa ele não fez! E eu não vou lá, não! Até explicar que tomada não é focinho de porco, ou que

o focinho de porco não é tomada, eu vou levar minhas lambadas?! Vou nada! Seu marido que leve!”.

Meu pai!!!... Fiquei desesperada: “Meu Jesus! O que vou fazer da vida? Com dois filhos, sem ter como me virar sozinha?!”... Nessa época foi muito difícil! Ninguém me ajudou! Mesmo meus irmãos, porque eles pensavam que se o Inácio se envolveu, era algo criminoso. Ficaram todos com medo, né? Perguntavam: “O que ele fez? O que fez para estar corrido da polícia?”.

As mulheres foram tomadas pelo pânico de não conseguirem prover seus filhos, sentindo-se humilhadas e desprotegidas. Amira e Sandra também relataram sobre como alguns cunhados de Ibrahim o renegaram e se recusaram a ajudá-las. Mesmo quando encontraram ajuda de parentes, experimentaram a solidão num mundo sem sentido e sem referências afetivas. Viveram o que Benilde Justo Caniato (1996) definiu como a “solidão em companhia”, ou seja, aquela que se vive não apenas pela ausência de outros, mas com os outros e apesar deles; a solidão interior, existencial, que se revela pela presença ignorada diante dos outros¹²¹.

A memória feminina da greve tratou do ressentimento com relação à forma como as mulheres passaram a ser tratadas fora do âmbito doméstico, uma vez identificadas como pessoas relacionadas ao “crime” dos operários, e de como o estigma promoveu seu isolamento social. As narradoras demonstraram o misto de vergonha e indignação que sentiram, originado pela discordância ao que se dizia sobre seus companheiros e pelo desconcerto diante das reações de pessoas consideradas amigas. Teresinha Gurgel falou do medo que tomou conta das pessoas, que se fecharam negando ajuda, e da dor em ficar calada diante das acusações de suas colegas, dirigidas a Inácio Gurgel e aos demais presos, considerados comunistas:

Eu estava trabalhando em 1968, depois da prisão do Inácio. Tinha começado a trabalhar, e no meu trabalho tinha as mulheres, principalmente a Dona Amélia Assaf, que hoje é a mãe do Jair Assaf, vereador... Ela falava assim: “É bom que eles apanhem mesmo! Tão lá tudo apanhando. Tão apanhando muito lá! Mas é bom! Eles querem ser contra o governo? Leva cacete! Apanha mesmo, é bom apanhar!!”. Dona Amélia Assaf!... E eu, sofrendo! Sofrida!! Eu era a vítima ali, né? Meu marido sendo... E eu, calada! Não podendo, não podia falar, sabe? (Teresinha Gurgel)

¹²¹ A autora trabalhou com esse conceito para definir determinadas personagens da literatura portuguesa, cuja solidão é como sentir-se como “uma ilha pequena, sem arquipélagos, e à volta o oceano desconhecido e um nevoeiro tão denso que não deixava ver os barcos.” (CANIATO, 1996, p.18). Pareceu ser assim que as colaboradoras quisessem se expressar sobre sua solidão.

As palavras de Sandra Nogueira reforçaram o sentimento de indignação expresso por Teresinha contra as acusações que atingiram também sua família. Isso repercutiu em sua própria imagem na escola religiosa em que estudava, o Colégio Nossa Senhora de Misericórdia. A prisão de seu tio José Ibrahim alterou as relações que mantinha com as colegas e com a direção do colégio. Escola da elite osasquense, diferente do Ceneart, ali estudavam filhos de representantes do conservadorismo político:

No Colégio Misericórdia tive muitos problemas! Problemas sérios! Me convidaram para sair do Colégio. Tive que sair do Colégio... Porque naquela época, noventa por cento das alunas que estudavam lá eram filhas de militares. Entendeu? E eu era sobrinha de um terrorista! As “irmãs” chamaram minha mãe e meu pai e disseram que eu tinha uma séria tendência à liderança, e que o Colégio não era para mim. Isso porque as freiras foram pressionadas pelos pais, pais militares, né? Como é que meus pais podiam ter uma filha terrorista?! E o clima era de alunas, assim, me olharem e dizerem: “O tio dela é terrorista”!

(...) Lembro que apenas duas amigas da escola – inclusive uma era filha de militar e é irmã do Gilberto Port – continuou sendo minha amiga até hoje. E a Gilda, que era outra amiga minha. O resto... Tinha uma menina, Maria Amélia... A Maria Amélia me olhava, assim, como se eu fosse uma leprosa! Entendeu? Essas coisas... (Sandra Nogueira)

Involuntariamente elas se tornaram visíveis publicamente e vigiadas pela sociedade. Mesmo quando permaneceram acuada em suas moradias, a extensa rede de vigilância estabelecida pelo regime, principalmente após a determinação do AI-5, adentrou seu cotidiano levando à desorganização de tudo o que haviam construído até ali, do ponto de vista físico ou afetivo. As autoridades, cujo discurso preconizava a ordem e a segurança contra a ação dos operários – e de outras manifestações que se opunham ao regime por todo o país - eram as mesmas que entravam sem pedir licença ou autorização em suas casas para vigiá-las ou revirar suas coisas mais íntimas¹²². Quando não foram ocupadas, as residências de Sônia, Iracema, Amira, Abigail e Maria Dolores permaneceram monitoradas por vários dias, ou meses, aguardando que a qualquer momento seus familiares deixassem escapar qualquer informação ou dessem guarida aos “fugitivos”. A lembrança de Abigail foi representativa do que ocorreu a

¹²² O AI-5 permitiu todo tipo de abuso procurando conter as manifestações estudantis, operárias e guerrilheiras que marcaram o ano de 1968, principalmente. Antes de ser decretado, o processo de violência contra os mais diferentes protestos sociais já vinha se intensificando desde a morte do estudante Edson Luís, na UFRJ, com a invasão da Universidade de Brasília, os embates no Rio de Janeiro na chamada “Sexta-feira Sangrenta”, as prisões dos operários osasquenses, e culminou com a prisão dos estudantes em Ibiúna, no Congresso da UNE, em outubro, para citar apenas alguns exemplos.

muitas outras mulheres, como ela e Sônia Miranda, que ficaram perdidas, deslocando-se de casa em casa, graças aos favores de amigos, enquanto seus maridos eram perseguidos.

Tinha noites que eles vinham na nossa casa e ficava tocaiando pra ver quem entrava e quem saía, ficavam vigiando a gente. Foi uma época muito na nossa vida!...

Então, nessa época, a coisa estava quente, quente mesmo! O João não podia vir pra casa. Pensei comigo: “Nem eu vou poder ficar em casa mais!”. Não podia ficar mais em casa sozinha, porque uma hora eles iam procurar ele lá e o João falou: “Você não pode mais ficar aqui”. Ficava na casa de um, na casa de outro. E ele ficava por aí... (Abigail Silva)

Além da vigilância e do clima de medo, os testemunhos de Iracema dos Santos e de Maria Dolores Barreto, que tiveram seus lares invadidos e revirados pelos militares em Osasco e na Bahia, respectivamente, foram significativos para denunciar a situação humilhante à qual qualquer pessoa poderia estar submetida naquele momento; revelaram a fragilidade da sociedade diante da força do regime:

Um terror o que fizeram com a gente! Na minha casa, não chegaram a arrebentar porta, mas fizeram o que fizeram... Jogaram tudo quanto é livro, tudo quanto é papel, tudo quanto é roupa de gaveta. Jogaram tudo, reviraram tudo! Fizeram um fiasco mesmo! Na casa da minha mãe, arrebentaram porta com um machado, não sei bem com o quê... Foi terrível! Os militares ficaram três meses vigiando minha casa... Era campo de treinamento. Ficavam espionando quem saía e quem entrava. (Iracema dos Santos)

Tinha um rádio que era do Zequinha. Era uma relíquia que a gente tinha, que ele levou daqui de Osasco. Um rádio preto, grande, de três faixas... Eles entraram e levaram tudo! Eles levaram tudo que tinha na casa! Tinha coisa de mais valor, tinha coisa que era relíquia mesmo, que tinha um valor, assim, muito forte!... E eles levaram... Coisas da minha mãe! Coisas que ela guardava da mãe dela, que guardou da minha avó... Sabe?! Limparam nossa casa! Levaram tudo!... (Maria Dolores Barreto)

Maria Dolores ainda chamou a atenção para o saque, a retirada de coisas que significavam afetivamente, além dos efeitos da própria invasão. A vida mais íntima foi violada e a lembrança disso provocou lágrimas na maior parte das narradoras.

Enquanto seus maridos e parentes eram procurados ou estavam presos, as colaboradoras assistiam à invasão de suas casas e sentiam o peso de serem mulheres naquele momento, desrespeitadas e humilhadas por vizinhos, alguns familiares e pelas forças da repressão. Tratados como lugares de refúgio e de possíveis provas para

incriminar os envolvidos na greve de julho, seus lares foram violados, enquanto pais, esposas, irmãs e filhos eram tratados como cúmplices dos grevistas e, mais ainda, daqueles que estavam envolvidos também com a luta armada, como foi o caso de Zequinha Barreto, José Ibrahim, Roberto Espinosa e Roque Aparecido.

As relações com o tempo e os espaços, com as pessoas mais próximas, com as crenças, tudo foi modificado repentinamente pelas circunstâncias na vida dessas mulheres. A memória feminina revelou a sensação de “tudo estar fora do lugar” e de que o tempo vivido ordinariamente teria se fragmentado. A velocidade dos fatos destituiu-as rapidamente de todas as certezas e apoios, deixou-lhes poucas pessoas em quem confiar e exigiu delas criarem estratégias de defesa diante do “furacão”.

Deve-se destacar que a inclusão política das entrevistadas se deu, ao mesmo tempo, pela exclusão política, pela perseguição proporcionada pela ditadura. Ao serem tratadas como mulheres ligadas a “criminosos políticos”, tornaram-se percebidas, sofreram com o preconceito e, para se defenderem, tiveram que adentrar o mundo político. O sentimento de exposição foi marca das diversas narrativas femininas. As palavras proferidas demonstraram ressentimento, indignação e orgulho, quando se referiram ao poder que as acusava e destruía moralmente seus entes queridos. Sem participar diretamente da greve ou dos movimentos públicos, elas se tornaram vulneráveis aos juízos da coletividade imbuída do espírito vigilante que imperava no país. Da raiva e do orgulho fizeram a razão das atitudes que tomaram sozinhas ou em grupo. Contaminaram seus vizinhos e familiares, a partir das discussões e da defesa deles nos mais diferentes locais; transformaram-se em porta-vozes de seus parentes, que não estavam lá para se defender. Para encontrar argumentos em defesa deles, precisaram conhecer, embrenhar-se no mundo político e empoderar-se.

A necessidade de responder às demandas políticas, relacionadas às prisões e perdas de entes queridos fez com que essas mulheres assumissem o protagonismo criando novas formas de atuação e reivindicação. Esse movimento para fora da casa permitiu a construção da consciência do peso de suas ações, tornando-as não só mais visíveis, mas fazendo com que passassem a se encarar de forma mais valorosa.

5.5. O pessoal tornou-se político e o político pessoal

A Doutrina de Segurança Nacional e, no final de 1968, o Ato Institucional no.5, procuraram legitimar o abuso de poder, as prisões arbitrárias, a censura, os “desaparecimentos” e a vigilância sobre as famílias. As residências passaram por uma “operação presença”, fazendo-se notar a força policial e militar, constantemente. Não bastava apenas prender ou ameaçar de prisão; era preciso ocupar violentamente as residências, desequilibrar os espíritos, desestabilizar os familiares, tomar, quebrar, derrubar, destruir. O controle e vigilância por homens fardados provocaram o estado constante de insegurança e medo, levando as pessoas a suspender o tempo cotidiano, ordinário, para se ajustar à excepcionalidade do momento, atualizar o sofrimento, pensar estratégias de ocultamento de informações, replanejar atividades e suspender relacionamentos, orientados pelo sentimento de tensão e angústia.

As narradoras testemunharam sobre o espanto, medo, solidão, enfim, falaram de sua desestruturação diante da violência que as atingiu, das mais diferentes formas. O sentido das narrativas, porém, não se restringiu a mostrarem sua fragilidade ou seu estado de vítimas diante daquele contexto. Expressões como “fui forte”, “criei muita força” ou “aprendi a lutar” foram usadas para apontar como também conseguiram revigorar-se em sua solidão e enfrentar a quase falência da família, a fragmentação do cotidiano e o temor. Mais do que eventos dolorosos, a memória feminina construiu o imaginário de recriação e superação. As narradoras falaram das redes de solidariedade organizadas por elas, modificando a crença de que teria havido um centro (masculino) e uma periferia (feminina) nas ações que se constituíram em torno da greve de Osasco e da resistência à ditadura. O afeto, apresentado por parte delas como definidor de suas estratégias, transformou a política.

Os novos caminhos traçados se iniciaram no âmbito particular, cotidiano, de forma quase imperceptível, mas fundamental. As colaboradoras contaram como criaram formas de ocupação de espaços controlados pela repressão e como conseguiram tirar vantagem da presença dos militares em suas residências. As atitudes indicadas por elas mostraram novas formas de se pensar a política e as relações de força, num processo que Elisabeth Jelin (2001) nomeou como lógica do afeto¹²³.

¹²³ Elisabeth Jelin (2001) afirmou que a ação feminina predominante na luta contra os regimes ditatoriais da América Latina caracterizou-se por outra lógica que não a masculina, baseada nos canais

As donas de casa acabaram por criar formas de superação e ações, não necessariamente numa articulação coletiva e planejada. Sônia Miranda e Abigail passaram a participar das reuniões que ocorriam nas igrejas ou nos sindicatos para orientar mulheres quanto ao andamento da greve.

Participei muito, participei muito mesmo! Tinha a esposa do Tonca, a Margarida, é jornalista... Ia no sindicato, conversava com as mulheres. Lá tinha a Zaia, a Maria Santana, que foi nossa madrinha de casamento, a Sônia Miranda, a Berenice...

Tinha muita reunião de noite, eles marcavam no horário que todo mundo podia participar. E a gente se reunia mais pra conversar e apoiar. O apoio da gente era estar junto, e lutar junto. Nas piores coisas que aconteceram, a gente estava sempre junto. A gente sabia que eles iriam na casa daqueles que estavam mais comprometidos com o movimento e eles perseguiram muito as famílias! Muitas famílias... A do Zequinha Barreto, que morreu... Também a gente conheceu bastante ele... A gente sabia que havia pessoas que eram mais perseguidas, igual o João foi. (Abigail Silva)

A fala de Abigail foi significativa no sentido de mostrar a grande “virada” feminina: de observadoras a atuantes. A ênfase dada ao fato de participar “muito” demonstrou a transformação da memória admiradora de maridos para a lembrança orgulhosa de seus próprios feitos. Elas não estavam mais atrás dos homens, mas junto. Os nomes antes estranhos passaram a ter significado. A narradora destacou em momentos diferentes de seu relato, a presença de pessoas em sua casa durante e depois da greve, agora como amigos, formando uma rede de apoio.

De cúmplices tornaram-se ativistas, pois passaram a defender causas amplas e ao mesmo tempo próximas às suas experiências. Causas que diziam respeito a qualquer ser humano que estivesse reduzido àquelas condições de desrespeito. Diferente dos homens envolvidos com a luta sindical, estudantil ou armada, elas não atribuíram seus gestos a nenhuma determinação do processo histórico ou a qualquer projeto político baseado em modelos.

Se no início das entrevistas, algumas colaboradoras pareciam corresponder à aceitação da condição de submissão e ignorância, enquanto aos homens caberiam coragem e heroísmo, a força das palavras as transformaram. Mantidas sob a influência de seus pais ou maridos, reconheceram que o contato delas com o mundo circundante, sobre o qual pouco ou nada entendiam, deveu-se em grande parte a eles. No entanto, se

institucionais. As mulheres teriam a capacidade de agir levando em conta os atributos a elas socialmente impostos e esperados. A lógica do afeto seria capaz, inclusive, de confundir os homens, marcados socialmente pela racionalidade técnica.

atribuíram a elas a oportunidade das primeiras impressões quanto ao movimento estudantil e operário, foram elas que desenvolveram a aprendizagem pela observação e inventaram os mecanismos que lhes permitiram subverter a estrutura vigilante e autoritária. Seus companheiros também encontraram nelas o equilíbrio e a sanidade na família, a mediação nas prisões e delegacias, “entrando pela porta dos fundos”, como afirmou Iracema.

As formas relatadas por elas para atingirem seus objetivos foram muitas, desde posturas mais tímidas até aquelas mais corajosas, porém dentro do padrão esperado e aceito pela sociedade. A maioria imperceptível aos seus companheiros e mesmo à historiografia que tratou sobre a resistência à ditadura militar. Amira Ibrahim e sua sobrinha Sandra, por exemplo, falaram sobre a vigilância constante que se estabeleceu sobre sua moradia depois que a fábrica da Cobrasma foi invadida e José Ibrahim fugiu do cerco militar. Apresentaram o início de uma série de ações promovidas por elas para “amansar” as forças da opressão e preservarem a integridade do espaço doméstico:

Depois de uns oito dias, a polícia tomou conta da minha casa. Fizeram mil perguntas pra nós, para o meu pai. Eles queriam saber sobre a participação do meu irmão numa organização, a VPR. A gente não sabia mesmo, mas se soubesse, com certeza, a gente não ia falar nada!

(...) E aí eles começaram a ficar na minha casa. Dia e noite! A gente não podia sair. Quer dizer, podia sair, mas tinha sempre alguém de vigia. Ficaram quarenta dias tomando conta da minha casa para ver se ele voltava. A gente oferecia até café pros “filhas da mãe”, para não falar outro nome! A gente achou melhor fazer amizade do que deixar eles de lado. (Amira Ibrahim)

Eles invadiram a casa da Iracema, e de várias famílias. A nossa não! Eles ficavam em casa. Depois, a gente até brincava. Falava: “Ô, entra aqui. Vamos tomar um cafezinho!”. Fazer o quê?! A gente oferecia café pra eles, conversava... Porque andavam tudo à paisana... Você ia ao supermercado, tinha três à paisana seguindo você. Ia à padaria, tinha mais dois... A gente dava café pra eles... Entendeu? (Sandra Nogueira)

“Entendeu?”. A pergunta final de Sandra exigiu a cumplicidade do ouvinte quanto ao significado da atitude dela e de sua tia Amira. Atuaram a fim de atrair e confundir os policiais, “amenizar” sua truculência contra a família. Graças à iniciativa e aproximação delas, permitindo que eles entrassem em sua cozinha para o café, elas conseguiram evitar a invasão de forma mais violenta por parte deles. Uma vez vigiadas, aprenderam as “regras do jogo” e “jogaram” com seus patrulhadores, sem demonstrar

medo: “era melhor fazer amizade com eles do que deixar eles de lado”. Criaram uma forma particular de resistência que conseguiu evitar o “quebra-quebra” como o que aconteceu na residência de Iracema e Maria Dolores.

Amira e Sandra contaram com certo orgulho e humor sobre a atitude que seria transformada, mais tarde, em padrão para entrar nas “zonas escuras” das delegacias e prisões. O riso partilhado valorizou o feito delas sobre a rigidez do regime; apontou para a conquista. Elas quiseram mostrar a percepção, naquele momento, de que a “gentileza feminina” e a possibilidade do uso da conversa, ao invés do arbítrio, serviram para sensibilizar policiais e delegados e que, mais tarde, a beleza e juventude delas seriam usadas contra eles. Assumir o gênero significou interpretar as normas recebidas de tal forma e reproduzi-las a contento dos opressores, reorganizando-as numa pseudo-submissão.

Essas atitudes podem ser interpretadas como uma aproximação da ideia defendida por Judith Butler (2003) de que o gênero pode ser um papel que se exerce voluntariamente e não apenas uma condição dada. Ao apontar para seus “pequenos gestos”, as narradoras demonstraram ter consciência do peso que eles tiveram em busca de seus objetivos. Foram frutos das circunstâncias de medo, mas também do desejo e da intencionalidade. De início, elas estavam em “seu espaço”, cenário no qual poderiam dramatizar, ou o que Butler chamaria realizar uma *performance* de gênero. Ser mulher diante daqueles vigiadores, homens, foi assumir uma identidade e confirmá-la, porém para enganar ou conter a fúria sobre elas e seus familiares. Significou salto paradoxal, pois elas reforçaram atributos justamente num contexto de questionamento e enfrentamento.

Isso não significou, talvez, que elas tivessem ciência plena disso, que pretendessem encenar uma situação com a qual não concordassem. Acreditando ou não em sua função social como mulher, o que importa assinalar foi que, ao lembrarem passagens como essa, as narradoras demonstraram saber no presente o sentido daquelas atitudes e que elas descobriram naquele momento que os valores atribuídos ao feminino poderiam se tornar úteis. Inclusive, elas não pararam ali, pois continuaram avançando cada vez mais para fora da casa, criando outras formas de intervenção mais elaboradas e conscientes de seus efeitos.

Para Butler, a performance de gênero se define pela estilização do corpo, reiterando a aparência de uma essência ou de uma identidade – no caso a feminina –

mas que é fruto de “construções manufaturadas” e de discursos¹²⁴. Os relatos femininos revelaram que a sensibilidade e o “naturalmente feminino” foram assumidos como características e táticas, salientadas diante daqueles que representavam perigo para sua integridade. Utilizando desse imaginário como álibi foi possível entrarem nos espaços, insuspeitas e invisíveis enquanto ameaça e agirem nas vizinhanças do modo como se esperava delas: enquanto cuidadoras.

No lugar da espera submissa “tecendo a mortalha”, o que se viu foi a emergência da instância do privado e do cotidiano – entendida socialmente como restrita, ordinária, particular e subjetiva – sobre a esfera pública, quase exclusividade masculina. Se os homens estiveram à frente delas em algum momento, foi possível e necessário andar com eles e ultrapassá-los, politizando a esfera do afeto.

Como mães, esposas, irmãs e sobrinhas, elas mobilizaram os vizinhos, defendendo seus familiares, angariando a simpatia e a ajuda deles. Foram mediadoras, explicando nas igrejas e nas ruas as razões das prisões, muitas vezes discutindo com quem ofendia seus afetos, como o caso tantas vezes narrado por Sandra Nogueira. Ela, sua tia Amira e Abigail contaram com a ajuda de pessoas, recolhendo comida e “presentes”, como a blusa tricotada pela vizinha Elza, para dar a José Ibrahim no dia em que foi para o exílio. Pequenos gestos, cultivados por elas, fizeram a diferença, esclarecendo e promovendo a solidariedade entre as pessoas que evitavam se envolver mais diretamente.

Suas ações mais ousadas, porém, aconteceram nos órgãos da própria ditadura, nas prisões e delegacias. Nas lembranças em que se fizeram presentes nesses lugares foi que a memória feminina mais ganhou ares de coragem e conquista, quando mais as entrevistadas se engrandeceram. Foi o momento em que, atingidas pelo desespero, foram em busca daqueles que estavam presos ou desaparecidos. Por vários dias, mesmo com as casas vigiadas, elas criaram outra rotina: sem abandonar os filhos, cuidando da sobrevivência deles, fazendo a comida, construíram brechas para sair das residências, percorrer delegacias e enfrentar policiais e autoridades. Passaram, então, a travar uma luta contra o tempo que corria fora de controle, o que poderia significar a tortura e a

¹²⁴ Para Joana Maria Pedro e Rachel Soihet (2007) isso não significa que não existam corpos humanos sexuados, com um aparelho genital dado. O significado e a importância dada a eles é que são reveladores e construtores de uma essência da identidade dos indivíduos a partir deles. Não me estenderei neste trabalho a essa discussão, pois ela fugiria dos propósitos do tema.

morte dos presos. Amira e Sandra enfatizaram a angústia que viveram deslocando-se todos os dias com a mãe de Ibrahim, à procura de notícias sobre sua prisão:

A nossa luta nesse Dops, menina!! A gente pegava o trem aqui e descia no Dops! E eles: “Não tá! Porque não tá! Não tá! Não tá!”. Teve um dia em que um soldado disse que ele estava. E pediu pra gente escrever um bilhete pra ele dizendo que a gente esteve lá. A gente escreveu: “Graças a Deus!”. A gente falava muito em Deus, né? “Graças a Deus a gente te encontrou. Nossa! Foi muita luta pra te encontrar. Espero ver você logo. Nós estamos do seu lado. Nunca vamos largar você! A gente vai estar te ajudando. Você vai sair dessa...”. A gente já imaginava o que ele estava passando. Ele já tinha sido muito torturado! (Amira)

Quando ele foi preso, nós passamos vinte e oito dias, eu, minha tia Amira, minha mãe e minha avó, atrás dele. Chegávamos na PE, eles diziam: “Não está aqui”. Chegávamos no Dops, “Não está aqui”. No II Exército, na rua Tutoia: “Não está aqui!”... Assim, ficávamos andando de um lado pro outro... E aí um soldadinho disse pra nós: “Eu estou com pena de vocês. E eu vi o sofrimento dele. Vou falar onde ele está. Mas procurem logo, porque eles vão matar o Ibrahim!”. (Sandra)

A persistência foi para elas uma artimanha para conseguir sensibilizar um soldado, que permitiu primeiro contato com José Ibrahim. A figura de sua mãe, bastante idosa e cansada, acompanhada de duas mulheres “indefesas” legitimava a atitude delas. Afinal, não faziam nada que não lhes fosse permitido enquanto mulheres. Pelo contrário, desarmadas, fizeram de sua presença e de seu corpo, notados todos os dias pelos militares em guarda, uma forma de luta silenciosa; aquilo que se esperava de esposas e mães desesperadas, em defesa dos seus familiares.

Sônia Miranda também procurou incansavelmente por seu marido, Joaquim Miranda, que foi preso durante a greve, em 1968. Depois de ele ser demitido e ficar desempregado por seis meses, os dois mudaram para Santo André, onde seu esposo trabalhou na fábrica da Volkswagen e na Mercedes Benz. Entre os anos de 1968 e 1971, o casal e as filhas realizaram longa jornada de deslocamentos, fugindo da perseguição do regime ou em busca de sobrevivência, pois a demissão era sempre uma possibilidade, quando as empresas descobriam o passado do operário como grevista da Cobrasma ou suas relações com militantes da luta armada, como Nilmário Miranda.

Nesse “calvário”, a narradora colocou-se como devedora e agradecida da ajuda que eles receberam dos padres, para que pudessem se recompor¹²⁵. Os religiosos foram

¹²⁵ Para Sônia Miranda, a Igreja colaborou também para seu fortalecimento e para a compreensão de mundo que passou a ter. A figura dos padres é uma constante em sua trajetória: os padres Emílio e Pierre Wauthier foram presos com Joaquim e sugeriram o nome de sua filha liberdade; foram eles que os

apresentados como aliados fortes da ação política de seu marido, e também como amparadores de seu sofrimento, oferecendo abrigo e conforto. Em sua narrativa, religião, política e afeto pareceram convergir para o mesmo fim, como uma unidade e não como instâncias separadas.

Joaquim Miranda chegou a ser preso mais uma vez, em São Bernardo do Campo, no mesmo período em que Sônia estava grávida de sua terceira filha, Luciana. Em 1971, morando em São José dos Campos, junto de Albertina e João Cândido – que haviam se retirado de Osasco com medo das represálias após a greve – o marido de Sônia conseguiu novo emprego, enquanto ela começou a traduzir textos para sua irmã¹²⁶. Como ele continuasse dando apoio a guerrilheiros, acabou denunciado por um jovem que havia sido torturado. Seu codinome, José Maria, teria sido revelado e, mais uma vez, ele acabou preso, sendo barbaramente violentado e “desaparecendo” por um período bem mais longo.

As constantes prisões do marido permearam os relatos da narradora, misturando tempos numa cronologia difusa. O destaque para as condições em que ele sempre aparecia – “todo arrebitado” e para sua luta, sempre correndo contra o tempo para salvá-lo, inverteu a relação entre fraqueza feminina e força masculina. O trabalho realizado por ela não foi menor do que aquele que a militância política das organizações fazia. Desesperada, ela criou um ritual cotidiano, indo ao Dops todos os dias, para procurá-lo. Ao seu lado, uma amiga ligada aos setores clandestinos, a orientava no sentido dos caminhos institucionais, mas a performance de como fazê-lo foi sua.

Um pouco mais tarde, fui até o Dops. Levei a carteira de identidade dele, cheguei lá na portaria, levaram pra dentro. Devolveram. “Não, não está aqui”. Fui na Tutóia e disseram que não tinha aquele nome lá, que eu fosse para o Dops! Voltava pra casa, no dia seguinte fazia a mesma coisa, sempre. Até que um dia dei de cara com o próprio Fleury... Ele pegou o documento, olhou e disse: “Não, ele não está aqui”. (Sônia Miranda)

Sua narrativa chamou a atenção para a atitude de retornar sempre, incansavelmente, aos lugares onde Joaquim pudesse estar. Mesmo diante de figuras

acolheram em São Vicente por um período e foi um deles, padre Abib, que a buscou na maternidade, quando teve a terceira filha, Luciana. Foi graças à intervenção do padre Rafael junto aos militares que, segundo ela, as torturas sobre seu marido foram “amenizadas”.

¹²⁶ A irmã de Sônia Miranda trabalhava na Editora Melhoramentos e procurou ajudá-la passando parte de seu trabalho com tradução para que ela fizesse. Assim se manteve até conseguir emprego na Universidade de São Paulo.

temíveis como o delegado Fleury, ela insistiu¹²⁷. A diferença é que ao invés de uma pessoa mais idosa, como relataram Amira e Sandra Ibraim, quem a acompanhava era sua filha, ainda bebê. Sônia também estava grávida, o que dava ainda mais legitimidade à sua presença como preocupada com os filhos e protetora da família. O motivo de sua ação era o mesmo das outras narradoras: comover aqueles homens. A maternidade serviu para realizar negociações e lembrar a eles o trauma exposto no corpo feminino, as lágrimas, a fragilidade; foi útil também como escudo para defesa.

Trabalho como de Olívia Joffily (2005) sobre as guerrilheiras grávidas procuraram denunciar como a violência desrespeitou sua condição, na medida em que os torturadores viam nelas o “desvio”, a “puta”, indigna de ter filhos. No caso das colaboradoras osasquenses, elas não romperam com o imaginário de “boas moças” e usaram disso para se arriscar no enfrentamento mais “cordial”. Sônia Miranda enfatizou sua coragem na busca por seu marido, e a impressão que conseguiu causar dentro do Dops ao aparecer acompanhada das crianças e grávida.

Não desisti. Minha irmã e eu voltamos ao Dops, lá na estação da Luz. Subimos o elevador e havia uma mulher de botas, bem vestida, mas com um mau gosto danado! Ela tinha uma arma. Eu não sei se era para me intimidar... Minha barriga imensa!... Nos levaram para uma sala – eu estava com a minha segunda filha no colo, com a Rosa – e na frente de um cara, de terno, muito mal humorado. Ele falava com aquela moça que tinha a arma: “É, os maridos não pensam nas mulheres. Vão fazer o que bem entendem. A criança e a mulher...” Deixaram-me dar uma olhada numas grades bem de longe. Havia duas pessoas, uma algemada na outra, mas era só pra me fazer medo mesmo. Não deixaram nem chegar perto, não identificava quem era! Saí de lá, fui embora para casa. (Sonia Miranda)

Presentes o tempo todo, levados pela mão ou no colo, os filhos fizeram parte da artimanha feminina para conseguir ter acesso aos espaços mais temidos e tentar encontrar seus parentes. Conscientes ou não dessas estratégias, as mulheres como Amira, Sandra e Sônia se fizeram notar e defenderam os homens que naquele momento estavam mais fragilizados do que elas. Mesmo com o cenário sinistro e a intimidação descrita na narrativa, a esposa de Joaquim permanecia ali e conseguiu avançar pequenos espaços, testemunhando cenas de opressão semelhantes ao que poderia estar acontecendo a ele naquele lugar ou em qualquer outro. Situações “só pra fazer medo

¹²⁷ Luís Paranhos Fleury era um delegado temido pelos presos. Ligado ao Dops de São Paulo, foi responsável pela morte de presos como Leite, o Bacuri, e conhecido por requintes de crueldade. Morreu em 1979, num mal contado acidente de barco, durante uma pescaria. Até hoje as condições de sua morte são questionadas.

mesmo” mostrando pessoas algemadas e presas serviram para ampliar a compreensão sobre o mundo no qual se embrenhavam, presenciando involuntariamente o sofrimento de outras pessoas, desconhecidas mas associadas às suas experiências. Isso fez com que, aos poucos, suas atitudes também se voltassem para a ajuda a outros presos com os quais não se relacionavam diretamente ou até desconheciam.

O fato dessa luta estar associada também à maternagem mostrou que a discussão sobre a emancipação feminina não passou necessariamente pela liberação sexual. O corpo presente nas delegacias e nas ruas não tinha ainda sentido feminista, ou seja, não apelava para questões específicas da mulher, embora fosse um ato feminino de saída da casa e de retorno a ela. Não significou exatamente o rompimento com o espaço e a vida doméstica, mas a transição, o ir e vir, a costura entre mundos diferentes e complementares.

As narradoras aí cresceram e redimensionaram suas relações com a casa, o marido, os filhos e o restante da família, ao mesmo tempo em que não os negaram, nem se reconstituíram longe deles ou contra eles. Elas teceram novas relações. No caso de Sônia Miranda, ela voltou a trabalhar em 1972, depois de ter largado o emprego para se casar com Joaquim. O retorno ao mundo do trabalho, no entanto, não significou abandonar os papéis domésticos, principalmente o cuidado dos filhos. Ao mesmo tempo, sua trajetória foi marcada pela mediação e representação constante na defesa de seu companheiro, diante das mais diferentes “autoridades”, pondo em risco sua vida e a de suas filhas justamente na tentativa de protegerem-se. Sua vida se dividiu em muitas temporalidades, que deveriam se coadunar para garantir a sobrevivência de toda a família.

Em outra oportunidade, ainda no ano de 1972 quando estavam retomando suas vidas, Sônia foi avisada por uma amiga, Mazé, que seu marido havia sido julgado à revelia, estava sendo procurado e que era considerado foragido. Ela, mais uma vez, lançou mão da performance maternal, usando suas filhas para conseguir evitar que ele fosse preso ou assassinado. Na narrativa, a reação apresentada foi imediatamente associada às suas filhas, pelas quais era responsável praticamente sozinha.

Larguei tudo o que estava fazendo, peguei as meninas. Ela sugeriu que eu fosse à Auditoria Militar, para dizer que ele estava trabalhando, tinha endereço conhecido. Peguei um ônibus, levei minha filha pequenininha justamente para dar mais autenticidade à coisa. Cheguei na rua Brigadeiro Luiz Antonio, na Auditoria Militar, e eles reclamavam: “Como que uma

mulher anda com uma criança dessas, pequenininhas, num ônibus lotado desse jeito?!”.

Sabe, fui falar com um advogado que ela tinha me indicado, envolvido com presos. Tinha gente chorando para todo lado!... Aqueles soldados, assim, tudo de prontidão! E eu, entrando com aquela criança, procurando um advogado... Ele me falou, muito ríspidamente, que o escritório dele era na Xavier de Toledo, para eu esperá-lo lá. Muito ríspido! E eu fui!... Fiquei com a criança ali até tarde da noite, até que ele chegou, sentou na cadeira e começou a escrever à recurso. Perguntava meu endereço, e eu ia só falando, o que o Joaquim fazia e não fazia... Ele, então, me falou que a prisão estava relaxada e que fosse embora, mas que o Joaquim deveria comparecer pessoalmente na Auditoria. Mas meu marido foi orientado para não ir.

E lá fui eu de novo com as crianças na Auditoria Militar!... Dizer que ele estava trabalhando, não podia ir; que marcassem, então, outra audiência. Consegui o relaxamento da prisão. O Joaquim conseguiu responder o processo em liberdade. (Sônia Miranda)

Sônia assumiu o papel de mediadora, porta-voz de seu marido, procurando preservá-lo da possibilidade de nova prisão e de seu “desaparecimento” pela ditadura. Seu testemunho descreveu a tensão daquele momento; a imagem de pessoas chorando e dos soldados em prontidão enfatizaram sua coragem em meio ao autoritarismo. As repetidas referências ao fato de estar sempre acompanhada das meninas e a constatação “levei minha filha pequeninha justamente para dar mais autenticidade à coisa” revelaram o quanto ela tinha consciência dos efeitos de sua encenação enfática: lembrar constantemente aos advogados, militares e delegados que era mulher, mãe e esposa.

Mesmo quando ofendida e humilhada por eles, ela realizou “manobra” arriscadíssima que poderia ter surtido efeito devastador e contrário ao que pretendia. Considerando a existência de tantas histórias sobre o uso de filhos ou de esposas para fazerem os presos falarem sob a tortura, é possível considerar que mulheres como ela agiram longe de qualquer orientação política, de forma espontânea, não coordenada nem coletiva¹²⁸. Não sabiam ao certo até onde poderiam chegar. Arriscaram-se, movidas pela lógica afetiva e pela vontade de salvar. A salvação, inclusive, era um fator de inspiração importante para aquelas que, como Sônia Miranda, Abigail Silva ou Teresinha Gurgel, estavam fortemente ligadas aos padres operários e à concepção de uma igreja mais

¹²⁸ É possível ter acesso a várias histórias semelhantes sobre a estratégia ditatorial de torturar familiares em livros como o pioneiro *Brasil Nunca Mais*, ou os mais recentes trabalhos *História de meninas e meninos marcados pela ditadura* e *Luta, substantivo feminino*, publicados e disponíveis no site <http://www.memoriasreveladas.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=17&sid=4>

voltada aos pobres e sofredores. O espírito cristão alimentava nelas certa missão e responsabilidade feminina por seus companheiros.

Luc Capdevila (apud Ana Rita F. Duarte, 2011, p.234), ao estudar o comportamento das *Madres da Plaza de Mayo*, na Argentina, atribuiu às performances realizadas por elas o nome de “jogo de gênero”¹²⁹. Segundo ele, interpretando o mito de guardiãs do lar, exageraram características estereotipadas como fragilidade, ignorância política e emotividade para procurarem seus filhos e enfrentarem o regime militar. Nesse sentido, as entrevistadas também agiram, confundindo essa imagem a outra faceta de sua identidade: a de mulheres corajosas e determinadas a resistir contra a opressão.

No caso de Sônia, seus intentos acabaram por se concretizar, num jogo em que reforçou suas funções, colocando-se com suas filhas no caminho daqueles que exerciam controle sobre o destino de seu marido. Enquanto Joaquim permanecia escondido, ela tomou a frente das negociações, agiu paralelamente às orientações legais e conseguiu que ele, enfim, tivesse a prisão relaxada e respondesse o processo em liberdade, até ter seus direitos cassados. Conseguiu evitar o pior¹³⁰.

Como os homens estavam mais expostos à violência e à perseguição, vulneráveis à tortura, elas usaram os instrumentos de gênero a seu favor. Repetiram características ritualisticamente consideradas femininas, exageraram a imagem de cuidadoras da família, consciente ou inconscientemente. Talvez elas assumissem de fato essa condição e acreditassem nela, mas com certeza souberam usá-las como ferramentas úteis ao seu intento.

Diante da dominação masculina e autoritária dos algozes da ditadura militar, a atuação feminina se fez presente assumindo diferentes papéis, a fim de receber notícias e ter acesso às pessoas presas. Assim, a repressão e o controle não conseguiram excluir manipulações por parte das narradoras. A aceitação de determinados lugares-comuns não significou que elas se vergaram à submissão e sim que construíram mecanismos que

¹²⁹ CAPDEVILA, Luc. *Resistance civile ET jeux de genre* (France, Allemagne, Bolivie, Argentine), *Deuxième Guerre Mondiale/anées 1970-1980, Annales de Bretagne et des Pays de L'Quest*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, tome 108, número 2, 2001, p.103-128. Os jogos de gênero, para ele, seriam a máscara, uma dramatização. “Como num jogo de xadrez, em que atores políticos tentam intervir no espaço público, utilizando como instrumento de intervenção e visibilidade política o “eterno feminino” e o “eterno masculino”. (DUARTE, 2011, p.235)

¹³⁰ Cenas parecidas como aquelas contadas por Sônia foram descritas também por Abigail Silva, durante a década de 1970, quando ela e outras mulheres passaram a reivindicar a criação de uma creche no bairro de Vila Yolanda, em Osasco. O contexto de atuação era outro, assim como a reivindicação; mas a estratégia de usar os filhos para legitimar o papel das mulheres foi semelhante. Essa performance foi tratado em outro capítulo desta pesquisa.

lhes permitiram deslocar o espaço de ação e negociação política, e também recriarem os agentes delas. Além da maternidade, outras artimanhas fizeram parte da atuação feminina. Não foram rupturas espetaculares, mas de reapropriação e desvios dos sentidos para ser usados contra os próprios dominadores, como o que fizeram Sandra e Amira: se num primeiro momento ofereciam café em casa aos militares, elas passaram a tomá-lo com os delegados no Dops.

Ao adentrarem a delegacia para saber notícias sobre José Ibrahim, perceberam um aspecto importante para a negociação e a sedução dos repressores. Elemento que passou a ser usado conscientemente por elas para atingir parte de seus objetivos: a beleza feminina. Em diferentes momentos, Sandra chamou a atenção para a paixão que ela e a tia Amira provocaram naqueles temidos homens.

Fomos procurá-lo... A gente já estava, assim, desesperada! E a gente sabia que ele estava lá! Entendeu? E eles diziam: “Não tá, não tá, não tá”! Aí teve um dia, que estávamos eu, minha tia Amira e minha avó... Minha avó era de idade... Sabe?! Naquele dia, a gente estava tão desesperada, que a gente começou a chorar muito! Eu e ela! A gente começou a chorar muito! E aí veio uma pessoa... que veio... me paquerar!! O delegado Júlio de Campos! Me paquerar!! (Sandra Nogueira)

Nós chegávamos no Dops... O outro delegado era apaixonado pela minha tia Amira!... Mandava a gente subir. Eu, minha tia e minha avó. Ele falava pros investigadores: “Manda a família do José Ibrahim subir!”. Ele era apaixonado por ela! Se apaixonou por ela na cadeia e deixava a gente subir!! E a gente ia lá na sala dele... Ele mandava o Zezinho subir... (Sandra Nogueira)

Lógica da teimosia e do imprevisível, fundada na experiência e no senso de oportunidade, essa foi a “arte de fazer” das mulheres osasquenses¹³¹. Tentando encontrar brechas no espaço de dominação, elas construíram suas táticas conforme o contexto imposto por aqueles homens que exerciam o poder. Na busca da sobrevivência de seus entes queridos e do último recurso, num momento em que outros caminhos estavam vedados, elas apostaram na esperteza e na inventividade.

A mãe de José Ibrahim, sempre presente nas visitas às delegacias e ao Dops, fez parte, de forma consciente ou não, da performance de suposta simplicidade e ignorância atribuída às velhas senhoras. Vista muitas vezes como ingênua pelos militares, teve sua esperteza enfatizada na narrativa de Sandra. O “cafezinho” em tantas oportunidades oferecido às três dentro do Dops teria sido uma estratégia das autoridades para fazê-las

¹³¹ A “arte de fazer” é uma expressão usada por Michel de Certeau (1998) para definir a capacidade dos “fracos” de resistirem aos processos de dominação e suas estratégias de controle.

falar, conseguir informações. A gentileza dos delegados não era apenas provocada pela paixão que supostamente nutriam por elas. Eram tentativas de fazer com que colaborassem no esclarecimento sobre pessoas envolvidas nos grupos armados, relacionadas a José Ibrahim. Sandra e Amira mostraram com orgulho que nenhuma delas se deixou dobrar e que foram mais espertas do que os fardados que as recebiam.

Teve outra vez no Dops que eles chamaram a gente, deram cafezinho... Aí pegaram um monte de álbum de fotografia!... E falaram assim pra minha avó: “Olha, a senhora quer ver? Tem um monte de foto aqui! A senhora conhece algum desses aqui?”. Aí a minha avó: “Não, não conheço”... Aí, eu e a tia Amira não sabíamos o que fazer! Olhava uma pra outra, porque só tinha gente conhecida ali!! Eles falavam assim para ela: “Não tem nenhum amigo do seu filho aí?”. A minha avó virou para ele: “Sabe moço, engraçado que o meu filho não tem nenhum inimigo! Nenhum inimigo! Tem tanto amigo... Graças a Deus, não tem nenhum inimigo”!! E aquele monte de gente olhando pra nós!... Aquele dia foi de lascar! Quase que pegam a gente!! A gente conhecia todo mundo!(Sandra Nogueira)

A possibilidade do perigo não era desconhecida por elas. Por isso, terem conseguido passar a imagem de que nada sabiam foi uma vitória. A mãe de Ibrahim, reforçando o atributo de ingenuidade, conseguiu escapar da pressão militar e livrá-las da tensão daquele momento. Usou contra os algozes de seu filho o próprio imaginário que eles haviam construído com relação à sua figura.

É preciso lembrar que dentro da cadeia, essa imagem de ingenuidade e de “boa mulher” também foi usada por algumas mulheres que chegaram a ser presas. A colaboradora Ana Maria Gomes, operária da fábrica Osram, foi aquela que mais longe chegou quanto ao rompimento com a casa e a família. Durante a greve de Osasco, acompanhando o irmão, Osny, ela já negociava sua entrada na Vanguarda Popular Revolucionária, do capitão Carlos Lamarca. Participante direta da organização nas fábricas, ela também chegou a ser presa e levada para o Dops logo após o exército ocupar a cidade. Seu relato revelou a percepção sobre a fragilidade do regime no próprio imaginário coletivo, opressor e machista. Como outras mulheres, ela percebeu que seu gênero, construído socialmente, poderia lhe servir como instrumento para se livrar da cadeia e improvisou sua performance.

Fui presa no sindicato, mas ainda passei como coitadinha... Incrível a visão que tinham! E a gente se aproveitava um pouco disso. Mulheres nunca eram capazes de qualquer coisa! Então, lembro que quando fui presa, na hora em fui presa, já pensei numa linha de pensamento: “Pô, sou mulher, não estou fazendo nada!” e aí o cara dizia: “Como é, faz três dias que você está no

sindicato!”. Eu estava lá o tempo inteiro e eles estavam vigiando! Quando chegamos no Dops, a minha linha de defesa foi sempre; “Não, a gente estava lá por acaso, fui procurar meu irmão, minha mãe está muito preocupada”. contei que se ele estivesse lá no sindicato, era pra avisá-lo que a fábrica dele estava em greve também. Nós tivemos que ouvir do delegado que éramos muito moças, assim tão “direitas”, que queríamos casar com certeza. E a gente fazendo coisas para o sindicato! Um dia acharíamos algum trabalhador honesto para casar e tal.... Era um sermão que se dá a uma moça de família e hoje nós rimos disso! Ele dizia: “Vocês querem casar, não querem?”. E nós: “Claro que queremos”!! (Ana Maria)

Numa condição mais extrema de perigo, Ana Maria também “jogou no espaço de visão do inimigo”. Se o olhar sobre as guerrilheiras colocava-as numa situação de humilhação e de “mulheres perigosas e desviantes”, ela pode se apropriar da fala masculina para transformá-la em sua própria defesa. O jogo de gênero foi uma tática diante de seus algozes. Se os homens esperavam dela certa ingenuidade ou ignorância política, como se esperava de Amira, Sandra e a mãe de Ibrahim; se o sonho e o destino da “boa moça” era o casamento e não a atuação pública; se para eles era difícil admitir a inteligência e autonomia das operárias por serem mulheres, tornava-se bom negócio assumir esta característica idiotizante para “jogar”. Escolher assumir o papel feminino definido pela moral serviu para que Ana Maria os enganasse, assim como os confundiram Sandra e Amira. Graças ao senso de oportunidade, ela conseguiu escapar da prisão e pode, enfim, adentrar de vez no mundo da luta armada.

Judith Butler (2003) nos estimula a refletir sobre as ações aqui contadas pelas narradoras, partindo da idéia de que as pessoas não são somente construídas social e sexualmente. Em certa medida, elas constroem a si próprias na relação com os papéis que lhe são designados a cumprir. Butler considera o gênero resultado de um processo mediante o qual recebemos significados culturais e sobre o qual somos capazes de inovar e interpretar. As entrevistadas, nesse sentido, entenderam a necessidade e a possibilidade de manipular o ideal criado sobre elas e para elas. Entendendo-se como diferentes dos homens, e se identificando nessa diferença, assumiram conscientemente as expectativas hierarquizantes daqueles homens, duplamente poderosos, porque também detentores dos instrumentos da repressão. Assim, os enganaram.

A experiência feminina dentro dos espaços públicos tornou o entendimento de gênero impreciso, transformando-o numa arma para abalar a estrutura da repressão, encontrar brechas nas certezas e regras morais e políticas daquele momento. Essa capacidade múltipla de inventividade e esperteza fez com que elas, em outras

oportunidades, usassem seu corpo não apenas para se afirmarem e se apresentarem como mães fragilizadas, mulheres sedutoras ou “boas moças”. Também fizeram deles os portadores da esperança de muitas famílias, por meio dos bilhetes que eram escondidos, permitindo a troca de informação com os presos e as notícias sobre sua condição nas cadeias. Amira Ibrahim e Iracema dos Santos, irmãs de José Ibrahim e Roque Aparecido, respectivamente, relataram a astúcia diante das brechas do próprio sistema. Fizeram notar como se desprenderam das questões individuais ou familiares para servirem também a outros presos.

Suas ações espontâneas e dispersas passaram a costurar outras experiências, com as quais se identificavam. A percepção de que suas histórias eram semelhantes a outras, que o sofrimento não era solitário e sim compartilhado por outras pessoas, transformou suas realizações em atos políticos. A preocupação com o outro fez com que elas acabassem por se inscrever numa rede de solidariedade e apoio, percebendo que os problemas vividos eram mais amplos e complexos.

O Ibrahim escrevia para nós. Ele escreveu. Escreveu dizendo que estava muito bem... Imagina que o bilhete dele não passou por trinta pessoas, né?! Que era pra gente não se preocupar. Ele já dava a dica: estava com Fulano, com Sicrano... Isso foi muito bom! Porque a gente já contou pra tropa inteira, pra família inteira que ele estava ali!! Ele fez já de propósito: “Olha, tá aqui o Fulano, tá aqui o Sicrano... Está aqui o Roque, o filho de Júlio Medáglio, o marido da Marília Medalha¹³². Falou dele... Falou de diversos nomes! Como chama aquela moça que morreu há pouco tempo? A Maria Augusta¹³³! E aí a gente foi repassando esses bilhetes para as famílias... Eu levava recado pra mãe de Fulano... (Amira Ibrahim)

As pessoas ficavam a noite toda escrevendo bilhetes no papel higiênico para mandar para as famílias. Nós marcávamos pontos para mandar os recados do presídio para as famílias e vice-versa. Guardava os bilhetes dentro da blusa... Era camuflado. (Iracema dos Santos)

Os bilhetes não serviam apenas para trocar mensagens entre as famílias. Muitas vezes faziam parte de orientações e projetos para organizar a guerrilha. Mesmo que elas não tivessem a dimensão exata do conteúdo deles e do risco que corriam fazendo aquilo,

¹³² Amira se referiu, na verdade, à cantora Marília Medalha, que teve seu marido, Isaías Almada, preso no ano de 1969, acusado de terrorismo. Não se trata do filho de Júlio Medáglio.

¹³³ Maria Augusta Carneiro Ribeiro, citada por Amira, foi a única mulher trocada pelo embaixador americano Charles Elbrick, em 1969. Ela pertencia à Dissidência Comunista, que contava com membros da ALN, VPR e MR-8. Foi presa, torturada e, mais tarde, exilada no México e no Chile, onde viveu até voltar em 1979, com a Anistia.

elas se prestaram a ser mediadoras, enganando e manipulando os repressores por meio da única arma que não eram impedidas de portar: sua corporiedade.

O Dorival que foi morto aqui na linha do trem de Osasco... Ele também fazia parte da VPR... Ele estava fugido e voltou pra casa dele pra fazer não sei o que e a polícia estava de campana. E aí pegou ele! Eu vinha saindo de lá... Duas horas antes eu havia levado um recado pra ele! Não sei qual tinha sido o recado que o Zé mandou dar. Lá da prisão, ele tinha mandado um recado pro Dorival por mim. Duas horas antes, eu tinha saído de lá! Aí eles estavam de campana e pegaram ele. Aliás, metralharam ele!¹³⁴!(Amira Ibrahim)

A repressão à luta armada, o desmantelamento do movimento estudantil e a desorganização do movimento operário abriram a brecha para outros tipos de ação não institucionais, mas também perigosos. Ousadas, as narradoras assumiram seu corpo e os estereótipos sobre ele para guardar os bilhetes e passarem despercebidas como “perigosas” diante das autoridades. Aceitaram também se fazer passar por parentas ou namoradas de outros presos. Essas passagens foram lembradas com orgulho por elas, mostrando que elas tinham consciência da importância do que fizeram, enquanto iam visitar os homens.

Mesmo depois dos eventos traumáticos envolvendo seus dois irmãos, João Domingues da Silva, assassinado sob a tortura em 1969, e Roque Aparecido, preso e exilado em 1970, Iracema ainda continuou visitando colegas no presídio Tiradentes e levando bilhetes¹³⁵.

Quando o Roque tinha sido exilado, eu ia até o presídio me fazendo passar por prima do Espinosa, nosso amigo. Ia visitá-lo. Ele sofreu muito também e é até hoje um grande intelectual! Nós marcávamos pontos para mandar os recados do presídio para as famílias e vice-versa. Guardava os bilhetes dentro da blusa... Mesmo depois da morte do João, eu ia. É como aquela música, sabe? “Você me prende vivo, eu escapo morto!”.

Sua fala final demonstrou a percepção de que a luta política passava a ser dela também, num alargamento de compreensão sobre os acontecimentos. Ela já vivia um processo de envolvimento mais profundo com a vida de outras pessoas que não eram

¹³⁴ Segundo dados constantes no livro *Direito à Memória e à Verdade* (2007, p.120) Dorival Ferreira pertencia à Ação Libertadora Nacional e foi preso em abril de 1970, provavelmente depois de ser alvejado pelas costas pelos policiais, ao tentar fugir do cerco à sua casa. Ele teria sido levado ferido para a cadeia e lá teria morrido. Na versão oficial, sua morte teria sido fruto de um tiroteio.

¹³⁵ João Domingues foi assassinado após ter participado do assalto ao cofre do governador Ademar de Barros, em 1969. Roque Aparecido foi trocado com mais outros setenta presos pelo embaixador da Suíça, Giovanni Bucher, sequestrado em dezembro de 1970.

seus familiares, uma causa humanitária que exigiu dela solidariedade. A ajuda prestada ultrapassou as circunstâncias pessoais e as palavras proferidas em sua narrativa valorizaram sua vontade persistente contra o arbítrio, a descoberta de sua própria coragem naqueles momentos. Ela demonstrou ter noção hoje do risco que correu e traduziu na frase final toda sua coragem.

Ana Maria Gomes, que foi para a clandestinidade após a greve e chegou a pegar em armas pela organização VPR, lembrou até onde a escolha de Iracema chegou para ajudá-la a sair do país. Ela teria ido até a catedral da Sé, em São Paulo, e fingindo rezar teria recebido um pacotinho com dinheiro de um membro da guerrilha para que Ana Maria pudesse viajar para o Chile. Mais uma vez, ela reforçava um papel culturalmente atribuído à mulher – ali como rezadora e conformada – para praticar um ato subversivo e perigoso.

Eventos insuspeitos como esses produziram efeitos acalentadores e constituidores da resistência silenciosa feminina. As histórias orais permitiram perceber a ausência de uma ação coordenada, a multiplicidade de caminhos construídos para aproveitar as brechas, diferente do processo que envolveu os operários na greve e na luta armada. No início foi de forma espontânea e não articulada. Elas não tinham a organização política dos homens, mas acabaram por se identificar dentro da mesma situação de medo e perdas, desenvolvendo ações de solidariedade.

Atitudes semelhantes àquelas narradas pelas entrevistadas foram manifestações do que Michel de Certeau chamou de táticas de subalternidade dentro da pseudoconformidade. Para o autor, diferente da estratégia que é própria do poder hegemônico e controlador, a tática se manifesta dentro do “campo de visão do inimigo (...) e no espaço por ele controlado”:

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. (...) Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vão caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 1998, p.100/101)

Não tão visível como a estratégia da opressão, a tática seria uma hábil utilização do tempo, a “arte do fraco” contra o poder instituído. As colaboradoras mostraram essa competência ao tirarem proveito dos lugares organizados, criando uma antidisciplina – Iracema na igreja; Sônia, Amira e Sandra nas prisões – operações astuciosas, muitas

vezes espontâneas e clandestinas. Certeau chamou isso de formas subterrâneas de viver com políticas impostas, microrresistências que fundam microliberdades e deslocam fronteiras de dominação. Mesmo que essas práticas informais de resistência não tenham alcançado a liberdade desejada pelas mulheres nesses espaços, representaram avanços na luta pela sobrevivência dos presos. Atentas ao tempo da oportunidade, elas buscaram no cotidiano e no imprevisto vigiar “para ‘captar no voo’ a possibilidade de ganho.”(p.47) Elas fizeram o que o autor definiu como constantemente “jogar com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões”.

Com a expectativa de transformar as brechas do sistema em possibilidade de ganho, Sandra e sua tia Amira chegaram a realizar uma festa de aniversário para José Ibrahim, quando ele foi transferido para o presídio Tiradentes, em 1969. Usando, mais uma vez, sua capacidade de atrair os homens (“a gente era bonita”), elas conseguiram convencer o diretor do presídio a conceder-lhes o direito de levar um bolo para o presídio. A festa teve direito à refrigerante e até mesmo um porco assado, enviado por um comerciante da região de Osasco, senhor Menck, conhecido da família. Isso aconteceu a apenas um dia do sequestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles Burke Elbrick, por membros da ALN e do MR-8, no dia 04 de setembro daquele ano.

Quem não tinha família, não descia pra tomar sol nem nada, naquele dia desceu! Eu passei por namorada – acho até que eles sabiam – mas passei por namorada de vários!! Do Maranhão, que era um menino do movimento estudantil lá no Maranhão. Passei por namorada dele, para ele poder descer, ficar no pátio. Passei por namorada do Frei Beto¹³⁶!... (Sandra Nogueira)

A negociação para que visitas, festas de aniversários e outros encontros pudessem acontecer foi proporcionada pelas narradoras e não se caracterizou por atos isolados. Tornou-se tática de outras senhoras que levavam também seus filhos, ofereciam presentes de vizinhos e carregavam fotos de membros familiares e amigos¹³⁷. Dessa forma, permitiam a manutenção dos presos com o seu mundo afetivo, externo, ao

¹³⁶ José Carlos Libâneo, conhecido como Frei Beto, era frade dominicano e colaborou com as ações da ALN. Mantinha contatos estreitos com Carlos Marighela, líder da organização e foi preso em 1969, quando Marighela foi morto em uma emboscada. A referência de Sandra ao fato de ter se passado por sua namorada colaborou, inclusive, para confundir papéis e deixar o questionamento presente: o fato de Frei Beto ser frei e se apresentar com uma namorada teria amenizado ou reforçado o estereótipo de “padre comunista” no presídio? Teve ele consciência dessa situação?

¹³⁷ Em sua tese de Doutorado (2009), Maria Rita Fontenele Duarte tratou sobre a ação das mulheres do Movimento Feminino Pela Anistia no Ceará. Ela mostra como este tipo de ação tornou-se constante nos anos 1970 nas prisões. As narrativas de Amira, Sandra e Iracema mostram que essa prática já existia anteriormente, no final da década de 1960 e não estava relacionada ainda com a luta institucional pela Anistia.

mesmo tempo em que amenizavam o seu sofrimento. Garantir o contato da família com eles, ou fazer-se passar por sua parenta ou namorada contribuía também para tentar romper com o estigma imputado a eles de terroristas perigosos. Humanizava-os perante os repressores pelas relações afetivas. Isso não representava total liberdade de ação para elas, e nem sempre avanços como planejavam, mas foi justamente no jogo de tentativa e recuos que elas procuraram interferir e contribuir na luta contra a ditadura, ao lado dos homens.

Beatriz Sarlo, em seu livro *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação* (2005) apresentou o panorama em que penso ter sido traçado o caminho por parte das entrevistadas. Ela afirmou que as mulheres, a partir dos anos 60 e 70, tenderam a se apresentar não como sombra dos outros, nem como sujeitos passivos e submissos e sim como produtoras de discursos e práticas próprios que promoveram outro olhar sobre o passado e o presente: “A mulher pode não representar a humanidade como ocorre com o homem, mas ela não é mais excluída da *civitas*.” (SARLO, 2005:172). Para ela, a ação política não se restringiu ao ideológico e institucional e, no caso delas, pode se apresentar de outras formas, reinventada: como razão, como paixão e como ação.

A política como paixão descreve a relação das mulheres com a esfera pública dentro de um espaço delimitado por certos traços da “imagem feminina”. Os valores que a tradição reconhece como tipicamente femininos podem ser modificados em sua função social e transformados em instrumentos da participação das mulheres no mundo ideológico e político. (SARLO, 2005, p.188)

Sarlo chamou atenção para aspectos importantes da ação feminina como paixão, outras artimanhas para interferir no mundo e provocar transformações. No caso de parte das entrevistadas osasquenses que atuaram contra a ditadura militar sem utilizar as estratégias políticas esperadas, ficou clara essa singularidade, em que a paixão e o afeto se concretizaram em atitudes de escolha e intervenção.

Levando em conta o que Beatriz Sarlo (2005) chamou de “política como paixão”, os valores que a tradição reconheceu como tipicamente femininos puderam ser modificados pelas mulheres em sua função social e transmutados em instrumentos de sua intervenção no mundo ideológico e político¹³⁸.

¹³⁸ A política como paixão, de acordo com Sarlo, se refere à relação das mulheres com a esfera pública a partir de traços considerados formadores da “imagem feminina”.

Semelhante a quem se vinga do que foi rotulado como o “puramente feminino”, as mulheres reorganizaram temas ideológicos em novas formas de prática e de discurso que, muito obviamente, não obedecia a nenhum pressuposto, mas nasceu da necessidade de trabalhar com o que a cultura havia estabelecido como campo de mulheres e legitimou como preocupações femininas. As mulheres adotaram o que pode ser entendido como uma estratégia *bricolage*, produzindo novos assuntos públicos a partir de antigos papéis e funções tradicionais. Se a sociedade definiu o privado como a quintessência da esfera feminina, as mulheres transformaram os assuntos privados em debates políticos e em intervenções. (SARLO, 2005, p.188-189)

Sentimentos considerados como tipicamente femininos, como amor, caridade e fraternidade, tornaram-se a base para o seu comprometimento público. Ganharam novos significados no âmbito da política para defender a justiça, a proteção aos presos e modelarem o enfrentamento ao regime.

Esse recurso à bricolagem, ou seja, a prática de criar novos papéis a partir dos tradicionalmente atribuídos, se tornou fundamental na história das colaboradoras para lidar com as perdas e amenizar o impacto delas em suas vidas e de suas famílias. Sentimentos de caridade e piedade, considerados naturais à função das mães e esposas, foram traduzidos por atos de solidariedade nas prisões e nas ruas, reivindicações de justiça e mobilizações. Mais tarde, na luta pela Anistia aos seus companheiros, integrando-as ao processo nacional de reivindicação pela democracia que marcou o final da década de 70.

Elas trouxeram para dentro de casa discussões públicas e levaram para fora os sentimentos mais íntimos: “O sentimento de injustiça constitui as mulheres como atores públicos; a paixão que libera transforma um sofredor passivo em sujeito ativo.” (SARLO, 2005:190). Isso não veio necessariamente da ideologia, do curso da história e seus orientações políticas, nem do feminismo, mas da experiência, que as transformou em protagonistas. Utilizaram do vocabulário e de valores que não eram próprios da política e por isso lhes permitiram arrancar conquistas: falaram de amor, segurança, família e vida para reforçar sua ação performática, teatralizada, seja na praça, seja diante dos alcos de seus irmãos, maridos e amigos. Assim, a paixão se tornou ação política, subverteu e, muitas vezes, enganou.

As colaboradoras saíram de condição de sofredoras passivas e vítimas para a condição de sujeitos ativos na construção da memória de luta na cidade de Osasco. De personagens secundárias na greve organizada em 1968, elas passaram a se colocar como protagonistas de uma faceta perigosa da história. Suas condutas não foram inspiradas

pela crença em certezas abstratas, como a revolução, mas na experiência concreta, cotidiana, de um ativismo teimoso e astucioso. Nesse sentido, a ideia de "política como paixão" defendida por Sarlo se assemelhou à "lógica do afeto", preconizada por Elisabeth Jelin (1994).

Essas práticas "fraudulentas" pelas quais é possível resistir no cotidiano foi o que Michel de Certeau (1998) chamou de táticas de "criatividade dispersa e *bricoleu* dos dominados" (p.41). Longe da política institucional pela qual outras mulheres se engajaram, as narradoras apontaram outros caminhos possíveis: foram ágeis e flexíveis, improvisaram e exploraram furos no sistema. Infiltraram-se mantendo a aparência de conformidade e submissão para atingir seus intentos.

Exemplo de escolha de gênero foi a saga contada, entre risos e lágrimas, por Amira e Sandra, sobre como enganaram os homens a quem temiam e que ao mesmo tempo seduziam para ter acesso aos presos e tentar libertá-los. Cansadas de assistirem a imagens deprimentes e angustiantes de pessoas – conhecidas ou não – passarem da sala de tortura para as celas, elas planejaram uma tática para "salvar" José Ibrahim. A história escrita, oficial, jamais teria acesso a uma fonte que tivesse a riqueza de sentimentos e a vivacidade da experiência narrada por elas. Desespero e fé misturaram-se ao inusitado; a criatividade tornou possível uma investida que, apesar do caráter anedótico dos relatos, para elas alterou a história:

Eu e a Sandra fizemos até macumba!! Veio o "seu Pimenta", mandou a gente levar bala de coco e pimenta pra jogar nas portas que a gente fosse entrar no Dops, que era pra abrir as portas pro Ibrahim sair. Não tinha porta no Dops que não tivesse bala de coco e pimenta!! E charuto!! A gente tinha que dar umas tragadas no charuto! A gente olhava: "Olha, olha o guardinha vindo aí!"... Como a gente fumava!!... Hoje ele sabe e chama a gente de louca!! (Amira Ibrahim)

O "doutor Pimenta" mandou a gente levar bala de coco e pimenta no Dops. Minha filha, era um tal de jogar balinha pra lá, pimenta pra cá!... A gente encheu aquele Dops de bala de coco, pimenta e charuto, menina! Aquele cheiro de charuto!!... Teve uma vez que a minha tia foi prum canto e eu pensei: "Vou por na porta do delegado!". Menina, eu dei um jeito... Sabe aqueles elevadores antigos? Tinha uma escada... Fui lá pra escada, perto da porta do delegado... A gente fazia cada doideira!! Mas olha, vou te contar uma coisa, é verdade: pode perguntar pra minha tia Amira. Dali um instantinho o Zé saiu do Dops e foi pro presídio Tiradentes! Dali ele não ficou nem dois meses no Tiradentes, sequestraram o embaixador e ele foi trocado. Vai dizer que não funcionou a pimenta?! (Sandra Nogueira)

A presença insuspeita do corpo feminino na delegacia permitiu a elas agir de forma surpreendente nos espaços mais perigosos da repressão. Sem pegar em armas, agiram tomadas pelo afeto, pela esperança. Se a guerrilheira era o desvio, como bem notaram as historiadoras Colling, Teixeira e Badan em suas pesquisas, as colaboradoras assumiram seu papel de “mulher direita”, defensora dos seus, para enganar, fazer seus ritos munidas de fé. No presente, puderam fazer disso motivo de riso: enganar o inimigo no seu próprio terreno.

Nesse sentido, a história oral tem o mérito de ir além do publicado, escrito e conhecido. A intimidade, o sonho, a fé, o que significou mais do que o acontecido, pode ser dito, valorizado pelas palavras de quem vivenciou e nunca pode tornar pública sua experiência. As táticas de subalternidade apontadas por Certeau fizeram-se presentes dentro do espaço rigoroso e controlado dos dominadores. Agiram em suas brechas e naquilo que negligenciavam: a inteligência feminina. Elas acreditaram tão fielmente no valor e na legitimidade da causa de estarem ali, que não pensaram em parar suas ações, transformando medo em criatividade. Optaram por uma tática não agressiva, mas em certa medida, eficiente para seus fins imediatos, principalmente. Apresentaram história de resistência e de transformação identitária, por meio de caminhos subterrâneos muitas vezes. Michelle Perrot afirmou que no mundo predominantemente masculino, coube às mulheres desenvolverem a capacidade de reinventarem-se.

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 2006, p.212)

As mulheres osasquenses puderam construir outra memória sobre seus feitos; valorizaram outra história, invisível mas não descolada daquela contada por seus companheiros. Valorizaram lembranças não selecionadas por eles, seja por desconhecimento, indiferença ou esquecimento. Mostraram uma história “pelas margens”, em que foram protagonistas e na qual enxergaram sua contribuição: “vai dizer que não funcionou a pimenta?!”. Na improvisação esteve a força feminina. Como diria Walter Benjamin, “todos os golpes decisivos são desferidos com a mão esquerda”.

5.6. – Agir às escuras: outras táticas de resistência

As narrativas femininas revelaram multiplicidade de gestos solidários, práticas da política como paixão apontada por Beatriz Sarlo (2005) que não puderam ser padronizadas numa organização coletiva. A riqueza das histórias orais de vida demonstrou que o comportamento das mulheres osasquenses não poderia ser entendido dentro de uma camisa de força, ou que seus atos pudessem ser conectados entre si por uma combinação consciente. Isso fez com que suas histórias, diferentes daquelas relatadas pelos homens sobre a greve de 1968 e suas ações posteriores, não tivessem ainda uma forma sistematizada de narração. Cada relato trouxe táticas dispersas, embora complementares, da lógica afetiva que as impulsionou para o mundo político sem, no entanto, abandonar a responsabilidade quanto ao espaço doméstico.

Helena Pignatari Werner e Risomar Fasanaro, por exemplo, não tiveram seus maridos ou membros de suas famílias detidos, mas procuraram proteger os operários envolvidos na greve, dando-lhes algum tipo de cobertura até onde consideraram possível. O pessoal e o político se misturam, no caso delas, no sentido em que sendo mais politizadas que as demais não se tornaram militantes, mas foram motivadas a agir pelo afeto que nutriam por eles. Cada qual tentou amenizar a perseguição que viam se abater sobre os trabalhadores e estudantes osasquenses, fruto não apenas da repressão à greve, mas ao fechamento violento da ditadura. Elas combateram, com suas ações, a propaganda que se fazia sobre os grevistas e guerrilheiros, nomeados como terroristas pelo regime militar.

Helena já havia vivido a experiência da prisão logo depois do golpe de 1964. Ela foi denunciada aos militares por seu envolvimento com a prática do Método Paulo Freire, que havia conhecido no Recife e teria trazido para São Paulo¹³⁹. A partir da ameaça de violência feita às suas duas filhas pequenas enquanto estava na cadeia, teria abandonado a postura mais ativa e aberta politicamente. Isso não significou, porém, deixar de acobertar alguns de seus alunos, como José Campos Barreto.

O Barreto, por exemplo, panfletava ali em frente à minha casa, morando na Campesina... Ele panfletava na Eternit, na Cobrasma, aquilo tudo! Em frente

¹³⁹ A professora Helena ministrava aulas de História no colégio Ceneart e praticava o método de alfabetização juntamente com o educador Paulo Freire. Para ela, os efeitos das aulas sobre os alunos teria sido surpreendente, transformando a vida deles. Principalmente as jovens teriam conhecido um novo mundo, rompendo com a moral das famílias e se tornando mais independentes. A descoberta “mágica” proporcionada aos alunos pela educação foi, talvez, o motivo de sua prisão, segundo seu relato.

da minha casa era um mato, ele atravessava aquilo correndo e vinha pra minha casa. Ficava ali, tomava um lanchinho... Eu dava aula à noite, ele entrava no carro, ia atrás, no carro... O Klaus, meu marido, desviava pra uma rua escura, parava o carro, ele descia, eu ia pro ginásio. Ele chegava no ginásio uns cinco ou dez minutos depois que eu chegava. Nunca chegaram a ver o Barreto lanchando lá em casa, nem chegando depois da panfletagem! Ele se escondia muito... Foi quem morreu com o Lamarca, né? Era o Zequinha... Ficou conhecido como Zequinha... Esse era o Barreto!

Mesmo depois da tortura psicológica que sofreu na cadeia e apesar do medo, demonstrou que não deixou de se arriscar por seus alunos, que reciprocamente foram leais a ela, dentre eles Ananias, torturado em Recife para entregá-la, posteriormente. Ela continuou dando apoio àqueles que tinham dificuldades para se esconder, como Barreto, mesmo quando estava sendo procurado como militante da luta armada. Tendo ciência do risco que corria de ser presa novamente, ela agiu às escondidas. A recordação de pequenos gestos como esse conservou o vínculo afetivo e mostrou que ela não os havia abandonado em meio ao contexto de perigo.

A fala da professora, carregada de emoção ao lembrar Barreto, heroificou ao mesmo tempo em que considerou os momentos de exposição e fragilidade dos homens para apontar que os gêneros se construíram juntos, muitas vezes invertendo posições de segurança e desproteção.

Da mesma forma, Risomar que dava aulas numa escola no bairro de Quitaúna e que assistiu a seus amigos sendo presos sem nada poder fazer, buscou intervir dentro da sala de aula, no enfrentamento ideológico¹⁴⁰. Lembrando que nunca teria sido convidada para pegar em armas, mas que poderia tê-lo feito canalizou sua indignação para os discursos realizados em sala, recurso arriscado como educadora.

Eu tinha uma classe lá em Quitaúna que era formada só por alunos militares. Nunca fechei a minha boca! Sempre contei a eles tudo o que eu sabia, tudo o que eu ouvia nas assembleias da USP, nos atos que participava lá em São Paulo. Nunca escondi nada disso dos meus alunos, nunca! Era minha responsabilidade fazer com que eles soubessem. Um dia ouvi um dos alunos dizer assim, perto de mim: “Professora, a senhora tem muita sorte que a gente gosta muito da senhora!”. (Risomar Fsanaro)

A coragem para resistir contra o regime se manifestou pela denúncia sobre a violência praticada e o compartilhamento do que assistia e ouvia nas manifestações de

¹⁴⁰ Quitaúna era o bairro em que se localizava o complexo militar formado pelo 2º Grupo de Artilharia Antiaérea (2º GAAE), 39º Batalhão de Infantaria Leve (39º BIL) e 4º Batalhão de Infantaria Montada (BIB).

oposição a ele. A sala de aula teria sido o espaço de sua maior intervenção, realizando discurso contrário à ditadura aos próprios alunos, que eram militares. Muitos deles, segundo ela, participavam da repressão à guerrilha do Araguaia, sem que ela soubesse. Risomar procurou manter a escola como espaço de mediação, assumindo-se como porta-voz do “outro lado”, numa atitude ousada e perigosa. Intencionava fazer com que aqueles jovens, com quem mantinha relação afetiva, pudessem conhecer outra versão dos fatos, numa tentativa de “convertê-los”. Certa ingenuidade – ou o desejo de “salvá-los” - fez com que convidasse seus alunos, inclusive, para participar de passeatas pelas ruas de Osasco. O respeito por parte deles foi o que a livrou, naquele momento, de ser também denunciada ou presa.

As múltiplas vivências são ricas porque rompem com o olhar mais sistematizado da história. A memória feminina permite entender a experiência coletiva osasquense como um bulbo, ramificado em inúmeras possibilidades de resistência, algumas extremamente silenciosas. A atuação subterrânea de Helena Pignatari não foi a única artimanha ignorada pela ditadura, fora das delegacias.

Dentro das casas, não houve só lamento. Muito se confabulou na quietude da noite, para que se pudesse preservar a vida dos homens. As fronteiras entre o pessoal e o político foram deslocadas, tornando as questões políticas parte das conversas familiares e das preocupações íntimas. As mulheres mobilizaram membros da família para uma realização fundamental: o silêncio.

Eni Orlandi distinguiu dois processos para a prática do silêncio, considerando que ele pode não significar apenas silenciamento, ou seja, fazer calar, mas pode ser uma forma de resistência. No caso daquele promovido pela repressão, interditou e desvirtuou sentidos, censurando, prendendo e matando. Na tática feminina, ele foi produzido para esconder e preservar vidas. Não sucumbir. Para as entrevistadas, calar com relação aos homens não foi só imposição e sim escolha. Enquanto buscavam seus maridos, colocando-se no espaço público e perigoso, atuavam também no espaço privado, silenciosamente.

Se a vigilância procurou impedir os opositores de se manifestar, principalmente nas ruas e instituições, foi na cozinha, no quarto ou no quintal - muitas vezes na proteção da noite - que elas trataram de pensar e agir justamente para não dizer e não permitir existir “as provas” que incriminassem seus companheiros. Como Penélopes, trataram de “desfiar” o tecido, para não comprometer, não ceder. Mais uma vez, enganaram os vigilantes no espaço que pretensamente destinavam a elas.

Sempre que eu lhes perguntava sobre fotografias, objetos e documentos que pudessem significar suas histórias, as respostas foram as mesmas: optaram por apagar e destruir coisas que lhes eram caras para continuar lutando. Para isso, contaram com a ajuda de outras pessoas da família, principalmente os pais, que acabaram se comprometendo com o pacto. As narrativas individuais compartilharam com tristeza a memória coletiva, relataram a experiência singular e ao mesmo tempo de todas elas sobre a necessidade de por fim às coisas que as comprometessem ou ao seus parentes presos ou procurados.

As cenas de destruição e apagamento de informações e objetos se repetiram nas narrativas, quase formando um único relato de tão próximos em feito e significados:

A minha avó, os livros, as coisas do Zé, ela fez um buraco no quintal e enterrou... Todas as coisas do Zé! (Sandra Nogueira)

Nós ficamos horas rasgando as coisas, queimando, jogando na privada!... (...) Lembro o meu pai de pijama, minha mãe de camisola comprida no pé, comprida... Nós três rasgando jornais com fotos de passeata, documento de UNE, documento de professor, tudo! Tudo que era político, rasgando tudo! (...) Acho que nessa noite a gente foi fazendo a mesma coisa: rasgando, queimando em frigideira de ferro, jogando na privada e dando descarga! (...) (Risomar Fasanaro)

Nossa, queimamos tanta coisa: livros, obras, enfim, que a gente tinha guardado com tanto carinho! Fizemos uma fogueira. (Sonia Miranda)

Tinha livros na minha casa... O João ligava falando, “pega aquele livro”... Só sei que até hoje tem livros escondidos! Escondido em lugar que nem sei! A minha cunhada Rita levava os livros pra casa dela e sumia com esses livros. Sabe?! Livro que hoje em dia você lê normalmente! Você não podia ter em casa. Tudo eles achavam que não podia ter dentro de casa. (Abigail Silva)

Panfletos, livros, tudo o que estava armazenado, deixei numa mala esquisita embaixo da cama da minha sogra, para a polícia não pegar. Escondi cada coisa!... Numa grande mala. Minha sogra nem imaginava o que era aquilo... As coisas que achei que complicavam mais a vida dele, queimei... Havia um terreno do lado de casa. Lá, eu fiz a fogueira... (Iracema dos Santos)

Dentro de cada moradia, as mulheres puseram-se em sigilo apelando para a cumplicidade de seus parentes. As fogueiras e os buracos no quintal, rituais que se repetiam na calada da noite não deixaram vir à tona palavras registradas, fotografias que permitissem associações, documentos e livros que deixassem identificar a ideologia, o

posicionamento político dos homens que protegiam. Junto com eles, muitas vezes, desapareciam fotos de família, objetos biográficos, que eram apagados com pesar. Como defesa contra a truculência da censura e da invasão de suas residências, promoveram o silenciamento necessário e não desejado. Não promoveram silêncio passivo, mesmo que negativo, porque não entregaram e não revelaram aquilo que sabiam.

As narradoras se emocionaram enquanto falavam dos atos destrutivos de rasgar, esconder e queimar, já que os objetos eram valiosos na vida de seus entes queridos e em suas histórias. Apagá-los violava experiências e sentimentos, o que elas e suas famílias haviam vivido se tornado até ali, seus momentos juntos, sua luta e lembranças em comum. Ser solidário custou-lhes um preço alto que elas se comprometeram em pagar. Em outro sentido, sua opção diante das circunstâncias permitiu-lhes construir novos laços e novo entendimento da realidade. Na medida em que as entrevistadas recordaram esses momentos, suas palavras dignificaram seus atos, inserindo-as numa coletividade que resistiu à ditadura¹⁴¹.

As mulheres tornaram-se a base invisível de proteção e do protesto. Passar a madrugada pondo fim a qualquer sinal de culpabilização, eliminar as palavras de algumas forma, permitiu tomar fôlego diante da pressão, o recuo necessário para continuar a atuar. Para elas, isso não foi apenas resultado da censura e do silenciamento. Diante de qualquer ameaça, mais uma vez improvisaram, em defesa da autoconservação, dos entes queridos e de muitos que se assemelhavam a eles em sofrimento. A finalidade desse silêncio pode ser entendido como a “arte de fazer alguma coisa ao outro pelo silêncio” (Abade Dinouart, 2001, p.VIII). O registro tornou-se um risco. A possibilidade do seu escoamento era o que pretendiam evitar.

A memória individual e coletiva manteve-se na oralidade, subterraneamente, à espera de sua publicização. Ao mesmo tempo em que informações foram suprimidas, elas deram espaço a lembranças de solidariedade e pertencimento a uma mesma história, na qual as entrevistadas se viram como participantes ativas.

¹⁴¹ Histórias semelhantes sobre a destruição de papéis foram lembradas pelas narradoras, mas não se relacionam diretamente à greve ou aos operários-estudantes. Risomar Fasanaro falou, por exemplo, do momento em que evitou a prisão de uma amiga ao caminhar atrás dela, sussurrando, para avisá-la que deveria destruir um desenho de Che Guevara que seria usado contra ela; outra vez, em Recife, uma amiga com quem foi presa por ter fotografado o quartel no qual seu pai servira, precisou improvisar o sumiço de anotações que faziam sobre a variação linguística local: com medo de que fossem entendidas como códigos e transformadas em provas contra elas, sua colega Alba comeu as folhas de papel no banheiro, após tê-las jogado na privada sem conseguir eliminá-las com a descarga.

Luísa Passerini (2006) falou desse silêncio frustrante das perdas de pessoas, livros, documentos, as memórias públicas e pessoais, que o trabalho de história tradicional não pode dimensionar. A história oral permite ter acesso aos significados desses acontecimentos e seus efeitos emocionais, como perceber que o clima de terror generalizado e a institucionalização da tortura produziram a introjeção do medo, mas não impediu a atuação, sutil e inteligente da resistência.

Perguntadas sobre o medo que sentiram, boa parte delas pareceu entender que a condição feminina poderia servir como intensificação do temor, uma vez que a possibilidade da tortura contra a mulher, de forma muitas vezes mais intensas sobre o corpo feminino, estava posta para qualquer uma delas. No entanto, os atributos femininos serviram da mesma forma como defesa, na medida em que incorporaram a performance que esperavam delas.

Eu não tinha medo de ser presa, talvez por ser mulher, em nenhum momento tive medo, porque eu não tinha nada a ver com ninguém ali. Depois que tudo passou, pensei: “Puxa, o que eu fui fazer?!”. Via a dor, mas não tinha medo. (Sonia Miranda)

Eu não tinha medo, tinha é raiva! (...) Minha mãe se conformava. Mas eu não! Chutavam e me empurravam, com sacola e tudo, quando ia visitá-los, com medo que eu visse a violência contra os meninos. (Iracema dos Santos)

A raiva também dava força para lutar. Iracema, que se mostrou resistente para falar sobre sua vida, empoderou-se com sua narrativa. Lembrar o que fez por seus irmãos e do afeto que sentia por eles transformou-se em orgulho próprio, em coragem diante dos agressores.

Sandra assumiu o medo por ser mulher e perceber o que poderia acontecer a ela, à sua tia e à sua avó. O temor, no entanto deveria ser contido, silenciado, para transformar-se em força na luta por seus afetos. Ao mesmo tempo, sabia que sua condição de gênero poderia lhe dar vantagens sobre aqueles homens. Eram portadoras de uma missão que não deveriam abandonar.

O fato de nós sermos mulheres me deixava com medo. Sou honesta! Apesar de tudo, eu via o que eles faziam com mulheres! A Dulce! A Dulce quase morreu! A Dulce quase morreu!! Eles enfiaram tudo o que eles podiam dentro dela! Ela perdeu o útero!! Perdeu o ovário. Eu nunca falei com a minha tia e com minha avó, mas tinha muito medo! Já sabia o que acontecia. Então, tinha medo. Mas não falava nada porque era uma coisa... Você ia

falar?... Imagina! Minha avó, minha tia... Pra mim, tinha que guardar esse medo pra gente ter força e continuar fazendo o que a gente tinha que fazer por eles. Eu tinha medo...
Agora, é lógico que pra gente foi mais fácil! Sabe por quê? Porque como mulher, eles se encantavam com a gente!! (Sandra Nogueira)

Corpo sexuado e sensualizado, imposição social e arma de subversão. A sedução esmigalhada nas torturas pelos algozes, a beleza e a condição de maternidade, que muitas vezes apareceram no trabalho de Olívia Joffily (2005), sendo violadas nos porões, possibilitaram muitas vezes, certa flexibilidade nas negociações promovidas pela rede de solidariedade do lado de fora. O físico tornado veículo, conscientemente usado contra o poder. Empoderado.

Essas ações fizeram pensar sobre a subversão feminina pelo corpo, mas não na dimensão sexual, nem feminista. Sua presença na ocupação dos espaços públicos, sua “visibilidade invisível” nas delegacias, nas ruas, no enfrentamento, aos olhos dos agressores seduzidos por elas num ato em que o íntimo tornou-se ato político.

Fizeram uso de forma consciente das representações tradicionais de família e das relações de gênero para interferir na dinâmica ditatorial. As mulheres utilizaram o “jogo de gênero”, a dramatização, a performance. Agiram dentro da esfera do “eterno feminino”, fragilizado e domesticado, naturalizado, em seu favor, para também enganar e abrir espaços por vias não visadas, já que os homens estavam mais vulneráveis politicamente.

Não foi possível evitar a admiração por este feito feminino: a “confusão subversiva” de gênero que, como afirmaram Beatriz Sarlo e Judith Butler, pode ser reinventada e reconstruída. Forjaram uma identidade sem essência, pois estavam com os pés em dois lugares ao mesmo tempo. Fizeram a “mágica” da subversão pela tradição.

6 . AS FERIDAS DA MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE DOR, CORAGEM E AFETO

Então é uma coisa que dói e sangra sempre!

Risomar Fasanaro

6.1 O trauma e a história oral testemunhal

O sonho narrado por Primo Levi, em seu livro *É isso um homem?* (1998), tratou sobre a terrível sensação de não ser ouvido, sentir-se ignorado¹⁴². O sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz falou da imagem recorrente, partilhada por outros prisioneiros, em que ele procurava dar conhecimento aos seus amigos e parentes sobre as atrocidades sofridas no contexto nazista. Para seu desencanto e desespero, cada um deles ia se retirando sem lhe dar ouvidos. Condenado ao silêncio, o contador descobriu que além da violência física dos campos, havia outra mais silenciosa: de não poder dizer, porque não haveria quem estivesse disposto a ouvir.

A indiferença cruel e assustadora da qual falou Levi, com relação ao *Shoah*, é problema permanente para os que se dispõem, corajosamente, a contar sobre as ações demolidoras contra a vida, numa sociedade marcadamente tecnicista e, como diria Zygmunt Bauman, com relações fluidas e fragilizadas marcadas pelo tempo dilacerante.¹⁴³ O temor de não ser compreendido, de não conseguir traduzir a intensidade do vivido; a percepção de ter as palavras submetidas à dúvida e ao descrédito. Estas são, muitas vezes, as sensações de quem testemunhou sobre a violência sofrida e/ou assistida durante a ditadura militar brasileira e que, como no sonho do sobrevivente, recebeu de volta a incompreensão e a surdez.

Esse receio pode ser explicado em parte pela conduta social do desprezo pelo passado histórico, num mundo em que o “novo” já nasce condenado a ser velho e ultrapassado rapidamente. O filósofo espanhol, Josep Maria Esquirol (2008), afirmou que vivemos num “mundo de indiferentes”, pois submersos na corrente de informações e de hiperconsumo perdemos a capacidade de prestarmos atenção, “olharmos duas vezes”, ou seja, nos encantarmos com a possibilidade de vermos, ouvirmos e compreendermos aquilo que nos parece estranho e indecifrável, ou que nos incomoda.

¹⁴² Nesse livro, Primo Levi expôs a dor sofrida pela desumanização nos campos de concentração. O título se justifica, pois ao longo de sua narrativa ele se perguntou se os prisioneiros e os perpetradores – kapos – eram de fatos seres humanos, devido à ao intenso processo de degeneração e desumanização profunda de ambos os lados. O trauma aí produzido seria tão indizível que, segundo ele, “quem entrou em Auschwitz nunca conseguiria sair, e quem nunca entrou jamais conseguiria entrar”.

¹⁴³ Holocausto foi um termo utilizado por Eli Wiesel para definir o sacrifício a que foram submetidos os judeus. No entanto, há vários nomes para a morte de milhões deles durante o regime nazista. Os que se colocam contra o uso da denominação alegam que o significado de holocausto seria sacrifício voluntário e, portanto, não seria o ideal para descrever o genocídio. Uma das formas usadas para referir-se, então, ao acontecimento seria *shoah*, que significa devastação ou catástrofe, em hebraico.

Não temos tempo para o olhar cuidadoso e o ouvido atento, somos incapazes de admiração ou espanto diante das experiências e do conhecimento. Lembrou o filósofo que atenção e respeito são sinônimos. Prestar atenção não significa somente intensificar a nossa percepção e a nossa capacidade de conhecer, mas realizar uma vigília do nosso sentido moral e ético. O respeito, cuja palavra deriva do verbo latino *respicere* (olhar atrás, tornar a olhar), só se realiza na descoberta da distância justa com relação às coisas e eventos para melhor entendê-los.

A indiferença não é produto da falta de informação e sim do excesso de cenas e histórias padronizadas que banalizam as barbaridades e fazem-nas pertencerem a certa normalidade e aceitação cotidiana, quase como pagamento para sermos incluídos na perspectiva de uma felicidade prometida todos os dias e sempre frustrada.

Ninguém quer “perder tempo” para admirar-se diante do outro, o que para Esquirol seria o contrário: deveria traduzir-se em “passar o tempo” necessário para que as coisas e os projetos amadurecessem, para que as experiências fossem compreendidas; enfim, oferecer-se ao “outro” para ganhar-se vida.

Mary Marshall Clark (2009), em seu trabalho com vídeos-testemunhos, também apontou para a indiferença humana, com a qual lidamos para nos defender da sobrecarga de dor e violência e destruição¹⁴⁴. A apatia, para ela, não pode ser explicada pela falta de dados sobre a realidade circundante e sim pelo excesso banalizador deles sem que haja reflexão. A velocidade com que somos atingidos por tantas informações, substitui a memória, criando confiança no imediato e legitimando as mídias no lugar da elaboração do conhecimento e dos valores éticos.

A relação com o passado histórico brasileiro também passa por essa apatia e aceitação da violência. A memória construída oficialmente sobre os anos da ditadura militar, pelo menos até os anos 80, colaborou para esse distanciamento diante do passado traumático brasileiro por parte das novas gerações. A experiência perdeu sua dimensão utilitária, pois vivemos num mundo em que a ideia da morte e de sofrimento foi tão banalizada pelos meios de comunicação e pelo senso comum, que a possibilidade de elaborá-los, prestar atenção, pensar sobre eles e dimensionar a vida para chorar a morte, perdeu-se. Sem a visão da vítima, sua existência é traduzida “em miúdos”, com

¹⁴⁴ Marshall trabalhou com história oral testemunhal, entrevistando sobreviventes do nazismo. Em sua pesquisa, levantou duas questões importantes em torno dos vídeos-testemunhos: a possibilidade do processo terapêutico para quem conta e a responsabilidade ética do oralista.

rapidez, destruindo a possibilidade de compreensão e da indignação diante das atrocidades que pessoas sofreram durante o regime autoritário e que continuam a sofrer.

Há tantas comunidades de narradores... O que nos falta é a comunidade de conhecimento, disposta a ouvir e entender a importância e a presença do narrador, a compartilhar sua história, a prestar atenção. Nos últimos anos a sociedade brasileira assistiu a ampliação, agora com maior rapidez, do debate sobre as feridas abertas, não curadas, e a interdição, geradas pela sistemática opressão política e social no regime militar. Os discursos de setores políticos conservadores em torno da conciliação, em confronto com a defesa do direito “à memória e à verdade”, buscaram promover o que Paul Ricoeur (2007) chamou de “dever do esquecimento”¹⁴⁵.

Em países latinoamericanos que viveram regimes autoritários nos anos 60 e 70, em especial no Brasil, a construção da figura do inimigo “subversivo”, a prisão, a tortura, o “desaparecimento”, a negação do crime pelo Estado e a destituição dos direitos promoveram apagamento de fatos e pessoas. A negativa em se abrir os arquivos de violações, juntamente com a disputa pelo vocabulário político – militantes versus terroristas, ditadura versus ditabranda, justiça versus Anistia - colaboraram para o estado de desinteresse por parte da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que produziu clima de descrédito e desconfiança.¹⁴⁶

Palavras de ordem criadas pelos regimes autoritários e mantidas por seus defensores foram usadas para evitar a possibilidade de se falar das barbaridades praticadas, dar-lhes outros nomes e de, ao lembrá-las, identificar seus autores, significados e consequências no presente. Marcados como subversivos, antipatriotas, aniquilados em sua integridade física e mental, os opositores dos regimes autoritários foram suprimidos em palavras e em existência. Na luta pela validação de memórias diferenciadas contra os estereótipos criados e, principalmente, para falar dos traumas sofridos, o testemunho dos que resistiram à opressão e foram silenciados tenta abrir

¹⁴⁵ No momento em que escrevia este texto, li no jornal *Folha de São Paulo*, do dia 01 de março de 2012, sobre documento redigido pelas Forças Armadas, colocando-se contrariamente à presidente Dilma Rousseff e ao Ministro da Defesa, Celso Amorim, por permitirem opiniões entre membros do governo que defendessem a abertura dos arquivos da ditadura. O manifesto pedia “neutralidade de um estadista”, o que pode ser entendido como a opção, mais uma vez, por determinado esquecimento ou pela manutenção de certa memória que não pretende ser desconstruída.

¹⁴⁶ Em entrevista concedida ao programa *Dossiê*, do canal *Globo News*, em 2011, o escritor e militante de esquerda argentino Rafael Belaustegui apresentou-se como um dos “pais da Praça de Maio”, segundo ele aqueles que lutaram em interdição. Ele que teve seus três filhos presos, torturados e mortos pela ESMA (Escola da Marinha) durante a ditadura argentina, quando perguntado sobre o desaparecimento deles, respondeu: “o nome desaparecido foi inventado para matar a própria morte”. Sobre a experiência dolorosa da repressão argentina apresenta vários poemas e contos, dentre eles o sensível livro *El Instante Propicio*, Ediciones Simurg, Buenos Aires, 2005.

espaço no clima de indiferenças; ganhar importância como denúncia, responsabilização e reparação.

Nesse sentido, a história oral ganhou caráter testemunhal, termo defendido por José Carlos Sebe Bom Meihy, colaborando para trazer a público os sofrimentos mais íntimos, subterrâneos no contexto das tragédias coletivas, como o autoritarismo e o silenciamento por ele produzido:

É exatamente o desenrolar de processos como deslocamentos, exílios, catástrofes, que implicou a formulação deste novo gênero, ou seja, da busca de fundamentos desse novo campo, o da história oral testemunhal. (...) é preciso olhar situações ou de grupos em que o colaborador envolvido participou de forma traumática, como vítima, de alguma circunstância marcante. Não se fala apenas de casos políticos, pois há grupos que sofreram com terremotos, enchentes, pestes, enfim, situações que produziram traumas específicos. Mudanças do comportamento mnemônico em face de tragédias são importantes para a requalificação da identidade e, mais do que isso do estabelecimento de políticas públicas. (MEIHY, 2010)

A prática da história oral testemunhal mantém olhar, ouvidos e espírito atentos ao relato do trauma, entendido aqui como ferida aberta na alma e no corpo por acontecimentos violentos, e que encontra dificuldade para ser elaborada na forma de palavra. Sem nossa vontade de ouvir, não existe a possibilidade do testemunho enquanto narrativa. Portanto, ela se apresenta como uma das possibilidades de se avaliar a experiência perturbadora que provocou o imobilismo psíquico e histórico frente à violência sofrida nos anos do regime militar.

Como considerou Meihy, nossa história se configura como trauma, produzido pelo não enfrentamento de nosso passado repleto de feridas, provocadas pela opressão do período militar e, mais além, pela prática da escravidão e do massacre indígena ao longo de nossa história. Como formação social e política, tornamos a tortura e as atrocidades algo tolerável e rotineiro. Construimos uma história traumática, de autoritarismo: vivemos o excesso da violência, da dor e da injustiça pelo ataque aos menos favorecidos, os genocídios e pela repressão aos movimentos populares promovidos pelos governos autoritários, em diferentes momentos. O Brasil foi fundado sobre a violência extrema, estruturante, que ajudou a moldar as relações sociais e políticas, assim como o padrão de dominação que permanece no país.

Diante disso, o testemunho seria a forma de romper com a “outridade”, ou seja, romper a ponte da indiferença dos ouvintes e da morte em vida a que muitos foram

condenados por não poderem dizer. Para Márcio Seligmann-Silva, “narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 66). O trauma histórico teria conservado em aberto a configuração simbólica da agressão sofrida ao mesmo tempo em que clamaria por sua superação pelo testemunho entendido como *superstes*, “aquele que viu e subsiste além de”, aquele que “se mantém no fato” e como *tersti*, “terceiro”, aquele que ouve (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 80).

A resistência em encarar o passado doloroso da ditadura só poderia aumentar as feridas, impedindo o exercício de translaborar nossa memória social.¹⁴⁷ Nesse sentido, o oralista seria responsável pelas tragédias de seu tempo, como estudioso, ouvinte e denunciante das atrocidades do passado com vistas a não negligenciar aquelas do seu tempo, não repeti-las.

Comprometer-se em ouvir as atrocidades sofridas implica em não desviar olhar, ouvidos e alma do presente, abrindo espaço para a subjetividade na pesquisa e na reflexão acadêmica. É olhar em espelho; ter cumplicidade com a escuta e posicionar-se diante da omissão e das continuidades em outros tempos. Entender que o trauma de uma pessoa é o trauma de uma cultura.

Quando Walter Benjamin (1987) afirmou que a narrativa tinha perdido sua força e seu espaço, propôs como resposta à indiferença a escovação da história a contrapelo, fazendo renascer as esperanças do passado e o direito de dizer sobre aquilo que ainda não tinha direito à lembrança nem às palavras, por meio da memória. O trabalho com história oral testemunhal pode ser um caminho importante nesse sentido, tornando-se o oralista também testemunha, como destinatário de uma mensagem, transmissor da experiência de outro, não permitindo o esquecimento. Como na figura do recolhedor de cacos que Benjamin identificava com a do historiador, esse trabalho nos permite salvar rastros do passado, constantemente atualizados e significados pela memória.

A narrativa testemunhal permite a reflexão sobre os episódios traumáticos nas ditaduras, para a qual convergem a política, a utilidade e o senso de justiça permitindo o trabalho de perlaboração da memória fraturada e traumatizada. Segundo Seligmann-Silva, ela é o vértice entre história e memória, os fatos e os sentidos, o simbólico e o “real”, o passado e o presente. Cada relato procura dar contexto e nexos aos fragmentos

¹⁴⁷ O termo freudiano perlaborar ou translaborar foi citado por Paul Ricouer como a forma pela qual o paciente encara e se fixa no trauma para enfrentá-lo e chegar à reconciliação, não entendida como submissão a ele, mas superação. (RICOUER. Paul. O perdão pode curar. p.3 In www.lusosofia.br)

do passado, aglutinando pessoas em torno de eventos e significados, produzindo a memória coletiva e a identidade de luta e perseguições.

No contexto de valorização dos testemunhos com a redemocratização latinoamericana, Beatriz Sarlo viu emergir um problema: o “boom” da guinada subjetiva comprometeria o acesso, de forma mais distanciada e objetiva, aos acontecimentos dos regimes militares.

Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de método e tendem à escuta sistemática dos “discursos da memória”: diários, cartas, conselhos, orações. (SARLO, 2007, p.17)

Para ela, a redemocratização teria promovido a tendência acadêmica a reconstituir a textura da vida e a verdade, abrigadas na primeira pessoa, na experiência, reivindicando a confiança no imediatismo da voz. Esse campo conflituoso da memória seria válido para se manter o “nunca mais”: “nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunhas e vítimas, não tivessem existido.” (2008, p.20). No entanto, a validade do testemunho teria força jurídica e moral, mas não produziria em si mesmo as provas pelas quais fosse possível confirmar a verdade histórica.

Sarlo criticou a confiança ingênua dos historiadores e da sociedade na oralidade, no envolvimento em primeira pessoa dos narradores com os fatos que contam; na fetichização dos relatos, transformados em superiores a qualquer outro documento. A história oral, por sua vez, também questionou a ingenuidade positivista quanto ao documento escrito. Qualquer trabalho de pesquisa exige a mediação e a utilização de uma fonte que, seja oral ou escrita, jamais traduziria o acontecido tal qual. Sempre recolheria cacos, vestígios e ecos de um fato que já estaria perdido para a história.

De toda forma, o testemunho trata da memória e, portanto, sempre traz em si a condição especial de ser singular, contínuo e vivo. Para Sarlo ele seria processo construído, nunca a totalidade. Reside aí justamente o que diferencia a história da memória. Não há como separar o narrador do protagonista da história de vida, que ao contar quer se fazer exemplo e quer ser acreditado. Assim, sua memória ser entendida como passível de erros, distorções, reticências e projeções. Uma fonte histórica que diz sobre significados, cujas “provas” são os sentimentos e a subjetividade que deles emergem. Os narradores estão comprometidos, desta forma, com o sentido pessoal e

político de seus relatos, na produção de um conhecimento que pretende ser verdadeiro. Não transmitem apenas informações; constituem-se como sujeitos; construindo também realidades e inscrevendo-se na história.

Com relação à experiência da ditadura militar no Brasil, a narrativa testemunhal permite um novo olhar sobre nosso passado histórico, reconhecendo e assumindo nossa responsabilidade coletiva sobre as práticas violentas que aconteceram e que se perpetuam devido ao desconhecimento ou à indiferença com relação a ele. Respeitar as experiências traumáticas e ouvi-las pode permitir também o possível trabalho terapêutico coletivo para que se possa restaurar o princípio da justiça e da transformação histórica. Isso significa ir além da constatação de provas históricas sobre a ditadura militar. É encarar a disputa entre silêncios e memórias das quais falou Elizabeth Jelin:

Las borraduras y olvidos pueden también ser producto de una voluntad o política de olvido y silencio por parte de actores que elaboran estrategias para ocultar y destruir pruebas y rastros, impidiendo así recuperaciones de memorias en el futuro - recordemos la célebre frase de Himmler en el juicio de Nuremberg, cuando declaro que la “solución final” fue una “página gloriosa de nuestra historia, que no ha sido jamás escrita, y que jamás lo será”. En casos así, hay un acto político voluntario de destrucción de pruebas y huellas, con el fin de promover olvidos selectivos a partir de la eliminación de pruebas documentales. Sin embargo, los recuerdos y memorias de protagonistas y testigos no pueden ser manipulados de la misma manera (excepto a través de su exterminio físico). (JELIN, 2001, p. 11)

O trabalho com testemunhos de atrocidades, como as que se seguiram após a greve de 1968 em Osasco, tornou-se compromisso de quem não viveu diretamente a experiência da tortura e do autoritarismo, mas que é submetido cotidianamente a possibilidades diversas de violência e se sente implicado nas feridas traumáticas abertas. Aqui me incluo, no confronto contra certo tipo de esquecimento, na mediação entre passado e presente, defendendo a ética em face à ação devastadora do autoritarismo e da sociedade atual da indiferença.

As narrativas de mulheres e homens osasquenses trataram de um grande trauma, constituído lentamente a partir de marcos que redefiniram suas vidas. No caso dos colaboradores, a morte trágica do operário na Cobrasma, a repressão aos trabalhadores, a demissão e o desemprego. Para aqueles que viram na luta armada a continuidade da greve ocorrida em 1968, a violência nos cárceres e o expulsão aprofundaram ainda mais a ferida aberta com a repressão ao movimento nas fábricas. Para a maioria das colaboradoras, a perseguição aos seus maridos e a mudança drástica em suas vidas a

partir daí fundaram sua trajetória traumática. Procurar pelos maridos, buscar sua sobrevivência e a de seus filhos, adentrar as delegacias e enfrentar os algozes se constituíram várias facetas do processo doloroso. Ana Maria Gomes, em especial, a única que levou sua ação ao extremo pegando em armas, também conheceu a tortura e o exílio.

Os narradores procuraram chamar a atenção sobre o significado desses eventos em suas vidas, e também apontar para a importância da lembrança no combate ao tempo diluidor de experiências. O clamor para a audição e o registro delas e o compromisso com a verdade para a superação do passado doloroso ficaram claros nas palavras de José Groff e de Teresinha Gurgel:

Estamos no momento da tecnologia, tudo tão rápido... Como é que fica a questão da memória? O que é importante lembrar do que aconteceu? Isso que você está fazendo! Isso, pra mim, é fundamental! É levantar a memória, não é verdade? Porque é uma referência Osasco, mas é que o povo esquece um pouco! Agora, na medida em que isso daqui sai a público... Acho que outras pessoas precisavam escrever livros (...)! (...) Nós somos parte, não é verdade? Precisa pessoas que não viveram aquilo, mas que ouviram falar, às vezes, pela mídia, que é tudo distorcido, não é verdade? Aqui não! Aqui é no real! (José Groff)

São tão verdadeiras as coisas que aconteceram conosco! (...) Não aceito alguém dizer que essa história não é verdadeira! Só quem sentiu na pele é que pode dizer se é ou se não é! Eu... Foi muito difícil... É difícil aguentar... É difícil falar!... (Teresinha Gurgel)

A colônia osasquense procurou alimentar a memória coletiva a partir da “verdade da alma”, como disse Teresinha Gurgel. Suas palavras revelaram a crença na força da palavra enquanto compromisso com a própria história. Para Paul Ricoeur (2007), aquele que testemunha eventos traumáticos quer ser reconhecido e creditado, pois sua coragem para enfrentar a dor e falar seria o sinal de sua confiabilidade. A defesa da justiça e da moral por meio da narrativa torna o ato de mentir um perjúrio diante do tribunal da História, compromisso com a comunidade afetiva e de destino, e com aqueles que partilharam o dizer.

Para o conjunto de entrevistados, os que não viveram aqueles eventos, deveriam conhecer suas histórias e se comprometer na reparação dos acontecimentos narrados. Seus testemunhos teriam o papel de rebater as distorções cometidas pela história dos “vencedores”. O imperativo de contar fez-se presente em cada história de vida, fundamentado na imposição moral de “busca da verdade”, principalmente no momento

atual em que tantos discursos sobre o regime autoritário estão se confrontando. Assim, como afirmava Walter Benjamin, a memória não lida com o tempo homogêneo e vazio, mas preenchido pelo agora, pelo compromisso de reorganizar o tempo de dentro contra aquele de fora, recuperar a temporalidade roubada da lembrança.

Ao colocar em relevo a memória subterrânea - desprestigiada pelas formas canônicas de narrativa institucionalizadas - as narrativas-testemunho de mulheres e homens da colônia osasquense tratariam da experiência representativa não apenas de um indivíduo, mas da coletividade ligada afetivamente pelos acontecimentos no tempo fraturado que se seguiu à greve de 1968.

6.2 – A tortura como desestruturação das subjetividades

Desde o golpe de 1964, e mais intensamente depois do AI-5, a tortura tornou-se prática corriqueira nos porões contra os suspeitos e opositores ao regime militar. Mais do que isso, tornou-se *nowhow* ensinado e exportado para países como o Chile de Augusto Pinochet. Em nome da segurança nacional e da ordem, as técnicas de “fazer falar” foram sendo aprimoradas.

Durante muito tempo, a interdição ou a negação sobre essa prática foi constante entre os militares responsáveis pelos “Anos de Chumbo”. Definidos como guerra, a perseguição e os atos truculentos eram justificados pela necessidade de defesa contra os “inimigos” da “democracia”.¹⁴⁸

Assistimos à batalha das memórias para definir o que foi ou pode ser considerado abusivo, excesso contra a vida. A aprovação, pelo Congresso Brasileiro, da Comissão do Direito à Memória e à Verdade, em setembro de 2011 e a sua nomeação pela presidente Dilma Rousseff em maio de 2012, acirrou os ânimos e fez emergir memórias até então silenciadas e silenciosas. Trazer à tona essa passagem da história nacional é falar de um trauma coletivo sobre o qual ainda pouco se sabe da dimensão.

“A tortura é filha do poder, não da malvadeza”, afirmou Elio Gaspari, em seu livro *A Ditadura Escancarada* (2002:19). É monstruosidade cometida por humanos para

¹⁴⁸ Assistimos em 31 de março de 2012 a comemoração do golpe, chamado ainda de revolução pelos militares. De acordo com aqueles que fizeram parte da cúpula do regime, ele existiu para salvar o país da ameaça comunista. Nas palavras de Roberto Médici, filho do presidente Emílio Garrastazu Médici, se houve tortura, ela foi uma contingência do progresso promovido pelo “Milagre Econômico”: “Éramos a 46ª. economia do mundo e passamos a 8ª. Houve tortura, mas na democracia há muito mais.” (Folha de São Paulo, 01/04/2012).

quem a imoralidade ganhou outra dimensão, está “do outro lado”, do prisioneiro, do “terrorista”, do considerado antinacionalista. Segundo o psicanalista Marcelo Viñar, que trabalhou com torturados políticos, na Argentina, ela não pode ser considerada

como um efeito acidental, “excesso” produzido por um sádico isolado, e sim como instituição política do Estado, planejada, ainda em funcionamento, produtora de subjetividade tanto nas suas primeiras vítimas diretas como nas suas famílias e descendentes e no conjunto do tecido sóciohistórico, incluindo os profissionais da saúde mental. (VIÑAR, 1992, p.35).

Em entrevista concedida à *Revista Veja*, em 09 de dezembro de 1998, o ex-torturador Marcelo Paixão de Araújo, um dos poucos a assumir sua função, sem demonstrar qualquer culpa, falou de sua “especialidade técnica” em torturar, longe de qualquer ideia de monstrosidade. A finalidade era claramente política, estratégica, para combater o “inimigo”:

A tortura causa um desgaste muito grande. Nunca me neguei a torturar alguém, mas só fazia quando havia necessidade. (...) Eu poderia alegar questões de consciência e não participar. Fiz porque achava que era necessário. É evidente que eu cumpria ordens. Mas aceitei as ordens. Não quero passar a ideia de que era um bitolado. Recebi ordens, diretrizes, mas eu estava pronto para aceitá-las e cumpri-las. Não pense que eu fui forçado ou envolvido. Nada disso. Se deixássemos VPR, Polop (organizações terroristas) ou o que fosse tomar o poder ou entregá-lo a alguém, quem se aproveitaria disso seriam os comunistas. Não queríamos que o Brasil virasse o Chile de Salvador Allende. Nessa época, eu tinha 21 anos, mas não era nenhum menino ingênuo (risos) O pau comia mesmo.

A técnica teria como função “fazer a verdade vir à tona”, necessidade para garantir a eficácia de toda a estrutura de vigilância.¹⁴⁹ De acordo com Fábio Konder Comparato, no livro *Tortura* (2010), publicado pela Comissão do Direito à Memória e à Verdade, a Convenção Internacional contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos e Degradantes definiu tortura como

¹⁴⁹ Vale lembrar que essa ideia não parece ser exclusiva dos governos ditatoriais: em 2008, no que deveria ser a democracia estadunidense, o presidente George W. Bush sancionou o *Ato Patriótico*, que permitiu o *Detainee Treatment Act* (Lei da Tortura), mais precisamente o *waterboarding*, afogamento em interrogatório, para presos suspeitos de terrorismo. A definição que apresentou para tortura não se diferenciou daquela usada por militares brasileiros que queiram defender o regime de exceção brasileiro: quando usada para provocar sofrimento a partir de um interesse pessoal, ela pode ser chamada assim. Deixaria de ser tortura se os métodos fossem usados em benefício do Estado, para extrair informações dos considerados terroristas.

qualquer ato pelo qual dores ou sofrimentos agudos, físicos ou mentais, são infligidos intencionalmente a uma pessoa a fim de obter, dela ou de uma terceira pessoa, informações ou confissões; de castigá-la por ato que ela ou uma terceira pessoa tenha cometido ou seja suspeita de ter cometido; de intimidar ou coagir esta pessoa ou outras pessoas; ou por qualquer motivo baseado em discriminação de qualquer natureza, quando tais dores ou sofrimentos são infligidos por um funcionário público ou outra pessoa no exercício de funções públicas, ou por sua instigação, ou com o seu consentimento ou aquiescência. (COMPARATO, 2010, p. 80)

Muitas vezes, os defensores da ditadura militar utilizaram a palavra excesso para explicar a prática dos torturadores, como se a violência contra os presos partisse apenas da atitude individual, desvio de personalidade ou algo parecido, quando, na verdade, esta era regulada e ação constante nos órgãos criados pelo governo. As histórias relatadas pelas entrevistadas e pelos entrevistados revelaram diferentes formas de coação e intimidação, com o objetivo de que entregassem pessoas, confessassem ações consideradas como crimes cometidos por eles ou por outros, e que lhes provocaram dores físicas e psicológicas profundas.

A certeza de sua quase infalibilidade enquanto método tornou-a prática nos porões da ditadura. Diante da perplexidade provocada pelo prisioneiro “boca dura”, aquele que não queria falar, a técnica da dor e do horror não foi abandonada, e sim aperfeiçoada e intensificada. A pesquisa de Olívia Joffily (2005) descreveu a fala de outro torturador sobre a resistência de mulheres que não “queriam abrir”, mesmo sendo ameaçadas. Segundo ele, se uma mulher não menstruassem ou não perdesse o controle de suas necessidades fisiológicas era sinal de que o “trabalho” seria difícil. O torturador Marcelo Paixão Araújo, em entrevista para a *Revista Veja*, também descreveu, com certo orgulho e sarcasmo, os passos para promover a humilhação do preso e fazê-lo falar:

A primeira coisa era jogar o sujeito no meio de uma sala, tirar a roupa dele e começar a gritar para ele entregar o ponto, os militantes do grupo. Era o primeiro estágio. Se ele resistisse, tinha um segundo estágio, que era, vamos dizer assim, mais porrada. Um dava tapa na cara. Outro, soco na boca do estômago. Um terceiro, soco no rim. Tudo para ver se ele falava. Se não falava, tinha dois caminhos. Dependia muito de quem aplicava a tortura. Eu gostava muito de aplicar a palmatória. É muito doloroso, mas faz o sujeito falar. Eu era muito bom na palmatória. (...) Você manda o sujeito abrir a mão. O pior é que, de tão desmoralizado, ele abre. Aí se aplicam dez, quinze bolos na mão dele com força. A mão fica roxa. Ele fala. A etapa seguinte era o famoso telefone das Forças Armadas. Tinha gente que dizia que no telefone vinha inscrito US Army. Balela. Era

100% brasileiro. O método foi muito usado nos Estados Unidos e na Inglaterra, mas o nosso equipamento era brasileiro. (VEJA, 09/12/98)

O perpetrador tornou-se dono do tempo e do corpo do torturado; controlou o tempo necessário para arrancar a informação, provocar a dor, submeter o espírito que luta contra a derrota política, pessoal, humana. Foi questão estratégica, técnica, que engrandeceu o ego do primeiro contra a desqualificação e desumanização do segundo. A luta que se estabeleceu ali foi injusta e desigual, pois se deu entre aquele que detinha o tempo cruel da desestruturação, como lembrou Viñar, e o outro, subjugado ao tempo eterno da espera e do medo. Ao contrário da fluidez do discurso enunciado pelo perpetrador, as palavras de quem sofreu a tortura faltaram para tentar descrever o “outro lado”.

Quando entrevistei as mulheres e os homens da colônia osasquense, percebi que eles pouco falaram sobre a condição da tortura, embora eu soubesse da história de parte deles nas prisões. O feito de contar sobre esse momento não se revelou tarefa fácil nem desejada de forma clara. Breves menções ao fato, muitas vezes em frases curtas, no entanto, puderam dar certa dimensão sobre os efeitos de serem levados aos cárceres.

As narrativas permitiram conhecer a diversidade de ações violentas sofridas pela maior parte deles. A dor física e psicológica, o medo e ressentimento se fizeram presentes em suas experiências, independentemente de terem pegado em armas ou não.

Após a greve de 1968, suas vidas seguiram caminhos diferentes, mas por diversas vezes imbricados pelas circunstâncias bárbaras a que foram submetidos. A maior parte dos homens conheceu o desemprego. O Grupo Osasco entrou definitivamente para a clandestinidade e para a luta armada. Esses conheceram as atrocidades da tortura física nos porões da ditadura. As mulheres, forçadas a tomarem o rumo dos acontecimentos pela prisão de seus parentes e amigos, também conheceram a tortura, principalmente aquela que não deixou marcas visíveis, mas profundas.

O trabalho com essa colônia foi suficiente para entender que não seria possível compreender o significado da tortura para os narradores que a sofreram, física ou psicologicamente. Foi apenas tentativa de entendimento que nunca poderia ser atingido plenamente, pois o silêncio significou nas narrativas, mais do que as palavras. Coube a mim, como diria Walter Benjamin, apenas fazer o trabalho “sucateiro” de histórias, procurando apanhar, nas ruínas de dores e interditos, os cacos de uma narrativa em migalhas. Sem fazer nenhuma pergunta sobre o processo de tortura aos colaboradores,

deixei fluir seus testemunhos para que eles pudessem escolher o momento de falar ou silenciar. Tentei apanhar o que aparentemente ficaria sem significação, sem importância, para a grande história, racionalista: o medo e o sofrimento vivido em sua forma mais íntima, ao mesmo tempo revelando a dor coletiva de ma comunidade. A experiência indizível da tortura foi um dos grandes desafios das narradoras e dos narradores quanto a contar sobre ela. Enquanto para mim, exigiu atenção, respeito e sensibilidade para ouvir.

Senti que era ético silenciar, com ouvidos atentos ao que eles achassem melhor dizer ou calar. Mesmo tendo falado pouco sobre o assunto, os relatos ensinaram sobre diversas formas de se infligir dor a alguém, sobre diferentes temores, violações, dentro e fora dos porões da ditadura. Sem peso ou hierarquia de sofrimentos, cada qual revelou sua dor, única, ao mesmo tempo coletiva, porque possibilidade a tantas outras pessoas que vivenciaram processos semelhantes.

A violência sobre o corpo e a mente de pessoas como Roque Aparecido, José Ibrahim, Ana Maria Gomes, José Groff e Roberto Espinosa, nos câmeras de tortura, dificilmente poderia ser apreendida. Esse grupo, que sofreu mais diretamente sua desestruturação como ser humano, conseguiu expressar pouco, por palavras, sobre essa condição. Além deles, tantas outras formas de sofrimento foram relatadas nas entrevistas, como as de Maria Dolores, Iracema e Helena Pignatari, que sofreram devastação psicológica tão grandiosa quanto a de seus companheiros. Além de suas próprias experiências, os colaboradores lembraram outras histórias, de pessoas que não puderam viver para contá-las; citaram nomes daqueles que pereceram e cujas vidas perdidas se transformaram em grandes feridas abertas.

Sem pedir a nenhum deles que fizesse desse sofrimento uma temática em suas histórias, o pouco relatado surgiu da composição de suas trajetórias. Foi escolha, seleção cuidadosa. Procurei entender a gravidade daqueles momentos, às vezes por demais silenciosos, desconcertantes, em que tudo significava em seu vazio. Foi muito difícil nestes momentos, não ser tomada por grande emoção e, algumas vezes, não chorar junto com eles.

Para nós, oralistas, esta condição tão humana passou a fazer parte da relação que estabelecemos, de cumplicidade e confiança, de gratidão mesmo, pela oportunidade de imergir e emergir juntamente com o narrador, apenas por um momento, mas profundamente, de sua experiência de desmoronamento.

Os primeiros a sofrerem a prisão foram os operários José Campos Barreto, João Cândido e José Groff, enquanto os demais tentavam fugir da perseguição. A experiência de José Groff, dentro do Dops, foi abordada de forma emocionada por ele. Depois de ficar sem dormir na noite que antecedeu a greve, pelo medo e a ansiedade, ele viu o que temia acontecer: foi levado pela força pública que invadiu a Cobrasma. Seu testemunho expressou a faceta do temor que os registros em arquivos não conseguiram abarcar:

Em 68, quando estive no Dops, eu fui preso porque era da Comissão de Fábrica, né? Presidente da Comissão de Fábrica... Teve uma cena... Eu não sei se o Joaquim estava junto... Teve uma cena que... Teve umas catorze pessoas presas, tudo entre Cobrasma e Braseixos, né?... Eu fui colocado em um quartinho. Metade desse daqui assim, né?... Com um colchão tudo lá podre, cheio de bicho que você não pode imaginar, com um vaso sanitário lá, que acho nunca tinha visto água na vida... Eu estava sendo tratado como alguém de alta periculosidade... Tinha só um quadradinho, assim, pra colocar a comida, e uma janelinha lá no alto... Entende?... Foi lá que eu fiquei, né?... E foi aí que eu conversei com Deus, lá, e Deus me atendeu, né?... Depois eu fui interrogado no Dops... E é lá que “a criança chora e a mãe não vê”... Entende? (José Groff)

Narrativas como essa deram o sentido do que aconteceu aos que caíram nas malhas da repressão. As técnicas para infligir dor e tirar informações produziram ferimentos cujas palavras ordinárias não têm tradução. “A criança chora e a mãe não vê” revelou toda condição indizível da atrocidade sofrida por pessoas como José Groff, sem nada expressar claramente. Cada afirmação em seu relato precisou de pausas para tomar fôlego emocional, ou ainda, o uso constante de expressões como “né?” ou “entende” se revelou não como cacoete verbal e sim repleto de significados silenciosos para a dor sofrida.

A experiência narrada precisa que o ouvinte esteja atento e pede para que acompanhe o narrador até o fundo da situação traumática, mesmo que de forma metafórica. Com dificuldade para expressar o significado daquele momento, Groff recriou o cenário de sua cela, e mostrou como o apelo a Deus deixou escapar sentimentos como medo e fé, marcas de sua trajetória na Frente Nacional do Trabalho. Pediu atenção à sua dor, vivida num quartinho, na intimidade, no invisível, sob os escombros da repressão.

O que em 1968 parecia ser a possibilidade de organizar as bases ou de vencer a ditadura militar com a revolução, iniciando pela greve de Osasco, passou a ser a vivência do medo e da truculência do regime. Uma rede complexa de informações da

polícia, de terror sobre os militantes e de delação substituíram o otimismo dos operários e dos operários-estudantes, transformados em guerrilheiros após caírem na clandestinidade. A partir do AI-5 as relações de força chegaram ao auge da tensão: os guerrilheiros promoviam ataques, enquanto o governo respondia a resistência com cada vez maior truculência. Nesse momento, enquanto os homens eram presos, as mulheres vigiadas saíam à procura deles, lutando silenciosamente. As ações de resistência passaram a ser marcadas pela interdição, a contenção de palavras, a criação de espaços de fuga e esconderijo. O medo que alguém denunciasses seus entes queridos, ou ter seu próprio nome nas mãos da polícia foi o clima gerado pela propaganda do Estado, pelas prisões e pelo desmantelamento gradativo das organizações armadas em 1969.

O silêncio atordoante foi tema nas narrativas de Risomar Fasanaro e Helena Pignatari que, naquele momento passaram a temer que pudessem colaborar, involuntariamente, para a delação de alguém. O clima de perseguição agiu sobre o que era suposto que as pessoas soubessem, esperando delas o silenciamento ou a colaboração, por meio de denúncias, na identificação dos “criminosos”. Esse também era um “monstro” a ser combatido pelos opositores do regime.

A gente começou a fazer uma autocensura, achava isso terrível! Você só falava por meio de metáfora, não confiava em ninguém, não confiava em quem ficava quieto: “Ele ficou quieto. Por que ele ficou quieto? Porque ele deve ser do lado do Exército, deve estar do lado da Ditadura”... Se a pessoa começasse a falar mal, pensava-se: “Ele tá falando demais, deve ser ‘dedo-duro’, deve ser agente do Dops!”. Então, não tinha meio termo... (...) Até hoje, até hoje, minha irmã ri muito, porque quando eu vou falar alguma coisa pra ela, de repente, abaixo a voz e fico falando quase que cochichando. Ela: “Por que você tá cochichando?”... É o hábito daquela época. (Risomar Fasanaro)

Risomar Fasanaro, que não foi presa nem perseguida, sofreu com a agonia de seus amigos, que assistiu serem presos ou exilados. Ela, que havia cursado a Faculdade de Letras na Universidade de São Paulo e adorava escrever, contou que passava o tempo tentando prever os anos que deveriam faltar para que a ditadura acabasse e o quanto isso a angustiava, não poder falar. Parte desse silenciamento ela canalizou para as poesias que fez sobre a ditadura militar¹⁵⁰. Sua narrativa tratou da interdição imposta, da autocensura e do clima de desconfiança que se alastrou, punindo toda a sociedade pela culpabilização prévia e preventiva.

¹⁵⁰ Risomar chegou a me enviar, depois da entrevista, algumas de suas poesias, como aquela que abre este trabalho.

Esse mesmo sentimento de terror e delação foi lembrado por Helena Pignatari que, depois de sua prisão em 1964 e da greve em 1968, optou por se calar e diminuir suas intervenções políticas em sala de aula.

Depois de 64, e mais ainda de 68, tinha muito dedo-duro na escola. Tinha muito aluno infiltrado, um número muito grande de alunos de Quitaúna! Eram filhos de oficiais! Então, aí... Aí, minha filha, abriu muito a boca, “é comunista, subversivo”, “teje preso” e sabe-se lá o que vai acontecer! Então, ali não havia campo, não! Não havia campo, não! Quando muito um cochicho, uma rodinha, um grupinho, mas sala de aula, ninguém vai abrir a boca, ninguém vai falar! Porque o risco de você fazer uma coisa assim era acusar os outros alunos, os que já tinham saído, os que estavam na clandestinidade, os que estavam na ativa, entende? Qualquer coisa já falava: “Aí, Ceneart, tal, tal. Eles sabem. Pega fulano e fulano que vai encontrar”. (Helena Pignatari Werner)

O medo de dizer e de comprometer a si mesmo ou a outras pessoas tirou delas sua liberdade; fez com que toda palavra fosse vigiada, medida. Helena e Risomar temiam dizer algo “errado” e denunciar seus amigos ou alunos, muitos deles já na clandestinidade. Principalmente por terem em suas salas a presença de militares ou filhos deles. Helena atuou dando guarida, como foi o caso de Barreto, que ela ajudava a esconder em seu carro. No entanto, a crítica verbalizada na escola foi interrompida por elas, pois poderia ser perigosa à proteção de seus afetos.

A permanência do trauma que ainda não findou pode ser sentido nas palavras delas. A mistura de tempos verbais, a confusão entre primeira e terceira pessoa tornaram mais significativa a experiência do silenciamento. O distanciamento narrativo do evento foi, ao mesmo tempo, buscado pelo uso das generalizações (“você”, “eles”) e rompido emocionalmente pelo relato atualizado verbalmente (“ninguém vai falar”, “eles sabem”). Essas marcas da linguagem mostraram o quanto ainda o passado significa e faz sofrer.

O temor de falar ou de ser violentado foi ainda mais enfático nos relatos daqueles que optaram pela luta armada. As prisões de vários membros da guerrilha, inclusive os colaboradores pertencentes ao Grupo de Osasco e à VPR, ocorreram com intensidade entre 1969 e 1971, no processo de desmantelamento das várias organizações. Roberto Espinosa, Roque Aparecido, José Ibrahim, assim como Ana Maria Gomes falaram sobre as cisões que vinham ocorrendo pela falta de estrutura financeira e divergências quanto às formas de ação. As prisões enfraqueceram os planos, como assalto a bancos, uma das atividades de onde vinha o sustento dos

aparelhos. O efeito dessa crise nos grupos armados foi descrito por Elio Gaspari, em seu livro *A Ditadura Escancarada*:

A subsistência dos quadros custava um assalto mensal para cada 32 clandestinos. Cada assalto a banco mobilizava em torno de dez pessoas e demandava o furto de cinco automóveis. Cada um desses furtos exigia a participação de pelo menos quatro militantes.” (GASPARI, 2002, p.51)

A repressão que se espalhou por todo o país, prendendo militantes dos vários grupos armados, atingiu também o irmão mais novo de Roque Aparecido, João Domingues Silva, que trabalhava como açougueiro. Tendo iniciado sua militância dando suporte à VPR, no fim de 1968, ele acabou participando da expropriação ao cofre do ex-governador Ademar de Barros. Em 1969, num assalto promovido pela ação de membros da Var-Palmares, cerca de dois milhões e meio de dólares foram roubados para conseguir financiar a guerrilha¹⁵¹. Esse evento endureceu ainda mais o aparato militar sobre os militantes, e a prisão de João resultou em sua morte sob a tortura. Foi nesse processo também, que Ana Maria, José Ibrahim, Espinosa e Roque Aparecido foram presos, quando seus “aparelhos” foram descobertos.¹⁵²

Roque Aparecido foi preso pela manhã, no dia 02 de fevereiro de 1969. Já torturado, silenciou quanto ao paradeiro de José Ibrahim e Ana Maria. À noite, porém, numa interpretação incorreta dos códigos que haviam combinado sobre a presença da polícia, José Ibrahim deixou-se prender.¹⁵³ Roque Aparecido, que foi levado para o Dops, atribuiu as prisões a um delator:

Alguns companheiros da VPR foram presos, e um deles que tinha contato comigo foi preso... Não é que ele abriu o encontro que tinha comigo. Ele teve mais uma atitude de colaborador, passando para o outro lado mesmo! Levou a polícia no encontro... Enfim, quando cheguei, ele estava lá - era um ponto de ônibus, tinha que ser num lugar que tivesse mais gente pra

¹⁵¹ O assalto ao cofre do ex-governador Ademar de Barros, escondido na casa do irmão de sua amante, Ana Capriglioni, no Rio de Janeiro, foi uma das saídas encontradas pela então Var-Palmares se reorganizar. Foram 2,6 milhões de dólares encontrados na chamada “caixinha” e que, segundo Élio Gaspari, teria sido dividido entre organizações ligadas à guerrilha argelina, com quem o grupo Colina manteria relações de colaboração, a Suíça e o Brasil.

¹⁵² Segundo os relatos de Espinosa, Roque e José Ibrahim, havia um plano da VPR em janeiro de 1969, cuja finalidade era tomar um quartel e expropriar bancos. No entanto, enquanto alguns militantes pintavam um jipe em Taboão da Serra, eles foram presos, o que gerou uma série de delações que resultaram em suas detenções. Foi nesse episódio que o capitão Carlos Lamarca teria saído com as armas do quartel de Quitaúna.

¹⁵³ Eles haviam combinado um sinal de luz no apartamento, caso a polícia chegasse para prendê-los. Cansado e confuso, José Ibrahim achou que havia entendido errado a sinalização e resolveu entrar no apartamento, em que o aguardavam Roque e os policiais. Segundo ele, “Fui preso, assim, de bobeira!”.

disfarçar, tudo mais – estava lá fingindo que ia pegar o ônibus. No que eu cheguei, cumprimentei ele e percebi que outras pessoas que estavam no ponto, não estavam esperando o ônibus... Estavam esperando o Roque para ser preso, certo? Me agarraram, me levaram para o Dops... E aí... (...)

Esse foi um tipo de situação que ocorreu em diferentes condições entre os companheiros. É claro que sob a tortura, a pessoa fraqueja realmente, não aguenta o tranco e fala. Os caras dão pau, pau, pau!... “Nós sabemos que você vai se encontrar com o Roque! Onde é que você vai se encontrar com ele?”... Pá, pá, pá!... O cara fala... “Olha, vou me encontrar com ele em tal lugar”. Isso aconteceu em vários casos. Diferentes pessoas, sob a tortura, terminaram “abrindo” e levaram à prisão de outros.

Nesse caso... É... O Rômulo Augusto Romero Fontes... Me parece que passou para o outro lado mesmo! Deu uma colaboração mais direta, falou coisas de mim que não precisava, sem ser tão forçado assim... (Roque Aparecido)

Sua narrativa colocou em evidência outra ferida ainda aberta entre aqueles que caíram nas mãos de seus algozes: a denúncia feita por companheiros aos militares. Seu ressentimento foi exposto com relação àqueles que contribuíram voluntariamente com a ditadura, colocando em dúvida se o seu destino teria sido determinado por alguém torturado ou por um “colaborador”.

Nas palavras, recortadas por tantas reticências e vazios, Roque Aparecido, assim como José Ibrahim mostraram o significado do deslocamento, planejado metodicamente pelos algozes, de seu mundo amado da família, dos amigos e da utopia, para dentro de um buraco sinistro, repleto de vergonha, dor e humilhação. Aqui a narrativa perdeu a clareza, apenas sugeriu que se imaginasse, por meio das frases recortadas, incompletas, aquilo que vivenciaram:

Eu cheguei, *eles* me prenderam, e aí o “pau comeu”!... Mas foi muita violência mesmo!... Pau de arara... Ainda tenho algumas sequelas... Esse dedo... Tive que fazer uma cirurgia no pé... Algumas sequelas do pau de arara...

Uma das coisas que talvez tenha sido o mais brutal é que eu tinha um dente cariado... Com um alicate... *Eles* quebraram o dente para poder dar o choque elétrico... No nervo exposto...

Tenho um tímpano estourado...

Toda tortura é muito brutal!... Não é fácil descrever...

Fui torturado durante dezoito dias... No Dops... (Roque Aparecido)

No testemunho de Roque Aparecido os autores da tortura não foram designados, identificados com clareza. Os algozes, muitas vezes, não tiveram nome, apresentação. Apontados sempre com indefinição: “*eles* fizeram, prenderam, levaram”, foram diluídos na terceira pessoa do plural. Como sombras, lembrados para serem esquecidos.

Enquanto o discurso se referia ao momento da “imersão”, não houve linguagem precisa. A descrição dos momentos de maior sofrimento foi substituída por grandes lacunas, revelando a incapacidade de incorporar em cadeia contínua as imagens “vivas”. Para Seligmann-Silva (2009) isso seria a dificuldade em traduzir os “nós de memória”, momentos encapsulados cujo testemunho teria a função de tentar reunir dando nexo e contexto, numa tarefa de tentativa e desistência. Na narrativa testemunhal, a interdição, a desinência, a perda da voz, o apagamento da memória, tudo quer dizer sobre esses momentos encapsulados. Seria a “verdade da alma” que precisaria se revelar pela narrativa, para que o trauma individual e histórico fosse enfrentado. Elizabeth Jelin falou sobre essa necessidade de encarar a presença do ausente, o imerso:

Como veremos, es la imposibilidad de dar sentido al acontecimiento pasado, la imposibilidad de incorporarlo narrativamente, coexistiendo con su presencia persistente y su manifestación en síntomas, lo que indica la presencia de lo traumático. En este nivel, el olvido no es ausencia o vacío. Es la presencia de esa ausencia, la representación de algo que estaba y ya no está, borrada, silenciada o negada (JELIN, 2001, p.10)

Para ela, as narrativas podem construir os significados sobre o que ela chamou de “feridas da memória”, mais do que as “memórias feridas”. Estas últimas foram fragmentadas e interrompidas pela repressão e se perderam nas repetições e solidões traumáticas, enquanto as marcas dolorosas poderiam ser construídas socialmente e publicizadas, partilhadas.

Nesse processo de rememoração, os colaboradores organizaram uma seleção do que deveria ser lembrado e comunicado aos demais e do que desejariam ver esquecido, embora o pretensamente esquecido se manifestasse pelas lacunas da linguagem.¹⁵⁴ José Ibrahim mostrou a necessidade do esquecimento para poder contar, distanciar-se e ao mesmo tempo enfrentar a lembrança do momento de seu sofrimento:

Eu fiquei preso, primeiro aqui, na Rua Tutóia... Que é o quartel da PE, que virou a Operação Bandeirantes. Daí passei um período, não me recordo... Uma coisa que me deu um branco na cabeça!... (...) Essa história, eu não recordo quantos dias, né?... Porque **você** não tinha noção, não! Era tortura, tortura... Aí **te** levavam desmaiado para cela... Depois vinham de madrugada, e **te** tiravam... Que eu perdi... (...) (José Ibrahim)

¹⁵⁴ É como o conto *Funes, o memorioso*, de Jorge Luís Borges (1979), em que a capacidade de tudo lembrar torna a lembrança banal, sem sentido. Para lembrar, é preciso esquecer, distanciar-se, abstrair, refletir. Só assim é possível significar cada acontecimento, por menor que ele seja, e assumir novo compromisso com a vida, com projetos futuros.

O uso do termo *você* por ele procurou manter distanciamento com relação ao fato vivenciado por ele na prisão, ao mesmo tempo em que criou a cumplicidade entre nós. A dificuldade em falar na primeira pessoa fez com que a cena fosse descrita com aparente objetividade, mas ao mesmo tempo revelou o deslocamento pessoal diante da lembrança incômoda. José Ibrahim usou a tática inconsciente notada por Michel Pollak em suas entrevistadas que contavam sobre a experiência nos campos de concentração: a perda do controle da situação no relato faz com que entre a terceira pessoa, marcando um maior distanciamento com a experiência. (POLLAK, 1989: 4).

A construção narrativa sobre o trauma, nestes casos, coloca ouvinte no lugar do narrador, chamando-o para a dor experimentada, procurando sensibilizar sem muito dizer. Implicitamente a possibilidade da tortura sobre qualquer um emerge das palavras, suprimindo as fronteiras entre a ação sofrida entre quem testemunha e quem escuta. Nesse sentido os relatos como de Roque Aparecido e Ibrahim, embora singulares, não seriam únicos, mas de muitos outros. A memória individual comungou com a experiência coletiva do trauma, dizendo pelos silêncios, pela dificuldade de se expressar, pela perda da noção do tempo. As lacunas e interdições de suas falas não foram vazios. Estiveram repletas de sentido.

Momentos como esse me colocaram diante do dilema ético: até que ponto é preciso perguntar ao narrador sobre sua dor? Enquanto ouvia essas expressões únicas e tímidas, marcadas por lágrimas ou gaguejos, percebi que o limite estava no respeito ao silêncio. A força das expressões substituiu a necessidade de contar o evento. O que não pode ser nomeado tomou o lugar do indescritível. O silêncio da narrativa não era a falta e sim o excesso de linguagem para dizer o que se quer significar. Eni Orlandi afirmou que ele “escorre por entre a trama das falas”(2000, p.34), denuncia a emoção, o que não pode ser mensurado, registrado. O ato de calar, as reticências durante as narrativas, não significou estar mudo. Foi movimento de introspecção, de sentido, de reflexão sobre o que se sentiu e que, naquele momento, parecia estar sendo vivido novamente. Diante desse silêncio profundo, seria preciso dizer? Delicadamente percebi que nada mais seria preciso perguntar.

Ao mesmo tempo em que os colaboradores usaram a metáfora “a criança chora e a mãe não vê” ou utilizaram as expressões como “entende?”, procuraram um interlocutor, quiseram cumplicidade e atenção para o significado do que não pode ser

dito pelas palavras e que revelou-se na ruptura, na repetição e nas reticências. Também nas expressões do corpo, uma dia machucado e humilhado. Seus testemunhos foram plenos de significados, ao mesmo tempo em que abriram mão das palavras.

Segundo o Abade Joseph Antoine T. Dinouart (2003) é possível a eloquência muda, do corpo e do rosto, capaz de dizer pelo gesto, pelos olhos, quase em segredo, algo que as palavras não conseguem atingir. Nesses momentos, o oralista deve estar presente plenamente no diálogo para atingir a intensidade do momento, pois se “a voz atinge os ouvidos, a interdição arrebatava a alma”. A tendência à repetição no enunciado não foi apenas vício no falar nem mesmo erro gramatical. Expôs a impossibilidade de fuga da expressão da dor; ao recordar; omitiram passagens, não nomearam diretamente os algozes. Policiais, militares e torturadores foram substituídos por “eles”, marcas do desprezo e também da desumanização do algoz, degeneração lembrada por Primo Levi.

Roberto Espinosa, preso em setembro de 1969, também sofreu a experiência da tortura, embora tenha silenciado sobre ela. Um dos comandantes da Var-Palmares, narrou sua prisão realizada junto com dois outros militantes, no Rio de Janeiro:

Fui preso dia 21 de novembro de 1969, no Bairro Lins de Vasconcelos! (...) Eles localizaram a casa em que nós estávamos, cercaram e tal... Fomos presos, na mesma casa, três pessoas: a Maria Auxiliadora, que era a minha namorada na época, era mineira, estudante de Medicina; e um cara que estava guardado em casa, que era paulista, estudante de Medicina, Chael! Charles Schreier Chael!... O Chael foi morto na tortura! E a morte do Chael foi a primeira tortura comprovada, documentalmente, publicada pela Revista *Veja*, na época que deu “capa” pra nossa prisão, em função da morte dele! E em função da morte do Chael, inclusive, eu devo a minha vida! Porque eu era muito mais procurado do que ele! Nós fomos presos e eles não sabiam quem eles tinham em mãos!... E o escândalo?! Porque, na época, foi um escândalo a morte dele! Então, isso dificultou a ação da repressão! Eles tiveram que ter limites, dali pra frente, na tortura comigo! Então, eu devo a minha vida a ele! (Roberto Espinosa)

Procurado pela polícia, Espinosa – conhecido como Mário ou Bento - permaneceu preso por quatro anos. Sobre os dias passados na cadeia e a violência sofrida não chegou a dizer nenhuma palavra. Ao referir-se ao estudante de medicina Chael Charles Schreier, de codinome Joaquim, morto no mesmo dia em que foi preso, seu discurso deixou implícito que ele mesmo teria sido torturado. No entanto, a violência e a divulgação do sofrimento e assassinato de Chael tiraram dele o foco da narrativa.

A lembrança de sua prisão também fez alusão à estudante mineira Maria Auxiliadora Dolores Barcellos, com quem ele era ligado afetivamente. Torturada barbaramente na cadeia, ela foi banida para o Chile em 1971, na troca de presos pelo embaixador da Suíça. Com problemas psicológicos graves, ela acabou se suicidando em Berlim, no ano de 1976, jogando-se na frente de um trem.¹⁵⁵ Sobre a relação entre eles, Espinosa chegou a brincar com o fato de tê-la conquistado pelo fato de Chica – como era conhecida - ter confundido sua figura com o “mito” Carlos Lamarca. Com relação à morte dela e seus possíveis efeitos afetivos, entretanto, ele preferiu silenciar.

Perguntado sobre o medo, o colaborador se reportou àqueles instantes que antecederiam a tortura, igualmente devastador sobre o espírito, quando não era possível mais controlar o tempo:

Além do medo, você também tinha outra coisa: era o medo de ter medo! E... Eu passei o tempo inteiro com medo, de ficar preso, torturado... Você não sabe que horas vão te levar... Vem aquela chave balançando no corredor e você ouve o “blim, blim, blim”, que vem, que para na sua cela... E te levam pro “pau-de-arara”... (Roberto Espinosa)

A fala assemelhou-se à sensação relatada por Helena Pignatari Werner, presa anos antes, logo depois do golpe de 1964, por participar do projeto de Paulo Freire e por ser professora influente sobre os alunos e alunas:

Fui presa. (...) Depois dessa prisão, você tem bastante tempo pra pensar, né? E fica esperando a hora que eles vão te chamar, qual é a tua hora... E o pavor?!... O pavor de dedar alguém, falar o nome de alguém!... (...) Esse era o medo geral, esse era o medo geral... Todos os presos sempre tiveram medo disso! E mesmo aqueles que falaram, que entregaram... Eram por dores insuportáveis, ou era filho ameaçado... É família ameaçada, criança ameaçada... Você não tem, não tem (...) Não vem falar de grandes heroísmos porque não tem! (Helena Pignatari)

O medo de ter medo, a eterna espera, momentos antes de se sofrer de fato a violência física ou de ser ameaçado, já provocava a imobilização do corpo, a prisão da alma. As narrativas apontaram para o início da desestruturação que a tortura promoveu em tantas pessoas nos porões, o pavor que sentiram ao imaginar o seu próprio

¹⁵⁵ No livro *Luta, Substantivo Feminino*, produzido pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, consta um registro deixado por ela no exílio sobre as torturas que sofreu e que, provavelmente levaram ao seu suicídio: "Foram intermináveis dias de Sodoma. Me pisaram, cuspiram, me despedaçaram em mil cacos. Me violentaram nos meus cantos mais íntimos. Foi um tempo sem sorrisos. Um tempo de esgares, de gritos sufocados, um grito no escuro". (2010, p.175)

sofrimento, o sofrimento que poderiam provocar em alguém pela delação, e o receio de não aguentar. A memória auditiva - das chaves e da voz do torturador - mostrou a permanência de uma pequena, mas dilacerante lembrança.

O horror fantasiado, o absurdo imaginado, o destino imprevisível incalculável da dor, tudo isso já iniciava o processo de desmontagem do indivíduo, necessário para tirar a autoconfiança e a resistência, reforçando o sentimento de abandono total e o medo da morte próxima e inevitável, sua ou de outro. Nas palavras de Helena, não haveria heroísmo aí, e sim humanidade. Diante da ameaça à sua integridade ou da violência contra a família, o corpo, a mente e o espírito não pertenceriam mais ao indivíduo.

A experiência de choque traumático vivido pelos entrevistados tornou-se impossível de ser apreendida pela linguagem cotidiana e pela narrativa tradicional. Como fazer falar e tornar compreensível o que não pode ser dizível?¹⁵⁶

Sob a tortura, os prisioneiros temeram a palavra que escapasse provocando a ferida em si e nos outros; a fraqueza que também poderia desembocar na morte de pessoas queridas. No caso de Helena, que teve suas filhas ameaçadas para promover o terror psicológico sobre ela, embora sua prisão tivesse acontecido em 1968, as sequelas desse evento repercutiram sobre sua vida fortemente. Ela teve que desenvolver um processo de defesa para evitar qualquer ameaça aos seus alunos - dentre eles José Ibrahim, Roque Aparecido, Espinosa - começando por esquecer o nomes deles.

Foi na prisão em Quitaúna que acredito que fiz uma auto-hipnose, e esqueci o nome de todo mundo... Os cinco auxiliares que trabalharam comigo, os cinco assistentes, porque nós já estávamos abrindo dez salas com esses assistentes, pra você ver a rapidez que era a coisa!

Aí eu percebi porque eu estava lá dentro... Fiquei com medo!... Você tem medo de dedar, tem medo de falar nome!... Esqueci os nomes deles... Esqueci os nomes dos alunos! Acho que me condicionei a esquecer para não entregar ninguém... Uma das consequências dessa prisão em 64 foi essa, porque a minha memória para nome é quase zero. Automaticamente, eu delete! Delete nome de aluno, dos alunos do Ceneart, dos operários, gente

¹⁵⁶ Friedhelm Boll (2000:135/142), ao entrevistar sobreviventes dos campos de concentração, trata do fardo em ter que dizer sobre o trauma e do direito ao interdição que nós, como pesquisadores e cidadãos, muitas vezes enfrentamos diante de nossos entrevistados, e como devemos respeitá-los quando escolhem esquecer e nada querem falar. Ele conta a história de um de seus entrevistados, Feliks Fischer que, por insistência de Boll, se dispôs a relatar sobre sua experiência em um campo de concentração nazista, mas que toda vez que iniciava seu relato, não encontrava palavras e optava pelo vazio. Sem contar com a possibilidade de compreensão do ouvinte perante a grandiosidade de sua dor, Fischer teria carregado um fardo muito grande para traduzir o indizível, o que mais tarde Boll descobriu ser a culpa do ex-prisioneiro em ter “colaborado” com os nazistas, para poder escapar da morte, escolhendo aqueles que deveriam morrer nas câmaras de gás. De fato, como traduzir em palavras cotidianas e coloquiais os sentimentos de algo tão assustador? Como chegar tão fundo, ao abismo, como pesquisadores?

que participou da greve em 1968, gente importante... Então, é problema, é uma sequela que ficou e não tem jeito!!

Desse Projeto Paulo Freire, que eu disse que esquecia os nomes, já procurei, não consegui encontrar... Não sei lembrar o nome dos operários, meus alunos!... Quem sabe alguém pode encontrar pra mim... Não lembro o nome de ninguém! (Helena Pignatari)

O esquecimento forçado seria também devastador sobre a subjetividade. Para a colaboradora, a tortura sofrida na cela se perpetuou no apagamento de pessoas que foram ligadas e ela afetivamente. “Deletá-las” da memória seria destruir parte dela mesma e uma série de intersubjetividades, de outras lembranças significativas. A ela foi vetado o direito de lembrar; não foi apenas omissão de nomes. Foi violação da memória. Como elas, quantos não foram obrigados a silenciar naquele período? Os documentos escritos, os registros nas delegacias, as fichas no Dops, na Oban e tantos órgãos policiais escos dificilmente permitiriam acessar essa face tão íntima e profunda da ditadura militar sobre as subjetividades.

A história da prisão contada por Ana Maria Gomes também revelou sentimentos e táticas subterrâneas de sua condição de “mulher” que a salvaram, pelo menos em alguns momentos, da imagem de “guerrilheira”. A história oral permitiu conhecer essas experiências silenciosas pela dor ou pela resistência, não registradas por escrito, principalmente no caso feminino.

Ana Maria contou que depois de livrar da cadeia durante a repressão à greve, em 1968 - quando se fez passar por “moça casamenteira” diante do delegado – ela entrou para a clandestinidade com o irmão Osny. Atuando na VPR, ainda teria conseguido escapar quando da invasão pela polícia ao “aparelho”, no Caxingui, em São Paulo, em 1969. Naquele instante, com a ajuda de Roque, com quem tinha se casado em outubro de 1968, conseguiu lançar mão mais uma vez da tática feminina:

Eu consegui escapar mais uma vez, como a “jovenzinha recém-casada”. (...)

Eu tinha uma cara muito de criança mesmo, mas não era tão criança. Olhando hoje, vejo que eu era criança, mas nem tanto. Tinha vinte e um anos, parecia ter cara de treze, catorze. Então, consegui fugir mais uma vez. (...) O Roque aguentou preso e calado o tempo que a gente tinha dentro dos nossos padrões de segurança. Foi torturado o dia inteiro e, à noite, ele chegou com a polícia lá em casa, onde ainda estávamos. Rapidamente me deu dicas do que estava acontecendo e eu pude, digamos assim, **fazer meu papel**: “Meus Deus, o que é isso? O que está acontecendo? Que loucura é essa?”.

Eles estavam tão contentes... Se fosse mais tarde, seis meses mais tarde, eles teriam levado todo mundo, mas aquelas foram as primeiras prisões. Mesmo

assim, ficaram felizes... A luz estava acesa e o Ibrahim abriu a porta... Eles estavam felizes, porque quantas pessoas importantes eles tinham pegado! Mas eu não! Me deixaram. Me interrogaram, se convenceram que eu não tinha nada a ver com o assunto. Mais tarde, ficavam vigiando a casa muito tempo, mas consegui escapar. **Escapei todas as vezes por ser mulher e ter o respaldo dos próprios homens:** era casada com um, era irmã do outro. Quer dizer, sabe, “coitadinha”?!... (Ana Maria)

A colaboradora demonstrou ter plena consciência de que sua suposta desimportância, diante da prisão de “peixes grandes”, como Roque Aparecido e José Ibrahim – procurados desde a greve em 1968 – foi a garantia de ter se livrado naquele dia. Pode cumprir “seu papel” de “jovenzinha recém-casada”, frágil, ignorante e submissa. “Coitadinha”! Assim como Sônia, Sandra e Amira, demonstrou ter conhecimento de que sua condição de gênero lhe serviria para atingir seus objetivos, manipulando os homens dentro do próprio imaginário por eles criado: “Escapei todas as vezes por ser mulher e ter o respaldo dos próprios homens”. Disso fez sua tática dentro do território masculino e militar, sempre que precisou.

Mais tarde, no início dos anos 1970, foi presa ao marcar um “ponto” com um militante que não apareceu, pois ele já tinha sido preso e a denunciado. Para ela, esse momento foi decisivo para sua vida, pois pensou em correr quando todo um aparato a aguardava para metralhá-la, se fosse necessário. Desistiu e foi presa. Dali, ela foi levada para a Operação Bandeirantes e depois para o Dops, onde foi interrogada pelo delegado Fleury.

O delegado Fleury perguntou: (...) “Quem é Ana Maria Gomes da Silva?”. E disse: “Ah! Você está aqui, né?”. E começou a enumerar: “Você é mulher do Roque, cunhada do João Domingues, irmã do Osny. Era fácil acreditar que eu era peixe deles, que não tinha uma militância. Tanto que as companheiras que não tinham ninguém, nossa, elas apanhavam muito mais! Eles diziam: “Nossa, como ela pode ter aguentado sozinha?!”. Prenderam pais, irmãos, maridos, mas elas foram torturadíssimas também! Quanto a mim, diziam: “Ela foi levada por um homem”. Aquelas que não tinham ninguém... Como é que elas ousavam pensar sozinhas?... Pensar sozinhas?! (Ana Maria)

Pensar sozinha... Eis a escolha daquelas mulheres que ousaram sair de casa e ingressar numa “atividade para homens”, sozinhas. Ana Maria, casada às pressas com Roque por uma decisão da militância armada – para dar mais autenticidade aos disfarces – pode lançar mão dessa ação para confundir os agressores. Além disso, considerada incapaz de tomar decisões e definida como irmã, esposa e cunhada de guerrilheiros, teve

sua identidade esvaziada como ser pensante e autônomo. Como tal, deveria corresponder ao seu papel de submissão e ignorância. Cumpriu, então, sua performance de gênero, como o fizeram Amira, Sandra e Sônia fora das celas e das instituições guerrilheiras.

Em sua maioria, as colaboradoras entenderam o quanto confirmar sua obediência e fragilidade poderia ser benéfico para elas diante das autoridades do regime, burlando regras “dentro das regras”. Essa percepção sempre presente nos relatos apareceu acompanhada do riso e da sensação de vitória sobre o “gênero forte”. Ou mais ainda, com expressões de alívio. Ana Maria percebeu que fugia do estereótipo de mulher truculenta, de “puta”, de comunista e de terrorista. A dúvida do algoz sobre isso foi sua grande aliada.

Quando foi no dia seguinte, chegando a noite, me levaram pro interrogatório. (...) Eu pensei: “Ai, é agora!”... Quem fez questão de me interrogar foi o mesmo investigador que tinha me interrogado na minha casa quando o Roque foi preso; o que foi pra mim uma sorte muito grande porque ele não admitia que eu o tivesse enganado!... Começou com essas palavras: “Quando eu vi seu nome aqui, pensei: “Será que aquela menina me enganou?!”. Então, ele estava psiquicamente preparado para aceitar qualquer coisa que eu contasse, porque onde já se viu uma menina daquela enganar um policial experiente?! E aí contei aquela historinha de novo. Eu tinha excelente memória. Minha história não mudava uma vírgula. E aí todo mundo foi confirmando minha história. Todos os depoimentos foram confirmando minha história. Ele estava plenamente disposto, no machismo dele, a ser enganado. E foi! Aceitou a minha história!! (Ana Maria)

A astúcia da mulher oprimida sobre o perpetrador foi a reação que permitiu vencê-lo, pelo menos provisoriamente. A história de “boa moça” planejada para enganar, não poderia ser desconstruída por um homem em seu orgulho de “macho” e de poder. Como poderia ser enganado por uma mulher?

Sensibilidade e intuição foram formas estratégicas de intervenção utilizada por ela e por tantas outras mulheres apresentando-se diante dos seus opressores não como sombras dos homens, nem como sujeitos passivos e submissos. Foram produtoras de discursos e práticas que os enganaram em sua arrogância.

Judith Butler diria que aí, mais uma vez, houve a performance de gênero, ou a tática de *bricolage* lembrados por Michel de Certeau ou Beatriz Sarlo. Essas mulheres teceram as relações de resistência com os fios que os próprios dominadores lhes forneceram, e se encobriram com o tecido da “invisibilidade”, então vantajosa.

Essas conquistas, no entanto, se deram em meio a uma grande rede de vigilância, incontrolável para as colaboradoras e colaboradores, em sua dimensão. A ação do Estado não impediu somente a produção de conhecimento, mas atuou na circulação de informações e na construção do imaginário, pela propaganda, na fabricação de sentidos, identificando os perseguidos com estereótipos impostos, acreditados e recusados (como a foto dos chamados terroristas estampados nos cartazes de Espinosa).

A luta para resistir às torturas e não colaborar no desmantelamento da guerrilha fez parte da memória coletiva dos narradores, como sinal de fidelidade à causa política, aos companheiros e à própria dignidade. Muitos militantes, durante os interrogatórios, criavam formas de contrainformar a repressão, como disse Ana Maria, inventando histórias, fornecendo informações falsas, confundindo nomes e codinomes, despistando a polícia em relação aos "pontos" escondendo informações durante as acareações com demais companheiros. A ideia era ganhar tempo durante os interrogatórios e evitar maiores danos às organizações que já estavam sendo desmanteladas.

No entanto, muitos não aguentaram e denunciaram pessoas envolvidas com a resistência armada. Marcelo Viñar afirmou que a tortura é dilacerante e tem o objetivo de fazer falar a qualquer custo, provocando "a explosão das estruturas arcaicas constitutivas do sujeito, isto é, destruir a articulação primária entre o corpo e a linguagem". (VIÑAR, 1992, p. 73). A preparação para a prisão e muito menos para ser submetido a ela não constava em manuais das organizações armadas, ainda que em alguns momentos fosse discutida a sua possibilidade entre os militantes. O pânico destruturante diante da violência desarticulou pensamento, raciocínio e colocou na defensiva muitos dos que foram presos. A possibilidade de entregar alguém, de perder o controle sobre o corpo e a mente, ou de ter seu nome pronunciado no flagelo de um companheiro, colocou os presos numa batalha contra o tempo, pela vida, a lealdade aos "outros" e a manutenção da dignidade, constantemente ameaçadas.

As sequelas psicológicas do sofrimento foram inúmeras, provocadas tanto pela situação mesma da tortura (as técnicas, o período de duração, a sequência da aplicação), como pelo temor de que ela atingisse pessoas da família e amigos. Os traumatismos físicos, com a perda do controle fisiológico, e o refinamento das torturas psicológicas utilizadas (as ameaças à família, a destruturação da vida cotidiana, a solidão do cárcere), foram endossados pela certeza da impunidade judicial dos torturadores e a cumplicidade governamental.

Diferentes do delator citado por Roque Aparecido, como colaborador voluntário, a tortura levou muitos presos ao limite, deixando escapar as informações, a fidelidade, a dignidade e a própria vida. Ana Maria Maria falou sobre essas pessoas que, sofrendo com a violência, colocaram em risco a vida de seus companheiros. A descrição que ela fez do companheiro que a entregou aos torturadores mostrou ressentimento, mas também reconheceu o limite da desumanização a que muitos chegaram.

Ela foi presa pela terceira vez, ainda em 1970, e levada para a Operação Bandeirantes. Ali, foi colocada frente a frente com a pessoa que a havia denunciado:

E aí fui pega de novo... Fui presa de novo antes de sair do país. Um gaúcho foi pego e eles queriam que ele entregasse um aparelho... Eu considero uma sacanagem muito grande alguém que fala e torna a informação ao alcance da repressão! Em geral, o que a gente usava quando era preso é que conhecia alguém que estava em sequestro ou estava morto. Na pior das hipóteses, dizia que essa pessoa não tinha sido pega ainda, mas nunca denunciava que ela já estava lá presa! Mas fui denunciada e levada até ele. Era a Operação Bandeirantes... Eu voltei para a Operação Bandeirantes... (...)

Ele foi colocado sentado... Eu, na frente dele... E o capitão que estava lá à noite disse assim: “Olha, vocês dois resolvam quem é que vai falar. Agora, um de vocês fala porque, se não, nós vamos pendurar os dois e aí um dos dois vai falar! Não tem jeito”. E aí ele me disse assim: “Eu não aguento mais ser torturado! Fale, diga, se você sabe. Eu não aguento mais ser torturado!”... (Ana Maria)

Novamente a expressão resumida, seguida do silêncio, deixou subentendida a possibilidade da violência que ela sofreu: “Era a Operação Bandeirantes... Eu voltei para a Operação Bandeirantes...”. A cena descrita sobre ela e seu denunciador evidenciou também a degradação do torturado, o cansaço e o seu limite, e serviu como tentativa, por parte dela, em compreender a atitude de alguém que a entregou também para aquela condição. Revelou como o torturador obtinha a colaboração de alguns prisioneiros: pela incapacidade de suportar a dor¹⁵⁷.

O fato de ser denunciada e traída por um companheiro parece ter sido fundamental para que ela se desencantasse com a luta armada e passasse a desacreditar na possibilidade de vitória contra o regime. Há, no relato, o sentimento de que o movimento começava a fracassar, acuado, fragilizado pelas atrocidades cometidas pelo

¹⁵⁷ Para Viñar, a desestruturação é a experiência de desmoronamento e da loucura – metódica e cientificamente induzida – que desloca o indivíduo de seu mundo amado e investido para o colocar diante de um buraco sinistro, repleto de vergonha, de humilhação, de urina, de horror, de dor, de excrementos, de corpos e de órgãos mutilados. (1992:47)

regime e pela colaboração, forçada ou não de colegas¹⁵⁸. O ressentimento e a indignação escaparam pelas palavras de Ana Maria ao contar sobre a convivência que teve na cela com alguém que ainda acreditava na organização armada:

Eu estava presa com uma menina, uma menina literalmente, bem novinha. Aquilo me ajudou ainda mais, porque eu percebia que a Var-Palmares estava esfacelada, esfacelada!... E que tinha se recomposto com gente muito jovem. Imagina: eu tinha 21! Imagina a idade dos outros... Essa menina estava toda queimada nas pernas, dos choques... E ali nós começamos a conversar. Eu não podia dizer nada, estava sendo gravado. Não podia dar grandes dicas. E ela dizia: “Não, porque o MEU comandante...” – que era o meu delator... Dizia: “O MEU comandante...”. Eu olhava para ela e me dava uma pena!... Ela estava com aquela convicção toda, apanhando, por uma coisa que estava esfacelada! A direção nacional havia sido presa ou morta inteira! Não restava mais nada... (Ana Maria)

O testemunho tratou do momento de seu desencanto, da perda das certezas. Enxergou em outra pessoa o seu próprio estado: as feridas, a perda da juventude por uma organização esfacelada, a fidelidade a alguém que não foi fiel. Em nenhum dos momentos em que se referiu à sua prisão, tocou muito tempo na tortura, reduzida a uma ou duas frases; o suficiente para sentir a tensão em sua voz. O relato da prisão de outras pessoas ligadas à Var-Palmares confundiu-se com a sua experiência, amenizada por ela diante da dor dos outros. O clima de delação e dos militantes que iam “caindo” foi sendo apresentado por ela, com a voz pausada, até tornar-se interdição.

Eles me levaram... Lembro que me deixaram numa cela sozinha. Pensei: “Aconteceu. Agora é segurar as pontas”... Segurar com gente presa... Muita gente falou. Falou bastante. E aí foi presa a Dilma... Mais gente... Foram chegando, foram chegando... Eles diziam assim: “Todas as organizações começam por baixo. E a Var-Palmares começa por cima”. Eles prenderam rapidamente, pelo que falaram, a direção do movimento. E isso deu uma amenizada na situação da gente, amenizou um pouco a tortura. Eu levei choque, porrada... Mas digamos que recebi algo muito leve perto do que os outros companheiros sofreram... Todo pessoal que a gente ia sabendo que ia caindo... (...)
E, então, fui levada... A tortura psicológica foi forte... Muito, muito pesada!... (...) (Ana Maria)

Ao se referir à tortura sofrida por outras pessoas, procurou amenizar a sua, mas deixou que o corpo, incontrolável e traidor, se manifestasse na narrativa: mãos mexendo nervosamente, riso desconcertante, sinalizaram sobre sua dor. Aos algozes, como

¹⁵⁸ Roberto Espinosa falou que começou a perceber que o movimento “parecia um bonde descontrolado”.

fizeram José Ibrahim e Roque Aparecido, dispensou o tratamento de “eles”, essa figura nebulosa e sinistra do cárcere, que encarnou a catástrofe humana da repressão.

A ação repressiva dos torturadores sobre as mulheres também jogou com sua condição de gênero para amedrontá-las com a possibilidade do sofrimento infligido à sua família. O uso da figura de irmãos, filhos e maridos sendo atingidos pela violência foi uma forma de subjugar-las para tentar fazê-las falar sobre o que sabiam e silenciá-las quando eram consideradas perigosas. Helena e Iracema, em momentos e de formas diferentes, vivenciaram essa experiência de martírio psicológico. A primeira, quando foi presa ainda em 1964, fato que alterou a condução de sua vida, marcada ainda mais pela repressão em 1968. A segunda, quando os militares invadiram sua residência, logo após a prisão de Roque Aparecido e de João, o irmão baleado a quem socorreu.¹⁵⁹

Quando fui presa, eles não me ameaçaram fisicamente. Ameaçar assim, não, né?... Assim, não. Minhas filhas eram pequeninhas, tinham seis, sete anos... O aviso foi: “Olha, nós viemos aqui pra ficar, nós vamos ficar aqui muito tempo, dezenas de anos, mais dez anos. Suas filhas, uma tem seis, outra sete... Pensa bem... Nós estamos aqui!... Você entendeu ou não entendeu”?! Era assim, violentamente. (Helena Pignatari)

Os militares me deixaram em casa. Minha filha de oito anos ficou com a Luzia, mulher do Liceu, e com a Letícia, filha deles. Os policiais ficaram comigo, esperando para ver quem vinha. Cinco horas... Não vinha ninguém... Acabaram me levando para a delegacia, para o Dops, para o QG do Segundo Exército no Ibirapuera. Perguntavam quem era o médico que prestava socorro, para quem eu costumava dar os primeiros socorros... Quarenta horas de interrogatório ininterrupto!... De quatro horas em quatro horas trocavam o turno, e eu sem comer, sem beber e sem dormir. Quando passava mal, eles traziam café amargo!... Diziam que o João já estava morto; que o Roque estava preso; classificando todos os membros da família como bandidos! Perguntavam pra mim por que eu queria esconder e proteger a família, se o João já estava morto? Se o Roque estava preso? Se eu entregasse logo o grupo, ia ser mais suave... Era um jogo de enlouquecer! Tive que fazer tratamento psicológico... (...) (Iracema dos Santos)

A ameaça aos entes mais queridos provocou profundas feridas nessas mulheres, Toda sua dor foi resumida, com intensidade, nas sentenças curtas e dolorosas de Iracema:

¹⁵⁹ Logo depois de assaltar o cofre do governador Ademar de Barros, João fugiu da polícia e, quando chegava à Barra Funda, foi baleado. Tomou um táxi até a casa de Iracema, mas foi denunciado pelo taxista.

Era um jogo de enlouquecer! Tive que fazer tratamento psicológico... (...)
Você não sabe o que é tortura psicológica!... (Iracema dos Santos)

Partilhar a dor, singular e coletiva, foi o que inspirou, muitas vezes, os diálogos estabelecidos com essa colônia osasquense. As conversas me ensinaram a prestar atenção a um sentido não tão glorioso da greve, do movimento estudantil ou da luta armada, na medida em que os relatos entraram por caminhos até então desconhecidos e intocados pela historiografia: a gravidade do medo, a grandiosidade da dor, a intimidade da alma.

As narrativas não trataram apenas de uma história combativa, de resistência, que se agigantou na luta pela grande história contra a ditadura. Mais do que isso, falaram do que Mary Marshall Clark buscou em seus trabalhos com o trauma: responder de forma ética ao mundo insensível de dramas pessoais e históricos, como os que se mostraram nessa pesquisa. Compartilhar o ato de ouvir/narrar e tentar interpretar para compreender, pode clarear as injustiças e as responsabilidades de cada um em processos tão traumáticos, como o regime autoritário foi para os entrevistados.

O relato de José Ibrahim foi representativo do limite da tortura, a chegada ao abismo, o “buraco sinistro” ao qual chegaram muitos torturados. Fazendo referências a uma conversa que teve com seu pai quando ainda era candidato ao sindicato de Osasco, em 1968, fez notar uma história que parece ter sido determinante em sua trajetória política e, em especial, no momento de sua prisão. Enquanto narrava, fumando bastante, ele levava um copo à boca, marcando as pausas significativas de sua fala:

Então, ele me chamou. Eu me lembro, assim: em frente de casa tinha um poste... Ele falou assim: “Olha, estou sabendo disso, disso, disso”. Eu peguei e falei: “É! É isso aí! Ia falar com senhor mais pra frente, mas é que ainda não está certo, ainda estamos acertando. Mas é isso que está pintando”... Ele falou... “Olha, vou te dizer uma coisa: isso aí eu sei como é que é... Se você for um cara firme, cara assim, assado e tal, levar a sério, isso aí dá cadeia!... Você vai preso!... Agora, se você for uma pessoa que vai trair seus companheiros, seus amigos, o pessoal que confia em você e tal... “Se... Se for por aí”... Aí é o seguinte... “Você não é meu filho!” (...)
Olha, até me emocionou!! Meu, ele falou isso pra mim!! (José Ibrahim)

A relação afetiva com seu pai, trazida à tona, evidenciou o compromisso não apenas com a questão política, mas moral e honroso ele. O filho que diante de seu progenitor foi chamado a assumir a responsabilidade por seus atos e não trair. Esse evento, selecionado pela memória talvez esteja costurado ao outro, quando sentiu

esgotarem-se suas forças, justamente na prisão, situação para a qual seu pai já havia chamado a atenção. Novamente a narrativa tornou-se tensa, pois ela fazia alusão ao momento de sua desestruturação, colocando-o no limite entre dizer ou morrer; em que a dívida com seu progenitor e com seus colegas foi cobrada:

Tem uma passagem que quase não contei a ninguém... Tem uma assim, por exemplo, quando eu estava preso, já fazia alguns dias que eu estava preso e, claro, estava sendo torturado, né?... Aí, eu pensei duas coisas: “Ou eu não vou aguentar, porque então eu vou falar... Ou vou continuar sofrendo feito um cão aqui!” Né? (...) Já tinham me quebrado bastante, né? (...) Aí, eu achei... Entrou na minha cabeça... Achei que era melhor me suicidar!... Então, acabar com minha vida... Né? E “tchau e bênção”!... (...) (José Ibrahim)

A experiência de tortura, com todo excesso de violência, dor e submissão, atingiu o psiquismo de forma a fazer o torturado acreditar em sua derrota, sentir-se sem saída de sobrevivência digna, a não ser atentar contra a própria vida. A passagem em que narrou seu desespero e a proximidade da morte significou também a lembrança da emersão, do retorno. A violência que provocou o esvaziamento da própria vida, a culpa, a vergonha de entregar o outro e tornar-se próximo ao torturador, não o venceu. Desta forma, estar no limiar da morte, próximo de realizar o projeto de se jogar do viaduto, e tomar a decisão rápida de não fazê-lo, representou a oportunidade de sobreviver para contar.¹⁶⁰

A memória coletiva manteve essas lembranças e sentimentos partilhados de dor, cansaço e afeto. Para Ecléa Bosi (1990), a memória coletiva não trata do “fio de Ariadne” e sim de muitos fios de romãs, que se entrecruzam, convergem tensionados ou amarrados, com laços que se complementam ou criam nós desafiadores. Nesse caso, memória subterrânea, traumática, daqueles que imaginaram o fim da própria vida.

O processo dilacerante gerado pela extrema dor física ou psicológica, ou “a demolição humana”, no dizer de Marcelo Viñar, procurou promover a destruição de relações e convicções, desorganizando a relação do sujeito consigo mesmo. Esses testemunhos mostraram como ele pode gerar o “esvaziamento narcisista”, onde foram usurpadas a identidade e a história dos sujeitos. Narrar pode ser um dos momentos de recomposição subjetiva e enfrentamento histórico dessa quase desestruturação.

¹⁶⁰ Tendo inventado um ponto na Santa Ifigênia – onde teria a oportunidade de se jogar do viaduto – Ibrahim foi salvo pelo aparecimento de um amigo, confundido pelos militares com um militante. A confusão e a preocupação em livrar o colega de infância da prisão, fizeram com que ele mudasse seus planos e decidisse viver.

A catástrofe vivenciada, nesses casos, foi muito grande para ser narrada sozinha. Testemunhar tornou-se um processo de compartilhar não apenas as histórias, mas os sofrimentos, medos e também as superações. Por isso, houve esses momentos em que foi preciso entrar no “buraco negro”, onde não havia mais palavras, tradução, para compreender e respeitar os silêncios. Os relatos apresentaram fronteiras, limites para as coisas que não têm expressões no vocabulário ordinário, metáforas para aliviar a dor. Equívoco, repetição e incompletude não foram meros acidentes de narrativa. Foram reveladores do clima de nervosismo, confusão e emoção.

Foi difícil ficar inerte ou apática diante desses relatos, mesmo quando as informações sobre a violência física não foram explícitas. Mary Marshall Clark (2009) afirmou que vivemos uma sobrecarga de informações e nem por isso nos tornamos mais sensíveis diante das atrocidades. Não é só o fato de saber sobre os acontecimentos que nos torna menos indiferentes; o que nos atinge, de fato, é a possibilidade de participar do relato de alguém, em toda plenitude de emoções; ter o tempo para refletirmos sobre a dimensão daquilo que não pode ser contado explicitamente. O trabalho com história oral nos permite “embarcar” numa história repleta de vida e emoção.

Relatos como o de Iracema, entre lágrimas e tristeza, sobre o encontro com sua filha, após ser liberada de sua prisão e interrogatório, colocou-me diante da fragilidade humana, do vivido e sentido, que a “grande história”, por vezes, tendeu a não enxergar.

Fui solta de madrugada... A gente subiu a Avenida Brigadeiro até a Paulista para pegar o ônibus e voltar para a Vila Isabel. Quando eu ia chegando, vi minha filha sozinha... Estava indo... Ninguém tomou conta dela!... Isso tudo foi terrível!... O pior foi quando encontrei minha filha sozinha... Na rua!... Cheguei em casa de manhã e vi a Eliana sozinha... Aquela criança! (...) Quando me viu, o meu coração parecia que ia disparar! Ela começou a correr, e eu comecei a chorar! Abracei, abracei... (...) Acho que na minha dor, de tudo o que passei, o pior momento foi esse encontro. E ver o João em pele e osso no hospital antes dele morrer... Espero nunca mais sentir isso! (...) (Iracema Santos)

A separação e o abandono forçado da filha, com a sua prisão, tornaram-se uma ferida, invisível à história não atenta à responsabilidade civil. Sob o sistema de luta de classes e jogos políticos, Iracema demonstrou haver pessoas, pulsando vida e sofrendo traumas. A lembrança do irmão, João, morto sob a tortura, reforçou a memória de desolação, pressão psicológica e imensa coragem de Iracema, tendo que sobreviver diante da possibilidade de perder seus entes queridos. Houve um modo pessoal de

sofrimento na narrativa, mas que participou de um trauma que é coletivo, que remeteu à violência contra sua família e a de tantos outros. Seu sentimento de desestruturação, ao ver sua filha abandonada, e ao saber da morte de seu irmão, foi vivenciado por outras mães e irmãs. Não foi apenas um dado sobre a ditadura militar; houve significações em seus olhos que exigiriam um apoio emocional muito além da pesquisa.

Para Fábio Conder Comparato (2010), as histórias sobre as violações cometidas nas “guerras revolucionárias” dos países do chamado Terceiro Mundo, não podem ser tratadas como se tivessem atingido apenas o corpo e o psiquismo dos afetados diretamente. O funcionamento da sociedade sofreu com as sequelas, por meios dos vínculos comunitários e familiares. Entender as experiências da perspectiva individualizante do torturado é não perceber toda a articulação racional da Doutrina de Segurança Nacional e da estratégia da própria tortura, como tecnologia científica para provocar a dor e espalhar o terror por toda a coletividade.

Os discursos dos entrevistados seguiram esse caminho: mostraram que a utilização pelo Estado de uma gama de estratégias para neutralizar e eliminar os opositores ampliou-se para afetar parcelas sociais não envolvidas diretamente e que de alguma forma eram simpatizantes de suas causas. A família dos perseguidos, por exemplo.

Com relação a isso, Maria Dolores, irmã de José Campos Barreto, expôs uma das faces mais duras da ditadura, quando seu irmão passou a ser procurado pelas forças da repressão. Ele já havia sido preso e torturado no momento da greve de Osasco, quando enfrentou o exército na Cobrasma. Depois de solto, entrou para a clandestinidade e ingressou de vez na luta armada. Em 1971, quando as organizações já haviam sofrido o desmantelamento com as mortes e prisões de vários militantes, tornou-se questão de honra para o exército prender Zequinha e Lamarca. À procura deles, na Bahia, os soldados invadiram o lugar onde moravam seus pais e irmãos.

Maria Dolores conseguiu fugir ao cerco de sua casa, onde o irmão mais novo morreu e outro foi baleado e preso, poucos dias antes da morte de Barreto. Ao lembrar aqueles instantes, em Brotas de Macaúba, ela conseguiu mostrar até onde a greve que havia sido concebida em Osasco havia gerado consequências para além de 1968. Como toda sua família, inclusive ela, pagou o preço da fúria do regime e viveu o trauma de tantas perdas.

Eles chegaram atirando com tudo! Foi um exército!... Eu tinha saído porque na época a gente não tinha água encanada em casa, tinha que pegar fora. Levantei cedo, porque lá é costume dormir cedo e acordar cedo... E eu saí nesse dia pra pegar água... Tinha um riozinho lá perto, mais ou menos um quilômetro, ou meio quilômetro, perto de casa.

Eu estou lá... Quando eu vi uma roça, uma roça cheia de grama, cheia de capim... Dava pra ver as pessoas. Quando olhei lá longe só vi aquele pessoal de farda, com aqueles capacetes... Quando olhei, eu sabia que eles tinham vindo atrás do Zequinha... E aí o que eu fiz? Fiz outro caminho! Escondido. Corri pra chegar até em casa a tempo de avisar! Mas não adiantou... Porque acho que aquela turma ali era outra, entendeu? Já tinha outra turma que tinha pelo outro lado, feito outro caminho... E eu... Corri!... Quando cheguei em casa... Minha casa era assim... tinha um muro de parede, depois tinha uma cerca, né, uma cerca que fazia outro quintal enorme, nos fundos da minha casa... Cheguei, tinha gente... Estava cheio de gente em cima do muro, daquela cerca! O muro cheio de gente, com metralhadora!...

O que eu fiz? Não tem como eu entrar... Você não sabe o que fiz... Sabe que eu passei por aquele povo e aquele povo não me viu?! Sabe que ninguém me viu? Não sei, sabe, parece que alguma coisa ali me protegeu!... Porque eles foram pra lá, falaram pra todo mundo que eu era mulher do Lamarca! Eles estavam me procurando como mulher do Lamarca!... Me procurando como mulher do Lamarca!... (Maria Dolores)

A desigualdade brutal de forças marcou sua narrativa: um aparato militar poderoso contra apenas uma menina ou uma família. Maria Dolores não conhecia o capitão Carlos Lamarca, embora fizesse comida para ele. Além do susto diante do inesperado e a violência física, havia a barbaridade moral: ser acusada como amante de um guerrilheiro procurado, além de irmã de um terrorista. A memória feminina aí foi ferida em vários sentidos. A vida cotidiana e rotineira foi atravessada pela fúria do regime, num golpe que mudou radicalmente a sua vida e a de seus familiares.

Aí, o que é que eu fiz? Cheguei lá, a casa estava toda tomada!... Passei direto, entrei na casa de uma senhora e fiquei por lá... Era um lugar pequeno, você conhece todo mundo... Me acolheram... Também não sei se por inocência!... Não sabiam do perigo que eu tava representando ali! Sei que depois de vinte minutos depois, uma meia hora, aconteceu o tiroteio, eles invadiram lá...

Foi quando mataram meu irmão mais novo... Ele tinha dezenove anos na época... Meu irmão... O mais novo correu pra avisar... Ele correu pra avisar o Lamarca e o Zequinha, os dois estavam juntos lá no esconderijo. Meu irmão mais novo correu... E acho que ele tinha um revólver!... Aí quando eles atiraram, meu irmão atirou e correu... Logicamente... Um exército contra ele!! (...) Meu irmão mais novo nunca tinha saído de lá, não era envolvido com nada! Nunca tinha saído de lá...

O meu outro irmão, Olderico, estava com revólver também e atirou! ... Acho que é inocência! Porque não é possível fazer isso com um exército!! Eles com metralhadora e o cara com um 32, ali... Só sei que aquela rajada de tiros, menina!... Aquilo!... Nossa senhora!... Sabe quando você sente que você não está vivendo aquilo? Que aquilo é um sonho, parece que não... Sei

lá... não estava caindo... Eu não tinha caído na real! Eu achava que aquilo ali era um pesadelo que eu estava vivendo!

Seu testemunho revelou a desigualdade de forças também no momento da investida militar contra seu irmão: “um exército inteiro contra ele!!”; “Eles com metralhadora e o cara com um 32, ali...”. A narrativa ressentida e a ênfase dada ao ato de “correr” fez notar sua angústia. Maria Dolores vivenciou a dor de ver sua família se decompor em morte e violência. Sua performance dramatizou aquele momento com mágoa e indignação: “Aquilo!... Nossa senhora!... Sabe quando você sente que você não está vivendo aquilo? Eu achava que aquilo ali era um pesadelo que eu estava vivendo!”.

A fala entrecortada por tantas reticências deu mostras do rompimento drástico que a vida sofreu, a desestruturação aqui de sua subjetividade. Um dos momentos dilacerantes foi ouvir o que os militares diziam sobre ela, escondida embaixo da cama de um vizinho que a acolheu:

Aí, um dia, lembro até que foi num domingo... Isso tudo foi num sábado de madrugada que aconteceu, a invasão da minha casa... No domingo, eu estava lá na casa do seu José escondida num quarto, embaixo da cama, não saía pra nada!... De lá de dentro do quarto, eu ouvia eles conversando... “Cadê, onde é que está a moça? Você não viu?”, perguntavam pra filha do seu José... “Você não sabe pra onde ela foi? Onde é que ela está?”. Ela falou: “Imagina! Essas horas ela já deve ter é morrido aí pra cima desses morros”!! Eles falando... E eu ouvindo tudo o que eles falavam... “A hora que a gente pegar ela, a gente não vai matar ela, vai arrancar uma unha, vai furar um olho”... Você acha?! E eu escutando!! (Maria Dolores)

Como não chamar de tortura a experiência de Maria Dolores, que quase voltou à condição de fragilidade vivida ali ao narrar os detalhes de como seria a atrocidade que sofreria? Como não imaginar a quase aniquilação de sua alma ao assistir a morte bater à sua porta de forma inesperada, e a vida de sua família se desintegrar rapidamente?

A proteção e a acolhida de seu vizinho preservaram-na da violência física, mas não emocional. A morte dos irmãos, Otoniel e Zequinha, a tortura de seu pai e do irmão Olderico, o câncer desenvolvido pela mãe formaram o quadro que compôs a sua violação e trauma. Além disso, a perda do controle sobre a própria existência, a condição de submissão, esconderijo e clandestinidade também se tornaram feridas. Paradoxalmente, o fato de ter sido acuada e humilhada levou-a a assumir sua vida longe dali, de forma mais autônoma, e redimensionar sua experiência. Ou seja, integrar-se ao mundo político e social. A vigilância e a neurose dos vizinhos contribuíram para isso:

Todo mundo morrendo de medo! E não era pra menos! Alguém falou pro seu Zé pra me tirar de lá porque se me pegassem lá, eles iam matar todo mundo! Me matavam, matavam o dono da casa e matavam todo mundo que morava na casa. Colocaram aquele medo na cabeça dele e resolveram me tirar de lá... O lugar lá era pequeno, a gente sabe que algumas pessoas fizeram por medo...

Não condeno! Não condeno as pessoas que fizeram por medo, não condeno... Eles estavam aterrorizando mesmo! (...) Teve gente lá que falou pro meu pai: “Se eu vir o teu filho, eu entrego”... Gente muito próxima da gente... (Maria Dolores)

A tortura foi mais do que uma tecnologia para provocar dor nos perseguidos políticos. Funcionou para desenvolver o pânico, sentimento constante na maioria dos relatos femininos ou masculinos. A possibilidade da delação, por sua vez, gerou o abandono, a falta de confiança naqueles com quem até então se podia contar. Para Maria Dolores, seria um fato compreensível e perdoável, diante da ameaça que pairava sobre todos. No entanto, o medo de continuar sendo perseguida, fez com que ela e alguns irmãos acabassem indo embora da Bahia.

A experiência de se esconder, numa clandestinidade forçada também marcou a vida de Abigail Silva e Sônia Miranda. Elas se alternavam na moradia de amigos, dentre eles Albertina e João Cândido, sem rumo certo, com medo que estivessem sendo vigiadas. A “maquinação das subjetividades” alterou a segurança, promoveu o silenciamento e calou tantas outras pessoas que poderiam ajudá-las, impedindo os laços de solidariedade e dificultando a resistência, por meio da sujeição e despolitização de parcela da população.

A tortura foi um recurso que, para ter sustentação, precisou colocar em ação toda a rede de apoio e cumplicidades que não funcionou apenas pelo medo e sim pela lealdade e concordância com suas ações.¹⁶¹ Mesmo clandestina, a tortura transbordou, agindo pela intimidação não só promovida por órgãos do governo, mas por pessoas que aceitaram fazê-lo no dia a dia.¹⁶²

¹⁶¹ Em seu livro, *Direitas em Movimento* (2009), Janaina Martins Cordeiro estuda a formação e ação do grupo Camde (Campanha da Mulher pela Democracia), um dos vários grupos formados pelas mulheres na década de 60, em apoio à ditadura. Além delas, existiram outros, como a União Cívica Feminina, a Liga da Mulher Democrática e a Cruzada Democrática Feminina. Num trabalho muito interessante, Cordeiro nos fala de uma memória também esquecida e rejeitada, na batalha por esquecimentos e lembranças. Na memória enquadrada pela esquerda, que busca firmar sua versão, as mulheres que atuaram como rede de colaboração ao regime militar, foram esquecidas e caladas. Pertencem ao que a autora chama de “memória dividida”.

¹⁶² O famoso Comando de Caça aos Comunistas (CCC), formado majoritariamente por estudantes da Universidade Mackenzie, não foi o único a agir no combate aos “subversivos”. Deve-se levar em conta

É preciso considerar que a propaganda criou sentidos, tornando parcela da sociedade “torturável”, por seu comportamento “ameaçador”. O consentimento à violência permaneceu e ajudou a formar um comportamento em parcelas da população brasileira que continuaram a acreditar que alguns tipos de pessoas podem e devem sofrer violações. A história brasileira parece ter desenvolvido certo hábito cultural, pronto a legitimar e aceitar como normal as barbaridades cometidas contra setores considerados perigosos à ordem social.

6.3. O testemunho como denúncia

A tortura e a vigilância fizeram parte do dispositivo intencional, que garantiu o apoio, seja pelo medo ou pelo consentimento velado, a um sistema de poder autoritário que aniquilou e desestruturou pessoas para se perpetuar. Aterrorizou, desmobilizou e submeteu as vítimas diretamente atingidas, mas seu alvo foi a coletividade.

Toda forma de desvio moral foi apontada pelo regime aos perseguidos. A exemplo do que aconteceu com Maria Dolores, uma série de imagens tratou de construir o caráter dos que supostamente seriam perigosos ao regime: criminosos, desvirtuados sexuais, drogados, filhos de pais separados, terroristas e prostitutas¹⁶³.

O estudo de Maria Cláudia Badan (2011) sobre a militância armada feminina e sua rede de solidariedade mostrou que um expediente também muito usado para a apenação das mulheres era acentuar nos julgamentos uma concepção moral que as desqualificava por terem abandonado a função a elas destinadas na ordem vigente, ingressando em atividades definidas para os homens. Assim, a trajetória particular de cada ré era analisada representando-as como delinquentes, criminosas, desajustadas e com problemas emocionais. Nos processos em que as mulheres estiveram envolvidas em ações armadas, muitas foram consideradas inaptas para o convívio social, razão pela qual foram encaminhadas para manicômios judiciários ou, quando detidas, permaneceram isoladas de outras presas por tempo prolongado por serem de alta

também as diversas organizações femininas que atuaram no apoio ao golpe militar e ao regime, além de pessoas que no cotidiano colaboraram fazendo denúncias.

¹⁶³ O trabalho de Olívia Joffily (2005), em especial, trata do imaginário desenvolvido pelos torturadores em torno da figura feminina. As mulheres entrevistadas por ela, militantes da luta armada, foram tratadas como amantes, prostitutas, portadoras de “linguagem de rameira”, como definiu o delegado Valdir Coelho, coordenador da Oban.

periculosidade e de péssima influência para a reabilitação das demais detentas (BADAN, 2011, p.55).

A escolha das mulheres em pegar em armas, para os homens duplamente empoderados – pelo gênero e por sua função opressiva - depunha contra o gênero feminino, nascido para tornar-se esposa e mãe e restringir-se ao espaço privado. Os relatos das violações cometidas contra elas demonstraram a crueldade especialmente voltada ao gênero feminino, diante do inconformismo e indignação dos torturadores com relação ao papel inesperado que as guerrilheiras assumiram. Para docilizá-las e “colocá-las no seu devido lugar”, as piores atrocidades foram cometidas contra seu corpo e a possibilidade ou condição de se tornarem mães.

A propaganda criada pela repressão deu origem a tipos femininos desvirtuados, fora do estereótipo da “boa moça”, a quem Ana Maria Gomes recorreu em sua performance, quando diante de seu torturador. A “loira dos assaltos” e a “puta” foram os estigmas mais usados para provocar o consentimento da população quanto às prisões femininas.

Ana Maria Gomes e Maria Dolores Barreto deveram sua vida, em parte, a não identificação dessas imagens com sua condição física; o assombro dos próprios algozes diante daquelas mulheres que não correspondiam aos estereótipos criados por eles. A narrativa da segunda deixou clara essa situação, quando saiu de seu esconderijo e deu de cara com o delegado Fleury que havia prendido seu pai.

E aí eu fui... (...) Eu fui. (...) Num determinado ponto da estrada, eu encontro com ele... Meu pai... Com aqueles algozes todos atrás dele... No cavalo... Como ali não passava carro, era helicóptero ou cavalo. Cada um montado num cavalo. Encontrei com ele... O Fleury... Você ouviu falar muito, né?... O infeliz estava lá! Era o cabeça! Eu sei que meu pai, quando encontrei com ele na frente, montado também... Eles vieram atrás do meu pai, torturando ele, pra ele dar conta de mim, dizer que eu era mulher do Lamarca... (...) Quando encontrei com ele, e eles me viram!... Eu tinha quinze anos, mas parecia que tinha doze! Nunca aparentei ter a idade que tenho. Quando eles olharam pra mim, o próprio cara falou pro meu pai: “Essa daí nunca teve encontro com ninguém, não!”. Eu tinha quinze anos, mas era uma menina! Era uma menina... Tinha cara de doze anos! (...) Eles viram que eu era uma menina... E tão simples! (Maria Dolores)

A opressão sobre as mulheres trabalhou com o imaginário de sua fragilidade. Indignou-se com a sua escolha, e deixou-se confundir pela própria imagem. Diante de Maria Dolores, aqueles homens não poderiam admitir que ela tivesse ousado a sair do

padrão que tinham sobre qualquer mulher ligada à guerrilha. Ainda mais uma amante de Carlos Lamarca. Atendendo ao imaginário masculino, seu corpo de menina a livrou da violência.¹⁶⁴

Em seus testemunhos sobre a tortura sofrida, as colaboradoras e os colaboradores apontaram também para outra experiência importante: a denúncia de seus perpetradores. A perspectiva de desumanização daqueles que sofreram a violência apresentada por eles em sua experiência pode ser também dirigida aos torturadores, em sentido inverso. Considerá-los como seres humanos desumanos que cometeram monstrosidades e não como “monstros indestrutíveis” ou doentes, levantou questão importante de que estes deversem responder por seus crimes. O torturador, considerado como igual enquanto pessoa pode ter reconhecido com mais clareza seus abusos cometidos, sua condição de não privilégio, seu poder dismantelado e desconstruído.

Ao contrário da representação como desequilibrados e ferozes, Elio Gaspari (2002) definiu os algozes como profissionais “competentes e qualificados”, apoiados numa burocracia altamente disciplinadora e violenta. A insanidade muitas vezes alegada para desresponsabilizá-los tornou-se álibi da ditadura e discurso atual em torno da defesa da Anistia e do esquecimento¹⁶⁵.

Nesse sentido, o testemunho da violência perpetrada por eles faz parte da luta por uma memória que os reconheça como agente do Estado arbitrário, contra os direitos humanos. Indicá-los e nomeá-los, quando possível, permite às suas vítimas poderem desmascará-los e exigirem justiça. Os narradores tiveram consciência disso e fizeram de seus relatos instrumentos pelos quais os nomes de seus violadores pudessem ser conhecidos, ou, se não identificados, para que a ênfase em sua existência impune na sociedade brasileira levasse ao debate e à justiça. Encará-los e enfrentá-los, como iguais em humanidade, fragilidade e força, foram expectativa e desejo manifestados por eles.

Ana Maria Gomes falou em nome do irmão, Osny, com quem militou na Vanguarda Popular Revolucionária Embora ele tenha conseguido sair do Brasil, o golpe

¹⁶⁴ É importante lembrar que a condição de criança não a ser uma garantia contra as atrocidades do regime. O livro publicado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, *Direito à Memória e à Verdade: histórias de meninas e meninos marcados pela ditadura*, de 2009, apresentou uma série de relatos de filhos torturados para chantagear seus pais, ou que assistiram seus progenitores submetidos ao sofrimento.

¹⁶⁵ No caso brasileiro, o Estado concedia ao perpetrador, inclusive, a Medalha do Pacificador por serviços patrióticos prestados ao país. Segundo Elio Gaspari, a situação do porão e da clandestinidade também da tortura, valia aos torturadores certo *status* diante dos outros, ao mesmo tempo em que aliviava suas responsabilidades, tornando as ações violentas uma excepcionalidade legítima, consentida e ao mesmo tempo negada, constantemente.

militar no Chile, em 1973, transformou sua vida. Ele chegou a ser usado como cobaia por militares brasileiros, para ensinar aos chilenos sob o comando do General Augusto Pinochet a torturar com maior eficiência:

Ele conseguiu escapar da tortura no Brasil para ser torturado no Chile por militares brasileiros!! Depois disso, ele foi embora para a Suécia e diz que nunca mais volta para o Brasil. Ele vem de vez em quando pra ver a família, mas não volta mais para cá. Uma vez ele veio e viu o torturador dele na televisão. Ficou indignado! Como pode o torturador dele e de tantas pessoas estar, assim, solto, aparecendo na televisão?! Por que as pessoas não falam?! Ninguém aponta esse senhor como torturador?! Só ele?! Ele disse que enquanto esse cara estiver solto, impune, e ninguém mais falar, ele não volta a pisar no Brasil.(Ana Maria)

A necessidade da denúncia e da justiça, a vontade do enfrentamento, no momento atual, em que as relações de poder voltam a ficar em tensão, mas sob a perspectiva da memória dos “dominados”, mostrou-se presente. As narrativas de Roberto Espinosa e Iracema dos Santos lembraram a recusa em se submeter e a coragem de “olhá-los nos olhos”, revelar como fraqueza o que na ditadura foi tratado como força: sua condição de violadores.

Um dia desses fui convidado para participar de um debate aqui em Osasco, na Ginásio José Liberatti. Sentei e tal... Quando chamaram o outro cara que ia participar da discussão... Era o meu torturador!... Peguei o microfone, olhei para ele e para o público e falei: “Eu me recuso a sentar e dialogar com um torturador”... Todo mundo ficou espantado!... Eu me levantei e simplesmente fui embora. “Não tenho que ficar falando com torturador”. (Roberto Espinosa)

O direito de se recusar a conviver com o seu algoz foi valorizado por Espinosa. Num contexto democrático, seria possível apontar quem eles são, expô-los agora ao ridículo e à humilhação. Sua memória foi revanche contra os dominadores. Assim como Iracema fez, ao contar sobre a tortura psicológica que sofreu no Dops, com os olhos cheios de lágrimas, falando da coragem que teve para encarar um de seus algozes, um velho conhecido da escola onde trabalhava em São Paulo, como cozinheira e, mais tarde, inspetora de alunos. Ela o nomeou e desmascarou por meio de sua narrativa emocionada, com a cabeça erguida e olhos firmes, como se o enfrentasse novamente:

No final da madrugada, chegou um professor de matemática da escola Espiridião Rosa onde eu trabalhava... O sargento Ramos... Olha que

coincidência! Ele não acreditava que eu fosse da família. Veio me interrogar: como eu fazia para atender os outros, quem eram os outros? Ele até tremeu quando viu que era eu. Eu o encarei... Tomava café comigo na escola!... (Iracema dos Santos)

A expressão final de Iracema foi significativa, tradutora de uma coragem que nem mesmo ela havia se dado conta no início de seu relato. A mulher quem “nem sequer tinha sobrenome” revelou-se forte, protagonizando um momento assustador com valentia: encarou o algoz de seus irmãos; desmascarou o torturador disfarçado de professor. Pequena memória de conquista diante do transgressor.

O conceito de criminoso foi sendo substituído pelos entrevistados, invertido pela lembrança. A imoralidade foi atribuída ao “outro lado” na luta pelas versões. Da condição de acusados, os narradores tomaram a palavra e passam a acusar: o torturador foi transformado em réu da história, sob outra moral, agora marcada pela vontade de se reparar a memória. O transgressor foi o violador da ordem humanitária. Na luta por memórias que querem ser creditadas, as entrevistadas e os entrevistados reconstruíram a figura do desviante e do violado. Quem subverteu que ordem? A acusação criou uma moral a respeito dos grupos – vítimas e violadores – defendendo o interesse de inversão de responsabilidades; no caso dos narradores de Osasco, parte de um projeto mais amplo atual – o do “direito à verdade e à memória”.

Esquecer e lembrar nomes ou situações de violência é posição de confronto no presente. O testemunho quer ser validado diante da sociedade que o reconhece. As palavras ditas pretendem servir como prova dos crimes cometidos, que precisam ser levados ao conhecimento público. Paul Ricoeur afirmou que aquele que diz “foi assim”, “eu estive lá”, acredita na fidelidade e necessidade de se dizer perante um tribunal histórico, que envolve honra, reparação e responsabilização.

Foi significativa, nesse sentido, a fala de Teresinha Gurgel quando disse que “a verdade vem de dentro da alma” e que por isso a história dela, de seu marido e de toda a colônia envolvida na greve de Osasco, não poderia ser tratada como mentira. A alma machucada, ferida, deveria receber crédito por isso, pois seria portadora da verdade interior, mais profunda.

Da mesma forma, o pedido de Iracema dos Santos, ao fazer a conferência de seu relato, para que se acrescentasse ao texto sua emoção diante da “justiça histórica” que representou a eleição da presidente Dilma Rousseff (“parecia que eles estavam devolvendo pra mim o que me deviam”), demonstrou a importância de se apontar os

responsáveis pela violência contra ela e seus familiares. Mais do que isso, contra todas as mulheres que sofreram humilhações pelas ações dos militares. Dilma Rousseff assumiu a simbologia da força feminina, da sobrevivência, da dignidade: uma mulher, resistente, torturada, a síntese de tantas outras, para quem agora as forças armadas, antes detentoras do poder, bateriam continência, submetendo-se.

6.4. Diante da dor do outro: testemunhos da demolição

Mulheres como Iracema que não pegaram em armas e que atuaram nas prisões, em busca de seus parentes e amigos, desde a repressão à greve de Osasco, testemunharam a experiência coletiva de sofrimento e desestruturação. O sentido coletivo de suas histórias pode ser captado pelas trajetórias, avaliações e expectativas semelhantes e o uso da linguagem coletiva, “nós”, “a gente”, entrecruzada aos sentimentos pessoais. Suas histórias demonstraram que elas não permaneceram alheias aos fatos políticos e que sua condição de gênero poderia ser modificada. Presenciaram acontecimentos que não constam nos livros, mas que revelaram muito sobre escolha e solidariedade. Por não estarem à frente de ações valorizadas pela própria esquerda, agiram “pelas margens”. Suas ações buscaram, muitas vezes, minimizar o sofrimento de outras pessoas.

Os papéis assumidos na mobilização da família, nas visitas arriscadas que fizeram aos presídios e, mais tarde, na luta que assumiram pela libertação de seus familiares e amigos colocou-as na centralidade da história. Seus relatos demonstraram a não aceitação contemplativa e submissa diante do horror, dos momentos de angústias que presenciaram. Ao escolherem contar sobre o que testemunharam, assumiram papel político e social como denunciantes de histórias traumáticas que não devem ser esquecidas.

Sandra Nogueira procurou expressar o ambiente sombrio da tortura, ao qual ela não foi submetida, mas viu e sentiu. Seus entes queridos estavam lá, ela sabia o que acontecia, presenciou momentos de profunda tristeza e impotência e, por isso, sua definição do lugar que abrigava os presos foi mais do que física:

Acho que o Dops foi, assim, a pior parte!... Naquele Dops, havia aquela coisa pesada lá dentro, aquilo era muito frio. Aquilo era muito gelado!... Lembro que aquilo era frio e, às vezes, a gente ficava ali o dia inteiro para

entregar as coisas pra ele e receber um bilheteinho, uma cartinha!! Os investigadores ou os guardinhas pegavam as sacolas, revistavam tudo e depois levavam pra lá. E daquela porta... Tinha uma porta de ferro que hoje não tem mais... Daquela porta não passava! A gente sabia o que acontecia da porta pra lá... (Sandra Nogueira)

Ela e Iracema descreveram, com tristeza, o encontro inesperado que tiveram com seus amigos - irmãos uma da outra - no Dops. Expressaram a emoção que sentiram ao se depararem inesperadamente com eles e como aquilo lhes atingiu profundamente:

Lembro que uma vez vi o Ibrahim... No elevador da sala de tortura... Com os tiras... Estava branco, branco, branco! Magro!... Eu olhava bem, eles me puxavam para não ver. Não reconheci ele na hora. O que mais me marcou no Dops, foi aquela cena, ele saindo do elevador... (Iracema dos Santos)

Só que a gente viu muita coisa! Muita! A gente já estava lá quando vimos, inclusive, o Roque descer todo machucado por causa da tortura! Esse dia foi muito triste!... (...) Eu estava parada, minha tia estava sentada com a minha avó... Estava parada pra ver de qualquer jeito se via o Zé, porque tinha uma janelinha lá nas celas... E aí vejo o Roque descendo, todo machucado!... O Roque me abraçou muito, muito!... Eu não consigo nem falar!... (...) Eles deixaram ele me abraçar! Deixaram porque não esperavam, sabe?... O Roque desceu com os investigadores... (Sandra Nogueira)

Sandra chamou a atenção nesse momento para mais uma brecha provocada no rígido controle dos perpetradores, por meio do artifício que ela apontou por diversas vezes: sua condição de atraí-los como mulher.

E eles não esperavam que a gente estivesse ali! Paradas naquele local! A gente invadiu! E como a gente era bonita... Nós éramos bonitas, e eu era uma menina de quatorze, quinze anos!... Eles ficavam assanhados. E a gente aproveitava e se enfiava em tudo quanto era canto! E nesse dia, o Roque veio todo machucado e eu pude abraçá-lo!... (Sandra Nogueira)

A imagem feminina de beleza serviu a ela e à sua tia Amira para seduzirem e se infiltrarem por todos os espaços, burlando regras, presenciando coisas proibidas. O testemunho do que viram, graças à astúcia sobre os “assanhados”, tornou-se denúncia da dor e do sofrimento, necessidade de dizer e registrar a desumanização infligida a outro, que poderia ser, ao mesmo tempo, a possibilidade de qualquer um, de muitos atingidos e humilhados. Colocaram-se como porta-vozes daqueles que sofreram sem poder dizer, sem defesa. O relato mais doloroso de Sandra e Amira Ibrahim referiu-se, inclusive, à

experiência de outra mulher, uma menina, da qual não esqueceram e com o que sentiram muito:

Nós víamos muitas pessoas! Algumas que nós nem conhecíamos... Muito machucadas! Teve uma vez que... É uma coisa que até hoje me abala! Até hoje eu me sinto culpada!... De não ter feito alguma coisa... A gente estava lá, desceu uma moça toda machucada!! Ela sangrava por baixo!... Toda machucada!... Com o Júlio César, que me paquerava. A moça pedia... Ela não conseguia nem ficar de pé!... Entendeu? Ela pediu pelo amor de Deus para ir ao banheiro... Tinha um banheiro próximo assim, que a gente usava. E aí levei ela ao banheiro... E ela não conseguia falar, não conseguia ficar em pé... Ela sangrava por baixo... Ela dizia: “Olha, me machucaram muito, muito”!! Olha como eles me machucaram!! (...)
Peguei um pouco de papel... E o sangue escorrendo!... E ela falou pra mim: “Olha, sou de Minas”... Eu não estava com bolsa nem nada! E ela disse: “Minha família... Minha família não sabe que estou aqui”... E me deu o endereço... Eu gravei o endereço! E queria de todo jeito ir pra Minas para avisar a família dela. Mas meu pai não deixou! Ele tinha medo que fizessem alguma coisa com a gente naquela hora. E não tinha como ir para Minas. Como é que eu ia para Minas?! A gente tinha muito medo!... O dia em que vi aquela moça machucada e ela me falou que foi torturada, que eles enfiaram o cacete!... Até hoje eu não sei o nome dela. (...) Não sei quem é ela... (...)
(Sandra Nogueira)

O ato de testemunhar sobre a demolição do outro tornou-se fundamental. A garota, brutalmente violada, assemelhava-se à Sandra, também menina e exposta ao perigo. Poderia ter sido ela ou qualquer outra mulher de sua família, supostamente protegidas naquele instante pela atração que exerciam sobre aqueles homens brutalizados. A experiência de conviver com alguém desconhecido e ao mesmo tempo tão próximo pela dor reafirmou-as como responsáveis por aquela experiência, pela dor de tantos outros. O relato passou a ser um acontecimento, rompendo com a unidade do esquecimento, com o olhar distanciado e desinteressado, humanizando a história pela solidariedade, pela culpa e impotência reveladas por não terem ajudado mais, por terem esquecido o nome de quem sofreu, mas não o horror e a desumanização.

Sandra e Amira presenciaram o momento de morte em vida, de uma mulher, como elas, relegada à dupla interdição: de não poder dizer à sua família onde estava e em que condições, e de não ser lembrada, tornada sem nome pela história. Tentaram recuperar, pela lembrança, sua dignidade, que foi a mesma de tantos, que não puderam viver para contar.

Como definiu Seligmann-Silva, o testemunho “é um local de resistência e de rearticulação das identidades”. O que fizeram Amira e Sandra foi afirmação da vida,

contra o esquecimento de quem lutou e sofreu, identificando-se com o destino de outras pessoas e reconstruindo-se como pessoas. Elas recordaram a ferida da memória, traumática, fruto da experiência de horror, cujas palavras não foram suficientes para descrever. Como não sentir culpa pelo esquecimento? Como não contar a violência assistida como se não fosse sua? A indiferença seria cumplicidade com a violência.

Sua memória se estendeu, ainda, a outras pessoas, como o amigo Hermes, revelando uma faceta do mundo masculino, pouco discutida: a destruição pela ameaça dos filhos. A figura masculina da resistência contra a ditadura construída pela historiografia, e mesmo nos relatos dos homens, foi associada ao guerrilheiro, ao combatente. Pouco se falou do homem-pai, pois a afetividade foi entendida como atributo feminino, da mãe.

Torturavam, inclusive, menores... Eu era menor! Torturaram crianças! O Hermes!... Ele sofreu muito por isso... Pegaram os filhos do Hermes! O Hermes acabou apanhando muito e sofrendo um monte de coisas, porque quase mataram o filho dele, o bebezinho dele! (Sandra Nogueira)

Sandra apresentou um discurso marcado por essa sensibilidade, esse apelo ao conhecimento de uma realidade que foi a mesma para tantos outros:

A gente dividia a mesma dor, a mesma esperança. Todas as famílias... Lembro a Marília Medalha, ela estava grávida... Ela levou o sapatinho do bebê pro esposo dela ver. Eles torturaram e ela perdeu o bebê! Entendeu? Era uma luta comum, um dor comum! E o que vinha de benefício pra um, ia pra todos! (...) Eu me tornei mais humana... Passei a observar um pouco mais as pessoas... Porque naquela época era um sofrimento que não era só da minha família, não era só a minha tia, a minha avó... Não era só a nossa família. Eram todas as outras famílias! (Sandra Nogueira)

As dores mais íntimas mencionadas fizeram perceber o impacto devastador sobre as famílias daqueles que estavam presos; falaram de como a tortura pode ter diferentes formas, deixar marcas invisíveis, mas profundas. Como a ditadura arruinou não apenas com sonhos políticos, mas também com projetos de vida, expectativas mais subjetivas. Sandra demonstrou ter ciência da intersecção entre os dramas familiares, frutos de uma prática de Estado ampla que não ocorreu somente nas celas e porões. Chegou ao espaço privado e devastou. Contar coletivamente sobre eles fez parte da construção de uma identidade de resistência de homens e mulheres; foi a revanche e a catarse necessária. Quiseram se dar a conhecer e tornar-se história.

Um dos aspectos centrais da tortura é que ela constitui uma experiência extrema que produz sempre marcas e transforma o destino do torturado. No caso de mulheres como Amira, Sandra e Iracema, elas também tiveram suas vidas radicalmente marcadas como aquelas que presenciaram a dor de outros, uma ferida concernente à humanidade inteira. Não chegaram ao limite ou ao fundo do buraco, mas estiveram muito próximas, acompanhando e procurando resgatar aqueles que lá estiveram para que conseguissem voltar.

Suas narrativas também se referiram àquelas pessoas que pereceram devido às atrocidades cometidas pela ditadura militar. Como porta-vozes daqueles que não suportaram o horror da violência, transformaram números em nomes repletos de vida.

6.5. As presenças ausentes

Para a história oral, falar dos mortos ultrapassa os dados estatísticos, os nomes e os números. As palavras usadas nos testemunhos apresentam a vida criativa por trás da morte fria. As pessoas lembradas são trazidas à vida, simbolicamente, por inúmeros motivos, e não exatamente pelo seu heroísmo político. No caso dos narradores, a afetividade, a admiração e o carinho ligaram suas experiências às pessoas que fizeram questão de citar. A maior parte deles surgiu espontaneamente, em meio a relatos comovidos e saudosos destas mulheres e homens:

Lembro a Heleninha Rezende que foi minha colega de classe e era brilhante. Era uma aluna brilhante! Eu adorava a Heleninha Rezende!... Era uma menina alta, bem magra, mulata, muito bonitinha, muito simpática. Lembro bem de uma aula de Literatura Brasileira... (...)

Um dia, a Heleninha sumiu da faculdade... Eu não entendia aquilo e dizia: “Por que será? Por que ela não dá notícia? Não me liga, não deixa um bilhete, nada?!”. Aí um dia, muitos anos depois, acho que devia ser em 73, 74, nós íamos muito aos lançamentos de livros em São Paulo, o pessoal do Veredas, um grupo cultural... Nessa noite acho que foi na Livraria Escrita, não tenho bem certeza... E vi uma revista política lá, sabe? Aí comprei a revista... Comprei sem folhear e vim pra casa. Uma daquelas revistas que vêm documentos históricos. Quando cheguei em casa, deitei... Costumo sempre ler antes de dormir... Deitei e comecei a ler a revista... Quando eu vejo, tá assim: “Os desaparecidos do Araguaia”!! Quando vejo, era a foto da Heleninha!... Aquilo foi um choque pra mim! Foi dessa maneira brutal que eu fiquei sabendo que a Heleninha tinha entrado na guerrilha e morrido!.. (Risomar Fasanaro)

Antes de ser guerrilheira Heleninha Rezende foi antes amiga querida, “aluna notável”, “menina simpática”, admiradora de Castro Alves. Para Risomar Fasanaro, amante das artes e da literatura, a sensibilidade da colega foi motivo de admiração e saudade. Para o casal Inácio e Teresinha Gurgel, o trabalho com a comunidade, a bondade, foram marcas a serem ressaltadas com relação à médica Pura Cortês:

Dr^a. Pura!... Eu procurei tanto nas listas, para ver!... Quando apareceram as listas, para saber se ela estava viva. Se...né?... Se mataram... Procurei tanto!... Nunca vi o nome dela em nenhuma lista! Dr^a Pura... Ela era uma pessoa muito dedicada às crianças, e me orientava muito no trabalho da creche de Osasco. Na Vila Isabel. Posto de Saúde da Vila Isabel! Postinho de Puericultura. Foi a primeira creche do Município. Eu trabalhava nessa creche e ela me orientava como atender as crianças, como fazer com as crianças. E essa médica, sumiu! Em 1968. Ela tinha um trabalho maravilhoso! Atendia as mães com muito carinho, sabe? De madrugada, as mães já iam para o posto, ela acompanhava. Acompanhava as crianças da creche! Eu recebia as crianças das mães que trabalhavam fora, deixavam as crianças comigo. E ela acompanhava! Então... (Teresinha Gurgel)

Quando chegaram as primeiras notícias de que alguém tinha sumido ou morrido, não imaginávamos que ia ser uma coisa tão feia... A primeira pessoa de quem nós tivemos, assim, o sentimento de que tinha morrido, foi uma médica que trabalhava com a Teresinha, doutora Pura Cortês... Ela sumiu como que por encanto! Aquilo foi uma tristeza muito grande!... Porque ao trabalhar na creche, ela levava numa sacolinha, todos os dias... Trazia o pão das crianças! Ela tinha um trabalho com o povo! Quem tinha um trabalho com o povo, em 1968, estava sujeito, de uma hora pra outra, a sumir mesmo! (Inácio Gurgel)

Dar o testemunho, nesse caso, não foi falar de si somente, isolar a experiência vivida das demais. Foi reconhecer o peso das perdas humanas, colocar-se diante da tragédia coletiva, por meio da lembrança de tantos entes queridos, dialogar com o mundo sobre a brutalidade que atingiu a vida criativa de uma geração e que continuou a se refletir sobre as novas pela inércia diante do sofrimento alheio. A recordação sobre as ausências presentes gerou mal estar, incômodo, em se contar a história de alguém sobre o qual não se saberia o destino, o tratamento final ou o motivo de sua morte. Lamentar e pensar em alguém que “desapareceu”, sem direito a túmulo, a circunstância concreta, a nada.

Falar sobre essas pessoas poderia ser a tentativa de revivê-las na memória por aquilo que foram e fizeram, trazer-lhes dignidade, nome, trajetória de vida. Em meio ao privilégio de ter sobrevivido, tornou-se necessário homenageá-las pela lembrança. Os

relatos passaram pelo núcleo da dor, ao lembrarem-se de amizades que significaram as suas vivências e marcaram suas memórias pessoais, entrelaçadas às de outras pessoas.

Algumas recordações mostraram o quanto esses laços entre as memórias foram fortes, reconstituindo coletivamente determinadas figuras representativas afetivamente para a comunidade. Foi o caso de Barreto. Conhecido oficialmente por sua morte na Bahia, junto com o capitão Carlos Lamarca, a notícia de sua perda foi narrada com pesar por Sônia Miranda. Ao contrário do mito do guerrilheiro, corajoso, desenhou-se a pessoa, o jovem de apenas 18 anos, que todos admiravam:

No dia 17 de setembro de 1971, meu aniversário, estávamos respirando um pouquinho mais aliviados, porque a minha filha tinha melhorado. O Joaquim e a Albertina saíram. Fiquei fazendo o almoço. Mais tarde, a Albertina chegou com uma rosca de pão doce, que era meu bolo. Nós estávamos com o rádio ligado, e recebemos a notícia de que o Barreto e o Lamarca tinham sido abatidos no sertão da Bahia... Aí acabou a festa! Acabou a festa!... Ficou todo mundo murcho... Choramos muito, porque conhecíamos o Barreto e lamentamos muito! E foi nesse dia, 17 de setembro de 1971!... (Sônia Miranda)

José Campos Barreto, o Zequinha ou Barretão, foi o nome citado em todas as entrevistas: aluno de Helena Pignatari; “irmão” de Roque; amigo de Ibrahim; soldado no quartel de Quitaúna, junto com Espinosa; grevista que negociou com os policiais na Cobrasma; guerrilheiro que pegou em armas; jovem que gostava de crianças e tocava violão; o menino chinelo de dedo; ídolo e irmão de Maria Dolores. O herói humanizado surgiu das narrativas. Seu engrandecimento se forjou na descrição de sua simplicidade, num contexto de opressão e truculência e não no fato de pegar em armas e ter morrido com Carlos Lamarca. Mesmo seus companheiros de armas, José Ibrahim e Roque Aparecido, o descreveram “desarmado”:

Nesse envolvimento estava também o Zequinha, o José Campos Barreto. Era uma relação de muita amizade... De muita amizade! Nós dois... Ele frequentava a minha casa, minha família gostava muito dele! Eu frequentava a casa dele. E como nós dois éramos bastante jovens, a gente frequentava lugares de festinha, de paquera. E coisas, assim... Reuniões sociais, muita correria! Ele era uma pessoa que gostava de cantar, tocar violão... Então, a gente ia pra umas paradas junto, tinha amizade pessoal. Ele era uma pessoa...! (José Ibrahim)

O Barreto era uma pessoa muito humana, muito sensível! Era como se fosse meu irmão, entende? Ele também estudava à noite no Ceneart. Terminava a aula, um dia ia para a reunião, outro dia tocava violão, cantando Chico,

Caetano, Vandr, enfim, as msicas de protesto da poca... Ele morava ali no bairro Santo Antonio, e eu na Vila Isabel. Depois das onze e meia da noite, no havia mais nibus para a casa dele, mas para minha casa ainda tinha, j que morava mais perto do centro. Ento, ele tinha uma chave da casa dos meus pais. Quando passava o ltimo nibus e o Barreto no conseguia ir mais para casa, ia at a Vila Isabel. Chegava na minha casa, estava todo mundo dormindo... Com muito jeitinho, abria a porta, entrava em casa... J conhecia muito bem como que minha me organizava as coisas. Com todo interdio, ia at a cozinha, esquentava a comida, comia. Depois, embaixo da minha cama, puxava o colo, deitava e dormia... Depois, eu acordava... “Opa, meu irmo est aqui, hoje”... (Roque Aparecido)

Revelar a intimidade e a proximidade com eles deu-lhe dimenso mais humana e sensvel. Diferente de algum que pegou em armas, para os seus amigos seria aquele que chegava silenciosamente em suas casas, era tratado como filho e irmo. Barreto teve enfatizada a sua jovialidade, algum que gostava de paquerar, ir s festas e tocar violo. Desmontou-se uma ideia criada pela prpria ditadura sobre aqueles que pegaram em armas, o perfil truculento e assassino deu espao ao jovem, ao amigo, ao irmo.

A admirao por ele, em nenhum momento das narrativas, se deu por sua atuao ao lado de Lamarca, pelo fato de ter se tornado membro de um grupo armado. A sua associao ao violo tornou-se marca que substituiu a imagem da violncia.

Das poucas vezes que vi meu irmo, lembro dele ir em casa passear, dessas visitas de frias, me lembro dele tocando violo, sempre tocando violo. Ele gostava muito de tocar e cantar!... (...) A imagem que eu tinha dele... Achava que meu irmo era um dolo, entendeu? (Maria Dolores)

Ele tinha a chave da casa de minha me. A famlia dele morava no bairro Santo Antonio e nem sempre dava para ele voltar para l. Ento, s vezes ele dormia em casa... Uma coisa que lembro bem do Barreto que foi fazer um sarau em casa e esqueceu a capa do violo l. Eu nem lembro direito como era o sarau. Mas lembro dele com o violo. (Iracema dos Santos)

As mulheres tm apontaram para uma figura muitas vezes fragilizada, longe do heri ou do combatente. Lembrado por seu violo - seu registro na memria coletiva - suas sandlias e sua prtica de sempre se abrigar, procurando comida ou dormindo nas casas dos colegas, deram ainda mais pesar ao seu martrio. A memria construda em torno de Jos Campos Barreto tornou-se um dos elementos mais importantes da identidade coletiva, pea fundamental na composio do trauma de Osasco.

Voc no imagina a emoo de ver aqueles que sobreviveram!! (...) Voc passar por tudo aquilo... E olha! “Voc est aqui!”. Nossa, uma coisa!...

Uma pena o Barreto!... Tadinho do Barreto!... Lembro dele com a sandalhinha branca... (...) Lembro dele sempre, justamente isso: com fome e com a sandália havaiana dele. E o violão! Ele nunca tirava a sandalhinha dele e o violão! (Sandra Nogueira)

Lembro do Barreto!... Lembro dele com muita fome! Com muita fome! Ele vinha do esconderijo dele. Atravessava o meu quintal que também era de dois tios meus. Três mil metros quadrados, mas tudo cercado, com portãozinho... A gente ia na casa dos tios pelo portãozinho. Não precisava atravessar a rua. A gente ensinou esse caminho pra ele. Então, o Barreto vinha na madrugada, às vezes às oito horas da noite, às vezes de madrugada. Vinha buscar o que comer... Ele pedia pão com ovo! E a gente já tinha tudo preparado. “Faz pão com ovo! Faz pão com ovo! Ele pedia. Aí tinha aquele “pãozão”, colocava cinco ovos no meio dos pães. Ele comia ali. Fazia a sacola e levava para os outros... (Amira Ibrahim)

Maria Santana, que via no Grupo de Osasco um radicalismo desnecessário e arrogante, procurou também mostrar seu respeito a ele, lembrando o fato dele ter sido um seminarista¹⁶⁶. Uma faceta ainda mais contraditória à imagem do guerrilheiro.

Alguns estudantes que eram operários eu respeitava... O Barreto... Naquela época, eu tinha o maior respeito pelo Barreto. Só que ele morreu, né?... Ele sempre foi muito respeitoso! Ele foi muito respeitoso... Com o Barreto você podia conversar a qualquer hora. Ele era completamente diferente dos outros! Quando eu tinha dúvidas, eu falava pro Barreto e ele conversava. Sabe? Ele era novo! Era novo... E seminarista. (Maria Santana)

Os homens destacaram sua habilidade na greve, seu companheirismo, sua juventude. As mulheres perceberam suas fragilidades como ser humano, suas dificuldades para sobreviver, e a acolhida que lhes deram inúmeras vezes. Um guerrilheiro em busca de um pão com ovo... Nada disso feriu sua memória. Pelo contrário, fez de sua ausência a perda ou a valorização de muitas lembranças, a ferida na intersubjetividade.

Sandra chamou a atenção para a ausência dele quando todos os demais sobreviveram. Foram suas características mais humanas que o compuseram aos olhos e ao coração da comunidade e o fez digno de ser lembrado pelo grupo, que se identificou com ele, rendendo-lhe homenagens pela rememoração, falando por ele, uma vez que Barreto já não pode contar sua própria história.

Em meio a tantas narrativas, as memórias sobre José Campos Barreto apontaram uma pessoa capaz de circular em meio a todos, carismática, presente em vários

¹⁶⁶ Maria Santana, ligada à Frente Nacional do Trabalho, demonstrou em sua narrativa seu descontentamento com a condução que o Grupo de Osasco deu à greve. Para ela, as ações eram muito radicais, inclusive o uso de armas dentro da fábrica.

momentos, de luta e de lazer, também alguém que pedia para ser ajudado, por vezes desprotegido e ao mesmo tempo forte. Imaginou-se um Barreto faminto, simples, de chinelos. Barreto estudante e operário. Seminarista e guerrilheiro. Capaz de enfrentar a força pública, ameaçar explodir a fábrica. E tocar violão...

O que significaria, num contexto de luta e resistência, e de tamanha violência, destacar uma figura aparentemente tão frágil e profundamente marcante? Na cidade do trabalho e da repressão, o que significaram o ócio, o violão, a gravidade do guerrilheiro transformado em menino? Foi sua morte que tornou sua breve história tão significativa para a identidade da colônia de Osasco ou foi a vida, descrita de forma tão paradoxal pelas redes que tornou sua morte um símbolo de todos os narradores? Quantas identificações a figura de Barreto foi capaz de produzir?

Segundo Primo Levi, os vivos não podem representar os ausentes. O assassinato transforma em incompletude o testemunho dos sobreviventes. No entanto, os narradores quiseram marcar a presença ausente de Barreto, sua dignidade em meio à destruição à qual todos eles puderam sobreviver para contar. Como diz Levi, justamente eles só podem testemunhar porque não tatearam o fundo do abismo, ou seja, puderam retornar, chegaram próximo ao limite da vida ou da sanidade, mas não tiveram a vida paralisada pelo sofrimento ou pela morte. Em nome desse passado que não passa, e daqueles que ficaram para trás na história, a memória quis trazer-lhes à vida, como exemplo, lição ou saudade. As palavras fizeram os mortos renascem com dignidade, como quando Inácio Gurgel, em seu relato cheio de vida, prestou sua homenagem ao colega, dedicando o poema *Traço de União* ao “exímio companheiro, violinista de mão cheia, doçura de pessoa”, com quem costumava tocar na fábrica:

Tu és muito forte,
Traço de união,
Dos que não têm sorte,
Pois sem sorte estão.
O sangue que jorra
Preparando a terra pra nova colheita,
Dessa gente feita
De um sofrer sem fim.
Nessa nossa dor,
És a bela flor
Do nosso jardim!
Barreto, de ferro,
Companheiro certo!
Pensam que estais longe
Mas estais bem perto!
Semente que morre

Para renascer.
Uma vida iluminada
Que tão cedo foi tirada!
Mas que nos mostra a estrada
Em buscar do amanhecer!
E antes de eu voltar ao pó,
Pensar em um mundo melhor,
Faço esses versos
Pensando em você!”

Não foi possível aos entrevistados repor as perdas humanas, ressuscitar os mortos que foram tão queridos e admirados, ou apagar os traumas. Foi possível, entretanto, restituir-lhes a dignidade pela memória. Seus testemunhos, em nome de quem nada mais pode dizer a seu favor não forneceram simplesmente informações sobre a violência e o estabelecimento dos fatos. Afinal, quem foi Barreto? Ou seria melhor perguntar, o que significou Barreto para a coletividade?

As histórias contadas sobre ele e sobre qualquer violência sofrida durante a ditadura militar importam pela própria experiência de sobreviver ao caos, de ter vivido para contar uma vivência em comum, uma dor em comum. Os narradores procuraram sair deste quase abismo e se recompor como grupo, construir sua identidade. A referência aos mortos fortaleceu os laços em comum, o partilhamento da mesma responsabilidade, apesar das diferenças e dos papéis que cada um assumiu no processo histórico.

Outra história engrandeceu a experiência do grupo e alimentou sua identidade: o calvário e sofrimento do menino João Domingues, irmão de Iracema e Roque Aparecido. Em torno de seu sofrimento, falou-se do medo, da tortura, da desestruturação da família. Lembrou-se, principalmente a coragem, não apenas dele; de todos os que se indignaram com a sua morte.

João Domingues da Silva tinha apenas 18 anos; não era estudante nem operário das fábricas de Osasco. Era açougueiro e ajudava sua família, da qual era o filho do meio. Resolveu entrar para a luta armada, ao lado do irmão mais velho, Roque Aparecido. Envolveu-se na Vanguarda Popular Revolucionária, e participou do roubo ao carro forte de Ademar de Barros. Isso lhe custou a perseguição voraz dos perpetradores, que não lhe perdoaram a escolha. Seu sofrimento foi reconstituído pelas narrativas emocionadas e tensas, como a de Ana Maria Gomes, que contou como a tortura a ela imposta foi saber dos detalhes sórdidos de seu sofrimento:

A tortura que ele usou contra mim foi contar todo o processo de agonia do meu cunhado, do João... Ele foi contando... O processo todinho... Foi mostrando todas as fotografias... (...)

O investigador me disse: “Bom, nós queremos saber onde seu irmão está. Se você sabe, você diga, senão nós vamos matá-lo como nós matamos seu cunhado!”. Diziam que tinham prendido o João ferido e que o mataram ainda ferido. Eu já sabia da história dele, mas não com todas as letras. Até aquele momento sabíamos que ele havia sido preso muito ferido. E que tinha morrido. Mas, depois, com os dados da Iracema, irmã dele, com isso que eles me disseram, com a informação de outros companheiros, foi que soubemos que havia sido torturado e que o haviam deixado morrer... Pra tirar alguma coisa... (...) Ele havia participado do assalto ao cofre do Ademar de Barros e eles estavam putos da vida! Sabiam que estava envolvido. Estavam com muito ódio e queriam saber onde estava o dinheiro. E me mostravam as fotos dele morto...(Ana Maria)

“Soubemos que havia sido torturado e que o haviam deixado morrer...”. As palavras de Ana Maria confirmaram como os torturadores agiam em nome da organização de Estado, friamente, para tirar informações. Mais do que fruto de excessos, como muitas vezes alguns setores da sociedade querem justificar as violações perpetradas, as ações narradas, cometidas contra João e Ana Maria, deixam claras as intenções e como a dor e o terror eram armas para acuar e desumanizar, em nome da segurança nacional.

Os relatos sobre a tortura deixaram rastros de dor, ressentimento e interdição. Paulo César Endo (2010) chamou a atenção para a desconstrução de mundo que se opera num caso como esse. Como é possível utilizar objetos fúteis ou cotidianos dando-lhes novos usos e significados aterrorizantes a quem sofre com a atrocidade. Como a nova função desestrutura os sentidos, como uma garrafa de refrigerante ou uma tesoura podem servir para golpear fisicamente ou suspender o indivíduo. Como a sala de tortura se transforma num “cinema”, em que se mostram filmes ou slides de pessoas sendo torturadas ou assassinadas para desestabilizar o preso emocionalmente. No caso de Ana Maria, a fotografia, exemplo prazeroso de preservação de lembranças de pessoas queridas ou de momentos agradáveis, passou a ser mostra de outra realidade, desestruturante, em que as conexões com o mundo e as pessoas se transformam, dolorosamente. Aquele menino, querido, seu cunhado, era agora apenas corpo, pedaço de gente, imóvel; síntese do sofrimento, do descontrole e da ausência da vida.

O que se quer atacar e se destruir na tortura é a possibilidade psíquica de reconstruir um mundo psíquico novo para si, assim que o antigo se vai. Tudo são objetos que podem se chocar contra o corpo para produzir dor. Os objetos se desobjetificam e o mundo se desintegra.

A função compartilhada dos objetos, a cadeira onde se senta, a tesoura que corta pano e papel, a garrafa que envasava o refrigerante são destruídas. O esforço em construir um mundo amigo, por via do compartilhamento das coisas comuns, está perdido.

Tudo é estranhamento, tudo se autodestrói, tudo vira inimigo e algoz, a começar pelo próprio corpo que se torna inimigo do psiquismo que deve lutar contra a dor e a lenta transformação do corpo próprio em carne, como diz Jean Améry.

O corpo que foi capturado, o corpo que obrigou à traição, o corpo que dói e não deixa suportar, o corpo que fica exposto e sem defesa: o corpo inimigo. ENDO, 2010, p.17)

A morte de João, torturado durante vários dias de forma tão brutal, serviu, segundo seu irmão Roque Aparecido, para fortalecer a luta e a crença na causa da justiça da qual nunca desistiu. O relato da perda foi também marcado por silêncios em meio à fala pausada, que cada vez mais se tornou firme, enquanto as mãos, segurando um lenço, limpavam o suor no rosto e as lágrimas:

Claro que esse sentimento foi mais forte quando meu irmão... (...) Ele foi preso ferido e depois de muitos dias sendo torturado... Enfim... Morreu nas torturas... (...) Claro que esse momento foi o mais doloroso daquela vida! Mas, no meu interior, isso dava mais garra, mais força para continuar aquela luta, resgatar aquela memória, vingar aquela morte! Realizar o sonho que levou àquela morte... E... (...) Um sentimento de que, se o meu irmão tinha tido força, se o meu irmão havia tido a dignidade de dar a vida por uma causa, essa causa adquiria ainda um valor maior! (...) Exigia de cada um de nós uma dedicação ainda maior para que ela fosse alcançada!... (Roque Aparecido)

Lembrar a violência contra João Domingues da Silva, José Campos Barreto, ou ainda Heleninha Rezende, Pura Cortês e a menina anônima socorrida por Sandra e Amira, revelou compromisso da comunidade com os que pereceram. A responsabilidade de levar a vida adiante e conviver com o fato de terem sobrevivido, experimentado o privilégio do retorno e da emersão da dor tornou-se peso e dívida com relação a eles. As causas diferenciadas pelas quais lutaram e morreram, permaneceram de certa forma, e falar da experiência impensável ou até mesmo incompreensível da morte não teve o sentido apenas de aliviar a dor; representou carregar um saber, que a própria história muitas vezes desconhece, buscar o reconhecimento dela para que as experiências traumáticas não caíam no esquecimento e na repetição. É o que Jeanne Marie Gagnebin chamou da impossibilidade de “simplesmente deixar para trás.” (GABNEBIN, 2006, p.50)

Esquecer esses crimes gigantescos seria cometer novo crime contra a humanidade, assassinar os mortos uma segunda vez¹⁶⁷. Deveria-se, então, denunciar os crimes cometidos contra a essência humana, contra o direito de existir. Por isso, diz Ricouer, contar é manter-se fiel ao inenarrável, manter viva a memória dos sem nome, aos mortos que não puderam ser enterrados ou que não puderam contar sobre suas dores e sonhos.

As histórias selecionadas pelos entrevistados foram defesa do lembrar ativo que levou em conta a fidelidade aos seus mortos, inclusive aqueles que não conheceram e que acabaram por ter o mesmo destino. Foi denúncia de experiências múltiplas, suas e de outros, que fizeram parte de uma história que não deve ser esquecida. Prova de respeito aos vivos, porque lançou sobre o presente a possibilidade de acontecimentos semelhantes. Como afirmou Risomar Fasanaro sobre a importância de contar: “Esse momento pode voltar. Eu não acho que isso é uma coisa acabada. Não cicatrizou. Então, é coisa que dói e sangra sempre”.

6.6. Iracema e João: a coragem de Antígona

Desde o começo de nossos encontros, Iracema sempre se mostrou hesitante em falar, colocando-se como figura desimportante nos acontecimentos que atingiram sua família e sua comunidade. Admiradora da história de seus irmãos, João e Roque, ela inicialmente mostrou seus olhos azuis de forma triste e desconfiada, tímida. “Por que eu?”, “Não tenho nada a dizer”. “Nada fiz perto da história de meus irmãos”.

Iracema dizia ter entrado “pela porta dos fundos” na trajetória de coragem protagonizada pelos homens da família. Sem sobrenome, menina do interior, cozinheira. Não imaginei que por trás de tanta simplicidade e humildade emergiria uma história tão impressionante e forte. Talvez nem ela pensasse sobre sua própria grandeza. Nos três encontros que tivemos, de suas palavras vi nascer uma mulher corajosa, quase mitológica, que me fez ter orgulho e admiração por ela e por todas as mulheres que viveram experiências semelhantes. Senti-me honrada em estar ali e de estar sentada diante dela, como pesquisadora e como ser humano.

¹⁶⁷ Segundo ditado judaico, não cabe a quem não morreu perdoar os assassinos, pois os mortos não podem ser representados, nesse sentido.

Enquanto dava seu testemunho, ela percebeu-se forte, aos ouvir as suas próprias palavras. Houve, naqueles poucos momentos, o reconhecimento mútuo e a gratidão recíproca em se poder contar e ouvir, principalmente quando ela pode sentir a importância de sua narrativa, escutando-a em silêncio e emoção.

A história que pediu aos jovens para não esquecerem foi resultado de sua reflexão, e da percepção de que “entrar pela porta dos fundos” não foi permanecer invisível. Reconheceu a trajetória da dor compartilhada, a dela e a de seus irmãos; o crescimento e da solidariedade a partir do sofrimento; a coragem de agir quando tudo parecia ruir; a esperança em meio à morte e à solidão. Por isso, não pode ser esquecida pelas novas gerações. De sua timidez inicial, Iracema cresceu e aconselhou.

Por isso, deixei para o final desse capítulo o relato de parte de sua luta, que se assemelhou a tantas histórias femininas em meio à repressão. Aquela em que resistiu contra a morte de seu irmão.

Iracema teve sua casa invadida, destruída, e seus familiares todos presos e agredidos. Confundida com uma enfermeira de guerrilheiros, por ter ajudado seu João, foi levada e humilhada na delegacia. Corajosa, enfrentou os assassinos de seu irmão, para ter o direito de enterrá-lo. Impossível, como ouvinte, não se deixar abater diante do relato de Iracema sobre como o socorreu e assistiu à crueldade a que ele foi submetido. Foi inevitável se emocionar com sua altivez e persistência em meio à tragédia. A cozinheira, que não foi operária, estudante ou guerrilheira, se engrandeceu diante das perdas.

A história contada por ela é síntese da violência cometida pela ditadura brasileira, contra homens, trabalhadores, guerrilheiros, meninos; contra todas as mulheres, militantes, mães, esposas, irmãs e filhas. Ela é também, o símbolo da resistência do pequeno contra o forte, a encarnação do mito de Antígona, o mito da transgressão feminina. A passagem escolhida por mim para mostrar o calvário dela e de seu irmão é extensa, mas optei por manter sua apresentação para que se pudesse sentir sua força.

O João foi baleado, após ser perseguido. Pediu para um motorista de táxi descer a rua e foi para minha casa na Vila Isabel. Só que o motorista, sem ele perceber, ligou o pisca alerta do carro, foi à delegacia mais próxima e fez a denúncia. Uma pessoa também disse que havia visto um táxi com o pisca alerta ligado... A minha casa era nos fundos do quintal. Alguém bateu na janela, às onze e meia da noite. Era o João: “Iracema, me acuda! Eu estou com problema!”. Corri na porta, ele foi deitando... Tinha sido baleado... Já

tomei as providências: enfaixei o braço quebrado, vendo os ferimentos, enquanto o Adolfo, meu marido, pegou os documentos do João. Ele chegou em casa baleado, muito machucado!... Tentei tirar tudo que fosse suspeito, guardar documento, tudo o que ele tinha no bolso. Dei para o Liceu esconder em casa, colocar fim em tudo... Em seguida, chegou um batalhão, mais de cinquenta viaturas! Ninguém do bairro esquece... Fecharam o bairro inteiro e entraram na minha casa. Um bando de investigadores! O João não queria se entregar. Falei que não adiantava reagir. Entraram chutando e empurrando! Levaram o João...

A violência contra a família de Iracema continuou após a prisão de seu irmão João. Ao descrever a invasão de sua casa e as condições em que seu irmão se encontrava, seus olhos ressentidos e sua voz ofegante, revelavam sua indignação. A separação de sua filha, que ficou com a vizinha enquanto ela era interrogada por quarenta e oito horas na delegacia, e o fato de terem torturado seu irmão foram feridas que marcaram sua alma.

O meu irmão mais novo saiu da minha casa com um tiro e depois, no hospital, tinha quatro tiros! Ficou cinquenta e três dias no hospital. Eles vinham me buscar com um dos pais de aluno da escola em que eu trabalhava. Ele era o torturador do João e tinha medo da gente sequestrar o filho dele! Vinham me buscar... Eu dizia que meu irmão tinha pai e mãe, que podiam responder por ele. Mas eles falavam que o João tinha os dias contados e que eu precisava assinar um documento para ele ser operado urgente. Ou fazia a cirurgia, ou tinha os dias contados: “Ele chama o seu nome em delírio; é a pessoa que mais chama”... A dona Vanda, diretora da escola em que eu trabalhava, dizia que eu não ia ficar lá, presa. Disseram que ia ver o João mais vezes. Mas me enganaram! Me levaram presa... Dona Vanda dizia: “Pode ir tranquila”. E me prenderam... Então, falei: “Vou pegar sabonete e escova de dente. Não vou como da outra vez que não deixaram nem me trocar e me levaram de pijama!”.

A relação íntima e afetiva com seu irmão e a vontade de protegê-lo foram marcas de seu testemunho doloroso. Em sua narrativa pareceu reviver aqueles momentos de angústia na luta contra a vida que escorria pela brutalidade, enquanto seu irmão chamava por ela. Iracema também fez de seu relato denúncia contra aqueles que a enganaram: o torturador de seu irmão e a diretora da escola. A eles, respondeu com dignidade, não se deixando levar de forma submissa.

A dor de João foi transformada em sua própria dor, sua tortura dilacerante. Os momentos em que viu seu irmão morrendo, foram descritos com muita emoção, expressa por reticências repletas de sentido. Ela fez notar o processo de demolição humana perpetrado pelo regime militar:

Fui levada para o hospital do Cambuci... O João era só pele e osso... A boca dele era tão grande que ia de uma orelha a outra! Comecei a fazer xixi sem perceber, de tão emocionada, tão nervosa!... Conversei um pouco com ele e me levaram para uma sala. Queriam uma prova de que a família estava participando. Ele já estava no fim... (...) Falou com muita dificuldade: “Sabia que você viria”... (...) Cortaram o resto da veia dele para enfiar alguma coisa, porque não tinha mais veia. O rosto era oco, esqueleto!... Colocaram uma câmara de ar para o corpo poder se sustentar, entre o quadril e a clavícula... (...)

Você não sabe o que é terror psicológico!... (...)

Então, assinei a autorização... E depois disso, me deixavam visitá-lo uma vez por semana, na segunda feira. Fiz amizade com uma freira que dava chocolate para ele, porque o João gostava muito. Eu pedia para ela colocar um algodão com água na boca dele. Faltava um pedaço do lábio dele, de tanta sede! Ele tinha estourado o intestino... Diziam que precisavam operar, limpar... (...)

E foi assim até o dia em que ele morreu... (...) Morreu na sexta feira. (...)

Apesar de falar sobre a morte de João, sua grande perda, Iracema não desviou os olhos de mim, enquanto contava sobre seu sofrimento. Com a cabeça erguida, parecia enfrentar a história de forma corajosa e insubmissa, principalmente quando passou a narrar sobre o caminho que percorreu para ter o direito de enterrá-lo:

Vieram à escola Espiridião Rosa, na segunda feira, avisar da morte dele. Disseram que não tinha como me avisar antes. Mas não queriam que eu soubesse o que tinham feito!... O corpo dele estava no IML, perto do cemitério do Araçá. Mandeí chamar o Liceu e meu pai. Eles ficaram muito nervosos e vieram embora. Tive que pegar a autorização do delegado, na Auditoria, e ir correndo para conseguir o corpo, o caixão, antes que ele sumisse com ele. Batalhei para que o corpo viesse para casa! Batalhei para o velório ser em casa... O dia inteiro, correndo sozinha, para conseguir autorização. (...)

Meu cunhado fez o reconhecimento. Entrou comigo... Minha irmã diz que foi ao presídio Tiradentes liberar o Roque para ver o João. Mas fui eu quem fez o reconhecimento!... Vesti ele... (...) Não deu para vestir direito, porque ele estava congelado! Pus a roupas sobre o corpo, assim, junto com as flores... Num caixão lacrado, na urna. Só dava para ver o rosto...

O mito grego define Antígona como “filha de uma cidade abrasadora, onde as sombras vigiam os rumores das casas e os dormitórios ventilam a obscura sanção das Moiras. (...) Tudo ao redor acusava a secura das rochas enfaradas de sol. Tudo exibia a tentação do sangue, e até mesmo a paisagem parecia desenhada com raios de ódio, amassada como a argila, atormentada como os túmulos de antanho, violenta como o tirano e rarefeita como a cegueira humana frente ao odor que exala a vingança ou

trescala a consciência culpada”. Inspirada pelo amor à virtude e à vida, não se afundou na condição de impotência e enfrentou o tirano para poder enterrar seu irmão, Polinice, depois que ele fora assassinado a mando de Creonte. Anunciou que de acordo com as leis dos deuses irá enterrá-lo em terra digna; não abandonaria seu corpo ao esquecimento, em terra desconhecida. Desobedeceria aos decretos escritos de Creonte, porque seria atentar contra sua própria família obedecer às leis. “Observa o desastre, os corpos caídos (...) tudo cheira a sangue derramado. (...) Antígona não dá atenção à vociferação e se demonstra indiferente às ameaças. (...) Seu dever familiar, nessas circunstâncias, era o de garantir ao irmão repouso no Hades, e isso estava acima de qualquer lei imposta pela cidade”. (ROBLES, 2006).

A semelhança entre a saga de Antígona e Polinice contra Creonte e o caminho percorrido por Iracema e seu irmão João, contra as autoridades, ficou evidente. Iracema, a mulher sem sobrenome, deixou-se seduzir pelo que parecia inacessível, pela transgressão. Foi assim quando ultrapassou o espaço do privado e da casa, o reduto feminino. Nesse sentido, acompanhada pelas outras narradoras. No entanto, foi além e transgrediu a condição que condenava seu irmão à morte e ela ao silêncio. Pressionada pela diretora da escola em que trabalhava para se apresentar; obrigada a encarar o algoz de seu irmão dentro do local de trabalho, todos os dias; humilhada e amedrontada na delegacia, não se deixou tomar pelo desespero e questionou a razão do Estado. Encorajada pelo amor a ele e à sua família, também presa e ameaçada, enfrentou o terror psicológico, a ordem autoritária, para realizar o ato libertador de seu irmão, e de seus entes queridos: oferecer a ele a dignidade de ser enterrado, com todos os rituais da despedida, ao mesmo tempo desmascarando os perpetradores que o mataram. Como Antígona, cingiu as dobras da mortalha, acolheu e aprontou o corpo de seu irmão, na “luta radical das forças ocultas da escuridão contra os poderes visíveis da claridade (...). É a luta entre o fado mortal e o inconformismo humano, a esperança de que a racionalidade e a virtude vençam”. (BARLES, 2006, pp.144-150).

Mesmo sem saber, Iracema desenhou em seu relato o mito do auto-sacrifício de Antígona. Chorou a perda, mas procurou deixar claro em suas palavras que não se rendeu. Sua ação desafiadora transformou fragilidade em inconformismo e coragem, e sua imagem a personificação da experiência coletiva. Seu amor fraternal promoveu atos de solidariedade na comunidade, que se transformaram em atos políticos contra a força ditatorial. Sandra contou sobre o impacto da morte na comunidade de Osasco e a reação coletiva, liderada por ela e o outro irmão de João, seu amigo José, contra a opressão:

Fui para a casa da mãe dele, porque ela já tinha idade! Nós fomos para lá... Se você visse o que tinha de polícia!... O exército... Todos armados! E a hora que chegou o caixão do João, estava lacrado! Não tinha nem vidro! Ninguém podia nem olhar!! E o desespero da Iracema!... Sabe? Dos pais, da mãe dele! E a gente lá, os policiais... Eles vinham pra cima!! Na hora em que entrei junto com o Zezinho e com a Iracema... Lembro que estava assim: eu segurando a Iracema, e o Zezinho estava do meu lado... Quando nós entramos... Você não acredita! Eles vieram com arma atrás da gente! Você estava conversando com alguém, eles vinham e separavam! Queriam saber o que é que estavam falando, quem era quem. Nós fizemos uma manifestação! Juntou um monte de gente de Presidente Altino. Pessoas que conheciam o João, mais um pessoal do movimento estudantil, e nós fizemos uma manifestação lá dentro do enterro dele! Porque os pais não puderam nem ver!! Imagine o estado que ele estava pra vir num caixão lacrado, sem vidro!! Sendo que três dias antes eu havia estado com ele no hospital... Eles disseram que ele teve uma hemorragia, sei lá!... Na verdade, não explicaram nada! Foi muito triste!... (Sandra Nogueira)

O luto que Iracema viveu foi compartilhado pela colônia osasquense. Os testemunhos sobre histórias tão íntimas, silenciadas pela história até então, foram a reação ou a abstração das perdas esquecidas pela sociedade indiferente e ignorante. Contar como não se submeteu ao medo e buscou o corpo de seu irmão, sobre sua dor, seu amor e sua coragem alcançam o ouvinte de forma intensa e o coloca em estado de alerta diante do presente.

Os demais narradores, que lembraram tantas outras pessoas que pereceram, assim como ela, choraram por entes queridos, pelos amigos, pela pátria sonhada, pela utopia desejada e, segundo eles, não abandonada. O trabalho de luto enquanto trabalho de lembrança tornou-se libertador, apesar de doloroso, contra a celebração do grupo dominante que humilhou, destruiu e fez “desaparecer”. Ao descreverem Barreto, João e outras pessoas que pereceram, construíram a si mesmos, posicionaram-se contra o passado que também os atingiu. A morte deles poderia ter sido a de qualquer um, porque a opressão e luta eram as mesmas.

Suas memórias de resistência vieram à tona, mostrando as feridas subjetivas, históricas, sociais. As narrativas permitiram interiorizar a perda, chorá-las e valorizar as ações de quem ficou “perdido” no tempo: os “desaparecidos”, assassinados, esquecidos, violados, enlouquecidos. Superar os traumas pelo luto. “O que faz do luto um fenômeno normal, embora doloroso, é que, ‘quando o trabalho de luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido.’” (RICOUER, 2007, p.86)

A luta pelo enterro dos mortos, como a promovida por Iracema, mantém viva o mito de Antígona. Há ainda muitos mortos a serem enterrados, devolvidos à vida. Lembrá-los seria uma luta radical contra ausência dos rituais de despedida e dos túmulos, contra a morte em números, sem direito a nome e à causa, sem direito a rosto e à história.

Iracema, como tantos outros fizeram e ainda o fazem, lutou contra o desaparecimento dos mortos, a estratégia utilizada pela ditadura para também fazer desaparecer as palavras, a narrativa da morte, da violência, e antes delas, o próprio direito à vida. “O esquecimento dos mortos e a denegação do assassinio permitem assim o assassinato tranquilo, hoje, de outros seres humanos cuja lembrança deveria igualmente se apagar.” (GAGNEBIN, 2006, p.47). Contra esse duplo desaparecimento dos mortos foi que os narradores se moveram e quiseram se fazer acreditar.

A apresentação como testemunha, quem viu, quem assistiu, pede por uma situação de diálogo e pelo crédito à sua memória. Mais do que dizer “eu estava lá”, confia-se que o que se diz deve ser respeitado, acreditado. A confiança no que se diz desafia o ouvinte, baseia-se na “palavra dada”, não apenas de quem diz, mas de quem ouve. Para isso, recorre-se ao outro, à memória coletiva, partilhada. Ricouer afirmou que “o que a confiança na palavra de outrem reforça, não é somente a interdependência, mas a similitude em humanidade dos membros da comunidade.” (RICOUER, 2007, p.175).

A memória sobre opressão e resistência pode agir como redenção do passado tenebroso, porém cheio de esperança. Falou-se em nome de quem não pode dizer, dos esquecidos, das presenças ausentes, para que outros possam tomar conhecimento e evitar novas barbaridades. É o sentido da experiência que tanto Walter Benjamin valorizou. A possibilidade de contar para ensinar, como o pedido de Iracema, para não esquecer.

Além do efeito terapêutico de poder contar, as narrativas permitiram a sensação de dever cumprido, pois a memória compartilhada permitiu que os nomes de perpetradores, ou pelo menos a descrição de suas ações, fossem denunciados, ditos abertamente, desmascarados; que os que não estivessem presentes pudessem ser também lembrados e sua dignidade restabelecida. Ao contrário da tortura, pela qual a palavra escapa e incrimina, as falas dos entrevistados retomaram o controle do direito de dizer, contra aqueles que um dia os fizeram calar, e a seus colegas e entes queridos,

definitivamente. O dever da lembrança fez-se cumprir, em nome da comunidade. Foi possível indignar-se e lamentar. Enfim, refazer-se.

Os narradores passaram a sensação de que não estavam sozinhos enquanto narravam, e isso os fez superar suas dores e ausências. Elaboraram um passado em comum pela presença dos ausentes, por meio das lembranças da história construída junto, que começou com um dia de greve, em 1968, e que não acabou. Quiseram tornar suas lembranças “históricas”, também registradas e validadas. A grandiosidade do que disseram extrapolou as palavras: estavam nos gestos com as mãos, ansiosos, na entonação da voz que se alterava, na respiração mais ofegante, no brilho dos olhos, na fala marcada e explicativa, no sorriso esperançoso ao final de seus relatos.

Ouvi-los tornou o ouvinte responsável, também, pelo testemunho. De acordo com Gagnebin, “tarefa igualmente ética, e num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar o túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje.” (GAGNEBIN, 2006, p.47). Não se trata apenas de conhecimento, e sim de compromisso por uma história pública, que dê aos mortos e aos vivos o direito à sua história.

Ouvir é ato que pressupõe ética e responsabilidade, ao transformarmos em lógica acadêmica e formal o que é simbólico, sombra, luz e vida. Não são apenas fatos acontecidos, também os lembrados, os esquecidos, os desejados. A narrativa de Risomar Fasanaro lembrou que ser ouvida implica na possibilidade de avaliar, apontar erros e acertos, conscientizar-se do que ocorreu, explicar. Fez notar também que do lamento pode-se extrair a força e o orgulho que renovam a própria vida.

Então, eu tenho uma admiração muito grande pelos que entregaram a vida (...) Pelos que entregaram os melhores anos da sua juventude, os melhores anos de sua vida, porque os melhores anos da vida da gente são os anos da juventude, eu acho! Não é?! Entregaram, em defesa de um amor ao um País, em defesa de um amor ao povo... (...) Houve erros? Claro que houve! Estavam despreparados? Estavam despreparados. (...) Mas eu me questiono, me pergunto o seguinte: Não havia outros caminhos? De dialogar com aquela juventude? Eram todos jovens! O próprio Lamarca era muito jovem! Seria preciso dizimar aquelas pessoas daquela maneira bárbara?! Levar as pessoas num avião e jogar no mar?! Sabe?! (...) Ao mesmo tempo, eu tenho um orgulho muito grande de ter pertencido a essa geração, muito grande! Foi a geração mais bonita porque foi a que eu vivi. Foram os anos mais bonitos, mesmo tristes, mesmo terríveis como eram, mas de pessoas absolutamente desprendidas! Que pensaram mais nos outros que em si mesmo, a ponto de entregar a vida!...

Risomar lamentou a destruição de uma geração, com a qual ela se identificou não apenas pela idade, mas principalmente pela violência sofrida e pelo sonho, o desprendimento e o sacrifício. Sua narrativa apontou para o fato de que aquelas pessoas como ela eram jovens, cometeram erros, mas que entregaram sua vida por uma causa. Justamente por serem ainda tão despreparados, ela viu nos atos do governo contra eles uma injustiça ainda maior, uma luta desigual e atroz, impossibilitando não apenas o diálogo, mas a própria continuidade da vida.

7. O EXÍLIO E AS LUTAS FEMININAS PELA REDEMOCRATIZAÇÃO

Anistia não tem que significar injustiça!
Maria Dolores

7.1. Sobre partir...

As prisões, as torturas e o desmantelamento das organizações armadas, no final de 1969 e início dos anos 70 não foram suficientes para impedir que militantes, que haviam conseguido escapar ou que haviam sido soltos sob vigilância, mantivessem conexões, planejando e executando o sequestro de embaixadores. Foi talvez uma das únicas estratégias que, em meio a tanta violência e morte, conseguiu ainda render alguns frutos, ou seja, a libertação e troca de alguns companheiros pela vida dos diplomatas.

De 1969 a 1970, quatro grandes sequestros abalaram a ditadura militar: o primeiro deles aconteceu em setembro de 1969, quando o número de “aparelhos” descobertos pelas forças da repressão e pessoas presas já era grande, dentre elas José Ibrahim e Roque Aparecido. Realizados para chamar a atenção internacional sobre o que ocorria no Brasil, as ações tinham como propósito a troca dos líderes políticos que estavam presos nos calabouços submetidos a atrocidades.

Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, foi o centro da ação conjunta da Ação Libertadora Nacional, de Carlos Marighela, e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), grupos revolucionários. Dentre todos os sequestros este foi o que teve maior repercussão nacional e internacional, o que permitiu certa negociação dos guerrilheiros com o governo. A moeda a ser paga: libertação de quinze presos. Dentre eles, estava José Ibrahim, cuja narrativa tratou da expectativa e da tensão daqueles dias.

Quando tivemos a notícia do sequestro do embaixador americano, eu estava no Presídio Tiradentes. Então, saí da Oban, passei um período no Dops... (...) Na minha cela tinha mais de trinta pessoas! E, nós tínhamos lá um esquema, tínhamos um radinho. (...) Quando saiu a notícia, lógico, que se espalhou: “Olha, teve o sequestro de um americano! Tão pedindo quinze!”. Aí, todo mundo começou a fazer lista!!

Tinha um camarada meu, como não era da pesada, era daqueles que tinham sido presos só pelo movimento estudantil daqui da USP, e era um conhecido meu antigo. (...) Aí, esse cara chegou pra mim e falou assim: “Olha, teu nome tá em todas as listas. Eu também acho que você vai tá na lista. Pode se preparar”. Peguei e falei: “Ah! Não fala isso!”. E ele: “Não, vai se preparando... Porque, olha, em todas as listas, de todas as celas aí, o seu nome tá.” Né?! (...)

E aí, então, quando saiu a lista, nós ficamos sabendo, imediatamente, quem eram. Foi publicada a lista. Nós ouvimos no radinho. E foi uma festa! Né?! Uma sensação de que você... Ao mesmo tempo dava aquele frio da barriga,

né?! Pô!! Você está numa lista! E se pegam o embaixador?! Que que vai ser desses caras que estão na lista? Não precisava ser muito. E matam o embaixador?! Se os caras se encontram aí, num confronto, e os caras pegam e matam o embaixador? Claro! Nós vamos... Não é?! Então, essas coisas todas passavam pela minha cabeça! Mas o que era mais forte, mais forte mesmo, era que houve uma ação revolucionária pra me libertar, e pra libertar um grupo de companheiros. E que era uma ação importante, uma ação de grande envergadura, de grande repercussão. E que tinha tudo para dar certo! Então, a gente jogava: “Pô, vai dar certo esse negócio!”. Eu estou falando daquele friozinho na barriga que dava lá no fundo, sabe?! E no dia que tiraram a gente pra levar pro Rio de Janeiro?! Também foi uma festa no Presídio!! Aquele puta aparato pra vir buscar a gente! Pessoal cantando a Internacional, né? Fazendo uma festa de despedida mesmo! Entendeu? Bem vibrante!! Foi legal isso aí! (José Ibrahim)

O relato de José Ibrahim foi marcado por extrema emoção, revisitando aqueles dias. Revelou as pequenas brechas que os presos produziam dentro do sistema carcerário, mantendo a conexão e a esperança, ainda, nas ações fora da prisão. A produção de listas com os nomes daqueles que deveriam ser trocados representou momento de grande tensão, decisão política e desprendimento humano.

O entrevistado revelou os sentimentos sob aquele clima de tensão, o momento histórico de vitória de seus companheiros sobre o regime. Ao mesmo tempo sentiu medo e alegria, demonstrando a ambiguidade em voltar a se pertencer, a ter seu corpo de volta, e paradoxalmente ser banido de seu país, mantendo ainda o descontrole sobre a vida; tornar-se livre, sem ter a certeza de que chegaria ao outro destino, e ser o símbolo da libertação de outros presos, vitória momentânea mas extremamente significativa. A sensação de ouvir o hino da Internacional Comunista, cantado pelos companheiros ao partir, o peso histórico e a importância subjetiva daquele momento, se misturaram em seu relato: significaram a diferença entre viver e morrer, vencer e ser derrotado.

A notícia da soltura de presos também produziu misto de insegurança e felicidade aos seus parentes. Sandra e Amira Ibrahim atribuíram isso à sua fé e à sua persistência. Riram ao lembrarem-se dos rituais com a pimenta, o charuto e as balas de coco que espalharam pelo Dops, burlando a vigilância e usando seu poder de sedução, a fim de provocar a libertação de Ibrahim (“e vai dizer que a pimenta não deu certo?!”).

A solidariedade dentro do presídio Tiradentes era acompanhada de toda a rede de apoio emocional e torcida de seus parentes fora dali. Um dia depois do sequestro do embaixador Elbrick, que ocorreu no dia 04 de setembro de 1969, ocorreu o aniversário

de José Ibrahim. Utilizando o jogo de gênero, já que no presídio Tiradentes também tiveram admiradores dentre os algozes, Amira e Sandra conseguiram uma pequena conquista, que foi a realização de uma festa dentro do presídio. Foi quando aproveitaram para trocar bilhetes e fazerem-se passar por namoradas de outros companheiros para que eles tivessem o direito de participar. Uma festa de aniversário em pleno presídio, num contexto de intensa violência como foram os “Anos de Chumbo”, foi mostra de extrema ousadia feminina, como foram os “rituais da pimenta”! Como negar que a fé, o afeto e o pessoal invadiram a esfera política e fizeram história?

A coincidência dos eventos foi lembrada por elas como algo extraordinário, “mágico”, dada pela rapidez dos acontecimentos. A sequência de fatos entre o sequestro, a festa e a escolha do nome de Ibrahim na lista de trocados, teve a duração de quase dois dias, mas apresentou-se para elas em apenas um instante. A notícia da troca de presos caía como bomba no mesmo dia em que elas planejaram e executaram a festa, parecendo se inscrever no plano político. O tempo cronológico perdeu a importância para o tempo da emoção nos relatos:

Aí desceu todo mundo! Inclusive nós mandamos as coisas – porque sobrou muito – para dividir lá com os presos comuns. E terminou a festa do aniversário do Zé, do horário de visita. Nós vínhamos embora para casa... E o que aconteceu? Ficamos sabendo a notícia que o embaixador americano... Nós ficamos sabendo na rua a história que tinham sequestrado um embaixador americano e que estavam pedindo quinze presos políticos, e no caso o Zé estava junto. E a minha tia Ana comentou: “Viu, tá vendo, o meu irmão já vai sair!”. Não sei como alguém lá dentro ficou sabendo, na Corregedoria e falou: “Tá vendo, se vocês fizeram a festa é porque já sabiam que iam sequestrar o embaixador e que iam pedir o Zezinho”. Então, o que aconteceu? A gente estava na rua. De repente, estava aqui chegando em Presidente Altino... A rua estava lotada de gente! Lotada! Os vizinhos todos, o bar lotado! E a gente: “Meu Deus, o que está acontecendo?”. E eles: “Seu irmão vai sair!”. As pessoas gritavam: “O Zezinho vai sair!”. Ou: “Saiu o nome do Zezinho no rádio! O Zezinho vai sair da prisão!”. O bar lotado! Os vizinhos! A gente desesperada... (Sandra Nogueira)

A solidariedade na prisão. A solidariedade entre membros da família. A solidariedade de vizinhos que se sensibilizavam com seu drama. A grande força coletiva emergiu dos relatos, demonstrando resistências explícitas e latentes ao regime. O sequestro e a comemoração da soltura de presos políticos também foi vitória daqueles que nada podiam dizer, forçados ao silêncio e ao medo.

José Ibrahim, em seu relato, fez menção às mulheres de sua família, reconhecendo os riscos que correram, levando informações, encontrando-se com militantes fora da prisão e fazendo sua festa de aniversário na cadeia:

A minha sobrinha, a Sandra, nessa época era novinha! A Sandra, a Mira e a Teresinha, que são minhas duas outras irmãs, iam em ponto, em contato com o pessoal da organização para pegar informação. Elas iam me visitar, me levar informação, entendeu? Elas estavam envolvidas,. E tudo era assim! Elas falavam que era por minha causa! Que nunca tinham tido uma militância, mas em função de todo meu envolvimento, acabaram também se envolvendo, se envolvendo e participando das coisas! Então, às vezes, a Sandra ou algumas das minhas sobrinhas iam lá e diziam: “Olha, é o seguinte: nós tivemos um encontro num ponto com o Neto e com o Zequinha. Então, eles falaram isso, mandaram te dizer isso, isso e isso”, entendeu? Então, elas... E quando fiz aniversário no dia 3 de setembro, elas conseguiram fazer um troço lá, discutindo com os delegados do Dops, com o pessoal da polícia, que elas queriam fazer uma festinha pra mim... Na cadeia, né?! (...)

E logo em seguida, teve aquele sequestro! Aí, não é que a polícia pegou e disse que prendeu, prendeu minhas irmãs?! Foram lá para Osasco, prenderam elas! Interrogaram! Interrogaram minha mãe! Dizendo que elas estavam fazendo uma festa, festando a minha saída! E que era um absurdo! Eles não sabiam! Também eu não sabia que dois dias depois iam sequestrar o americano! Mas foi uma coincidência, assim... E vira e mexe elas me lembram disso aí, lembram da festa lá! (José Ibrahim)

As relações afetivas emergiram de seu testemunho, confirmando aquilo que várias vezes Sandra e Amira também revelaram: o entrelaçamento de histórias numa só luta de homens e mulheres. José Ibrahim chamou a atenção para o fato de suas irmãs, sobrinha e mãe não terem vínculo político, mas se envolverem por ele, num processo que acabou por se estender a outras pessoas e se tornar comprometimento coletivo. A festa dada na prisão foi exemplo dessa ação mobilizadora, por outros meandros, aglutinando os presos e lhes garantindo respeito por um momento. Ato que, pela coincidência com o sequestro do embaixador dos Estados Unidos, custou a elas ter que agirem mais uma vez como mediadoras para tentar evitar que a repressão atingisse Ibrahim.

A notícia do sequestro teve impacto destruturador sobre Amira e Sandra, o que as fez agir rapidamente recorrendo a um advogado. Pediram a ele que interferisse no processo de soltura de seu parente, episódio lembrado por elas para mostrar a covardia do profissional diante dos fatos. Novamente elas se empoderaram, apontando para a pequenez de alguns homens, considerados autoridades, em contraste com a coragem

delas, valores sociais que se inverteram no imaginário e mostraram-se não ser exclusivos de cada gênero.

E o que é que aconteceu? Fomos lá pro presídio! Voltamos pro presídio para procurar o advogado dele que era o doutor Serpa. O doutor. Serpa, medroso, disse assim: “Eu?! Não vou de jeito nenhum, porque tenho medo de sofrer um atentado!”. Nunca me esqueço da covardia dele!...

Ele era um advogado famosíssimo! E lá fomos nós, sozinhas, à noite... E todo mundo lá, os meninos... A gente via... De longe, dava para ver as janelinhas, as grades... E a gente só via eles pondo a mão e gritando! Sabe, a gente não sabia o que pensar! A cabeça da gente atordoada! E a gente queria ver ele, queria falar com ele. Imagina que eles iam deixar! Mas a gente achava que iam, entendeu? E lá, pedíamos: “Pelo amor de Deus! Deixa a gente entrar! Deixa a gente entrar! Deixa eu falar com ele! Deixa eu ver!”... (Sandra Nogueira)

E aí no dia cinco de setembro estourou a bomba! Eu, burra! Tinha um delegado que gostava de mim chamado Dr. Nilton Fernandes. A paixão dele nasceu nas visitas na cadeia. Nós tínhamos um negócio com investigadores! Só que o meu era delegado!! Ele era apaixonado por mim, mas juro mesmo, nunca peguei na mão dele! E no dia em que o Ibrahim foi solto, a gente queria ver o Ibrahim. E esse delegado... Eu pedi para ele: “Faz um encontro dele com a minha família!”. (Amira Ibrahim)

As imagens dos presos nas janelas, a impotência diante do imprevisível, fez com que elas se colocassem, mais uma vez, como mediadoras, utilizando a única coisa da qual não eram proibidas: sua presença, seu corpo. Amira chamou a atenção, de forma bem humorada, para sua investida sensual como tática sobre o delegado para tirar vantagens. Dessa vez, no entanto, a sedução que tantas vezes havia vencido a força, não conseguiu submeter o medo que “havia do outro lado”: os homens que detinham o poder também tremeram, porque a ditadura havia acabado de tomar um golpe e se desequilibrava.

A expulsão dos presos políticos do país tirava das mulheres a capacidade de negociar, de tentar controlar o que acontecia com seus parentes. Isso provocou o desespero, pois havia a possibilidade de nunca mais vê-los, enquanto que para eles o exílio era a incerteza e o rompimento com projetos políticos e laços afetivos. Ibrahim falou da foto tirada no dia 06 de setembro, antes que os prisioneiros trocados entrassem no avião Hércules, que se naquele momento era um retrato dos banidos, mais tarde viraria símbolo da vitória política que se tornou grande ganho para a sua vida.

O exílio daquelas quinze pessoas deu início a outros sequestros, que também resultaram em novas trocas e saídas do país, o que significou também o isolamento de

parentes e amigos, que ficaram exilados em seu próprio país. O relato de Amira foi significativo, nesse sentido:

O dia que o meu irmão foi exilado, foi televisionado. Foi televisionado... Mas a gente estava no aeroporto. Foi muito triste, muito chocante!... Tinha tanto boato que eles não iam chegar lá. O país que recebeu eles foi o México. E diziam que eles iam chegar o no México e iam ser mortos! Eles iam ser mortos ou iam explodir aquele avião. Então, a gente ficou num desespero aqui, né? Enquanto esse bendito avião não chegou no México, a gente não sossegou. E depois ele custou a dar notícia. Custou muito. Então, apelei para a Cruz Vermelha Internacional! Ele não dava notícia... Não tinha carta que chegasse para nós! Ele disse que mandava, mas nada! Aí apelei para a Cruz Vermelha Internacional e eles me negaram ajuda, dizendo que era um problema diplomático. Não podiam me ajudar e que eu continuasse tentando através da ONU. (Amira Ibrahim)

Nesse clima de incertezas seguiram-se os demais sequestros, em 1970, do cônsul do Japão, Nobuo Okushi, do embaixador da Alemanha, Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben e do embaixador da Suíça, Giovanni Enrico Bucher. A logística das ações mostrou a habilidade que ainda restava da ofensiva dos grupos armados, mas alimentou ainda mais a fúria do regime militar sobre eles. Foi talvez o “golpe de misericórdia” sobre as suas cabeças, quando se intensificaram as perseguições, novas prisões e extermínio de pessoas envolvidas principalmente com esses feitos, como foi o caso de Joaquim Câmara, membro da ALN.

Roque Aparecido, preso também no Presídio Tiradentes, contou sobre a sensação de receber as notícias de companheiros mortos, dentre eles o seu irmão João; o sentimento coletivo que afetava a todos aqueles que acreditavam na utopia da revolução. Ao mesmo tempo, segundo ele, sentia-se mais forte para lutar. Em 1970, foi incluído na lista dos presos que deveriam ser trocados pelo embaixador suíço.

A saída dos presos, em direção ao México ou a Cuba, significou o rompimento com uma lógica de vida e de luta, que sofreria revés ali. Exigia reconstituição e reorganização de identidades, pois as referências políticas e afetivas sofreram abalos significativos. A tentativa de se manter certa coesão nos grupos foi feita nesses países, assim como no Chile de Salvador Allende, para onde Roque e Ibrahim também foram.

Como lideranças e em grupo, aqueles que foram trocados receberam, de certa forma, o amparo de outras pessoas que já se encontravam no exílio, ou que faziam parte da base de apoio, entrando e saindo dos países até quando fosse possível, para formar quadros de guerrilha, treinados em Cuba.

A luta fora do país foi o prolongamento das reflexões iniciadas nas celas brasileiras e o replanejamento das ações. A maior dificuldade para esses militantes foi dar-se conta de que deveriam interromper a luta sem ter conseguido derrubar a ditadura, e ainda ter que enfrentar a dor da perda de tantos companheiros de armas.

Quando a gente estava preso, nos dois anos que ficamos em cela coletiva no Presídio Tiradentes, cada cela era um grupo de estudo para aprofundar os nossos conhecimentos, as nossas estratégias, e também já se iniciava um processo de autocrítica dos erros e da própria visão vanguardista para o desenvolvimento da luta armada, da guerrilha. Toda uma autocrítica foi sendo sistematizada. (Roque Aparecido)

Em meio aos nomes de banidos, poucos eram de mulheres. Ana Maria Gomes, entre prisões e solturas, acabou tendo uma missão que também a colocaria fora do país, porém sem o aparato de proteção ou a repercussão que os sequestros alcançaram. Sua saída foi realizada na clandestinidade, fazendo parte daqueles setores que faziam as conexões e cuja trajetória pouco chamou a atenção da historiografia. Sua história de fuga demonstrou os ressentimentos quanto ao abandono pela estrutura das organizações, de pessoas como ela. A decepção que já havia se iniciado com a delação de seu nome por companheiros de comando – até então homens respeitados – transmutou-se em desencanto na medida em que relatou sua saga para chegar ao Chile, completamente sozinha.

Mas como militante política eu sofri não apenas nas mãos dos torturadores... Como uma pessoa como eu, mulher, de família pobre, que trabalhava numa fábrica, poderia ter sofrido? Sofri dois tipos de dominação ou de poder: a do homem e a de classe também. Agora, eu estava ideologicamente, politicamente, com o grupo. Meus companheiros disseram: “Você vai sair do Brasil “. E eu saí do Brasil.(...) Agora, você imagina uma menina de origem operária... Naquela época, o pessoal, ou pelo menos a gente, não tinha esquemas de passagem, sabe? E não tinha muito contato com o Chile. Nós tínhamos que ir pro Chile, mas não tinha a menor idéia de que como fazíamos pra ir para lá, como se chegava. Eu fui uma das primeiras. Eles só me disseram... Foi a Nair Benedito que me disse: “Olha, vá por Bariloche, porque é um lugar em que transita muito turista. E, provavelmente, você vai passar despercebida. E aí... eu fui!

Fui até Foz de Iguaçu, atravessei para Missiones, Cossadas. De Cossadas, fui para Buenos Aires, dali fui para Bariloche. Em Bariloche, atravessei o lago para Puerto Monte e, em Puerto Mon, eu subi. Fiz isso, sendo que aqui tinha uma passagem por Córdoba, facilíma! Mas ninguém conhecia. E eu fui... Sozinha... Absolutamente sozinha!! Sabendo que tinha mais ou menos uma semana para chegar e encontrar o pessoal. Não sabia como ia fazer caso não conseguisse encontrá-los. Pinteí o cabelo, coloquei óculos escuros deste tamanho... Fui tirada de casa de carro, deitada. Outra pessoa comprou a

passagem de ônibus para mim. Fomos esperar o ônibus lá no meio não sei da onde, quase no final de São Paulo. Entrei no meio do caminho, num ônibus leito que chegava. Enfim...enfim... Enfim! (Ana Maria)

Outro drama: a minha ida sem conhecer absolutamente nada! Eu compreendia o espanhol de tanto ver filme. Era o máximo que sabia. Quando entrei no Chile, passei a não compreender absolutamente mais nada. Chileno fala que é um horror! (...) Parece novela, né?! Parece novela...

O tom de indignação de Ana Maria demonstrou a realidade que atingiu várias mulheres exiladas, que conheceram outras realidades ditatoriais na América Latina, procurando vencer a falta de alimento, proteção, perda de contatos, ausência de esconderijos, como os relatos femininos do livro de Albertina Costa (1980) revelaram. Mostrou também a desigualdade com relação aos seus companheiros, homens, em torno de sua saída do país, sem estrutura. Sua condição de mulher e de operária acabou por submetê-la aos ditames das organizações que determinaram que ela deveria sair do país, sem que pudesse discutir ou sem que tivesse apoio mais eficiente do grupo ao qual fazia parte.

Ana Maria, inclusive, chamou constantemente a atenção para as relações de gênero dentro dos grupos armados, em que as mulheres eram desconsideradas enquanto capazes de opinar:

Eu não preciso te dizer que o meu papel era sempre o de todas nós, mulheres, com exceção de uma ou outra, que tinham características que mereciam respeito... A gente era sempre menosprezada, embora houvesse um grupo muito grande de mulheres, muito grande... Eu não sei se fico feliz em dizer isso, minha timidez em defender minhas posições porque você sabe que as mulheres, com essa opressão toda, têm mais dificuldade de falar, tem mais dificuldade... Mas a gente discutia muito: eu, meu irmão e o Roque. Eu fazia toda uma discussão com o Roque, e ele colocava as posições. E eu sempre era considerada o apêndice dele, sem ideias próprias, como mulher! Mas, na verdade, muitas das ideias que ele defendia, a reflexão era minha. A reflexão era minha, só que quem colocava era ele. E, eventualmente, meu irmão.(Ana Maria)

A relação com os homens, marcada muitas vezes pela desconsideração às mulheres, embora fossem companheiros políticos, além das falhas dentro das organizações e as delações entre companheiros, promoveram a desilusão de Ana Maria. Na Europa, ela ingressou no Círculo Feminista das Mulheres Brasileiras, organização que procurou aliar a discussão em torno da luta de classes e de gênero.¹⁶⁸ A partir dos debates realizados ali, ela mudou sua opção de vida, ingressando de vez na luta feminista.

A relação com o exílio variou muito entre aqueles que o vivenciaram, dependendo, inclusive, do momento e a forma como aconteceu. No caso de Roque e Ibrahim, foi a oportunidade de participar dos governos de Cuba e do Chile, trazendo o conhecimento que acumulavam como operários, estudantes e guerrilheiros. Era também a forma de aprender e ver se realizar, em parte, a utopia que haviam sonhado para o Brasil. Laços fortes foram feitos com as práticas políticas de cubanos e chilenos, reestruturando e dando sentido às suas vidas.

Após o golpe de 11 de setembro de 1973, no Chile, os caminhos seriam outros e a jornada dos grupos aos quais pertenciam se estendeu a países como Argélia e China, com culturas e línguas muito diferentes, em busca de experiências diferenciadas que pudessem fazê-los avaliar os erros, uma vez que nesse período a luta armada brasileira estava completamente aniquilada. Roque, José Ibrahim e Ana Maria seguiram para vários países, depois de fugirem do golpe chileno – Roque Aparecido ainda enfrentou a fúria da ditadura argentina antes de sair da América Latina – e acabaram recebendo asilo da França, Bélgica e Suíça.

Para Ana Maria o exílio foi a confirmação da avaliação que já fazia desde o Brasil, a certeza de que sua luta – também a de seus companheiros – estava fadada ao fracasso. As dificuldades de adaptação e a falta de estrutura oferecida pelos grupos políticos, a sensação de constante insegurança, foram marcas de sua avaliação sobre aquele momento. No Chile, seu irmão Osny teria sumido por longo período, fato narrado por ela demonstrando certo vazio diante de algo imperdoável para ela. Essa experiência custou a separação entre ela e o irmão, que permaneceu na Europa depois

¹⁶⁸ O Círculo de Mulheres Brasileiras foi fundado entre 1975 e 1976 em Paris por iniciativa de algumas mulheres militantes de organizações de esquerda, vindas da classe média e que tinham saído do Brasil após o AI-5. O texto base para a formação do Círculo foi o documento intitulado *Por uma tendência feminina revolucionária*, em 1975, e assinado como Grupo Brasileiro de Mulheres Revolucionárias. Sobre o assunto falaram Rollenberg (2004) e Pedro;Wolff (2007).

que ela retornou. Ele se recusou a morar novamente no país que desconhece ou se nega a conhecer seus traumas.

Era uma grande ilusão o que se dizia que existia, o que se achava que existia como organização! Esse foi meu último partido, em 1974, 1975. Um grupo saiu, e eu decidi que a partir daí minha atuação seria no movimento social. No movimento social; não mais vinculado a partido ou organizações. Para mim, isso tudo estava acabado.

Acho que tenho uma sensibilidade, ou é uma capacidade política de análise de situações, porque fui a única pessoa que percebeu. Ficamos no Chile até o golpe, e com a queda do Salvador Allende, percebi a fragilidade daquela organização, que ela sequer conseguiu salvar os seus militantes antes do golpe, embora o Roque e eu não tenhamos sido presos. Foi pra mim uma grande decepção a direção da organização não ter feito uma avaliação decente do que seria o golpe, do que seria a nossa situação. (Ana Maria)

Ana Maria chamou a atenção para sua sensibilidade diante do fracasso do movimento político ao qual pertencia. Ela encaminhou seu trabalho, então, para o movimento de mulheres. Para Roque, a decepção veio com a experiência na China, e a descoberta de que foram ludibriados pelo governo, que teria acobertado a morte do provável sucessor de Mao Tse Tung, Lin Piao, enquanto os convencia que viviam num país em que o socialismo era popular¹⁶⁹. Convidados para participar da festa comemorativa da revolução, não ficaram sabendo do assassinato de um dos maiores líderes do Partido Comunista, provavelmente por ordem do governo. Ali, Roque e tantos outros perceberam que o sonho deveria tomar outros rumos.

Percebi que tudo aquilo que eu tinha ouvido daqueles companheiros de cela, da prisão, não batia muito com a realidade. Por exemplo, nós chegamos lá no final de setembro. Ficamos hospedados num hotel, ao lado da Praça Kia, a praça principal de Pequim, onde todo ano, no dia 1º de outubro, aniversário da revolução, acontecia uma manifestação com mais de um milhão de pessoas! A mais perfeita chinesa organização!

(...) Há várias histórias no percurso até chegarmos na Argélia. Chegamos lá, encontramos o Apolônio de Carvalho, vários companheiros, saindo do grupo dos quarenta. Eles nos perguntaram: "E aí, o que aconteceu? Como foi o assassinato do Lin Piao? Como ele morreu?". E nós: "Ué, o Lin Piao morreu?!". E eles nos disseram: "Claro, por isso foi suspensa a manifestação. Como, vocês estavam lá e não ficaram sabendo de nada? Como foi isso?!"...

Veja, nós estávamos lá, nos inventaram essa "história da carochinha". E nós não percebemos nada! Nada! Não tivemos a menor informação nesses quatro

¹⁶⁹ Lin Piao foi um dos líderes da Longa Marcha e da Guerra da Coreia, tendo sido nomeado por Mao Tse Tung, no Congresso do Partido Comunista em 1969, como seu sucessor. Morreu num acidente de avião sob circunstâncias não esclarecidas.

meses de que “o mais íntimo camarada de armas”, Lin Piao, havia sido “suicidado”! (Roque Aparecido)

José Ibrahim também refletiu sobre os descaminhos desde a prisão, a necessidade de avaliar toda a experiência até ali. O exílio, segundo ele, proporcionou esse momento, o que não significou deixar de acreditar nas mudanças.

Não houve um momento preciso em que deixei de acreditar nisso. Acho que foi uma evolução, né? Que eu fui... Uma evolução de pensamento, uma avaliação, de discussão com outras pessoas. No Chile, meu período no Chile... Depois que saí de Cuba, fui para o Chile. Foi um período de muitas reuniões, muita discussão com alguns companheiros. Na cadeia a gente já discutia muita coisa. Mas, não no sentido de renunciar à luta armada! O período da cadeia foi mais no sentido de “onde foi que nós erramos? Onde foi que temos que consertar?”. Então, era questão a crítica ao vanguardismo, o Foquismo. Havia um certo espírito de aventura, de muita gente, mas... Não tinha um espírito de acumulação de forças. Tudo isso a gente já avaliava na cadeia, os diversos grupos que se encontravam... A gente ia se juntando nas cadeias e a gente discutia muito essas coisas, assim. Às vezes, até fazia uns documentozinhos e tal, mas acho que a reflexão sobre a luta armada e outros caminhos foi no exílio. (José Ibrahim)

As crises de identidade política resultantes dessas experiências começaram a surgir principalmente no exílio, como mostraram as narrativas. Pensamentos e estratégias foram reformulados, longe da pressão da ditadura militar. José Ibrahim acabou se asilando na Bélgica e Roque Aparecido na Suécia. O primeiro contou com o apoio de sua mãe que pegou suas coisas e, sozinha, foi ver o filho. Além dela, Sandra, com quem sempre teve grande vínculo afetivo, mudou-se para a Europa com o marido para ficar próxima a ele. Lá, eles conseguiram reunir outros exilados para manter não só os laços políticos, mas principalmente a identidade cultural, promovendo encontros em que podiam cozinhar comida brasileira e falar do país. Roque Aparecido concluiu o curso de Sociologia na Suécia, mas pouco falou sobre sua vida nesse país.

Para Ana Maria, ir para a Bélgica e depois para a França significou fazer a opção pela luta social e política mais ampla, com a qual se identificou e pareceu ter se encontrado: o movimento feminista.

Quando nós nos separamos foi o momento que eu passei a me voltar para o movimento das mulheres... Fundamos o primeiro movimento de mulheres brasileiras em Estocolmo. Era um grupo que sofria todo tipo de gozação, tudo o que você pode imaginar. Menos de um ano depois do grupo ser formado, nós estávamos sendo convidadas para compor a direção do Comitê

Brasileiro de Anistia, tal o respeito que a gente já tinha conseguido por parte da colônia! Fui fazer parte junto com o Gabeira, com o Tito (um companheiro do PCB), do Comitê Brasileiro de Anistia de Estocolmo. (...) Fui para Paris, que era muito mais agradável do que Estocolmo. Me vinculei ao coletivo de mulheres brasileiras, que existia em Paris. E fiquei participando... Havia mulheres exiladas, mas também não exiladas. Foi na Europa que nós entramos em contato com o feminismo, com o movimento de mulheres.

O feminismo, no Brasil, nasceu de forma especial, misturado ao contexto de luta pelas liberdades políticas e a solução de problemas específicos das mulheres. A partir de 1979, com a Anistia, as exiladas, como Ana Maria, voltaram trazendo na bagagem as discussões e o conhecimento desenvolvido nos grupos de mulheres, na Bélgica e na França.

Para ela, assim como para suas companheiras de exílio, a participação do movimento feminista na Europa transformou suas vidas, mostrando que a luta política e social poderia tomar outros rumos. Foi por meio do feminismo que Ana Maria refletiu, avaliou e desligou-se da militância armada – sua decepção – e optou pela defesa dos direitos das mulheres. No Brasil, o trabalho com feministas ajudou a superar seus traumas e a se reconstituir. Seu discurso sobre a atuação com mulheres ainda hoje no Brasil é de alguém que parece ter encontrado seu lugar. Sem precisar se submeter a quadros político-partidários e aos homens, a menina deixada à própria sorte em direção ao exílio, encontrou-se com orgulho na liderança e convivência com a especificidade feminina.

Formei o Núcleo de Estudos de Gênero na Universidade Federal, que não é uma entidade da universidade, mas do movimento social. Sou vinculada à Articulação das Mulheres Brasileiras. Também participei da Articulação das Mulheres do Mato Grosso do Sul. Eu acho que depois que tive esse problema no coração e essa terapia, saiu a minha Anistia.

(...) Então, reconheceram, de julho de 1968 a setembro de 1979. São onze anos... E isso me ajudou muito no reconhecimento, para efeito de trabalho... E ali eu comecei a fazer um balanço da minha vida, e cheguei à conclusão de que estou na luta há quarenta e dois anos, pois apesar de eu ter uma vida na universidade, uma família, nunca parei de ter como centro da minha vida a luta por uma sociedade melhor. (...)

Nesse balanço que eu fiz, praticamente formei todas as feministas que existem em Mato Grosso do Sul. Existem feministas lá trabalhando e influenciando em muitos lugares, muitos lugares...Tenho orgulho quando falo das minhas meninas, das conquistas delas. Não falta trabalho para elas, e todas trabalham voltadas para a mulher, todas espalhadas. Hoje eu posso me afastar, sabendo que vai continuar. Não penso em me afastar e não fazer mais nada. Mas ainda não está interiorizada essa ideia de me afastar. Ainda estou trabalhando isso. (Ana Maria)

Ana Maria lembrou que criar o grupo de mulheres foi processo difícil, desqualificado pelos homens, embora tenha contado com o apoio de alguns deles. Sua leitura sobre as relações de gênero marcou o desvio, a busca da singularidade numa luta que até ali tinha sido majoritariamente masculina: o movimento operário, a greve e a guerrilha. A perplexidade diante dessas relações hierarquizantes que alguns colegas mantinham, mesmo no exterior, fez com que ela avançasse ainda mais na sua caminhada, em busca de outra luta mais específica. O feminismo parece ter sido o auge que reforçou a trajetória pela qual iniciou sua narrativa de vida: a menina que não admitia a desigualdade na igreja e na família, e que sempre atuou junto do irmão, que se atreveu a substituir um homem no teatro promovido pelo Grupo de Osasco e que enganou seus torturadores. Seu relato apresentou-se como conquista de respeito.

7.2. Sobre ficar e sentir-se exilado

A colônia osasquense não conheceu o exílio apenas na figura dos três narradores aqui apresentados. É importante notar que as demais redes se posicionaram diante dos acontecimentos para falar também de outras formas de isolamento, clandestinidade e rompimento com a lógica de vida seguida até então. A repressão à greve de Osasco e seus desdobramentos mais políticos afetaram a vida dos operários ligados à Frente Nacional do Trabalho, assim como as mulheres que não pegaram em armas.

O exílio não significou, necessariamente, apenas a expulsão ou o asilo, a saída do país. Alguns relatos falaram da possibilidade dele se dar num lugar vazio, sem perspectiva, em que se revelou a impotência; na partida “voluntária” para apoiar quem partiu ou para escapar da morte; na solidão, clandestinidade, desorientação e renegação social. Para Inácio Gurgel, por exemplo, a sua situação após a greve foi considerada uma forma de exílio:

O pós greve foi tão difícil ou mais difícil do que o exílio! Porque a repressão... Nós que estávamos dentro da fábrica... A repressão caiu toda em cima da gente!! Então, não tínhamos alternativa mesmo! A gente estava ali, havia pessoas do Dops trabalhando dentro da fábrica para nos vigiar. Foi quando surgiram as chamadas listras negras... O pós greve foi... Foi horrível! Muita gente desempregada! Fiquei doente, tive que fazer três anos de terapia, tomar remédios... Ainda hoje tomo remédio. Ainda hoje! Isso foi em 1968! Ainda hoje eu tomo remédio!

Permitiram que eu voltasse a trabalhar, porque eles ligaram para o engenheiro para quem dei a salada, e ele falou: “Não! O Inácio deve voltar!”. Acho que com a salada, ganhei de novo o emprego!! Falou: “Deixa o Inácio vir!”... Mas foi pior! Voltar foi muito pior!... Porque a repressão caiu matando lá dentro da fábrica! Voltar não foi fácil... Voltar foi pior muitas vezes do que ser exilado!! O Roque foi exilado. Ele sofreu muito! Mas ele ficou doze anos na Suécia... Doze, treze anos na Suécia... Ficou por ali, se ajeitou. Nós... Eu, eu fui demitido, preso e, depois, fiquei na Cobrasma! (...) A turma fala: “Ah! E os que voltaram do exílio?”. Receberam indenização... Depois que saíram e voltaram do Brasil, receberam indenização! Eu fui mandado embora da Cobrasma quatro vezes! (Inácio Gurgel)

Inácio Gurgel, que continuou a atuar na Igreja, falou de outra dor, o isolamento de quem ficou exposto, não foi trocado, não pode viver outra experiência; ficou e teve que enfrentar a ditadura que continuava. O trauma de ter sido preso e de continuar sob ameaça o tempo todo na fábrica levou-o a tomar remédios e a fazer tratamento, o que para ele se configurou em trauma maior do que o exílio. A vivência fora do país e o recebimento das indenizações por parte de Roque Aparecido ou José Ibrahim foram apontados quase como um privilégio, questionando o critério para dimensionar a dor e o exílio que cada qual vivenciou.

Roberto Espinosa, apesar de pertencer ao Grupo de Osasco e ter sido uma das lideranças, não constou nas listas apresentadas durante os sequestros. Ficou preso até o ano de 1973, e depois julgado à revelia, no ano de 1977, e só então condenado. Como ele, nem todos que estavam sob o perigo da repressão, optaram ou tiveram a opção de sair do país. Alguns entenderam o exílio como fuga ou covardia e a continuidade no país como possibilidade de luta política. Esse foi o seu caso:

Todos os lugares em que eu tentava algum emprego, era amarrado! Nunca sabia por quê! Na hora da contratação não... Dançava! E branco! Eu só queria trabalhar! Não queria sair do Brasil de jeito nenhum! Não queria ir pra mordomia do exílio, mas nem... Queria ficar aqui! E queria de alguma maneira, pelo menos ver a ditadura cair do meu lado, mesmo que eu não pudesse lutar contra ela! (Roberto Espinosa)

Segundo ele, não saiu do país por opção. Em suas palavras ácidas, “não queria ir para a mordomia do exílio”, deixou escapar a crítica aos que foram. Sendo de grupos diferentes durante a greve de 1968 e apresentando discordâncias políticas, Inácio Gurgel e Espinosa se aproximaram quanto à leitura sobre aqueles que ficaram: a prisão e o desemprego também foram formas de exílio e de se tornarem estrangeiros dentro do

próprio país. Apresentaram pequenas fissuras na memória heróica daqueles que foram banidos.

A memória feminina daquelas que não participaram da luta armada apresentou outros significados sobre exílio e clandestinidade. Como muitas mães, esposas e filhos, elas partiram para outros países para encontrar seus entes queridos e resgatar parte do que havia sido perdido com as prisões de seus companheiros. A mãe e a sobrinha de Ibrahim foram algumas delas que decidiram partir para o exílio temporário ou definitivo.

Sandra só chegou a rever seu tio depois de oito anos de seu banimento. Já casada, decidiu que deveria ir embora para a Bélgica junto com o marido, para matar saudades. Lá vivenciou outras redes de solidariedade e pode rever os outros amigos pelos quais se arriscou.

Na Bélgica, ele teve muita ajuda, muita ajuda! Ajudaram muito! Porque o Zé e a Tereza chegaram lá sem nada. Não tinham nada! Com bebê! O Eduardo tinha quarenta e cinco dias. Arrumaram casa pra eles! Roupas, trabalho... Tudo o que você possa imaginar! Ele teve muita ajuda de toda a comunidade! Depois, mudei pra Bélgica. A gente alugou uma casa bem grande, muito grande! E morávamos na mesma casa. E lá era o reduto dos exilados... Ia Wladimir Palmeira, a Maria, a mulher dele... Ia todo mundo lá! Um frio do cão! Na Bélgica chove 285 dias por ano! A Tereza, carioca, pegava o aquecedor... Dentro de casa era quarenta graus! Parecia Ipanema!! Você saía, minha filha, eram três, quatro graus negativos! Então, ia todo mundo pra lá. Ficavam jogando baralho, comendo queijo, tomando vinho. Aproveitando a vida!... E, lógico, articulando! Articulando, articulando as coisas todas!

Todos eles se reuniam lá na Bélgica! O Roque estava em Paris, mas como é tudo muito pertinho, foi aí que encontrei com ele. Fui encontrando todo mundo... Você não imagina a emoção de ver aqueles que sobreviveram!!

O que significou o exílio para cada um: dor, alívio, derrota, amadurecimento, descoberta, deslocamento, tristeza, isolamento. Sandra demonstrou que a forma de se enfrentar tudo isso era tentar manter os laços de pertencimento a uma nação, mantendo seus rituais, sua língua e seus costumes, e não deixar morrer o sonho que continuou sendo alimentado sob outros parâmetros. O reencontro com os amigos e a saudade dos que pereceram permitiram a reconstrução da identidade coletiva, que se manifestou nas narrativas pela possibilidade de reunião, o sentimento de pertença, poder renovar-se, assumir novas causas, ter testemunhado e ter sobrevivido para contar. Tudo isso parece ter fortalecido a colônia osasquense fora do país.

Entre as mulheres que ficaram, o testemunho de Sônia Miranda revelou suas privações e sofrimento, correspondendo à experiência de tantas formas de exílio interno, ainda pouco reconhecidas, ou mesmo subestimadas pelas pesquisas e pelos mais envolvidos politicamente com os movimentos sociais das décadas de 60 e 70. Diferente das experiências de mulheres banidas, Sônia foi submetida a outro tipo de dor psicológica e física; uma forma de exílio e clandestinidade que proporcionou a ela a ruptura momentânea com seus laços afetivos, e a levou também ao limite entre a vida e a morte.

A perseguição ao seu marido, Joaquim Miranda, operário ligado ao Partido Operário Comunista (POC), e as constantes prisões e torturas que ele sofreu, significaram o isolamento e o “desaparecimento” forçado dela e de suas filhas, como forma de se proteger das malhas da repressão. Isso representou nova reorganização com o tempo, o espaço desconhecido e a interação com um mundo cruel até pouco não imaginado por ela. Neste sentido, a qualidade de vida que lhe foi conferida exigiu dela adaptação dos padrões psicossociais.

A intensidade com que contou a história vivida procurou marcar seu desespero diante da novidade dolorosa e incompreensível dos descaminhos que sofreu. Mãe de três filhas, todas pequenas, enquanto seu marido Joaquim estava desaparecido, fugindo, preso ou torturado, viu-se confinada ao mundo traumático da quase loucura, do limite psicológico. Para garantir a integridade de sua família, aceitou esconder-se na colônia de um sanatório para doentes mentais, no Rio de Janeiro, entre as cidades de Vassouras e Mendes. Sua fala, angustiada e cansada, demonstrou a emoção de uma lembrança muito dolorosa. Descreveu o preço de sua inscrição como mãe e mulher no mundo da política, do qual até a repressão à greve de Osasco tinha sido preservada, de certa forma: o extremo abandono:

O Joaquim precisava voltar, escondido, para São Bernardo para receber um pagamento. Me deixou lá com as crianças. A bebê estava muito novinha. Eu tinha muito leite e ela não dava conta, porque era pequena. Havia esquecido de levar aquela bombinha de tirar leite. E meu marido não voltava!... Eu tentava telefonar, mas o telefone era muito complicado, porque tinha só um. Era preciso tomar um ônibus até Vassouras, pedir a ligação, esperar completar, para depois falar. Chovia demais! Chovia, chovia, chovia... Eu não conseguia falar! Cancelava o pedido da ligação. E o Joaquim não chegava! Pegava o último ônibus. Voltava para casa de noite... (...) Chovia muito, e eu cheia de leite, não dava conta, não tinha como tirar! E ainda tinha de cuidar das crianças! O dia em que fui tentar telefonar, andei mais ou menos um quilômetro, mas o telefone não funcionava. Voltei para casa... E aí, de novo, no dia seguinte... Ia até Mendes, Vassouras, Mendes,

porque queria muito falar, saber onde o Joaquim estava, o que estava acontecendo. (...)

A narrativa de Sônia fez notar seu isolamento, sem conexão com o que ocorria fora de seu esconderijo. As inúmeras vezes em que transitou entre uma cidade e outra sem obter respostas sobre seu marido e a referência à chuva, repetida continuamente, deram mostras da agonia vivida naqueles dias. Com muito leite, sem poder amamentar direito sua filha, ela acabou doente, assim como a criança.

Então, voltei tão desarvorada para casa, e comecei a ficar doente. Tinha febre, o leite no peito vazava... Minha filha não dava conta. Ela também ficou doente, começou com gripe. Dava remedinho para ela, o peito fazia um negócio “assim”. Eu tinha febre de 39 graus!

Precisava me levantar muito cedo para pegar pão e leite que o padeiro deixava na porta, e ficava no meio do mato todo molhado. Porque se demorasse, a vizinha pegava o pão e o leite pra si. Ela ia antes dele passar, ficava no escuro esperando. Eu tinha que levantar e pegar, senão a gente ficava sem nada.

E a mais velha, Liberdade, chamava: “Cadê o pai?”. Um dia, perdi as estribeiras. Eu chorei: “Não sei do seu pai! Não sei! Não sei!”. Sabe, gritei com ela. Estava sozinha com três crianças! Lavava e secava fralda com ferro. E só chovia! (...) Isso foi uma semana. Era uma eternidade! Sabe, uma eternidade!...

A função de cuidadora chegou ao extremo diante do medo e da incerteza. A falta de perspectiva desestruturou a rotina da família e exigiu dela a responsabilidade exclusiva pela vida de suas filhas. O relato emocionado de Sônia Miranda demonstrou como mulheres semelhantes a ela puderam tornar-se vítimas de um sofrimento que não se tornou público, histórico. Foi uma nova forma de isolamento, imerso no vazio, no medo, na fadiga, na indignação e na raiva. Era espera – “Era uma eternidade!” – mas não monótona ou submissa. A militância do marido, a sua prisão e a tortura arrastaram consigo um processo devastador de sua alma.

A coruja cantava a noite toda, os urubus ficavam a noite toda em cima da casa. Eu não dormia. Não sabia mais o que fazer! As pequenininhas todas em cima de mim. E eu não podia deitar, entende?! Doente e sozinha, pensava: “Tomara que todo mundo morra, todo mundo aqui! Tomara que eu morra com as crianças! Está muito difícil!” (...) Mas passou tudo isso. (Sônia Miranda)

A doença provavelmente adquirida pela situação de desespero, a lembrança da coruja e dos urubus sobre a casa, tudo isso acentuou a dramaticidade de sua condição, revelou sua angústia e indignação perante uma situação insolúvel, que lhe provocou o desequilíbrio.

Como na tortura que atingia seu marido sem que ela soubesse, para ela também se apresentava a impossibilidade de controle sobre sua própria vida, e a de suas filhas. Sônia experimentou o sentimento de impotência sobre a destituição lenta da vida, a desumanização dos dias que se repetiam, sem perspectiva ou desejo de sobrevivência. A referência à chuva foi importante em seu testemunho, pois pareceu constituir-se como metáfora, não apenas de sua tristeza e reiterada solidão, mas de todo o contexto sinistro da ditadura e da vida que se esvaía.

Denise Rollemberg (2004), ao apresentar as várias experiências no exílio, falou da diversidade de significados e de dimensões que elas tiveram nas trajetórias de vida de cada pessoa. A clandestinidade e a expulsão do país, segundo ela, tiveram pesos, implicando em motivações e consequências distintas. As narrativas deram mostras sobre as diferentes formas de vivenciar o isolamento do mundo social.

No caso das mulheres, muitas formas de exílio se revelaram. Pela interdição e esquecimento de nomes, pela mudança constante de casas, pela vigilância contínua de suas residências, pelo medo de falar. Maria Dolores, perseguida com sua família durante e após a morte de seu irmão Zequinha, em 1971, falou do isolamento criado pelo medo e pela falta de confiança nas pessoas com as quais tinha convivido até a morte de seus irmãos.

Eu ainda tinha muito medo em relação à Ditadura! Muito! Muito! Inclusive eles estiveram lá depois disso... Sabe quando eles fazem as coisas e depois querem apagar, querem passar a mão na cabeça das pessoas enganando?! Então, estiveram lá... Esse já era o exército de Salvador, levaram tecido pra dar pras pessoas pobres, brinquedo!... Sabe como é esse pessoal desses lugares... Eu mesma era uma dessas assim, criada naquele meio ali, que a gente não conhece direito as coisas. Sei que chegaram, falaram pra mim que iam levar o meu pai embora e que não iam trazer mais. Fiquei apavorada! Eu tinha medo dele ser pego... Tinha medo de ficar sozinha, de não ter para onde ir... (Maria Dolores)

Entristecida e decepcionada com a situação de sua família após a invasão de sua casa, e sendo tratada de forma diferenciada pelos vizinhos, a narradora acabou saindo de sua terra e vindo para Osasco, rompendo com os laços e a vida que existiam até ali.

Talvez tenha sido também uma forma de exílio assistir a família se desestruturar, entre mortes e prisões, entre censura e medo. Como ela, a maior parte das colaboradoras e colaboradores viveu uma forma de banimento, como Ibrahim, Roque e Ana; como Espinosa e Inácio. Foram banidos todos do mundo ao qual se sentiam pertencer. Quando eles estiveram presos ou torturados; quando desempregados e isolados; obrigados a sair de suas casas, renegados, clandestinos; quando elas foram afastadas de seus filhos e de seus irmãos, maridos e amigos.

A colônia de Osasco foi punida, como muitos, pelas mais variadas formas de opressão. Tiveram que se adaptar a outros tempos e outros espaços, desprenderem-se e reencontrarem-se. Foram exilados quando insistiram em ser livres; foram impedidos de exercer seus sonhos e manter seus laços afetivos.

7.3. A reinvenção da política

A capacidade de criação e improvisação feminina diante dos desafios foi capaz de se ampliar ainda mais na década de 70, na mesma medida em que o movimento de guerrilha ainda arrancava, a duras penas, vantagens sobre a ditadura. A onda de sequestros dos embaixadores, promovidos pelos grupos armados como o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e a Aliança de Libertação Nacional (ANL), promoveram a oportunidade de listar os presos que poderiam ser trocados por eles, e que deveriam ser banidos, seguindo para o exílio.

O grandioso aparato do Estado conseguiu aniquilar gradativamente essas organizações, com uma quantidade enorme de prisões e assassinatos contra os que restavam nas celas, os que participaram dos sequestros e os que ainda ousavam organizar a guerrilha. Como revelaram as narrativas de Roque Aparecido, Espinosa, José Ibrahim e Ana Maria, as poucas organizações que sobreviveram esboçaram uma autocrítica da experiência armada, seja no Brasil ou no exílio.

A década de 70 foi marcada por outros encaminhamentos políticos, após a eliminação do pouco que sobrou da guerrilha do Araguaia e das mortes de Carlos Lamarca e Carlos Marighela. A criação de partidos e novas estratégias buscaram outras formas de inserção política, procurando abrir outros espaços de diálogo e manifestação, que se iniciaram timidamente e foram se ampliando.

A repressão não conseguiu por fim à resistência. Ela provocou outras formas de arranjos sociais e redes de solidariedade, novidades que, de certa forma, a ditadura não conseguiu abstrair ou não estava preparada para enfrentar, “acostumada” com o embate armado. Em meados de 1974, depois de praticamente toda a guerrilha estar extinta, o presidente Geisel sinalizou com a redemocratização lenta, gradual e restrita. O enfrentamento no Araguaia, liderado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), seria a última tentativa, infeliz, de resistir ao regime militar pelo caminho das armas. A ausência no cenário político dos presos, exilados ou mortos produziu, aparentemente, um vazio no enfrentamento público, o que favoreceu ao governo acenar para certa flexibilização da Ditadura.

Para Eder Sader (1988), a década de 1970 inaugurou nova forma de fazer política, que não mais poderia ser explicada apenas “pelas contradições geradas pelo capitalismo”. A originalidade da atuação política estaria no padrão comunitário e em novas formas de se pensar o direito e a justiça. As mulheres tiveram presença marcante nesse processo, segundo o autor, repleto de significados para os diferentes grupos que passaram a ocupar os novos lugares políticos: os Clubes de Mães, as Comunidades Eclesiais de Base e o novo sindicalismo.

As colaboradoras osasquenses mostraram, no entanto, que mesmo desconsideradas como agentes do espaço político, elas alargaram seu espaço de atuação, independente do próprio feminismo que, com exceção de Ana Maria na Europa, não significava ainda para elas um caminho de atuação. A elas não coube apenas a gerência do lar e da família, mas também a ocupação gradativa no espaço transitório entre o sindicato, a igreja e a casa; as prisões, as delegacias e a família. A experiência desde a repressão à greve de Osasco, em 1968, lhes permitiu construir uma identidade que, mais do que abstrata ou vinda da ideologia dos partidos, passou a ser construída a partir de lutas pessoais, que se alastraram por outros espaços fora da residência, e se ampliaram pela preocupação com outras pessoas, mesmo desconhecidas, para fora do âmbito familiar. Transformaram seus atos em realizações políticas. Nos anos de 1970, suas reivindicações passaram a ser também por transformações locais, pela defesa de resoluções quanto a problemas de ordem pessoal e que eram identificados a demandas da comunidade em que se inseriam.

A luta promovida pelas mulheres em seus bairros, e que já haviam acontecido com mais discrição anteriormente, deixou de ser meramente defensiva para se constituir como reivindicação. O processo silencioso que havia sido desencadeado entre 1968 e

1969, afetou a forma como elas se imaginavam e gostariam de ser vistas, e promoveu o gradativo empoderamento e autonomia feminina.

Sader afirmou que essa percepção e auto-reconhecimento cada vez maior das mulheres se deveu, em parte, ao crescimento de sua participação no mercado de trabalho: correspondiam a 28,2% no ano de 1970 e passaram a 32,8% em 1980. Cargos antes destinados aos homens, nos setores industrial e comercial, foram sendo ocupados por elas.

As narrativas das mulheres osasquenses confirmaram esse processo: a necessidade de assumir o sustento da família, devido em parte ao fato dos maridos estarem presos ou desempregados após 1968, fez com que boa parte das entrevistadas acabasse se inserindo no mundo do trabalho, não sendo este mais exclusividade de seus companheiros. Sônia tornou-se secretária, Teresinha e Abigail passaram a trabalhar em setores públicos e Maria Santana abandonou a profissão de cozinheira para assumir a função de enfermeira. O mundo doméstico avançava e invadia o espaço antes destinado à mão de obra masculina, alterando ainda mais as relações de gênero.

As alterações econômicas levantadas por Sader por si só não explicam as mudanças de gênero. A necessidade de se observar as peculiaridades de cada movimento social surgido a partir desse período leva a considerar que a transformação feminina osasquense já estava se constituindo antes. Os relatos conseguiram apresentar os momentos de ampliação dessa autonomia. Fizeram notar que o período de redemocratização foi a continuidade de um processo feminino de reestruturação entre os lados “de dentro” e de “fora”, que nunca deixou de ser ousado e desejado, mesmo que por motivações afetivas.

O cotidiano enquanto instância da repetição, da submissão e da opressão foi desmistificado pelos relatos de luta silenciosa das narradoras, exemplos de tantas outras histórias possíveis, semelhantes às delas. Mesmo Com exceção de Ana Maria Gomes, que acabou seguindo os caminhos da luta armada, as experiências femininas da colônia de Osasco se constituíram no espaço da mediação: na passagem, na transição, na descoberta da política – mesmo que de forma dolorosa - e no autoreconhecimento advindo das práticas.

A trajetória de suas vidas, porém, não deve ser vista como militância, no mesmo sentido em que os homens atuaram. A única mulher da colônia osasquense a seguir os caminhos mais doutrinários e disciplinados foi Ana Maria Gomes, mesmo assim com críticas aos seus companheiros e ao movimento da luta armada. Risomar Fasanaro e

Helena, que tiveram maior formação intelectual e política na década de 1960 ainda assim não atuaram nas esferas de grupos politicamente organizados. O que realizaram foi ativismo feminino, que não se pautou por nenhuma doutrina ou orientação política. As ações da grande maioria das colaboradoras nasceram das necessidades, da espontaneidade e de sua própria condição socialmente construída. Amira Ibrahim apontou para esse aspecto de resistência feminina, fruto da sensibilidade e da afetividade:

Então, quando a gente se vê numa situação... Numa situação ruim... a gente vai à luta! Como todas foram! Todas! Não teve mãe, não teve irmã, não teve esposas de presos que não foram à luta pra tentar melhorar a situação! Isso era uma coisa do coração, como uma obrigação! Não exatamente uma obrigação... Vinha de dentro da gente! Eu era muito ligada à Iracema, irmã do Roque. A gente era muito ligada, lutamos na época da Anistia. **Talvez se a Sandra e eu não tivéssemos tomado tanto café no Dops, o Zé também não estaria aí!** (Amira)

Amira denominou suas ações como uma coisa do coração, muito próximo ao que Beatriz Sarlo defendeu como “política como paixão” ou a “lógica do afeto” pensada por Jelin. O ato de tomar café com os agentes da repressão, em sua casa ou nas delegacias foi lembrada por ela para mostrar a consciência de que suas táticas geraram frutos, dentre eles a luta pela Anistia. O café foi a metáfora para a negociação constante e a intervenção feminina nas relações de poder, que desestruturaram a lógica dos dominadores. As colaboradoras, além dela, demonstraram ter consciência dessa capacidade de resistência que caracterizou suas ações, a mediação constante que lhes permitiu defender os presos e lutar pelo retorno dos exilados. Foi uma ética movida pelo coração, como ela disse, diferente da militância orientado pelas instituições ou partidos políticos.

A ampliação de sua interferência nas pequenas esferas de poder, no entanto, transmutou suas táticas pessoais em atos políticos de grande importância para a vida de seus entes queridos e de tantas outras pessoas que contaram com elas. Seus relatos apontaram para o amadurecimento que conquistaram pela experiência, tendo a maior parte delas, nos anos 70 e 80, participado de alguma organização partidária, sindical ou religiosa.

As razões de sua entrada no mundo da política levaram-nas a ingressar “pela porta dos fundos”, como afirmou Iracema, não no sentido desqualificador, mas pela valorização do invisível e não reconhecido: a casa, o coração, a fé. Tornar-se ativista ganhou caráter incidental, decorrência da falta de opção diante das circunstâncias da

ditadura. Isso não significou que tivessem sido menos comprometidas do que a militância dos homens e mulheres responsáveis pela luta armada. As atitudes tomadas por elas significaram entrega e compromisso direto com a defesa da vida.

Eder Sader, referindo-se ao livro de Marilena Chauí, *Conformismo e Resistência* (1988), lembrou que o cotidiano não é, necessariamente, destituído da ideologia e do político, e que é possível enxergar na suposta resignação o inconformismo. O espaço dessas mulheres foi este, da ambiguidade, da tática cotidiana, fora dos estereótipos absolutos, conquistado todos os dias pela necessidade de mudança, o que implicou novo conhecimento sobre si mesmas. Houve uma noção de justiça e de direito na fala delas, promovida pelo desvio, das margens para o centro do cenário público.

Ter uma posição, defender seus princípios com relação à família e à luta dos seus companheiros foram também atos de resistência que desembocaram na formação da consciência política delas. A repressão à greve forçou que desenvolvessem leitura do mundo para que pudessem agir e isso promoveu em suas vidas a ampliação do cenário por onde poderiam se fazer presentes: nas igrejas e nas associações de bairro ou em grupos culturais. Maria Santana, por exemplo, apontou para a continuidade do trabalho da Frente Nacional do Trabalho e várias esferas sociais:

A gente continuou militando! Continuamos militando como cristãos, mas ilegalmente. Porque naquela altura tudo era ilegal, né? Tudo era ilegal. Contestar contra o sistema vigente!...Mas a militância continuou na década de 70 nas oposições, nos bairros, na favela, do grupo de mulheres, na comunidade, no lugar que a gente trabalhava... Era um trabalho mais social. (Maria Santana)

Depois da repressão à greve de Osasco, Risomar Fasanaro canalizou sua atuação para os festivais de música e para a produção de poesias. Ajudou a fundar uma vila de artistas em Osasco, que passou a interagir com a comunidade, enfatizando outra forma de se construir a política nos anos 70.

Agora, aqui em Osasco, em termos de cultura, o que foi muito importante foi a Vila dos Artistas, que era um local onde os artistas moravam e faziam arte, transmitiam arte pra comunidade. A Vila ficava no meio de uma favela e foi uma das coisas mais importantes, que eu acho, em termos de cultura dessa cidade foi isso, porque vi ali gente assistindo uma peça de teatro, vendo um filme pela primeira vez: se cutucava e ria, porque nunca tinha visto aquilo. E um ano depois estava participando de debate, dando opinião e tudo. As mesmas pessoas!! (Risomar Fasanaro)

Além da Vila dos Artistas, Risomar Fasanaro participou da construção de uma biblioteca para a comunidade, que iniciou utilizando livros de seu próprio filho. Essa atitude espontânea e quase individual teve efeito fundamental na comunidade e acabou por fazer crescer o seu projeto. A biblioteca, mais tarde, recebeu seu nome em homenagem dos habitantes à ação dela.

As narradoras procuraram enfatizar que sua atuação não foi afetada, apesar da ditadura militar. Continuaram a encontrar brechas em instâncias não abertamente políticas, mas que tiveram peso na conscientização e organização da população, assim como em sua própria formação. Suas experiências foram exemplos da movimentação social que ocorria em vários recantos do país.

Na década de 70, os discursos das esquerdas mais combativas e marxistas sofreram a derrota que abriu espaço para novas elaborações, na política, na arte e na religião. A Igreja Católica, influenciada pela Teologia da Libertação, ganhou ainda mais força nas Comunidades de Base, elegendo a justiça social como tema das pastorais. Para Eder Sader,

Contraposto à ‘morte’ referida ao egoísmo e ao comodismo, aparece a ‘vida’ da ação comunitária, visando uma ‘libertação’. Contraposto a um catolicismo centrado na salvação individual e no conformismo político, aparece um outro tipo de engajamento católico. (SADER, 1980, p.147)

Os grupos se espalharam por São Paulo – Vila Remo, Cidade Ademar, Cidade Dutra, em torno de dez comunidades, em torno do desenvolvimento da educação popular, com a retomada do método Paulo Freire. Em 1981, seriam em torno de 80 mil em todo o país. Não foi diferente em Osasco, na Grande São Paulo.

As narradoras fizeram referências às comunidades das quais participavam na cidade, ligadas à Ação Católica e à Juventude Operária Católica. Para elas, não era novidade a relação de um clero mais próximo com a comunidade. Os padres operários franceses já tinham criado vínculos fortes com as famílias e até mesmo com os membros do Grupo de Osasco. Pierre Wauthier e Domingos Barbé, sempre lembrados pelas colaboradoras como apoio nos momentos de perigo e abandono, teriam representado a possibilidade de conhecer e atuar numa Igreja mais humanizada. A prisão deles, narrada por Abigail, com tristeza, e o apoio que deram a ela e à Sônia na hora de seu parto, ou aos operários no momento da repressão à greve, já evidenciavam o elo entre a ação política e a religião. Na década de 70, no entanto, as atividades

femininas se intensificaram nos Clubes de Mães e nas Comunidades de Base, como continuação do ativismo que já haviam começado em 1968.

A presença da Frente Nacional do Trabalho (FNT), com forte influência católica, na organização da greve de Osasco, a partir do lema “ver-julgar-agir”, construiu o imaginário de uma “Igreja do povo”. Mesmo antes de 1973, quando Dom Paulo Evaristo Arns lançou a “Operação Periferia”, uma atuação missionária voltada aos pobres, este trabalho já havia sido iniciado na década de 1960, como lembraram Inácio Gurgel e José Groff. No caso das mulheres, Abigail, Teresinha, Sônia e Maria Santana, participavam, desde os anos 60, com seus maridos ou sozinhas, da Juventude Operária Católica e da Ação Católica Operária. Continuar nas Comunidades de Base e ingressar nos Clubes de Mães foi, para elas, a permanência de seu engajamento religioso e, mais tarde, político, acirrado no processo de redemocratização.

Compatibilizar o desejo de mudanças sociais com apostolado não representou, para elas, nenhuma contradição, a partir das novas lutas. Ser cristão era ser solidário, e elas se dedicaram a trabalhos sociais, na busca de melhoria das condições de vida e também na orientação de outras companheiras. Muitos delas estavam ligados a campanhas de fraternidade das igrejas, ou a associações da sociedade civil. Abigail lembrou a importância da participação feminina no Clube de Mães, o que ampliou o leque de preocupações e debates entre as mulheres:

Começamos a participar da comunidade e fomos percebendo. Tinha um grupo na comunidade que a gente começou a chamar de grupo de mães, mas na verdade o nosso trabalho não era com coisinha de crochê, essas coisas manuais que tem hoje, não. O nosso trabalho foi pra lutar por uma vida melhor! Era pra discutir. E a gente começou a prestar atenção às coisas que faltavam no bairro. E o que a gente começou a perceber... (...) Não tínhamos posto de saúde, não tínhamos creche, não tínhamos ônibus. A gente tinha que ir a pé, lá em cima, no Padroeira I, pra tomar ônibus pra ir pro centro de Osasco. Pegava os ônibus “assim”. A gente também conquistou a linha de ônibus. Aqui não tinha ônibus. Ele parava lá em cima!... E vinha cheio de molecada, cheio de molecada! Eles desciam tudo lá em cima. Era difícil tomar ônibus. A gente conseguiu que ele passasse por aqui. Percebeu que as crianças ficavam muito doentes. Por que as crianças estavam sempre doentes? Aquela diarreia que a criança tinha, aquilo era terrível aqui! Havia muito caso de hepatite aqui. E vimos, então, que o bairro não tinha nenhum saneamento básico! Não tinha esgoto. Não tinha nada! A sujeira corria pela rua a céu aberto! Não tinha orientação médica, nem creche, não tinha mercado. Nada. Nada. (Abigail Silva)

A lista de demandas apresentada por Abigail demonstrou que fora das prisões e das instâncias políticas outras ações puderam ser planejadas e construídas. O mundo

feminino, ainda marcado pela casa, mas cuja fronteira com o público havia se rompido, permitiu que fossem as mulheres ainda a perceber outras necessidades no entorno do bairro. Não era apenas a luta pessoal e política pelos entes presos, desaparecidos e exilados, mas também pela melhoria da vida cotidiana e ordinária também destruída pelo descaso do governo ditatorial.

O posto de saúde, a creche, o esgoto e o ônibus, elementos básicos para a qualidade de vida de seus filhos passaram a ser prioridades eleitas pelos Clubes de Mães. O espaço da Igreja, inclusive, não foi o único em que elas estiveram presentes: a conversa com vizinhas, procurando apoio para uma luta em comum, foi sendo articulada, numa continuidade ao apoio emocional e material que tinham recebido delas enquanto seus maridos estavam presos.

E aí a gente começou a se reunir, as mulheres, a ir pra rua, passar nas casas conversando. O que vocês acham da gente ter uma creche aqui? E se a gente fosse pra prefeitura pra ter uma creche aqui, pras crianças terem onde ficar? A mulherada trabalhava e deixava as crianças em casa. Arrumamos uma menina, uma assistente social, era esposa do Chapecó, o secretário do esporte. Começamos assim... Já era 1980, 1983... (Abigail Silva)

É importante notar a mudança que ocorreu em algumas trajetórias, como a de Abigail. O relato que iniciou falando de seu quase isolamento e solidão, enquanto seu marido fazia reuniões, passou a ganhar dimensão cada vez mais coletiva. O “eu” reduzido ao sofrimento e ao medo individual transformou-se em “nós”, no qual a narradora se incluiu. Sua narrativa indicou o processo pelo qual parte das mulheres fortaleceu sua autoestima e seu sentimento de pertencimento à comunidade.

A colaboradora mostrou que foram elas, num primeiro momento colocadas no âmbito familiar, que perceberam as doenças das crianças, a falta de infraestrutura do bairro, a ausência de direitos. A narrativa, então, apontou para o ganho político, que não exprimiu mais o sentido da defesa, da fuga e do temor dos anos 60 ou o desconhecimento das circunstâncias. Exigiu o reconhecimento do direito. Não mais se tratava daquelas mães que se reuniam “para fazer crochê, essas coisas manuais”, e sim de mulheres capazes de criar, mais uma vez, a possibilidade do gênero se transformar em luta.

O Clube de Mães não foi lembrado como o lugar para discutir “futilidades”: a novela, a roupa nova, as coisas cotidianas sem “importância”. Ele seria o espaço de

recriação da política por iniciativa feminina; lugar de coragem e apoio mútuo. Ali, Abigail assumiu a história, como conquista, depois do trauma que a marcou em 1968.

Então, a gente arrumou coragem e foi até a prefeitura... Com um monte de criança!! Não alugamos um ônibus, mas pegamos os carros e enchemos de criança! Aquele tapete vermelho da prefeitura era cheio de criança sentada!! Eles serviram até lanche pra gente!! Toda vez que a gente ia, eles iam ficando com medo!... Nós colocamos o nome de “Grupo da Saúde”. Então, o que a gente brigava? Brigava por mais benefícios na comunidade. Feira, creche, posto de saúde. Era muita gente pressionando... (Abigail Silva)

Abigail demonstrou que a história das mulheres também é a da luta de classes mais modestas, é parte dos que foram excluídos do poder não apenas institucional. Fez coro com outras vozes, de pessoas atingidas não mais pela perseguição política apenas. O que as moveu também foram problemas do cotidiano, ligados ao aumento do custo de vida, por dificuldades relacionadas à moradia, à falta de saneamento básico, de creches para seus filhos. As crianças, mais uma vez, eram sua estratégia, sempre no lugar de armas e do enfrentamento violento. Agora não mais para enganar, planejando pequenas táticas de resistência no campo do opressor, e sim para medir forças com as autoridades civis. Seu discurso deixou transparecer a força que adquiriram, invertendo as posições: “eles iam ficando com medo”.

Ainda lançando mão da performance de gênero, como mães, que traziam pela mão seus filhos, a quem deveriam proteger e por quem estariam reivindicando, elas se encorajaram fortalecendo sua “política do afeto”. Continuaram a perceber as vantagens e desvantagens da condição feminina num contexto predominantemente masculino.

As redes de solidariedade dos vizinhos, o cuidado e a maternidade se ampliaram para outras atividades de reivindicação atingindo as pessoas no bairro. Eram reivindicações menos perigosas, capazes de atrair as “pessoas comuns” até então despolitizadas. A cada encontro com as autoridades, principalmente tomando os espaços da prefeitura, o poder de negociação comunitário se fortalecia.

Eder Sader mostrou que experiências como as narradas por Abigail se repetiram por várias cidades, e a cada enfrentamento usando sua condição como mulheres, elas conseguiram dessacralizar o político e reinventaram mecanismos de pressão ao seu modo.

A atuação feminina, por vezes foi apresentada como peculiar, improvisada e cotidiana. Em alguns momentos, pareceu nascer das orientações religiosas ou das

necessidades mais diretas de sobrevivência. De toda forma, continuou a ser história de descoberta, não de alienação. Não é memória de clausura nem de passividade. As realizações femininas envolveram saídas e retornos, e constante negociação, mesmo no período da crise do “Milagre Brasileiro”, quando nova onda desemprego atingiu seus maridos e vizinhos.¹⁷⁰ Como exemplo de mediação feminina, adotada em várias casas, e de improvisação na transformação da vida, Abigail Silva enfatizou a história de solidariedade vivida por ela durante a crise que marcou o ano de 1974:

Todo esse tempo eu trabalhei, tirei uma lição de vida muito boa! Essa casa minha era um QG! A gente tinha um grupo que chamava grupo dos desempregados. A gente fazia um trabalho para comprar do agricultor os alimentos, um tipo de cooperativa. Trazia arroz, feijão... Aquele arroz branquinho, coelho, queijo, laranja, mandioca, verdura. Aí a gente mesmo distribuía, nessa cozinha... Juntava todo mundo! Íamos aos lugares que vendiam comida mais barato e comprávamos produtos pras pessoas desempregadas aqui do bairro. A gente conseguia doação de mercados, da feira... Tínhamos até uma recurso de pesar! Separávamos e dávamos pra quem precisasse. Cada um levava o que precisava. Vinha frutas, essas coisas todas. Tinha o pessoal que ajudava com cesta básica. O pessoal do mercadinho trazia café, açúcar. Cada um fazia uma espécie de uma cesta. Se a gente soubesse também de algum lugar com gente desempregada, já encaminhava pra lá. A gente chamava grupo dos desempregados! As pessoas eram solidárias! Essa casa já foi tudo quanta é coisa!! (Abigail Silva)

A experiência lembrada por Abigail esteve inscrita no Movimento do Custo de Vida, no qual os Clubes de Mães tiveram papel fundamental, a partir de 1973. Suas ações conseguiram contagiar a rede de vizinhos, os comerciantes, simpatizantes, que se na década de 60 foram solidários com as dores de suas famílias, mais uma vez se faziam presentes. Os relatos femininos não deixaram passar em branco esse auxílio material e emocional. Isso pressupõe dizer que mesmo não tendo sido combatentes explícitas contra a ditadura, essas pessoas anônimas para a história, mas não na memória das entrevistadas, tiveram contribuição fundamental para que pudessem sobreviver aos desafios inesperados.

A narrativa também fez perceber as várias dimensões que o espaço doméstico ganhou: “essa casa já foi tanta coisa!”. O sentido da moradia como lugar das conversas

¹⁷⁰ Com a crise do petróleo, em 1973, a ajuda estadunidense ao Brasil diminuiu drasticamente. Houve elevado índice de desemprego e a inflação disparou, provocando reações da sociedade civil como o Movimento pelo Custo de Vida e, mais tarde, o Movimento contra a Carestia. Liderados pelas Comunidades de Base, com forte participação feminina, eles chegaram a um milhão de assinaturas em vários abaixo-assinado apresentado ao Congresso e ao presidente Ernesto Geisel, que alegou serem falsos.

íntimas e do cuidado da família perdeu seus limites e atravessou as fronteiras, ganhando dimensão cada vez mais pública e coletiva. A cozinha tornou-se o espaço da comunidade, trocando ali apoio e comida, traçando planos para ajudar desempregados. Como já havia chamado a atenção Michelle Perrot (2001), a experiência dinâmica das relações de gênero permitem mostrar que o espaço privado nunca foi exclusivamente feminino e o espaço público pode ser tomado pela presença feminina. A memória feminina mostrou o quanto essas esferas foram e continuam a ser cada vez mais flexíveis e reinventadas.

Torna-se importante também perceber, como salientou Michael Pollak, o cruzamento das dimensões subjetivas e coletivas nas trajetórias individuais. As histórias narradas contam sobre o destino político e social em comum nas quais se inscreveram. As mulheres estiveram nos bairros, nas comunidades, na igreja, no processo de atuação ativa em busca da cidadania pessoal e coletiva: a creche e o posto médico para os filhos, a melhora na qualidade do transporte, no asfalto da rua, a segurança para sua família. Reconheceram-se como protagonistas da mesma luta realizada pelos homens, seja por motivações políticas ou pessoais. O “nada tenho a dizer” inicial transformou-se gradativamente em “quero dizer”.

7.4. A presença feminina na luta pela Anistia

Em 1975, dois grandes movimentos marcaram a luta política das mulheres brasileiras: a criação do Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA) e a declaração pela ONU do Ano Internacional da Mulher. Uma das fundadoras do MFPA, a advogada e presa política Teresinha Zerbini, chegou a comparecer ao Congresso Internacional de Mulheres no México, denunciando na tribuna livre as atrocidades cometidas contra os direitos humanos, diante da imprensa internacional e de milhares de mulheres.

A declaração da ONU dificultava que ações mais violentas tentassem impedir a organização feminina, que passou a crescer por todo país, formando comitês em defesa da libertação dos presos e da volta dos exilados. O movimento pela Anistia contou com a presença e organização das Comunidades Eclesiais de Base e das mulheres envolvidas com as demandas dos bairros. Esse processo culminou, mais tarde, no apoio de outros setores da sociedade, como artistas e intelectuais, ao pedido de Anistia Ampla, Geral e Irrestrita.

As colaboradoras, como Maria Dolores, Iracema, Amira, Sandra e Abigail lembraram sua participação no movimento de luta pelo retorno dos exilados e soltura dos presos políticos, na qual incluíram as mães de Roque e José Ibrahim¹⁷¹. Sem fazer referências a nomes de instituições e pessoas, elas se colocaram no processo de organização nas ruas em defesa da Anistia como lealdade aos seus parentes e amigos e em decorrência de seu envolvimento de reivindicações nos bairros.

A gente aqui esperava muito a Anistia, mas no começo achava impossível! A gente achava a Anistia im-pos-sí-vel! Mas foi lutar por eles! Foi muito bom!(...) Eu achava todo mundo calado! Pelo menos aqui ao nosso redor, achava o povo todo muito calado. Com muito medo!... A gente queria fazer manifestações, reunir o pessoal para conversar a respeito disso, do que estava acontecendo. Mas o povo recuava... Tinha medo! Eu tinha medo, mas como tinha um caso na família, achava que tinha que ajudar. Entendeu? Mas era muito difícil sozinha! Os meus irmãos foram muito pacatos! Eles ajudaram muito meu irmão, mas eles eram muito pacatos... Então, nós lutamos pela Anistia. (Amira Ibrahim)

Na minha cabeça era assim: se o meu tio fez tudo isso, eu vou ficar aqui parada?! Não pode! Sabe, não admitia isso! Era como se estivesse sendo desleal com ele. Entendeu?! (Sandra Nogueira)

A relação afetiva e de fidelidade foi apresentada como motivação da luta de Amira e Sandra, colocando-se à frente de pessoas que ainda tinham medo, mesmo os homens da família. Elas que haviam lutado por José Ibrahim tantas vezes nas delegacias, sentiram-se na obrigação de continuar o processo iniciado exigindo o seu retorno. Ao contrário do que havia acontecido até 1968, quando elas eram colocadas atrás dos homens militantes, o que seus relatos apontaram foi a progressiva responsabilidade que assumiram pela história.

As circunstâncias vividas nas décadas de 60 e 70 fizeram-nas tomar um caminho sem retorno. O rompimento com o patriarcalismo familiar, a necessidade de ocupar o espaço público e ao mesmo tempo politizar a casa, a transformação de atos individuais em solidariedade, percurso iniciado na década de 1960, as transformou e continuou rendendo frutos políticos e coletivos.

¹⁷¹ Sobre o Movimento Feminino Pela Anistia, no Brasil, existem inúmeros trabalhos. Dentre eles, cabe destacar a tese de doutoramento *Dimensões fundacionais da luta pela Anistia*, de Lucília de Almeida Neves Delgado, pela UFMG, 2003, e DUARTE, Ana Rita Fonteles. *Memórias em disputa e jogos de gênero: o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)*. Florianópolis, 2009. 209 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Maria Santana também participou do movimento pela Anistia, enquanto ainda militava na Frente Nacional do Trabalho. Suas ações, no entanto, foram ainda mais amplas, divididas também entre a militância com mulheres negras e o trabalho como enfermeira, num hospital. Articulou a luta sindical, política, de gênero e racial, atuando nas comunidades e em partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores, na década de 80. Sempre avessa a qualquer forma de controle e padronização, Santana criticou a arrogância de certa militância política e mostrou como a performance feminina do cuidado com o outro continuou a abrir brechas no enfrentamento da truculência militar.

Naquela época também, por causa da repressão, a polícia pegava e batia, e às vezes ela queria dar palpite sobre quem tinha que ser atendido primeiro. As enfermeiras obedeciam, tinham medo deles. Mas eu não tinha medo. Tinha que ter solidariedade, não escolher quem tinha que ser atendido ou não. Outra coisa: às vezes chegavam os investigadores com os presos, queriam bater, queriam judiar na minha frente... Eu falava não! Eles diziam: “Não, mas ele...”. Eu dizia: “Aqui não é tribunal! Eu sou responsável por isso”. Quando você dava plantão, você era responsável. Quando o hospital dava plantão, tinham mania de colocar três mulheres. Nós éramos em três, e a gente agia igualzinho! Um monte de coisa a gente questionava e não deixava fazer no hospital. (Maria Santana)

As temáticas levantadas pelas entrevistadas, como foi o caso de Santana, não estiveram centradas nas mudanças de gênero e na luta por direitos femininos, neste período. Não falaram sobre questões como o aborto, a sexualidade, a igualdade de direitos ou as relações de violência contra mulher. As preocupações demonstradas, pelo menos naquele momento, estiveram voltadas mais para os ganhos políticos e sociais de atividades das quais participaram. A atitude de se usar ainda o corpo feminino e a função de cuidadora – agora num hospital – para intervir na defesa de pessoas contra a violência arbitrária, mostraram que os direitos pelos quais lutavam tinham caráter humanitário mais amplo.

Seus relatos mostraram como abraçaram as causas populares com mais conforto do que os enfrentamentos com a ditadura, à procura de seus companheiros. Os espaços recriados por sua coragem, em meio ao medo e à tensão, entre 1968 e 1969, continuaram a se transformar a partir de suas relações com a Igreja e a negociação por direitos mais tangíveis e próximos de sua realidade, com as esferas públicas, no início de 1970.

O Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA), do qual as colaboradoras participaram, contou com manifestações semelhantes em países como Uruguai, Chile e

Argentina. Neste último, destacaram-se como exemplo de persistência feminina e visibilidade *As Mães da Praça de Maio*, contra todo aparato policial, em busca de seus filhos e da punição dos assassinos. Símbolos do sofrimento e da insubmissão à injustiça, essas mulheres assumiram o papel atribuído a elas como cuidadoras e responsáveis por seus filhos para exigir informações e o direito de enterrar os seus mortos.

Assim como as mães argentinas, as mulheres brasileiras iniciaram sua luta de forma espontânea, movidas por questões pessoais e amorosas, valores dos quais as narradoras não sentiram vergonha, porque considerado parte de sua constituição “natural”, no cuidado com o outro. Postaram-se diante do poder constituído cobrando a volta de seus familiares e a soltura dos presos, a partir de um papel que o mundo dos homens havia lhe atribuído. Iniciaram o processo timidamente, ocupando pequenos espaços nas ruas para depois ampliarem o número e a intensidade das manifestações, que culminaram na tomada da Praça da Sé e da catedral, em São Paulo. Marcaram sua presença em espaços públicos, afetadas como irmãs, sobrinhas, esposas, mães, dramatizando seu papel de gênero para atingir seus objetivos.

Levando em conta a concepção de gênero para Butler, suas ações constituíram-se como performance, mesmo que em nenhuma delas houvesse interesse claro em produzir efeito teatral ou estético. Os protestos tornaram-se rituais que, utilizando dos próprios corpos considerados frágeis, e da própria condição de cuidadoras, tornaram visíveis suas funções inscritas no mundo público.

Era o que se poderia esperar delas como mulheres: aquelas que tentassem proteger as famílias, colocando em evidência a condição que a própria sociedade e a ditadura atribuíam a elas: serem mães e esposas fiéis. Ali reunidas, seja em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre ou Buenos Aires, uniram-se aos seus pares e ocuparam os espaços públicos, esvaziados desde 1968, pacificamente. A presença delas tornava visíveis as suas dores, ainda mais acompanhadas dos filhos, parte de seu jogo, reafirmando sua maternidade. Tudo isso dentro de um protesto silencioso, sem alto-falantes, ações violentas e exageros. Somente pela utilização de seus corpos e, muitas vezes, de seus filhos, crianças que também legitimavam sua maternidade.

Eu participei muito, do movimento das mulheres, esses movimentos de mulheres. Todo movimento popular eu participava! Fomos pra Praça da Sé, todo lugar que o pessoal ia, eu ia também! Até teve um dia que eu fiquei muito assustada. Nós fomos na Praça da Sé, a polícia com os cavalos jogou em cima da gente. Eu estava com meu filho, esse que morreu... Ele era pequenininho, e a gente levava as crianças, levava as crianças pra tudo

quanto é lugar! Eles jogaram os cavalos em cima da gente, e a gente estava do lado da igreja. Aí, o Dom Arns pedia pra que a gente entrasse na igreja, e a gente entrou lá na matriz da Sé. A gente entrava tudo lá pra dentro com aquele monte de criança! Quase pisotearam meu filho! Na hora que eles vem tocar os cavalos encima, não tem muito jeito da gente sair, então eles jogavam cachorro, vinham com cachorro! De todo movimento a gente participava um pouco.(Abigail Silva)

No caso das colaboradoras, a Praça da Sé, antes palco dos embates masculinos como o Primeiro de Maio em 1968, recuperou seu valor político, naquele momento garantido pela ação e presença delas. Ao invés de bandeiras, paus e gritos de enfrentamento, elas colocaram Osasco no cenário público recriando os mecanismos de luta. Fazer-se enxergar em cena pública acabou sendo o recurso feminino para tornar sempre visível o trauma, a dor, a saudade e a fidelidade aos seus entes queridos; retomar e lembrar ao próprio regime o papel atribuído a elas pela sociedade patriarcal e conservadora; e jogar com ele para preservar e transmitir à sociedade a memória silenciada.

Elas se fizeram agentes da história sem portar armas ou atuar violentamente, colocando-se no campo político pelas regras criadas pelos homens e pelo regime militar. Se nas delegacias, souberam seduzi-los para visitar os presos, manipular, guardar bilhetes e tirarem vantagens da sedução gênero, quando seus companheiros estavam no Dops, no processo de luta pela Anistia não foi diferente. Só que a margem de atuação foi ampliada e publicizada.

As entrevistadas não se referiram ao movimento feminino como orientado por programas partidários ou como militância. As assinaturas em praça pública procuravam ganhar o apoio para uma causa humanitária, transformada em ato político.

O contato dessas mulheres com as igrejas, que se tornaram núcleos irradiadores da luta pela Anistia, apresentou-se como fortalecedor da crença no retorno de seus parentes. O papa Paulo VI recebeu uma carta do MFPA, que buscava cobrar a postura cristã de solidariedade e denúncia contra os direitos humanos, prática que voltava a existir mais explicitamente em vários bairros de São Paulo e Osasco. Teresinha Zerbini, fundadora do movimento oficial pela Anistia entregou, inclusive, uma carta ao presidente Jimmy Carter, denunciando as barbaridades cometidas pela ditadura e pedindo sua divulgação internacional.

Esses “grandes” e conhecidos feitos não foram mais ou menos importantes que ações como a de Iracema, ao colocar uma mesa em meio ao Largo de Osasco, ou da

mãe de José Ibrahim ao vender bijouterias para arrecadar dinheiro para o movimento. As atitudes lembradas pelas narradoras foram apresentadas como grandiosas, pela coragem e pelo rompimento que significaram com a invisibilidade feminina, processo cada vez mais nítido desde 1968. A sensação de maior proteção e de trabalho coletivo, além do eco que discursos em defesa dos direitos humanos estavam alcançando, fez com que passassem a se reconhecer como protagonistas do movimento de redemocratização. Os relatos de Sandra, Abigail, Iracema e Amira demonstraram orgulho dessas ações com caráter mais coeso e coletivo.

Apesar da dor, eu tinha esperança de que ele ia se refazer, e de que aqui tudo iria mudar. Por isso, comecei a participar dos comitês pela Anistia. Fiz parte do movimento pela Anistia, e houve pessoas muito boas que me ajudaram muito! A gente era muito pobre, mas conseguíamos sobreviver e sustentar o meu pai e a minha mãe. Eles ficaram sem salário, sem nada, porque eram os filhos que sustentavam a casa: um foi banido e o outro foi morto.... Eu participava fazendo amizade com as pessoas, trocando informações. Lutamos tanto pela volta dos exilados e pelo perdão aos presos políticos! Os presidiários faziam pulseiras, colares... A gente vendia no Largo de Osasco. Colhia assinatura... Lembro a mãe do Ibrahim vendendo coisas para libertar o filho preso. Arrecadávamos dinheiro também para viajar, se deslocar, verba para o movimento crescer. (Iracema dos Santos)

Tenho muito orgulho da minha avó! Nossa, uma mulher que batalhou muito! Pena que ela não está aqui, porque ela não ia deixar eu falar nem um pouco!! Ela tinha muita história! Eu me orgulho da minha tia Amira, por tudo o que ela faz. Ela viveu a vida do irmão dela. A Iracema, irmã do Roque, a gente chegou a ir junto no Largo de Osasco com uma mesa e colher assinaturas para a Anistia, lá na frente da estação de trem. Quando eu estava em Oslo, fazia parte da Anistia Internacional. Quando voltei, vi a Iracema e outras mulheres que não tinham parentes, mas foram ajudar a colher assinaturas pra Anistia. (Sandra Nogueira)

Os relatos orgulhosos testemunharam o desprendimento de mulheres que, com o processo da Anistia, ocuparam definitivamente o espaço público, com as mesas, abaixo-assinados e venda de objetos. Ainda com as bandeiras de ordem pessoal, transformaram sua afetividade em luta coletiva, em bandeira humanista. Diferente do feminismo europeu, que Sandra e Ana Maria conheceram e do qual participaram, com questões mais voltadas para temas e problemas de gênero, as realizações dessas mulheres nasceu ligado às lutas contra as ditaduras. Os relatos femininos mostraram isso, a força ativista mais do que a militância dentro de padrões predeterminados. Foi assim nos anos 60,

quando agiram pelas brechas do enfrentamento mais acirrado e ideologizado, e parece ter sido assim quando brigaram pelo retorno de seus entes queridos.

Munidas de afeto e coragem, lutaram em prol da liberdade de expressão, da proteção de sua família, da integridade de parentes presos e torturados, pelo retorno dos exilados. Juntaram-se a outras mulheres, vivendo a mesma dor e a mesma coragem, reinventando os canais de reivindicação: pelas margens em direção ao centro.

A fragmentação da ideia universal de mulheres foi demonstrada pela experiência delas, numa atuação não à revelia ou em oposição aos homens. Conjuntamente. A percepção do político no cotidiano e do afetivo no público, evidenciado pelas narrativas, colocou-as como pessoas ativas e não submissas diante da história. Em nenhum momento elas demonstraram ser vítimas passivas ou resignadas, mesmo nas situações mais agudas. Mostraram-se mulheres inventivas e solidárias, burlando proibições e regras, e astuciosas, usando do imaginário conservador para agir.

O gênero se tornou, assim, um modo de indicar as “construções sociais” dos conceitos que definiram as condições de homens e mulheres, em constante relação e transformação. As narradoras evidenciaram essa percepção, como constituídas e constituidoras de uma história em que a coragem e o afeto mostraram-se como valores alimentados na troca, na solidariedade e no respeito entre os gêneros e não exclusivos de um ou de outro.

Sandra Nogueira e Sônia Miranda falaram de escolha e de valentia contra o determinismo sobre as mulheres: poderiam ter ficado caladas, ter ido embora, se submetido ao papel reservado a elas; mas decidiram ficar e agir. Foram fiéis aos homens sem se resignarem. Assim como eles, fizeram história.

Naquela época era assim: todas as mulheres ficavam em casa, quietinhas, cuidando dos filhos, do marido, fazendo a comidinha... (...) Acho que quando isso tudo aconteceu, as mulheres que faziam parte das famílias desses guerrilheiros, automaticamente elas se tornaram as grandes guerrilheiras, as grandes lutadoras! Quem não saía de casa, da beira do fogão, lavando roupa de filho, de repente estava num movimento! (...)

Então, eu vejo assim, as mulheres são submissas entre aspas, porque não são! Isso de um modo geral, entendeu? Elas não são submissas! Porque pode ver: não há uma mulher que quando tem um problema, fica sentada. São raras as mulheres que ficam sentadas choramingando! Ela vai resolver de alguma maneira! Principalmente quando se trata de filho. Ela vai, vai, vai atrás! Faz qualquer negócio!

Acho que as mulheres que participaram dessa época toda, em 1968, nenhuma delas poderia imaginar que teria tanta força, que seria capaz de fazer tantas coisas! Eu me orgulho muito da minha tia, porque ela poderia estar tranquila, fazendo as coisas delas, ela estudava, tinha namorado, que é

o marido dela. Mas não! A gente praticamente largava tudo! Saí da escola, praticamente fui expulsa. Mas pra mim não interessava! Pra mim interessava que a gente tinha que ir, fazer alguma coisa. (Sandra Nogueira)

Eu vivi uma transformação. Não imaginava que poderia ter crescido como cresci! Poderia ter me rebelado, abandonado meu marido, saído da vida dele, mas estava convicta de que era o caminho!... (Sônia Miranda)

Sônia e Sandra apontaram para o processo de reconstrução pelo qual passaram e se reinventaram. Colocaram as ações femininas como escolha, como opção afetiva. Poderiam ter se rebelado ou se resignado, mas tomaram à frente da resistência. Sandra destacou a transformação radical daquelas mulheres restritas ao espaço doméstico, mas que diante dos problemas se sacrificaram, como ela ao ter que sair de escola, ou como muitas mães que mudaram radicalmente suas vidas por seus filhos. Ao mesmo tempo se libertaram, trilhando um novo caminho e reinventando o cotidiano. Por isso, é possível entender porque Sandra chamou a todas de “grandes guerrilheiras”.

Os papéis informais e as mediações sociais assumidos por elas desconstruíram as leituras já elaboradas e fixadas sobre o período e os protagonistas daquele momento. Como afirmou Marina Maluf, em seu trabalho com diários de mulheres da elite cafeeira no século XIX,

A perspectiva do cotidiano vem, assim, renovar, polemizar, ampliar e criticar o fazer história, que se faz e se aceita enquanto um conhecimento possível, que se constrói objetos de estudo em constante movimento e que coloca como desafio para o historiador o confronto entre a experiência vivida pelos indivíduos e os sistemas teóricos estáveis de pensamento. Dessa forma, a história do cotidiano se constitui numa abordagem essencialmente crítica, na medida em que demole construções abstratas e conceitos que não se ajustam às experiências e modos de vida concretos.” (Maluf, 1995, p.200)

Torna-se fundamental questionar a existência das fronteiras materiais e simbólicas que separam ‘o dentro’ e ‘o fora’, entre o espaço público da ação política e a esfera privada do espaço doméstico, no qual a vida feminina foi enclausurada socialmente. Na organização social, muitas vezes hierárquica e de prestígio, em que os homens construíram-se como guerreiros, a mulher agiu no âmbito privado, justamente seu espaço social legitimado. As mulheres osasquenses mostraram seu movimento não apenas na escola, na fábrica ou na luta armada. Na família também subverteram a ordem política e a própria relação entre papéis, desnaturalizando-os. Foi disso que falou Sandra Ibrahim quando lembrou seu avô apontando suas tias e esposa como os “homens da

casa”, mais corajosas do que os genros e filhos, assumindo decisões e enfrentando o medo.

O vazio deixado pela repressão às lutas tradicionais promoveu a demanda de ações públicas das mulheres, acostumadas a reservarem-se ao mundo privado. Estas, então, desafiaram a ordem estabelecida, transformando a sua própria vivência. A ditadura destruiu os meios de diálogo e interlocução, impondo a necessidade de novos mediadores. Ao assumirem esse papel, romperam com a hierarquia de sexo e atuação política e deixaram falar mais alto o espírito de iniciativa e o senso de oportunidade.

A Lei da Anistia, assinada em 1979, foi resultado dessa luta, construída em miúdo, cotidiana e persistentemente. Para homens como José Ibrahim e Roque Aparecido, foi motivo de festa, retomada da democracia e da própria vida. Os dois colaboradores voltaram antes mesmo que a lei fosse assinada, como forma de reforçar a pressão que se fazia no Brasil. Muitos exilados voltaram entendendo que era o momento certo, quando o presidente João Batista Figueiredo sinalizou com a Anistia, após o seu antecessor, Ernesto Geisel ter decretado a extinção do AI-5, em dezembro de 1978. O irmão de Amira foi o primeiro a voltar, a pedido de sua mãe e de seu advogado.

O movimento aqui estava se fortalecendo cada vez mais! Havia muita manifestação, de diversos setores da sociedade, pela abertura e consequentemente redemocratização do País. A Anistia política. Então, já dava pra gente ter essa certeza. E comigo aconteceu assim. Lá fora, por exemplo, eu participava de tudo quanto era ato de Anistia! Ou seja, na Bélgica, na Alemanha, na França, havia os comitês espalhados por tudo quanto é país! Comitês europeus. Aí convidavam a gente pra ir falar, para ir dar palestra, para participar de conferências. Então, eu estava participando de tudo quanto era isso! A gente estava bastante sintonizado com as informações daqui do Brasil... Eu voltei antes da Anistia, né? Voltei. (...) Ele e minha mãe me ligaram, e ele falou: “Olha, tem uma corrente de opinião aqui, da qual eu faço parte, de que você, como uma pessoa conhecida, um dos banidos mais conhecidos, devia voltar!”. Eu ainda brinquei com ele: “Boi de piranha?”. Ele pegou e falou assim: “Mais ou menos isso”!! Entendeu? “Você volta, vão te prender, porque você não foi Anistiado. Você tem os processos todos aqui. Vão te prender, mas o movimento segura! Vai ter uma manifestação e isso aí vai ajudar! Ajudar a fazer o movimento aqui, fortalecer o movimento aqui! O movimento está precisando de uma coisa assim! De um fato como esse! Então, você seria o primeiro banido a voltar!”.(José Ibrahim)

José Ibrahim fez ver a coragem não apenas dele em voltar, mas de sua mãe, pronta a recebê-lo e a enfrentar com ele as consequências de seu retorno. Ela, que já havia pegado suas coisas e, sozinha, teria ido para o exílio, preparou o caminho para que

ele chegasse, sendo usado como bandeira política para o reforço da luta pela Anistia. Aqui o pessoal e o político se fundiram claramente, com a mãe de Ibrahim transformando seu desejo e sacrificando a si e ao seu filho em nome do sonho de muitas outras mães e filhos. Sobre a atitude de sua mãe, José Ibrahim lembrou emocionado:

Olha, de toda a minha família, quem teve um papel importante na minha formação e tudo foi minha mãe!
(...) A minha mãe... Pô, desde que eu fui preso, ela sempre se virou muito! Ela foi conversar com o Dom Agnelo Rossi, na época, quando fui preso. Ela foi conversar com Dom Paulo Evaristo Arns. Tudo assim... Ela sabia que eu estava correndo! Ela foi, assim, a pessoa que mais se virou. E botava minhas irmãs, meus irmãos, tudo pra funcionar! Mas ela era a que comandava a coisa... (...) Mas quando cheguei no Chile, entrei em contato. Ela veio me visitar. A velhinha pegou um avião, veio me visitar!! Passou uns dias comigo lá. Depois, quando eu estava na Bélgica, ela também não teve dúvida: pegou, foi para a Bélgica, ficar uns tempos comigo lá! E ela estava participando da campanha da Anistia. Ativamente! E, lá em Osasco, ela participou. Era como nós! Ela ia de casa em casa, foi colher assinatura! Minha mãe é uma pessoa...! Sabia de tudo! Minha mãe sabia de tudo. Entendia! Minha mãe botou banquinha no Largo de Osasco pra Anistia!! Entendeu? (José Ibrahim)

A mãe de Ibrahim não foi apresentada como coadjuvante. Pelo contrário, seu relato revelou uma mulher que assumiu a luta contra a ditadura, mobilizando a família, indo para o exílio com o filho, assumindo a postura de mediação e porta-voz não só dele, mas de tantos outros que sofreram o mesmo destino. Ao falar de sua mãe, o narrador permitiu imaginar a prática de tantas outras mulheres que sentiram os efeitos da injustiça e que redimensionaram suas vidas em torno de seus filhos para que eles pudessem voltar ao Brasil.

Quando José Ibrahim voltou, o Estado havia preparado todo um aparato para que os banidos voltassem, antes de permitir oficialmente que isso acontecesse. Seu avião foi desviado para o aeroporto de Viracopos, na tentativa do regime de burlar as pessoas que se aglomeravam a espera dele. O longo interrogatório iniciado pela manhã e com duração até o início da noite provocou novo encontro de simpatizantes da “abertura política” em frente ao local onde estava reunido com a polícia. Seu relato mostrou o quanto sua volta significava para a sociedade civil, o quanto de esperança ele encarnava naquele momento.

Sabia que estava cheio de gente lá fora! Sabia que estava cheio de gente lá fora! Eles deixaram o Edibaldo e minha mãe ficar comigo, não na hora do interrogatório, mas num momento lá eles deixaram. Ficar comigo. E eu sabia o que estava se passando lá fora! Eles queriam esvaziar... Então, teve um

momento em que um dos caras que estava me interrogando disse: “Olha, tem uma proposta aqui pra você: a gente para com o interrogatório. A gente tira você pelos fundos. Você sai pelos fundos, e a gente te leva até Osasco. Te deixa lá em Osasco. Mas você não sai pela frente. Que aí ter tumulto, vai ter problema”. Eu peguei e falei: “Não! Nem amarrado vocês me tiram daqui pela porta dos fundos! Eu vou sair pela frente!! Se quiser continuar o interrogatório, o problema é de vocês, ué?! Uma hora eu saio, vocês vão ter que me liberar. Eu não saio pelos fundos, não!”. (José Ibrahim)

“Eu vou sair pela frente!!”. A expressão aqui significou entrar vitorioso para a própria história. Todos aqueles que foram obrigados a deixar o país e puderam um dia retornar, provavelmente sabiam o sentido da frase de Ibrahim. Já haviam saído uma vez pela “porta dos fundos”, escoraçados e humilhados, tratados como antipatriotas. Reencontrar-se com os perpetradores e poder olhá-los de frente, assim como serem recebidos pela população civil que se movimentava para que esse momento acontecesse, deve ter sido grandioso. As palavras emocionadas do narrador mostraram que ele tinha consciência da importância de “entrar pela frente”, de ser o precursor do processo que não se encerraria ali.

Então, é uma tremenda de uma emoção a gente, depois de dez anos fora, reencontrar os amigos. Reencontrar! Encontrar os familiares, reencontrar os companheiros, não é? E estar na sua terra, na terra em que você nasceu, no bairro em que você nasceu! Foi uma emoção muito forte. Muito forte! E é uma coisa que você nunca mais vai esquecer. Esse momento! Foi o momento que eu esperei durante dez anos lá, pra... Pra acontecer! E de repente você está ali! Com os seus!! Estar no meio de todo mundo! Isso aí foi, realmente, assim, do ponto de vista pessoal, uma coisa muito, muito forte, muito emocionante!!

E do ponto de vista político, você saber que estava ali porque as pessoas lutaram... Entendeu?! Houve vitórias, houve conquistas! O movimento social no Brasil conquistou, conquistou a democracia, conquistou a abertura! Já estavam a um passo da Anistia. Afinal de contas, o fato de eu estar ali, de eu estar ali... (José Ibrahim)

Sua história se fundiu com a de tantos outros: os que foram, os que ficaram. Homens e mulheres. Entendeu que havia entrelaçamento das experiências e esforços, lá fora e aqui. Ao se referir às conquistas, José Ibrahim pareceu retomar todo o processo de lutas que se iniciou na fábrica, no movimento operário, não apenas na luta armada. A democracia seria, enfim, resultado de uma luta coletiva. Ele pode sair pela porta da frente, acompanhado das mulheres que protagonizaram a história que o trouxe até ali.

Sandra, no final de sua narrativa, expressou ideia significativa dessa luta conjunta, em que as subjetividades estiveram emaranhadas pelos laços afetivos:

No final das contas, acho que valeu tanto a pena que não poderia ter sido diferente! Se não, como o Zé ia ficar? O que o Zé ia ser? O Zé nasceu pra ser isso! O Zé nasceu pra ser o Zé Ibrahim. Do jeito que ele é, as coisas que ele fez. Ele não teria feito nada diferente. E ele não teria sido o que é se não fosse pelo apoio que demos a ele. (Sandra Nogueira)

7.5. O dever de memória contra a injustiça da Anistia

Memória e verdade, memória e justiça, memória e reparação. No contexto de lutas políticas em torno do passado, esses binômios ganharam força em países da América Latina que foram marcados pelos regimes autoritários e pela violação aos Direitos Humanos. As comissões da verdade legitimaram o testemunho e mostraram o quanto a memória é campo de lutas políticas e debates em torno dos acontecimentos traumáticos que marcaram as sociedades latino-americanas. Silêncios e lembranças foram selecionados, estratégicos, posicionando grupos que se dispuseram a olhar o passado nacional de formas diferenciadas.

Os silêncios notados foram e são muitos por diferentes razões. Ligados aos que vivenciaram situações limite e não querem se ferir ou causar mais ferimentos a outros; para cuidar e preservar entes queridos; para continuar vivendo; para evitar culpas; pelo temor de não ser ouvido ou compreendido. O silêncio enquanto direito de não lembrar. O esquecimento é seletivo, afirmou Pollak. Para poupar pessoas, apagar memórias indesejadas, dolorosas, comprometedoras, as humilhações e medos. Lembrar o tempo todo das perdas, mortes e torturas seria insuportável.

Existem os silenciamentos, produzidos pela repressão do Estado, pela história oficializada pelo vencedor, que encerram em espaços íntimos as lembranças e as dores mais traumáticas; da violência de quem calou; da indiferença de quem não vivenciou. A interdição como dever ou apatia, alimentada pela ausência de respostas jurídicas e institucionais sobre a abertura de arquivos e responsabilizações, sobre mortos, desaparecidos, enlouquecidos ou esquecidos.¹⁷² Revanchismo e “ondas de rancor e

¹⁷² Segundo o Supremo Tribunal Federal, que votou contra a rediscussão da lei da Anistia, em 29 de abril de 2010, evitar abrir a “caixa-preta” seria impossibilitar que rancores e ressentimentos viessem à tona, promovendo assim a reconciliação social, como forma de “se seguir em frente”. <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=125515>

violência” devem ser evitadas, segundo essa posição, num pacto social, o “dever do esquecimento”.

Enquanto isso, movimentos sociais que lutaram pela redemocratização, nos quais se incluíram os entrevistados neste trabalho, interpretaram a Anistia “ampla, geral e irrestrita” como acobertamento de abusos, da política declaradamente de perseguição e da violação dos direitos humanos. Para eles, a Anistia foi feita única e exclusivamente para proteger o interesse de seus algozes, a fim de que não fossem julgados pelos crimes cometidos contra a humanidade.¹⁷³

Os crimes cometidos deixaram marcas dolorosas na história brasileira, conduzindo sua memória a um estado de enfermidade. Para que houvesse a possibilidade do perdão, de fato, seria preciso enxergar ferimentos e cicatrizes a partir do posicionamento crítico da memória, não no sentido do lamento paralisante e passivo e sim da atuação pela mudança, pelo reconhecimento de erros e abusos e a decisão por não mais repeti-los. Nesse sentido, a análise de Maria Dolores Barreto apontou para o passado como ferida ainda aberta e para a necessidade de se conhecê-lo. Passado que, para ela, representou uma grande perda – repetida enfaticamente na narrativa - decorrente dos possíveis erros cometidos.

Hoje fico pensando... Politicamente falando, foi uma perda muito grande! Foi uma grande perda! Eu acho que eles foram inexperientes. Eles podiam estar vivos... Eles podiam ter seguido outro caminho! Podiam estar vivos aí. Foi uma perda realmente muito grande!! Eles tinham muito ainda pra fazer!... Eles tinham muita coisa pra fazer... É uma coisa que eu sinto... Por um lado, a morte deles foi uma coisa assim que ficou e que vai continuar na História, mas que podia ter sido diferente... (Maria Dolores)

A ucrônia ganhou espaço no lamento, o desejo de que a história tivesse sido diferente e que as vidas pudessem ter sido poupadas. A utopia teria um custo alto para seus defensores. Da mesma forma, para Helena, o presente seria o momento para pensar

¹⁷³ Em 24 de novembro de 2010, a Corte Interamericana, contrariamente à decisão do Supremo Tribunal, condenou o Estado brasileiro por omissão com relação à discussão da Anistia e as políticas de reparação, determinando, dentre outras coisas, que “os autores de violações não poderão beneficiar-se da Anistia, enquanto as vítimas não tenham obtido justiça, mediante um recurso efetivo. (...) a supressão das leis de [Anistia] é impostergável, e deverá ocorrer de maneira que não possa delas decorrer obstáculo normativo algum para o julgamento de fatos, como os que constituem o objeto da presente causa. Os beneficiários dessas leis não podem invocar nem a proibição de retroatividade da lei penal mais grave, nem a coisa julgada. [A] sujeição do Estado brasileiro à jurisdição interamericana impede que o princípio de “irretroatividade” da lei penal seja invocado para descumprir os deveres assumidos, em matéria de perseguição de violações graves dos direitos humanos”. http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_219_por.pdf

sobre os erros que sacrificaram aquela juventude, assumir os exageros e avaliar o passado sem ilusões.

Muitos entendiam que daria, mas era quem estava muito longe da realidade! Quer dizer, revolução aqui era utopia: onde estavam as armas?! Onde estavam os homens, não é?! Foi um esforço do Lamarca, lá de Quitaúna, roubar aquele caminhão e o Barreto estava junto! Mas era UM caminhão de arma, fazendo uma revolução, e depois o Exército estava muito preparado, e quem não sabia que a CIA estava apoiando o Governo?! Tudo mundo sabia! Queriam se meter com que arma?! A greve e a guerrilha não tiveram força. Conseguiríamos não!... (Helena Pignatari)

Os erros cometidos, no entanto, não invalidaram a luta contra a ditadura militar. Para Maria Dolores as vidas sacrificadas, inclusive a de seu irmão, Barreto, teriam deixado o legado da Anistia e da democracia.

Olha, elas foram necessárias, porque, assim, você pode perceber que a Anistia veio logo depois da morte do Lamarca e do Barreto, do Marighela... Depois disso, eles viram que não era mais necessário... O medo deles, o perigo maior, o maior perigo que representava pra eles tinha acabado, não existia mais. Precisou acontecer essas coisas pra gente conseguir a liberdade... Eu acho assim, pelo menos veio a Anistia, uma coisa que ainda é entre aspas porque as pessoas não sabem o que aconteceu e têm preconceito contra quem lutou. Naquela época não se podia abrir a boca, não se podia falar, fazer nada, você não tinha liberdade pra coisa nenhuma, então acho que foi preciso acontecer essas coisas... Agora, a Anistia não pode ser injustiça! (Maria Dolores)

“Anistia não pode ser confundida com injustiça!” Essas palavras da irmã de Barreto colocaram em evidência que as perdas humanas, para serem válidas precisam ser conhecidas e justificadas pela memória e pela responsabilização. Os testemunhos sobre as barbaridades vividas funcionariam como denúncia e capacidade de julgamento, contra o espetáculo e banalização das dores.

Com um passado indisponível, a memória tornou-se refém do trauma e passou a repeti-lo: ao fugir das recordações a dor não só permaneceu; ela se intensificou. Para quem não vivenciou o período do regime autoritário brasileiro, o vivido, pode conhecido pelas narrativas que representam e reconstroem o passado para ser compartilhado pelas diferentes gerações e grupos sociais. Trata-se do que Passerini chamou de intersubjetividade social, quando as memórias se entrelaçam.

Nesse sentido, as colaboradoras e colaboradores pretenderam fazer-se ouvir, aliando memória à injustiça. Houve o apelo ao interlocutor para que a história contada

fosse compreendida como um lamento indignado sobre a estupidez humana, o impensável, a violência do acontecido.

Muita coisa poderia ter sido evitada, casos de desumanidade... Talvez, não sei... A gente não pode saber, não pode adivinhar... Aconteceu tanta coisa, morreu tanta gente, foi injusto, sem motivo! Não teve sentido aquela repressão, aquela violência... Por nada! Nada! (Sônia Miranda)

Às vezes eu penso que, que não passei tudo isso. Mas, será que a gente passou mesmo por tudo isso? Será que eu não estou sonhando? Porque foi muito duro, gente! (Risomar Fasanaro)

Contra a interdição imposta pela violência truculenta e pela história legitimadora de certa memória, tornou-se desafiador falar, remexer no dolo, na experiência ignorada durante tanto tempo. Sônia e Risomar revelaram as feridas da memória, provocadas por ações tão absurdas que pareceram fazer parte de um pesadelo. Dar o testemunho sobre isso representou oferecer ao outro um pouco de si, doar-se, esperando a audição e a compreensão do ouvinte para o sofrimento coletivo. Reconstituir-se.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. “ (POLLAK, 1992, p.200-212)

As narrativas demonstraram que o período de repressão deixou legado de feridas que ainda não foram cicatrizadas. As torturas e os assassinatos, promovidos pelos agentes públicos nessa mesma época, deixaram marca traumática em nossa história que a transição democrática não foi capaz de apagar. O trabalho de luto coletivo, a fim de apaziguar nossa relação com o passado doloroso, foi-nos negado na medida em que a abertura ao futuro se deu à custa do apagamento dos rastros, dos documentos e dos crimes.

A transição para a democracia no Brasil perpetuou a interdição na esfera pública, impulsionado especialmente pelo advento da lei de Anistia e, por isso – como lembrou Maria Dolores – confundiu-se com a injustiça, sob o lema de uma amnésia institucional, geral e irrestrita. A desumanidade das perseguições e das torturas não levou a debates mais profundos sobre as punições, a culpa assumida publicamente e a organização da sociedade em busca de mortos e feridos. Pregou-se a Anistia como conciliação e

esquecimento. Anistia, legalidade e prescrição tornaram-se mecanismos de utilidade pública, evitando processos, limitando reparações, preservando-se a ordem social. No lugar do enfrentamento, intentou-se por meio deles, o desconhecimento, a inércia e a inação social. Nenhuma dessas estratégias, no entanto, foi capaz de apagar os rastros deixados pelos acontecimentos traumatizantes sobre o que as colaboradoras e colaboradores insistiram em narrar.

Os relatos não apresentaram apenas visões e elaborações sobre o passado, pois forneceram também interpretações sobre o presente. Apelaram contra a surdez que pode levar à solidão e manter vivos os fantasmas e traumas não elaborados, manter a possibilidade da repetição daquilo que a sociedade precisaria lembrar para ter o direito de esquecer. Para Paulo Endo (2010), a palavra reinventada é a forma de atormentar a interdição, atordoando os sentidos possíveis que repousam magnânimos no silêncio. Para seguir vivendo, é importante recordar aquilo que pode ferir, revisitar a própria dor, deve valer a pena pela expectativa de que a justiça se cumpra, feridas sejam finalmente curadas, por meio de sua apresentação e ressignificação.

Na medida em que a memória intersubjetiva da colônia de Osasco foi sendo partilhada pela expressão oral, construiu-se continuamente uma comunidade de narradores. Também buscaram uma comunidade de escutadores, pelo desejo de torná-los ecos daquilo que se dispuseram a contar e que durante muito tempo permaneceu vivo na memória familiar ou nas rodas de amizade que mantiveram.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989: 4)

A memória proibida, clandestina, da qual falou Pollak, procurou conquistar o espaço público com suas reivindicações e cada vez mais assumiu a disputa pela memória. Lembranças traumatizantes que estavam vivas nas relações entre os narradores, sem nunca terem desaparecido, vieram à tona buscando reconhecimento. As zonas de sombra e não-ditos permaneceram, constantemente se deslocando. No ato da narração, constituiu-se a transmissão da experiência coletiva, de um passado que não passou. “É ferida aberta”, disse Risomar Fasanaro, “que ainda sangra”. Por isso, a necessidade de insistir no esclarecimento dos crimes e do processo de luta no qual estiveram envolvidos com toda carga de emoções, todas as frustrações e sofrimentos.

Procurei contar a história, a história verdadeira.... Coisas acontecidas com a gente. Então, isso é uma contribuição nossa para as pessoas. Uma história real! Uma história vivida, e que vai contribuir com os jovens, jovens estudantes, os que vieram depois... Para saber o porquê da liberdade, o porquê da democracia. Que alguém sofreu, alguém passou coisas ruins para que isso viva para os jovens, os professores, para quem quiser nos ouvir... (Teresinha Gurgel)

Eu acho que essa história não foi ainda suficientemente explorada, suficientemente contada, é uma história que precisa ser contada! Porque as pessoas só dão importância naquilo que elas conhecem! Quando elas conhecerem verdadeiramente como foi a greve, o que aconteceu, o que foi a ditadura, então, elas começam a dar importância, mas se não sabe, é claro que, não...né? (...) Eu gostaria que as pessoas conhecessem bem essa história, essa época da Ditadura, pra valorizar mais a época que nós estamos vivendo, porque foi conquistada duramente: muita gente perdeu a vida pra que hoje se pudesse falar, pra que hoje se pudesse ter liberdade! (Risomar Fasanaro)

As narradoras procuraram deixar uma mensagem às novas gerações, como ensinamento e reconhecimento, apontaram para sua contribuição histórica: o legado da democracia a partir dos sacrifícios e ações de sua geração. A liberdade, em especial, foi palavra evocada com emoção por ambas, como conquista que precisa ser valorizada.

Claro que tudo isso tem que ser lembrado! Vejo hoje em dia, até em faculdade, você vai e não vê! Olha, esse caso, essa história, tinha que ter tido maior repercussão, tinha que estar em todo lugar, em toda escola. Não só a história do Zequinha, mas toda essa história! (...) Tinha que ser uma coisa levada pras escolas, porque é uma coisa que não pode ser esquecida. Acredito que essas vitórias que conseguimos até agora devem-se a essas pessoas. Foram elas quem começaram, lutaram e trouxeram as mudanças. Isso tudo é uma resposta que hoje nós estamos tendo daquilo que elas fizeram. Essa história não pode ser esquecida, e acho que ela não está sendo reconhecida como deveria. (Maria Dolores)

Enquanto a memória coletiva se constituiu e se fortaleceu para a colônia osasquense, desenvolveu-se também o desejo de publicização da história conjunta, como necessária para que a sociedade brasileira pudesse conhecer e compreender seu passado traumático. As narrativas não apontaram apenas para a identidade do grupo; também para a construção de outra história, múltipla em suas versões, semelhante a outras experiências vividas no país naquele momento.

Roberto Espinosa foi ainda mais longe, colocando a experiência que vivenciou como concretização de uma história maior, na qual teria se constituído. O processo

social e as ações por ele sofridas ou realizadas não lhe pertenceriam; estariam além dele como indivíduo. Eles seriam fruto de forças históricas que atingiram toda a sociedade e deixaram sequelas. Por isso, caberia à sociedade conhecer o peso delas sobre sua vida; assim como a ela deveria ser dado também o direito de esquecer.

É que esses fatos, que eu pus lá, por exemplo, eu não sou dono deles! E, eu apenas estava lá! Eu não sou o autor deles, quer dizer, eu não sou o agente principal! E, eles passaram por dentro de mim! E, esses momentos acabam me utilizando como se eu estivesse incorporado divindades históricas... É... É... Como é que chama? Enfim! Como se tivesse incorporado uma figura! E, então, não são meus! Eu estava lá, outras pessoas não estavam! Quem não estava tem o direito de saber! Ou porque não tinha nascido, ou porque estava num outro ponto da geografia do País! E, enfim! Desde que elas queiram saber também... (Roberto Espinosa)

As palavras de Roberto Espinosa transformaram sua trajetória pessoal numa parcela de eventos da humanidade, emaranhada à “grande história” e significativa por isso. Ao mesmo tempo em que esteve lá, os fatos não lhe pertenceram. Por isso, deveriam ser doados à comunidade que não os vivenciou, tornando-se conhecimento para modificar o presente. Haveria uma dívida com o passado, com os que pereceram, e uma dívida com o presente, com aqueles que nada sabem sobre o valor da democracia e que precisariam tomar conhecimento de crimes cometidos, não apenas contra os colaboradores, e sim potencialmente contra qualquer pessoa.

Para que esse direito e dever de memória sejam cumpridos, no entanto, é preciso tornar pública cada história contra outras estratégias de subjetivação e outros discursos que quisessem deslegitimá-las, chamando-as de revanchistas, e questionar o direito não apenas às reparações; principalmente o direito a nomear os culpados e com eles estabelecer um confronto político, histórico e até mesmo jurídico.

Alguns setores sociais, inclusive da imprensa, apresentaram o intuito de virar a página com relação aos acontecimentos desse passado, defendendo a memória de reconciliação, sendo utilizadas recentemente para isso explicações questionáveis como a afirmação de que o que houve no Brasil, ao contrário dos demais países latinoamericanos, foi uma “ditabranda”.¹⁷⁴

O que esse discurso não levou em conta foi que a Lei da Anistia, assinada em 1979, foi fruto da luta e da pressão de setores populares que, de certa forma se sentiram

¹⁷⁴ A expressão “ditabranda” foi utilizada pelo editorial do Jornal Folha de São Paulo, no dia 17 de fevereiro de 2009, provocando intensa reação de protestos em frente ao jornal, dos que foram perseguidos ou tiveram parentes assassinados durante a ditadura militar.

derrotados, pois não contemplados por ela.¹⁷⁵ A lei, chancelada pela própria ditadura, impediu discussões mais aprofundadas sobre as feridas abertas, a violência, os algozes, as culpas e punições. O uso de expressões como regime, revolução, subversão, terroristas, crimes conexos, reconciliação, interrogados e desaparecidos, no lugar de golpe, ditadura, resistência, crimes contra a humanidade, justiça, torturados e assassinados, afastou a discussão sobre os crimes cometidos pelo regime militar, substituindo um imaginário por outro. A narrativa, portanto, tornou-se estratégia de luta no campo das memórias, selecionando as lembranças válidas.

Dessa forma, para Paul Ricoeur, a Anistia política trata da verdadeira amnésia institucional que convida a agir como se o fato não tivesse ocorrido. Para ele, todos os delitos do esquecimento estão contidos nessa incrível, para não dizer “mágica”, pretensão, de apagar os vestígios das discórdias públicas. Enquanto amnésia comandada, ela dissimula um passado declarado proibido. Não tem, entretanto, a capacidade de provocar o seu total esquecimento, provocando justamente o contrário: cada vez que o sujeito ou o Estado tentaram submeter as lembranças a um processo de amnésia forçada, estas tenderam a retornar com mais força, uma vez que elas se constituíram como trauma para o indivíduo ou para a sociedade. Se os regimes ditatoriais tiveram sempre a intenção de calar e de desaparecer com as falas, as democracias fizeram o elogio ao discurso e proporcionaram a oportunidade das memórias caladas se manifestarem.

7.6 Narradoras e narradores aconselham...

Quando as narradoras e os narradores citaram nomes e passagens dolorosas vivenciadas por eles e por conhecidos, remeteram-se a experiências semelhantes num contexto de opressão; pretenderam que o esclarecimento pudesse promover a compreensão mais ampla e daí o exercício do direito democrático de escolha, a partir do saber, entre esquecer e lembrar, de forma consciente. Uma decisão coletiva da colônia que implicou olhar o passado como inacabamento, como diria Walter Benjamin.

Os testemunhos mostraram que o projeto democrático não se constrói sob o manto da interdição imposta ou de uma identidade manipulada por uma memória rígida e

¹⁷⁵ A lei no. 6.683, de 28 de agosto de 1979, assinada pelo presidente João Batista Figueiredo provoca até hoje debates em torno de expressões como “crimes conexos” para os quais se concedeu o perdão. Uma das principais polêmicas, no entanto, se mantém sobre a ideia de que a tortura pudesse ser considerada crime político e que por isso pudesse ser considerada passível de Anistia.

acabada. As interpretações são integrantes da nossa relação com o passado e com a nossa identidade. É preciso reconhecer sempre a força das narrativas como um elogio ao discurso:

Pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela. (...) Recriar o que já passou (...) é uma experiência purificadora e libertadora, pois através da ‘mágica da memória’ pode-se ter a ‘sensação catártica de botar para fora tanta coisa guardada, de exorcizar fantasmas do passado (...)’ . (ARRIGUCI apud MALUF, 1995, p.32).

Expor dores pela narrativa-testemunho pode trazer alívio e, mais do que isso, pode tornar-se terapêutico se significar a releitura e a transformação do presente. No contexto atual de discussões sobre reparações, aberturas de arquivos e Anistia, pode significar um grande “ajustes de contas” com a história traumática.

Os entrevistados, ao contarem e refletirem sobre suas histórias, mostraram que foram capazes de agir, de se responsabilizar e de se narrar, dispondo-se a lembrar de tempos difíceis, das experiências traumáticas, e torná-los públicas, para que se reconheça a pluralidade de vozes e versões, se garanta a palavra aos mais diferentes grupos, principalmente aos que foram silenciados, e se construa um país democrático.

Os traumas históricos dependem da sustentação que a rede de narradores pode produzir, cobrando do Estado e da sociedade uma resposta a esse conhecimento produzido pelas próprias narrativas. Se o Estado e a sociedade receberem seus relatos/denúncias com indiferença, a tortura e o sofrimentos permanecerão legitimados, permitindo o que Jaime Ginzburg (2010) chamou de “esquecimento como catástrofe”. Se o dano sofrido e silenciado for reconhecido e os testemunhos conseguirem instaurar a responsabilização e a reparação, não apenas financeira, mas acima de tudo ética, creio que haverá um processo terapêutico, permitindo a inscrição social e elaboração do trauma histórico, e a mudança diante da dor antes restrita ao privado e agora publicizada.

O campo da memória é campo de conflitos, porque as narrativas das vítimas das ditaduras sustentam a ideia de “nunca mais”, o que não significa esquecer, deixar para trás o passado, ignorá-lo. Significa o desejo de que as barbaridades sejam lembradas para não se repetirem jamais.

Se os jovens, hoje, não tiverem a coragem de fazer o que fizemos, eu gostaria que pelo menos eles contassem aos seus filhos o que aconteceu conosco! Porque nunca sabemos o que nos aguarda no futuro. Eles têm que contar para seus filhos, para que tenham o conhecimento de toda a violência e da luta que vivemos, tudo o que sofremos! O futuro é incerto... (Iracema dos Santos)

O que colaboradoras e colaboradores pediram às novas gerações inclusive é o que Mary Marshall Clark considerou ser a companhia para “ir ao fundo do poço escuro” e voltar. Quiseram que a comunidade de ouvintes se tornasse participante do evento traumático, colocando-se no lugar da vítima por um momento, para que o testemunho coletivo pudesse assumir seu lugar e sua importância para o presente. O ato de compartilhar a narrativa deu significado ao difícil processo da memória, rompendo com o escudo de proteção contra as próprias palavras que remontaram ao evento traumático.

Nesse sentido, os testemunhos não foram monólogos. A possibilidade de ser ouvido atentamente, a solidariedade e o suporte que olhos e alma puderam representar para cada um deles, pode promover o alívio na rememoração, a re-externalização de um acontecimento que não permaneceu no passado, continuou a se presentificar, sendo reelaborado.

A memória coletiva de mulheres e homens pode promover o esclarecimento, a explicitação e compreensão do horror no passado, e ao mesmo tempo a discussão sobre as violências cometidas no presente, sobre as responsabilidades de quem violou, de quem continua cometendo crimes e de quem olha tudo isso com indiferença. Mais do que acusação ou queixa, o que para Ricouer seria permanecer “confortavelmente” na posição de vítimas, a questão importante foi que a busca de esclarecimento sobre suas experiências tornou-se uma forma de agir no presente, saindo da acusação para as reelaborações coletivas no presente. Risomar Fasanaro lembrou as atrocidades que se perpetuaram no presente; o passado sendo usado como farol para iluminar as injustiças que permaneceram:

Eu gostaria que as pessoas não desprezassem isso, vissem esse momento que a gente está, atualmente, vivendo, com grande seriedade, analisasse tudo que essas pessoas que sofreram durante a ditadura passaram e fizeram, pra que hoje elas gozassem de liberdade e que esse país passasse a respeitar mais os direitos dos outros e, antes de condenar, primeiro, dessem chance às pessoas, dessem voz às pessoas que estão sendo incriminadas, muitas injustamente. Muitas pessoas estão sendo incriminadas injustamente... (Risomar Fasanaro)

Assim como o terapeuta pede ao seu paciente para parar de “gemer ou esconder de si próprio o seu estado mórbido”, a história oral testemunhal pode promover ao indivíduo e ao grupo coragem de olhar a experiência traumática como um adversário digno, parte da própria vida, de onde seja possível repensar sobre os acontecimentos, as dores, os sonhos, e tirar elementos para refazer continuamente a vida ulterior, a subjetividade e a identidade.

O dever da memória é o dever de se fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si. (...) é chegado o momento de recorrer a um conceito novo, o de dívida, que é importante não confinar no de culpabilidade. A ideia de dívida é inseparável da de lembrança. Somos devedores de parte do que somos aos que nos precederam. O dever da memória não se limita aguardar o rasto material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, diremos, mas também submeter a herança a inventário. (RICOUER, 2007, p.101)

As sequelas psicológicas e históricas desse passado têm duração transgeracional, e por isso os acontecimentos devem ser conhecidos, debatidos. A impunidade dos torturadores, a lei de Anistia, a continuidade da opressão em outros termos, a negação do reconhecimento social e jurídico dos danos sofridos, tudo isso deve fazer parte, como dívida e reconhecimento, da memória dos jovens, responsáveis também pelo porvir. As narradoras falaram com orgulho sobre o quanto a participação de uma “memória por tabela”, que também passou a ser delas assumidamente, transformou a vida de seus filhos e netos:

Eu conto essas histórias pra minha filha, lógico! Nossa, minha filha tem uma fixação, uma adoração pelo Zequinha! Ela quer saber de tudo que aconteceu, ela diz: “Ai, mãe, tenho muito orgulho de ter nascido nessa família! De ter o meu tio Zequinha”. Ela fala dos outros tios também. E ela tem muita...ela tem um jeito... É uma pessoa assim!... Ela tem todo jeito, tem facilidade de discutir, de defender uma idéia, de defender alguém, de defender o lado que ela acha que é certo. Ela tem essa facilidade, mais do que eu! De certa forma, ela levou a memória da família!! (Maria Dolores)

A memória narrada oralmente foi apresentada por Maria Dolores como compartilhamento e dívida. Também orgulho e terapia. Os filhos passaram a serem mediadores e transmissores das lembranças que não foram deles diretamente, mas que lhes permitiram se sentir parte do passado de luta em um tempo que não viveram. Como ouvintes/testemunhas, tornaram-se responsáveis pela continuidade da memória dos que,

de alguma forma, estiveram ligados afetivamente a eles, nem que pelo imaginário. Nesse sentido, foi significativa a fala de Maria Dolores sobre o orgulho que sua filha disse sentir sobre seu tio, José Campos Barreto – ao mesmo tempo o jovem Zequinha.

Assim também a história recontada por Amira e Teresinha aos seus parentes, foi tratada como dever; continuidade do grupo que viveu aqueles momentos da ditadura, ao mesmo tempo construção de nova comunidade responsável por retransmitir o conhecimento e os significados que a resistência de seus entes queridos produziu. Lembrar foi, acima de tudo, aprendizado para quem narrou e para as futuras gerações.

Essa história vou contar pros meus bisnetos, pra todo mundo! Com muito orgulho! Criei muita força! Força pra lutar e ir atrás do que eu queria. Brigar pelos meus direitos. Enfrentar! Enfrentar a situação. Isso meu irmão deixou pra mim... Ser mais corajosa. Quando o calo aperta, a gente vai à luta! Quando aconteceu tudo isso, a gente foi à luta! Á procura do bem estar dele! E de outras famílias também. (Amira Ibrahim)

Então, eles sabem de tudo, tudo o que aconteceu na nossa vida. Eles sabem. Tudo, tudo, eles sabem. Hoje que eles são adultos, né? (...)Tudo que eu passei... Ficar sem o marido... Tudo que passamos! Foi a minha grande dor.!... Mas a lição a gente tira da dor é que vale a pena. Valeu! Valeu a pena pra vocês, hoje, terem a liberdade que vocês têm! Que meus filhos têm! Que meus netos têm! (Teresinha Gurgel)

As mulheres assumiram sua história de dor e coragem e se colocaram no papel de perpetuadoras da experiência no seio da família. Continuaram assumindo-se como cuidadoras, mas agora no sentido mais amplo e politizado: aceitaram, com orgulho, esta condição, já repensada e transformada por elas numa perspectiva ativa.

Os filhos, que não vivenciaram as situações a que seus pais foram expostos, herdaram deles os medos e as dores; foram aprisionados, segundo Ricouer, num “já vivido”. Passaram a ter suas vidas atreladas à de seus antecessores, passando a assumir, muitas vezes, o compromisso de contar, avaliar, aliviar. Eles participariam do “dever” de romper os “pactos silenciosos”; herdaram muitas das esperanças e senso de justiça, construídos por seus pais. As mães, narradoras, pensaram ter sido essa também a validade de seu sofrimento:

Criei minhas filhas dentro desses conceitos, elas sabem de toda a história. São cidadãs que se indignam com a injustiça; não querem para ninguém o que não querem para si. Criamos, assim, cidadãs no sentido da palavra. E companheiras também, que são pessoas conscientes e comprometidas com a

solidariedade, a ética, a justiça. Nossas filhas são pessoas que querem um mundo diferente. (Sônia Miranda)

Meus filhos são participativos... (...) Ia pro diretório do PT, ficava o dia inteiro com os estudantes, discutindo política! Você acredita numa coisa dessas?! (Abigail Silva)

Meus filhos são formados e falam que é uma das coisas que mais marcaram a vida deles.... Foi a honestidade do pai deles. (...) De ter feito isso, lutado.... Isso levou pra toda a vida deles! (...) (Teresinha Gurgel)

Os filhos foram apresentados como os portadores dos valores construídos: justiça, participação política, honestidade. Conceitos que as narradoras acreditaram ter nascido de suas práticas juntamente com os seus companheiros. Mães e pais tornaram-se exemplos para eles. Com as lembranças dos eventos protagonizados por seus progenitores, os jovens também herdaram os seus significados.

As mulheres mantiveram a mediação, agora entre as gerações, enxergando em seus filhos a continuidade do já vivido e sonhado, extrapolando a casa e o tempo. Segundo elas, de tudo resultou o grande aprendizado, “valeu a pena”, pois a experiência não se perdeu; ganhou sentido, permitindo ensinar. Aquilo que Walter Benjamin chamou de perda ou declínio de comunicabilidade da experiência pode ser recuperado por meio de relatos como esses. Se os provérbios, conselhos e as narrativas transmitidas de geração em geração se perderam na velocidade da técnica, muitas vezes a serviço da produção da morte, eles não se perderam de todo. Num mundo em que o passado e a experiência dos velhos já não servem de referência para alguém se orientar, em meio à surdez paradoxal diante de informações e estímulos, a memória dessas pessoas resiste, e quer dizer.

Já que os eventos passados são inapagáveis e não se pode desfazer as ações bárbaras, nem mudar os erros no processo de luta, desfazendo o que aconteceu, é possível ressignificá-los, pois os sentidos não estão estabelecidos de uma vez por todas, e as novas gerações podem pensar sobre outra história, da qual são frutos.

A memória permaneceu em aberto, num tempo que não se concluiu, pois está aberto a interpretações, análises e recomeços. Sua carga moral e afetiva pode ser reavaliada, pois com as lembranças compartilhadas, refazem-se, também, projetos e expectativas futuras, pessoais, políticas e sociais, num acerto de contas.

As indenizações e o perdão podem curar as feridas e os efeitos perversos da impunidade? Quando novos sítios de tortura e cemitérios clandestinos são denunciados e descobertos, quando os grupos de familiares se frustram na procura e não encontro de corpos de seus familiares que morreram na guerrilha, quando aqueles que foram torturados assistem seus algozes aparecerem, sem vergonha nem culpa, em programas de televisão ou exercendo cargos públicos, como imaginar que as prisões, os sequestros, as vigilâncias, os estupros, o abandono, as mortes, possam ser pagos e apagados com a Anistia?

A própria política de indenizações também foi motivo para que alguns narradores vissem o processo de reparação como moeda política, dentre as relações de poder no presente. Helena Pignatari lembrou aquelas pessoas, inclusive ela, que não receberam amparo algum do Estado e não foram incluídas na política de indenizações:

Quanta gente se sacrificou! E quem recebeu indenização é quem conseguiu o poder! Os intelectuais todos, os “uspianos”, Fernando Henrique Cardoso e a “corriola”, e mais o próprio PT, todos eles foram indenizados. Eu estou na fila há trinta anos querendo que me indenizem... E consigo alguma coisa?! Não consigo nada! Pisei no calo de muita gente lá! Então, não dá! (Helena Pignatari Werner)

A memória dos narradores não se opôs apenas ao esquecimento, e sim à memória considerada injusta, aquela que defendeu a prescrição dos crimes bárbaros do regime militar e negociou feridas, tornando o tempo mais importante do que as obrigações éticas, jurídicas e humanitárias, e ignorando a culpabilidade dos torturadores e assassinos.

O ressentimento passou a ser considerado como obstáculo ao andamento do país e à paz nacional, até mesmo à democracia, entendida por alguns setores conservadores como concordância, inclusive em torno de um passado aceito e legitimado. Ricouer fala da capacidade mágica da Anistia, que faz desaparecer o acontecido. A negação prevaleceu: não se torturou; se admitir-se que torturou, não foi uma pessoa e sim o Estado; ou não foi o Estado, foram “loucos”; não se matou, as pessoas desapareceram; se morreram, não se sabe onde estão os corpos; se há corpos, não há punição pois houve o perdão: de quem?

Ao se defender a Anistia, tirou-se da população o direito de conhecer e de discordar, opinar, e escolher o que deve ser lembrado ou esquecido, perdoado ou punido; condenaram-se os dissidentes à vida subterrânea, mais uma vez, e impediu-se

que o passado fosse revisto, analisado, e que sua carga traumática fosse superada. As referências aos tratamentos terapêuticos, os remédios para amenizar a dor, as lembranças que apareceram involuntariamente e que os narradores quiseram esquecer, fizeram parte dos relatos. A memória se remeteu, inclusive, à tortura que nunca acabou, na repetição dos sonhos, no cansaço, nos problemas de saúde, na imbricação do tempo da desestruturação e do renascimento.

Sabe que muito tempo depois eu ainda sonhava?! Sonhava comigo fugindo... Sonhava com eles me perseguindo... De vez em quando eu tinha esse tipo de sonho. Hoje já não sonho mais não, porque é possível contar!... Com a Anistia em 1979, deu uma melhorada. Fiquei mais tranquila. Mas até então eu tinha muito medo... (Maria Dolores)

Não posso mais ter agitações, porque o meu problema cardíaco foi fruto do excesso de agitação, vamos dizer assim. Excesso de trabalho, excesso de preocupações, de tensão, digamos. A terapeuta diagnosticou como síndrome de stress pós-traumático, como quem esteve em guerra. (Ana Maria)

As palavras que Ana Maria utilizou mostraram o trauma de sua experiência: a “síndrome de guerra”. A discussão em torno do que ficou, sua permanência latente, poderia ser a possibilidade de dizer as dores, cobrar as faltas, exalar ressentimentos pessoais e históricos. Nomear os criminosos, fazer um exercício público de acusações, revisão de faltas, projetar caminhos de superação e de construção de um país mais democrático. Como diz Maria Dolores, os pesadelos puderam acabar, pois foi possível contar.

A memória daqueles que viveram sob a ditadura, sofreram e ainda sofrem seus efeitos, assumiu papel perigoso para alguns grupos, denunciando que o presente se assenta sobre mortos, desaparecidos e violados; expôs àquele que lembra repensar sobre o sofrimento, e ao que ignora a oportunidade de olhar para trás com os olhos no presente; conhecer-se e reconhecer-se como parte de uma história coletiva, repleta de acontecidos e de potencialidades; reacendeu a batalha pelo significado do passado, do presente e do porvir como construções humanas, vivas. As palavras de Roque Aparecido foram significativas sobre isso:

Mas ainda hoje é um motivo de orgulho para mim, e acredito que para toda aquela geração que viveu intensamente aquele momento, ter lutado. Porque foi uma geração que se entregou por inteiro. Cada um se entregou por inteiro

a uma causa... Uma causa que tinha como aspiração a liberdade! Uma causa libertária, uma causa de justiça, de igualdade, de fraternidade, de carinho. Entende? E para realizar esse sonho, não importava que sacrifícios implicariam. Então, é realmente um orgulho muito grande ser dessa geração! (Roque Aparecido)

Para a maioria dos colaboradores e colaboradoras envolvidos na greve de Osasco, o testemunho apresentou-se como afirmação e crença numa utopia que foi defendida e pela qual ainda se vive. Revelou processo inacabado de luta pela liberdade e pela justiça. Falou-se em nome de uma geração que doou sua vida pela fraternidade e cujo sonho que não parou no tempo.

Na finalização de suas narrativas, eles evidenciaram sempre um ensinamento, um conselho, a ideia de que haveria tanto a se fazer. Para isso, seria preciso lembrar, conhecer, reconhecer-se. O passado foi apresentado como idealização, no sentido de que “valeu a pena”. Esteve presente nos testemunhos a concepção benjaminiana do balanço da experiência, dos sacrifícios exigidos pela história, dos quais não se arrependeram, e a perspectiva de que sonhos ainda devem ser realizados. Com dignidade, lições foram e poderiam ainda ser tiradas, validadas para o presente.

Sei que essa vida foi uma escola para mim, e que também foi azar meu ter nascido nessa época. A história exigiu de mim muitos sacrifícios!... Mas hoje continuo acreditando que as pessoas têm que crescer, têm que conhecer melhor seu líder, sua família. Enfim, sua comunidade. Continuo a trabalhar na comunidade, na prefeitura, apesar de já estar aposentada. Acredito que posso ajudar, com minha experiência, a produzir alguma coisa boa. (Sônia Miranda)

No meio de tudo isso eu pensava que as pessoas deveriam se envolver mais! Que o cidadão deveria se envolver mais nessas questões. Todas! Sair pra rua mesmo! Sabe? Protestar! Sempre achei isso. Até hoje acho isso! As pessoas têm obrigação de exercer sua cidadania. Entendeu? Você não pode ficar calado. Você tem que ir à luta. Você tem que brigar! Você tem que se impor! (Sandra Nogueira)

Sônia e Sandra demonstraram ter tirado lições de sua experiência e assumiram sua história com propriedade. A coragem para protestar, o sacrifício, a não resignação tornaram-nas pessoas que continuaram a desejar a participação e a intervenção nos acontecimentos. Definiram-se como cidadãs.

A ideia da luta pelos direitos e a não acomodação também estiveram presentes na avaliação final de Abigail. A mulher do interior, grávida, dona de casa, despreparada, que temia ficar sozinha e não entendia as reuniões de seu marido em 1968, deixou ver a mudança promovida pela experiência da greve e da resistência à ditadura militar. Por isso, ter vivido o sofrimento valeu a pena.

Não me arrependo de nada disso, mas acho que não estava preparada para aquilo! Não tinha ideia de que ia ter aquela dimensão, ia dar em tudo aquilo. Não estava preparada pro que aconteceu! Não me preparei... (...) Foi muito sofrimento, mas valeu a pena! (...) Hoje as pessoas se acomodaram. Reclamam do preço do ônibus, do bairro, mas não brigam. Eu digo pra elas: “Vai brigar! Não fica aí parado!”. Quem disse que se você brigar nada vai mudar, eles não vão fazer nada?! Fazem sim!! Mas é preciso se organizar, brigar! (Abigail Silva)

As colaboradoras reconheceram a continuidade dos problemas e movimentos sociais, nos quais ainda estavam inscritas e cobraram ações da comunidade. Isso mostra que quando saíram de casa no ano de 1968 se recusaram a voltar na mesma condição. Transformaram-se e exigiram transformações. Lutaram e ainda mantêm a bandeira da justiça social.

Hoje há tantas coisas pra gente resolver ainda! Se as pessoas não se multiplicarem nos bairros, as crianças, como é que vai ser? As pessoas estão preocupadas com lixo, com meio ambiente, com a água, podia estar puxando isso pra luta! Pra outras coisas! Tem que dar uma motivação pra esse povo! (Maria Santana)

Acho que fiz... Apesar de toda uma reflexão crítica... Fiz o que era historicamente mais avançado na época. Se a gente não tivesse feito tudo o que a gente fez, se eu não tivesse tido a experiência que tive, não pensaria, não veria o mundo como vejo hoje. Não teria, porque ainda continuo acreditando que é possível construir uma sociedade mais justa, mais harmônica, onde as diferenças sejam respeitadas. Acredito nisso, e acredito que para isso ainda são importantes os movimentos sociais. Eles é que são os atores dessas mudanças. Por isso que a minha opção foi pelos movimentos sociais. (Ana Maria)

A experiência dessas mulheres, que em vários momentos lembraram sua ignorância diante do mundo, foi apresentada como força, aprendizado. E a lição aprendida tornou-se lição cobrada: é preciso que as pessoas continuem o que foi começado. A ação das mulheres reinventou comportamentos e espaços, politizando aqueles que não o eram. Sua memória coletiva transmutou as imagens do passado em ideias de continuidade, procurando manter a unidade daquilo que no passado foi

impedido, rompido: o tempo ucrônico da justiça, da luta na família, no bairro, na política. O tempo da possibilidade.

Por meio das narrativas, o testemunho restaurou resíduos da existência e permitiu transmitir conhecimentos e experiências de índole coletiva, que podem servir de exemplos para novas estratégias, novas conquistas. Os relatos repletos de emoção, de indignação e de esperança mostraram que possível fazer diferente diante do que está dado.

As mulheres que entrevistei quiseram deixar claro o seu orgulho, a descoberta de si mesmas e a construção de uma nova forma de contar a experiência coletiva, em que se colocaram como protagonistas. Assim falaram Ana Maria, Sônia e Iracema:

Não me arrependo de absolutamente nada! Tudo foi válido. Posso dizer que dei sentido à minha vida. Dei sentido para ela. A minha vida poderia ter sido algo muito medíocre. Eu poderia ter tido uma vida extremamente medíocre! E eu dei sentido pra minha vida. Fazendo um balanço hoje – acabei de completar sessenta anos – eu olho e digo: “*Eu vivi! Eu vivi. Eu não passei.*” (Ana Maria)

Eu vivi uma transformação. Não imaginava que poderia ter crescido como cresci! Poderia ter me rebelado, abandonado meu marido, saído da vida dele, mas estava convicta de que era o caminho!... (Sônia Miranda)

Pensar na vida que tive no Paraná, e depois em toda a experiência da greve, da perda e sofrimento dos meus irmãos... E, ainda, sentar na mesa com o governador para discutir a Anistia... *Viver o que eu vivi!* (Iracema dos Santos)

As expressões, usadas no momento da avaliação, apresentaram dimensão de empoderamento. “Eu vivi”, ideia repetida de forma semelhante em várias narrativas, foi mais do que uma constatação óbvia; demonstrou que elas não passaram pela história, não foram resignadas. Assumiram compromisso com a vida. Foram vitoriosas. “Entrar pela porta dos fundos” e depois “sentar-se na mesa com o governador para discutir a Anistia”: eis a grande transformação, constatada e admitida com altivez por Iracema.

Contar junto revelou-se “celebração da vida”, à qual Inácio Gurgel também se referiu, no final de seu testemunho. Celebração devido à possibilidade da sobrevivência e do recomeço contínuo, que implicou em não “deixar para trás” amigos, parentes, sonhos e esperanças. Elas fizeram questão de afirmar a continuidade de sua atuação na

história do país, como organizadoras das comunidades de base, da igreja, do feminismo, de movimentos sociais. Como afirmou Risomar Fasanaro, “as coisas não têm a sua importância pelo tamanho do tempo, pela dimensão do tempo do acontecido”. A greve de Osasco se estendeu para longe em suas trajetórias de vida, tornou-se símbolo de reconstrução, em que a intensidade do vivido projetou-se em inacabamento, pulsando sempre.

Para Halbwachs, a verdadeira protagonista da história é a memória coletiva, sempre em confronto com a história e com ela disputando a verdade. A memória coletiva “tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela”, por meio da mitificação, reinvenção e atualização dos acontecimentos que poderiam permanecer desconhecidos. Roland Barthes (1990) falou da linguagem como testemunho, explicação e ensinamento. O narrador conta o mundo para o mundo, faz um acerto de contas com o tempo, renova-o e renova-se. Analisa e organiza o seu tempo – sempre passado e presente cruzados – com mensagens que procuram aconselhar sem esgotar-se, sem ser exato. Verdadeira e falsa, inteira e repleta de interditos, assim é a memória, um artefato que tudo quer abarcar e significar pelas palavras e que sempre tem ainda algo a dizer, a projetar.

O passado é repleto de projetos que não foram cumpridos, porta aberta, possibilidade múltipla. Não é apenas um cemitério de promessas e sonhos, pois sob a figura da utopia as narrativas demonstraram que os sentimentos, ressentimentos e desejos continuaram acesos como parte do passado que não acabou, reavivado pela memória e pelo viver. Isso tudo ainda fez doer, chorar, emocionar, sonhar e projetar expectativas.

Há a necessidade de um trabalho de transformar essa cultura, despertar e construir a consciência de que todos têm direito a uma vida digna! E aí podemos avançar na realização daquele sonho que, em mim, nasceu em 66, 67, 68... Enfim, nos gloriosos anos 60! O sonho não ficou lá atrás! Ele acompanhou e vive ainda hoje. O sonho é o mesmo, entende?

A juventude dos anos 60, de 1968, buscou e continua buscando construir um futuro diferente. É importante que todos assumam com seriedade a responsabilidade com o futuro da nossa sociedade. A responsabilidade com o futuro da humanidade, entendida não só como a totalidade do mundo, mas como cada cidade, cada bairro, cada favela. O sonho não ficou lá atrás... (Roque Aparecido)

Eu acho que a gente tá aqui nesse mundo como se a gente estivesse em uma corrida de bastão, né? Então, eu recebi e, eu recebi o bastão e tenho que passar pra frente, não é? E, não tenho lá muita esperanças de ver mudanças

radicais enquanto eu viver, até porque quantos anos mais eu vou ter de vida, eu não sei, né? E também não sei quanto tempo vou ser lúcido, né? As coisas podem acontecer e a gente não tá sabendo, mas de qualquer maneira, enquanto eu tiver condições eu pretendo continuar dando meu recado. (Albertino Oliva)

A experiência foi apresentada, assim, como continuidade, responsabilidade dos narradores e dos ouvintes. Dar o testemunho do que se viveu seria contribuir para a manutenção de um sonho coletivo, ainda a ser redimido pelas novas gerações.

Sei que se Osasco não se cuidar, tudo isso vai por aí, vai ficar sem história. Os velhos habitantes, os nascidos lá como eu, são uma geração que já está morrendo... São todos velhos! Chegou muita gente de fora, sem interesse cultural pela cidade, só interesse econômico! Exploração econômica, de mão de obra. E cultura?! Cadê a Cultura de Osasco? O que se escreve sobre Osasco? Onde é que está a história de Osasco?! Não é possível que uma cidade tão importante esteja jogada às traças dessa maneira! Entre outras coisas, é obrigação do governo financiar um pouco a história de Osasco. Precisa! Senão vai sumir tudo! Daqui a pouco não tem mais nada! E os velhos vão morrendo e não vão fazendo depoimento nenhum! (Helena Pignatari)

O testemunho tiveram sentido de ensinamento e também de apelo, porque tornaram responsável quem viveu e quem deve contribuir para dar a conhecer as experiências vivenciadas pela colônia. Diante dessa dívida que eles têm com as novas gerações de contar, a exigência ética de tomar a história como referência para continuar a caminhar, tornou-se uma necessidade.

Se as pessoas no presente forem tocadas pelas histórias deles, atingidas pela força de suas lembranças, elas poderiam tocá-los de volta com sua compreensão, solidariedade, tornando-se disseminadores de experiências que transformaram em conhecimento. Nesse sentido, quem ouve assumiria o papel de testemunha, como afirmou Gagnebin (2006) ao falar sobre os testemunhos, não porque viu com os próprios olhos e viveu diretamente os acontecimentos, mas porque não vai embora diante do silêncio e do narrado.

Para ela, caberia ao ouvinte suportar junto com o narrador o peso de suas fragilidades, como num revezamento, não devido à culpa, “mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.” (Gagnebin, 2006, p.57)

O trabalho com história testemunhal mostra que diante dos entrevistados também somos testemunhas da superação, da confiança, da esperança, do sorriso otimista, da própria grandiosidade da vida. Não há como não celebrá-la diante do outro que se abre para nós. Por isso, não é necessário se sentir culpado por não termos vivenciado a dor, sermos frutos dessa história violenta e impune. Aqueles que ignoraram o passado, e que não conheceram a privação da palavra, do direito de ser e de viver, podem exercitá-la para ampliar a reflexão e a discussão sobre o passado e as permanências, sobre a importância da humanidade, do insubstituível no mundo do descarte, sobre se importar em meio à indiferença.

Há um papel que ultrapassa a Universidade, o Congresso e as instituições jurídicas. É o espaço do simbólico, da redenção de um passado que, segundo Benjamin, permanece em aberto, revelando que a verdade histórica que trinfou não era a única possível. As histórias de vida podem mostrar amplas possibilidades de repensar (“escovar a contrapelo”) a história em uma dimensão atenta aos aspectos da resistência presentes na experiência. O que nos cabe como ouvintes é não ir embora e não deixar que a vida seja deixada para trás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes dentes não caíram sozinhos. Foram arrancados à força. Esta cicatriz que marca meu rosto não vem de um acidente. Os pulmões... A perna... Quebrei a perna quando escapei da prisão ao saltar um muro alto. Há outras marcas mais, que você não pode ver. Marcas visíveis no corpo e outras que ninguém pode ver. Se quebro a pedra, estas marcas somem. E elas são meus documentos, compreendes? Meus documentos de identidade. Olho-me no espelho e digo: 'Esse sou eu', e não sinto pena de mim. Lutei muito tempo. A luta pela liberdade é uma luta que não acaba. Ainda agora, há outras pessoas, lá longe, lutando como eu lutei. Mas minha terra e minha gente ainda não são livres, e eu não quero esquecer. Se quebro a pedra cometo uma traição, compreendes?

Nesse trecho do famoso livro de Eduardo Galeano, *A Pedra Arde* (2000), o menino Carassuja encontrou uma pedra com poderes mágicos de rejuvenescimento e a ofereceu a um homem velho, feio e só que não o reprimira por tentar roubar uma fruta e por quem teria desenvolvido certo sentimento de pena. Encantada com a descoberta e com a possibilidade que ofertara ao velho de recuperar sua juventude e agradecer-lhe sua ajuda, a criança não entendeu porque alguém tão marcado por cicatrizes e pelo sofrimento recusaria tocar na pedra que arde e que poderia fazê-lo esquecer do passado. Enfim, o velho lhe revelou suas razões: o direito e o dever de lembrar e de carregar suas marcas, não seriam apenas particulares, mas frutos da experiência coletiva, da identidade que não deveria ser esquecida e sim, honrosamente, preservada.

Galeano expôs metaforicamente o grande problema inaugurado, segundo Walter Benjamin, a partir da Primeira Guerra Mundial, e acentuado nos anos 1970 pelo processo de inovação tecnológica, cultural e moral: a dilaceração da experiência pela aceleração do tempo, quando o novo se impõe enquanto libertação e ruptura com o passado. Experimentamos ainda os efeitos desse tempo avassalador: a destruição das memórias pela velocidade tecnológica e pelo poder massificador dos meios de comunicação; o presentismo, criador e criação dos homens modernos em busca do imediatismo; a construção da indiferença humana diante da sobrecarga de informações e imagens atroztes que esmagam nossa sensibilidade tornando-nos meros expectadores diante da vida. A “pedra que arde” e seduz é o tempo que faz desaparecer o elo entre as gerações e reduz a experiência, o sentido da narrativa e o significado do passado à “coisa morta”, a ser esquecida.

Nessa quase ausência de espaços para a memória, o corpo e a voz passaram a ser o portal para a construção dos marcos de autorreconhecimento e autodiferenciação, sinais de pertencimento afetivo, num mundo que dilui emoções e ilusões rapidamente e esfacela os meios para a memória. A modernidade criou o misto de desejos e prazeres consumíveis, efêmeros e líquidos, e relações facilmente diluídas pela facilidade e rapidez temporal.

A banalização da violência, apresentada continuamente pelos canais de televisão como espetáculos a serem digeridos como “normais” também provocou a sensação de frustração no espírito e o cansaço físico, que transforma traumas individuais e coletivos em fatos aceitáveis, relegando-os ao silenciamento doloroso. Assim é ainda quando se trata da ditadura militar no Brasil, amplamente divulgada como evento, sem tratar das experiências dolorosas, dos efeitos físicos e psicológicos, das feridas. Mais terrível do que isso, talvez, seja a negociação dessas lembranças com a política de indenizações utilizada pelos governos democráticos. Afinal, num mundo onde as relações são mercantilizadas e em que se exige que o conhecimento tenha sentido prático, mesmo as relações mais íntimas e o sofrimento receberam preço no sentido de sucumbi-los nos subterrâneos da história. Corpos e almas, no entanto, continuaram a ser violentados, pois as dores e traumas dos que foram perseguidos politicamente ainda não foram superados. O passado continuou constantemente presentificado pelas lembranças que emergem a todo o momento.

A memória testemunhal não é lamento e sim possibilidade de digerir a experiência dolorosa. É assumir, como na história de Eduardo Galeano, as marcas e cicatrizes, o compromisso com a trajetória, o destino em comum. Nesse sentido, torna-se de extrema relevância trabalhos da envergadura e da dimensão como os que se desenvolvem no Brasil acerca do “direito à memória e à verdade”.¹⁷⁶ A campanha pela abertura dos arquivos e a intensificação das pesquisas com a história de vida de torturados, exilados e perseguidos pela repressão implicou em entender dois processos distintos e complementares: o direito e o dever de lembrar e falar sobre os traumas psicológicos e físicos, e o direito ao registro, à interpretação e à análise histórica desse período traumático no Brasil.

¹⁷⁶ Cabe destacar aqui o projeto *Marcas da Memória: história oral da Anistia*, produzido pelas universidades federais do Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul em torno da constituição de um acervo de história oral sobre os perseguidos da ditadura militar.

Homens e mulheres osasquenses, nesse sentido, fazem parte desta “guinada subjetiva”, como afirmou Beatriz Sarlo, trazendo para a discussão histórica o testemunho de suas experiências, a partir do acontecimento que inaugurou caminhos diferentes em suas vidas: a greve de Osasco, no ano de 1968. Os significados que atribuíram a ela extrapolaram sua cronologia. Seus relatos, marcados pela emoção, alargaram de tal forma sua duração, que sua importância se estendeu ao presente, deu-lhes orgulho e identidade.

As histórias de vida sobre o movimento de resistência osasquense, inscritas no contexto da ditadura militar, foram contadas de modo coletivo, apesar da singularidade de cada narrador, das particularidades de cada rede: homem ou mulher, operário ou guerrilheiro, intelectual ou dona de casa.

Falou-se da mesma história; cada testemunho ganhou força, encontrou ecos, alinhou-se a outros como para reabilitar a identidade machucada; tornou-se ícone de verdade na luta pela restauração moral e até mesmo jurídica da experiência passada, inclusive, para se falar em nome das “presenças ausentes”, daqueles que perderam o direito à palavra, os que morreram ou foram chamados juridicamente de desaparecidos.

Assistimos hoje ao processo gradativo de conquista e devolução da palavra, tomada como instrumento dos que foram perseguidos contra os estereótipos construídos pela história oficializada durante o regime de exceção. Os colaboradores desta pesquisa reforçaram, em cada fala, a vontade de que o presente possa redimir o passado restaurando os sonhos pelos quais lutaram e conquistando o reconhecimento de sua experiência, masculina ou feminina, como exemplo ou lição.

É inegável e inevitável que fosse marca de seus relatos a angústia do presente, e que buscassem por meio deles o preenchimento de vazios e a autoexplicação para os eventos vivenciados. Teceram o fio de suas experiências, entrelaçando medos, angústias e (des)esperanças com relação aos encaminhamentos que o presente pode dar ao passado de violência, dando a conhecer a verdade desconhecida da maioria do público; moral e ética comprometida, com o esclarecimento dos desaparecimentos, assassinatos e torturas.

Os narradores se impuseram a tarefa de contar sua história particular, emaranhada a outras que lhes ajudaram a dar testemunho, falar e refletir sobre as perseguições sofridas durante o regime militar, ao mesmo tempo em que participaram do processo terapêutico e compartilharam emoções. O estabelecimento do testemunho e da memória reuniu elementos dispersos e apresentou retrato pessoal e identitário, por

meio dos quais homens e mulheres reconstituíram sua própria unidade e identidade num tempo ao mesmo tempo subjetivo, emotivo e racionalizado pela narrativa. Não se tratou da “verdade histórica”, crítica, distanciada pelo método, decifração e análise dos signos, mas a “verdade do testemunho”, dinâmica, incompleta e subjetiva.

Os homens, operários ou operários-estudantes, guerrilheiros ou não, contaram a partir da experiência da greve e de todos os acontecimentos que decorreram dela: a luta armada, a clandestinidade, as prisões e o exílio; a desorientação familiar, o abandono, a busca pelos entes queridos, o enfrentamento das autoridades, a ocupação do espaço público. Suas lembranças e interpretações, apresentadas neste trabalho, mostraram a necessidade de unidade e também as fissuras da memória. Erros e acertos não tiveram causas ou avaliações unânimes. Enquanto a rede formada por Roberto Espinosa, Roque Aparecido e José Ibrahim apresentou a formação política e o sonho revolucionário como fundamental para a organização operária, extrapolando a fábrica para a resistência contra a ditadura, José Groff, João Joaquim, João Cândido e Inácio Gurgel apontaram a religiosidade e a moderação como direcionadoras de sua experiência.

As lembranças foram selecionadas a partir de um lugar, demarcado pelo vocabulário, religioso ou revolucionário, pela crítica aos encaminhamentos dados por cada grupo – exagero de uns, covardia de outros. É certo que cada narrativa inseriu-se na rede e dialogou com a colônia, tendo consciência de pertencerem ao grande feito histórico que direcionou suas vidas até hoje, seja na igreja, no partido ou no sindicato.

Os homens mostraram-se construindo memória poderosa, a partir de um grande trauma coletivo: a morte de um operário na caldeira. A partir daí, muitos eventos ganharam relevância, como a fundação da comissão de fábrica, a vitória no sindicato, o Primeiro de Maio na Praça da República e, enfim, a greve em 1968 organizada em conjunto, apesar das divergências. Luta vencida e vencedora nos relatos em constante negociação, a greve se alargou no tempo, em trajetórias marcadas pelo desemprego e a perseguição, pela insistência por parte deles nas causas políticas e sindicais, pela luta armada, a prisão e o exílio. Vez ou outra, menos do que as vozes femininas, deixaram escapar a referência aos pais, à família, aspecto que os estudos historiográficos muitas vezes deixaram de lado, desconhecaram.

Nas passagens sobre a prisão e a tortura, revelaram seus medos e fraquezas, mostrando que eles também fizeram parte do mito de heroísmo. Fizeram-se exemplo, sem arrependimento. Quiseram aconselhar. Falar de suas façanhas, rir e chorar delas pareceu restabelecer certa justiça com relação ao que a história não registrou, não

mostrou. A cidade do crime revelou-se cidade da resistências, e eles, seus protagonistas, recusaram o imaginário de criminosos ou terroristas. Foram, conjuntamente, resistentes.

Trataram de manter-se fieis a si mesmos e à comunidade com quem compartilharam o mesmo destino de perseguição e dor, as feridas que “ainda sangram”, dando sentido ao que se perdeu e validando o que se viveu. Por isso, se recusaram, como o velho da história de Eduardo Galeano, a tocar na “pedra que arde” do esquecimento e preferiram assumir as suas cicatrizes.

Nessa perspectiva também se inserem as narrativas femininas, sobre a greve e todo o processo de repressão que as atingiu de diferentes maneiras. As referências feitas pelos próprios entrevistados a algumas mulheres – estimulados muitas vezes por mim – apontaram para a existência de histórias subterrâneas que poderiam colocar a greve sob outra perspectiva. Histórias de quem, antecedendo a greve, pouco teria se envolvido no processo de resistência ao regime militar.

A repressão aos seus entes queridos – maridos, irmãos, tios e amigos – revelou-se o grande trauma feminino, desestruturando suas vidas íntimas e familiares. A prisão, o desaparecimento, a tortura e o exílio colocaram as colaboradoras diante de circunstâncias que exigiram deles recriarem suas vidas, reagirem em nome da afetividade. Transitaram, então, no espaço público inventando táticas que as tiraram da invisibilidade, ao mesmo tempo em que promoveram a politização do espaço privado, mobilizando a família e os vizinhos.

As mulheres ofereceram seus testemunhos sobre a experiência pouco conhecida ou valorizada, inserindo-se na história dos homens, entrelaçando suas vidas à luta masculina. Não se apresentaram como vítimas, nem resignadas. Helena Pignatari, Maria Santana e Risomar Fasanaro colocaram-se ao lado deles na escola, na fábrica, ou nas ruas. No caso de Ana Maria, que foi mais longe em sua reação, posicionou-se com eles pelas armas.

Em seus relatos, foi possível notar a admiração aos grevistas, assim como a crítica ao seu heroísmo e seus limites quanto aos caminhos tomados. Não em oposição a eles, mas em lamento pelas perdas. Ana Maria, em especial, apontou para o erro, a decepção e a frustração com a luta armada, com a apropriação pelos homens de suas ideias, sua saga solitária para o exílio e a decepção com a descoberta da disparidade entre ideologias e práticas nos grupos políticos. Também a crítica se revelou nas palavras de Maria Santana, quando falou dos exageros do Grupo de Osasco, ou ainda, quando Helena Pignatari se referiu à guerrilha como desperdício de vidas, erro de

prognóstico. No entanto, nenhuma delas deixou de validar a importância da resistência ao regime e de sua contribuição, conjunta, pela redemocratização.

Além delas, Sônia Miranda, Teresinha Gurgel, Abigail Silva, Sandra e Amira Ibrahim, Iracema Santos e Maria Dolores demonstraram que o afeto foi capaz de gerar transformações, mesmo quando nos escombros de outras histórias. Conversar com elas, ouvir seus relatos, permitiu compreender de quantas lutas diferenciadas e ignoradas se fez a resistência contra o regime autoritário; quantas táticas fugiram do padrão, foram criadas e recriadas; de quantas experiências intersubjetivas se fez a história desse país.

A tentativa de se compreender o movimento das mulheres no contexto político de Osasco, inscrito no Brasil e no mundo, a partir do espaço privado, permitiu ampliar a ideia de poder e resistência das narrativas masculinas e a crença de que o enfrentamento se deu apenas nas ruas ou nas organizações políticas tradicionais. Demonstraram que a coragem não se restringiu ao enfrentamento no espaço público, à virilidade masculina; e que a afetividade tornou-se estratégia de luta e de empoderamento feminino.

As entrevistas fizeram parte do diálogo coletivo, da necessidade de contar a história junto, a partir de tempos plurais, de papéis diferenciados e mundos complementares que convergiram para o território simbólico da negociação e da resistência, marca da identidade que os uniu contra a fragmentação do tempo.

O discurso masculino e a essencialização das relações de gênero não foram suficientes para entender as especificidades e as brechas criadas por elas, sua capacidade de reinventarem-se em todo processo, desde a prisão dos operários até o momento de reivindicação pela Anistia. Entender sua astúcia e coragem mudou a forma de se perceber a dinâmica das relações entre homens e mulheres, colocando nova proposição teórico-metodológica sobre a história, desprivilegiando o público como fazer histórico, dando importância às suas conexões com o mundo doméstico e particular. A vida política não foi nem é exclusivamente um feito masculino, segmentado da casa, da família e dos sentimentos mais íntimos.

A coragem não se mostrou apenas na fala dos ex-operários, assim como a sensibilidade, atributo considerado feminino, não se revelou sinônimo de fraqueza, pois residiu nela a força que enganou e manipulou tantas vezes os repressores. Permitiu a bricolagem feminina, a performance de gênero, a lógica do afeto.

Narradoras como Abigail, Sônia, Amira, Sandra e Iracema mostraram as formas como se fizeram visíveis e presentes diante dos opressores, como politizaram o espaço privado, inscreveram o debate político e a preocupação com o público dentro da família.

Permitiram ou tiveram que permitir que os problemas da vida nacional ocupassem espaço em suas vidas, invadissem suas preocupações cotidianas, se misturassem ao tempo doméstico, reestruturando-o. O íntimo, o cuidado com os seus – sua função marcadamente social, naquele momento – não só tomou gradativamente o espaço público como, ousadamente, violou territórios proibidos do cárcere e da dor. Devido a isso, mostraram-se como protagonistas de uma história que também lhes pertence. Isso advém da reavaliação de seus papéis e dos acontecimentos como a greve em Osasco: a participação delas em todo o processo, abrindo sua casa para as reuniões, organizando-se na igreja e no sindicato, planejando na cozinha os passos para chegar às prisões, aos políticos, brigar pela libertação dos presos, pelos direitos do bairro, pela vida.

A busca por seus parentes e amigos, o abandono, a falta de compreensão dos acontecimentos, o enfrentamento de delegados, a presença nas salas de interrogatórios, os cafezinhos, tudo que se iniciou de forma espontânea colaborou para o crescimento e a recriação de formas cada vez mais organizadas de manifestação.

Confundiram os algozes com sua coragem e determinação, ao mesmo tempo em que se apresentavam frágeis, indefesas. Justamente nessa fragilidade e nos padrões construídos para o feminino é que articularam sua defesa e proteção, procurando interferir no plano perigoso da repressão, nos espaços impenetráveis da tortura e da prisão. Investiram-se do papel tradicional, respaldadas no imaginário coletivo, de cuidadoras, defensoras das famílias e preservadoras da memória como sua atribuição social, fortalecendo sua luta. Primeiro, “invadiram” as cadeias, guardaram bilhetes, esconderam pessoas, aceitaram transformar suas cozinhas em locais de reunião. Depois, foram às comunidades de base, exigiram as creches e postos de saúde, como mães responsáveis. Não se contentaram em sair da moradia, protestar e voltar. Começaram a ocupar o espaço público gradativamente, com as mesas modestas nas praças para colher assinaturas para a Anistia, até tomar a Praça da Sé e enfrentar os policiais, sempre tendo seus filhos à mão.

Utilizando desse papel de reserva de memória, as narradoras relembrou as violências cometidas contra outros, denunciando as atrocidades contra tantos semelhantes; falaram dos mortos, dos ausentes e do quanto suas vidas foram ceifadas injustamente.

Foi grande a transformação coletiva protagonizada por elas que, por seu formato não violento e “maternal”, dificultou o combate do Estado, por ser gesto “feminino” e, portanto, considerado despolitizado. Afinal, como o regime poderia lidar com o fato de

se sentir ameaçado por um grupo de mulheres, desarmadas e que não usaram qualquer ação violenta? Agredi-las enquanto visitavam seus companheiros, exigiam os direitos para a comunidade ou brigavam pela Anistia seria negar o que as definia como mulheres.

A suposta fraqueza de Penélope - em oposição à virilidade de Ulisses - que tecia suas angústias durante o dia, para desfazê-las durante o anoitecer, enquanto aguardava o retorno de seu companheiro, foi reveladora da força, do desejo pela vida, pela liberdade. Ao invés de considerar que foram excluídas da vida política, as narradoras fizeram notar o sentido inverso de inclusão - no primeiro momento não desejada - pois promovida pelo abandono, pelo medo e pela obrigação de proteger sua família. Depois, sua luta pessoal passou a confundir-se com a vida pública e política, em prol da vida, do direito e da democracia. Mesmo as que não foram presas, permaneceram no cárcere com os homens – realizando as visitas, trocando esperanças, sentindo o peso da tortura e do medo - e mediarão sua liberdade; silenciosamente na década de 60, mais abertamente na década de 70.

As mulheres da colônia osasquense nem sempre questionaram os papéis preestabelecidos pelos homens a elas, o que não significou terem aceitado sua condição de forma submissa. Reinventaram-nos e reinventaram-se. Penetraram em espaços proibidos, confundiram o poder, intermediaram o mundo político e o mundo privado. Empoderaram-se.

No lugar das certezas e conformismos, as mulheres de Osasco criaram dúvidas e embaraços e já não puderam ser as mesmas. Nem os homens. Eles também se reconstituíram na experiência política, na greve, no trabalho, na luta armada e no exílio, mas no apoio e na luta delas encontraram o acolhimento, a doação e a proteção. “Eu poderia ter abandonado meu marido”, disse Sônia Miranda; “meu tio também não seria nada sem o que a gente fez por ele”, lembrou Sandra. Sem ressentimento e sem cobrança, elas quiseram mostrar que também estiveram lá. A greve de Osasco, entendida como evento estendido no tempo, como força simbólica e elemento identitário, foi construção coletiva, feminina e masculina.

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Paula; FICO, Carlos. 1968: *40 anos depois*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

ARNS, D. Paulo (org). *Brasil Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BARBÉ, Domingos. *A graça e o poder: as comunidades eclesiais de base no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. *Fé e ação: catecismo para os cristãos das comunidades de base*. 2. ed., São Paulo: Loyola, 1977.

BARTHES, Roland. *O grão da voz*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BATALHA, Claudio. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BELAUSTEGUI Rafael Belaustegui *El Instante Propicio*, Ediciones Simurg, Buenos Aires, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. 1, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDO, João. Estudantes e Trabalhadores no Maio de 68. *Revista Lutas Sociais*. São Paulo: PUC, 2008, pp.22-32.

BOLL, Friedhelm O fardo de falar sobre a perseguição nazista na Alemanha. In: FERREIRA, M.; ALBERTI, V.; FERNANDES, T.M. *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, pp.135-142.

BORGES, Funes, o memorioso. In: BORGES, Jorge Luis. *Prosa Completa*, Barcelona: Ed. Bruguera, vol. 1, 1979, pp. 477-484.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Sociedade e memória: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A Queiroz, 1990.

BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.

CANIATO, Benilde Justo. *A Solidão das Mulheres a Sós*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

CAPDEVILA, Luc. Resistance civile ET jeux de genre (France, Allemagne, Bolivie, Argentine), Deuxième Guerre Mondiale/anées 1970-1980, *Annales de Bretagne et des Pays de L'Quest*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, tome 108, número 2, 2001, pp.103-128.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Mulheres que Foram à Luta Armada*. São Paulo: Globo, 1998.

CASTRO, Marcos de. *64: conflito Igreja x Estado*. Petrópolis: Vozes: 1984.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CLARK, Mary Marshall. Vídeo-Testemunhos Sobre o Holocausto, História Oral e Medicina Narrativa: A Luta Contra a Indiferença. *Revista Oralidades*, São Paulo: Universidade de São Paulo, Jan-Jun/2009, pp. 150-166.

CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcos Roberto de. A marcha, o terço e o livro: o catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 24, nº 47, jan-jun, 2004, pp. 271-302.

COHN, Sérgio; PIMENTA, Eick. *Maio de 1968*. Rio de Janeiro: Beco de Azougue. 1999.

COLLING, Ana Maria. *A Resistência da Mulher à Ditadura Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1997.

COMISSÃO Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. *Direito à verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos - Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos*, 2007.

COMPARATO, Fábio Konder. *Tortura*. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos - Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2010.

CORDEIRO, Janaína M. *Direitas em Movimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

COSTA, Albertina de Oliveira. *Memórias de Mulheres do Exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COUTO, Ari Marcelo Macedo. *Greve na Cobrasma: uma História de luta e resistência*. São Paulo: Annablume, 2003.

DELGADO, *Dimensões fundacionais da luta pela Anistia*. UFMG, 2003.

DIAS, Maria Odila. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo: Brasiliense, 1984.

DINOUART, Abade. *A arte de calar*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DUARTE, Ana Rita Fonteneles. *Homens e mulheres contra o inimigo: a mobilização do gênero pela ditadura militar brasileira (1964-1985)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH, São Paulo, julho 2011.

_____. Jogos de gênero nas memórias de militantes pela Anistia In: Dossiê Gênero e Ditadura, *Revista Estudos Feministas*, Ano X, no.21, 2º. Semestre, 2009, pp.66-77

_____. *Memórias em disputa e jogos de gênero: o Movimento Feminino pela Anistia no Ceará (1976-1979)*. Tese Doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

_____. Mulheres em guarda contra a repressão. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Gênero, feminismos e ditadura no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2011, pp.233-258.

ENDO, Paulo César. O debate sobre a memória e o corpo torturado como paradigma da impossibilidade de esquecer e do dever de lembrar. In SANTANDER, Ugo Carlos (Org.) *Memória e Direitos Humanos*. Brasília: LGE, 2010.

ENGEL, Magali Engel, *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ESPINOSA, Antonio Roberto. *Abraços que Sufocam*. São Paulo: Boitempo, 1993.

ESPINOSA, Antonio Roberto. Dois Relâmpagos na Noite do Arrocho. In: FREDERICO, Celso Frederico *A esquerda e o movimento operário – 1964-1984*. São Paulo: Novos Rumos, 1987.

ESQUIROL, Josep Maria. *O respeito ou o olhar atento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FERRER, Eliete. *68: a geração que queria mudar o mundo (relatos)*. Comissão da Anistia, Brasília, 2011.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. *Mulheres, militância e memória*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FILHO, Daniel Aarão Reis. 1968: o curto ano de todos os desejos. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 10(2), outubro de 1998, pp. 25-35.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FREDERICO, Celso Frederico *A Esquerda e o Movimento Operário – 1964-1984*. Vol.1, São Paulo: Novos Rumos, 1987.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GALEANO, Eduardo. *A Pedra Arde*. São Paulo: Loyola, 2000.
- GASPARI, Élio, *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, Jaime. *Escritas da tortura*.
<<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/162/16200306.pdf>>
- GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado. IFCS / UFRJ, 1987.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1987.
- HAHNER, June. *A história da mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2006.
- IBRAHIM, José. A Revista *Unidade e Luta*. n.1, maio-jun, 1972.
- INSUELA, Júlia Bianchi R. Insuela. *Visões das mulheres militantes na luta armada: repressão, imprensa e (auto)biografia*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid/Buenos Aires: Siglo XXI, 2001.
- _____. Mulheres e os direitos humanos. *Revista de Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, vol.2, nº 3, 1994.
- JESUS, Paulo Sérgio. *A cidade de Osasco: a Juventude Operária Católica (JOC), a Ação Católica Operária (ACO), Juventude Universitária Católica (JUC) no movimento operário*. Mestrado, São Paulo: PUC, 2007.
- JOFFILY, Olívia Rangel. *Esperança equilibrista. Resistência feminina à ditadura militar no Brasil*. Tese de Doutorado, São Paulo: PUC, 2005.
- KOFES, Sueli; PISCITELLI, Adriana. Histórias femininas, memória e experiência. *Cadernos Pagu*. Vol. 8/9, 1997, pp. 343-354.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 423-477.

LEITE, Miriam M. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros. Rio de Janeiro: Hucitec, 1984.

LEITE, Isabel Cristina. *COLINA: oposição armada e memórias do regime militar em Belo Horizonte (1967-69)*, Universidade de Ouro Preto, 2006.

LOBO, Elizabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Perseu Abramo, 1991

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MANFREDINI, Luiz. *Moças de Minas*. São Paulo: Ipê Amarelo, 1989.

MARTIM, Sônia. *A Escola Secundária e a Cidade: Osasco, anos 1950/1960*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 2006.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*, São Paulo: Unesp, 1992.

MATOS, Maria Izilda S. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu*, n.11, 1998, pp.67-75.

_____. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. *Caderno Espaço Feminino*, v. 3, n.1/2, , jan./dez. 1996. pp. 35-50

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral testemunhal, memória oral e memória escrita e outros assuntos: Entrevista. *Revista História Agora*, São Paulo, 2010.

_____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

MENDES, Lilian Maria Grisólio. *Entre a cruz e o manifesto: dilemas da contemporaneidade no discurso da Juventude Operária Católica do Brasil (1960-1968)*. Mestrado, São Paulo: PUC, 2002.

MERLINO, Tatiana. *Luta, substantivo feminino*. São Paulo: Caros Amigos, 2010.

MIRANDA, Orlando. *Obscuros Heróis de Capricórnio*, São Paulo: Global, 1987.

_____. *Sindicato e Classe Operária: História do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco*. Tese de livre docência. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

MONTENEGRO, Antônio. *História Oral e Memória*. São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, Maria Lygia Q. de. *Vinte Anos de Feminismo*. Tese de livre-docência, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1990.

MOREIRA, Maria de Fátima S. SAMARA, Eni de Mesquita; SOHIET, Raquel e MATOS, M. Izilda S. de. Gênero em debate. Trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea *Revista Brasileira de História*, vol.20, n.39, São Paulo, 2000.

MOTTER, Maria de Lourdes. *Ficção e História: imprensa e construção da realidade*. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

NESTROVSKY, Arthur; SELIGMAN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

MIRANDA, Oldack de; JOSÉ, Emiliano. *Lamarca: o capitão da guerrilha*. São Paulo: Global, 1987.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio*. Campinas: Unicamp, 2000.

_____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

PASSERINI, Luísa. *A Memória entre Política e Emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

_____. *Memoria y utopia: La primacia de La intersubjetividad*. Valencia: Universitat de Valencia, 2006.

PAYNE, Leigh A.; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo. *A Anistia na era da responsabilização: o Brasil e perspectiva internacional e comparada*. Comissão da Anistia. Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2010.

PEDREIRA Filho, Valdemar Santos. Comissões de fábrica: um claro enigma no Brasil, *Caderno Estudos Sociais do Recife*, v.14, n. 1, jan-jun, 1998, pp. 117-146.

PEDRO, Joana Maria. Os círculos de mulheres em Paris. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, jan.-jun. 2007, pp. 55-69

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista de História*. São Paulo, v.24, n.1, 2005, pp.77-98.

_____. *Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras do Cone Sul*, Santa Catarina: Mulheres, 2011.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

_____. Escrever uma história das mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, n.9, 1995, pp.9-28.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

POERNER, Arthur. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5 (10), 1992, pp. 200-212.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2 (3), 1989, pp. 3-15,

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1996, pp.59-72.

_____. *Entrevista*. Revista Historiar -Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011). Sobral-CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267 [www.uvanet.br/revistahistoriar]

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

_____. O que faz a história oral diferente. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ., 1996.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1997.

QUATROCCHI, Angelo. *O começo do fim*. São Paulo: Record, 1998.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. Vol. 11, 1998. pp. 89-98.

_____. Reinvenções de si no feminismo da diferença. Labrys. *Estudos Feministas*, v. 14, 2008.

REIS Filho, Daniel A. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. 1968, o curto ano de todos os desejos. *Tempo Social*. USP, S. Paulo, 10(2), outubro de 1998, pp.25-35.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. *Experiência de luta na emancipação feminina: mulheres da ALN*. Tese de Doutorado, FFLCH, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

RICOUER, Paul. *Memória, história e esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. O perdão pode curar. www.lusosofia.br

RIDENTI, Marcelo. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. In. *Tempo Social*, USP, São Paulo, 2 (2), 2º sem. 1990, pp. 113-128.

_____. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. Intelectuais e Romantismo Revolucionário. *São Paulo em Perspectiva*, vol.15, no.2, São Paulo, Apr./June, 2001.

_____. 1968 – de novo ! <http://boell-latinoamerica.org/download_pt/1968_port_abrev.pdf>.

_____. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

RIDENTI, Marcelo; ANTUNES, Ricardo. Operários e estudantes contra a ditadura: 1968 no Brasil. *Mediações*, v. 12, n. 2, Jul/Dez. 2007, pp. 78-89.

RIZEK, Cibele S. Osasco 1968: a experiência de um movimento. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC, 1988.

ROBLES, Marta. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através do tempo*. São Paulo: Aleph, 2006.

ROLLENBERG, Denise *Exílio* entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. Nômades, sedentários e metamorfoses: trajetórias de vidas no exílio. In: REIS, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro. http://www.historia.uff.br/artigos/rollemberg_apoio.pdf

_____. Vidas no exílio. In: *Seminário 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Caminhos Cruzados: os projetos de organização nacional da Juventude Brasileira durante o Estado Novo (1937/45)*, dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, 1998.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovanni. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1969.

SALVATICI, Silvia Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Vol.8, n.1, janeiro-junho de 2005.

SAMARA, Eni de Mesquita Samara, *As mulheres, o poder e a família*: São Paulo: Editora Marco Zero, 1989.

SAMARA, Eni M.; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria I. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia*. São Paulo: Educ, 1997.

SANAZAR, Hirant. *Osasco: sua história, sua gente*. Osasco: Editora do Autor, 2003.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*, São Paulo: Edusp, 2005.

_____. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

SARTI, Cynthia A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Rev. Estud. Fem.* vol.12 no.2 Florianópolis May/Aug. 2004

SCOTT, Joan. História das mulheres. IN: BURKE, Peter (org). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, n.º 16, p. 5-22, 1990.

SECRETARIA Especial dos Direitos Humanos. *Histórias de meninas e meninos marcados pela ditadura*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília, 2009.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008, pp. 65-82.

_____. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*. 2005. n.º 30, pp.31-78.

_____. *Testemunho da Shoah e literatura*. In: X Jornada Interdisciplinar sobre o Ensino de História do Holocausto, 2009, São Paulo. Palestra. SP: Brasil.

SILVA, Roque Aparecido da. A Greve de 1968 em Osasco. In *Rebeldes e Contestadores*. 2ª ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

- SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Record, 1994.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero. *Cadernos Pagu*. Vol. 11, 1998. pp.77-87.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. Dez. 2007, vol. 27. Nº 54.
- AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- SOUSA, Jessie J. V. de Sousa. *Os Círculos Operários e a intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil : uma discussão historiográfica*. 1998, pp.7-8 http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/jessie_jane_circulos.pdf
- SOUZA, Percival. *Autopsia do Medo: vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury*. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- SZACKI, Jerzy. *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- TABAK, Fanny. *Autoritarismo e participação política da mulher*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- TAVARES, Flávio. *Memórias do Esquecimento*. São Paulo: Globo, 2007.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: o diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____. *1968: o que fizemos de nós*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- VIÑAR, Marcelo, VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura*. São Paul: Escuta, 1992.
- WEFFORT, Francisco Weffort, em seu texto *Participação e Conflito Social: Contagem e Osasco: 1968*. Cadernos CEBRAP, n.5, São Paulo, 1972.
- WERNER, Helena P. *Raízes do Movimento Operário em Osasco*. Petrópolis: Vozes, 1981.

WOLFF, Cristina S. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, pp. 10-38. 1974.

WOLFF, Cristina S.; FÁVERI, Marlene de, RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs). *Leituras em rede – gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

WOLFF, Cristina S.; POSSAS, Lúcia M. V. Escrevendo a história no feminino, *Revista Estudos Feministas*. v.13, no.3, Florianópolis Sept./Dec. 2005.

ZAPPA, Regina. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARTA GOUVEIA DE OLIVEIRA ROVAI

OSASCO 1968:
A GREVE NO FEMININO E NO MASCULINO
Versão corrigida

V.II

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

OSASCO 1968:
A GREVE NO FEMININO E NO MASCULINO
Versão Corrigida

Marta Gouveia de Oliveira Rovai

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy
De acordo.

V.II

São Paulo
2012

ANEXOS

ENTREVISTAS

SUMÁRIO

Abigail Pinto da Silva	382.
Amira Ibrahim	391.
Ana Maria Gomes	398.
Helena Pignatari Werner	412.
Iracema dos Santos	423.
Maria Dolores Barreto	429.
Maria Santana	437.
Risomar Fasanaro	448.
Sandra Nogueira	463.
Sônia Miranda	477.
Teresinha de Jesus Gurgel	485.
Inácio Pereira Gurgel	493.
João Joaquim	509.
José Groff	523.
José Ibrahim	533.
Antonio Roberto Espinosa	550.
Roque Aparecido da Silva	576.

As narrativas que não foram anexadas ao trabalho são aquelas que não foram concluídas por falta de agenda dos colaboradores ou devido a problemas técnicos com as fitas que dificultaram sua transcrição na íntegra. Por esses motivos, optei por deixá-las de fora.

ABIGAIL PINTO DA SILVA

Nesses quarenta anos de casada, falar a verdade, sou uma heroína! Valeu, tudo o que sofri, tudo o que aprendi, junto com o João.

Eu me chamo Abigail Pinto da Silva. Nasci no dia oito de janeiro de 1944, portanto estou com sessenta e oito anos. Me casei com João Joaquim da Silva em 29 de julho de 1967. Morava no interior, em Presidente Prudente, e vim pra cá. Sempre trabalhei de empregada doméstica, nunca tive nenhum outro emprego, porque lá não existiam firmas, fábricas, não tinha. Hoje já tem alguma coisa.

Não trabalhei na roça. Meus pais sim trabalhavam muito na roça. Eram baianos e já são falecidos. Nós, mais novos, não trabalhamos, só em serviços domésticos. Éramos em nove filhos: cinco mulheres e quatro homens. Hoje somos quatro mulheres e um homem. Moram todos em Presidente Prudente. Só eu moro aqui e outra irmã na Vila Mariana.

Namorei sete anos e me casei. Conheci o João lá em Presidente Prudente. Ele também morava lá. Depois veio pra cá, entrou na Cobrasma e sempre mexeu com movimentos sindicais. Era movimento popular, ele tava dentro! Aí nós casamos e eu vim pra cá... Casei com vinte e dois anos, ele com vinte e quatro. O impacto dessa mudança foi terrível para mim, porque não conhecia São Paulo! Conhecia Osasco, já tinha vindo aqui, a minha irmã morava aqui, e eu vinha passear. Vim pra cá, mas se tivesse outro meio de ir pra outra cidade, tinha ido, porque não gostava de São Paulo.

Quando vim para Osasco, não queria vir! Queria ir pra qualquer lugar, menos pra cá. Não gostava daqui, porque achava aqui muito frio! No interior é muito quente... E também aqui era tudo muito diferente... Foi pesado! Essas coisas de sindicato, de reuniões. Só se falava em reuniões, tudo era reuniões, reuniões... Lá o João era motorista, entregador de água, e foi entregando água que a gente se conheceu! É muito interessante essa história. O namoro começou no emprego mesmo! A gente namorou sete anos, e dia vinte e nove de julho vamos fazer quarenta e cinco anos de casados. A gente era muito novo, 22, 23 anos... Fomos morar na Vila Isabel, tínhamos alugado uma casinha, que tinha só dois cômodos. O banheiro era pra fora... A gente tinha dificuldades... Naquele tempo meu marido assumia praticamente a família toda. A irmã dele tinha se separado, tinha trazido as crianças pra cá, e ficamos numa casa pequeninha, sem condições... Um fogãozinho só, um armarinho... Sabe aqueles caixotes? Nós montamos um armarinho assim... Uma caminha... E foi assim que nós

começamos a nossa vida de casado! Tinha poucos móveis.... E ele já participava com esse pessoal conhecido, depois do casamento.

Logo em seguida, fiquei grávida... E aí... Abortei!... Depois, com um ano, fiquei grávida de novo. Nasceu meu primeiro filho, que eu chamei de Plínio Marcos! Idéia de quem? O Plínio Marcos? Ideia do João!! Depois tive o André Luiz, o Alexandre... O Alexandre faleceu, né?... Perdi um filho... Quando isso aconteceu, o Plínio estava com treze anos, o André estava com dez anos de idade... Eu perdi um filho... Meu filho faleceu de um tumor cerebral... Nós sofremos muito! Muito, muito, muito!... Essa é uma parte da minha vida, é a minha história!...

E tem a Janaína! Ela mora aqui, casou há quatro anos, está grávida.... Então tenho quatro filhos, três agora, um deles faleceu, mas são quatro... E a minha vida foi assim... Uma pessoa do interior, que não conhecia muita coisa, que veio pra cá... De repente começou a ver um monte de pessoas diferentes, tantos acontecimentos diferentes, porque pra mim era tudo diferente! Aquele pessoal que ia em casa, só falava em reunião, sabe? Não tinha outro assunto! Tudo era reunião. E a gente ficava meio pros cantos... Só ficava escutando... Apesar de estar participando, não tinha muito assunto. O que eu ia falar?! Minha conversa era com meu marido, olhe lá quando vinha pra casa... Ele ficava no sindicato direto! Eles já estavam preparando o acontecimento da greve, que na época da Ditadura foi muito duro pra nós! Muito duro!...

O João foi uma pessoa que teve uma participação muito grande naquilo tudo! A nossa casa vivia vigiada. Eu percebia... Durante a greve, o pessoal fazia reunião em casa, de noite, até tarde da noite, os amigos do sindicato, os metalúrgicos... O Diogo, o Marcos, o Zé Pedro... A Rose do PT, aquela menina que morreu... O Waldemar, o Humberto Parro, o José Ibrahim, o Groff, que faleceu há pouco, a Albertina, o Cândido, a gente tinha muita convivência com eles... O Odin, o esposo da Zaia, que é irmã do João Cândido... Então, esse pessoal era muito presente na nossa vida! A gente tinha bastante amigos, muitos amigos que participavam na nossa casa, e a gente participava junto com eles. O Joaquim Miranda, a Sônia Miranda... Éramos muitos amigos e ficávamos aqui apoiando uns aos outros.

Logo que aconteceu a greve de 68, foi muito terrível pra mim! Eu estava com o barrigão do meu filho mais velho, de oito meses!! Eles ficavam me escondendo pra lá e pra cá. Não podia ficar na casa da minha sogra, porque eles poderiam procurar o João lá. Ele ficou uns três dias desaparecido... Desaparecido não, porque as igrejas se colocavam à disposição das famílias, deles, apoiando, escondendo... Tinha tempo que não podíamos nem ficar conversando como a gente está aqui que já tinha gente vigiando! Não tinha mais confiança em ninguém! Não podia abrir a boca nem pra falar um *a*! Tinha livros na minha casa... O João ligava falando, “pega aquele livro”... Só sei que até hoje tem livros escondidos! Escondido em lugar que nem sei! A minha cunhada Rita levava os livros pra casa dela e sumia com esses livros. Sabe?! Livro que hoje em dia você lê normalmente! Você não podia ter em casa. Tudo eles achavam que não podia ter dentro de casa. Tenho duas cunhadas que participaram muito com a gente, apoiando, ajudando... A Maria Rita trabalhava na Santista. E eles buscaram ela também na Santista. Ela, a Lurdinha Brenguel, que é psicóloga, mas na época trabalhava na Santista também.

Então, nessa época, a coisa estava quente, quente mesmo! O João não podia vir pra casa. Pensei comigo: “Nem eu vou poder ficar em casa mais!”. Não podia ficar mais em casa sozinha, porque uma hora eles iam procurar ele lá e o João falou: “Você não pode mais ficar aqui”. Ficava na casa de um, na casa de outro. E ele ficava por aí... O Humberto Parro foi muito nosso amigo, levou o João por aí, deixou ele uns três ou quatro dias, escondeu ele, porque naqueles tempos os maridos desapareciam, as

mulheres tinham que ir no Dops ver se achavam os homens. Era uma loucura! Era uma loucura mesmo! Ia nas igrejas com cartazes pra denunciar! Os padres apoiavam...

A gente morava na Vila Yolanda e foi muito triste... A gente presenciou quando invadiram a casa dos padres operários e levaram eles presos... A gente assistiu tudo sem poder fazer nada! Estávamos lá, toda a comunidade, e vimos eles sendo algemados, a casa deles sendo invadida... Toda a vizinhança! Só que a gente não podia entrar! Quando invadiram a casa... O Frei Manu... O frei Manu foi um padre que foi celebrar nosso casamento lá em Presidente Prudente! A gente sempre foi de comunidade, participava da comunidade Jesus Crucificado, era formada assim por pessoas operárias. E tinha esses padres... O Frei Manu, o padre Cláudio, O padre Pierre Wauthier, o João Broto, o padre Francisco... O padre Francisco, a gente veio morar com ele aqui. Onde tem a casinha do meu filho, aqui, era um barraco. Ele procurava uma família pra vir morar com ele aqui, ele tinha o pai e a mãe na França e queria uma família, e meu marido era da ACO, Ação Católica Operária, movimento católico, e os padres queriam uma família pra morar com eles. A única família que não tinha assim uma casa – nós pagávamos aluguel na Vila Yolanda - era a nossa. Então, eles falaram: “Vamos ver se a Abigail quer, a gente constrói dois cômodos”. Era o meu quarto aqui, a minha cozinha, e o barraco. Só que o padre não queria sair do barraco! Meu filho era menino e acabou ficando no quartinho que construímos. O padre era cheio das coisas, não queria sair do barraco. Arrumava direitinho com coisas bem exóticas, bem diferentes. Era um padre pra frente!.. Então, na época da prisão desses padres foi complicado porque houve outras prisões. O Joaquim Miranda também foi preso! Passou muito tempo preso! A Sônia ia, procurava num lugar e outro. Muitos deles foram presos! O Joaquim Miranda até hoje tem problemas...

O João, nesse dia que invadiram o sindicato, tinha saído com uma jaqueta, um casacão, e quando ele chegou em casa o casaco não tinha *um* botão! Até hoje chamam ele de gato preto! Ele pulou o muro do sindicato e dizem que na outra casa, embaixo assim tinha uma bananeira. Quando eles invadiram o sindicato na rua Erasmo Braga, eles pularam o muro... A Cobrasma não teve lugar que não pegassem o pessoal, na Braseixos também. O João não tinha um botão, não sobrou um botão!! Todo sujo, caiu no meio de uma bananeira!! Apareceu em casa e falou: “Tô indo embora, não sei pra onde eu vou!”...

Eu achava que a qualquer hora... Na minha cabeça, do jeito que estavam fazendo, ficava desesperada! Imagine a minha cabeça?! Eu pensava: “Meu Deus do céu! Eu, com uma barriga dessas!”... A Sônia também estava com barriga, esperando a Denise. Ganhou a menina enquanto o Joaquim estava preso. E a Sônia é minha comadre. Eu pensava: “como é que vai ficar? E se eles me levarem?”. Pensava que podia ser presa também! Não sabia nem o porquê! Eu estava participando mais de fora, não como eles.

Imagina, pra quem a vida toda só tinha sido empregada doméstica, o que era aquilo?!... Sabia o que estava acontecendo, entendia a movimentação, mas não me intrometia no que eles estavam fazendo, ficava na expectativa.

Participei muito, participei muito mesmo! Tinha a esposa do Tonca, a Margarida, é jornalista... Ia no sindicato, conversava com as mulheres. Lá tinha a Zaia, a Maria Santana, que foi nossa madrinha de casamento, a Sônia Miranda, a Berenice... Minha cunhada, Maria Rita, a irmã do João, lutou bastante também, trabalhava na Santista e acho que foi presa... A Lurdinha também trabalhava na Santista e se envolveu bastante... A gente discutia muito sobre a nossa luta. Nós, mulheres, pensávamos em dar todo o apoio aos nossos maridos, em ajudar no que fosse preciso, essa coisa de companheirismo, de estar do lado, acontecesse o que acontecesse. Apesar de não estar

dentro, eu dava meu apoio! Quase não via o João! Via ele na hora de dormir, pois ele ficava no sindicato. Às vezes de manhã. Ele ficava praticamente o dia inteiro no sindicato. Tinha muita reunião de noite, eles marcavam no horário que todo mundo podia participar.

As mulheres se reuniam mais pra conversar e apoiar. O apoio da gente era estar junto, e lutar junto. Nas piores coisas que aconteceram, a gente estava sempre junto. A gente sabia que eles iriam na casa daqueles que estavam mais comprometidos com o movimento e eles perseguiram muito as famílias! Muitas famílias... A do Zequinha Barreto, que morreu... Também a gente conheceu bastante ele... A gente sabia que havia pessoas que eram mais perseguidas, igual o João foi. Ele foi cassado, tanto que agora, depois que o Fernando Henrique anistiou os perseguidos, foi mais do que um direito nosso! Então, a minha participação foi assim, apoiando o João no que fosse preciso!

Nós ficamos assim, perdidos, não é sem apoio, porque apoio a gente até tinha. Mas sem crédito. A gente ficou sem crédito! Então, eu sofri bastante!

Lembro que a minha sogra falava: “O Joaquim só quer saber de sindicato... Esse menino não sai do sindicato”.

Na década de 70, participei de muito movimento popular. Aqueles movimentos da Praça da Sé, movimento da panela vazia, mais pra frente. Uma época que me tocou muito, muito mesmo, foi quando eles ficaram desempregados! A Cobrasma mandou todo mundo embora, tomaram o sindicato... Quase todos ficaram desempregados. Nessa época, o menino já tinha nascido. E nós ficamos sem ter lugar pra ir e ele ficou assim: todo lugar que ia, todas as firmas, todos os testes que fazia, o João tinha certeza que tinha passado nos testes, mas depois diziam “Não! Não! Não!”. Eu pensava: “Meu Deus do céu! O que vai ser de nós agora?!”.

Minha irmã era mulher de um militar, mas não tinha nada, assim, que compromettesse a gente, que nos desabonasse... Então, ela falou pra mim: “Biga, fala pro João que se ele quiser, já estão pagando aluguel mesmo...”. Não tinha lugar pra gente ficar, nem dinheiro pra pagar aluguel mesmo!... “Tem uma casa aqui, a gente tem um cômodo, dá uma arrumadinha e vocês vêm pra cá!”. Ofereceu uma casa que o meu cunhado tinha. O João pegou o dinheirinho que recebeu da Cobrasma e pagou pro meu cunhado um ano pra gente ficar na casa dele, na Vila Mariana... Minha irmã me ajudou bastante! Meu filho tinha nascido, já tinha um ano e pouco. E aí a falta do leite!... O leite... Fome a gente até passava, mas ver o filho da gente... Deus ajudou bastante! Acho que nesse momento os companheiros foram firmes!! Foram firmes! Não tinham dinheiro para comprar, mas nós não passamos necessidade! A gente recebeu muito apoio, muito apoio. Faltava leite, e naquela época era o ninho, que era caro. Mas o pessoal nunca deixou faltar nada em casa, nem o leite. Os companheiros de luta, não deixaram faltar cesta básica, o leite. Tinha o Mourão, que era da COPERGRAN, não deixou faltar nada. Mandava caixa de leite pra nós, cesta básica, compra do mês. Nunca faltou nada pra nós, nunca!

Foi difícil pro João! Muito difícil! Depois que eles estava desempregado quase um ano, ele foi arrumar um emprego lá em Santo Amaro, numas bibocas, acabou indo trabalhar numa fabriquinha de relógios pra gente sobreviver! Trabalhou em tudo o que é servicinho assim, de perua, ajudante de feria, tudo isso ele fez. Fazia uma coisinha ali, outra aqui, e a gente ia se virando como podia.

Meu pai falava assim: “Você casou com um homem que você sabia onde ia cair!”. que se eu tinha me casado, sabia com quem tinha me casado. Se ele caísse no buraco, era pra eu me jogar junto!! E não é bem assim né? Caiu no buraco, tem que cair junto?! Minha família gostava muito dele, achava ele muito humano! O João sempre foi assim, um jeito aberto, uma pessoa muito dinâmica, brinca com um, brinca com

outro, se dá bem com todo mundo. O pessoal gostava dele! Ele cativou toda a família, desde que a gente namorava. O pessoal da minha família gosta muito dele! Ele é uma pessoa alegre, com toda as dificuldades. Mas ele também ficou com problema. Ficou bem... Eu sentia que ele ficava falando sozinho, sabe; Andava pra lá e pra cá. Eu pensava: “Meu Deus, acho que o João está ficando louco!”.

Ele foi preso, mas não pra ficar como os outros ficaram. Foi prestar depoimento. Depois disso, que passou essa fase, às vezes, a gente dá até risada disso, do que acontecia. Tinha noites que eles vinham na nossa casa e ficava tocaiando pra ver quem entrava e quem saía, ficavam vigiando a gente. Foi uma época muito difícil, difícil na nossa vida!...

Depois da prisão dele eu participei muito do movimento das mulheres. Todo movimento popular eu participava! Fomos pra Praça da Sé, todo lugar que o pessoal ia, eu ia também! Até teve um dia que eu fiquei muito assustada. Nós fomos na Praça da Sé, a polícia com os cavalos jogou em cima da gente. Eu estava com meu filho, esse que morreu... Ele era pequenininho, e a gente levava as crianças, levava as crianças pra tudo quanto é lugar! Eles jogaram os cavalos em cima da gente, e a gente estava do lado da igreja. Aí, o Dom Arns pedia pra que a gente entrasse na igreja, e a gente entrou lá na matriz da Sé. A gente entrava tudo lá pra dentro com aquele monte de criança! Quase pisotearam meu filho! Na hora em que eles vem tocar os cavalos encima, não tem muito jeito da gente sair, então eles jogavam cachorro, vinham com cachorro! De todo movimento a gente participava um pouco... Minha participação foi assim, indiretamente. Não participei diretamente do sindicato, eu ia, tinha médico lá, participava de tudo, sabia das coisas. O Ibrahim é amigo nosso, o Otaviano, até hoje somos muito amigos.

Não me arrependo de nada disso, mas acho que não estava preparada para aquilo! Não tinha ideia de que ia ter aquela dimensão, ia dar em tudo aquilo. Não estava preparada pro que aconteceu! Não me preparei... Eu pensava que ele participava do sindicato e que o sindicato era um órgão que lutava pelos direitos. Sabia disso. Só não sabia que o que ia acontecer ia ser mais grave como aconteceu! Mais grave do que o meu pensamento. Meu pensamento não conseguia chegar lá! Chegar na altura do que eles estavam passando. As igrejas deram o apoio, os padres foram presos... Foi muito sofrimento, mas valeu a pena! Não sofremos nenhum preconceito. Inclusive, as pessoas da comunidade nos ajudaram muito! Ajuda nós tivemos. Não tivemos nada contra, nada! Sabíamos que embora a gente sofresse, não estava acontecendo conosco o que muita gente estava passando.

Ficamos um ano na Vila Mariana e quando a poeira baixou, voltamos pra Vila Yolanda. Nessa época, na Vila Yolanda tinha a Ione, a dona Marinete, tinha os padres, tinha a Margarida, o Tonca, que era uma pessoa do sindicato dos metalúrgicos também. A Sônia Rainho, com quem eu participei do movimento Panela Vazia também, na década de 70. Participava de lutas, ia pro centro de Osasco mesmo. Quando nós mudamos pra cá, no, não tinha nada. A gente construiu aqui, tinha um barraco aqui na frente, mais duas vizinhas aqui do lado... Essas casas aqui, não tinha nenhuma. Não tinha nada aqui. Não tinha ônibus, essa avenida aqui era de terra. Não tinha nada, nada! A gente vinha da Vila Yolanda até aqui pra construir nossa casa! Da Vila Yolanda aqui é longe, hein? A gente vinha cortando caminho Não tinha ruas! Tinha um córrego, que a gente tinha que passar numa pontinha a pé pra chegar aqui. Colocamos um pedreiro que com o João construiu esses dois quatinhos aqui.

Aqui os vizinhos eram poucos, mas sabe aqueles vizinhos que era um pro outro? Hoje é diferente, é cada um por si, cada um cuida da sua vida. Antigamente não! O pessoal que estava aqui quando mudamos pra cá, ainda está aqui e estão ótimos

vizinhos! E tem a igreja do lado, era uma capelinha. Não tinha nem igreja ainda, era um lugar cedido do lado de uma escola da prefeitura, era da viúva do Veloso. E ela cedeu pra construir a igreja, e era o padre João Broto e o padre Francisco. E a aí a gente veio pra cá. E convivemos com um casal, seu Manuel e dona Juraci, o tio e a tia da juventude.

O João sempre foi muito líder, sempre teve liderança nos lugares em que ele vai. Pessoal já acha que ele tem eu ser o chefe! Mas não é verdade. Começamos a participar da comunidade e fomos percebendo. Tinha um grupo na comunidade que a gente começou a chamar de grupo de mães, mas na verdade o nosso trabalho não era com coisinha de crochê, essas coisas manuais que tem hoje, não. O nosso trabalho foi pra lutar por uma vida melhor! Era pra discutir. E a gente começou a prestar atenção às coisas que faltavam no bairro. E o que a gente começou a perceber? As pessoas tinham que se deslocar para outro lugar. Não tínhamos posto de saúde, não tínhamos creche, não tínhamos ônibus. A gente tinha que ir a pé, lá em cima, no Padroeira I, pra tomar ônibus pra ir pro centro de Osasco. Pegava os ônibus assim. A gente também conquistou a linha de ônibus. Aqui não tinha ônibus. Ele parava lá em cima!... E vinha cheio de molecada, cheio de molecada!... Eles desciam tudo lá em cima. Era difícil tomar ônibus. A gente conseguiu que ele passasse por aqui.

A gente percebeu que as crianças ficavam muito doentes. Por que as crianças estavam sempre doentes? Aquela diarreia que a criançada tinha, aquilo era terrível aqui! Havia muito caso de hepatite aqui. E vimos, então, que o bairro não tinha nenhum saneamento básico! Não tinha esgoto. Não tinha nada! A sujeira corria pela rua a céu aberto! Não tinha orientação médica, nem creche, não tinha mercado. Nada. Nada!

Então, a gente arrumou coragem e foi até a prefeitura... Com um monte de criança!! Não alugamos um ônibus, mas pegamos os carros e enchemos de criança! Aquele tapete vermelho da prefeitura era cheio de criança sentada!! Eles serviram até lanche pra gente!! Toda vez que a gente ia, eles iam ficando com medo!... Nós colocamos o nome de “Grupo da Saúde”. Então, pelo que a gente brigava? Brigava por mais benefícios na comunidade. Feira, creche, posto de saúde. Era muita gente pressionando... O Guaçu Piteri assumiu de novo como prefeito, em 1971, e nós conquistamos a primeira creche do bairro!

A prefeitura disse que se a gente arrumasse uma casa, ela faria o posto. Nós ficamos que nem umas loucas procurando casa, menina! Até que vimos essa casa grande, na esquina, ligamos para a dona, escafuchamos os parentes dela, e falamos com ela, que estava em Minas Gerais, e falamos pra ela que a prefeitura ia alugar e arrumar pra fazer um posto de saúde. Ela disse que não tinha problema, alugava sim. Nós falamos que a prefeitura ia modificar a casa, e ela disse: “Não tem problema, não”. Claro, ia entrar um dinherinho a mais! Dentro de uma semana, montou um caminhão e vieram inaugurar o posto de saúde!! Ficamos tudo lá, a mulherada toda com aquela criançada!... Fizemos os cartazes... Sabe aqueles pirulitinhos assim? Inauguramos o posto.

E aí a gente começou a se reunir, as mulheres, a ir pra rua, passar nas casas conversando. O que vocês acham da gente ter uma creche aqui? E se a gente fosse pra prefeitura pra ter uma creche aqui, pras crianças terem onde ficar? A mulherada trabalhava e deixava as crianças em casa. Arrumamos uma menina, uma assistente social, era esposa do Chapecó, o secretário do esporte. Começamos assim... Já era a década de 1980...

Entrei na creche em 1983, mas isso foi depois de uma luta! Nessa creche nós exigimos que trabalhassem mulheres na comunidade. Nós fomos em nove mulheres da comunidade trabalhar nessa creche. Ganhamos até a direção da creche! Mas no nosso

grupo não tinha ninguém com capacidade pra assumir uma creche. Até eu fui candidata! Mas sabia que não tinha condições de assumir uma creche. Eu achava que não tinha, né? Achava que não tinha...

Estudei só até o supletivo, porque geralmente mulher não estudava... Nós tínhamos uma pessoa aqui que participava junto com a gente, a Francisca, chamava de Chiconá, mora no Ceará, nós conquistamos com ela muita coisa, mesmo sem estudar. Conseguimos um médico, o dr. Takaoka. O pessoal achava que ele vinha aqui só pra fazer consulta, mas não, ele vinha pra ajudar a gente a se organizar. A gente chamava o Taka. Depois, lutamos pelo posto de saúde! Fomos até a prefeitura e exigimos um posto. A gente ia junto com o médico Takaoka, a Lúcia, esposa do Chapecó, que deu muita assistência pra nós, com a Margarida, mulher do Tonca, que era jornalista.

Pressionamos a creche num terreno livre ali pra baixo. Escolhemos quem ia trabalhar lá. Quem participava do grupo tinha direito de trabalhar, e a gente sabia que a mulherada queria trabalhar! Quando entrei na creche, eu estava de oito meses de gravidez da Janaína. Falavam assim, faz assim: vai ganhar nenê primeiro, quando ele tiver seis meses, você volta que sua vaga está ali. Quando Janaína nasceu, já fazia quase um ano que as mulheres estavam trabalhando. Minha função era ser pajem, trabalhei muito tempo. Depois de dez anos, fui representante de funcionários da creche e tinha participação no Cintrasp, dos servidores de Osasco, e depois de dez anos, a Ana Maria, esposa do Francisco Rossi, me colocou à disposição. Ela disse que funcionária não poderia participar de movimentos sindicais, e eu era representante da creche, todo movimento dentro da prefeitura eu ia e trazia tudo o que acontecia na creche com os funcionários. Tinha muita repressão! E eu levava pro sindicato pra ser discutido lá. E eles acharam que eu não podia. Nesse período trabalhei com o Parro, o Guaçu, o Parro, o Silas, o Celso Giglio. Mas mesmo assim eu participava das greves. O Guedes foi preso no portão, no fundo da prefeitura, na greve que nós ficamos onze dias. Até o cemitério parou naquela época! Interessante que eu não tinha coragem quando meu marido estava envolvido, e depois eu tive coragem!

O aprendizado veio de tudo o que passei, do sofrimento do que nós passamos juntos. Aí conquistamos tudo isso, posto de saúde, creche. E hoje participo da UAPO, dos aposentados do Osasco. Participo da comunidade, faço parte da liturgia, sou coordenadora dos idosos aqui da comunidade e é uma coisa que gosto de fazer, cuidar dos idosos. Tentei sair já dois mandatos, mas não consegui, porque não tem ninguém pra assumir. A gente se reúne todas as quintas feiras, nós temos uma história. Essa comunidade é fruto da nossa luta. Já tem vinte e cinco anos! Não pode morrer! Esse grupo era o clube de mães antigamente, que nós lutamos, brigamos. A maioria já está aposentada. Sou aposentada por invalidez já há sete anos, mas continuo participando.

Nesses quarenta anos de casada, falar a verdade, sou uma heroína! É muita coisa pra gente... A luta da gente é muito difícil. Foi muito difícil. Mas valeu! Valeu, tudo o que sofri, tudo o que aprendi, junto com o João. Até hoje ele participa de muitos movimentos, da Apeesp, da Uapo, da ACO, dois anos viajando... E eu ficava tomando conta da casa e dos meninos. Mas todo esse tempo eu trabalhei, tirei uma lição de vida muito boa! Essa casa minha era um QG! A gente tinha um grupo que chamava grupo dos desempregados. A gente fazia um trabalho de comprar do agricultor os alimentos, um tipo de cooperativa. Trazia arroz, feijão, aquele arroz branquinho, coelho, queijo, laranja, mandioca, verdura. Aí a gente mesmo distribuía, nessa cozinha... Juntava todo mundo! Íamos aos lugares que vendiam comida mais barato e comprávamos produtos pras pessoas desempregadas aqui do bairro. A gente conseguia doação de mercados, da feira... Tínhamos até uma máquina de pesar! Separávamos e dávamos pra quem precisasse. Cada um levava o que precisava. Vinha frutas, essas coisas todas. Tinha o

peçoal que ajudava com cesta básica. O peçoal do mercadinho o trazia café, açúcar. Cada um fazia uma espécie de uma cesta. Se a gente soubesse também de algum lugar com gente desempregada, já encaminhava pra lá. A gente chamava grupo do desempregados! As pessoas eram solidárias! Essa casa já foi tudo quanta é coisa!!

Meus filhos são participativos... O Plínio Marcos, meu filho mais velho, ele estudava no Senai. Aquela coisa de moleque, que começa a faltar na escola? Comecei a estranhar: “todo dia lavo a capa desse menino, não to vendo que o Plínio está sujando a capa. João, acho que o Plínio não está indo na escola”. O João falou assim, aí não acredito. A capa dele vem todo dia do mesmo jeito. Olha aqui, ta dobradinha do mesmo jeito que eu deixei. Que o Plínio faia, Ia pro diretório do PT, ficava o dia inteiro com os estudantes. Você acredita numa coisa dessas;

Um dia, o João teve uma conversa com ele. Filho, você acha que eu vou ficar ,... O tempo que você fica no diretório, você podia estar estudando! O João foi lá no Senai e a assistente social falou que ele estava mesmo faltando. Você acha que você pode viver mesmo desse jeito. Ele disse, posso. Pode? Você não vai ficar num lugar, comendo, bebendo e dormindo sem ajudar em nada. Vai trabalhar, né, filho? Aí ele foi pro quartel, na Vila Mariana, ficou vinte anos morando fora de casa. Na minha cunhada, foi pra Santos, foi trabalhar numa oficina. O João, com meus filhos, ele parece mais um irmão, amigos deles. Não parece pai...

O João foi dar aula – ele é pedagogo – para crianças. O negócio dele é criança! Nunca quis pegar a direção de uma escola. Ele pega a molecada do bairro da sala de aula, leva pra feira: “aula de matemática!”. Traz todo mundo aqui, senta todo mundo na mesa, eles cortam as frutas, fazem uma salada de fruta, e ele vai perguntando: quantas bananas? Quantos pedaços?... É a aula de matemática!!

Conseguimos também o direito à feira numa rua aqui próxima, toda terça-feira, porque a gente não tinha acesso a nenhum lugar para comprar o que precisávamos. Quando mudamos pra cá, não havia nada. Era a nossa casa, um barraco do lado, a vizinha aqui na frente. Não tinha ninguém, nada. Era tudo cheio de mato. Não tínhamos acesso a nada! E hoje a feira ainda continua a existir...

Conseguimos também os três escadões. A rua é muito inclinada, então a água passava e levava tudo! A gente vivia tomando escorregão. Caía com as crianças!... E os buracos?! Caía até cavalo dentro deles! Ficava lá, não conseguia sair. Era buraco de três metros! Os escadões resolveram boa parte disso, embora tenha gente que ainda jogue o lixo por aí e a chuva leve os restos que abandonam na beira dos escadões.

A gente conquistou o asfalto pra rua! Antes aqui era só terra!...

Ali embaixo era uma enorme favela, que ia até Carapicuíba. Uma das maiores favelas de Osasco. Você olha e vê um monte de casinhas bonitinhas... Melhor do que muita casa por aqui! Foi a gente que conseguiu que a prefeitura loteasse! Eles vieram, mediram tudo certinho, dividiram e distribuíram. Antes o peçoal vinha, plantava uma árvore no seu terreno, ocupava um espaço grande, enquanto o outro ficava espremido, com um pedacinho de terra. Depois do loteamento, ficou melhor, mais bonito. Então, isso a gente conquistou também!

Conseguimos o fornecimento de água e luz pra essa região...

Conseguimos ônibus, a creche, o posto, o asfalto, as casas!... Conseguimos tudo isso com muita luta. Com o nosso grupo de mães... Hoje trabalho na Associação dos Aposentados de Osasco. Gosto disso. Já era pra eu ter me afastado, mas não tem ninguém pra fazer isso no meu lugar na direção do grupo de idosos da comunidade. Então, eu vou ficando, porque é bom trabalhar com eles. O João também continua a participar da Apeoesp, de vários movimentos. Atuamos na igreja.

Hoje as pessoas se acomodaram. Reclamam do preço do ônibus, do bairro, mas não brigam. Eu digo pra elas: “Vai brigar! Não fica aí parado!”. Quem disse que se você brigar nada vai mudar, eles não vão fazer nada?! Fazem sim!! Mas é preciso se organizar, brigar!

AMIRA IBRAHIM

Criei muita força! Força pra lutar e ir atrás do que eu queria. Brigar pelos meus direitos. Enfrentar!

Eu nasci em Presidente Altino, em 22 de outubro de 1944. Nessa mesma avenida. Meus pais eram comerciantes na beira da estação. Depois que desapropriaram lá, nós viemos para a pracinha. Meu pai comprou um terreno aqui. Quer dizer, nós nascemos e fomos criados em Presidente Altino. Somos onze irmãos. Todos filhos de Presidente Altino!! Eu sou a caçula das mulheres. Nós somos sete mulheres e cinco homens. E o Ibrahim é o caçula dos homens. Não estão todos vivos. Eu perdi dois irmãos e duas irmãs. Meu pai é sírio libanês, nasceu no Líbano, e minha mãe é filha de portugueses.

Minha infância foi muito boa! Nós morávamos num terreno espaçoso aqui do lado. Nós tínhamos muita plantação, muito bichinho: cabrita, porco, galinha. A gente tomava leite das cabras – até quando eu era grandona! Eu levava as cabras para pastar... Perto aqui era tudo matagal. Era muito bom! Meu pai era muito enérgico, muito bravo! E minha mãe era muito boazinha!! Eu estudei aqui no colégio Frei Gaspar. E só. Eu fiz até o quarto ano primário. Nunca trabalhei na minha vida! Eu fui uma das últimas, então meu pai me deixou para cuidar e ajudar a minha mãe no serviço de casa. Ajudava ele também no bar. Ele tinha um bar. Então, eu ajudava ele no bar e era dona de casa com a minha mãe.

Na época eu não senti de não ter estudado. Hoje sim, eu sinto. Eu via minhas amigas todas trabalhando, não pensava em estudar, não. Mas todas as minhas amigas estudaram, fizeram faculdade. Eu via elas trabalharem e tinha muita vontade de trabalhar! Eu pedia pro meu pai: “Deixa eu trabalhar!”. Minhas irmãs trabalhavam. Eu pedia pro meu pai, e ele dizia não, que eu não ia trabalhar. Que não me faltava nada e ia ajudar a minha mãe. Eu nunca trabalhei na minha vida! E olha que aqui perto tinha lugar para trabalhar. Tinha o frigorífico Wilson, tinha duas oficinas de roupa. Nossa, tinha mais coisas! Mas ele nunca deixou eu trabalhar fora. E eu me conformei. Eu era muito conformada, sabe

A minha relação com meus irmãos era muito boa. Muito boa! Com todos! Do mais velho ao mais novo. Claro que a gente brigava! De vez em quando saía um quebra pau, mas só quando éramos pequenos. Mas a vida de adulto foi muito boa. Foi mesmo!...

Meu irmão foi trabalhar na Cobrasma com dezenove anos. Eu tinha vinte e um anos. E aí escolheram ele para ser candidato ao posto de presidente do sindicato, e tinha o Henos Amorina que também estava competindo como ele. E nessa primeira eleição, ele ganhou. Mas aí acharam que teve uma falcatura e ele, molecão, porque ele era muito menino... Então, repetiram a dose e ele ganhou estourado! Ganhou estourado! A frustração do Henos foi essa eleição!...

A gente mesmo não tinha muita participação. A gente, eu pelo menos, era um pouco desligada... Quando aconteceu a greve na Cobrasma, aí a gente se alertou! Enquanto havia a ditadura, mas não havia ocorrido a greve, eu não percebia nada! Eu via que era tudo muito restrito, mas eu não me assustava. Lembro que a minha família também, a gente não tinha aquela coisa de falar a respeito.

Eu lembro no dia da greve que os militares estavam vindo para Osasco. Mas eu achava que eles vinham de caminhão, sei lá de que jeito, de carro. E aí eu peguei a

minha sobrinha, com o radinho de pilha, escutando a confusão, e nós pegamos a avenida que dá para a Cobrasma, a pé, e demos de cara com os brucutus. Três brucutus! Sem exagero. Um atrás do outro, que a rua lá é estreita. Eu falei: “Gente, pra onde vai esse tanque de guerra?!”. Disseram: “Estão indo pra Cobrasma! Estão indo pra Cobrasma!”.

Eu corri mais do que eles! Corri! Falei: “Vão pegar meu irmão!”. Mas então, meu irmão não estava mais lá. Mas foi um brucutuzão!... Três! Dei de cara com eles. Ali nós percebemos o perigo! Ali que nós vimos que o negócio era mesmo perigoso. A gente não sabia. Ele nunca contou sobre a participação dele. Eu não sei se ele tinha receio. Não sei se ele achava que a gente não ia entender o que estava acontecendo. Entendeu? Mas ele nunca se abriu. Para nós foi uma grande surpresa! Aí a gente apoiou muito ele, claro!

Nós ficamos esperando notícia dele naquela noite, e ele não deu notícia. Um dia depois, veio uma pessoa na minha casa – não lembro quem era a pessoa – e falou que ele e mais algumas pessoas estavam guardados, que ele estava bem. E que assim que desse, ele voltaria. Mas só que ele não voltou.

Depois de uns oito dias, a polícia tomou conta da minha casa. Fizeram mil perguntas pra nós, para o meu pai. Eles queriam saber sobre a participação do meu irmão numa organização, a VPR. A gente não sabia mesmo, mas se soubesse, com certeza, a gente não ia falar nada! Queriam saber se ele mantinha nossa casa com dinheiro de algum lugar. Nunca! Nunca! Isso aí nunca!

E aí eles começaram a ficar na minha casa. Dia e noite! A gente não podia sair. Quer dizer, podia sair, mas tinha sempre alguém de vigia. Ficaram quarenta dias tomando conta da minha casa para ver se ele voltava. A gente oferecia até café pros “filhas da mãe”, para não falar outro nome! A gente achou melhor fazer amizade do que deixar eles de lado.

Os militares fizeram prontidão lá em casa, mas nunca pegaram ninguém. Só uma irmã minha, a Ana, que era da Corregedoria do Estado. Levaram ela presa. Ela trabalhava na Receita Federal e chegaram dois à paisana, e simplesmente retiraram ela de lá. Disseram: “Você está presa!”. E ela: “Como estou presa?!”. E eles: “Está presa!”. Levaram ela... Ela ficou vinte e quatro horas presa. Nossa! Fizeram muitas perguntas. Judiam dela psicologicamente: “Você vai morrer! Vem vindo um capelão para rezar para você, porque você vai morrer! Você não quer contar isso e aquilo”... E ela: “Mas eu não sei de nada!”. Eu só sei que no outro dia soltaram ela... Mas não entraram em casa. Não levaram meu pai, não levaram minha mãe. Não mexeram com ninguém da minha casa. Só minha irmã é que foi retirada do serviço dela à força.

O Ibrahim foi preso já aqui em São Paulo. Eles tinham um tipo de sinal: se a luz estiver acesa, se a luz estiver apagada... E os dois que estavam fora, que era o Ibrahim e o Roque... E a Aninha! Mas a Aninha não foi presa, porque ela conseguiu escapar. Então, os dois desapareceram, ignoraram o sinal quando chegaram e, então, entraram... E pegaram eles! Eles é que não perceberam o sinal. E foram presos! E aí começou todo o nosso sofrimento!...

Descobrir que meu irmão era de esquerda era tê-lo como um herói!! Gostei muito! Só que eu não sabia que ia causar tanto sofrimento para a família. Nossa, não tinha essa noção! De como era perigoso. Nossa, mas pra mim foi muito bom! Achei muito bom! A gente queria estar no meio também! Eu achava que ele estava lutando pelos direitos dos operários, das pessoas mais fracas. Não tinha a ver com guerrilha. Isso para mim era uma atitude nobre dele! Por isso que eu gostei,! Mas depois veio o resto e eu vi que o negócio era mais difícil. E a minha família recebeu tudo isso muito bem, tirando dois cunhados. Eles eram chefões da Cobrasma. Eles queriam morrer!

Nossa! Eles não queriam nem ouvir. “Não, não é meu cunhado”! Negaram ele mesmo! Para os outros, meu irmão era um terrorista, que sequestrava e matava.

Sabe, nós tínhamos uma vizinhança muito boa! Nossa! Quando o Zé foi preso e a casa ficou cercada por quarenta dias, nunca falaram nada. Receberam aquilo como uma coisa que aconteceu conosco e que poderia ter acontecido com eles, porque eles tinham filhos também! A Dalila, o Décio... O Miguel, outro vizinho nosso... Eles foram muito compreensivos. Pelo menos ali na redondeza, na vizinhança, eles não desfizeram da gente, de jeito nenhum! Sempre deram apoio. Mesmo não entendendo direito a situação, eles sempre deram apoio! Inclusive, nós não tínhamos telefone, e o Miguel, nosso vizinho, chamava minha mãe para conversar com meu irmão, quando ele já estava exilado.

Os vizinhos, no começo, perguntavam qual era a afinidade dele. E a gente comentou, por cima, que ele tinha sido presidente do sindicato, era da esquerda. Então, a polícia estava atrás dele por esse motivo. “Ele é contra esse regime que nós estamos vivendo. Só por isso”. Nossa! E eles entendiam! Nós não sabíamos que ele fazia parte da VPR, nem nossos vizinhos. Soubemos muito tempo depois.

Procuramos por ele no II Exército, no Dops... Houve uma vez em que eu e minha mãe estávamos lá no exército, não sei bem onde é, lá no Ibirapuera! Aí nós entramos. Mandaram a gente parar... Veio um cara e mandou a gente parar. Mas nós continuamos... E ele perguntou: “O que é que vocês querem?”. E nós: “Nós queremos o meu irmão! O meu irmão Ibrahim”. Ele respondeu: “Vocês parem aí se não nós vamos te metralhar!”. Eu parei e minha mãe seguiu!! Eu peguei a minha mãe e nós paramos!! Aí colocaram a gente numa gaiolinha, num negócio lá, numa casinha e ficaram fazendo um monte de perguntas. E disseram: “Ele não está aqui! Vocês nunca mais enfrentem um quartel! Por pouco vocês duas não foram fuziladas!”.

Nós, então, saímos... E um reco falou assim: “Gente, eu estou com muita pena de vocês! Eu vi tudo e vou contar pra vocês onde é que está esse Ibrahim... Ele tá no Dops!... Vocês nunca falem, nunca comentem com ninguém!”. A gente nunca falou quem foi. O Zé nunca soube quem foi! “Ele esteve aqui. Eles estiveram aqui. Mas vocês vão logo! Procurem logo, porque senão eles matam ele!”

A nossa luta nesse Dops, menina!! A gente pegava o trem aqui e descia no Dops! E eles: “Não tá! Porque não tá! Não tá! Não tá!”. Teve um dia em que eles disseram que ele estava. E pediram pra gente escrever um bilhete pra ele dizendo que a gente esteve lá. A gente escreveu: “Graças a Deus!”. A gente falava muito em Deus, né? “Graças a Deus a gente te encontrou. Nossa! Foi muita luta pra te encontrar. Espero ver você logo. Nós estamos do seu lado. Nunca vamos largar você! A gente vai estar te ajudando. Você vai sair dessa...”. A gente já imaginava o que ele estava passando. Ele já tinha sido muito torturado!

E ele escrevia para nós. Ele escreveu. Escreveu dizendo que estava muito bem... Imagina que o bilhete dele não passou por trinta, né?! Que era pra gente não se preocupar. Que ele estava com Fulano, com Sicrano... Isso foi muito bom! Porque a gente já contou pra tropa inteira, pra família inteira que ele estava ali!! Ele fez já de propósito: “Olha, tá aqui o Fulano, tá aqui o Sicrano. Está aqui o Roque, o filho de Júlio Medáglio, o marido da Marília Medalha – como ele chama? Falou dele... Falou de diversos nomes! Como chama aquela moça que morreu há pouco tempo? A Maria Augusta! E aí a gente foi repassando esses bilhetes para as famílias...

Eu levava recado pra mãe de Fulano... O Dorival que foi morto aqui na linha do trem... Ele também fazia parte da VPR... Ele estava fugido e voltou pra casa dele pra fazer não sei o quê e a polícia estava de campana. E aí pegou ele! Eu vinha saindo de lá... Duas horas antes havia levado um recado pra ele! Não sei qual tinha sido o recado

que o Zé mandou dar. Lá da prisão, ele tinha mandado um recado pro Dorival por mim. Duas horas antes, eu tinha saído de lá! Aí eles estavam de campana e pegaram ele. Aliás, metralharam ele!

Muitos vizinhos também ajudavam, mandavam coisas pra ele. Uma amiga nossa fez uma blusa porque ele passava muito frio lá na prisão. Fez uma blusa de flanela, que é aquela que ele está usando quando saiu do Brasil.

Quando o Zé foi preso, antes do aniversário dele, e antes dele ser trocado pelo embaixador americano, uma professora do Sesi da Campesina, acho que é Maria Baccega, ligou para mim e disse: “Amira, eu preciso encontrar com você e com a tua mãe. Que horas que eu passo aí pra pegar vocês? A gente precisa se encontrar”. Eu já sabia que era a respeito do meu irmão. Conversei com a minha mãe e marcamos o horário. Aí ela veio de carro, pegou nós na casa que eu morava de solteira e levou a gente para uma praça, que até hoje não sei que praça é essa. Não é em Osasco, porque nós andamos muito! E lá ela falou: “Vamos ficar sentadas aqui e daqui a pouco vem uma pessoa para conversar com vocês duas... Era o Neto! O Manuel Dias, nosso colega que também trabalhava na fábrica.

Ele veio meio espantado, olhando pra um lado, olhando pro outro... E disse assim: “Olha, vai acontecer uma coisa que vocês vão ficar muito abaladas, mas vai dar tudo certo. Vai ser raptado o embaixador americano. Em troca dele, vão pedir presos políticos. E o teu irmão, teu filho está no meio”. A gente disse: “Não! Não faz isso! Porque é perigoso!! Ele falou: “Não, já está feito! Já está feito! Vai acontecer!”. Isso foi um dia antes do aniversário dele... Eu disse: “Não, Neto, mas está sendo preparada uma festa amanhã, é aniversário dele...”. E ele: “Continua do jeito que está!”. E eu falava: “Mas Neto, vão pensar que a gente está fazendo essa festa de propósito!”. E ele: “Continua do jeito que está! Eu só estou dando uma satisfação pra vocês e teu irmão já está sabendo”. Eu perguntei: “Ele já está sabendo?”. “Já está sabendo”. Aí na festa, peguei meu irmão do lado, e minha mãe, falei: “Zé, está acontecendo isso e isso”. E ele respondeu: “Vocês foram loucas! Não podiam ter ido nesse encontro! Olha o perigo que vocês correram!!”. Mas eu disse: “Mas é que a gente queria saber de uma notícia boa que a Baccega disse que uma pessoa ia dar... E aí, Zé, é verdade?”. E ele: “Estamos esperando. Fique preparada. Estamos esperando... Fique preparada”.

E aí no dia cinco de setembro estourou a bomba! Eu, burra! Tinha um delegado que gostava de mim chamado Dr. Nilton Fernandes. A paixão dele nasceu nas visitas na cadeia. Nós tínhamos um negócio com investigadores! Só que o meu era delegado!! Ele era apaixonado por mim, mas juro mesmo, nunca peguei na mão dele! E no dia em que o Ibrahim foi solto, a gente queria ver o Ibrahim. E esse delegado... Eu pedi para ele: “Faz um encontro dele com a minha família!”.

O meu pai tinha leucemia... Há dez anos tinha leucemia. Ele convivia bem com a doença, porque fazia transfusão de sangue, se tratava. Mas o meu pai não aguentou... Meu pai morreu!... Nesse dia, meu pai ainda estava vivo, mas ele não foi. E esse delegado dizia: “Não pode! Não pode! Não pode!”.

Antes, numa outra vez ele tinha deixado a gente ver o Ibrahim: “Pode vir aqui a semana que vem. Pode vir a família todinha, que vocês vão ver o Ibrahim. Depois nós descobrimos porque não podia se encontrar antes. Porque ele tinha que se refazer primeiro!... Da tortura!... Ele tinha que se refazer... Depois ele contou.

Aí esse delegado reuniu, na sala dele, toda a família. Os irmãos, a mãe, a maioria da família estava lá. Quando ele entrou algemado, com três caras com fuzil atrás dele... O delegado mandou soltar ele e mandou os guardinhas embora. Ele fechou a porta e deixou nós sozinhos com ele.

Nossa! Foi uma alegria tão grande. Tão grande!! E foi abraço daqui, e foi choro de lá... E a gente revistando ele pra ver se estava inteiro. Ele dizia: “Eu estou bem, menina! Estou bem, graças a Deus! Aqui eles me tratam bem”... E depois acontecia, de vez em quando, essa reunião. Mas ele só chamava eu, a minha sobrinha Sandra e a minha mãe. Ele mandava a gente subir.

Por isso, eu acho que nós fomos muito privilegiados! E vou dizer o porquê: minha casa nunca foi invadida. Ninguém foi torturado, ninguém foi pego... Olha, o Espinosa, pegaram o pai dele, seu José, já de idade! Pegaram várias pessoas! A Iracema, irmão do Roque!... Entraram na casa dela, com arma. A menina pequena dela... Sabe, e nós não!

Eu acredito muito na proteção! Acredito muito em Jesus! Minha mãe era muito religiosa, católica. Não era assim frequentadora de igreja, mas dentro de casa ensinou a religião. Sabe? Nós tivemos proteção de Deus! Muita proteção! Desde o começo. No Dops, a gente não foi destrutada. Nunca! O delegado quando pegava para conversar com nós, ele falava assim: “Não sei por que o seu irmão foi entrar nisso! Uma família tão bonita... Uma família tão unida... Tem que falar que Jesus Cristo só teve um!”. Ele falava isso... Nós dizíamos: “Mas, doutor, é um ideal”. Ele dizia: “Não! Vocês têm que tirar isso da cabeça dele!”. Um dia, eu ainda falei para ele: “Doutor Nilton, meu pai tem um barzinho, e o senhor poderia ir lá um dia visitar meu pai”. Ele falou: “Não! Tenho medo da VPR”!!

Meu sobrinho também ajudou muito. Ele tinha um gordinho novinho, que ganhou do pai. A estréia do gordinho foi levar o Zé pra fugir, levou ele pro sítio da madrinha. Foi o Dinho que levou! Não poderiam ter pego ele? Tivemos muita sorte! Nunca pegaram ele pra perguntar nada, pra interrogar nada! Acho que eles tinham medo da família muito grande!! E porque a gente estava sempre todo mundo junto!

Um dia, a minha mãe estava andando em frente à Padaria Portela, tinha ido buscar o pão... Ela caiu e arrebentou a cara todinha! Tanto é que quando nós fomos nesse quartel, no Ibirapuera, ela estava toda machucada, querendo já nascer ferida, casca! E no Dops, quando viram ela toda machucada, acharam que ela tinha sido torturada. Perguntaram o que tinham feito com ela. Você vê? Eles jogavam pra saber se a gente sabia alguma coisa e a gente jogava com eles!

As pessoas ao redor... Eu achava todo mundo calado! Pelo menos aqui ao nosso redor, achava o povo todo muito calado. Com muito medo!... A gente queria fazer manifestações, reunir o pessoal para conversar a respeito disso, do que estava acontecendo. Mas o povo recuava... Tinha medo! Eu tinha medo, mas como tinha um caso na família, achava que tinha que ajudar. Entendeu? Mas era muito difícil sozinha! Os meus irmãos foram muito pacatos! Ele ajudaram muito meu irmão, mas eles eram muito pacatos...

O dia em que o meu irmão foi exilado, foi televisionado. Foi televisionado... Mas a gente estava no aeroporto. Foi muito triste, muito chocante!... Tinha tanto boato que eles não iam chegar lá... O país que recebeu eles foi o México. E diziam que eles iam chegar no México e iam ser mortos! Eles iam ser mortos ou iam explodir aquele avião. Então, a gente ficou num desespero aqui, né? Enquanto esse bendito avião não chegou no México, a gente não sossegou. E depois ele custou a dar notícia. Custou muito! Então, apelei para a Cruz Vermelha Internacional! Ele não dava notícia... Não tinha carta que chegasse para nós! Ele disse que mandava, mas nada! Aí apelei para a Cruz Vermelha Internacional e eles me negaram ajuda, dizendo que era um problema diplomático. Não podiam me ajudar e que eu continuasse tentando através da ONU.

Depois de muito tempo, nós recebemos uma notícia dele, de Cuba. Do México, ele tinha ido para Cuba. O Neto também foi, levou a família. A mãe dele também foi.

Nós recebemos uma mensagem, uma carta aberta Do Ibrahim. Eu não sei como nós recebemos, porque o Brasil não tinha relações com Cuba. Ah! Eles mandaram essa carta para a França, e de lá, o pessoal mandou para nós. Ali em Cuba ele ficou sete anos e a gente teve muito pouca notícia dele, por intermédio de outras pessoas, de outros países. Aí depois ele foi pro Chile.

Quando ele foi para o Chile, minha mãe pegou a bolsa dela e foi pro Chile! Assim!! Ela disse: “Eu vou ver meu filho!”. Pegou, foi arrumar as papeladas dela, o passaporte. Sozinha! Nunca tinha saído de casa. Era mulher de roça! Pegou o avião e foi parar lá no Chile!! A primeira vez ela foi sozinha. Depois, meu irmão Jamil foi com ela. Ela foi três vezes pro Chile!

Nos Estados Unidos o Zé não entrava! Foi o Fernando Henrique que ajudou a situação pra ele poder entrar. Ele ia dar uma palestra lá. No final deram dez anos pra ele de visto! Mas ele não entrava lá! Chegava na porta, mandavam ele voltar. Muitos foram perseguidos como meu irmão!...

Lembro do Barreto!... Lembro dele com muita fome! Com muita fome! Ele vinha do esconderijo dele. Atravessava o meu quintal que também era de dois tios meus. Três mil metros quadrados, mas tudo cercado, com portãozinho... A gente ia na casa dos tios pelo portãozinho. Não precisava atravessar a rua. A gente ensinou esse caminho pra ele. Então, o Barreto vinha na madrugada, às vezes às oito horas da noite, às vezes de madrugada. Vinha buscar o que comer... Ele pedia pão com ovo! E a gente já tinha tudo preparado. “Faz pão com ovo! Faz pão com ovo!”, ele pedia. Aí tinha aquele pãozão, colocava cinco ovos no meio dos pães. Ele comia ali. Fazia a sacola e levava para os outros...

O Barreto, não lembro a vida dele... Depois ele morreu assassinado junto com o Lamarca, na Bahia... O Marighela eu não cheguei a conhecer, mas a gente ouvia falar muito dele... O Marighela... Ele morreu ali na Alameda Casa Branca. O dia em ele morreu, a gente estava indo pro Dops, e ficamos sabendo na rua. Muita coisa ruim aconteceu!

Mas depois que aconteceu tudo lá no Chile, que ele recebeu o asilo político em Cuba, ficou tudo tranquilo por aqui. Nós tínhamos notícia dele, era pouco aqui no Brasil, mas por intermédio da França, a gente recebia notícia. Ficamos mais tranquilos... Ele contava que trabalhava, que ele era o maior amigo do Fidel Castro! Fidel Castro e ele eram dois irmãos! Ele adorava meu irmão. Cuidou muito bem dele, tratou dele... Meu irmão chegou lá com três costelas quebradas! Foi muito bem cuidado. Depois, ele quis trabalhar. Aí ele foi trabalhar e aprender mais coisas lá. Aprendeu a cortar cana! E isso deixava a gente mais tranquilo...

A gente aqui esperava muito a Anistia, mas achava impossível! A gente achava a Anistia im-pos-sí-vel! Tanto é que, foi o Figueiredo que deu a Anistia, que disse que lugar de brasileiro era no Brasil, ele usou esse termo, aí foi uma alegria só, né?! Meu irmão foi o primeiro a voltar. Eu não temia que ele fosse preso novamente. Fiquei feliz! Pensava assim: “Se o presidente deu a Anistia, é porque ele vai estar seguro”.

Quando meu irmão voltou, não fui até o aeroporto. Não deu pra eu ir. Tinha quatro filhas pequenas e uma doentinha. A minha sobrinha Sandra que foi, tirou fotos, vídeos, tudo, mas o encontro com ele quando chegou em casa foi uma festa!... Tinha gente esperando com fogos, churrasco! A casa tava lotada! Na rua tinha sei lá quantas mil pessoas esperando!... Ele ficou exilado dez anos! Dez anos!... Foi muito bom a volta dele! Muito bom!... Nossa, foi muito boa essa volta dele! O povo todo! E não era só o povo de Presidente Altino. Era gente que vinha de longe. Foi uma festa muito grande que fizeram pra ele na minha casa... Na casa dos meus pais. Pena que meu pai não viu

ele voltar, não aguentou... Minha mãe viu! Ele voltou no dia de São José, o santo que minha mãe era devota. Tá vendo como tem muita coisa espiritual?!...

Então, quando a gente se vê numa situação... Numa situação ruim... a gente vai à luta! Como todas foram! Todas! Não teve mãe, não teve irmã, não teve esposas de presos que não foram à luta pra tentar melhorar a situação!

Isso era uma coisa do coração, como uma obrigação! Não exatamente uma obrigação... Vinha de dentro da gente! Eu era muito ligada à Iracema, irmã do Roque. A gente era muito ligada, lutamos na época da Anistia. Talvez se a Sandra e eu não tivéssemos tomado tanto café no Dops, o Zé também não estaria aí! A gente apoiou muito ele.

Eu e a Sandra fizemos até macumba!! Veio o seu Pimenta, mandou a gente levar bala de coco e pimenta pra jogar nas portas que a gente fosse entrar no Dops, que era pra abrir as portas pra ele. Não tinha porta do Dops que não tivesse bala de coco e pimenta!! E charuto!! A gente tinha que dar umas tragadas o charuto! A gente olhava: “Olha, olha o guardinha vindo aí!”... Como a gente fumava!!... Hoje ele sabe e chama a gente de louca!!

Só sei que nisso tudo teve partes boas e partes ruins... Mas eu digo que a gente teve muita sorte, desde o começo! A nossa casa não foi violentada, ninguém da minha família – a não ser a minha irmã que ficou 24 horas no aeroporto – foi agredido. E isso também não abalou ela, não! Ela ficou até feliz! Ela ficou até engraçada, porque ela tinha o cabelo assim todo repicado e enroladinho, e ela tinha ido ao cabeleireiro no dia em que foi presa, e quando ela voltou... Ela tinha um marido muito ranzinza, ele falava: “Pra que ficar falando que ficou presa?”. E ela com o cabelo todo desgringuelhado!... Ela chorava! “Ai! Eles falavam que eu ia morrer, que eles iam me matar! Chamavam o capelão pra me benzer!”. Eles traziam o capelão pra rezar. Diziam que ela ia morrer. Ela ficou o dia inteiro, a noite inteira lá!

Essa história é lembrada todo dia aqui! Minhas filhas já estão até cansadas de ouvir!! Mas cada dia tem uma história diferente, nova. Essa história marcou muito a nossa vida, principalmente a minha. Marcou, muito, muito! Teve coisas ruins, mas teve coisas boas! Aqui em Presidente Altino, pelo menos os meus amigos, gostam muito do meu irmão, chamam ele de herói! Ele foi um herói! Pra nós foi uma lição de vida. A gente nunca pensou que pudesse acontecer na nossa família um caso desses. Pra mim, acho que foi muito bom! Foi uma lição de vida. Ficou na história... Com tudo o que a gente passou, tudo o que a gente sofreu, foi uma coisa válida! Foi válido! Graças a Deus, meu irmão não morreu, não se matou.

Essa história eu vou contar pros meus bisnetos, pra todo mundo! Com muito orgulho! Criei muita força! Força pra lutar e ir atrás do que eu queria. Brigar pelos meus direitos. Enfrentar! Enfrentar a situação. Isso meu irmão deixou pra mim... Ser mais corajosa. Quando o calo aperta, a gente vai à luta! Quando aconteceu tudo isso, a gente foi à luta à procura do bem estar dele! E de outras famílias também.

ANA MARIA GOMES

Eu vivi! Eu vivi. Eu não passei.

Meu nome é Ana Maria Gomes. Comecei minha militância política entre 1966 e 1967, no movimento estudantil. Eu era secundarista. Estudava no GEPA (Ginásio Estadual de Presidente Altino) durante o dia, e trabalhava na OSRAM, uma fábrica de lâmpadas, à noite. Atuava no movimento operário e estudantil em Osasco e foi a partir dela que me envolvi em tantas confusões que aconteceram e ainda continuam acontecendo no Brasil! Olhando de hoje, penso que o momento permitia que esse tipo de atividade fosse possível, pelo próprio contexto político e social.

Meu irmão estudava no Colégio Estadual Antonio Raposo Tavares (CENEART) onde circulava a “fina flor” da política juvenil da época. Havia o Espinosa, o Barreto, o Roque e outros tantos... Meu irmão e eu sempre fomos muito ligados, coisa que geralmente não acontece entre irmão e irmã. A primeira vez que ele viu uma peça de teatro, se comoveu e me levou. Se estivesse passando um filme, nós íamos juntos. Ele me levava, muitas vezes com os amigos dele, num tempo em que as mulheres ainda estavam um pouco mais dentro de casa.

Lembro que a minha vida foi marcada por certa revolta contra o destino desde o começo. Então, às vezes, me lembro dessa revolta, e o interessante é que sempre voltada para as mulheres! Recordo que com 12 ou 13 anos já brigava com um tio, com uma tia, porque não deixavam a filha sair de casa. Sempre tive um espírito meio revoltado, sabe, nunca podia ver uma injustiça sem protestar, nunca! Isso era até em casa, quando meu irmão apanhava, eu corria lá para defendê-lo.

Minha mãe achava que a gente tinha que ter uma educação religiosa. Tinha que ir todo domingo à escola dominical da Igreja Presbiteriana. Mas minha mãe não ia, porque ela achava que tinha muita ostentação, de joia, colares de ouro por parte das senhoras da Igreja. Achava que era o fim da picada a mulher do pastor! Ele, falando que quem não fosse à igreja ia para o inferno, enquanto a empregada da mulher do pastor ficava fazendo comida, limpando a casa...

Então, quer dizer que a empregada podia ir pro inferno?!

Meu pai sempre chamou de tubarões os ricos. Quer dizer, esse germezinho de resistência a gente já tinha, né? E ao lado disso, esse meu espírito que passou a ser o meu grande problema de stress. Eu não penso, eu me jogo na briga!

Foi com esse pessoal, amigos de meu irmão, que começou toda a agitação política de 68. Já estava uma confusão, iniciamos o trabalho de conscientização dos estudantes no Ceneart, e eu no Gepa. A primeira coisa que nós fizemos foi uma peça de teatro. Meu irmão me convidou a participar, porque faltava uma menina. Eles disseram: “falta uma menina”, e meu irmão disse: “tem minha irmã, que pode preencher perfeitamente esse lugar”!! E aí eu fui...Ele me passava os livros que estava lendo. Entrei no grupo através dele.

Naquela época, era tudo muito rápido, numa velocidade enorme...Quando vi, já estava participando do grupo, o primeiro grupo político que a gente teve! Foi tudo muito rápido: nós fizemos uma peça com duas apresentações e já fomos para outra coisa. Teatro já não servia mais. Nós começamos encenando como forma de levar a consciência e promover discussões de uma série de questões. Nossa proposta já era essa,

conscientizar, não era um teatro alienado, não, não! Já havia objetivos. Tanto que já participavam dele o Roque, o Barreto, o meu irmão, eu.

As coisas aconteciam muito rápido e o teatro já era muito pouco... Estávamos no começo de 1968 e já existia a preparação da greve e já era o começo da luta armada. Que era coisa mais séria. E o grupo foi se dissolvendo em outras atividades. Quando comecei a ter consciência histórica, lembro que li, não sei se “O trabalho, salário e capital” ou “Trabalho, preço e lucro”, do Marx. Sentia que havia uma resposta para minhas inquietações. A gente fazia essa leitura e um passava para o outro. Era muito pouco tempo. Não eram longas as discussões, eram ações. Não havia tempo. Para mim era uma coisa natural que eu continuasse no movimento. E fosse o preço que fosse!

E aí, foi a minha primeira ação!...

Lembro que haveria uma paralisação no ginásio em que eu estudava. Nós paramos o ginásio, porque era em nível nacional, paulista, não me lembro bem. Paramos. E o interessante é que a minha tendência já era lidar com as mulheres, era trabalhar com elas. E depois da greve de Osasco, continuei nesse caminho. Havia várias reivindicações na greve, mas acho que quem a organizou, quem levou a cabo foi o nosso grupo, sem dúvida nenhuma.

Fizemos uma reunião que decidiu a data: “Sai a greve? Sai. Qual é a data?”. Não lembro de termos discutido a participação do movimento estudantil. Também fazíamos trabalho nas escolas onde estávamos, mas os nossos objetivos eram muito mais voltados para o movimento operário. Não eram apenas reivindicações econômicas, era uma ação contra a política econômica, a ditadura, coisa muito maior do que uma greve por questões concretas. O movimento pararia Osasco, provocaria solidariedade de outros setores da população. A ideia era já de uma movimentação muito maior, muito maior...

Claro que havia contato com o pessoal do movimento estudantil. Havia universitários, mas disso eu não participei. Nesse momento não havia luta armada atuante. Já havia discussão, formação de um grupo de debate sobre textos, já vinha gente de fora, dentro daquilo que se tornou a esquerda armada. Tínhamos vínculos, mas a nossa entrada definitiva na luta armada se deu a partir da greve. Houve uma repressão muito grande a ela, que nós não esperávamos. Pensávamos que seria muito mais uma reprodução do que tinha sido o golpe: sem grandes repressões, sem grandes problemas. Um ou outro preso, mas só.

Hoje, olhando para trás, considero que aquele foi um embate forte com a ditadura não podiam deixar passar aquela greve. Foi o início da grande repressão... O início da grande repressão!

A liderança - toda a liderança - começou a ser procurada pela polícia. Alguns foram presos, alguns companheiros fugiram. O Barreto foi o único que ficou preso mais tempo, e os outros todos tiveram que entrar para a clandestinidade. Tive minha casa cercada, porque meu irmão trabalhava na Lonaflex, junto com o Neto. E lá eles paralisaram; e já começaram a ser procurados. Por causa do meu irmão, minha casa foi cercada, vigiada, muitos dias...

Fui presa no sindicato, mas ainda passei como coitadinha... Incrível a visão que tinham! E a gente se aproveitava um pouco disso. Para eles, mulheres nunca eram capazes de qualquer coisa! Então, lembro que quando fui presa, na hora em fui presa, já pensei numa linha de pensamento: “Pô, não estou fazendo nada!” e aí o cara dizia: “Como é, faz três dias que você está no sindicato!”. Eu estava lá o tempo inteiro e eles estavam vigiando! Quando chegamos no Dops, a minha linha de defesa foi sempre; “Não, a gente estava lá por acaso, fui procurar meu irmão, minha mãe está muito preocupada”. Conteí que se ele estivesse lá no sindicato, era pra avisá-lo que a fábrica dele estava em greve também. A cunhada do Neto e eu - havia também uma japonesa

que a gente não conhecia, mas que foi presa também – fomos as únicas mulheres presas durante a greve de Osasco. Durante a movimentação, pelo menos. Não sei se depois houve alguma mulher que foi levada, mas fomos nós três, operárias: eu, que estudava à noite; a Benê, que não estudava, e a outra que acho que era estudante, porque ela não era nossa conhecida. Devia ser de alguma organização, algum partido, e estava lá no momento.

Nós tivemos que ouvir do delegado que éramos muito moças, assim tão “direitas”, que queríamos casar com certeza. E a gente fazendo coisas para o sindicato! Um dia acharíamos algum trabalhador honesto para casar e tal.... Era um sermão que se dá a uma moça de família e hoje nós rimos disso! Ele dizia: “Vocês querem casar, não querem?”. E nós: “Claro que queremos”!!

Depois disso, entrei na semi-clandestinidade. Os rapazes todos que participaram da greve foram para a clandestinidade. E nos ligamos diretamente à VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Meu irmão e eu fomos pra guerrilha ao mesmo tempo, juntos. Depois da greve, a VPR era muito dividida, entre trabalho operário e ações armadas. Tudo numa rapidez imensa! Rapidamente todo mundo casou, porque tinha que montar um “aparelho”! Isso foi o determinante da rapidez dos casamentos, criar “aparelhos”. Na época não se saía da casa dos pais sem pelo menos assinar os papéis. Quando casei com o Roque, meu irmão e ele já estavam em plena clandestinidade. Eu não podia aparecer nos locais onde era mais conhecida, mas ainda ia para as aulas. Não podia aparecer mais...

Meus pais, no início, ficaram grilados, porque claro que houve também a quebra da ordem dentro de casa. No começo era: “Posso ir ao cinema?”, depois passou a ser: “Estou saindo, não sei quando volto”. Meu pai, uma vez, disse que sabia que meu irmão podia ser preso, ali em Quitaúna. Ele já sabia...”Se você for preso e estiver lá sendo torturado...”. Ele já sabia da tortura...”Você é que está escolhendo isso”!

Comigo, acho que eles nem acreditavam que poderia estar metida na mesma confusão que meu irmão. Não acreditavam... Minha mãe faleceu há uns três anos. Eu tive um problema cardíaco em agosto, ela faleceu no dia 11 de setembro, no dia do golpe do Chile. Em abril de 2005 fizeram uma homenagem a ela, nas comemorações do 1º. de Maio, porque os grevistas costumavam frequentar minha casa nos anos 60. Meus pais, aos poucos, começaram a se apegar afetivamente a todo mundo, a escutar as conversas com meus amigos, comecei a namorar o Roque... Então, eles foram aderindo, foram aderindo...

Tanto que durante a greve, houve episódios muito marcantes... Que bom, a gente foi solto, mas houve a repressão. O Roque foi preso e depois solto. Eu havia saído com ele para fazer contato com o pessoal, estudantes universitários, e quando voltamos... Havia um esquema de luz acesa em casa, caso tivesse acontecendo alguma coisa... E nós passamos de ônibus e a luz estava acesa em casa. A gente não acreditou. Sabe aquela coisa?... Passamos um ponto, depois outro, e começamos a vir a pé, à noite. Começamos a voltar a pé... De repente, meu pai agarrou a gente pelo braço e disse assim: “Vocês desapareçam daqui!”. A casa estava cercada. E meu pai todo fim de semana colocava uma roupa velha, um chapéu, ia tirar o matinho, limpar o esgoto que passava pela frente, aquele trabalho... E ele estava arrumando e viu um carro parado, e viu os caras conversando adiante da casa. E como tinha a minha casa, a casa da minha tia, então ele ia longe naquela limpeza. Viu os caras parados, ficou olhando, olhando...

Já tinha batido uma pessoa perguntando, dizendo que era amigo, se meu irmão estava lá, ou se o Roque tinha aparecido. Então, podemos dizer que essa foi a primeira ação do meu pai. De proteger a gente, de ajudar... “Vocês dois, saiam daqui!”... Era

uma confiança muito grande no Roque, que era meu namorado, afinal de contas. Era uma confiança muito grande!

Em relação à minha mãe, quando o sindicato foi cercado, eu pensei: “Minha nossa, agora vou presa, minha mãe vai fazer um escândalo! Quando cheguei em casa à noite, ela começou : “Que bom que tudo deu certo!”. E eu falei; “E aí, como é que a senhora soube?”. Ela disse: “Quando vi que o sindicato estava cercado, cheguei no bar da frente, pedi pão e perguntei: ‘A polícia está aí?’. Ele fez com a cabeça que sim. ‘O que aconteceu?’. ‘Foi todo mundo levado!’”. E ela disse que saiu pensando assim: “Ai, minha filha, coragem, coragem, coragem!...”. Era uma adesão da parte dela também à causa. E após isso, eles se envolveram e apoiaram a gente em tudo, inclusive atingindo um nível de militância também... Os dois...os dois...

O Barreto passava o tempo inteiro em casa, e a minha mãe...essa coisa bem de mãe...”Você já almoçou? Você já jantou?”... Eles todos, os meninos, gostavam muito dela... O Barreto, então, chegou com o violão um pouco antes da greve e disse assim: “Guarda pra mim que depois eu venho buscar.” Depois da greve ele foi preso, depois da greve ele não podia mais aparecer. Foi com o Lamarca para a preparação da guerrilha, foi embora... Minha mãe guardou durante mais de trinta anos esse violão!... O violão do Barreto, que ele ia passar e pegar...um dia...

Quando fizeram a homenagem a ela, foi muito bonito. Um mês depois ela descobriu que tinha um câncer em estado gravíssimo, no pâncreas, o que não dá pra ir muito longe, houve a cerimônia. O irmão do Barreto, que foi torturado... a família toda dele sofreu muito... A família toda dele estava nessa homenagem. E minha mãe levou o violão... Ela tinha dúvida até o último momento, se ela ia ter coragem de entregar o violão para o Odorico, o irmão do Barreto. Foi muito emocionante, foi choro pra tudo quanto é lado... Foi há três anos, finalzinho de abril, já nas comemorações de primeiro de maio. E uma companheira de quem ela gostava muito fez uma leitura contando um pouco da história do meu pai, da história da minha mãe, desse engajamento deles. Foi muito bonito, muito bonito mesmo! Perguntaram se eu queria falar, e eu disse: “De jeito nenhum!”.

Então, a minha mãe mostrou o violão do Barreto, que ela estava guardando... A Ieda, nossa amiga, propôs uma homenagem pelo fato de que ali nenhuma mãe tinha sido homenageada, nenhuma dessas mulheres que estiveram na retaguarda... Foi muito emocionante... Ela, então, entregou o violão pro Olderico, o irmão do Barreto. Naquela hora ela decidiu que era ele mesmo quem deveria guardar o violão. Ele a irmã, Ana... E foi muito interessante... Você imagina, ela era uma mulher do campo, depois operária. De repente, uma homenagem daquela! Ela se sentiu muito valorizada, muito orgulhosa de terem lembrado dela. Inclusive eu virei e falei pro meu irmão: “A mamãe já pode morrer...”. Era o coroamento, quer dizer, ela já poderia morrer em paz, feliz, tranqüila. Se ela tinha alguma dúvida do carinho que as pessoas tinham por ela, ali estava a comprovação!

E realmente, ela veio pra casa, estava sentindo dores... No começo de setembro ela morreu... Ela viu as fotos, fez um caderninho correndo porque ela estava indo pro hospital pra fazer a cirurgia. E ela pôde, então, ver as fotos. Tenho poucas fotos de antes, porque tudo foi levado pela polícia, foi queimado junto com outros papéis. Mas essa foi, então, a adesão dos meus pais. Definitiva, definitiva...

E nós entramos para a luta armada... entramos pra luta armada... Uma cerimônia em um cartório bem longe de Osasco. O casamento era pra poder montar os aparelhos. Eu e o Roque nos casamos no começo de outubro e em janeiro ele foi preso. Ele e o Ibrahim, na minha casa também. Eu consegui escapar mais uma vez, como a “jovenzinha recém-casada”. Eu tinha uma cara muito de criança mesmo, mas não era

tão criança. Olhando hoje, vejo que eu era criança, mas nem tanto. Tinha 21 anos, parecia ter cara de 13, 14 anos. Então, consegui fugir mais uma vez. O Roque foi o primeiro a ser preso, esperou o dia inteiro sem dizer para os policiais onde era a casa em que nos escondíamos. A gente tinha horários rígidos para chegar e sair... Lembro que era tardezinha, ele não tinha voltado no horário e já era hora da gente ter ido embora sem pensar duas vezes. E o Ibrahim disse: “Não, não se preocupe, acho que não aconteceu nada. Ele deve estar longe”. O Roque agüentou preso e calado o tempo que a gente tinha dentro dos nossos padrões de segurança. Foi torturado o dia inteiro e, à noite, ele chegou com a polícia lá em casa, onde ainda estávamos. Rapidamente me deu dicas do que estava acontecendo e eu pude, digamos assim, fazer meu papel: “Meus Deus, o que é isso? O que está acontecendo? Que loucura é essa?”.

Eles estavam tão contentes... Se fosse mais tarde, seis meses mais tarde, eles teriam levado todo mundo, mas aquelas foram as primeiras prisões. Mesmo assim, ficaram felizes... A luz estava acesa e o Ibrahim abriu a porta... Eles estavam felizes, porque quantas pessoas importantes eles tinham pegado! Mas eu não, me deixaram. Me interrogaram, se convenceram que eu não tinha nada a ver com o assunto. Mais tarde, ficavam vigiando a casa muito tempo, mas consegui escapar. Escapei todas as vezes por ser mulher e a repressão considerava que as mulheres não eram capazes de estar por decisão da própria cabeça. E eu era casada com um, era irmã do outro. Quer dizer, sabe, “coitadinha”!...

Era fácil acreditar que eu era peixe deles, que não tinha uma militância. Tanto que as companheiras eram presas e que não tinham ninguém, nossa, elas apanhavam muito mais! Eles diziam: “Nossa, como ela pode ter entrado sozinha?!”. Prenderam pais, irmãos, maridos, mas elas foram torturadíssimas também! Quanto a mim, diziam: “Ela foi levada por um homem”. Aquelas que não tinham ninguém... Como é que elas ousavam pensar sozinhas?... Pensar sozinhas?!

Aí eu entrei para a clandestinidade mesmo. Meu nome começou a aparecer várias vezes na lista de procurados. Desde o primeiro dia de clandestinidade a gente já tinha um codinome. Mesmo quando era só o movimento operário ou estudantil, fazíamos treinamento de tiro. A perspectiva de ação já era maior. E essas coisas sobre mim apareceram depois nos depoimentos. O Hermes, por exemplo, contou tudo: “Ela tinha nome de guerra, fazia treinamento de tiro”, enquanto os outros, o Roque, o Ibrahim, que estavam presos diziam: “Não, imagina, esse cara está louco! Era piquenique o que a gente fazia. E ele, louco, é que levava o revólver”. Mas o meu nome aparecia. Perguntavam: “Ela tinha nome de guerra?”. E os presos: “Que nome de guerra nada! Ela era muito parecida com uma prima, com não sei que tem esse nome e, às vezes, brincando, a gente chamava ela com esse nome!”. Mas o meu nome aparecia...

Fiquei um ano na clandestinidade. As coisas aconteciam de uma maneira extremamente rápida! O que a gente fazia nesse período? A VPR se uniu à Colina formando a Var-Palmares. Em seguida, pouquíssimo tempo depois, houve o racha e ficou VPR e Var-Palmares, mas não com a mesma composição; ficou gente misturada e, para te dizer com toda sinceridade, ficávamos pouco tempo na ação. Por que, na verdade, na luta armada, o guerrilheiro urbano tem uma vida curtíssima na história, seis meses. Então, durante todo esse tempo a gente praticamente passava correndo de um lado pro outro. Era um aparelho que era estourado, a repressão, o AI-5 e as divisões que iam acontecendo. Aconteceu primeiro o racha da Colina, foi em dezembro mesmo. A divisão da VPR. A repressão baixou com toda violência, e já ocorreram várias mortes...

Quando a notícia dessas mortes chegava, eu pensava que a gente ainda tinha muita força... A gente tinha muita força... Mesmo com a notícia das mortes, acreditávamos que íamos conseguir. Hoje eu digo que guerrilheiro urbano tem seis

meses de vida, mas isso eu vim a saber depois, quando estava na França, nos distúrbios da resistência francesa, com a guerra da Argélia. Na época, eu não sabia. Então, era gente correndo de um lado pro outro; eu pessoalmente. “Agora as armas que saíram do quartel, do RI, tem que levar não sei pra onde para esconder; agora essa casa está correndo perigo; agora esse daqui foi preso; esse aparelho já não dá mais...”. Ou era diretamente conosco que acontecia, ou alguém dizia; “tal aparelho caiu”.

Não me lembro bem – foi um tempão, inclusive – meus pais guardavam as armas que saíam dos quartéis, no meu aparelho e no aparelho onde eles moravam. Meus irmãos eram crianças e moravam com eles. Minha irmã é de 1956, meu irmão de 1957, tinha doze anos. Eles tinham nome de guerra, tudo. Até hoje eu me preocupo muito com o impacto disso tudo na vida deles. Os irmãos presos, os amigos... Afeiçoavam-se às pessoas também que passavam por lá.

A gente nunca comenta, é muito difícil, mas nas vezes que eu tentei, comentei, para a minha irmã foi muito complicado, porque ela também foi presa uma vez, quando eu já estava no exterior e até hoje não sei o que aconteceu com ela. Não tenho coragem de perguntar e ela nunca quis contar para ninguém. Minha mãe era correio entre o exterior e as organizações, os militantes que sobraram. Meu pai, eu sei que voltou com marcas... marcas de cigarro. O único dado que nós temos é que minha irmã ficou presa aqui em São Paulo um bom tempo. Entrou com o pedido de indenização em relação ao governo. Não sei qual foi o argumento, porque ela também não deu pra nenhum de nós ler. Ela fez o documento, foi aceito e deferido o pedido dela. O fato dela fazer já foi importante. Ela tem uma história, teve uma participação na greve. Meus irmãos iam chamar o pessoal no sindicato, que era perto de casa. Eles iam: “Olha, o almoço está pronto, vão almoçar”. Ela estava em período de formação...

Meu envolvimento foi mais intenso, mas não cheguei a participar diretamente de nenhuma ação. Nessa época a gente planejava lutar através do foco guerrilheiro. Mas fazendo uma análise, com a consciência que tenho hoje, não dava tempo de chegar nisso, porque a polícia baixava, levava as armas, levava o dinheiro. Não participei diretamente de nenhuma ação e fico, inclusive, muito feliz com isso, porque a possibilidade de ter matado alguém estava ali. Naquele momento, a gente precisava fazer. Quer dizer, se tivesse me colocado numa ação, eu teria feito. Eu teria feito... Hoje, olho e penso: “Que bom!”, porque não sei como hoje encararia se tivesse uma morte. Seria muito difícil... muito difícil... É uma coisa que eu fico assim... Sabe... Fico muito feliz de não ter acontecido! Assim como fico feliz de não ter morrido, porque eu também poderia ter morrido.

Fiquei envolvida com essas coisas todas durante um ano. Mudava de aparelho, andava com uma mala na mão, pra um lado e pro outro. Isso durante o ano de 69. E quando foi no início de 70, fui presa no meio de fevereiro. Uma pessoa que ia me encontrar, foi presa mais cedo e entregou o ponto. Como era alguém que não era muito pontual e que eu tinha que ir a três pontos para encontrá-lo, nem me passou pela cabeça de que ele não ter aparecido no ponto pudesse ser um sinal. Daí a gente vê a importância da rigidez. Era um rapaz, jovem, de uma família com muito dinheiro, que vivia na casa dele, com uma vida normal, digamos. Ele não atentava para a importância da disciplina. Então, fui presa. Tive alguns segundos para pensar o que fazer. Ele estava parado justamente na porta do bar onde íamos nos encontrar. Cheguei, cumprimentei, e já chegou alguém pegando no meu braço e dizendo: “Não reaja”. Aí pensei: “Eu corro?”. Era um cara só, da maneira mais discreta, porque tinha gente no bar. Refleti: “Não”. E foi aí que sobrevivi! Depois eu soube que a rua inteira estava cercada e que teria sido metralhada se tentasse fugir. Um companheiro, filho da Encarnação, uma senhora... Os dois foram presos e ele fugiu. Foi metralhado... Comigo ia acontecer a mesma coisa.

Eles me levaram. Lembro que me deixaram numa cela sozinha. Pensei: “Aconteceu. Agora é segurar as pontas”. Segurar com gente presa... Muita gente falou. Falou bastante. E aí foi presa a Dilma... mais gente... Foram chegando, foram chegando. Eles prenderam rapidamente, pelos que falaram, a direção da organização. E isso deu uma amainada na situação da gente, amenizou um pouco a tortura. Eu levei choque, porrada, mas o que recebi foi muito leve perto do que os outros companheiros sofreram. Todo pessoal que a gente ia sabendo que ia caindo... E havia uma coisa muito a favor da Var-Palmares: a polícia considerava que a parte “mílita” tinha saído com a VPR. E que a Var-Palmares era muito mais uma organização de intelectuais, de um pessoal que até aquele momento não tinha feito nenhuma ação armada. Quando fez, ainda contava com essa parte da VPR que tinha mais experiência militar. Quando houve a cisão, eu fiquei na Var-Palmares.

E, então, fui levada... A tortura psicológica foi forte... Muito, muito pesada!...

Eu fui pega pela Operação Bandeirantes. Depois fui levada para o Dops. E pensava assim: “Bom, na Operação Bandeirantes estou conseguindo levar...”. Porque a minha história foi a mesma: não sabia nada, não tinha nada, era uma “pobrezinha”. Apesar de ter nome de guerra e documento falso. A minha cara era muito inocente, muito criança! Mas pensava: “A hora que eu chegar no Dops, eles me conhecem... Eles me conhecem... Já estou sentindo...”. Foi um grupo grande levado pro Dops e junto estava um rapaz – eu não me lembro mais o nome dele – que tinha resistido armado à prisão. Chegamos todos, ficamos todos na sala. E aí chegou o Fleury... Queira ou não queira, a gente tinha um medo dele, um terror! Era pela fama dele. Ele já tinha matado o Bacuri... Não, quando o Bacuri morreu, eu já estava na prisão Tiradentes. Mas houve outros casos, assim, terríveis, como o do Bacuri!

O delegado Fleury perguntou: “Quem é fulano de tal?”. Era o menino que tinha resistido à bala. Olhou... “Quem é Ana Maria Gomes da Silva?”. E disse: “Ah! Você está aqui, né?”. E começou a enumerar: “Você é mulher do Roque, cunhada do João Domingues, irmã do Osny. Agora você também está aqui!”. E eu pensava: “Agora tô ferrada!”. Aí fui para a cela, que não era aquela cela imensa que a gente está acostumada a ver hoje. Era bem menor. E as companheiras que estavam presas falaram: “Agora você relaxa, porque a gente fica de molho uns vinte dias até que é chamada pra depoimento. Aqui é tranquilo. Eles torturam só quem é pego por eles mesmos. Quem vem da Operação Bandeirantes, eles consideram que já não tem mais nada a dizer. Então, relaxa. Relaxa e fica tranquila”.

O Jacob Gorender também já estava preso na cela do fundão... Tinha tentado o suicídio... Quando foi no dia seguinte, chegando a noite, me levaram para o interrogatório. Isso porque todo mundo ficava vinte dias... Eu pensei: “Ai, é agora!”. Quem fez questão de me interrogar foi o mesmo investigador que tinha me interrogado na minha casa quando o Roque foi preso; o que foi pra mim uma sorte muito grande porque ele não admitia que eu o tivesse enganado. Começou com essas palavras: “Quando eu vi seu nome aqui, pensei: ‘Será que aquela menina me enganou?’”. Então ele estava psiquicamente preparado para aceitar qualquer coisa que eu contasse, porque onde já se viu uma menina daquela enganar um policial experiente?! E aí contei aquela historinha de novo. Eu tinha excelente memória. Minha história não mudava uma vírgula. E aí todo mundo foi confirmando minha história. Todos os depoimentos foram confirmando minha história. A tortura que ele usou contra mim foi contar todo o processo de agonia do meu cunhado, do João... Ele foi contando... o processo todinho... foi mostrando todas as fotografias...

O investigador me disse: “Bom, nós queremos saber onde seu irmão está. Se você sabe, você diga, senão nós vamos matá-lo como nós matamos seu cunhado!”.

Diziam que tinham prendido o João ferido e que o mataram ainda ferido. Eu já sabia da história dele, mas não com todas as letras. Até aquele momento sabíamos que ele havia sido preso muito ferido. E que tinha morrido. Mas, depois, com os dados da Iracema, irmã dele, com isso que eles me disseram, com a informação de outros companheiros, foi que soubemos que havia sido torturado e que o haviam deixado morrer... pra tirar alguma coisa... Sabiam que estava envolvido. Estavam com muito ódio.

Esse foi o tipo de tortura que ele usou contra mim... Mas estava plenamente disposto, no machismo dele, a ser enganado. E foi! Aceitou a minha história.

Houve outros lances de medo e alívio: o Roque já estava no presídio quando foi levado de volta ao Dops, para um detalhe... Apavorada, eu pensava: “O que é que vai acontecer agora?”. Há sempre aquela possibilidade... Você estar sozinha é uma coisa mas, e a outra pessoa? O que vão fazer? Vão torturar o outro pra ele falar? Foi assim, realmente... Eu sabia que ele estava lá e tinha medo! Quando foi no meio da noite, eles baixaram na minha cela, e eu sabia que tinham levado o Roque para o interrogatório. Me levaram para vê-lo. Esperava que ele estivesse no chão, todo arrebitado... Mas não! Ele tinha pedido – com a maior cara de pau! – ao delegado para me ver. E o homem consentiu!

Então, passei nove meses no presídio Tiradentes, sem tranquilidade, porque a minha história era um castelo de cartas que, com o menor sopro, iria para o ar. Isso me dava uma tensão constante. Uma tensão constante. Quando a Ieda foi presa - essa que fez a homenagem para minha mãe – foi um susto muito grande, porque ela entrava na minha história em determinado momento. Não sabiam exatamente quem era ela; achavam que era outra pessoa, mas podiam chegar à conclusão de que me conhecia. Ela foi presa no Rio, estava sendo trazida para São Paulo para interrogatório, quando saiu o seqüestro do embaixador alemão. Ela saiu e acabou não dando em nada.

No presídio Tiradentes, como o Roque e eu recebíamos visita juntos, conversávamos uma vez por semana. Havia um grupo político funcionando na prisão, e eu era, digamos, “a original”. Acabei me unindo a ele, mas tinha muitas críticas à Var-Palmares; a muita coisas. Achava que as coisas não deveriam ir por aquele rumo. Isso é uma posição que eu guardo até hoje. Era a minha organização o meu partido. Na prisão, encontrávamos militante de todas as organizações possíveis e imaginárias, e pude perceber que todas se achavam “a organização” ou “o partido”. E, na verdade, estávamos todos no mesmo barco, e o barco estava afundando... Tanto que esse grupo político esperava que eu saísse mais rápido do que eles, e decidiu que eu sairia do Brasil. Não era só sair por sair; na avaliação deles, não havia como me manter solta, fora da prisão, no Brasil, porque diariamente era um novo aparelho que caía. Meu grupo e eu já tínhamos a sensação de que começávamos a perder. Colocávamos uma série de questões, da necessidade de aprofundamento, de uma avaliação autocrítica sobre a prática que a gente estava tendo. Isso ainda na cadeia. Praticamente o grupo original da VPR estava ali; que era o pessoal do grupo Osasco, os remanescentes do MNL e parte da POLOP. Então, a VPR original estava ali.

Tínhamos críticas à VPR, críticas à Var-Palmares, à ALN. Uma delas era ao fato de adotarem aquela posição formulada pelo Carlos Marighela de que a ação armada levava à consciência e organizava as massas. Primeiro, centravam todo o trabalho na luta armada e acreditavam que as massas se organizariam espontaneamente. Nós colocávamos a necessidade de um trabalho de organização da classe operária. Acho que até pela origem da gente, era mais ou menos natural que fôssemos por esse caminho. Então, esse grupo original nem se considerava parte da Var-Palmares e, depois da cisão, nem da VPR. Considerava-se um grupo separado.

Mas como militante política eu sofri não apenas nas mãos dos torturadores... Como uma pessoa como eu, mulher, de família pobre, que trabalhava numa fábrica, poderia ter sofrido? Sofri dois tipos de dominação ou de poder: a do homem e a de classe também. Agora, eu estava ideologicamente, politicamente, com o grupo. Meus companheiros disseram: “Você vai sair do Brasil “. E eu saí do Brasil. Eles me pediram para fazer um contato com o pessoal que já estava no Chile, para ver se dava para fazer uma série de discussões, se existiam pontos de aprofundamento possíveis. Eu ia com uma tarefa. Saí da cadeia através daquilo que os militares chamavam de menagem. Imagina, depois de nove meses, sem ser processada, sem nada! Os militares costumavam pegar o pessoal mais leve e soltar, até pra ver se pegava mais alguém. Tanto que eu era seguida o tempo todo. Fui seguida, tinha que me apresentar na auditoria. Quer dizer, não me davam chance para nada.

E aí fui pega de novo... Fui presa de novo antes de sair do país. Um gaúcho foi pego e eles queriam que ele entregasse um aparelho. Em geral, o que a gente usava quando era preso é que conhecia alguém que saiu em seqüestro ou estava morto. Na pior das hipóteses, dizia que essa pessoa não tinha sido pega ainda, mas nunca denunciava que ela já estava lá presa! Mas fui denunciada e levada até ele. Era a Operação Bandeirantes... Eu voltei para a Operação Bandeirantes...

Ele foi colocado sentado... eu, na frente dele... E o capitão que estava lá à noite disse assim: “Olha, vocês dois resolvam quem é que vai falar. Agora, um de vocês fala porque, se não, nós vamos pendurar os dois e aí um dos dois vai falar! Não tem jeito”. E aí ele me disse assim: “Eu não aguento mais ser torturado! Fale, diga, se você sabe. Eu não aguento mais ser torturado!”...

Era um aparelho que estava já desocupado. Minha preocupação era que através do apartamento eles chegassem em alguém. Era essa a minha preocupação. Mas já estava desocupado. E aí eu disse: “Levo vocês até o apartamento onde fiquei guardada um tempo. Os nomes das pessoas são esse e esse – que eram nomes de guerra, evidentemente. E aí começou a me dar outro pânico: alguém me reconhecer. Dizer: “Ela morou um tempo aí”, e desfazer a minha história.

Eu estava presa com uma menina, uma menina literalmente, bem novinha. Aquilo me ajudou ainda mais, porque eu percebia que a Var-Palmare estava esfacelada, esfacelada. E que tinha se recomposto com gente muito jovem. Imagina: eu tinha 21! Imagina a idade dos outros... Essa menina estava toda queimada nas pernas, dos choques... E ali nós começamos a conversar. Eu não podia dizer nada, estava sendo gravado. Não podia dar grandes dicas. Eu olhava para ela e me dava uma pena! Ela estava com aquela convicção toda, apanhando, por uma coisa que estava esfacelada!

Então, no dia seguinte eu levei os homens até o apartamento. O porteiro ainda me disse: “Ah! Eu me lembro de você!”. Mas não aconteceu nada. O que eles queriam era aquele aparelho. Eu dei, eles me soltaram. Me soltaram, me vigiando. Meu advogado conseguiu que eu fosse até a auditoria militar, só uma vez por semana. Não mais todo dia. E comecei a preparar a minha saída do Brasil. Comecei a preparar: primeiro lugar era dinheiro, e eu não tinha um tostão! Aí um pessoal amigo, de Osasco, que eu nunca mais vi, me deu uma quantidade de dinheiro. Uma outra companheira que tinha estado presa, de uma família com posses, também me arrumou. Eles diziam: “Não, a gente ajuda”. Ela era da ALN, inclusive. Dava pra ver bem a solidariedade que se formava. Essa menina era da ALN, não tinha nenhuma obrigação de me ajudar.

O Beto, da prisão também conseguiu dinheiro. A Iracema foi numa Igreja, acho que foi na Sé. Sentou, ficou lá rezando. Alguém sentou do lado dela, pôs um pacotinho do lado, rezou um pouquinho, foi embora... Também dinheiro para eu viajar.

E aí, eu, com 21 para 22 anos de idade, saí... Eu nunca tinha saído de São Paulo, pra você ter uma idéia! Eu nunca tinha saído de São Paulo! Eu fui bater no Chile. E essa é outra história... Ninguém me levou. Eu fui sozinha! O que eu recebi foi dinheiro para custear a minha passagem. E na prisão, os companheiros me deram o endereço de uma pessoa em Santiago, que era aquela com quem eles queriam que eu fizesse contato. A companheira da ALN que me ajudou, me disse assim: “Olha, Ana, você vista o papel que está representando, assumo o papel!”

Agora, você imagina uma menina de origem operária... Naquela época, o pessoal, ou pelo menos a gente, não tinha esquemas de passagem, sabe? E não tinha muito contato com o Chile. Nós tínhamos que ir pro Chile, mas não tinha a menor idéia de que como fazíamos pra ir para lá, como se chegava. Eu fui uma das primeiras. Eles só me disseram... Foi a Nair Benedito que me disse: “Olha, vá por Bariloche, porque é um lugar em que transita muito turista. E, provavelmente, você vai passar despercebida. E aí... eu fui!”

Fui até Foz de Iguaçu, atravessei para Missiones, Possadas. De Possadas, fui para Buenos Aires, dali fui para Bariloche. Em Bariloche, atravessei o lago para Puerto Mont e, em Puerto Mont, eu subi. Fiz isso, sendo que aqui tinha uma passagem por Córdoba, facilíma! Mas ninguém conhecia. E eu fui... Sozinha... Absolutamente sozinha! Sabendo que tinha mais ou menos uma semana para chegar e encontrar o pessoal. Não sabia como ia fazer caso não conseguisse encontrá-los. Pinte o cabelo, coloquei óculos escuros deste tamanho... Fui tirada de casa de carro, deitada. Uma outra pessoa comprou a passagem de ônibus para mim. Fomos esperar o ônibus lá no meio não sei da onde, quase no final de São Paulo. Entrei no meio do caminho, num ônibus leito que chegava. Enfim...enfim... Enfim!

Outro drama: a minha ida sem conhecer absolutamente nada! Eu compreendia o espanhol de tanto ver filme. Era o máximo que sabia. Quando entrei no Chile, passei a não compreender absolutamente mais nada. Chileno fala que é um horror! Cheguei em Santiago e ainda assim não conseguia hotel, porque estava havendo um Congresso e estava tudo tomado. Até que fui pra um hotel com o endereço que tinham me dado. O endereço não, o local de trabalho que tinham me dado, que era do Teotônio dos Santos. Ele era um intelectual muito conhecido na época, tinha livros publicados, e possuía vínculos com o grupo da Polop. Era num daqueles organismos sediados na Universidade do Chile. Ele era bem mais velho, enfim, já tinha um nome como intelectual. Cheguei e perguntei por ele. A secretária me disse: “Ah! O professor está nos Estados Unidos. Volta só daqui a um mês”. Parece novela, né?!... Parece novela!...

E eu: “Putá que o pariu! O que é que eu faço?” Ela me disse: “Olha, a mulher dele está ali. Você não quer falar com a mulher dele?”. (...) Você não contava nem pra sua mãe o que você fazia!... Eu não sabia que lá era um lugar diferente! Eu não sabia que lá era diferente! Pensei: “Então, o que é que eu faço?. Não tenho alternativa”. Pensei... pensei...” Não tenho alternativa. Bom, quero falar com ela”. Cheguei, falando, chamando ela de senhora, dizendo: “Olha, não sei até que ponto a senhora sabe das atividades de seu marido...”. Sabe, eu não sabia! Se no Brasil tivessem falado: “Ou é um ou é outro” – porque ela também já era uma intelectual conhecida; como mulher não era tão conhecida como o marido – mas eu não a conhecia! Eu disse: “Olha, eu estou chegando do Brasil, acabo de sair da prisão...”.

Quando falei isso, ela disse: “Ai, você acaba de sair da prisão?! Você esteve com siclano, com fulano? Nós não temos notícias deles!”. Expliquei: “Sim, claro, eu vim porque eles me mandaram, me deram o contato de vocês”. “Ai, puxa vida, que maravilha, eles estão bem!”. Pelo menos estavam inteiros, né? Ela falou: “Olha, tenho que dar uma aula agora, mas vou telefonar. Hoje à tarde, depois da aula, vou encontrar

com alguns companheiros”. Nossa, eu olhei assim: “Ela falou COMPANHEIROS em voz alta!”. Eu assim, sabe, abismada! E ela: “Em que hotel você está? Eles vão lá pra te pegar”. Aí eu dei tudo direitinho e voltei pro hotel. Eu estava num estado de exaustão enorme! Acordei no meio da tarde com o telefone dizendo que tinha duas pessoas me procurando. Tinha a impressão de que eu ia chegar e a polícia ia estar me esperando. Aí, finalmente, eu me permiti ter pânico!

Desci, os dois já foram falando: “Vamos pegar suas coisas, já temos uma casa pra você ficar, vai ficar na casa da Lúcia. A Lúcia era uma companheira que o marido estava preso também. Então, me entreguei lá em pouquíssimo tempo! Cheguei lá em outubro; em janeiro o Roque chegou. Ele saiu no sequestro do embaixador suíço e chegou todo o grupo que foi trocado. Nesse meio tempo, ainda não havia conseguido fazer discussão com ninguém... Mulher? O que é que mulher, sabe?! Sabe...Mulher!...

Só quando o Roque chegou, a gente passou a atuar como um grupo. Meu irmão, depois que fui presa no Brasil, não tinha mais condições de se manter. Ele estava no Rio e a companheira dele tinha ido para Bolívia, com dois filhos pequenos, e tinha ido para a Bolívia porque o ex-marido dela era boliviano. O pai das crianças era boliviano. Depois da minha prisão, ele também viu que não dava mais, e foi para a Bolívia também. Quando o Roque e eu chegamos no Chile, ele, que tem toda uma história interessante, foi pra Santiago também. Lá nos encontramos todos, fomos para a China, um grupo grande, com umas dez pessoas. Fomos para a China. Alguns começaram a se integrar ao MR-8, à ALN, enquanto nós fomos para a China. E na volta da China... É outra história nossa volta da China... Nós ficamos em Orly um aeroporto de Paris. Ficamos presos ali, não conseguimos entrar. Fomos parar na Argélia. E na Argélia, encontramos o pessoal do PCBR, o velho Apolônio e mais alguns companheiros. Meu irmão acabou ficando três meses na Argélia, na casa do Miguel Arraes, porque ele não tinha nenhuma documentação. A gente tinha pelo menos um salvo-conduto chileno. E eles foram discutir com a gente. Nós adoramos o programa deles, que casava a luta armada com o movimento no meio operário. Então, nos integramos ao PCBR e ficamos no PCBR até o golpe do Chile. Fomos nos desvincular só depois do golpe, também por divergências. Era uma grande ilusão o que se dizia que existia, o que se achava que existia como organização! Esse foi meu último partido, em 1974, 1975. Um grupo saiu, e eu decidi que a partir daí minha atuação seria no movimento social. No movimento social; não mais vinculado a partido ou organizações. Para mim, isso tudo estava acabado.

Acho que tenho uma sensibilidade, ou uma capacidade política de análise de situações, porque fui a única pessoa que percebeu. Ficamos no Chile até o golpe, e com a queda do Salvador Allende, percebi a fragilidade daquela organização, que ela sequer conseguiu salvar os seus militantes antes do golpe, embora o Roque e eu não tenhamos sido presos. Foi pra mim uma grande decepção a direção da organização não ter feito uma avaliação decente do que seria o golpe, do que seria a nossa situação. Acho que isso teve uma interferência bastante grande na minha relação com o Roque, porque ele estava na direção. E aí nós entramos na embaixada mais de dez dias depois do golpe, fomos de um lado pro outro; atrás de uma pessoa, de outra. Pessoas sendo presas; meu irmão desaparecido; mais dois companheiros com quem a gente tinha muita amizade... A gente sabia que tinham sido presos, mas não sabia se ainda estavam vivos. Meu irmão sequer mandava notícias... Ele morava do outro lado da cidade...

Então, o Roque e eu entramos na embaixada da Argentina com carabineiro atirando atrás da gente, e fomos parar na Argentina, com tudo o que houve lá...interrogatório a noite inteira, sem comer, com tudo o que aconteceu...E aí a Suécia... Foi o único país que ofereceu pra gente ir, ofereceu asilo. Estávamos entre a Suécia e a

França, onde estava sediada a organização, o PCBR. E foi assim: “todo mundo tem que ir pra França!” Sem falar a língua, dependendo da organização no estrangeiro, uma situação muito difícil!

Eu não preciso te dizer que o meu papel era sempre o de todas nós, mulheres, com exceção de uma ou outra, que tinham características que mereciam respeito... A gente era sempre menosprezada, embora houvesse um grupo muito grande de mulheres, muito grande... Eu não sei se fico feliz em dizer isso, minha timidez em defender minhas posições porque você sabe que as mulheres, com essa opressão toda, têm mais dificuldade de falar, tem mais dificuldade... Mas a gente discutia muito: eu, meu irmão e o Roque. Eu fazia toda uma discussão com o Roque, e ele colocava as posições. E eu sempre era considerada o apêndice dele, sem idéias próprias, como mulher! Mas, na verdade, muitas das idéias que ele defendia, a reflexão era minha. A reflexão era minha, só que quem colocava era ele. E, eventualmente, meu irmão.

É, pra você ver como as mulheres eram, muitas vezes, humilhadas. Ninguém tinha...Sabe como é? Diziam mesmo que a companheira era dependente do companheiro. Sabe, umas coisas assim...

Entre 1974 e 1975, na França, a gente se desligou, nossa relação estava acabada. O que a mantinha era a nossa solidariedade política e chegamos à conclusão que deveríamos nos separar, não havia mais nada. A gente já vinha falando desde a Suécia sobre o assunto, percebemos que não dava mais... Bom, esta parte vamos silenciar... pode-se ferir pessoas... É melhor silenciar, não tem porque falar. Nossa relação nunca foi uma relação de poder. Pelo contrário, o Roque sempre foi muito solidário! Eu tinha asma, e piorava quando eu estava numa crise, questionando muita coisa. Ele foi de uma solidariedade, de um carinho muito grande! Nossa relação sempre foi de muita solidariedade, muita amizade, mesmo quando havia acabado a afetividade entre marido e mulher. Somos amigos até hoje!

Quando nós nos separamos foi o momento que eu passei a me voltar para o movimento das mulheres... Fundamos o primeiro movimento de mulheres brasileiras em Estocolmo. Era um grupo que sofria todo tipo de gozação, tudo o que você pode imaginar. Menos de um ano depois do grupo ser formado, nós estávamos sendo convidadas para compor a direção do Comitê Brasileiro de Anistia, tal o respeito que a gente já tinha conseguido por parte da colônia! Fui fazer parte junto com o Gabeira, com o Tito, do Comitê Brasileiro de Anistia de Estocolmo.

Fiquei dois anos, mais ou menos, em Estocolmo. Entrei numa crise brava! Uma crise...uma depressão muito grande... Acho que foi todo acúmulo... Sabe... Sem saber do meu irmão, achando que ele estava morto. Depois fiquei sabendo que ele estava preso no estádio nacional do Chile. Outros companheiros também estavam vivos, mas já fazia um mês sem notícias.

Depois soube que meu irmão tinha sido usado por militares brasileiros como cobaia para ensinar a tortura aos chilenos. Ele conseguiu escapar da tortura no Brasil para ser torturado no Chile por militares brasileiros!! Depois disso, ele foi embora para a Suécia e voltou para o Brasil até hoje. Ele vem de vez em quando pra ver a família, mas não voltou mais para cá.

A vida em Estocolmo foi um momento em que, digamos assim, também comecei a sentir a barra. A vida na Suécia era muito difícil... E decidi ir para a França estudar. Sabe assim? “Até agora eu me dediquei à revolução. Agora eu vou cuidar de mim.” Em termos, porque estou trabalhando até agora com a minha terapeuta anti-stress. Preciso cuidar de mim, e não só cuidar do mundo, do planeta, dos oprimidos.

Fui para Paris, que era muito mais agradável do que Estocolmo. O Roque me apoiou muito. Teve um companheiro que também me ajudou demais, demais, quando

cheguei: tinha matrícula feita, uma casa para eu morar. Foi muito solidário, muito solidário... E aí minha vida mudou! O curso que eu fui fazer me ajudou nas reflexões teóricas a respeito do partido, das vanguardas, a respeito de tudo. Foi muito importante pra mim. Me vinculei ao coletivo de mulheres brasileiras, que existia em Paris. E fiquei participando... Havia mulheres exiladas, mas também não exiladas. Foi na Europa que nós entramos em contato com o feminismo, com o movimento de mulheres.

Dedicava grande parte do meu tempo aos estudos, à graduação, ao mestrado e ao doutorado. Em 1979 houve a Anistia. Eu voltei pra cá, mas vi que não estava em condições psíquicas de voltar. Era o momento em que estava me sentindo melhor em Paris, estudando, construindo alguma coisa pra mim. Eu só tinha a graduação nesse momento. Decidi, voltei para Paris, o que acho que fiz muito bem. Sempre vinculada a uma coisa ou outra. Nessa volta, conheci o Edson, meu atual companheiro, marido. Em junho fizemos 25 anos juntos... Ele é o pai do Tiago... Terminei minha tese de doutorado, e o Edson foi trabalhar em Moçambique. A nossa relação já tinha ficado sólida o suficiente pra gente pensar em ter um filho. Engravidei. Foi toda uma história: o Edson em Moçambique, eu aqui, porque lá não havia condições de ter o bebê. Enfim, fiquei várias vezes indo e voltando de Moçambique; até que, finalmente, a gente foi pra Campo Grande. Fomos convidados para ir pra lá como professores visitantes.

Pra te dizer bem a verdade, nunca achei que fosse trabalhar com os meus diplomas. A minha graduação foi sócioeconomia, e depois eu fiz mestrado e doutorado em sociologia do desenvolvimento. Nunca imaginei. Eu estava lá, queria aproveitar o tempo. Acho que, do ponto de vista das minhas reflexões teóricas e da minha prática, foi muito importante! Nós fomos convidados e, por acaso, nós tínhamos até contrato em Moçambique para ficar mais dois anos, mas começou a mudar o governo, um governo com todas as características dos governos africanos... Ficou de outro jeito, aquela ideologia acabou. Resolvemos não ir mais pra lá. Ficamos no Brasil, fomos pra Campo Grande através de um amigo do Edson, aqui da USP. O amigo dele disse que estavam precisando montar um mestrado e que era para irmos conhecer. Fomos, gostamos muito. Ele levou meu currículo, deixou no Centro de Ciências Humanas e Sociais. Antes de decidirmos se íamos ou não, já estavam ligando pra mim, me pedindo pra enviar um projeto. Fomos por dois anos e acabamos renovando por mais dois. O Tiago adorou! Foi pra lá com quatro anos. Simplesmente adorou! Fomos assediados pra fazer concurso, porque havia muito poucos doutores na universidade. Fizemos o concurso e fomos ficando... A gente dizia: “Quando o Tiago terminar tal coisa, a gente volta”. O Thiago está com 21 anos, está terminando o curso de Física na Federal E agora, provavelmente, vou me aposentar lá.

Formei o Núcleo de Estudos de Gênero na Universidade Federal, que não é uma entidade da universidade, mas do movimento social. Sou vinculada à Articulação das Mulheres Brasileiras. Também participo da Articulação das Mulheres do Mato Grosso do Sul. Eu acho que depois que tive esse problema no coração e essa terapia, saiu a minha Anistia. Foram reconhecidos onze anos. Eu fui demitida da Osram por causa da greve. Estava de férias durante a greve. Quando voltei das férias, não deixaram nem eu entrar na seção que eu trabalhava. A Osram não parou, mas a gente estava começando um trabalho de sindicalização. Início de trabalho. Não tinha nada lá.

Então, reconheceram, de julho de 1968 a setembro de 1979. São onze anos... E isso me ajudou muito no reconhecimento, para efeito de trabalho... E ali eu comecei a fazer um balanço da minha vida, e cheguei à conclusão de que estou na luta há quarenta e dois anos, pois apesar de eu ter uma vida na universidade, uma família, nunca parei de ter como centro da minha vida a luta por uma sociedade melhor. Fiquei quarenta e dois anos nisso! Não posso mais ter agitações, porque o meu problema cardíaco foi fruto do

excesso de agitação, vamos dizer assim. Excesso de trabalho, excesso de preocupações, digamos. A terapeuta diagnosticou como síndrome de stress pós traumático, como quem esteve em guerra. Ela tem todo um trabalho comigo e eu fui localizando as minhas atitudes de hoje, mas que o pé está lá atrás. Não posso mais ter essa vida que eu tenho. Não posso...

Nesse balanço que eu fiz, praticamente formei todas as feministas que existem em Mato Grosso do Sul. Existem feministas lá trabalhando e influenciando em muitos lugares, muitos lugares...Tenho orgulho quando falo das minhas meninas, das conquistas delas. Não falta trabalho para elas, e todas trabalham voltadas para a mulher, todas espalhadas. Hoje eu posso me afastar, sabendo que vai continuar. Não penso em me afastar e não fazer mais nada. Mas ainda não está interiorizada essa idéia de me afastar. Ainda estou trabalhando isso.

Vire e mexe estou eu me envolvendo com palestras, com uma aula, que eu não deveria mais estar fazendo. Agora mesmo tivemos o problema das dez mil mulheres ameaçadas de processo por terem feito aborto. ,E quando vi, eu estava lá no meio. Estava no meio, e só quando a coisa estava no meio é que eu pensei: “Pô, eu não deveria ter entrado desse jeito”. Eu ainda estou trabalhando isso...

Não me lembro bem – foi um tempão, inclusive – meus pais guardavam as armas que saíam dos quartéis, no meu aparelho e no aparelho onde eles moravam. Meus irmãos eram crianças e moravam com eles. Minha irmã é de 1956, meu irmão de 1957, tinha doze anos. Eles tinham nome de guerra, tudo. Até hoje eu me preocupo muito com o impacto disso tudo na vida deles. Os irmãos presos, os amigos... Afeiçoavam-se às pessoas também que passavam por lá.

E eu quero dizer mais...Muita gente cobra minhas memórias. Memórias mesmo, lá do fundo, e que eu preciso por num papel. Também me divertir um pouco. Não ter hora para levantar. Sabe uma coisas assim?

Acho que fiz... Apesar de toda uma reflexão crítica... Fiz o que era historicamente mais avançado na época. Se a gente não tivesse feito tudo o que a gente fez, se eu não tivesse tido a experiência que tive, não pensaria, não veria o mundo como vejo hoje. Não teria, porque ainda continuo acreditando que é possível construir uma sociedade mais justa, mais harmônica, onde as diferenças sejam respeitadas. Acredito nisso, e acredito que para isso ainda são importantes os movimentos sociais. Eles é que são os atores dessas mudanças. Por isso que a minha opção foi pelos movimentos sociais.

Não me arrependo de absolutamente nada! Tudo foi válido. Posso dizer que dei sentido à minha vida. Dei sentido para ela. A minha vida poderia ter sido algo muito medíocre. Eu poderia ter tido uma vida extremamente medíocre! E eu dei sentido pra minha vida. Fazendo um balanço hoje – acabei de completar sessenta anos – eu olho e digo: “Eu vivi! Eu vivi. Eu não passei.”

São quarenta e poucos anos que eu vivi. E continuo vivendo por conta disso. Acho que até o último minuto da minha vida eu não estarei conformada com as injustiças. Posso fazer menos, mas vou continuar fazendo!

HELENA PIGNATARI WERNER

Pensar sozinho! Tem que pensar com autonomia. Você tem que achar o seu caminho!

Eu sou Helena Pignatari Werner, filha pelo lado materno da família Michele, pelo lado paterno da família Pignatari. Nasci em Osasco em 1928. Nós éramos seis irmãos: Tecla, Otélia, Célia, Roberto, Vera, Décio e eu. Estudei no Grupo Escolar de Osasco, hoje José Maria Rodrigues Leite. Ele era o diretor na época. Depois disso, como não havia ginásio em Osasco, e nem era costume as meninas estudarem, acabei indo para o Ginásio Perdizes, na Avenida Água Branca. Fiz o curso que era chamado Propedêutico.

Daí, eu era adolescente!... Para uma adolescente, viajar de trem na cidade de São Paulo, não ficava bem!... Era problema pras meninas! As minhas irmãs já tinham feito esse caminho, porque duas iam juntas para a escola e voltavam juntas. Mas uma moça sozinha, nem pensar! Foi por isso, então, que fui para o Internato, para o Colégio Santa Inês, Colégio Salesiano. E lá fiquei dos quinze aos dezenove anos. Saí formada técnica em Contabilidade, mas na realidade não gostava de nada disso!

Quando era menina, uma cigana me parou na rua e me disse que minha felicidade vinha do além-mar, que eu casaria com alguém estrangeiro. A cigana tinha lido certo meu destino! Me casei, então, com um alemão, o Klaus, e com ele tive duas filhas: Susi e Nanci. Tive uma história bem diferente das meninas da minha época!!

Eu queria estudar, mas não estava interessada em contabilidade. Eu gostava mesmo de História!! Então, assim, foi o rasgo de generosidade do meu pai!... Ele permitiu que eu prestasse o vestibular!... Papai teve sempre a ambição de que todos os seus filhos estudassem. Tanto é que de seis filhos, cinco são professores e só o Roberto tornou-se engenheiro civil. Ele estudou no Mackenzie. O Décio acabou saindo para a área de poeta, mas é professor até hoje.

Esse amor pela história começou no primário, quando tive uma professora chamada Alice Velho, família antiga de Osasco. A dona Alice era uma grande professora! E nos últimos dez minutos de aula, ela mandava a criançada guardar tudo e lia o “Livro Mágico”!... Lia Monteiro Lobato! Então, vinham todas as histórias de Monteiro Lobato... Entrava muita história do Brasil, entrava muito Saci Pererê! E tudo isso foi montando um encantamento muito grande!! No Internato também tive uma professora de História. Era Ana Aparecida... Uma excelente professora! E com isso, essa vontade de saber mais história!..

E gostar de história foi crescendo!... Fui prestar meu vestibular. E entrei. Acabei me formando. Na época, na USP você não fazia só História, era Geografia e História. Então, você acabava se formando em Geografia e História. Gostei muito de Geografia, mas minha escolha final foi História, que venceu! E acabei sendo professora do Estado. Prestei concurso... O concurso, na época, era duríssimo: tinha uma prova escrita, uma prova oral e uma aula que era dada num grande colégio público de São Paulo. A minha aula foi no Colégio Pedro II. Prestei esse concurso, fui aprovada, e fui escolher cadeira. A cadeira era muito longe... Em São Paulo. Você sempre ia muito longe! ... Fui parar em Dourado Paulista! Depois de pouco tempo peguei a cadeira de Osasco. Comecei substituindo e depois me transferi para Osasco. Fiquei no Ceneart até o final, até a minha aposentadoria. O Ceneart, sim, é o trabalho! Melhor da minha vida!!

Infelizmente o Ceneart entrou na minha vida pouco tempo. Produção de dez anos – de 1954 a 1964. De 1964 em diante começa o desmanche da escola pública! Aí o desastre foi muito grande, mas muito grande mesmo!...

O meu trabalho era uma produção. Eu não era uma operária da Educação?! Então, estava produzindo! Quando estava tentando informar toda aquela moçada que apareceu ali, uma moçada assim, uma coisa fantástica, espetacular!... Porque como o ginásio apareceu à noite, houve a possibilidade de muita gente estudar. Então, isso é a coisa mais fantástica! A coisa mágica que aconteceu no Ceneart foi... Quem se matriculou?... Uma parte desses alunos vinha da burguesia: comerciantes, negociantes, e a outra parte era de operários. Operários que vieram estudar à noite. E não só essa mistura aconteceu no Ceneart, como aconteceram coisas muito importantes: pai e filho, mãe e filha na mesma classe; tio e sobrinho... Especialmente as moças, acabavam sempre trazendo alguém, porque não podiam andar sozinhas à noite pela cidade. Uma moça não podia ficar andando assim! Eram outros tempos, outra moral, uma rigidez muito grande! E o Ceneart vai transformar tudo isso, a transformação vai ser muito grande!

A primeira transformação, a fundamental, foi: o operário e o burguês na mesma classe! Isso foi o ponto de partida para tudo, o elemento que vai unir. Fora o corpo docente, uma coisa fantástica que era o corpo docente! Emir Macedo Nogueira, Laura, Teresa, o Porciúncula... Tantos outros! Não vou me lembrar os nomes dos professores, mas o corpo docente era brilhante!

Aquele momento de 54 a 64 pra mim, no ensino, foi um momento mágico! Vejam vocês, por exemplo, quando nós tínhamos o jogo de vôlei, quando os alunos começaram a jogar vôlei, acabaram formando uma equipe, que foi disputar com os outros colégios. Num belo dia, num jogo importante, um dos melhores jogadores não apareceu... Aquilo foi um trauma: “nós já perdemos o jogo”, “por que o João não veio?”, “por que o João não veio?”. E os alunos estavam indignados com isso, vieram perguntar, e eu disse: “É muito simples: vocês vão à casa do João pra perguntar por que ele não veio”. Eles foram... O João morava onde a gente conhecia como Buraco Quente, não sei se o nome ainda é hoje, em Osasco, mas é aquela parada que tem ao lado do cemitério. Numa casa pobre, pobre, pobre!... E o João estava lá, desesperado, com uma filhinha muito doente! Não podia fazer nada, a criança ia morrer!

Quando os colegas do João chegaram, encontraram o João nessa situação, e alguns deles, naturalmente com posse - tudo comerciante e negociante - imediatamente arrumaram um carro, pegaram a criança, conseguiram um médico. O pai de um deles era médico, a criança foi para o hospital e eles salvaram essa criança!... E aí começa, realmente, o momento mágico, quando a burguesia e o operariado se encontram!

A juventude!... Os pais continuavam com aquele temor, aquele moralismo, aquela coisa toda, mas a juventude começou a ver outra coisa! Da mesma forma que essa burguesia viu a pobreza e a miséria do proletariado, o proletariado vai usufruir as benesses da burguesia, ou seja, acesso a livros, mais livros, mais literatura, a filmes, orientação de filmes, vai conhecer alguns discos importantes da época, vai chegar ao conhecimento de ópera. Com isso, o proletariado acaba aumentando, então, a sua visão de mundo, o que nós chamaríamos de cultura. O povo inicia a sua cultura! Pra você ter uma idéia, não me lembro do nome de todos, mas um exemplo eu dou: o operário da cerâmica, o Dr. Gabriel Figueiredo . Hoje ele é um psiquiatra, mas era um operário... Onde ele estudou, onde ele pegou a base da formação da cultura? No Ceneart!

O Ceneart foi uma escola especial, muito especial!... A sorte que o Ceneart teve de nesse momento, de 1953 em diante, reunir o corpo docente que foi reunido ali dentro, era um corpo docente espetacular! Pra vocês terem uma idéia, um aluno nosso, formado no 3º colegial, em Janeiro, prestava vestibular!... Os nossos alunos entravam em todas as faculdades de São Paulo, pegando os primeiros lugares! Com algumas coisas tristes como: um aluno entrou em Medicina e apareceu dizendo que não podia frequentar, porque não tinha dinheiro pra condução, não tinha nem roupa pra frequentar a faculdade e tal. Os professores se cotizaram, conseguimos arrumar terno; o Professor Emir foi o primeiro a doar terno. Terno, livros, dinheiro pra condução... Todos colaboravam, todos! É que o Emir entrou com o terno nesse momento. O Emir era amigo dos alunos, né? Talvez por ciúmes de todos os outros, esse aluno não conseguiu estudar Medicina, porque o salário dele ia fazer falta na casa, a família precisava desse salário para comer, e nós não tínhamos condições de sustentar tudo isso... Então, esse foi um dos fracassos!

A grande glória é que entravam nas melhores faculdades e tivemos grandes médicos, advogados e políticos! Quando eu dava aula de História no Ginásio, quando ensinava o Legislativo, Judiciário, Executivo, eu dizia a eles: “Amanhã vocês vão ser o Executivo, o Legislativo, o Judiciário”. Eles davam risada!... Poucos anos depois, íamos ver nossos alunos como grandes advogados, vimos alunos já na Promotoria, alunos médicos, médicos importantíssimos! O próprio Gabriel, cheguei a discutir com o Gabriel, porque queria que ele fosse um Clínico Geral. Ele ria, dizendo: “Sei que a senhora queria que eu fosse proletariado, mas acontece que a minha profissão é muito importante, para o próprio proletariado”. E eu sei dizer que essa simbiose de proletariado e burguesia deu grandes resultados, deu grandes resultados!...

Infelizmente... Infelizmente, vem a parte triste, né? A parte triste é a de 64. (...) Esse Golpe Militar, esse 1º de Abril foi uma... Foi um golpe mesmo, violento! E os anos ficaram, realmente, de chumbo! Dizer o quê? Dizer o que desse período?!

O golpe foi no dia 1º de Abril... Fui presa no dia 12 de Maio... Então, fui uma das primeiras mulheres presas. Fui para o quartel de Quitaúna. E lá fiquei... Eles alegaram que havia corrupção na Câmara e que eu devia conhecer alguma coisa. Eu não sabia de nada! Na realidade, até hoje, não sei exatamente o motivo, o porquê... A acareação... Não me deram o direito a isso! Muitos anos depois soube duas coisas importantes, soube que a mãe de aluna, mãe de aluna... Por que essa mãe de aluna estaria contra mim?! Porque, justamente, as meninas que foram para o Ceneart, ali abriram a cabeça; ali elas começaram a raciocinar; ali elas pararam de ler aquelas novelas em quadrinhos, fotonovela e outras bobagens e começaram a perceber que existiam outras coisas. Essas meninas começaram a pensar sozinhas; passaram a questionar os pais. Então, tudo isso trazia um desconforto nas famílias tradicionais de Osasco! (...) Quero dar uma pausa aqui. Fico muito emocionada ao lembrar isso tudo!...

Eu disse que entre 1954 e 1964 no Ceneart, foi um momento mágico! Aquela moçada... Foi uma coisa espetacular! Nesse período, em 63, lecionava também, era professora da PUC. E a PUC tinha um costume: todos os anos as alunas do Sede Sapientae viajavam pra algum lugar do Brasil, de tal forma que quando formadas, elas conhecessem o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste e, neste ano, as freiras pediram pra eu acompanhar as alunas numa viagem, essa viagem era pro Nordeste... A coisa já não estava muito boa não, porque nós pegamos uma greve da Marinha Mercante, era o Ita. O nosso navio era o Itararé, fomos no Itararé... Greve! Encosta o navio, a Marinha Mercante se recusa a continuar... Uma greve de todo o litoral do Brasil. Vem a Marinha Oficial das Forças Armadas e toma posse do navio!... Isso aí já era um indício do golpe... Já dava pra ler alguma coisa, né? Mas, desacostumada com esses movimentos,

eu mesma não prestei muita atenção, até o momento em que todas vão para o banho. Agora vai o banho das freiras... E a professora? A única professora era eu... E a professora?! Na cabine do Comandante! Fomos à cabine do Comandante...

Aí eu acordei, aí acordei! Porque o comandante começou a conversar e disse que estava recolhendo informações, disse que essas informações estavam no cofre. Tinha muita informação, não só do Brasil, que os comunistas queriam tomar o País, coisa e tal... Eu já era suspeita até então, mas estava com um colégio de freiras, as meninas que estavam comigo eram meninas ricas, do Sede Sapientae, era a fina flor da burguesia, até que chegamos em Recife... Aí, depois do navio tomado, ficou aquela coisa: entrega o navio, não entrega o navio... Enquanto eles discutiam, nós ficamos muito tempo em Recife, ficamos quase dez dias lá, e fui espiar o que é que estava acontecendo nessa cidade... O que estava acontecendo nessa cidade?! Recife era um centro cultural fabuloso! O que eles estavam fazendo lá era muito mais adiantado do que a USP, a PUC. Nem fala! Mais adiantado do que a USP!! O movimento cultural de Recife era uma coisa extraordinária! Eu nem sabia que meu irmão Décio Pignatari escreveu tantos artigos pros jornais, pras revistas de lá, que ele estava a par disso tudo!

O que mais me espantou foi que eles estavam organizando, montando, já estavam chegando aos “finalmente”, havia uma rádio que ligava Recife a Angola... Então, eles tinham já essa rádio montada... E querendo saber mais da cultura, o que estava acontecendo em Recife, o que descobri? Paulo Freire! Paulo Freire foi a grande descoberta!... Aí, é o segundo momento mágico da minha vida!!... A hora que conheci aquele homem, a hora que conheci a alfabetização de Paulo Freire, ah, fiquei completamente tomada!! Conversei com ele, mas eu estava acompanhando a excursão e tive que voltar. Em março não fiz outra coisa a não ser falar o que tinha visto lá: gente alfabetizada em 40 horas!!

Eu, no sistema Paulo Freire!... Lá vou eu querendo saber, querendo saber... Falei tanto, falei tanto, estava ficando tão chata, que meu marido falou: “Não te aguento mais, você volta lá e vai ver tudo outra vez, porque você só fala, só fala, só fala! E, daí?”. Na faculdade eu falava muito! Na hora do almoço na faculdade, só falava no Paulo Freire, na alfabetização. Bom, meu marido perdeu a paciência e me mandou de volta! Foi quem me financiou! É, as coisas são engraçadas... Quem acabou me financiando, indo comigo? Foi Valter Auada, do Governo Adhemar de Barros! Ele conseguiu as passagens pela Varig, e olha só mais que interessante: Valter Auada foi comigo!

Chegamos lá, durante uma semana demos o método Paulo Freire, começando às nove da manhã, terminava sempre cinco ou seis horas da tarde. Sala escura... O Processo Paulo Freire é todo projeção de slides, né, só projeção de slides. Sei te dizer que entregaram de “mão beijada” todo o Processo do Paulo Freire na minha mão e lá volto eu com todos, pra montar tudo isso! E tanto falei, tanto falei, conseguimos levantar, no Sedes Sapientae, uma verba.

O Paulo Freire veio pra cá e deu uma mãozinha, pediu para fazer um levantamento sócio-econômico dos bairros, algum bairro que a gente quisesse. Eu disse: “Bem, se é pra fazer um bairro, vamos fazer em Osasco, não é?”. E lá fui eu fazer uma pesquisa em Osasco, fazer pesquisa sócio-econômica. Quando adentro lá pelo lado da região do bairro Helena Maria, havia muita olaria lá, eles faziam canos, faziam muito tijolo... Andava mais um pouco, olaria, tijolo, tinha muito tijolo por lá... Quando esse levantamento sócio-econômico está feito, Paulo Freire chega para ver o que havia. Nós tínhamos que fazer um estudo, e esse estudo tinha que chegar à palavra-mãe, a palavra-chave do início da alfabetização. “Com qual palavra vocês vão trabalhar?”. E daqueles

testes todos, o que mais apareceu por ali foi a palavra “tijolo”. Aí, ele disse: “Vocês vão ter que sair com a palavra tijolo. Tijolo!...”

Precisaria muito pra contar o que foram essas aulas, os galpões que encontramos, o bar, aqueles bares simples, que tinha aquela divisão de madeira quadriculada, entre as mesas do boteco e o bar e, atrás ficava a mesa de bilhar... Então, o dono desse bar puxou a mesa de bilhar pra cá, pôs o biombo, e colocou as mesas dele e as cadeiras pros alunos. E nós tínhamos alunos de biboca, de sala particular, dentro do bar, no barracão! Eram adultos, era alfabetização de adulto, não podia aceitar menores de dezoito anos. Houve quase um pânico porque a moçada não se conformava de não poder entrar, eles queriam entrar, não havia condições, não havia espaço, não havia carteira, não havia professor pra mais aulas! A procura foi uma coisa, assim, tremenda! Fantástica!

Nós montávamos os slides: “JA, JE, JI, JO, JU”; “TA, TE, TI, TO, TU”; LA, LE, LI, LO, LU”; e a aula dava no escuro e o slide projetado, preto no branco, bem claro e bem grande, e os alunos vendo aquilo... A gente perguntava: “Alguém quer fazer, escrever alguma coisa?”. Aí, um senhor lá, com cinquenta e tantos anos, disse: “Ah, eu quero!”. Pegava uma cartolina branca e a gente ensinava que punha na frente da palavra e andava pela sala... Era mágico!... Então, ele vai e põe: “VO-TO. Eu quero o meu título de eleitor.”! Primeira palavra que o homem escreveu na vida!!

Aí, um rapaz lá, de uns dezenove anos, um dos mais novos da classe disse: “Eu também quero”. Ele foi lá e puxou: “JA-TO, é um avião!”. Bom, eu lá atrás, chorava!! Chorava que me desmanchava de chorar!... Falava: diga as palavras... A outra história que lembro foi um rapaz também, esse já com tinha vinte e poucos anos: “Também quero!”. E foi buscar a palavra dele: “Lo-La, é o nome da minha namorada”... Eles sempre queriam contar, queriam dizer, né? Foi simplesmente fantástico! Duzentos alunos alfabetizados em 42 horas!! Nunca ouviram falar da palavra-mãe, tinham que montar a palavra tijolo... Foi embora, né?! Aquilo foi embora, aquilo foi um encanto, um encanto!! Foi a primeira aula...

E o medo?! E o susto?! Eu estava no barracão, preparando material, explico a eles: a primeira aula é de slides: elementos da natureza. E aí mostro o rio, a floresta, mostro papagaio, são elementos da natureza, né? Mostro o índio com o cocar, explico se aquilo é elemento da natureza, ele fala: “É elemento da natureza porque o cocar dele é da natureza, é do papagaio”. Aí vem o outro e fala: “Não, aquilo não é mais papagaio, aquilo é um cocar, aquilo é um enfeite do índio, aquilo é não sei o quê, aquilo não é papagaio, não é da natureza”. Eu entro para explicar o que é cultura: é o homem interferindo na natureza, transformando a natureza. Eles pegavam assim, pegavam assim! Fantástico!

Na época, nós fizemos a gravação, que era a seleção das palavras no Sede Sapientae, e havia um grupo que fazia este estudo. Aí, o Paulo Freire achou por bem gravar. Alguém falou: “Eu tenho o gravador, tenho as fitas”. E foi tudo gravado e nós fizemos a seleção das palavras desde que saiu “tijolo”!... E com o golpe de 64, acabei descobrindo que estava com a CIA, que o material tinha pegado fogo e tal... Fazer o que, não é?...

Lembro que apareceu um português querendo saber do Paulo Freire, que queria voltar pra Angola e levar esse material. Soube que ele estava ligado com aquele grupo de intelectuais da Faculdade de Pernambuco e com Angola. Ele estava sabendo dessa alfabetização, acabou sabendo que estava comigo e veio lá em casa, em pleno golpe! Depois disso, isso deve ser 65, o pouco do material que eu tinha, arrumei um gravador, uma fita, outro gravador, outra fita, e ele vinha lá em casa, à noite, e ficava gravando no escuro, de madrugada. Veio várias noites, levou muito material, mas não me perguntem

quem era esse homem, ele fazia questão de não falar e eu fazia mais questão ainda de não perguntar: menos nome, menos informação, melhor para todo mundo!! Em Angola deve ter alguma coisa sobre alfabetização Paulo Freire...

O padre Rafael também tinha esse material, mas parece que pegaram dele, porque apareceu depois na mão dos militares! No Dops, quando fui presa, estávamos o Klaus, meu marido, e eu... O Klaus olhando um cofre aberto lá, babando... Tinha Rolerflex! Tinha cada máquina maravilhosa! Lentes maravilhosas! Estava tudo na mão deles! O que eles tiraram da casa dos outros, né? Começaram a especular o Klaus sobre o material de alfabetização: “Como? É subversivo! Tem palavra povo, voto”. O Klaus: “Mas não são palavras da língua portuguesa?!”. E falavam pro Klaus: “Eu te expatrio! Eu te expatrio!”... O Klaus descobriu no Bixiga um projetor que funcionava com a bateria do carro. Então, você podia pegar esses slides, se mandar pra essas praias, usava à noite a bateria do carro, e podia trabalhar e alfabetizar esse povo à noite, por aí nesse mundo perdido!

Tanto é que organizei a alfabetização, em plena ditadura militar, com o Prefeito de Ubatuba, que era o Matarazzo. Ele topou alfabetizar a população do Município dele! Ubatuba. E aí organizei as equipes, vi meu pessoal que podia ir, como fazer a coisa. Quando chegou a hora do “vamos ver”, eles disseram: “Só que você não vai”. E eu: “Como não vou?!”. “Não, você tá muito marcada, você não pode ir”. Você não imagina o que chorei de perder a alfabetização de Ubatuba! Fizeram dez focos em Ubatuba, da Alfabetização Paulo Freire. E eu fiquei fora!... Estava feliz da vida: “Vamos embarcar pra Ubatuba já a semana que vem!”. Estava me preparando, minha sogra ia ficar com as crianças... E eu não fui!... E não me pergunte o que aconteceu em Ubatuba porque fui proibida de chegar por perto. Eu era elemento não grato!!

Esse foi realmente, acho, o motivo da minha prisão em 1964, não é? Porque, o que eles pensaram? “Se for começar a alfabetizar todo mundo, nessa velocidade, com é que vai ser?”. Brecaram! Fui presa. (...) Depois dessa prisão, você tem bastante tempo pra pensar, né? E fica esperando a hora que eles vão te chamar, qual é a tua hora... E o pavor?!... O pavor de dedar alguém, falar o nome de alguém!...

Foi nessa ocasião, nessa prisão em Quitauína, que acredito que fiz uma auto-hipnose, e esqueci o nome de todo mundo... Os cinco auxiliares que trabalharam comigo, os cinco assistentes, porque nós já estávamos abrindo dez salas com esses assistentes, pra você ver a rapidez que era a coisa! Aí eu percebi porque eu estava lá dentro... Fiquei com medo!... Você tem medo de dedar, tem medo de falar nome!... Esqueci os nomes deles... Esqueci os nomes dos alunos! Acho que me condicionei a esquecer para não entregar ninguém... Uma das consequências dessa prisão em 64 foi essa, porque a minha memória para nome é quase zero. Automaticamente, eu deleto! Deleto nome de aluno, dos alunos do Ceneart, dos operários, gente que participou da greve em 1968, gente importante... Então, é problema, é uma sequela que ficou e não tem jeito!! Desse Projeto Paulo Freire, que eu disse que esquecia os nomes, já procurei e não consegui encontrar... Não sei lembrar o nome dos operários, meus alunos!... Quem sabe alguém pode encontrar pra mim... Não lembro o nome de ninguém!

Agora, tem outra coisa que tem que ficar bem claro: a nossa ligação com os alunos era muito forte, era muito forte! E nós, professores, praticamente todos os meses, alguém era padrinho de algum aluno, porque eles já estavam no 3º Colegial, já estavam namorando desde o Ginásio... A gente acompanhava o namoro, acompanhava briga de namorado, briga de noivado, e de vez em quando um professor entrava e dizia: “Que é isso! Deixa disso!”. Então, éramos muito amigos, muito amigos...

Ah, vou aproveitar esse momento para pedir justiça! O Ceneart foi convocado para jogar futebol com os times do Ginásio Paulista e o Ceneart tinha gente muito boa

jogando futebol. Aliás, Osasco foi celeiro de bons jogadores de futebol, e nós tínhamos um time muito bom! A organização desse campeonato foi feito por um “bom caráter” chamado Silvio Luis. Acontece que o Ceneart, além de ser um colégio do subúrbio, tinha ficado independente há pouco tempo, em 1962, de uma cidade proletária e pobre. E a promessa lá era prêmios, taça, mas o mais importante: o jogo final na televisão. Isso, na época era a fábula! E fomos vencendo todos até chegarem os poderosos que perderam pra nós: o Dante Alighieri perdeu! E o jogo final, então, perdeu o Colégio São Luis! Os dois poderosos colégios de São Paulo! E nós vencemos!!

O Silvio Luis desapareceu! Não deu taça, não deu prêmio e não passou o jogo na televisão. Eu pergunto: qual o interesse do Silvio Luís? Foi por que os poderosos não venceram?! Venceu Osasco com seu colégio de proletários?! Tem essas malandragens todas!... E isso formava a união dos nossos alunos, entende? Eles eram fortes, eram unidos, eram poderosos, eram politizados, e sabiam que tinham mesmo que dar uma castanha naqueles riquinhos de São Paulo!! Era aquela coisa... Era aquela coisa... Mas no meio deles, dos alunos de Osasco, não só tinha operário jogando futebol, tinha o filho da burguesia, esclarecido, que já estava lá criticando o pai, criticando a moral social, criticando a cidade toda, entende? As meninas começaram a exigir a fazer faculdade, a querer sair de Osasco, começaram com outra mentalidade, com outro pensamento, com outras ambições, que não é “arrumar um rapaz de boa família e casar.” Né?! Era isso que faziam as moças, e os pais das moças diziam: “Agora elas não querem casar! Ninguém tá querendo casar com dezoito ou dezenove anos. Depois dos vinte já está passando do tempo... Vinte e cinco então!... Tá encruada”!!

Então, você vê a importância que o esporte teve nesse meio. Primeiro foi nosso jogo de vôlei, lá onde o burguês entrou em contato com o operário. E depois, a coisa já ficou bem clara, né? Eles já sabiam que eram do centro de uma cidade de proletários e aqui estavam inclusos. Por quê? Porque todos tinham o mesmo pensamento, todos queriam uma modificação, todos queriam a revolução! E você não pode dizer que todos esses alunos eram comunistas, pelo amor de Deus! Era simplesmente gente que estava abrindo a cabeça pra realidade, pro mundo!

Mas aí começou a desgraça do ensino, começou o desmanche! O desmanche no ensino desse País! Foi criado o Supletivo... O Ensino Supletivo... Tá aí até hoje, não é?! Eles acham uma maravilha!... Pra quem serviu o Supletivo? O Supletivo serviu pra tirar aquele operário de dentro da sala de aula! O maior de dezoito anos não podia ficar fazendo Ginásio e Colegial. Ia pro Supletivo! Então, quem é que estava sendo visado? Era o operário! Tiraram o operário de dentro da sala de aula, certo? Então, eu tenho isso contra o Supletivo, porque desde que surgiu não houve mais essa chance: fazer essa união que o Ceneart proporcionou.

Depois de 64, discussão em sala de aula, nem pensar! Nem pensar! Você, com muita coragem, professora de História, assim!... Coragem nenhuma, minha filha, que depois que ameaçam suas filhas, você (...) Você não tem coragem pra mais nada! Fica quieta no teu canto, aguardando dias melhores, porque os alunos presos...

Ainda cheguei a ajudar o Barreto... O Barreto, por exemplo, ele panfletava ali em frente à minha casa, morando na Campesina... Ele panfletava na Eternit, na Cobrasma, aquilo tudo! Em frente da minha casa era um mato, ele atravessava aquilo correndo e vinha pra minha casa. Ficava ali, tomava um lanchinho... Eu dava aula à noite, ele entrava no carro, ia atrás, no carro... O Klaus desviava pra uma rua escura, parava o carro, ele descia, eu ia pro Ginásio. Ele chegava no Ginásio uns cinco ou dez minutos depois que eu chegava. Nunca chegaram a ver o Barreto lanchando lá em casa, nem chegando depois da panfletagem! Ele se escondia muito... Foi quem morreu com o Lamarca, né? Era o Zequinha... Ficou conhecido como Zequinha... Isso era o Barreto!

Depois de 64, e principalmente 68, tinha muito dedo-duro na escola. Tinha muito aluno infiltrado, tínhamos um número muito grande de alunos de Quitaúna! Eram filhos de oficiais! Então, ai, ai minha filha, abriu muito a boca é comunista, subversivo, “teje preso” e sabe-se lá o que vai acontecer! Então, ali não havia campo, não! Não havia campo, não! Quando muito um cochicho, uma rodinha, um grupinho, mas sala de aula, ninguém vai abrir a boca, ninguém vai falar! Porque o risco de você fazer uma coisa assim era acusar os outros alunos, os que já tinham saído, os que estavam na clandestinidade, os que estavam na ativa, entende? Qualquer coisa já fala: “Aí, Ceneart, tal, tal. Eles sabem. Pega fulano e fulano que vai encontrar”. Tanto é que com o Gabriel Figueiredo, que era presidente do grêmio do Ceneart, meu ex-aluno desde 64, fiquei vinte anos sem falar! O Gabriel apareceu em Osasco, não me procurou, nem eu a ele. Nós ficávamos longe um do outro, nem de longe, porque a sensação que nós tínhamos era que alguém estava esperando o encontro dos dois pra dar uma dura ali, né, ver o que conseguia tirar...

Eu sabia que alguns estavam na clandestinidade... O José Ibrahim... Alguns eu sabia... O Nianas, por exemplo, o Mário Nianas... Alguns se mataram... Alguns se mataram... O Sérgio Zanarte era um aluno brilhante! Brilhante! Aquilo foi uma loucura, pressão muito grande... Era uma loucura! Tanto que ele estava tão desesperado que alugou um apartamento em frente ao Dops, na clandestinidade, foi lá e se meteu na frente do Dops! Depois, tudo bem, foi pra casa. Estava tudo tranquilo quando ele se matou! Por quê? Não sei...

Agora, o Zequinha foi assassinado, né? Muito foram assassinados! (...) O Nianas, que não sabia da minha vida, não sabia de nada, não tinha acompanhado a alfabetização, nem nada... O Nianas, muitos anos depois, me contou: foi levado para Recife e, em cima de uma telha de alumínio, tomando choque e pulando ali encima pra falar alguma coisa sobre mim... Ele não sabia nada, ele não sabia nada! Eu me fechei em copas, não queria saber de ninguém, e ninguém queria saber de mim. Porque era um sacrifício idiota, inútil! Ainda corria o risco de acabar dedando alguém! Esse era o medo geral, esse era o medo geral... Todos os presos sempre tiveram medo disso! E mesmo aqueles que falaram eram, ou dores insuportáveis, ou era filho ameaçado. É família ameaçada, criança ameaçada... Você não tem, não tem (...) Não vem falar de grandes heroísmos porque não tem!

Quando fui presa, eles não me ameaçaram fisicamente. Ameaçar assim, não, né?... Assim, não. Minhas filhas eram pequeninhas, tinham seis, sete anos... O aviso foi: “Olha, nós viemos aqui pra ficar, nós vamos ficar aqui muito tempo, dezenas de anos, mais dez anos. Suas filhas, uma tem seis, outra sete... Pensa bem... Nós estamos aqui!... Você entendeu ou não entendeu”?! Era assim.

A greve, nem lembro direito da greve, não estava mais aqui, meus alunos se envolveram naquela greve, mas não era possível ganhar!... A guerrilha... Não, não, ninguém tinha a ilusão de vitória! A ilusão de vitória não tínhamos, nós tínhamos era: “Como fazer para enfraquecer a ditadura militar e conseguir a nossa liberdade novamente”, porque as liberdades foram cortadas. Eu senti falta do quê? Da liberdade! Não tinha liberdade para mais nada... Então, mesmo que você continue, sua cabeça filosofando, aquela coisa, você já está boicotado, né? Veja o meu caso: esqueci nomes! É uma coisa meio grave...

Muitos entendiam que daria para vencer, mas era quem estava muito longe da realidade! Quer dizer, revolução aqui era utopia: onde estavam as armas?! Onde estavam os homens, não é?! Foi um esforço do Lamarca, lá de Quitaúna, roubar aquele caminhão e o Barreto estava junto! Mas era UM caminhão de arma, fazendo uma

revolução, e depois o Exército estava muito preparado, e quem não sabia que a CIA estava apoiando o Governo?! Tudo mundo sabia! Queriam se meter com que arma?! Conseguiríamos não!... Queríamos que terminasse o Governo Militar e voltasse a liberdade. E voltar a democracia. Mas a greve e a guerrilha não tinham força! Daí, que foi importante as “Diretas já”, muito tempo depois! As “Diretas” foi muito, muito, importante!

Quem comandou todo o movimento contra a ditadura foi a UNE e os operários. Eles pegaram os estudantes universitários, e eram os nossos ex-alunos que foram buscar os alunos do Colegial. Eram os mais velhos, né? Se bem que do Ginásio também tinha gente de mais idade, e esses alunos vão participar de passeatas em São Paulo e Osasco, como a que foi feita lá perto da Medicina, que juntou a Politécnica. Então, a moçada estava indócil, mas não tinha força!

O proletariado de Osasco, na greve de 1968, estava bem esclarecido, viu? Bem esclarecido. Você não pensa que eles foram levados, assim, na conversa de alguém, porque aquele proletariado ninguém levava não! Ninguém levava, se era um proletariado de uns anos antes, até eles podiam ser usados como massa de manobra, mas nesse período eu duvido, duvido! Eles eram bem esclarecidos, bem politizados, sabiam das coisas!

Como historiadora, depois me senti na obrigação de procurar as raízes, contar das raízes do movimento em Osasco, contar do movimento de origem italiana e anarquista da Santa Marina, no início do século XX. Minha intenção era que a partir do meu trabalho sobre a greve e a cooperativa da Santa Marina viessem outras pesquisas... Onde estão esses operários, onde estão as fábricas? O que os anarquistas de Osasco contavam? Falta um trabalho sobre Anarquismo em Osasco, não é?

Na história do teatro de Osasco dá para encontrar muitas coisas interessantes, muitas coisas interessantes dessa independência, esse desprezo pela lei, essa coisa toda anarquista... Aquela base toda anarquista, isso é muito interessante! Anarquismo em Osasco não está estudado. Acontece que quando aparece toda a história da Greve da Santa Marina e da Cooperativa de Osasco, havia muitos jornaizinhos. Eu falava sobre essa Cooperativa e os operários em 68, naturalmente, ficaram sabendo que aquele mausoléu que estava lá não era uma construção velha, aquilo tinha um significado histórico e proletário, porque aquilo foi construído pelos operários, era a cooperativa dos operários do início do século XX, em Osasco! Onde os operários foram meter a mão? Eles foram meter a mão para fazer o capitalismo operário! Se eles abrissem uma cooperativa, a mão de obra especializada estava em Osasco. Quem sabia trabalhar com vidro estava em Osasco. Aí começaram a erguer aquilo tudo... Então, começa uma fábrica de vidro em Osasco feito por trabalhadores para combater a fábrica Santa Marina, sendo que os melhores operários estavam ali. Percebe o perigo pra Santa Marina?!

E aí apareceu um advogado que roubou todo o dinheiro da Cooperativa! Um dos operários tinha ido pra Itália buscar a máquina, comprar. A máquina devia estar chegando, mas o advogado roubou todo o dinheiro dos desprevenidos! A mando de quem? A mando do capitalismo industrial que não estava interessado nisso! E essa história acaba sendo conhecida. E toda essa organização dos operários anarquistas da cooperativa influencia a formação dos trabalhadores nos anos seguintes e dos próprios operários da Cobrasma em 1968.

O pessoal da Cobrasma, eles eram grandes grevistas, não é? Sabiam o que estava lá na frente, a importância da cooperativa, mas no final não tiveram forças para sustentar o prédio, pelo menos impedir que aquele prédio fosse derrubado. E vai ser derrubado em época de ditadura militar, quando o movimento operário estava sendo

reprimido!... Quando você não tem força pra lutar, vai aonde? Vai pro jornal? Qual jornal? Então, as coisas complicaram... A opressão ali foi muito, muito, muito grande! A memória da cooperativa foi destruída junto com o movimento de 1968!

A greve de 68 em Osasco foi muito audaciosa! É muito mais audaciosa, mais esclarecida do que a greve de 1978 no ABC! Mas é suicida, não é? É suicida! Estava todo mundo amarrado! Ninguém podia fazer nada! Você faz greve com idéias e o governo está com a arma! Então como é que você vai enfrentar?! Serve pra moral, entende? Pra moral... Uma postura filosófica, ideológica, pra isso naturalmente! Nós estamos aqui! Nós estamos aqui! Nós não vamos vencer, mas nós estamos aqui!

A própria guerrilha... Era suicida!! Era suicida. Ninguém tinha força, ninguém tinha, e nós sabíamos disso! Nós sabíamos. Como é que você vai fazer uma revolução com um caminhão de arma roubado de Quitaúna?! O Lamarca estava esperando adesões?! Provavelmente... Não conseguiu ninguém! E deu no que deu! Quer dizer, são os grandes sacrificados, não é?

E a família desse pessoal não recebe indenização! Quem recebeu indenização é quem conseguiu o poder! Os intelectuais todos, os “uspianos”, Fernando Henrique Cardoso e a “corriola”, e mais o próprio PT, todos eles foram indenizados. Eu estou na fila há trinta anos querendo que me indenizem... E consigo alguma coisa?! Não consigo nada! Pisei no calo de muita gente lá! Então, não dá! Eu própria, sou a expressão do burguês proletarizado! Estava falando dos meus alunos... E eu? O que eu era? Uma burguesa! Uma burguesa que abriu a cabeça a duras penas!

Hoje sou socialista... Socialista. Marxista, marxista, não posso dizer, não posso dizer... Inclusive, mesmo na época, em vários depoimentos, eu dizia que não era marxista, mas socialista. Agora, como você pode ser socialista sem passar por todos eles? Todas as leituras, todos os “Marxs” da vida e todos os pensadores comunistas, socialistas e de esquerda, de todas as formas que vieram?

Em 1954, indiquei para meus alunos o famoso Burnes, o livro de História Burnes, que era de um pensador de esquerda, socialista. Então, os alunos já tinham aquela orientação nas leituras, não é? Um pouco diferente das baboseiras que costumavam ouvir. Ele ia um pouco mais profundo nos textos e ligava as coisas. Então, esse livro ajudou muito pra esse pessoal todo levantar vôo... Pensar sozinho! Tem que ter autonomia. Você tem que achar o seu caminho! No próprio Processo Paulo Freire recebi uma proposta do Adhemar de Barros: ele poderia financiar tudo conquanto que no final do curso eu dissesse que o Dr. Adhemar era isso, era aquilo, o partido dele era isso, era aquilo. Falei: “Eu não posso! Não posso! Porque o Processo Paulo Freire é que cada um pense por si! Vai sair daqui, amanhã, um de Centro, um de Esquerda, um de Direita, não sei, mas é gente pensante!”. Era essa a intenção do Paulo Freire! Paulo Freire não está formando nem um mundo de subversão, nem nada disso. Ele está formando uma população pensante! Alfabetizada e pensante... Essa é a diferença. E fica complicado, né?... Os meus alunos eram alunos pensantes!

Sei que se Osasco não se cuidar, tudo isso vai por aí, vai ficar sem história. Os velhos habitantes, os nascidos lá como eu, são uma geração que já está morrendo... São todos velhos! Chegou muita gente de fora, sem interesse cultural pela cidade, só interesse econômico! Exploração econômica, de mão de obra, etc. E cultura?! Cadê a Cultura de Osasco? O que se escreve sobre Osasco? Onde é que está a história de Osasco?! Não é possível que uma cidade tão importante esteja jogada às traças dessa maneira! Entre outras coisas, é obrigação do governo financiar um pouco a história de Osasco. Precisa! Senão vai sumir tudo! Daqui a pouco não tem mais nada! E os velhos vão morrendo e não vão fazendo depoimento nenhum! Eu devo ser um dos últimos moicanos aqui e já falei tudo que eu tinha pra falar. Lutando ainda, com o teatro e tudo

isso, sobra o Rubens e o Ricardo! O que mais que tem de cultura nessa cidade?! Tem o pintor! O Valdomiro de Deus! E esse povo vai se perdendo e vai saindo da cidade! Porque é uma cidade ingrata, viu? Aquela cidade é ingrata! Você não consegue nada lá dentro. Nada! Você não tem financiamento pra nada! Uma cidade com aquele capital, com aquelas indústrias! Com aquele dinheiro! Com aquele Bradesco lá dentro! E não tem dinheiro pra cultura! Mas o que que é isso?!

Esse é um protesto que deixo! É isso mesmo! A cidade vai ficar sem história! Já é uma cidade sem história, porque atrás da minha pesquisa deveriam ter aparecido muitas outras para chegar até hoje, entende? Aquilo ficou reduzido a esse proletariado, certo? Aquilo ficou reduzido a sindicato. Pouco se fala da luta política e cultural em Osasco. O Miranda trabalhou um pouco com isso, e o resto? Ninguém mais! Ninguém mais! Daqui a pouco a cidade é o quê? É o quê?!

Osasco, daqui a pouco, fica sem história! E os que governam Osasco também não vão entrar na história. Porque ninguém vai ter memória para ninguém deles, certo? A frase que se relaciona a isso, que acho que resume tudo é clássica: “Povo sem memória, povo sem história”! É preciso resgatar o que Osasco tem de bom... Mas tem outra frase, gostosinha, que quero deixar com prazer imenso!... Ela está ligada a essa memória que deve ser valorizada: Ceneart, especialmente dos anos 54 a 64: foi mágico!... Helena Maria, Alfabetização Paulo Freire: foi outro momento mágico!... Dá pra fazer magia em Osasco. É só querer.

IRACEMA DOS SANTOS

É como aquela música, sabe? “Você me prende vivo, eu escapo morto!”.

Meu nome é Iracema Maria dos Santos. Nasci no dia dezessete de novembro de 1936, em São Paulo. Não tenho nem o nome do meu pai. Só tenho o nome do meu marido... A minha história é insignificante perto do que os meus irmãos viveram e fizeram. O João, mais novo, foi assassinado pela Ditadura... Cinquenta e sete dias de tortura... O Roque foi preso e depois banido do país. Ele conseguiu terminar os estudos lá fora e foi o primeiro exilado político que voltou dos que foram banidos. Voltou com a cabeça erguida, enfrentando os militares...

Éramos oito irmãos. Uma que morava em Joinville, na divisa do Paraná com Santa Catarina. A outra que morava aqui em São Paulo mesmo. O outro que morava em Sorocaba. O Zezinho, que na época tinha 15 ou 16 anos, e que também foi preso... Naquele mural que foi feito em Osasco para homenagear os perseguidos pela Ditadura, minha mãe perguntava: “Cadê meu marido, meus filhos e meu genro?”. Foi o marido dela, cinco filhos e o genro... Todos perseguidos... Praticamente todos da mesma casa, porque a minha casa e a da minha mãe eram uma só. O lugar de onde levaram o Roque preso, de onde o João foi para o hospital... Eu, o João, o meu pai e o meu marido... O Liceu – que já está morto também – o Zezinho, que era criança... Todos foram levados...

Um terror o que fizeram com a gente! Na minha casa, não chegaram a arrebentar porta, mas fizeram o que fizeram... Jogaram tudo quanto é livro, tudo quanto é papel, tudo quanto é roupa de gaveta. Jogaram tudo, reviraram tudo! Fizeram um fiasco mesmo! Na casa da minha mãe, arrebentaram porta com um machado, não sei bem com o quê... Foi terrível!

Isso tudo aconteceu em 1969, depois da greve de Osasco. Participar dela, não participei, mas sofri as consequências... Era funcionária pública e ali foi greve de metalúrgico. O Roque, meu irmão, participou. O João, como eu, não era metalúrgico, mas era coadjuvante. Estava por trás, dando apoio. Fazia o que podia: os serviços de panfletagem, participação nos piquetes. O Dirceu era metalúrgico, mas não chegou a ser preso. O Barreto, nosso amigo, é quem foi preso... Na época da greve, ligado, ligado mesmo com a gente, com a família, era o Barreto, que foi um dos líderes. Ele tinha a chave da casa de minha mãe. A família dele morava no bairro Santo Antônio e nem sempre dava para ele voltar para lá. Então, às vezes ele dormia em casa... Uma coisa que lembro bem do Barreto é que foi fazer um sarau em casa e esqueceu a capa do violão lá. Eu nem lembro direito como era o sarau. Mas lembro dele.

De tudo o que houve na greve, não tive participação. Só fui coadjuvante. Quando o movimento aconteceu, só sabia em parte do envolvimento do Roque. Não pensei - ninguém pensou - que as coisas iam tão longe! Mas o Roque, lá no Paraná, com doze, treze anos, já militava nos movimentos estudantis, nesse tipo de coisa. Lá em Londrina, Ibiporã, onde começou o ginásio. Ele, o Zezinho e o João são paranaenses. O resto dos irmãos, inclusive eu, é paulista. Por pouco, naquela época, ele foi preso... Eu, que morava em Osasco, já era casada. Meu pai ficou desesperado com o envolvimento dele, e o Roque, então, veio morar comigo. Aí, depois, o João queria vir também. Eu já tinha minha filha. Ela era nenezinha... Começamos a pensar: o Roque morava comigo, o João queria morar comigo. Minha casa era pequena. Meu pai e minha mãe iam ficar

com o Zezinho em Ibiporã. Ele era um catatauzinho. Iam ficar fazendo o que por lá? Então, era melhor eles virem também.

Passei a mão na minha filha e fui lá convencer meus pais a vir para cá. Na época, eles tinham um sítio em Ibiporã, perto de Sertanópolis, onde o Roque nasceu. Meu pai e mais três tios construíram uma escola lá. Juntaram-se os quatro para construir uma escola para os filhos deles e os filhos dos colonos. Depois, as vagas que sobravam, eram para as demais pessoas ao redor. A professora vinha da cidade. Meu pai a buscava de charrete. A professora ficava na casa da minha mãe. Comia, dormia, dava aula de manhã e à tarde. Foi assim que nós começamos... Com o quarto ano, já podia dar aula. Então, comecei a trabalhar. Era professora rural... Pensar a vida que eu vivi no Paraná e depois tudo o que ainda viria pela frente!...

Com o golpe militar, em 1964, eu não tinha idéia de aonde tudo ia parar. A arrecadação do ouro... A repressão... Aonde aquilo ia parar?! A gente não imaginou... Achava aquilo tudo repugnante! Participava das reuniões que a comunidade fazia, às vezes. Imagina, era a retaguarda! Entrei pela “porta do fundo”, não era a linha de frente. A gente participava de reuniões, assistia a filmes, fazia debates, aproveitava a sala de teatro. Eram reuniões de planejamento para a ação: “Por que isso? Por que aquilo?”... Lá onde é a prefeitura de Osasco hoje, a gente se reunia.

Quando voltei para buscar meus pais no Paraná, eu já trabalhava na prefeitura de São Paulo. Era cozinheira de uma escola chamada Espiridião Rosas, no Jaguaré. Antes dela ser construída, havia uma escola de madeira, que o governo federal desapropriou. Era uma espécie de um galpão, e a gente tinha que se virar com aluno, carteira, tudo! Com toda essa luta, minha família veio ficar junto comigo. Alugamos uma casa, fizemos um empréstimo e construímos a casa que ficou com o Liceu, meu irmão que já morreu. Minha mãe queria que fosse assim... Ele trabalhava no setor de planejamento da Brow Boveri. Não foi preso durante a greve, mas foi mandado embora do emprego e estava para ser despejado. Era professor e não conseguia nada! Construímos o segundo piso na casa da minha mãe com o INSS e o FGTS do João, meu irmão mais novo, depois que ele morreu na tortura. O seu Eduardo, chefe dele no açougue, deu o dinheiro para nós.

Passamos por muitas dificuldades... Na época em que o João morreu, já depois da greve, minha mãe estava internada, doente, e não havia dinheiro. Meus dependentes no convênio tinham que pagar à parte. Ela ficou noventa e seis dias internada, sem saber de nada, e eu levei dois anos para pagar a conta. Fui atrás do INSS do João. Pensava nos direitos do meu pai e da minha mãe... Prestei concurso de inspetor de aluno para poder manter as despesas. Meu desespero era: se precisasse de hospital, o que eu faria?... Na escola Espiridião Rosa, o governo ia construir uma piscina, e a companhia ia contratar pessoas para ficar seis meses como teste. Trouxe a Luzia, minha cunhada, para trabalhar no vestiário. Fui fazer um curso de enfermagem para entrar no Hospital das Damas, em Osasco. Quando invadiram nossa casa, em 1968, eles achavam que eu era enfermeira dos guerrilheiros. Queriam saber quem eu protegia... Quem eu tinha socorrido, além do meu irmão João.

Meu outro irmão, Roque, trabalhou um tempo no gabinete do prefeito de Osasco, Guaçu Piteri. Foi imposição dos estudantes, que tinham força na cidade. Com a greve, ficou sumido. Ninguém sabia do envolvimento dele na guerrilha. Eu lia nos jornais, na imprensa amarela, mas não tinha contato com o pessoal da batalha. Só aos poucos fui percebendo o que acontecia... Depois da greve, ele teve que entrar para a clandestinidade, precisava cuidar da Aninha, a namorada dele, e ela tinha que cuidar dele. Sumiram!

Panfletos, livros, tudo o que estava armazenado, deixei numa mala esquisita embaixo da cama da minha sogra, para a polícia não pegar. Escondi cada coisa!... Numa grande mala. Minha sogra nem imaginava o que era aquilo... As coisas que achei que complicavam mais a vida dele, queimei... Havia um terreno do lado de casa. Lá, eu fiz a fogueira...

Sobre a prisão dele, a gente só foi saber um dia depois, na Vila Sônia. Ele foi preso no ponto de ônibus, na Paineira, no final da Avenida Francisco Morato. Com as notícias chegando, doía o estômago, a barriga... Onde estava fulano? Eu nem quero lembrar!... Foi um caos total!... Ele ficou incomunicável por cinco meses e dezessete dias! Tentamos entrar em contato...Tinha um delegado, no quinto andar do Dops, que deixava o Roque escrever bilhetes, mas mandava revistar tudo.

Lembro que uma vez vi o Ibrahim... No elevador da sala de tortura... Com os tiras... Estava branco, branco, branco! Magro!... Eu olhava bem, eles me puxavam para não ver. Não reconheci ele na hora. O que mais me marcou no Dops, foi aquela cena, ele saindo do elevador...

Do Roque não vi nem sombra! Só bilhetes. Nem guardei, porque tinha medo! Quando ele foi para o exílio, tirou uma foto com o Salvador Allende, presidente do Chile. Tive que dar fim na foto, de tanto medo!... Pensando bem, eu não tinha medo. Tinha raiva! Minha mãe se conformava. Mas eu não! Chutavam e me empurravam, com sacola e tudo, quando ia visitá-los, com medo que eu visse a violência contra os meninos. Mas eu achava que eles logo logo iam sair, era passageiro. Era um direito que eles tinham: sair! Não tinham feito mal a ninguém... Depois, o Roque foi transferido para o presídio Tiradentes. Lá, ficavam todos juntos. A gente ia visitar, fazia piquenique durante duas horas...

Essa coisa é muito emocionante!! (...)

O João foi baleado, após ser perseguido. Pediu para um motorista de táxi descer a rua e foi para minha casa na Vila Isabel. Só que o motorista, sem ele perceber, ligou o pisca alerta do carro, foi à delegacia mais próxima e fez a denúncia. Uma pessoa também disse que havia visto um táxi com o pisca alerta ligado... A minha casa era nos fundos do quintal. Alguém bateu na janela, às onze e meia da noite. Era o João: “Iracema, me ajuda! Eu estou com problema!”. Corri na porta, ele foi deitando... Tinha sido baleado... Já tomei as providências: enfaxeiei o braço quebrado, vendo os ferimentos, enquanto o Adolfo, meu marido, pegou os documentos do João.

Ele chegou em casa baleado, muito machucado!... Tentei tirar tudo que fosse suspeito, guardar documento, tudo o que ele tinha no bolso. Dei para o Liceu esconder em casa, colocar fim em tudo... Em seguida, chegou um batalhão, mais de cinquenta viaturas! Ninguém do bairro esquece... Fecharam o bairro inteiro e entraram na minha casa. Um bando de investigadores! O João não queria se entregar. Falei que não adiantava reagir. Entraram chutando e empurrando! Levaram o João...

Pegaram o Adolfo, meu marido, o meu pai e os meus irmãos, Zezinho e Liceu. Fiquei em casa como isca, porque achavam que a gente já tinha chamado alguém da “gangue”. Entraram direto para pegar o João! Mas o Adolfo trabalhava de alfaiate do Regimento de Infantaria, no quartel de Quitaúna. A polícia achou um monte de coisa do quartel, o QG do capitão Carlos Lamarca, que tinha saído com as armas para entregá-las à guerrilha. As coisas iam se complicando... O Adolfo não tinha ideia de nada! Era o chefe da casa e não sabia de nada! Acharam muita coisa: cobertor, lugar para guardar facas, cantil, objetos de acampamento militar... Ele estava acostumado a acampar com o Lamarca, mas não sabia de nada! O Adolfo foi o que mais apanhou! Achavam que ele era “durão”... A gente tinha sempre saído, mas ele não sabia de nada. Não sabia nada. Quem era o Lamarca?!

Os militares me deixaram em casa. Minha filha de oito anos ficou com a Luzia, mulher do Liceu, e com a Letícia, filha deles. Os policiais ficaram comigo, esperando para ver quem vinha. Cinco horas... Não vinha ninguém... Acabaram me levando para a delegacia, para o Dops, para o QG do Segundo Exército no Ibirapuera. Perguntavam quem era o médico que prestava socorro, para quem eu costumava dar os primeiros socorros... Quarenta horas de interrogatório ininterrupto!... De quatro horas em quatro horas trocavam o turno, e eu sem comer, sem beber e sem dormir. Quando passava mal, eles traziam café amargo!... Diziam que o João já estava morto; que o Roque estava preso; classificando todos os membros da família como bandidos!

Perguntavam pra mim por que eu queria esconder e proteger a família, se o João já estava morto? Se o Roque estava preso? Se eu entregasse logo o grupo, ia ser mais suave... Era um jogo de enlouquecer! Tive que fazer tratamento psicológico...

Cada um ficou num canto. Cada membro da família ficou num canto... No final da madrugada, chegou um professor de matemática da escola Espiridião Rosa, o sargento Ramos. Olha que coincidência! Ele não acreditava que eu fosse da família. Veio me interrogar: como eu fazia para atender os outros, quem eram os outros? Ele até tremeu quando viu que era eu. Tomava café comigo na escola!...

Meu pai trabalhava na pocilga do quartel; era veterinário. Não sei se durante os depoimentos dele, um tenente do RI considerou que ele não tinha nada a ver com o que estava acontecendo. Meu pai disse que nunca tinha imaginado aquilo dos filhos, e esse tenente deu o veredito: soltou meu pai, meu marido e eu. O Zezinho e o Liceu ficaram presos... Os militares ficaram três meses vigiando minha casa... Era campo de treinamento. Ficavam espiando quem saía e quem entrava. Minha mãe estava internada e não sabia de nada. Contamos aos poucos.

Fui solta de madrugada... A gente subiu a Avenida Brigadeiro até a Paulista para pegar o ônibus e voltar para a Vila Isabel. Quando eu ia chegando, vi minha filha sozinha... Estava indo... Ninguém tomou conta dela! Isso tudo foi terrível! O pior foi quando encontrei minha filha sozinha... Na rua!... Cheguei em casa de manhã e vi a Eliana sozinha... Aquela criança! Quando me viu, o coração dela parecia que ia disparar! Começou a correr, e eu comecei a chorar! Abracei, abracei...

Acho que na minha dor, de tudo o que passei, o pior momento foi esse encontro. E ver o João em pele e osso no hospital antes dele morrer... Espero nunca mais sentir isso! (...)

O meu irmão mais novo saiu da minha casa com um tiro e depois, no hospital, tinha quatro tiros! Ficou cinquenta e três dias no hospital. Eles vinham me buscar com um dos pais de aluno da escola em que eu trabalhava. Ele era o torturador do João e tinha medo da gente sequestrar o filho dele! Vinham me buscar... Eu dizia que meu irmão tinha pai e mãe, que podiam responder por ele. Mas eles falavam que o João tinha os dias contados e que eu precisava assinar um documento para ele ser operado urgente. Ou fazia a cirurgia, ou tinha os dias contados: “Ele chama o seu nome em delírio; é a pessoa que mais chama”... A dona Vanda, diretora da escola em que eu trabalhava, dizia que eu não ia ficar lá, presa. Disseram que ia ver o João mais vezes. Mas me enganaram! Me levaram presa... Dona Vanda dizia: “Pode ir tranquila”. E me prenderam... Então, falei: “Vou pegar sabonete e escova de dente. Não vou como da outra vez que não deixaram nem me trocar e me levaram de pijama!”.

Fui levada para o hospital do Cambuci. O João era só pele e osso... A boca dele era tão grande que ia de uma orelha a outra! Comecei fazer xixi sem perceber, de tão emocionada, tão nervosa! Conversei um pouco com ele e me levaram para uma sala. Queriam uma prova de que a família estava participando. Ele já estava no fim... Falou com muita dificuldade: “Sabia que você viria”... Cortaram o resto da veia dele para

enfiar alguma coisa, porque não tinha mais veia. O rosto era oco, esqueleto!... Colocaram uma câmara de ar para o corpo poder se sustentar, entre o quadril e a clavícula...

Você não sabe o que é terror psicológico!...

Então, assinei a autorização... E depois disso, me deixavam visitá-lo uma vez por semana, na segunda feira. Fiz amizade com uma freira que dava chocolate para ele, porque o João gostava muito. Eu pedia para ela colocar um algodão com água na boca dele. Faltava um pedaço do lábio dele, de tanta sede! Ele tinha estourado o intestino... Diziam que precisavam operar, limpar... E foi assim até o dia em que ele morreu... Morreu na sexta feira. Vieram ao Espiridião, na segunda feira, avisar da morte dele. Disseram que não tinha como me avisar antes. Mas não queriam que eu soubesse o que tinham feito! O corpo dele estava no IML, perto do cemitério do Araçá. Mandeí chamar o Liceu e meu pai. Eles ficaram muito nervosos e vieram embora. Tive que pegar a autorização do delegado, na Auditoria, e ir correndo para conseguir o corpo, o caixão. Batalhei para que o corpo viesse para casa! Batalhei para o velório ser em casa... O dia inteiro, correndo sozinha, para conseguir autorização.

Meu cunhado fez o reconhecimento. Entrou comigo... Minha irmã diz que foi ao presídio Tiradentes liberar o Roque para ver o João. Mas fui eu quem fez o reconhecimento. Vesti ele... Não deu para vestir direito, porque ele estava congelado! Pus a roupas sobre o corpo, assim, junto com as flores... Num caixão lacrado, na urna. Só dava para ver o rosto...

O Roque foi para o Carandiru, e depois para o exílio, no Chile. Quando ele estava preso, as pessoas ficavam a noite toda escrevendo bilhetes no papel higiênico para mandar para as famílias. Era camuflado. Quando o Roque tinha sido exilado, eu ia até o presídio me fazendo passar por prima do Espinosa, nosso amigo. Ia visitá-lo. Ele sofreu muito também e é até hoje um grande intelectual! Nós marcávamos pontos para mandar os recados do presídio para as famílias e vice-versa. Guardava os bilhetes dentro da blusa... Mesmo depois da morte do João, eu ia. É como aquela música, sabe? “Você me prende vivo, eu escapo morto!”.

Depois, o Roque foi banido. Entrou pela embaixada no Chile. Fiquei fora de mim: gritava, cantava, chorava... Fiquei estérica, porque ele ia embora. Eu me escondia embaixo de alguma coisa, me desesperiei! Fui ao Carandiru para me despedir dele, pela última vez.... Eu me despedi dele com esperança de que voltasse... Do Chile, ele foi para a Suécia. No começo do exílio foi muito difícil! Mandeí coisas para ele... Era muito frio lá! Trocávamos cartas e falávamos por telefone. O governo sueco deu asilo para vários brasileiros. Lá, meu irmão concorreu a uma bolsa para estudar na França e acabou dando aula na Sorbonne.

Apesar da dor, eu tinha esperança de que ele ia se refazer, e de que aqui tudo iria mudar. Por isso, comecei a participar dos comitês pela Anistia. Fiz parte do movimento pela Anistia, e houve pessoas muito boas que me ajudaram muito! A gente era muito pobre, mas conseguíamos sobreviver e sustentar o meu pai e a minha mãe. Eles ficaram sem salário, sem nada, porque eram os filhos que sustentavam a casa: um foi banido e o outro foi morto.... Eu participava fazendo amizade com as pessoas, trocando informações. Lutamos tanto pela volta dos exilados e pelo perdão aos presos políticos! Os presidiários faziam pulseiras, colares... A gente vendia no Largo de Osasco. Colhia assinatura... Lembro da mãe do Ibrahim vendendo coisas para o filho preso. Arrecadávamos dinheiro também para viajar, se deslocar, verba para o movimento crescer.

O Roque foi julgado à revelia e deram uma autorização para que ele voltasse, antes da Anistia geral em 1979. Foi o advogado Iberê Bandeira de Mello que conseguiu

que ele voltasse. Corri atrás de advogados, outros dois. Faziam o trabalho deles como contribuição. Não foram para a linha de frente, mas me orientavam. E não desembolsei nada, graças à solidariedade deles. E o meu irmão voltou!

Lembro bem da volta do Roque do exílio. Ô, se me lembro!... Liguei para ele, e depois de uma semana ele voltou. Foi interrogado durante cinco horas em Campinas. Passou pela auditoria militar. Mas voltou corajoso, por cima de tudo! Foi uma festa! Muita gente de Osasco, de São Paulo, da Anistia. Uma bela feijoada na casa da minha mãe: vieram amigos, conhecidos de conhecidos, muita gente! Entre esses amigos, estava o Jorge Batista, que sempre esteve conosco; a esposa dele também. A Josy foi uma pessoa que me ajudou muito! O marido dela foi condenado à prisão perpétua... Ela trabalhava na avenida Paulista, na FIESP. E ele ficou preso no Jóquei Clube, condenado a noventa e seis anos de prisão. É prisão perpétua, não é? Ela foi uma grande companheira... Meu Deus, ela foi ao aeroporto receber o Roque comigo!

Lembro também quando minha mãe morreu, sentada neste sofá... No dia das eleições de 1986. Estava no chão fazendo tricô e esticou os pés. Quando começou a apuração, falou que o marido da Josy era o mais votado. Falava: “Está vendo?!”. Era a Josy quem trazia os recados do Roque para minha mãe, muitas vezes. Minha mãe morreu no dia das eleições. Emocionada!...

Depois de toda essa luta, ainda acho que fiz pouco. Muito pouco... Pelas condições de vida que tive, pela arrogância de algumas pessoas que desfizeram dos humildes... Mas se eu tivesse que fazer tudo de novo... Faria com esta idade? Talvez não. Mas com vinte anos, eu faria. Lógico!

Uma das pessoas mais pobres era eu. Não éramos da “nata”. Fui uma das pessoas que mais sofreu, uma das mais humildes... Perdi meu irmão mais novo, fui presa, vi meu irmão ser exilado... Entrava pela porta dos fundos só para entregar um pacote, um bilhete, para não desmerecer a causa, ajudar. Não estava preparada para o que aconteceu com os meus irmãos. Cassar direitos e banir era uma ideia de uma extensão tão grande!... Não imaginava que seria assim. Mas fiz o que pude quando tudo aconteceu.

Pensar na vida que tive no Paraná, e depois em toda a experiência da greve, da perda e sofrimento dos meus irmãos... E, ainda, sentar na mesa com o governador para discutir a Anistia... Viver o que eu vivi!

Se os jovens, hoje, não tiverem a coragem de fazer o que fizemos, eu gostaria que pelo menos eles contassem aos seus filhos o que aconteceu conosco! Porque nunca sabemos o que nos aguarda no futuro. Eles têm que contar para seus filhos, para que tenham o conhecimento de toda a violência e da luta que vivemos, tudo o que sofremos! O futuro é incerto...

MARIA DOLORES BARRETO

Queria crescer, conhecer um novo mundo, uma nova realidade. E teve a ver com tudo o que a gente passou lá.

Eu nasci numa cidadezinha do interior da Bahia, Macaúba, distrito de Brota, em 1954. Meu pai era lavrador e minha mãe era dona de casa.. Meu pai era José Barreto, muito conhecido lá na região e minha mãe Adelaide, conhecida como Nair, não sei porquê! Todo mundo conhecia ela lá como Dona Nair. Os dois eram extremamente religiosos... Extremamente... Minha mãe era muito caridosa! Era uma pessoa procurada por todos... Ela dava aula... A minha mãe estudou até a quarta série, mas se você visse a uma pessoa!... Eles recebiam padre lá na cidade. Não tinha casa paroquial, nada definitivo, mas ia sempre um padre lá. E ela fazia uma recepção, assim!... Que era uma coisa assim!... Se você visse os discursos que ela preparava para o padre!...

Ela era uma pessoa.... Nunca fez curso nenhum... Era quem fazia muito parto por ali. Era parteira... Salvou a vida de muita gente ali... Ela fazia! Não sei como ela descobriu isso, não sei em que momento, mas ela fazia! Acho que num momento de emergência, necessidade, certamente ela fez alguma coisa. Certamente ela resolveu o problema de alguém que estava necessitado... Não sei como ela descobriu isso! Só sei que ela era muito procurada. Minha mãe... Nossa, era uma pessoa maravilhosa!

Inclusive quando meu irmão, o Zequinha esteve lá, de vez em quando ele levava um amigo dele, um rapaz pra lá, Luiz Santa Bárbara, um rapaz que morreu lá também na época, ele deu aula lá um tempo. Enquanto ele esteve lá. Ele fez uma festinha, uma homenagem dos dias das mães, fez uma homenagem muito bonita pra minha mãe, foi muito legal...

A minha mãe era uma pessoa maravilhosa! Não é só porque era minha mãe, não. Ela era realmente maravilhosa! Minha influenciou o que a gente é até hoje. Com certeza! Eu só queria ser um terço do que a minha mãe foi! Sem contar que ela era uma pessoa extremamente inteligente ! Era uma pessoa extremamente inteligente... Meu pai também. A gente foi criada um lugarzinho, assim, com pessoas muito humildes, ignorantes, né, pessoas que não tiveram oportunidade pra estudar, pra ir pra outros lugares, conhecer o mundo de outra forma...

Minha mãe, até na forma de criar a gente, foi de uma forma diferenciada. A minha mãe sabia que a gente precisava... A gente ajudava, claro, sempre tive responsabilidade desde pequena , lembro que arrumava a cama da minha mãe, subia pra forrar a cama dela; a gente cozinhava em fogão de lenha. Eu subia no fogão porque eu não alcançava, entendeu? Subia pra limpar... Também cuidava dos irmãos... Mas eu e minha irmã temos idade bem próxima uma da outra, então praticamente a agente cresceu junto, as obrigações a gente já sabia. Por exemplo, eu e minha irmã temos diferença de dois anos mais ou menos, de idade, a gente tinha aquelas obrigações de lavar louça, limpar a casa. Mas quando minha mãe morreu, eu tinha quatorze anos, eu que tomava conta da casa. Praticamente não tive adolescência. Tive infância, muito boa, muito feliz, mas a minha adolescência morreu quando eu tinha quatorze anos! Fiquei responsável pela casa.

Minha irmã mais velha sempre saiu, foi pra Brotas estudar, engraçado que o pesado ficou comigo mesma! Quando aconteceram as coisas lá em casa, ela já estava casada. Quem estava lá era só eu mesmo. Minha irmã mais nova também não estava lá, estava com ela. Lá estudei até a quarta série.

Meu pai e minha mãe influenciaram muito na nossa formação. Eles eram rígidos, como era na época, lá é uma coisa normal. Eles eram rígidos sim. Tínhamos nossas obrigações. Havia coisas que podia, coisas que não podia. A gente tinha que fazer a obrigação, mas na hora da diversão, a gente também tinha, entendeu? Nossa diversão era, na hora do recreio, brincava com bola, de pular corda. À noite, a gente juntava toda aquela molecada da rua, fazia uma roda, cantava.

Pra ser sincera, meu irmão já tinha saído de casa, nessa época já não convivia com a gente. Quando ele foi embora, eu era muito pequena, não lembro. Ele devia ter por volta de doze, treze anos... Eu era bem pequena... Mas me recordo dele indo lá passear. Ele tinha ido pro seminário com essa idade, doze ou treze anos... Lembro ele ir em casa passear, dessas visitas de férias, me lembro dele tocando violão, sempre tocando violão. Ele gostava muito de tocar e cantar!... Depois ele decidiu que não queria mais ser seminarista, que não era vocação dele, isso era coisa da minha mãe e do meu pai. O sonho deles era ter um filho padre. Chegou certo momento em que ele viu que não dava e foi quando veio pra São Paulo e aqui ficou.

Ele só voltou pra lá depois de todos aqueles acontecimentos de 68 e do envolvimento dele com o Lamarca... Chegou lá em 70, minha mãe também morreu em 70, ele já estava lá quando ela morreu... Inclusive quando ela ficou doente, ela teve câncer, ele a levou pra Salvador, ela fez tratamento lá, mas voltou não tinha mais jeito e quando ela morreu, ele estava lá.

Quando nós ficamos sabendo da prisão dele em Osasco é que a gente ficou sabendo o que estava acontecendo. Inclusive, quando minha mãe soube é que ela ficou muito mal e logo depois desenvolveu o câncer. A gente acha até que isso está relacionado... Porque ela ficou muito mal... A gente não sabia do envolvimento dele... Na verdade, o que minha mãe recebeu foi um telegrama do meu tio – porque ele morava com o meu tio aqui em Osasco – falando que era pro Olderico, meu outro irmão, não vir para cá. Lembro bem desse telegrama do meu tio que falava assim: “Aqui greve. Não mande Olderico agora”. Mandou um jornal, ou uma parte do jornal, que mostrava o Zequinha preso. Aquela foto em que ele está algemado. Lembro da manchete até hoje: “Tudo normal na região do ABC”. Essa era a manchete do jornal.

Depois disso, o Olderico foi pra lá. E aí a gente teve mais ou menos ideia... Falavam assim por alto, entendeu? Não entravam em detalhes com a gente. Eles não esperavam que a repressão fosse chegar até lá. O Zequinha saiu da prisão num dia e depois de dois ou três dias veio o AI-5. E aí ele foi embora... Ficou fugido mesmo. A gente tinha uma ideia assim... A imagem que eu tinha dele... Achava que meu irmão era um ídolo, entendeu? Uma pessoa que lutava... Isso a gente sabia! Que ele lutava em favor dos pobres. A gente tinha essa ideia, porque ele estava fugido... Sabia qual era o ideal dele, o ideal dele era esse, era lutar e por isso ele estava sendo perseguido. Sabia que ele estava sendo perseguido por aquele governo, que naquela era o Médici.

Eu tinha medo dele ser pego... Mas com os acontecimentos de 68 tinha aquele espírito, assim, de querer estar junto, sabe, pra poder lutar junto. Queria estar junto... Aquela coisa... Acho que não era exatamente medo, porque quando a gente não vive... Se eu estivesse aqui em Osasco na época, ia saber como as coisas funcionavam, mas estando lá, por mais que soubesse, por mais que falassem, não dava pra ter noção da coisa, do tamanho, do perigo que representava tudo aquilo.

Lá também estava o Santa Bárbara... Ele também estava lá... Não sei se ele sofreu tortura... Provavelmente... Ele tinha um problema: gostava de beber. Quando bebia, ele delirava e acabava falando coisas, falando coisas da vivência dele... Não sei... Não sei até hoje se ele esteve preso, não sei dizer isso... Mas acho que ele sofreu algum tipo de tortura. Acho que ele sofreu... Eles dizem que ele se matou. Ele estava com um

revólver, e eles dizem que ele se matou... Mas na verdade ninguém sabe ao certo se foi ele que se matou ou se foram eles, porque eles chegaram na minha casa, entraram ... (...) Eu não estava lá! Não estava lá... Se estivesse na minha casa naquele momento, não sei se estaria contando minha história hoje!...

Eles chegaram atirando com tudo! Foi um exército!... Eu tinha saído porque na época a gente não tinha água encanada em casa, tinha que pegar fora. Levantei cedo, porque lá é costume dormir cedo e acordar cedo... E eu saí nesse dia pra pegar água... Tinha um riozinho lá perto, mais ou menos um quilômetro, ou meio quilômetro, perto de casa.

Eu estou lá... Quando eu vi uma roça, uma roça cheia de grama, cheia de capim... Dava pra ver as pessoas. Quando olhei lá longe só vi aquele pessoal de farda, com aqueles capacetes... Quando olhei, eu sabia que eles tinham vindo atrás do Zequinha... E aí o que eu fiz? Fiz um outro caminho! Escondido. Corri pra chegar até em casa a tempo de avisar! Mas não adiantou... Porque acho que aquela turma ali era outra, entendeu? Já tinha uma outra turma que tinha pelo outro lado, feito outro caminho... E eu... corri!... Quando cheguei em casa... Minha casa era assim... tinha um muro de parede, depois tinha uma cerca que fazia outro quintal enorme, nos fundos da minha casa... Cheguei... Tinha gente... Estava cheio de gente em cima do muro, daquela cerca! O muro cheio de gente, com metralhadora!...

O que eu fiz? Não tinha como eu entrar... Você não sabe o que fiz... Sabe que eu passei por aquele povo e aquele povo não me viu?! Sabe que ninguém me viu? Não sei, sabe, parece que alguma coisa ali me protegeu!... Porque eles foram pra lá, falaram pra todo mundo que eu era mulher do Lamarca! Eles estavam me procurando como mulher do Lamarca!... Me procurando como mulher do Lamarca!...

O Lamarca estava numa propriedade do meu pai, que era uma roça... Ele estava escondido lá. Eu sabia que havia essa pessoa lá, eu é quem fazia a comida... Eu que cozinava pra ele. Todos os dias separava comida pra ele... Eles levavam todo dia comida pra ele. Sabia que existia essa pessoa, que essa pessoa era envolvida com toda essa coisa aí, com o problema do Zequinha, mas eu não tinha ouvida falar que ele era o Lamarca. Nunca tinha ouvida falar no Lamarca! Nunca tinha visto o Lamarca! As únicas pessoas que tinham visto o Lamarca eram eles mesmos, meus irmãos. E parece que havia um outro senhor também, um amigo deles...

Aí, o que é que eu fiz? Cheguei lá, a casa estava toda tomada!... Passei direto, entrei na casa de uma senhora e fiquei por lá... Era um lugar pequeno, você conhece todo mundo... Me acolheram... Também não sei se por inocência!... Não sabiam do perigo que eu tava representando ali! Sei que depois de vinte minutos depois, uma meia hora, aconteceu o tiroteio, eles invadiram lá... Foi quando mataram meu irmão mais novo... Ele tinha dezenove anos na época... Meu irmão... O mais novo correu pra avisar... Ele correu pra avisar o Lamarca e o Zequinha, os dois estavam juntos lá no esconderijo. Meu irmão mais novo correu... E acho que ele tinha um revólver!... Aí quando eles atiraram, meu irmão atirou e correu... Logicamente... Um exército contra ele!! (...) Meu irmão mais novo nunca tinha saído de lá, não era envolvido com nada! Nunca tinha saído de lá...

O meu outro irmão, Olderico, estava com revólver também e atirou! ... Acho que é inocência! Porque não é possível fazer isso com um exército!! Eles com metralhadora e o cara com um 32, ali... Só sei que aquela rajada de tiros, menina!... Aquilo!... Nossa senhora!... Sabe quando você sente que você não está vivendo aquilo? Que aquilo é um sonho, parece que não... sei lá... não estava caindo... Eu não tinha caído na real! Eu achava que aquilo ali era um pesadelo que eu estava vivendo!

Aí esse meu irmão ficou ferido, levaram ele pra Salvador, ele ficou preso lá. O Olderico pegou dois anos... Ficou dois anos confinado lá. Depois houve uma Anistia. Ele ficou assim... Ele pegou condicional. Não podia deixar o país... Quando ele estava em Salvador, eu não fui visitá-lo. Quando ele saiu, eu já estava aqui em São Paulo. Quando pegou a condicional, veio pra São Paulo e eu já estava aqui.

O Zequinha não morreu nesse evento, Não estava na minha casa. Isso tudo foi no dia 28 de agosto... Ele estava no esconderijo... E aí eles ficavam fugindo, ficavam fugindo... No dia 17 de setembro pegaram eles... O pessoal já tinha vindo embora, porque não conseguiram encontrá-los. Mas aí apareceu uma pessoa, eles ofereceram dinheiro para quem desse notícias dele... Infelizmente, eles foram vistos lá, alguém viu e denunciou... Eles já estavam doentes mesmo... O Lamarca estava doente! O Zequinha andava com eles nas costas... Não aguentavam mais andar! Pegaram eles assim... Na covardia mesmo!

Eu sei que meu pai foi torturado... A minha mãe já tinha morrido... Graças a Deus, senão seria mais uma tristeza pra ela naquele dia! Entendeu?... Meu pai sofreu muita tortura!... Eles estavam me procurando! Dizendo que eu era mulher do Lamarca! E aí, de lá de onde eu estava, uma outra minha chegou e disse: “Vamos lá pra casa!”. Fiquei na casa dela. Quando foi à tarde, seu José, uma pessoa que todo mundo gostava muito dele lá... Ele até tinha uma filha que gostava do Olderico!... E aí ele me chamou pra ir pra casa dele. Da casa da minha amiga, a Teresinha, eu vim pra casa do seu José. E eles... Seu José tinha um armazém e eles ficaram nesse armazém, porque ali era um lugarzinho pequeno. Na verdade, só tinha esse armazém lá. Eles comiam por lá, tomavam as bebidas deles... Eles ficavam o tempo todo lá, ficavam na rua...

Aí, um dia, lembro até que foi num domingo... Isso tudo foi num sábado de madrugada que aconteceu, a invasão da minha casa... No domingo, eu estava lá na casa do seu José escondida num quarto, não saía pra nada!... De lá de dentro do quarto, escondida na cama, eu ouvia eles conversando... “Cadê, onde é que está a moça? Você não viu?”, perguntavam pra filha do seu José... “Você não sabe pra onde ela foi? Onde é que ela está?”. Ela falou: “Imagina! Essas horas ela já deve ter é morrido aí pra cima desses morros”!! Eles falando... E eu ouvindo tudo o que eles falavam... “A hora que a gente pegar ela, a gente não vai matar ela, vai arrancar uma unha, vai furar um olho”... Você acha?! E eu escutando!!

Sei que um dia, uma outra pessoa... Todo mundo morrendo de medo! E não era pra menos! Alguém falou pro seu Zé pra me tirar de lá porque se me pegassem lá, eles iam matar todo mundo! Me matavam, matavam o dono da casa e matavam todo mundo que morava na casa. Colocaram aqueles medos na cabeça dele e resolveram me tirar de lá... O lugar lá era pequeno, a gente sabe que algumas pessoas fizeram por medo... Não condeno! Não condeno as pessoas que fizeram por medo, não condeno... Eles estavam aterrorizando mesmo! Mas quando eu saí, uma pessoa, amigo do meu pai, se propôs a sair comigo... Eu tenho muita admiração por essa pessoa... Djalma... Ele saiu comigo...

Eu não sabia exatamente o que tinha acontecido com a minha família. Só sabia que meu irmão Otoniel tinha morrido... E sabia que o Olderico estava ferido. Não sabia mais nada... Nesse dia nós saímos procurando um lugar pra ficar por ali. Naquele momento estava declarado estado de sítio. Ninguém podia sair de casa. À noite ninguém podia sair de casa. Fora de casa havia o perigo de morrer, deles atirarem. Eles estavam morrendo de medo! A verdade é essa. Eles estavam morrendo de medo. Estavam preocupados porque eles morriam de medo do Lamarca! Morriam de medo do Lamarca...

Só sei que cada lugar que eu chegava, as pessoas diziam: “Pelo amor de Deus, vai embora daqui!”. Ninguém me queria, estava todo mundo com medo! Até que

encontrei a casa de uma pessoa, dona Maria, que tinha uma filha chamada Rosa. Elas me acolheram lá... Isso já era por volta de nove horas da noite já, ou meia-noite... Não sei se por inocência, se elas não tinham ideia do perigo que eu estava representando. Mas me acolheram. Passei a noite lá, e no dia seguinte, meu pai mandou me chamar, que eu já podia ir. Essa cena... (...) Nunca vou esquecer disso!... Meu pai!...

E aí eu fui... Eu fui... Num determinado ponto da estrada, eu encontro com ele... Meu pai!... Com aqueles algozes todos atrás dele... No cavalo... Como ali não passava carro, era helicóptero ou cavalo. Cada um montado num cavalo. Encontrei com ele... O Fleury... Você já ouviu falar muito, né? O infeliz estava lá! Era o cabeça! Eu sei que meu pai, quando encontrei com ele na frente, montado também... Eles vieram atrás do meu pai, torturando ele, pra ele dar conta de mim, diz que eu era mulher do Lamarca...

Meu pai falou pra eles: “Olha, eu vou trazer minha filha aqui. Se vocês garantirem que não vão fazer nada com ela, eu mando chamar minha filha. Se ela tiver alguma coisa, se vocês conseguirem encontrar alguma coisa nela que ela tenha tido alguma coisa com esse rapaz, vocês podem matar ela e podem me matar! E aí ele mandou me chamar. Quando encontrei com ele, eles me viram... Eu tinha quinze anos, mas parecia que tinha doze! Nunca aparentei ter a idade que tenho. Quando eles olharam pra mim, o próprio cara falou pro meu pai: “Essa daí nunca teve encontro com ninguém, não!”. Eu tinha quinze anos, mas era uma menina! Era uma menina. Tinha cara de doze anos!

Aí cheguei lá, quiseram me entrevistar, fizeram um monte de perguntas, perguntaram se eu conhecia, mostraram a foto do Lamarca. Eu realmente não conhecia, né? Se conhecesse também não ia falar, mas realmente nunca tinha visto nem sabia que ele tinha esse nome. Meu pai falou que a partir daí eles começaram a manejar mais com ele, inclusive na tortura... Eu vim saber que meu pai tinha sido torturado muito tempo depois! Ele nunca falou nada pra gente... Que ele sofreu tortura... Eles viram que eu era uma menina... E tão simples! E naquela simplicidade, viram que eu não tinha nada com isso! Eles melhoram depois, deram uma maneirada. Foram embora mas ficaram cerca de uma semana lá, nessa vida aí. Depois voltei lá pra casa do seu José de novo e foi onde fiquei. Levaram meu pai, continuaram a viagem e mandaram eu ir pra casa do seu José.

Eles voltaram... Pegaram o Zequinha... Prenderam meu pai de novo, levaram pra reconhecer os cadáveres... E aí depois disso a gente ficou naquela... As pessoas, mesmo depois que tudo passou, que eles foram embora, a gente ficou discriminada lá! As pessoas tinham um certo medo da gente. Tinha gente que acolhia, tinha gente que não queria se aproximar, que queria distância... Logo depois, eu fui pra Salvador, fiquei um tempo lá, voltei e acabei vindo pra cá, em Osasco, em 1975. Sabe, eu não queria ficar lá, eu queria ter uma vida diferente, queria estudar. Lá não tive chance, queria crescer, conhecer um novo mundo, uma nova realidade. E teve a ver com tudo o que a gente passou lá, claro!

A gente começou a sentir, meio que jogado pro lado... A gente também teve aquelas pessoas que... assim... Teve gente lá que falou pro meu pai: “Se eu ver o teu filho, eu entrego”... Gente muito próxima da gente... Então a gente ficou com essas coisas assim... Puxa vida! Essas coisas fizeram com que a gente se sentisse desolado e também não tinha mais aquela vontade de se aproximar. Entendeu? Não é bem um ressentimento, mas não tinha mais vontade de se aproximar, porque a gente sabia que não estava mais contando com pessoas confiáveis... Ao mesmo tempo teve gente que chegou e se ofereceu pra ajudar.

Tinha um rádio que era do Zequinha. Era uma relíquia que a gente tinha, que ele levou daqui de Osasco. Um rádio preto, grande, de três faixas... Eles estavam levando

tudo! Eles levaram tudo que tinha na casa! Tinha coisa de mais valor, tinha coisa que era relíquia mesmo, que tinha um valor, assim, muito forte!... E eles levaram... Coisas da minha mãe! Coisas que ela guardava da mãe dela, que guardou da minha avó... Sabe?! Limparam nossa casa! Levaram tudo! E acho que teve gente de lá também que se aproveitou. Então, você vê, as pessoas... Aí a gente ficou nessa coisa e eu fiquei com vontade de ir embora, de sair de lá!

Até que quando o Olderico saiu da prisão, que ele pegou a condicional, ele foi lá. Ele voltou pra Salvador e eu e meu irmão voltamos com ele; ficamos um tempo lá com ele. Depois, não deu certo, a gente voltou pra casa de novo, pra Brotas e aí logo depois acabei vindo pra cá, pra Osasco. Meu tio estava aqui, morava aqui, foi lá passear, voltei com ele. Fiquei entre Jaguaré e Osasco. Esse meu tio tinha uma casa no Jaguaré, pra onde eu vim. Eu ficava uns tempos na casa dele no Jaguaré, e uns tempos em Osasco, na casa de outro tio. Fiquei entre um e outro. Era 1975...

Eu ainda tinha muito medo em relação à ditadura! Muito! Muito! Inclusive eles estiveram lá depois disso... Sabe quando eles fazem as coisas e depois querem apagar, querem passar a mão na cabeça das pessoas enganando?! Então, estiveram lá... Esse já era o exército de Salvador, levaram tecido pra dar pras pessoas pobres, brinquedo!... Sabe como é esse pessoal desses lugares... Eu mesma era uma dessas assim, criada naquele meio ali, que a gente não conhece direito as coisas. Sei que chegaram, falaram pra mim que iam levar o meu pai embora e que não iam trazer mais. Fiquei apavorada!

Sabe que muito tempo depois eu ainda sonhava?! Sonhava comigo fugindo... Sonhava com eles me perseguindo... De vez em quando eu tinha esse tipo de sonho. Hoje já não sonho mais não! Com a Anistia em 1979, deu uma melhorada. Fiquei mais tranqüila. Mas até então eu tinha muito medo...

Cheguei aqui e fui trabalhar numa fábrica chamada Tuiui, ali no Jaguaré. Eu mesma fui lá, arrumei o emprego. Aí fui numa escola, fiz matrícula. Comecei a trabalhar e a estudar. E de lá pra cá não parei mais. Fiz técnico em contabilidade. Depois que entrei na escola, surgiu a necessidade de uma formação pra eu poder dar aula, trabalhar com educação infantil. Fui fazer magistério. Depois que entrei é que fiz o complemento, concluí o magistério. Estudei pelo IESD, esse curso é do Paraná. É um curso à distância. A gente fez um ano de complemento, ia na escola umas três vezes por semana. Era um complemento, na verdade, porque já tinha o colegial.

Meu irmão veio pra cá depois da Anistia. Ele ainda estava na condicional quando veio pra cá. Depois da Anistia é que foi liberto... Ele foi torturado!... Foi, foi... Ele conta que eles chegaram... Você não imagina! Eles atiraram, ele estava ferido... Não sei como conseguiu sobreviver aquilo!... Diz que eles chegavam e chutavam ele... “Você não vai dizer onde está seu irmão, não, seu filho da puta?!”... Chutavam ele!... Ele olhava pra cara do cara assim e dizia: “Atira!”... Olhava pra cara deles e dizia: “Mata logo! Atira! Pode me matar, mas eu não falo”... Eles chamavam meu irmão de bicho! “Você é um bicho”!! E o meu irmão não falava, não! Olha, eles chegavam... Não sei como é que meu irmão está vivo, não!! Ele não tem esse dedo por causa da tortura... Não é que ele não tem o dedo, esse dedo dele secou... Por causa da tortura! Ele levou um tiro de raspão no rosto, tem até hoje a cicatriz. E esse dedo secou, o da mão direita, que ele atirou.

A gente comentava sobre política nessa época dentro de casa. Eles se reuniam em casa. Eles se reuniam. Eles, né. Eu pegava alguma coisa... Na verdade, quem comentava mais comigo era o Roberto, antes. A gente teve uma paquera. Ele era o Santa Bárbara! Ele é que discutia mais comigo. O Zequinha não tinha muita confiança ainda, de chegar pra gente, pra mim que era a mais nova e tudo... Quem comentava muito comigo era o Roberto, o Santa Bárbara. Inclusive ele falava assim pra mim: “Olha, o dia

que você souber o meu nome, vai dizer ‘Poxa!’”. Eu conhecia ele como Roberto. Santa Bárbara era o nome dele! Ele falava muita coisa pra mim... Morreu em 1971, no mesmo dia que o meu irmão, o Toni...

Hoje fico pensando... Politicamente falando, foi uma perda muito grande! Foi uma grande perda! Eu acho que eles foram inexperientes. Eles podiam estar vivos... Eles podiam ter seguido outro caminho! Podiam estar vivos aí. Foi uma perda realmente muito grande!! Eles tinham muito ainda pra fazer!... Eles tinham muita coisa pra fazer... É uma coisa que eu sinto... Por um lado, a morte deles foi uma coisa assim que ficou e que vai continuar na História, mas que podia ter sido diferente... Olha, elas foram necessárias, porque, assim, você pode perceber que a Anistia veio logo depois da morte do Lamarca. Do Marighela, do Lamarca... Depois disso, eles viram que não era mais necessário... O medo deles, o perigo maior, o maior perigo que representava pra eles tinha acabado, não existia mais. Precisou acontecer essas coisas pra... Eu acho assim, pelo menos veio a Anistia, uma coisa que ainda é entre aspas, mas pelo menos aquela época em que não se podia abrir a boca, não se podia falar, fazer nada, você não tinha liberdade pra coisa nenhuma, então acho que foi preciso acontecer essas coisas... Agora Anistia não é injustiça.

Eu não tinha uma ideia formada, né... Tinha muito medo de acontecer alguma coisa, mas eu tinha muito orgulho do Zequinha por ele ser aquela pessoa, por ter aquele ideal que ele tinha. Tinha muito orgulho, mas ao mesmo tempo tinha muito medo! Eu tinha aquela coisa também de querer estar junto, também fazer alguma coisa. Eu não tinha abertura, era muito nova! Eles não me incluíam. O Roque e o Ibrahim eu não conheci direito. O Roque chegou a fazer algumas reuniões em casa quando foram inaugurar o Instituto Zequinha Barreto. O Ibrahim também. Mas não convivi com eles. Quando cheguei em São Paulo, em 1975, fui procurar, comecei a me integrar em alguns grupos, tinha um pessoal muito ligado nessas coisas. Na época que foi fundada essa coisa das discussões na PUC. Cheguei na PUC, sabe quando tinha aquelas discussões? Mas sabe quando você não tem condições de participar Eu não tinha uma certa... tinha vontade mas ao mesmo tempo não me sentia suficientemente preparada pra participar, entendeu? Cheguei a participar de algumas reuniões, mas eu era mais pra, como diz... Queria participar, ser mais participativa, ter a minha idéia, por a minha idéia, mas não tinha essa facilidade. Entendeu?

Então, teve aquelas discussões das mulheres, das feministas, aqueles grupos que se reuniam, a gente se reunia e tal... Cheguei a participar. Depois, não sei o que aconteceu, todo mundo se dispersou, cada um foi pro seu lado. Também comecei a trabalhar e estudar, o tempo ficou mais limitado, e a gente acabou deixando, foi deixando... Hoje em dia praticamente a gente não houve mais ninguém interessado, não sei se porque também relaxou mais, talvez por causa do regime, deu uma relaxada... Pelo menos aquela coisa da repressão, de que ninguém podia fazer nada, deu aquela relaxada, e acho que as pessoas também faziam aquilo na época mais assim por causa de uma situação, o fato de ser proibido. Eu acho assim. Depois, foi passando, ficou mais calmo, relaxou ...

Não sei se em relação ao fato de eu ser educadora, não foi só isso que me influenciou. Acho que tem a ver sim, mas não só isso. Na minha cidade, também, não tinha outra coisa a não ser dar aula, ser professora, não tem outra coisa! Mas acho assim... Gostaria, na verdade, de ser uma pessoa mais ativa na escola, de ser mais participativa. Por exemplo, meu irmão era uma pessoa de chegar, de falar, de lutar, entendeu? Eu sou uma pessoa mais reprimida, mais pra dentro, não sou uma pessoa de falar em público, não tenho essa facilidade de conseguir convencer as pessoas. Posso ter certa vontade, posso ter participação do meu jeito, mas não tenho essa sensibilidade de

poder, de trazer pessoas. Tem pessoas que têm essa facilidade. Não é o meu caso. Isso talvez seja um dos motivos pelos quais a gente vai deixando passar. Às vezes, a gente vai no Instituto, participo de algumas reuniões. Conheço o pessoal de conversar por ali, mas conviver mesmo com eles, não.

Eu conto essas histórias pra minha filha, lógico! Nossa, minha filha tem uma fixação, uma adoração pelo Zequinha! Ela quer saber de tudo que aconteceu, ela diz: “Ai, mãe, tenho muito orgulho de ter nascido nessa família! De ter o meu tio Zequinha”. Ela fala dos outros tios também. E ela tem muita... Ela tem um jeito... É uma pessoa assim!... Ela tem todo jeito, tem facilidade de discutir, de defender uma idéia, de defender alguém, de defender o lado que ela acha que é certo. Ela tem essa facilidade, mais do que eu! De uma certa forma, ela levou a família!!

Claro que tudo isso tem que ser lembrado! Vejo hoje em dia, até em faculdade, você vai e não vê! Olha, esse caso, essa história, tinha que ter tido maior repercussão, tinha que estar em todo lugar, em toda escola. Não só a história do Zequinha, mas toda essa história! Você pergunta pra essas meninas que fazem faculdade aí, fala de Lamarca, fala de Marighela, ninguém conhece, ninguém sabe! Então, acho um absurdo uma coisa dessas, porque tinha que ser uma história que tinha que ir pra frente, tinha que ter mais repercussão, porque agora não tem mais repressão. Antigamente não podia falar, mas agora pode! Tinha que ser uma coisa levada pras escolas, porque é uma coisa que não pode ser esquecida. Acredito que essas vitórias que conseguimos até agora devem-se a essas pessoas. Foram elas quem começaram, lutaram e trouxeram as mudanças. Isso tudo é uma resposta que hoje nós estamos tendo daquilo que elas fizeram. Essa história não pode ser esquecida, e acho que ela não está sendo reconhecida como deveria.

MARIA SANTINA
A verdade a gente conta junto.

Sou Maria Santina, tenho 69 anos, cheguei em São Paulo em 1951. Fui morar no Belém, que era um lugar de operários. Vim de Cabrália Paulista, que fica perto de Bauru, na divisa com Campo Limpo. Antes, a gente morava num sítio. Meu pai era alcoólatra, por conta de ter se separado da minha mãe, dela ter ido embora com outro.

Minha avó era dessas parteiras, curandeiras, bezendeiras. E eu ia com ela pra todo lugar. Ela tinha a casa dela. Ia na casa do meu tio, mas tinha a casa dela. Ia lá, pedia galinha, pedia farinha, porque quando ia fazer os partos, pras pessoas que não tinham condição, ela já levava comida.

Quando era criança lá na roça, a escola não era assim como é hoje. Era boa! A escola era uma beleza! Você andava quatro quilômetros e meio pra ir, mais quatro quilômetros e meio pra voltar... Era aquela criançada no caminho, filhos dos sitiantes... Enfim, era uma beleza! Você aprendia um monte de coisa! Tinha aula de arte, tinha aula de canto, de religião... Tinha piano! Então, era a oportunidade do que eu fazia na roça! Era aquela ligação, motivação com as coisas!

Meus tios eram católicos e viraram crentes. Houve uma mudança muito grande na nossa vida quando eles viraram crentes. Meus tios eram meus padrinhos... Só que meus tios tiveram uma mudança radical! Quando viraram crentes, mudaram totalmente! Porque eles eram assim: antes, quando passavam aquelas pessoas pela estrada, pelo caminho, depois que os fazendeiros mandavam embora, eles sempre acolheram. Sabe? A pessoa ficava na casa deles, dormia, depois eles iam arrumar um lugar pra ela ficar. E quando eles arrumavam o lugar pra pessoa ficar, eram de fazer muito queijo, dar cesta, ovo, saco de arroz, saco de feijão, ou pó de café... As coisas que eram do sítio, né? Até quando meu tio ia comprar coisas pro gado - ele tinha gado - comprava açúcar, levava com a carroça pras pessoas que tinha no lugar. Depois que viraram crentes, eram só eles. Criaram um ninho de Deus pra eles... Todo mundo se batizou, mas eu não queria. Minha avó falava, mas eu dizia: "Não quero, não quero, e acabou"! Eu ia todo domingo na missa com a minha avó. A gente morava no sítio, mas ia todo mundo na igreja. Ela passava lá e me pegava. Era uma pessoa muito conhecida na cidade, fazia os partos.

Com a mudança, vim embora com uma prima minha que tinha casado e morava no Belém, em São Paulo. Fui morar com ela e com a sogra dela, a dona Júlia. Com ela tinha acontecido a mesma coisa. Tinha virado crente, mas era como a minha avó: não era bezendeira, não era parteira, mas dava todo apoio a quem precisava, sabe? E eu falava: Não vou no culto, não vou". Entrei numa escola de corte e costura, porque eu queria aprender e trabalhar. Ali no Belém. Olhava criança, fazia isso, fazia aquilo, pra poder ter dinheiro para pagar a escola. Nessa escola encontrei umas pessoas que eram filhas de imigrantes, daqueles trabalhadores que haviam chegado antes no Belém.

Eles arrumaram um emprego pra eu trabalhar. Com onze anos a gente recebia uma autorização do juizado de menor pra trabalhar. Era uma coisa muito contraditória. E essa contradição, os imigrantes já explicavam. O juizado fazia batida nas fábricas. A gente entrava cinco horas da manhã todo dia. E quando os homens chegavam, os chefes escondiam a gente naquelas caixas enormes de fiação e tecelagem... Cheguei a ser escondida muitas vezes!!

Então, quando eu me escondia nas caixas, tinha um amigo que sei que gostava de mim. Ele conversava muito comigo. Eu falava pra ele que gostava muito dele. Eu tinha conhecido a meninadinha da fábrica na escola, mas ele era mais velho que eu. E nós pegamos aquela amizade. Morávamos no mesmo bairro, né? Eu falava do primeiro livro que tinha lido... A gente não esquece!... Quando ganhei o meu primeiro livro, que passei pro segundo ano... Porque tinha a cartilha e o livro. A professora terminou a cartilha e passou pro livro. Como eu era aplicada, ganhei o livro. E era toda uma história ligada à roça! Então aquele livro... Gente, tem coisa que a gente não esquece! Nem do nome, nem do conteúdo, nem da história!

Eu falava pro meu amigo que por causa daquele livro saiu um reboliço em casa! Porque li o livro, e os passarinhos foram comer o arrozal. E aí o pessoal passava lá e via eu rindo, me arrebrandando de rir... E os passarinhos ó!! O arrozal preto!!... E aí eu contava isso pra ele e ele me dizia: “Então você teve infância!”.

Conheci pessoas muito interessantes! E eram militantes! Já naquela época eu participava de greve. Olhava a cavalaria quando os operários entravam em greve... Avisava as pessoas do bairro quando ocorria a morte de um companheiro. As fábricas liberavam, e eles iam de terno e chapéu. Quando olho aquelas fotos antigas, me dá uma saudade!! No Primeiro de Maio, eu morava no Belém, o pessoal saía da Penha! Os operários!...

Comecei cedo a minha luta. Amadureci muito, mas meu lado criança se revelava quando tinha chance! Lembro que trabalhava das cinco a uma da tarde. Chegava às dez da noite. Quando chegava, na rua tava cheio de meninada, brincando de taco, de pular corda... Eu falava assim pra elas: “Enquanto a gente brincar, não chamem meu nome”. E elas não chamavam. Porque se o senhor Ricardo, com quem eu morava, ouvisse, eu tinha que entrar, entende?

Lembro que com treze, quatorze anos, comecei a me privar de fazer coisas que não podia fazer. Eu não podia fazer. Agora, podia sair às quatro e meia pra trabalhar?! Olha a contradição! Às vezes eu perdia a hora de trabalhar, não porque minha prima não queria que eu trabalhasse, mas porque ela achava feio!! “Ninguém de casa trabalha, e você trabalha! Que vão dizer da gente?”.

Depois lembro que meus tios vieram. Nós fomos morar num cortiço. No Belém tinha vários cortiços, mas não era como hoje. Agora é que chamo de cortiço. No começo ficavam dois banheiros. O banheiro era coletivo, mas era muito limpinho! As pessoas eram muito solidárias! Tinham todas vindo do interior. Se uma chegava com um saco de arroz do Paraná, ia pra vizinha. Acho que moramos lá uns três, quatro meses... Depois voltei pra casa da minha prima, porque meus tios não gostaram. Mas quando nós moramos lá, era um quarto e cozinha. Era muita gente. Eu era a última a dormir e a primeira a levantar. O meu colchão era no chão, perto da porta. O relógio ficava longe. Muitas vezes tinha medo de não acordar, levantava à meia noite e ia a pé trabalhar. Era um bom pedaço de caminhada!... Era um bom pedaço! Sozinha!

Mas fui eu quem quis trabalhar! Porque sempre que você não é filha, vai percebendo umas coisas que não gosta. Eu sabia de toda história de minha família. Tratar criança que nem boba é besteira! Você sabe. Faz de conta que não... Você sabe as coisas. Você saca!... Você pega as coisas... A minha avó era uma sábia, e eu convivi muito com ela. Ela me explicava tudo, tudo, tudo, tudo... E eles eram analfabetos! Todos. Só meu primo que não. Ele fez Senai.

Às vezes a gente chegava na porta da fábrica... E naquele tempo, mesmo morando com minha prima, quando perdia a hora, não podia voltar, porque tinha uma cordinha, que só botava pra fora para poder abrir o trinco mais tarde. Aquela hora não dava para abrir. Quando eu saía, batia a porta e aquela cordinha ficava pro lado de

dentro. E com essa coisa da cordinha e de ficar para fora, aprendi a ter amizade com as pessoas que moravam em frente à fábrica, uns portugueses. Os filhos deles estudavam até tarde, estudavam não sei onde, e ela ficavam esperando em frente à fábrica. Então, a mulher me via em frente da fábrica e me chamava. Ela dizia: “Não, rapariga, tu vais entrar. Tu vais entrar e vai ficar aqui”. Então, dormi muitas vezes lá. E isso foi criando laços, né?

Depois descobri a Juventude Operária Católica, e fui morar num pensionato. Eu tinha uns quatorze ou quinze anos, porque a dona Júlia falou que ia embora pro interior e eu falei pra ela que ia mandar fazer uma cópia da chave. “O que a senhora acha? É muito topete?”. Eles me achavam topetuda. Falei: “Levanto às quatro, quatro e meia, ninguém nunca me chamou. Recebo o pagamento, só abro pra conferir. Trago e entrego na mão deles. E o que é que eles me dão? Um dinheiro pra comer um quibe e um caldo de cana”. No interior se tomava muito caldo de cana! Se dizia “garapa”. Como eu não comia quibe, guardava o dinheiro e a cada quinze dias tomava uma garapa. Eu dava todo o dinheiro em casa...

E aí a dona Júlia falou pra mim que estava certo sim. E depois tinha as mães dos imigrantes, né? Eram aquelas senhoras que vinham me buscar em casa! Faziam aquelas coisas gostosas. E na roça tinha aqueles sitiantes, tinha os japoneses... Faziam muita coleta junto, um ajudando o outro. Então já tinha essa coisa solidária... Então, elas faziam as coisas que eu gostava, coisas que eu tinha vontade... Bolo de fubá! Aquelas comidas.... Eu gostava! Doces! E aí a Dona Júlia falou pra mim que ia aprender a fazer. Lá eu podia ficar na casa deles, podia sair, podia fazer. E eles iam na igreja católica. Aquela solidariedade. Tudo o que perdi quando meus tios viraram crentes. Aquelas coisas... E assim foi!

E aí fui morar num pensionato! Trabalhei na tecelagem. Lá tinha muito pó. Estou assim até hoje por causa da tecelagem. Eu sobrevivi naquela poeira. Na tecelagem, eles jogam um pó, parece um chuveirinho bem pequenininho... Eu trabalhava... Agora, eu era muito assim... A vida te ensina, né?... A minha carteira. Eles olhavam e falavam: “Sua carteira é uma beleza!. Dá baixa num dia, é registrada noutro dia!”. Porque, se eu saísse de férias, arrumasse um emprego para ganhar mais um pouquinho, eu ia.

Tinha gente na família que falava: “Que horror!”. Mas eu durava nos empregos! Fui mandada embora da Philips mais ou menos em 1957. Estava morando no pensionato. Lá tinha pessoas engraçadas! Era um pensionato da Liga das Senhoras Católicas. Aquela coisa certinha: horário pra entrar, horário para comer. Tudo uma beleza! E aí elas me acharam uma pessoa interessante, uma menina interessante, uma menina legal, né, e fui para a JOC. No começo era aquele negócio de simpatizante, uma menina me levou para a JOC, acho que era Maria Leonilda, tinha uns quarenta e poucos anos... Fui pra JOC e lá conheci mais pessoas.

Fui mandada embora da Philips um pouco antes do golpe, porque tava aquele rolo, era uma multinacional e também porque eu era terrível lá! Então, como tinha que cortar, me cortaram.(...) Encheram meu suco de graveto! Enfiaram graveto no suco de todo mundo. E saiu todo mundo com a perna aberta dizendo: “Sim, senhor! Muito obrigada, senhor! Sim, senhor”. E ela dizia: “Nós não fizemos isso!” Mas não era pra fazer mesmo! Diziam que iam nos chamar!

Daí eu fiquei desempregada. Fiz algumas coisas... A Albertina e o Cândido moravam aqui em Osasco, participavam da JOC, aí eu vim morar com eles. Eles me convidaram pra vir pra Osasco. Fui ao casamento deles.

Tem algumas pessoas que a gente ainda continua vendo. É difícil, mas a gente continua. O que faz a gente ter essa ligação é o caminhar junto! E quando você caminha

um pouco junto e depois separa, se pode se encontrar na vida e lembra. Tem algumas coisas que separam devido às circunstâncias, mas existem pessoas que eu posso chegar na casa delas e dizer: “Eu estou com fome, eu quero isso, quero aquilo, quero tomar um banho”... São pouquíssimas! Mas muito importantes! E cada vez é menos... Porque eles vão morrendo...

A coisa hoje tá tão diferente!... As pessoas hoje falam em solidariedade, mas é como se fosse uma carga de burro. Um rapaz me falou: “Santina, você pegou birra”. Não peguei birra. Na época da minha avó a gente já era ecologista. Pô, é o mínimo para sobreviver! É a sobrevivência do planeta! Hoje é diferente!

Bom, aí fui trabalhar na Cobrasma, no comecinho de 1965. Depois de ficar um bom tempo desempregada, o Cândido me levou para trabalhar lá, porque ele trabalhava lá. Mas eu já conhecia alguns companheiros. Conhecia o Odin, que é o cunhado do Cândido, casado com a irmã dele, a Zaia.

Nunca fui metalúrgica. Fui trabalhar na cozinha. Foi muito legal. Muito legal! Porque aí você entra naquele processo de ascensão, de responder uma pergunta com outra pergunta, sem ofensa. Não agredindo, mas numa boa. Numa boa... E depois foi muito fácil, porque na época as pessoas nunca tinham ido nem na Lapa! Não conheciam a Lapa! As pessoas achavam estranho pegar o trem, o ônibus. As pessoas ficavam espantadas de eu pegar o ônibus e o trem, e eu achava muito engraçado! Eu conversava com os companheiros na fábrica, eles me provocavam muito, mandavam beijinho!! Olha, não é feminismo, mas eu acho homem muito... A vida é contraditória e antagônica mesmo! Mas eles eram tão provocadores!

Eles viviam falando com a Albertina. Ela ficava doida com eles. E eu dizia: “Esses peões são tudo uns filhos da puta! Acham que são macho só da cintura pra baixo!”. Não é?! Quando um companheiro vinha, eu falava: “Eu quero um homem, só que ‘daqui pra cima’! Não quero um homem só da cintura pra baixo”. O problema é daqui pra cima! Minha avó já me dizia: “O negócio é aqui em cima!”. Você mede a pessoa daqui pra cima. Não mede mais nada!

E era assim! Eles me ajudavam com a bicicleta, ou me ajudavam a carregar sacola. E entravam... Eles vinham com uma ideia, eu tinha outra! Eu gostava de ir a festas. Se tinha algum baile, eles me convidavam, eu ia com eles. Você sabe pra onde você vai. Você sabe! Eu tinha muito claro o que eu queria, muita segurança nisso, porque tinha passado pela JOC onde tudo o que se fazia era com homens. Na JOC não tinha isso. Para enfrentar os homens, não precisava perguntar pra eles: “O que você pensa que eu sou?”. Não tinha essa pergunta. Para enfrentá-los, a pergunta era: “Quem você pensa que você é?”. Eu sei o que eu sou. Não tinha que provar nada pro outro! Você não tem que afirmar nada pro outro! Agora se você quer “pescar”, você tem que ver como faz, não é?

Então, houve eleições para a Comissão de Fábrica na Cobrasma. Eles viram como é que iam articular pra mim, né? Aí escolheram uma senhora, que o filho dela era escriturário junto da direção. Sabe aquela coisa?! E aí o filho dela foi lá no refeitório falar com o pessoal, e “pi-pi-pi e pó-pó-pó”. Sabe? Ela virou efetiva e eu fiquei de suplente. Mas era reacionária, puxa-saco!... E o pessoal faz essas coisas, depois traz o abacaxi pra eu descascar, o abacaxi cortadinho pra comer. E aí eu começava a discutir com as pessoas. Gostava de discutir com as pessoas! Porque as pessoas se apegavam a pouca coisa. Mas hoje as pessoas se apegam a menos ainda. Hoje é que é menos!

A gente fez um levantamento pra trabalhar com o pessoal da Cimaf, da Ford, da Brown Boveri, onde tinha o refeitório, como é que era,. Como era trabalhar no refeitório. Como era tudo, porque alguma coisa eu já sabia. Por exemplo, na Cimaf,

além eles não pagarem bem, ainda levavam embora os pés de galinha e os miúdos!! É... Isso é engraçado, mas essas coisas pesam!! Essas coisas pesam!! Ô...

Eu pensava assim: “É terrível um negócio desse!”. Não é terrível?! Comecei a fazer conta, na CimaF, de hora trabalhada na semana: se você tem que trabalhar durante a semana das sete até quatro e meia da tarde, voce não tem que trabalhar no sábado até as quinze horas. Faz a conta. Eram quarenta e oito horas semanais! Outra coisa: a gente não tinha o tiquet na mão. Era difícil alguém faltar no dia, mas o dia que faltava, perdia. E aí nós começamos a jogar. Conversava com, com outro... E assim foi indo, caminhando. Na reunião, tinha que levar uma pauta, mas você não entrega a pauta. Eu questionava muito esse negócio de entregar a pauta. Nas reuniões, eu levantei todas as condições de trabalho do escritório. Por exemplo, entravam naquelas câmaras frias... Eu também entrava pra roubar... Sobremesa pras meninas!! Eu achava um desaforo! A gente pagava! Era descontado do salário e a gente nunca tinha o vale na mão. E nós não tínhamos sobremesa?! Eu nem tinha vontade de comer aquelas coisas. Uma vez teve morango com chantily. Elas comeram tanto, comeram tanto, comeram tanto!...

Eu ajudava o Fernando, o cozinheiro, no refeitório, a fazer as coisas, e entrava na câmara pra pegar as coisas. Mas não tinha um avental! Tinha que emprestar um avental do amianto para proteção, porque imagina, saía da caldeira e ia pras câmaras. Sabe o choque térmico?! Então, nas reuniões da comissão falava sobre as condições nas câmaras. E eles entregaram a pauta antes... Eles até mandaram... Sabe o que eles mandaram?! Sabe aquele negócio de couro que nem cangaceiro? Não tinha nada a ver com amianto! E tinha muita fivela!! E na hora que a pessoa tinha que entrar? Até abotoar tudo aquilo!... Eu falava sobre tudo isso! E os companheiros me chamavam a atenção: “Você não devia ter dito isso, não devia ter dito aquilo”. Mas quem ia dizer?! Tem que dizer!

As pessoas ficavam falando de mim. Nunca me preocupei em falar sobre os outros. Eu dizia: “Quando alguém fala de mim, não fico questionando a pessoa. Quero saber do fato!”. E batia na mesa, intimava! Quase não tinha conflito, porque eles me evitavam muito. Por exemplo, o trabalho no refeitório era estressante. Quando saía pra ir pra reunião, pensava assim: largava o pau pra ainda ajudar as meninas pra dar tempo de tomar banho! Fazia uns acertos com a encarregada pra poder tomar banho. Porque Osasco não tinha água nos bairros, tá?!

Então, quando começava a reunião... Imagina uma reunião de comissão de empresa!... Vinha o garçom... Vinha o garçom servindo água, depois vinham servindo o cafezinho, depois começavam a discutir futebol... Uma vez falei pra eles que não era certo isso... Porque você aprende o que é a exploração no processo de trabalho. E como eu dizia, quando a gente discutia essa relação entre trabalho e capital, se você faz corpo mole com o colega que está trabalhando com você, é um processo de exploração mais filho da puta do que o do seu patrão! Porque é a classe explorando a própria classe! Porque quando o patrão explora é luta DE classe, quando é o trabalhador, é a luta NA classe! E nós estávamos ali tomando café e falando de futebol!

Eles ficavam danados comigo! Que eu não devia estar dizendo essas coisas pra eles! Outra vez, chegou uma japonesinha lá, que era a nutricionista... Qualquer coisa que a gente ia reclamar enquanto comissão, enquanto posição de trabalho, ela dizia: “Dr. Roberto mandou dizer que quem não tiver contente, peça demissão e vai embora. Na portaria tá cheio de gente assim pra trabalhar”. E as meninas falavam pra mim: “Ela fala isso pra nós. Ela fala isso pra nós”. Eu disse: “Ela fala?!”. Esperei um dia ela falar. E me vali disso! Porque não fpo uma coisa que vieram me contar. Eu ouvi! Eu perguntei: “Como é que o Dr. Roberto falou mesmo, Eliana?”. Ela repetiu. Eu disse: “Ah, tá!...”. Levei pra reunião!

Questionava, por exemplo, aquele avental! Questionava as coisas que a gente pedia para eles fazerem e não se fazia. Sabe aquelas bandejas de inox que iam em cima dos carrinhos? A gente entrava com elas e lá tinha uns ralos grandes, às vezes, que os carrinhos entravam assim... Se você não pulasse, podia ficar machucada. Eu falava pras meninas: “Olha, pula!”. Uma vez ficou cheio de louça no chão e a menina começou a chorar. Falei pra ela: “Larga isso. Eles nos exploravam. Lava o rosto e não chora não!”. Não é?! Tem que enfrentar! Porque na fábrica as pessoas agem assim – e isso é em tudo quanto é lugar! Em todas as categorias, em todos os lugares – vêm da roça, mal sabem ler e escrever, não sabem ler um memorando. Sabe? Acho que sou bem ruim de português, mas as pessoas saem da roça, largam a enxada, vêm galgando, galgando... A vida vai forjando ela... De repente, tá com o chicote na mão! E você tem que enfrentar!

Um dia, me disseram: “Ai, se eu quiser, te mando embora!”. Aí eu dizia: “Manda!”. Sabe?! Nunca tomei advertência nem nada! Não por ser da comissão, porque em outros lugares eu não era e também não admitia. Porque tem que ver o que é certo e o que é errado. Não é?! Não é assim! Você tem os teus deveres, mas você tem os teus direitos também. É como o respeito. O respeito vai até onde eu não invadir os teus. No momento em que eu invadir os teus, o meu acabou! Que moral eu tenho pra dizer isso tudo se não respeito as pessoas?! Né?!

Um dia, um deles chegou pra mim e falou: “Ó, companheira, você não devia ter feito isso”. E eu dizia: “Acho que devia ter feito sim!”. Olhamos um pro outro, conversamos, conversamos, e ele falou: “E do refeitório, não tem mais nada?”. Falei: “Tem. Dr. Roberto, fica feio. Coisa feia o senhor mandar recado pros funcionários. A gente não pode reclamar nada de condições de trabalho que o senhor manda dizer que quem não estiver contente é pra pedir demissão. Que na portaria tá assim de gente querendo trabalhar. Não é assim que trata trabalhador... Me parece que não é assim...”. Eles ficavam putos comigo!

Depois da greve de 68, eles queriam que eu assinasse o Fundo de Garantia. Pensei: “Se eu assinar o Fundo de Garantia, eles vão me mandar embora”. E na greve tinha tido um encontro com algumas pessoas para cuidar algumas coisas. Era ligado aquele pessoal da AP... Bem escondido mesmo, né? Aquela coisa, porque depois do AI ninguém podia mais nada. E aí, tinha um encontro. Fui pro encontro... Tirei férias... Eram vinte dias naquela época. Só que contava vinte dias úteis. Nossa, chegava a tirar quarenta dias de férias! Você sabendo negociar bem. Mês de abril, por exemplo. Vinte e um de abril, depois Páscoa, depois Primeiro de Maio... Você viajava, fazia um monte de coisas! Fui pro encontro, e marcaram outro encontro para agosto... A greve foi em julho. Na época da greve, foi uma loucura! O pessoal vai preso, o pessoal fica correndo pra lá e pra cá, dando entrevista pro jornal. Ia lá na Rua Martins Fontes, era lá o DRT. Corria pra lá, corria pra cá. Eles iam julgar a greve... E as pessoas eram meio frouxas! Por isso que quando a gente se encontra nos lugares e eles começam a falar, falar, falar, eu digo: “Como é que é?!”. Eles ficam vermelhos!! “Sabe como é, companheira...”. Sabe? Não é nada disso!

Na greve já me tinham me retirado do refeitório. Eu tava só servindo cafezinho pra diretoria. Eu fazia o café, e os boys, sem-vergonhas, queriam café. Mas a gente tinha uma relação muito boa com os boys! Tinha os festivais de música em Osasco, era no Colégio Misericórdia, e aqueles moleques...você tem que ver! Eles eram terríveis! Eu brigava com eles! Quando surgiu o Gláuber Rocha, tinha alguma coisa, eu dizia pra eles: “Vão ver, que isso é bom!”. Tinha cine-clubes em São Paulo e eu falava pra eles irem ver. E nos festivais ia brigar com eles porque tinha um grupo que foi tocar que tocava com violão e flauta, e eles foram chupar limão lá na frente!!...

Então, deram um almoço... E a greve estava sendo preparada! Era uma multinacional que estava interessada na Cobrasma. A Cobrasma já tinha feito aquele prédio novo. Tudo naquele prédio novo vinha de fora. Até o cozinheiro vinha de fora. Foi um desperdício! Foi um desperdício de comida!! Aquela comida caríssima!...

Eu me encontrava com o pessoal da FNT. Olha que loucura: FNT, sindicato!... O Ibrahim não pertencia à FNT. E a gente estava discutindo sobre a FNT e a greve. ESTAVA. Quando o Ibrahim ficou sabendo, mandou me chamar no sindicato. Ele disse que o sindicato ia fazer panfleto pra denunciar esse almoço, esse desperdício! E quem é que tinha vindo de fora! E aí você conversa com os garçons... Eu conversava com os garçons, porque eles vinham na cozinha pra servir e eu tinha ido lá pra ajudar no almoço... O cozinheiro, seu Fernando, falou pra mim: “Olha, vou tirar você um pouco daqui da fábrica. Eles falaram que estavam precisando de ajuda lá no almoço e eu falei: ‘Chama a Neguinho, que ela não tá fazendo nada!’”. Mas eu tava fazendo!... E fui ajudar...

E me chamaram no sindicato porque ficaram sabendo que eu tinha participado da formação da FNT... Eu me lembro até hoje, quem me deu força... As pessoas marxistas diziam assim: “Mas como? Como você participou?!”. Eu dizia: “Vocês não conhecem direito o Marxismo”. Elas diziam: “Marx falou que se ser cristão fosse o ópio do povo, ele não era, cristão!”. Mas tem outro livrinho, pequenininho que eu ganhei... A gente já conhecia o Marxismo, sabe quando? Na década de 50, 1956, 1957, na igreja... Eu aceitei logo! Uma coisa maravilhosa!

Uma vez aconteceu o seguinte. O padre mandou parar de rezar as três ave-marias, os três pai-nosso e a salve-rainha, pela conversão da Rússia porque a Rússia estava muito bem!... Isso no final de 50. Imagine depois!! Nunca tive dúvida disso! Pra mim estava claríssimo!! Agora eu não concordava é com as manobra com a massa! Entende? Não fazer um trabalho de base legal. Não respeitar a base... Entende?! Quando a base tá pronta, eles vêm e pegam!! Na década de 80 eu falei na FNT: “Cansei! Cansei de carregar piano em troca de pelego!”. Você cansa!... Quando você sabe, você cansa!... Você cansa... Cansei de carregar piano pra nego tocar! Quer tocar? Carregue!... Certo?!

E aí, na greve, o Albertino me convenceu. A gente fez uma reflexão juntos. Há pessoas que eles nunca falam... O Albertino me dava carona e ele me levou na casa do Albertino. E eu falei pra ele: “Eu estou preocupada com a greve... As pessoas estão mandando, dando ordens... Tem que decidir junto”. Porque tinha a piãozada... Aquela piãozada de base, tinha que conversar com eles. Eles conversavam junto. Era legal decidir com eles!

Antes da greve a gente tinha feito o MIA, o Movimento Intersindical Anti-arrocho, que era a união dos sindicatos. O sindicato tinha dinheiro, alugava ônibus e ia todo mundo pros lugares, pros outros sindicatos, preparando o Primeiro de Maio, preparando um monte de coisas! Tinha um trabalho importante. E a piãozada ia! Lotava!

Quando conversei com o Albertino sobre esse negócio de denunciar, eu ficava muito puta porque tinha companheiro da Cobrasma que não ia pra casa antes da janta, porque senão a companheira dava comida pra eles e não sobrava pras crianças. E tinha uns companheiros que trabalhavam na banca de frutas na feira de domingo. Sabe? Você encontrava com eles nas bancas de fruta de domingo! Daí você começa, realmente, a identificar o que é não ter as coisas! E quando você chega até lá, no dia a dia da fábrica, eles te colocam como é que é essas coisas. E essas coisas são muito duras! Não são pra ser usadas!! É pra eles serem trabalhadas, pra entender o processo de porque está acontecendo tudo isso. Eles não tinham tido a chance de se alfabetizarem. Não tiveram a chance de fazer o SENAI. São pouquíssimas as chances que as pessoas têm! Por isso

que pegam o trabalhador pela fome, não é?! Daí comecei a refletir sobre isso com o Albertino. Falei: “Tô insegura”. Ele me disse: “Ai, se fosse só você!”.

Antes da greve, conversei com o pessoal. Tinha uma pauta. Acho que a greve estava na pauta. Tinha um companheiro... Sabe aqueles companheiros difíceis... Eu perguntei como ia ser...”Quase são as novidades? Como é que vai, senhor?”. O comando de greve, o pessoal não colocou pra mim como é que vai ser, o que é que eu vou fazer”. Aí ele virou pra mim e falou assim: “O negócio é o seguinte: pelo andar da carroagem, você vai fazer o seguinte: você vai queimar o bolidor do café, vai avisar o guarda e você vai pedir pra fechar o portão, que você vai entrar e vai pro refeitório”. Perguntei: “Como é que você faz quando quer ir pra lá? A portaria não vai estar fechada!”. Ele me disse: “Você vai fazer a portaria fechar”.

Quando veio a repressão eu não posso dizer porque eu não estava dentro da fábrica. Eu não estava lá na fábrica porque eu tinha um compromisso, porque tinha alguns companheiros... Não colocaram pra eles que ia ter a greve.. Na medida em que a greve saiu e os grevistas ficaram lá dentro, ninguém saiu, eu tinha que avisar esses companheiros. Tanto é que cheguei em casa tarde da noite. Cheguei em casa... Olha, foi uma loucura! O padre João Broto rezou missa naquele dia no Km 18, à tarde!! A gente ia lá e falava pra ele: “Você não vai rezar missa. Nós temos que fazer isso, isso e isso”. Ele respondia: “Mas você não tem carro?”. A gente dizia: “Nós temos que fazer isso, isso e isso”. E ele: “Mas, e as muié?”. Eu falava: “Eu aviso as muié!”. Mas não tenha dúvida! Chamava a mulherada lá e falava: “Olha, o padre João Broto... Surgiu um problema e ele não vai poder celebrar a missa. Daqui a pouco Fulano vem aqui pra fechar a igreja. Tá legal? Vocês rezem em casa ou rezem aí e amanhã vocês voltam!”. O João Broto é daquelas pessoas com quem a gente pode contar. Sabe aquelas pessoas com quem a gente pode contar? Quando voltei pra Osasco só pra morar, eu queria ver o João Broto, mas ele morreu.

Então, avisei as mulheres que os maridos delas não viriam por conta da greve. Falei pra elas pra ficarem tranquilas. Qualquer coisa procurassem a gente. Ia ter uma comissão estabelecida ali na igreja Imaculada. Eu falei: “Tem que avisar as mulheres.” Porque sempre foi uma briga, às vezes elas sempre tinham insegurança e ciúme de mim... As mulheres tinham raiva de mim. Muitas vezes até as crianças! Lógico! Olha, põe na cabeça: as mulheres casam. Por que o marido não quer que a mulher saia pra trabalhar fora? É porque ele pode sustentar ela com tudo? É insegurança dele!! Essa mulher fica em casa e tem um provedor. De repente, eu apareço lá e carrego o provedor dela pra fora, pra uma reunião... O que é que ela vai falar pro filho?!

Quando fui pra Frente Nacional do Trabalho, comecei a trabalhar com mulher. Sabe, ficar competindo com vizinho, com armário, geladeira... Os homens reclamavam das mulheres! Eu dizia: “Vim aqui discutir outra coisa. Se é pra falar da mulher, vai procurar um terapeuta!”. Não é verdade?! Procure um profissional! Uma vez falei isso pra eles! Eles falaram: “Menina, não é verdade? Não tinha pensado nisso!”. Eu disse: “Pois é melhor vocês pensarem!”. Entre esses companheiros, tinha o Lino... O Lino... Com ele você também podia contar! Sabe? Era aquele que você precisou!... Me chamava no cantinho e falava: “Se você precisar...”. Quando a Albertina ia viajar e eu ia ficar sozinha, eu falava pra ele: “Você vai me ver?”. “Eu vou”. Aí eu tinha vontade de colocar todo mundo pra fora, porque ele me ensinava truco e ficava conversando até tarde. Ia um monte de gente lá!... E as pessoas falam, né?

E tem umas coisas que me tocam, sabe? Quando o Vandrê fez aquela música “O pequeno concerto que virou canção”, que ele diz que não vai falar de amor, que ele nunca soube amar,... Não vai mesmo! Não vai saber falar. Não vai entender o amor porque nunca amou. Isso serve pra um monte de coisa! Quem não sabe o que é

solidariedade, quem não tem confiança, não vai entender a confiança. Quem não tem amizade, não vai entender a amizade!

Às vezes eu rezo e agradeço a Deus da sorte que tive, do privilégio que tive! Na roça, com primário... Conheci os imigrantes, que me ensinaram a falar na língua deles quando alguém chegasse e eles não quisessem que entendessem! Você aprende solidariedade!! Não é que você aprende... Olha, ela fica fazendo parte da sua vida! O que é a solidariedade!... Onde tem solidariedade e fraternidade, não tem lugar para as picuinhas! As picuinhas não cabem!

Vou falar uma coisa que ninguém acredita: no dia da greve, eu corri no refeitório, tinha a rua da estação, aquela tela grande, pra encobrir a porta do banheiro do refeitório e a porta da cozinha... Aí escutei chamar lá na grade do portão... Era um deles... Adivinha o que ele veio trazer? Um revólver pra eu entregar pro Barreto! Não entrou! Eu não! Eu não peguei!!... Olhei bem pra ele e falei: “Vou entregar o revólver pra quem?... Você sabe que tem companheiros aqui que não têm garfo de cozinha em casa e comem de colher?!”... Eu ia na casa dele e via! Eles diziam que eram o grupo do CEO, de Osasco. O grupo dos estudantes!...

Olha, tem uma frase que não sei bem de quem é: “A verdade a gente conta junto”. Ninguém conta a verdade separado! A gente conta a verdade junto porque a verdade é uma só! Não é?! Eu acredito nisso! A verdade é uma só que vai se contar. Acredito que há várias formas de se fazer as coisas... Ninguém vai mudar sozinho nada! Nada você muda sozinho!! Sozinho, um grupinho... E se você pegar o movimento dos estudantes, tem algumas pessoas que eu tenho o maior respeito. Mas tem gente... “Olha o Fulano!” Fica batendo palma, né? Eu falo, que horror!

Eu me lembro que os imigrantes me ensinaram... Não tinha televisão, só programa de rádio... Eu era muito alienada... E tinha um programa de rádio, na semana que eu entrava a uma hora, eu ia correndo de bonde... Morava no pensionato, ia correndo porque eu adorava ouvir o rádio! Havia um programa que era uma sátira à propaganda política. Eram dois grupos fazendo barulho, brincando: um era o grupo que imitava o Adhemar de Barros e o outro não lembro de quem. A turma do Adhemar era demais!! Foi convivendo com os imigrantes e ouvindo o rádio que deixei de ser alienada!

Quando é que estudante levanta cedo, faz hora extra, mora lá na puta que o pariu?! Vai de bicicleta ou vai a pé trabalhar?! Você está entendendo?... Alguns estudantes que eram operários eu respeitava... O Barreto... Naquela época, eu tinha o maior respeito do Barreto. Só que ele morreu, né?... Ele foi muito respeitoso! Ele foi muito respeitoso... Com o Barreto você podia conversar a qualquer hora. Ele era completamente diferente do Ibrahim e do Roque! Quando eu tinha dúvidas, eu falava pro Barreto e ele conversava. Sabe? Ele era novo! Era novo... E seminarista. Lembro que na própria década de 60 eu fazia um trabalho pra Igreja e um monte de seminarista saiu, abandonou a Igreja! E naquela época era o Dom Agnelo Rossi, eu fui falar com ele e ele falou que ia falar comigo. Pensei: “Nossa! Quanta honra! O que será que o passarinho fez? A gente comparava ele com um passarinho, um passarinho fino.

A gente começou um trabalho na favela em 54, 55, e os seminaristas tinham dúvidas! Eles iam pra filosofia, começavam a discutir filosofia e depois discutiam a vida! E aí a gente tava discutindo, ele foi em casa e a gente conversou, conversou... Porque a turma te chamava pra ir pro campo, pra aprender a atirar... Havia uma coisa que as pessoas diziam... Aquele militante arrogante, sabe? “Cadeia não foi feita pra cachorro!”. Eu diza: “Sabe, e eu não quero ser cachorro!”. Tive isso muito claro. Claríssimo! Sabe? O que eu ia fazer, o que não ia fazer. Porque de uma maneira ou de outra você acaba usando as pessoas.

Marx foca bem isso também, a questão do processo das etapas de superação. O que você encontra no cristianismo, você encontra no marxismo. Eles não divergem, eles convergem. Agora, eu quero ver a prática da pessoa. O Barreto não era bambam. Ele realmente acreditava!

É incrível como eles falam errado! Como desconhecem coisas! Temos um país semi-analfabeto. Tem que ver toda a história desse país! É um país novo! Acho que existem coisas que precisa conhecer! Mas algumas pessoas são individualistas! E pessoas assim é difícil você mudar. Você não muda! Não é que você não muda. Você vai investir muito tempo com ele. Se vai com muita pressa, a gente acaba comendo cru! Mesmo assim, respeito a posição deles. Mas o Barreto era diferente!

Se você está com o olho meio aberto, as pessoas não te enganam! Você se engana sozinho, porque você acha que elas não vão fazer isso com você. Mas é mentira. Fazem. São capazes de vender a mãe. Não entrega, mas vende! Você está entendendo? Os imigrantes já diziam pra tomar conta com os estudantes no Brasil! É verdade! Os estudantes vêm de qualquer lugar. Eles brigam na hora porque eles querem as coisas pra eles. Depois que eles se formam, arrumam um lugar, eles se desviam. Todos esses patrões que estão aí foram estudantes... É isso!

Uma pessoa que eu tenho um respeito muito grande é o Paulo de Tarso. Conheço ele desde estudante. Ficava doidinha procurando o Paulo de Tarso, sem saber onde procurar, onde encontrar! Ia na casa dele, aquelas coisas... Quando ele veio da Anistia, eu tava pra ir pra Moçambique, tava toda a documentação pronta pra ir trabalhar, estava saindo da Santa Casa, e aí o pessoal falou: “Mas e a Anistia, companheira? Tem que ficar alguém pra cuidar deles. É você”. Então, ele me ligou, eu atendi e falei: “Ai, que bom! Como eu te procurei, menino!”. E ele respondeu alguma coisa também assim. É o respeito! Tenho muito respeito por ele! Por quê? Pela prática dele! Convivi com eles, a gente parou pra discutir. Não foi essa coisa de só dar dinheiro pra campanha, mas caras que eu sabia que podia confiar!

Tem umas coisas que é difícil, viu? Até quando as pessoas perguntam, dá a impressão... Como é que diz “a luta continua” se a luta não continua? Tem coisa que te acrescenta pra você ver os pontos negativos e pontos positivos, pra você crescer e não repetir os erros. E a luta continua, a vida continua. Porque existe um divisor de água, quando você escolhe... Escolhe não! Quando você assume de que lado que você é. A luta de classes não fui eu que criei. Quando nasci, já existia! Tive o privilégio de nascer e poder saber que eu pertencço a uma classe dos oprimidos. Então, pra mim a vida continua...

Eu acho que quando as coisas têm que acontecer, a gente tá junto no mesmo barco, tem que ficar junto. Não tem que procurar marido. Essas coisas não são fáceis. A gente tem que ver bem as coisas pra não ser usada como mulher, sabe? Tem coisas que a gente não tem que permitir pra aparecer. Não tem que aparecer! Eu não tem que provar nada pra ninguém!

Só sei que depois disso, tudo ficou desarticulado... O Cândido foi embora pra São José dos Campos, ficou com medo. O padre ainda passou a mão dele e levou ele. Falei: “Tá certo vá!”. E fiquei. Aí tinha uma proposta de montar uma casa, porque era ruim discutir coisas na casa dos outros. Tem coisa que é a sua casa, não dá. Então, fomos morar numa casa, o grupo que estudava junto. Fomos morar juntos. A gente continuou militando mesmo depois da greve! Continuamos militando como cristãos, mas ilegalmente. Porque naquela altura tudo era ilegal, né? Tudo era ilegal. Contestar contra o sistema vigente!...Mas a militância era nas oposições, no bairro, na favela, do grupo de mulheres, na comunidade, no lugar que a gente trabalhava...

Depois de 68, fui trabalhar na Forjaço, militei no sindicato de Osasco. Trabalhei na Frente Nacional do Trabalho. Fiz um trabalho no campo, que é uma coisa que eu sempre gostei. A FNT foi perseguida, mas não caiu na ilegalidade. Sabe, que tem uma coisa que os outros falam de nós, cristãos, mas que sabemos fazer e eles não. Por exemplo, quando o Mané da Conceição foi preso na casa do padre Domingos Barbé, a FNT conseguiu falar diretamente no Dops com o Fleury, e o Mané da Conceição foi solto, depois de passar por tudo aquilo. A FNT era respeitada e acho que a gente conseguiu segurar algumas coisas numa boa.

Fui viajar pra Venezuela, fiquei lá alguns meses. Quando voltei, fui trabalhar na Santa Casa. Era pra trabalhar numa fábrica. Cheguei lá de manhã cedinho, eles não me pegaram! Eles não me pegaram.... Era uma metalúrgica... Eles ficavam olhando de canto, olha daqui, olha de lá. Eu falei: “Olha, vocês não têm direito de tirar a esperança de uma pessoa sobreviver!”. Eles ficaram olhando sem entender. É que eu fiquei tão danada, que eu pensei: “Agora vai ou racha! Vocês precisavam de pessoas, eu fiquei uma semana fazendo testes. Vocês mandaram eu começar hoje, uma sexta-feira!”. Eles responderam: “O que você quer que a gente faça? Quer o dinheiro da condução?”!! Fiquei danada! Então, fui trabalhar na Santa Casa. Eu tinha feito um curso, fui trabalhar lá.

Aí começamos a fazer um trabalho com mulheres. Na FNT, lembro um dia bater um papo com a Ilma Passoni e com a Teresa Lajolo – quando ela ainda era humilde – a gente combinou sobre o trabalho com as mulheres. Acho engraçado! Nunca esqueço aquele dia elas mandando o marido delas calar a boca!... A gente foi trabalhar com a mulherada. Trabalhei com o movimento de mulheres negras. Acho que era o direito delas buscar direitos como mulheres e como negras. Era um processo de busca. Mas foi difícil! Trabalhar com as mulheres militantes foi difícil! Porque elas eram inseguras. E elas se achavam!

Depois saí da Santa Casa, depois de muitas brigas, aquelas coisas... E por causa da mulherada! Porque na Santa Casa chegavam aquelas menininhas do interior pra trabalhar de atendente. E as freiras... As freiras eram perversas! Lá tem a Escola de Medicina, né? E era um tal daqueles médicos pegarem as menininhas, as freiras mandarem as meninas grávidas embora. Naquela época também, por causa da repressão, a polícia pegava e batia, e às vezes ela queriam dar palpite sobre quem tinha que ser atendido primeiro. E elas obedeciam, tinham medo delas. Mas eu não tinha medo. Tinha que ter solidariedade, não escolher quem tinha que ser atendido ou não. Outra coisa: às vezes chegavam os investigadores com os presos, queriam bater, queriam judiar na minha frente... Eu falava não! Eles diziam: “Não, mas ele...”. Eu dizia: “Aqui não é tribunal! Eu sou responsável por isso”. Quando você dava plantão, você era responsável. Quando eles davam plantão, tinham mania de colocar três mulheres. Nós éramos em três, e a gente agia igualzinho! Um monte de coisa a gente questionava.

Aí a Albertina falou pra eu ir morar com eles lá em São José, mas prestei concurso aqui em São Paulo. Escolhi a Vila Mariana. Depois, fui pro Jabaquara. Sabe, as pessoas viveram tudo aquilo, mas elas já viveram! Eu já vivi! E hoje há tantas coisas pra gente resolver ainda! Se as pessoas não se multiplicarem nos bairros, as crianças, como é que vai ser? As pessoas estão preocupadas com lixo, com meio ambiente, com a água, podia estar puxando isso pra luta! Pra outras coisas! Tem que dar uma motivação pra esse povo! Mas esse povo, com bolsa-família, com não sei o quê, fica na laje tomando sol! Como é que uma pessoa pode ganhar duzentos, trezentos reais e falar que está ótimo?!

RISOMAR FASANARO

Tenho um orgulho muito grande de ter pertencido a essa geração, muito grande! E foi a geração mais bonita que eu vivi.

Meu nome é Risomar Fasanaro. Nasci no Recife, no dia primeiro de março de um ano muito longínquo, acho que foi na Idade Média!... Passei minha infância toda em Socorro, que é um bairro em Jaboatão. Vim para São Paulo com onze anos e pouco. Completei doze anos aqui. Meu pai era militar e foi transferido para Osasco, no quartel de Quitaúna, onde fomos morar inicialmente. Logo depois, comecei a cursar o ginásio no Colégio Misericórdia, e depois fui fazer o colegial no Instituto de Educação Anhanguera, na Lapa. Foi por essa época que conheci o João Carnaúba, meu segundo marido.

Para esse período da história da minha vida, em 68, é fundamental essa pessoa, que era um homem extremamente inteligente! Cursava Física na USP e comecei a namorá-lo quando estava começando o curso de Magistério no Anhanguera. Então, como ele estudava lá na Maria Antonia, eu ia com ele nas reuniões, aos atos, às passeatas, a tudo. Ele começou a incentivar isso, cada vez mais, emprestou os princípios filosóficos de Politzer, que eu li. Era ligado à Linha Chinesa, aí trazia aqueles livros da Linha Chinesa pra eu ler... Já comecei a me encantar com Guevara, Fidel Castro, essas coisas...

Desde criança já tinha aquele sentimento de revolta diante das coisas, porque na vila militar onde eu morava, lá em Socorro, meu pai era sargento lá. Na frente ficava a Vila dos Oficiais, aí tinha o rio Jaboatão que passava por lá e tinha uma ponte. Do outro lado da ponte ficava a Vila dos Sargentos onde a gente morava.

Nessa época começou a germinar em mim o sentimento das diferenças sociais. Na Vila dos Oficiais, os garotos e as garotas tinham direito a tudo: tinham piscina, tinham campinho de futebol, de vôlei, de basquete, de tudo. No cinema, o local privilegiado era a parte superior, eles ficavam lá. E eu morria de curiosidade de saber o que era entrar numa piscina, o que era jogar basquete, jogar vôlei, nadar, e ir lá pra cima. Aqui no sul é completamente o inverso, né? A parte nobre dos cinemas, pelo menos enquanto havia aqueles grandes cinemas em São Paulo, era na parte térrea.

Havia aquela ponte como a divisão entre o que era permitido e o que era proibido. Quando comecei a namorar o João Carnaúba, acho que ele também deve ter percebido essas coisas, senão nem tivesse se interessado por mim.

Quanto eu devia ter uns quatorze anos, passou um sorveteiro bêbado na rua e as crianças, aproveitando disso, pegaram o carrinho dele e começaram a pegar sorvete, a jogar sorvete no chão, a empurrar o homem, a xingar, aquela coisa toda, e é claro que o sorveteiro revidou! Quando ele começou a revidar e a xingar as crianças, veio o pai de uma das crianças que era um guarda civil, policial, não sei, era uma pessoa de

segurança. Foi lá e começou a bater no sorveteiro e eu saí correndo de casa! Foi na frente, exatamente na frente da minha casa! Saí correndo e fui pra lá! Era ainda pequena, tinha uns quatorze anos, sei lá!... Hoje analiso isso, na época não tive consciência... Tinha um morrinho assim, a rua não era asfaltada, tinha um morrinho... Eu subi no morrinho e fiz um tremendo de um discurso!! Era uma sexta-feira da Paixão, apelei para esses sentimentos cristãos: “São vocês que vão hoje à missa, são vocês que estão sem comer carne hoje!”... Não sei o que estudava no colégio de freira, tinha todo aquele discurso cristão... “Faz uma coisa dessas com um coitado que está bêbado!”... Não sei o que falei. Falei, fale... Nessa hora o homem baixou a cabeça e foi embora e as crianças foram todas embora. O Quilômetro Dezoito todo nessa hora saiu nas portas, aquela gritaria, aquela coisa, foi todo mundo nas portas pra olhar! Acho que essa foi minha grande estréia política e eu tenho um grande orgulho disso! Por isso que faço questão de contar porque acho que ali marca que tipo de pessoa que eu era, de que lado que eu estava.

Embora meu pai fosse do Exército, era a pessoa mais doce que havia! Era uma pessoa de uma doçura que, quando meus amigos vinham em casa, ficavam em volta dele. Meu pai conversava, adorava gente jovem! Era uma pessoa assim: muito afável, não tinha nada, mas absolutamente nada de militar! Aqui em Osasco, depois que ele saiu do Exército, os soldados diziam que ele era muito bom e que quando pedia qualquer coisa, todo mundo se oferecia pra fazer, porque era um sargento muito bom. E vocês sabem que sargento em geral, no Exército, é o que há de pior! Tanto que aquela peça que os marceneiros usam pra apertar a madeira é chamada de sargento por isso. Os sargentos são terríveis!! Mas meu pai - diziam - era muito bom no quartel. Então, não era diferente de casa com a gente, sempre foi muito doce com minha mãe... Minha mãe que era briguenta, ciumenta, brigava muito, mas ele não. O nome dele era João Fasanaro. E minha mãe era Alípia de Souza Fasanaro, mas o apelido dela era Nena, todo mundo chamava ela de Nena.

Então, cresci já com essa postura crítica e participava de tudo ali na Maria Antonia, na década de 60, mesmo depois de casada com o João. Quando o movimento aqui em Osasco cresceu mesmo foi a partir de 64. As pessoas não se acomodaram, as mais conscientes não se acomodaram... Elas se reuniam, ficavam se organizando todo o tempo, principalmente os estudantes e alguns operários que também eram estudantes, como é o caso do Roque, do Espinosa, do Barreto, de todo esse pessoal, né? Só não convivi com o Barreto, fui apresentada um dia a ele e o via assim de longe... Mas o Espinosa, por exemplo, eu viajava quase que diariamente com ele no ônibus pra ir pra faculdade.

Em 64 eu estava fazendo ainda o Magistério, mas em 67 já estava casada. Me casei em 67 com João Carnaúba, e do pessoal que se organizava - os estudantes, os universitários que se reuniam na Biblioteca Municipal de Osasco todo o domingo pra discutir as coisas - os únicos casados eram o João e eu. Quando o Edson Luís morreu assassinado, nós resolvemos fazer um protesto pelo CEO (Centro Estudantil Osasquense) e foram divididas as tarefas. “Quem passa nas escolas? Quem faz isso, quem faz aquilo? E quem faz uma faixa: ‘Abaixo a Ditadura?’”. Aí falaram: “Mas aí tem que ter um local. Onde que a gente vai fazer isso? Vai na casa da Risomar e do João”! Encarregaram o Espinosa e eu de fazermos a faixa e nós fizemos a faixa, mas imagina o amadorismo: nós pegamos uma faixa de pano, colocamos na diagonal da sala sem jornal por baixo, sem nada, e pintamos. Depois daquilo fiquei praticamente um mês passando palhinha de aço pra tirar, porque ficou a sala inteira, assim, pichada “Abaixo a Ditadura”!!

Nessa época não tinha móveis, a gente não tinha móveis, não tinha... E cada vez que minha mãe dizia: “Vou até aí”, eu dizia: “Não estarei em casa, vou dar aula, vou à reunião de grupo, vou a não sei o quê”, porque sabia que não podia receber ninguém na minha casa. Minha mãe morria de medo! Não é que ela não gostasse que eu participasse das coisas. Ela era a primeira a esculhambar com os militares, a achar o país horrível, a repressão horrível, mas ela não queria, não gostava que eu sáísse porque temia pela minha vida, né? As pessoas desapareciam ou morriam! Então, toda vez tinha algum movimento... Antes de eu estar casada, quando ia sair pra algum lado... Eu... Mentia... (...) Ainda me emociono quando lembro disso...

Dizia que ia pra aula, mas minha mãe ouvia muito rádio, havia um rádio na cozinha.... Ela dizia: “Mas a faculdade está em greve, não tem aula”. E eu respondia: “Não, mãe, vou me reunir com meu grupo pra fazer um trabalho”. E na hora de sair, meu pai tinha o hábito de me levar até o portão e, quando chegava no portão, eu dizia pra ele: “Olha, não tem hora, vou a tal lugar, vou fazer isso, vou fazer aquilo... Se eu sumir, o senhor tenta me achar, procura me achar!” (...) É interessante, até engraçado... Eu levava sempre um par de meias, meias soquetes, grossas, e um livro dentro da bolsa. Tinha medo de ser presa e passar frio; não ter o que ler. Isso não esqueço nunca!... Sabe... porque coisas assim são marcantes...

Da década de 60 até a última passeata das “Diretas Já”, acredito não ter perdido um só movimento. Nenhum, nenhum, nenhum! Ouvia sempre dizer que a Ditadura, em todos os países, não durava mais de 40 anos. Aí eu somava com a idade que tinha e pensava: “Meu Deus! Não vou aguentar, não vou agüentar!”. E isso me dava aquele ânimo pra batalhar. Acreditava que se o povo demonstrasse cada dia mais que estava insatisfeito, um dia aquilo ia acabar. Achava terrível ter que escrever uma coisa, terminar de escrever e pensar: “Não, não, não, isso aqui vão censurar”. A gente começou a fazer uma autocensura, achava isso terrível! Você só falava por meio de metáfora, não confiava em ninguém, não confiava em quem ficava quieto: “Ele ficou quieto. Por que ele ficou quieto? Porque ele deve ser do lado do Exército, deve estar do lado da Ditadura”... Se a pessoa comesse a falar mal, pensava-se: “Ele tá falando demais, deve ser ‘dedo-duro’, deve ser agente do DOPS!”. Então, não tinha meio termo...

Sabe, me lembro de uma passagem do governo do Jango. Eu e meu pai sentados na cozinha, ouvindo pelo rádio as notícias e torcendo pelo Jango. Nunca esqueço disso! Meu pai nunca apoiou a Ditadura, nunca apoiou. Antes disso acontecer, já tinha saído do Exército, saiu até antes de ter o tempo completo. Eu não entendo até hoje meu pai ter sido militar!...

Eu não pensava em fazer faculdade, tinha esse sentimento assim de injustiça diante das coisas, como qualquer pessoa tem, mas quando comecei a namorar o João, ele começou a me incentivar a fazer faculdade: “Você é uma pessoa inteligente, não devia ficar só com magistério. Você devia fazer faculdade. Por que você não pensa nisso?”. Eu nem sabia como a gente ia fazer faculdade, não tinha nem noção. Osasco, naquele tempo, não tinha nem estacionamento... Não tinha... Era uma cidade muito atrasada. Então, realmente comecei a ficar interessada, em querer conhecer. Já gostava muito de ler, mas não lia política. Lia literatura, romances, essas coisas. E convivendo com o João comecei a conhecer todo esse pessoal. Fui apresentada pro Espinosa, pro Ubirajara Coutinho, todo o pessoal... As meninas... Marília Negrão, Deise Camile, Neusa Camile - que faleceu recentemente - e Teresinha... Não me lembro de outras que ficassem com a gente.

Ele saía muito comigo. Havia na época, a Confeitaria Cristal, que era onde o pessoal se reunia pra tomar chá, refrigerante, docinho, salgadinhos, comer pizza. Ficava

na Rua Primitiva Vianco, perto da Galeria Fuad. Muito grã-fino, descendo a Primitiva do lado direito... E o Bar do Careca, onde o pessoal mais politizado frequentava. Era ali onde tem o semáforo da rua Marechal Rondon com a rua Antonio Agu. O Espinosa só frequentava quase que o Careca. O João, quando estava sozinho também, às vezes me levava lá. Havia o Bar Central, muito bonito, com um balcão de mármore, aqueles bares antigos... Ali, os rapazes frequentavam. As meninas, as mulheres frequentavam o Bar Cristal. Fui algumas vezes ao bar do Careca, mas não era normal. Os homens estranhavam a gente estar lá. Olhavam de forma diferente.

Inclusive na faculdade, a gente só usava vestido, saia. Eu me lembro bem de uma ocasião que ia haver um ato e fui pra faculdade de calça comprida. De calça comprida é bem mais fácil você correr da polícia! E fui de calça comprida... Lembro que uma colega minha que já estava terminando o curso, chegou pra mim e disse: “Nossa! Você de calça comprida! Daqui a pouco o Dops baixa aí e te leva!”. A gente não podia contar nem com as colegas que tinha, não confiava! Eu ficava esperando o João passar lá pra me pegar pra gente ir pros atos... Tenho lembranças muito minhas, interessantes, de algumas coisas que aconteceram nesses atos...

Nós fizemos uma passeata aqui em Osasco que deve ter envolvido umas três mil pessoas! E nessa época eu já estava fazendo a faculdade e já estava dando aula. Porque tinha uma carência tão grande de professores que você dava aula desde o primeiro ano! Então, convidei os meus alunos do Quitaúna para virem participar dessa passeata. Eu era completamente imatura! Imagine! Uma professora em plena ditadura convidar os alunos pra virem pra passeata! E eles vieram!! Foi nesse dia que vi o Roque pela primeira vez. Estava com o irmão dele, que era meu aluno... A gente se adorava! Era uma coisa assim que parecia... Parecia que ele era meu irmão caçula. Era uma coisa! E quando estávamos esperando pra entrar na Avenida Marechal Rondon, a passeata saiu do CEO e passou, o Zé Domingues apontou e disse: “Riso, aquele ali que é o Roque, é meu irmão”. Foi a primeira vez que eu vi ele... Ele era da liderança da passeata.

Não me lembro bem do Roque naquelas reuniões que fazíamos aos domingos na Biblioteca Municipal. Havia muitos estudantes que participavam dessas reuniões, mas não me lembro de ter visto o Roque. Acho que o Roque participava mais dessa parte pesada, onde havia os operários, gente bem comprometida. Ele e a Aninha, que era a namorada dele naquela época.

As discussões eram muito politizadas! O Espinosa já demonstrava muito brilhantismo. Tinha o Joel de Godói, o Eduardo Rodrigues, que depois tomou um rumo diferente, né? Tinha Marília Negrão que era muito politizada; o João Carnaúba, a Deise, a Neusa Camile, todo esse pessoal que participava. A gente ficava numa mesa grande. O Eduardo Rodrigues era funcionário da Prefeitura que era responsável pela Biblioteca; e eu até acredito que ele abrisse a Biblioteca sem poder, contra... Escondido! Acho que o prefeito e o secretário nem sabiam disso.

Na véspera da greve já estava em fase de separação... Casei em 67 e já estava me separando quando houve essa greve. Tanto que quando houve aquelas barricadas lá na Maria Antonia e tudo, já não participava nada daquilo. Acompanhei tudo pelos jornais, não me lembro se pela televisão, mas acho que sim. Estava muito mal, em fase de separação... Tive um aborto... Foi uma época muito difícil pra mim! Então, não participei.

Acho que o verdadeiro líder surge espontaneamente. Não se fazem líderes. Eles surgem! Liderança na época era o Roque, o Espinosa, o Barreto, o Vaguim, o Ibrahim. Essas pessoas eram líderes. A Aninha que fez todo o trabalho político com as mulheres no Sindicato dos Metalúrgicos, que reunia as mulheres. Fazia discussões políticas... Ana Maria Gomes... Essas pessoas eram lideranças.

Nunca fui convidada para participar da guerrilha. Não lembro a Iara, a namorada do Lamarca, mas sei que ela estudou lá na Maria Antonia. Lembro Heleninha Rezende que foi minha colega de classe e era brilhante. Era uma aluna brilhante! Eu adorava a Heleninha Rezende!... Era uma menina alta, bem magra, mulata, muito bonitinha, muito simpática. Lembro bem de uma aula de Literatura Brasileira... A gente estava fazendo um seminário sobre Castro Alves e ela que foi expor, o professor dizia que o Castro Alves era uma pessoa egocêntrica e que ele tinha entrado na luta a favor da abolição da escravidão não com sentimento de injustiça, que ele sentisse em relação ao povo escravo, e sim porque ele queria aparecer, porque na época todos os abolicionistas tinham palanque à sua disposição para falar e que isso que se levava em conta para entender Castro Alves. Nossa! Heleninha virou uma onça! Heleninha defendia Castro Alves até! Ainda mais que ela era baiana, né? Lembro que ela falava que o pai dela era tão bom, tão bom que no Dia das Mães ela passava um telegrama pra ele! Lembro disso...

Um dia, a Heleninha sumiu da faculdade... Eu não entendia aquilo e dizia: “Por que será? Por que ela não dá notícia? Não me liga, não deixa um bilhete, nada?!”. Aí um dia, muitos anos depois, acho que devia ser em 73, 74, nós íamos muito aos lançamentos de livros em São Paulo, o pessoal do Veredas, um grupo cultural... Nessa noite acho que foi na Livraria Escrita, não tenho bem certeza... E vi uma revista política lá, sabe? Aí comprei a revista... Comprei sem folhear e vim pra casa. Uma daquelas revistas que vêm documentos históricos. Quando cheguei em casa, deitei... Costumo sempre ler antes de dormir... Deitei e comecei a ler a revista... Quando eu vejo, tá assim: “Os desaparecidos do Araguaia”!! Quando vejo, era a foto da Heleninha!... Aquilo foi um choque pra mim! Foi dessa maneira brutal que eu fiquei sabendo que a Heleninha tinha entrado na guerrilha!... O pessoal nunca me contou! Nunca me convidou para participar. Talvez até se tivessem convidado, eu não estivesse aqui hoje, né? Talvez estivesse... É... Naquela época estava muito envolvida, muito revoltada...

Na nossa casa morava o Leovio de Sousa Barbosa, que trabalhava na Cobrasma. Ele morou seis anos na nossa casa. Eu já estava separada e já tinha voltado pra casa dos meus pais. Lembro que meu pai chegou de manhã, em casa, dia 16 de Julho, dia da Greve... Lembro bem disso! Parece que ele tinha ido comprar coisas no Mercado Municipal, e meu pai adorava andar a pé. Vinha de lá da São Maurício, pela Rua da Estação, a pé pro mercado. Ele chegou em casa e disse: “Gente, tá um horror o centro de Osasco! O Exército está lá, tem tanque de guerra, tem cavalaria! Tá tudo tomado! Os operários da Cobrasma fizeram greve”. Eu gelei! Eu sabia que os meninos trabalhavam na Cobrasma! A gente sabia que eles trabalhavam lá, que eles trabalhavam... Mas fiquei na minha, né? Dali a umas horas, chega o Leovio que trabalhava na Cobrasma e contou: “Seu amigo Roque tava lá com um revólver na mão intimidando os operários e obrigando o pessoal a voltar, a não entrar na fábrica”. E o Roque, depois, me disse: “Isso é mentira!”. Ele não pegou em arma de jeito nenhum! Mas o Leovio se referiu a ele dessa maneira! Então, a gente ficou muito preocupada... Claro, era o nosso povo que estava em risco!

Depois, eu já dava aula! Já dava aula em Quitaúna no 2º Ginásio Estadual de Osasco, extensão do Ceneart. Porque como as vagas eram poucas e a procura era muita, o Ceneart criou várias extensões: tinha 2º Ginásio, 3º Ginásio, 4º Ginásio, era assim. O Quitaúna era extensão do Ceneart. E o Zé Domingues contou pra mim que o irmão tinha sido preso. O Roque tinha sido preso... Ele contava tudo. Eu ficava sabendo de tudo, do movimento do operários através desse irmão do Roque, o Zé.

E tem outro episódio, da época da Ditadura, não sei, não sei... Tenho uma amiga chamada Regina que desenha muito bem. E ela estava fazendo Belas Artes, os professores da escola eram todos estudantes. Ela estava fazendo Belas Artes e tinha feito uma série de trabalhos com as crianças de Biafra em branco e preto. Eu adorava os desenhos! E ela disse: "Sabe o que eu desenhei? Um Che Guevara". Eu disse: "Regina, um Che Guevara?! Dá pra mim!". Ela disse: "Dou. É trabalho lá da faculdade, te dou. Vou terminar hoje e amanhã te trago". No dia seguinte, não tinha a primeira aula, tinha da segunda em diante. Quando cheguei, a primeira coisa que fiz foi procurar por ela pra ver o desenho. Aí ela disse: "Ai, eu dei pro Zé". O Zé Domingues gostava muito dela. Fiquei brava, briguei com ela! E fui falar com o Zé Domingues: "Me dá o desenho". Ele disse: "De jeito nenhum! A Rê deu pra mim". Ainda mostrou pra mim a dedicatória: "Ao guerreiro de amanhã. Regina".

Bom, os dias se passaram e não se falou mais nisso... Dali a uns dias, chegou o Zé Domingues, não me lembro quanto tempo depois, um mês depois, sei lá quanto tempo! Ele me disse: "Ri, você não sabe o que aconteceu! Lembra do desenho que a Re me deu? Olha, eu tinha posto numa gaveta, na minha casa, a gaveta era forrada com um papel. Pus embaixo do papel, mas o Dops foi à minha casa e achou o desenho!". Fiquei apavorada! Aí ele disse: "Acho que eles vão procurar a Regina". Fiquei amedrontada! Não me lembro se nesse dia ou no dia seguinte, estou lá no Colégio e o diretor entrou na sala dos professores e disse: "Fiquem todos aqui que o Dops está aí". Nós fechamos a porta e ficamos por lá. Dali a um tempo o diretor voltou, abre a porta e disse: "Risomar, você tem o endereço da Regina?". Eu disse: "Não, não tenho". Ele disse: "Pois é, eu também não tenho, estou falando pra eles que não tenho, mas eles queriam, querem saber se algum de vocês tem". Eu disse: "Não, não tenho". Realmente não tinha, não tinha mesmo! Quando eu ia com a Regina à casa dela, ia com ela, nunca me preocupei em anotar endereço. Ela morava aqui em São Paulo. Não tinha carro, a gente ia de trem, essa coisa toda...

Bom, aí ele disse: "O Dops tá querendo levar a Regina. Tá querendo falar com a Regina". Ela não dava mais aula na escola, tinha saído. Naquele tempo era contrato temporário. Dali a um tempo, ele voltou de novo e disse: "Risomar, eles disseram que a Regina tem um contato aqui que é você. Falei que você não estava. Você fica na tua que eu falei que você não estava"... O livro de ponto eu não tinha assinado! Ele lembrou disso: "No livro de ponto não tem a sua assinatura". Sou muito desencanada, esquecia de assinar ponto; até hoje esqueço. Fazer chamada de aluno é na hora da saída que perguntava: "Quem faltou?" e anotava rapidamente. Eu achava que não era essa coisa... Não tinha assinado o ponto... Foi a minha sorte!! Eles viram uma Célia Regina lá e pediram pra levar a moça. Levaram essa moça que era professora de matemática, rodaram Osasco e foram falando com ela: "Você, então, não é professora de desenho?" e ela respondia: "Não, sou professora de matemática". "Mas quem faz matemática, faz geometria", eles diziam. "Não, sou professora só de matemática. Eu não desenho nada". E eles: "Certeza? Você não desenha nada?!" e ela: "Certeza!". Então, pararam no Jardim das Flores, pegaram uma Regina lá que também não era, não era, né?

Quando cheguei em casa, liguei pra minha amiga e avisei! Devolveram a moça lá, levaram ela de volta pra escola. Naquela noite, liguei pra Regina e disse: "Regina, amanhã você me espera na Estação Sorocabana, onde agora é a Júlio Prestes. Você fica na frente, eu vou andando... Você vai andando até a sua casa, vou atrás falando, mas você não olhe pra trás, porque quero te falar um negócio"... Não sei porque nunca perguntei pra ela: "Que endereço era aquele?". Tem umas coisas que eu apaguei!!

Da Júlio Prestes, sei que a gente andou muito, muito, muito, muito! E ela, ela foi... Cheguei na Estação, desci na porta, encontrei com ela. Aí, ela foi andando e eu atrás dela... Dizia: “Regina, o Dops foi lá na escola te procurar”... E ela: “Como? Eu não fiz nada?!”. Eu disse: “Por causa do desenho. Lembra do desenho? Você não me deu! Você deu pro Zé!!... E o Dops foi lá porque o Roque e o irmão dele foram presos e agora o Dops foi lá e invadiu a casa e achou o teu desenho! Regina, você se prepara porque eles vão te procurar! Porque ontem eles levaram a Célia Regina, eles rodaram Osasco pegando tudo que era Regina, e eles vão te procurar!”... E fomos andando, andando, andando...

Chegamos na casa dela, na casa da tia. Ela morava com a tia porque ela veio de Rancharia, do interior. Chegamos na casa dela e eu disse: “Regina, aqueles desenhos das crianças de Biafra, você tem que dar um fim!”... Porque se o Che tinha causado aquele problema, provavelmente aquelas crianças também causariam, né?! Nós ficamos horas rasgando as coisas, queimando, jogando na privada!... Na noite anterior, quando liguei pra ela, também já tinha feito uma limpeza na minha casa. Eu, minha mãe e meu pai... Lembro do meu pai de pijama, minha mãe de camisola comprida no pé, comprida... Nós três rasgando jornais com fotos de passeata, documento de UNE, documento de professor, tudo! Tudo que era político, rasgando tudo! Acho que foi nessa noite que devo ter destruído Folha de Presença, inclusive da reunião que a gente fazia na Biblioteca, porque tinha uma em que aparecia o nome de todo mundo que tinha participado. Acho que nessa noite a gente foi fazendo a mesma coisa: rasgando, queimando em frigideira de ferro, jogando na privada e, dando descarga! (...)

No dia seguinte, esse em que encontrei com minha amiga, a gente fez isso. Na casa dela. Até o livro do “Coni Pesache” nós destruímos, nós queimamos! Bom, eu disse: “Se prepara!”... E passei pra ela a minha lição de repressão: “Põe meia dentro da bolsa e um livro”... A gente andava com aquelas mochilas que a gente mesma fazia... Bom, “Põe isso, porque se você for presa não vai passar frio, e se eles vierem aqui te buscar, você põe blusa de lã, põe casaco. Se agasalha bem pra você não passar frio no presídio!”. E fui embora...

Quando foi no dia seguinte, ou no mesmo dia, não sei, eles foram lá! Eram dois homens com mais de 30 anos. Estavam com carro de chapa fria. Disseram que eram alunos dela e que queriam falar com ela. A tia dela disse: “Olha, a Regina saiu. Foi dar aula”. Dava aula em outra escola na Vila Leopoldina. Eles disseram: “Então, a gente volta à noite”. Quando chegou, que a tia contou isso, ela já sacou o que era, né?... Antes deles chegarem, o noivo dela disse: “Pra você ter coragem, vou te dar meio copo de pinga e você toma”!! Essa minha amiga, até hoje não bebe nem vinho!! Ela não bebe nada, nada, nada, nada. Só refrigerante... Ela tomou meio copo de pinga e ficou esperando!! Ela sabia que eles iam lá e foram!... Foram. Quando quiseram levá-la, o noivo pediu pra ir junto, eles deixaram... Ela foi, diz que... vendaram os olhos dela... Ela não sabe por onde andou... Foi levada a um local qualquer e, antes de entrar, ouviu o comentário de um soldado: “Você tem sorte, a pessoa que lhe vai interrogar é o melhor oficial daqui”. Realmente, ela prestou depoimento, olharam a bolsa dela, a documentação, tudo. E soltaram... A Regina não se envolvia, não esteve envolvida com nada, nem se interessada por nada disso. Não era como eu. E, então, foi isso... Eu também nunca tive envolvimento assim, sério, como o Roque, o Espinosa, nunca tive! Era uma pessoa politizada que participava... Dava uma força enquanto massa!

Em 1970, no Recife, fiquei uns dias lá... No mês de julho, não me lembro qual foi o dia que aconteceu isso, eu e uma amiga compramos passagens pra ir pra Natal. De lá de Natal a gente já voltaria pra São Paulo. Aí, eu disse: “Eu não quero sair daqui”, porque era a primeira vez que estava voltando à Recife, terra do meu pai. “Não quero

sair daqui sem ir à Socorro”, que era o lugar onde tinha passado minha infância... Aí fui. Cheguei lá em Socorro, andava com a máquina - sou alucinada por máquina! - fui fotografar... Cheguei lá na Vila... Para você entrar ou sair da Vila Militar, tinha uma sentinela, e eu fui até ele e expliquei, contei toda minha história: “Passei minha infância aqui e queria visitar a Vila Militar. É a primeira vez que estou voltando. Queria entrar pra visitar”. Ele me disse: “Olha, a senhora tem que pedir autorização lá no Comando”, porque eram dois portões: um aqui e um ali... Aí, eu disse: “Tudo bem”. Atravessei a rua e, em frente àquele portão da sentinela tinha a igreja que eu freqüentava quando era criança e cantava com o coro, oferecia flores pra Nossa Senhora, aquela coisa toda de criança! Fotografei a igreja, lá do lado da sentinela, na calçada da sentinela... Depois tinha um Grupo Escolar onde estudei... Fotografei o grupo... Depois, fotografei o cinema... Aí começou a chover. Quando começou a chover, nós atravessamos a rua e fomos nos abrigar embaixo da marquise do cinema...

Nisso, olho pro quartel e está aquela rampa toda com gramado, escrito assim com aquelas letras imensas de cimento branco: “Aqui se aprende a amar e defender a Pátria”!... Eu sabendo todas as arbitrariedades que eles estavam cometendo, as pessoas que eles estavam torturando, estavam matando, que estavam desaparecidas!... (...) A essa altura tinha desaparecido a minha professora de Lingüística, maravilhosa!... Tinha várias pessoas desaparecidas! Achei aquilo ridículo! Então falei: “Vou fotografar pra levar pro meu pai isso aqui”. Fotografei...

Fiquei ali um tempinho, estava com uma amiga chamada Alba... Ficamos ali um tempinho, chegou um soldado, começou a chover grosso mesmo!... Chega um soldado assim, com a roupa camuflada, com uma capa: “Vocês me acompanhem”... Na hora, o pensamento que tive... É até engraçado, eu conto muito isso!! Pensei: “Nossa, mas como eles são gentis! Eu pedi lá e eles já mandaram um soldado para nos acompanhar”!... Realmente eu pensei isso! Não tinha culpa nenhuma! Tinha feito uma foto! Aquilo era uma foto!... Aí, eu disse: “Ah! Tá bom! Vamos esperar diminuir a chuva”. Ele me olhou assim, bem mal encarado, e disse: “Você não está entendendo, é pra vocês irem agora comigo!”. Falei: “Ué, por quê?”. Ele me olhou bem e respondeu: “Quer se fazer de boba, é?”. Disse qualquer coisa assim... Falei: “Mas o que que eu fiz?”... “Você simplesmente acabou de fotografar o Comando e nós estamos de prontidão! Vamos agora!”. Gelei! E nós fomos...

Chegamos lá e nos colocaram numa sala, bem grande, com algumas janelas bem grandes... Cada janela tinha um soldado com um... Sei lá o que era aquilo, se era metralhadora, sei lá o que era!... Nós ficamos ali sentadas e começou o interrogatório... Chamaram... A gente passava numa sala e contava tudo desde o começo: porque tinha ido lá, porque tinha morado ali, e não sei o quê! Abriram minha bolsa, tiraram tudo, fizeram cópia de tudo! Naquela época tinha saído a caneta Futura, e eu sempre gostei de escrever com caneta de tinta preta; tinha uma Futura preta. Então, o Primeiro Major que me interrogou se chamava Demóstenes, pegou a caneta, afastou assim, puxou como se fosse uma “arma do 007” como se fosse sair dali uma sei lá o quê, uma bomba, um canivete, sei lá o quê!... Pra tudo o que eu dizia, ele respondia: “Você tem muito álibi”. Eu estava com uma lista de endereços só de militares, era o povo que morava ali que eu conhecia. Aí, saía daquela sala: “Agora vai ser interrogada por não sei quem”... Entrava lá, contava a mesma história, e a minha amiga também! Sala por sala, sala por sala... Quando foi até de noite e a minha roupa ainda estava úmida, porque era chuva grossa quando a gente estava indo pro hotel. Não deram nem um café pra gente! Não deram água, não deram nada! Pra eu ir ao banheiro, nós fomos escoltadas.

Quando foi seis horas da noite, eles nos chamaram e nos colocaram no jipe e eu pensei: “Agora vão nos levar em casa”... O Major foi na frente com o motorista, e um soldado de cada lado, e nós duas apertadas ali... Fomos. Chegamos em Recife, descemos escoltadas com os soldados... Fomos levadas ao Dops, o diretor de lá nessa época era o Dr. Hortolito. Ele colocou a gente numa sala lá dentro, de espera, e me lembrei de uma cadernetinha, um bloquinho, um bloquinho de papel, em que nós duas - a Alba e eu fazíamos Letras nessa época - e íamos anotando todas as palavras diferentes que a gente ouvia, porque no Nordeste as pessoas usam palavras, aquelas diferenças regionais... E eu me lembrei do bloquinho!! E disse: “Pronto, se a coisa tá desse jeito, das dez da manhã até agora nós estamos sendo interrogadas sem ter feito nada, eles vão achar que isso daqui é algum código, alguma linguagem em código que a gente tem, uma missão secreta!!... Cochichei pra Alba... Sentadas assim no sofá: “Alba, o bloquinho?... Ela disse: “Tá aqui comigo”. Eu perguntei: “Eles viram?”. Ela disse: “Não, tá aqui no meu sutiã”!! Eu disse: “Alba, vai até o banheiro, rasga, página por página, bem miudinho e dá descarga!”. Ela levantou e foi...

A Alba não saía do banheiro, a Alba não saía do banheiro, e eu desesperada: “Daqui a pouco eles chamam a gente pra depor outra vez e ela não aparece!”... Fui lá no banheiro e bati: “Alba, que que tá acontecendo?”. E ela disse: “Espera aí que já vou sair”. E dali um pouco, ela saiu, sentou do meu lado no sofá e eu disse: “E o bloquinho?” Ela disse: “Eu joguei dentro da privada mas eu dei descarga e não desceu de jeito nenhum.” Aí eu disse: “Pelo amor de Deus, tá lá?” Ela disse: “Não, tirei e engoli.” Você imagina o pavor! (...) Depois de um tempo essa minha amiga pirou. Não sei se era a tendência, se era... mas ela pirou. Até hoje ela passa por tratamento médico, ela acho que atualmente não entrou mais em surto, mas...

Ah! É! Lá no Dops. Volta ao Dops. Aí nos fomos chamadas até a sala do Dr. Hodolito, aí ele perguntou tudo, ele perguntou uma série de coisas, olhou nossa documentação toda, e ele disse: “Olha, eu vou fazer o seguinte: eu vou mandar um funcionário meu à casa onde vocês dizem que estão e, se conferir, se for verdade o que vocês estão falando, eu vou liberar vocês. Aí o homem foi, eu tinha feito uma bolsa artesanalmente, de couro, e tinha escrito poesias, tinha uma mochila daquelas e escrevi tudo poesia, inclusive com essa caneta futura, depois eu encenei e ficou aquela mochila, né? Eu chamava “Bolsa de Severina”. Aí o funcionário chegou lá na casa onde nós estávamos hospedadas, e disse: “Olha, eu achei uma bolsa, eu sou motorista de taxi e achei uma bolsa dentro do taxi, assim, assim, e tem o endereço daqui, a senhora conhece? É de alguém daqui?” Ela disse: “É da Risomar! Por sinal, eu estou preocupadíssima! “Porque elas saíram de manhã, elas estavam com viagem marcada pra Natal, com passagens compradas e, não apareceram até agora.” Já devia ser uma 10 da noite, sei lá. Aí o funcionário voltou, contou a história, e bateu, né? Aí ele liberou a gente. Aí, disse: “Olha, eu vou fazer o seguinte: vou ficar com os documentos de vocês, vou ligar pra São Paulo, ver se vocês não têm nenhuma implicação, não tem nada, aí vocês estão liberadas.” Depois, quando eu voltei aqui, depois desse episódio, eu soube, por uma amiga minha, que é casada com um militar daí da de Quitaúna, que realmente, eles tinham ligado, tinham perguntado da gente, e que tinham dado informações que, nós éramos professoras da escola e, que não tinha nada assim mais comprometedor que nos prejudicasse, né?

Bom, no dia seguinte, eu estava tão apavorada que eu fui procurar um amigo do meu pai pra ir conosco, pra retirar esses nossos documentos, Eu disse: “Sei lá o que pode acontecer, eu não sabia!” De repente eles ligavam pra cá e diziam: “Não, tem uma que participa de tudo o que é passeata, de tudo que é ato. De tudo que é coisa”, então... E eu tinha, tinha uma classe lá em Quitaúna que era formada só por alunos militares, e

eu nunca fechei a minha boca, sempre contei a eles tudo o que eu sabia, tudo o que eu ouvia, onde, nos atos, nas Assembléias da USP, dos atos que eu participava lá em São Paulo, eu nunca escondi nada disso dos meus alunos, nunca! Chamei eles para as passeatas. E, um dia eu ouvi um dos alunos dizer assim, perto de mim: “Professora, a senhora tem muita sorte que a gente gosta muito da senhora!” E uma coisa assim que me lembro bem, também, dessa classe...

Dormiam muitos alunos dessa classe de militares e, às vezes faltavam até às provas, e eu achava aquilo um absurdo... Aí eu perguntava e eles diziam: “Eles tavam, davam aqueles risinhos, eles foram pro Mato Grosso, professora, eles foram pro Araguaia, eles foram sei lá, eu não me lembro exatamente se eles diziam Araguaia, mas eu nunca desconfiei que eles tivessem um papel tão terrível, que era o da repressão da guerrilha. Era onde estava minha amiga, né? E tantas outras mulheres como ela...

Eu tenho uma grande admiração com relação a muitas mulheres que participavam nesta época. Tenho uma grande admiração pela Helena Pignatari! Acho que ela foi uma grande inspiradora para todas nós. Não só para nós, mulheres, como para toda a geração de alunos dela. O Espinosa foi aluno dela, acredito que o Roque, o Barreto ou Ibrahim, não sei. Ela era... É uma mulher muito consciente, muito, um exemplo mesmo de mulher! Uma pessoa muito batalhadora! Eu me lembro até hoje do dia em que a gente fez essa passeata aqui em Osasco... Havia, aproximadamente, umas três mil pessoas, o protesto pela morte do Edson Luis... Lembro muito. Sabe aquela farmácia que tem ali na esquina da Primitiva com a Autonomistas? A Helena Pignatari e o Professor Emir de Souza... Estavam os dois ali. Geralmente eram os dois professores mais respeitados na época, dentro da cidade. Então, aquele apoio vindo daqueles professores era força pra gente!

A Marília Negrão é outra mulher. Tenho grande admiração por ela! A Marília era uma garota nessa época, ela participava das reuniões no Sindicato dos Metalúrgicos, ia pro sindicato não sei do quê, não sei quais sindicatos que havia. Onde havia operários discutindo problema salarial, problema de Ditadura, ela estava acompanhando, assim, o tempo todo. E tinha a Aninha, né, que era namorada do Roque, na época, e também participava demais de tudo, né?

A Santina... Liguei pra ela, agora recentemente, e ela me pareceu, assim, uma pessoa muito desiludida, muito decepcionada... Eu participava do movimento estudantil, que era diferente do movimento operário, onde ela se engajou muito mais, sabe? Essa militância e a aproximação com os acontecimentos da greve de Osasco mudaram muito minha vida, porque eu era uma menina muito tímida. Quando fazia o ginásio, no Colégio de Freiras, eu era muito tímida. Era de uma timidez tão grande que quando estava dentro do ônibus, quando faltavam dois pontos pra eu descer, eu sabia que tinha que sair do meu lugar até eu descer, já começava a sofrer! Era tímida, exageradamente! Não me reconheço: Não é possível que sejam a mesma pessoa! Se alguém me dissesse que aquela pessoa que era tímida como era e hoje faz o que eu faço, como participar de saraus, nem acreditaria!!

Desde os doze anos eu escrevia poemas e músicas, mas não tinha coragem de mostrar pra ninguém. Em 1968, realizou-se a Primeira Festa da Música em Osasco e eu fui assistir no Teatro do Colégio Misericórdia, porque sempre fui muito ligada em arte. Fiquei encantada de ver aquelas músicas de pessoas de Osasco. Eu disse: “Nossa! Mas pessoas de Osasco fazendo música?!”. Eu tinha visto Caetano Veloso fazendo música, Gil, Chico, né? Um dos grandes encantamentos meu, foi ver Caetano Veloso cantando “Alegria, Alegria”, no Festival da Record. Eu lembro, que nessa época, eu estava fazendo faculdade, eu passei pela sala e vi na televisão, meus pais estavam vendo o Festival, eu nem tinha me tocado, senão estaria ali também, né, quando eu vi Caetano

cantando: “Alegria, Alegria”, eu imediatamente deixei tudo pra olhar, porque eu disse: “Meu Deus do Céu! É tudo o que eu queria! Fazer na vida era uma letra dessa ou uma música dessa.” Até hoje eu sou encantada com a música: “Alegria, Alegria”, acho linda! E... mas eu só vi os Festivais da Record pela TV, nunca fui não. Eu fui ver o Festival Abertura da Globo muitos anos depois.

Ali em Osasco eram músicas, e músicas de qualidade, as músicas do Afrânio, muito bonitas: *Paula, Pálida Pequena*; *Embaladeira*, do Orlando Miranda. Entendeu? Então, aquilo me entusiasmou muito e eu disse: “Nossa! Se arranjar uma pessoa que pusesse música numa letra minha, “quem faz poesia, talvez consiga fazer letra de música”, eu pensei. Aí, escrevi uma letra falando sobre a falta de comunicação, uma letra que eu acho, hoje, tão pobre, tão... é... mais ou menos assim: “Nasceu palavra, o amor nasceu, nasceu homem e a canção, mas não há, não há, não há comunicação”... que era o que a gente estava vivendo, né? Chamava “Asteróide X”. “Há um carteiro que a carta entrega, um telefone que não me nega, mas, não há, não há, não há comunicação.” E a letra vai toda assim, né? Aparecem os símbolos de comunicação, mas não há comunicação, que era o Jornal da Tarde com receitas, o Estadão com poesias de Camões, e essa coisa toda. A música que o Homero Ricardo, que é bombeiro, hoje, colocou e a forma como ele interpretou foi uma coisa assim, que nem parecia, eu não reconhecia a letra que eu tinha feito.

Para nossa surpresa, a música pegou, principalmente, por causa do refrão. Quando chegava a hora do refrão, o auditório inteiro cantava e nós ficamos logo pra final. No dia da finalíssima, anunciaram o quinto e o quarto lugar. Quando anunciaram o terceiro lugar, a polícia ficou na frente do palco. Aí, de cara já percebi: “O *Asteróide X* não ganhou, porque se a plateia inteira quer e eles puseram policial aí, é pra evitar algum problema”. E realmente, colocaram em segundo lugar. Anunciaram o primeiro lugar. Foi um grupo do bairro de Presidente Altino, que não tinha culpa de nada, coitados, do júri ter escolhido, né? O que o público fez com isso? Ficou de costas, fazendo “assim” com o dedão pra baixo, comandado pela Maria da Paixão, principalmente. Ela era a chefe da torcida. Eles cantaram sozinhos, no palco. O povo saiu do teatro. Bom, aí carregaram a gente, saímos do teatro carregados!!

Então, foi essa a minha estréia na cultura. Já era 1970, depois de todo o tumulto da greve e das prisões do Roque, do Ibrahim e do Espinosa. Em 1971, nós fizemos uma música, satirizando esse movimento dos *Hari Chrischna*, fizemos uma moda de viola: *Sertão, Século XX*, com um refrão, também, que dizia assim, imitando o sotaque de caipira: “Ai, ai, ai, Hari Chrischna. Ai, ai, ai, Chrischna. Sabe? Bem esculhambado. E a música também pegou. Aí nós ficamos em terceiro lugar. Depois, engraçado, eu nunca peguei o primeiro lugar aqui em Osasco! Em nenhum Festival, só nesse no Rio que, foi em 1973. No ano seguinte, com *Estacionamento Proibido*, que era uma música que meio que virava Baião, uma coisa assim. Em 73, eu já estava com outro parceiro musical, que era o José Pessoa, e compusemos o *Rio*, que não havia feito pro Festival, tinha sido feita pra uma apresentação. O Núcleo Expressão, ia apresentar a peça do João Cabral no Rio, e nos pediu algumas músicas pra trilha sonora do espetáculo e nós fizemos algumas músicas: tinha *Rio*, tinha... aí meu Deus, como era a outra? *Não sou terra, não sou gente*, não me lembro bem qual era o nome. Então, dessa vez, nós pegamos o primeiro lugar. Depois, pegamos, com a mesma música, melhor letra em Barueri, e não me lembro em que outra cidade. Passei por vários festivais. A Rádio Record vinha cobrir...

Participei também do Núcleo Expressão, que estreou apresentando uma peça chamada *Jesus*, em praça pública. Essa peça trazia de novo o quê? O Cristo era um negro, não era louro de olhos azuis que o Cristianismo prega, né, cabelos compridos e

louros. Não! Ele era um negro. O Ricardo Dias que fazia, andando pelas ruas da cidade. Então, meu irmão Rômulo era fotógrafo da Prefeitura, e ele que foi encarregado de filmar. Aí, ele me pediu para fotografar, porque ele vivia me ensinando fotografia. Ele olhava minhas fotos e dizia: “Olha, o erro foi esse, foi aquele”, e eu anotava, sabe? As coisas que ele me ensinava. Então, ele colocou na minha mão, me lembro, aquela máquina Yashica. Naquele tempo era um luxo! Eu não acreditava: “Mas ele me deu! Tá confiando em mim pra eu fazer um trabalho assim, né?!” E as fotos que existem, daquela peça em Osasco, foram feitas por mim. O Ricardo tem, estão com ele.

Agora, aqui em Osasco, em termos de cultura, o que foi muito importante foi a Vila dos Artistas, foi uma iniciativa inédita, no país, que tem servido até de tese pra muita gente, que era um local onde os artistas moravam e faziam arte, transmitiam arte pra comunidade. A Vila ficava no meio de uma favela, e uma das coisas mais importantes, que eu acho, em termos de cultura dessa cidade foi isso, porque vi ali gente assistindo uma peça de teatro, vendo um filme pela primeira vez: se cutucava e ria, porque nunca tinha visto aquilo. E um ano depois estava participando de debate, dando opinião e tudo. As mesmas pessoas!!

Quando as crianças começaram a ir lá na Vila, nós achamos que a gente tinha que montar uma biblioteca. Aí, eu falei com meu filho se ele queria doar a biblioteca dele, os livros todos que ele já tinha lido, não ia reler mais. Livros pra criança, se ele queria doar... Aí, ele doou. Eu acho que até por isso, que em sinal de reconhecimento, os meninos batizaram a biblioteca com o meu nome, Risomar Fasanaro. Depois, quando acabaram com a Vila, desfizeram a biblioteca, colocaram numa escola, numa escola estadual.

Nos anos 70, a grande moda era vender, mimeografar os poemas. Naquele tempo ainda não havia computador, né? As pessoas datilografavam o poema e rodavam em Mimeógrafo, às vezes até a álcool, pra vender. E, a gente ia ao cinema que tinha gente vendendo livrinho desse jeito, nos bares, em todos os locais, né? Então, a gente queria também fazer, eu vivia cobrando isso. Eu dizia: “Aí, Carlos, vamos fazer alguma coisa, mas ninguém se prontificava. Um dia, o Carlos chegou pra mim e disse: “Escuta! Vamos montar um jornal, uma revista?”. Eu disse: “Ai, Carlos! Que maravilha! “Então vamos fazer.”

Esse grupo, Veredas, além da publicação que a gente fazia, tinha esse José Pessoa que tocava e compunha comigo e tinha um grupo musical. Então, nós resolvemos partir pra periferia. E a gente fazia algumas coisas, alguns resgates de músicas folclóricas: *Bumba, meu boi, Ciranda*. Então, quando a gente chegava nos Centros de Vivência, a gente fazia danças folclóricas. Fazia varais de poesias, lia poesia. O Zé cantava com o grupo dele. Então, foi uma época, assim, muito rica, embora, a administração não fosse, que a gente queria que fosse, né? Nos anos 70, era o prefeito Francisco Rossi, mas nos possibilitava fazer essas coisas. Mas, depois que o Rossi acabou com a Feira, em 1991, ele ficou, assim, sujo com a gente, pra sempre.

Nossa, às vezes, eu penso que não passei tudo isso! “Será que a gente passou mesmo por tudo isso? Será que eu não estou sonhando?”... Porque foi muito duro, gente! Quando eu tive aquele episódio no Recife, quando eu lutei, eu não sei se é coisa da minha cabeça, mas eu me senti seguida mais ou menos uns dez dias! Acredito que seja coisa da minha cabeça, que não houve isso, mas o medo era tamanho que você não sabia, nunca, se você estaria viva no dia seguinte. De repente, o Dops ia invadir a tua casa e dizer: “Você não tinha que ter ido pra passeata, você não tinha que ter ido pro ato, não tinha”, sabe?! O fato de um dia eu ter visto queimarem a bandeira dos Estados Unidos, não lembro se foi o José Dirceu, se foi o Travassos, isso me parece, assim, uma coisa inverossímil, sabe?!

Fica uma paranoia no ar. É coletiva. Até hoje, minha irmã ri muito, porque quando eu vou falar alguma coisa pra ela, de repente, abaixo a voz e fico falando quase que cochichando. Ela: “Por que você tá cochichando?”! É o hábito daquela época. Agora, até que sou uma pessoa que confia nas pessoas, eu me abro e falo, mas até há pouco tempo, eu era incapaz de contar alguma coisa minha pra alguém. Era fechada. Nem questionava se a pessoa merecia confiança ou não, simplesmente não falava. Agora, acho que isso fez com que a gente crescesse muito como pessoa, se fortalecesse, porque ou você era forte ou você não ficava! Foi um verdadeiro teste de seleção.

Por isso acho que é preciso contar essas coisas. Acho que é preciso contar para que as pessoas saibam o que a gente passou, porque às vezes as pessoas cobram: “Lá vem vocês falarem de 68!...”. Eu já ouvi isso! Umas duas vezes vi de uma mesma pessoa. Eu digo: “Puxa, mas a ferida ainda tá sangrando, não cicatrizou! (...) Não cicatrizou. Então é uma coisa que dói e sangra sempre! (...)”

As pessoas que não viveram aquele momento, precisam saber disso porque esse momento pode voltar. Eu não penso que isso é coisa acabada...

Era muito triste (...) porque na ditadura você comprava o jornal, esperando ler o que estava acontecendo e o que você via eram receitas que não davam certo, né? Eram receitas que não davam certo! Então, hoje não é diferente: em vez de receitas, eles publicam coisas que não apuraram, que eles não deram ouvidos às pessoas. As pessoas são acusadas e são punidas sem serem ouvidas, sem terem direito à defesa! Que diferença existe entre isso e publicar receita? Pra mim não existe! Você tem de dar às pessoas o direito de defesa, elas podem ser suas inimigas, mas você tem que dar a elas o direito de defesa! Não é porque é meu inimigo que eu vou acusar! Sem saber se ele cometeu aquilo ou não.

A geração de 68... Principalmente as pessoas que partiram mesmo pra luta armada, porque acreditavam, porque eram uns meninos, né? Eram umas crianças! E tão inexperientes quanto aquele fato que contei a vocês que a gente pintou uma faixa sem colocar jornal embaixo! Quer dizer: “Como é que o exército se acha no direito de fazer o que fez, dizimar aquela juventude daquela maneira?! Será que não havia uma forma de diálogo? Eles podiam ter dialogado com essas pessoas! Então, eu tenho uma admiração muito grande pelos que entregaram a vida... (...) pelos que entregaram os melhores anos da sua juventude, os melhores anos de sua vida, porque os melhores anos da vida da gente são os anos da juventude, eu acho! Não é?! Entregaram sua vida em defesa de um amor ao país, em defesa de um amor ao povo...

Houve erros? Claro que houve! Estavam despreparados? Estavam despreparados. Mas eu me questiono, me pergunto o seguinte: não havia outros caminhos?! De dialogar com aquela juventude? Eram todos jovens! (...) O próprio Lamarca era muito jovem!

Seria preciso dizimar aquelas pessoas daquela maneira bárbara?! Levar as pessoas num avião e jogar no mar?! Sabe? Ao mesmo tempo, tenho um orgulho muito grande de ter pertencido a essa geração, muito grande! Porque eu acho que, não sei antes, acho que antes; também houve pessoas que fizeram isso, mas o que eu vivi foi essa geração, né? E foi a geração mais bonita que eu vivi. Foram os anos mais bonitos, mesmo tristes, mesmo sendo terrível como era, mas com pessoas absolutamente desprendidas, que pensaram mais nos outros que em si mesmo, ao ponto de entregar a vida!

Nossa Senhora! A gente tava vivendo um florescimento, uma coisa tão linda, naquela época, era uma juventude sedenta de saber, sabe? Nos anos 60, as pessoas estavam ligadas a Oswald de Andrade. As pessoas queriam conhecer a obra de Guimarães Rosa, todo mundo queria ler o livro de Guimarães Rosa, se emprestava livro.

Lembro que na faculdade nós éramos muito sem dinheiro, e nós formamos um negócio assim: éramos três amigas, eu lembro que era a Marta, não me lembro a outra, mas era Marta Carmelo, eu e a outra; a gente comprava um livro e uma passava pra outra. Depois comprava outra e... sabe? Porque a gente não podia cada uma comprar um livro, porque a gente não tinha dinheiro. E lia-se! A gente lia tanto que até as Encíclicas do Papa, a gente estava a par. Era uma época em que as pessoas eram sérias, liam os jornais mesmo! Liam os jornais do começo ao fim. Queria-se saber de tudo, se você sabia que o Dom Helder Câmara ia fazer uma palestra na Faculdade São Francisco, todo mundo ia pra lá; se o Florestan Fernandes iria fazer uma palestra no Tuquinha, na PUC, todo mundo ia pra lá! Era desse jeito! Sabe?

Eu não sei hoje, porque não convivo mais tanto com a juventude... Será que é assim? Ainda? Não sei. Então, fico pensando se hoje, com todas essas facilidades, com computador, essa juventude está aproveitando isso? Será? Porque se nós tivéssemos computador naquela época, o que a gente não teria feito? E com celular?...

A gente via tudo. Era uma sede de saber, de estar a par de tudo, mas acho que me liguei mais mesmo foi na música e na literatura. Sempre foi uma das minhas grandes paixões, embora eu seja muito apaixonada por cinema também.

Tudo isso foi maravilhoso! Maravilhoso! Eu acho maravilhoso ter convivido com os meninos, os operários e estudantes, porque a Cobrasma, pra gente é um símbolo muito forte ainda hoje. A greve de Osasco e toda essa história nasceram ali! E dali se irradiou pra toda a cidade. Então, eu tenho uma profunda admiração pelos metalúrgicos! Sou fã dos metalúrgicos, porque acho que eles são muito conscientes. Quando comecei a participar do movimento sindical dos professores, é da primeira greve nossa, de professores, que foi em 1978, coincidentemente o único lugar que nos recebeu, nos abrigou, foi o Sindicato dos Metalúrgicos lá do bairro de Presidente Altino. Era lá o nosso “Quartel General”. Eles colocaram o telefone à nossa disposição, tudo. Eu vejo que os professores não têm a organização, o sentimento, a consciência política que os metalúrgicos têm! É muito diferente! Eles merecem o nosso respeito!

Fiquei muito surpresa quando estava organizando a exposição sobre a greve de 1968, pela Secretaria da Cultura, porque eu liguei pra Cobrasma, pra ver se eles tinham fotos dos anos 60, pois da Greve seria mais difícil. Se havia algumas fotos, porque o Sindicato tinha emprestado pra eles as fotos e eles não tinham devolvido. Uma pessoa que me atendeu disse que o pai dela era da Direção da Cobrasma e tinha dito que a greve de 68 não tinha tido importância nenhuma!! Então, tinha sido uma greve de só dois dias e que não tinha importância nenhuma!

Aí, eu tive que falar para ela que a história não é bem essa, que as coisas não têm a sua importância pelo tamanho do tempo, pela dimensão do tempo. Às vezes, em segundos, uma pessoa pode ser tornar um herói! Um bombeiro pode salvar uma criança em questão de segundos e a grandeza do gesto aconteceu, né? Eu disse pra ela que a greve poderia ter sido curta, foi curta, mas a importância que ela teve para a transformação do sindicalismo brasileiro foi muito grande!

Então, acho que essa história não foi ainda suficientemente explorada, suficientemente contada, é uma história que precisa ser contada! Porque as pessoas só dão importância àquilo que elas conhecem! Quando elas conhecerem verdadeiramente como foi a greve, o que aconteceu, então, elas começarão a dar importância. Mas se não sabe, é claro que, não vão dar!

Como essa greve foi feita por operários, estudantes, gente jovem e gente que não era de uma classe, assim, mais elevada, é possível que isso seja desprestigiado exatamente por isso. Talvez, se tivesse sido feito pela classe dominante da cidade, todo

mundo falasse dessa greve, mas como não foi, foi por pessoas mais simples, ficam dizendo que a greve não teve importância nenhuma!

Eu gostaria muito que as pessoas conhecessem bem essa história, essa época da ditadura, pra valorizar mais a época que nós estamos vivendo, porque foi conquistada duramente. Muita gente perdeu a vida pra que hoje se pudesse falar, pra que hoje se pudesse ter liberdade! (...)

Queria que as pessoas não desprezassem isso, vissem esse momento que a gente está vivendo com grande seriedade. Analisassem tudo que essas pessoas que sofreram durante a ditadura passaram e fizeram, para que hoje elas gozassem de liberdade e justiça; que esse país passasse a respeitar mais os direitos dos outros e reparasse aqueles que foram injustiçados.

SANDRA NOGUEIRA

Vivi a vida dele de uma maneira tão próxima, tão próxima... E eu sei a vida dele. Sei o que é o Zé Ibrahim... Eu sei o que foi! Eu sei como doeu! Sei como dói!

Eu sou Sandra Nogueira. Sobrinha do José Ibrahim. Sou a neta mais velha de cinquenta netos e filha da Nazira, uma das filhas da “casa das sete mulheres”!! Minha mãe é a quarta filha de sete mulheres e quatro homens. Tem a Nazira, a Mira, a Maria José, a Teresinha, a Zelinda, a Ana... Cada uma tem um nome diferente, mas como o meu avô era árabe, alguns têm nome árabe como a minha mãe, Nazira, a tia Mira, meus tios, enfim. Então, eu sou a mais velha das sobrinhas e a mais velha das primas. A mais velha das netas... E sou só seis anos mais nova que o Zé. Então, meu tio nasceu – minha avó teve ele com quarenta e sete anos – e seis anos depois eu nasci!

Nós crescemos juntos. Sabe, pra mim é como se fosse um irmão mais velho. E ele também era muito agarrado com a minha mãe e com a minha tia Amira. Nós somos muito ligados! Inclusive, ele era muito ciumento! Quando nasci, uma vez ele queria mamar na minha mãe! E não mamou. Uma vez... Vou contar isso porque foi muito engraçado e acho que ele vai rir! Uma vez quase me matou!! Eu era pequena e em casa tinha muitas frutas. O quintal era muito grande!... Ele me levou embaixo de uma mexiriqueira e me encheu de mexirica verde!! E eu quase morri! De tanta mexerica!... Da outra vez, ele jogou o sapato na minha cabeça!! Nossa infância foi bem divertida!

Então, acho que a minha história com o Zé Ibrahim começa desde criança... A gente brincava de Roy Roger, de bandido e mocinho, ele me amarrava... Amarrava as minhas mãos, me colocava em cima da caixa d'água e me esquecia lá! Teve essas coisas!... Até que uma vez, eu era pequena ainda, devia ter uns dez anos, nós fomos para Porto Alegre. A família do meu pai era gaúcha e tinha uma fazenda lá em São Gabriel. Nós fomos para Porto Alegre ver meus parentes para depois irmos para São Gabriel. E o Zé foi junto com a gente. Eu, minha mãe e meus irmãos. E lá em Porto Alegre tinha um primo da minha avó, uruguaio, porque minha bisavó por parte de pai era uruguaia. Manolo. E ele era casado com uma sobrinha do João Goulart.

Eu sei que o Zé ficou... O Zé era menino, tinha uns dezesseis anos, e ficou muito amigo desse primo Manolo. E sumia todas as noites! Todas as noites o Zé sumia com o Manolo... Eu era menina, era criança, achava que o Zé estava aproveitando para namorar, para arrumar uma namorada em Porto Alegre. Depois nós descobrimos que ele já estava envolvido com a esquerda, e lá com esse primo. Lá ele se encontrava com o Brizola e com o João Goulart. Entende? Acho que foi nessa época que começou a se envolver mais com a esquerda. Mas até então ninguém sabia. Nós fomos saber isso muito tempo depois, quando esse primo contou, que ele iam a reuniões. Isso tudo durante o governo do João Goulart.

Depois disso, o Zé ia muito cedo para a Cobrasma e estudava no Ceneart. Meu pai era o chefe da Cobrasma. Ele que levou o Zé pra trabalhar lá. O Zé fez testes, passou por todos os procedimentos normais de qualquer um. E meu pai deu apoio!... Fazia parte do CEO, que era o Centro Estudantil Osasquense. Para a gente aquilo era normal, porque os estudantes faziam parte de grêmios, dessas coisas todas. Eu estudava, nessa época, no colégio Misericórdia. Estudei também no Frei Gaspar, mas minha mãe achou que eu era “muito feliz”, que as freiras dariam um jeito e me colocou no colégio

de freiras. Ia estudar no Ceneart, mas acabei no colégio de freiras... E o Zé participava das reuniões do CEO. A gente achava que o envolvimento dele era só com o CEO, como os outros estudantes, os amigos como o Bira, o Ubirajara Coutinho. Às vezes ele trazia papéis, livros... Mas em casa sempre teve livros. Minha avó lia muito, a gente lia bastante. Muito! Ele trazia, mas escondia... Lembro que era muito curiosa e ficava lendo os livros da minha avó. E lembro muito bem que queria pegar alguns livros dele e ele falava: “Esses livros ainda não são para você. Mais tarde você lê”. Mas isso tudo pra gente era natural...

Até que de repente, em 68, não me lembro bem pra onde a gente estava indo - eu e a tia Mira - e a gente sempre andava com um radinho de pilha porque algumas pessoas já tinham sido presas. Algumas pessoas de Altino, de Osasco, que nós conhecíamos... A gente sempre andava com o rádio para ficar ouvindo o que estava acontecendo. Virou uma mania minha e dela. A gente ficava com o rádio... E nisso a gente ouviu que a polícia estava invadindo a Cobrasma! Nós fomos para lá, desesperadas. Estava aquele tumulto todo! Aquela coisa horrível!

Nós voltamos correndo!... Quando chegamos em frente ao sindicato, achávamos que o Zé estava no sindicato, o sindicato estava cercado também. Ele tinha um cachorro, Sheik, que acompanhava ele na Cobrasma, ficava lá no sindicato. E eu vi o cachorro na frente. Então, achei que ele estava lá, entendeu? A gente não sabia o que estava acontecendo. E foi nesse dia que a gente descobriu qual era o envolvimento do Zé com o movimento de esquerda. Engraçado, a gente acabou deduzindo. Ninguém contou, ninguém falou. Pela própria situação...

A minha avó estava muito desesperada! Minhas tias foram chegando, sabe, e a minha avó falou: “O Zezinho está envolvido! O Zezinho está envolvido com a esquerda”. Não sei se minha avó já sabia, porque comigo ela nunca comentou nada. Com ninguém. Ela nunca comentou. Até hoje não sei se ela já sabia, porque era uma pessoa muito inteligente, muito perspicaz. Era de uma sensibilidade, tinha uma percepção muito grande das coisas! Não sei se ela, naturalmente como mãe, já sabia, tinha percebido, ou se de fato o Zé contou para ela.

Houve uma vez que o Zé tirou férias e foi para a Bahia, e ele nunca tinha saído porque meu avô era muito rígido. Não só com as meninas; com os homens também! De pedir a bênção, de chegar no fim do mês e falar: “Aqui está meu pagamento”. Daí ele dava o suficiente para que os filhos fizessem as coisas deles. Era bem nesse estilo. E o Zé nunca tinha viajado e foi para a Bahia com um grupo de amigos. E lembro muito bem que quando voltou, estava machucado... Tinha uns machucados, uns ralados... E a minha avó perguntou: “O que foi, o que aconteceu, Zezinho?”. E aí ele disse: “Não, é que a gente foi passear numa praia e nós estávamos numa Kombi...”. Eu não lembro muito bem a história que ele contou, se bateu, se deu uma freada brusca e se machucou... Depois nós descobrimos que isso aí não era verdade. Na verdade, eles tomaram uns cassetes da polícia, que até hoje a gente não sabe bem o que aconteceu. Ele não quer tocar no assunto. Entendeu? Então, não sei se através disso, minha avó já começou a desconfiar. Mas nós tivemos mesmo certeza nesse dia. Foi também nesse dia que o Zé sumiu...

Para mim, meu tio... Eu era uma menina de quatorze anos! Apesar de que sempre falo que sempre fui uma menina privilegiada. Sempre tive pessoas ao meu redor, pessoas que me ensinaram muito! Minha avó, minhas tias, minha mãe, meu pai... Então, eu tinha noção sobre o que era ser de esquerda. E minha noção era de que ser de esquerda era uma pessoa que lutava para que não houvesse miséria, para que não houvesse pobre, entendeu? Tinha muita pena de ver pessoas mais humildes, sem condição financeira. Estudava no Colégio Estadual Frei Gaspar e tinha muitas

amiguinhas que moravam no cortiço. E tinha muita pena! Tinha muita pena de ver famílias! Embora nós fôssemos pobres, de família operária, a gente tinha uma situação muito boa. Então, quando aconteceu da gente descobrir que o Zé era um cara de esquerda, nossa, pra mim!... Até hoje ele é o meu ídolo!! Meu ídolo! Pra mim, era o meu ídolo! “Tenho uma pessoa na minha família, que é o meu tio, eu cresci com ele e que está lutando pelo povo”! Pra mim, estava lutando pelo povo! Agora, para as outras pessoas, ele era terrorista. E o que era terrorista? Terrorista mata. Sequestra e mata, entendeu? E meu tio nunca matou.

No Colégio Misericórdia tive muitos problemas! Problemas sérios! Me convidaram para sair do Colégio. Tive que sair do Colégio... Porque naquela época, noventa por cento das alunas que estudavam lá eram filhas de militares. Entendeu? E eu era sobrinha de um terrorista! As irmãs chamaram minha mãe e meu pai e disseram que eu tinha uma séria tendência à liderança, e que o Colégio não era para mim. Isso porque as freiras foram pressionadas pelos pais, pais militares, né? Como é que meus pais podiam ter uma filha terrorista?! E o clima era de alunas, assim, me olharem e dizerem: “O tio dela é terrorista”!

Meu tio não era terrorista. Meu tio era meu ídolo. Era o cara que estava lutando para que houvesse igualdade social, para que houvesse justiça social. Então, era meu ídolo. Acho que para todo mundo em casa ele era um ídolo. Com certeza! Eu discuti com muita gente! A tia Amira também. Discuti com várias pessoas na escola... Lembro que apenas duas amigas da escola – inclusive uma era filha de militar e é irmã do Gilberto Port – continuou sendo minha amiga até hoje. E a Gilda, que era outra amiga minha. O resto... Tinha uma menina, Maria Amélia... A Maria Amélia me olhava, assim, como se eu fosse uma leprosa! Entendeu? Essas coisas...

E alguns vizinhos... A maioria dos vizinhos era solidária! Nossa, estavam sempre presentes! Faziam tudo, perguntavam sempre do Zé, mandavam coisas... Cada um fazia uma comida, um doce para levar pra ele na prisão!... Alguns vizinhos no começo achavam que ele era bandido... Porque era aquela imagem que a direita soltava. A imprensa não podia falar nada! Então, a imagem que soltavam era essa: eram terroristas procurados porque estavam matando pessoas, que iam tomar tudo o que você tinha.

Na época, depois que teve a greve da Cobrasma, e ele sumiu, a gente não tinha noção onde o Zé estava. Tinha a madrinha dele que tinha um sítio em Amador Bueno e ficamos sabendo que levaram ele lá pro sítio dela. Se Amador Bueno hoje é mato, você imagina naquela época!! Ele ficou na clandestinidade. Depois foi preso aqui em São Paulo e teve aquele negócio da tortura... E quando ele foi preso é que começou, de fato, o martírio da família inteira... Inclusive dos vizinhos!

Os vizinhos sofriam muito de ver, porque a gente era tudo muito amigo! A gente se conhecia a vida inteira! Ver o sofrimento da minha avó, do meu avó, do meu pai... E da gente! A gente não sabia que ele estava envolvido com a guerrilha, só com o sindicato e o movimento estudantil. Soubemos disso muito tempo depois!

Quando ele foi preso, nós passamos vinte e oito dias, eu, minha tia Amira, minha mãe e minha avó, atrás dele. Chegávamos na PE, eles diziam: “Não está aqui”. Chegávamos no DOPS, “Não está aqui”. No II Exército, na rua Tutoia: “Não está aqui!”... Assim, ficávamos andando de um lado pro outro... E aí um soldadinho disse pra nós: “Eu estou com pena de vocês. E eu vi o sofrimento dele. Vou falar onde ele está. Mas procurem logo, porque eles vão matar o Ibrahim!”.

Fomos procurá-lo... A gente já estava, assim, desesperada! E a gente sabia que ele estava lá! Entendeu? E eles diziam: “Não tá, não tá, não tá”! Aí teve um dia, que estávamos eu, minha tia Amira e minha avó... Minha avó era de idade... Sabe?!

Naquele dia, a gente estava tão desesperada, que a gente começou a chorar muito! Eu e ela! A gente começou a chorar muito! E aí veio uma pessoa... que veio... me paquerar!! Júlio de Campos! Me paquerar! Ele era investigador. O pai dele era delegado. Ele ficou com dó de ver a gente, de ver minha avó... Aí falou que ia lá no quarto andar, que tinha um delegado... Aí o doutor Ricardo, que era um delegado, desceu e veio falar com a minha avó e com minha tia. Disse: “Olha, seu filho está aqui, seu irmão está aqui. Só que ele está incomunicável. E não sei quanto tempo ele vai ficar aqui. Mas está aqui. Agora se vocês quiserem, podem fazer um bilhete que a gente entrega, pra ele saber que vocês estiveram aqui”.

E a gente fez. Cada uma escreveu um pouquinho e foi aí que nós ficamos sabendo que ele estava no DOPS. Escrevemos: “O papai está bem. O vovô está bem”. Essas coisas assim... “Você está bem? Fica tranquilo. Está todo mundo bem. A gente vai vir aqui sempre!”.

Já desconfiávamos o que estava acontecendo com ele... Já desconfiávamos... Que ele estava apanhando muito! Depois que o rapaz falou que ele estava lá, que já tinha apanhado bastante e que a gente corresse logo pra lá antes que matassem ele... Então, a gente sabia... Não tinha muito o que deduzir! O que queríamos era que ele escrevesse um bilhete, dizendo qualquer coisa, para termos certeza que estava vivo. E ele escreveu: “Olha, mamãe, não fica preocupada que estou aqui com os amigos... O Neto, não sei quem mais... A Maria Augusta, estava aqui”...

Eu só sei que nessa época do Dops, pra gente!... Todo sábado a gente ia visitar o Zé. Saíamos eu, tia Amira e minha avó, com um monte de sacola porque a gente levava comida... Levava roupa pra ele e pros outros também! Então, imagina, minha avó era baixinha, assim como a tia Amira e como eu, já de idade... A gente pegava o trem, com aquelas sacolas enormes para levar coisas para ele no Dops! Os vizinhos mandavam coisas: “Olha, manda isso aqui pro Zezinho! Manda esse bolo pro Zezinho!”. Mandavam bilhete, oração... Aquela foto do aeroporto em que ele está, a blusa dele foi uma vizinha nossa, a Elba, que tricou pra ele!

Nós chegávamos no Dops, o delegado que era apaixonado pela minha tia Amira, mandava a gente subir. Eu, minha tia e minha avó. Ele falava pros investigadores: “Manda a família do José Ibrahim subir!”. Ele era apaixonado por ela! Se apaixonou por ela na cadeia e deixava a gente subir. E a gente ia lá na sala dele... Ele mandava o Zezinho subir... Um dia o Zé estava com o dedão machucado. Minha avó perguntou: “Zezinho, o que você fez no dedo?”. E ele: “Ah! Mamãe, é que estava jogando bola na cela e bati!”. Que nada! Eles tinham enfiado um estilete debaixo da unha dele! Só depois ele contou, entendeu?... Mas o doutor Nilton sempre deixou a gente ver o Zé.

O fato de nós sermos mulheres me deixava com medo. Sou honesta! Apesar de tudo, eu via o que eles faziam com mulheres! A Dulce! A Dulce quase morreu! A Dulce quase morreu!! Eles enfiaram tudo o que eles podiam dentro dela! Ela perdeu o útero!! Perdeu o ovário. Eu nunca falei com a minha tia e com minha avó, mas tinha muito medo! Já sabia o que acontecia. Então, tinha medo. Mas não falava nada porque era uma coisa... Você ia falar?... Imagina! Minha avó, minha tia... Pra mim, tinha que guardar esse medo pra gente ter força e continuar fazendo o que a gente tinha que fazer por eles. Eu tinha medo...

Agora, é lógico que pra gente foi mais fácil! Sabe por quê? Porque como mulher, eles se encantavam com a gente!!

Acho que o Dops foi, assim, a pior parte!... Naquele Dops, fora aquela coisa pesada que tinha lá dentro, aquilo era muito frio. Aquilo era muito gelado!... Lembro que aquilo era frio e, às vezes, a gente ficava ali o dia inteiro para entregar as coisas pra ele e receber um bilhetinho, uma cartinha!! Os investigadores ou os guardinhas

pegavam as sacolas, revistavam tudo e depois levavam pra lá. E daquela porta... Tinha uma porta de ferro que hoje não tem mais... Daquela porta não passava!

Só que a gente viu muita coisa! Muita! A gente já estava lá quando vimos, inclusive, o Roque descer todo machucado por causa da tortura! Esse dia foi muito triste!... (...) Eu estava parada, minha tia estava sentada com a minha avó... Estava parada pra ver de qualquer jeito se via o Zé, porque tinha uma janelinha lá nas celas... E aí vejo o Roque descendo, todo machucado!... O Roque me abraçou muito, muito!... Eu não consigo nem falar!... (...)

Eles deixaram ele me abraçar! Deixaram porque não esperavam, sabe?... O Roque desceu com os investigadores... E eles não esperavam que a gente estivesse ali! Paradas naquele local! A gente invadiu! E como a gente era bonita... Nós éramos bonitas, e eu era uma menina de quatorze, quinze anos!... Eles ficavam assanhados. E a gente aproveitava e se enfiava em tudo quanto era canto! E nesse dia, o Roque veio todo machucado!...

Nós víamos muitas pessoas! Algumas que nós nem conhecíamos... Muito machucadas! Teve uma vez que... É uma coisa que até hoje me abala! Até hoje eu me sinto culpada!... De não ter feito alguma coisa... A gente estava lá, desceu uma moça toda machucada!! Ela sangrava por baixo!... Toda machucada!... Com o Júlio César, que me paquerava. A moça pedia... Ela não conseguia nem ficar de pé!... Entendeu? Ela pediu pelo amor de Deus para ir ao banheiro... Tinha um banheirinho próximo assim, que a gente usava. E aí levei ela ao banheiro... E ela não conseguia falar, não conseguia ficar em pé... Ela sangrava por baixo... Ela dizia: “Olha, me machucaram muito, muito”!! Olha como eles me machucaram!! (...)

Peguei um pouco de papel... E o sangue escorrendo!... E ela falou pra mim: “Olha, sou de Minas”... Eu não estava com bolsa nem nada! E ela disse: “Minha família... Minha família não sabe que estou aqui”... E me deu o endereço... Eu gravei o endereço! E queria de todo jeito ir pra Minas para avisar a família dela. Mas meu pai não deixou! Ele tinha medo que fizessem alguma coisa com a gente naquela hora. E não tinha como ir para Minas. Como é que eu ia para Minas?! A gente tinha muito medo!... O dia em que vi aquela moça machucada e ela me falou que foi torturada, que eles enfiaram o cacete!... Até hoje eu não sei o nome dela. (...) Não sei quem é ela...

A minha avó, os livros, as coisas do Zé, ela fez um buraco no quintal e enterrou... Todas as coisas do Zé! Porque eles invadiram a casa da Iracema, e de várias famílias. A nossa não! Eles ficavam em casa. Depois, a gente até brincava. Falava: “Ô, entra aqui. Vamos tomar um cafezinho!”. Fazer o quê?! Porque andavam tudo à paisana... Você ia ao supermercado, tinha três à paisana seguindo você. Ia à padaria, tinha mais dois... Entendeu? Até hoje a gente não sabe por que eles não entraram na minha casa... Torturavam, inclusive, menores... Eu era menor! Torturaram crianças! O Hermes! Pegaram os filhos do Hermes! O Hermes acabou apanhando muito e sofrendo um monte de coisas, porque quase mataram o filho dele, o bebezinho dele! Comigo eles nunca mexeram.

A nossa família... Graças a Deus, eles nunca entraram na nossa casa! Nunca pegaram ninguém. Só a minha tia Ana... Nós ficamos a noite inteirinha sem saber de nada. Nós ficamos sabendo que ela tinha sido presa porque na época não tinha o “calção” na rua Antônio Agu, e aí ela estava dentro do carro da polícia e algumas pessoas, alguns conhecidos, viram ela dentro do carro. E ela gritou: “Avisa minha família!”. E eles avisaram a gente que a tia Ana estava num carro de polícia! Dessa história, só sei que eles chamavam o capelão. Diziam que o capelão ia rezar pra ela... amedrontavam ela com essa ideia. E foi assim!...

O Zé saiu da prisão no dia quatro... No dia três de setembro foi o aniversário dele. E ele já estava preso no presídio Tiradentes. E lá no presídio Tiradentes havia os presos comuns – era só uma cerca que separava os presos comuns dos presos políticos. E aí a gente resolveu fazer um bolo, uma festa de aniversário pro Zé. Nós conversamos com o diretor do presídio, que disse: “Tudo bem, só não pode bebida alcoólica, e nós vamos revistar, como fazemos sempre, tudo o que vocês trouxerem”. E aí, na verdade, o que era para ser um bolo, virou uma festa! O seu Menk, por exemplo, era muito amiga da minha família e ele tinha um frigorífico. O seu Menk deu um leitão inteiro pro Zezinho. E aí ele assou o leitão. E aí era quibe, era bolo, refrigerante... Tudo o que você possa imaginar! Isso no dia três de setembro de 1969. No dia seguinte, ele saiu do Brasil! Inclusive o pessoal do presídio montou uma mesa com todas essas coisas no pátio. Alguns presos... Quem não tinha família, não descia pra tomar sol nem nada, desceu! Eu passei por namorada – acho até que eles sabiam – mas passei por namorada de vários!! Do Maranhão, que era um menino do movimento estudantil lá no Maranhão. Passei por namorada dele, para ele poder descer, ficar no pátio. Passei por namorada do Frei Beto!...

Aí desceu todo mundo! Inclusive nós mandamos as coisas – porque sobrou muito – para dividir lá com os presos comuns. E terminou a festa do aniversário do Zé, do horário de visita. Nós vínhamos embora para casa... E o que aconteceu? Ficamos sabendo a notícia que o embaixador americano... Nós ficamos sabendo na rua a história que tinham sequestrado um embaixador americano e que estavam pedindo quinze presos políticos, e no caso o Zé estava junto. E a minha tia Ana comentou: “Viu, tá vendo, o meu irmão já vai sair!”. Não sei como alguém lá dentro ficou sabendo, na Corregedoria, e falou: “Tá vendo, se vocês fizeram a festa é porque já sabiam que iam sequestrar o embaixador e que iam pedir o Zezinho”.

Então, o que aconteceu? A gente estava na rua. De repente, estava aqui chegando em Presidente Altino... A rua estava lotada de gente! Lotada! Os vizinhos todos, o bar lotado! E a gente: “Meu Deus, o que está acontecendo?”. E eles: “Seu irmão vai sair!”. As pessoas gritavam: “O Zezinho vai sair!”. Ou: “Saiu o nome do Zezinho no rádio! O Zezinho vai sair da prisão!”. O bar lotado! Os vizinhos! A gente desesperada... E o que é que aconteceu? Fomos lá pro presídio! Voltamos pro presídio para procurar o advogado dele que era o doutor Serpa. O doutor. Serpa, medroso, disse assim: “Eu?! Não vou de jeito nenhum, porque tenho medo de sofrer um atentado!”. Nunca me esqueço da covardia dele!...

Ele era um advogado famosíssimo! E lá fomos nós, sozinhas, à noite... E todo mundo lá, os meninos... A gente via... De longe, dava para ver as janelinhas, as grades... E a gente só via eles pondo a mão e gritando! Sabe, a gente não sabia o que pensar! A cabeça da gente atordoada! E a gente queria ver ele, queria falar com ele. Imagina que eles iam deixar! Mas a gente achava que iam, entendeu? E lá, pedíamos: “Pelo amor de Deus! Deixa a gente entrar! Deixa a gente entrar! Deixa eu falar com ele! Deixa eu ver!”...

Bom, voltamos para a casa, lógico! Ninguém dormiu a noite inteira. E aquela coisa toda... Daí o Zé saiu! O Zé saiu... Foi embora...

Eu acredito muito na proteção. Acredito muito nisso! Sempre trataram a gente super bem, com café. Traziam água... Um dia, a gente brincou com o delegado Nilton. Ele falou que não ia em Osasco porque tinha medo da VPR. E a gente brincou: “Meu avô tem uma coleção de cachaças. Cachaças raras... Ele falou: “É, pra ver uma coleção de cachaça, até esqueço da VPR”!! Ele era uma pessoa muito humana! Conversava, contava as coisas... Se emocionava! Ele falava: “Admiro muito o seu irmão. Admiro muito o Ibrahim. É um menino de ouro, muito inteligente! Mas isso não dá futuro pra

ele”. Ele conversava muito...Que era muito arriscado! Inclusive, falou que gostava muito do Zezinho, porque tinha um sobrinho que era muito parecido com o Zé e parece que ficou paraplégico. Eu não lembro se morreu... Mas se parecia muito!

O doutor Nilton Fernandes!... Inclusive foi o primeiro delegado a liderar uma greve de delegados. A primeira greve de delegados foi comandada por ele. Velhinho já!... Sempre nos trataram muito bem. E de certa forma, o Zé teve alguns privilégios por causa da minha avó. Ela tinha muita idade e eles se compadeciam dela. Teve um dia que minha avó estava tão atordoada e tinha um monte de jacarandá mimoso na rua Antônio Agu, e tinham cortado alguns troncos... E ela caiu nas pontas, se machucou todinha! Quando nós entramos no Dops, eles perguntaram o que a gente estava fazendo ali. Nós falamos: “Estamos procurando o Ibrahim”. Quando falamos Zé Ibrahim, te juro por Deus, vieram uns trinta! Eles perguntavam: “Vocês são parentes do Ibrahim?” Se não me engano. Era o Fleury que estava lá. Ele olhou pra mim e fez assim: “Ah! Se eu soubesse quem era o Ibrahim! Imaginei que Ibrahim era um turco deste tamanho! Grandão, bigodudo. Se soubesse que era um moleque, magro, franzino, não tinha posto tanta gente atrás dele!”.

Aí veio outro investigador e viu a minha avó, e perguntou: “Quem fez isso com a senhora?”. Olha só!... A minha avó não entendeu e falou: “Não entendi. Que que foi, moço?”. E ele: “Quem fez isso na senhora?”. Ela: “Eu estava vindo assim, caí”. Minha avó era muito simples. Mas muito esperta!...

Teve uma outra vez no Dops, que eles chamaram a gente, deram cafezinho... Aí pegaram um monte de álbum de fotografia!... E falaram assim pra minha avó: “Olha, a senhora quer ver? Tem um monte de foto aqui! A senhora conhece algum desses aqui?”. Aí a minha avó: “Não, não conheço”... Aí, eu e a tia Amira não sabíamos o que fazer. Olhava uma pra outra, porque só tinha gente conhecida ali!! Eles falavam assim para ela: “Não tem nenhum amigo do seu filho aí?”. A minha avó virou para ele: “Sabe moço, engraçado que o meu filho não tem nenhum inimigo! Nenhum inimigo! Tem tanto amigo... Graças a Deus, não tem nenhum inimigo”!! E aquele monte de gente olhando pra nós! Aquele dia foi de lascar! Quase que pegam a gente!! A gente conhecia todo mundo!

Eu sempre fui muito amiga do Roque e do Zezinho, o irmão mais novo dele. O Zezinho, inclusive, morava na Suécia e faleceu... A gente estava sempre junto... E aí, quando o irmão deles, o João, estava no hospital militar, três dias antes dele morrer, fui lá visitar o João, num sábado. Ele tinha feito cirurgia no estômago, porque acho que levou muita porrada! Ele estava bem. Levei chocolate para o João... Ele falou que não estava podendo comer, mas que era para eu por do lado dele, que logo ia poder comer. Dali a três dias o João estava morto!... Três dias depois o João estava morto!... E quando nós soubemos que ele tinha morrido, tinha um menino que morava aqui perto, que era professor, não lembro o nome dele... Nós saímos correndo! Todo mundo, sabe?

Fui para a casa da mãe dele, porque ela já tinha idade! Nós fomos para lá... Se você visse o que tinha de polícia!... O exército... Todos armados! E a hora que chegou o caixão do João, estava lacrado! Não tinha nem vidro! Ninguém podia nem olhar!! E o desespero da Iracema!... Sabe? Dos pais, da mãe dele! E a gente lá, os policiais... Eles vinham pra cima!!

Na hora em que entrei junto com o Zezinho e com a Iracema... Lembro que estava assim: eu segurando a Iracema, e o Zezinho estava do meu lado... Quando nós entramos... Você não acredita! Eles vieram com arma atrás da gente! Você estava conversando com alguém, eles vinham e separavam! Queriam saber o que é que estavam falando, quem era quem.

Nós fizemos uma manifestação! Juntou um monte de gente de Presidente Altino. Pessoas que conheciam o João, mais um pessoal do movimento estudantil, e nós fizemos uma manifestação lá dentro do enterro dele! Porque os pais não puderam nem ver!! Imagine o estado que ele estava pra vir num caixão lacrado, sem vidro!! Sendo que três dias antes eu havia estado com ele no hospital... Eles disseram que ele teve uma hemorragia, sei lá!... Na verdade, não explicaram nada!

Foi muito triste! Principalmente fui ao hospital, ele tinha feito a cirurgia, estava muito debilitado por causa da tortura, mas estava bem. Estava conversando... Não era uma pessoa fraca... A gente tinha noção... A gente via que ele estava bem. Ele estava me esperando! Então, essa coisa do João, lembro que fiquei muito revoltada! Muito revoltada! Foi uma coisa muito absurda, muito absurda!!

No meio de tudo isso eu pensava que as pessoas deveriam se envolver mais! Que o cidadão deveria se envolver mais nessas questões. Todas! Sair pra rua mesmo! Sabe? Protestar! Sempre achei isso. Até hoje acho isso! As pessoas têm obrigação de exercer sua cidadania. Entendeu? Você não pode ficar calado. Você tem que ir à luta. Você tem que brigar! Você tem que se impor! Eu já achava isso na época. Tanto é que a gente não tinha medo. A gente não tinha medo... A gente ia pra qualquer canto, pra qualquer coisa! Lá no enterro do João, no velório do João!... Era uma coisa extremamente arriscada, mas a gente não tinha medo!

Na minha cabeça era assim: se o meu tio fez tudo isso, eu vou ficar aqui parada?! Não pode! Sabe, não admitia isso! Era como se estivesse sendo desleal com ele. Entendeu?! E ele já estava no exílio. Estava no exílio quando o João morreu... Mas foi uma coisa que revoltou muito. Muito!... Muito, muito, muito! Todo mundo...

O meu avó um dia falou assim... A gente estava na cozinha, tinha chegado do DOPS, não lembro direito o que tinha acontecido... A gente chegava muito abalada, chorando... Ele virou e falou assim: “Essas três mulheres aqui valem mais do que todos os homens dessa casa”!! Porque meus tios ficavam todos, assim, com medo! A minha mãe, nos primeiros tempos, ia muito, mas também trabalhava. Tinha cinco filhos... Era como se eu substituísse... Eu ia pra tudo quanto era canto. Mas minha mãe sempre me deu muito apoio! Sempre deu a maior força pro Zé. Nunca admitiu que se falasse um “A” do irmão dela. As outras irmãs também tinham muitos filhos, os maridos não deixavam. Não no caso da minha mãe, que meu pai nunca impediu.

Houve até uma passagem em que todo mundo ficou muito preocupado... Até o Zé ficou sabendo quando estava na prisão, no Dops, e meu pai já trabalhava na fábrica do Matarazzo. Uma vez, quando o Zé ainda estava na clandestinidade, não sei como, entrou em contato com meu pai, e meu pai foi, sem ninguém saber, ver o Zé. E aí meu pai deu para ele um telefone direto do Matarazzo, porque meu pai era chefe de departamento de RH do Matarazzo. E aí invadiram um “aparelho” cheio de armas. Muitas armas da guerrilha! E o que eles encontraram ali? O telefone do meu pai! A polícia ligou para o doutor Hermelino Matarazzo e falou: “Olha, nós somos da polícia e encontramos um telefone num aparelho lotado de armas”. Daí o doutor Hermelino, que tinha bastante amizade com meu pai, virou e falou: “Vocês podem vir aqui, mas isso não é necessário, porque sei quem é. É um funcionário nosso, cujo cunhado está preso e assim, assim, assim... Então, certamente, ele deve ter dado esse telefone, aqui do trabalho dele para poder entrar em contato”.

E aí eles foram. Falaram com o doutor Carioca, que era o diretor do meu pai. E o doutor Carioca falou: “Não, esse é o senhor Plazo Nogueira, que é cunhado do José Ibrahim, que está preso e, com minha autorização, porque eles não têm telefone, podem se comunicar”. O Ibrahim já estava preso... Mas veja bem como é uma certa bênção, do que eu digo, os espíritos de luz! Nem no Matarazzo eles foram... Não poderiam ter ido

lá, pegado meu pai, torturado ele?! Perguntado: “O que é que você sabe?”. Entendeu? Nem de armas eles foram! Então, acho que a gente sempre - sempre - teve muita proteção! Eu não sei se é porque temos muita fé também, né?

Mas o que foi muito triste mesmo foi quando meu tio ficou no exílio!... Quando minha avó foi para o Chile atrás dele – sozinha! – era para eu ter ido junto. Na terceira vez que ela foi, eu já estava vendo passagem e tudo. Só que quando a gente estava para ir, com o meu tio Jamil, que ia de novo, a gente recebeu a notícia de que não era para ir mais. Estava ocorrendo o golpe no Chile. Não era para ir. Eles quase morreram lá! E nós não fomos...

A polícia brasileira foi para o Chile ensinar técnicas de tortura. Inclusive, conheci vários exilados chilenos. Na rádio chilena eles pediam para que o povo denunciasse onde tinha brasileiros. Estavam matando tudo quanto era brasileiro no Chile! Torturavam, matavam... E o Zé, nessa época, já estava com a primeira esposa dele, e a casa onde eles estavam escondidos era parede com o quartel general. Nossa!... E a Tereza estava grávida do Eduardo, o filho mais velho do tio Zezinho e meu afilhado. E para não fazer barulho, ela, grávida de oito meses, se arrastava no chão... Entendeu? Porque não podia fazer barulho!... E aí, eles batiam em todas as casas. Bateram na casa do meu tio, e ele pensou: “E aí, o que é que eu vou fazer?! Vou atender e ver o que é que dá, né?”... E falaram para ele: “Parece que você é brasileiro... Você tem passaporte?”. E a única coisa que meu tio tinha era a carteira de trabalho dele. Ele, então, pegou a carteira de trabalho e mostrou. Era óbvio que era uma carteira de trabalho! Eles pegaram e falaram para ele que tudo bem!! Foram embora!

Isso me impressionou muito! Ele me contou certas coisas que eu penso “Como é que pode?! Eles estavam matando todo mundo! Havia muito simpatizantes! Ele teve tanta sorte! Falo sempre pra ele: “Zé, você teve muita sorte! Zé, você tem um rabo”!! Tem uma estrela deste tamanho! Justamente aqueles que foram na casa dele eram simpatizantes do Allende! Depois que eles foram embora, ele foi pedir asilo na embaixada, com a bandeira do Brasil. Entraram na embaixada do Panamá. Lá, tinha dez mil pessoas! Para uns dormirem, outros tinham que ficar de pé! Do Panamá, a Bélgica ofereceu asilo.

Quando ele foi para a Bélgica, eu já estava casada. Daí falei o seguinte: “Vou pra Europa. Vou ver meu tio”. Havia oito anos que não via meu tio! Falei: “Vou pra lá!”. O meu ex-marido trabalhava na Editora Abril, falei pra ele: “Vamos embora. Nem que seja pra ficar dois meses, mas vou ver meu tio!”. Ele me perguntou: “Você quer morar na Europa?”. Respondi: “Quero”. E ele: “Então, a proposta que recebi é pra trabalhar na BBC de Londres”. Não deu quinze dias, nós estávamos em Londres! Cheguei em Londres, o que eu fiz? Primeira coisa, recebi um telefonema do meu tio, que o avião dele iria parar em Heathrow pra depois ir para Bruxelas. Ah! Minha filha, lá estava eu seis horas da manhã no aeroporto!! Fiz feijoada, tudo pra entregar, esperar ele! Andei naquela Londres inteira para comprar feijão... Era caríssimo! Essas coisas são muito caras lá, carne seca, essas coisas... Só que a Tereza, na visão dela, o que ela fez? Avisou: “Vou chegar em Heathrow a tal hora, no vôo tal. Só que era só uma conexão! E a idiota aqui fez tudo aquilo e ficou esperando! Mas chorei tanto!! Chorei o dia inteiro porque não consegui ver meu tio! Sabe? Chorava! Parecia um louca chorando...

Em dois dias, eu já estava na Bélgica! Quando cheguei... Que cheguei na estação, que eu vi meu tio! (...) Mas eu chorava tanto!... Abraçava tanto ele!! No que olhei, eu falava: “Tio Zezinho...”! As pessoas não entendiam nada!... Pareciam dois loucos se abraçando e chorando! Sabe?! Ai, menina, nós ficamos a noite toda conversando! E foi aí que eu soube que meu avô tinha morrido... Eu não sabia... Porque quando fui para Londres, ele já estava muito mal... O Paulo, meu marido, falou pra

mim: “Você quer ficar?”. Eu disse: “Não quero ver meu avô morrer! Quero ir embora”. E fui... E foi nessa noite que eu soube que meu avô tinha morrido...

Mas aí, minha filha, a gente não se desgrudava um minuto! Um minuto!... Um minuto a gente não se desgrudava, sabe?... O Eduardo era bebezinho, então pra mim era fácil! Me dava a louca, pegava o trem e ia embora pra Bélgica! Ia embora pra Bélgica! Depois o Zé foi para Londres. Eles foram lá pra minha casa... A Dulce também foi, ficou uns dez dias em casa... Quando o Zé chegou no aeroporto em Londres, com o passaporte vermelho da ONU, todo mundo, os policiais, a Scotland Yard, todo mundo de olho naquele homem com o passaporte vermelho! Então, todo lugar que a gente ia, tinha um, eu falava: “Tá vendo o que a gente passava lá em Presidente Altino quando você estava preso? É isso!”. Tinha policial da Scotland Yard à paisana! No zoológico, sempre tinha alguém seguindo ele.

Teve uma vez, que foi muito engraçado! A gente estava com o Eduardo, bebezinho no carrinho, e ia entrar para tomar um lanche, alguma coisa... O cara parou na porta, e aí o Zezinho falou assim pra mim: “Eu não sei falar inglês. Convida ele pra ver se quer tomar um lanche”!! Aí eu falei... Ele ficou olhando, sabe, e sumiu!! Sumiu! Mas o tempo todo tinha um monte de policial andando, porque... “quem é esse homem?”... Né?!

Na Bélgica, ele teve muita ajuda, muita ajuda! Ajudaram muito! Porque o Zé e a Tereza chegaram lá sem nada. Não tinham nada! Com bebê! O Eduardo tinha quarenta e cinco dias. Arrumaram casa pra eles! Roupa, trabalho... Tudo o que você possa imaginar! Ele teve muita ajuda de toda a comunidade! Depois, mudei pra Bélgica. A gente alugou uma casa bem grande, muito grande! E morávamos na mesma casa. E lá era o reduto dos exilados... Ia Wladimir Palmeira, a Maria, a mulher dele... Ia todo mundo lá!

Um frio do cão! Na Bélgica chove 285 dias por ano! A Tereza, carioca, pegava o aquecedor... Dentro de casa era quarenta graus! Parecia Ipanema!! Você saía, minha filha, eram três, quatro graus negativos! Então, ia todo mundo pra lá. Ficavam jogando baralho, comendo queijo, tomando vinho. Aproveitando a vida!... E, lógico, articulando! Articulando, articulando as coisas todas!

Todos eles se reuniam lá na Bélgica! O Roque estava em Paris, mas como é tudo muito pertinho, foi aí que encontrei com ele. Fui encontrando todo mundo... Você não imagina a emoção de ver aqueles que sobreviveram!! (...) Você passar por tudo aquilo... E olha! “Você está aqui?”. Nossa, é uma coisa!... Uma pena o Barreto!... Tadinho do Barreto!... Lembro dele com a sandalhinha branca...

O Barreto estudava na USP. Estudava na USP... Ele morava com um estudante. Cada hora ele estava num canto! Tinha a família dele, mas não morava com eles. Morava no apartamento de um amigo, no quarto do outro. Assim, né? Lembro dele sempre, justamente isso: com fome e com a sandália havaiana dele. E o violão! Ele nunca tirava a sandalhinha dele e o violão!

Uma vez encontrei com ele no ônibus. Ele estava na clandestinidade... Eu estava indo para casa de uma prima minha ali no São Francisco, peguei o ônibus Pinheiro, encontrei com ele. Falei: “Barreto, o que você está fazendo aqui? Estão te procurando!”. E ele: “Me esconde aqui, me esconde aqui!”... Uma outra vez, no Ano Novo, de madrugada, a gente ouviu um barulho no quintal. Fomos ver o que foi, um barulho enorme! Era ele. A polícia todinha estava atrás dele! Foi a última vez que eu vi o Barreto... Ele veio, comeu bastante e foi embora!... Morreu assassinado junto com o Lamarca, na Bahia...

Uma vez saiu uma reportagem na Isto É, não lembro direito... Lembro da capa, o Lamarca, enorme! “Lamarca, o homem das mil faces”. Lembro até hoje disso. Eu ia de

manhã pro colégio, e tinha uma barraca, uma banca de jornal, e todo dia eles separavam tudo o que saía pra minha avó. Tudo o que saía sobre o Zezinho, jornais e revistas, tudo o que saía, o jornaleiro já separava. Nós líamos as revistas e o jornal todos os dias! Passei na banca, parei pra falar pro Volódia que era pra guardar mais uma Veja ou Isto É, não lembro qual era a revista... Aí, eu estou assim, falando com ele, e tem um homem do meu lado, folheando a revista... Pegou outra, pegou outra... Fui embora e pensei: “Engraçado, parece que conheço esse homem! Quem é?”. Sabe aquela coisa?... Fui embora! Quando chego em casa, que pego a revista, quem era? O Lamarca! ... Gente, o homem tava do meu lado!! Se soubesse tinha dado um monte de beijo nele!! Ele ali do meu lado!

A gente ficou sabendo logo da morte dele e do Barreto, mas nunca teve contato com a família do Barreto. Tem um irmão dele que é um pouco mais chegado à situação toda, mas nunca tivemos contato. Eram pessoas muito simples, muito humildes, que não se envolveram com nada. A gente tem contato com o Roque, o Neto... Quem cuidou dos filhos do Neto foi a Tia, a mãe dele, foi embora com os três filhos para Cuba. Depois ela voltou pra cá e voltou pra Cuba. Eles estão lá até hoje!... Ela vendia cocada... Era uma pessoa maravilhosa! Como a dona Helena, que já morreu, a mãe da Denise, esposa do seu Novais, aquele senhor negro, alto, muito amigo do Zezinho.

Quando houve a Anistia, meu tio foi o primeiro a voltar. Voltou até antes da Anistia. Quando ele voltou, todo mundo foi pro aeroporto. Ele voltou antes. Tanto é que ficou com 12 horas de interrogatório! Quem interrogou ele foi o Tuma. A Tereza foi pra rua Tutoia, levaram ela pra rua Tutoia. O Zé ficou no aeroporto com o Eduardo. O Eduardo tinha cinco anos! E as únicas pessoas que o Eduardo conhecia era eu e minha vó, a madrinha e a avó. Daí chamaram! A polícia federal chamou a gente. A gente entrou, eu e minha avó... Uma sala enorme, um monte de gente ficava interrogando... E o delegado chefe que estava interrogando o Zé era o Tuma. O Zé estava doido para tomar um guaraná, estava desesperado por um guaraná!! Quando eu ia visitar ele em Londres, levava guaraná... Daí perguntaram se ele queria beber alguma coisa. O Zé falou: “Quero guaraná”. Eles serviram, e ele falou pra mim: “Toma, minha sobrinha”. Eu estava com sede, tomei. Ele disse: “Dá aqui!” Sem-vergonha, filho da puta! Estava com medo de envenenarem ele e mandou eu tomar primeiro?!”. E não é que era verdade?! Ele falou que era verdade: “De repente, eu caía duro lá, minha filha, os caras queriam me matar! Agora que eu consegui, estou aqui, vão me matar?”!

O Tuma ficou interrogando... Acho que nós ficamos umas doze horas lá, com o Tuma interrogando. Eu já estava grávida da minha filha e estava no Brasil. Estava de saco cheio de ver gente choramingando, “tô com saudade do Brasil, quero voltar pro Brasil, quero voltar pro Brasil!”. Falei: “O quê? Vocês não podem voltar, mas eu posso!”. Arrumei minhas malas! Minha avó já tinha ido três vezes pra Europa pra ver o filho. A minha mãe e a minha outra avó não tinham dinheiro, imagina: a primeira neta, a primeira bisneta, estavam arrumando “mala e cuia” pra ir pra lá, porque eu ia ter o neném lá. Daí pensei que era mais fácil voltar, ficar uns três meses no Brasil, todo ia mundo ficar feliz, ter o nenê e voltar. Só que nunca mais voltei! Vim, tive a Faira e fiquei.

Quando o Zé chegou, foi aquela coisa toda... A tevê belga fazendo cobertura... A minha tia Amira... Minha tia Amira chorava!... Lembro até hoje quando ele entrou em casa e viu ela... Ele falou: “Mirinha!!”. (...)

A gente falava assim: “Agora vai ter democracia!”. Minha avó dizia: “O dia que eu trouxer meu filho de volta pro Brasil, posso morrer”. Ela sempre dizia isso! “Eu vou trazer meu filho! O dia que eu trouxer meu filho, posso morrer!”. O tio Zezinho voltou no dia 26 de maio, aniversário da minha filha... Ela morreu no dia 16 de março, no dia

de São José, que era o santo de devoção dela. E o Zé tinha esse nome, José, por causa dele. Você vê como essas coisas espirituais são interessantes?

Um dia ela escreveu uma carta pro Fidel... Escreveu uma carta pro Fidel dizendo assim: “Senhor presidente Fidel, agradeço muito pelo senhor ter cuidado do meu filho. O senhor cuidou do meu menino e tudo mais, e toda noite eu oro e peço a Deus pra protegê-lo...”. Falou muito de Deus pro Fidel. E você acredita que ele respondeu a carta dela?! Não sei onde está essa carta, porque tenho várias guardadas! Umas coisas que eu tinha, que o Zé mandava pra gente... Tenho bastante coisa guardada... O Zé fala pra mim: “Isso é meu!”. Eu falo: “Não, Zé, isso é meu. Se você quiser, eu te empresto”! E essa carta que o Fidel mandou pra ela e junto tem uma caixa de charuto... Não sei como isso chegou, mas o Fidel agradeceu! Disse que não acreditava em Deus, mas que ele agradecia muito, porque de qualquer forma tinha alguém que lembrava de rezar por ele, sabe (...) Você viu como é linda essa história dele?! Eu fico muito emocionada, porque o Fidel adorava meu tio! Eles até cortaram relações, porque o Zé não quis ficar em Cuba. O Fidel ficou muito chateado!... Muito chateado... Porque queria que meu tio ficasse em Cuba. O Zé foi pra Bélgica, aceitou o asilo político porque assim ia ficar mais perto da família, ia ficar mais fácil de manter contato.

Meu tio é meu ídolo! Tenho o maior orgulho dele! Conto pros meus filhos, pros meus netos, amigos... Como cidadã e como pessoa, acho que aprendi muito com a história dele, que também é minha!... Em todos os sentidos! Aprendi a enfrentar as coisas, as situações. Eu era muito nova, tinha quatorze anos! Aprendi a lutar! Cresci muito, muito, muito!... A palavra é essa: como cidadã! A lutar pelos meus direitos, pelas coisas que acredito e também a observar um pouco mais as pessoas. Eu me tornei mais humana... Passei a observar um pouco mais as pessoas... Porque naquela época era um sofrimento que não era só da minha família, não era só a minha tia, a minha avó... Não era só a nossa família. Eram todas as outras famílias! Entendeu?

Isso torna a gente mais humana. A gente dividia a mesma dor, a mesma esperança. Todas as famílias... Lembro da Marina Medáglio, ela estava grávida... Ela levou o sapatinho do bebê pro esposo dela ver. Eles torturaram e ela perdeu o bebê! Entendeu? Era uma luta comum, um dor comum! E o que vinha de benefício pra um, ia pra todos! Isso faz a gente se tornar mais humano, olhar um pouco mais pras pessoas que estão próximas, que estão ao redor... E me ensinou a ficar mais bocuda!! Bocuda em sempre fui, mas fiquei mais! Acho que quando as pessoas calam muito, quando abaixam muito a cabeça, ficam muito submissas, se acomodam muito com a situação, inclusive politicamente. Estou muito revoltada com tudo isso que eu vejo, com essa situação! Isso tudo é um absurdo! Vejo as pessoas gostando do Fome Zero e calando! Submissas, passivas...

Acho que o Zé ensinou a gente a lutar! Minha tia Amira, toda a vida dela lutou, lutou com os filhos. Sem contar que a gente tem essa coisa de vaidade, sabe? Ele é MEU tio! Meu tio faz parte da história e ajudou a mudar a história desse país. Vejo isso até na minha neta! Ela fala disso com o maior orgulho! Ela fala “meu tio Zezinho Ibrahim”! E todos os sobrinhos!... Aquelas coisas ruins passaram. Quando a gente vê a quantidade de coisas positivas que eles fizeram, mas que refletem hoje em toda a situação política, inclusive o fato do Lula estar aí como presidente, acaba amenizando um pouco. Esquece um pouco daquele sofrimento... Porque foi muito sofrimento. Muito! Foi muito triste.

Naquela época era assim: todas as mulheres ficavam em casa, quietinhas, cuidando dos filhos, do marido, fazendo a comidinha... Dando comida pras galinhas, fogão à lenha e fazendo doce... Só que a gente não era assim! Nós todas nunca fomos assim! As minhas tias já trabalhavam numa época em que as mulheres não saíam de

casa, a minha avó é que fazia tudo, minha avó que comandava tudo. Então, nós tivemos outra criação. Acho que quando isso tudo aconteceu, as mulheres que faziam parte das famílias desses guerrilheiros, automaticamente elas se tornaram as grandes guerrilheiras, as grandes lutadoras! Quem não saía de casa, da beira do fogão, lavando roupa de filho, de repente estava num movimento! Uma pessoa que nunca saiu de casa, uma pessoa do sertão de Piramboia, como era minha avó, com onze filhos, no quintal, cuidando de marido e de filhos, tirando leite de cabra, cuidando de galinha, de repente pegou a bolsinha dela, tirou o passaporte dela e foi embora! Foi pra Europa!

E independente da situação econômica. Inclusive famílias muito ricas, de operários humildes como a gente, de estudantes, médicos como o doutor Madeira... Então, eu vejo assim, as mulheres são submissas entre aspas, porque não são! Isso de um modo geral, entendeu? Elas não são submissas! Porque pode ver: não há uma mulher que quando tem um problema, fica sentada. São raras as mulheres que ficam sentadas choramingando! Ela vai resolver de alguma maneira! Principalmente quando se trata de filho. Ela vai, vai, vai atrás! Faz qualquer negócio!

Acho que as mulheres que participaram dessa época toda, em 1968, nenhuma delas poderia imaginar que teria tanta força, que seria capaz de fazer tantas coisas! Eu me orgulho muito da minha tia, porque ela poderia estar tranqüila, fazendo as coisas delas, ela estudava, tinha namorado, que é o marido dela. Mas não! A gente praticamente largava tudo! Saí da escola, praticamente fui expulsa. Mas pra mim não interessava! Pra mim interessava que a gente tinha que ir, fazer alguma coisa.

Tenho muito orgulho da minha avó! Nossa, uma mulher que batalhou muito! Pena que ela não está aqui, porque ela não ia deixar eu falar nem um pouco!! Ela tinha muita história! Eu me orgulho da minha tia Amira, por tudo o que ela faz. Ela viveu a vida do irmão dela. A Iracema, irmã do Roque, a gente chegou a ir junto no Largo de Osasco com uma mesa e colher assinaturas para a Anistia, lá na frente da estação de trem. Quando eu estava em Oslo, fazia parte da Anistia Internacional. Quando voltei, vi a Iracema e outras mulheres que não tinham parentes, mas foram ajudar a colher assinaturas pra Anistia.

Tem uma história muito engraçada! A gente fazia macumba! É verdade!! É de rir! Valia tudo! Como diz minha mãe, você acende uma vela pro diabo, outra pra Deus, e se precisar, acende pra mais não sei quem!... Nós somos espíritas, eu e minha tia somos kardecistas, e nós decidimos: “Vamos fazer uma mala pro Zé, e tem uma macumbeira ótima. Não era qualquer macumbeira. Trouxeram o tal do macumbeiro! Era um advogado indicado por uma pessoa que trabalhava na Receita Federal. Um senhor muito discreto, muito distinto que recebia o tal de guia, que era o seu Pimenta!! Tinha que ter pimenta, um monte de pimenta!... A primeira coisa que ele falou quando olhou pra gente foi: “O menino que tá lá na cadeia, ele vai sair. Vai ser solto. Eu vou tirar ele de lá”. E a gente na maior fê... Imagina que a gente não ia acreditar! E por uma coincidência, aquela blusa de tricô que eu falei que a Elza fez pro tio Zezinho, ela tinha levado pra gente entregar no outro dia pra ele no Dops. Daí, ele pediu uma roupa e o que tinha ali era a tal da blusa. A gente deu a blusa pro seu Pimenta: e passa pimenta, e faz um monte de coisa!... Passa o charuto... Até deu uma queimadinha na blusa com o charuto!!

Sempre que tinha umas coisas assim, a gente mandava uns bilhetinhos para o Zé... A gente escrevia as coisas, eles rabiscavam tudo, censuravam umas coisas... E a gente escreveu: “Zezinho, olha que coisa linda! Olha essa blusa que a Elza fez pra você! Zé, usa essa blusa amanhã!”. E aí ele desconfiou... Essas aí estão mandando eu usar a blusa, deve ter alguma coisa... Você acredita qual é a blusa que ele saiu da cadeia?! A

blusa debaixo foi a que a Livia deu, xadrezinha, de flanela, e a de cima é a que o seu Pimenta benzeu!!

Ele mandou a gente levar bala de coco e pimenta no Dops. Minha filha, era um tal de jogar balinha pra lá, pimenta pra cá!... A gente encheu aquele Dops de bala de coco, pimenta e charuto, menina! Aquele cheiro de charuto!!... Teve uma vez que a minha tia foi prum canto e eu pensei: “Vou por na porta do delegado!”. Menina, eu dei um jeito... Sabe aqueles elevadores antigos? Tinha uma escada... Fui lá pra escada, perto da porta do delegado... A gente fazia cada doideira!! Mas, olha, vou te contar uma coisa, é verdade: pode perguntar pra minha tia Amira. Dali um instantinho o Zé saiu do DOPS e foi pro presídio Tiradentes! Dali ele não ficou nem dois meses no Tiradentes, sequestraram o embaixador e ele foi trocado. Vai dizer que não funcionou a pimenta?!

Hoje ele fala: “Ainda bem, minha sobrinha, ainda bem que vocês fizeram a macumba. Se não eu não sei onde é que eu ia estar”!!

Minha ligação com meu tio é muito forte! Eu vivi a vida do Zé! Não que eu tivesse anulado a minha vida. Eu fazia as coisas de adolescente, tinha namorado... Mas eu vivi a vida dele! Tudo, tudo, tudo girava em torno do Zé! Tudo! Qualquer coisa que eu fosse fazer, girava em torno do Zé! Eu vivi a vida dele! Vivi a vida dele de uma maneira tão próxima, tão próxima... Desde a infância até o exílio! De uma certa forma, eu me auto-exilei pra estar perto dele. É verdade, vivi a vida dele! E eu sei a vida dele. Sei o que é o Zé Ibrahim. Eu sei o que foi a tortura pro Zé Ibrahim, que ele não fala, não gosta muito de falar... Eu sei o que foi! Eu sei como doeu! Sei como dói! Sei a perda que ele teve dos amigos, entendeu? Eu até hoje, de certa forma, vivo a vida dele.

A gente tem uma ligação muito grande! Ele fala... Não gosta muito, mas às vezes ele conta, conta coisas que são muito íntimas, que ele não fala pra ninguém. Inclusive o fato de quando ele foi pro viaduto e tentou se matar... Ele foi pra lá pensando em se matar. Essas coisas assim... Até pensei que ele nunca seria capaz de contar essas coisas... Ele falava: “Minha sobrinha, fui lá, olhava pro viaduto e pensava em me matar...”. Ele inventou uma história... Os caras estavam torturando ele, então inventou uma história pra se livrar: “Olha, o fulano vai estar no Viaduto do Chá tal hora. Combinei com ele tal hora e ele vai estar assim, vai estar com um jornal debaixo do braço”. Aí, os policiais à paisana pegaram e levaram ele lá porque queriam prender o tal do cara. Daí foram... Ele fez isso porque pensou: “Não agüento mais isso! Então, vou chegar lá, os caras não vão mais estar grudado em mim, porque tem que ficar disfarçando pra prender o outro e aí eu me atiro do viaduto”. Ele não estava agüentando mais! E acontece essas coisas que só acontecem com o Zé: um cara de Presidente Altino, por acaso, estava passando no viaduto e falou: “E aí, Ibrahim?”. Os caras “pau!”, pegaram o cara!! E foi levado pro DOPS e tomou um monte de porrada! E o cara não tinha nada a ver com aquilo!! No fim, a história ficou engraçada porque o coitado não tinha nada a ver com a história!

No final das contas, acho que valeu tanto a pena que não poderia ter sido diferente! Se não, como o Zé ia ficar? O que o Zé ia ser? O Zé nasceu pra ser isso! O Zé nasceu pra ser o Zé Ibrahim. Do jeito que ele é, as coisas que ele fez. Ele não teria feito nada diferente. E ele não teria sido o que é se não fosse pelo apoio que demos a ele.

SÔNIA MIRANDA

Eu vivi uma transformação. Não imaginava que poderia ter crescido como cresci!

Sou Sônia Miranda. Nasci numa fazenda de café, no interior do Paraná, onde meu pai era administrador. Ele era alagoano e minha mãe pernambucana de Guaranhuns. Os dois se encontraram no Paraná. Ela era bem mais jovem. Meu pai já era uma pessoa de idade, não tinha se casado para ficar cuidando da mãe. Meu avô teve que permitir o casamento, porque minha mãe era menor. Quando ela completou dezoito anos, já tinha três dos sete filhos. Nasceram seis no Paraná e o último em São Paulo. Chegamos em 1962 e meu pai morreu em agosto de 1964.

Eu era aquela pessoa sem muita ambição. Comecei a trabalhar cedo e parei de estudar. Não podia estudar à noite, entende? Vim para São Paulo contra a vontade. Era muito provinciana. Mas, se a família vem, você tem que vir. No Paraná, fiz magistério. Aqui, cursos esporádicos: língua, aperfeiçoamento profissional, porque sou secretária.

Quando comecei a namorar meu marido, ele já estava no sindicato dos metalúrgicos de Osasco. Também era da roça, mas já trabalhava na fábrica. Primeiro, trabalhou na Granada por seis anos. Depois fez o curso de desenho de máquinas e entrou na Braseixos como afiador de ferramentas. Eu o acompanhava em algumas reuniões no sindicato, onde a maioria era homem. De mulher, havia eu, a Albertina, a Santana e, às vezes, a Zaia e a Teresinha.

Acabei me ligando ao pessoal da Vila Yolanda: a Albertina era da Juventude Operária Católica; o Joaquim participava da Frente Nacional do Trabalho. Toda semana tinha aula de formação política, que se baseava num francês, Le Bret. Então, por tabela, eu ia me envolvendo na Igreja e estudando um pouco o evangelho. Quando chegaram os padres operários, nossa, era aquele escândalo: “Onde já se viu padre trabalhar na fábrica?”. Eles foram morar no meio dos pobres, onde não tinha água nem luz.

Fomos participando, junto da Albertina e do Cândido, vendo essa outra Igreja crescer, uma religião que era muito diferente daquilo que a gente aprendia. Eu sempre fui religiosa, mas os horizontes iam se abrindo, ficava mais consciente. Passamos a acreditar naquela mensagem de justiça. A questão do mundo do trabalho, até então eu não sabia... Era uma pessoa que ia sendo levada, mas fui verificando as diferenças, esses contrastes que se apresentavam, descobrindo que havia injustiça, exploração, que havia gente que se aproveitava do trabalho do outro.

Quando minha filha mais velha nasceu, em 17 de julho de 1968, a greve da Cobrasma, em Osasco, estava eclodindo. Participava das reuniões de mulheres que discutiam a greve, na casa da Albertina. A proposta era ocupar, fechar a fábrica com todo mundo dentro. Pensávamos que com o passar dos dias, os homens precisariam de nossa ajuda, para levar comida, conversar, levantar a moral, dar apoio, incentivar para que continuassem na luta. Dar certa retaguarda para as mulheres que não entendiam a greve. Fazê-las entender que o mais importante era estar ao lado do marido, o porquê da greve. A maioria tinha medo do desemprego deles, mas não imaginou que alguém pudesse ser preso.

Nós tínhamos consciência da ditadura, porque era tudo censurado. Mas até esse momento, as pessoas se reuniam, porque o sindicato era espaço aberto. Os militares intervieram no sindicato, mas as assembleias e reuniões podiam acontecer. O que não

podia era fazer greve, falar mal do governo. A reação da repressão ia sendo aos poucos, aumentando essa falta de liberdade para se expressar, reunir amplamente, fora daquele ambiente do sindicato, da fábrica. Piorou depois do Ato Institucional, do dia 13 de dezembro de 1968. Aí sim a coisa ficou feia!

Quando houve a greve da Mannesman, em Minas, no mês de maio, o pessoal começou a organizar para fazer a greve na Cobrasma, em Osasco: “. Era um desafio muito forte! A repressão foi pega de surpresa. A chapa do sindicato que ganhou era de oposição, e fazia parte da pauta reivindicar aumento salarial, mas reivindicava-se mais as cláusulas sociais, o direito de fazer as comissões de fábrica, ter delegados sindicais; liberdade, enfim. Já era uma organização que estava nascendo por baixo, como uma raiz. Para mim, não tinha caráter político. Era uma coisa de trabalhadores mesmo.

A participação dos estudantes na greve ocorreu mais porque o Barreto era presidente da União dos Estudantes de Osasco, e estava muito à frente, sabe, muito à frente. Ele queria fazer uma gestão na Frente Democrática. Era uma pessoa muito culta. Queria que esses jovens também se esclarecessem a respeito do que estava acontecendo na sociedade. Era uma pessoa que tinha um carisma, envolvia os jovens em volta dele..

Também na USP tinha um grupo de intelectuais, que entendia aquela situação de exceção, e já começava uma reação. Quando a greve se estabeleceu, é claro, vieram os professores da USP, vieram intelectuais. Depois, não davam mais sossego pra gente, sabe. iam à nossa casa, e eu me sentia até meio orgulhosa, importante, recebendo aqueles universitários em casa. Já era o começo de clandestinidade, porque de muitos deles só se sabia o codinome. Não entendia porque eles sabiam tudo sobre nós, onde morávamos, comiam na nossa casa, mas não sabíamos quem eram, como chamavam de verdade, o que faziam. A gente respeitava. Eu, pessoalmente, não entendia. Parecia uma aventura, uma brincadeira!

Até que aconteceu a greve!... A greve estava começando e, no dia 17 de manhã, fui para a maternidade. A criança nasceu ao meio-dia, e depois, o Joaquim não voltou à tarde. E não voltou no dia seguinte. Não voltou no outro dia.... Perguntei para a Albertina como estava a greve. Ela me disse que estava tudo bem. Perguntei: “E o Joaquim, cadê ele?”. Ela respondia: “Não sei, deve estar envolvido com alguma coisa...”

Aconteceu que o Joaquim me deixou na maternidade e veio para Osasco, porque o sindicato havia sido tomado, já tinha acontecido a intervenção. A Cobrasma também, naquela madrugada, tinha sido invadida pela polícia e todo mundo ali foi preso. Foram presos o Barreto, o Apolinário, o Groff, o Cândido, enfim... Os operários haviam combinado que se acontecesse alguma coisa no sindicato, iriam se reunir na Igreja, na matriz. Quando o Joaquim entrou lá no pátio interno, os soldados estavam perseguindo quem ia aparecendo. A delegacia já estava abarrotada de gente e muitos foram para o Dops.

A Albertina tinha ido visitar a turma, havia chorado bastante e não demonstrou nada. Então, chegou meu irmão, com a Folha de São Paulo. Peguei o jornal dele e abri! Na contra-capá, do tamanho da página, estava o Barreto algemado. “Mas como está tudo bem, Albertina?! Olha aqui!”, gritei. E ela falou: “Não se preocupe, não é nada”. Assim, atenuando a coisa...

No outro dia, a mesma coisa: vieram meu cunhado, minha irmã, minha mãe, meu irmão... E o Joaquim, nada! E eu perguntando onde ele estava. “Não sei”, meu irmão falou. “Ele e o Negão estão escondidos.” Mas o Negão não foi preso, só o Joaquim. Existe uma história, que não sei se é verdade, se é folclore, que o Negão entrou no confessionário e se safou da eminente prisão!

As enfermeiras perguntavam: “E o pai desse bebê, não vem visitar?”, e eu ficava meio chateada... Quando tive alta, meu cunhado foi me buscar, porque o pai, eu não

sabia onde estava... Quando chegamos na Vila Yara, na Lonaflex, dois soldados do exército, estavam na portaria com fuzil. Mais para frente, ficava uma fábrica de aço, a Resistil, a Charleroy... Havia dois soldados na portaria; mais dois onde eram a Ricavel, a Brow Boveri e a Santista. Pensei comigo: “Meu Deus, o que está acontecendo nessa cidade?!”. E meu cunhado, mudo!...

Na segunda-feira seguinte, por volta das vinte horas, o Joaquim finalmente chegou. Eu estava com o bebê na casa da minha mãe. Perguntei por onde tinha andado, e ele me respondeu que estivera preso com os padres operários, Emílio Dion, Antonio Soares e Pierre Vautier, que sugeriram o nome da menina como Liberdade. Naquele momento fiquei meio chateada... Havia escolhido o nome Denise. Achei uma certa intromissão. Ainda não tinha maturidade, não entendia aquele apelo. Ficou, então, Denise Liberdade.

Quando me casei, a chapa do sindicato estava se formando. E os companheiros iam à minha casa fazer reunião, escondidos da vizinhança. Nos saraus, o Barreto tocava e todos cantavam. Fazíamos fogueira, pipoca, discutíamos sobre o Vietnã... Embora eu lesse, não sabia onde era o Laos, Shangai, Formosa. Na Guerra do Vietnã, morreu o irmão de um dos padres. E nessa conversa, não sabia a capital da China. O Joaquim ficou muito injuriado. Chegando em casa, falou: “A partir de agora você vai estudar, vou comprar a revista Realidade e o jornal Estado de São Paulo para você se inteirar. Dou o prazo de um ano para ficar em dia com o mundo”.

Olha só, eu não sabia muita coisa. Até achei engraçado porque, depois, me instruí tanto que fui viajar pelo mundo todo e ele ficou pra trás!!

Depois da greve, nós mudamos para Santo André. O Joaquim ficou seis meses desempregado. Foi demitido da Volkswagen, porque lá descobriram que era grevista de Osasco. Viajamos para o Paraná e, quando voltamos, um mês depois, a Mercedes Benz chamou-o para trabalhar na mesma profissão. Nesse momento, eu já estava grávida da segunda filha, que nasceu em 1970, na Copa do Mundo. Quando ia ter a terceira, Luciana, em junho de 1971, meu marido foi preso quando estava saindo da fábrica e levado para o Dops.

Não sei o que me deu aquela noite, não dormi! Já estava no final da gestação, preocupada porque ele não chegava. Pensei que alguma coisa de ruim havia acontecido... Esperei amanhecer, porque não tinha facilidade de telefone. Quando amanheceu, tive a sorte de aparecer uma daquelas moças que morava nas células do partido clandestino, e falei que o Joaquim não havia chegado. Liguei pra a fábrica, e informaram que meu marido tinha saído na hora de costume, para ficar tranqüila. Mas não fui convencida.

Minha amiga, Maria, foi comigo de Santo André, onde morávamos, até a fábrica, em Diadema.. Eu estava com a barriga imensa! Quando chegamos, demos de cara com o segurança, que não teve como negar: “Ele saiu, foi levado pelos homens do Dops. Mas foi só averiguação. A senhora pode ficar tranqüila. Daqui a pouco ele deve estar lá, se já não chegou”.

A outra menina era do partido clandestino. Era uma pessoa com comprometimento. E falou: “Não, tá preso, pode ter certeza. Vamos tratar de avisar a turma, vamos cuidar de limpar a casa”. Nossa, queimamos tanta coisa: livros, obras, enfim, que a gente tinha guardado com tanto carinho! Fizemos uma fogueira...

Um pouco mais tarde, fui até o Dops. Levei a carteira de identidade dele, cheguei lá na portaria, levaram pra dentro. Devolveram. “Não, não está aqui”. Fui na Tutóia e disseram que não tinha aquele nome lá, que eu fosse para o Dops! Voltava pra casa, no dia seguinte fazia a mesma coisa. Até que um dia dei de cara com o próprio Fleury... Ele pegou o documento, olhou e disse: “Não, ele não está aqui”.

Não desisti. Minha irmã e eu voltamos ao Dops, lá na estação da Luz. Subimos o elevador e havia uma mulher de botas, bem vestida, mas com um mau gosto danado! Ela tinha uma arma. Eu não sei se era para me intimidar... Minha barriga imensa... Nos levaram para uma sala – eu estava com a minha segunda filha no colo, com a Rosa – e na frente de um cara, de terno, muito mal humorado. Ele falava com aquela moça que tinha a arma: “É, os maridos não pensam nas mulheres. Vão fazer o que bem entendem. A criança e a mulher...” Deixaram-me dar uma olhada numas grades bem de longe. Havia duas pessoas, uma algemada na outra, mas era só pra me fazer medo mesmo. Não deixaram nem chegar perto, não identificava quem era! Saí de lá, fui embora para casa.

Os padres, solidários, queriam que eu fosse para Osasco, mas não queria sair da minha casa. Minha filha maiorzinha ficou com minha mãe. Só fiquei com a pequenininha e com a minha sobrinha que morava com a gente. Falei: “Não vou sair daqui, não devo nada pra ninguém. Eles que venham!”

Dali a uma semana o Joaquim chegou. Tinha saído, sido libertado. Todo estropiado, todo quebrado... Naquela noite viemos para Osasco. Ele chegou com uma champanhe para comemorar!! Tomamos um táxi até a estação de trem de Santo André, com a sacola e as crianças. Passei na escola, peguei a minha sobrinha... Olha que vida!!

Chegamos. O pessoal - o Marcos Martins, o Diogo - tirou a mudança da nossa casa. Depois que fizeram isso, ficamos sabendo que a polícia foi lá, mas a gente já não estava. Nossas coisas ficaram na casa da minha cunhada. Fomos, então, para São Vicente, porque a Mercedes Benz tinha demitido o Joaquim, mas ele estava na caixa, porque tinha sido muito torturado... Ficamos na casa dos padres operários, o uruguaio Carlos, também demitido da Cobrasma, e o Bernardo, pessoas muito solidárias.

Um dia, o Carlos precisava pegar um documento na Polícia Federal para ir ao Uruguai. O Joaquim foi pegar pra ele em São Paulo. Olha só que coisa de louco! Naquele dia, entrei em trabalho de parto, prematuro, e consegui pegar o ônibus sozinha até a maternidade. O Joaquim me visitou de madrugada, entrou meio disfarçado, escondido, e avisou que não vinha me buscar; que eu desse um jeito de chamar um táxi, porque era perigoso. O nosso grande amigo, padre Alberto Abib, um psicólogo, foi me buscar na maternidade.

Foi outra coisa!... A enfermeira me reconheceu, a parteira me reconheceu do parto anterior. E o pai também não foi visitar a neném, aquela coisa... Foi engraçado, né?!

Chegamos na porta da maternidade e o Abib me perguntou: "Para onde eu devo te levar ?". Era perigoso... Sentei um pouquinho e disse que queria ir para Osasco, na casa de minha mãe, onde recebemos a notícia de que não podíamos ficar ali, tínhamos que ir para o Rio de Janeiro, para a segurança de todos. Conversamos com a família. Minha mãe não entendia, minhas irmãs não queriam. Até a Santina foi me visitar e não se conformava que eu fosse, queria saber para onde, com três crianças! Ela foi com a gente no táxi até a Vila Yara, e ia tentando me convencer que era perigoso, era melhor ficar. Eu estava muito apreensiva, dividida, sabe. Parece que não estava mesmo decidindo nada. Ia sendo levada por alguma coisa.

Já tínhamos passagem comprada e lugar para ficar no interior do Rio de Janeiro. Quando foi de madrugada, chegamos na estação do Piraí, onde havia uma mulher nos esperando. Ela nos levou até um sanatório de doentes mentais, um lugar muito bonito, uma fazenda, entre Vassouras, Mendes e Barra do Piraí. Arrumaram uma casa para a gente ficar, numa colônia, dentro do sanatório.

O Joaquim precisava voltar para São Bernardo para receber um pagamento. Me deixou lá com as crianças. A bebê estava muito novinha. Eu tinha muito leite e ela não dava conta, porque era pequena. Havia esquecido de levar aquela bombinha de tirar

leite. E meu marido não voltava! Eu tentava telefonar, mas o telefone era muito complicado, porque tinha só um. Era preciso tomar um ônibus até Vassouras, pedir a ligação, esperar completar, para depois falar. Chovia demais! Chovia, chovia, chovia... Eu não conseguia falar! Cancelava o pedido da ligação. E o Joaquim não chegava! Pegava o último ônibus. Voltava para casa de noite... Levava uma das crianças, deixava as outras duas em casa: a Denise tinha três anos, a Rosa tinha um e a Luciana tinha dias. Deixava as duas lá, com uma menina que pertencia a uma família de doente mental.

Chovia muito, e eu cheia de leite, não dava conta, não tinha como tirar! E ainda tinha de cuidar das crianças! O dia em que fui tentar telefonar, andei mais ou menos um quilômetro, mas o telefone não funcionava. Voltei para casa... E aí, de novo, no dia seguinte. Ia até Mendes, Vassouras; Mendes, porque queria muito falar, saber onde o Joaquim estava, o que estava acontecendo. Quando consegui, finalmente, ligar de Mendes para minha irmã que trabalhava na editora Melhoramentos, ela tinha sido operada, não estava no trabalho. Então, voltei tão desarvorada para casa, e comecei a ficar doente. Tinha febre, o leite no peito vazava... Minha filha não dava conta. Ela também ficou doente, começou com gripe. Dava remedinho para ela, o peito fazia um negócio “assim”. Eu tinha febre de 39 graus!

E a mais velha, Liberdade, chamava: “Cadê o pai?”. Um dia, perdi as estribeiras. Eu chorei: “Não sei do seu pai! Não sei! Não sei!”. Sabe, gritei com ela. Estava sozinha com três crianças! Lavava e secava fralda com ferro. E só chovia!

Precisava me levantar muito cedo para pegar pão e leite que o padeiro deixava na porta, e ficava no meio do mato todo molhado. Porque se demorasse, a vizinha pegava o pão e o leite pra si. Ela ia antes dele passar, ficava no escuro esperando. Eu tinha que levantar e pegar, senão a gente ficava sem nada.

Isso foi uma semana. Era uma eternidade! Sabe, uma eternidade!... A coruja cantava a noite toda, os urubus ficavam a noite toda em cima da casa. Eu não dormia. Não sabia mais o que fazer! As pequenininhas todas em cima de mim. E eu não podia deitar, entende?!

Doente e sozinha, pensava: “Tomara que todo mundo morra, todo mundo aqui! Tomara que eu morra com as crianças! Está muito difícil!” (...) Mas passou tudo isso.

E o que acontecia paralelo a isso, em São Paulo? O Joaquim veio para receber o benefício em São Bernardo do Campo, e encontrou com... o codinome era Gustavo, que é o ex-deputado Nilmário Miranda, e ficou conversando um pouquinho antes de entrar na agência do INSS. Quando foi ao guichê, a moça pegou o papel, sumiu lá para dentro e não voltou. Ele pensou: “Bom, agora é tarde...”. Olha como são as coisas, o movimento clandestino! A essa altura já tínhamos consciência real da situação.

No dia em que o Joaquim foi preso na Mercedes Benz, pela primeira vez, foi devido a um rapaz que, depois de ser torturado por setenta e duas horas, o reconheceu num álbum de fotos do Dops. Procuravam pelo Zé Maria, codinome de meu marido. Foram até a empresa e – imagina! - naquela hora da manhã, ele foi chamado no departamento pessoal! Os boletins que a gente fazia em casa, estavam no bolso, e ele deu um jeito de jogar no vaso, no banheiro. Deu descarga. Nem sabe se foi, se entupiu.. E quando entrou na viatura, reconheceu o rapaz, que tinha sido muito torturado, não sabia nada sobre ele, mas o reconheceu pela foto.

E tempos depois, quando o Joaquim esteve em São Bernardo, a moça voltou com o seguro. E foi preso de novo! Falaram para entregar os “caras”, que já sabiam de tudo, aquela coisa. Ele foi muito torturado, muito torturado!... Ficou uma semana preso.

Quando ele me deixou com as crianças no Rio de Janeiro e foi preso em São Bernardo, no INSS, chegou primeiro em Osasco, almoçou com a minha mãe. Como não voltou mais, minha mãe foi falar com o padre Rafael Busatto, que era nosso amigo de

longa data, e tinha bom trânsito com os paroquianos militares. Com a deserção do Lamarca, quem ficou no comando de um dos quartéis de Quitaúna foi o major Lepiani. O padre foi procurá-lo e falou com sua esposa, chamando-a à responsabilidade cristã. Coincidência ou não, a partir desse dia, as sessões de tortura foram se amenizando e, finalmente, libertaram meu marido. Disseram: “Você, seu filho da puta, foi salvo por ser operário!”.

Quando chegou no Rio, era noite. Chegou todo arrebatado! Falou que não tinha mais problema, que tudo o que tinha que acontecer, já tinha acontecido. Nesse dia fomos embora para São José dos Campos, na casa do Cândido e da Albertina. Lá, a Luciana, recém-nascida, pegou coqueluche, quase morreu. Era muito fraquinha, pequena demais!

No dia 17 de setembro de 1971, meu aniversário, estávamos respirando um pouquinho mais aliviados, porque a menina melhorou. O Joaquim e a Albertina saíram. Fiquei fazendo o almoço. Mais tarde, a Albertina chegou com uma rosca de pão doce, que era meu bolo. Nós estávamos com o rádio ligado, e recebemos a notícia de que o Barreto e o Lamarca tinham sido abatidos no sertão da Bahia... Aí acabou a festa! Acabou a festa!... Ficou todo mundo murcho... Choramos muito, porque conhecíamos o Barreto e lamentamos muito! E foi nesse dia, 17 de setembro de 1971!...

Em São José, o Joaquim arrumou um emprego na ETEP, uma escola técnica de engenharia. O empresário era simpatizante com a causa da resistência. Arrumou para ele, que estava numa lista de “persona non grata” das empresas. Como não conseguia arrumar emprego lá, voltei com as crianças para nossa casa em Osasco, e ele ficou trabalhando dois anos, vindo todo sábado. Eu trabalhava em casa. Minha irmã trabalhava na editora Melhoramentos e pegava trabalho para casa, que era a revisão de um dicionário. Então, ela pegava toda hora extra para mim. Saía no pagamento dela; eu trabalhando em casa, revisando, com uma máquina de escrever, uma maquininha velha, que era do movimento clandestino.

Depois, arrumei um emprego na USP, no Instituto de Energia Atômica, em julho de 1972. Mas, nesse tempo, o clima ainda estava muito duro, havia prisões. A Ditadura estourava as células clandestinas. Teve aquele negócio da Lapa... Ainda torturavam e matavam as pessoas. Um dia, a Mazé, minha amiga, chegou com uma reportagem dizendo que o Joaquim estava sendo julgado à revelia, era tido como desaparecido, foragido. Falou que eu tinha que agir logo, imediatamente, porque se o achassem, iriam matá-lo e dizer que estava foragido. Larguei tudo o que estava fazendo, peguei as meninas. Ela sugeriu que eu fosse à Auditoria Militar, para dizer que ele estava trabalhando, tinha endereço conhecido. Peguei um ônibus, levei minha filha pequeninha justamente para dar mais autenticidade à coisa. Cheguei na rua Brigadeiro Luiz Antônio, na Auditoria Militar, e eles reclamavam: “Como que uma mulher anda com uma criança dessas, pequeninhas, num ônibus lotado desse jeito?!”.

Sabe, fui falar com um advogado que ela tinha me indicado, envolvido com presos. Tinha gente chorando para todo lado. Aqueles soldados, assim, tudo de prontidão. E eu, entrando com aquela criança, procurando um advogado. Ele me falou, muito ríspidamente, que o escritório dele era na Xavier de Toledo, para eu esperá-lo lá. Muito ríspido! E eu fui! Fiquei com a criança até tarde da noite, até que ele chegou, sentou na cadeira e começou a escrever à máquina. Perguntava meu endereço, e eu ia só falando, o que o Joaquim fazia e não fazia. Ele, então, me falou que a prisão estava relaxada e que fosse embora, mas que o Joaquim deveria comparecer pessoalmente na Auditoria.

Mas meu marido foi orientado para não ir. E lá fui eu de novo com as crianças na Auditoria Militar dizer que ele estava trabalhando, não podia ir; que marcassem,

então, outra audiência. Fui e dei de cara com um juiz chamado Paiva, que falou que era da polícia, me xingou, porque também estava em polvorosa aquele dia: tinha gente que estava sendo presa, chegando no camburão. Aqueles camburões, aquelas peruas cor de vinho, sabe, que abriam lá no pátio e saía um monte de gente. Era soldado armado, mulher chorando, pessoas descendo e subindo aquelas escadas, se atropelando!...

Mas eu não tinha medo de ser presa, talvez por ser mulher, em nenhum momento tive medo, porque eu não tinha nada a ver com ninguém ali. Depois que tudo passou, pensei: “Puxa, o que eu fui fazer?!”. Via a dor, mas não tinha medo.

E aquela situação do Rio de Janeiro, o sofrimento foi muito grande!

Doente e sozinha, pensava: “Tomara que todo mundo morra, todo mundo aqui! Tomara que eu morra com as crianças! Está muito difícil!” Mas passou tudo isso. O Joaquim continuou com o processo na Auditoria Militar, respondendo em liberdade, e trabalhando em São José dos Campos, porque o patrão dele sabia e falou que ele estava seguro. Voltou para Osasco em 1974 e foi trabalhar na Liquigás, quando nasceu a nossa quarta filha, Leila.

A gente sentiu que estava muito seguro quando, em 1976, começou a caça à bruxas e houve a morte do Herzog. Meu marido ficou muito assustado, porque estava com problemas psicológicos graves, fazia terapia duas, três vezes por semana, com psiquiatra e psicólogo. Sabe, era uma coisa de louco, tomava remédio, não dormia. Estava muito assustado, achava que ia ser preso... Nós nos reunimos com amigos em Jandira, onde havia uma comunidade italiana e decidimos sair do país. Os nossos amigos ligaram para a Itália, pediram dinheiro para a gente viajar. Só que nós fizemos uma reunião e todos acharam que não deveríamos sair. Devolvemos o dinheiro para a Itália e decidimos que não íamos mais. E foi bom a gente não ter ido!

O Joaquim teve os direitos civis cassados. Está até hoje registrado na Liquigás do Brasil, porque quando foi preencher o formulário de admissão, havia uma pergunta: “Já foi processado?”. Mas o colega dele, do RH, falou: “Não se preocupe, deixa em branco”. Ele ainda não tinha sido Anistiado, porque a Anistia era para os presos e banidos. Mas houve outra para os últimos Anistiados, e o Joaquim foi reparado, apesar das sequelas. Hoje está na direção do Sindicato dos Trabalhadores dos Derivados de Petróleo. Voltaram os amigos da gente, que estavam banidos...

Muita coisa poderia ter sido evitada, casos de desumanidade... Talvez, não sei... A gente não pode saber, não pode adivinhar... Aconteceu tanta coisa, morreu tanta gente, foi injusto, sem motivo! Não teve sentido aquela repressão, aquela violência... Por nada! Nada!

Isso tudo mudou completamente a minha vida, o jeito de ver o mundo, as pessoas, a relação homem-trabalho, direito, respeito. Mudou tudo! Foi um aprendizado. Criei minhas filhas dentro desses conceitos, elas sabem de toda a história. São cidadãs que se indignam com a injustiça; não querem para ninguém o que não querem para si.

Criamos, assim, cidadãos no sentido da palavra. E companheiros também, que são pessoas conscientes e comprometidas com a solidariedade, a ética, a justiça. São pessoas que querem um mundo diferente.

Eu vivi uma transformação. Não imaginava que poderia ter crescido como cresci! Poderia ter me rebelado, abandonado meu marido, saído da vida dele, mas estava convicta de que era o caminho!...

Sei que essa vida foi uma escola para mim, e que também foi azar meu ter nascido nessa época. A história exigiu de mim muitos sacrifícios!... Mas hoje continuo acreditando que as pessoas têm que crescer, têm que conhecer melhor seu líder, sua família. Enfim, sua comunidade. Continuo a trabalhar na comunidade, na prefeitura,

apesar de já estar aposentada. Acredito que posso ajudar, com minha experiência, a produzir alguma coisa boa.

Vivemos de cabeça erguida, e não foi preciso vender a alma ao diabo. Vivemos dignamente!

TERESINHA DE JESUS GURGEL

Tudo que passei! Foi a minha grande dor!... Mas a lição que a gente tira da dor é que vale a pena!

Eu me chamo Teresinha de Jesus Gurgel, tenho 65 anos de idade. Sou casada há 48 anos, mãe de três filhos, e tenho três netas muito lindas! Nasci no interior de São Paulo, em Xavantes. Trabalho na Prefeitura de Osasco, no Serviço Social. Faço uma coisa que gosto muito! Trabalhar com as pessoas carentes, com as pessoas pobres. Participei ativamente de alguns movimentos, principalmente da Igreja, na Ação Católica Operária. Fiquei muito tempo na Ação católica...

Quando era pequena, chegava da escola, tirava a roupinha e botava num prego. Minha casa não tinha um guarda-roupa. Era um prego que tinha na parede, para cada filho guardar o uniforme da escola. Tirava o meu uniforme e pendurava naquele prego. Minha mãe fazia uma cestinha de banana para cada um... Eu tinha cinco irmãos... A gente saía pra vender banana... O meu pai tinha um barracão, comprava bananas. E a minha mãe era lavadeira do exército. Lavava roupa para o quartel. Naquela época, não tinha tintureiro como hoje, eram as lavadeiras que lavavam e passavam pros comandantes, as pessoas do exército...Então, a minha mãe enchia uma cestinha de banana e eu botava na cabeça e ia vender.

Na casa do Inácio - que hoje é o meu marido - lá no cortiço, o pai dele comprava duas dúzias de banana. Aquilo aliviava o peso na minha cabeça!... Ia direto na casa dele! Era um freguês assíduo: comprava duas dúzias de banana! Eu tinha um cabelo grande, umas tranças...O pai dele falava para mim que eu ia me casar com um dos filhos dele, e eu nem conhecia o Inácio que, naquela época, já tinha uns dezesseis anos, mais ou menos. E eu era garotinha... Dizia que ia me casar com um dos filhos dele, mas eu ficava com uma bronca do velho ter que falar isso pra mim! Eu queria era vender banana, para não pesar a cesta na minha cabeça! Não era casar com um dos filhos dele!! Mas depois, com o tempo, não sei se é o destino, conheci o Inácio, que foi meu primeiro namorado. Nunca tive um outro namorado, e em alguns anos nós começamos a namorar...

Aos doze anos de idade, eu estudava na escola estadual. Por necessidade de ajudar em casa, a minha família, tive que parar de estudar na escola do Estado e trabalhar, entrar na indústria, com autorização do Juizado de Menores. Naquela ocasião, o Juizado dava uma autorização para a criança trabalhar. Então, com essa idade, entrei na fábrica de fósforos Granada que tinha aqui em Osasco, fazendo trabalho manual, enchendo caixinha de fósforo, recebendo por produção! Ganhava um “dinheirinho” para trazer em casa e ajudar na renda da família.

Por muitas vezes, os menores eram fiscalizados e, quando vinha a fiscalização para ver se a gente estava num trabalho muito pesado, ou alguma coisa assim, os patrões colocavam a gente num porão da fábrica. Ali, davam lanche pra gente, davam suco... Quando tinha que fazer hora extra, eu ficava muito feliz, porque lá ia ganhar lanche, ganhar suco. O que não havia na minha casa, tinha lá! Não tinha consciência que estava sendo explorada como criança, que aquele suco era uma exploração, que aquele lanche era exploração. Não só eu, mas também as outras meninas ficavam muito felizes de estarem ali, naquele lugar, trabalhando, muitas vezes até tarde, para poder comer esse lanche e tomar esse suco.

Essa indústria ficava do lado da fábrica Osram. Trabalhei muitos anos ali. Entrei com doze, saí com vinte anos, já casada com o Inácio. Eu me casei com ele aos dezessete anos! Fiz um acordo e saí da empresa. A irmã dele entrou na fábrica de fósforos, trabalhou comigo. Fiz amizade, a gente se aproximou... Quando vi, já estava saindo com o Inácio e com a irmã dele para ir no cinema! Fomos muitas vezes ao cinema. E o Inácio, pra me ganhar, dava aquele bombom de chocolate Sonho de Valsa. Ele me pegou pelo estômago!! Dando um Sonho de Valsa pra mim!!

Fora isso, eu cantava no circo e o Inácio também! Na época, tinha show de calouros na matinê do circo. Ia lá e cantava, com a minha saíinha bem rodada... Dançava... Cantava... E ele também cantava! Eu o admirava cantando, mas não era ainda namorada dele. Só ficava de olho, né? Ele cantava e declamava! Eu cantava assim, lembro, cantava assim:

Sabiá, na gaiola, fez um buraquinho.

Voou, voou, voou, voou!

A menina que gostava tanto do bichinho

Chorou, chorou, chorou, chorou!

Sabiá fugiu do terreiro

Foi cantar lá no abacateiro.

A menina diz a chorar:

Vem cá, Sabiá! Vem cá!

A menina diz soluçando:

Sabiá, estou te esperando!

Sabiá responde de lá:

Não chore, que eu vou voltar!

Aí, eu ganhava dele!! Tinha um prêmio, a gente era concorrente, e eu dançava... Era graciosa, né? Ganhava o prêmio! Isso tudo era na época do Getúlio Vargas. Meu pai endeusava tanto o Vargas! Ele era analfabeto. Minha mãe também era analfabeta. Analfabetos, os dois! Mas eles lutaram tanto para a gente concluir pelo menos o curso primário!... Foi uma luta tão grande da minha mãe! Secava a roupa da gente em ferro de brasa, pra gente ir arrumadinho para a escola... Tinha só uma roupa e um calçado! E no final do ano a gente ganhava um sapatinho e outra roupa. E apesar de tudo, éramos crianças, assim, felizes!

Brincávamos, porque naquela época a gente podia brincar de pique, à noite, na rua! Brincava! Toda a criança brincava. Na rua! Livre pra correr, pra brincar de esconde-esconde, de roda, de amarelinha. Brincava de casinha. Eram essas as brincadeiras da época. Não havia brinquedos! Eu mesma, quantas vezes fui ao Palácio do Governo buscar uma boneca que era a cara do Adhemar de Barros!! Pensa você, uma boneca que é a cara do Adhemar! Ele fazia boneco com a cara dele!!

A televisão veio depois, mas a gente participou da primeira transmissão em Osasco. Foi no Bar do Povo, do Guaçu Piteri. A primeira que chegou no Quilômetro Dezoito. Víamos a televisão do Guaçu como um cinema! Todo mundo descia! A gente já morava, mais ou menos por aqui, e todo mundo, depois do jantar, ia assistir.

Eu não aceito quando alguém fala que a história tem mentira, porque ela é uma coisa tão da alma, ela vem tão de dentro!... São tão verdadeiras as coisas que aconteceram conosco! Agora, é tão bom poder ter acontecido tudo isso e a gente não sentir revolta! Não sou uma pessoa revoltada. Não, eu não sou revoltada. Acho que lutamos, e por isso temos uma consciência tranqüila, batalhamos para sobreviver. Estamos trabalhando até o dia de hoje, e sempre lutamos com a vida, nunca esperamos cair do céu!

Sempre fomos assalariados, com o salário baixo, nunca pegamos as coisas de ninguém, nunca fomos desonestos, para poder tirar de outro. Nós lutamos, estamos lutando, e enquanto vivermos, vamos lutar! E não quero nunca sentir revolta, porque não me sinto uma pessoa pobre! Diante do que passa na televisão, com aquela pobreza das pessoas, somos privilegiados, somos privilegiados... Ganhamos pouco, tivemos pouco, mas sempre “pingou” dentro da nossa casa. Sempre fomos abençoados, apesar de tanto sofrimento. Não foi fácil a nossa vida. Até o dia de hoje nunca foi fácil! A gente sente isso. Eu, principalmente eu. Eu sinto!

Atribuo toda nossa força que temos ao amor pela vida! Atribuo muito, muito, muito, às bênçãos de Deus, que sempre caiu sobre a minha casa e na minha família! Sempre! Desde o lar humilde da casa dos meus pais, que foi uma coisa assim... Minha mãe ser uma pessoa simples, analfabeta, criar uma família com tanta dificuldade e saber educar todos os filhos para serem pessoas do bem. Sabe? Serem pessoas do bem!

Meus irmãos, todos, são profissionais, cada um teve uma profissão. Cheguei a estudar até a 5ª série, ainda na casa dos meus pais. Depois, no decorrer da vida, casada, com tanta dificuldade, não consegui continuar estudando. Quando fui trabalhar, sentia muita necessidade de ter um conhecimento maior. E o Inácio e eu voltamos pra escola para concluir o Ginásio. Ele concluiu, foi pra frente, eu parei no Ginásio. Mas fiz a Universidade de Terceira Idade. Há pouco tempo, nos anos de 90. Por sinal, uma coisa fantástica na minha vida!

Quando o Francisco Rossi se candidatou a prefeito, na década de 70, ele veio aqui em casa chamar o Inácio para ser o vice dele. Veio falar com o Inácio para ser o vice-prefeito junto com ele. Aí, o Inácio falou que era muito cedo para o Rossi já sair pra ser prefeito, ele deveria ser primeiro vereador, pra depois ele ser prefeito. Mas ele falou: “Não, eu vou ser prefeito.” Pôs na cabeça, porque aí o Rossi era um líder estudantil, naquela ocasião. Mas o Inácio não aceitou! Se ele aceitasse, eu teria sido a Primeira-Dama!!

Deixa só eu contar um fato que marcou a vida dos meus filhos! É... O Inácio não foi chamado só uma vez para ser vice prefeito do Rossi, para entrar na política. Não foi uma vez. O Inácio foi chamado muitas vezes, muitas vezes! Numa das vezes que me lembro, veio o Achaud Sanazar; veio aquele Adhemar de Barros Filho, grandão! Uma série de políticos... E a gente tinha a nossa casa, com dois cômodos... Dois cômodos! Dois cômodos, lá e aqui, e a gente dividia com uma cortina a casa: as crianças dormiam de um lado, e a gente tinha a cama do outro.

Na cozinha, nós recebemos esse “povo”. Aí, para chamar o Inácio para ser o vice do Achaud Sanazar - ou era do Hirant, ou era do Achaud - ficaram falando com o Inácio, para o Inácio aceitar, para o Inácio aceitar, e ele: “Não, não, não, não, não, não e não!... Não! Não quero! Não quero! Não quero!”. E os homens apertando... À noite chegando e os homens apertando... Aí chegou uma determinada hora que eles ofereceram dinheiro: “Damos dinheiro pra você dar o ‘sim’ para nós”.

Eu nem lembro, não lembro para dizer pra você quem foi que ofertou dinheiro naquela ocasião. Altas horas da noite já! Já estava noite adentro! Aí, o Inácio falou: “Agora que eu não quero!”. Abriu a porta e falou que a porta era a serventia da casa. E tocou os homens daqui de casa! O Silvio, nosso filho, era garoto, e abriu a porta do quarto: “Pai, por que o senhor fez isso? Aí, eu ia ter uma ‘bicicreta’, pai! Se o senhor tivesse aceitado o dinheiro, eu ia ter uma bicicleta!”. E isso era altas horas da noite, não era hora de criança estar acordada! O Silvio nunca esquece disso. Nunca! E isso me emociona até hoje!...

Mas hoje, claro, o Sílvio tem outra interpretação. Com certeza! Meus filhos são formados e falam que é uma das coisas que mais marcou a vida deles.... Foi a

honestidade do pai deles... De ter feito isso.... De ter lutado... Isso levaram pra toda a vida deles!... O Inácio sempre foi visado politicamente. Sempre, sempre, sempre! Sempre foi rodeado, porque era líder do sindicato. Ele tinha uma liderança muito forte, na comunidade com os jovens, né? No teatro... No teatro, então, com muita gente! Isso atraía muita gente aqui e, no atrair sempre muita gente, ele sempre foi visado politicamente. Mas nunca aceitou. Nunca, nunca. No auge que ele estava, da liderança dele, quando era mais jovem. Mas nunca quis! Nunca, nunca. Nunca aceitou! E, naquela época, era Arena e MDB. Tinha só dois partidos. Era o “Sim” e o “Sim, senhor”!! O “Sim” e o “Sim, senhor”!!

Eu não sabia do significado do golpe militar, quando aconteceu. Nessa ocasião, já cuidava de dois filhos e, como o Inácio era muito ligado ao teatro, ao sindicato, ele era um visitante dessa casa! Mas trazia tudo, foi muito... Foi, não! É um ótimo pai! Muito responsável, nunca deixou faltar as coisas pra gente. Na medida do possível, porque sempre foi um assalariado, né? Meu marido ganhava pouco, e com o pouco que a gente tinha, fazia milagre dentro de casa. Ele nunca fugiu. Dizer que o Inácio faltou, que se acomodou, não! Ele lutava, ia à luta! Era um sindicalista!

Em 1964 ou em 1968, eu não tinha nenhuma consciência de nada que estava se passando, porque era dona de casa, daquela: “Amélia, a mulher de verdade!”, que lavava, passava, cozinhava, cuidava dos filhos. O Inácio estava sempre ausente. Então, eu assumia essa parte dentro de casa. Quando tudo aconteceu, estourou a greve, eu dizia: “Mas meu Deus do Céu! O que está acontecendo no mundo?!”. Mas já participava da Comunidade de Base. Quando estourou a greve, vi que aquilo ali que era uma coisa grandiosa, mas não entendia muito bem. A Ação Católica Operária era uma coisa muito boa, era uma coisa muito boa! Pra gente, ali! Para me ajudar a enxergar o que acontecia. Quando estourou tudo, essa greve, foi um choque muito grande pra mim: “Mas o que está acontecendo no mundo?!”. Aí, lembro que a Sônia Miranda, a Santina, essas mulheres todas que já faziam parte também, vinham na minha casa, na época, em 1964. Eu me perco muito entre 1964 e 1968. Foram duas fases, e nas duas o Inácio foi cassado!

Foi muito difícil nas duas, porque em 1964 as crianças eram pequenas. Em 1968, elas já estavam maiorzinhas, e foi quando fui trabalhar na Creche Recanto Alegre. Tive muita, muita necessidade de trabalhar! Aí, foi quando estourou a greve... Dos fatos de 68 que lembro mais, foi muito mais forte... Foi quando a cavalaria entrou na Cobrasma... O Inácio ficou desaparecido mais de quarenta dias!!

Eu esperava ele morto! Era viúva de marido vivo, na ocasião. Era uma viúva de marido vivo! Sem ter comida, sem ter salário! Eu não sabia de nada. Eu não sabia, porque eu estava sempre contra, do Inácio estar indo muito, ficar muito no sindicato! Então, eu não estava interessada! Eu sabia que ele estava no sindicato. Quando a Greve estourou de uma vez, que a notícia correu, que a cavalaria entrou na Cobrasma, aí me perguntei: “Cadê o meu marido?! Onde? Desapareceu! Sumiu”! Né? E dali só depois de 48 dias que fiquei sabendo! Aí, eu acompanhei todo o desenrolar da greve, com as duas crianças.

O Inácio desapareceu, não voltou pra casa! Não voltou. Depois que ele fugiu, que a cavalaria entrou na Cobrasma!... Entrou na Cobrasma! E sumiu todo mundo! Quem foi preso, foi preso; quem não foi preso naquele momento, desapareceu! Né? Mas, pra mim ele estava preso... Mas eu esperava ele morto, não vivo! Não esperava ele vivo. Com as notícias que corriam, né? Eu não esperava que ele chegasse com vida!

E lembro que fui na casa do meu pai e disse: “Pai, o Inácio era do sindicato, e ele sumiu! Dá pro senhor dormir lá em casa, porque eu tenho muito medo de dormir sozinha com as crianças!”. Ele respondeu: “Cadê o seu marido?”. Eu disse: “O meu

marido está fugido da polícia, pai! A polícia está querendo pegar todos os sindicalistas!”. Ele me perguntou: “O que ele fez?”. Falei: “Não fez nada, pai! Não fez nada! Estava lutando por um pedaço de pão a mais pros filhos dos operários!”. Aí, meu pai respondeu: “Ah! Esse caboclo fez alguma coisa! Porque se tá correndo da polícia, boa coisa ele não fez! E eu não vou lá, não! Até explicar que tomada não é focinho de porco, ou que o focinho de porco não é tomada, eu vou levar minhas lambadas?! Vou nada! Seu marido que leve!”.

Meu pai!!!... Fiquei desesperada: “Meu Jesus! O que vou fazer da vida? Com dois filhos, sem ter como me virar sozinha?!”. Nessa época foi muito difícil! Ninguém me ajudou! Mesmo meus irmãos, porque eles pensavam que se o Inácio se envolveu, era algo criminoso. Ficaram todos com medo, né? Perguntavam: “O que ele fez? O que fez para estar corrido da polícia?”. No noticiário passava que os operários queriam ir contra o governo, eram comunistas, que estavam querendo ser contra o governo! Era isso que falava, não falava? Derrubar o governo... Não falava que era cristão, né? Nem que estavam batalhando por um pão, uma coisa melhor! Aí, fui até a igreja procurar uma explicação: “Padre Rafael, cadê o meu marido? Sumiu!”. E o padre me respondeu: “Minha querida... Vai rezar ali, “Chiquinha”, porque estou arrumando minha mala também”!! E ele saiu por aqui, rapidinho!! É que o Padre Rafael também estava sendo procurado. Foi uma correria!!

Depois que a tormenta cessou, ele também ajudou as famílias, colaborou. Foi uma pessoa maravilhosa! Nesse processo difícil que toda família passou, esse padre foi sensacional! Foi muito bom! Principalmente para as pessoas não passarem fome!...

Depois, com duas crianças para cuidar, arrumei emprego. Fui trabalhar. Eu estava trabalhando quando o Inácio voltou... Por isso é que eu não aceito alguém dizer que essa história não é verdadeira! Só quem sentiu na pele é que pode dizer se é ou se não é! Eu... Foi muito difícil... É difícil aguentar... É difícil falar!...

Agentei muito! Fui forte. Parece mentira, né, quando a gente vai lá atrás e lembra... Eu não sabia da gravidade daquela coisa, naquele momento! Eu não sabia... Quando o Inácio voltou em setembro, depois de quarenta e oito dias, eu não sabia que aquele abraço era um abraço de despedida. Era um abraço de despedida que ele estava dando... Lembro bem, eu estava lavando roupa... Quarenta e oito dias desaparecido!! O Inácio apareceu... Com a barba... Ele veio com a barba igual ao de um artista aí! Veio com a barbona... Grande! Estava escondido após a greve... Eu estava lavando roupa, ele chegou, me pegou pelas costas, assim, me abraçou forte e falou pra mim: “Teresinha, estou indo pro Dops!”. Mas eu pensava: “Que que é Dops?”! Dops... Ele falou Dops! Quer dizer dropes?!... Aí fiquei com aquilo na cabeça: “O que é Dops? Que DOPS é esse? Dops que eu entendo é dropes de chupar. É bala! Jamais eu pensei que era... Que ele estava indo...”

A consciência das pessoas é uma coisa lenta! Não é assim num estalo de dedo e você já tem! Partindo daí, depois de passar por tudo isso, eu comecei a ler, me interessar... É! Ler as coisas, sabe? Ler revistas, ver a parte política nos jornais... Ele trazia... Sempre o Inácio foi um bom leitor! Sempre gostou muito de ler! E eu sempre fui uma preguiçosa pra ler! E, às vezes, até ele dizia isso pra mim... Só pra você ter uma idéia, um dia ele chegou pra mim dizendo que um livro, na época que eu era preguiçosa para ler, chamava: “Meu pé de laranja lima”. Li o começo, depois li o meio e só bem depois li o fim! De preguiça de ler o livro!

É lógico que hoje é diferente! Por isso acho que a consciência é uma coisa que vem a longo prazo. Lógico que tenho muito que aprender! Quanto vou aprender com as minhas netas? A vida é uma aprendizagem! Você está aprendendo... Está sempre aprendendo! E o Padre Rafael nos ajudou muito! Muito! Ajudou muito! Quando eu

tinha qualquer dúvida - fui sempre “igrejeira” e sou até hoje “rezadeira” - sempre ia à igreja conversar com o padre. Hoje também faço isso e continuo procurando aprender.

Ah! Eu tenho uma história do meu filho!... Quando o pai estava sumido, quando foi embora, meu filho perguntou: “Cadê o papai?”. O Silvio, o mais velho. Exatamente. “Cadê o papai?”. Aí, eu falei assim: “Sabe, o papai está lutando! Por um pão pras crianças, pros filhos dos operários”. Então, eu estava indo pra casa da minha sogra, que morava ali perto da Igreja de Vila Isabel... Sabe o que estava fazendo lá? Eu ia comer! Ia comer na casa da minha sogra, porque na minha casa não tinha comida! E eu não queria que a minha mãe e o meu pai soubessem nada que estava se passando em casa, né? Sempre encobri! Sempre! Sempre encobri! É, sempre, sempre eu fui assim! Aí, fui pra casa da minha sogra comer... O Silvio pegou e falou assim pra mim: “Mãe, e se o pai trabalhasse e ficasse bem suado? Suado, bem suado. Aí, o patrão pagava um salário bom pra ele! Porque ele estava suado de tanto trabalhar”? Olha a cabecinha dele! Hoje, ele é um homem, né? De quarenta e tantos anos, e eu conto isso pra ele. Sempre contei pra ele quando ficou adulto. E ele fala: “Mãe, mas que menininho idiota”!!

Nunca, nunca falei que o pai estava... É... Escondido em algum lugar. Que a polícia estava atrás. Nunca! Nunca! Nunca falei! Nunca. Eles vieram saber toda a história do pai, adultos, na faculdade, estudando... Aí, o pai foi falando, falando... Então, eles sabem de tudo, tudo o que aconteceu na nossa vida. Eles sabem. Tudo, tudo, eles sabem. Hoje que eles são adultos, né? O Silvio, o mais velho... Depois dele vem a Silvana, e o terceiro é o Neco. Neco é o caçula. Mas os três sabem de tudo.

No caminho pra minha sogra, ia conversando com eles, conversando com o Silvio! Ele fez essa pergunta pra mim, né? “Cadê o papai?”. “Onde o papai tá?”. “Porque o papai não tá em casa?”. Acho que no momento, devo ter tido uma saída, né? Porque uma das coisas que eu tenho certeza é que não deixei um trauma neles. Eu chorava muito! Chorava... Chorava muito!! Eu estava trabalhando em 1968, tinha começado a trabalhar, e no meu trabalho tinha as mulheres, principalmente a Dona Amélia Assaf, que é a mãe do Jair Assaf, vereador... Ela falava assim: “É bom que eles apanhem mesmo! Tão lá tudo apanhando. Tão apanhando muito lá! Mas é bom! Eles querem ser contra o governo? Leva cacete! Apanha mesmo, é bom apanhar!”. Dona Amélia Assaf! E eu, sofrendo! Sofrida!! Eu era a vítima ali, né? Meu marido sendo... E eu, calada! Não podendo, não podia falar, sabe?

Quem veio para dar uma força, quem veio ajudar, era mais aquele pessoal, nessa ocasião, da Ação Católica Operária, e da JOC, a Juventude Operária Católica. Eles é que vieram nesse momento, dar uma força, porque os demais, cada um se fechou, cada um se fechou. Se fechou no seu cantinho, com medo! Com muito medo! As pessoas não entendiam! Se eu que tinha meu marido líder sindical, que tava trabalhando, estava na luta, que tava aí... Muita coisa eu ignorava! Imagine as outras pessoas! Era muita coisa pra mim, né?

Mas muita mulher ajudou! A mulher do João Joaquim, a do Miranda, do Félix, do Ivo, a Zaia, a Duda! A mulher do Ivo. A Zaia do Tim! A Albertina! Quem mais que era da época?... Dr^a. Pura!... Eu procurei tanto nas listas, para ver!... Quando apareceram as listas, para saber se ela estava viva. Se...né?... Se mataram... Procurei tanto!... Nunca vi o nome dela em nenhuma lista! Dr^a Pura... Ela era uma pessoa muito dedicada às crianças, e me orientava muito no trabalho da creche de Osasco. Na Vila Isabel. Posto de Saúde da Vila Isabel! Postinho de Puericultura. Foi a primeira creche do Município. Eu trabalhava nessa creche e ela me orientava como atender as crianças, como fazer com as crianças. E essa médica, sumiu! Em 1968. Ela tinha um trabalho maravilhoso! Atendia as mães com muito carinho, sabe? De madrugada, as mães já iam para o posto,

ela acompanhava. Acompanhava as crianças da creche! Eu recebia as crianças das mães que trabalhavam fora, deixavam as crianças comigo. E ela acompanhava! Então...

Era a época do prefeito Guaçu Piteri. Eu tinha um armarinho com os medicamentos. Ela chegava, deixava tudo anotadinho: “Dona Teresinha, a senhora faz assim, assim, assim”. Explicava, me orientava como fazer. Quando precisava convidar as mães para irem até o posto, para orientar a mãe, eu avisava. A mãe ia até lá falar com a doutora. Mas ela sumiu! Desapareceu! Eram essas aí que vinham, até, não sei se você estava naquele depoimento da Sonia Miranda? Ela falou: “A Teresinha tinha um medo!”. A Teresinha que ela falava era eu!!

E agora, quando o Lula veio em Osasco, na Cobrasma, em 2002, os engenheiros e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, o Jorginho, escolheram o Inácio para recepcionar o Lula. Ele que foi recepcionar o Lula! Quando voltou a apitar a Cobrasma... No apito, foi o Lula que veio... Fazer voltar o apito da Cobrasma. Aí, Inácio foi para recepcionar o Lula. Foi todo bonito! Comprei um terno novo para ele ir bonito!!

Eu lembro quando o PT surgiu! Estava aquela febre, a meninada toda empolgada com a história do PT. Fundaram o PT, aquela meninada toda... Aí, fizeram uma reunião na igreja. O padre não ficou sabendo... O padre não ficou sabendo... Quando descobriu, ficou bravo, né? Afinal, ele era o pároco, tinha que estar a par da meninada.

Aí, os meninos falaram: “Não! A gente não vai mais na igreja. Nós não vamos mais na Igreja. Vamos nos reunir, alugar uma casa, ficar todo junto, e vamos continuar a nossa luta”. Todos empolgados! Todos! Aí, vieram aqui! A casa lotou! Falaram: “Inácio, nós estamos aqui para você ser o nosso fiador. Vamos alugar uma casa, você e a Teresinha vão ser os fiadores da casa. Não queremos mais coisa com o padre! Ele que pegue a sala dele e põe no lugar que achar melhor”!! E cada um falou mais grosso do que o outro! O Inácio é meio meninão! Estava, também, empolgado com a meninada!

Vi aquela situação e falei: “Isso não vai dar certo. Isso não vai dar certo...”. Aí, todo mundo, assim, reunido... Fui bem quietinha, cheguei lá no padre Rafael e falei: “Padre Rafael, está acontecendo ‘isso, isso e isso’. Foram todos lá em casa, estão se reunindo para morar tudo junto numa casa”. Conte tudo! Aí, ele ficou preocupado! Ficou quieto... Nunca ninguém soube que eu fui a delatora!! Aí... Estou revelando agora!!

O padre chegou, chamou todos e disse: “Gente, não é assim!”, com muito carinho, com muito amor, porque ele tinha muito carinho pelos jovens... Trouxe tudo de volta! Trouxe a meninada! Ajeitou, acomodou a meninada do PT, deu apoio, orientou. Sabe? Aí, ficou uma coisa melhor... Depois, ele se invocou com os beijos! Estavam beijando demais!! Preocupado, dizia: “Que beijação é essa?”! Eles estavam beijando muito! Estava na época dos beijos. Beijo aqui, beijo ali!... O padre já chamou a atenção dos beijos. Então, foram beijar, todos... Na padaria!!

Nessa época, eles disseram: “Vamos morar todo mundo separado do padre!... Cada briga que tinha com o padre!... A primeira iniciativa era morar todos juntos. Chegou, acho que o Fred - não sei quem foi - ou foi o próprio Emídio, que chegou aqui em casa e falou que iam morar separados. Havia o Carlinhos, moreninho... O Silvino... Iam alugar casa. Largar pai e mãe, e morar separado! Chegaram aqui e contaram que disseram em casa: “Mãe, vou sair de casa, vou morar com a turma, comunitariamente. Eu vou morar!”. A mãe deles: “Vai? Arruma a mala pra você... Você vai agora? Vai depois? Que horas você vai?”. Vieram aqui em casa e falaram: “Ah! Eu não vou não! Minha mãe não chorou!! Minha mãe não chorou, não desmaiou”!! O outro também falou: “A minha também não ligou! Não ligou!”.

Hum...Acho até que tinha dedinho do padre... Ele foi nas casas das famílias. Com certeza! Conscientizou os pais sobre o que estava acontecendo. Aí, ninguém, ninguém foi! Ninguém foi morar fora da casa. Fizeram um grupo bonito! Fizeram um trabalho! Eu e o Inácio acompanhávamos os jovens. E o padre, dando todo o apoio... Então, eles vinham, contavam as coisas pra gente. Geralmente era eu que ia lá na igreja e falava: “Padre, está acontecendo isso, isso e isso. O senhor toma cuidado aqui, toma cuidado ali!”. Sabe? Ia bem quietinha... Fazia o papel de Santa Teresinha!! Ia lá, ia lá colocava o padre a par do que estava acontecendo com os jovens. É, todos! A gente cercava os jovens. Eu e o Inácio. A gente cercava!

Uma vez o Albertino deu a casa para levarmos os meninos para a praia. Chegando lá, falei para o Inácio o seguinte: “As meninas dormem todas comigo, os meninos dormem todos com você. Eu organizava todo o passeio deles, comprava todas as coisas que tinha que comprar, e a casa era emprestada pelo Dr. Albertino, na Praia das Toninhas, lá no Litoral Norte. Levamos os jovens para lá. Quando chegou o dia da limpeza, eu fazia escala... Então, todo mundo tinha que trabalhar! Lavar louça, limpar a casa, limpar o banheiro, todo mundo. Dava tarefa para todo mundo! Sempre fui muito respeitada pelos meninos. Ele também, mas eu era da linha dura, né?!

Falei para o Inácio: “Toma cuidado com as bebidas do Albertino!”. Ele tinha aquelas bebidas caras. No barzinho dele, lá, organizado. Falei: “Inácio, agora você junta todos os meninos pra gente deixar a casa impecável! Limpar tudo”. Aí, chegaram os meninos para pedir bebida pra ele. As bebidas do Albertino... E eu, com o maior cuidado, no barzinho, porque não podia mexer no barzinho do Albertino. Falava: “Inácio, tá limpando? Está limpando tudo aí?”. Ele respondia: “Estamos limpando tudo, tudo!”... Mas era a bebida! A bebida do Albertino!! Quando eu vejo, estavam limpando, mas era os whiskies do Albertino, né?! Aí, fiquei muito brava, porque não podia mexer nas coisas do homem! Ele emprestou a casa, mas não era para beber! Depois, ele ficou sabendo que foi o Inácio que abriu a bebida e deu pra cada um experimentar. Estavam, todos aqueles dias, querendo tomar, experimentar as bebidas caras. Tudo adolescente, molecão... Querendo se auto-afirmar. Então, ele deu um golinho, deixou todo mundo “molhar o bico”!... Com a bebida do Albertino!! Depois, foi contar pro Albertino que deixou a turma “molhar o bico” nas bebidas dele. Ele deu aquela gargalhada dele! Sabe? Ele não achou ruim, não! Não achou ruim, não! Não achou.

É, procurei contar a história, a história verdadeira.... Coisas acontecidas com a gente. Então, isso é uma contribuição nossa para as pessoas. Uma história real! Uma história vivida, e que vai contribuir com os jovens, jovens estudantes, os que vieram depois... Para saber o porquê da liberdade, o porquê da democracia. Que alguém sofreu, alguém passou coisas ruins para que isso viva para os jovens, os professores, para quem quiser nos ouvir...

Tudo que eu passei... Ficar sem o marido... Tudo que passei! Foi a minha grande dor!... Mas a lição a gente tira da dor é que vale a pena. Valeu! Valeu a pena pra vocês, hoje, terem a liberdade que vocês têm! Que meus filhos têm! Que meus netos têm!

A dor me libertou!! Deu uma visão de consciência melhor. Se tivesse que lutar, hoje, seria com uma outra cabeça! Uma outra, né? Com uma experiência já vivenciada! Começaria tudo de novo!!

INÁCIO PEREIRA GURGEL

Se não fosse tudo isso, talvez, não estivéssemos juntos, aqui, hoje! Para celebrarmos a vida!!

Meu nome é Inácio Pereira Gurgel. Para mim é difícil falar nesse momento!... Falar sobre a greve de Osasco em 1968... Difícil, porque essa história faz parte da minha vida, assim como uma fortaleza!... Uma fortaleza muito grande! As coisas que realizei na vida começaram assim... Por exemplo, o teatro: a primeira peça que eu fiz, a primeira peça de teatro, foi quando o meu pai teve relações com a minha mãe. E depois de nove meses, nasceu “essa beleza” aqui, que você está vendo! Foi a minha primeira peça de teatro!!

Nasci na cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco, em 1934. Quando tinha 16 anos, viemos embora para São Paulo, porque lá não dava para viver... A fome era muita! Existe muita gente que tem vergonha ou medo de dizer que passou fome. Eu não! Passei fome e ainda hoje sinto fome! Fome de justiça, fome de solidariedade, fome de amor! Mas quem nasce Pereira Gurgel, em Garanhuns, Pernambuco... É assim!

Chegando aqui em São Paulo, fomos morar em Martinópolis, interior do Estado, Alta Sorocabana. Tocamos uma roça durante um ano, uma roça de algodão: eu, meu pai, minhas irmãs, meus irmãos... E, quando foi na colheita, fomos prestar contas. O que nós fizemos durante o ano com o algodão, o que arrecadamos, não deu para pagar o que comemos. Nós ficamos sem nada! Aí, fugimos de Martinópolis, de noite, a pé, numa trilha!... Saímos na estação, tomamos o trem para São Paulo. Chegando na Estação Júlio Prestes... Eu nunca, nunca esqueço disso!... O que tínhamos, o que meu pai tinha no bolso, para manter a família, eram vinte centavos! Uma moeda!...

De lá pra cá, apareceram algumas pessoas na nossa vida, como sempre, nos ajudando. Viemos morar no Quilômetro Dezoito, em Osasco, num cortiço... Eu dormia no chão, forrado com saco de estopa!

Com o tempo, fui trabalhar no Educandário Santa Teresinha, num asilo perto de Barueri, Município de Carapicuíba. Chegou a época de servir o Exército, fui dispensado por excesso de contingente. Nasci em 1934, mais 18 anos: 1952. Eu tinha 18 anos quando fui dispensado do Exército. Mais ou menos isso... Antes do meu casamento, com 24 anos, conheci a Teresinha, que vendia banana. A Teresinha era vendedora de bananas! Eu já estava entrando na Sofunge, Sociedade Técnica de Fundições Gerais, ali na Vila Anastácio. Trabalhei nove anos lá. Fui mandado embora depois dos nove anos, porque o salário mínimo aumentou.

Lembro também que quando era jovem, eu cantava no circo!! Cantava o Frevo do Bicampeonato Mundial! Várias vezes. E dançava o xaxado. Frevo do Bi!... Acho que é isso...

“Vocês vão ver como é
Didi, Garrincha e Pelé
Dando seu baile de bola.
Quando eles pegam no couro
Nosso excrete de ouro
Mostra o que é a nossa história!”

Eu cantava e dançava as músicas do xaxado no circo:

“Xaxado?!”

Xaxado é dança macha dos cabras do Lampião.

Xaxado, meu bem, xaxado,
Xaxado vem do sertão.”!!

Mas eu não lembro se tinha sonhos... Sabe? Só sei que essa etapa da minha vida foi queimada... Foi queimada, porque passando fome, cantando para ganhar um tostão no circo, para ganhar um doce... Então, a gente não tinha muita chance de sobrevivência, não!

Para contar essa história, eu disse que era difícil, porque é difícil contar nossa história sem as lágrimas fluírem!... Fiz teatro a vida inteira. Sabe? E o teatro é feito de emoção! E eu, dificilmente... Não lembro se contei isso pra alguém... Mas todas as vezes que era para entrar num palco, que precisava de uma emoção forte para chorar, lembrava dessas coisas que estou contando aqui! Aí, eu entrava no palco e conseguia chorar!... É... Cada um tem a sua verdade!

Na Universidade da Terceira Idade, já nos anos 90, a Teresinha teve a oportunidade de contar um pouco da nossa história... Havia um professor falando sobre a Greve de Osasco, em 1968, e sobre o problema sindical da Cidade, que envolveu o Brasil inteiro e até o mundo. Aí, a Teresinha falou: “Professor, ó, eu estou dentro dessa história aí!”. Ele disse: “Então, vem aqui! Agora você vai dar aula no meu lugar”. A Teresinha foi lá e deu conta do recado!

Toda a luta sindical da década de 60 começou assim... A Teresinha falava disso aos alunos e ao professor, sobre a falta de salários... Quem era sindicalista, naquela época, a fábrica não promovia, ganhava sempre o mesmo salário. Por isso que hoje minha aposentadoria é uma “mixaria”! Já sou aposentado, e preciso trabalhar na Secretária de Cultura para manter a família. Como ela diz, tem razão: não foi fácil até hoje! E não está sendo!

Mas quando toda a luta política começou, nos anos 60, eu era Congregado Mariano! Rezava direto! Até o pessoal lá da fábrica Cobrasma, a turma do Roque Aparecido, do Ibrahim, a turma do Barreto, e outros mais, falavam para mim, mandavam recadinho pelo Roque: “Fala para o Inácio parar com esse negócio de Congregação Mariana, parar de rezar, que isso não dá camisa pra ninguém! Ele precisa ‘entrar de sola’ na luta operária”. Respondia para ele: “Então, tá certo! Vamos entrar!”. O Roque dizia: “Vamos fundar um grupo de teatro, aqui dentro, Inácio!”. Eu falava: “Roque, se a gente formar um grupo aqui dentro, será que dá certo, será que está na hora?”. E ele: “Já vem você com o seu medo! Olha, o Vidigal vai nos mandar embora, rapaz!”. E todos os dias o Roque ia à minha seção: “Como é, Inácio, vamos fundar um grupo?”. Eu já participava do teatro, na igreja Imaculada Conceição, em Osasco, mas comecei mesmo em Pernambuco! Nos foguetos do Nordeste, reizado, guerreiro, xaxado! Dança do xaxado!... Muitas coisas mais! Tinha quinze anos, quatorze, por aí, porque cheguei aqui com dezesseis!

Então, o Roque dizia: “Ó, o Barreto mandou falar para você que nós precisamos formar logo esse grupo de teatro. Está na hora, Inácio! Está na hora!”... Chegou um dia, falei: “Vamos dar um jeito de fundá-lo!”. Mas ele não sabia de uma coisa, porque ele era de um grupo e eu era de outro! Eu era da Congregação Mariana, a Teresinha era Filha de Maria Operária. A JOC, Juventude Operária Católica, foi uma passagem muito rápida, junto com o João Joaquim, o “doidão”, o “negão doidão”!! A gente passou pela JOC e entrou na Ação Católica Operária, que hoje é o MMTTC, Movimento Mundial dos Trabalhadores Cristãos. O Roque e o Ibrahim tinham suas turmas e não sabiam da importância da Igreja na nossa vida. Nós dois, Teresinha e eu, começamos a participar dos Movimentos Eclesiais de Base. Isso foi forte na nossa vida!

Os padres operários também foram muito importantes na nossa vida! Padre Emílio, Pedro Pottier, Padre Paulo Cherdel... Tem a rua dele! Domingos Barbé! Padre

Rafael, claro! Eles eram operários, porque trabalhavam lá na fábrica com a gente! No princípio, os franceses eram todos operários, mas ninguém sabia que eram padres. Depois, todo mundo descobriu! Foi assim: o Padre Rafael foi para o Uruguai e lá descobriu as Comunidades. Veio para cá. Chegou em Osasco e falou: “Inácio, nós precisamos formar uma comunidade de jovens aqui!”. Foi aí que nós fundamos a CJC, Comunidade de Jovens Cristãos. E junto com a CJC, o GTIC, Grupo Teatral Imaculada Conceição, do qual participaram, entre outros, Ricardo Dias, Rubens Pignatari e Américo Silveira. Também a Amália Laranjeira, Lourdes Silveira, a Mercedes de Souza...

Em 31 de março de 1964, eu já era diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, com o Conrado Del Papa. Já era diretor! O presidente Castello Branco cassou o mandato da gente e nem falou o porquê! Não quis nem saber! A gente tinha consciência de que havia acabado de acontecer o golpe militar, mas a Teresinha ainda não! Mas lembro que ela já participava nas Comunidades de Base! Com o ACO. Eu participava como diretor do sindicato. Fui cassado duas vezes! Fiquei escondido desde 16 de julho, o início da greve, até setembro. Vou contar um pouquinho da história da greve. E do meu desaparecimento...

Primeiro, houve as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos em 1967. Depois criamos o MIA, Movimento Intersindical Anti-arrocho. Fui preso em Campinas, quando o Ibrahim fretou uns ônibus e nós fomos para lá. Sabe? Fomos para uma assembleia do MIA, e lá eu fiz uma poesia... Acho que lembro ainda de um verso: “As andorinhas foram embora”... Esse era o Movimento Intersindical Anti-arrocho:

“As andorinhas foram embora da sua terra natal
Porque elas já previam um terrível e grande mal
Lei do Fundo Sem Garantia e Arrocho Salarial”.

Quando terminei essa poesia, a polícia “me fechou”! Eu estava saindo, aí eles “me fecharam”! O Ibrahim entrou no meio, um puxou pelo meu braço, me pôs lá num canto, me cercaram para a polícia não me levar... Isso foi em Campinas, no final de 67.

Outra coisa que eu lembro, assim, muito forte, foi o Primeiro de Maio, quando estávamos na Praça da Sé, em 1968. Isso aí foi terrível! Isso foi terrível!... Porque o governador Abreu Sodré queria porque queria falar para os operários! E nós mandamos um recado para ele, que nós não queríamos ver a cara dele lá! E o homem foi!! E subiu no palanque... E nós derrubamos o palanque! Tacaram um negócio no Abreu Sodré. Na testa! O sangue desceu!!

Eu não fiz nada disso, porque não tive condições de fazer! Fui é pisoteado pelos outros! Fiquei embaixo! Não sei como não morri! Foi demais!! O Primeiro de Maio foi impressionante!... E depois, pra fugir? Fugir de lá da Praça da Sé?! Foi muito, tudo muito difícil! O tempo fechou!

Quando nós fomos para a Praça da Sé, eu já tinha consciência de que era um movimento salarial, mas com uma conotação política. A consciência disso veio da Ação Católica Operária, das Comunidades Eclesiais de Base. Eu não freqüentava os grupos do Roque, do Ibrahim, esses grupos políticos mais ferrenhos. Não freqüentava. Nós freqüentávamos a turma que veio da França, dos padres operários com as Comunidades de Base. A minha leitura da época era baseada na ideia: “Princípios para a ação”. Era o meu livro de cabeceira, “Princípios para Ação”, do Lebrecht, da França. Inclusive, na Cobrasma, adquirimos um livro desse e mandamos para o nosso engenheiro: “Ó, doutor!”... O livro dizia assim: “O chefe é aquele que respeita o seu funcionário como pessoa de Deus!”. O Lebrecht falava isso! Naquela época isso era muito forte! Era muito forte!

Fui convidado para participar da guerrilha, mas não quis ir, não! Não quis ir, não... Achei que a guerrilha estava aqui mesmo. Respondi para eles: “Maior guerrilha e melhor guerrilha do que lutar e trabalhar por um pedaço de pão, não existe! É a guerrilha do bem!”. Falei para eles... Falei muitas vezes isso para eles! Mas o Ibrahim e o Roque não deixaram de ser nossos amigos, não! E nós ganhamos as eleições, e conseguimos uma série de coisas, de requisitos: refeitório, prêmio de produção na Cobrasma, eleições, movimento unificado. Tudo isso porque nós aderimos à Frente Nacional do Trabalho, e esses grupos políticos do Roque, do Ibrahim, se uniram a nós!

Fizemos uma composição: “Chapa Verde”. Está aqui nesta cartilha, pode ver, na última página. Na última página tem a “Chapa Verde”, você vai ver de cara... Quer ver? Chapa da Oposição, eleições: 14, 15 e 16 de junho de 67. E tinha aqui, uma coisa... Ah! Olha essa parte da cartilha sobre a greve: “Avante companheiros! Chapa Verde. Uma árvore com folhas verdes indica que haverá esperanças de bons frutos!”... Essa era a nossa chamada para os operários. Nisso aqui nós nos unimos: a turma do Roque, a turma do Ibrahim, do Barreto, tantos outros, juntamente com a Frente Nacional do Trabalho, Ação Católica Operária. A Frente Nacional do Trabalho entrou muito forte: o Dr. Mário Carvalho de Jesus, que era do Sindicato de Perus, e Albertino de Souza Oliva, que trabalhava na parte administrativa da Cobrasma. E o Groff, que foi presidente da Comissão dos Dez, na Cobrasma. Até tem um verso aqui que fala do Groff, quer ver?... Nós estávamos sentados no refeitório, eu e o João Cândido Batista. Estávamos almoçando e o Batista falava para mim: “Ô, Inácio, que bom se viesse hoje um ‘strogonoff’ pra gente, né?”. Aí, eu fiz um verso:

“Sentado no refeitório,
Sonhando com ‘strogonoff’,
O Batista disse:
‘Ô, Inácio, escutaste um pof pof?’.
Eu fiquei meio assombrado.
Respirei aliviado...
Era o botinão do Groff!” !!

Nós pensamos que era a polícia entrando no refeitório!! O Groff tem um pé “desse” tamanho!...Quando ele andava, fazia “pof, pof, pof...”! E, está aqui! Esse verso está aqui! E tantas outras coisas mais! Isso foi muito grandioso!...

Mesmo antes de 16 de julho de 1968... Nós fomos fazer teatro, em Minas Gerais... Essa história de Minas Gerais!... É muito curiosa, muito pitoresca, e ao mesmo tempo, complicada. Essa história... É muito complicada!...

O Rubens Pignatari escreveu um espetáculo parecido com “Morte e Vida Severina”, com aquela conotação... Rede, seca e fome. Isso! Rede, seca e fome. E nós, ensaiamos! Como em Osasco estava pegando fogo, então nós falamos: “Vamos para Minas Gerais e a gente disfarça um pouco!” Não deu outra! Chegamos lá, em Guaxupé, a mulher do Coronel Lipiani tinha ido visitar a cidade. A mulher do Coronel Comandante do Quartel do Quitaúna...

Putá merda! Quando ela soube, quando viu os cartazes na cidade, anunciando que um grupo de teatro de Osasco ia lá, ela falou: “Mas que maravilha! Minha terra é linda! Eu vou assistir a esse espetáculo!”.... Pronto! Aí, nós entramos, e tinha uma hora que a gente criticava veementemente a fome, as Forças Armadas... Em cena! Em cena. Teatro lotado!... Nós tínhamos duas sessões nessa noite. Ela bateu o pé, gritou e falou: “Vocês são mentirosos!”. Saiu do Teatro. O primeiro telefone que encontrou lá fora, passou a mão e ligou para Quitaúna. Não deu outra, né? No outro dia, nós voltamos para Osasco. Chegamos aí em frente à igreja Imaculada... Foi todo mundo preso!! Até a Teresinha, que estava junto! Foi todo mundo para o quartel de Quitaúna!

Só que quando chegamos lá, eles fizeram uma seleção. Pegaram o Rubens, pegaram o Ricardo, eu, o João, padre João de Deus - foi padre depois - e as mulheres, mandaram pra casa... Mandaram as mulheres pra casa porque, talvez, eles queriam imitar a gente! Porque no dia da greve, nós mandamos todas as mulheres pra casa! Elas vieram apoiar, fizeram uma passeata, mas fazíamos parte dessa cultura do machismo que, muitas vezes, hoje, a gente ainda tem. Hoje é bem menos. Eu não falei pra você que o Grupo da Terceira Idade, do Piratininga, tem 27 mulheres e nenhum homem?! Então, isso ainda mexe com a gente!

Mas vou falar um pouco do início da greve, uma outra aventura... A greve foi feita assim ó! Lembra que eu falei das Comunidades Eclesiais de Base? De repente, elas não se tornaram tão eclesiais assim! Tão Igreja! Elas se tornaram Comunidades de Base, tá? Então, acolheu todo mundo! Quem era Católico, quem não era! Então, existiam reuniões em vários pontos da Cidade, tinha vários núcleos! Um núcleo aqui, outro ali, outro lá... Presidente Altino, Vila Yolanda, Km 18, Divisa de Carapicuíba, Quitaúna... Esses núcleos iam discutindo o movimento. E foi aí que foram surgindo as coisas... O pessoal de lá, do Roque, do Ibrahim, com certeza, faziam isso também! Mas eles convidavam e, a gente, talvez, por medo também, não ia. Mas a gente ia aonde sentia mais segurança: ao CEO, à JOC, à Paróquia, à Frente Nacional do Trabalho.

A greve foi resultado dessa união! Além disso, havia outras mulheres na fábrica... A Santina... A identidade da Santina eu não sei dizer, a profissão dela, porque ela estava em tantos lugares, em tantas reuniões... Mas acho que ela era uma das cozinheiras. A Santina batalhava tanto! Ó, a Santina é uma das Fundadoras da Frente Nacional do Trabalho em Osasco! Acho que isso é o suficiente pra dizer o que a Santina fez, gente! Trabalhou com o Albertino, muito tempo! A Frente Nacional era ali perto do Cruzeiro do Sul, naquela época. Ali, onde o Albertino foi preso, por ali. Então, a Santina era “mil e uma utilidades”! Uma coragem!... Você não imagina! Acho que ela era a única mulher na Comissão do Dez... É, não lembro de outra não, viu! Acho que foi a única mulher!

A Santina sofreu! A Santina batalhou! Ela era da Frente Nacional do Trabalho! Com uma visão do social enorme! Trabalhou com o Dr. Mário Carvalho de Jesus, com Albertino de Sousa Oliva, com toda essa gente! Ela deve ter um momento, por dentro, uma coisa muito forte!... Eu sinto que, naquela fala brava dela, e tudo, ela tem um grande amor pela causa! Mesmo falando, muitas vezes, contra: “Não quero! Não me enche o saco! Vai, vai pra lá!”. Ela tem um grande amor pela causa!

Além dela, na fábrica, havia outras mulheres... A Inês, que era assistente social, mas depois não agüentou o tranco e foi embora. A Leoni também! Mas elas não participaram... Quando elas viram a grandiosidade do movimento, se afastaram... Elas tiveram medo! Leoni, Inês! Maria Inês Giroldo. Era isso o nome dela. Mas não tinha muitas mulheres, não! Havia aquelas que trabalhavam no refeitório, que eram muitas! Faziam a comida pra toda a piãozada! Foi a essas mulheres que nós pedimos - quando a greve estourou - nós pedimos para elas irem pra casa! Que coisa, não? E naquele dia, nós é que fizemos a comida. Imagine que comida! E os chefes e engenheiros comeram!!

O Dr. Alberto Martinez, engenheiro geral da fundição da Cobrasma chegou em mim - já era tarde - e falou: “Inácio, eu estou morrendo de fome, me arranja aí alguma pra comer. Vai lá no refeitório!”. Os engenheiros e chefes estavam presos dentro de um cômodo grande que tinha e não podiam sair. Ficava do lado da bomba de gasolina... É a história que muitos contam, que os operários queriam tocar fogo na bomba de gasolina... Que o Barreto ameaçava explodir tudo... A turma conta isso! Então, eles foram impedidos de sair. Todos! Prendemos todos! Todos! O Dr. Alberto chegou em mim e pediu: “Quero comer alguma coisa.” Fui lá, fiz uma salada de almeirão... De

almeirão! Ele comeu e falou: “Inácio, estava muito boa a sua salada! Gostosa demais!”. Comeu ali mesmo, de pé!!

Depois, veio a repressão... Nós fugimos dos militares! Quando nós pulamos o muro, Quintino me disse: “Inácio, vamos para a Lapa, que eu tenho um amigo lá! A gente dorme na casa dele”. Falei: “E vamos a pé pra lá?”. Ele respondeu: “Não, a gente atravessa pro Piratininga, lá tem um ônibus.” Aí, lembrei: tinha um ônibus que fazia a Linha Piratininga-Lapa. No ônibus, estava cheio de moças e a gente tinha saído da fábrica, no turno das 22 horas. Todo mundo sorrindo, feliz! E eu pensando: “Puxa vida! Elas são tão felizes!”. Quando desci na Lapa, foi que percebi que estavam dando risada de mim! Porque quando pulei o muro, minha calça rasgou daqui até aqui! Eu estava nu e não via!!

Esse foi um dos fatos muito interessante!... Uma outra coisa, foi o que a Elza fez! A Elza era uma aluna do curso de teatro que me encontrou em frente à igreja Imaculada Conceição e falou: “Corre, Inácio! O que é que você tá fazendo aqui?! Os homens estão te procurando! Passaram ontem, aqui na Igreja, procurando você. Daqui a pouco eles chegam!”. Pensei: “Como é que eu vou fazer? Eles vão me encontrar!”. Aí, nós fomos até o palco da Imaculada. Chegou lá, tinha nosso armário da bugiganga do teatro, né? Tinha um vestido lá... Ela falou: “Veste esse vestido.” E eu: “Mas, vestir esse vestido?!”. Ela mandou: “Veste o vestido!” Eu coloquei... Tinha uma peruca velha lá. Ela pôs a peruca em mim e falou: “Somel!”. Ainda bem que já estava anoitecendo! Subi de vestido e de peruca, e fui embora!! Eu não sei, não lembro, por incrível que pareça, onde foi que coloquei esse vestido nem onde pus essa peruca! Que coisa, meu Deus!! Senti falta da Elza na semana em que a Risomar preparou a Semana dos Quarenta Anos de 68: “Porque os sonhos não morrem.” Eu senti falta da Elza, porque esse fato está contado lá no painel. Tem tantos fatos...

Qual é o outro fato mesmo que me doeu, assim, o coração?... Ah! Era estar sozinho, muitas vezes, no mato ou dormindo na casa dos amigos, né? E lembrar da minha família! Aquilo doía demais!! Doía demais! Lembrar dos molambos que a gente tinha lá no palco, que a polícia ia lá levar tudo! Eu amava aqueles figurinos!... Eu saía, muitas vezes, com os meninos, saía daqui de casa, com o saco velho nas costas, todo sujo... Aquele figurino dentro, e a Teresinha falava: “Ei, meu Deus! Quando é que vai parar isso aí?!”. Saco cheio de molambo nas costas... Passado tudo isso, nós continuamos fazendo teatro. Quando vieram os meninos do JUBA, nosso grupo de teatro; quando vieram o Mariano, o João Paulo, o Emídio, e o Mariano escreveu uma peça chamada *Eternidade, quem sabe*, nós ensaiamos e fomos levar às cidades circunvizinhas. Um dia, fomos para São Caetano do Sul e o Mariano tinha uma perua velha. Sabe? Parou: “Vamos embora, Inácio!” Chegou no meio do caminho, a perua parou! Não ia nem pra frente nem pra trás! Quase na hora do espetáculo! Eu falei: “Meu Deus! Como é que vamos fazer?!”. Empurramos a perua... Empurramos, empurramos, e nada da perua pegar! Hoje eu conto isso e ele dá risada. Depois nós viemos descobrir que a perua estava sem gasolina! Como é que ia pegar? Não tinha gasolina!!

Sabe, enquanto eu estava fugindo, naqueles 48 dias, pensei muito na minha família... Conhecendo a Teresinha, tinha certeza de que ela iria, “aos trancos e barrancos”, aguentar tudo! Aguentar tudo e vencer! Isso, essa fê dentro de mim, eu tive. Ela é muito mais forte do que eu. Muito mais forte!

O pós greve foi tão difícil ou mais difícil do que o exílio! Porque a repressão... Nós que estávamos dentro da fábrica... A repressão caiu toda em cima da gente!! Então, não tínhamos alternativa mesmo! A gente estava ali, havia pessoas do DOPS trabalhando dentro da fábrica para nos vigiar. Foi quando surgiram as chamadas listras negras... O pós greve foi... Foi horrível! Muita gente desempregada! Fiquei doente, tive

que fazer três anos de terapia, tomar remédios... Ainda hoje tomo remédio. Ainda hoje! Isso foi em 1968! Ainda hoje eu tomo remédio!

Quando chegaram as primeiras notícias de que alguém tinha sumido ou morrido, não imaginávamos que ia ser uma coisa tão feia... A primeira pessoa de quem nós tivemos, assim, o sentimento de que tinha morrido, foi uma médica que trabalhava com a Teresinha, doutora Pura Cortês... Ela sumiu como que por encanto! Aquilo foi uma tristeza muito grande!... Porque ao trabalhar na creche, ela levava numa sacolinha, todos os dias... O pão das crianças! Ela tinha um trabalho com o povo! Quem tinha um trabalho com o povo, em 1968, estava sujeito, de uma hora pra outra, a sumir mesmo!

Outro foi o Barreto! A gente sentiu muito a ausência do Barreto... Os padres, nossa! Nossa! Nem fale! Padre Pedro Portier, foi expulso!... José Ibrahim! Senti muito a saída do Jose Ibrahim! Nossa!!

A Greve de Osasco e a de Contagem tiveram repercussão nacional! A repercussão é que, a ideia era a mesma. A ideia, pelo menos dentro de mim, né? A ideia era a mesma, porque em Contagem também foi forte, viu? E foi simultânea! Em Contagem foi em abril, mas em julho ainda havia muitos resquícios daquela greve de Contagem. E a greve de Contagem ajudou muito Osasco! A luta contra a Ditadura começou em Contagem primeiro, apesar de que quando começou em Contagem, já existiam as Comunidades Eclesiais de Base aqui! O trabalho já estava sendo feito por aqui também! Mas, o grande início da luta, aqui em Osasco, foi com os grupos do Ibrahim, do Roque, tá? Do Barreto, do Espinosa... Não vamos esquecer do Espinosa! Não vamos esquecer do Espinosa! Ele também faz uma parte muito grande desse processo! E a luta do Lamarca, pegando as armas no quartel de Quitaúna... Então, não foi... Não foi no ABC, na década de 80, que começou a luta, não, conforme falam aí! Começou foi em Contagem e em Osasco mesmo! Pode crer! Não tem dúvida de que ali foi o forte, apesar de muita gente não valorizar essa questão!

Mas as greves de Contagem e Osasco também ajudaram os militares a ficarem mais atentos. Não tenha dúvida! Não tenha dúvida! Fortaleceu mais a tese do AI-5. A greve de Contagem, de Osasco, mais as manifestações estudantis foram ingredientes para o acirramento... Aqui tem alguma coisa que fala, quer ver? Uma poesia que eu fiz... A greve de Osasco é um marco dos “princípios para ação”, que era o livro que a gente deu para o Dr. Julio de Queiroz Neto, o engenheiro da Cobrasma. Onde é que está, meu Deus?

Fiz uma poesia do que senti nesses vinte e três anos de Cobrasma. Todos os dias, às seis horas da manhã, o que sentia ao ouvir o apito da Cobrasma. Da minha cama eu ouvia! Daqui eu ouvia!....

Muitos não entenderam a greve! Não entenderam e não entendem porque desconhecem! É, muita gente não ligou não. Sabe? A Teresinha fala o que as pessoas diziam: “São Comunistas! É bom que apanhe mesmo!”. É um sentimento de desilusão!... Houve uma despersonalização da Cidade! Houve um aparelho para dizer que Osasco era a “Cidade dos terroristas”, “Capital do bebê diabo”, “Capital do crime”. Era onde tinha a “loira” que aparecia nos banheiros... Osasco virou motivo de chacota!

Depois que tudo passou, que fui para o DOPS, ali na Júlio Prestes, a ficha da gente foi liberada. Fui lá para ver. Na minha ficha está “Inácio Pereira Gurgel. Classificação: Comunismo”. Como Comunista!! Quando fui lá para o DOPS, fiquei um dia e levei um “telefone” que perdi 30% da minha audição! “Telefone” é um tapa nos ouvidos! E hoje eu sou meio surdo...

Permitiram que eu voltasse a trabalhar, porque eles ligaram para o engenheiro para quem dei a salada, e ele falou: “Não! O Inácio deve voltar!”. Acho que com a salada, ganhei de novo o emprego!! Falou: “Deixa o Inácio vir!”... Mas foi pior! Voltar

foi muito pior!... Porque a repressão caiu matando lá dentro da fábrica! Voltar não foi fácil... Voltar foi pior muitas vezes do que ser exilado!! O Roque foi exilado. Ele sofreu muito! Mas ele ficou doze anos na Suécia... Doze, treze anos na Suécia... Ficou por ali, se ajeitou. Nós... Eu, eu fui demitido, preso e, depois, fiquei na Cobrasma!

Depois que eu fui à Delegacia Regional do Trabalho, o General Moacir Gaia me deu uma bronca! Ele já morreu... Me deu uma bronca e me liberou. Me chamou de “Comunistinha de merda”! General Moacir Gaia... Depois disso, ele falou: “Volta a trabalhar”. Voltei com os meus amigos e eles falaram: “Inácio, você vai voltar?”. Falei: “Vou ver como é que está!”. Quando cheguei, a minha intimação estava lá! E, se eu saísse de lá, tentasse fugir, era morto! Não era preso. Eu era é morto!

A minha sentença foi trabalhar! Estava preso ali!... Ó, o papel do DOPS diz: “Inácio Gurgel esteve presente nesta Delegacia onde foi ouvido”. Sabe como eu interpreto esse “ouvido”? Foi o tapa que eu levei nos ouvidos!! Eu interpreto assim! Foi muito pra minha cabeça, viu?

Depois que começaram a chegar as notícias de quem tinha sido preso, de quem tava sumido... O medo era muito grande! O medo era muito grande... Eu não sabia onde por a cabeça! Tive tanto medo que, uma vez, desculpe a expressão, “caguei nas calças!” Nunca falei isso para a Teresinha! Estou falando agora. Caguei nas calças... De tanto medo que eu tive! Disso aí tudo... Além da grande dor, a grande dor!... A grande dor da gente SER, da gente LUTAR por um pedaço de pão e um copo de leite pelas crianças! E sofrer toda essa repressão... Essa foi a grande dor!

Agora, medo de desistir? Não tive! Não tive medo de desistir, e sim a vontade de desistir! É! Eu tinha vontade de desistir! Mas não podia! Não podia. Não podia desistir! Era uma questão de honra! E de consciência! Não podia desistir!...

No dia 15 de dezembro de 1968, me chamaram na Seção de Pessoal da Cobrasma e disseram: “Ó, nós vamos te mandar embora”. Esse mandar embora era para ir preso! Não era pra mandar embora da fábrica! Era para ir preso! Disseram: “Vamos te mandar embora pelo seguinte: você saiu no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, porque você falou que a Cobrasma deu feijoada para ludibriar os operários e não dar aumento”. E falei mesmo! Falei na Delegacia Regional do Trabalho, onde tinha “assim” de gente! Foi publicado no Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro.

Mas não fui demitido. Aliás, não fui demitido em tese, porque fui mandado embora da Cobrasma quatro vezes! A turma fala: “Ah! E os que voltaram do exílio?”. Receberam indenização... Depois que saíram e voltaram do Brasil, receberam indenização! Eu fui mandado embora da Cobrasma quatro vezes! Cheguei, fiz um curso no SENAI, de especialização em fundição. Quando voltei, meu chefe falou pra mim: “Parabéns!”... Olha, tudo isso depois da greve!... Ele disse: “Parabéns, Inácio! Você vai cuidar dos garotos que vêm pra se profissionalizar aqui dentro e que vão para o SENAI depois”. Isso foi num dia. No outro dia, me chamaram na Seção de Pessoal e falaram: “Você está demitido!”. Graças à Comissão dos Dez... Ainda não falei da Comissão... Viu como essa história é?... A Comissão dos Dez... Aí, eu fui! Como era Membro da Comissão, falei com o Roque - o Roque até deve lembrar dessa história - falei com ele.

O Roque falou: “Inácio, vai falar com o Dr. Alberto Pereira de Castro”, que era o Diretor Superintendente da Cobrasma. Cheguei lá: “Quero falar com o Dr. Alberto”. A secretária perguntou: “Quem é o senhor?”. Falei: “Sou o Inácio”. Aí, a moça abriu a porta e falou: “Dr. Alberto, Inácio Gurgel quer falar com o senhor”. Ele disse: “Fala para ele entrar”. Entrei e falei: “Dr. Alberto, cheguei do SENAI ontem, o senhor combinou comigo que eu ia fazer o curso, que ia cuidar das crianças, para formação profissional deles!”. Ele perguntou: “Quem mandou você embora?”. Respondi: “Ah, o meu chefe me mandou embora”. Chamava-se Eduardo Gazetti. Ele passou a mão no

telefone, ligou pra Seção de Pessoal: “Dá o cartão do Inácio Gurgel agora de volta! Pode ir lá, Inácio”. Fui todo sujo de graxa, lá na Seção de Pessoal!... Aquela risadinha amarela... Depois entrei na seção, me disseram: “É, você conseguiu!”. Falei: “Eu consegui e estou aqui de novo!”. E assim, várias vezes! Quatro vezes!! Eu lembro de quatro vezes. Por essas e outras coisas...

Uma vez, fui mandado embora porque fazia carta pro pessoal, porque eu sei desde criança fazer aquele negócio que saiu no filme, que tinha um menino que escrevia, que tinha um pessoal que escrevia cartas, lembra do filme?... Central do Brasil. Eu fazia muito isso, lá em Pernambuco, onde nasci! Então, tenho, assim, um jeitão para escrever carta, e fazia carta para os operários na Cobrasma. Para quê? Para eles receberem empréstimo na Cooperativa de Crédito Mútuo da Cobrasma, precisava fazer uma carta bem boladinha, bem bonitinha... Uma justificativa. Inclusive para sensibilizar os “homens”, para liberar o empréstimo. Eu fazia isso demais! Nessa época eu trabalhava como apontador... Aí, a turma ia lá falar com o meu chefe: “Quero falar com o Inácio. O senhor mesmo pode fazer uma carta pra mim, para eu ir à Cooperativa pegar um empréstimo?”. Ele dizia: “Não. Quem faz isso é o Inácio!”. Meu Chefe não queria nem saber! Mandava: “Vai lá, fala com ele, na casinha!”. Eles iam lá, eu fazia a carta, mas sindicalizava o cara!! Era crime, naquela época, sindicalizar! Então, fui demitido!!

Tive várias funções na Cobrasma. Entrei lá em 1962. O que foi que eu fiz em primeiro lugar? Em primeiro lugar eu fui macheiro. O que é macheiro? É o que prepara os machos que, depois do material fundido, fazem os buracos da peça. São machos feitos de areia com óleo de linhaça ou óleo de oiticica. É um processo técnico. Eu, primeiro, fui Macheiro. Depois disso, fui apontador. Depois de apontador, estava fazendo o quê, meu Deus?... Tive uma outra função lá dentro... Macheiro, apontador, trabalhei no sistema de areia! Fazia a areia misturada no óleo para fazer os machos. O que foi mais eu fiz? Ah! Depois que passou a greve, talvez para jogar folha no meu nariz, me deram um carginho de encarregado. Aí, foi pior! Porque me abriu o espaço! Me abriu o espaço para sindicalizar o pessoal, porque eu tinha mais penetração! Sindicalizei mais meio mundo lá! Pergunta pro Ibrahim... Saí da Cobrasma em 1983. E contava essa história para os operários, as novas gerações que foram chegando... Ô! Contava! Tudo! Isso foi feito, assim, a longo prazo. Contava, mas contava mesmo!

Disso tudo, eu tenho uma poesia aqui... Meu Deus do Céu! Aqui tem uma poesia em homenagem ao Barreto!... O Barreto era assim: um exímio companheiro. Um violinista de mão cheia! Sabe? Uma doçura de pessoa! Chegava em mim e falava: “Inácio, faz umas músicas. Para de rezar, pô! Faz umas músicas boas!”... Só que tem um detalhe muito importante: quando eu ficava com ele, a gente tocava um pouco. Inclusive tem uma música aqui, que é o *Sol zangado*. O Barreto chegou a acompanhar essa música. José Campos Barreto... Uma poesia que fiz, muito forte, foi a que dediquei para o Barreto!...

“Tu és muito forte,
Traço de união,
Dos que não têm sorte,
Pois sem sorte estão.
O sangue que jorra
Preparando a terra pra nova colheita,
Dessa gente feita
De um sofrer sem fim.
Nessa nossa dor,
És a bela flor
Do nosso jardim!

Barreto, de ferro,
Companheiro certo!
Pensam que estais longe
Mas estais bem perto!
Semente que morre
Para renascer.
Uma vida iluminada
Que tão cedo foi tirada!
Mas que nos mostra a estrada
Em buscar do amanhecer!
E antes de eu voltar ao pó,
Pensar em um mundo melhor,
Faço esses versos
Pensando em você!”

Isso é poesia pro Barreto! *Traço de União*... É o nome da poesia que fiz para ele!
Traço de união!

É! E nós dois cantávamos um pouco, até lá dentro da Cobrasma mesmo! Ele levava o violãozinho, num cantinho escondido a gente cantava. Depois que ele saía, e que o Roque saía, na outra seção, havia um grupo de oração. Engraçado, eles nunca souberam isso! Eu cantava com a turma; fundamos um grupo de teatro, o GOTA (Grupo Osasquense de Teatro Amador). Levamos o espetáculo “Oração por uma negra” para dentro da Cobrasma. Encenamos uma peça de Natal que eu fiz! Chamava “Maltrapilho”. E outras peças que não me lembro agora.

O Roque nunca gostou de oração! A linha dele, a oração dele é outra! É válida, tá? É muito válida a oração dele! Mas era outra, diferente da minha. A minha também era válida! Só que quando nós nos unimos aqui para fundar o grupo de teatro, enquanto o Roque e o Barreto voltavam para a seção deles, eu ia lá no companheiro José Lara: “Lara, nós precisamos rezar, pô! O negócio tá pegando! Vamos rezar!”. E, aí, ó, o terço direto!!

O João Joaquim também nunca foi muito rezador, não! Ele também fez parte da JOC, mas não era muito rezador. Na JOC e na ACO, eles tinham um lema que era o seguinte: “Ver, Julgar e Agir”. Então, eles também eram da oração, claro! Eles não admitem, ainda hoje, mas eu via a ação deles! Julgava essa ação, aí eu agia para o bem! A JOC sempre posicionou isso! Sempre para o bem. O bem! JOC e ACO! As duas! O lema era: “Ver, Julgar e Agir”! É maravilhoso esse lema aí!! E o Dr. Julio de Queiroz Neto, para quem nós demos o livro do padre Lebrecht, gostou muito desse lema, e leu esse livro... Um dia ele chegou em mim e disse: “Inácio, vou embora da Cobrasma. Vou montar uma fábrica no Interior de São Paulo, de suco de laranja”. Falei: “Parabéns, Doutor!”. Doutor Júlio de Queiroz Neto... Ele me convidou: “Queria que você fosse comigo, porque queria que entrasse na minha fábrica de Contador!”. Respondi: “Não fiz nenhum curso, doutor”. Então, ele respondeu: “Não, contador de laranja”!! Deu risada e foi embora!!

Mas eu me tornei mesmo um bom contador de histórias com a greve! Desses momentos todos fiz poesia, e compus músicas para os festivais que ocorriam em Osasco e São Paulo. Gosto de declamar poemas de outros operários, que faziam teatro comigo também. Uma das que mais gosto é essa:

“Tem mais beato em altar de igreja do que beleza lá no meu sertão.

Gente que reza pra Deus melhorar, depois esquece de se ajudar.

Gente que aceita que o destino é coisa feita, não vê que é hora de tudo mudar.

O que eu peço, ao meu Povo, é luta. É guerra santa pra tristeza tanta.
Findo a pobreza e o desamor, vamos, então, orar ao Criador!
Vamos dar armas aos nossos irmãos! Lápis, caderno, cartilha nas mãos!
Pois, não se engana um Povo de cultura e, assim sendo, ninguém nos
segura.

Só não entendes a razão da tua fome porque, não sabes nem ler o teu
nome.

Quem contra canto ao meu canto opor, vai chorar lágrimas, sangrar de
dor!

Pois, não há mentiras sem mediocridade, nem ilusão pra fazer frente a
essa verdade!”

Esse poema é do Ricardo Dias! Garoto que ele era! Um garoto! *Fim de Reza* é o
nome do poema. Lindo, né?! Ricardo Dias.... Tem outra minha, que ele musicou:

“O Sol nasce aqui na Terra.
Olha a cara do Sol!
Só se fala em bomba e guerra,
Cai a cara do Sol!
Aí, ele entra numa fábrica,
Lindo raio de Sol!
O homem virou máquina!
Cai a cara do Sol!
Ele entra numa escola.
Belo raio de Sol!
Mas os jovens não dão bola.
Cai a cara do Sol.
Ele entra do mansinho na casa do camponês
E a cara do nosso Sol,
Cai trinta dias por mês!”

Essa é *Sol zangado!*. *Sol zangado* é a música que o Barreto acompanhava. E tem
tantas outras... A “Arribaça”! A Arribaça é a história que eu fiz em homenagem ao José
Ibrahim. Como é que é? A Arribaça... Essa música passou na censura, assim, rapidinho!
Não teve censura para essa música! Os militares viram a letra e falaram: “Não, essa é
boa! Não tem nada a ver.”!! Pelo contrário!! Eu fiz em homenagem ao José Ibrahim
quando ele foi expulso do Brasil! Ela já estava feita! Guardadinha!... Mas eu só estava
esperando o momento! Parece que eu estava adivinhando! Deu certinho!

“A Arribaça bate asas o sertão,
Junto a ela se vai o meu coração.
Eu fico sem vida e sem sorte. Mesmo assim eu continuo sendo forte.
Ela vai voando, voando... (Era o Ibrahim!)
Ai que bom que ela pode voar!
E a saudade, em meu peito, aumentando,
Mas um dia ela tem que voltar!
Ai, Arribaça!
Eu quero que tu voltes amanhã.
Ai, Arribaça!
Eu estou sofrendo demais!
Ai, Arribaça!
Eu quero que devolvas a minha paz!”

Depois de treze anos, o Ibrahim voltou!!... Muito bom, viu?! E essa música ganhou um festival em segundo lugar! Porque a Risomar ganhou o primeiro lugar!! Festival Inter-Colegial da Canção, realizado em Osasco, em 1975. No Rio! E nós ganhamos o segundo lugar com essa música: Arribaça!!

Em Osasco ocorreu o primeiro festival, em 1968. Foi! Só que eu estava com muito medo, na época daquele festival! Eu estava no processo lá da Cobrasma. Na linha de frente. Houve outros festivais... Muitos, muitos, muitos! Afrânio de Moura... Lembra do Afrânio de Moura Leite? Um artista! O próprio Cesar Antonio Salvi! A Escola de Artes de Osasco ganhou o nome dele! Cesar Antonio Salvi! O Ricardo Dias, acho que lembra de quase todas as melodias! Que o Ricardo Dias fez o “Fim de Reza” . Eu lembro, é claro? Do “Sol Zangado”! Na peça que eu fiz, eu coloquei o “Arribaça”! Quem sabia de todas, todas, todas era o Américo Silveira, mas ele já se foi! É uma pena...

Para minha família, eu fiz uma poesia uma homenagem também. Tem várias, mas uma fiz em homenagem à Teresinha! Eu acho que está até aqui!... Quer ver? Ó, “Minha Família”, ó! Em primeiro lugar aqui! Tem o Prefácio, que foi minha filha quem fez, e tem a Revisão, que eu dei para o Ricardo fazer e depois coloquei uma poesia para ele. Eu considero ele da minha família também!

“Do meu livro a revisão,
De vida em poesias,
Eu deixei de coração,
Para tu, Ricardo Dias.”

Essa poesia é dele! Logo em seguida vem a Teresinha, ó: “À minha amada esposa”... É um acróstico!

“Tu és forte como um leão,
E, eu frágil como bolha de sabão.
Rompe a aurora e já estás de pé,
Enquanto eu espero o teu café.
Zinha, Teresinha,
Iremos na eternidade...
Nascemos com amor e felicidade,
Hoje, rompe dia, luz e calor.
Amanhã é sempre recomeçar o amor.”!!

(...)

“Guardo dentro de mim,
Na alegria sem fim,
Rimando luz e flores,
Gerando novos amores, (são os filhos, né?)
Enquanto alma minha,
Louva a Deus com Teresinha.”!

Depois tem uma homenagem à Silvana, minha filha. E tem uma homenagem à Cidade que nasci!... *Saudação a Garanhuns!*... Depois tem duas poesias que eu fiz, quando a Teresinha matou os meus galos! Isso doeu! Isso doeu demais!! A gente ri, mas doeu muito! Isso foi impressionante, viu? Impressionante!

Eu tinha dois galos, que cantavam maravilhosamente! Maravilhosamente!! E o Neco, meu filho, invocou com os galos: “Mãe, os galos estão me acordando toda a madrugada!”. O galinheiro era aí, no fundo... Um dia, saí de casa. A Teresinha pegou com a empregada, fez uma panelada com os dois galos! Matou os dois galos!! Quando voltei, o cachorro me chamou! Latia e me chamava! Como dizendo: “Vem aqui!” Ia em direção ao fundo! Eu fui lá no fundo, e ele latindo, assim, tão alto! Cachorro é uma

coisa fantástica!! É um animal fantástico! Eu olhei pra cima: um saco preto lá! Eu olho o saco preto, as penas dos galos!!

Aí, eu fiz a poesia: “Putá merda!” !! É o nome... Está aqui, ó!!

“Ser Humano é caranguejo
Que anda pra frente e pra trás.
E nas horas de tristeza,
Ele nem sabe o que faz.
Vivendo no embaraço,
Porque na casa do Inácio,
Seus galos não cantam mais.
Inácio tinha dois galos,
Com ele dois galos e meio,
Um deles cantava rouco,
Vivendo seu devaneio.
Teresinha fez zás - trás,
Eu não sei mais o que faço,
Porque na casa do Inácio,
Seus galos não cantam mais.
Parecia o interior,
O galo pertinho da tuia,
Cantava bem afinado,
Como viola de imbuía.
Valei-me Nossa Senhora!
Pois meu galo foi-se embora,
No sábado de Aleluia.” !

E era um sábado de Aleluia mesmo! Morreu no sábado de Aleluia! Aí, eu fiz a outra. Passou... Isso eu não fiz no mesmo dia, não! Porque eu comi o galo!... Eu já tinha comido os galos, quando o cachorro me levou lá pras penas!! Com a morte dos meus galos, olha a réplica!

“Com a morte dos meus galos,
Eu entrei em depressão.
Chorava todos os dias
Sem achar explicação.
Foi quando uma aluna minha,
Me falou que Teresinha
Era igual ao Lampião.” (E falou mesmo!)
“Rezei o Credo do avesso,
Para que aquele espírito infernal, (é o Lampião)
Pagasse, então, seu preço,
De induzir outros ao mal.
E, se um dos galos, eu criasse,
Nunca mais ele abaixasse
Aqui no nosso quintal.
No outro dia, cedinho,
Encontram o Lampião,
Com a cabeça encostada
Em um pequeno caixão,
Já velho, desmantelado,
Desses que vem com sabão.
Toda pessoa que via,

Aborrecida dizia,
Aquilo é troço do cão!
Depois, Lampião
Escreveu para o Inácio Gurgel,
Pedindo mil desculpas
Por todo aquele escarcéu,
E falou em tom moderno,
Pra eu botar no meu caderno,
Que ele está no Inferno
E os galos vão para o Céu!
Teresinha comeu os galos,
Nesta Terra da Garoa,
Lampião foi pro Inferno
E ela está numa boa”!!

Sabe, a poesia e o teatro para mim são como uma terapia, uma terapia!... Porque, depois da greve, devido à minha situação de saúde, e orientado pelos psicólogos, me afastei um pouquinho. Eu me recolhi! Eu me recolhi... Senti um vazio enorme dentro de mim, parecia que todos os dias eu morria! Cada hora que passava... Sabe? Então, me recolhi, profundamente!

Foi o JUBA que me salvou! Jovens Unidos em Busca do Amor... Foi esse grupo que me salvou, que deu força! Eles que salvaram a minha pele! A Igreja e o teatro. Fundamos esse grupo, na década de 70, na Igreja Nossa Senhora Imaculada. No teatro, não progredimos muito, não progredimos muito... Havia o Núcleo Expressão... Não! Primeiro GTIC, Grupo Teatral Imaculada Conceição. Não! Primeiro CCIC, Corpo Cênico Imaculada Conceição, na década de 60, depois GTIC! Depois, TIO, Teatro Independente de Osasco! É esse que, quando nós fomos para Guaxupé, em 68, fomos presos quando voltamos...

Entre 1973 e 1974, criamos o Núcleo Expressão. Teve, inclusive, um show, no Núcleo Expressão, onde nós colocamos essas coisas em termos musicais! As músicas do Afrânio, do Moura Leite. As músicas do Ricardo Dias, do Rubens Pignatari. “Embaladeira”, do Afrânio. Tantos outros, meu Deus! Do próprio Cezinha, do César Antonio de Salvi! E muitos outros!

Havia duzentos e vinte e cinco jovens! Entre JUBA e CJUC! Dali participaram o Emídio, o Mariano, o João Paulo, o Chapecó, o Barbeiro... Márcia Pastor, Márcia Rocha... Os nossos filhos: Silvana, Silvio... Até o Neco que, era pequenininho, acompanhava. Inclusive, mais tarde, nós fomos para um festival, em São Paulo, no SESC. O JUBA participou, levamos um espetáculo do Petrônio. Tinha muita gente boa ali, sabe?... João Paulo... O João Paulo reuniu todo mundo. João Paulo e Emídio. Os dois! E por que não dizer o Mariano, que também fez parte dessa movimentação toda... Esqueci de citar o Fuminho, o Sidônio...

Depois, houve a luta do Centro de Defesa dos Direitos Humanos. Muita gente saiu, muita gente saiu para outras práticas políticas... Muita gente saiu do JUBA para esses movimentos: Fundação do PT, Centro de Defesa dos Direitos Humanos, e mais, e mais, e mais...

E esse assunto todo virou história. Virando história, virou vida! E não podemos nos esquecer disso! Lembrar a causa das nossas vidas!... Se não fosse tudo isso, talvez, não estivéssemos juntos, aqui, hoje! Para celebrarmos a vida!!

Para mim, esse assunto é a celebração da vida! Tem até essa poesia que falo aqui, que a greve de Osasco é a luta da esperança! A greve de Osasco é um marco do princípio para a ação!

“Chapa Verde, sim senhor!
Pedro Quintino, Tigrao! Batista, Ibrahim, Zé Pedro!
Onde o amor vence o medo na busca do leite e do pão!
Meu amigo, João Candido, presença espetacular!
Pequenino, porém grande, trabalhava sem cessar
Nas Comunidades de Base, para o Movimento vingar!
Teresinha, Albertina, Zaia, nunca me saem da lembrança,
Três mulheres corajosas na luta da esperança!
Junto com os padres operários,
Que vieram de pontos vários!
Especialmente da França!”

E aí, no meio de tudo isso, a Comissão dos Dez... A Comissão dos Dez foi um trabalho de expressão! De libertação da classe operariada osasquense, sobretudo, na Cobrasma! Maravilhoso!!... Olha aqui, ó!

“E a Comissão dos Dez foi trabalho de expressão!
Refeitório, Prêmio de Insalubridade
E o Prêmio de Produção!
Valei, Nossa Senhora!
Se mandassem alguém embora,
A turma virava ‘o cão’!
Estudantes universitários
Se uniram aos operários
E a Ditadura tremeu!
Muitos, então, foram mortos,
Deram a vida por amor!
Gritaram para o mundo inteiro,
Defendendo os brasileiros
E na luta ficou!
Muitos intelectuais vieram em nossa defesa,
Na coragem da esperança,
Na esperança da certeza!
A Igreja com ação e preces,
Para que a gente tivesse o sagrado pão na mesa!”

Então, é mais ou menos isso aí! É claro que é mais profundo, porque as palavras não dizem tudo que foi isso! A gente, muitas vezes, não sabe dizer tudo! Sabe só sentir!...

“O companheiro João Joaquim correu pra se escapulir
Enganchou-se num arame da cerca que tinha ali,
Deu um grito desesperado
‘Não me matem, seus soldados,
Isso aqui está um horror!
Olha que incêndio danado!’
A Polícia olhou De lado
E o negão se mandou!”

Isso aí é “rádio peão”!! Então, é isso! Também é uma faceta da greve...

“E, na década de 60
Tudo isso acontecia,
Muitos companheiros hoje

Estão sem o pão de cada dia!
Doentes, sujos e tristes
No meio de tanta ironia!
E o Presidente Fernando Henrique
Ainda nos nega Anistia!
Presidente,
Põe a mão bem pertinho do coração,
Na casa da consciência,
Paga nossa indenização!
Cumpra com as leis da Nação,
Tenha a Santa Paciência!
Se alguns do seu governo
Receberam a Anistia
E hoje, além do seu salário
Recebem a aposentadoria,
Não fique dizendo amém
E nos pague a nossa também
Nos tire dessa agonia!”

Esse foi o recado que dei ao Fernando Henrique! É isso aí!... Queria ainda falar uma coisa final! Um recado final! Um recado final! Uma coisinha.... Pode ser simples, mas eu acho bonito!

Eu diria o seguinte... Isso aqui!... Porque nós fazemos parte desse tempo! Daquele e desse tempo! E, muitas vezes, não damos a devida atenção para o tempo... Né? E, muitas vezes perdemos tempo com muita coisa que deixa a desejar e esquecemos de tantas coisas boas, como essa que está acontecendo, hoje! Aqui! Isso aqui é um passo para a eternidade em busca de um mundo melhor, filha!! E aí, eu concluo dizendo:

“Que Deus pede estrita conta do meu tempo
E eu vou, do meu tempo, dar-lhe conta!
Mas como dar, sem tempo, tanta conta,
Eu que gastei, sem conta, tanto tempo?
Para ter minha conta feita a tempo,
Tanto tempo me foi dado e eu nem fiz conta!
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,
Hoje eu quero fazer conta e falta tempo!
Ó voz, que tendes tempo sem ter conta,
Não gasteis o vosso tempo em passatempo,
Cuidai, enquanto há tempo, de vossa conta!
Porque aqueles que, sem conta, gastam o tempo,
Quando o tempo chegar de prestar contas,
Chorarão, como eu, por não ter tempo!”

Isso que aconteceu aqui, o tempo vai dizer: eu, nós, estamos com a razão. Todos nós! Você, Inácio, Teresinha... Até o Chuan, meu cachorro, que está lá na casinha dele, ouvindo, mesmo sem entender!!

JOÃO JOAQUIM

À medida que qualquer brechinha aparecia, era como se fosse uma vazante! Então, você aproveitava as pequenas frestinhas que tinha pra gente se organizar!

Eu sou João Joaquim. Sou de origem paulista. Nasci em uma cidade chamada Álvares Machado próximo à Presidente Prudente interior de São Paulo. Os meus pais eram baianos. Minha mãe era de Brotas de Macaúbas, da região da chapada Diamantina (BA). Eu vim bem pequeno de lá e minha família e eu fomos morar na região de Presidente Prudente. Lá os meus pais foram meeiros, trabalhavam na roça e metade era do patrão e metade era deles. De modo que o primeiro calçado que calcei eu devia ter uns doze anos. Verdade!... Fui me alfabetizar quando eu tinha quinze pra dezesseis anos de idade. Capinei, rocei, levei comida pros mais velhos na roça. E na cidade engraxei sapato. Então, a minha origem foi bem essa...

Depois fui pro exército, né? E aí no quartel me despertou a vontade de ser militar, ser policial rodoviário. Eu admirava aqueles homens grandões, aquelas botonas no pé, aquele binóculo e tal, né? “Eu quero ser um desse aí!”... Então, quando fui morar na cidade, fiz a alfabetização de adultos para aprender a ler, escrever, fazer contas e outras coisas que a vida me ensinou. Fui lá na Estação da Luz fazer os exames... Aí, graças a Deus pra classe operária, eles acharam que eu tinha pé chato e não deu certo! Mas eu acho que devia ter muita procura e pouca oferta, não sei, mas acho que devia ser isso. Eles precisavam de mais de 400 soldados e tinham mais de mil fazendo exame.

Aí eu e alguns colegas compramos o jornal, não lembro, na época... Ah! Era a Gazeta Esportiva. Aí vimos: “Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários COBRASMA está pegando jovens de 18 a 25 anos”. Parecia até coisa de quartel, “que tenha 1,70 de altura e tal, que o peso seja compatível com a altura”. A gente veio pra um lugar do lado da Cobrasma pra fazer as provas, e as provas eram praticamente iguais às do quartel: pressão, coração, força na mão esquerda, força na mão direita, soprar o ar...

Comecei a trabalhar na Cobrasma no dia 13 de Abril de 1961. Foi quando virei metalúrgico. Então, aquele menino, aquele jovem que passou por tudo isso que acabei de dizer, de repente “caiu” numa empresa que, na época, devia ter aproximadamente quase cinco mil operários: fogo pra todo lado, acabamento, fundição, esmerilhador, forjaria de desbaste etc... Fui trabalhar numa seção que se chamava limpeza e acabamento. Fui trabalhar com jato de areia.

No meu primeiro dia de trabalho o Tigrão, Otaviano, já chegou em mim e perguntou: “Ô João Joaquim, você é sócio do sindicato?” Eu falei: “Não, comecei a trabalhar aqui hoje.” E ele: “Pô, você não quer ficar sócio do Sindicato?” E eu: “Pô, mas o que é o Sindicato?”. “O Sindicato é um órgão, um lugar que luta pelos interesses dos trabalhadores, e nós estamos com uma luta aqui na seção pela insalubridade, pra gente receber a insalubridade. Então, precisamos de companheiros pra engrossar esse caldo”. Eu falei: “Pode por meu nome na lista”. E ele: “Aí colocam seu nome na lista, só que já vem descontado”. Perguntei: “Vai ter que pagar é?!”.

Já peguei minha carteirinha e coisa tava tendo uma luta pro pessoal receber insalubridade. Tava tendo uma luta pro pessoal pegar leite, ter bebedouro na seção, porque a seção era muito quente, perdia-se muito em suor e automaticamente perdia-se muito potássio. Então, o pessoal já reivindicava isso. E eu tava lá no jato de areia, né? Imagina um quarto mais ou menos deste tamanho (de 4 x 4=16m²), um pouquinho maior, aonde no centro dele tem o trilho de trem, e que dentro dele tem um trólebus que enche de peças, e essas peças chegam pra, que sejam limpas quando saem da fundição, pra facilitar pro maçariqueiro cortar as peças. Ali dava a impressão pra quem tava no jato que ele tava indo pra lua, calçava um sapato dessa altura, cheio de grampos pra ajudar a não escorregar, porque tinha areia, uns chumbinhos, né, uma espécie de granizo. E uma roupa mais ou menos de couro, umas perneiras, umas braceiras, um óculos e outro negócio por cima que, conforme ligava, tinha uma mangueira mais ou menos assim, dessa grossura, com um biquinho do tamanho de um dedo, menor ainda que um dedo, um biquinho onde saía areia com chumbinhos pra limpar as peças. Conforme ela resvalava, podia ferir, machucar, então aquilo era pra proteger.

A gente revezava: entrava um, depois entrava outro, entrava um... né? E, quando você saía, dava uma cuspidinha assim, saía ... Era muito poluído, era muita poeira, e quando você tava lá dentro, tinha uma mangueirinha que tinha um suporte, uma máscara pra vir o oxigênio, aquela mangueirinha ficava pro lado de fora.

Então, ali já comecei a conhecer outros companheiros que ali estavam desenvolvendo essa militância na Cobrasma... Havia toda uma efervescência política, né? Tinha a questão dos autonomistas, a luta dos autonomistas, a luta das comissões de fábrica e as implicações que falei aqui do bebedouro, do salário, e muitas outras coisas. Então, eu não tive tempo pra refletir o que era isso, o que era aquilo. Sou daqueles caras que já aprender a nadar, me jogaram na piscina, no rio, e tive que sair nadando!!

Aí, dali a mais ou menos três dias apareceu o Inácio Pereira Gurgel... O Inácio também era operário, metalúrgico, companheiro da luta, né? E falou: “João Joaquim, você é católico”? Eu falei: “Olha a minha família sempre me mandava rezar. Rezar sozinho não sei não, mas gosto de ir na missa, de rezar. A minha família é muito católica.” Aí ele me disse: “Não, é porque faço parte de uma comunidade daqui do bairro do Km 18, e lá tem um grupo de pessoas que é muito interessante. O padre de lá é uma pessoa muito boa, tem muitos jovens. Você não quer ir lá?”. Aí eu falei assim: “Vou dar um pulo lá.”

Fui lá, assisti a missa, tinha muita gente. Falei: “O que tem aqui pra atrair o jovem além da missa?”. Aí, o Inácio respondeu assim: “Ah, tem um grupo de teatro.” Eu disse, então: “Ah, então tá bom! Põe meu nome aí, que eu vou participar desse grupo de jovens.” Entrei no grupo e jovens, né? Nesse momento começou outra parte da minha vida... Entrando em contato com outros grupos de teatro fui ficando cada vez mais desinibido, né? Isso é muito importante dentro da Fábrica, onde todo mundo tá vendo, usando microfone, discutindo. Mas lembro que foi um aprendizado muito difícil! Lembro que eu ia pra uma reunião e levantava um tema e, então, tinha uns dez ou doze companheiros pra falar. Quando chegava no oitavo, no nono, eu já ficava meio agitado pra falar, né? Então, demorou pra eu tivesse maior liberdade para falar... Isso foi muito bom pra mim...

Depois de praticamente uns nove meses, foi rápido assim, eu conheci o João Batista Cândido, que me apresentou ao José Groff... O Cândido era um jovem trabalhador que fazia pouco tempo que tinha casado. Já tinha filhos, pequenos. Ele tinha vindo da JOC, Juventude Operária Católica, que teve uma atuação muito grande no Brasil, junto à JUC, Juventude Universitária Católica; à JEC e até à JAC. Ele me

convidou pra participar da JOC. Aí eu falei: “Mas, João, você acha que eu tenho esse jeito?”. Ele disse: “Ah, tem e eu vou trazer outro homem pra te ajudar”. Aí, veio um (o Edson) de Campinas, que me disse: “A JOC trabalha com os jovens na formação pra atuar na classe operária, junto com a família, no bairro, sindicato, nos movimentos populares. Como você já é sindicalista, você vai ajudar os jovens a refletir um pouco nessa linha, né? Aí, tudo bem! Durante um período esse rapaz vinha uma vez por mês. Quando ele vinha, o pessoal jogava bola, uma vida muito diferente da minha, né? Saía, no sábado, cedo e voltava de madrugada. Fui percebendo que era importante participar, que não precisava atingir todo o resto, mas que se atingir uns dois ou três, que era liderança já tava atingindo o restante. Isso foi muito bom; foi uma fase da minha vida que foi muito boa!

E, trazendo a bola pro campo, o pessoal já se reunia pra que Osasco ficasse independente, porque Osasco era um bairro. Quando foram realizadas as eleições de 62, Conrado Del Papa passou a ser o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, junto com o Cândido, com o Otaviano, e alguns que não me lembro agora que é fácil de lembrar. A comissão de fábrica que foi nascendo junto com toda essa efervescência.

Eu me lembro que no primeiro mandato da comissão eu fiquei como suplente. Lembro que meu apelido era seboso porque nunca trocava meu avental, ele ficava assim, né? Então meu apelido era seboso... E a Comissão foi importante porque, na época, tinha dez seções de destaque, dez seções na empresa. Então a reivindicação era que cada seção tivesse um companheiro, daí a origem da Comissão dos Dez, que era vinte: dez companheiros efetivos e dez suplentes. Os dez suplentes podiam participar.

Uma das coisas mais importantes que aconteceu, na época, foi que o Diretor Chefe Geral da Superintendência de lá, ele era muito famoso, assim, por ser um cara muito carrasco. Segundo a história, ele mandou um operário embora uma vez porque o operário perguntou pra ele que hora que era. Outro fato muito importante era que na fundição tinham os altos fornos que fundiam as peças... E tinham as panelas que tinham aço, pra fazer a corridas, fazer a fundição... Era um operário que fazia, quando ele colocava a alavanca na parte de cima, abria lá embaixo, aí o aço escorria, fundia a peça. Aí quando terminava, substituía o operário por outro, e por outro... Ah! Altamente insalubre!.. Um dia, quando fez aquela corrida de fundição, um operário ficou fazendo limpeza onde colocavam o forno. Aí o ponteiro, aquele volante que ficava na panela de dez mil quilos de aço, doze mil quilos de aço, despejou a escória, que era o que eles faziam, e naquele dia a escória caiu em cima de um operário de tava fazendo a limpeza! O operário teve umas três, quatro horas de vida... Aí, no dia seguinte, na hora do enterro desse companheiro, a empresa paralisou!... Não me lembro mais ou menos que hora que parou, mas era fora de horário, né? Então, vamos supor que umas nove e meia da manhã, dez horas, aí tocou a sirene, e as pessoas falavam: “Ué, ainda não é hora de almoço, porque é que tá tocando?”. E a empresa totalmente paralisada!... A peãozada conseguiu fazer com que a “rádio peão” funcionasse em todas as seções da empresa. Isso em sinal de protesto pela morte do companheiro, né? Isso foi em 64, por aí... Em 65... Então, isso foi bem marcante.

Outra coisa bastante marcante na minha vida foi que aquele jovem que queria ser polícia rodoviária, aí de repente contou com um grupo de pessoas que tem uma formação marxista, e um outro grupo que tem uma formação cristã.... Então, eu via a luta comum nas pessoas, não via diferença! Demorou pra eu adquirir as informações, que é adquirir um pensamento marxista, leninista, trotskista e ter um pensamento cristão, conservador ou progressista. Então, ali, durante um bom tempo, eu participava das reuniões de um grupo marxista e participava também das reuniões dos grupos cristãos. E a diferença que eu detectava era de que o grupo marxista tinha certo

radicalismo que, às vezes, tinha mais bronca do padre do que do patrão! Eles criticavam tanto a Igreja, o padre, que dava a impressão que a Igreja, ou aquela comunidade, ou aquele padre, era mais nocivo do que o patrão né? E, às vezes, para o grupo cristão, ser marxista, coisa e tal, era ser Satanás, coisa e tal!

Agora você imagina isso na cabeça do jovem João Joaquim com vinte anos, sei lá! Comecei a valorizar a classe operária como um todo: já que os comunistas são a favor da greve e os cristãos também são, então, eu também sou! Já que os comunistas acham importante tomar o poder pra classe operária e esses também são, então, eu também sou! Sou comunista e cristão. Sou marxista e frentista, né? Então, eu me afinei muito com o José Ibrahim; me afinei muito com o Pedro Tintino; com o José Campos Barreto, o Zequinha; com o Osni; e muito com o Cândido, com a Betinha, com o Groff que fazia camisa lá no Bom Retiro e depois veio ser metalúrgico, também, em Osasco. E formou uma família operária! A gente não tinha grandes diferenças, nós participávamos do mesmo grupo, só que tinha as decisões normais dos grupos, né? Então, por exemplo, a comissão de fábrica, tomava uma decisão, por exemplo: “Nós vamos lançar um companheiro pra ser vereador e tem toda uma discussão de quem vai ser e por que, quais os critérios. Quando chegou a hora do sindicato, aí nem se fala, aí que a cobra fumava, de verdade! Aquela coisa que o Groff fala: teve várias vezes da gente sair da empresa às 5:36 da tarde e chegar na casa do fulano, do companheiro tal, tomar uma cachaça, comer um pão com mortadela e ficar até uma e meia da manhã, meia noite, uma hora, ir pra casa e às seis horas da manhã pegar o batente, outra vez de manhã. A gente discutia daqui, discutia dali até chegar num consenso. E as duas lideranças que eram: o João Batista Cândido da parte da FNT e o José Ibrahim que era da esquerda. Era muito grande a discussão, inclusive a questão de ajudar no consenso foi o seguinte: quem tem a cabeça da Chapa fica com três, quem não tem fica com quatro, coisas assim parecida.

Então, isso foi me ajudando a descobrir a importância da luta dos trabalhadores, a importância de organizar a classe operária e a importância de conhecer outras personagens que nem vivia mais ou que vivia e que tava naquele mesmo barco e, que graças a essas lutas é que os trabalhadores tinham alguns direitos no mundo, em alguns lugares mais, em alguns lugares menos.

Fiquei, assim, muito impressionado com a coragem do Ernesto Che Guevara, do Nestor Cargo Krael, um negro americano que combateu... Na verdade, tinha dois negros: o Martin Luther King que representava a não violência e o Nestor Cargo Krael, que era meio anarquista. Ele achava que tinha mesmo, pra combater o Imperialismo lá da terra dele, tinha que ser com arma, assim, né? E eu tive oportunidade de estudar um pouco, de ver o Ghandi também. A importância da luta do Ghandi. Isso tudo culminou com minha primeira experiência como Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos. Depois dessa minha atuação pela comissão de fábrica, Comunidade de Base, Juventude Católica, fui ser o primeiro Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco em 1967, na Chapa Verde.

O processo de formação da chapa se deu em cima de uma programação anti-pelego! E também contra a Ditadura Militar. Naqueles dias eu já tinha tanta raiva de pelego, tanta bronca de pelego, que se não tivesse um pelego a gente fabricava um pra bater, né?! O objetivo era fazer um sindicato aberto, com a participação das massas, que fosse livre daquela estrutura arcaica do Getúlio Vargas e independente dos patrões e dos pelegos. Pelego pra nós era aquilo que amortece! Pelego, pra nós, era exatamente aquilo que a gente punha em cima do cavalo pra não machucar a bunda. Aí quando a gente entrava em crise por um aumento ou alguma coisa, na hora que entrava pra brigar, aí, o pelego entrava aqui no meio e falava: “Não, faz um acordo, né? Você tem cinco pra

receber, recebe três. Ah, três e meio pra acabar com a briga.” Então, a gente saía sem arranhão nenhum, então, se o para-choque do carro é bom se você dá uma encostada no outro não faz nada, então, pra nós, pelego era isso, e mais alguma coisa ainda.

Quando a comissão começou a funcionar, a gente começou a participar de tudo. Aí ficava mais difícil da pelegada enrolar o povo e toda essa coisa. Então, pra você ter uma ideia eu participava da Comissão dos Dez em 66. Aí o mandato venceria por volta de março ou abril de 67 e, na medida em que fomos organizando, articulando e tal, fazendo mudar clandestinamente as coisas, veio a data do registro das chapas. A partir desta data não podia ser demitido. Então, eu fui chamado no Departamento Pessoal e uma assistente social, me chamou e falou: ‘João Joaquim, você é jovem, você é novo, você tem vinte e poucos anos... Você tá noivo, você vai casar, né, sai dessa! Sai dessa! Deixa essa turma e tal, a gente paga sua indenização em dobro!’ Na época eu devia ter, assim, uns quatro ou cinco anos de empresa, eles pagavam em dobro e eu pegava a indenização e saía. Aí eu peguei e falei assim: “Oh! Eu não vou dizer pra senhora não e nem sim, por quê? Porque eu tenho dúvida do que refletir. Se eu estou aqui é porque os companheiros em peso votaram em mim e eu tenho que dar uma satisfação pra esses companheiros”. Levei a discussão pra moçada. Aí, o pessoal disse: “Oh, isso acontece com muitos trabalhadores, tá? Pra não terminar com o mandato mesmo, mas nós cremos que com você não vai acontecer isso. Então, você deve chegar lá e falar pra ela que o seu compromisso é com a classe operária, com os trabalhadores e que não, que você vai continuar fazendo a luta e as suas coisas, o seu trabalho. Fui lá e falei!

Então, a gente ganhou as eleições e vai pro sindicato! Então, aí, a experiência que trouxe o sindicato é que, na época, acho que a maioria, acho que numa média ponderada, aritmética, era bem jovem mesmo, acho que o João Candido era o mais velho, tava com mais ou menos quarenta anos. O Zé Ibrahim tinha vinte e um anos, eu tinha vinte e dois, o Otaviano devia ter uns trinta e dois... A gente não tinha carro, a gente fazia todo esse trabalho a pé: Cobrasma, Braseixos, CimaF e tal, depois compramos uma Rural Willis, né, uma perua... Já tínhamos tido uma no passado, mas tinha estragado. Foram fazer uma pescaria com a perua e fizemos uns desenhos da Chapa Verde, colamos na perua e colocamos as varas de anzol encima e puxamos de cá, e puxamos de lá e com os ganchos esperando as pelegadas passar!...

Então, isso foi muito importante porque a gente falava com os trabalhadores no portão, nas cercas de arames das empresas, porque não deixavam a gente entrar: “Oh! Vai ter assembleia hoje, é importante que você vote nisso, naquilo, e vai...”. Isso era um aprendizado, que na faculdade, nos livros, era complicado aprender a fazer o que a gente fazia. Foi bem na prática mesmo. As discussões eram muito grandes!

Eu me lembro do Primeiro de Maio de 68... Foi difícil, né? Grupo da Frente Nacional e o grupo do Ibrahim estavam lá: “Vai armado, vai armado!”. Leva porrete, discute aqui e discute ali, mas tinha que ir... E acabamos indo pra Praça da Sé... Não foi possível levar as pessoas do jeito que uma parte queria, e não foi possível levar as pessoas do jeito que a outra parte queria.

Eu me lembro que o Manuel Dias do Nascimento, o Neto, passou vários dias cortando uns pedaços de ferro, mais ou menos desse tamanho e enrolando nos jornais. Você via como se fosse um bastãozinho, pro confronto... Porque isso era feito pro confronto, né? E a maior parte das pessoas apenas com a fé, a coragem e a garra, muitos levavam apenas um saquinho de plástico com água e um lenço pra na hora que jogassem a bombas molhar o lenço e colocar no nariz, porque naquele tempo não tinha garrafas plásticas. Eram de vidro. E era caro, era mais caro que o de leite, né? Não se vendia água como é hoje: “Ô, dá uma água, uma soda, um guaraná!”. Não! Então se

fazia um suco, se levava num vidro. A gente levava um saquinho plástico com água, um pano. E antes da gente ir pra Praça da Sé no Primeiro de Maio, já houve algumas ameaças, alguns companheiros nossos, eu me lembro do Adauto, ele foi cercado por um tira da Guarda Civil perto do Sindicato, e ele não sabia onde estava o José Ibrahim, o João Batista Candido... Um ambiente de pressão!... Então, aí foi um marco!...

Isso foi importante também porque também participavam os estudantes. Existiam operários e existiam estudantes. Existia operário-estudante. Operário como o caso do Espinosa, como o caso do Osny, do Roque, do próprio Zé Ibrahim, que trabalhava o dia inteiro e depois ia pra escola ou pra faculdade de noite. Então, esses companheiros tinham a experiência dupla. Tanto é que no dia da greve tinha muitos companheiros que durante o tempo que estávamos dentro da empresa organizando aqui, revisando ali, volta e meia chegavam os companheiros operários com estudantes, porque eles aderiram, com panfletos e a gente panfletava com o pessoal.

Então, fomos pra Praça da Sé... A intenção era tomar o palanque e a gente fazer a festa dos trabalhadores. Aí, quando foi por volta das cinco horas da manhã, alguns trabalhadores, algumas lideranças, foram pra cidade e fizeram uma operação fria, pra ver como é que tava a situação na Praça da Sé. Eu me lembro que quando foi lá pelas seis e meia, sete horas, foi minha vez de ir com outros companheiros.

A gente foi pra Praça da Sé. Um palanquinho armado que cheirava à repressão... A coisa não ia ser muito legal... Fomos com a intenção de tomar o palanque e comemorar os trabalhadores. Foi tão fácil tomar o palanque, que na primeira investida que deu, já caiu um pouco de pelego pra cá, um pouco de pelego pra lá... (Cobrasma!... Ouve o apito!... Tá tocando!)... Na primeira investida, o Abreu Sodré se refugiou na igreja, na Catedral da Sé... Histórico!

E aí houve alguns discursos e a ordem foi se organizar e ir pra Praça da República. Na véspera, no dia 31, 30 de Abril já deu pra ver pouco o José Ibrahim. Ele tava muito seguro dentro do entendimento dele, né? O esquema de segurança não deixava ele aparecer mais. Tanto é que ele não falou nem na Praça da Sé e nem na República e, não vimos mais o José Ibrahim. Outro detalhe muito forte pra militância, né?

Eu não vou dizer que o José Ibrahim amarelou, que deu uma de Ronaldinho, mas quase. Porque eu conhecia muito bem ele, eu creio que ele tenha ficado com muito medo e inseguro, né? A gente sabia que tá tava sendo filmado, a gente sabia que os tiras estavam junto, nós não nos intimidamos. Descemos a 15 de Novembro, ateamos fogo em umas duas ou três bandeiras americanas, passamos em frente de um quartel de Marines que tinha na Avenida São João, pra cima do correio, eles ainda ameaçaram a gente com as armas, com os cassetetes e tal. A gente passou, talvez, na época, uma sete ou oito mil pessoas, por aí, chegamos na Praça da República, tinha uns “irmãos”, né, crentes, fazendo umas orações lá. Quando viram chegar toda aquela turma, saíram correndo. Aí nós já colocamos o Guevara na frente, né? E falaram: O Barbosa, o Novaes e o Zequinha, um discurso muito empolgado, muito bom pra época, um jovem! Colocou toda a trajetória do Che Guevara, a trajetória das grandes lideranças políticas proletárias. Daí, dispersamos. Ninguém foi preso.

Só que no dia seguinte começou, né? No dia 02 de maio, o Sindicato passou a ser mais vigiado, né? Nós fomos intimados a comparecer ali na Martins Fontes, o QG do General Gaia, o delegado do Trabalho. Fomos interrogados, ameaçados, tivemos propostas: “Oh, tira o José Ibrahim, fica com o João Batista Candido na presidência, com o José Ferreira Batista e tal”. A gente voltava, discutia a proposta e a falava: “Oh, o José Ibrahim é jovem, tem vinte e um anos de idade, é inteligente. Então, os mais velhos têm uma missão que é tentar ajudar o companheiro a refletir, a pensar. O senhor

é general, sabe o quanto demora pra um soldado raso virar sargento, pra chegar a general. Passa por muitas!”. Ele dava um jeitão de tonto, de besta, mas ele sacava... E nós decidimos por manter o José Ibrahim na Presidência até a greve.

Aí, voltando novamente, fazer o quê? Maio, junho, o pessoal pedindo aumento de salário, o pessoal passando por uma puta de uma necessidade e nós estávamos, naquela época, há quase um ano sem aumento, sem reajuste salarial. Aí foi realmente que começaram as discussões para uma greve em Osasco, contra o arrocho e pelas reivindicações que eram latentes naquela época. Estávamos vindo de um processo muito interessante, que era o MIA, Movimento Intersindical Anti-Arocho, e que era dirigido pela pelegada: Joaquim dos Santos Andrada, Paixão, lá de Guarulhos... Aquilo foi importante porque ele praticamente o MIA ajudou a gente a organizar o Primeiro de Maio, não é? Eu me lembro que no começo de abril, mais ou menos, por volta de dez, doze de abril, a assembleia foi em Campinas.

Aí nós saímos da empresa, às já estavam ali, e a manifestação era às oito horas da noite em Campinas. O Inácio Gurgel, na época ele já era o poeta dos trabalhadores, chegou uma hora lá e ele falou: “Nós somos os poetas dos metalúrgicos”. Ele foi lá em cima do palanque e fez um bocado de versos lá. Entre os versos ele fez um assim: “Até as andorinhas partiram da sua terra natal porque elas já previam o terrível grande mal, lei sem Fundo de Garantia e Arrocho Salarial”. Aí, quando ele desceu um tira perguntou: ” Escuta, aquela cantoria que você fez lá tinha alguma coisa a ver com o Passarinho?” - que era o Ministro do Trabalho! - “Não, pelo amor de Deus, não tem nada, eu nem pensei nisso! Eu só quis homenagear a cidade de Carlos Gomes”. Eu disse: “Ah! Tudo bem! Tudo bem! Então, era um pouco, assim, as coisas, né?”

O primeiro de maio já trouxe muita insegurança para muitos dos companheiros, né? E nem todos tinham cabeça do Groff, minha, da Santana, do Candido... Tinha muitos companheiros da chapa que pensavam na estabilidade: “Eu não posso ser mandado embora, esses dois anos meus estão garantido”... Por mais que você colocava, eles ainda tinham aquela ilusão de que o representante sindical tinha além desses dois anos mais um de estabilidade.

Um detalhe que ajudou muito, na época, foi a organização e a Greve de Contagem, em Minas Gerais. Eu me lembro que o Ibrahim, antes da gente fazer o nosso movimento, ele esteve lá. Chamava Ênio o Presidente do Sindicato de Contagem. Ele esteve com o Ênio, conversando, e ele colocou algumas dificuldades que eles enfrentaram. Então, ele trazia as informações e a gente tentava filtrar as coisas que foram ruins e não errar onde erraram e acertar onde eles acertaram. Isso ajudou bastante, né? Mas, nós tínhamos um pouco de ilusão, não vou dizer que era ilusão, porque o pessoal da Baixada, de Santo André, do ABC, eles tinham a intenção e garantiram para Osasco que também parariam, que a greve não ia ser localizada, que ia se expandir. Igual ao Che que achava que a guerrilha não ia ficar só na Bolívia, que ia se estender...

Então, foi aí que nós sofremos a baixas e as perdas como consequência. Então, foi assim... Uma coisa muito difícil para os trabalhadores daquela época.

Apesar de não ter mulher na posição de comando na Cobrasma, tinha uma empresa aqui em Osasco chamada Granada, que fabricava fósforos e lá, se não me engano, tinha duzentas e oitenta funcionárias. No dia em que a Cobrasma parou, elas pararam, desceram a pé, um pedaço da Avenida dos Autonomistas, desceram a Rua Julio Silva, passaram em frente da Cobrasma batendo palmas pros trabalhadores que tinham tomado e desceram a Rua João Batista e foram pro nosso Sindicato! Não foram pro Sindicato dos Químicos, foram pro Sindicato dos Metalúrgicos! E passaram o dia todo! Tivemos que contratar três ou quatro padarias pra trazer: pães, queijo e mortadela pras meninas comerem e depois convencemos que elas tinham que ir embora. À medida

em que foi se esclarecendo as questões da categoria onde você é médica e seu marido é enfermeiro, você não pode participar do mesmo sindicato! Então você fica com o sindicato dos médicos e ele com o sindicato dos enfermeiros. Se trabalha numa metalúrgica e lá tem serviço de limpeza e tal, então os metalúrgicos tem um Sindicato e o outros tem outro Sindicato e tal, e assim por diante. Então, elas foram embora.

Sabe, fiz alguns pensamentos sobre a greve... Eu vi, assim como você tem um bicho, um gato, um cachorro, me veio na cabeça esses dois agora... Você pisar o pé em cima dele, segura ele, né? Na hora em que esse bicho escapa, ninguém segura! Desaparece! Pode até te atacar!... Então, a repressão com o golpe militar foi tão grande!... Foi tão grande a repressão sócio, político, cultural, econômica, né?! Tortura!... Que os trabalhadores ficaram represados muito tempo! Então, à medida que qualquer brechinha aparecia, era como se fosse uma vazante! Então, você aproveitava as pequenas frestinhas que tinha pra gente se organizar!

Então, por exemplo, eu me lembro muitas vezes que a gente programava o Primeiro de Maio da seguinte maneira: “Oh! Semana que vem é Primeiro de Maio, Primeiro de Maio é o Dia do Trabalhador. Então, o que é que vai ter que fazer?”. Então, em grupo de militantes, e tal, dizia: “Se cada um dos trabalhadores conseguir levar um companheiro pra almoçar na casa dele já é uma vitória! Ou se cada um conseguir sair um grupinho de trabalhadores e conseguir falar do Primeiro de Maio já é uma vitória!” Era assim que a gente fazia!

Então, depois da comissão de fábrica, depois de toda a repressão dentro da empresa, das perseguições, da luta contra os pelegos, as intervenções, veio uma direção de jovens, na maior parte com vinte e um, vinte e dois anos, e entrou no Sindicato! Com o objetivo de ter o sindicato livre, autônomo dos pelegos, dos patrões e do governo, em plena Ditadura Militar! E começamos a acompanhar as ideias, os acontecimentos que aconteciam no mundo! Começamos a comparar com a América Latina, com o Brasil, com a França. Começamos a usar como referência muitos personagens da história, né? Lenin, Marx, Engels, Mao Tse Tung, Che, Fidel... E dentro das universidades, os estudantes saindo, levando tiro, sendo assassinado... Então, você ficava inquieto, você ficava! Você não conseguia chegar em casa e tomar banho, jantar e ficar sentado! Você queria conversar com um, conversar com o outro, queria ler!

Eu me lembro que uma vez eu tava num grupo, de não sei quantos, assistindo queimada... Quando eu saí, tinha um cara de capote, devia ser estudante, com um panfleto, um negócio aqui embaixo no braço, colocando o negócio dentro dos carros. Era um panfleto chamando para uma manifestação na Maria Antonia! A gente ia assistir um filme e eu me lembro que quando acabava o filme, a gente ficava em pé e batia palma pra tela! Então, essas coisas eram contagiantes! E quando você tá dirigindo o sindicato, e que você percebe que os trabalhadores esperavam tanto do Sindicato e que era importante mobilizar os trabalhadores e mostrar que há uma classe que explora e uma classe que é explorada, que a gente usaria todas as armas que fossem possível pra fazer a classe operária tomar consciência daquilo!

A gente pegava o jornal e olhava e via lá: “Uma sombra assombra o Continente.” Aí, você ia ver tava lá: essa sombra era a presença do Che! Aí você via lá: “Camilo Torres foi preso, um guerrilheiro, tal, tal, na Colômbia!”. Mas e no Brasil, né? A gente tinha aquela sede de querer saber e se informar, não só saber, mas transformar! Ser um agente de mudança!

Então, o Sindicato fez a coisa mais importante, que foi essa greve de 68! A greve em si, ela ampliou bastante a visão dos trabalhadores, do Brasil e do mundo porque, não foi só no Brasil que se falou da greve, né? Na França se falou da greve, na Itália se falou da greve, na Suíça se falou da greve, na Argentina se falou da greve, no

mundo se falou da greve! Tanto é que quando se falou do sequestro do Embaixador americano, o Charles Elbrick, um dos quinze era o Zé Ibrahim, que era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, que parece um rato na foto de tão raquítico que era! Então, a greve foi um marco histórico pra continuação na vida dos trabalhadores!

A minha participação nessa greve foi bastante efetiva, porque foi exatamente na época que trocou: o João Candido veio pra empresa e eu fui pro Sindicato. Então, eu tava vendo a efervescência dentro da fábrica e depois fui pro Sindicato! E lá no Sindicato tinha certo orgulho dos companheiros da Seção: “Pô, o Negão foi lá pro Sindicato!”... Então, todo dia ia uns quatro, cinco, seis jovens lá: “E aí? Como é que tá o nosso Sindicato? Vai vir quantos? Agora, você tá aqui e tal, né?” Eu saía e pegava fogo, tinha aquela convivência muito grande, e a gente acabou se afinando mais com o Grupo da Esquerda que era o José Ibrahim, o Barreto, o Roque, que era meu vizinho... Nós morávamos no mesmo bairro, na Vila Izabel... O Orlando Miranda, inclusive sou personagem do livro dele.

Eu já tinha adquirido um certo grau de consciência de classe e já sabia não só da importância da articulação que devia ser feita, mas dos riscos que corria quem tava articulando, quem tava na vanguarda, e eu já era capaz de montar meu próprio esquema de segurança, né? Ia numa reunião e tomava o cuidado de antes de entrar numa sala, verificar o quarteirão. Dois ou três quarteirões em volta daquele local: se tinha algum carro parado, se tinha algum carro da polícia... E até andava meio disfarçado! A gente aprendia muito, coisas que hoje se aprende em dez anos, naquela época aprendia em um ano.

No dia da greve, o Roque puxou o apito, né? E, nós lá, desligando as máquinas, junto com os companheiros, pra dar o toque inicial da paralisação. Quando vi que tava parado, já saí, já fui pro Sindicato e mais tarde fui pra USP buscar uns panfletos com um grupo de estudantes. Volta e mei, andava no DKV do Parro, né, dava uma volta no Sindicato entre a CIMAF, Braseixos e a estação de trem e já dava pra ver como é que estava a situação. Andava com o megafone escondido pra que na hora que tivesse que falar, falasse animando os companheiros pra ninguém ir pra casa, que a greve estava dentro da empresa, né? Então, eu tive uma atuação de vanguarda na greve!

Lembro que por volta das cinco horas da tarde eu voltei na empresa. Já tava bastante tenso o clima... O Parro me deixou na esquina e ficou sempre circulando: “Qualquer coisa eu dou umas buzinas e a gente faz o que você já sabe”... Aí eu entrei, fui nas seções, e eles estavam lá, numa boa, bem tranquilo, o pessoal já tinha tentado uma duas vezes negociações...

O que quero dizer é o seguinte: é que nesse intervalo entre as 17 e as 17:30, 17:40, em que eu fui lá, chegou a cavalaria. Quando a cavalaria chegou com o exército dando cobertura, eles pararam em volta do muro até no portão, e do lado de dentro tinha uma seção que era de montagem de vagões, tinha uns vagões ali, que já estavam sendo montados pra sair lá pras empresas compradoras. Aí nós fomos lá e o Barreto subiu em cima daquele vagão e ficou, assim, uns dois ou três metros de distância dos milicos... Os milicos armados de baionetas, fuzil... Os operários dentro da empresa e o Barreto na frente dos milicos com megafone na mão, uma sandália no pé, toda arrebitada de tanto andar pra lá, andar pra cá, e fez o discurso... Foi o discurso mais importante que vi na minha vida!... Foi dois, três minutos, as palavras que ele falou: “Atenção, Soldados!” Foi a primeira coisa que ele falou!... Por que ele tinha sido militar, né? E na hora que ele falou: “Atenção, Soldados!”, os soldados lá fora já fizeram posição de sentido!! Que ele falou tão forte, né?... Ele tinha sido cabo do exército! Ele falou tipo: “Aqui dentro desta empresa tem milhares de trabalhadores lutando pra ter um pouquinho de salário a mais, e tentando ajudar o restante dos trabalhadores a combater a ditadura militar. Qual de

vocês estão servindo aí, não por vontade de vocês e, oxalá, deve ter pais de vocês aqui dentro, primos de vocês aqui dentro, irmãos de vocês aqui dentro, companheiros de vocês aqui dentro. Então, em vez de vocês perseguirem os trabalhadores, porque vocês não atacam o comandante?! Ele tá aí, oh!”. Na ora, o cara já deu a voz de comando, já deu a volta nos cavalos e foi embora. Eu acho que prenderam o Zequinha com tanta ganância, foi um pouco por isso! Acho que os outros companheiros devem ter mais detalhes sobre este fato, mas foi um fato muito importante mesmo!

Aí eu tava num esquema de vir na fábrica e voltar pro Sindicato. E da fábrica voltar pro Sindicato e fazer esse rodízio. Quando cheguei no Sindicato, lá pelas seis horas da tarde, seis e meia, já vi coisa diferente, tinha quase uma espécie de um corredor polonês. Aí veio a grande questão: “Fazer o quê?”. O Parro tava dando certa cobertura, aí ele falou: “Joaquim, você vai lá pro Sindicato e me procura por aqui, quando terminar a assembleia que você vai lá pra casa”. O esquema era ir pra casa dele... Tudo bem, entrei no Sindicato, peguei as informações...

Por volta das oito e meia que eu fui sair, já não dava pra sair mais, tava tudo cercado mesmo, e também tinha uma ordem que não era pra sair, né? Que era pra resistir! Tinha, mais ou menos, umas duzentas e poucas pessoas... Uns falam que tinha mil, que tinha dois mil, que tinha quinhentas, que tinha seiscentas, né? E o milicos lá! No bar do Toninho, em frente, eles tomavam lanche e tal... Aí, por volta de umas dez e meia demos uma olhada por cima e tava tomada a frente da casa. Atrás era a linha do trem, em Presidente Altino... Eu, o Luis Otávio e o Toninho estávamos juntos. Aí eu falei: “Toninho, eu acho que é importante resistir! Acho que é importante levar esse discurso, agrupar os companheiros e tentar sair todo mundo junto até a gente se dispersar!”. O Toninho disse: “Mas Negão, e a luta lá fora? Vamos ter que sumir desse Sindicato, vamos ter que sair daqui!”. Eu pensei e falei: “Fazer o quê? A gente pula aqui, sai no quintal lá de baixo e cai fora!”. Aí, eu consultei mais uns dois ou três e eles falaram: “Não! Vai arriscar quebrar um braço, uma perna. Acho que é melhor ficar aqui e resistir!”. Conversei com o Roque e ele me disse o seguinte: “Negão, vai ter uma assembleia daqui a pouco, eu vou presidir essa assembleia, porque o presidente não tá aí né? Eu vou dirigir essa assembleia pra ver quais serão os rumos. Aí, você fica na assembleia um pouco, vê e leva as notícias pro pessoal, como que tá a coisa aqui!”. E foi o que aconteceu! A gente foi numa sala lá embaixo, que era a sala da presidência e do lado tinha uma residência e, por sinal, tinha uma touceira de cana! Aí, o Baixinho disse: “Ó, pula em cima daquela moita de cana que vai amortecer o baque e a gente sai por aí e vamos ver o que a gente pode fazer fora, porque aqui dentro a gente vai preso, cara! Nós não vamos fazer mais nada!”. Eu disse: “Então, vamos!”

Só que o Luis Otávio era um metro e cinquenta, um metro e cinquenta e dois de altura. Então falei: “Você vai conseguir dar um impulso pra cair lá? Não vai cair dentro do Sindicato, né?”. O bicho deu um pulo, ele pulou primeiro que eu! Deu um pulo assim, né? Em seguida eu fui atrás... Eu dei uma enroscada não sei onde, pegou a minha jaqueta... Aí ficou um lado pra lá e um lado pra cá! Quando eu saí, ainda me veio um filho da puta de um cachorro em cima de mim, né?! Eu tive que dar um pontapé no cachorro!!

Aí, saímos, descemos até o Largo de Osasco pela linha do trem e a gente voltou. Quando nós voltamos, estavam acabando de efetuar as prisões! Então, o pessoal resolveu tudo sair, de mão na cabeça, e os “dedo duros”: “Esse, esse, aquele, aquele”... Prenderam, realmente, todas as lideranças que estavam lá dentro do Sindicato. Aí, fomos pra casa do João Candido... O João Candido estava jantando, tinha dezenas de pessoas, mulheres, a Abigail tava com uns sete meses de gravidez. Aí, eu falei: “Só, vim trazer a notícia de que aconteceu isso, isso, isso, isso, e isso, e eu estou indo lá pra casa

do Parro.”. Fui pra casa do Parro e no dia seguinte, a gente pegava aqueles radinhos de comunicação, que era raro, o Neto, o Espinosa: “Ó, vamos fazer uma reunião no Salão Paroquial!”. Eu tava na casa do Parro e aí ele chegou e disse: “Vamos lá e, como sempre, você dá uma olhada e vê se dá pra ficar ou não. Aí você fica e eu venho te pegar!”. Aí, eu fiquei, fui, e parecia estar tudo tranquilo... Entrei dentro da Igreja e quando eu entrei, vi uns caras com uns fuzis na mão, com as armas na mão... Pensei: “É, parece que não vai ter jeito mesmo!”... Só que aí eles empurravam umas dez pessoas pra uma porta lateral e eles foram pra lá... Eu pensei; “Se eu sair correndo, eles vão atirar, né?”. Aí, do lado tinha um confessionário e eu fui pro confessionário!! Até achei que eles tinham visto e iam falar: “E aí, você é padre?”. Mas não viram!! Eu fiquei ali vendo o movimento só... Passada uma meia hora, sai o Roque na frente, o Groff e mais uns dois, sei lá... Não, o Groff já tava preso... Tudo com a mão aqui na cabeça umas setenta pessoas... Tinha um ônibus na frente e foi todo mundo pra delegacia de Osasco! É muito forte isso! E o fato se deu porque um padre, que tinha um problema cardíaco, quando ele viu as pessoas chegando, chegando, chegando, ele ligou pra polícia e disse: “Os Comunistas estão todos aqui dentro! Os grevistas estão todos aqui na minha Igreja!”.

Em compensação, o padre Rafael, que era dos Passionistas, três dias depois reuniu os que escaparam na Igreja dele. Ele visitou família por família. O Padre Pierre foi preso no dia da greve, ele era francês... Os padres franceses tinham chegado, mais ou menos em 64, 65, em Osasco, formando uma congregação de padres com o nome de MOPP, Movimento Operário Pedro e Paulo, e o objetivo deles era trabalhar durante o dia e durante a noite, celebrar a missa junto com a comunidade. Tinha um grupo de uns três ou quatro deles na Vila Yolanda e, tinha o padre francês de nome Pierre Wauthier, que era ferramenteiro ou retificador, um negócio assim, trabalhava junto com o Joaquim Miranda na Braseixos, e ele era assistente do Grupo de Formação da Ação Católica Operária ACO, ele que dava assistência espiritual pro grupo. Esse padre que ajudou o Joaquim a organizar a paralisação no dia da greve. Ele pegou a bicicleta dele, e no dia seguinte voltou pro serviço. Aí a repressão falou: “Esse também tava na greve!”... Ele foi preso e ficou no Palácio do Bispo, na Cúria Metropolitana de São Paulo, que ficava na Avenida Higienópolis, vários dias preso, ficou preso no Dops e o bispo, naquela época, era o Dom Agnelo Rossi. Durante o período em que ele estava preso, teve uma Conferência Latino Americana do Bispos no Equador e quando o Dom Agnelo Rossi saiu pra ir pra lá a repressão foi lá e pegou o Padre Pierre. Ele foi deportado!

Outro padre que foi interessante, que acabou sendo concunhado do Groff, casou com a irmã da Marlene, foi o João Broto. Era da Imaculada Conceição! E esse padre carregava o pessoal dentro da perua Kombi dele, pra ir panfletar, pra buscar aparelho de som. O padre Tomás, que foi vigário aqui na Matriz também! Esse fato que aconteceu, do Padre chamar a polícia, ele ficou doido, ficou em parafuso.

Havia muita solidariedade, não só por parte dos padres... Eu mesmo, aconteceu um fato, eu tinha mudado pra Vila Mariana, pra casa de uns parentes lá porque aqui não tinha mais condições, e o Plínio já tinha nascido e tava com uns dois, três, quatro meses, e, na época, houve uma crise pra encontrar leite em pó, Leite Ninho, que era a marca do momento, que os médicos até receitavam. Você não encontrava porque os leites eram comprados pelos Joquei Clubs de Cavalos de Corrida. Eu lembro que uma vez chegou um grupo de pessoas ligadas ao Zequinha e falou: “Ó Negão, a gente veio te fazer uma visita”... A gente era meio kamikaze! Então chegaram os três na minha casa, através de um outro companheiro e falaram: “A gente veio trazer leite pro Plínio. Nós ficamos sabendo que você não encontrou leite nesta semana”. Aí eles foram lá, pagaram três caixas de vinte e quatro latas cada uma, setenta e duas latas de leite!...

Puseram lá em casa, tomaram uma cachaça e foram embora. Aí a minha mulher disse: “Mas o que a gente vai fazer com tanta lata de leite?!”. Aí, eu falei: “Ah! Os vizinhos, com certeza, também não têm!”. A gente deu duas latas pra um, duas latas pra outro, duas latas pro outro...

Depois da greve, as pessoas ajudaram muito, mas não foi fácil! Fiquei desempregado... Eu tinha a ideia de que era importante continuar organizando os trabalhadores, mas depois de muito tempo desempregado, alguns meses, eu consegui um emprego, não sei como, na Dimas de Mello Pimenta, lá em Santo Amaro, que fazia marcador de carro, velocímetro, relógio grandes e velocímetros. Fui lá, já tinha ido em centenas de fábricas e lá eu tinha conseguido porque eu tirei uma carteira limpa. Aí, trabalhei três meses nessa empresa... Um dia eu tava saindo dessa empresa, cinco e meia da tarde, uma chuva!... Quando olho, o Zequinha, o José Ibrahim estavam me esperando. Eu falei: “O que que foi? Qual foi a nova agora?”. “Ah! Nós viemos tomar um cachaça com você e bater um papo”... Entramos no bar, conversamos uma hora, mais ou menos, e eu falei assim: “Barreto você saiu agora! Quantas pessoas vão fazer a revolução?”. Eles disseram: “Não podemos falar, mas não são muitos não!”. Então eu disse: “Você acha que dez, quinze, vinte com arma na mão vai conseguir fazer uma revolução?! Então, faz a coisa mais preparada”. Chegamos à conclusão de que era importante a guerrilha, mas era importante o trabalho nas bases. Aí, depois o Roque foi preso, o Ibrahim foi preso...

Em 69, eu tava morando na Vila Mariana. Tava desempregado, né? E tava sem saber o que fazer, né? Porque cada dia que passava, via menor a luz. Fazer o quê?! Mataram fulano de tal, prenderam e mataram; mataram sicrano... Outros companheiros foram caindo, iam sendo presos, fulano de tal foi preso no Ceará, fulano de tal foi preso em Belo Horizonte... Então, a luz foi ficando pequenina a gente vibrava com as notícias que a gente via, que era o confronto já armado, né? O confronto com os milicos. Aí a máxima era o seguinte: quantos menos companheiros caírem melhor! Então, embora tivesse ação popular, melhor seria consciência política operária revolucionária. Mas não podemos nos dar o luxo de cair de bobeira porque você colocou um bilhete no bolso e foi pra uma reunião, né? Porque você foi pra uma reunião que só tinha entrada e não tinha saída! Então, essas coisas eram inadmissíveis! Porque você foi lá marcou às nove e ficou até as nove e meia! Não, chegou nove e cinco cai fora! Então, eu tava tentando sobreviver, um pouco aqui, um pouco ali, e tal. Aí ficamos sabendo que o Capitão Lamarca tinha fugido do Quartel com bazuca e tudo o que veio depois!...

Aí aconteceu um caso muito interessante, que eu quase me ferrei, de “verde e amarelo”, quando dei uma entrevista pra uma revista que se chamava *Realidade*, seria a *Veja* de hoje... Eles fizeram um trabalho que se chamava: “Os Fazedores - Onde está a juventude e o que que eles estão fazendo”. Lembro que eu fui entrevistado, Frei Beto foi entrevistado, outros foram entrevistados, mas muitos já estavam na clandestinidade, mas eu não estava! Muitas pessoas me conheciam, eu joguei bola aqui na Vila Izabel, e lá tinha o Bar da Loira, tava cheio de taça, fotografias dos jogadores e tal, e a repressão foi lá nesse bar me procurar, porque eu saí na revista, né? A reportagem falava o que eu achava das Ligas Camponesas, da Liga dos Trabalhadores, da União Operária Estudantil Camponesa e eu descí o cacete na ditadura militar! Então, eles ficaram loucos me procurando, né? Mas eu não fui preso. Fui preso, assim, tem uma greve hoje, prende todo mundo, colhe depoimentos e depois solta. Não como a ala de esquerda, como o Joaquim Miranda foi. Cercaram minha casa uma vez, né?

A ditadura me fez virar professor, outra forma de lutar. Não foi fácil... Só que para ser professor tem que estudar sempre, mas ele não sabe seus direitos. Peão, quando vem faltando alguma coisa no salário, logo ele percebe. Professor não, não sabe seus

direitos, é engraçado. Então, me engajei logo na Apeoesp, o sindicato dos professores da escola pública de São Paulo e continuei a luta dos trabalhadores.

Bom, mas quando cercaram minha casa, eu tava na casa da vizinha, e minha vizinha conseguiu sair e disse: “Ó, é melhor você não ir pra sua casa não, porque sua mulher conseguiu sair e foi pra tal lugar, ela não vai dormir aqui não, tal e tal”...

Por falar em mulher, vou falar da minha própria mulher, não é? Quando eu morava em Presidente Prudente eu não a conhecia. Aí quando eu vim pra cá, eu comia na pensão, no Cobra; aí o Cobra acabou vendendo o restaurante, passou pra outro dono e quem comprou a pensão foi um pessoal ligado à família da irmã dela, família do cunhado dela. Aí um dia eu tava jantando lá na pensão, tinha saído da Cobrasma, quando veio um pessoal e falou: “João, tem um pessoa aqui que diz que te conhece!”. Aí eu falei: “Ah é! De onde?”. “Do interior!”. E foi aí que começou o namoro com a Abigail... A gente namorou vários anos. Quatro, cinco anos, por aí... Então, chegou uma época que eu vi a importância de ter a mulher do lado, companheira, que eu tentei trazê-la pra cá, antes do casamento. Falei em trazê-la pra cá, pra ela conhecer a vida do futuro marido dela, a fábrica. Eu estudava à noite, participava de reuniões, saía às cinco e meia da tarde e só chegava em casa à meia noite. Aí o velhão lá falou: “Não! As minhas filhas só saem de casa depois que casa, tira o cavalo da chuva!”. Tudo bem, então eu ia a cada três ou quatro meses pra lá, em Presidente Prudente pra namorar. Eu tinha um irmão) que morava lá, então quando eu ia ficava na casa da minha irmã.

Nós casamos em 29 de julho de 1967, eu tinha acabado de assumir o Sindicato. Aí, ela veio pra cá, a gente alugou uma casa na Vila Isabel e eu já convivia com o Cândido e com a Albertina. Tive a preocupação de levá-la na casa do Cândido que era o marido da Albertina: “Olha, essa aqui é a Abigail, e tal, tal, tal, tal”... Antes, tem outro detalhe também, mais ou menos uns sete ou oito companheiros meus foram no meu casamento lá em Presidente Prudente, e quem celebrou meu casamento foi um padre operário que participou do movimento, né? De forma direta ou indireta ele participou, amigo do Padre Pierre Wauthier, que era da Braseixos, e esse companheiro que era um Frei Dominicano, Frei Emanuel. Foi ele que celebrou o meu casamento... E o Zé Ibrahim foi pro meu casamento... Interessante! Ele foi pro meu casamento...

Então, a Abigail, com muitas dificuldades, mais que eu ainda quando cheguei, teve que entender todo aquele processo. Por que vai pra lá, por que vai pra cá, por que a reunião não era lá, porque fazia assim, por que fazia assado? Por que não fez de outro jeito e tal. Mas como tinha a Albertina que era uma puta de uma liderança e é até hoje em São José dos Campos, então a Albertina tinha uma preocupação de reunir as mulheres e conversar sobre os trabalhos dos maridos. E sobre a situação do bairro, por que aquele bairro tem água, porque não tem, naquela época era água de poço, né? Não tinha cano. Não tinha água tratada ainda. A gente tinha que fazer o poço.

Então elas tinham um bom relacionamento com as mulheres do bairro, com a comunidade e também com as mulheres dos militantes também. Ela já fazia um trabalho. E, aí, moravam duas jovens, duas moças solteiras na casa da Albertina, que tinham sido da JOC e que estavam buscando uma colocação e foram esbarrar na casa da Albertina, era a Santina e uma moça, Idia, que vinha do Sul, que tinha sido do movimento também, de Novo Hamburgo. A Idia tinha uma vivência muito grande, então, pra você ter uma idéia, eu, naquela época, enxergava até o Hospital das Damas e ela enxergava até o bairro do Jaguaribe. Olha a distância! Então, ela me ajudou muito!

Na comissão dos representantes a Santina teve uma atuação muito interessante, muito grande, porque o refeitório servia comida para aquele monte de gente. Milhares de pessoas, então, o que você precisava, não sei quantas pessoas, funcionárias tinha no refeitório, mas sei com certeza tinha mais de cinquenta. E a

Santina fazia visita pras pessoas, ela gostava de carnaval, ela gostava de dançar. E eu tenho uma irmã chamada Rita, que participou da JOC também, e trabalhou na Santista. Eu me lembro que ela fez greve na Santista. Hoje ela está casada e é avó! Ela teve uma atuação interessante. A Lurdinha que hoje é psicóloga também foi da JOC, ela foi perseguida pela Ditadura Militar, foi quase presa. Ela fazia Madureza aqui, acho que, no Fernão Dias, teve que sair da escola porque estava sendo perseguida pelos agentes da polícia. E a Sônia, a mulher do Joaquim Miranda, que teve a primeira filha dela chamada Denise, A Denise nasceu no dia da greve. Então, a Denise se chama Denise Liberdade! O Joaquim tava preso e a Sônia tava na maternidade! A Sônia não foi da JOC mas ela acompanhava os passos do Joaquim. Tanto é que quando o Joaquim saiu da cadeia, durante um período muito grande, a mudança do Joaquim era duas mochilas, duas malas, e as coisas e as mamadeiras das crianças. Ele viveu em vários lugares, porque o Joaquim militou muitos anos no POC, o Partido Operário Comunista, um movimento de esquerda daquela época. E quando ele era preso, era um vai pra lá, vai pra cá. Eles moraram em vários lugares, trabalharam em vários lugares, e a Sônia junto.

Eu me lembro de um fato marcante, bastante importante, que foi o seguinte: quando o João Candido e outros companheiros estavam no Dops, Albertina agrupou as mulheres dos militantes e foram no Dops pressionar os delegados pra que os maridos fossem libertados.

Então, as mulheres participaram, tiveram um papel importante, também, na greve de Osasco. A tia, que é a mãe do Neto! Ela foi presa no Vale do Ribeira! Ela costurava roupa pros guerrilheiros! Ela foi presa, pra que os outros pudessem escapar, ficaram ela e um velho que era sapateiro, que fazia as sandálias e os sapatos para os guerrilheiros. Ficaram numa trincheira jogando as granadas e atirando pros milicos pensarem que era um foco muito grande, cercar por ali, e eles, pela retaguarda conseguiram fugir. A mãe do Neto, a Tia, tava lá junto. Ela foi presa ali. Depois foi pra Cuba.

Quando eu conversava com o Pedro Tintino, com o Barreto... Naquela época só chamavam ele de Barreto, só depois que ele foi pra Bahia e foi assassinado que veio o Zequinha, um apelido carinhoso da família. A gente chamava ele de Barretão, porque dava a impressão que ele era pequeno, mas não era não. Eles e o Zé Ibrahim falavam muito da professora Helena Pignatari. Ela foi um marco na vida de muitas pessoas, até do Guaçu Piteri, até pro Rossi também! Esses companheiros nossos comentavam muito sobre ela. Eu mesmo tive a oportunidade de conhecê-la.

JOSÉ GROFF

Então, existem coisas que parece que é uma graça, entendeu? Pra mim, que tenho fé, tem o dedo de Deus metido nisso daí.

Meu nome é José Groff, nasci em Itu, sou de origem camponesa, perdi o meu pai com 18 anos de idade, somos quatro irmãos, eu sou o mais velho. Vim para Osasco em 1954, fui trabalhar numa loja ali na José Paulino, sem muita prática, mas depois eu adquiri prática na loja.

Depois comecei a participar da Frente Nacional dos Trabalhadores, todas as segundas feiras, nós tínhamos uma reunião nos fundos da Cobrasma, na Rua Juritiba, e eu via o pessoal da Cobrasma, esses companheiros, falarem das atividades deles dentro da Cobrasma, conquistando os companheiros pela luta da insalubridade, pela falta de higiene na área de trabalho, enfim, uma série de fatores que eles tinham na Cobrasma que eles, organizados em Comissão, conseguiam coisas eu normalmente não se conseguia.

Então, num determinado momento, eu falei com o João Candido: “Olha João, ou você me coloca no meio dessa turma aí pra eu lutar junto com vocês ou eu paro de vir nas reuniões porque eu não agüento mais. João Candido me respondeu: “Groff, você vende camisa e, aqui não tem camisa pra vender.”, eu falei: “Me coloca em qualquer lugar aí, faxineiro, eu falei: “Eu quero é estar dentro da Cobrasma pra trabalhar pra vocês.” Na época, eu já estava quase com pé na Gerência da loja e, eu abri mão de tudo e, eu entrei na Cobrasma, não como um explorado a mais na Cobrasma, mas com o projeto de trabalho, um projeto de luta.

Daí eu fui trabalhar no Suprimento, no Almoxarifado, daí começou minha luta dentro da Cobrasma. Havia, a Comissão havia sido instalada, já eram 19 seções na Cobrasma, de cada seção havia um Titular e um Suplente, eram 38 pessoas na Comissão e, só que só era possível participar da Comissão, pra ser Candidato, se tivesse um ano de fábrica e, eu não tinha, eu tinha seis meses de fábrica na época das Eleições.

E aí eu fui barrado, os companheiros lá do Almoxarifado, como eu entrei lá já conversando com eles, mostrando pra eles que a gente tinha que se organizar, a gente tinha que organizar no local do trabalho, eles falaram: “Ou o Groff é Candidato ou não tem Candidato aqui nessa seção.” Então, a Direção da Cobrasma teve que abrir mão de... me aceitou como Candidato e, fui eleito com 98% dos votos e, uma vez eleita a Comissão dos 38, tinha que fazer uma reunião com o Sindicato e, dos eleitos se tirava uma Comissão, uma pequena Comissão, era Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretário. Tesoureiro não tinha porque não tinha dinheiro, Graças a Deus! E era essa Comissão é que levava os problemas lá na Direção da Cobrasma, que defendia os seus companheiros lá na seção de trabalho. E na segunda eleição que houve eu fui eleito novamente e outra vez reeleito Vice-Presidente e o Ibrahim era Presidente da Comissão.

Em 67 nós ganhamos a Eleição do Sindicato, na época era Chapa Verde, foi o primeiro Sindicato que conseguiu derrubar os pelegos do Sindicato. Como o Ibrahim foi encabeçador de Chapa, ele foi pro Sindicato e eu assumi a Presidência da Comissão de Fábrica e, nós tínhamos um relacionamento razoável junto com a Direção da Empresa. Dr. Alberto de Castro era um homem bom, ele atendia as Comissões, ele respeitava a Comissão, né? E o Dr. Luis Eulálio Vidigal pai, também, ele era muito acessível à

Comissão, ele aceitava a Comissão, ele achava que as pessoas organizadas na fábrica era bom, que os conflitos eram menos, etc.

O Luis Eulálio Vidigal Filho saiu da faculdade e assumiu a Presidência da Cobrasma. E na primeira reunião que nós tivemos foi muito difícil, não houve diálogo, entendeu? Então, nós paramos de nos reunirmos com a Direção do, nós mantivemos como Comissão, mas, sem mais aquelas reuniões que nós tínhamos porque o diálogo era muito difícil.

E aí foi que começamos a pensar numa Greve. Para melhoria de salário, que naquele tempo havia um arrojo salarial muito forte na verdade, e ao respeito à Comissão de Fábrica. Aí que começamos a trabalhar a Greve. E essa Greve aconteceu porque, não se faz uma Greve assim, num piscar de olho não é verdade? Tem vários fatores que antecedem a Greve, que nos levam a Greve da magnitude que foi a Greve da Cobrasma em plena Ditadura Militar.

Então, nós deflagramos a Greve em 16 de julho de 68, ocupamos a Fábrica, né? Passamos o dia todo com a Fábrica ocupada. E, havia dois Grupos em Osasco: era o Grupo Frente Nacional do Trabalho e o O Grupo Osasco, que era mais radicais, eram bastante Estudantes, que queriam derrubar o Governo, uma série de fatores que nós do Grupo Frente Nacional, nós queríamos reforçar ainda mais a organização dos Trabalhadores no seu local de trabalho, dá uma consciência mais forte para o trabalhador. Quer dizer, você dá um passo à frente, na verdade, para que a gente pudesse depois ter outras reivindicações mais fortes. Nisso a Greve foi deflagrada e, quando foi 10 horas, mais ou menos, veio um recado da Direção da Cobrasma, dizendo que, a Direção queria conversar com a Comissão, podia ser a Comissão eleita, podia ser uma outra Comissão, mas, no fundo eles queriam a Comissão eleita, então, nós nos reunimos em Assembléia, éramos 4.500 funcionários, tudo no pátio.

Nos reunimos, colocamos a questão e, uma das questões que foram levantadas foi que poderia ser um golpe, um truque da Direção tirar a Comissão e ser preso e desarticular todo o trabalho. Aí falamos: “A gente conversar, não fugimos ao diálogo, mas eles que venham aqui conversar com a gente.” Aí diz aquela famosa fala do Pedro Tintino, né? “Tem que vir no pau da canjarana.”. E aí, ficou por aí e, quando foi 4 horas da tarde o Dr. Alberto Ricardo entrou na Fábrica. E chegou lá, conversou com a gente e, ficou acordado que às 8 horas da noite, após o jantar, haveria uma reunião com a Direção da Cobrasma e uma plenária das pessoas que estavam lá. Só que a detenção entrou antes, né? Entrou a Cavalaria na Cobrasma, e todo mundo saiu debaixo de cassetete, com a mão na cabeça.

Aí eu fui preso às 2 horas da madrugada, outras pessoas foram presas e eu também. E essa foi a primeira fase que aconteceu dentro da Cobrasma. Agora, o que nos levou a organizar os trabalhadores foram realmente, quando você se organiza dentro da Fábrica, junto com os trabalhadores e, junto com a Direção da empresa. Por exemplo, se havia um problema dentro de uma seção da Cobrasma, que eram 19 seções. A primeira estância eram dois representantes junto com a Direção daquele Setor. Se não fosse possível, seria uma segunda estância dos dois representantes da Seção mais o Presidente que, no caso era eu, ou o Vice-Presidente, se não, a terceira seria, junto com a Direção da Cobrasma, no caso seria o Chefe da Seção de Pessoal; a quarta seria com a Direção da Empresa e a quinta que seria com o Ministério da Justiça, entendeu? Não tendo a Comissão de Fábrica, o primeiro já seria o Ministério, já ia pro Ministério do Trabalho, onde o juiz ia decidir, mas ele não viu o que aconteceu, não é verdade? Ele ia pelas testemunhas que, às vezes, não eram das mais confiáveis, né? Então, para meu grande espanto, foi isso que aconteceu na Cobrasma, foi uma organização dentro da Empresa, isso foi muito forte.

Agora, no dia que foi deflagrada a greve, foram jogados muitos panfletos por cima do muro, que era esse pessoal mais radicais, entendeu? Que queriam uma rede de Greve em todo o País, essa coisa toda, na verdade, e nós que tivemos, depois, que responder na Justiça, junto né, na Justiça Federal. Mas o que aconteceu na Greve da Cobrasma foi, nós achamos que foi um erro, de não ter, de não ter negociado com a Direção logo às 10 horas da manhã, poderíamos ter avançado bastante, conseguiríamos, se não fosse 35, 25 ou 30%, a Comissão e Fábrica seria reconhecida, não é verdade? Nós avançaríamos muito mais, por exemplo, da Cobrasma, outras fábricas iriam se organizando nos seus locais de trabalho, não é? E uma vez, o trabalhador, organizado nos seus locais de trabalho, eles teriam todas as condições de ter um outro avanço maior, entendeu? Até nas condições, que é essa parte mais que o pessoal queria.

Eu tive uma educação religiosa, primeira, aonde me mostram um Deus carrasco, um Deus que só queria ver você fazer alguma coisa pra descer o chicote, né? Depois que eu comecei a conviver com o pessoal da Ação Católica Operária, a ACO; comecei a conviver com o pessoal da Frente Nacional do Trabalho, e o Dr. Mário de Carvalho de Jesus era um dos Fundadores da FNT, então ele nos dava toda uma dimensão de como seria a luta das pessoas, respeitando o adversário, não é verdade? Ele dizia que a gente tinha que ser firme o tempo todo, e não valente de vez em quando, né? Eu acho que era isso um pouco da luta do Dr. Mário, porque às vezes, a pessoa ser valente num momento que tem muita gente em volta dele, agora, firme o tempo todo é um pouco mais difícil. Nós tínhamos essa filosofia de trabalho. E na segunda parte, seria a parte religiosa, que nós tínhamos muita força fundamentada no Evangelho, não é verdade? Mas era aquele outro Deus companheiro, aquele outro Deus que aceitava nossas fraquezas, e que conhecia também, as nossas pretensões, as nossas virtudes, entendeu? Era um outro, outro Deus, entendeu? Eu falei pra você antes, né? Que quando eu tinha aquela minha religião alienada, entendeu? Que era capaz de matar um Comunista e ter 100 anos de indulgência, não é verdade? Mas não era nada disso, não é verdade? Então, a gente tem que viver com os diferentes, respeitando o outro lado, mas sempre mantendo o nosso ponto de vista e os nossos objetivos.

Então, eu acho um pouco que foi a convivência com essas pessoas que me levou a assumir esse compromisso: de ir pela metade do salário que eu tava recebendo, mas não para ser um explorado dentro da Cobrasma, eu fui com um projeto de vida, percebe? Então, com esse projeto de vida, tudo que veio, pra mim, foi consequência, foi o que aconteceu. E nós tínhamos plena condição daquilo que iria nos acontecer, isso nós tínhamos mesmo, entende? Quando nós fazíamos nossa reunião, nós vamos fazer isso, nós vamos deflagrar uma Greve, e entre as outras coisas existe..., entendeu? Nós tínhamos certeza porque, em pleno 68, os Governantes lá da Ditadura Militar, no Rio de Janeiro, falava que tava tudo em ordem, tudo em paz no País e, a gente ocupando uma Fábrica, é cutucar a onça com vara curta.

Havia um lado, o Grupo de Osasco que era isso. Era questionar o Governo e, nós também discutimos a ditadura militar e discutimos, também, o arrojo salarial que era muito forte. E uma das questões que nos animou, também, a levar à Greve foi o, quando nós fazíamos parte do MIA, Movimento Intersindical Anti-arrocho, Que o arrocho sindical, na época, era terrível! Esse foi um dos fatores. Outro fator que nos animou, também, foi o 1º de maio, na Praça da Sé, que juntamos lá 100 mil pessoas, não é verdade? E o Abreu Sodré foi lá fazer demagogia e, ele saiu de lá meio escorraçado. E houve, também, um precedente que foi a greve da Belgo Mineira, em Minas gerais, então, todos esses fatores nos levou a deflagrar a Greve, mas o primeiro objetivo dela era: Respeito à Comissão de Fábrica e a Organização dos Trabalhadores que estavam

sendo desrespeitados com a vinda do Luis Eulálio Vidigal Filho. E a segunda seria a melhoria de salário, não é verdade? E a terceira seria questionar o arrojo salarial no Governo Militar, e até questionar o próprio Regime Militar. Ele tinha esses três objetivos: Primeiro era Respeito à Comissão de Fábrica; Segundo era melhoria de salário; e terceiro era questionar o Regime e que houvesse um período de Democracia no País.

Ao Grupo de Osasco nós nunca pertencemos. Agora, o que nós tínhamos era um objetivo comum pela frente. Esse objetivo a gente caminhava junto. Agora o jeito de levar esse trabalho, eles tinham um jeito e nós, da FNT tínhamos outro jeito. E era isso, da não violência ativa, na verdade, na linha de Gandhi, né? De ser firme o tempo todo, e não valente de vez em quando, né? Nós tínhamos essa filosofia de trabalho. Os outros já eram mais radicais, eles já queriam partir pra luta armada, pro enfrentamento ...

As fábricas que pararam junto com a Cobrasma foram Barreto Keller, Brown Boveri, Lonaflex e... Charleroy, e não tenho certeza, porque eu fui preso. Daí eu não sei como é que ficou as outras paralisações, né? Mas que parou, assim, ocupando a Fábrica foi a Cobrasma. Depois a Lonaflex parou. Acho que a Barreto Keller deve ter parado também, acho que a Osram. Por aí, e acho que a intenção do Grupo de Osasco era que essa Greve se proliferasse em São Paulo, no Brasil, e criasse um clima de acabar com o Regime Militar mesmo.

As mulheres que trabalhavam na Cobrasma, tinha as que trabalhavam nos escritórios. Não eram muitas mulheres, mas tinha nos escritórios, mas a maior força das mulheres era na cozinha, lá trabalhavam todas as mulheres e, nós tínhamos uma representante das mulheres lá na Cozinha. Nossa cozinheira, ela se chamava Maria Santana. E o importante disso, quando nós deflagramos a Greve, nós falamos que as mulheres poderiam ir pra casa. As do Escritório foram tudo embora. E a Santana chamou as Cozinheiras e falou: “Olha gente, nós somos parte dessa Greve. As reivindicações são nossas também, o que que vocês acham?” Aí elas decidiram ficar na Cobrasma, entendeu? Fizeram o almoço pra nós, janta pra nós, e ficariam o tempo necessário que fosse, foi uma atitude delas, assim, importantíssima! Agora, mulher mãe, na Cobrasma, quase não existia, era as Cozinheiras que estavam lá, na verdade, e trabalhavam como a gente trabalhava na Produção, trabalhavam lá, faziam o almoço pra gente, mas esse comportamento delas, entendeu? Liderado pela Santana, de se manterem lá, que elas tinham todo o direito de sair, só de saírem as mulheres e mais ninguém, de elas ficarem lá pra fazer a alimentação pra nós, entendeu? Como companheiras, entendeu? Como elas diziam que eram os mesmos objetivos nossos era os objetivos delas também e elas permaneceram lá. Eu acho que é muito importante esse episódio das mulheres. Agora as mulheres dos Escritórios foram embora pra casa.

É, poderia até ter vontade da sociedade de se mobilizar, mas a situação era muito difícil! Tanto é verdade que, logo depois da Greve, a Fábrica começou a funcionar, mas com a Polícia dentro da Fábrica! As pessoas estavam trabalhando no turno, tinha um Policial do lado! Foi por vários tempos até as coisas se arrumarem, entendeu? Agora você imagina, né, o pessoal dos Bairros, né? As mães, entendeu, os irmãos, eles sabiam que a coisa era perigoso, né? Até de você se reunir em solidariedade às pessoas que estavam presos, até os próprios Advogados que iam defender os Trabalhadores, eles eram perseguidos. Então, foi mito difícil a mobilização. É evidente que a vontade seriade fazer manifestações, de fazer caminhadas, de fazer passeata em favor dos companheiros que ficaram presos.

A minha prisão mesmo foi o seguinte: a greve foi deflagrada às 8 horas da manhã, passamos o dia todo na Cobrasma, né? Respeitamos o patrimônio da Cobrasma, essa é uma verdade, né? E, as pessoas, quando deflagrou a Greve, as pessoas que

estavam trabalhando com maçarico. Eles iam lá, desligavam o maçarico, tudo direitinho, pra evitar qualquer coisa. A única seção que a gente permitiu que funcionasse até as 2 horas da tarde foi a Fundação porque a caldeira já estava cheia e, se parasse lá e, incrustasse aquele aço na caldeira ia ter tudo perdido, então, eles trabalharam, eles terminaram aquela fornada... E aí, eles pararam também. Então, a gente respeitou o patrimônio, não quebramos uma agulha da Cobrasma; respeitamos os Mestres que estavam lá, os engenheiros todos, ninguém dirigiu nada, não desligamos os telefones deles, portanto, não havia refém!

Diziam que a gente tava fazendo os Engenheiros e os Chefes lá, de refém, mas eles tinham comunicação com a família na hora que quisesse, né? Respeitamos tudo isso, né? E, depois eu, às 8 horas da noite, entrou a Repressão... Aí entrou a Cavalaria na Cobrasma, foi um Deus nos acuda, na verdade, aí virou praça de guerra, e eu me mantive, eu falei: “Seria o fim da picada eu deflagrar a Greve, ser Presidente da Comissão, sair correndo e deixar todo mundo aí”. Aí que me encontraram lá, às 2 horas da madrugada, eu fui preso no DOPS e, não tinha mais carro pra levar e a Polícia falou: “Sobe nesse carro aí.”, não falou pode subir,. Subiu e toca pro DOPS, era a viatura da Folha de São Paulo. E vai falar não! Foi aí que fui preso, fiquei oito dias no DOPS, né? Depois eu fui pra Justiça Federal. Fiquei 20 dias na Justiça Federal. Depois me mandaram pra casa.

E depois, em 72, eu fui preso outra vez, entende? Tive preso, vieram me buscar em casa, ainda eu tava de férias, né? Trabalhando, tava no Grupo Votorantim, me levaram, eu, o Albertino, foi um monte de gente aí. E eu fiquei no 1º... da Polícia, na Polícia aí da Tiradentes, 1º Batalhão da Polícia Militar. Tava eu e mais três. E estávamos lá, conversando, nós tínhamos um, claro né, outras prisões, e no décimo dia, e quando chegava o Oficial de dia pra render o serviço, ele perguntava pra nós, se nós tínhamos bem tratado pelo outro que tava rendendo o serviço. Você falava que tava tudo bem. E ele rendia o serviço. Tudo muito bem tratado, nós estávamos no alojamento dos Oficiais, entende? Aí no décimo dia nos pensamos o seguinte: Falou, “Mas escuta aqui, nós estamos aqui comendo, bebendo, nós não estamos sendo torturados, nós não estamos sendo interrogados, que nós estamos fazendo aqui? Vamos tomar uma atitude? Vamos. Aí, quando chegou a mudança de turno, não foi na hora do almoço, foi na mudança do coisa, falou: “Tá tudo bem aí?” Nós falamos: “Não tá nada bem aqui não.” “Por que não?” E lá encima tinha uma janelinha, meio quebrada lá, e vão falar, “não vão pensar que a gente tá quebrando aquilo lá pra fugir, não.” Entendeu? “Só que nós estamos aqui e, nós queremos conversar com o Comandante da Corporação.” “Ah! Pois não!” O Oficial de dia, mais do que depressa, né? Aí, veio, entraram um em cada lado, com uma meganha em cada mão. E falou: “Qual é o problema?”, aí, nós falamos isso, né? “Nós estamos aqui há dez dias, vocês estão tratando bem a gente, a gente não tá sendo interrogado, afinal, porque que a gente tá aqui? Estamos aqui de graça!?”

A resposta dele foi taxativa: “Na Disciplina Militar, ordens se cumpre, não se discute. “E a ordem que eu recebi é recolher vocês aqui e, tratar bem vocês, agora, porque vocês estão aqui e, quanto tempo vocês vão ficar aqui, fuge da minha alçada.” Pegou e foi embora. Aí, dois dias depois chegou o Oficial de dia e falou: “Precisamos de dois aqui.” Foi lá os quatro lá na porta. Aí, ele disse: “Não, chamei só dois, eu chamei, né?” Aí, era um corredor, assim, pois os dois no camburão e saiu. E nós dois que ficamos lá, ficamos pensando: “Que será isso daí? Ou é paredão, ou e não sei o quê, não é?” Aí, depois voltou outra vez e, levou nós dois. Levaram a gente no Hospital da Polícia pra ver, fazer exame de corpo de delito, aí mandou pegar nossas coisas, viemos embora pra casa, até não sabemos porque é que nos fomos nem porque é que nós saímos. Isso é a prisão de 72.

Em 68, quando estive no Dops, eu fui preso porque eu era da Comissão de Fábrica. Presidente da Comissão de Fábrica, teve uma cena, eu não sei se o Joaquim estava junto, teve uma cena que, teve umas 14 pessoas, tudo entre Cobrasma e Braseixos. E eu fui colocado em um quartinho. Metade desse daqui assim, né? Com um colchão tudo lá podre, cheio de bicho eu você possa imaginar, com um vaso sanitário lá, que acho nunca tinha visto água na vida... eu tava sendo como de alta periculosidade. Tinha só um quadradinho, assim, pra colocar a comida, e uma janelinha lá no alto, entende? Foi lá que eu fiquei. E foi aí, que eu conversei com deus, lá, e Deus me atendeu, né?... Depois eu fui interrogado no Dops e, de lá eu fui pra Justiça Federal, lá na Liberdade, não é? E é lá que “a criança chora e a mãe não vê”, entende?... Aí, fiquei 20 dias na Justiça Federal, depois me mandaram pra casa

E, foi interessante! Antes de eu sair, deles me entregarem pro meu Advogado, então, um Agente da Polícia Federal me pôs numa sala e falou aquele monte de coisa que eu ouvi, né? “Oh rapaz, eu vou ter mais uns 10 anos de Polícia ainda, aí de você se você voltar aqui outra vez.” Fui na minha, né? Ai, vim embora pra casa, tudo, né? Fui tomar banho, porque ficar 20 dias sem tomar banho, você imagina o que que... Aí, no dia seguinte, ia ter uma reunião lá no 18, em solidariedade aos presos e à família dos presos, pra distribuir alimentos e etc., e lá vai o Groff lá, naquela reunião! Albertina, a esposa do Candido: “Groff do Céu! Você já pensou o risco que você tá correndo aqui?” “Mas e aí, ué? Eu tenho que continuar minha vida! Não vai interromper minha vida só porque eu fiquei preso lá e torturado!” E foi assim! Aí, continuei até hoje, não é verdade?

Aí nós tínhamos a famosa “lista negra”, né? Você chegava numa fábrica. Às vezes nem a ficha faziam: “Por ordens superiores nós não vamos fazer a sua ficha.” Outro, você fazia a ficha, passava, quando era você... Aí, fui trabalhar na Metalúrgica Atlas, que é do Antonio Ermírio de Moraes, do Grupo Votorantim. Ele não tinha muito essa questão de... Aí eles me recolheram lá... Comecei a trabalhar lá, de novo, depois saí de lá, porque a gente deflagrou a Greve, aquelas greves que aconteciam em 78, né? Assim, fiz uma greve lá na Atlas também, de lá eu fui mandado embora, claro! E fui trabalhar na Voith e, na Voith eu me aposentei.

No dia 16 de julho, nós fomos trabalhar. A gente entrava às 7 horas na Cobrasma, não é verdade? E, às 2 horas da madrugada do dia 17 eu fui preso. O clima de Osasco... eu voltei 20 dias depois. Foi o que nos contavam, foi o que eles nos falaram, que o medo rondava, não é verdade? A vontade de ser solidário existia. Eles faziam de uma forma bastante cautelosa. Faziam. Mas eles não podiam fazer uma caminhada, uma concentração no Largo de Osasco, até porque era perigoso, porque aquele tempo, você sabe, o regime Militar era forte, né? E, às vezes, até os próprios advogados que iam defender os trabalhadores, às vezes, eram questionados.

A gente sabe! Inclusive o Ibrahim deixou de fazer a faculdade pra ir trabalhar na Cobrasma, né? E junto com ele vinha todos aqueles jovens que entraram, obviamente, com um objetivo. Só que nós não tínhamos nenhuma reunião com eles, a não ser pela nossa da Comissão de Fábrica da Cobrasma, e depois, da deflagração da Greve, mas as reuniões com eles mesmo, assim de lazer ou coisa parecida, de descontração, nós nunca tivemos, nunca! Eles se fechavam também, não diziam, não é verdade? E a gente também tinha nossos objetivos e, a nossa maneira de fazer, aquilo que já coloquei, né? Nós tínhamos, um pouco, a linha da ACO, Ação Católica Operária, a linha da Frente Nacional dos Trabalhadores, de Mário de Jesus que, era um pouco a linha de Gandhi, que era ser firme o tempo todo e não valente de vez em quando...

Deixa eu contar uma história pra vocês: Um dia nós estávamos na Praça da Sé, e já na época Figueiredo, a abertura já estava começando a acontecer, a gente já podia se reunir, aquela coisa toda, né? Então, tava lá o pessoal, na Praça da Sé, era uma noite que tava chovendo e o pessoal lá: “Abaixo o Figueiredo. O povo não tem medo.” E lá passava o metrô, o trem, o ônibus elétrico, e quando passa na chave, assim, que chove, faz aquele estralo, não é verdade, o que saiu de gente correndo! (risos). A pessoa que tava no microfone falou: “Gente, foi só um curto aí do ônibus, era o nosso querido Novaes, aquele jeitão calmo dele: “Pessoal, foi só um curto-circuito aí, vamos voltar! É, tem essas coisas, né?”

Olha, coragem a gente tinha, consciência também, das conseqüências, a gente tinha, mas você sabe que o ser humano... E eu confesso a vocês que, do dia 15 para o dia 16 de julho, eu não dormi. Um frio na barriga, tava lá tranquilo, mas eu já sabia gente! Você tá dentro de uma Ditadura Militar, num Regime de exceção, parar uma fábrica! As conseqüências viriam! Nós tínhamos consciência disso! Plena consciência disso, mas naquelas alturas não tinha mais como parar! Na véspera da deflagração da Greve, o Dr. Albertino nos chamou no Escritório dele, fui eu, Cândido, não sei se o João Joaquim foi também, tinha uma meia dúzia, e ele falou: “Vocês sabem o que vocês vão fazer amanhã?” “Sabemos.” “Vocês sabem o que vai acontecer?” “Sabemos, mas agora é irreversível, agora não dá mais, entende, não tem mais jeito, agora...!” Foi por aí, certo? Mas dizer pra você: “Não, a natureza humana não é tão... não é? Mas, nós tínhamos consciência. Mas foi necessário, porque todo um amadurecimento, que eu coloquei pra vocês, que essa Assembléia, a gente fazia contra o arrocho salarial, a concentração no dia 1º de maio, na Praça da Sé, de uma Greve que já tinha acontecido na Belgo- Mineira. Enfim, de uma Comissão de Fábrica que o povo, os operários acreditavam na gente, né? Tanto é verdade, que nas eleições que nós tivemos na Chapa Verde, tivemos 98% dos votos, na Cobrasma! Nunca aconteceu isso numa Fábrica! Numa única chapa, 98%! Foi lá que nós ganhamos as eleições. Tudo isso nós tínhamos, entendeu? Nós precisávamos dar uma resposta a esse Povo, percebe? Eu não tô aqui perdido! Se tivesse que fazer tudo de novo, nas circunstâncias que foi feito, eu faria de novo! Com certeza!

Bom, eu não fui adepto da guerrilha, né? Acho que, concordo... Acho que o Che Guevara foi m mártir, na verdade. Do jeito dele, né? Ele queria fazer da Bolívia uma nova Cuba, entendeu? Uma pessoa que era médico, argentino, não é verdade? Foi lá na Bolívia, lá, morreu lá, crivado de bala. É uma maneira, é o jeito dele, José Campos Barreto, por exemplo, não é verdade? Eu respeitava profundamente, eu não era, não era o meu ideal, mas a gente respeitava. Ele era a única pessoa que tava armando na Cobrasma. Eu falei: “Mas Zé, porque que você tá...?” “Isso é pra minha defesa.” E eu ia falar, fazer o quê, né? Mas eu respeito. Mas eu não sou adepto da guerrilha, não! Eu acho que, sei lá! Cada um tem o seu jeito de ser, não é verdade? Eu ainda sou pela organização dos trabalhadores, principalmente, nos seus locais de trabalho, não é verdade? E, mantendo a sua condição de trabalhador, e os outros mantendo a sua condição de empregador. Eu acho que uma frase que se dizia muito, para os patrões, falou: “Você coloca todo o seu dinheiro e coloca em cima de um torno pra ver se ele vira. Então nós somos parceiros, então nós temos direitos iguais!” É um pouco aquele discurso que a gente tinha do anti-capitalismo, não é verdade? É por aí!

Acho que o capitalismo, pra mim, não é coisa que resolve, não é verdade? A concentração de renda sempre acontece. Acho que o socialismo é o regime que... Socialismo, não o termo real, entendeu? Aquele também de concentração, né? Mas um Socialismo de igualdade! Não é verdade? Eu acho que o homem, no mundo, ele tem que ser igual! Nós como trabalhadores, os outros como empresários, não é verdade? Agora

essa desigualdade social bruta que existe aí, gente! Não dá pra você concordar com isso! Não é verdade? Nosso país tem 50 milhões de brasileiros sofrendo fome. E gente, aí, tendo dinheiro, sei lá de que jeito...

Eu, Oliva e o Mário fomos os fundadores da FNT a nível de Brasil. O Mário de Jesus, ele se formou advogado, fez um estágio na França, né? Ele conviveu com o Padre Lebrete, era um padre sociólogo, entendeu? E que ele colocava essas questões aí que: era preciso e ter uma organização que fosse, realmente, representativa dos trabalhadores. Ele vindo para o Brasil, ele começou a trabalhar, primeiro ele advogou para os metalúrgicos de São Paulo, depois ele não concordou, é claro, com as coisas lá, ele foi advogar para o Cimento de Perus. E lá que ele começou a desenvolver o trabalho dele, eles deflagraram uma greve e, ele não fazia uma greve e ficava sentado no escritório, ele ia fazer piquete junto com os trabalhadores, sentou até encima dos trilhos lá, pra não entrar o material do cimento lá na fábrica. Então, os operários de outros Sindicatos, iam lá pedir para que o Mário atendesse os direitos deles, e o Mário falou: “Pela Lei Sindical Brasileira eu não posso atender vocês! Só o sindicato de vocês pode atender vocês, eu posso atender os sindicatos filiados a Perus.” E como a demanda era muito grande, ele achou por bem criar uma entidade que todos os trabalhadores poderiam pertencer a essa entidade, independentemente do Sindicato e da categoria que ele pertencesse.

Foi daí que ele começou a criar a Frente Nacional do Trabalho e, depois mais tarde, Frente Nacional dos Trabalhadores, que era uma entidade que abrangia todos os trabalhadores, independentemente da categoria. E ele tinha como objetivo atender sim, o trabalhador, mas preparar o trabalhador para que, ele fosse lá no seu sindicato e desse outra cara para o seu sindicato. Por que ele chegava lá e falava: “Mas o sindicato não presta.” E ele dizia: “Mas e você presta?” Falou: “Se você presta vai lá e endireita o seu sindicato. Isso que você tem que fazer. O sindicato da tua categoria se chama aquele lá. E foi aí que a gente começou a desenvolver o trabalho, depois a gente trabalhou muito em defesa dos trabalhadores rurais. Eu, por exemplo, foi 20 anos, entendeu, defendendo os trabalhadores rurais no Brasil inteiro. Aqui no Interior de São Paulo, na Bahia, em Pernambuco, enfim... A gente trabalhou 20 anos, também, junto com os trabalhadores rurais.

A grande liderança da FNT em Osasco era o João Candido. O que chamou o Dr. Mário Carvalho de Jesus aqui, pra fazer palestra, pra aí, depois implantarmos a Frente Nacional dos Trabalhadores chama-se João Candido de Almeida. Claro, junto com a gente, junto com João Joaquim, junto com o Joaquim Miranda, enfim, outras pessoas, depois, foram aderindo, mas quem trouxe, praticamente, a Frente Nacional dos Trabalhadores para Osasco, se chama João Batista Candido, entende? Que é uma pessoa de uma liderança extraordinária, não é verdade? Ele... e até cito aqui no livro, ele diz o seguinte: Groff, ele falou: “Quando apita aqui fim do turno, quantos trabalhadores estão saindo da Cobrasma, olha que multidão de gente!” Ele falou. “Eles vão pra casa, toma banho, ou vão no boteco tomar cachaça, ou fica vendo novela”, ele falou, “não têm nada na cabeça desse povo aí!

Como é que a gente pode dar uma consciência crítica pra esse povo?” Não é verdade? “Pra que eles entendam que eles têm os seus direitos? E só saber exigir os direitos que eles têm!” E, foi por aí que a gente começou a desenvolver nosso trabalho, não é verdade? O Albertino era Chefe da Seção do Pessoal da Cobrasma. Era o que procurava os focos de agitação dentro pra, depois mandar o pessoal embora, depois houve lá, uma metamorfose também. Ele virou pro lado dos trabalhadores. O pessoal da Cobrasma não entenderam, falou: “Você tá ficando louco, o que você tá fazendo?” Ele falou: Eu não. Não to...” Aí, tiraram ele de dentro da Cobrasma, mandaram ele pra São

Paulo, depois ele foi demitido e, ele voltou a trabalhar com a gente e, tá com a gente até hoje. Essa foi uma conquista,. Eu acho que o Albertino, a conversão dele foi importante pra nós. Que tá firme até hoje!

Então, existem coisas que parece que é uma graça, entendeu? Pra mim, que tenho fé, tem o dedo de Deus metido nisso daí. Tem! Porque eu sou uma pessoa de fé, eu acredito, nisso. E, enquanto tava lá, naquele cubículo, fedido, desculpe a expressão, entendeu? Eu senti que Deus estava junto comigo aí! Aquilo me deu uma força, uma coragem, me deu um entusiasmo, todo aquele medo, todo aquele pavor desapareceu... Podia ser interrogado, do jeito que estou conversando com você eu conversava com o... qual era a pessoa que tava me impedindo lá? “É rapaz, toda a pessoa que senta nessa cadeira treme e, você não tá tremendo não?” Falei: “Se é pra tremer eu tremo. Mas é, aquilo me deu uma força pra mim tem alguma força sobrenatural que tava com a gente! Não sei como é a sua fé mas a minha é essa, entendeu? E essa é a que me acompanha até hoje. Depois teve outros trabalhos aqui em Osasco, enfrentando as coisas da vida, mas tudo com aquela tranquilidade...

Eu tenho uma fala otimista, e tanto é verdade que eu não parei, não me acomodei. Eu to aí até hoje, e enquanto Deus me der vida, saúde, eu já to lá perto, logo São Pedro me chama, mas enquanto eu tiver aqui, eu to aí à serviço da Justiça, a serviço do bem-estar, a serviço da igualdade social, entendeu? Essas coisas todas, né? Por isso que, desde 68 eu não parei! Nunca parei. Tanto é, meu ânimo, minha certeza de tudo que a gente fez tá certo.

Talvez, a metodologia não tenha sido tão coerente quanto devia ser, mas o objetivo taí pela frente. Então, eu acho que é um pouco isso que me pôs até hoje aqui quem me colocou nesse caminho se chama João Batista Candido. Então, gente, ele percebeu. O Candido, ele tinha um olho assim, entendeu? Ele percebia na pessoa: “Esse é a pessoa que eu preciso investir!” Lá, no Bairro dele, uma pessoa simples, entendeu? Também, piaozão, entendeu? Ele falou: “Esse é o homem!” Que criatura, gente! Entendeu? Ele percebia aonde tava a liderança. O homem está hoje lá no interior fazendo o mesmo trabalho, não parou também, e nunca, nem Albertino, né? João Joaquim tá aí sempre na luta!

Primeira coisa, tem que ter plena consciência do objetivo que você quer atingir. Que na tua consciência diz que esse é o caminho. Esse dá força e dá coragem. E a segunda é você ter aquela presença de espírito, não é verdade? Não adianta dizer que você tem coragem absoluta! Entendeu? Não adianta! Então, eu acho que medo existe, mas, objetivo quando ele é maior do que o medo, você supera! Certo? Agora, se for uma coisinha chocha aí, o medo toma conta e... né? Eu acho que, você tem que ter, tem que riscar do seu dicionário o medo, embora você vai sentir um pouco. Estou dizendo: de 15 pra 16 de julho eu não dormi à noite, minha, eu era solteiro, minha mãe disse: “O que que você tem?”. Eu disse: “Eu não tenho nada, mãe. Pode deixar.” ... Aquela dorzinha de barriga... Chegamos lá, e enfim, mas o objetivo da gente era tão forte, que você supera. Agora isso até deflagrar a greve, né? Uma vez deflagrada, daí... a coisa mudou tudo. Mas até deflagrar...

Minha família tinha consciência de meu trabalho e tinha medo. Tinha medaço! Entendeu? Meu irmão, coitado, morava no Piratining. Quando passava uma viatura lá com a sirene aberta, ele se escondia debaixo da mesa, entendeu? Coitado! Ele não tinha a vivência que eu tive. Ele não teve a oportunidade que eu tive, de conviver com essas pessoas, não é verdade? Eu tive a oportunidade de conviver com esse pessoal da Cobrasma, de conviver com os “Cândidos” da vida! Enfim, todo esse grupo de pessoas com quem a gente conviveu é que faz a gente mudar de vida. Paulo, pra se converter, teve que cair do cavalo. E a gente, às vezes, cai do cavalo várias vezes, e depois acha o

caminho certo. Mas acho que é muito, e não sou eu a única pessoa não, muitas pessoas, não é verdade? Eu imagino só, essa criatura, Dorothy Stang, podia estar com as mordomias todas, lá nos Estados Unidos, vem pra defender os coitados lá, que não tem defesa. E ela, também, tinha plena consciência do que ia acontecer com ela, mas não arredou o pé. Então, a gente que, é cristão, acha que não há ressurreição sem cruz! Entende? E o derramamento de sangue da Dorothy Stang revolucionou o mundo inteiro!... Eles estão lá, agora, tentando... e temos outros mártires aí!

Então, primeiramente quero falar que, a greve de Osasco não é questão de coragem, é questão de organização. É bem diferente, né? Que a organização bem feita supera a coragem. E a nossa organização, no local de trabalho, era um referencial! Se nós não tivéssemos 4.500 trabalhadores acreditando na gente, é evidente que nós não teríamos coragem e, nem como pensar em desencadear um trabalho dessa natureza. Agora, que Osasco é referência até hoje! Então, não morreu!

Hoje as centrais sindicais estão aí, se faz greve por televisão, e... enfim, não sei, eu acho que o Sistema Sindical Brasileiro ainda tem que aprender muito! Estão querendo, agora, modificar a Lei Sindical no Brasil, aquela coisa toda, né? Tá tendo resistência, não é verdade? Sindicato de aluguel, gente! Esses sindicatos com 500-600 na categoria só pra receber Imposto Sindical e visitar uma meia dúzia de pelego lá, te sustentando! Não é por aí, entendeu? Sindicato é você tá lá na base, tá visitando o povo da base, respeitando, entendeu? A ansiedade daquela base! Não é você jogar de cima pra baixo, mas você junto com os trabalhadores crescer, isso seria sindicato! Mas infelizmente as coisas vão se evoluindo, hoje tudo é personalizado, é globalizado, tudo por e-mail, por não sei o quê. Porque eu venho da outra maneira de ser sindicalizado, e eu não era junto com o sindicato, nunca fui! Eu era da Comissão de Fábrica. Para estar junto com a direção do sindicato, mas estava lá dentro da fábrica, entendeu? No dia a dia, vivendo as mesmas injustiças que eles viviam as mesmas dificuldades que eles viviam.

Eu tinha um parente dentro da Cobrasma, ele era meio alienado, já morreu também, né? E ele, um dia, acho que pensou alto junto comigo, isso que me orgulha um pouco, eu também tenho o direito de ter orgulho, não tenho? Diz que, o Juracir disse assim: “Zé! O Dr. Roberto Pinto (o Dr. Roberto Pinto é do Departamento Pessoal) falou: “Juraci, o teu primo nunca veio aqui pra pedir alguma coisa pra ele, sempre pros outros e do lado dos outros.” Falei: “Porque, você acha que tá errado?” Ele falou: “Não, eu acho que precisava ter uns 20 Groffs lá na Cobrasma pra...” Isso me deu orgulho porque quando você recebe um elogio assim, vindo de onde veio! É claro que quando você recebe uma crítica, daí você começa a balançar um pouco, mas quando vem um elogio, você também tem o direito de falar, né? “Puxa vida! O Homem lá percebeu alguma coisa!... E... vamos em frente.

Estamos no momento da tecnologia, tudo tão rápido. Como é que fica a questão da memória? O que é importante relembrar do que aconteceu? Qual é a importância disso pro coletivo ou pessoalmente?... Isso que você está fazendo! Isso, pra mim, é fundamental! É levantar a memória, não é verdade? Porque é uma referência Osasco, mas é que o povo esquece um pouco!

JOSÉ IBRAHIM

Eu vou carregar o que eu me tornei pra sempre.

Meu nome é José Ibrahim. Nasci e me criei em Osasco, em Presidente Altino. Minha família toda, somos em onze irmãos, todos nascemos lá. Uma família de operários. Sou o caçula. Somos em sete mulheres e quatro homens. Meu pai é imigrante libanês. Operário também. Trabalhou na Hervy, trabalhou no Frigorífico Wilson, em Osasco...

Comecei a trabalhar muito cedo. Lá em casa todo mundo tinha que trabalhar! Então, comecei a trabalhar muito cedo, criança mesmo! Fui achate, trabalhei em feira... Antes de completar a idade pra trabalhar em fábrica, quando completei 14 anos, fui ser aprendiz na Cobrasma. Entrei na Cobrasma como aprendiz, e fiz SENAI lá no Rochdale, como Ajustador Mecânico e, ao mesmo tempo, estudava. Então, fiz a Admissão e o Ginásio no GEPA, em Presidente Altino, e depois completei o Colegial Científico no Ceneart.

Nesse período, estudava e trabalhava. Trabalhava durante o dia e estudava à noite, e foi aí que comecei minha militância... Comecei minha militância muito cedo. Praticamente quando eu estava no GEPA, o Grupo Escolar de Presidente Altino. Na época do GEPA comecei a militar tanto no Movimento Estudantil Secundarista, como já tinha uma aproximação no Sindicato. Quando veio o Golpe de 64, já era uma pessoa politizada; já era a área de influência do PCB, o Partido Comunista Brasileiro. Tinha minhas ligações, também, com o movimento de Igreja, muito mais por causa da fábrica do que o movimento secundarista, mas pouco a pouco fui me ligando mais ao movimento de fábrica. O Golpe de 64 foi um marco muito forte, porque o nosso sindicato sofreu intervenção dos militares, várias lideranças foram presas e muitos tiveram que sair de Osasco, perderam os seus empregos. E nós, que éramos uma militância mais de base, tivemos que assumir responsabilidades de reorganizar o Movimento e tentar retomar o Sindicato.

O golpe de 64 foi um marco, porque pra mim foi um desafio pra gente. Para os mais antigos que sobraram, que não foram decapitados, naquela época, e o pessoal mais jovem que vinha de baixo. Digo que comecei minha militância dentro da Cobrasma em 63, fazendo trabalho sindical. Um ano depois, veio o golpe e aí a gente ficou lá. E continuamos! Então, a partir de 65, a gente começa a trabalhar na idéia de Comissão de Fábrica, que no começo era clandestina, desde a morte do operário na fornalha, mas não era reconhecida e nós tínhamos que trabalhar nela clandestinamente. Logo mais pra frente, nós conseguimos a legalização da Comissão de Fábrica, por lutas que nós fizemos dentro da Cobrasma, e ao mesmo tempo, a gente já estava retomando a atividade no sindicato, marcando presença dentro das Metalúrgicas de Osasco, participando das assembléias, levando propostas diferenciadas. E pressionando os nossos dirigentes daquela época, que eram pessoas de Osasco, trabalhadoras de Osasco, mas nomeados pelos interventores que tomaram conta do sindicato em 64.

Então, nós tivemos uma primeira eleição, no sindicato, em 1965, um ano depois do golpe, mas foi uma chapa montada pela Interventoria, né? Em 1967 teria uma outra eleição... Nós conseguimos legalizar a Comissão de Fábrica em 1966, organizamos em 1965, legalizamos, através de luta dentro da fábrica. Eu, em 1966, virei o presidente da Comissão de Fábrica da Cobrasma. Nessa época, tinha de 17 pra 18 anos, um jovem, mas eu já disputava como liderança dentro da empresa. O mandato sindical era de dois

anos pela legislação. Então, daí pra gente organizar uma chapa de oposição, e concorrer à eleição do sindicato foi um passo! Foi um período de bastante luta dentro de Osasco, de bastante mobilização, tanto do movimento secundarista como dos trabalhadores, principalmente, os metalúrgicos. A Cobrasma era a fábrica mais organizada, porque tinha a Comissão. A Comissão de Fábrica foi um avanço e, diga-se de passagem, a primeira comissão de fábrica existente no País foi a Comissão de Fábrica da Cobrasma!

Para formá-la, tinha duas posturas: uma era a nossa, que nós chamamos o Grupo de Esquerda lá de Osasco. A inspiração nossa era a organização pela base, né? Que se inspirava nas experiências da Espanha, das Comissões Obreiras da Espanha, que vinha lá de trás, dos Sovietes, da época da Revolução Russa. Havia uma mistura aí, mas a gente colocava que só a organização no local de trabalho era capaz de mobilizar os trabalhadores na luta contra a Ditadura. E havia o pessoal da Frente Nacional do Trabalho, pessoal que vinha de uma experiência da Democracia Cristã, que via a representação no local de trabalho como uma forma de disputar o espaço com o sindicato, influenciados pelo Partido Comunista Brasileiro. Então, propunha negociação direta, entre trabalhadores e patrão, no local de trabalho, organizados em comissões de negociação... Eles chamavam de comissão de negociação. E o sindicato não precisava intervir dentro da fábrica, porque havia uma comissão local que se entendia com os patrões.

Nós achávamos que tinha que ter a organização no local de trabalho, mas nós tínhamos uma outra inspiração ideológica. Uma questão de diferença ideológica. Mas no combate à interventoria, na questão da retomada do sindicato, de colocar o sindicato a serviço dos trabalhadores, sem a intervenção do Estado, aí nós coincidimos! Tínhamos o mesmo ponto comum. Isso que levou a gente a se juntar! Tanto que o que nós chamamos de Grupo de Esquerda de Osasco, que eu era a liderança, no nível dos metalúrgicos, e o pessoal da Frente Nacional do Trabalho, aí representada pelo Albertino, uma série de companheiros lá, nós conseguimos, depois de muita negociação, de muita discussão, fazer uma composição de forças, né? Que tinha como base a Comissão de Fábrica da Cobrasma, mas que pegava outras empresas também, pegava a Brown Boveri, Lonaflex, Cima, a Ford, outras empresas, mas a base da nossa chapa era a Comissão de Fábrica da Cobrasma. E fui indicado como o encabeçador dessa chapa. Eu, como presidente de fábrica da Cobrasma... Aí foi uma batalha!!

Essa eleição era a primeira oposição sindical que surgia no país de forma organizada e com condições... com condições de ganhar a eleição! E, por outro lado também, o fato da oposição sindical metalúrgica de Osasco ter se fortalecido tanto, dentro dessa perspectiva de Comissão de Fábrica, de organização pela base, isso inspirou outros setores também a se organizar da mesma forma. Então, esse negócio de Osasco, eu estou falando do ano de 1965-66, foi muito importante, marcou a resistência dos trabalhadores contra a Ditadura Militar! Pela liberdade sindical, pela legislação do acordo salarial, contra a Lei Anti-Greve, né? Pelas liberdades sindicais!!

É interessante a gente ver que tem intervenção em todo lugar e nós estávamos nos organizando... Olha, nós soubemos pela experiência, até anterior das lutas em Osasco, das perseguições que houve lá, das prisões, da intervenção do sindicato, soubemos combinar. Até porque junto conosco, participava gente antiga, gente que vinha lá de trás também, e que continuaram lá, não foram pegos. Nós soubemos como combinar a luta clandestina com a luta legal. Luta legal... Na luta legal, comecei a luta clandestina!

Depois, comecei a ficar mais à frente das coisas... Era uma pessoa que aparecia, que ia pras negociações, ia pras discussões, que era sempre uma das pessoas destacadas para falar nas assembléias do Sindicato. Coisa que, por exemplo, o Neto era mais uma

pessoa de retaguarda, era uma pessoa mais visada, mais queimada, pela atuação dele, anterior, até um pouco mais velho do que eu, alguns anos mais velho do que eu... O Neto, que era uma liderança experiente em Osasco, não era uma pessoa para ir pra linha de frente. Quem assumia mais a linha de frente era eu, que era uma pessoa jovem, surgida lá de dentro da Fábrica. Ou seja, não era uma pessoa queimada! Eu passei a me expor cada vez mais. Na eleição eu me expus. Se perdesse a eleição, logicamente, ia estar fora, ia ser mandado embora da fábrica... Mas a gente ganhou a eleição!

Então, acho que nós tínhamos muita gente que era liderança de fábrica, que tinha um poder de mobilização, um poder de convencimento dos trabalhadores, para levar pras assembleias do sindicato, para levar pras lutas que a gente fazia dentro da fábrica, mas eram pessoas que, pela orientação que o nosso grupo tinha, não podia se expor, né? Que não podia estar aparecendo. Tinha um grupo que aparecia e outro grupo que dava a sustentação, dava o trabalho de retaguarda, mas não aparecia. Então, essa coisa era uma norma comum nossa, de preservação da força, porque nós sabíamos que estávamos dentro de uma Ditadura, dentro de um limite... Os quartéis que havia lá por perto, eles tinham gente infiltrada, já estavam infiltrando gente nas empresas, nas escolas, tudo, para saber quem era quem, pra na hora H... Entendeu?

Mas acho que, de certa forma, nós também pegamos eles de surpresa, né? Quando a gente ganhou a eleição no sindicato, que era uma chapa de composição, não era uma chapa totalmente de esquerda, era uma chapa de composição, as pessoas eram conhecidas na Cidade, conhecidas também pelos órgãos de repressão... Uma coisa era eu, que eles sabiam que era uma pessoa de esquerda, uma que estava surgindo no movimento, que virou presidente do sindicato. Tinha outras pessoas que eles achavam que eram pessoas mais moderadas, que eram pessoas que podiam conduzir outro tipo de diálogo, de negociação, sei lá, era uma confusão pra eles também! Porque, senão, se eles tivessem certeza do que ia acontecer, eles tinham matado o mal pela raiz logo, antes. Não deixava a gente ganhar a eleição, não deixava a gente concorrer. Eles tinham poder pra isso! Era um regime de exceção, eles podiam fazer isso, mas não fizeram. Não fizeram... E nós ganhamos a eleição! Em seguida, nós continuamos utilizando a mesma tática: mobilizar as empresas, enfrentar pauta de reivindicação, exigir negociação na Delegacia Regional do Trabalho, entrar em contato, exigir providências do Ministério do Trabalho, do Passarinho, o coronel Passarinho, o Ministro...

Nós fazíamos tudo do ponto de vista legal de um sindicato, que não era um sindicato! E eles sabiam que não era o nosso sindicato que estava de joelhos, que estava de cabeça baixa... Era um sindicato reivindicativo, um sindicato que queria representar a categoria, sei lá o quê, mas que se utilizava dos meios legais que existia para ele, pra fazer, não é? E enquanto isso, nós estávamos organizando mais comissões de fábrica, mais comissões... A maioria clandestina, nas fábricas, que foi também uma opção nossa: “Olha, não dá pra pensar num modelo da Cobrasma, de legalizar a comissão, né? No conjunto das empresas não vai dar para fazer isso. Aliás, do ponto de vista estratégico, é melhor que não seja assim, e onde a gente legalizar, a gente tem que manter a clandestinidade”. Na Cobrasma, a gente manteve o grupo, durante muito tempo, até a greve, que era um grupo que não participava, que não dava a cara pra bater, na comissão. Era um grupo que ficava fora disso aí... O Zequinha Barreto era um deles, por exemplo, mas tinha vários outros, que não vieram para dentro da comissão. O Davi Giorgon nunca participou da comissão e era uma liderança. Mas nunca participou da comissão. Nunca ele entrou na Comissão.

Osasco estava num período em que a política estava sendo abafada, que era um período de recessão e tal, uma cidade onde fervia a política, onde a política rolava, corria solto! Osasco sempre foi uma cidade muito politizada, e nesse período acho que

contribuiu bastante a campanha da emancipação e o movimento secundarista que surgia com força, porque a maioria dos estudantes secundaristas de Osasco era trabalhadora durante o dia. Era! A maioria era o pessoal que trabalhava de dia como eu, e estudava à noite! Alguns foram para a militância sindical e outros ficaram só na militância estudantil. Eu, desde o começo, priorizei a militância sindical devido ao meu vínculo com a fábrica, e devido às coisas que aconteceram, né? Que me fizeram priorizar a participação dentro da empresa. E dentro, depois, do sindicato.

Então, Osasco tem características bem próprias! Por que não aconteceu isso em outros lugares? Porque que só veio acontecer coisas interessantes do ponto de vista do movimento sindical, praticamente dez anos depois, em São Bernardo. Ali se juntaram outras características que, no caso, juntou em Osasco já em 1968! O período da resistência!! São Bernardo começa a surgir no período da abertura. Osasco foi o período da resistência! Na minha opinião, marcou, marcou o que seria o movimento sindical operário depois! Acho que Osasco, com toda a repressão que houve... Muita gente até hoje discute se foi um movimento derrotado ou um movimento vitorioso. Mas De qualquer maneira foi um marco, deu referência ao movimento sindical operário a partir daí! Foi a primeira grande resistência contra a Ditadura Militar, partindo dos trabalhadores! Antes era resistência dos intelectuais, era resistência da imprensa, era resistência dos artistas. Um movimento estudantil mais pra frente, mas a primeira resposta dos trabalhadores contra a ditadura, para dizer não estavam de acordo, que queriam melhores salários, que queriam liberdade sindical foi Osasco!

Eu incluo a greve de Contagem também, como fazendo parte desse movimento todo, só que Contagem foi praticamente uma fábrica só, a Belgo-Mineira. Ali houve uma resistência e a reivindicação era salarial. Tanto é que houve o abono, que o governo deu de 10%, em função da greve que foi em maio. A nossa foi em julho, né?... Mas a diferença entre Contagem e Osasco é que a nossa foi uma greve muito mais politizada, muito mais com reivindicações políticas! Então, a gente queria manter e expandir as comissões de fábrica, a questão da liberdade sindical. A gente dizia que só a greve derrubava o arrocho. Uma série de reivindicações mais políticas... E não era um movimento localizado numa empresa, era um movimento que partiu do sindicato! O sindicato que organizou. E o sindicato se expandiu pra outras empresas e tal, outras fábricas... Então, a nossa visão era parar toda a cidade!... Paramos uma parte, mas... Sinceramente, não esperávamos a repressão que veio! Na minha opinião, a repressão seria, um pouco, como foi feito em Contagem. Lá, não intervieram no sindicato num primeiro momento. Pressionaram os trabalhadores, entraram em negociação, negociaram, desativaram a greve.

Então, a gente achava que o comportamento seria parecido, por isso nós não radicalizamos a greve logo no começo. Só ocupamos a Cobrasma. As outras empresas nós não ocupamos, fomos parando aos poucos... achando que íamos ganhar tempo com a negociação, enquanto a gente dava uma sacudida no conjunto do movimento sindical no Brasil. No período da preparação da Greve estive em Contagem, estive na Baixada Santista, conversei com os petroleiros, com o pessoal da estiva... Tinha o MIA! Tinha o MIA...

A eleição para o sindicato foi em junho de 1967. Logo em seguida, nós entramos na organização do MIA. O nosso Sindicato foi um dos incentivadores e dinamizadores do MIA. Fizemos várias concentrações, inclusive lá em Osasco. Era uma coordenação de sindicatos para pressionar o governo a mudar. E oposições que andavam juntas também para pressionar o governo a mudar a legislação.

Não que a gente acreditasse que ia derrubar a ditadura com a greve, mas que nós íamos dar uma boa chacoalhada, íamos, né?! Seria um primeiro passo! Nós víamos assim. Quer dizer, não dava para não fazer, não dava para ir empurrando com a barriga, porque nós tínhamos que enfraquecer eles, nós tínhamos que dar a eles exemplo. Tínhamos que animar a moçada! Pensávamos: “Essa moçada tem que brigar, tem que lutar, tem que se organizar! Porque, senão, a Ditadura vai continuar se fortalecendo! Então, nós temos que ir pro embate com eles!!”. Agora, não achávamos que aquele embate entre nós e eles seria decisivo! Seria ter muita ilusão na cabeça, né? Mas a gente queria dar o exemplo, queríamos dar o exemplo... Queríamos que o início da greve de Osasco, do jeito que nós pensávamos naquele período, fosse o início de uma greve mais ampla, no mínimo, em São Paulo!

Eu tinha minhas dúvidas se o pessoal de Contagem, ia conseguir se mobilizar depois daquela primeira greve que eles fizeram na Belgo-Mineira. Estive duas vezes no Rio de Janeiro em encontros com os dirigentes sindicais do Rio de Janeiro, discutindo isso aí, e eu tinha minhas dúvidas em relação ao Rio. Tinha alguma coisa que eu via de possibilidade na Baixada Santista: pessoal da estiva, pessoal do petróleo; e, aqui em São Paulo, Capital... Achava que a oposição metalúrgica de São Paulo tinha condições de parar algumas regiões: região de Santo Amaro, região de Jaguaré... Sabia que a oposição era organizada, tinha condições de parar. Portanto, nós íamos fazer uma greve não localizada em Osasco. Osasco tinha que ser o estopim!! Osasco ia começar, mas a condição pra nós era a seguinte: nós tínhamos que resistir pelo menos uma semana! Daí todos os acenos que fiz de negociação com o Ministério do Trabalho: levei representante do Ministério do Trabalho para dentro da Cobrasma ocupada, para discutir com os trabalhadores lá dentro as nossas reivindicações. Uma série de coisas assim, para tentar sinalizar que o caminho nosso não era o do confronto puro e simples, mas era o da negociação! E pressionar o governo para a negociação!

E é claro que o governo pensava o seguinte: “Se a gente entrar na desses caras, entendeu? Outros setores vão seguir o exemplo!” Então, essa era uma questão que a gente colocava pra eles. E é claro que eles decidiram e, a linha dura ganhou a parada. Decidiram o seguinte: “Tem que dar porrada nesses caras e é agora, porque senão ninguém segura mais!” Né? Porque é lógico que outros setores já estavam se incentivando, dizendo: “Pô, Osasco tá aí, já tão segurando uma greve aí!”. Já tinham tido o exemplo de Contagem, logo em seguida Osasco... Bom, faltavam outros setores... Então... E aí havia duas possibilidades: ou a linha mais, mais branda. Dos Militares entrassem numa: “Bom, é hora de negociar, vamu negociar! Vamos distender um pouco esse negócio!” Ou aquela que diz: “Não, a gente que cortar cabeça é agora!” E foi isso que eles fizeram,. Se prepararam rapidamente, praticamente cercaram a Cidade, invadiram as Fábricas, ocuparam tudo, no caso eram a Cobrasma e a Lonaflex, entende? Cercaram o Sindicato, depois invadiram o Sindicato. Num primeiro dia já interviram no Sindicato, me afastaram da Presidência, e assim só na Cobrasma prenderam mais e 600 pessoas! Na invasão! Né? Mais uns cento e poucos no Sindicato... Isso!

Na hora que veio a repressão, eu estava no Sindicato e a gente estava tendo todas as informações do cerco na Cobrasma, do cerco na Lonaflex. Tínhamos informações que eles vinham pra cercar o Sindicato também.

Aí, fizemos uma reunião... Tinha um monte de gente, de duas Fábricas que nós tínhamos parado. A Granada e a Barreto Keller. Granada nem Metalúrgica era; era indústria química, mas como eram junto, pararam as duas. Vieram pro Sindicato, vieram em passeata pro Sindicato. Estávamos em assembléia permanente dentro do Sindicato. Aí, nós discutimos sobre o que ia acontecer... Porque já estavam preparando a invasão e vinham lá no Sindicato também. Aí, se decidiu que uma parte

ficava lá dentro, quer dizer, que os trabalhadores ficavam, mas que uma parte dos dirigentes ficava e outra parte saía, porque os que ficavam iam ser presos. Se iriam ser soltos logo em seguida, ninguém sabia, mas seguramente alguns, como eu, se eles botassem a mão, não saíam mais! Não é?

Então, se decidiu que alguns saíssem. E, eu saí junto com algumas pessoas e, tinha um, um esquema nosso, né, de que eu, não ia sair de Osasco, tinha um esquema de aparelho, que na época, nós chamamos de aparelho, clandestino, que eu ia ficar. Né? Eu não voltava mais pra minha casa. Eu ia ficar em aparelho. Justamente era o aparelho que eu e o Zequinha íamos ficar. Tava decidido que naquele lugar ia ficar eu e ele. E só eu e ele sabíamos onde era o local. E aí eu tive notícia e eu ele foi preso, dentro da Cobrasma. Então, norma mínima de segurança, entre a gente, era o seguinte: se o cara caiu... Não vai!

Nós já estávamos ligados a VPR nessa época... Olha, contatos meus com a VPR, o pessoal que veio a ser VPR, que na época era o pessoal, ex-Sargento, o pessoal que tinha sido expulso do Exército em 64 e tal, isso aí vem desde 65, que eu tinha contato com eles. Mas tanto eles se organizaram melhor pra fazer ação armada e tal, e como nós nos organizamos melhor na questão de luta de massa em Osasco foi a partir de 67 que aí a gente tinha um vínculo mais forte, como organização, que depois veio a ser a VPR. Nessa época era MNR, Movimento Nacionalista Revolucionário. E, tanto é que quando eu caio na clandestinidade, aí que eu vou pra luta armada, né? Aliás, quase todos! Eu, Espinosa, Roque, o Neto... Todo mundo... Né?

Eu acreditava que a luta armada era o caminho, porque não tinha mais... Estavam esgotadas as condições de luta legal, luta democrática, ocupar espaços, tal, na minha cabeça, vem encurralando com o Ato 5 e essas coisas, eu disse: “É o seguinte: tem que ir pro enfrentamento direto com esses caras, porque, né? E é logicamente que hoje a gente revê um monte de coisa, né? Aquilo ali custou a ida de muita gente, né? Mas, naquele momento eu não via outra... e depois tinham vários ventos que influenciavam a cabeça da gente: a Revolução Cubana, o Che Guevara, né? O exemplo da Revolução, mesmo, Che... Regis Lebrecht, na época, né? A Revolução da Revolução e tal... São obras, assim, que influenciavam muito a cabeça da gente, né? E influenciou toda uma geração, né? E daí...

Quando chegavam as notícias das pessoas que estavam caindo, ouvia que colegas estavam sendo presos, estavam morrendo, isso fortalecia. Quer dizer, eu acho que a esquerda que entrou pra luta armada, só vai começar a fazer, ter uma visão crítica, tal, não sei o quê, já no final, quando já tava totalmente isolada, derrotada. Entendeu? Então, uma boa parte só fez esse tipo de avaliação no exílio! Outra parte na cadeia. Mas no período, assim, dos anos de fogo, era consequência da luta, nego morrendo no enfrentamento, nego morrendo na tortura. Cai preso...

Tem uma passagem que quase não contei a ninguém... Tem uma assim, por exemplo, quando eu estava preso, já fazia alguns dias que eu estava preso e, claro, estava sendo torturado, né? Aí, eu pensei duas coisas: “Ou eu não vou aguentar, porque então eu vou falar... ou vou continuar sofrendo feito um cão aqui!” Né? Já tinham me quebrado bastante, né? Aí, eu achei... Entrou na minha cabeça... Achei que era melhor me suicidar!... Então, acabar com minha vida... Né? E tchau e bênção!...

Aí, inventei um ponto pros caras, falei: “Olha, eu tenho um encontro assim, assim, no Viaduto Major Quedinho...” que era um dos pontos que eu conhecia bem, que sabia que tinha uma altura legal pra gente saltar, entendeu?...

Então, fomos juntos lá no Viaduto Major Quedinho... Encontro assim, assim, tal hora, né?... Aí, os caras armaram uma parafernália, né? Pipoqueiro, varredor de rua, um monte de esquema que eles armaram pra pegar, né? E... E eu fiquei naquele dilema,

né?... Não dá pra continuar assim, ao mesmo tempo, a gente fala: “Putá merda, tenho vinte e um anos ainda... vou acabar com a minha vida assim?! Quem sabe eu seguro mais um pouquinho”... Mas aí, eu pensava: “Putá, quando os caras me levarem de volta, lá pra, pra OBAN, puta!...Aí, eles vão tá com muita mais raiva!”... Aí... Entendeu? “Aí que vai trucidar e vai continuar”... (...) E eu fiquei nesse dilema, pensando, né?...

Quer dizer, fui lá com a decisão, cheguei lá, né?... Sentei um pouco a poeira, disse: “Não! Será que é por aí mesmo?!”. Eu não tava totalmente convencido! Comecei a ver os prós e os contra...

Nisso, passa uma pessoa: “Oh, Zé! Que que você tá fazendo aí?”. Eu tava com a camisa meio aberta, ele pôs o dedo no meu umbigo... Era um cara, amigo de infância, lá de Presidente Altino. Entendeu?! Fazia tempo que tinha mudado de lá, não tava mais em Osasco, cruzou ali comigo!...

Nisso, a parafernália toda caiu em cima dele, né?! Imagina o susto do cara, que não tinha nada que ver com o assunto!! O susto dele... E... eu logo comecei a dizer: “Não, não tem nada! Não é ele! Não é ele!... Entendeu? Bom, levaram o cara preso... Aí, eu falei pros caras: “Houve uma coincidência. Esse cara... Alguém que viesse se encontrar comigo... Nunca mais! Esse escândalo ali no Viaduto, não é? Então, aquilo ali me deu um bom alívio, não é? Quer dizer, era um troço! Eles verificaram que a pessoa era um homem que não tinha nada que vê, né? Apanhou um pouco, soltaram ele. Depois que esclareceram toda a situação dele, e foi, realmente, uma coincidência. Quer dizer, como é que eu poderia ter inventado uma situação se eu estava há dias preso? Então, claro! Foi uma coincidência! Só que aquilo ali me deu um álibi, né, valioso. Entendeu? Deve ter salvo minha vida, inclusive! Né? Essa é uma passagem, assim, que às vezes eu conto pras pessoas.

Caí dia 02 de fevereiro de 1969 e saí no dia 06 de setembro de 1969 mesmo, com o seqüestro do embaixador americano! A minha família sempre foi solidária comigo... Todo mundo, minha família inteira, meus irmãos, minhas irmãs. Meus cunhados! Como eu era o mais novo, já tinha algumas sobrinhas, sobrinhos meus, que já tinham na época idade suficiente pra entender as coisas, né? A Sandra é uma delas, pessoa que me visitava na cadeia, que articulava coisas, me trazia informação. E mais outras duas irmãs minhas, que faziam isso... Tem um outro irmão meu, já falecido, que... Esse me acompanhou o tempo todo! Quando eu estava clandestino, ele que se encontrava comigo, passava coisa, passava informação. Minha família sempre me ajudou, minha mãe é uma pessoa...! Sabia de tudo! Minha mãe sabia de tudo. Entendia! Minha mãe botou banquinha no Largo de Osasco pra Anistia!! Entendeu?

Eu fiquei preso, primeiro aqui, na Rua Tutóia. Que é o Quartel da PE, que virou a Operação Bandeirantes. Daí, passei um período, não me recordo,.. Uma coisa que me deu um branco na cabeça! Essa história, eu não recordo quantos dias, né? Porque você não tinha noção, não! Era tortura, tortura... Aí te levavam desmaiado para cela... Depois vinham de madrugada, e te tiravam... Que eu perdi...

Eles queriam várias informações. Queriam saber a direção, porque eu era da direção da VPR! Quando eles me pegaram, era da direção da VPR. Tinha um comando. Eu era do comando. Tinha um comando de logística, que era o pessoal que levantava banco, quartel, tal, pra assaltar. Tinha o pessoal que era da infra-estrutura, que oferecia os meios. Pessoal do campo, que trabalhava a questão da guerrilha rural, essas coisas todas... E o pessoal urbano, que fazia a agitação urbana, recrutamento... Bom, pequenas ações assim, como pegar um carro porque ia ser feito um assalto em seguida. A chapa de carro, umas coisas assim... E fornecia quadros, o pessoal urbano, fornecia quadros para as ações. O pessoal da logística que precisava de gente: “Olha, precisamos de três

peessoas com essas características... Então, eles tinham... Esse era o setor que eu comandava.

Não cheguei a participar de nenhuma ação armada. Era, inclusive, uma norma. Tinha gente do meu setor que participava. Mas era uma norma, por exemplo, eu não participar porque era uma pessoa conhecida, era uma pessoa que, vira e mexe, estava falando nos jornais... Líder da greve de Osasco, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Então, era uma coisa assim.

Nesse envolvimento estava também o Zequinha, o José Campos Barreto. Era uma relação de muita amizade... De muita amizade! Nós dois... Ele freqüentava a minha casa, minha família gostava muito dele! Eu freqüentava a casa dele. E como nós dois éramos bastante jovens, a gente freqüentava lugares de festinha, de paquera. E coisas, assim... Reuniões sociais, muita correria! Ele era uma pessoa que gostava de cantar, tocar violão... Então, a gente ia pra umas paradas junto, tinha amizade pessoal. Ele era uma pessoa...!

Depois, na clandestinidade, na clandestinidade, nós tivemos vários encontros! Vários encontros... E, sempre assim! Uma relação bastante estreita, de amizade, de solidariedade, de companheirismo! Conheço o Zequinha de quando ele começou, né? Quando ele começou que conheci o Zequinha! Depois, praticamente, eu que trouxe ele pro movimento sindical, porque ele tinha mais ligação com o movimento secundarista! Começou como secundarista em Osasco, certo? E depois, despertou para o movimento sindical. E acho que consegui, que botei muita coisa na cabeça dele, que a luta principal tinha que ser aquela. Ele nunca tinha trabalhado em fábrica! Botei ele pra trabalhar em fábrica.

Agora, com o Lamarca, praticamente não tive muita relação, não! Conheci o Lamarca, mas quando ele saiu do quartel... Foi nesse período que começaram as quedas da VPR... E aí, então, ele ficou totalmente isolado, no sentido de: que bom! Ele não podia aparecer! Era a pessoa mais procurada, que saía todos os dias nos jornais. E a gente, a organização, estava sofrendo uma série de quedas da repressão. Tínhamos que cuidar de muita coisa! Então, ele ficou isolado dentro do grupo da logística, que era o pessoal que tinha a estrutura mais fechada, que era o pessoal que fazia as ações mais diretas. Então, nesse período, não tive mais contato com ele e, logo em seguida, eu fui preso, né?...

Minha prisão... Olha, como eu estava falando, com a saída do Lamarca... Primeiro, com a queda do caminhão... Quando estavam pintando um caminhão aqui no sítio, aqui em Itapecerica, um caminhão com as cores do Exército, que ia entrar lá no quartel em Quitaúna, para tirar as armas, caíram todos! Todos que estavam lá foram presos!! A partir daí, então, veio toda a repressão pra cima da VPR. O Lamarca precipitou a ação dele, porque estava esperando o caminhão. Era uma ação ultra-planejada! Aí, o que ele fez? O que ele resolveu? Pelo sim, pelo não, sair com a Kombi cheia de armas... Com o que ele pode carregar. Foi pra clandestinidade! E aí, houve uma sequência de episódios. A polícia foi pegando, enfim, informação aqui, informação ali... E eu! Estava numa roda viva, de me encontrar com mais pessoas; me deparar com um aparato policial... E a pessoa já tinha sido presa! Isso já tinha acontecido comigo. E, então, eu morava num aparelho junto com Roque, aqui no Caxingui. Eu e o Roque dividíamos a casa. E acender a luz de cima era a nossa combinação.

Naquela noite, por exemplo, que eu sabia, disse para ele que ia chegar só de noite. Ele disse: “Olha, se tiver algum problema, a luz lá de cima vai tá acesa”. Não, era: “Se não tiver problema nenhum, a luz de cima vai tá acesa, a luz de baixo vai tá apagada”... Era uma combinação de sinais de luz, né? Porque eu disse que ia chegar à noite. E fui fazer as coisas que tinha que fazer. De manhã, me encontrei com o

Espinosa, pra gente acertar algumas coisas. O Espinosa, também, já estava noutra... Sempre perseguido também... Estava fora de Osasco, faz tempo... Então, a gente combinou alguma coisa e, aí falei pra ele: “Olha, mais tarde vou me encontrar com o Roque, na hora do almoço. Com o Roque e mais uma pessoa, que ele não sabia quem era, não falei pra ele. Só disse que ia encontrar com o Roque. E aí, saí dessa conversa com o Espinosa, e fui encontrar o Roque...

Cheguei no local. O Roque não estava, não apareceu. Fiquei de longe olhando, esperando e tal... Nada de Roque! Bom, que pode ter havido? Logo em seguida, eu tinha que pegar uma menina, uma companheira, e levar na casa de uma pessoa que era de apoio nosso, que no caso era a Lélia Abramo. Era uma pessoa que a gente sabia que, de vez em quando, a gente podia, por um dia, dois dias, três dias, guardar alguém na casa dela. Aí, tinha uma senha para chegar, e fui com essa menina. Peguei essa menina, fui pra lá, e a empregada que atendeu disse que a Lélia não estava. Falei se não podia esperar. Insisti, insisti! Aí a mulher pegou e falou assim: “Não moço”. Falei: “Eu vim aqui pra tratar do figurino da peça dela. Ela está fazendo a peça, sou a pessoa do figurino... Essa era a senha, né? Dei uma insistida e ela falou assim: “Não, olha, sabe o que é? É que a polícia está lá dentro, está vistoriando tudo aí. Eu não queria falar pro senhor, mas a polícia tá aí”. Peguei e falei: “Volto outro dia. Volto outro dia”. Né?! É esse tipo de situação que a gente estava vivendo naquele período! E a questão do Roque ficou na minha cabeça... Pô, eu estava tão assim, elétrico nas coisas! Fiquei pensando... Estava cansado pra caramba! “Ah! Acho que não houve nada!”.

Aí, encontrei com uma outra pessoa, que era lá do outro setor, do setor urbano. Tive uma conversa com ela também. Fizemos um balanço das coisas que estavam acontecendo. Ele falou assim pra mim: “Estou vendo que você está muito nervoso.” Respondi: “É porque estou pensando: pode ter acontecido alguma coisa com meu camarada, né?”. Que ele nem sabia, nem conhecia, não sabia quem era! “Pode ter acontecido alguma coisa”. Ele falou: “Você não quer fazer o seguinte? Te levo até a região onde você mora, te deixo em algum lugar, e você vai ver. Tem um lugar que acho que posso te deixar, e depois eu sigo”. Quando ele me deixou, disse: “Mas, e aí? Vou ficar aqui esperando?”. Eu disse: “Não. Se eu voltar, é porque não aconteceu nada comigo. Se eu não voltar, é porque...”. Ainda usei o termo: “Aí, me fudi!” Não é?! “Você dá 20 minutos aí”. E ele me deixou num lugar perto dali do Caxingui, que era uma região que eu conhecia bem, ia à pé...

Quando eu cheguei perto do lugar, do sobradinho em que a gente morava - era um conjunto de sobradinhos - estava tudo normal: uma moçada, ali, brincando; outros escutando música e tal... Era um sábado, parei num boteco da esquina. Pedi um, como sempre fazia... Quando vinha de noite, antes de vir para casa, tomava um aperitivo, e pedi um. Uma cachacinha... Puxei um assunto com o dono do bar, que era corinthiano que nem eu, e coisa e tal. Conversamos um pouco sobre o Corinthians, vi que não tinha nada de anormal. Nada de anormal, ali, naquela área, naquele pedaço, naquele quarteirãozinho... Era um quarteirãozinho pequeno... Aí, fui chegando, vi o sinal de luz que era pra eu não entrar. Pensei: “Pombas, fez confusão! Fez confusão”... Cumprimentei as pessoas que estavam, assim, no portão... Eram sobradinhos conjugados assim... E fui... E, quando boto a chave, que vou entrar... Bã!... Os caras estavam tudo lá dentro!! Quer dizer, eles tinham pegado o Roque. Pegaram o Roque de manhã! Por isso que ele não foi, na hora do almoço, se encontrar comigo. Segurou a onda o dia todo, até de noite! Como ele sabia que eu ia no encontro, e ele não ia aparecer, estava preso, então, pensou que eu ia sacar que não devia ir pra casa. Era o mínimo! Né? Quer dizer, ele segurou o que pode, e eu tive duas dicas: uma, que ele não

foi, e outra, que o sinal estava me avisando pra não entrar. E eu entrei! Entendeu?! Então, foi assim que eu fui preso: de bobeira!!

Dizer porque, bom, falar assim: “Ó, eu estava tão atarantado, já vinha dias naquela situação. Eu estava muito cansado e tenso! Queria ir embora pra casa! Fui tomar um banho, comer alguma coisa, e aí que eu fui preso. E foi assim. De bobeira!

Era um sábado. Dia 02 de fevereiro de 1969. À noitinha... Era, mais ou menos, umas sete e meia, oito horas da noite...

Olha! Eu estava com a cabeça há mil, nesse momento!... A gente sonhava com uma sociedade justa, sociedade sem classe, sociedade solidária. Era sociedade sem exploração, sem patrão. Era um sonho nosso... O socialismo que a gente tinha na cabeça, era um socialismo desse tipo! Um socialismo sem classes. Esse era o ideal nosso... Que era baseado no Lênin. De certa forma, o Mao. O Grupo de Osasco tinha uma influência, também, das obras do Trotsky. Nós não éramos trotskistas, mas nós líamos Trotsky. Como revolucionário, como teórico do Marxismo. Depois o Che... É, o Che influenciou muito! As obras do Che, os discursos do Che, né? Mais ou menos por aí...

Nós acreditávamos na revolução! Que a combinação da luta na cidade e no campo, luta urbana, luta rural, guerrilha urbana, guerrilha rural. Era nisso que a gente acreditava! Tanto é que teve um episódio, quando estava na clandestinidade, através de um amigo nosso, que era de Osasco, mas que não era do nosso Grupo. Era da ALN, do Marighela. Ele buscou um contato comigo, dizendo que o Marighela queria falar comigo. Aí, eu fui para uma conversa com o Marighela... A gente se encontrou, aqui no centro de São Paulo, e a conversa dele, para resumir, era assim: que eu escolhesse uns vinte quadros de operários de Osasco, para ir treinar em Cuba. Eu junto! Que ele achava que eu devia sair por uns tempos. Que eu escolhesse vinte pra ir pra lá. Que depois, aos poucos, essas pessoas iam voltando para ingressar lá, na guerrilha, treinar em Cuba.

Eu, sem pensar muito, sem consultar, porque se fosse outro motivo de propósito, ia dizer pra ele: “Legal! Mas preciso consultar o meu grupo.” Mas ali mesmo, falei: “Olha, companheiro, a nossa não é essa. Não é por aí! Nós não queremos sair. Tudo bem, nós estamos na luta armada, mas nós acreditamos que temos que organizar os trabalhadores, temos que reorganizar o movimento sindical. A revolução precisa disso!”. Até brinquei pra ele: “Você conhece a Revolução Cubana, que não foi só Guerrilha na montanha que ganhou, foi o levante nas cidades. Então, nós temos que fazer essa combinação, acreditamos nisso. Essa é a posição nossa, não é idéia sair daqui”.

Então, a gente tinha essa visão! Que era um pouco o que foi a História da Revolução Cubana, não é? A guerrilha começou na montanha, mas havia as insurreições nas cidades e em Santiago, em Havana, que davam suporte, davam respaldo e desgastavam a ditadura nas cidades. Acreditávamos nessas coisas. E achávamos que aqui no Brasil era possível.

Não houve um momento preciso em que deixei de acreditar nisso. Acho que foi uma evolução, né? Que eu fui... Uma evolução de pensamento, uma avaliação, de discussão com outras pessoas. No Chile, meu período no Chile... Depois que saí de Cuba, fui para o Chile. Foi um período de muitas reuniões, muita discussão com alguns companheiros. Na cadeia a gente já discutia muita coisa. Mas, não no sentido de renunciar à luta armada! O período da cadeia foi mais no sentido De “onde foi que nós erramos? Onde foi que temos que consertar?”. Então, era questão a crítica ao vanguardanismo, o Foquismo. Havia um certo espírito de aventura, de muita gente, mas... Não tinha um espírito de acumulação de forças. Tudo isso a gente já avaliava na cadeia, os diversos grupos que se encontravam... A gente ia se juntando nas cadeias e a

gente discutia muito essas coisas, assim. Às vezes, até fazia uns documentozinhos e tal, mas acho que a reflexão maior foi no exílio. E depois, claro, que a minha experiência no Chile, foi uma experiência importante, né? Na época do Allende e, depois na Europa... Na Europa, eu aprendi muito!

Quando tivemos a notícia do sequestro do embaixador americano, eu estava no Presídio Tiradentes. Então, saí da OBAN, passei um período no DOPS... Era um período, ainda, de interrogatório, essas coisas todas... Depois, quando terminou essa fase, é que eu fui pro Presídio Tiradentes. E aí, as celas eram grandes. Na minha cela tinha mais de 30 pessoas! E, nós tínhamos lá um esquema, tínhamos um radinho. Havia, sempre, uma pessoa encarregada de escutar as notícias e anotar, e depois passar para todo mundo. Era um radinho clandestino, ou seja, se a polícia pegava, eles tiravam o radinho da gente. Nós conseguimos fazer entrar um radinho lá! Quando saiu a notícia, lógico, que se espalhou: “Olha, teve o seqüestro de um americano! Tão pedindo quinze!”. Aí, todo mundo começou a fazer lista!!

Tinha um camarada meu, como não era da pesada, era daqueles que tinham sido presos só pelo movimento estudantil daqui da USP, e era um conhecido meu antigo. Eu o conhecia desde antes... Era o cara que pulava de cela em cela, para levar coisa. Ajudava a servir café, ajudava. Alguns presos eles pegavam para ajudar... Terrorista eles não pegavam! Eu era considerado terrorista. Terrorista. A gente ficava era trancafiado!! Só saía pra tomar sol, essas coisas assim. Mas tinha o pessoal “da leve”, que a gente chamava “da leve”. E o pessoal “da pesada”! Aí, esse cara chegou pra mim e falou assim: “Olha, teu nome tá em todas as listas. Eu também acho que você vai tá na lista. Pode se preparar”. Peguei e falei: “Ah! Não fala isso!”. E ele: “Não, vai se preparando... Porque, olha, em todas as listas, de todas as celas aí, o seu nome tá.” Né?! Então, claro, que no fundo, no fundo, eu tinha uma sensação! Por quê? Porque eu era uma pessoa conhecida, um dos poucos líderes operários preso, que tinha nome nacional e era dirigente de uma organização. Reunia algumas características que podiam levar as pessoas...

E aí, então, quando saiu a lista, nós ficamos sabendo, imediatamente, quem eram. Foi publicada a lista. Nós ouvimos no radinho. E foi uma festa! Né?! Uma sensação de que você... Ao mesmo tempo dava aquele frio da barriga, né?! Pô!! Você está numa lista! E se pegam o embaixador?! Que vai ser desses caras que estão na lista? Não precisava ser muito. E matam o embaixador?! Se os caras se encontram aí, num confronto, e os caras pegam e matam o embaixador? Claro! Nós vamos... Não é?! Então, essas coisas todas passavam pela minha cabeça! Mas o que era mais forte, mais forte mesmo, era que houve uma ação revolucionária pra me libertar, e pra libertar um grupo de companheiros. E que era uma ação importante, uma ação de grande envergadura, de grande repercussão. E que tinha tudo para dar certo! Então, a gente jogava: “Pô, vai dar certo esse negócio!”. Eu estou falando daquele friozinho na barriga que dava lá no fundo, sabe?!

E no dia que tiraram a gente pra levar pro Rio de Janeiro?! Também foi uma festa no Presídio!! Aquele puta aparato pra vir buscar a gente! Pessoal cantando internacional, né? Fazendo uma festa de despedida mesmo! Entendeu? Bem vibrante!! Foi legal isso aí!

Daí, a gente sabia que podia ir para a Argélia ou pro México. No fim resultou de ser o México. Aí, nós ficamos horas e horas lá no Galeão. Daqui de São Paulo, nós fomos pro Galeão, horas e horas lá, esperando... Tinha um impasse, tinha toda uma coisa que estava nos bastidores, de vai ou não vai... O tempo todo que as Forças Armadas não queriam, outro setor achava que tinha que ir, que tinha que aceitar as exigências. Isso aí foi um período muito tenso lá no Galeão. Até que nós embarcamos...

Aquela famosa foto, em que estamos fazendo pose, é no Galeão. É no Galeão. E aquele avião que está atrás é o Hércules 56, que foi o que levou a gente até o México. Achei que aquela foto era da polícia! Porque só tinha milico lá! Só tinha milico! Foi publicada no outro dia, pela imprensa, no Brasil inteiro! No mundo inteiro! No mundo inteiro essa foto... Bom, vire e mexe ela vem à baila, né? Vira e mexe ela está aí.

Fui para o México. Fiquei algum tempo lá, mas não podia ficar. O governo mexicano dizia que era só por uma questão de humanismo, que nós estávamos lá, que receberam a gente. Mas que não podia ficar! E aí, o Fidel botou um avião à disposição para a gente ir pra Cuba. Aí, o grupo todo foi pra Cuba. Fomos todos pra Cuba! No dia seis de setembro de 1969. Véspera em que a Ditadura ia comemorar o sete de setembro.

Um irmão meu chegou até a ir lá no Presídio, junto com um advogado, que estava cuidando da minha questão. Eles conseguiram falar comigo, assim, um pouco de longe. Eu disse para o meu irmão que estava bem e que ia sair. Que eu ia sair. Não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Meu irmão foi mais para saber como eu estava. Aí, segundo os relatos que chegaram até mim, é que, quando ele chegou em casa e falou, para os meus pais, todo mundo que me viu, que eu estava bem, que estava muito alegre e contente porque ia sair... Eles estavam preocupados. Como que é está o cara? Pô! Eu estava preso, meu nome saiu na lista que eu ia ser trocado pelo embaixador que estava preso... Então, o que passava na cabeça das pessoas?! Então, quando ele chegou lá, estava contente pra caramba! Que eu ia estar em liberdade, essas coisas assim! Foi um clima de alívio, para a minha família, de saber que eu estava tranqüilo, estava bem.

No México, acho que uns trinta ou quarenta dias ficamos por lá! Depois, fomos pra Cuba, e lá em Cuba nós fomos recebidos, lá no aeroporto, pelo Fidel Castro, por todo o Comitê Central. Tem fotos famosas sobre isso aí! Tem, inclusive, fotos desse dia, nossa chegada em Cuba. Eu vivi um período em Cuba, quase três anos, e quando surge a novidade da América Latina, que foi a eleição do Allende, pela Unidade Popular no Chile, fiquei insistindo com os cubanos que eu queria ir pro Chile, que eu já tinha feito o que eu tinha pra fazer em Cuba. Trabalhado nas causas que queria trabalhar, aprendido as coisas que tinha que aprender. Eu queria, porque já estava esgotado. Para mim, o Chile era mais importante para a América Latina! Era mais importante, porque era uma nova experiência. Queria, insisti muito com os cubanos. Mas eles não queriam, achavam que era prematuro, que tinha que esperar, ficar mais um pouco. Tanto insisti que eles falaram: “Tá bom, quer ir, então, você vai!”. Aí, eu fui pro Chile!

Fiquei no Chile até o golpe. Quando teve o Golpe, ainda fiquei uns tempos lá, estava metido com o Partido Socialista Chileno. Com as coisas lá, que estavam acontecendo no Chile, achava que ia ter resistência, achava que podia ter uma reviravolta. Mas depois de uns vinte dias, depois do golpe, os chilenos mesmo disseram: “Olha, uma coisa é a gente continuar aqui. Outra coisa é você, estrangeiro, ficar!”. Eles estavam orientando todo mundo que era estrangeiro a sair. Um pouco difícil de se segurar lá!

Eu me asilei na embaixada do Panamá! Aí, fiquei uns tempos na embaixada do Panamá, até conseguir salvo conduto para sair do Chile. Aí, fui para o Panamá! Lá, também, fiquei um período. Nasceu o meu filho, que hoje tem 32 anos. Ele nasceu no Panamá. Eu me casei no Chile com uma brasileira, que estava exilada lá também, a Tereza. Quando teve o golpe, ela estava grávida de sete meses. Logo depois que meu filho nasceu, não dava para ficar no Panamá também. Aí eu fui para a Bélgica!

Então, na verdade, passei esses cinco dos 10 anos de exílio, na América Latina, entre México, Cuba, Chile, Panamá. Depois, fui pra Bélgica. Os últimos cinco anos, fiquei na Bélgica! Em Bruxelas. Até a Anistia. Quer dizer, quando teve a Anistia, eu vim de Bruxelas pra Osasco.

Olha, de toda a minha família, que teve um papel importante na minha formação e tudo, minha mãe é que teve um papel mais importante, mais preponderante! Eu, como filho mais novo, fui o único que estudou um pouco mais. Todos os meus irmãos terminavam o primário e faziam, iam aprender alguma profissão. E, trabalhar! Então, a minha mãe, que sempre gostou, minha mãe sempre gostou muito de ler, gostava de escrever, e tal, ela me incentivava muito a estudar. Na cabeça dela era o seguinte: “Esse aí vai para estudar!”. Coisa que ela sempre quis e não pôde, né? Pela vida que ela teve, minha mãe era tipo assim: eu chegava tarde da noite, do Colégio. Enquanto estava fazendo alguma coisa para eu comer, ia me dizendo as coisas que ela leu. Ela sabia que eu ia ter uma prova no dia seguinte. Então, ela pegava, lia, estudava, fazia resumo! Passava pra mim. Sabia que eu tinha pouco tempo. Logo depois, eu tinha que levantar cedo para poder trabalhar! Ela me incentivava, me ajudava muito! Era um tremendo de um apoio nesse sentido!! E eu discutia muito minhas ideias com ela, as coisas que pensava, que achava. Ela, pô, ela concordava, discutia comigo também, algumas coisas, de livro de esquerda, de texto de esquerda. Ela lia, se interessava em ler também!

Minha mãe nasceu no Interior de São Paulo. Trabalhava em fazenda de café, em colher café, coisa assim, e fez até o terceiro ano Primário. Aí, o pai dela morreu. Meu avô morreu, a minha avó ficou sozinha, com vários filhos e, aí, ela teve que parar de estudar, e trabalhar mais. Uma vida muito, muito difícil! Até que vieram para Osasco. Vieram para Altino. Porque, quando começou a estrada de ferro lá, o meu tio, quer dizer, o irmão mais velho da minha mãe, veio a ser chefe de estação, trabalhava na ferrovia. Veio a ser chefe de estação em Presidente Altino. Instalar a estação de Presidente Altino. Aí é que todo mundo veio pra Altino. E meu pai veio trabalhar no Frigorífico Wilson, e minha mãe foi com meu pai. Aí, começou toda a história... Mas a minha mãe era essa figura. Era uma pessoa muito interessante, muito inteligente, gostava de ler, gostava de se informar! E ela me deu muito apoio! Meu pai também! Meu pai era uma pessoa que tinha consciência política. Apesar de ser estrangeiro, analfabeto. Meu pai era analfabeto. Era getulista, por exemplo, ele tinha uma estátua do Getúlio com ele. E, quando, por exemplo, meu pai participou de greves também, sempre trabalhou em fábrica, no Frigorífico, essas coisas assim, ele participou. Ele sabia o que era!

Quando contaram para ele que eu estava pintando lá, concorrendo ao sindicato, eu não tinha falado pra ele ainda, eu estava esperando, ainda em fase de negociação, de chapa, de vai ou não vai... De “se vai, como vamos?”. Mas não tinha falado nada com ele... Uma pessoa que trabalhava na Cobrasma e, que era amigo do meu pai, bem mais velho e amigo do meu pai, chegou nele e falou: “Olha, o menino vai, cara, não sei o quê!”. Então, ele me chamou. Eu me lembro, assim: em frente de casa tinha um poste... Ele falou assim: “Olha, estou sabendo disso, disso, disso”. Eu peguei e falei: “É! É isso aí! Ia falar com senhor mais pra frente, mas é que ainda não está certo, ainda estamos acertando. Mas é isso que está pintando”... Ele falou... “Olha, vou te dizer uma coisa: isso aí eu sei como é que é. Se você for um cara firme, cara assim, assado e tal, levar a sério, isso aí dá cadeia! Você vai preso!”... “Se você for uma pessoa que vai trair teus companheiros, teus amigos, o pessoal que confia em você e tal”... “Se”... “Se for por aí”... “Aí é o seguinte”... “Você não é meu filho!” Olha, até me emocionou!! Meu, ele falou isso pra mim!!

Mas era isso! Então, coisas assim que marcam, né? A minha mãe... Pô, desde que eu fui preso, ela sempre se virou muito! Ela foi conversar com o Dom Agnelo Rossi, na época, quando fui preso. Ela foi conversar com Dom Paulo Evaristo Arns. Tudo assim... Ela sabia que eu estava correndo! Ela foi, assim, a pessoa que mais se virou. E botava minhas irmãs, meus irmãos, tudo pra funcionar! Mas ela era a que

comandava a coisa. E, quando cheguei no Chile, que eu entrei em contato, porque em Cuba era só carta assim: carta assim que ia pra Europa, e da Europa ia pro endereço da Europa, e da Europa que eu mandava pro endereço dela. Por causa da censura, por causa dessas coisas assim! E aí, então, a gente tinha contato muito esporádico, não é? Mas quando cheguei no Chile, entrei em contato. Ela veio me visitar. A velhinha pegou um avião, veio me visitar!! Passou uns dias comigo lá. Depois, quando eu estava na Bélgica, ela também não teve dúvida: pegou, foi para a Bélgica, ficar uns tempos comigo lá! E ela estava participando da Campanha da Anistia. Ativamente! E, lá em Osasco, ela participou. Era como nós! Ela ia de casa em casa, foi colher assinatura!

A minha sobrinha, a Sandra, nessa época era novinha! A Sandra, a Mira e a Teresinha, que são minhas duas outras irmãs, iam em ponto, em contato com o pessoal da organização para pegar informação. Elas iam me visitar, me levar informação, entendeu? Elas estavam envolvidas,. E tudo era assim! Elas falavam que era por minha causa! Que nunca tinham tido uma militância, mas em função de todo meu envolvimento, acabaram também se envolvendo, se envolvendo e participando das coisas! Então, às vezes, a Sandra ou algumas das minhas sobrinhas iam lá e diziam: “Olha, é o seguinte: nós tivemos um encontro num ponto com o Neto e com o Zequinha. Então, eles falaram isso, mandaram te dizer isso, isso e isso”, entendeu? Então, elas... E quando fiz aniversário no dia 3 de setembro, elas conseguiram fazer um troço lá, discutindo com os delegados do DOPS, com o pessoal da polícia, que elas queriam fazer uma festinha pra mim... Na cadeia, né?!

Levaram bolo, levaram pernil! Teve gente lá de Altino que falou: “Ó, leva isso pra ele, leva isso pra ele”. Só sei que foi coisa pra caramba! Veio quase toda a família! Maior festa!! Os outros presos participaram no dia da visita. Foi um troço legal pra caramba!! E logo em seguida, teve aquele seqüestro! Aí, não é que a polícia pegou e disse que prendeu, prendeu minhas irmãs?! Foram lá para Osasco, prenderam elas! Interrogaram! Interrogaram minha mãe! Dizendo que elas estavam fazendo uma festa, festando a minha saída! E que era um absurdo! Eles não sabiam! Também eu não sabia que dois dias depois iam seqüestrar o americano! Mas foi uma coincidência, assim... E vira e mexe elas me lembram disso aí, lembram da festa lá!

A minha mãe começou a participar do Movimento da Anistia em 1977, 1978 e 1979! É, na verdade, já em 1978 eu já tinha a certeza de que era uma questão só de tempo que a gente ia poder voltar! Que nós íamos conquistar a Anistia, que o povo brasileiro ia conquistar a Anistia. O movimento aqui estava se fortalecendo cada vez mais! Havia muita manifestação, de diversos setores da sociedade, pela abertura e conseqüentemente redemocratização do País. A Anistia política. Então, já dava pra gente ter essa certeza. E comigo aconteceu assim. Lá fora, por exemplo, eu participava de tudo quanto era ato de Anistia! Ou seja, na Bélgica, na Alemanha, na França, havia os comitês espalhados por tudo quanto é país! Comitês europeus. Aí convidavam a gente pra ir falar, para ir dar palestra, para participar de conferências. Então, eu estava participando de tudo quanto era isso! A gente estava bastante sintonizado com as informações daqui do Brasil... Eu voltei antes da Anistia, né? Voltei. Ainda não tinha sido assinada a Anistia. Voltei quando caiu o Decreto de Banimento, porque quem saiu em função de seqüestro era banido do país! Conseqüentemente, você era considerado um morto civil, você não existia pro país. Você não existia!... Quando caiu o Banimento, quando caiu o Banimento, os contatos que eu tinha, um deles era o Edbaldo Piveta, que participava do Movimento da Anistia e era meu advogado. Conversei com ele por telefone, ele me ligou, estava junto com a minha mãe... Ele e minha mãe me ligaram, e ele falou: “Olha, tem uma corrente de opinião aqui, da qual eu faço parte, de que você, como uma pessoa conhecida, um dos banidos mais conhecidos, devia

voltar!”. Eu ainda brinquei com ele: “Boi de piranha?”. Ele pegou e falou assim: “Mais ou menos isso”!! Entendeu? “Você volta, vão te prender, porque você não foi Anistiado. Você tem os processos todos aqui. Vão te prender, mas o movimento segura! Vai ter uma manifestação e isso aí vai ajudar! Ajudar a fazer o movimento aqui, fortalecer o movimento aqui! O movimento está precisando de uma coisa assim! De um fato como esse! Então, você seria o primeiro banido a voltar!”.

Eu concordei, não é? Concordei. E, a partir daí, comecei já a resolver as minhas coisas... É que tinha um monte, era presidente da Casa Latino-Americana, que foi um movimento que nós criamos lá na Bélgica. Fui fundador da Casa Latino-Americana, um monte de coisas que eu estava vinculado. “Eu só preciso de um ‘timezinho’”... E foi o quê? Uns quinze dias, mais ou menos, eu resolvi tudo! Ajeitei as minhas coisas e voltei! E sabia que ia ter manifestação, que ia ter bastante gente me esperando. Para a minha mãe, falei assim: “Eu quero uma banda de música na nossa volta.”!! Né?! “E aquela churrascada e tal, não sei o quê”!... E, não deu outra, né? Quando eu cheguei, me fizeram descer lá em Campinhas, em Viracopos! Me fizeram descer em Viracopos, em vez de descer aqui em São Paulo, para dificultar o deslocamento de pessoas. Assim mesmo, tinha umas cinco mil pessoas lá na minha chegada! Eu cheguei cedo, cedinho... Foi no dia 26 de maio! De 1979. 26 de maio de 79! Cheguei cedinho, às seis horas da manhã, nesses vôos que chegam de manhãzinha da Europa. E... me prenderam!! No aeroporto. Fiquei sendo interrogado lá! Me separaram da mulher e da criança! Estava com filho pequeno. Meu filho, nessa época, tinha quatro pra cinco anos, né? E, bom, fiquei sendo interrogado lá! O tempo todo!

Sabia que estava cheio de gente lá fora! Sabia que estava cheio de gente lá fora! Eles deixaram o Edibaldo e minha mãe ficar comigo, não na hora do interrogatório, mas num momento lá eles deixaram. Ficar comigo. E eu sabia o que estava se passando lá fora! Eles queriam esvaziar... Então, teve um momento que um dos caras que estavam me interrogando disse: “Olha, tem uma proposta aqui pra você: a gente para com o interrogatório. A gente tira você pelos fundos. Você sai pelos fundos, e a gente te leva até Osasco. Te deixa lá em Osasco. Mas você não sai pela frente. Que aí ter tumulto, vai ter problema”. Eu peguei e falei: “Não! Nem amarrado vocês me tiram daqui pela porta dos fundos! Eu vou sair pela frente!! Se quiser continuar o interrogatório, o problema é de vocês, ué?! Uma hora eu saio, vocês vão ter que me liberar. Eu não saio pelos fundos, não!”. Bom, eu sei que à noite, sei lá, oito ou nove horas da noite, é que eles me liberaram! E eu saí. Estava cheio lá fora. Fiz um discurso, me botaram em cima de um... Me botaram em cima dum carro pra falar. Fiz um discurso lá pro povo, e depois nós fomos para Osasco.

Chegou em Osasco, foi aquela festa! Todo mundo lá esperando! Maior festa na rua!! No quintal, lá da minha casa! Banda de música! Entendeu? Foi noite adentro esse negócio!! Então, é uma tremenda de uma emoção a gente, depois de dez anos fora, reencontrar os amigos. Reencontrar! Encontrar os familiares, reencontrar os companheiros, não é? E estar na sua terra, na terra em que você nasceu, no bairro em que você nasceu! Foi uma emoção muito forte. Muito forte! E é uma coisa que você nunca mais vai esquecer. Esse momento! Foi o momento que eu esperei durante dez anos lá, pra... pra acontecer! E de repente você está ali! Com os seus!! Estar no meio de todo mundo! Isso aí foi, realmente, assim, do ponto de vista pessoal, uma coisa muito, muito forte, muito emocionante!!

E, do ponto de vista político, você saber que estava ali porque... Entendeu?! Houve vitórias, houve conquistas! O movimento social no Brasil conquistou, conquistou a Democracia, conquistou a Abertura! Já estavam a um passo da Anistia. Afinal de contas, o fato de eu estar ali, de eu estar ali... Até teve um quadro do

programa Jô Soares na época, aquele negócio de “põe o tubo, tira o tubo”, tal, aí o cara chega e diz: “Ó, vou te dar uma notícia: o Zé Ibrahim voltou!”. Aí ele fala: “Tira o tubo”!! Então, foi uma coisa assim, mas ali foi um passo importante. Um passo importante.

Ah! Eu segui em frente! Eu segui! Curti um pouquinho só minha família, e aí, cachaçaria com os amigos!! Relembrando os velhos tempos, contando história... Logo em seguida eu já estava, de novo, no movimento, já me juntei com o pessoal em torno do que eles chamavam de sindicato, sindicalista autêntico, do Lula, Jacob Bitar, e outros. Esse pessoal já estava pensando na montagem de um partido. Aí eu me juntei com eles, trabalhamos junto. Eu fui um dos fundadores do PT, fui o primeiro Secretário Nacional, Secretário Nacional do Partido. O Lula foi o primeiro Presidente. Fui o primeiro Secretário. Batalhamos aí na montagem do Partido em nível Nacional. A gente veio a fundar a CUT também. Então, esse período foi muito efervescente, de muita atividade. Muita criatividade, acontecendo coisas todos os dias. A gente tinha coisas todos os dias.

Aquele período foi um período muito especial da situação político brasileira! É... A gente tem que ver, se situar nos anos, por exemplo, 1966, 1967 e 1968. No ano da Manifestação dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em protesto à morte do Edson Luis. Em Osasco, nós fizemos uma tremenda manifestação também! Em função disso, se juntou nosso sindicato, o sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, a Oposição Metalúrgica. A militância operária se juntou com o movimento secundarista estudantil, para ir pras ruas protestar. Não é? Afinal de contas, aquilo tem um significado de luta pela liberdade, pela democracia!

Então, nós juntamos forças ali. Foi muito importante essa manifestação! Depois teve todo um movimento do MIA, quase não falei muito, mas era um Movimento Inter-Sindical Anti-Arrocho, que teve um papel importante, que desembocou na organização do Primeiro de Maio de 68, na Praça da Sé. Foi uma outra grande manifestação, mais de vinte mil pessoas na Praça da Sé, ocupando a Praça, protestando contra a Ditadura! Expulsamos o governador e as autoridades que estavam lá! Eu era o terceiro orador inscrito pra falar, mas não subi no palanque para falar, porque nós íamos derrubar o palanque. Derrubamos o palanque! Fizemos passeata pela cidade no dia 1º de maio, botamos fogo no palanque. Toda uma simbologia contra a Ditadura! Naquele momento o palanque significava o palanque da ditadura, né? E nós viramos a mesa!! E aquilo ali desembocou na Greve de Osasco! Foi tudo um desencadear de coisas que levou até greve. Então, aquele foi um momento importante de contestação, de resistência à Ditadura Militar!

E a luta continuou! Veio dar na Anistia, na redemocratização!! Então, eu sempre falo: “Olha, se não houvesse 64, se não houvesse todo o período até 64, que o movimento sindical acumulou força, acumulou experiência, não tinha havido a greve de Osasco de 1968. E, se não houvesse a greve de Osasco de 1968, não haveria 1978 em São Bernardo. E assim por diante”... Quer dizer, ninguém inventou a roda. É um desencadear, é um processo! De luta, de acumulação de força, de experiências! Além do que vamos aprendendo e, vamos avançando nas nossas conquistas.

Passei uns bons tempos perdido, no ar... Fui marcado com isso até hoje... Eu era um menino de Presidente Altino e daí fui pro mundo!... Quando teve aquele movimento eu deixei de ser alguém normal e virei outra coisa e vou carregar essa experiência pra sempre!... É como o Cândido, que foi embora lá pra São José, se esconder num cantinho, e depois caiu na vida sindical de novo. Não tem jeito, não tem como fugir. Eu vou carregar o que eu me tornei pra sempre.

Então, eu acho que hoje, olhando um pouco essas experiências, nós tínhamos que tirar algumas lições! Na minha opinião, o movimento sindical brasileiro está acomodado, está parado. Entrou numa roda de vício, que eu acho que tem que ser superado. Nós temos muitas coisas, muitas conquistas pela frente. E conquistas que nós já estávamos brigando lá atrás, que não conseguimos ainda. A verdadeira liberdade sindical, o verdadeiro direito de se organizar dentro das empresas. Quer dizer, não se fala mais em comissão de fábrica. Nem em Osasco mesmo se fala mais de comissão de fábrica! Foi uma experiência que nós tivemos lá! Uma experiência importante! Não é? Então, tem uma série de questões aí, que são desafios que continuam na atualidade.

Penso que é necessária uma reflexão, de toda a esquerda no Brasil, uma reflexão do movimento sindical operário, sobre esse desafio que nós temos aí pela frente, porque ainda temos que avançar muito!... Se conquistou, se avançou bastante, mas tem muita coisa que nós temos ainda que continuar brigando, ou seja, a luta não acabou! É isso que eu penso. Refletindo sobre a nossa experiência do passado. Tem muitas coisas importantes que nós fizemos, naquela época, e que acho que estão, na atualidade, desafios pra gente continuar refletindo. É isso!

ANTONIO ROBERTO ESPINOSA

Nisso tudo, não devo satisfações a ninguém. Eu não devo nada a ninguém. Eu adquiri a minha liberdade de pensar com a minha própria vida, com meu próprio esforço!

Meu nome é Antonio Roberto Espinosa, nasci em Osasco há 58 anos, sou jornalista. Recentemente fiz Pós Graduação e cursei Doutorado em Relações Internacionais. Fui dono do Jornal Primeira Hora, trabalhei vários anos na Editora Abril.

Minha formação foi em Osasco. Aqui participei dos movimentos estudantis e operários da década de 1960, inclusive a organização da greve de 1968. Em seguida, participei também dos movimentos guerrilheiros de luta armada: fui da VPR, da Val-Palmes. Acabei sendo preso no Rio de Janeiro. Fui preso político durante quatro anos, e por isso, sou também um anistiado político.

Na década de 60, eu estava lá, certo? Era simultaneamente estudante e operário. Fiz o ginásio e o colégio no Ceneart, como acontecia com quase todo mundo. Aos 14 anos fui trabalhar em fábrica. Fiquei seis meses na Cerâmica Hervy, depois acabei indo pra Cobrasma, onde fui Office-Boy, da seção de Forjaria, da Fundação. Acabei trabalhando no Laboratório de Areia, no Depósito de modelos e fiquei lá, praticamente seis anos. Só saí em 1965-66, pra servir o Exército, onde fui soldado no 2º Gecam 90.

Saindo do quartel, voltei pra Cobrasma e fiz o cursinho pré-vestibular no Grêmio. Fiz o vestibular no final de 1966, entrei na USP, cursei o primeiro ano e, no final de 1967-68, dei aulas de Filosofia, inclusive no Colégio Fernão Dias.

Quando fui pra Cobrasma, não queria fazer política, mas tinha que ganhar um salário mínimo, e, enfim, sustentar meus pequenos vícios, como comprar meus livros... Osasco tinha uma coisa particular, que um monte de gente tenta explicar: por que só em Osasco e em Contagem, Minas Gerais, aconteceram movimentos populares durante este período? Osasco tinha tudo que as outras cidades tinham, a Ação Católica Operária, os movimentos como a Frente Nacional do Trabalho. Em todos esses lugares havia operários de origem cristã ou comunista, que gostariam de fazer movimentos de massa.

Como em todas as cidades, também havia estudantes de colégio, universitários. A escola era um lugar em que você entrava em contato com idéias novas, novas teorias, uma nova visão de mundo; e a fábrica era um lugar onde ganhava-se dinheiro!

A diferença entre Osasco e outras cidades, é que aqui o Golpe de 64 não tinha ido até as últimas consequências. Entendeu? Não tinha varrido os últimos bolsões de resistência. Em Osasco, diferentemente de outras cidades, era um local mais circunscrito: naquela época, você ia pra Cobrasma e de lá ia pro Ceneart... Isso para quem conseguia chegar no colegial... Nos colégios, que aqui eram coisa recente, estudavam pessoas de várias gerações. Então havia numa mesma sala de aula pessoas de quatorze ou quinze anos, o que era o meu caso e o do Ibrahim, estudando junto com o 2º Sargento do Exército, que já estava perto dos 40 anos de idade. Numa mesma sala de aula! Você tinha contato com vários tipos de experiência, entrava em contato com novas idéias. Inclusive, ideais socialistas, ideias contrárias ao Golpe Militar, e a fábrica era um local para onde se levava isso, que podia dar concretude as essas ideias. Neste sentido acho que Osasco se diferenciava de outras cidades e, sobretudo, dentro da Cobrasma, porque era uma empresa metalúrgica, que exigia dos seus funcionários o grau de escolaridade um pouco mais alto, precisava de gente um pouco mais escolarizada e, ao mesmo tempo, procurava economizar! Gente mais escolarizada pagando menos!

Os estudantes menores de idade ganhavam, na época, o salário mínimo de “menor”, que equivalia à metade do salário mínimo oficial do País. Então, era uma maneira da Cobrasma ter funcionários mais baratos e mais aptos nas funções que uma metalúrgica exigia. Isso também é um dado particular da Cobrasma, a maior fábrica da cidade, como uma caixa de ressonância da indústria, do movimento operário...

Enfim, esses dados fizeram com que em Osasco, fenômenos que existiam no Brasil inteiro se cruzassem! Se cruzassem e gerassem um fenômeno novo, a organização da greve. A própria geografia de Osasco facilitou para que aqui acontecessem esses movimentos todos.

No meio disso, eu fazia duas coisas naturais pra uma pessoa da minha idade, na época: estudava e trabalhava; precisava ganhar a vida! E Osasco desempenhava esse papel, era um local em que a Ditadura não tinha se implantado completamente. Havia soldados, resquícios anteriores, e funcionava como uma espécie de caixa de ressonância.

Então, todas essas coisas aconteceram com a mais absoluta naturalidade!... Osasco não tinha lideranças especiais, nada disso! E o que eu acho que a diferenciou de outras cidades foi exatamente esse fenômeno do operário que era estudante! Ou do garoto que estudava à noite e durante o dia ia trabalhar. Primeiro, esses garotos não tinham responsabilidade familiar, não tinham filhos pra sustentar, família, enfim, não eram chefes de família. Eram filhos de família e, portanto, podiam correr riscos! Além disso, entraram em contato com essas idéias novas, tinham mais facilidade e condições pra se revoltar contra a Ditadura, contra o Golpe. Então, esses garotos acabaram puxando um movimento de resistência que arrastou atrás de si, inclusive, as pessoas mais experientes, que tinham mais tradição de luta.

Se em Osasco não houvesse os garotos que eram office-boys, auxiliares, aprendizes durante o dia, e à noite estudantes do Curso Clássico, o que era meu caso; ou do Curso Científico, como era o caso do Ibrahim, no Ceneart, não teria acontecido esse movimento! Somente o pessoal da Frente Nacional do Trabalho não teria feito essa greve! Não teriam tido a ousadia pra fazê-la! O pessoal do Partidão, que tinha sido ou que era do Partidão, também não! Porque não fizeram em outros lugares!! Sequer era a linha do Partido! Também não era a linha da Frente Nacional do Trabalho fazer a greve! A linha da FNT era mais assistencialista, que se opunha ao Partido Comunista. O que houve de diferente é isso! Eu tinha, na época, dezesseis ou dezessete anos. Na greve, estava com dezenove e já não estava na Cobrasma. Saí com dezoito e continuei ligado ao movimento. O Ibrahim foi eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos em 1967, com 19 anos de idade, muito jovem...

Eu havia falado antes que havia “soldados resquícios” em Osasco. “Soldados resquícios”! Como em outros lugares, a repressão, a direita e os golpistas se encarregaram de abrir o caminho para oprimir tudo isso. Os antigos dirigentes sindicais, os antigos dirigentes operários, que eram comunistas, acabaram sendo cassados ou afastados dos seus cargos ou estavam atemorizados! Isso abriu espaço pra que surgisse uma liderança nova, que poderia ser ocupada pelos operários que pertenciam à Frente Nacional do Trabalho, anti-comunistas cristãos! Mas eles também eram pouco experientes! A experiência que tinham de vida sindical era derivada da do Partido Comunista, estavam meio receosos.

Então, tinha um espaço vazio! Esse espaço acabou sendo preenchido pelos garotos! E foi aberto pela Ditadura! Ela chegou, varreu, tirou as pessoas do caminho! Ficou um espaço vazio que a Frente poderia ter ocupado, mas vacilava e acabou sendo ocupado pelos garotos!... Eu tinha dezenove anos! O Ibrahim tinha dezessete e foi

participar da Comissão de Fábrica da Cobrasma! Aliás, a primeira comissão que ele participou.

O Groff, mais velho, participava dessa Comissão. Se não me engano, foi o Presidente. Agora, o Ibrahim, com dezessete anos! Foi Secretário Geral da Comissão! Por quê? Porque ele estava fazendo o Primeiro Científico! Tinha um grau de escolaridade, um “domínio da caneta” que os outros não tinham! Por esse motivo! Não que ele tivesse uma grande liderança operária! Era até impossível aos dezessete anos de idade alguém ser isso tudo!

A escolaridade nos ajudou a ocupar esse espaço. Apesar de tudo, a década de 60 começava a ser época de modernidade, de modernização, em que o grau de alfabetização, o grau de escolaridade começava a contar.

Então, há uma limpeza de velhos, de direções e uma juventude surgindo com vontade, com determinação. E que, além disso, dominava as quatro operações aritméticas! Isso é uma diferença enorme!!

Foi nessas condições particulares de Osasco que aconteceu... A década de 60, no geral, e não foi só no Brasil, foi no mundo inteiro, foi uma época de ascensão da juventude! Foi um momento, logo depois do Lenon, né? Ele dizia que não confiava em ninguém, que não se devia confiar em ninguém com mais de 30 anos... É um período de ascensão da juventude. É um período de luta de gerações!

Osasco juntou tudo isso: luta de gerações, um movimento estudantil ascendente e o esvaziamento de lideranças. Agora, a gente não se sentia moleque não! A gente se sentia adulto pra caramba! A gente achava que sabia tudo! Nós éramos moleques muito metidos a besta!!

Sentíamos que éramos “Os Revolucionários”! Os velhos é que estavam por fora, que tinham afinado. A nossa missão era transformar o mundo! Era uma geração arrogante!

Antes da greve, fizemos toda uma preparação! Surgiu a Comissão de Fábrica da Cobrasma, isso em 65-66, em que o Groff foi o primeiro presidente e o Ibrahim o secretário. Na segunda Comissão, o Ibrahim já foi o presidente, estava com 17 pra 18 anos. Isso vinha um pouco da cultura da Cobrasma, pois era uma maneira da Família Vidigal, dona da empresa, enfrentar o sindicato: criar uma Comissão de Fábrica! Eles queriam arregimentar os funcionários para a gestão da Empresa e, ao mesmo tempo, esvaziar o sindicato que tinha provocado prejuízos sérios dentro da Cobrasma. A Comissão tinha um pouco esse direcionamento: obter maior solidariedade dos empregados com os patrões... É mais um dado específico de Osasco, que junta com aqueles anteriores.

Enquanto isso ocorria, eu estava lá na Cobrasma. Quando foi eleita a primeira Comissão eu não estava. Aliás, servi no GECAM com o Barreto! Eu servia na 4ª Bateria e o Barreto servia na 1ª Bateria. O comandante da minha Bateria era um capitão chamado Belonio de Arruda Albernês que viria depois a ser um dos principais torturadores da Operação Bandeirantes. Bom!

O Golpe foi em 1964, eu entrei na corporação em 1965. Lá eles não tinham a preocupação de “fazer a cabeça” dos soldados, mas procuravam justificar o Golpe como uma recuperação das noções de bom comportamento, da família cristã, contra os comunistas, desagregadores da família... Mas a gente também não levava esse negócio muito a sério!...

Para mim, pelo menos, a disciplina militar era uma coisa muito chocante: esse negócio de acordar às seis da manhã, cinco minutos pra cento e vinte homens tomarem banho e, estarem vestidos, em forma e posição de sentido! “Um, dois, um, dois”, aquela coisa disciplinada, violenta, os mecanismos pra quebrar a resistência, pra subordinação,

criar a noção de disciplina no soldado... “Quer xingar? Xinga a mãe”, não sei o quê... Essas coisas pra mim eram muito chocantes, desagradáveis! Eu me insurgia contra isso! Me insurgia contra isso; acabei até pegando umas punições no quartel, porque não tolerava esse tipo de coisa! E o discurso que eles faziam da moralidade cristã?! E a prática que era tratar o soldado na base do palavrão, obrigando, sabe, a “pagar”? Pagar na flexão de braço, castigos físicos, então, era uma contradição pra mim! Tão evidente! Que funcionava ao contrário!

Foi no quartel que me senti, pela primeira vez, uma pessoa rebelde! Não era nem comunista, nada! Nem socialista! Me sentia uma pessoa rebelde! “Não gosto disso! Não gosto dessa disciplina! Não gosto de farda!”. E, frequentemente, nós ficávamos de prontidão, porque surgiam boatos de que haveria uma resistência, que tinha surgido no Rio Grande do Sul ou no Paraná. E quando acontecia isso, prontidão! Os soldados ficavam retidos no quartel, à disposição! Você, inclusive, dormia fardado com o fuzil do lado! E os motores dos caminhões, os tratores... Eu pilotava um trator chamado M4, que tem gente que acha que é um tanque de guerra. Na verdade, ele tem aquela metralhadora encima, mas a função do M4 é puxar o canhão! Era. Hoje é diferente o Exército. Puxar o canhão de 90 milímetros. Esses motores permaneciam, durante a prontidão, semi aquecidos. Se fosse necessário o deslocamento de tropas, em minutos, a tropa estaria pronta!

Em 64 aconteceu um fato curioso... Até ali, eles preferiam soldados que vinham do Interior, de baixa escolaridade. Quem se apresentava pra servir com Curso Colegial ou terminando, costumava ser dispensado! Eles preferiam meninos que vinham mais do Interior. Agora, em 1964 foram cassados! Muitos oficiais, tenentes, capitães e sargentos, foram cassados. Em 1965 havia uma falta de quadros considerável no Exército. Então, o que fizeram? Ao contrário do que acontecia antes, que dispensavam os soldados de maior escolaridade, incorporaram esses garotos.

Dei um serviço de plantão do dia, que era tomar conta da bateria, ficar acordado de noite e tal. Meu segundo serviço já foi como Cabo, de dia! Nem sabia marchar. O terceiro ou o quarto serviço já foi de Sargento de dia. Embora fosse soldado, recruta. Não só eu. Queriam soldados, que eram recrutas, mas que estavam fazendo Colégio. A gente era colega do Ceneart, de Cobrasma... O Barreto não era da Cobrasma, trabalhava na Brow Boveri, mas entrou na Cobrasma em seguida, e o Barreto. O Barreto era muito, muito CDF, muito “Caxias”. A gente dizia que ele estava sempre de fardinha engomadinha, o coturno brilhante, o cinto limpo com Kaol, brilhando. No começo, a gente não confiava muito nele, né? Embora ele já fosse um cara divertido, no Quartel ele era durão!

Nós chegamos a montar um grupo, em várias baterias, que desertaria se de fato houvesse um deslocamento de tropas pro Paraná, como estavam dizendo... Enfim, se a gente teria coragem ou organização pra fazer são outros quinhentos, mas pelo menos uns dez ou doze, nós estávamos conversados que faríamos: dois motoristas que dirigiam aqueles caminhões, a nossa idéia era pegar as armas possíveis e ir pro outro lado!

No meu caso, queria não porque fosse de esquerda, não era ainda, mas somente porque estava naquela disciplina militar. Do lado que esses caras estiverem, eu vou estar do outro! Era só por isso! Enquanto fazia o Exército, foi dentro, a partir da disciplina deles que aprendi a descobrir, a gostar do meu sentimento de rebeldia e, dentro do Ceneart, porque não deixei a escola, fazendo o Curso Clássico, convivi com pessoas mais velhas, como Anderson Clayton. Nós fizemos até o terceiro ginásio juntos, depois ele ficou na terceira série e, eu segui.

Fui da quarta série ginásial B, em 1963, essa quarta série B. O Orlando Miranda pertencia a ela, os “obscuros heróis de Capricórnio” eram a minha classe essa. Terminada a quarta B, fui pro Primeiro Clássico, que tinha sido inventado no Ceneart, no ano anterior. Nessa quarta B estavam o Miranda, o Paulinho Machado, o Zé Antonio Murro, uma turma que acabou ficando conhecida na história do Ceneart. O Miranda, o Paulinho Machado foram da turma do Anderson Clayton, do Partidão, e era um pessoal cheio das verdades, né? Um pessoal muito arrogante, os caras do Partidão, qualquer um era “Lênin na cabeça”, “Marx na cabeça”, né? Era um pouquinho mais velho do que a gente.

Enquanto eu estava fazendo o Serviço Militar, em função das discussões dentro do Ceneart, resolvi saber quem era esse tal de Marx, afinal! Fui ler o “Salário, Preço e Lucro”, o “Manifesto Comunista”, que são livrinhos desse tamanhinho, de 60-70 páginas. Falei: “Pô, não é que esse cara fala negócios que são legais?! É isso mesmo! Só que esse pessoal que se diz marxista não conhece!”. Então, dentro do Segundo Clássico a gente começou a brigar com o Miranda, com esse pessoal que vinha do Partidão, mas já de um ponto de vista, “marxista”, que a gente tinha lido e achava que eles ou não tinham lido ou tinham lido mal.

Bom, porque estou dizendo isso? Na Cobrasma havia a Comissão de Fábrica; no Ceneart, o movimento estudantil tinha se destruído, tinham acabado a UEE, a UEO, com o Decreto Lei 477. No Ceneart, embora a gente ainda estivesse no quartel, começou haver uma agitação para a formação de uma Associação do Curso Clássico. No início queriam fazer um clube, que se chamaria Clube Líbero Cultural Mário de Andrade. E, quem puxava essa organização era o Miranda, o Paulinho Machado. O Paulinho Machado escreveu um livro: “Memórias do Futuro” e, morreu muito cedo! Ele era daqui de Osasco, filho de um Coronel do Exército, era um cara brilhante, escrevia muito bem, mas quatro ou cinco anos depois disso, acabou se suicidando...

Formaram-se duas tendências: uma que queria criar esse Centro Líbero Cultural, e outra que pretendia organizar uma Associação do Curso Clássico. Essa Associação do Curso Clássico foi a ideia que acabou rolando e acabei sendo eleito presidente da primeira diretoria dessa Associação. Essa Associação fez exposições de quadros, salões de artes plásticas, tinha um monte de coisa!

Estou dizendo isso para mostrar que antes de 1968, antes da greve, você tinha na Cobrasma, a Comissão de Fábrica; no Ceneart essa Associação do Curso Clássico. Essa Associação acabou se mobilizando e acabou provocando o ressurgimento do grêmio do Ceneart, ainda livre. A partir disso, foram organizados grêmios em outros colégios e, em 1966, foi organizado o Círculo de Estudantes de Osasco, CEO. Tudo isso em 66! Nesse ano, ainda, foram feitas as passeatas de rua, o protesto contra a repressão a estudantes em São Paulo, vários enfrentamentos!

Mesmo operários insatisfeitos com a situação do País acabavam participando das passeatas dos estudantes, porque queriam protestar! Quem tava indo pras ruas eram os estudantes e eles queriam ir junto! Só que esses estudantes que faziam esse movimento a partir do Ceneart, que organizavam grêmio, etc., também trabalhavam na Cobrasma! Também trabalhavam na Cobrasma! Na Cobrasma, também faziam parte da Comissão de Fábrica!

Era todo um movimento! Em 1967, tudo isso acabou levando a constituição de uma chapa pra disputar o Sindicato dos Metalúrgicos, porque o Sindicato tinha sofrido uma intervenção em 1964, depois tinha sido colocada uma direção mais ou menos legitimada, com o Henos Amorina. O peleguismo, na época, era representada pelo Henos, pra gente! Nós cansamos de chamar o Henos de pelego! Até hoje ele não nos

perdoa por isso! Até hoje o cara é meio magoado, não gosta muito do Ibrahim, e tal. Isso vem de quarenta anos atrás!

Nós lançamos uma chapa com os pelegos! Que era a Chapa Verde! As chapas, na época, tinham cores, e você sabia qual era a filiação política da chapa a partir da cor! Então, se não me engano, as chapas de situação costumavam ser azuis, as chapas de oposição eram as verdes. Aí, se tivessem mais chapas, tinha amarela, marrom, as outras de oposições.

Eu saí no final de 1966 pra fazer o Cursinho. Mas eu participei da montagem da Chapa em 1967, a Chapa Verde, com Ibrahim na presidência! O Roque fazia parte da diretoria! O Barreto não fazia parte da Chapa. Aí, já era um apoiador! Já tinha saído do Quartel. Nas outras empresas a gente perdeu a eleição, ou praticamente empatou, mas na Cobrasma a gente conseguiu uma maioria tão significativa que a Chapa Verde conquistou o Sindicato. Nós tivemos também participação nas eleições de 66! Lançamos candidatos! Tínhamos um candidato preferencial a vereador, que era o Pedro Proskorsim, que tinha sido do Partidão e se elegeu vereador. Apoiamos de maneira não preferencial dois outros Candidatos, Silvio Vieira dos Santos, que também tinha tido uma participação pequena no Partidão, que foi eleito também!

Quando não aceitavam os nossos dois principais candidatos, tentávamos empurrar um terceiro, que tinha sido candidato a presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, por uma das chapas de oposição que era a Chapa Amarela. Era um bancário chamado Saburo Natsubara. Saburo é o fundador e o dono do Colégio Fernão Dias. E o Saburo também se elegeu! A Câmara tinha, se não me engano, 21 vereadores, na época, e nós elegemos, como bancada nossa, três! Pra começar!! Pra quem era pela luta armada e não pelo embate parlamentar, tava de bom tamanho!!

Na eleição de 1966, nós acabamos, meio a contra gosto, decidindo por uma posição dúbia, que era o de anular o voto no plano nacional, o que nós pregamos em palanque, e de votar no plano local no candidato à prefeito do MDB, que é o Guaçu, que acabou se elegendo em Osasco. Eu, por exemplo, fui indicado por essa corrente pra falar no discurso do Jardim D'Abril, quando veio o Mário Covas aqui, ainda não tinha sido cassado e era do MDB. Ali estava o Mário Covas, ali estava eu, defendendo o voto nulo no plano nacional na frente do palanque, debaixo da Ditadura, e voto local no Guaçu e nos nossos candidatos a vereador. Acho que o Mário Covas não deve ter gostado dessa posição, na época, né? Mas, enfim, era o momento...

Pelo fato de ter eleito esses candidatos indicados por nós, o Guaçu procurou nos colocar dentro do governo dele, procurou governar conosco, e a maior parte de nós não aceitou participar. Eu não aceitei, o Valdir Ferreira que, era aqui nosso vizinho, não aceitou, mas outros companheiros acabaram participando. Nós não éramos um partido também, quer dizer, cada um fazia conforme um gosto, meio anarquista, na prática, não na teoria, porque na teoria a gente pegava a “sinistra”.

Então, o Roque foi funcionário da Prefeitura, nessa época, no cargo de comissão, foi nomeado acessor estudantil do Guaçu, e o Zé Ferreira Batista, que era da Frente Nacional do Trabalho, foi nomeado acessor para assuntos operários, e vários outros companheiros foram trabalhar em diversos lugares na Prefeitura. Isso acabou colocando uma pequena diferença entre a gente, entre nós, porque depois eles continuaram na Prefeitura, e os mais jovens foram pra luta armada. Eles acabaram fazendo uma carreira política, enfim, ligados ao Guaçu, e a gente foi fazer uma carreira nas “câmaras de conversas afáveis” da Ditadura, né?

Até chegar 1968, tem ao longo desse tempo, as campanhas salariais, em novembro, que a gente não conseguiu preparar como devia. Formamos o Movimento Intersindical Anti-Arrocho, o MIA. Era o movimento que tinha direções sindicais,

também oposições sindicais... Hoje acabou, não existe mais... Hoje os Sindicatos vigoram em regime da chapa única.

Engraçado! Na época da Ditadura, sempre houve oposições sindicais, sempre houve vida democrática dentro dos sindicatos e, depois, com a redemocratização, deixou de haver vida democrática dentro dos sindicatos. Os sindicatos, hoje, vivem sob a ditadura da chapa única!

Mas no MIA tinha diretoria de alguns sindicatos, oposições sindicais e, no MIA, Osasco acabou assumindo um papel de vanguarda, acabou assumindo um papel de referência pra todas as oposições sindicais. Então, a palavra de ordem dos 35%, acho que o Roque tem falado bastante sobre isso... Aliás, o Ibrahim tem mais na memória, melhor pra isso do que eu! Mas era todo um movimento que Osasco acabou caindo na “boca do povo”!

Era uma referência para as oposições sindicais que vinham aqui em busca de liderança, de orientação ou, pelo menos, de apoio material, local pra se reunir, pra fazer panfleto, porque era o único lugar em que havia uma chapa de oposição no poder, e Osasco acabou servindo, também de referência pras esquerdas, que tinham sido golpeadas em 1964! Todas as entidades ceifadas, destruídas!

Em Osasco, uma chapa de oposição, de esquerda, uma molecada “porra louca” pra caramba, com um discurso radicalizado! Osasco virou uma espécie de Meca, todo mundo ficava olhando pra cá! Então, havia essa expectativa, um estado, uma posição sindical, um movimento estudantil, em relação a Osasco! É nesse clima que você chega à greve!

Bom, eu dentro disso... Fui fazer vestibular, entrei na USP, inclusive disputei e perdi uma eleição pro Centro de Filosofia, mas conservei a minha militância principal em Osasco, apoiando a Chapa Verde. Eu sempre fui condenado a isso! Osasco me condenou a isso! A escrever! E acabava sendo o redator das coisas, o relator do jornalzinho, do programa da Chapa, enfim, sempre que tinha que pegar a caneta ou mimeógrafo, lá estava eu incumbido da tarefa, né? Então, esse tempo todo eu fazia isso...

Final de 1967, começo de 1968, com o País se radicalizando, movimentos estudantis e a esquerda querendo ganhar Osasco... A esquerda inteira veio pra Osasco! Todas! AP, trotskistas... Todo mundo querendo nos ganhar, porque aqui tinha movimento operário. Todos eles tinha uma linha para o movimento operário, queriam nos ensinar como fazer e a gente não queria aprender com eles!

Nós, do Grupo de Osasco, não éramos um Partido, era um monte de gente que não tinha direção, aquele negócio mais ou menos... Quer dizer, se tinha alguma coisa pra decidir, que dissesse respeito a todo mundo, passeata, a turma dizia: “Ô, hoje, depois do Bar do Careca, onze e meia, vai ter uma reunião em tal lugar”. A gente saía da escola e ia lá no Careca, mesmo eu que estava na rua Maria Antonia, descia do ônibus, na rua Antonio Agu e, passava no bar do Careca. Dentro desse grupo tinha o “cara que escreve”, o outro que era o presidente do Sindicato, o Barreto, que na época estava dirigindo o CEO. Então, esses tinham quem estar necessariamente no Grupo de Osasco.

Todo mundo vinha pra cá pra falar com a gente! A Igreja mandava um monte de padre, os primeiros padres operários, todo mundo de olho na nossa alma e na nossa cabeça, né?

Todos tinham uma posição pro movimento operário e nós não aceitávamos a posição que eles tinham! Se eles tivessem tanta razão assim, se tivessem a linha tão correta, pô, eles já tinham feito muita coisa antes! Não teria havido o Golpe, eles teriam resistido ao Golpe! Ou, eles teriam feito um movimento próprio!

E, bem ou mal, nós tínhamos conquistado, sim! Conquistado todos os grêmios! E não sabendo de nada! Mas como eu era socrático, dizia: “Bom, eu não sei fazer esse negócio. A diferença é que eu não sei que sei que não sei fazer, e eles acham que sabem e não sabem. Portanto, eles sabem menos do que eu”!! E, então, a gente se opunha a essa tentativa de nos ganhar, de nos recrutar.

Por exemplo, a palavra de ordem. Havia certos panfletos que você não podia fazer pelo Sindicato. Você tinha que fazer à parte. Então esses panfletos, essas orientações de esquerda, levavam pra fazer. Na hora de escrever eu escrevia, porque eles não participavam de discussão nenhuma do Sindicato. E eu não era um quadro tradicional de esquerda, não escrevia como os antigos militantes de esquerda do Partidão, utilizava de linguagem mais épica! Os panfletos que a gente escreveu eram panfletos, assim, meio a cheirando romance: a gente buscava o drama, não gostava de palavra de ordem.

Aí, os “negos” levavam e pra eles isso era um absurdo! “Isso aqui não é um panfleto! “Panfleto começa: Companheiros! E acaba assim: O Povo na luta derruba a Ditadura e expulsa o Imperialismo!”. Exclamação!! Nós detestávamos isso! Nós queríamos comunicar! Eu achava que o romance comunicava melhor! Que a linguagem épica comunicava melhor! Então, sempre começava um romance, assim, contando um caso! “Ontem, na fábrica tal aconteceu tal coisa. São coisas desse tipo que denunciam o Regime, não sei o quê, não sei o quê!”. Aí, entendeu? É uma linguagem meio épica... Eu não guardava nada disso. Nem guardava! Nem guardava! Seria uma loucura guardar isso em casa! Mas, enfim, entregava esses panfletos pra rodar! Chegava alguns dias depois, eles traziam o panfleto. Mexiam no texto, tinham colocado do jeito deles, colocavam o título como eles achavam, colocavam palavra de ordem... Bom!

Então a gente, pura e simplesmente, não distribuía, jogava esse negócio fora e arrumava uma maneira de multiplicar o nosso! Fazia esse negócio em gelatina... Então, um dado é isso! A outra coisa era o seguinte: o cara vinha e dizia: “Vocês têm que fazer a greve!”, “Bom, claro que nós temos que fazer a greve! Agora, como é que faz a greve?”. Eles diziam: “Bota no panfleto”. E nós: “Mas, então, ela não vai sair! Não é assim que ela sai!”

Eles tinham uma análise da alta de classe, da análise de classes, né? Tanto é que, eles chegavam com suas palavras de ordem... Nós não estávamos preocupados com isso! A nossa preocupação era tirar essa massa da apatia em que estava. Por exemplo, todos os problemas vinham a nós... Havia, aqui no Jaguaré, uma Serralheria São Paulo. Os trabalhadores ficaram revoltadíssimos! Porque tocava o apito, o cara tinha que trabalhar na hora. Um certo dia, cara tinha comprado um sorvete, vinha chupando e tocou o apito. Ele estava longe da máquina... Aí, o chefe chegou nele, deu um tapa na mão e derrubou o sorvete no chão: “Vai trabalhar!”.

Bom, esse cara nos trouxe esse problema. Eles queriam fazer uma greve na Serralheria. E nas organizações tradicionais. Imagina! “Isso é besteira! Fazer a greve do sorvete!”. Não! Achamos que era o caso, que tinha uma questão de dignidade colocada, enfim, sobre a mesa! Aí, nós fomos lá, organizamos o grupo, tanto que eles fizeram lá! Uma Grevezinha! Não passou em branco! Para a esquerda tradicional, debaixo de uma ditadura: “Imagina, fazer uma greve por um sorvete! Aliás, já derreteu no chão”!

Outra situação, já no começo de 1968, quando a Ditadura começa a se organizar... Uma maneira de transferir a disciplina militar pras escolas, era a colocação do uniforme! Hoje, até a esquerda vê o uniforme como uma coisa boa, porque anula as diferenças, todo mundo fica igualmente feio!!

Enfim, ou igualmente bonito! Agora, pra gente, isso significava militarização! Então, nós resistimos contra o uniforme! Em pleno ano de 68, nós ousávamos fazer mobilização em cima de uma roupa! Em cima de um uniforme! Contra o uniforme! Contra aquelas batas brancas! E o diretor do Ceneart é meu vizinho hoje! Valter de Ciro Domenas! E aí, tinha um dia marcado! Dia tal! Ele tinha ordenado: “Ou vem todo mundo com uniforme ou não entra!”

Aí, nós fizemos uma mobilização para que, no dia tal, todo mundo se vestisse com trajes de gala, com trajes de roupa de festa de formatura! E foi todo mundo! Todo mundo!! Chegou no dia tal, estava todo mundo nas ruas, pelo menos os estudantes do Ceneart, de smoking, de longo! Na porta do Colégio! E o que faz o diretor? Não deixa entrar?! Tem que deixar!

Aí, de novo: “Amanhã, ou é uniforme ou não entra!”. Aí, desceram todos! A gente combinou todo mundo vestido de andrajos! Andrajos!! Como mendigos! Coisa de festa junina! No dia seguinte, todo mundo aos farrapos! Com calça rasgada! Um relaxo! De alpargata! Alpargata, naquela época, era relaxo! Não tinha tênis ainda! É! De alpargatas!! Enfim! Nesse ano ninguém entrou!

Então, eram lutas que a gente não tinha pejo de travar! Pelo sorvete, pelo uniforme! E, de escrever sobre elas! A esquerda tradicional tinha, como tem hoje, vergonha! “Imagine, isso é muito pequeno!”.

Para nós o que interessava era a mobilização. Não tínhamos essa formação tradicional de esquerda. Pra gente o que interessava era a mobilização: “Não bata na massa que dói na gente!”. Não importa se é Socialismo, se não é... Se isso é correto, se não é... Se estava nos manuais, se não estava...”. Era um negócio meio anarquista...

A gente não aceitava o que eles colocavam! Mas havia uma organização que estava voltada pra fazer a luta armada, pra fazer o foco guerrilheiro! Era uma organização Debraísta. Ou Guevarista... Que não tinha nome ainda! Algum tempo depois viria a se chamar VPR. Tinha uns caras daqui, que vinham, ajudavam! Se tinha panfleto pra rodar, eles levavam e traziam igualzinho! Iam distribuir junto! Não colocavam as palavras de ordem deles embaixo, nada!

Então, esse pessoal, exatamente por não ter uma posição pro movimento de massas, “porque não queremos ensinar nada!”, que colocava pra gente uma coisa nova, que era fazer a luta armada! Porque, assim como os militares tinham tomado o poder pela força, eles diziam que só seriam desalojados do poder também pela força! Isso era uma coisa que a gente entendia e concordava.

A vanguarda desse Grupo de Osasco, não todos, foi sendo ganha um a um! Não foi um negócio em grupo, pois não era um Grupo Leninista que decidia a maioria e a minoria! Eles foram ganhando um a um! O primeiro que eles ganharam foi o Barreto! O primeiro a virar militante da VPR! Eles pegaram de baixo pra cima. Os mais jovens pra cima. Dois ou três meses de idade de diferença já pesava nessa época. “Pegaram” o Barreto, “pegaram” o Roque! Depois “pegaram” a mim! O Neto! Manuel Dias Nascimento. O Neto, foi logo depois, foi depois da greve... Depois da greve não, foi durante a greve que o Neto foi “pego”. O Ibrahim na greve não era da VPR ainda! No primeiro de maio, o Barreto já era! Eu ainda não! Já sabia da VPR... Enfim! Nos ganharam!

No dia em que o Edson Luís morreu, em 1968, eu estava dando aula à noite! Em março, no Colégio Fernão Dias. Dava aula de Filosofia. Minhas aulas eram muito concorridas! Modéstia à parte! Porque eu discutia todos os temas possíveis: política, pílula, enfim, vinham os alunos de outras classes, vinha o pessoal do Ceneart assistir as minhas aulas. Eram discussões legais, boas! Aí, chegou o Valdir Gordinho - o Valdir Gordinho é o Valdir Ferreira - e entrou na classe, assim, me chamou do lado, meio

pálido, com uma cara assustada: “Você não sabe o que aconteceu!”. Eu perguntei: “O que foi, Valdir?”. “Mataram um estudante!”... Dava quase a palavra de ordem inteira, né? “Mataram um estudante”, como dizendo: “Podia ser seu filho!”.

Aí falei esse negócio pros alunos, na sala. Nesse mesmo dia, ele tinha sido morto à tarde. Estavam acontecendo assembleias em todos os pontos do Brasil... O CEO ficava aqui na rua Antonio Agu, logo depois da avenida Marechal Rondon, em cima de uma vidraçaria. E tinha uma assembleia do CEO e em outros lugares... Assembleias muito emocionadas... Era a primeira vítima estudantil! E se decidiu ali fazer a passeata, se não se engano, pro dia seguinte ou pro outro.

No Rio de Janeiro, com Vladimir Palmeira, houve a Passeata dos Cem Mil! Na cidade de São Paulo, sob a liderança do José Dirceu, ocorreu a passeata de treze mil estudantes! Aqui em Osasco, nós fizemos uma passeata de cinco mil pessoas! Comparativamente ao tamanho da população, acho que foi muito maior do que a de São Paulo, e maior também, não sei em que proporção, do que do Rio de Janeiro! Porque aqui era uma população de cento e quarenta mil pessoas! São Paulo tinha cinco ou seis milhões de habitantes e o Rio de Janeiro idem! Nesta passeata não foram só estudantes, havia muitos operários!

Ao montar o esquema da passeata em Osasco, houve a decisão de não “queimar” lideranças. Um pequeno número de lideranças falaria. Decidiu-se que fariam duas pessoas: primeiro era o Roque; a outra pessoa era eu. Eu não sei se o Roque falou isso e nós fomos os dois oradores, o tempo inteiro. A passeata subiu pela rua Primitiva Vianco, na contra-mão, depois desceu a rua Antonio Agu e terminou na frente do CEO. Então, em todo esse percurso, todas as vezes que ela parava, falávamos os dois; às vezes falava um, na outra falava o outro. Ninguém mais falou, nem o Barreto falou! Se era pra queimar que se queimassem menos pessoas, por causa da Ditadura.

Bom! Cansou, né? Toda hora que parava a passeata, tinha os dois pra falar, a voz ia acabando... No final da rua Primitiva, descendo pela avenida dos Autonomistas, onde é o prédio da Câmara hoje, na época ficava um parque infantil. Lá funcionava o Fórum, tinha uns pilares assim, dois pilares do portão de entrada... Aí, nós dois subimos ali e ao invés de fazer o discurso tradicional... a gente acabou, sem combinar, sem nada, fazendo um dueto: um falava um pedaço, o outro falava outro; não era um discurso, era um dueto!!

Só vou citar um trecho pra você ver como era, como a gente era uma Liderança não convencional... Eu disse: “Eles dizem que isso aqui é uma Casa de Justiça”... Aí, um gaiato, lá do meio da massa dizia assim: “...mas é um chiqueiro!”. Outros começavam a gritar: “É chiqueiro! É chiqueiro!”. Ao invés de fazer o discurso tradicional contra a Ditadura, entrei na deles: “É isso mesmo! É um chiqueiro! Isso aqui exala o fedor da Ditadura”!! Aí, o Roque acrescentou uma coisa a mais!... Os gaiatos iam interferindo, de sacanagem, de bronca, enfim, e a gente ia falando, quer dizer, era uma coisa interativa!

Eu nem lembro, mas é o negócio: pra um lado, transformava a platéia em co-orador, dava uma dinâmica ao movimento, incontrolável! Porque deixava de haver a distância entre o liderado e quem lidera!

Saindo dali, um líder, que já morreu, e outros identificam uns caras estranhos no meio da passeata. Aí, seguem os caras e tal, torcem o braço, pegam os documentos... Era um capitão do Exército!... Esse cara levou um cassete! E... Puta! Pra gente segurar, pra que não houvesse uma morte, foi um sufoco! Eles não queriam parar!! Acabaram ficando com as armas e os documentos. Em seguida, pegaram outro! Infiltrado também! Depois, alguns queriam pegar um Capitão do Exército... Meu!... Que morava ali perto

do Diretório do PT, perto daquela casa, do lado do Banco Real, quase esquina da Autonomistas... capitão Campos morava ali!

Saíam pra invadir a casa do capitão Campos... Pegar o capitão Campos! Não deixamos, foi um sufoco! O Grupo parou, né? E também andaram virando ônibus! Ônibus cheio de gente, no ponto! Viaturas que vinham!... Um negócio altamente radicalizado! Enfim, nessa passeata de Osasco, ao contrário do que aconteceu em São Paulo, muito mais controlada, que tinha uma liderança mais stalinista com o José Dirceu, aqui foi pontilhado de retratos do Che Guevara que na época da Ditadura era um dos modelos... Bandeiras do Vietcong! Em plena Guerra! Começando a Guerra ainda! Estava esquentando a Guerra do Vietnã!... E Bandeiras do Vietcong!!

Osasco estava em ebulição! Quer dizer, ia além! A gente, quando encarava esses movimentos todos, tudo bem: o uniforme era importante, os 35% de aumento era importante, mas mais importante do que tudo isso, pra gente, era a construção de um mundo novo! Era a construção de um mundo sem desigualdade! Sem a exploração do homem pelo homem! Então, o que a gente fazia tinha isso! “Estamos acabando com a miséria milenar! Com a exploração, com a desigualdade”! Isso que nos animava!

A gente não tinha nada! Achava que não levava mais do que dois anos pra vencer a Ditadura! Em dois anos a gente acaba com “esses uniformes”! Isso era uma coisa muito forte! Muito forte! E, quando você subia numa pilastra daquela pra dizer um monte de besteiras, você não estava falando só ali, você já estava na história! Estava falando com o resto do futuro! Ali você já estava cunhando, esculpindo uma nova sociedade! E, essa era a coisa que animava. Esse espírito preside no ano de 68. No ano de 1968.

E o primeiro de maio deste ano foi preparado dentro do MIA, nesse clima. Era uma manifestação marcada pelo MIA. Para a qual foi convidado o governador Abreu Sodré! Nós não tínhamos maioria suficiente na comissão organizadora pra dizer como é que o ato seria! Tanto é que foi convidado o Abreu Sodré! Mas acreditávamos ter legitimidade suficiente nos participantes. De fato, o Ibrahim seria o cara encarregado de fazer essa virada, mas o Ibrahim acabou não chegando até a Praça da Sé! Depois ele nos contou que foi de carona com o irmão dele, com o Luís, que o levou de carro até lá; que o Luís se perdeu, não achou a Praça da Sé e aí o Ibrahim acabou não chegando na manifestação. Apesar disso, os osasquenses que participaram foram de caravana, foram de ônibus, de trem! Tinha um lado ali em que as caravanas de Osasco se encontraram e entraram na Praça da Sé em passeata! Havia aquela manifestação... Antes, um pouco de começar, chega Osasco em passeata, com as faixas, levando umas faixas: “Osasco é exemplo de luta!”.

Queria contar aqui sobre dois fatos relativos ao Primeiro de Maio, que já contei pra outras pessoas e até hoje não foi publicado, não sei por quê! Eu contei, inclusive, pro Marcelo Rezende! Dei uma longa entrevista, mas não colocou! Não sei se não acreditou... Né? Aliás, não são dois fatos, são três...

O primeiro deles é o seguinte: a gente já tinha essa relação com a VPR nesse momento; eu não estava na VPR ainda, entrei logo depois. O Barreto já estava. Mas, por nosso intermédio, a VPR ficou sabendo da passeata que, lá haveria confronto.

Acredita que nós pensávamos que chegando lá a repressão deveria partir pro cassete em cima da massa?! Então, a VPR organizou. A Praça da Sé não estava junto com a Praça Clóvis, na época ainda, só a Praça da Sé; tinha aqueles predinhos em torno, que cercavam, antigos Hoje existe bem menos! A VPR, pelo que os companheiros contaram, fez o que deveria ser um acampamento comunista. Já estavam fazendo a luta armada! Montaram nas imediações, nos prédios, no alto, ninhos de metralhadora!

Estava acontecendo a manifestação do Primeiro de Maio na rua e a Praça cercada, pra proteção, com gente da guerrilha com armas!!

Se a repressão chegasse, eles iam defender!... O pessoal de Osasco cheio, em passeata... Havia aqui um cara chamado Dorival Ferreira, depois morreu! Foi cercado e morreu em Presidente Altino. Foi Presidente do Sindicato da Construção Civil, em São Paulo. Dori... O Dori nos providenciou um monte de cabos de fios grossos... Todos nós fomos com aqueles cabos envolvidos na cintura, que era uma arma de combate! Se viesse a repressão!... E todo mundo também foi levando cartazes que eram afixados em porretes consideráveis! Também eram armas de então,

Osasco chega ali e, cerca!... Então, aquela coisa!... O pessoal começa a gritar: “Osasco é exemplo de luta!”. Bota fogo na passeata, né? Estou desenhando pra você como é que estava, inclusive aquilo que não era visto pela massa, que a massa não sabia, um esquema de proteção armada em cima! Certo? Esse é um dado.

A outra coisa: o Lamarca que tinha voltado do Sul, estava de volta no 4º RI, em determinadas épocas do ano, quando a 7ª Companhia de Guardas muda os soldados, fica coberta pelo RI... O capitão Lamarca foi convocado pra dirigir a repressão ao Primeiro de Maio! Porque sabiam que haveria alguma coisa. O Lamarca, junto com parte dos soldados da Companhia do RI, ficou acampado, acantonado no QG do 2º Exército, no Ibirapuera. Se a Polícia Civil não desse conta, chamariam o Exército, e o Exército entrando na repressão, ela seria comandada pelo Lamarca. E o Lamarca já era de Esquerda!!

Ele não tinha entrado em contato, ainda, com a VPR, mas estava procurando estabelecer esse contato! Não aguentava mais ficar nessa vida e ele fazia um trabalho de convencimento, de conscientização dos soldados! O Lamarca era o único que dava curso de educação sexual pros soldados! Nós estamos falando de 68! Então, era muito avançado naquele tempo quie era muito conservador! Ainda conservador, do ponto de vista moral! Então, dava curso de educação sexual, era um oficial que tinha compreensão dos problemas dos soldados.

Quando eles estavam embarcando, a última formatura, quando você bota todos os soldados em fila, o Lamarca botou o pessoal que seriam os repressores e disse: “Estamos indo pra ficar acantonados no QG. Não é certo que tenhamos que intervir, mas eu queria que vocês confiassem na minha liderança, só fizessem aquilo que eu, explicitamente, mandar! Agora, se vocês tiverem alguma pergunta, eu autorizo”... Isso, no exército, década de 60, era um absurdo! Não é sala de aula!

Aí, um soldado falou: “Mas vamos ter que bater em operário, capitão?”. Um outro disse: “Eu tenho pai que é operário!”. O Lamarca disse: “Eu só quero lhes dizer uma coisa: ninguém aqui vai bater no próprio pai! Ninguém aqui vai bater em operário! Vocês estão entendendo o que eu estou dizendo? Portanto, se nós formos chamados, se nós intervimos, sigam o meu comando! Façam apenas aquilo que eu mandar!”.

Bom, o Lamarca estava determinado, se ele fosse chamado, a aderir aos manifestantes naquele momento! Não sei o que aconteceria com a história do Brasil. A história não aconteceu Se fosse assim, como é que seria? Com certeza haveria um sabor dos fatos mais apimentado do que isso aí! O esquema acertado é que na hora em que o Ibrahim fosse falar, aconteceria a virada! Só que o Ibrahim não chegou! E, a coisa foi esquentando...

Estava o Abreu Sodré no palco, num palanquinho montado. E a coisa foi esquentando... Quando estava falando, não lembro quem era, se foi o Brandão, se já era o Joaquinção, aí começou o grito: “Pelego, o pelego, pelego!”... Quando o Sodré ia falar, foi crescendo na massa, foi crescendo... Aí, chove a primeira pedra, chove a segunda, eles param de falar!... E aí é aquela avalanche na direção do palco!! E, eles

saem correndo!! E aí os manifestantes sobem... O palco era da Ditadura, né?... Sobem no palco alguns companheiros da oposição sindical de Santo André e de outros lugares. De Osasco, sobem ao palanque: dois! O Neto, Manuel Dias do Nascimento, e o Barreto!

Nenhum dos dois, sequer, era da diretoria do Sindicato! O Barreto já estava na VPR. O Neto estava conversando pra entrar. O discurso que mais esquentou foi o do Barreto, e o do Neto! O que mais pegou fogo foi o do Barreto, que convocou uma passeata da Praça da Sé em direção à República. No caminho, foram quebrados alguns bancos. O braço da repressão política, da força pública, que era um negócio chamado Polícia Marítima, que quando ia pra repressão vestia azul, inclusive, em vários pontos do trajeto, eles estavam cercando lá. Só que eles não intervieram! O Abreu Sodré deu ordem pra que eles segurassem. Não por falta de provocação! A passeata parava na frente, jogava pedra, estava chamando pra briga! Eles não vieram!

Na Praça da República, de novo, o discurso mais inflamado foi o do Barreto. Disso aconteceram duas coisas: primeiro, se fortaleceu aquela imagem de Osasco como a capital da resistência. A gente se chamava Osasco de Petrogrado Brasileiro!! Era a sede da Revolução. Essa foi uma coisa.

A segunda coisa: embora o Ibrahim não tenha chegado até a Praça da Sé, o Sindicato sofreu uma intervenção de 15 dias. Durante 15 dias, o Ibrahim foi afastado da Presidência. Era o General Silvio Gaia. E, possivelmente, havia quem argumentasse que, ao invés de não ter achado a Praça da Sé, o Ibrahim teria refletido sobre a oportunidade de participar, porque isso poderia colocar em risco a autonomia do Sindicato e até mesmo a greve que já estava sendo preparada. O que teria sido uma decisão sensata! Mas pouco democrática! Porque não era isso o combinado! Se foi isso que aconteceu eu não sei! Não conversei com ele, prefiro acreditar que, de fato, o irmão dele se perdeu no caminho pra Praça da Sé, que foi o que ele falou, na época.

Nessa altura, a greve já havia sido preparada. E, havia uma clareza quanto à dificuldade e a inoportunidade de se fazer uma greve tipo tradicional, tipo 3-6-4, que era a greve com piquete, que você chega na porta da fábrica e impede as pessoas de entrarem, explica por que e cada uma volta pra casa, fica esperando um comando. No outro dia, iam até a porta da fábrica: “se tiver o piquete eu volto, se não tiver eu entro”. Não daria pra fazer uma greve desse tipo: com piquete, porque a repressão chegaria e desmobilizaria o piquete! E, desmobilizando o piquete, todo mundo entraria! Não daria pra fazer. Além disso, seria inoportuna, porque ia ser uma greve desmobilizadora. Cada um vai pra sua casa, vai jogar futebol, vai pensar em outras coisas.

Nós queríamos manter, o mais possível, as bases organizadas. Então, se decidi primeiro tomar as fábricas maiores. Nós estávamos mais organizados em duas: a Lonaflex, onde fica hoje aquele negócio, a Telha Norte, não sei! E a Cobrasma, que ressuscitou há algum tempo, com outro nome, nasceu de outra maneira. Essas duas seriam ocupadas. Outras fábricas, no meio de tudo isso, foi planejado! Isso foi planejado! Ao longo desse tempo, desde que se tomou o Sindicato, nós tínhamos uma atividade mais ou menos intensa, de formação de quadros. Eu inclusive, como era filósofo, no primeiro ano de Filosofia!... Um cara intelectual! Vai escrever e tal! Como, como se conhecesse o Marxismo... Uma das minhas funções era dar curso de Marxismo. Formava pequenos grupos dentro das fábricas, de quatro ou cinco operários. Eu nem lembro de quantas pessoas que passaram por ele, foi muita gente! O Lacerda do Sindicato, foi um dos meus alunos de Marxismo.

Particpei junto, na greve, mas não estava mais formalmente ou legalmente ligado à base. Era universitário, não estava no administrativo, mas participava do CEO, das reuniões. Vinha, participava dos movimentos todos!

Nesse trabalho de formação de quadros, uma das pessoas que atuou sou eu, pra dar curso de Marxismo, formar gente, os quadros dentro das fábricas. Formavam aquele grupo de quatro ou cinco pessoas. Aí, de noite eu ia lá dar um curso, durava quatro ou cinco semanas, dois a três dias por semana, pra explicar o que era luta de classes, mais valia, esses conceitos básicos, né? Pra formação de gente! Tanto no movimento operário como no estudantil! Falei que um desses caras que frequentou esses cursinhos era o Lacerda, né? E outro, era um garotinho chamado Pankuskas, cujo pai era pastor Protestante, capitão do Exército e que depois foi um dos voluntários da Operação Bandeirantes. Ele achava que eu tinha desencaminhado o filho dele!

Eram vários cursos e algumas, várias dezenas de pessoas, várias dezenas! E esses caras que passavam por esses cursos, e tal, e, que eram lideranças de fábrica, eles eram organizados num negócio que a gente chamava “Vanguarda de Fábrica”, ou “Vanguarda Estudantil” no movimento estudantil.

Essa vanguarda de fábrica era uma organização de todas as lideranças! Na diretoria do Sindicato, nós tínhamos o presidente, mas éramos a minoria da diretoria, pois a maioria era a Frente Nacional do Trabalho, que vacilava, ia mais devagar... E, agora, nessa vanguarda, a vanguarda era nossa! Era um negócio muito grande! Chegou a ter entre quatrocentas e quinhentas pessoas. Fazíamos reuniões com quatrocentos ou quinhentos... Era essa vanguarda! A vanguarda estudantil tinha uns duzentos! Você fazia também caminho pelo grêmio estudantil! Mas como havia um pessoal mais preso e inseguro, a gente jogava pra vanguarda, porque a gente ganhava! Ou jogava pra assembleia que a gente massacrava! Porque o nosso discurso era muito mais afinado, passava por esse negócio da Revolução, esse negócio da esperança. Pegava, um pouco, essa questão da épica! No sentido histórico, da missão, enfim, era um discurso muito mais abrangente, mais convincente do que o discurso que até poderia ser sensato, que era o discurso da conveniência: se vale a pena ou não vale à pena, do pessoal um pouco mais velho que tinha esse discurso, que era o pessoal cristão.

A greve foi preparada clandestinamente, sobretudo, com o apoio nessa vanguarda da fábrica. A gente não tem indícios de que isso tenha sido furado, que houvesse agentes infiltrados ali, levassem a informação, porque a maior parte dos planos pode ser colocado em prática. E nem todos foram colocados em prática, porque a repressão atuou muito mais rapidamente do que estava nos nossos planos. A repressão não seguiu os nossos planos! O problema dos planos sempre é esse! Nem sempre o inimigo faz o que você planejou pra ele!! Ele não cumpre a parte dele!

Em abril, havia acontecido a greve de Contagem, na Belgo-Mineira, que a repressão tinha tentado negociar, que o sindicato mineiro tinha assumido um papel de ficar intermediário, não de porta-voz, tentar negociar! Conciliar as duas partes! Tinha dado certo durante três dias. A repressão levou dez dias pra agir em Minas e a gente não calculava que ela seria mais rápida em Osasco. A gente imaginava que ela demorasse uns cinco, seis dias, talvez uns sete dias para agir.

A greve tinha um plano de começar na Cobrasma, na Lonaflex, com passeatas. Em abril também tinha havido uma greve na Barreto Keller, que era uma pequena fábrica onde é hoje o Irka. Ali também tinha a Granada, do lado, que é a fábrica de fósforos!

Então, dali, no horário do almoço haveria uma paralisação, só que como eram pequenas fábricas e não tinham organização maior, eles saíam em passeata e seria ocupado o Sindicato dos Metalúrgicos, ninguém iria pra casa. As fábricas grandes ficariam ocupadas e as fábricas pequenas, menos mobilizadas, ocupariam o Sindicato. Eles dormiriam no Sindicato, fariam comida, enfim. E foi embora todo um bando, começaram a sair e etc.. Algumas fábricas parariam no primeiro dia, de manhã,

Cobrasma e Lonaflex, outras na hora do almoço, outras mais tarde, Brow Boveri, a Charleroi, que ficava fica onde é a Uniban hoje... No dia seguinte, outras como a Cimafl, a Braseixos. As que não fossem ocupadas iriam em passeata pro Sindicato. Todo mundo mobilizado. Esse era o plano de ação.

No primeiro dia, o plano deu certinho! Às nove horas da manhã tocou a campainha, todo mundo já falou sobre isso, né? Então, eu não preciso contar. Tocou, parou lá, não sei o quê. Deu certinho no primeiro dia. Só que a repressão não fez a parte dela. Ao invés de esperar uma semana, o que nós precisaríamos...

Bom! Outra parte importante do pirão aí é que Osasco resistindo, a oposição sindical do ABC achou que conseguiria fazer uma greve em solidariedade lá, que depois se estenderia pra Santos e, quatro ou cinco dias depois, Minas, Bahia, depois viria o Rio de Janeiro. Enfim, esse era o plano de começar uma greve geral a partir de Osasco.

E, claro! A reivindicação, as reivindicações eram as reivindicações não atendidas no dissídio passado, em novembro. 35% sobre tudo, mais um leque de reivindicações locais que foram engordadas nas mobilizações dentro das fábricas, dos sindicatos, porque o pessoal foi colocando outras coisas!

Acreditávamos que iam derrubar a Ditadura aí. A reivindicação era essa! Os panfletos falavam nisso! Agora, motivação era se não derrubar a Ditadura, pelo menos dar uma rasteira!! E porque era mais um desafio! Agora, eles não cumpriram a parte deles no plano. Porque no mesmo dia, ao cair a noite, 8 horas da noite, assim, a cavalaria já veio pra porta da Lonaflex! Cercaram, ameaçaram... Quem dirigia a ocupação dentro da Lonaflex era o Neto, que achou mais prudente desmobilizar a ocupação, pra evitar uma violência maior! E a Lonaflex foi desocupada. De lá, eles vieram pra Cobrasma.

Os operários da Cobrasma tinham mil planos! A Cobrasma era, é ainda hoje, um campo de guerra terrível! A Cobrasma tem alçapões que se levantam; por baixo passava areia, fundição; tinha os altos fornos que os operários conheciam e a repressão não. Havia uns pré planos de combate pra quando a repressão chegasse, que não teria sido simples pra ela! Só que era preciso de um tempo pra organizar tudo isso! E esse tempo não se teve!...

Durante o dia, nós tínhamos combinado isso! O Ibrahim e o Sindicato faziam de conta, como tinha acontecido lá em Contagem, que não sabiam da greve, iam propor a negociação, iam se colocar como intermediários, sugerir uma assembleia dentro do pátio da Cobrasma, lá na frente. O Silvio Gaia, que era o Delegado Regional do Trabalho e dos Vidigais, os donos, aceitaram! Houve essa assembleia na porta da Cobrasma, no pátio da Cobrasma. O Ibrahim, aí, disse que tinha sido surpreendido, embora, houvesse se solidarizado. Houve o começo de negociação! Só que, enquanto a gente achava que estava dando certo o nosso plano, eles estavam usando aquilo como fachada! E depois, no final do dia, o Ibrahim acabaria perdendo o contato conosco, teria sido guardado, por um pessoal, numa chácara. Ele acabou perdendo esse contato!

Quando a repressão saiu da Lonaflex, foi pra porta da Cobrasma... Teve um episódio que até o livro e o filme “Lamarca”, diz que ele passou ali, mentira aquilo! De fato, Lamarca veio ali olhar! Não foi conversar com o comandante da tropa, nada! Imaginação! Imaginação do cara que escreveu o livro, o Oldack de Miranda e o Emiliano José. Quem tinha dito pra Monica Teixeira que o Lamarca foi lá ver, fui eu! Numa entrevista. Só que a Monica Teixeira seria a terceira co-autora. A Monica brigou com eles e eles pegaram a informação mais ou menos e disseram que o Lamarca foi lá pra conversar. Não aconteceu esse “teatro”! Imagina! O Lamarca não era louco!

O livro “Lamarca, o Capitão da Guerrilha”, é assinado pelo Emiliano José e Oldack Miranda. São baianos e eles têm uma versão baiana pra vida do Lamarca! Porque eles foram presos políticos, se não me engano, lá em Itapema. Eles começaram a fazer as entrevistas na prisão. Entrevistaram, mais ou menos, minuciosamente, os irmãos do Barreto... É uma coisa bem contada! Agora, o Barreto, aqui em Osasco, tinha o apelido de Barretão. Na Bahia, ele tinha o apelido de Zequinha, que era o apelido familiar. Então, no livro, chamam o Barreto de Zequinha. O filme baseado no livro também chama o Barreto de Zequinha, que não era o apelido que ele tinha aqui em Osasco. Aqui ou era Barreto, ou era Barretão. No começo eu estranhava. Zequinha... Quem é esse Zequinha? Era o Barreto! Mas, enfim, era a versão baiana!

A Monica Teixeira era da Globo na época, hoje ela está na Cultura, se não me engano. A Monica era a terceira autora do livro. As entrevistas de São Paulo eu que arrumei pra ela, ela nem fez todas. Dei entrevista pra ela. Quem disse pra ela coisas a respeito do Lamarca, em São Paulo, fui eu! Quem disse pra ela que o Lamarca, no dia da greve, foi pra porta da fábrica ver como é que se faz uma greve, como que era greve debaixo de uma Ditadura, com a polícia azul e tal, quem disse isso pra ela fui eu! O Lamarca estava sem contato conosco. Ele me contou isso depois. Como foi, também, muito depois que ele me contou o negócio do Primeiro de Maio! Na época eu não sabia! Aliás, ele não tinha contato conosco ainda.

Mas, aí, ela passou essas informações pros dois baianos e no meio do caminho brigou. Tanto é que ela não é autora do livro. Eles usaram a informação do jeito que entenderam. Aí, eles colocam um diálogo do Lamarca com um dos soldados, com o comandante da tropa. Isso não aconteceu! O que aconteceu, na porta da Cobrasma, foi aquele discurso do Barreto, conclamando os soldados a aderir! Isso foi, não sei se as palavras foram aquelas, mas aquilo aconteceu!

Mas, na primeira noite, a repressão interveio, na Cobrasma. E dentro da fábrica não houve toda aquela preparação que nós pretendíamos, que tava no planejamento. Aí, tem aquelas histórias todas: na frente da Fundação, ali, da Modelação, da Modelação... Do tambor, dos tambores de gasolina... O depósito de gasolina... “Bota fogo, não bota fogo”... Enfim, não preciso falar sobre isso! E os adversários... O pessoal da Frente que não aceitava a liderança dos moleques, como não aceitava a liderança do Ibrahim nem do Barreto dentro da fábrica. Depois, hoje, eles criticam muito o Barreto, aquele negócio de matar os engenheiros, né? Não era! Aquilo era uma pressão! O Barreto estava na VPR! Aquilo era a linguagem de guerra. Nem tudo que se ameaça se faz... Enfim...

Nesse momento, eu estava num aparelho, que era o aparelho da greve, na Vila Yara. E, nós montamos dois aparelhos: esse da Vila Yara, em Osasco, onde estavam os mimeógrafos, e tínhamos um aparelho reserva no Jaguaré, em São Paulo. Esse aparelho acabou “caindo”! No segundo dia, mais ou menos, a gente desconfiou que tivesse sido identificado pela repressão. Aí, nos transferimos pro outro no Jaguaré. Eu estava ali, circulando, fazendo papel de ligação entre as várias coisas: ia pro Sindicato, ia pra Cobrasma, ia, enfim, pros vários pontos em que a coisa estava acontecendo. Nós íamos soltar um jornal ou panfletos diários que seriam rodados nesses aparelhos. Como no primeiro dia, o Ibrahim acabou desaparecendo, esses aparelhos acabaram sendo a central da greve. Como a repressão veio muito antes, não conseguimos fazer todos os folhetos que estavam planejados. Aí, passou a ser o improvisado do confronto!

E... Bom... Veio a repressão no primeiro dia, na Cobrasma; aquele negócio já conhecido: o Barreto foge; quatrocentos vão presos... Osasco tomada de militares. Tomada de Norte a Sul! Dois a dois... Eram soldados, pois não tinha polícia feminina ainda. A gente, de sacanagem, chamava de Romeu e Julieta, insinuando que um deles

seria “bicha”. Eram sempre em dois, né?! Eram da Força Pública ainda. Não era PM. Só tinha homem! Não tinha mulher!

A greve continua a tomada nos próximos dias. Nesses aparelhos, já saindo o Ibrahim, a gente começa a fazer contatos pra tentar segurar. O Barreto foi preso, foi pra Polícia Federal, ficou 87 dias, se eu não me engano! Aliás, às vésperas do 13 de dezembro de 1968. E, a partir desses aparelhos, a gente tentou manter. Havia o Roque, o Davi, o Neto, Luizão, enfim... Tentamos fazer contatos, as condições da greve tinham mudado! E a repressão, no segundo dia, veio em cima do Sindicato. O Ibrahim já não estava mais também, mas foi em cima do Sindicato. Desocupou o Sindicato na porrada! Deixou apenas um interventor e um pequeno número de soldados. No dia seguinte, a gente tomou o Sindicato de novo! Aí, no mesmo dia, de noite, a repressão voltou de novo, no cassete!

Sem o Sindicato, nós tentamos organizar, usar as igrejas. Os padres que nos procuraram, os padres operários. Então, “Vamos usar as igrejas!”. Então, passamos a levar as pessoas que a gente organizava nas igrejas. Primeiro a Igreja de Santo Antonio, só que um dos padres entregou pra polícia! Foi lá a repressão... O Roque estava lá! Se ele não falou isso... No dia seguinte, mobilizamos na Igreja Imaculada Conceição, no bairro Quilômetro Dezoito! De novo, outro padre entregou.

Aí, de novo a repressão!... E, apesar disso, quer dizer, a massa não sabia o que fazer! Algumas pessoas voltavam pro trabalho, outras não... Vinham, chegavam perto. Então, nós bolamos um negócio, no improviso, no sufoco, já que nós éramos guerrilheiros, comunistas, debraístas, deidebraístas, né? Que era greve de grevilha! O Guevara falava: “Guerra de guerreiro!”; “Greve de grevilha”!

O que era greve de grevilha? Seria você um dia fazer, por exemplo, um piquete, aí assim, seria necessário! Uma pequena ponte de madeira que ligava uma parte da Zona Norte à Zona Sul de Osasco! Ali, na Região do Piratininga, onde tem, hoje, aquele Viaduto... Canteiro Neves, integração! Antes, era uma pontezinha, de pedestres, de madeira! Dali vinha muita gente! Então, num dia, em que viriam ou vinham trabalhar, as pessoas que vinham daquela região: bairros Helena Maria, IAPI, Piratininga... No outro dia, você faria um bloqueio, é... Na avenida Pedro Pinho! Você interromperia ali! Faria um discurso em todos os ônibus que passassem, tentando convencer as pessoas a não ir trabalhar! No outro dia, você faria em outra região... Enfim, não deu pra fazer em todas elas, evidentemente! Essas duas foram feitas! Na Pedro Pinho, perto da Igreja Imaculada Conceição e, aqui, nessa ponte de madeira.

A gente parava, distribuía os panfletos, na véspera, fazia isso... Seria, também, você fazer um movimento numa fábrica, no outro dia, outro... E esse nome “Greve de Grevilha”... Nós escrevemos um folheto, de análise da greve que tinha sido, sobre os motivos, inclusive, dizendo que ela continuava como greve de grevilha, explicando o que seria. Esse documento foi assinado por duas pessoas. Nós botamos a assinatura, embaixo de duas pessoas que nem podiam ter feito! Era mais uma homenagem a elas! Uma que estava sem contato conosco, que era o Zé Ibrahim! E, a outra que, estava presa na Polícia Federal, estava sendo torturado, naquele momento, inclusive, que era o Barreto! José Campos Barreto...

Mas enfim! A greve foi isso! Dez dias depois, não havia praticamente nada... Dentro de algumas fábricas houve deslocamento interno de operários, como na Cobrasma... E a Braseixos. Foram instaladas cercas entre as seções para impedir a comunicação... E, a repressão foi intensa! No primeiro dia, foram presas mais de quatrocentas pessoas... Todas as lideranças foram demitidas... Surgiu uma lista negra de pessoas que não poderiam trabalhar em Osasco. Eu não sei quantas, em quantos nomes, essa lista chegou. Mas acho que passou de mil! Talvez mil, dois mil! Tanto é que várias

peças foram obrigadas a mudar da cidade. O João Batista Candido foi morar, se eu não me engano, em São José dos Campos... Não voltou a morar em Osasco... O Otaviano! Também acabou indo pra um outro lugar, porque a repressão não foi só dos que foram presos. Havia pessoas que não conseguiam mais emprego em Osasco! Não tinham mais condição de viver na Cidade! Foi um negócio muito intenso!

Além disso, o efeito do combate ideológico! Combate ideológico! Uns dos jornais mais lidos pelos operários e tal era o “Notícias Populares”, na época, que tinha notícias de crime, mas também, era um dos jornais que tinham as melhores coberturas sindicais! De movimentos operários, na base... Esse jornal, sobretudo, começou a fazer uma campanha sistemática contra Osasco, depreciando a imagem da cidade, fora e dentro, e passou ser linha do NP, toda semana.

Na minha época como jornalista, fiz um combate sistemático ao NP! Eles falavam de crimes que aconteciam em Osasco. Osasco virou a sede da violência! Além de ter mais crimes mesmo, a região como um todo, que eram atribuídos a Osasco! Também era linha do NP, da Ditadura, durante anos seguidos, colocar matérias inflamantes! Eles pintavam uma imagem que não correspondia à realidade e que fazia parte do combate ideológico! Fazia parte do combate ideológico! Então, até surgiram matérias! Aquele bebê diabo, por exemplo, não saía daqui! E depois surgiu a moça loira... Com algodão no ouvido, que era assombração, invadia as escolas... O estupro, o estupro! Um estuprador que seria m bode!! Um bode preto, em Osasco... E ia!...

Era toda uma campanha ideológica de saneamento ideológico pela direita, que passava primeiro, pelo isolamento de Osasco do resto! Transformar em objeto de riso, inclusive desmoralizando os movimentos! E depois desmoralizando internamente! Desmoralizando internamente como foco de violência. Isso não é uma coisa casual, foi uma política de enfrentamento de ideias, pensamento ideológico e tal. Tanto é que, com a Primeira Hora, eu trouxe a Primeira Hora em 1985, o NP publicava de lá, eu assumia a briga do lado de cá! Fazendo essa denúncia como guerra ideológica e tal! O Silvio Santos fazia as gozações que ele fazia com Osasco, a partir de Sonia Lima, etc. E a gente estava aqui, defendendo, entendendo isso, que era uma agressão ideológica que vinha de 68... Até pode ser que, hoje, não quisesse dizer nada! Mas era a análise que eu fazia. Assim como no Jornal, eu sempre, nos dias 16 de julho e nos primeiros de maio, sempre lembrei da greve de Osasco! O Jornal, de uma maneira ou de outra. No dia 17 de setembro, no dia que o Lamarca morreu, na Bahia, em 71, sempre publicava alguma coisa, tentando... enfim, manter vivas essas memórias!

Eu fui me dando conta disso: “Que que tá acontecendo, né?” Osasco virar sede do crime, né? Ao longo do tempo! E, antes do “Primeira Hora”, em 79... 78! Eu fui fazer, eu fiz parte do Conselho do “Em Tempo”. O que eu falei! Fora da Redação! E, o “Em Tempo” publicou várias coisas, publicou nascente Movimento do ABC... Lançou alguns “Cadernos do Presente” que, eram publicações especiais dos Movimentos Grevistas... Uma das publicações foi o “Caderno do Presente II” que, tentava recuperar a memória da Greve de Osasco e, dentro, no “Batente” já, eu tentava... Enfim! Encarar esse negócio do NP! Denunciar essa guerra ideológica! Que não se, que a gente não se dava conta! Quando acaba o “Batente”, quando acaba, não! O “Batente” continua, o “Em Tempo” acabou! O “Em Tempo” continuou, eu que me afastei dele! E, até porque assumiu a hegemonia de um grupo Trotskista que, uma sintonia menor com a realidade... E, eu entendia, também, que o tempo da Imprensa de Resistência Nacional, tinha acabado... Então, eu vim ajudar, aqui em Osasco, num Jornal chamado “Batente”, que era o Jornal dos Movimentos Populares de Osasco. E, aí, inclusive, eu já tinha Padre, os Pastores... Enfim! Já era a Resistência Ampla! A Ditadura. E, no “Batente”, nós já começamos a fazer essa, essa, entramos nessa linha ideológica que, não era

entendida por todos os Companheiros! Os Companheiros que, mais tarde, acabaram indo pro PT, pela Igreja..

Ao longo do tempo! E, antes do “Primeira Hora”, em 1978! Fui fazer, fiz parte do Conselho do “Em Tempo”. O que eu falei! Fora da Redação! E, o “Em Tempo” publicou várias coisas, publicou nascente Movimento do ABC... Lançou alguns “Cadernos do Presente” que, eram publicações especiais dos Movimentos Grevistas... Uma das publicações foi o “Caderno do Presente II” que, tentava recuperar a memória da Greve de Osasco e, dentro, no “Batente”, eu tentava... Enfim! Encarar esse negócio do NP! Denunciar essa guerra ideológica! Que a gente não se dava conta!

Quando acaba o “Batente”, quando acaba, não! O “Batente” continua, o “Em Tempo” acabou! O “Em Tempo” continuou, eu que me afastei dele! E, até porque assumiu a hegemonia de um grupo Trotskista que, uma sintonia menor com a realidade... Eu entendia, também, que o tempo da Imprensa de Resistência Nacional, tinha acabado... Então, eu vim ajudar, aqui em Osasco, num Jornal chamado “Batente”, que era o Jornal dos Movimentos Populares de Osasco. E, aí, inclusive, eu já tinha Padre, os Pastores... Enfim! Já era a resistência Ampla à Ditadura. E, no “Batente”, nós já começamos a fazer essa linha ideológica, que não era entendida por todos os companheiros que, mais tarde, acabaram indo pro PT, pela Igreja...

Até porque assumiu a hegemonia de um Grupo Trotskista, uma sintonia menor com a realidade e, eu também entendia que o tempo de imprensa de resistência nacional havia acabado, então, eu vim ajudar, aqui em Osasco, um Jornal chamado “Batente”...

Vinham pelo PT, pela Igreja, pela ala mais igrejeira e tal, eles eram contrários que o “Batente” tivesse matérias de Polícia. Eu fazia questão que Osasco, que o “Batente” tivesse matérias de Polícia, não só porque Polícia é um problema de questões de Segurança, eram problemas efetivos da População, dos Trabalhadores, etc., e que, se você não trata, esse problema fica com a Direita, mas também, achava que nós devíamos entrar nessa questão, falar também da questão da violência, porque também, o discurso da violência, na questão da violência, até pra você fazer a discussão ideológica! Pra mostrar que não era uma Cidade de bandidos! Mas que era uma Cidade cuja história era uma história de luta dos Trabalhadores! Em geral, eu era minoritário na avaliação das edições do “Batente”, todas elas! Começava todo mundo contra mim! Eu era Editor! E, na hora de fazer a pauta eu dizia: “Tá bom! Então, eu não vou editar o próximo!” Aí, eles afinavam e, acabavam aceitando a minha pauta que, tinha matéria Polícia de novo! Teve sempre! O número três que eu editei, porque eu sou muito teimoso! E, gosto de ser convencido, mas quando não me convencem, eu não me rendo! E, mesmo porque não haviam argumentos convincentes!

Aquela posição que, a Igreja naquele momento, que ela fez os Direitos Humanos, e tal; eu não concordava com aquilo! Porque a violência se abatia principalmente, sobre os Trabalhadores, sobre os Desempregados... Então, não falar da violência era preservá-la! Tinha que falar do nosso ponto de vista! Eu tinha que falar! Eles preferiam o silêncio e tal... Um pouco a postura...

Enfim! Mas era uma posição, também, que não era dominante! No entanto é que, o “Batente” acabou não sobrevivendo! Durou três edições! E... Durou três edições e acabou! E depois eles tocaram! Inclusive, constituíram Partidos, nessa linha religiosa! Três a quatro anos depois, eu fiz o meu Jornal que, era o “Primeira Hora”. O “Primeira Hora” teve editoria de Polícia, porque eu achava que devia falar sobre isso! E aí, também, era meu! Eles não mandavam! E, eu podia botar a minha linha, nada...

Mas quando a Greve acontece, eu já estava militando nessa Organização que viria a se chamar VPR! E, foi por meu intermédio, inclusive... Algumas pessoas já tinham discussão com a Organização, como o Neto... O Neto entrou naqueles dias da

Greve! O Ibrahim entrou alguns dias depois! E, acabaram entrando. E, Osasco, com isso, acabou sendo, oferecendo, uma das Cidades que, ofereceu o maior número de quadros pra Luta Armada, em São Paulo! Sobretudo, pra essa Organização que, seria a VPR! E, depois Val Palmares! A VPR era uma Organização que tinha uma origem, que nem hoje, dupla! Entre os dissidentes da POLOP e, dissidentes do MNR! POLOP é Político-Operária e, MNR é Movimento Nacionalista Revolucionário!

E, quando as pessoas de Osasco começaram a entrar, a Organização teve um crescimento rápido! Só de osasquenses, calculo que a média era de 65 quadros! Militantes! Acabaram participando... Enfim! Das atividades combatentes e tal. E, quando se tenta, depois, associar, um pouco, Osasco a Terrorismo era uma das poucas coisas que, enfim!... Que o “Notícias Populares” tinha razão! De fato, Osasco era um dos quadros da Guerrilha atuando pela VPR! A VPR era uma Organização Político-Militar!

Uma Organização clandestina! E eu fui pra clandestinidade, com outros homens. E participei de algumas ações armadas! E, participava, inclusive, da organização pra ação de tomada do 4º Regimento da Infantaria, onde estava o Lamarca!

Aí... Peguei em arma... Peguei! Peguei! Aí, eu fiquei assustadíssimo!!

Peguei sim! Participei de algumas ações e tal... Embora eu não seja nenhum exímio manipulador de armas! Inclusive, eu fui acusado disso depois!

Bom! No começo de 69, quando a ação, uma ação grande, em que nós faríamos uma equipe de tomada!... Acabou sendo abortada em função de algumas prisões acontecida em uma chácara em... Cidade vizinha aqui? Como é que chama?... Itapecerica da Serra! Foi interceptado um caminhão que estava sendo pintado nas cores do Exército...

Então, houve uma ação menor dentro do QG de Quitaúna e o Lamarca saiu com as armas! Essas prisões em Itapecerica acabaram provocando outras prisões! De vários companheiros, diversos daqui! Eram egressos de Osasco! Guerrilheiros do Ibrahim...

A Coordenação Geral, a VPR, aí já chamava VPR que, eram três membros; dois foram presos! Acabei sendo cooptado, nesse momento, pra Direção Nacional da VPR. E, depois disso, até ser preso, eu sempre pertenci à Direção Nacional, primeiro da VPR, que em julho de 1969, acabou se fundindo com a COLINA: Comando de Libertação Nacional, resultando na VAR-Palmares: Vanguarda Armada Revolucionária, tracinho, Palmares!

Uma das ações da VAR-Palmares foi a tomada do cofre do Adhemar de Barros, que era na Cabrioni! E em setembro aconteceu o Congresso da VAR-Palmares, em Teresópolis. Salvo o engano, acho que foi o maior evento da esquerda armada, porque não foi pra dar tiro, tomar recurso, tomar um Quartel... Foi pra discutir política, pra exercitar a democracia num momento em que a ditadura estava mais aguda! Se reuniram cerca de setenta pessoas ao longo de um mês, dentro de uma chácara, pra debater... Um país tomado, e aquela coisa! Juntos, todo mundo ali... O Lamarca! Uma das pessoas mais procuradas do País!... Durante um mês debatendo, discutindo Política, ia mostrando caminhos! Foi nesse Congresso, inclusive, logo depois dele, que eu tive aquela impressão de que a nossa caminhada pra uma derrota era como um bonde desembestado que você puxa o manche e nada... Porque ele vai pra onde quer!

As decisões que algumas pessoas tinham, era de ficar até onde fosse possível. Muita gente tava indo pro exílio! Muita gente foi pro exílio... Eu fui determinado a ficar e acabei ficando até ser preso! Fui preso dia 21 de novembro de 1969, no Bairro Lins de Vasconcelos!

Nesse Congresso, inclusive, houve um racha! Constituiu-se outra organização que adotou, de novo, o nome VPR, que eu chamo de VPR Nova ou VPR II. E Lamarca

rachou conosco, pra essa organização e eu fiquei lá na VAR-Palmares, nesse esforço de tentar corrigir... No fundo, a gente rachou, mas tinha políticas semelhantes e continuou tendo! Nem dá pra separar... Se você analisar em termos práticos, não em termos teóricos, quer dizer, rachou por que? Se os dois lados são a mesma coisa, né? É como se você estivesse amaldiçoado! Uma coisa que não tem jeito... Que você se esforça, mas não consegue sair aquele caminho! É muito difícil mudar na vida!

Mas, enfim, nesse racha fui preso. Fiquei preso quatro anos. Fiquei preso quatro anos... E sem julgamento! Fui julgado três anos depois da liberdade, em 1977!

Eles localizaram a casa em que nós estávamos, cercaram e tal... Fomos presos, na mesma casa, três pessoas: a Maria Auxiliadora, que era a minha namorada na época, era mineira, estudante de Medicina; e um cara que estava guardado em casa, que era paulista, estudante de Medicina, Chael! Charles Schreier Chael!... O Chael foi morto na tortura! E a morte do Chael foi a primeira! Tortura comprovada, documentalmente, publicada pela Revista *Veja*, na época que deu “capa” pra nossa prisão, em função da morte dele! E em função da morte do Chael, inclusive, eu devo a minha vida! Porque eu era muito mais procurado do que ele! Nós fomos presos e eles não sabiam quem eles tinha em mãos!... E o escândalo?! Porque, na época, foi um escândalo a morte dele! Então, isso dificultou a ação da repressão! Eles tiveram que ter limites, dali pra frente, na tortura comigo! Então, eu devo a minha vida a ele! E, inclusive a prova de que existia a tortura no Brasil, também, devo a ele! E, em função da cobertura, das matérias publicadas sobre a morte dele, as circunstâncias em que ele morreu, acabou sendo introduzido, no Brasil, que era uma coisa que não existia, aqui no Brasil, tinha a Censura, não tinha a Censura Prévia! A Censura Prévia, dentro das Redações, etc., foi instaurada pelo Regime depois da morte do Chael! Foi o que acabou trazendo! E... Censura Prévia.

Mas, enfim! Depois que eu saí da prisão, em 77, eu fui julgado; me condenaram a três anos e nove meses; eu tinha ficado quatro! O Estado está me devendo três meses!! Mas mesmo depois de estar em liberdade, continuaram as perseguições! Onde eu ia, sempre tinha um carro atrás... Os meus irmãos também eram seguidos... Às vezes, os agentes se irritavam, fechavam o carro, iam tirar satisfação! “Pô, você tá correndo muito! Tem que ir mais devagar pra gente seguir!! Diziam pros meus irmãos: “Seu irmão é um ‘filho da puta’! Essas coisas aconteciam direto!

Todos os lugares em que eu tentava algum emprego, era amarrado! Nunca sabia por quê! Na hora da contratação não... Dançava! E branco! Eu só queria trabalhar! Não queria sair do Brasil de jeito nenhum! Não queria ir pra mordomia do exílio, mas nem... Queria ficar aqui! E queria de alguma maneira, pelo menos ver a ditadura cair do meu lado, mesmo que eu não pudesse lutar contra ela!

Nessa busca de trabalho cheguei a trabalhar três meses de graça na *Folha de São Paulo*, com o Samuel Wainer, com quem tinha trabalhado antes na *Última Hora*. Voltei pra trabalhar na *Última Hora*, pra ser repórter especial! Depois, três meses com a minha carteira profissional, ele me devolveu e disse que os Frias não me queria porque era a linha da “casa” não contratar o pessoal da luta armada! Eu tinha sido da VAR-Palmares! Consegui *free-lance* na Editora *Abril* e quando me deram pedido de “testa de ferro” pra eu receber em nome de outra pessoa, até dei o nome do meu irmão, ele veio receber e tal, porque eu precisava comprar cigarro! Mas quando chegou a hora de receber os direitos autorais, falei que não tinha não, ficava de presente pra *Abril* o trabalho que eu tinha feito.

Quem também me deu trabalho foram os companheiros, o pessoal de esquerda, que me deu em solidariedade... Eu devia ter algum talento, porque “choveu” muito serviço!

E aí, já não valia mais à pena! E acabou apagando meu nome! E aí, eu comecei a ter uma relação legalizada com a “Abril”! Uns seis ou sete meses depois, eu acabei sendo contratado, como Redator efetivo, na “Abril”! Em oito meses eu fui promovido a Editor Chefe! Eu tive uma carreira muito rápida, na “Abril”, depois disso! Aí eu!

Fui participar da Imprensa Alternativa... Eu publiquei o “Contra Ponto” no Rio de Janeiro... Depois, o “Batente”, aqui em Osasco... E, quando o fim da Ditadura parecia, enfim, inevitável! Acabaria mesmo! Eu, também, já estava um pouco cansado da “Abril”! Não estava mais tão seduzido pelo salário do ponto! Ganhava e, ganhava bem! Até tinha me sobrado algum dinheiro que, eu tinha conseguido poupar... Então, eu achei que era hora de voltar à Osasco e, fazer o meu Jornal! [

Osasco era bem machista, viu? Havia poucas mulheres nessa luta ou as mulheres eram muito pré-feministas! Mas tinha uma pessoas... Quer dizer, uma delas era a Tia, a mãe do Neto! Uma pessoa solidária! Velhinha... Em primeiro lugar, por solidariedade ao Neto, foi pra guerrilha conosco, foi uma pessoa utilíssima! Depois... Foi exilada em Cuba! Muitos anos! Estava firme até outro dia! Morreu aos 90 anos de idade!

Comecei por ordem de idade! Pelos mais velhos primeiro! Havia a Jandira, que foi sogra do Roque! Era mãe da Aninha, do Osni, que era um companheiro nosso! Foi penúltimo Presidente do CEO! Foi pra VAR também, acabou se exilando! Acabou ficando na Suécia! Mora até hoje na Suécia. A irmã dele era a Aninha, que, foi mulher do Roque! A mãe dela: Jandira! Jandira Odorito! Também acabaram se ligando... Eram pessoas muito simples! A mãe e o pai!... Mas tiveram uma atuação, sabe, correta...

Na luta armada mesmo, lembro de várias companheiras! Sobretudo a Maria Helena! Mas, ela tem uma relação pequena conosco. A Maria Helena, ela foi, ela teve participação na AP! No exílio, era aliada nossa na França... A Olgária! Olgária Matos! Amicíssima! Aliada! Sempre que eu vinha à São Paulo, eu ficava na casa dela... Sempre me dava uma retaguarda... Dentro da guerrilha também, ela vinha do curso de Filosofia, fizemos o Cursinho... A Matilde...

E... Dentro da guerrilha, eu tive um amor, uma época, com uma aliada! Ela era uma pessoa muito livre! Uma pessoa precoce, prematura! Enfim!... Depois foi mulher do Lamarca... A Yara teve muitos namorados! Ela era uma pessoa livre! E... A Judith Patarra que fez o Livro “Yara” organizou o livro em ciclos! Cada ciclo era um namorado! Um dos ciclos foi o meu ciclo! Eu fui sucedido, inclusive, nem foi pelo Lamarca, foi pelo Breno: Carlos Alberto Soares de Freitas, mineiro, que morreu na guerrilha... Depois que eu namorei com a Yara, acabei aproximando a Yara com o Lamarca! Só que na Direção da VPR nós nomeamos a Yara, num período de aproximação com a COLINA, como uma espécie de embaixadora da VPR no Rio de Janeiro.

E... E a outra é a Maria Auxiliadora! Maria Auxiliadora Lara Barcelos, que era a Chica! A Chica era mineira, estava no Rio de Janeiro quando houve a fusão, todo mundo usava “nome de guerra”! Você não sabia quem era quem! Você pegava o jornal, saía a fotografia, você fazia um esforço de disciplina pra ler a matéria sem ler os nomes! E, sem ver o nome debaixo da fotografia! Todo mundo procurava fazer isso! E a COLINA tinha uma estrutura no Rio de Janeiro, aquele negócio chamado “Gruma”: Grupo de Manutenção, que era o pessoal que dava condições de atuação pro Comando! Então, eles cuidavam dos mimeógrafos do comando, da imprensa, da segurança do comando... Dos transportes, compravam passagens... Providenciavam o motorista... Enfim! Segurança... Era um Grupo de Manutenção do Comando.

Quando houve a fusão VPR e COLINA e eu fiquei na Direção da VAR-Palmares, nós decidimos passar o Comando da VAR-Palmares pro Rio de Janeiro. Fomos todos pro Rio! Foi Lamarca, fui eu! O Marinheiro, o Cláudio de Sousa Ribeiro,

Silvio Matos, né? E, fomos pro Rio! Fomos deslocados daqui pro Rio! Eu recebi um ponto no Rio de Janeiro, uma moça! Do Gruma! Que teria condições, que teria obrigação de arranjar um apartamento, etc., etc. e etc.. E, essa moça era a Maria Auxiliadora! Que o “nome de guerra” era Chica! E, a gente acabou namorando porque ela se enganou! (risos) E... Ela ficou tão entusiasmada com a fusão e etc., de receber um Comandante de São Paulo, ela achava que fosse o Lamarca! E, que nesse momento a Imprensa já divulgava muito o nome Lamarca! Lamarca tinha se transformado num nome mais conhecido! Então ela achava que tava recebendo o Lamarca! E, se encantou com isso! A gente acabou namorando e tal! Foi uma decepção depois, ela acabou descobrindo que não era o Lamarca!

Mas no começo foi isso mesmo! Aí, eu acabei contando depois. Mas, durante o tempo em que eu estive no Rio, e... Nós namoramos! Fomos presos, inclusive, na mesma casa... Bom! Não sei se...

Agora, uma coisa que eu acho importante falar sobre as mulheres, em geral, não só sobre essa que eu tive contato, é que, com a Guerrilha, menos por convicção ideológica, e mais por necessidade, e conveniência prática, na Guerrilha, eu acho que, as mulheres tiveram um papel inédito na escolha da luta contra a ditadura brasileira! E, foi com a Guerrilha que as mulheres receberam, não só casos isolados, uma aqui, outra depois de dez anos... Que você tinha quadros femininos que participavam dos Combates! A quem eram confiadas as armas! Que se faziam ações em que uma mulher ia dirigindo o carro! Uma mulher segurança a Metralhadora dando cobertura! E, eu acho que foi o primeiro momento, nas lutas sociais no Brasil, ou foi o momento em que as mulheres tiveram uma participação mais intensa! E, que menos se preocupava, não havia preocupação... Preocupações tradicionais machistas! Embora nós não fossemos! Mas elas acabaram, com a Guerrilha, ocupando um espaço que, depois se ampliaria com os Movimentos da Anistia... com os Movimentos Feministas... Eu acho que isso tem origem nesse Movimento, os Movimentos Estudantis do final da década de 60 e, na Guerrilha! E, eu acho que é uma coisa que ainda está insuficientemente pensada, porque tá contando essas histórias!

Olha! Quando a Repressão, quando a Repressão começou a combater a Guerrilha, ela partiu pra um conjunto de armas! Uma das primeiras armas foi tentar qualificar! Chamar os Guerrilheiros de Terroristas! Como se isso fosse uma ofensa! Como se isso fosse uma ameaça pro Povo Brasileiro! Ao contrário do que nós próprios pretendíamos, que era ser “Alavancas de Libertação”!

E, se você pegar a Imprensa da época, você vai ver matérias mentirosas! E, que diziam que o Marighela usava o dinheiro de assaltos em benefício próprio... Que o Lamarca, que eles promoveriam bacanais! Enfim! E coisas do tipo! Era a Campanha da Guerra Psicológica! Nessa Guerra Psicológica, no início de 69, eles passaram a procurar, inclusive creditando uma prática dos Estados Unidos, no Oeste que, era colocar cartazes de procurados! O antes! Procurados e tal, né?

E, os dois primeiros desses cartazes são esses dois aqui! Que eu acabei comprando muitos anos depois... De um filho de um Agente da Repressão que tinha guardado... Inclusive com esse enquadramento, com essa moldura que, o próprio cara colocou! E, que estava na casa dele! Se você ver esses quadros, é o seguinte: esse aqui tem o número dois e, esse aqui o número quatro! Porque, nesse período eles eram um pouco, era um pouco não! Eram supersticiosos! E, só usavam os números pares! E, esses cartazes foram os dois primeiros! Depois deles, surgiram vários outros! E, o primeiro cartaz que, é este aqui!

Quer, dizer, vocês estão vendo aqui, que no caso, é o Marighela! Que era um Dirigente da MRN, que foi morto! Em 69! No início de novembro de 69!

A Hilda, a Fadiga, que acabou sobrevivendo! Mora em Minas Gerais hoje!
O José da Nóbrega que, era ex-Sargento do Exército, cassado em 64! Ficou exilado!
Ficou na Argélia, etc.. Um amigão! Mora no Brasil hoje! É anistiado!...

O Lamarca, o Capitão Lamarca! Carioca! Carioca... Que foi Capitão aqui no 4º RI... Foi morto na Bahia junto com o Barreto... Em 17 de setembro de 1971!

E, este aqui, que é a fotografia que está menos visível, aqui, que sou eu! Antonio Roberto Spinosa! Na época do cartaz eu tinha o nome de guerra de Hélio, depois tive outros! De Léo! Bento! Lino! Enfim! Nessa época era...

O Chael! Chael Charles Schreier! Que era Estudante de Medicina na Santa Casa! Fomos presos juntos! Ele foi morto no primeiro dia de prisão sob tortura!

O Bacuri! O Eduardo Leite! Na fotografia aqui, ele estava como Soldado, mas era profissional! Foi da VPR depois da Rede, Resistência Democrática! E depois do MRM! Que também foi morto sem as unhas, sem os olhos! Foi sendo morto aos poucos... Aqui, o Eremias Delizoicov, também morto!

O segundo cartaz publicado saiu em seguida, dois ou três dias depois! E, aqui você tem vivos, a Renata, o Jamil Ladislav, o Sidnei de Miguel! E... Os vivos são esses três!

Aqui. Os mortos, né? O Joaquim Camara Ferreira, que era o segundo Dirigente da MRN. O Mariane, que era Cabo do Exército, saiu com o Lamarca do Quartel pra VPR, depois VAR-Palmares. Foi exilado! Quando voltou ao Brasil morreu num acidente! O Massafumi que acabou se entregando, voluntariamente, à Polícia! Depois, não sei por que motivo, se não agüentou a dor de culps, sei lá, se suicidou, na década de 70! E, aqui, o Juíz, O Knapp

Bom! Esses quadros eram colocados em todos os lugares: rodoviárias, bares, centros comerciais, lugares de concentração pública... E, isso tava... Enfim! Era um, um, uma ferramenta pra procurar! Eu não conheço ninguém que tenha sido reconhecido a parti dessas fotografias, fotografias. Mesmo porque você pintava o cabelo, deixava crescer o bigode, a barba, disfarçava... As fotos que eles pegavam não sempre eram as mais felizes! A minha, por exemplo, era uma foto de fotografia de Carteira de Estudante do Ceneart, do terceiro Clássico! E... Enfim! Não sei se dá pra reconhecer!

De qualquer maneira, o povo também brincava com esses cartazes que, eles ficavam sem esse vidro que tá em cima. Aí, a Repressão, quando alguém era morto, a Repressão passava e colocava um X em cima! E, meus pais, por exemplo, a gente sempre morou na Rua General Bittencourt, aqui no Centro de Osasco, a pressão lá em lá, p Polícia cercando, prendia o meu pai! O meu pai ficou preso, refém, um período, pra que eu me entregasse! Aí, pra se livrar um pouco da Repressão, da, da tensão provocada pela perseguição policial, minha mãe e meu pai acabaram comprando um bar, em frente à igreja de Osasco, atual Catedral! Era o Bar do Bolinha! Aí, eles fizeram questão de chegar no bar e colocar no local mais visível! E, todos os dias passava um Militar para verificar se os cartazes estavam lá! E, vez em quando pra fazer as atualizações, colocar um X em cima! E, andando pelo Brasil, eu viajava muito como Dirigente da Organização! Eu sempre tava vendo nos aeroportos, rodoviárias, né? E, via que eles colocavam em cima o X! Morto: dia tal! Preso: dia tal! E então, acontecia coisas engraçadas! De vez em quando, cheio de aqui, neguinho vinha e escrevia embaixo do Lamarca: “Este é “foda”! Ou seja, a Repressão, esse vocês não pegam, né? (risos) E, vinha um outro e escrevia, um negócio que eu ficava desagradável com isso, era motivo de brincadeira na, na Organização, o Lamarca gozava com isso, por exemplo, vinha na minha foto e escrevia: “Jerry Adriani”.

Agora, sobre isso tudo, eu acho que não tem nenhum motivo pra esquecer! E, pelo contrário! E, é uma época da minha vida que eu gosto! É uma época da minha vida que eu gosto. E, eu acho que é um tipo de resistência, uma faceta da história do Brasil que, o Brasil gosta! O Brasil gosta. Porque foi um momento que ficou latente, que não era um Povo de cabrões, de carneiros... E, pelo menos podia ser uma molecada insensata, mas que emprestou um pouco do seu sangue pra dignidade de um País!

Você tinha me perguntado, também, sobre a questão da repressão, do medo. E, olha! Eu vivia com medo! Vivia com medo! Eu acho que o medo é a coisa mais humana! E, sobretudo, numa relação de tal desigualdade! De assimetria tão profunda! Em que nós éramos o “Dom Quixote” sem o burrico e sem a lança! E, a repressão, aquele “mastodonte”! Claro que dava medo!

E... A única, e... Além do medo, você também tinha outra coisa: era o medo de ter medo! E, eu passei o tempo inteiro com medo, de ficar preso, torturado, você não sabe que horas vão, vem aquela chave balançando no corredor e ouve o “blim, blim, blim”, que vem, que para na sua cela e, te levam pro “pau-de-arara”, né?

E... É uma coisa desagradável! O esforço que você pode fazer é pra não se deixar dominar pelo medo! Não deixar que o teu medo te governe! Agora! Alguns dizem que não tem medo, eu tenho! Tô procurando... E, gostaria de saber que eles fazem pra não ter medo! Agora! O fato de ter medo não obriga que você tenha um comportamento fingido, ou que você faça coisas que, você virá a se envergonhar depois! Isso eu acho que é possível! Apesar de todo o medo, toda a fragilidade, a prepotência, a violência, tem um limite que ela pode não ultrapassar em você e, mesmo com medo, você acaba podendo olhar pra trás e, contar as coisas sem vergonha! Em algumas situações até com orgulho! Enfim! É isso!

Eu acho que existem muitas histórias que são contadas, nem sempre correspondentes à verdade, muitas vezes, um pouco exageradas! E o motivo é a vaidade! E, eu acho que existe, no ser humano, isso!

E, um outro motivo, eu pelo menos costumo justificar assim! É que esses fatos, que eu pus lá, por exemplo, eu não sou dono deles! E, eu apenas estava lá! Eu não sou o autor deles, quer dizer, eu não sou o agente principal! E, eles passaram por dentro de mim! E, esses momentos acabam me utilizando como se eu estivesse incorporado divindades históricas... É... É... Como é que chama? Enfim! Como se tivesse incorporado uma figura! E, então, não são meus! Eu estava lá, outras pessoas não estavam! Quem não estava tem o direito de saber! Ou porque não tinha nascido, ou porque estava num outro ponto da geografia do País! E, enfim! Desde que elas queiram saber também... Se elas não quiserem saber não tem problema nenhum, elas não são obrigadas! Isso não quer dizer que a minha experiência foi melhor do que a delas! De repente elas falam uma experiência, até alienada, que era melhor do que a minha! Pra elas pelo menos foi! Tá limpo! Tá limpo. E, eu acho que, a história delas também interessa de alguma maneira!

E, o terceiro motivo é porque perguntam, né? Você convidou, eu estou aqui pra falar!

Olha! Eu gostaria de ter o mesmo descompromisso em situações semelhantes à que eles viveram, que eu vivi, etc.. Eu gostaria de desempenhar os mesmos papéis, sem que fosse derrotado! E, ainda que nós estivéssemos mergulhados numa alternativa, historicamente, errada, fadada ao fracasso, pelo menos ela era digna! Eu gostaria de fazer esse papel! Só que eu gostaria de acertar! E não errar! Gostaria que os movimentos em que eu participei, viesse a participar, fossem vitoriosos e, não derrotados como os nossos foram!

Por isso, eu acho, sempre tenho achado isso, nesses anos seguintes da minha vida, que a lucidez é fundamental! O exercício da razão! Acima das paixões! Analisar os fatos segundo a sua própria realidade! As suas leis internas! Não, segundo a minha conveniência... Os partidos em que eu estou... Pra se agradar a A, B ou C! É pra tentar analisar as coisas, achar os seus erros, buscar caminhos...

E, isso, como jornalista e, na minha vida política posterior, tem me causado muitos problemas! Porque, em geral, as pessoas cobram, que você esteja afinado com aquilo que elas acham que você deveria ser! E não, que você deva estar sintonizado com a sua própria inteligência, teu próprio senso crítico!

Uma coisa que eu aprendi é o seguinte: “Nisso tudo, não devo satisfações a ninguém. Eu não devo nada a ninguém!” Não existe um Partido, um indivíduo, nada! Eu comprei a minha liberdade de pensar, eu ganhei, eu adquiri a minha liberdade de pensar com a minha própria vida, com meu próprio esforço! Portanto, eu estou condenado a ser livre! Tentar ser racional, etc., agradando ou não agradando! Os inimigos ou os companheiros!

O livro que escrevi é um exercício crítico! Não é um livro de memória! Tem algumas coisas escritas, eu não sei se comunico ou não, inclusive sobre pena de prisão! Nada de memória! E, tem minha última tese, tá pronta! E, eu devo defender por esses dias sobre Política Internacional! Uma coisa inédita e tal... Alguns raciocínios inéditos! Então, eu não sei se publico ou não! Se alguém tem interesse nisso.

Mas, eu não faço nenhuma questão de ser de esquerda, nem de ser Marxista! Agora, sempre que eu penso, sempre que eu tento utilizar a razão, eu acabo trabalhando com as categorias Marxistas e, chego a conclusões, acredito que são de Esquerda, não porque pelo prazer, mas porque pela lógica! Porque nem sempre eu concordo com as esquerdas oficiais! Sobretudo quando elas chegam ao poder! E, ser de Esquerda é ser politivista e, eu sempre acabo no individualismo! É incrível esse negócio!

ROQUE APARECIDO DA SILVA

O sonho não ficou lá atrás...

Meu nome é Roque Aparecido da Silva. Nasci no interior do Paraná, em Sertãoópolis, no dia cinco de janeiro, de uma data muito longe, que até me esqueci! Meu nome é Aparecido, porque minha mãe, quando estava para ter o parto, passou muito mal e achava que eu estava morto. Preocuparam-se com a minha vida e com minha mãe que estava sofrendo... De repente, ouviram um grito: “Inhé!”... E aí “apareceu” essa pessoa! Por isso é que todos os meus irmãos – todos, porque são vários – são Domingues da Silva. Sou o único Aparecido da Silva, certo?

Minha vida nunca foi fácil, nem para nascer! Minha família vivia num sítio no norte do Paraná. Fazíamos muitas coisas: comprávamos sal, farinha de trigo, produzíamos açúcar, colhíamos de tudo. Foi uma vida bem interessante, no início... Depois, meus pais venderam o sítio e a gente foi trabalhar numa fazenda de gado. Meu pai foi retilheiro: retirava duzentos e quarenta litros de leite por dia, mas tirava na mão! Entregava cerca de duzentos litros às sete horas da manhã. Levantávamos às duas horas para a sede da fazenda ter leite. Depois, os outros quarenta litros que a gente tirava, colocava nos galões, numa charrete, e ia vender na cidadezinha próxima.

Aproveitávamos quando meu pai saía sempre à tarde, ía para a cidade tomar a cachaça dele... Eu e meus dois irmãos mais novos, João e José, íamos montar bezerros. Um dia, meu pai chegou e meu irmão estava montando um bezerro, que era manso. Olhou e falou: “Nossa, que coisa! Como pode um bezerro ser tão manso assim?”. Mal sabia ele quantos tombos já tínhamos tomado para o bicho ser tão manso assim!

Depois dessa fazenda, minha família comprou uma chácara onde ficamos mais dois anos. Havia plantação de café, arroz, feijão... Mas mudamos para Ibiporã, porque lá não tinha emprego. Eu tinha treze anos, mas tinha que trabalhar. Trabalhava num carro de som: “Lojas Paulista às suas ordens! Os melhores tecidos pelos melhores preços!”. Com treze anos de idade já sabia falar... Acho que vem daí minha mania de fazer discursos!!

Tinha duas irmãs mais velhas, casadas, que já estavam morando aqui em Osasco, no Quilômetro 21. Trocava carta com uma delas, a Iracema, e percebi que em Ibiporã não dava para pensar no futuro. Falei com ela e decidi ir embora. O dia em que falei em casa que ia embora, a “casa caiu”! Um moleque queria deixar a casa?! Não deixavam de jeito nenhum! Arrumei uns quintais para carpir, ganhei dinheiro, comprei uma passagem. Cheguei em casa e disse: “Está aqui o dinheiro. Vou embora”.

Cheguei em Osasco no começo de 1962, e meu primeiro emprego foi no matadouro, no Quilômetro 21. Era muito interessante: ia lavar a tripa de boi para preparar a lingüiça. Uma tripa pelo avesso. Lavava direitinho, botava para secar, preparando a lingüiça... Depois fui trabalhar na oficina de camisa Barilon. Lembra das camisas Barilon? Então, é daquela época! Meu cunhado era alfaiate, minha irmã costurava. Eles tinham uma pequena alfaiataria. Eu ajudava também, até que surgiu a oportunidade de entrar como aprendiz na fábrica da Cobrasma.

Fiz o teste e passei. Havia um número grande de garotos concorrendo. Eu tive a sorte de passar em quinto lugar! Só que na hora do exame médico, não passei. Tinha uma hérnia... Fui levado à Santa Casa para fazer a cirurgia. Tive que ficar três meses em repouso. Mas voltei, e comecei a trabalhar na Cobrasma. Já tinham me chamado várias vezes para começar na fábrica e não tinha mais chance. Se quisesse, teria que fazer

outro teste. Tinha passado em quinto lugar, e por uma condição alheia à minha vontade, não tinha começado a trabalhar. Então, colocaram minha ficha de volta e acabei trabalhando como “office boy” na Seção do Pessoal, onde o Dr. Albertino foi meu chefe.

Em 1963, comecei também a estudar à noite, no Ginásio Estadual do Rochdalle, logo que a escola começou. Fui da primeira turma. Inclusive, fiz o segundo e o terceiro ano lá, mas não tinha o quarto ano. Fiz o quarto ano no GEPA, Grupo Escolar de Presidente Altino. Me formei no ginásio em 1966. Nesse meio tempo, logo que comecei a estudar, alguns colegas e eu fundamos o primeiro grêmio estudantil de Osasco. Começamos a ter várias atividades. Organizamos as duas primeiras olimpíadas estudantis de Osasco, no Clube Floresta. Ao mesmo tempo, eu trabalhava durante o dia na Cobrasma: primeiro no escritório, depois como aprendiz de qualidade. Comecei a ter participação, também, na comissão de fábrica, mas a principal atuação foi na criação de um grupo de teatro entre os operários da Cobrasma. Era o GOTA, Grupo Operário de Teatro Amador.

Aos poucos, fomos tomando consciência da situação do país, da ditadura Militar, da falta total de liberdade, com a participação no movimento estudantil e sindical. O sindicato estava sob intervenção, e a gente organizou a comissão de fábrica, porque não havia espaço e tínhamos toda uma crítica à estrutura sindical, à forma como os sindicatos estavam organizados, à ausência de organização nos locais de trabalho. Por isso, nós partimos para outro tipo de movimento. O doutor Albertino saiu da Seção do Pessoal, também tomou consciência dessa situação toda e, no movimento estudantil, criamos o Círculo Estudantil de Osasco. Aquela ditadura toda, aquele inferno... Foi legal criar o CEO para sair um pouco daquele inferno!

Mas, convenhamos que essa vida de santo também não era lá tão interessante... Participavam da organização todos os estudantes dos colégios que existiam, principalmente do Ceneart. O presidente do CEO era o José Campos Barreto. A gente não o conhecia como Zequinha. Era só a família dele que o chamava assim. Entre nós era só Barreto. O Osny Gomes da Silva, que foi meu primeiro cunhado, era o vice-presidente. Eu era o secretário. Havia vários estudantes, de diferentes ginásios, pois o CEO era a união dos grêmios estudantis. Havia também várias meninas, companheiras que participavam: a Marília Negrão, a Aninha Gomes, que foi minha companheira... Mas, como já ia dizendo, a vida de santo nem sempre era tão agradável, e para tornar a vida do CEO mais agradável, a gente criou o ATOA!... Aí, o grande mestre era Jessy Navarro Júnior! Então, céu, inferno e à toa, tornou a vida legal! Levamos bem a vida! Havia uma sede do ATOA, que era a mesma do CEO, no Jardim Agu. Mas a gente se reunia mesmo era no boteco, na Galeria Fuad Auada!... É claro, para tomar guaraná!! Afinal, ninguém era de ferro... Não ia ficar só tomando água, não é?!

Aconteceram várias coisas importantes nesse momento. Em 1962, foram as primeiras eleições, graças à luta de estudantes e comerciantes pela emancipação de Osasco com relação a São Paulo. Houve o plebiscito em 1958, mas com os recursos jurídicos que os contrários à emancipação apresentaram, as eleições só aconteceram mesmo em 1962. Curioso é que o primeiro prefeito de Osasco tenha lutado contra a emancipação... Foi o Hirant Sanazar...

Em 1966, já havia um grupo de esquerda, o chamado Grupo de Osasco, que reunia operários da oposição do sindicato e estudantes do CEO. Muitos eram estudantes e operários ao mesmo tempo, como o Barreto e eu. Esse grupo decidiu que daria apoio a um dos candidatos, do MDB – era o Guaçu Piteri – com quem a gente tinha boa relação e a esquerda havia aprovado. Quase ao mesmo tempo, mantínhamos contato com setores clandestinos ligados ao Carlos Marighela. Já estávamos pensando em luta

armada e participando da luta política legal aqui em Osasco. O acordo que fizemos para apoiar o Guaçu nas eleições para prefeito possuía vários pontos: o MDB garantiria a legenda para a gente indicar dois colegas a vereador, um operário e um estudante. Como na época o meio de comunicação que possuíamos era o mimeógrafo, exigimos que o MDB imprimissem cento e oitenta mil exemplares de uma carta ao povo de Osasco, que a gente ia fazer, expressando o apoio aos candidatos indicados. Essa carta, inclusive, começava com uma denúncia sobre a Ditadura, a tortura, situações que estávamos vivendo no Brasil... E afirmávamos que, em Osasco, devido às características locais, apoiávamos para prefeito o Guaçu – nem falávamos nada do MDB – e para vereadores o Pedro Vascursin e o João Gilberto Porte.

Outro item do acordo era que em todos os comícios, alguém do Grupo de Esquerda de Osasco teria direito à palavra. O conteúdo do discurso seria basicamente o que estava na Carta ao Povo: denúncias sobre a Ditadura, sobre as torturas, e apoio aos nossos candidatos. E também, se o Guaçu fosse eleito, nós, operários da oposição sindical, elegeríamos um acessor que fiscalizaria o seu governo, assim como os estudantes. Ele concordou. Isso tudo foi cumprido, ele foi leal ao acordo. No caso, eu fui o escolhido pelos estudantes para representá-los no gabinete. Do gabinete, passei para a Secretaria da Educação, que tinha mais a ver com a minha representação. O secretário da educação era o José Liberatti que, mais tarde, também seria prefeito. O representante dos operários era o Batista, mas não tive mais notícias dele... E os nossos vereadores também foram eleitos. Foi um trabalho legal!

Em 1967, estava na prefeitura, mas houve eleições no sindicato, e a oposição organizou a “Chapa Verde”, presidida pelo José Ibrahim, contra a diretoria liderada pelo Henos Amorinas. A oposição venceu as eleições no Sindicato dos Metalúrgicos, que era o mais importante de Osasco, efetivamente. Em 1968, intensificou-se o movimento estudantil e a radicalização maior se deu em março, quando da morte do estudante Edson Luís no restaurante Calabouço, no Rio. E aí se generalizou o movimento por todo o Brasil! Em Osasco, o CEO organizou uma manifestação, subindo a rua Primitiva Vianco, a rua Antônio Agu, a avenida dos Autonomistas... Descemos a Primitiva, aproximadamente dois mil estudantes... Uma mobilização grande! E eu não tinha como não estar à frente dela.

Então, no outro dia da manifestação, cheguei na prefeitura e o Guaçu Piteri me disse: “Olha, Roque, recebi um telefonema do coronel Metiano, do 4º. RI, falando que tinha um subversivo no meu gabinete e que era para eu exonerar essa pessoa imediatamente! Ele disse que não tem sentido, é incompatível um subversivo no meu gabinete. Faz o seguinte: desaparece por uns dias para ver se isso passa”. Acontece que o movimento estava num crescendo, se radicalizando no Brasil inteiro, e nós organizamos outra passeata, não só de estudantes, mas também de operários e sindicatos. Não oficialmente, extra-oficialmente, mobilizando os operários de São Paulo, a União Estadual dos Estudantes, o Zé Dirceu... Não só a facção do Zé Dirceu, mas também a dissidência comunista, da Catarina Meloni, e a Ação Popular. As duas tendências mais fortes do movimento estudantil nacional vieram para Osasco. Então, foi uma grande passeata! E com uma característica especial: na frente, havia uma grande bandeira dos vietcongs. Como o Guaçu havia pedido para eu ficar desaparecido, fiquei bem embaixo da bandeira dos vietcongs!!

No dia seguinte, não teve jeito. Cheguei na prefeitura, o prefeito me chamou para mostrar a portaria me exonerando, porque o coronel Metiano tinha telefonado mais uma vez e dito que o “subversivo” continuava agitando, e que se ele não fosse exonerado, haveria uma intervenção no município de Osasco. Quero aqui, mais uma vez, dizer que o Guaçu teve uma atitude muito digna. Ele me disse: “Não quero romper

com vocês, mas não posso permitir a intervenção na cidade. Não quero romper com vocês”. Pediu, então, que a gente indicasse outro estudante para me substituir no gabinete, mas o movimento estudantil decidiu que era “Roque ou ninguém”! Foi o rompimento com a administração Guaçu Piteri...

Houve a radicalização do movimento nesse momento. A gente já estava organizando a greve de 1968. Inicialmente, pensávamos em organizar um movimento amplo, em novembro, quando haveria o dissídio coletivo dos metalúrgicos em Osasco, São Paulo e Santos. Achávamos que esse seria o melhor momento para realizar a greve. Mas em abril, houve a paralisação de Belo Horizonte/Contagem, e aqui em Osasco houve uma radicalização muito grande! Era comum a gente ouvir entre os operários: “Esse pessoal ‘está arregando’, não ‘dá mole’, não está a fim de ‘ir pro pau’”. Isso era pesado para quem não pretendia ser isso...

Logo que saí da prefeitura, comecei a trabalhar numa metalúrgica em Presidente Altino, a mecânica Simpson. Havia voltado para a categoria dos metalúrgicos. Naquele processo de radicalização em que a gente estava, achamos que não dava mais para segurar a greve e decidimos iniciá-la no dia 16 de julho. Para vocês verem bem o nível de organização que a gente tinha, só um exemplo... Claro que a gente entendia que novembro seria um mês mais factível para iniciar a paralisação, porém havíamos decidido começar em meados de julho. Então, procuramos apoio, conversando com as lideranças sindicais aqui, em São Paulo, no ABC, em Guarulhos, e também com o movimento estudantil. Uma semana antes, fui conversar com o presidente da UEE, o companheiro José Dirceu, sobre como poderíamos garantir o apoio estudantil à greve, e fazê-la acontecer a partir do dia 16 de julho. Conversamos, e ele disse: “Olha, a única forma, a melhor forma de nos organizarmos, será convocando uma assembléia estudantil para o dia, com uma pauta qualquer. Se estourar a greve em Osasco, discutimos e organizamos, para o dia seguinte, grupos para fazer panfletagem por Osasco, São Paulo, ABC e Guarulhos”.

Perfeito! Ótimo! Mas... E o panfleto? O panfleto deveria estar falando da greve que estaria acontecendo em Osasco. Ele não poderia sair no segundo dia de paralisação sem falar sobre o que aconteceu no primeiro. Deveria chamar a população à solidariedade. E tinha que ser entregue ao Zé Dirceu três dias antes!... Porque, como iam rodar trezentos mil panfletos no mimeógrafo em duas horas?!

Tudo bem... O Espinosa e eu sentamos, redigimos e começamos: “Ontem, às 8:45, um toque extra da sirene da Cobrasma declarou a ocupação da fábrica e o início da greve. O pessoal saiu em passeata, seção por seção, se reuniu no pátio, e os operários decidiram pela ocupação da fábrica. Ao meio dia, a Barreto Keller parou seus operários, foram em passeata pelas ruas de Osasco até o sindicato. Às duas da tarde, a Lonaflex foi ocupada na troca de turno... ‘Assim, assim, assim’... É greve em Osasco! Solidariedade à greve em Osasco!”. Esse panfleto foi entregue ao Zé Dirceu três dias antes da greve, certo? Olha que situação! Isso até as sete da noite, quando ocorreu a repressão mesmo, a desocupação das fábricas. Ocorreu exatamente como estava nos panfletos! A gente tinha uma organização no interior das fábricas que dava confiança sobre o que estávamos fazendo... Depois, enfrentar o exército já foi mais difícil e não deu para continuar como a gente tinha pensado... Aí as coisas mudaram um pouco de rumo...

Mas foi uma experiência de organização, até o momento da greve, muito importante! Sem dúvida, pode-se dizer que desde os anos 30 foi a organização mais importante, a partir dos locais de trabalho, que o movimento sindical brasileiro viveu. É importante destacar que as principais lideranças estavam com vinte, vinte e um, vinte e dois, no máximo com vinte e três anos de idade! Claro, existiu um João Batista Cândido, por exemplo, que teve um papel muito importante! O Groff... Alguns

companheiros, que participaram na formação dos sindicatos... Claro, tiveram um papel importante! Agora, a liderança daquele movimento, daquele processo de organização, que deu condução ao período de 66, 67 e 68, foi o Barreto - que talvez tenha sido o maior destaque - , o Ibrahim, que era da presidência do sindicato, e eu. Enfim, algumas pessoas que tinham essa idade. Era quem estava dando a direção. O Manuel Dias do Nascimento, o Neto, a maioria deles, inclusive, operários-estudantes...

Até para nascer foi difícil... As coisas nunca foram fáceis em toda minha história de vida! E eu, mesmo antes de ter uma consciência política, sempre tive uma personalidade de não me dobrar, não me sujeitar ao que me impunham. A minha própria vinda do Paraná para São Paulo foi quase uma atitude de revolta contra a vontade de meus pais, certo? E aí, chegando aqui, e passando a conviver com outras pessoas, os novos companheiros da Frente Nacional do Trabalho, o Groff, o Cândido, isso foi se intensificando. Eles colocavam para nós essa questão contra a Ditadura, e a gente sofria na pele! Então, a consciência foi meio que a partir da integração nesse processo e da própria personalidade de não me sujeitar a qualquer imposição. Agora, por que a greve ocorreu em Osasco? O fato da Frente Nacional do Trabalho ter se constituído com setores ligados à Igreja, se tornou sólido aqui em Osasco, mais forte do que em São Paulo, que era uma cidade maior! Uma cidade menor, com uma concentração industrial maior, deu ao movimento em Osasco essa particularidade... Com certeza, a participação do Dr. Albertino de Souza Oliva, ligado à FNT como advogado foi fundamental! Então, não havia apenas operários semi-analfabetos, mas também um advogado, que conhecia o outro lado, da administração, e toda a realidade operária e da produção, da gestão do trabalho, como se dava naquela época. Esse grupo teve um papel muito importante!

Em 1967, na maioria dos lugares onde havia grupos mais atuantes de esquerda, estavam pregando o voto nulo. Nós, aqui, tivemos uma postura de participação do processo de eleição nos sindicatos, mesmo que estivéssemos ligados a visões marxistas, mas com uma flexibilidade quanto à atuação política no dia a dia. Na diretoria do sindicato, esse grupo de jovens garantiu a presidência para o José Ibrahim e uma negociação mais ampla com o pessoal da FNT. Principalmente a maioria dos dirigentes da “Chapa Verde” era formada por cristãos, ligados à Frente. A gente tinha apenas algumas pessoas do Grupo Osasco ali, porque o mais importante era ter um trabalho de base. O sindicato a qualquer momento poderia sofrer intervenção, e nós já sabíamos disso. O mais importante era que o Barreto e o Neto continuassem dentro da fábrica. Eu já estava fora da fábrica, estava na prefeitura, numa outra articulação. A gente tinha toda essa conversa... Desse processo também estavam participando o Espinosa, o Valdir Ferreira, todo pessoal que compunha o Grupo de Esquerda de Osasco. A gente já falava em luta armada e já organizava a greve com essa perspectiva também, tanto que a Vanguarda Popular Revolucionária do capitão Lamarca foi um resultado, praticamente, em 68, de um grupo de ex-militares, dirigidos pelo sargento Olavo Pinto, o Grupo de Osasco e alguns mineiros do Colina. O grupo de Osasco estava no processo de organização da VPR.

Essa experiência de Osasco teve uma repercussão não apenas nacional, mas internacional, muito grande! O movimento estudantil nacional mobilizou o mundo em apoio à greve de Osasco. Tanto que em outubro, eu já estava na clandestinidade. Nós, os operários revolucionários clandestinos de Osasco, decidimos ter uma interferência no Congresso da UNE, que estava sendo organizado clandestinamente em Ibiúna, em outubro. O nosso companheiro Jorge Batista era presidente da UEE em Minas Gerais, e era também um potencial candidato à presidente da UNE. Ele era do Colina e estava em contato com o nosso grupo. Decidimos que eu iria para o Congresso levar o apoio dos trabalhadores de Osasco a Jorge Batista, para presidente da UNE. Só que organizar um

congresso clandestino daquele tamanho em plena ditadura era meio complicado... Então, havia um processo de levar a gente daqui até um entreposto no meio do caminho, no meio do mato. Esses “daqui” deixavam a gente “lá”, e depois vinha outro carro para levar a gente ao congresso. Isso tudo, porque se alguém fosse preso no caminho, não saberia dizer onde era o encontro. Mas aí, quando cheguei e saquei como toda essa movimentação estava sendo feita, já concluí: “Peraí, isso aqui não dura mais dois dias!”. E não cheguei ao Congresso. Senti a polícia e já voltei no meio do caminho. Por isso é que não fui preso lá. Isso foi um repente que me deu: “Se eu for, vou ser preso”.

A fábrica em que eu estava trabalhando, durante a paralisação, era pequena. Estava há pouco tempo lá, não havia nenhum tipo de organização. Tanto que nem fui tentar parar essa fábrica. Eu estava no comando geral da greve. Por exemplo, a gente tinha decidido que no dia 16, quinze para as nove da manhã, haveria um toque extra da sirene da Cobrasma. A seção de limpeza e acabamento que a gente considerava como a mais organizada e em que a maior liderança – é importante destacar – era o companheiro João Joaquim, pararia e sairia em passeata, passando pelas outras seções, até se reunir em uma assembléia no pátio da fábrica. Eu havia ficado responsável por ocupar a portaria nos fundos, em apoio aos operários da fábrica, na rua João Batista. Quando os companheiros saíam de dentro da fábrica, nós que vínhamos de fora, nos juntávamos e estávamos preparados para a eventualidade do guarda da portaria resistir, de ele estar armado... Enfim, para “o que desse e viesse”! Estávamos preparados para a tomada do portão. Fiquei fora da Cobrasma, até porque tinha que ir para a fábrica da Barreto Keller, que iria parar ao meio dia, e conduzir a passeata até o sindicato.

Houve uma coincidência: algumas companheiras que estavam relacionadas com esse movimento e trabalhavam na Granada, ao lado da Barreto Keller, também pararam. A Aninha, que trabalhava na Granada, também parou e, então, saímos com os trabalhadores das duas fábricas, fomos até o sindicato, realizamos a assembléia primeiro, com todo mundo. Discutimos a greve, depois dividimos em vários grupos para discutir outras coisas em cada fábrica. Assim surgiu a liderança de Ana Maria Gomes, que ficou orientando a discussão de um grupo. Fui para a Lonaflex, às duas horas, porque haveria troca de turno. Então, quem estava dentro não saía; quem estava fora, chegava e engrossava a ocupação. A principal liderança, que organizava tudo lá dentro, era o Neto, o Manuel Dias do Nascimento. A greve de dentro para fora foi resultado da sólida organização que nós tínhamos nos locais de trabalho! A gente tinha uma visão crítica em relação àquele movimento sindical comunista, que vivia dos piquetes para fazer qualquer movimento. Achávamos fundamental que os trabalhadores estivessem organizados e conscientes, e que o movimento não deveria surgir da imposição do sindicato ou de um grupo qualquer através de piqueteiros.

É claro que a experiência do “Maio Francês” foi muito importante! Várias fábricas foram ocupadas na França, e por vários dias, até porque eles não viviam uma ditadura militar como aqui. Não só o “Maio Francês”, mas todo o movimento operário e estudantil que estava acontecendo na Europa. 1968 não foi Osasco. 1968 foi o mundo!... Um movimento de baixo para cima, a partir das bases. Era de baixo para cima que as coisas aconteciam. Acreditávamos que a ocupação da fábrica daria uma repercussão que facilitaria a solidariedade, o apoio, a adesão e a ação da greve. Tinha um pouco essa ilusão...

Após a tomada da Lonaflex, estava tudo tranquilo. Fui ao sindicato. Quando passaram duas, três horas, apareceu o representante do Ministério do Trabalho dizendo que queria falar sobre a greve com o presidente do sindicato, José Ibrahim. Dissemos que ele não estava, que o sindicato não estava liderando a greve e que, portanto, discutir, negociar a greve, tinha que ser diretamente com os trabalhadores. Ele chegou a

ir até a Cobrasma, percebeu o movimento... Houve aquele clima de negociações. Quando foi mais tarde, a gente percebeu que alguma coisa estava começando a mudar... Estávamos todos no sindicato, na expectativa... O Zé Ibrahim não estava, tinha ido a São Paulo, convidado por um amigo dele, dar uma entrevista para fazer a divulgação da greve. À noite, então, não estava mais no sindicato. Então, chegou uma informação de que a tropa de choque estava chegando na Cobrasma... Todo mundo se reuniu em frente ao portão. A tropa de choque se posicionou também... Nesse momento, o companheiro Barreto, o principal líder dessa ocupação, fez um discurso pedindo aos soldados: “Você sabe o que é viver com baixos salários, o que é sustentar uma família com baixos salários, o que é viver numa família pobre. E é justamente por isso que estamos aqui, por melhores salários, por uma vida mais digna! Não venham vocês agora querer destruir a gente. Não aceitem a palavra de ordem do comandante para reprimir!”... Não era nenhuma novidade. Ao longo da história, isso já havia acontecido algumas vezes pelo mundo afora. Mas nesse momento, a tropa teve uma vacilação, o comandante ficou ainda mais nervoso e ordenou com todo vigor a ocupação!

Houve um momento em que o Barreto tentou evitar o avanço da tropa – é claro que ele era uma pessoa muito consciente – e ameaçou que se a tropa invadisse, iria colocar fogo num tanque de gasolina, que iria tudo pro ar... Claro que isso jamais aconteceria! O Barreto era uma pessoa muito humana, muito sensível! Era como se fosse meu irmão, entende? Ele também estudava à noite no Ceneart. Terminava a aula, um dia ia para a reunião, outro dia tocava violão, cantando Chico, Caetano, Vandré, enfim, as músicas de protesto da época... Ele morava ali no bairro Santo Antônio, e eu na Vila Isabel. Depois das onze e meia da noite, não havia mais ônibus para a casa dele, mas para minha casa ainda tinha, já que morava mais perto do centro. Então, ele tinha uma chave da casa dos meus pais. Quando passava o último ônibus e o Barreto não conseguia ir mais para casa, ia até a Vila Isabel. Chegava na minha casa, estava todo mundo dormindo... Com muito jeitinho, abria a porta, entrava em casa... Já conhecia muito bem como é que minha mãe organizava as coisas. Com todo silêncio, ia até a cozinha, esquentava a comida, comia. Depois, embaixo da minha cama, puxava o colchão, deitava e dormia... Depois, eu acordava...”Opa, meu irmão está aqui, hoje”.

O Barreto era um rapaz extremamente sensível! Jamais faria uma coisa dessas... Mas naquele momento, enquanto arma, argumento para tentar impedir o avanço da repressão, chegou a esse tipo de ameaça. Conseguiu fugir da repressão, mas quando estava saltando a cerca, foi preso por 98 dias. Por causa da greve...

Lá no sindicato a gente tomou conhecimento disso. Ao mesmo tempo, a Lonaflex estava sendo invadida pela polícia, mas lá não houve prisões como na Cobrasma, nem relações tão conflituosas no momento de desocupação. Desocuparam a fábrica, a gente ficou mais um tempo no sindicato. Estava tudo bem. Decidimos fechar as portas e ir para casa. No dia 17, já estava programado para as oito e meia da manhã que a empresa Brow Boveri pararia e os trabalhadores sairiam em passeata pelas ruas até o sindicato. Às nove horas parariam a Braseixos, que era em frente à Cobrasma. Eu estava às oito e meia da manhã em frente à Brow Boveri, em que o principal líder era Otaviano Pereira dos Santos. Os operários saíram, descemos a avenida Autonomistas, a rua Primitiva Vianco até o sindicato. A cidade toda praticamente estava ocupada pelos militares, mas não houve repressão. Nesse momento, a Braseixos também estava parando e, internamente, em função da quantidade de forças que estavam ocupando a cidade, o pessoal da Braseixos resolveu sair em pequenos grupos e ficar reunido em diferentes lugares. Não foram todos ao sindicato. Até aí tudo normal como havia sido planejado quanto às paralisações... Claro que quanto à repressão e às desocupações... Nessa partezinha... A gente perdeu controle!

No dia 17, os jornais já anunciavam que havia tido intervenção nos sindicatos de Osasco. O José Ibrahim, que tinha ido para São Paulo justamente divulgar a greve, e dormiu por lá, quando viu nos jornais o que estava acontecendo, nem voltou para Osasco! Mas, na verdade, não havia acontecido a intervenção de fato. Tanto que a gente esteve o dia inteiro lá no sindicato. Quando foi de tardezinha, chegou uma pessoa com o mandato de intervenção para desocupar o sindicato. Os trabalhadores disseram: “Não! Isso é casa de trabalhador. Interventor aqui não entra!”. Houve toda uma discussão na porta, o cara saiu, disse que ia buscar reforço policial, que a ordem seria mantida e cumprida.

Nesse momento, todo mundo que estava no sindicato se reuniu em assembleia – que por sinal foi a última antes da ocupação do sindicato pela polícia – e quem decidi fui eu. Havia três posições: uma era do Marinho, ligado aos chamados radicais, que não aceitava, que queria botar fios de alta tensão na porta: “Aqui é a casa do trabalhador. Aqui interventor não entra mesmo! E vamos resistir até o último homem!”. Havia outros grupos bem mais moderados: “Não, pelo amor de Deus, chega de prisões, chega de violência! Vamos embora, vamos desocupar o sindicato para evitar mais violência”. Eu acabei defendendo uma terceira posição, que chamei de “resistência pacífica”, que era nos mantermos lá até o final, resistir com palavras... Não partir para o confronto com a polícia porque, obviamente, nós não tínhamos um exército organizado para combater o outro exército. A posição vencedora foi a que eu defendi e decidimos também que se caso ocorresse – o que estava praticamente certo – a ocupação do sindicato pelas forças repressivas, no dia 18, de manhã, a gente se reuniria na igreja do Santo Antônio, porque havia o envolvimento de padres operários. O padre Pierre Voitier, por exemplo, tinha uma participação muito ativa conosco. Ele era francês, havia nos assegurado sobre a possibilidade de nos reunirmos na igreja caso houvesse a intervenção.

A polícia chegou... Estava claro que se ficássemos, não passaríamos pela “peneira”. Conseguimos sair pelos fundos do sindicato... No dia seguinte, eu estava na igreja às sete da manhã, e foi chegando gente... Tinha uma sala de aula, embaixo. A gente estava se reunindo numa dessas salas, em cima. Aí aconteceu uma cena muito interessante: uma das cozinheiras, era uma velhinha de uns oitentas anos... De repente, a gente está dormindo, a velhinha chega esbaforida, gritando: “Tem algum comunista aí?! Tem algum comunista aí?! Se tem, corre, porque a polícia está aí e vai prender todos os comunistas!!”

Claro, a polícia tinha ido prender todo mundo! Eu disse: “Senta todo mundo no chão, fica todo mundo quietinho aí que vou ver como está “a coisa”, se há alguma escapatória”. Mas a igreja toda estava cercada, não havia alternativa. Enquanto eu estava andando no pátio, tinha uns operários pedreiros lá... Eu vi a polícia! Então, peguei uns tijolos, tentando fazer de conta que era um deles, para não ser preso... Mas o “cacete comeu” e eu fui preso!!

Prenderam todo mundo! Levaram a gente para a sacristia e de lá tinha um ônibus para a delegacia de Osasco. Quando cheguei lá, já havia mais de cem pessoas presas! Vi, então, o padre Voitier, que também já estava preso, e que me pareceu ser o que tinha mais agilidade mental para entender o que estava acontecendo. Fui lá rápido, em direção a ele, e perguntei: “E aí, o que está acontecendo?”. Ele disse: “Pelo que entendi, estão pegando o nome de todos os ‘cabeças’ e vamos todos para o Dops. Lá vão dar uma peneirada e os ‘cabeças’ ficam”... Perfeito. Quadro preciso!

O policial que estava lá na mesa controlando a situação me conhecia, óbvio, e enquanto eu estava conversando com o Pierre Voitier, ele gritou: “O operário estudante comunista!”. E eu, nem aí... ”Não sou comunista. Só sou operário e estudante, poxa!”. E

ele: “É você mesmo, Roque!”. Eu respondi “Opa! Sim, senhor!”. Perguntou: “Qual é o seu nome completo?”. Então, com toda tranquilidade, enfiei a mão no bolso, com a carteira de identidade na mão: “Roque Alves de Souza”. Ele registrou com a máquina de escrever e eu coloquei a identidade de volta no bolso. E fiquei lá... Um tempo depois, todos fomos levados para o DOPS.

Chegando lá, acho que havia umas trezentas e cinquenta pessoas... Então, foi o dia inteiro o fichamento de todo mundo, pegando carteira de identidade, dados. Quando estava no começo da noite, começaram a chamar de três em três. Pensei: “Opa, começaram a peneirar todo mundo. Não posso ficar para o final, senão vai dar zebra”. Peguei dois companheiros de confiança, ficamos na frente do portãozinho para sermos os próximos. E fomos nós três... O chefe do Dops era o tal do Dr. Vanderico, um senhor que tinha três fios de cabelo na cabeça, mas o tempo todo ficava penteando o fio de cabelo assim... Leu uma lista de nomes: “Fulano, Siclano, Beltrano, Roque Alves de Souza... Alguém da lista está aí?”. E nós: “Não, não, não”. Ele perguntou: “Qual é o seu nome?”. Respondiam: “Fulano”. Olhou para mim: “Qual é o seu nome?”. Respondi: “Roque Aparecido...”. Ele gritou: “Ah! Você é o Roque. Você tá fodido! Vai passar muito tempo aqui com a gente! O Barreto já está aí. O Ibrahim, a gente vai pegar!”.

Eu disse: “Doutor, doutor, calma. Eu não estou entendendo nada! Não sei porque estou aqui. Não sei o que está acontecendo, doutor!”. Ele perguntou: “Qual é o seu nome?”. Respondi: “Roque Aparecido da Silva”. Pediu: “Documento!... Porra, não é que você escapou por pouco?! O Roque Alves de Souza está aí, vai ficar muito tempo preso!”.... Eu falei: “É, doutor, desculpa, mas não sou eu...”!! E ele: “Então, nós vamos prender o Ibrahim. O Barreto está aí, o Roque Alves de Souza está aí... Pode ir embora!”... Tá legal... Sai!!

Desci com os companheiros, tomamos à direita, como quem vai pegar o trem ali na estação Júlio Prestes, como quem vai para Osasco. O primeiro táxi que passou, peguei: “Por favor, rua Maria Antônia”. Não sabia mais o que estava acontecendo em Osasco, mas lá sabia que era território livre, os estudantes estavam ocupando a Faculdade de Filosofia na Maria Antônia. O táxi foi, chegou até a fronteira do “território livre”. A Maria Antônia estava fechada. Eu saltei, fui para dentro do “território livre” e, em seguida, encontrei o Zé Dirceu, com sua famosa capa preta, aquele cabelo até o ombro: “Roque, mas você não está preso?”. Respondi: “Eu estou aqui, cacete!”. Ele já me cobriu com a capa preta... Contei o que havia acontecido, ele me levou até uma sala que servia de enfermaria. Sei lá se era um lugar pra tomar glicose, mas me levou para me acalmar, me tranquilizar. Falei a ele que a hora que o Espinosa chegasse – provavelmente estaria indo para lá – me colocasse em contato com ele para que eu pudesse voltar para Osasco.

Dito e feito! Quando deu onze horas da noite, o Espinosa chegou, me contou o que estava acontecendo e nós voltamos para Osasco. Tentamos manter a greve a partir daquilo que nós chamamos de “grevilha”, greve de guerrilha. A “grevilha” consistia em organizar grupos, já que as próprias adjacências das fábricas estavam sendo vigiadas, cheia de policiais. Então, a gente organizava grupos para convencer os operários a manter a greve. Lá na estação de trem do Quilômetro 18, naquela ponte do Rochdalle que atravessava o rio, nos vários pontos estratégicos por onde os operários vinham para as fábricas, a gente organizava os piquetes.

Vários companheiros foram presos, a repressão continuou, e não conseguimos mais controlar efetivamente o movimento... Eu já estava clandestino. A partir do momento em que escapei do DOPS, com o nome de Roque Alves de Souza, praticamente entrei para a clandestinamente, porque estava evidente que a polícia estava me procurando. Mas ainda estávamos articulados enquanto grupo de esquerda de

Osasco. Havia um grupo dissidente, que era a POLOP, junto com ex-sargentos do Colina, na formação da VPR. Eu já estava em contato com eles e não voltei mais para casa.

Minha família, claro, ficou preocupada! Ela já vinha de uma grande participação nesse processo todo. O meu irmão mais novo, João - abaixo de mim e mais velho que o José, o caçula - fazia parte também do grupo de esquerda aqui de Osasco, Ele não era operário, trabalhava num açougue ali perto do quartel de Quitaúna, mas participava ativamente com a gente. A minha família estava preocupada com toda essa situação, mas havíamos explicado que agora estávamos nessa perspectiva e precisávamos desaparecer. Meu irmão também terminou sendo preso alguns meses depois, em 1969 e, inclusive, morreu sob tortura... Enfim... Era evidente que a situação estava complicada...

O João era meu irmão querido! A gente sempre estava junto... João Domingues da Silva... Estava com a gente nesse processo todo... Participava do grupo de esquerda, da articulação da VPR. Integrou-se, digamos, naturalmente...

Nesse período do segundo semestre de 68, o grupo de Osasco, que estava na clandestinidade, integrou-se de corpo e alma à formação da VPR. O Congresso, o encontro de vários grupos que a constituiu formalmente, mais a base dos ex-sargentos, ajudaram na tentativa de realizar uma guerrilha rural no Vale do Ribeira. Mas a gente viu, então, que esse negócio da guerrilha tinha que ser algo muito bem preparado. Discutíamos sobre a estratégia, sobre a guerrilha urbana, como a guerrilha urbana poderia apoiar a guerrilha rural. Enfim, essa discussão toda tinha várias divergências entre os diferentes grupos: VPR, Ação Libertadora Nacional, a ALN do Carlos Marighela. Foi um período em que a gente se dedicou quase que exclusivamente a discutir sobre a criação de uma infra-estrutura, algumas ações urbanas, algumas expropriações de bancos para as finanças do grupo. Eu, pessoalmente, estava mais ligado à chamada frente de massas, que era a continuidade dos contatos com lideranças de movimentos sociais para a organização. Então, não cheguei a participar de nenhuma ação armada, embora participasse com os companheiros da discussão das ações.

Com o AI-5, em dezembro, ficou claro que a barra ia pesar mais ainda, mas como já estávamos na clandestinidade, inclusive para facilitar as ações, uma das primeiras coisas que fiz foi me casar com a Aninha, para a gente ter documento legal, não ter problema em alugar uma casa. E a gente alugou um sobradinho. O Ibrahim morava com a gente... Quando foi em janeiro, a repressão foi se intensificando. Alguns companheiros da VPR foram presos, e um deles que tinha contato comigo foi preso... Não é que ele abriu o encontro que tinha comigo, mas teve mais uma atitude de colaborador, passando para o outro lado mesmo! Levou a polícia no encontro... Enfim, quando cheguei, ele estava lá - era um ponto de ônibus, tinha que ser num lugar que tivesse mais gente pra disfarçar, tudo mais - estava lá fingindo que ia pegar o ônibus. No que eu cheguei, cumprimentei ele e percebi que outras pessoas que estavam no ponto, não estavam esperando o ônibus... Estavam esperando o Roque para ser preso, certo? Me agarraram, me levaram para o Dops... E aí...

Esse foi um tipo de situação que ocorreu em diferentes condições entre os companheiros. É claro que sob tortura, a pessoa fraqueja realmente, não aguenta o tranco e fala. Os "caras" dão pau, pau, pau: "Nós sabemos que você vai se encontrar com o Roque! Onde é que você vai se encontrar com ele?"... Pá, pá, pá!... O cara fala... "Olha, vou me encontrar com ele em tal lugar". Isso aconteceu em vários casos. Diferentes pessoas sob tortura terminaram "abrindo" e levaram à prisão de outros. Nesse caso... É... O Rômulo Augusto Romero Fontes, me parece que passou para o outro lado mesmo! Deu uma colaboração mais direta, falou coisas de mim que não precisava, sem ser tão forçado assim... Eu cheguei, a polícia me prendeu, e aí o "pau

comeu”!... Mas foi muita violência mesmo!... Pau de arara... Ainda tenho algumas sequelas... Esse dedo... Tive que fazer uma cirurgia no pé... Algumas sequelas do pau de arara...

Uma das coisas que talvez tenha sido o mais brutal é que eu tinha um dente cariado... Com um alicate... eles quebraram o dente para poder dar o choque elétrico... no nervo exposto...

Toda tortura é muito brutal Não é fácil descrever...

Eles queriam saber onde eu morava, com quem morava. Queriam meu endereço. É claro que as pessoas têm que morar em algum lugar! Então, como sabia que o Ibrahim estava fora e eu tinha combinado toda uma história com a Aninha de que ela não sabia de nada dessa história, era totalmente inocente... A gente tinha combinado um esquema de uma toalha pendurada na janela, no sobrado... Se tivesse qualquer problema, essa toalha estando pendurada, não podia se aproximar da casa... Levei a polícia até essa casa, não havia nada de mais lá, estava apenas morando nela. Cheguei, abracei a Aninha, chorando: “Minha querida, desculpa! Nunca falei para você, você não sabia de nada! Eu estava envolvido com um pessoal aí...”, e coloquei para ela justamente a “historinha” que eu tinha contado a eles sobre a nossa relação.

Enquanto revistavam a casa, a Aninha pendurou a toalha no local devido. A polícia ficou lá esperando que alguém mais chegasse. Falei que não tinha mais ninguém, que morávamos só ela e eu, que ela não tinha consciência, não sabia dessas coisas. Então, eu não podia levar outra pessoa, que ela poderia desconfiar... Mas, claro, tinha uma cama lá... Eu justificava: “Não, isso é para quando vem um amigo, um parente”. Eles continuaram lá... De repente, nem sei que horas eram da noite, o Ibrahim estava voltando, viu a toalha, parou e percebeu o que estava acontecendo mas, segundo ele, não soube o que deu na cabeça dele. Não teve força para voltar... Chegou consciente que estava se entregando. Era janeiro de 1969...

Fui torturado durante 18 dias... No Dops...

Depois, tem aquela história de que várias pessoas que eu conhecia contavam versões que não batiam com o que eu estava falando... É todo um processo para montar uma “historinha” coerente, que não seja tão incoerente com as outras coerências... E aí, depois de um tempo grande no DOPS - vários meses - fui levado para o presídio Tiradentes. Lá era uma vida, digamos, “maravilhosa”. Lá, diretamente, não havia repressão. Era cela coletiva. A gente mesmo fazia nossa comida. Recebíamos visita toda semana. Os familiares levavam mantimentos para cozinhar. Nós nos alimentávamos bem. Numa cela com oito, dez pessoas, havia convivência. Aí, quando foi no final de 69, ou 70, o Espinosa que também tinha sido preso, chegou ao presídio Tiradentes e, por sorte ou coincidência, foi colocado na mesma cela que eu estava. Foi como se dois grandes irmãos, dois amigos, depois de terem passado pelo inferno, se encontrassem no paraíso! E nós ficamos trinta e seis horas contando historinhas um para o outro, de tudo o que a gente tinha vivido, de tudo o que tinha acontecido... A vida de um e de outro... O Espinosa tinha ficado mais tempo em liberdade, não lembro exatamente quanto mais tempo, depois que fui preso. Enfim, foi um encontro muito legal dentro dessas condições.

O Jose Ibrahim foi preso comigo também, nas mesmas condições. Estava em outra sala no Presídio. Não me lembro exatamente dos meses, mas com a prisão de muitos companheiros, começaram as realizações dos seqüestros para libertar os presos. O primeiro seqüestro foi o do embaixador americano Charles Elbrick. E foi feito pela VPR em conjunto com a ALN. Pediram quinze das principais lideranças de massa: José Dirceu, Travassos, assim como os principais líderes da própria organização armada, mesmo que não fossem lideranças públicas. Saíram quinze companheiros...

Depois foi feito outro sequestro, do cônsul japonês, aqui em São Paulo.... Se um embaixador americano valia quinze, o cônsul japonês valia muito menos... Cinco! Cinco companheiros foram libertados... Na avaliação que se fez nessas duas operações, eles perceberam que um embaixador poderia valer mais, e, então, realizou-se o seqüestro do embaixador alemão. Subiu para quarenta! Perfeitamente. Foi pago direitinho... E, finalmente, em janeiro de 1971, foi o último seqüestro, do embaixador suíço. Bem menor economicamente, bem menos importante. Mas esse embaixador valeu setenta!!

No meio desses setenta, fui contemplado, depois de dois anos preso. Nosso grupo trocado foi para o Chile, onde estava começando o governo socialista de Salvador Allende. Os dois primeiros grupos saíram daqui para Cuba via México. Os quarenta presos foram para a Argélia, onde governava o presidente Boumediène, que também tinha uma posição progressista e aceitou recebê-los.

Quando a gente estava preso, nos dois anos que ficamos em cela coletiva no Presídio Tiradentes, cada cela era um grupo de estudo para aprofundar os nossos conhecimentos, as nossas estratégias, e também já se iniciava um processo de auto-crítica dos erros e da própria visão vanguardista para o desenvolvimento da luta armada, da guerrilha. Toda uma autocrítica foi sendo sistematizada. Tínhamos elaborado um documento de doze páginas, datilografadas. Quando ocorreu o sequestro do embaixador suíço, um dos companheiros que estava participando desse debate todo e que conseguia escrever com uma letra absolutamente minúscula, pegou um papel de seda e essas onze páginas datilografadas, ele colocou em duas folhas escritas à mão. Guardamos aquilo direitinho, pois tínhamos claro que alguém ali, dentre nós, iria ser incluído na lista de exigências daquele sequestro, e teria que levar esse documento consigo. Quando saiu a lista dos trocados, coube a mim tirar o salto do sapato e fazer um buraquinho aqui, botar aquelas folhas de papel bem dobradinhas, e pregar de novo o salto do sapato. E aí saiu um documento de onze páginas sobre a nossa autocrítica.

Quando cheguei no Chile, tive que arrumar uma boa lupa para conseguir ler aquilo e datilografar aquelas onze páginas, com toda a reflexão que nós fizemos no presídio Tiradentes. Lamentavelmente eu não tenho mais a cópia desse documento... Mas nós, que fomos para o Chile, tivemos uma experiência muito interessante! Depois de termos vivido uma experiência de luta política, de resistência à Ditadura, de anos de prisão, chegamos no Chile e encontramos o governo libertário de Allende. Encontramos um país maravilhoso, um clima de efervescência maravilhosa! E tive a sorte de, logo depois de chegar lá, começar a trabalhar como acessor da diretoria do sindicato nacional dos trabalhadores do instituto de capacitação, semelhante ao SENAI chileno. No Chile, o interessante é que os sindicatos são ligados por empresa. Não há sindicatos por região, muito menos em nível nacional. Esse era nacional, e nós trabalhávamos com cursos de formação e organização sindical, a partir da experiência que eu havia adquirido aqui no Brasil.

Comecei a estudar Sociologia na Universidade do Chile até 1973, quando o processo começou a se radicalizar. A direita, a reação, passou a ter uma atitude mais agressiva, e setores do Partido Socialista, do MIR, Movimento de Esquerda Revolucionária, começam a prever a possibilidade de um golpe do exército muito conservador, como todos os exércitos, principalmente naquela conjuntura. Então, começamos os preparativos para a resistência a um eventual e provável golpe militar. Participei dessa experiência também, de treinamento de guerrilha, inclusive.

Logo depois que cheguei no Chile, vivenciei uma aventura muito maluca! Durante vários meses de prisão no Brasil, eu havia convivido com quatro irmãos - os irmãos Carvalho - que eram do PC do B, de linha maoísta, e estavam preparando a guerrilha do Mao. Os quatro tinham feito um curso na China e o tempo todo só falavam

das maravilhas da China, do regime político, do sistema econômico... Cheguei no Chile e pensei: “Quero conhecer esse paraíso!”. Consegui fazer uns contatos no Chile, com Amarílio Vasconcelos, o velho militante do PC, vivendo muitos anos na China e muito amigo do embaixador chinês lá no Chile. Através dele cheguei ao embaixador chinês. Formamos um grupo, o primeiro não ligado a uma organização maoísta, e ficamos lá quase quatro meses, em 1971. Foi uma experiência – digamos – muito maluca e interessante!

Percebi que tudo aquilo que eu tinha ouvido daqueles companheiros de cela, da prisão, não batia muito com a realidade. Por exemplo, nós chegamos lá no final de setembro. Ficamos hospedados num hotel, ao lado da Praça Kia, a praça principal de Pequim, onde todo ano, no dia 1º de outubro, aniversário da revolução, acontecia uma manifestação com mais de um milhão de pessoas! Chegamos uma semana antes disso. De vez em quando íamos passear lá na praça, tinha aquela arquibancada enorme montada... Então, nosso intérprete dizia: “Aqui vai estar o presidente Mao, aqui vai estar o seu mais íntimo camarada de armas, Lin Pi Hao”, que há vários anos fazia os discursos... “O mais íntimo camarada de armas do presidente Mao!”... Ele mostrava: “Lá vai ficar a imprensa, vocês vão ficar aqui”. Não estávamos clandestinos, mas não podíamos ser vistos. “Vocês vão ficar naquela parte, com esta visão da manifestação”. A mais perfeita chinesa organização!

Em setembro, a gente foi para uma academia ficar estudando a Revolução Chinesa. Então, no dia 29 de setembro de manhã, fomos comunicados de que o presidente da Associação de Amizade dos Povos do Mundo – Imagina a barra! Num país como a China! - o presidente da Associação de Amizade dos Povos do Mundo iria almoçar com a gente naquele dia! Aí chegou lá um senhor de uma certa idade, sentou, começou a conversar conosco, e a explicar que estavam fazendo toda uma revisão do processo revolucionário chinês, retomando todos os princípios da filosofia e do pensamento do comandante Mao. E que haviam constatado que continuavam a cometer alguns erros que já tinham sido corrigidos com a Revolução Cultural. Alguns erros continuavam sendo cometidos. Explicava: “Por exemplo, o presidente Mao nos ensina que o dirigente tem que estar junto com o povo e não acima do povo. Que o dirigente tem que aprender com o povo, não ensinar só. Não tem que só falar, tem que ouvir o povo!”. E, portanto, aquela manifestação, que ocorria desde 1949, era um profundo desvio ideológico, estava suspensa, não ia acontecer mais. Para corrigir esses desvios ideológicos, em todos os postos e praças de Pequim, o povo ia se manifestar. Grupos culturais iam se manifestar. Os dirigentes iam estar dispersos por essas praças para ouvir o povo, não estar ensinando.

Dizíamos: “É... Que decepção! Então, não vamos ver mais a manifestação”... Veja, isso foi no finalzinho de setembro. No início de outubro, fomos ver algumas manifestações por lá, ficamos lá até dezembro. Quando saímos em dezembro... Há várias histórias no percurso até chegarmos na Argélia. Chegamos lá, encontramos o Apolônio de Carvalho, vários companheiros, saindo do grupo dos quarenta. Eles nos perguntaram: “E aí, o que aconteceu? Como foi o assassinato do Lin Piao? Como ele morreu?”. E nós: “Ué, o Lin Piao morreu?!”. E eles nos disseram: “Claro, por isso foi suspensa a manifestação. Como, vocês estavam lá e não ficaram sabendo de nada? Como foi isso?!”...

Veja, nós estávamos lá, nos inventaram essa “história da carochinha”. E nós não percebemos nada! Nada! Não tivemos a menor informação nesses quatro meses de que “o mais íntimo camarada de armas”, Lin Piao, havia sido “suicidado”!

Houve muitas decepções e perdas nesse caminho! Não podemos esquecer, inclusive, da morte de Che Guevara. A figura do Che Guevara era uma coisa mística.

Era o ídolo de todos nós! Era o pensamento dele que nos inspirava para tudo que pensávamos sobre a guerrilha, por exemplo. Claro que quem acabou elaborando a cartilha da guerrilha foi o Debret. Foi o que sistematizou um pensamento sobre a guerrilha do Guevara. Mas quando estávamos vivendo a experiência da guerrilha aqui no Brasil, em 67, na VPR, veio um dos primeiros golpes profundos em todos nós, que foi a morte do Guevara, nosso grande inspirador. Foi um momento muito triste, muito sofrido para todos nós, entende? Entretanto, ao mesmo tempo havia o sentimento de que “temos que ser os continuadores” e temos que realizar o sonho que ele foi impedido. E ao mesmo tempo Cuba era o exemplo de país que a gente queria construir, certo?

Acho que tudo isso fez parte de um momento muito particular, porque não foi um momento que só o grupo de Osasco viveu. Foi algo vivido pela esquerda no mundo inteiro: as decepções com a morte de um herói e com o velho comunismo na China. A esquerda europeia estava rompendo com as tradições do velho comunismo, também tinha aquela aspiração libertária, também sentiu essa... Sei lá!... Frustração... O próprio Maio de 68, na França, também esteve relacionado com o início desse pensamento libertário, que inspirava a todos nós, a nova esquerda revolucionária.

E quando nós realizamos aqueles movimentos, a greve em Osasco, e o conjunto de manifestações que aconteciam pelo Brasil afora, era como se tivéssemos dando continuidade àquela luta e que, portanto, a morte de Che Guevara não significava o fim de uma luta, de uma esperança, e de um futuro que a gente achava que ia construir.

Em momento algum pensei em desistir da construção desse futuro! Com a morte do Guevara, sabia da necessidade de continuarmos essa luta. Claro que esse sentimento foi mais forte quando meu irmão... Ele foi preso ferido e depois de muitos dias sendo torturado... Enfim... Morreu nas torturas... Claro que esse momento foi o mais doloroso daquela vida! Mas, no meu interior, isso dava mais garra, mais força para continuar aquela luta, resgatar aquela memória, vingar aquela morte! Realizar o sonho que levou àquela morte... E... Um sentimento de que, se o meu irmão tinha tido força, se o meu irmão havia tido a dignidade de dar a vida por uma causa, essa causa adquiriria ainda um valor maior!... Exigia de cada um de nós uma dedicação ainda maior para que ela fosse alcançada!...

Claro, foram momentos difíceis, não só para mim. Lá no presídio, a cada momento que morria um companheiro – e foram vários que morreram naquela batalha, que morreram em enfrentamentos com a repressão, morreram na tortura – aquele que tinha uma proximidade maior com quem tinha morrido, a dor era mais profunda... Mas essa dor existia a cada momento desses para todos nós!... Eu não sei exatamente o sentimento de cada um, mas pelo que dava para perceber, isso que estou falando em relação aos meus sentimentos, era mais ou menos geral entre todos nós que estávamos vivendo aquela situação...

O Barreto morreu em 1971... Nesse momento eu estava viajando para a China. O momento da morte dele foi diferente, porque nós estávamos vivendo uma outra realidade, outras experiências, entende? Se não me engano, eu estava com as malas prontas para embarcar para a China e chegou a notícia dias depois da morte dele. Não foi no momento. Então, foi diferente daquele momento em que nós estávamos aqui vivendo um processo intenso e vinculado. A gente já estava em outro mundo, outro lance. Claro que foi dolorido! Mas a análise que já estávamos fazendo do que representava aquela experiência, que ainda estava sendo tentada no Brasil, era outra. Já estava na cara que a gente não tinha chance. Que aquele caminho não ia levar à realização do nosso sonho... Um pouco como que já era o futuro esperado, o desfecho esperado. Era a reação, a forma, como podíamos vivenciar a realidade.

Mas ainda hoje é um motivo de orgulho para mim, e acredito que para toda aquela geração que viveu intensamente aquele momento, ter lutado. Porque foi uma geração que se entregou por inteiro. Cada um se entregou por inteiro a uma causa... Uma causa que tinha como aspiração a liberdade! Uma causa libertária, uma causa de justiça, de igualdade, de fraternidade, de carinho. Entende? E para realizar esse sonho, não importava que sacrifícios implicariam. Então, é realmente um orgulho muito grande ser dessa geração!

Eu me sinto, ainda hoje com uns anos a mais, com aquele mesmo espírito, aquele mesmo sentimento. Mas com outra consciência política, uma outra visão de estratégia política, para realizar esse sonho. Não existe aquela linha reta que a gente via naquele momento. Então, “estamos aqui e nossos sonhos ali, e é só darmos alguns passos e realizaremos ali”. Hoje a gente percebe que o caminho é muito mais cheio de curvas, muito mais longo! E implica um trabalho de revolucionar a consciência, transformar a consciência... Superar uma cultura política de que o pobre não tem direitos, depende de favores, do clientelismo.

A gente vê em Osasco que, quanto mais distante do poder público, quanto mais periférico, mais forte é a cultura política de que o pobre não tem direitos. E aí as máfias dominam através dos favores que prestam aos desfavorecidos. Então, há a necessidade de um trabalho de transformar essa cultura, despertar e construir a consciência de que todos têm direito a uma vida digna! E aí podemos avançar na realização daquele sonho que, em mim, nasceu em 66, 67, 68... Enfim, nos gloriosos anos 60! O sonho não ficou lá atrás! Ele acompanhou e vive ainda hoje. O sonho é o mesmo, entende?

Eu me sinto muito feliz em fazer o que faço, um trabalho que vai dar uma contribuição fundamental para a cultura do direito. Mas tendo consciência de que o caminho é outro, é diferente. Mas o sonho é o mesmo. Não ficou lá atrás. Em nenhum momento! Ele esteve sempre se renovando, se atualizando, buscando sempre se realizar!

Quero terminar prestando uma homenagem à minha mãe... Ela era analfabeta, mas teve a capacidade e a generosidade de me educar! Analfabeta... Até 1986, os analfabetos não podiam votar, porém ela acompanhava essa luta, nossos sonhos... Em 1982, fez “boca de urna” para o PT, mesmo não votando. Em 1986, ela estava muito mal, mas queria votar pela primeira vez. Ficou um tempo no hospital... Três dias antes das eleições, ficou ótima, recebeu alta. Eu a levei para votar. Ela, para não perder o voto – tinha que escrever muitos números – quis votar só no Jorge Batista, nosso amigo.

Quando foi à noite, vendo o Jornal Nacional que apresentou uma grande reportagem sobre os idosos que votavam pela primeira vez, a emoção foi grande! O coração dela não aguentou... Ela morreu de emoção por votar pela primeira vez!

Acredito que as gerações posteriores, a juventude de hoje, que é muito grande – temos em Osasco cento e quarenta e cinco mil jovens, entre quinze e vinte e cinco anos – vive uma ausência de perspectiva de vida, de sonhos. Vive abandonada nos bairros de periferia. E as pessoas responsáveis pela educação, pelos serviços públicos, deveriam assumir com mais responsabilidade, efetivamente, o futuro dessa juventude!

A juventude dos anos 60, de 1968, buscou e continua buscando construir um futuro diferente. É importante que todos assumam com seriedade a responsabilidade com o futuro da nossa sociedade. A responsabilidade com o futuro da humanidade, entendida não só como a totalidade do mundo, mas como cada cidade, cada bairro, cada favela. O sonho não ficou lá atrás...